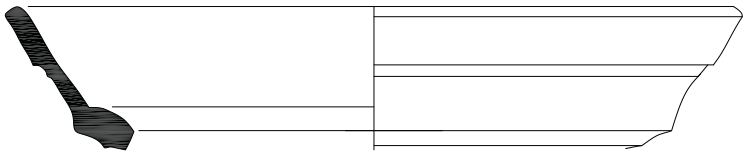
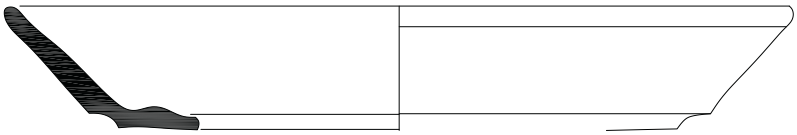
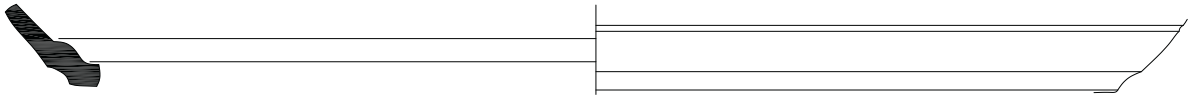


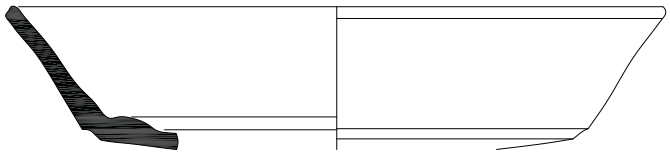
32



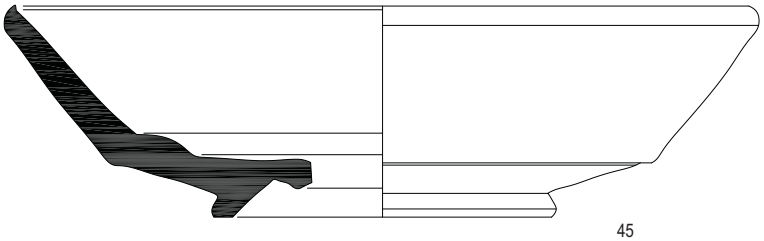
40



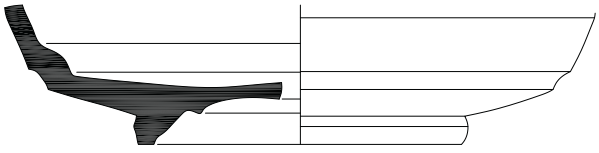
41



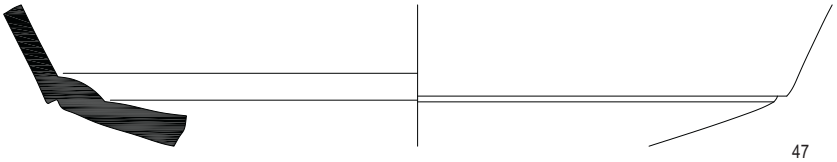
43



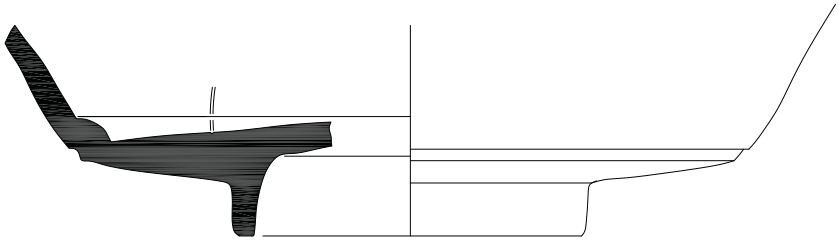
45

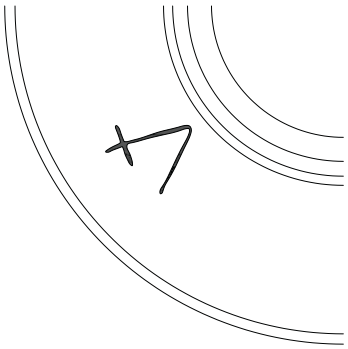


46

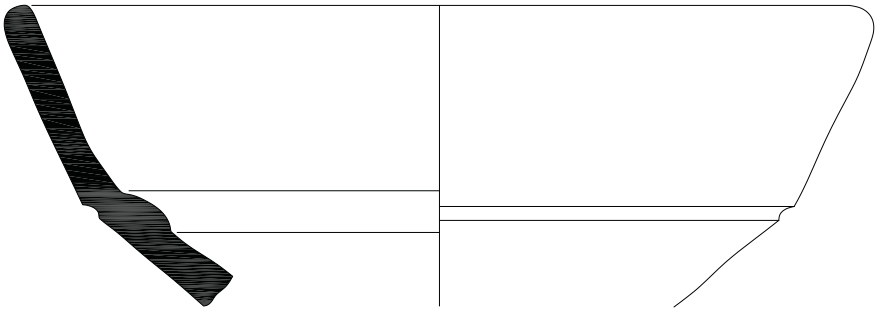


47

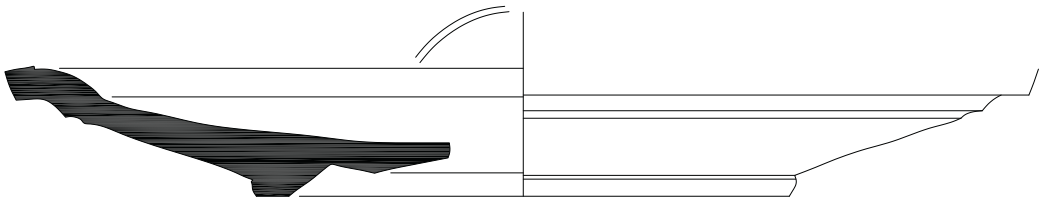




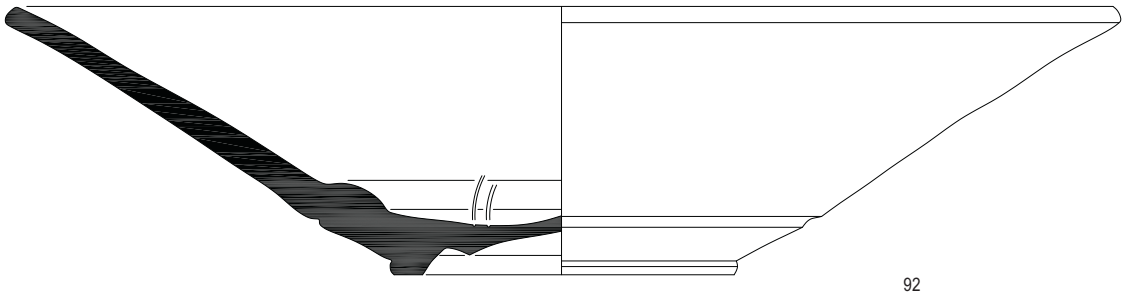
59



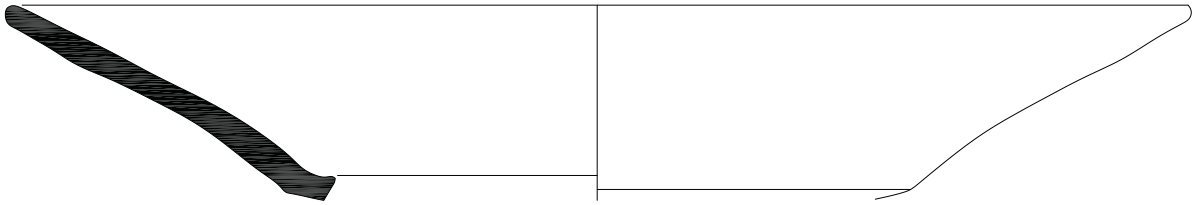
80



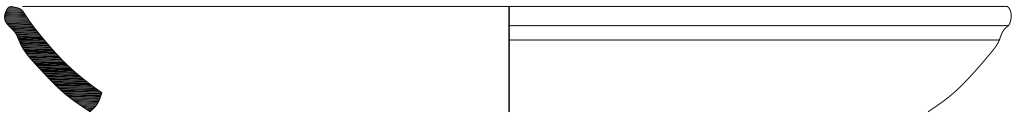
81



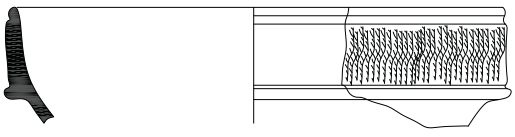
92



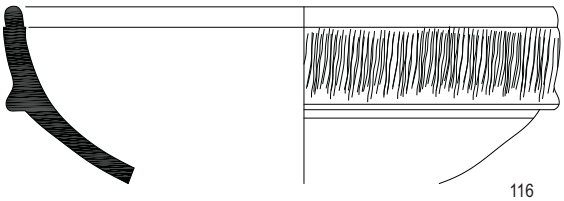
95



100

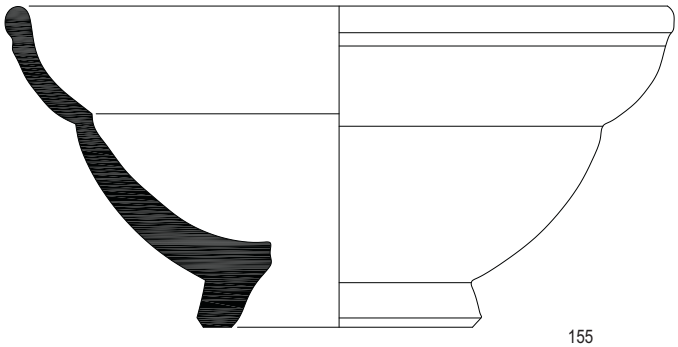


113

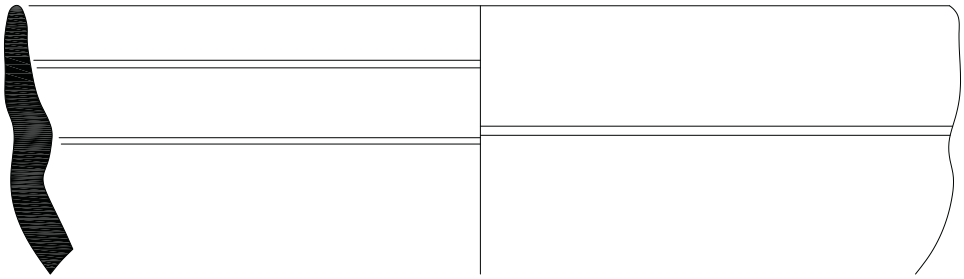


116

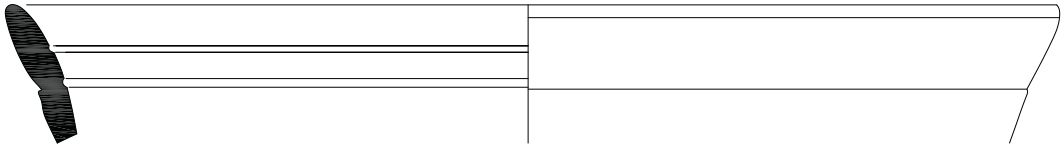
131



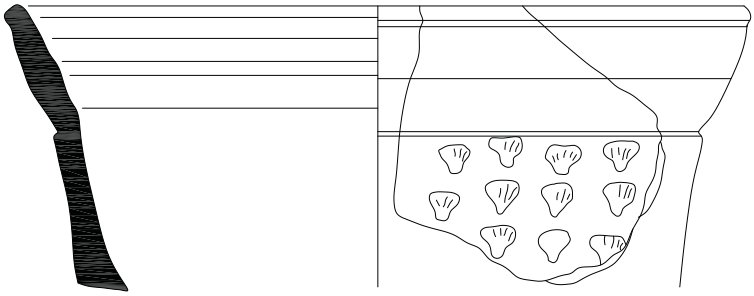
155



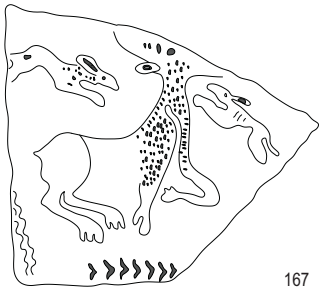
160



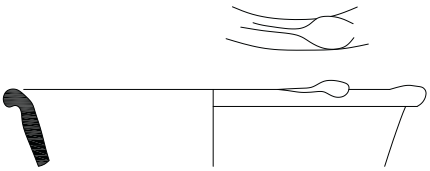
162



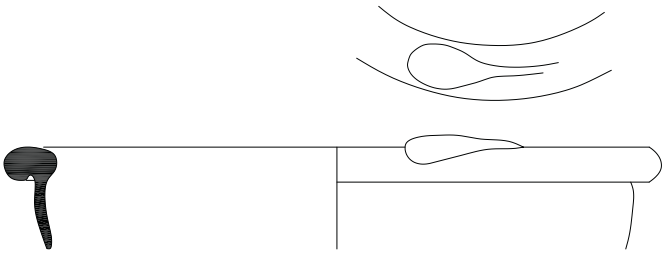
163



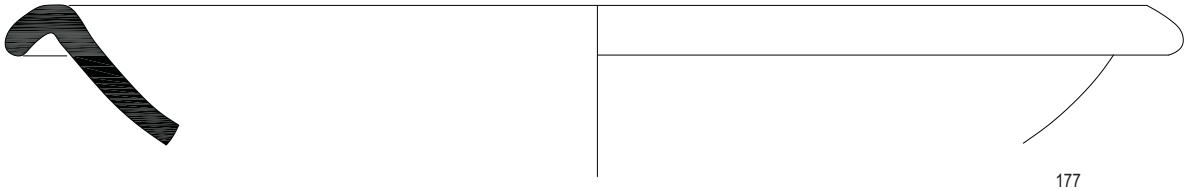
167



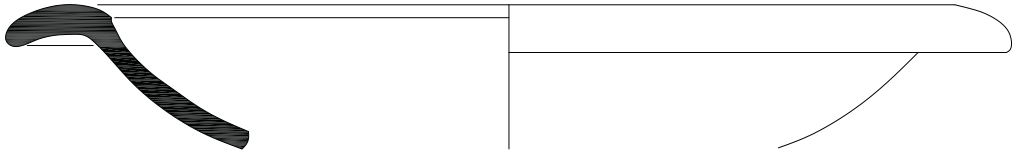
169



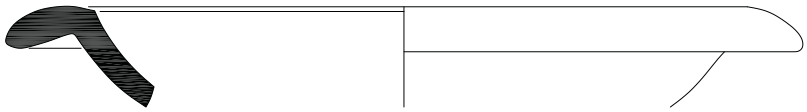
175



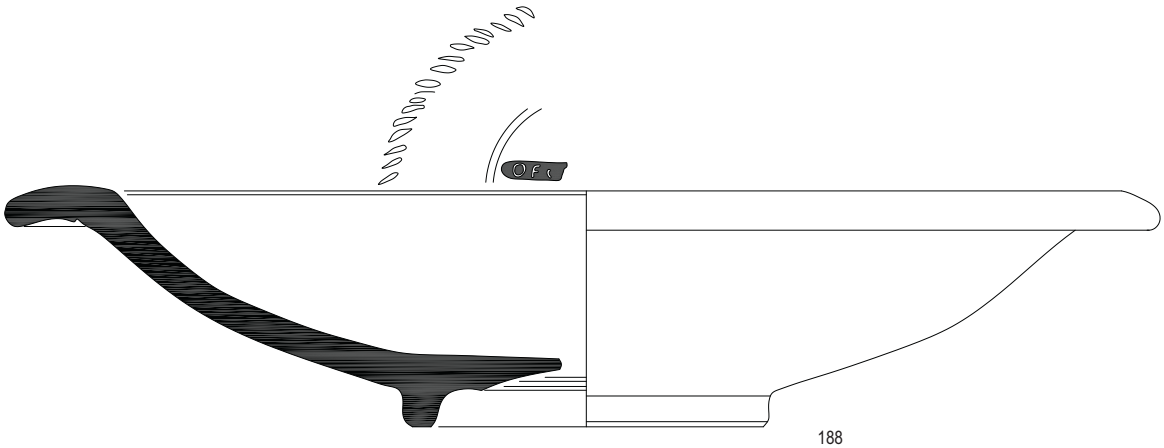
177



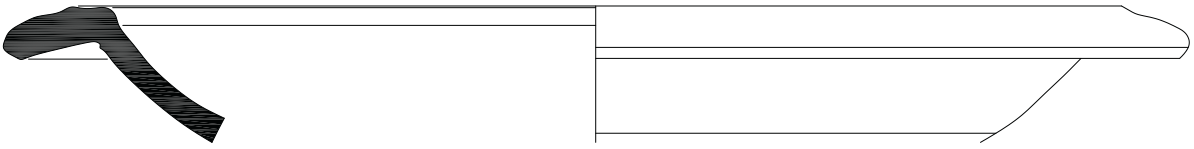
183



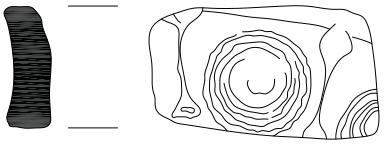
187



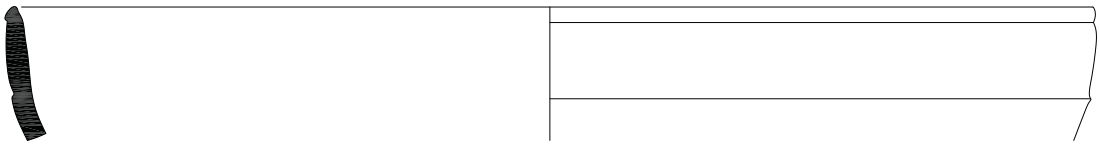
188



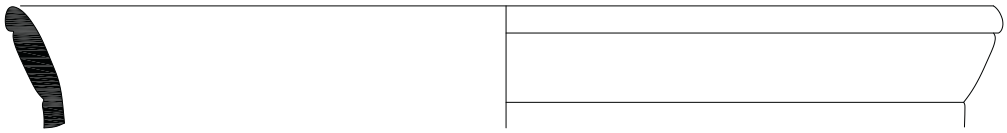
189



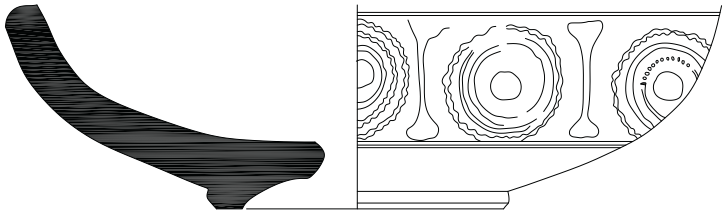
198



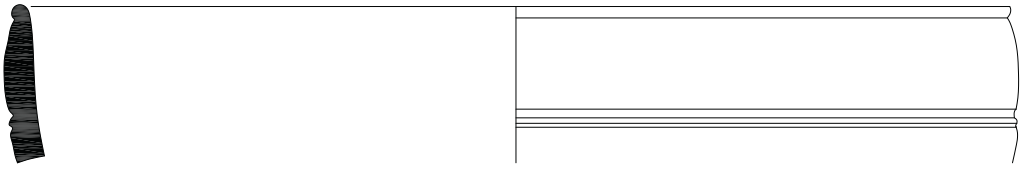
199



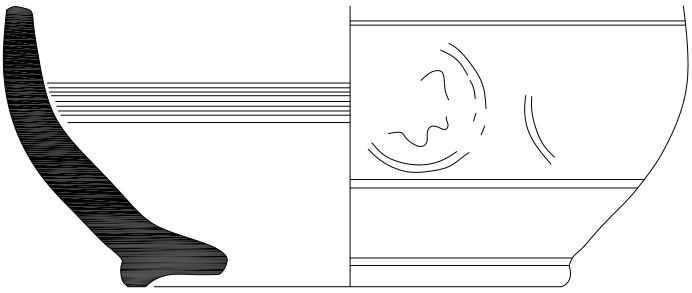
200



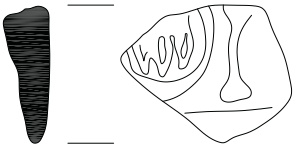
201



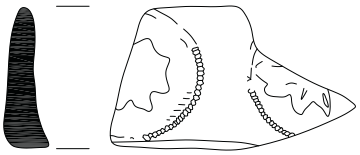
205



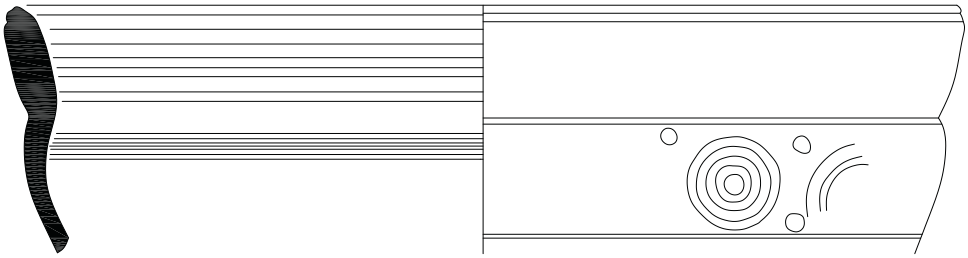
206



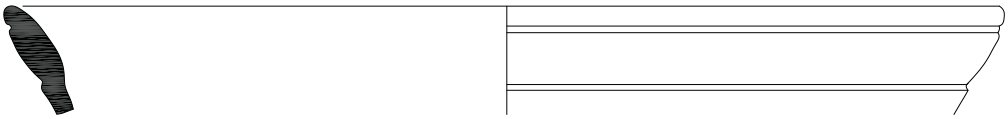
208



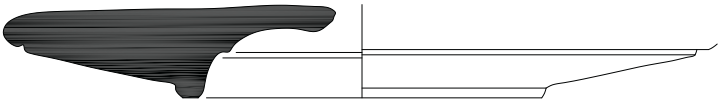
209



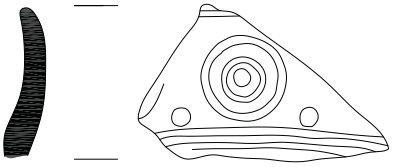
210



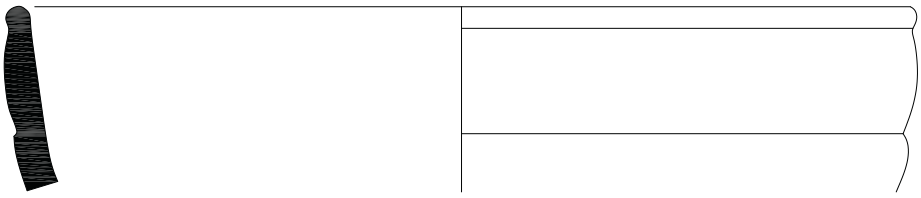
213



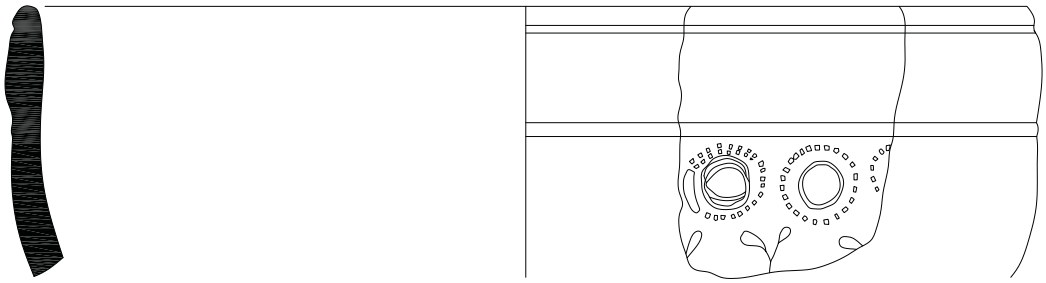
215



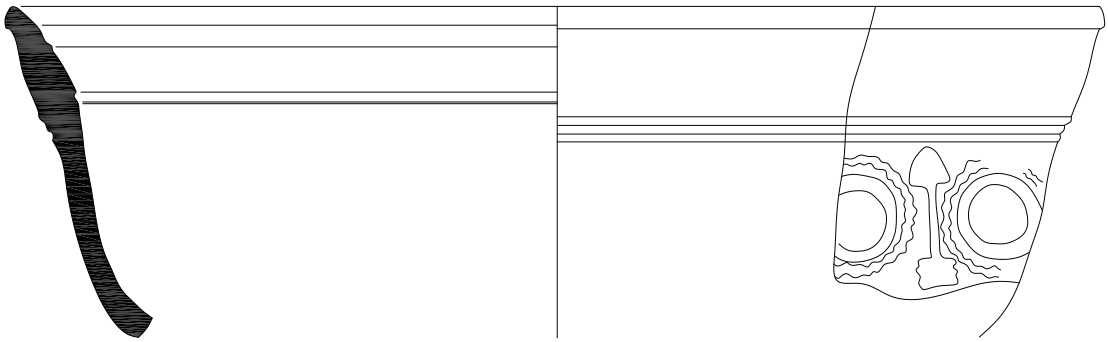
216



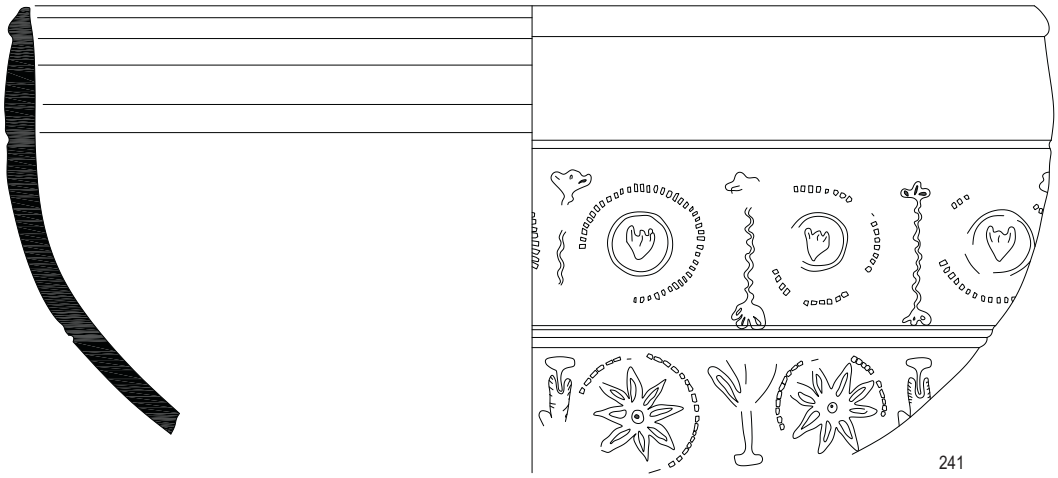
217



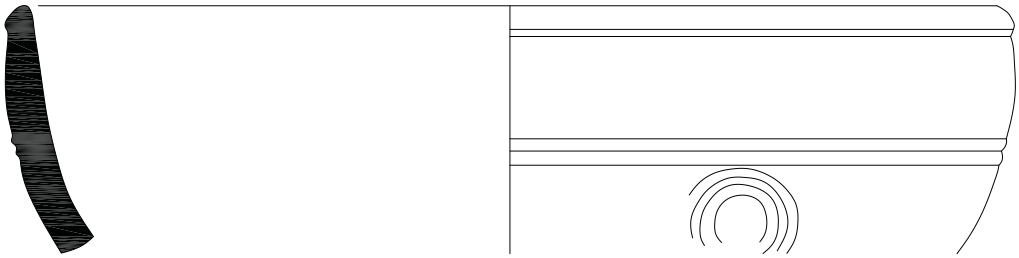
222



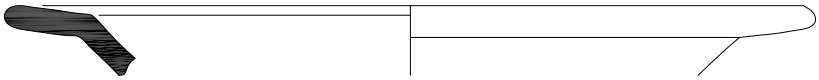
232



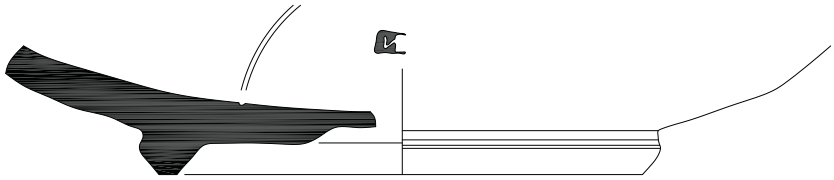
241



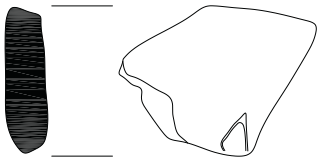
242



247



250



254

Terra sigillata hispânica - *Andújar*

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

Os primeiros trabalhos que individualizaram duas distintas produções de sigillatas hispânicas surgem em 1965 com J. Boube em estudos sobre as características e difusão da sigillata hispânica na Mauritânia (BOUBE 1965, 1966, 1968-72). É neste âmbito que, posteriormente, se descobrem os centros produtores e oficinas de Andújar e Granada [669] e se publicam os primeiros trabalhos (ROUMENS 1976; SOTOMAYOR 1977-78) relativos às produções béticas.

Os materiais provenientes do grande centro produtor de Andújar só esporadicamente se encontram identificados nas estações nortenhas, facto que terá conduzido à ideia que a sua comercialização se ter limitado à área meridional da Lusitânia (ALARCÃO; MAYET 1990), uma vez que se não detectaram em Conímbriga, assim como em qualquer região do noroeste[670]. No entanto, dados mais recentes confirmam que, apesar do seu reduzido número, a sua presença é uma realidade, nomeadamente em *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses, identificada em estratos do edifício termal (DIAS 1997, 46, 56), e áreas habitacionais (DIAS 1997, 83, 86). Também em Braga se identifica a sua presença, embora os seus quantitativos sejam reduzidos (Andújar 8 frag. / Granada 12 frag. / Tricio 3660 frag.) (MORAIS 2005, 223). Como contraponto, refira-se a sua ausência em Monte Mozinho, Penafiel, onde se conhecem exaustivamente as importações do norte, cujo quantitativo ultrapassa os 2200 fragmentos (CARVALHO 1998). Neste sentido, aponta também a total ausência documentada no acervo de *Aquis Querquennis* (GASCÓN 2006, 327-408), assim como na província da Corunha (PÉREZ 2004). Assim, poder-se-á concluir que as produções béticas no noroeste constituem ocorrências pontuais, não tendo sido resultado de uma importação regular e com expressão económica significativa. O repertório de formas identificadas, apesar de reflectir as mesmas percentagens da produção, é escasso não se conhecendo inclusivamente nenhuma marca da proveniência de Andújar ou Granada (CARVALHO 1993-94, 105).

As suas características morfológicas distinguem-se de forma clara das produções riojianas. F. Mayet adoptando a descrição de Boube descreve-as sucintamente da seguinte forma "*... La plupart des vases ont une pâte foncée, brun rouge, contenant de très nombreuses (et souvent de très grosses), particules jaunes argilo-calcaires, présentant d'assez larges vacuoles qui lui donnent un aspect spongieux et parfois grossier; en général peu dure et de fracture irrégulière, cette pâte se délite parfois sous la seule pression des doigts. Le vernis varie du rouge au brun rouge; la plupart du temps terne et mate, il peut être parfois brillant et même irisé; il est assez homogène mais peu adhèrent parfois (il disparaît sous formes larges pellicules)...*" (MAYET 1984, 41).

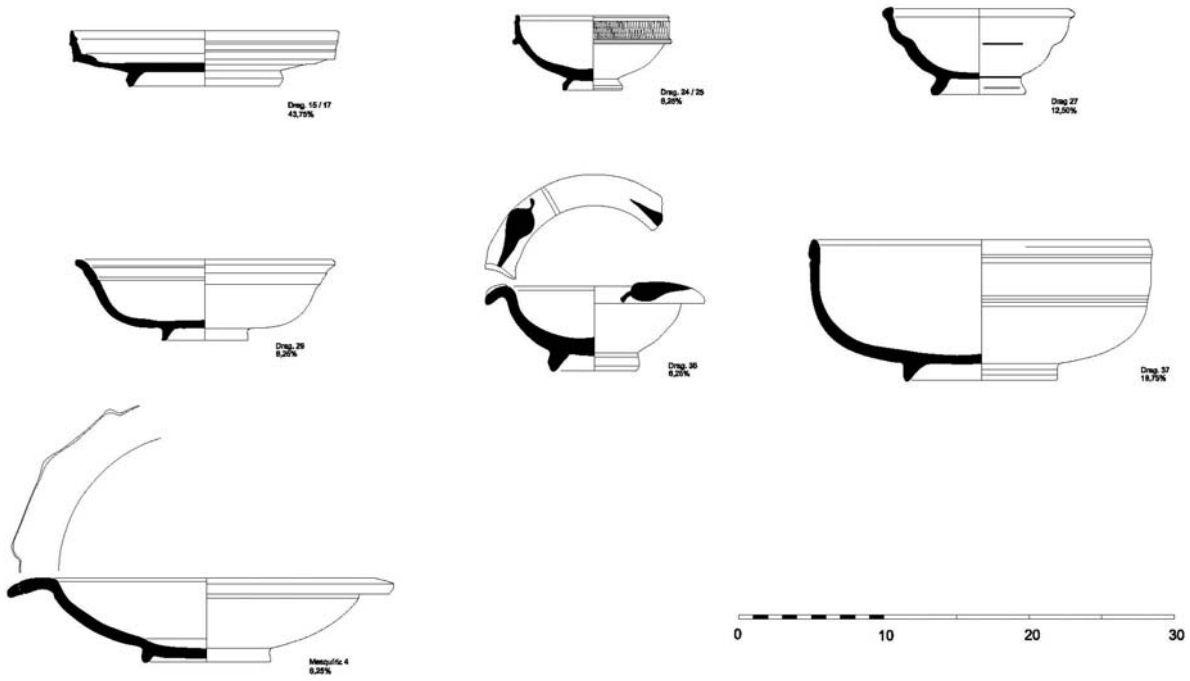
As produções provenientes de Andújar não são abundantes em Alvarelhos, constituindo apenas 4,4% das importações do conjunto das sigillatas hispânicas e 5,9% do conjunto dos fabricos hispânicos.

De um total de 21 fragmentos isolamos 16 peças que representam sete formas, sendo uma delas de classificação duvidosa, distribuindo-se percentualmente o repertório das formas do seguinte modo;

[669] F. Mayet distingue com propriedade o termo "oficina" – *officina* –, de "centro produtor". O primeiro significaria um local onde se fabricaria vasilhame cerâmico, neste caso de terra sigillata, podendo também significar o conjunto de artesãos e escravos que trabalhassem para o mesmo *officinator*, tratando-se de um *dominus*, um mestre cerâmico ou outra personagem. Enquanto que um centro produtor seria constituído pela reunião de um conjunto de oficinas, como, por exemplo, *Tritium Magallum* ou *Andújar*, aplicando-se com propriedade o termo de oficina, para o caso das produções béticas, para Bronchales, Granada e Abella - Solsona. Estes últimos, oficinas de difusão restrita (MAYET 1984, 17).

[670] Excepção feita a um fragmento de um prato da forma Drag. 15/17, com marca IIX·OV·CA·, identificada em Arcozelo, Barcelos, que, pela sua singularidade no panorama do noroeste e a existência de dúvidas quanto à sua origem, levariam Françoise Mayet a questionar a sua proveniência, uma vez que não seria inaudita a compra de materiais de outras proveniências, como confirmou a autora no acervo de sigillatas depositadas no Seminário de Santiago, em Braga (MAYET 1984, 226-227, nota 21-22).

Mezquíriz 4 (1 ex. 6,2%), Dragendorff 15/17 (7 ex. 43,7%), Dragendorff 24/25 ou 27 (1 ex. 6,2%), Dragendorff 27 (2 ex. 12,5%), Dragendorff 29 (1 ex. 6,2%), Dragendorff 35 (1 ex. 6,2%), Dragendorff 37 (3 ex. 18,7%).



Fabrico

Ao nível da constituição da pasta e acabamento das peças o fabrico identificado em Alvarelhos é relativamente uniforme, sendo facilmente distinguível das produções de Tricio. Trata-se de uma pasta de compactação mediana, reveladora de uma cozedura de má qualidade, embora homogénea, de constituição porosa, com abundantes vacúolos alongados, relativamente friável, revelando fracturas irregulares e muito recortadas. A cor apresenta tonalidades que oscilam entre o castanho-claro e o vermelho siena, no qual se destacam partículas de calcite amarelas, nódulos argilosos e elementos calcários de calibre irregular e distribuição pouco uniforme. O verniz é vermelho-acastanhado, relativamente espesso, sem brilho, uniforme e bem aderido[671].

Formas lisas

Hispânica 4 var. (1)
Prato

Prato de paredes curvilíneas com bordo formado por uma aba horizontal ou ligeiramente introvertida, decorada com guilhoché e completada, por vezes, por asas perfuradas em forma de laço. Pé moldurado de altura média sem moldura hispânica (MEZQUÍRIZ 1961, 75-77; VAQUERO 1998, 595-599). Constitui uma forma, em

[671] As características descritivas da constituição e das pastas revela algumas similitudes com os materiais identificados em Braga (MORAIS 2005, 256).

paralelo com a forma Hispânica 5, cuja origem aglutina um conjunto de características de várias formas de modelos hispânicos e sudgálicos[672].

Os modelos produzidos em Andújar apresentados por Françoise Mayet revelam uma significativa diversidade de dimensões e soluções na configuração das abas e no perfil do reservatório. As abas apresentam-se em diferentes dimensões e perfis podendo ser perfeitamente horizontais, de secção rectangular com as arestas do lábio apenas suavizadas, ou apresentarem-se curvas e pendentes, revelando um lábio de secção arredondada. A face superior, na maior parte dos casos encontra-se coberta por guilhoché que, por vezes, pode encontrar-se delimitado por duas caneluras, paralelas ao bordo. As asas perfuradas, ao contrário das produções de Tricio, são muito raras e, quando presentes, são curtas e de recorte sinuoso que, geralmente, resulta num ligeiro aumento da espessura do bordo. Os reservatórios revelam alturas diferenciadas que deram origem a uma taça de perfil hemisférico quando a altura se situa em 2/3 do diâmetro, próprio da forma Hispânica 5, ou a um prato quando a altura diminui ultrapassando a relação de 2/3, configurando a foram que constitui o prato tipo Hispânica 4.

A forma, Hispânica 4/5, apresenta dimensões intermédias configurando uma variante de um prato fundo ou uma taça larga. Por vezes, o reservatório encontra-se decorado no interior por um elemento roletado.

O momento de maior difusão centra-se no final do séc. I e início do séc. II (ROUMENS 1976, 48-49; MAYET 1984, 47).

O nosso único exemplar – n.º 1 (vol. II, est. CXXXIII, n.º 1) –, possui um bordo com aba curta de perfil convexo com ligeiro friso na face superior, constituindo um perfil atípico em relação ao estereótipo da forma, aproximando-se formalmente ao exemplar n.º 84, apresentado por F. Mayet (MAYET 1984, 47, est. XXVIII, n.º 84), que, à semelhança do nosso, apresenta uma aba curta, levemente ascendente, marcada por um friso na periferia da aba. O lábio apresenta uma secção rectangular. Na face externa apresenta uma pequena canelura de perfil triangular a marcar o início do bordo. A pasta é pouco compacta, de textura granulosa, com abundantes partículas amarelas e de calcário. O verniz é brilhante e espesso, encontrando-se bem conservado. O seu contexto crono-estratigráfico enquadra-se na Fase III da *Domus do Grafito*, adequando-se às cronologias admitidas para o seu período de maior produção. Não se encontra representada no repertório de formas documentadas em *Bracara Augusta*.

Romero Carnicero, a partir dos dados da cidade Soriana de Numância, com algumas reservas, sugere uma evolução formal da Hispânica 4 estruturada em três etapas, definidas a partir do início da sua produção até aos anos 70/80, deste momento até finais do séc. II e uma última fase que se desenvolveria a partir deste momento até uma data pouco precisa no séc. III. A esta última fase de desenvolvimento formal do modelo, a investigadora identifica as peças de maior tamanho, nas quais se diluem os rasgos morfológicos característicos da forma, consolidados na segunda fase. Morfologicamente, corresponderia aos pratos com bordos ascendentes com uma ligação suave ao reservatório e pé rudimentar, formalmente pouco definido (CARNICERO 1985, 228-229).

Dragendorff 15/17 (2-8)
Prato

Os pratos tipo Drag. 15/17 constituem a forma de maior representação com 7 exemplares, à semelhança do que sucede em Andújar onde constitui uma das formas melhor representadas depois das taças tipo Drag. 27 e Drag. 24/25. A produção Bética de Andújar conhece dois grupos, sendo o primeiro, o mais antigo, próximo

[672] Entre os mais significativos, verifica-se uma aproximação à forma gálica Drag. 42 e nas formas hispânicas às Drag. 36 e Drag. 39. Relativamente às asas perfuradas, para além dos copos e pratos sudgálicos dos serviços C, D, e E, encontram-se na forma sudgálica Drag. 46, nas formas Drag. 36 e 40 Hispânica, das produções peninsulares (VAQUERO 1998, 597-598).

da forma sudgálica que imita, apresentando uma parede curta e oblíqua decorada com molduras no interior e exterior, um fundo bombeado e pé de secção triangular particularmente alto. Comparativamente, apresenta melhor qualidade ao nível da constituição da pasta e qualidade do verniz. Do ponto de vista cronológico Françoise Mayet, com base no recorte do perfil, atribui uma cronologia enquadrada no período Flaviano (MAYET 1984, 45). O segundo grupo, significativamente mais numeroso, constitui um exemplar morfologicamente próximo da forma hispânica clássica. De acordo com a descrição de Françoise Mayet apresenta parede lisa e aberta, quase sempre encurvada para o exterior. O fundo é plano ou levemente côncavo, com moldura interna alargada e menos espessa, sempre acentuada por uma moldura externa mais ou menos pronunciada. O pé é baixo com perfil triangular ou rectangular. A evolução da forma vai no sentido de alargar as dimensões e, por vezes, de aumento da espessura das paredes (MAYET 1984, 45).

Todos os nossos exemplares – n.º 2-8 –, pertencem ao segundo grupo, no qual se verificam todas as características descritas, a que se poderá acrescentar a avantajada espessura das paredes. O prato que ilustramos, n.º 6 (vol. II, est. CXXXII, n.º 6), é bem esclarecedor da abertura da parede, o esbatimento da canelura interna e, fundamentalmente, a dupla canelura externa bem vincada ao nível da carena. Os nossos exemplares são provenientes da *Domus do Grafito* e da *Praça* enquadrando-se na Fase III, correspondendo, *grosso modo*, às cronologias propostas.
A forma encontra-se representada em Braga apenas com dois exemplares pertencentes ao 1º e 2º Grupo, datando o primeiro de meados do séc. I e o segundo de finais do séc. I – início do séc. II (MORAIS 2005, 256, n.º 427-428)[673].

Dragendorff 27 (9?-11)
Taças

Á semelhanças dos pratos tipo Drag. 15/17, com a qual formaria serviço, também as taças tipo Drag. 27 foram produzidas continuamente ao longo do período de actividade das oficinas de Andújar, revelando uma longevidade apreciável, assim como as mesmas características evolutivas ao nível da constituição da pasta e qualidade do verniz.
Trata-se de uma forma de clara filiação dos protótipos sudgálicos produzidos na época de Cláudio - Nero. Genericamente, as características formais do tipo podem ser descritas como constituindo uma taça de recorte sinuoso com a parede do reservatório escalonada em dois planos de perfil biconvexo, com curvatura mais acentuada nas produções mais antigas e mais dissimulada nas produções tardias. Nas primeiras o bordo é reentrante rematado por um lábio espesso de secção arredondada marcado na face externa por um vinco. A evolução formal desenvolve-se no sentido de suavizar o recorte, verificando-se uma simplificação no recorte do lábio que passa a apresentar uma secção arredondada e uma tendência para uma projecção oblíqua. O fundo é composto por um pé anelar de secção triangular ou rectangular de orientação oblíqua que, progressivamente, vai diminuindo de altura e simplificando o perfil nas formas mais tardias.

Françoise Mayet, à semelhança dos pratos Drag. 15/17, distingue dois grupos que documentam a evolução da forma em função das características do perfil, dimensão e proporcionalidade dos elementos do reservatório. A produção mais precoce, datada do início da produção do ateliê de Andújar, regista formas de menor dimensão, próximas do modelo sudgálico, cujos rasgos morfológicos destacam o lábio bem vincado e

[673] O primeiro é proveniente da Sé e apresenta 270 mm de diâmetro. Do ponto de vista do seu perfil revela uma parede com tendência para a verticalidade, evidenciando uma fina moldura ao nível do início do bordo que, por sua vez, apresenta um lábio de secção arredondada. O segundo é proveniente das Termas e possui 358 mm de diâmetro. A parede do prato apresenta-se significativamente oblíqua, marcada por duas caneluras, uma delas a definir o bordo, cujo lábio configura um perfil assimétrico de configuração triangular.

o terço superior do reservatório curto e bem demarcado. O segundo grupo inclui a produção mais tardia, cujas características morfológicas respeitam o perfil tipicamente hispânico, revelando os segmentos da parede um reservatório com curvatura menos acentuada e uma progressiva aproximação da dimensão. O lábio, ao contrário da produção mais antiga, encontra-se dissimulado e apresenta uma secção arredondada. A evolução da forma regista também um aumento progressivo na dimensão.

Em Alvarelhos, de forma segura, apenas se identificaram duas peças – n.º 10 e 11 –, podendo, no entanto, a peça n.º 9, corresponder também a esta forma. Os fragmentos identificados (1 fragmento de fundo e dois fragmentos de parede) não tem dimensão suficiente para uma caracterização formal segura, todavia o seu enquadramento estratigráfico (Fase III), sugere tratarem-se de produções de um período intermédio identificado no último quartel do séc. I e primeira metade do séc. II.
A forma encontra-se representada em Braga apenas por um exemplar cujas características formais a aproximam das produções do primeiro grupo, evidenciando os rasgos morfológicos do modelo sudgálico[674], cuja datação o autor integra na segunda metade do séc. I (MORAIS 2005, 256, n.º 430).

Dragendorff 35/36 (13)
Tigela

Em Andújar a produção desta forma, segundo F. Mayet, é relativamente pouco expressiva. Trata-se de uma forma mista que não é uma taça nem um prato mas sim uma tigela (MAEYT 1984, 46). As características morfológicas mais significativas são constituídas pela estreiteza e curvatura acentuada do bordo. Apesar de extremamente raros[675] os exemplares decorados a barbotina, o nosso exemplar n.º 13, apresenta a aba e parte da parede decorada com folhas d'água. O seu enquadramento estratigráfico (*Taberna do Grafito* - Fase III), remete para um horizonte cronológico que abrange a dinastia Flávia e Antonina, no entanto, estamos em crer que tratar-se-á de uma produção do início da época Flávia.

Formas decoradas com guilhoché

Var. Dragendorff 29 (12)
Taça

Constitui uma forma que sofreu algumas transformações morfológicas ao longo da sua evolução. De um perfil hemisférico inicial evoluiu para um corpo carenado com bordo esvasado. Estas modificações levaram a que alguns autores criassem duas variantes, como por exemplo, Hermet que cria a Drag. 27 A para os vasos de bordo vertical e corpo hemisfério e a Dragendorff 29 B para os vasos carenados e bordo esvasado (HERMET 1934, 5). Cronologicamente, o primeiro tipo coincide com a época de Tibério e o segundo abrange um período mais lato que se inicia no reinado de Cláudio e se desenvolve até ao fim da dinastia dos Flávios. Françoise Mayet refere também o esquema evolutivo registando que as produções de Andújar revelam um bordo constituído por uma só moldura, sempre lisa, evidenciando diferenças morfológicas ao nível do bordo,

[674] O exemplar proveniente da Sé conserva o perfil completo e apresenta uma altura de 40 mm e um diâmetro de 88 mm. O lábio, como é característico das primeiras produções, apresenta-se demarcado por duas finas caneluras e o pé revela um recorte geométrico de secção triangular.
[675] Françoise Mayet apenas identificou um exemplar (MAYET 1984, 46, pl. XXV, n.º 40). As suas características são demonstrativas do morfotipo híbrido designado pela autora como 35/36. Trata-se de um prato/taça com reservatório baixo conformado por uma curvatura suave que se desenvolve desde o bordo ao pé. A aba apresenta um recorte horizontal, levemente soerguido com espessura progressiva para o bordo. A folha d'água é alongada, apresentando um recorte cordiforme e o caule contracurvado com espessamento progressivo para o fim. O pé de recorte anelar apresenta uma secção subtriangular, facetada no exterior.

lábio e configuração do reservatório, adoptando uma classificação própria para os exemplares que se afastam do morfotipo clássico da Drag. 27, designando-as como variante da forma 29, ao contrário de Mercedes Roca que as identifica como variantes 29, 29/37 (ROUMENS 1976, 73-74, lám. 31-32). O nosso único exemplar – n.º 12 (vol. II, est. CXXXIII, n.º 12) –, evidencia as características morfológicas das peças mais tardias apresentando um bordo esvasado, formando uma moldura lisa, com lábio arredondado, revelando semelhanças de perfil com o exemplar proveniente de Andújar, ilustrado por Françoise Mayet, em sintonia com o seu enquadramento estratigráfico. O fragmento encontra-se fraccionado ao nível da face inferior da moldura que limita a face superior do reservatório, pelo que não é perceptível a confirmação da existência de guilhoché (*Domus do Grafito* - Fase III).

Formas decoradas em molde

Var. Dragendorff 37 (14-16)
Taça

Os nossos três exemplares – n.º 14-16 –, são identificados por fragmentos de bordos e fundos de diminutas dimensões que não permitem descortinar com segurança se se tratariam de peças decoradas. Em Andújar, as tigelas decoradas tipo Drag. 37 são as peças mais abundantes. Da distinção clássica de bordos simples e amendoados, a segunda forma é extremamente rara. Os perfis apresentam grandes variações com desataque para a área do bordo. Os nossos exemplares apresentam dimensões superiores a 200 mm de diâmetro ao nível do bordo, revelando um verniz de fraca qualidade e paredes espessas, sugerindo corresponder às produções mais tardias. O fragmento de bordo que ilustramos, n.º 14 (vol. II, est. CXXXIII, n.º 14), evidencia uma ligeira curvatura para o interior com lábio arredondado marcado por um friso externo. O enquadramento crono-estratigráfico de todos os exemplares (Fase III) ajusta-se às cronologias propostas.

Terra sigillata hispânica de *Andújar*

N.º Inv.	Proveniência	Forma	Tipo	Decoração	Obs.	Cronologia	Estampa
1. Alv. 86 B, A4, op. 535	corte est. 2, camada 2 / Fase III	prato	Hispânica 4 var.	guilhoché	parede e aba	Flávios – 1º quartel do séc. I	est. CXXXIII, n.º 1
2. Alv. 86 B, A2, op. 710	corte est. 2, camada 2 / Fase III	prato	Dragendorff 15/17	----	parede c/ moldura	Nero – Flávios	----
3. Alv. 86 B, A2, op. 696	corte est. 2, camada 2 / Fase III	prato	Dragendorff 15/17	----	parede c/ moldura	1º quartel do séc. I – séc. I	----
4. Alv. 86 B, A4, op. 858	corte est. 2, camada 2 / Fase IIb	prato	Dragendorff 15/17	----	parede c/ moldura	1º quartel do séc. I	----
5. Alv. 86 B, A4, op. 494	corte est. 2, camada 2 / Fase III	prato	Dragendorff 15/17	----	parede e fundo	Flávios	----
6. Alv. 86 B, A4, op. 381; 47	corte est. 2, camada 2 / Fase III	prato	Dragendorff 15/17	friso/carena	parede c/ moldura	Flávios	est. CXXXIII, n.º 6
7. Alv. 96 B, A3, op. 103	corte est. 1, camada 0 / Fase III	prato	Dragendorff 15/17	----	bordo e parede	Flávios – início do séc. II	----
8. Alv. 96 B, A3, op. 433	corte est. 1, camada 0 / Fase III	prato	Dragendorff 15/17	----	carena	2ª metade do séc. II	----
9. Alv. 86 B, A4, op. 609	corte est. 2, camada 2 / Fase III	taça	Dragendorff 24/25 ou 27	----	fundo e pé	2ª metade do séc. I	----
10. Alv. 96 B, A3, op. 315	corte est. 1, camada 0 / Fase III	taça	Dragendorff 27	----	bordo e parede	2ª metade do séc. I	----
11. Alv. 96 B, A3, op. 55	corte est. 1, camada 0 / Fase III	taça	Dragendorff 27	2º grupo	bordo	Flávios – início do séc. II	----
12. Alv. 86 B, A4, op. 384	corte est. 2, camada 2 / Fase III	tigela	Dragendorff 29	----	bordo	Nero – Flávios	est. CXXXIII, n.º 12
13. Alv. 86 B, A2, op. 741	corte est. 2, camada 2 / Fase III	tigela	Dragendorff 35	folhas d' água	parede e aba	2ª metade do séc. I	----
14. Alv. 86 B, A4, op. 62	corte est. 2, camada 2 / Fase III	tigela	Dragendorff 37	friso externo	bordo	Flávios – início do séc. II	est. CXXXIII, n.º 14
15. Alv. 86 B, A2, op. 691	corte est. 2, camada 2 / Fase III	tigela	Dragendorff 37	----	fundo e pé	Flávios – início do séc. II	----
16. Alv. 86 B, A2, op. 705	corte est. 2, camada 2 / Fase III	tigela	Dragendorff 37	----	parede	Flávios – início do séc. II	----

Catálogo								
Total	Ind.	4	15/17	24/25 ou 27	27	29	35/36	37
21	5	1	7	1	2	1	1	3
100%	23,8%	4,7%	33,3%	4,7%	9,5%	4,7%	4,7%	14,2%

Hispânica 4 (1)
Prato

1. Alv. 86 B, A4, op. 535 - Fragmento de aba e parte de parede de prato tipo Hispânica 4 var., com fina moldura na aba. A pasta é pouco compacta, de textura granulosa, com abundantes partículas amarelas e de calcário. O verniz é baço e conserva-se uniforme e bem aderido, Andújar*, Flávios - 1º quartel do séc. II* (vol. II, est. CXXXIII, n.º 1).
Dim. - Diâmetro máximo 240 mm; Espessura máxima 6 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. V, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

Dragendorff 15/17 (2-8)
Prato

2. Alv. 86 B, A2, op. 710 - Fragmento de parede com moldura interna larga de prato tipo Dragendorff 15/17, Andújar, *Nero – Flávios* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

3. Alv. 86 B, A2, op. 696 - Fragmento de parede com moldura interna larga de prato tipo Dragendorff 15/17 - Andújar, *1º quartel do séc. II* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

4. Alv. 86 B, A4, op. 858 - Fragmento de parede moldurada de prato tipo Dragendorff 15/17, Andújar, *1º quartel do séc. I* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. V, Fase IIb, corte estratigráfico 2, camada 2.

5. Alv. 86 B, A4 , op. 494 - Fragmento de parede e fundo de prato tipo Dragendorff 15/17, Andújar – *Flávios* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. V, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

6. Alv. 86 B, A4, op. 381; 47 - Fragmento de parede com moldura interna larga e pouco espessa com friso externo a marcar a carena de prato tipo Dragendorff 15/17, Andújar*, Flávios* (vol. II, est. CXXXIII, n.º 6).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível da carena exterior 187 mm; Espessura máxima 7 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. V, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

7. Alv. 96 B, A3, op. 103 - Fragmento de bordo e parte da parede de prato tipo Dragendorff 15/17, Andújar, *Flávios – início do séc. II* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

8. Alv. 96 B, A3, op. 433 - Fragmento de carena de prato tipo Dragendorff 15/17, Andújar, *2ª metade séc. I* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

Dragendorff 24/25 ou 27 (9)
Taça

9. Alv. 86 B, A4, op. 609 - Fragmento de fundo e pé de taça tipo Dragendorff 27 ou 24/25, Andújar*, 2ª metade do séc. I* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. V, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

Dragendorff 27 (10-11)
Taça

10. Alv. 96 B, A3, op. 315 - Fragmento de bordo e parede de taça tipo Dragendorff 27, Andújar, *2ª metade do séc. I* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

11. Alv. 96 B, A3, op. 55 - Fragmento de bordo de taça tipo Dragendorff 27 (2º grupo Mayet), Andújar, *Flávios – início do séc. II* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* ext., corte estratigráfico 1,camada 0.

Dragendorff 29 (12)
Tigela

12. Alv. 86 B, A4, op. 384 - Fragmento de bordo degradado de tigela tipo Dragendorff 29, Andújar*, Nero – Flávios* (vol. II, est. CXXXIII, n.º 12).
Dim. - Diâmetro máximo 228 mm; Espessura máxima 7 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. V, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

Dragendorff 35/36 (13)
Tigela

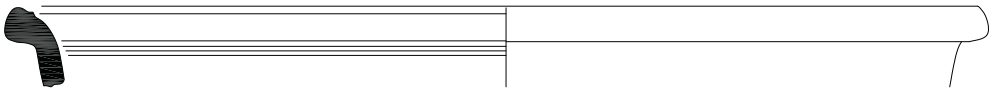
13. Alv. 86 B, A2, op. 741 - Fragmento de aba e parede decorada com folhas d´água de tigela tipo Dragendorff 35/36, Andújar, *2ª metade séc. I* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

Dragendorff 37 (14-16)
Tigela

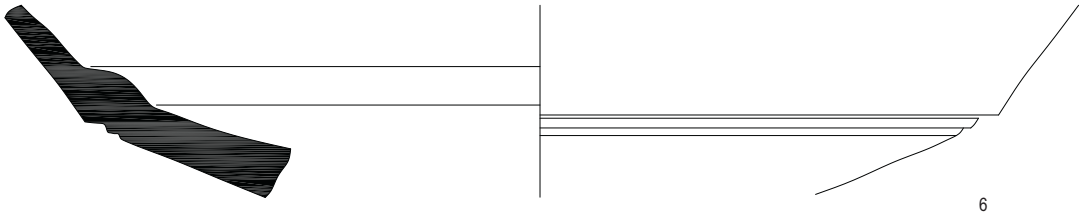
14. Alv. 86 B, A4, op. 62 - Fragmento de bordo de tigela tipo Dragendorff 37?. Bordo marcado por friso externo vincado e profundo, Andújar*, Flávios – início do séc. II* (vol. II, est. CXXXIII, n.º 14).
Dim. - Diâmetro máximo 256 mm; Espessura máxima 6 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. V, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

15. Alv. 86 B, A2, op. 691 - Fragmento de fundo e pé de tigela tipo Dragendorff 37, Andújar*, 2ª metade do séc. I* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

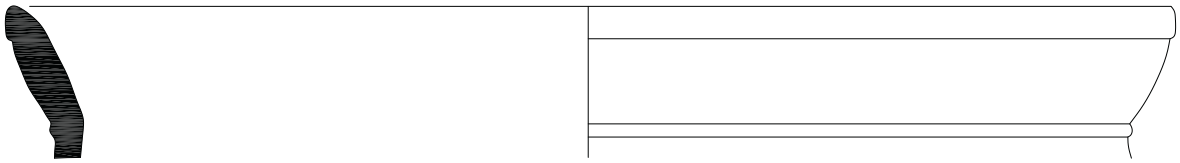
16. Alv. 86 B, A2, op. 705 - Fragmento de parede de tigela tipo Dragendorff 37, Andújar*, Flávios – início do séc. II* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.



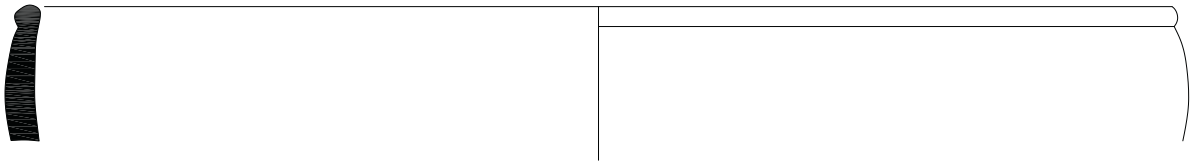
1



6



12



14

3.1.4. Terra sigillata hispânica tardia

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

Constitui um acervo relativamente reduzido comparativamente a outro tipo de produções cerâmicas importadas, nomeadamente a terra sigillata hispânica alto-imperial e a terra sigillata africana. Na totalidade recolhemos 36 fragmentos dos quais foi possível identificar 18 peças distribuídas percentualmente pelas seguintes formas; Forma 37 Tardia (10 ex. 55, 5%), Taças com aba (2 ex. 11,1%), Pratos ou taças (4 ex. 22,2%), Taça (1 ex. 5,5 %), Prato com aba (1 ex. 5,5 %).

As primeiras referências importantes para o estudo da *terra sigillata hispânica tardia* surgem com o trabalho de M. Mezquíriz integradas no estudo geral da terra sigillata hispânica (MEZQUIRÍZ 1961). Posteriormente, Palol, no âmbito do estudo dos materiais da *villa* romana de Pedrosa de la Veja ensaia uma nova tipologia de carácter mais específico mas menos abrangente[676], (SALLELAS1959; 1969, 93-160), alargando o seu estudo ao território português numa fase subsequente (SALLELAS; CORTEZ 1974).
As primeiras obras monográficas surgem na década de setenta onde se destaca o trabalho de Caballero Zoreda (ZOREDA 1972, 189-218; 1974, 1985, 97-127), e a abordagem de Manuela Delgado relativa às produções identificadas em Conímbriga (DELGADO 1975, 317-335). Na década de oitenta do século passado registam-se os contributos de Françoise Mayet (MAYET 1983), de M. Mezquíriz (MEZQUÍRIZ 1983, 133-136; 1985, 97-174), e de López Rodríguez, este último com particular enfoque sobre as produções decoradas a molde (RODRÍGUEZ 1985). Na década de noventa, entre outros, merecem destaque os trabalhos publicados por Paz Peralta sobre os produtos tardios da província de Saragoça (PERALTA 1991), o de Sáenz Preciado sobre as oficinas e distribuição das produções de sigillata tardia na Rioja (PRECIADO 1995), e, por último, o ensaio de sistematização de Juan Tovar (TOVAR 1997, 543-568),

Em termos genéricos, as características morfológicas que se identificam nestas produções resultam do cruzamento de influências alógenas, principalmente da terra sigillata africana «fabrico D», das produções narbonenses,[677] assim como a permanência de características herdadas das produções hispânicas anteriores[678], dando origem a produções diversas que registam influências múltiplas. A simplificação das produções hispânicas anteriores, facilmente diferenciáveis entre si, dão lugar a uma proliferação de produções que se entrecruzam, cujo conhecimento actual não responde ainda à totalidade dos problemas da sua identificação, cronologia e caracterização estilística do repertório decorativo.
Os centros produtores ou oficinas que produziram sigillatas hispânicas tardias encontram-se ainda numa fase intermédia de investigação sendo o conhecimento actual pouco desenvolvido e aprofundado. Todavia, os achados de moldes de época tardia identificados até ao momento revelam uma concentração exclusiva no norte peninsular, mais concretamente no que se denomina por eixo *Clunia* - Nájera (RODRÍGUEZ 1983, 31; 1985, 44; PERALTA 1991, 48)[679]. A sua produção encontra-se documentada em Santa Lucía, Nájera, La Rioja

[676] A tipologia ensaiada por Palol cria uma nova seriação que se desenvolve até o número catorze, considerando apenas formas lisas, por contraposição às fabricadas a molde com decoração moldada ou não (RODRÍGUEZ 1985, 15).
[677] Conhecidas a partir do trabalho de Rigoir como Sigillatas Paleocristãs cinzentas e alaranjadas ou Derivadas das sigillatas Paleocristãs (RIGOIR 1968; 1971).
[678] Esta complexa conjugação de influências sugeriu a Caballero Zoreda uma divisão da produção hispânica tardia em três grupos principais em função das suas características e da maior ou menor vinculação com as produções em questão (ZOREDA 1985). O primeiro grupo é formado pelas produções tardias que assumem a tradição anterior, o segundo assume as influência dos protótipos africanos, identificada na década de setenta com *Terra sigillata hispânica tardia regional* nos estudos monográficos de Conímbriga (DELGADO 1975, 317-335), e um terceiro grupo de produção de inspiração da sigillata gálica tardia, que assume hoje a designação de Terra sigillata hispânica tardia de imitação narbonense.
[679] Complementa os achados da região com a referência do molde encontrado em Valladolid (Flecha), referenciado por Tomás Mañanes (MAÑANES 1983, 36, fig. 15).

(GABARITO 1983, 187; MEZQUÍRIZ 1985, 114), em Tricio (MAYET 1984, 105-106; GARABITO; SOLOVERA; CÍPRES 1986, fig. 6, n.º 1), e, provavelmente, em Tiermes[680].

A caracterização dos fabricos foi proposta por Françoise Mayet com base nas análises desenvolvidas por M. Picon, distinguindo-se dois conjuntos – o D e o G (MAYET 1984, 284-285, 314-317).
O primeiro conjunto integra quatro grupos, identificados como 3, 4, 5 e 6, sendo que os grupos 3 e 5 são considerados como provenientes de Tricio, cuja constituição mineralógica é semelhante às produções alto-imperiais e os grupos 4 e 6 relacionam-se com as produções de La Rioja, mas cuja localização é ainda imprecisa. O conjunto G engloba apenas dois grupos, 1 e 2, cuja origem se deverá localizar na Meseta, sendo que um deles será o de *Clunia* (PERALTA 1991, 49-50).

Em termos genéricos, ao nível da constituição das pastas, técnicas cozedura e acabamento, as características das produções tardias caracterizam-se por apresentar uma pasta relativamente bem depurada na qual se observa um predomínio do quartzo em relação ao feldspato na composição dos elementos não-plásticos, verificando-se um abandono das pastas calcárias, características das produções alto-imperiais. As técnicas de cozedura também sofrem uma alteração significativa, designadamente na redução da temperatura e no menor controlo do ambiente oxidante dos fornos, que se reflecte na tonalidade geral de algumas peças que, por vezes, assumem uma leve coloração acastanhada ou parda, que pode ser parcial ou total. Ao nível do acabamento verifica-se que o verniz que cobre as paredes não consiste numa película semi-vitrificada característica das produções anteriores, mas sim uma cobertura baça e porosa de tonalidade alaranjada.

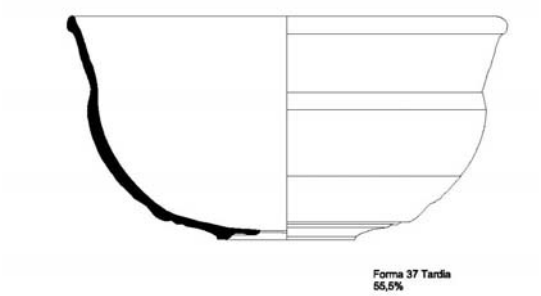
Através de uma análise macroscópica, identificamos apenas o conjunto D (MAYET – PICON) no qual distinguimos dois grupos. Grupo 1, com correspondência aos Grupos 3 e 5, identificáveis com as produções de *Tritium Magallum*[681], e Grupo 2, relacionado com os Grupos 4 e 6, também do conjunto D, eventualmente relacionadas com as produções da Rioja[682].

Grupo 1 - Pasta de compactação média de constituição laminar e cozedura pouco homogénea. Elementos não-plásticos compostos por pequenas partículas de quartzo e, em menor quantidade, feldspato e mica. Cor uniforme (N13). Superfície irregular, levemente deteriorada com polimento irregular. O verniz é pouco denso e sem brilho desagregando-se com facilidade. Conserva algumas manchas escuras provenientes do contacto com um ambiente oxidante com deficiências de controlo de oxigenação (P20)[683]. Integram este fabrico os exemplares n.º 6-8, 10, 13 e 14.

Grupo 2 - Pasta de compactação mediana de constituição laminar revelando uma cozedura homogénea. Elementos não-plásticos em pouca abundância essencialmente compostos por mica e feldspato. Cor uniforme (P25). Superfície de textura irregular, muito degradada, com polimento irregular. Cor vermelho-escuro (R13). Verniz escuro e denso sem brilho, em geral compacto e bem conservado[684]. Integram este fabrico os exemplares n.º 1-5, 9, 11-12, 15-17.

[680] Informação fornecida por Françoise Mayet com base em achados superficiais (MAYET 1984, 284, notas 13-14).
[681] Segundo a descrição de Françoise Mayet, grosseiramente micaceas na ordem de 11% (MAYET 1984, 301).
[682] De acordo com Françoise Mayet, na incerteza da origem dos Grupos 4 e 6, dever-se-á apenas concluir pela sua origem provável (MAYET 1984, 317).
[683] Corresponde ao conjunto A, Grupo 1 - d, de Peralta, definido para os materiais de Saragoça (PERALTA 1991, 51).
[684] Encontra correspondência no conjunto A, Grupo 2 - b, de Peralta, definido para os materiais de Saragoça (PERALTA 1991, 52).

Quadro sinóptico



Dragendorff 37 Tardia [685] (1-10)

Consiste numa forma que resulta da fusão de características presentes entre os vários modelos de inspiração (Drag. 27, 29 e 37), podendo considera-se uma forma híbrida que integra e transforma diferentes aspectos característicos de outras peças.

Em termos genéricos, é uma taça que poderia ser descrita como tendo um perfil acampanado, estruturado a partir de um reservatório de recorte hemisférico que, geralmente, corresponde à parte decorada, com bordo alto e aberto, marcado por uma carena mais ou menos pronunciada. O pé é baixo, quase inexistente, de reduzido diâmetro, composto por um anel de secção rectangular ou trapezoidal. O fundo é frequentemente convexo, com moldura hispânica, típica dos produtos alto-imperiais do vale do Ebro (MAYET 1984, 257). Identificam-se inúmeras variantes, com rasgos morfológicos próprios, fundamentalmente ao nível do bordo, que conduziram alguns autores à constituição de diferentes grupos. Françoise Mayet opõem-se claramente à divisão estabelecida por Palol, estruturada em dois grupos compostos pelos vasos feitos a molde (A e B), e outro composto pelos vasos torneados que imitam os anteriores (C e D). Apreciadas as diferencias enunciadas por Palol e reapreciadas por Soper Rodríguez (RODRIGUEZ 1985, 21-22), as variantes actualmente consideradas, A e B, distinguem-se, efectivamente, pela existência de um lábio, sendo consensual mente seguidas pela maioria dos autores[686]. Assim, de acordo com a descrição adoptada por Paz Peralta, o tipo A caracteriza-se por possuir um bordo alto e aberto com tendência para a verticalidade e lábio liso. O tipo B corresponde a um vaso com o bordo aberto e recto rematado por um lábio arredondado ou com uma faixa plana[687]. É uma taça de dimensão variável cujo diâmetro ao nível do bordo pode oscilar entre 140 mm e 260 mm, embora se conheçam exemplares de dimensões menores e maiores[688].

Encontra-se na versão lisa e decorada, sendo consideravelmente mais abundante a segunda. A decoração, elaborada a molde, ocupa a área correspondente ao reservatório, apresentando-se mais ou menos

[685] A designação de Dragendorff 37 tardia constitui para a maioria dos autores uma designação incorrecta, nomeadamente pelo facto dos seus principais rasgos morfológicos evidenciarem proximidade com outros modelos da produção hispânica como a Drag. 29 ou 27. No entanto, é hoje consensual o propósito de manter a terminologia adoptada, por esta se encontrar fortemente implantada na bibliografia arqueológica (MAYET 1984, 257; PERALTA 1991, 117; RODRIGUEZ 1985, 16).

[686] Nomeadamente, Mezquíriz (MEZQUÍRIZ 1985, 170, est. XLVI - XLVII), e Paz Peralta (PERALTA 1991, 117).

[687] A descrição exaustiva do morfotipo pode apreciar-se no trabalho de José Ramom Rodríguez (RODRIGUEZ 1983, 16- 32).

[688] Paz Peralta, como exemplo, cita dois vasos recolhidos nas intervenções de Gavím y Sepulcro cujo diâmetro ao nível do bordo ronda os 13 cm, assim como os exemplares recolhidos na escavação da "Calle Torrenueva", respectivamente com 12,5 cm e outro com 38,5 cm (PERALTA 1991, 117). A estes exemplares podemos ainda acrescentar a peça n.º 6 de Alvarelhos que possui um perfil completo sendo o seu diâmetro ao nível do bordo de 29 cm.

encurvada consoante os perfis dos vasos. Entre as decorações executadas a molde distinguem-se fundamentalmente dois estilos[689].

O *primeiro estilo decorativo*[690], estrutural e tematicamente consiste na continuação dos modelos alto-imperiais utilizados sobre a forma Drag. 37. Caracteriza-se pela utilização conjunta de pequenos motivos organizados em frisos, dispostos em bandas, que podem variar entre 2 e 5, sendo mais frequente a utilização de três frisos separados por uma ligeira moldura. O reportório de elementos decorativos compreende, entre outros, rosetas, motivos verticais de separação (bastões), círculos (ondulados, denteados e simples), e, em menor expressão, motivos animais e humanos, geralmente de configuração esquemática.

Segundo Françoise Mayet, de acordo com os resultados arqueológicos realizados no centro de produção de Nájera (GARABITO; SOLOVERA; CIPRÉS 1986), este estilo decorativo terá sido produzido nas oficinas de Tricio e Nájera.

O *segundo estilo decorativo*[691] constitui o reportório decorativo mais comum da sigillata hispânica tardia, encontrando-se presente nas formas 29/37 tardia, 37 tardia, 42, 45 e 47. Constitui um estilo muito característico e fácil de identificar cuja decoração é composta por grandes círculos ou semicírculos[692] que formam composições muito variadas, complementadas com a utilização de pequenos motivos decorativos isolados ou compostos, entre os quais se identificam simples linhas onduladas, espigas, rosetas, motivos cruciformes e figuras humanas, entre outros.

Os centros produtores do segundo estilo, segundo Françoise Mayet e M. Picon, são dois, ambos localizados na Meseta norte. O de *Clunia* e o da produção denominada por Manuela Delgado como *sigillata tardia regional* que, segundo análise de M. Picon, terá sido elaborada no mesmo ateliê que as cerâmicas atribuíveis ao 2º estilo, aos quais Paz Peralta adiciona os centros riojanos, concretamente os localizados na bacia média do rio Najerilla (PERALTA 1991, 109-112). Em relação à sua datação, segundo os dados recolhidos em *Caesaraugusta e Turiaso* e Valeja de San Pez, Paz Peralta situa o início da sua produção em final do terceiro quartel do séc. IV – início do quarto quartel do séc. IV (PERALTA 1991, 113).

As peças identificadas em Alvarelhos – n.º 1-10 –, constituem um acervo relativamente limitado para possibilitar uma caracterização das diferentes produções. Com segurança, quatro das dez peças classificam-se como tipo B, n.º 2, 5, 6, 9 (vol. II, est. CXXXIV), sendo as restantes identificadas apenas por pequenos fragmentos de parede ou fundo que não permitem uma classificação segura.

A taça n.º 2 (vol. II, est. CXXXIV, n.º 2) é constituída somente por um fragmento do terço inferior da parede. Encontra-se decorado a molde integrando o *2º estilo decorativo*. A pasta pertence ao Grupo 2. A decoração é composta pelo estilo 3A,1, formada por círculos duplos com ângulos no interior. O círculo exterior encontra-se seccionado sugerindo uma combinação tipo 7 ou 8 do grupo A estabelecido por José Rodríguez (RODRÍGUEZ 1991, fig. 29). O seu enquadramento estratigráfico, inserido na Fase V da *Domus do Tesouro*, permite uma datação centrada na primeira metade do séc. V.

A taça n.º 5 (vol. II, est. CXXXIV, n.º 5) encontra-se reconstituída na íntegra. Pertence ao tipo B. Encontra-se decorada com o 2º *estilo decorativo*, compondo um tema composto por círculos concêntricos duplos.

[689] Françoise Mayet considera um terceiro estilo que designa por *intermédio* no qual integra decorações que não se ajustam directamente aos dois primeiros estilos (MAYET 1984, 259).

[690] Corresponde ao *1º estilo decorativo* de Françoise Mayet (MAYET 1984, 258)

[691] Corresponde ao quarto estilo decorativo de Mezquíriz (MEZQUÍRIZ 1961, 117), e ao segundo de Françoise Mayet (MAYET 1984, 259). Esta última autora identifica dois grupos dentro deste estilo. O primeiro corresponde aos motivos compostos pelos grandes círculos concêntricos, justapostos ou secantes, completados com outros motivos menores compostos por linhas onduladas, espigas, rosetas ou outros, apresentando um motivo central. O segundo grupo é constituído por pequenos motivos sobre dois ou mais círculos.

[692] Identificados na seriação de José Rodríguez nas tabelas 3A, 3B, 3C (RODRÍGUEZ 1986, 69-76, fig. 16-21).

Morfologicamente, caracteriza-se por apresentar um perfil acampanado com parede estruturada em dois planos, compreendendo o primeiro um recorte hemisférico, levemente reentrante e, o segundo, de desenvolvimento oblíquo é formado a partir de uma carena interna que desenvolve a parede do bordo que se apresenta recta. O bordo remata com um lábio de perfil arredondado e secção oval, assimétrico. O fundo é composto por um pé anelar, baixo e curto. A decoração ocupa apenas a face intermédia e inferior do reservatório e apresenta-se inscrita no interior de uma banda. Os motivos compreendem dois círculos concêntricos separados por bastões e conjuntos de dois ângulos separados por um ponto. Na face inferior revela um tema seriado compostos por dois bastões, tipo 1C, 24, que delimitam duas figuras humanas. Os círculos apresentam duas bandas internas nas quais se representa no círculo externo um conjunto de crescentes agrupados dois a dois, intervalados por pontos. O círculo interno é composto por ângulos de orientação oposta à dos crescentes. No centro do círculo encontra-se um ponto. A disposição da composição não é simétrica tendo o fecho resultado na aplicação de um círculo simples de menor dimensão. Pasta do Grupo 2, correspondendo, provavelmente, a uma produção da Rioja. O seu enquadramento estratigráfico inserido na Fase V da *Domus do Tesouro* remete para uma datação na primeira metade do séc. V.

A taça n.º 6 (vol. II, est. CXXXV, n.º 6) permitiu uma reconstituição integral da forma. Pertence ao tipo B, *1º estilo decorativo*. Morfologicamente, é idêntica ao exemplar n.º 5, apresentando, contudo, um bordo ligeiramente mais vertical e mais curto. Desenha um perfil acampanado com parede estruturada em dois planos, compreendendo o primeiro um perfil hemisférico e, o segundo é formado a partir de uma carena interna suave que delimita a face inferior da parede do bordo que se apresenta recta, de desenvolvimento oblíquo. O bordo remata com um lábio de perfil arredondado de secção oval, assimétrico. O fundo é composto por um pé, baixo e curto de desenvolvimento anelar. Na face interior apresenta a característica moldura dos produtos hispânicos. A decoração encontra-se organizada em dois frisos inscritos na face inferior do reservatório que integram motivos geométricos que se repetem numa composição simétrica. O primeiro friso, mais largo que o segundo, encontra-se dividido em espaços iguais por caneluras verticais onde se desenham três círculos (tipo 1C, 10) na vertical. O segundo friso, alterna em linhas horizontais triângulos (tipo 2 A1, 47), círculos (1B, 2) e rectângulos (1C, 10), respectivamente. Pasta do Grupo 1, correspondendo, portanto, a uma produção de Tricio. O seu enquadramento crono-estratigráfico na Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*, permite enquadrá-la no decurso do séc. IV, primeira metade do séc. V.

A taça n.º 9 (vol. II, est. CXXXV, n.º 9) encontra-se identificada apenas por um pequeno fragmento do bordo. Pertence ao tipo B. Parede muito fina e bordo espessado, com lábio de secção triangular muito inclinado para o exterior. Estratigraficamente enquadra a Fase V do *Complexo Artesanal*, que remete para uma cronologia no limiar do séc. IV e primeira metade do séc. V. A Pasta integra o Grupo 2, pelo que, provavelmente, se tratará de uma produção da Rioja.

A taça n.º 10 (vol. II, est. CXXXV, n.º 10) consiste num pequeno fragmento de fundo e arranque de parede. Apresenta uma parede curva com espessura irregular, rematada por um fundo formado por um pé anelar curto de perfil trapezoidal. A decoração integra o *1º estilo decorativo*. A composição estrutura-se em pelo menos dois frisos. O friso inferior é definido por duas linhas, sendo a primeira composta por círculos concêntricos ondulados formados por três linhas e um ponto central, intercalados por elementos vegetais pouco definidos (Tipo 2A3, 22?). A linha superior é composta por baquetas rectangulares (Tipo 2A,1), dispostas verticalmente. Na segunda banda identifica-se apenas um círculo composto por três linhas concêntricas onduladas. A pasta pertence ao Grupo 1, pelo que se tratará de uma produção de Tricio. O seu

enquadramento estratigráfico na Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo* permite uma classificação genérica no séc. IV - primeira metade do séc. V.

Os demais fragmentos, n.º 11-18, são compostos por pequenos elementos de parede que apenas permitem uma classificação sumária relativa à sua forma, não possibilitando um enquadramento tipológico mais preciso.

A representação da forma 37 Tardia no convento bracaraugustano encontra-se mal conhecida sendo difícil avaliar a sua distribuição e representatividade no conjunto de materiais cerâmicos importados no decurso dos séculos IV e séc. V. Todavia, entre os materiais publicados regista-se uma assinalável presença em *Bracara Augusta*, local onde José Rodríguez, na década de oitenta do século passado, identificou 25 ocorrências (RODRÍGUEZ 1985, 236, lám. 116-117, n.º 2.195-2.219). Na região em estudo, pontualmente, assinala-se também a sua na *villa* romana de Guilhabreu, Vila do Conde (RODRÍGUEZ 1985, 238, lám. 119). Na margem esquerda do Douro merecem referência as três taças decoradas com o *1º estilo decorativo*, provenientes do castro de Fiães, Vila da Feira (ALARCÃO 1958, 249-307, est. IX, n.º 31-32; ALMEIDA; SANTOS 1972, 147-168; ALMEIDA 1972, 191-105, est. I, n.º 5; RODRÍGUEZ 1985, 236, lám. 115, n.º 2.192-2.194).

Constituiu uma forma de grande difusão e aceitação como demonstra a sua produção em imitações como, por exemplo, em *cerâmica de engobe vermelho não vitrificável*. Entre as múltiplas ocorrências identificam-se exemplares provenientes de Alvarelhos de razoável qualidade técnica que respeitam as principais características formais dos protótipos de origem (vol. II, est. CXL, n.º 5-6)[693], de Conímbriga, (DELGADO IV, 1975, pl. LXXX II, n.º 5), de Lugo, onde se constata uma assinalável diversidade de perfis e dimensões[694] (IRASTORZA 2001, 368-370, fig. 155), assim como de Braga (DELGADO 1993-94, 123, est. III, n.º 12-13). Embora a informação relativa a estas produções seja ainda escassa, nomeadamente no que respeita à sua difusão e cronologia, é certo, que nos finais do primeiro quartel da terceira centúria já era produzido mantendo-se no circuito comercial até meados do séc. V.

[693] O enquadramento das nossas peças remete para a Fase IV-V que encontra perfeita correspondência com as formas que estiveram na base da sua produção (27 Tardia e 37 Tardia).

[694] Esta forma, identificada em Lugo como Tipo I27T, apresenta significativas variantes no seu perfil acampanado, tanto no que respeita à dimensão como à inclinação do terço superior do bojo e aos ângulos definidos pela carena interna da taça (IRASTORZA 2001, 368-370, fig. 155).

Terra sigillata hispânica tardia

Nº Invt.º	Proveniência	Forma	Tipo	Decoração	Obs.	Cronologia	Estampa
1. Alv. 92 A, op. 114	corte est. 14, camada 4 / Fase V	tigela	Dragendorff 37B tardia	2º estilo decorativo	bordo e parede	séc. IV-V	----
2. Alv. 94 A, Ig. 10644	corte est. 13, camada 4 / Fase V	tigela	Dragendorff 37B tardia	2º estilo decorativo	parede	séc. IV	est. CXXXIV,n.º 2
3. Alv. 97 B3, A1, op. 31	corte est. 5, camada 2 / Fase V	tigela	Dragendorff 37 tardia	----	parede bojuda	séc. IV-V	----
4. Alv. 97 B2, A2, op. 10	corte est. 2, camada 0 / Fase IV-V	tigela	Dragendorff 37B tardia	----	parede bojuda	séc. IV-V	----
5. Alv. 96 B, A4, op. 32	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	tigela	Dragendorff 37B tardia	2º estilo decorativo	perfil completo	séc. IV-V	est. CXXXIV, n.º 5
6. Alv. 96 B, A4, op. 36	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	tigela	Dragendorff 37 tardia	1º estilo decorativo	completo	séc. IV-V	est. CXXXV, n.º 6
7. Alv. 93 A, op. 104	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	tigela	Dragendorff 37 tardia	----	bordo c/ lábio	séc. IV-V	----
8. Alv. 97 B2, A2, op. 78	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	tigela	Dragendorff 37 tardia	----	fundo	séc. IV-V	----
9. Alv. 98 B1, A1, op. 169	corte est. 1, camada 2 / Fase V	tigela	Dragendorff 37B tardia	----	bordo	séc. IV-V	est. CXXXV, n.º 9
10. Alv. 97 B2, op. 31	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	tigela	Dragendorff 37 tardia	1º estilo decorativo	fundo e pé	séc. IV-V	est. CXXXV, n.º 10
11. Alv. 95 B, A4, op. 35	corte est. 1, camada 0 / Fase IV-V	taça	Taça com aba	----	bordo c/ aba	1ª metade séc. V	----
12. Alv. 92 A, Ig. 530	corte est. 12, camada 0 / Fase V	taça / prato	Taça com aba	roletado grosso	aba	séc. IV-V	----
13. Alv. 96 A4, op. 394	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	prato ou taça	Prato ou taça	----	fundo espesso	séc. III-IV	----
14. Alv. 92 A, op. 47	corte est. 12, camada 1 / Fase V	prato ou taça	Prato ou taça	----	bordo	séc. IV	----
15. Alv. 93 A, op. 54	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	prato ou taça	Prato ou taça	----	fundo e pé	séc. IV-V	----
16. Alv. 92 A, Ig. 4116	corte est. 13, camada 1 / Fase V	prato ou taça	Prato ou taça	---	fundo e pé baixo	séc. III-IV	----
17. Alv. 96 A3, op. 198a	corte est. 1, camada 0 / Fase IV-V	taça ?	Taça	caneluras externas	parede	séc. IV-V	----
18. Alv. 86 B, A1, op. 91	corte est. 1, camada 0 / Fase ?	prato ?	Prato com aba	----	bordo	séc. III-IV	----

Catálogo						
Total	Ind.	Drag. 37 Tardia	Taça com aba	Prato ou Taça	Taça	Prato com aba
36	18	10	2	4	1	1
100%	50%	27,7%	5,5%	11,1%	2,7%	2,7%

Dragendorff 37 *Tardia* (1-10)

1. Alv. 92 A, op. 114 - Fragmento de bordo e parede de tigela tipo forma 37 tardia, decorada com grandes círculos do *2º estilo decorativo*. Hispânica Tardia, *meados do séc. IV-V*. Pasta de compactação mediana de constituição laminar revelando uma cozedura homogénea com vacúolos alongados. Elementos não-plásticos em pouca abundância, compostos por mica e feldspato. Cor uniforme (R13). Superfície de textura irregular, muito degradada, com polimento irregular. Cor homogénea (P25) Pasta do Grupo 2 (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. III, corte estratigráfico 14, camada 4.

2. Alv. 92 A, Ig. 10644 - Fragmento indiferenciado de parede decorado com *2º estilo decorativo* de tigela forma 37B Tardia, hispânica tardia, *séc. IV-V*. Pasta bem depurada, pouco compacta, leve, de constituição laminar e cozedura irregular, revelando um núcleo escuro. Elementos não-plásticos pouco abundantes e de diminuta dimensão, compostos apenas por mica e feldspatos. Superfície rugosa, irregular e degradada, com polimento intenso e uniforme. Pasta do Grupo 2 (vol. II, est. CXXXIV, n.º 2).
Dim. - Comprimento máximo 55 mm; Largura máxima 45 mm; Espessura máxima 7 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 13, camada 4.

3. Alv. 97 B3, A1, op. 31 - Fragmento indiferenciado de parede bojuda de tigela tipo forma 37 Tardia, *séc. IV-V*. Pasta compacta, bem depurada e compacta. Cozedura irregular revelando um núcleo escuro. Pasta do Grupo 2 (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Religioso, complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. XII, corte estratigráfico 5, camada 2.

4. Alv. 97 B2, A2, op. 10 - Fragmento de parede bojuda de tigela forma 37 Tardia, séc. *IV-V*. Pasta bem depurada, pouco compacta e friável, de estrutura laminar com cozedura uniforme. Poucos elementos não-plásticos bem calibrados de pequena dimensão. Pasta Grupo 2 (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 2, camada 0.

5. Alv. 96 B, A4, op. 32 - Tipo forma 37B Tardia. Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de tigela tipo Dragendorff 37B (Tardia), decorada com o 2º *estilo decorativo*. Perfil acampanado com parede estruturada em dois planos, compreendendo o primeiro, mais baixo, relativo ao reservatório, um perfil esférico e, o segundo, formado a partir de uma carena interna desenvolve a parede do bordo que se apresenta recta de desenvolvimento oblíquo. O bordo remata com um lábio de perfil arredondado de secção oval. O fundo é formado por um falso pé, baixo e curto, de desenvolvimento anelar de assentamento radial. A decoração ocupa apenas a face intermédia e inferior do reservatório e apresenta-se inscrita numa banda paralela ao bordo. Os motivos compreendem círculos separados por bastões. Os círculos apresentam duas bandas internas nas quais se representam crescentes agrupados de dois a dois intervalados por pontos. A disposição da composição não é simétrica tendo o fecho resultado na aplicação de um círculo de menor dimensão. Pasta de compactação média de constituição laminar e cozedura pouco homogénea. Elementos não-plásticos compostos por pequenas partículas de feldspato e mica. Cor uniforme (N13). Superfície irregular, levemente deteriorada com polimento irregular. Conserva algumas manchas escuras provenientes do contacto com um ambiente resultante de uma camada de incêndio (P20). Pasta do Grupo 2 (vol. II, est. CXXXIV, n.º 5).
Dim. - Diâmetro máximo 250 mm; Altura máxima 127 mm; Espessura máximo do bordo 5 mm.
Capacidade - 3 241, 3 cm^3 / 3, 24 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, 96, n.º 182.

6. Alv. 96 B, A4, op. 36 - Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de taça tipo forma 37B (Tardia), *1 estilo decorativo*. Perfil acampanado com parede estruturada em dois planos, o primeiro relativo ao reservatório apresenta um perfil esférico e, o segundo, é formado a partir de uma carena interna desenvolve a parede do bordo que se apresenta recta de desenvolvimento oblíquo. O bordo remata com um lábio de perfil arredondado e secção oval. O fundo é formado por um falso pé, baixo e curto, de desenvolvimento anelar e assentamento radial. Decoração organizada em duas bandas inscritas na face inferior do reservatório que integram motivos geométricos que se repetem numa composição simétrica. A primeira, mais larga encontra-se dividida em espaços iguais por caneluras verticais onde se organizam três círculos concêntricos. A segunda, alterna triângulos, círculos e rectângulos respectivamente. Pasta de compactação mediana de constituição laminar revelando uma cozedura homogénea. Elementos não-plásticos em pouca abundância compostos essencialmente por mica e feldspato. Cor uniforme (P25). Superfície de textura irregular, muito degradada, com polimento irregular. Cor homogénea (R13). Pasta do Grupo 1 (vol. II, est. CXXXV, n.º 6).
Dim. - Diâmetro máximo 290 mm; Altura máxima 147 mm; Espessura máximo do bordo 7 mm.
Capacidade - 3 807, 72 cm^3 / 3, 80 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, 96, n.º 181.

7. Alv. 93 A, op. 104 - Fragmento de bordo com lábio grande, esvasado. Parede lisa de tigela tipo forma 37B Tardia, *séc. IV-V*. Pasta bem depurada, pouco compacta e friável, de estrutura laminar com cozedura uniforme. Poucos elementos não-plásticos bem calibrados de pequena dimensão. Pasta do Grupo 1 (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

8. Alv. 97 B2, A2, op. 78 - Fragmento de fundo curvo de tigela tipo forma 37 Tardia, *séc. IV-V*. Pasta bem depurada e compacta. Poucos elementos não-plásticos bem calibrados de pequena dimensão. Superfície friável e degradada, com polimento irregular. Pasta do Grupo 1 (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

9. Alv. 98 B1, A1, op. 169 - Fragmento de bordo de reduzidas dimensões de tigela tipo forma 37B Tardia. Parede muito fina e bordo espessado, de perfil triangular e muito inclinado para o exterior, *séc. IV-V*. Pasta compacta, leve, de estrutura laminar praticamente isenta de elementos não-plásticos. Superfície deteriorada, muito rugosa. Poucos elementos não-plásticos bem calibrados de pequena dimensão. Pasta do Grupo 2 (vol. II, est. CXXXV, n.º 9).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 160 mm; Espessura máxima do bordo 8 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 1, camada 2.

10. Alv. 97 B2, op. 31 - Fragmento de parede e fundo de tigela tipo forma 37 Tardia. Parede curva com espessura irregular, rematada por fundo formado por pé anelar curto de perfil trapezoidal. Decoração organizada em bandas, composta por círculos concêntricos intercalados por motivos vegetais encimadas por baquetas rectangulares. Na segunda banda identifica-se apenas um círculo. Pasta de compactação mediana de constituição laminar revelando uma cozedura homogénea com vacúolos alongados. Elementos não-plásticos em pouca abundância, compostos por mica e feldspato. Cor uniforme. Superfície de textura irregular, muito degradada, com polimento irregular. Pasta do Grupo 1, (vol. II, est. CXXXV, n.º 10).
Dim. - Diâmetro máximo exterior do fundo 94 mm; Espessura máximo 10 mm; Diâmetro máximo do fundo 64 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo,* Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

Taça com aba (11-12)

11. Alv. 95 B, A4, op. 35 - Fragmento de bordo com aba de taça de forma indeterminada, *séc. IV - 1ª metade do séc. V*. Pasta dura, bem depurada e compacta. Cozedura irregular revelando um núcleo escuro. Elementos não-plásticos poucos abundantes. Superfície corroída. Pasta do Grupo 2 (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 0.

12. Alv. 92 A, Ig. 530 - Fragmento de aba decorada de taça/prato de forma indeterminada. Fragmento de bordo com aba decorada com roletado grosso, hispânica tardia, *séc. IV-V* . Pasta bem depurada e compacta. Cozedura irregular revelando um núcleo escuro. Superfície polida muito degradada. Pasta do Grupo 2 (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. Pátio, corte estratigráfico 12, camada 0.

Prato ou taça (13-16)

13. Alv. 96 A4, op. 394 - Fragmento indiferenciado de fundo espesso com moldura hispânica, prato ou taça, hispânica tardia, *séc. III-IV*. Pasta bem depurada e pouco compacta. Cozedura irregular revelando um núcleo escuro. Superfície medianamente polida. Pasta do Grupo 1 (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. ?, corte estratigráfico 1, camada 1.

14. Alv. 92 A, op. 47 - Fragmento de forma indeterminada de bordo com lábio e ressalto a meio da parede de prato ou taça sem aba, hispânica tardia. Pasta bem depurada e compacta com poucos elementos não-plásticos. Cozedura homogénea com acabamento irregular com a superfície medianamente polida. Pasta do Grupo 1 (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. I, corte estratigráfico 12, camada 1.

15. Alv. 93 A, op. 54 - Fragmento de forma indeterminada. Fundo e pé de taça ou prato, hispânica tardia, *séc. IV-V*. Pasta bem depurada e compacta. Cozedura irregular. Elementos não-plásticos abundantes compostos por pontos de calcite. Pasta do Grupo 2 (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

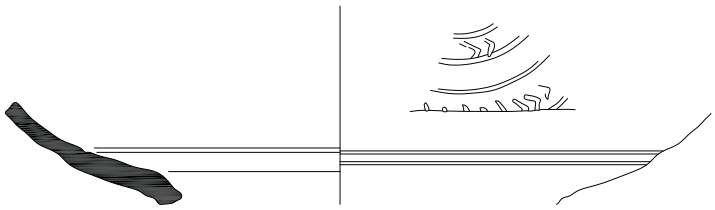
16. Alv. 92 A, Ig. 4116 - Fragmento de forma indeterminada. Fundo curvo com pé baixo de prato ou taça, hispânica tardia, *séc. III-IV*. Pasta compacta e bem depurada de estrutura laminar. Cozedura regular. Superfície integralmente polida Pasta do Grupo 2, (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 13, camada 1.

Taças (17)

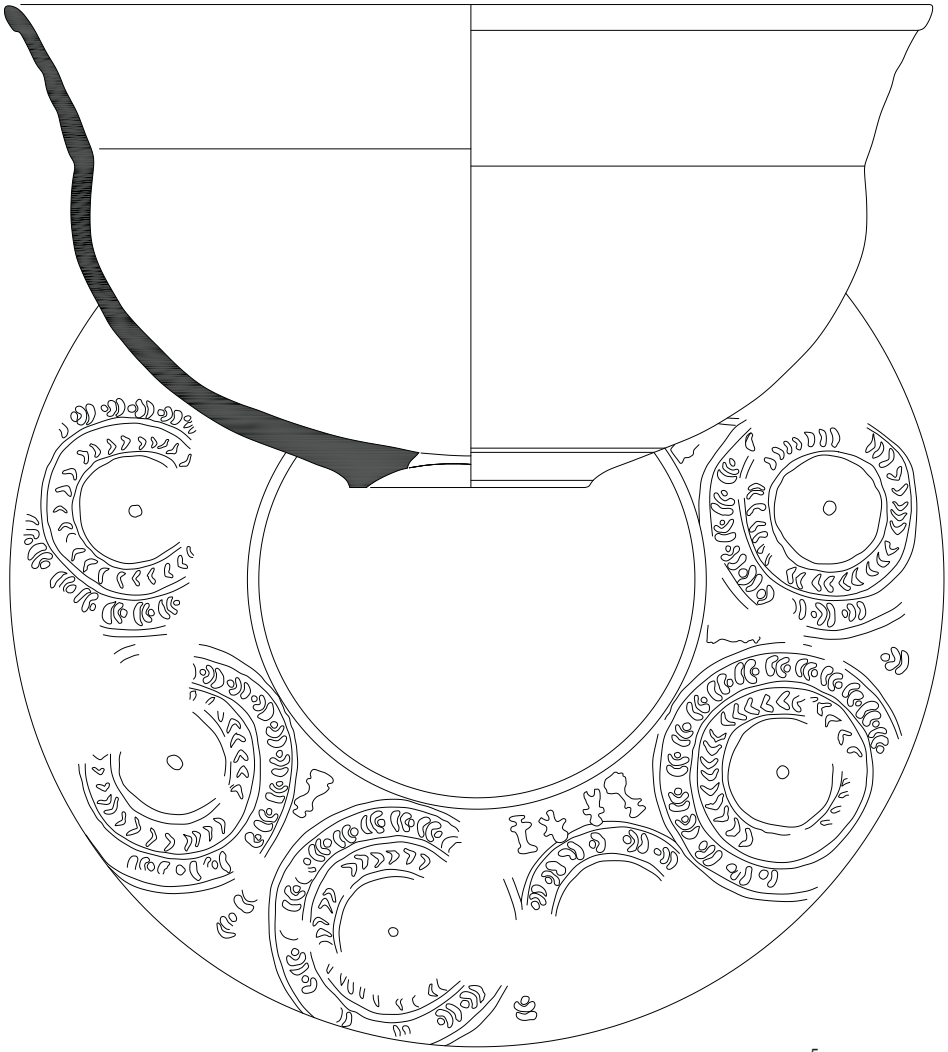
17. Alv. 96 A3,op. 198a - Fragmento de forma indeterminada. Parede com caneluras externas de taça, hispânica tardia, *séc. IV-V*. Pasta de baixa compactação de constituição laminar e cozedura pouco homogénea. Elementos não-plásticos compostos por pequenas partículas de feldspato e mica. Superfície levemente deteriorada com polimento irregular Pasta do Grupo 2 (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IV-V , *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 0.

Prato com aba (18)

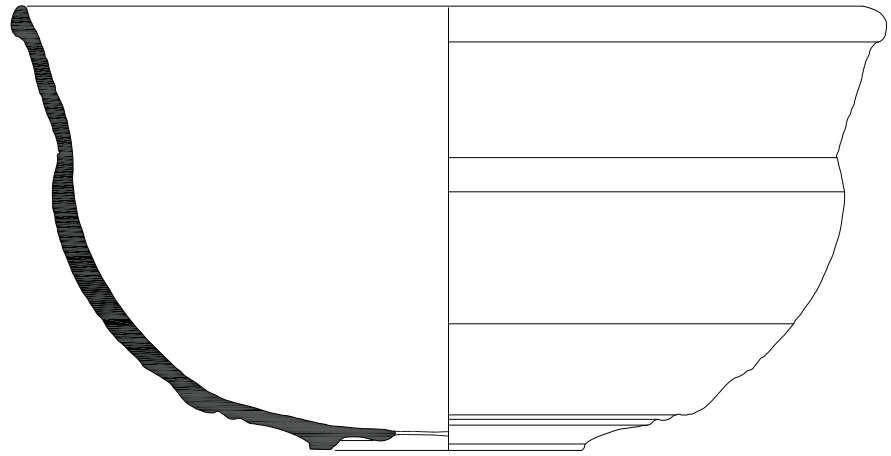
18. Alv. 86B, A1, op. 91 - Fragmento indiferenciado de bordo de prato de hispânica tardia, *séc. III-IV*. Pasta bem depurada e compacta. Superfície polida muito degradada. Cozedura irregular revelando um núcleo escuro Grupo 2 (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. III, Fase ?, corte estratigráfico 1, camada 0.

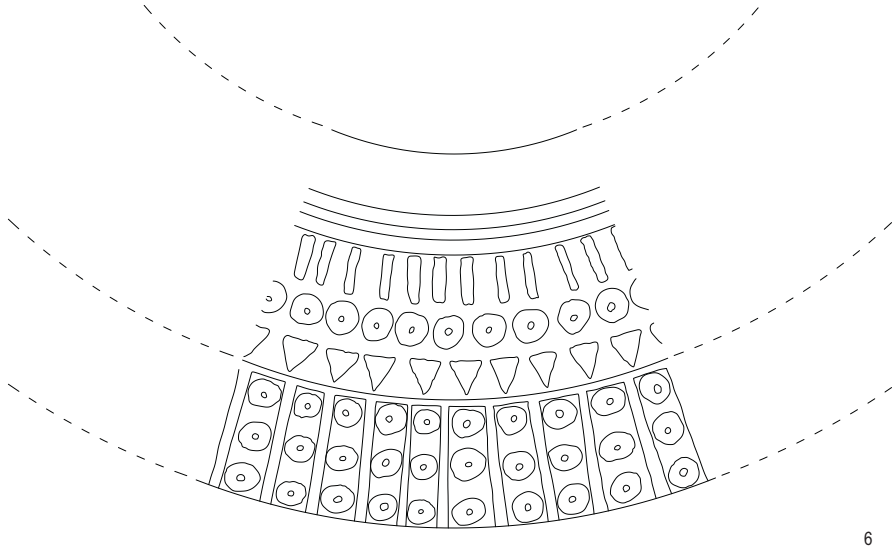


2

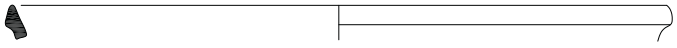


5

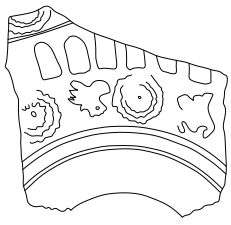




6



9



10

6.1.5. Terra sigillata africana

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

As produções cerâmicas designadas por *Terra sigillata africana*[695] constituíram na Fase IV e V a principal importação de materiais cerâmicos registada no *aglomerado urbano secundário* de Alvarelhos.

As primeiras referências consistentes a esta produção, levados a efeito por Waagé em 1933, documentam-se na publicação da cerâmica romana da primeira campanha de trabalhos realizados no Ágora de Atenas, constituindo um marco importante na sua identificação, estudo e classificação (WAAGÉ 1933). Uma década passada começaram a surgir estudos monográficos de classificação deste tipo de cerâmicas provenientes de contextos de escavação, reflectindo a sua ampla difusão que abrangeu praticamente a totalidade do império. Entre os estudos mais significativos encontram-se os trabalhos desenvolvidos por Nino Lamboglia (LAMBOGLIA 1941, 7-22; 1958, 257-330; 1963, 145-212; 1975, 119-131), por Carandini (CARANDINI 1967-68, 25 - 61; CARANDINI; PANELLA 1973, 327-340; CARANDINI; TORTORELLA; SAGUI; TORTORICI 1981, 9-227), por Hayes (HAYES 1972; 1980), por Gandolfi (GANDOLFI 1983, 53-149) e, mais recentemente, por Vázquez (VÁZQUEZ 1987), e Totorella (TORTORELLA 1987, 279-327), e Paz Peralta (PERALTA 1991, 173-203).

No convento bracaraugustano não existem estudos de carácter tipológico exclusivos desta produção quer resultantes da análise de conjuntos cerâmicos de assentamentos intervencionados quer de estudos de colecções de museus, desconhecendo-se, portanto, a sua relevância no comércio de longo curso, assim como as eventuais repercussões associadas ao comércio com o mediterrâneo oriental.

Para efeitos de classificação dos grupos cerâmicos adoptamos a metodologia definida por Nino Lamboglia que estabelece três fabricos A, B e C (LAMBOGLIA 1958, 257-330; 1963, 145-211), cujos critérios foram unanimemente adoptados outros investigadores, como, por exemplo, Manuela Delgado (DELGADO 1975, 249-342), e Paz Peralta (PERALTA 1991, 173-203). Para efeitos de classificação tipológica e atribuição cronológica adoptamos o estudo de Hayes (HAYES 1972). Isolamos 183 fragmentos provenientes dos diferentes espaços intervencionados, que permitiram a classificação de 90 fragmentos e a identificação de 8 formas.

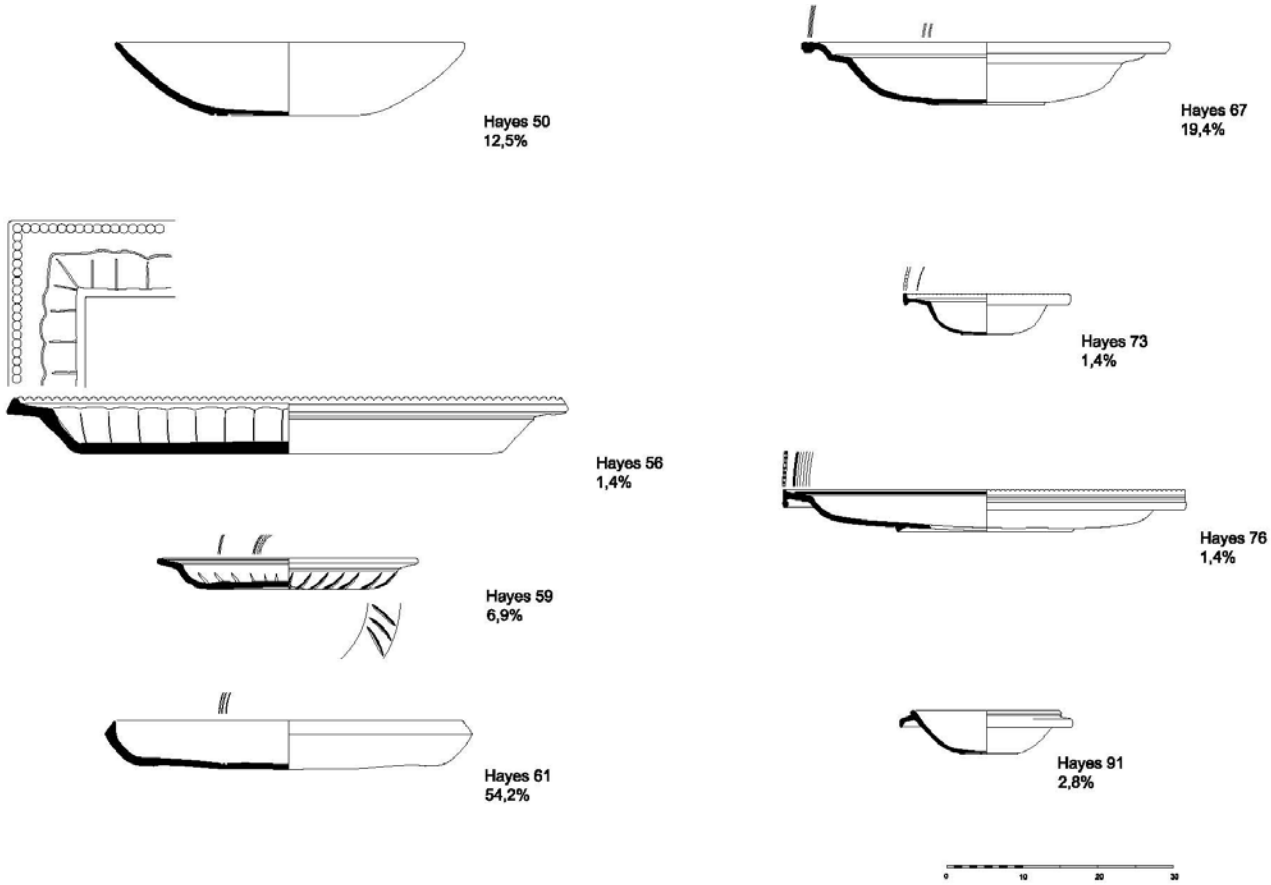
Correspondência de formas

Hayes	Lamboglia	Quantidade	%	Cronologia
50	40	9	12,5	A 230 – 240 | B 350 – 400+
56	-	1	1,4	360 – 430
59	51	5	6,9	A 320/380 – 400 | B 320 – 420
61	53 e 54	39	54,2	A 325/400 – 420 | B 400 – 450
67	42	124	19,4	360 – 470
73	57	1	1,4	420 - 475
76	57	1	1,4	425 - 475
91	24/25 – 38	2	2,8	A 450 - 500

* Valores ponderados para um horizonte de 183 fragmentos, sendo que 92 fragmentos estão classificados como indeterminados e 29 de classificação duvidosa. Não se encontrando contabilizados – forma 50 A ou B - 1; forma 59 - 1; forma 61 - 5; forma 61, 67 ou 68 - 22;

[695] Designação adoptada e largamente difundida após a publicação dirigida por Carandini incluída no *Atlante delle Forme Ceramiche* (Atlante), trabalho que unificou critérios e tipologias, na qual se estabelece um ordenamento das formas em função da sua serventia, se procede à revisão das cronologias anteriores e se incluem novas produções, ultrapassando-se assim a designação utilizada por J. Hayes com a qual se conheceu esta produção – *African Red Slip Ware.*

Quadro sinóptico



Terra sigillata africana «fabrico C»

A terra sigillata africana «fabrico C» encontra-se apenas representada de forma residual. Tal facto poderá ter ficado a dever-se ao facto da comercialização desta louça, proveniente de Byzacena (NOLEN 1994, 100) não ter conhecido grande expressão em todo o noroeste. A sua produção começa por volta do ano 200 na zona central da Tunísia, sendo um dos produtos mais antigos a designada cerâmica de *El Aouja* (PERALTA 1991, 174). O seu fabrico, de acordo com as principais tipologias distingue quatro grupos[696] – C^1, C^2, C^3, C^4.
Identificamos apenas catorze fragmentos sendo quatro deles de forma indeterminada, nove pertencem à forma Hayes 50 e um exemplar pertence à forma Hayes 73.
Infelizmente, os dados estatísticos que nos podem servir de comparação, não provem de sítios arqueológicos da área meridional do convento bracaraugustano, como conviria. Efectivamente, à semelhança de outras produções ou fabricos, os dados são de tal ordem fragmentários e estratigraficamente descontextualizados que, de momento, não é possível mais que uma abordagem de

[696] C^1 – Pasta fina e dura de textura arenosa. Superfície lisa, muito brilhante, de cor de alaranja escuro. O engobe cobre apenas o interior e o rebordo externo. A sua fabricação data do princípio do séc. III até 320/330; Grupo C^2 – Pasta fina de estrutura laminar de cor rosácea. O engobe é fino, com pouco brilho. Superfície alisada com engobe no interior e parte do rebordo exterior, raramente ocupando a totalidade das peças. O início da sua produção é contemporâneo do grupo C^1; C^3 – Pasta granulosa de cor vermelho-escuro ou púrpura. O engobe é menos fino que nos grupos anteriores e pouco brilhante apenas cobrindo a face interior e parte do rebordo exterior da peça. Enquadra-se no último período de actividade desta produção com início por volta do ano 350, mantendo-se em produção até meados do séc. IV; C^4 - Pasta ligeiramente granulosa de cor vermelho-alaranjado, vermelho ou rosácea. Engobe denso com brilho (PERALTA 1991, 174-175).

carácter indicativo da sua presença. De qualquer forma, importa referir que, por exemplo, em *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses, os pratos/prateiras da forma Hayes 50, constituem a forma de maior expressão das sigillatas africanas, ressalvando-se o facto de desconhecermos o quantitativo global e a percentagem em se encontra representada relativamente a outras produções de sigillatas.

Hayes 50 / Lamboglia 40 (1-9)
Prato / Prateira

Os pratos tipo Hayes 50 (HAYES 1972, 69-73, fig. 12) subdividem-se em tipo A e tipo B, com correspondência na tipologia de Lamboglia no tipo 40 e 40A[697].
Constitui uma forma muito comum encontrando-se amplamente difundida na costa mediterrânica e atlântica. Apresenta uma forma relativamente simples cujos rasgos morfológicos gerais se definem a partir de uma parede recta de desenvolvimento oblíquo rematada por lábio pontiagudo. O fundo é plano, podendo em alguns casos ser ligeiramente convexo, com pé curto formado por anel de secção rectangular. O bordo oscila entre 200 mm e 400 mm de diâmetro.
O tipo A morfologicamente constitui uma forma de recorte simples, composta por uma parede esvasada de desenvolvimento recto ou levemente arqueada, que se une à base em ângulo. A parede é rematada por um lábio não diferenciado de secção pontiaguda. O elemento de apoio configura-se a partir de um diâmetro amplo, plano ou levemente côncavo, destacado por uma moldura, em forma de falso pé. Esta versão frequentemente apresenta o lábio biselado, pouca espessura nas paredes. As pastas são finas e depuradas do tipo C1 e C2. Os pratos tipo B, apresentam um diâmetro mais reduzido, com bases sem pé, paredes mais grossas e pastas menos depuradas. A cronologia proposta por Hayes não sofreu alterações posteriores balizando-se a produção do tipo A entre 230/240 e 360, enquanto para o tipo B, localiza-se entre 350 e 400 (HAYES 1972, 73).
Encontra-se profundamente difundida em ambas as variantes podendo ser identificada a sua presença na necrópole das Caxinas, Vila do Conde (ALMEIDA 1973, 213, est. II, n.º 2), em Braga, na Zona das Carvalheiras, com horizonte cronológico da segunda metade do séc. III (DELGADO; LEMOS 1985, 163, est. VI, 22), e em *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses, na última fase de ocupação das termas (DIAS 1997, 49, 59-60), onde, à semelhança de Conímbriga, parece constituir a forma predominante, num repertório limitado e pouco expressivo.

A sua forte aceitação deu origem a que fosse amplamente produzida no fabrico de c*erâmica de engobe vermelho não vitrificável*. Os pratos de inspiração da forma tipo Hayes 50 A e B (HAYES 1972, 69-73, fig. 12) são particularmente frequentes, constituindo, à semelhança do seu protótipo de inspiração, uma forma relativamente bem representada na região. Identificamos 1 exemplar no conjunto de materiais provenientes da necrópole das Bicas, Vila Nova da Telha, Maia (vol. I, est. XXIII, n.º 5), e no acervo de Alvarelhos 4 exemplares, n.º 14, 15, 16 e 18 (vol. II, est. CXLI, 14-15; CXLII, n.º 16-18)[698].
Constituiu a forma de maior representação do fabrico C, encontrando-se relativamente bem documentada na gama das formas da terra sigillata africana identificada em Alvarelhos.

[697] Para Gandolfi constituem também formas distintas correspondendo o tipo A à forma 54 e o tipo B à forma 53 (GANDOLFI 1983, 81).
[698] Os exemplares 15, 16 e 18 (est. CXLI, n.º 15; est. CXLII, 16, 18), são pratos de menores dimensões e assemelham-se a forma Hayes 50 B, variante tardia (HAYES 1972, 71-73, n.º 61), cuja cronologia sugerida é de 350-400. No entanto, os nossos exemplares, particularmente os n.º 16 e 18 apresentam algumas características que os afastam da forma original. A parede pouco esvasada e rematada com bordo espessado com lábio reentrante distingue-se das paredes quase oblíquas dos exemplares ilustrados por Hayes, formando uma forma híbrida com a forma 61, mas indiscutivelmente mais próxima da primeira.

Hayes 50A / Lamboglia 40 (1-5)
Prato

Com a excepção do n.º 1, que pertence ao tipo A, grupo C1, de fabrico mais fino, os restantes exemplares n.º 2-5, correspondem ao tipo B, grupo C3. As produções tipo A surgem em 230/240 e as do grupo B a partir de 350. Os nossos exemplares provenientes do *Complexo Artesanal* e *Domus da Lucerna do Golfinho*, respectivamente, enquadram-se na Fase IV e IV-V, sendo, *grosso modo*, coincidentes com as cronologias propostas. Em Conímbriga, onde esta forma é particularmente abundante (DELGADO 1975, 256, est. 45, n.º 18-23), verifica-se o seu aparecimento em meados do séc. III, prolongando-se a sua presença ao longo do séc. IV. Em Balsa, os três exemplares publicados enquadram-se também no tipo B, apresentando pastas tipo C2 e C3 (NOLEN 1994, 100, est. 21, n.º 24-26). Em assentamentos mais próximos de nós assinale-se o seu aparecimento em Braga, na Zona das Carvalheiras, com horizonte cronológico da segunda metade do séc. III (DELGADO; LEMOS 1985, 163, est. VI, 22), em *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses, na última fase de ocupação das termas (DIAS 1997, 49, 59-60).

Hayes 50 A ou B (6)
Prato

Identifica-se apenas por um fragmento de bordo – n.º 6 –, não sendo possível identificar o seu diâmetro. Contudo, a constituição da pasta e a espessura da parede aproximam-no ao tipo A. O seu enquadramento estratigráfico permite uma classificação genérica no séc. IV princípio do séc. V (Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*).

Hayes 50 B / Lamboglia 40A (7-9)
Prato

Os pratos de tipo B são constituídos por três exemplares – n.º 7-9 –, correspondem formalmente ao morfotipo do subtipo, apresentando um diâmetro mais reduzido, as paredes mais grossas e as pastas menos depuradas. A cronologia proposta por Hayes baliza-se entre 350 e 400 (HAYES 1972, 73), cujo enquadramento estratigráfico dos nossos exemplares confirma uma, vez que integram a Fase IV da *Praça* e a Fase IV-V do *Decumano*.

Hayes 73 A / Lamboglia 57 (10)
Taças

Identificamos apenas um exemplar – n.º 10 (vol. II, est. CXXXVI, n.º 10). Formalmente caracteriza-se por possuir um perfil contracurvado, formado por uma parede curvilínea que compõe um reservatório hemisférico apoiado num pé anelar curto e estreito de secção rectangular, posicionado junto da curvatura da parede. O bordo é formado por uma aba bem proporcionada, levemente descendente, decorada por caneluras concêntricas, rematado por um lábio espesso de secção trapezoidal, assimétrico, com arestas arredondadas, sendo a superior mais prolongada e geralmente decorada com losangos recortados, formando um friso contínuo ou organizado em pequenos grupos. Hayes distingue dois tipos (HAYES 1972, 121-124, fig. 21). O primeiro, tipo A, apresenta o topo do bordo liso, conservando apenas os entalhes em forma de losango na face superior do lábio. O tipo B constitui uma ocorrência rara e apresenta a decoração no meio da aba e o lábio configura uma secção rectangular com as arestas suavizadas. Apesar de não sugerir

datações diferenciadas, considera o tipo B mais frequente em época tardia. Integrava o serviço com a forma Hayes 76[699].

O nosso exemplar forma um perfil completo e possui aba horizontal com três caneluras de perfil rectangular, paralelas entre si e lábio amendoado, decorado por grupos de quatro caneluras transversais de formato trapezoidal. Pertence ao tipo mais antigo da forma 73. Apesar do autor datar o período de produção da forma entre 420 e 475, são conhecidos exemplares em Moosberg, Alemanha, em níveis de finais do séc. IV. É uma forma particularmente difundida na Europa continental sendo conhecidos vários exemplares provenientes de Tarragona (CARANDINI; TORTORELLA; SAGUI; TORTORICI 1981, 73), Mérida (VÁZQUEZ 1987, 44), e Saragoça (PERALTA 1991, 195, fig. 85, n.º 79). Os exemplares mais próximos de nós, que podem servir de paralelo e confronto cronológico, são procedentes de Conímbriga (DELGADO 1975, 256-257, est. LXXII, n.º 86), cronologicamente integrados na segunda metade do séc. V.

O nosso exemplar provém da Fase IV-V (*Domus da Lucerna do Cavalo*), enquadrando, portanto, a cronologia proposta, correspondendo às produções da primeira metade do séc. V.

Constituiu uma forma de relativo sucesso como sugere a sua reprodução nas imitações locais em *cerâmica de engobe vermelho não vitrificável*, encontrando-se bem representada em Alvarelhos, assim como nas necrópoles da região[700], onde constitui um grupo morfológico homogéneo de boa qualidade quer ao nível da constituição da pasta quer do acabamento e do engobe, apesar de nenhum dos exemplares ser decorado com as características incisões em forma de losango na face superior do lábio (vol. II, est. CXLI, n.º 8, 12).

Terra sigillata africana «fabrico D»

A terra sigillata africana «fabrico D» encontra-se muito bem representada. Identificamos 171 fragmentos, dos quais 78 são indeterminados, 1 pertence à forma Hayes 56; 4 à forma Hayes 59; 1 à forma Hayes 59?; 5 à forma Hayes 61; 28 à forma Hayes 61A; 1 à forma 61B; 5 à forma Hayes 61?; 13 à forma 67; 22 indiferenciadamente às formas Hayes 61, 67, 68 ?; 1 à forma Hayes 76; e 2 à forma Hayes 91.

A produção do «fabrico» teve início nas primeiras décadas do séc. IV e ter-se-á prolongado até ao séc. VII, na região de Cartago[701] que durante um largo período irá dominou a produção da terra sigillata africana. Vulgarmente designada *sigillata clara D*, cujas características a indicam como sucessora da antiga produção A, foi distinguida em três grupos de pastas[702] – D^1, D^2, $D^{1/2}$. Indiscutivelmente constitui a importação de maior preponderância do conjunto das sigillatas africanas importadas para o noroeste, bem patente no acervo identificado em Alvarelhos.

A sua pasta genericamente caracteriza-se por ser ligeiramente granulosa, com abundantes elementos não-plásticos de calibre irregular, compostos essencialmente por quartzo. A superfície revela um engobe menos brilhante que a sua predecessora que, geralmente, não cobre a totalidade da superfície exterior das peças e apresenta uma certa variabilidade na cor. Os tons oscilam entre o alaranjado, vermelho-alaranjado, vermelho forte e rosáceo.

[699] HAYES 1972, 121-124, fig. 21.

[700] Necrópole da Forca, Gemunde, Maia (est. XXI, n.º 16).

[701] Entre outros centros de fabrico identificam-se oficinas situadas em Oudna, Uthina e no norte da Tunísia em Mahrine (MACKENSEN 1985, 29-39).

[702] D^1 – pasta grosseira e engobe pouco brilhante, com uma gama reduzida de cores; D^2- pasta de calibre grosseiro com engobe de qualidade mediana, espesso e mais brilhante, de cor alaranjado ou vermelho; $D^{1/2}$ – pasta de constituição intermédia entre os grupos D^1 e D^2.

Pratos ou prateiras tipo Hayes 56 (1)

A prateira tipo Hayes 56 (HAYES 1972, 83-91, fig. 13, n.º 23; 1980, 485) não constitui uma ocorrência muito frequente no noroeste, verificando-se uma presença mais intensa na costa mediterrânica e atlântica e, com menor expressão no interior da península (VÁZQUEZ 1987, 56). Trata-se de um prato moldado de recorte rectangular com bordo horizontal ou levemente pendente, frequentemente decorado com pérolas na face superior do lábio e decoração estampada no fundo, acompanhadas por motivos recortados manualmente. O reservatório é recortado e relativamente baixo com fundo plano. A base é composta por um pé alto de desenvolvimento vertical de secção trapezoidal. As pastas em que é produzido destacam-se das produções do fabrico D, constituindo um fabrico intermédio de qualidade superior que deverá ser enquadrado no grupo C/D.
Este prato, frequentemente decorado no fundo interno com motivos figurativos e por vezes com inscrições incorporadas, tem como base cronológica o período balizado entre 360-430 (HAYES 1972, 83-91), embora sejam conhecidos exemplares de Cartago com horizontes cronológicos da época de Teodósio (TORTORELLA 1987, 305), e os mais tardios, provenientes de Saragoça, em contextos da segunda metade do séc. V (PERALTA 1991, 183, 187, fig. 79, n.º 50).
Constitui uma forma relativamente pouco frequente (VÁZQUEZ 1987, 59). Entre os paralelos mais próximos identifica-se um exemplar proveniente do nível A e B do teatro romano de Saragoça, enquadrado estratigraficamente num horizonte cronológico datado da segunda metade do séc. V (PERALTA 1991, 183, 187, fig. 79, n.º 50).

Identificamos apenas um exemplar próximo do tipo Hayes 56 – n.º 1 (vol. II, est. CXXXVI, n.º 1) –, cuja morfologia não se enquadra directamente no protótipo tunisino. Possui formato rectangular com depósito oval e fundo plano desprovido de pé. Possui aba horizontal plana decorada nas faces laterais com pérolas e nas faces anterior e posterior com um friso. O bordo, arredondado e espesso, é marcado no interior por canelura interna. Estratigraficamente o nosso exemplar enquadra-se na Fase V (*Domus do Complexo Artesanal*), remetendo-nos para uma cronologia aproximada ao exemplar de Saragoça.

Os paralelos portugueses publicados são relativamente escassos e apresentam pequenas variantes em relação ao protótipo que integra a tipologia. Entre outros, encontra-se um exemplar proveniente do castro de Guifões, Matosinhos (ALMEIDA; SANTOS 1974, 52, est. I, 4), que difere do nosso exemplar por apresentar as paredes gomadas, assim como o exemplar proveniente do castro de Fiães, Vila da Feira (ALMEIDA, 1973, 14-15; ALARCÃO; HIPOLITO; ALARCÃO 1975, 147, est. XI)[703], em cujo estudo se refere a existência de exemplares idênticos depositados no Museu Nacional de Arqueologia provenientes de Tróia. Também de Conímbriga se conhece um exemplar morfologicamente afim ao prato/prateira gomada de Fiães, cujas características formais também não permitem uma classificação directa na forma Hayes 56 (DELGADO 1962, 113-114, est. VIII, n.º 98)[704].

Paralelos formais e tipologicamente idênticos ao nosso identificam-se em Fiães, Vila da Feira, em três exemplares que permitem a reconstituição do perfil e um deles a reconstituição integral da forma (ALMEIDA

[703] Ainda provenientes do castro de Fiães, Vila da Feira, encontram-se publicados outros quatro fragmentos cuja reconstrução formal permite admitir semelhanças com o nosso exemplar, nas quais se identifica um reservatório de recorte oval, com fundo de assentamento pleno, desprovido de pé. A decoração aplicada de pérolas apenas na faces longitudinais do bordo e nas faces transversais um sulco (ALMEIDA 1972, 199-200, est. IV, n.º 5-8; est. VI, 1-2). À semelhança do nosso exemplar o fabrico é cuidado com pasta muito depurada com acabamento muito polido e brilhante. Pela ausência de paralelos o autor sugere uma datação posterior ao séc. IV.
[704] A autora refere a ausência da forma na tipologia de Lamboglia, mencionando como paralelos os materiais de Tipasa publicados por Baradez (BARADEZ 1961, 124, est. II, n.º 45).

1972, 199-200, est. IV, 5-8). As pastas e as superfícies revelam uma produção relativamente irregular. Nos termos da descrição do autor identificam-se " (…) *pasta, de cor tijolo-vivo, é apurada e muito bem cozida. O engobe é alaranjado e na parte superior está polido e brilhante* (…)[705]; (…) *pasta de má qualidade, com muita areia e pouco apurada, foi polida só na parte interna da peça. Tem engobe só na parte superior, apresentando uma coloração de vermelho alaranjado* (…)[706]; (…) *pasta friável, é pouco apurada e tem uma cor de alaranjada, desbotada. O engobe um pouco mais avermelhado e intenso está mais ou menos conservado na parte interna* (…)[707]. Pela constituição e características da pasta o nosso exemplar aproxima-se ao exemplar n.º 15[708].
Por último, recentes escavações na área arqueológica romana de Monte dos Saltos, Sequeirô, Santo Tirso, revelaram um conjunto significativo de sigillatas africanas de fabrico D, entre os quais um dos exemplares é constituído por um fragmento de bordo corresponde à forma Hayes 56, em tudo semelhante ao nosso, quer quanto à forma quer quanto constituição da pasta (MENÉNDEZ; TEIXEIRA; FONSECA 2002, 11, fig. 4)[709].

Hayes 59 / Lamboglia 51, 51A (2-6)
Pratos / Prateiras

Inclui-se no grupo de recipientes cuja morfologia os relaciona com a série africana de pratos e prateiras sem pé ou com pé atrofiado atribuíveis ao séc. IV e V. Genericamente, caracteriza-se por possuir uma base plana, parede curva e bordo amplo a formar uma aba horizontal ou ligeiramente soerguida com lábio arredondado, frequentemente decorado no fundo com motivos estampados organizados no interior de círculos. O fundo é plano de assentamento directo, por vezes delimitado por uma carena angular a formar um falso pé. Apresenta uma dimensão muito variável podendo atingir 420 mm de diâmetro.
Hayes distingue dois tipos (HAYES 1972, 96-100, fig. 15). O primeiro, E1 A, com caneluras verticais no exterior da parede realizados durante a produção da peça, que produz ressaltos no interior. O segundo, E1 B, de parede lisa. Gandolfi estabelece quatro tipos distintos de bordo – 1, bordo com três "degraus" que descem para o interior, característico da segunda metade do séc. V; 2, aba plana com caneluras na face superior; 3, constitui a variante de Lamboglia 51 B (LANBOGLIA 1963, 195). Possui bordo liso, ligeiramente inclinado para o interior; 4, caracteriza-se por uma série de caneluras (GANDOLFI 1983, 72-76, fig. 3). Adoptando esta distinção os nossos exemplares integrar-se-iam no tipo 4, uma vez que todos eles revelam caneluras verticais na parede exterior do bordo.

São cinco os exemplares identificados com a forma tipo Hayes 59 (HAYES 1972, 96-10, fig. 15), sendo as peças n.º 2-5 (vol. II, est. CXXXVI, n.º 2, 4-5), do tipo E1 A, e a n.º 6, do tipo B.
São provenientes da *Domus da Lucerna do Cavalo e Complexo Artesanal,* respectivamente e integram-se na Fase IV-V, cuja amplitude cronológica abrange o séc. IV e a primeira metade do séc. V, coincidente, portanto, com a cronologia proposta por Hayes que sugere para o tipo A, um período de produção compreendido entre 320-380/400 e para o tipo B, entre 320-420 (HAYES 1972, 100).

[705] Exemplar n.º 15 (ALMEIDA 1972, 199, est. IV, 5).
[706] Exemplar n.º 16 (ALMEIDA 1972, 201, est. IV, 6).
[707] Exemplar n.º 17 (ALMEIDA 1972, 201, est. IV, 7-8).
[708] Pasta de estrutura laminar, compacta e bem depurada, com cozedura homogénea. Abundantes elementos não-plásticos, bem calibrados e de distribuição regular compostos por quartzo, mica, e, em menor quantidade, feldspato. Superfície bem acabada com polimento intenso e uniforme revelando um certo brilho e toque acetinado.
[709] O conjunto de materiais tardo-romanos recolhidos na intervenção revelam uma particular semelhança com os materiais provenientes de Alvarelhos, quer no que respeita às produções de cerâmica comum, quer no que respeita aos materiais de importação como, é o caso das sigillatas africanas. De âmbito regional serão as lucernas identificadas, nas quais encontramos um exemplar tipologicamente idêntico ao nosso exemplar n.º 10 (MENÉNDEZ; TEIXEIRA; FONSECA 2002, 10, fig. 3), de que já tínhamos referido um paralelo proveniente de Fiães (ALMEIDA; SANTOS 1972, 21, est. VI, n.º 1-2).

Os pratos tipo Hayes 59 constituem uma das formas mais frequentes e melhor difundidas no mundo romano encontrando-se bem representada a nível peninsular[710]. A sua ocorrência no noroeste peninsular é relativamente escassa, contando-se apenas, na área geográfica da Galiza com dois exemplares provenientes de Lugo, do tipo A e B (GASCÓN 1993, 298, fig. 1, 5-6), e na província da Corunha são conhecidos exemplares provenientes de *Iria Flávia*, do acampamento romano de Cidadela e da cidade da Corunha (PÉREZ 2004, 447, fig. 194, 611-612; fig. 195, n.º 613-614; fig. 196, n.º 615-616).

Os exemplares geograficamente mais próximos, nomeadamente provenientes de Conímbriga, onde constitui a terceira forma mais representada no conjunto da sigillata clara D, são datados através da cronologia sugerida por Hayes, não havendo referência ao seu enquadramento crono-estratigráfico. Situação idêntica sucede com um fragmento proveniente de Balsa, Tavira, do tipo A, cuja datação sugerida compreende o séc. IV e princípio do séc. V (NOLEN 1994, 100, est. 22, n.º 32). Em Braga, na Zona das Carvalheiras, é identificado um fragmento de bordo datado do séc. IV (DELGADO; LEMOS 1985, 162, est. 10)[711]. Em *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses, em toda a relação de materiais que comporta a leitura estratigráficas dos distintos espaços intervencionados – Fórum, Termas, Áreas habitacionais e Necrópole – é apenas mencionado um exemplar do tipo B, proveniente da área das termas, enquadrado na 2ª remodelação do edifício com cronologia *post* 334 / 336 (corte n.º 5 - Esgoto das termas) (DIAS 1997, 60). Conhece-se ainda um outro prato de perfil completo proveniente do castro de Guifões, Matosinhos, do tipo B, mas que não possui enquadramento estratigráfico (ALMEIDA 1974, 51, grav. 2). Mais a sul, provenientes do castro de Fiães, Vila da Feira, identificam-se dois outros exemplares com decoração estampada datados por referência à tipologia de Hayes (ALMEIDA 1972, 195-196, est. II, 8-9).

A produção local ou regional de *cerâmica com engobe vermelho não vitrificável* reflectiu a larga apetência por esta forma tendo sido, produzida em larga escala, reproduzindo fielmente a forma original, apresentando uma ampla distribuição geográfica[712].

Hayes 61 / Lamboglia 53, 54 (7-44)
Prato

Constitui a forma melhor representada com 36 exemplares, sendo trinta do tipo A, um exemplar do tipo B, e os restantes cinco de classificação duvidosa. Morfologicamente caracteriza-se por possuir um fundo plano com paredes arqueadas, bordo triangular, espesso, marcado por uma carena externa reentrante, rematado por lábio triangular. Hayes distingue dois tipos A e B, caracterizando-se o segundo, por revelar maior profundidade, paredes mais abertas e lábio vertical. No entanto, para Lamboglia e Gandolfi constituem

[710] Por exemplo, em Saragoça, encontra-se amplamente documentada em níveis da segunda metade do séc. IV e no séc. V, de acordo com as datações propostas para a forma (PERALTA 1991, 188-189, fig. 80, n.º 55-57; fig. 81, n.º 58-63). Em Conímbriga encontra-se também notavelmente registado (DELGADO 1975, 262-262, pl. LXVII, n.º 42-48)

[711] Citado por Naveiro Lopez como o único exemplar no NW hispânico (LOPEZ 1991, 45).

[712] Em Lugo encontra uma larga expressão, tanto em ambientes funerários como habitacionais, identifica-se como *Tipo I59 – Grandes fuentes engobadas, imitación de la forma Hayes 59* (IRASTORZA 2001, 375), onde se verifica uma assinalável variedade de bordos, em que a maior parte dos exemplares se encontram decorados, com cronologia proposta para meados do séc. IV a meados do séc. V. As produções portuguesas identificam-se em Conímbriga (DELGADO 1975, pl. LXXXV/VI, n.º 46-49), com variações na aba e bordo, como aliás acontece na produção original. Em Braga, os exemplares apresentados, não constituem imitações, mas sim exemplares inspirados nas peças originais (DELGADO 1993-94, 124). Mais próximo de nós, provenientes da necrópole da Boavista, Paços de Ferreira, são conhecidos dois pratos, um dos quais decorado com palmetas e círculos concêntricos do estilo decorativo A (iii) de Hayes, cujos protótipos tem como cronologia proposta o período compreendido entre 410 e 470 (SILVA 1986 b, 124, est. XXX, n.º 3). Do concelho de Amarante são também conhecidos dois exemplares com perfil muito próximo do protótipo de inspiração (PORTELA 1998, 31, 58, est. VII, 1-2; est. XXXIV, 6). Da necrópole tardo-romana das Caxinas, Vila do Conde, identifica-se um outro prato de qualidade e fidelidade formal assinalável, com uma gravação no fundo (ALMEIDA 1973, 215, est. III, 4). De Monte Mozinho, Penafiel, assinala-se a presença de dois exemplares provenientes do Sector B, que a autora identifica como imitações da forma 4 da terra sigillata hispânica tardia (SOEIRO 1984, 265, fig. CXXXVIII, n.º 1-2).
Em Alvarelhos os exemplares identificados (est. CXLII, n.º 19-21) enquadram-se na Fase IV-V, coincidindo com a cronologia proposta.

formas distintas correspondendo o tipo A à forma 54 e o tipo B à forma 53 (GANDOLFI 1983, 81). A cronologia sugerida por Hayes para o tipo A é 325-400/420 e 400-450 para o tipo B (HAYES 1972, 107).

Estes pratos, em particular a variante tipo A, são muito frequentes em todo o mundo mediterrânico e fachada atlântica. Eventualmente, terão constituído a peça de importação mais abundante em áreas que registam ocupação tardo-romana tendo inspirado a produção de *cerâmica de engobe vermelho não vitrificável* do séc. IV e V[713] e, a partir do séc. V, as produções hispânicas, designadamente a forma 83, que regista um recorte do bordo muito semelhante à forma tunisina. Por exemplo, em Conímbriga, com 111 fragmentos identificados, constitui a forma mais abundante de toda a gama de sigillatas africanas (DELGADO 1975, 263-264). Também na província da Corunha se encontra bem representado, registando-se exemplares provenientes de *Iria Flávia*, do acampamento romano de Cidadela e da cidade da Corunha (PÉREZ 2004, 447-450, fig. 197-198, n.º 617-621). Em Saragoça, onde se encontra amplamente representada reflecte as cronologias propostas, assim como as diferentes soluções dos bordos e lábios que a forma regista (PERALTA 1991, 189-193, fig. 83, n.º 69-72)[714].

São numerosos os paralelos que se registam na área meridional do convento bracaraugustano que servem de referência tipológica e cronológica para os nossos exemplares. Por exemplo, identifica-se um exemplar no castro de Guifões, Matosinhos, do tipo A com decoração do tipo Hayes 44 B (ALMEIDA 1974, 51, grav. 1, est. I, 1), três exemplares provenientes da necrópole de S. Brás, Paços de Ferreira, com um dos exemplares decorado com o estilo decorativo tipo Hayes A (ii) (SILVA 1986 b, 124, est. XXX, n.º 1-2), com datação entre 350-420; um exemplar proveniente do castro de Fiães, Vila da Feira (ALMEIDA 1972, 197), vários exemplares identificados em *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses, nomeadamente provenientes das termas (DIAS 1997, 60), e na necrópole do Bairral, Santa Leocádia, Baião (SEVERO 1905-1908, 423-424, fig. 12).

Os nossos 30 exemplares do tipo A, dos quais ilustramos quatro (vol. II, est. CXXXVII, n.º 10a, 12, 17, 20), constituem uma amostra significativa das pequenas variações detectadas nesta forma no que respeita a diâmetros e características do bordo. Particular destaque merece a peça n.º 20 que conserva o perfil completo. A decoração é organizada por três círculos concêntricos sendo a primeira orla constituída por quadrados reticulados tipo Hayes 67 (HAYES 1972, 241, fig. 42a), alternados por rosetas tipo 44 B (HAYES 1972, 239, fig. 41h). O círculo interno é decorado com palmetas ovóides dispostas radialmente a partir do círculo central do tipo estilo A1 (HAYES 1972, 229, fig. 38, 1a), alternado com rosetas nos espaços intercalares do tipo 44 B. O enquadramento estratigráfico dos nossos exemplares distribui-se pela Fase IV-V e V, não permitindo extrapolar conclusões de âmbito cronológico que alterem as cronologias estabelecidas.

Substancialmente diferente é o panorama que nos oferece o tipo B, no que respeita à quantidade em que se encontra representado. Em Conímbriga apenas se encontra representado por três fragmentos e na área meridional do convento bracaraugustano não encontramos qualquer paralelo.

Em Alvarelhos apenas se encontra representado por um único fragmento, n.º 45. O seu enquadramento crono-estratigráfico corrobora a cronologia sugerida por Hayes que remete a sua difusão para a primeira metade do séc. V.

---

[713] Como sucede com a produção africana, é a forma que encontra maior expressão percentual no fabrico de *cerâmica de engobe vermelho não vitrificável*, e que mais fielmente reproduz os originais. Em Alvarelhos encontram-se documentados cinco exemplares (est. CXLIII-CXLIV, n.º 22-27), estratigraficamente integrados na Fase IV-V, em concordância com a cronologia sugerida por J. Hayes (HAYES 1972, 107). Exemplares afins identificam-se também em Braga nas duas variantes A/B e na forma intermédia 61 A/B (DELGADO 1993-94, 124, est. V, n.º 21-24). Em Conímbriga os exemplares classificados como tipo Hayes 61 são apenas dois, com a particularidade do n.º 34 apresentar um lábio boleado e marcado para o exterior, distinto das características do morfotipo *(*ALARCÃO 1976, 319, pl. LXXXIII, n.º 23-24). Nas necrópoles de Amarante identifica-se me Gondar, Vilela, Leça e Paneleiros (PORTELA 1993, 31, est. XXVI, n.º 1).

[714] A propósito da sua difusão peninsular Paz Peralta elabora uma listagem das ocorrências mais significativas na geografia espanhola, bem ilustrativa da significativa aceitação que a forma revelou na área peninsular (PERALTA 1991, 193).

Hayes 67 / Lamboglia 42 (45-57)
Pratos / Prateiras

O prato ou prateira tipo Hayes 67 é considerado como uma das formas mais difundidas na segunda metade do séc. IV e primeira metade do séc. V, identificando-se a sua presença em toda a geografia peninsular[715]. Caracteriza-se pelo seu bordo moldurado e ascendente rematado por lábio espessado, frequentemente marcado no interior por um friso. Revela um perfil sinuoso com paredes arqueadas e fundo plano vincado por uma estria profunda no exterior formando um pé falso. Quando decorada, os motivos estampados são do estilo A. Hayes sugere um a cronologia geral para a forma balizada entre 360-470, apresentados três grupos distintos em função da sua decoração com cronologia balizada entre 360-420 para o estilo A (ii); 400-450 para o estilo A (iii) e 450+ para os motivos simplificados com apenas um motivo (HAYES 1972, 112-116, fig. 19). Os seus precedentes em vasilhame metálico estão datados desde o ano 324 (HAYES 1980, 519).

Encontra uma difusão muito assinalável em Portugal, sendo conhecidos cinco prateiras que constituem paralelos para os nossos exemplares, nomeadamente provenientes de Balsa, Tavira, embora, pela ausência de decoração, a sua cronologia seja mais ampla abrangendo a segunda metade do séc. IV e princípios do séc. V (NOLEN, 1994, 101, est. 21, n.º 34-36). Em S. Cucufate, Vidigueira, num horizonte de 330 peças identificadas 20 pertencem à forma Hayes 67 (ALARCÃO, ÉTIENNE; MAYET 1990, 48, fig. 6). Em Conímbriga encontra-se amplamente representada, apesar da ausência de fundos decorados impedir qualquer aproximação aos grupos estabelecidos por Hayes. Dos exemplares ilustrados distinguem-se pequenas variações ao nível do bordo e aba interna, espessuras dos lábios e diâmetro máximo das peças que são também apreciáveis nos exemplares identificados em Alvarelhos.

Também na província da Corunha se regista a sua presença, ainda que de forma episódica, aparentemente em contradição com a relativa abundância na área meridional do convento bracaraugustano. Identifica-se apenas um exemplar proveniente da Torre de Hércules, Corunha (PÉREZ 2004, 451-452, fig. 200, 623), e um outro proveniente da *villa* romana de Noville, Mugardos, que o autor identifica a partir do perfil do bordo datando-o do séc. V (LOSADA 1992, 64, fig. VI, n.º 12).

Na região em que se desenvolve o âmbito do nosso estudo não são muitos os exemplares conhecidos que possam, de alguma forma, contribuir para uma aferição da cronologia proposta. Refira-se, no entanto, um exemplar documentado na necrópole de S. Pedro da Lomba Amarante, decorada com círculos concêntricos (estilo A (ii)), cuja cronologia se baliza entre 360-420 (JORGE 1995, 202, est. II, n.º 1).

No interior do espaço geográfico abrangido pelo presente trabalho, regista-se um prato no conjunto de materiais da necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado (vol. I, est. XXIV, n.º 13), ainda que não se encontre decorada constitui uma referência cronológica importante para definir a etapa cronológica dos enterramentos.

Apesar da sua ampla difusão e representatividade, não constituiu uma forma reproduzida em cerâmica comum, nomeadamente dos fabricos que denominamos por *cerâmica de engobe vermelho de verniz não vitrificável*, de que só conhecemos um exemplar proveniente da necrópole de Gulpilhares, Vila Nova de Gaia (LOBATO 1995, est. XI, n.º 32). Trata-se de uma prateira que imita com fidelidade o original no que respeita a dimensões e nos principais elementos morfológicos característicos desta forma, nomeadamente o bordo escalonado em duas abas com lábio engrossado e vincado por friso interno, assim como o fundo plano marcado por uma estria profunda no exterior formando um pé falso.

Os nossos exemplares – n.º 45-57 –, dos quais ilustramos seis peças, n.º 45a, 46, 47, 48, 54 e 55 (vol. II, est. CXXXVIII, n.º 45a, 46, 47, 48, 54 e 55), integram-se no grupo 1 e 2. O seu enquadramento estratigráfico sugere a cronologia estabelecida para a Fase IV-V. A peça n.º 54, de que se conhece parcialmente o motivo

[715] Por exemplo, na província de Saragoça identificam-se nove peças, sendo oito provenientes de *Caesaraugusta,* datadas da segunda metade do século IV, e outra da zona dos Bañales, Uncastillo (PERALTA 1991, 193).

estampado no fundo, poderá, eventualmente, permitir uma cronologia mais apertada entre a 2ª metade do séc. IV e inícios do séc. V. O motivo representado, um quadrado reticulado com pontos no interior dos losangos pertence ao tipo 71 g (estilo A(ii)), ilustrado por Hayes – Forma 67. 9, proveniente do Egipto (HAYES, 1972, 112-116, fig. 67, n.º 9), com perfil idêntico ao nosso exemplar.

Hayes 76 / Lamboglia 57 (81)
Pratos

Com apenas um exemplar – n.º 81 (vol. II, est. CXXXIX, n.º 81) –, a forma Hayes 76 (HAYES 1972, 124-125, fig. 21), encontra-se mal representado em Alvarelhos, sobretudo quando considera a sua ampla distribuição na bacia mediterrânica e costa atlântica como sugere, por exemplo, a recolha de 14 exemplares identificados em S. Cucufate, Vidigueira (ALARCÃO; ETIENNE; MAYET 1990, p. 48, fig. 48), num horizonte de 330 peças, assim como em Conímbriga, onde é referido como abundante (DELGADO 1975, 265, n.º 92 a 96), e noutros horizontes da geografia peninsular[716].

Este prato/prateira caracteriza-se pelo seu bordo amplo formado por uma aba horizontal com lábio vertical espessado, com apêndice mais ou menos prolongado na face anterior. O reservatório é baixo definido por uma parede de curvatura suave com inclinação imediata após o bordo. O fundo é plano ou levemente convexo, com adelgaçamento progressivo, apoiado por um pé anelar, muito curto e baixo, de secção trapezoidal, ou, como se verifica em muitos casos, composto apenas por uma canelura a configurar um falso pé. O fundo interno quando decorado apresenta motivos correspondentes ao Estilo A(iii) que podem estar associados a uma série de caneluras circulares. A decoração inscrita na face superior do lábio é constituída por um friso de entalhes em forma de losango a formar um friso contínuo ou em grupos regulares, semelhante à solução decorativa da forma 73A do «fabrico C»[717]. A aba regista frequentemente um conjunto de caneluras concêntricas, sendo também frequente caneluras na face lateral do lábio, como sucede com o nosso exemplar. Em termos genéricos, as características de produção deste modelo relacionam-se com as formas Hayes 52, 66 e 67.

J. Hayes considera uma variante de bordo decorado com golpes, semelhante ao nosso exemplar, não sugerindo, no entanto, qualquer alteração à cronologia proposta (425-475), pelo facto de provirem de contextos não datados. Todavia, intervenções em Cartago documentam a presença desta forma em estratos datados entre 360 e 440 (CARANDINI; TORTORELLA; SAGUI; TORTORICI 1981, 89). Em Conímbriga, encontramos um exemplar morfologicamente idêntico ao nosso (DELGADO 1975, 265, est. LXXII, n.º 92), apesar de pequenas diferenças ao nível do bordo, apresentando o nosso exemplar uma decoração em golpes que preenche integralmente o lábio superior, assim como um prolongamento mais acentuado da face anterior do lábio formando um apêndice pronunciado. O enquadramento estratigráfico do nosso exemplar corresponde à Fase V (*Complexo Artesanal*), coincidente com a cronologia proposta, na sua fase mais tardia.

[716] Identifica-se em Saragoça (PERALTA 1991, 195, fig. 85, n.º 80), em Mérida (VÁZQUEZ, 1987, 45, 59), na província da Corunha, na escavação de Os Cantóns, Coruña (PÉREZ 2004, 452-453, fig. 201, n.º 624).

[717] Apesar das afinidades decorativas existe uma significativa diferença de fabrico ao nível das pastas, sendo a pasta da forma 73 significativamente de melhor qualidade, conforme já fizeram notar outros autores (PERALTA 1991, 195), que aqui se confirma.

Hayes 91 / Lamboglia 24/25, 38 (82-83)
Taças

Esta taça, amplamente representada e difundida em toda a geografia peninsular[718], encontra pouca expressão em Alvarelhos. Apenas identificamos dois exemplares – n.º 82-83 –, que classificamos com reservas devido ao exíguo tamanho dos fragmentos.
Genericamente caracteriza-se pelo seu formato hemisférico com parede esvasada rematado por um bordo simples cuja secção se apresenta arredondada ou pontiaguda, podendo por vezes ser levemente espessada e facetada. O fundo é plano ou levemente convexo, apoiado num pé baixo e estreito de secção rectangular. A aba implanta-se na face inferior do bordo e apresenta desenvolvimentos diversos consoante as variantes, evoluindo para uma menor expressão nas variantes A a C, ao nível da dimensão e do apêndice inferior. Hayes considera quatro variantes – A, B, C, e D. Encontra-se frequentemente decorado com carretilha na parede ou no fundo interior (HAYES, 1972, 140-144, fig. 26). A cronologia sugerida pelo autor é compreendida entre meados do séc. V a meados do séc. VII, (tipo A 2ª metade séc. V; tipo B 450-530; tipo B/C início do séc. VI; tipo C 530-600 +; tipo D 600-650), no entanto, dever-se-á levar em consideração a referência estratigráfica de Cartago e Ostia, onde se documenta a forma no período compreendido entre 390 e 400, indicando, portanto, uma data de produção anterior (CARANDINI; TORTORELLA; SAGUI; TORTORICI 1981, 106; HAYES 1980, 515-516). O mesmo sentido indicam as datações sugeridas para os materiais procedentes de Saragoça datados da segunda metade do séc. IV (PERALTA, 1991, 197, fig. 86, n.º 85). Convém aliás sublinhar que a cronologia se encontrava já aclarada e estratigraficamente documentada noutras áreas geográficas como, por exemplo, S. Cucufate, Vidigueira (ALARCÃO; ETIENNE; MAYET 1990, 47-48), em Cartago (CARANDINI 1981, 106), em Moosberg, na Alemanha (GARBSCH 1966, 100, 117), e em Sétif (FÉVRIER 1976, 63-72), tendo, inclusivamente, o autor da tipologia reavaliado o início da sua produção (HAYES 1980, 279-280).
Os nossos exemplares cabem na variante do tipo A, cujo enquadramento estratigráfico (*Domus do Tesouro,* Fase IV-V), permite admitir a sua classificação cronológica num período que abrange o início do séc. V a meados do mesmo século.

Fragmentos de classificação hipotética (58-20)

Neste apartado, que comporta vinte e duas referências – n.º 58-80 –, colocamos todos os fragmentos de fundos de que não foi possível estabelecer qualquer ligação com os restantes fragmentos classificados. Alguns deles encontram-se decorados, mas, pelas suas exíguas dimensões, não é seguro definir a composição dos temas, ou identificar os motivos. Certo é que todos comportam exclusivamente motivos característicos do estilo A (ii) e A (iii) de Hayes (HAYES 1972, 218-219), nomeadamente círculos concêntricos, palmetas, rosetas e quadrados reticulados, sendo, portanto possível admitir que representarão, as formas consideradas para estes estilos (HAYES 59 A-B, 60, 61 A-B, 63, 67, 69 e 76), cujo enquadramento cronológico geral se situa entre 320-420, coincidente com o enquadramento estratigráfico donde provêm. A título exemplificativo ilustram-se três fragmentos. O n.º 69 (vol. II, est. CXXXIX, n.º 69), apresenta um motivo estampado inscrito num círculos formado por quatro linhas incisas concêntricas, composto por círculos concêntricos tipo Hayes 27h (estilo A (ii-iii)), que alternam com palmetas tipo Hayes 4k (estilo A (ii)). O fragmento n.º 70 (vol. II, est. CXXXIX, n.º 70), apresenta um motivo estampado num círculo formado por quatro linhas incisas concêntricas, composto por círculos concêntricos tipo Hayes 33q (estilo A (ii), alternando com

[718] Identifica-se em Saragoça (PERALTA 1991, 197-198, fig. 86, 85-86), datado da segunda metade do séc. IV e do séc. V, na província da Corunha, designadamente em *Iria Flávia*, acampamento de Cidadela, Moraime, e em Os Cantóns, identificados designadamente, com as formas Hayes 91A, Hayes 91B, Atlante tav. XLVIII, 14, Hayes 91C, Lamboglia 38 (PÉREZ 2004, 454-457, fig. 203, n.º 626, 630; fig. 204, n.º 627-628; fig. 205, n.º 629).

palmetas tipo Hayes 4k (estilo A (ii). A peça n.º 72 (vol. II, est. CXXXIX, n.º 72), apresenta um motivo estampado organizado em banda formado por pelo menos três círculos concêntricos, sendo o primeiro preenchido apenas círculos concêntricos tipo Hayes 26f (estilo A (ii-?iii)). A segunda banda não apresenta qualquer decoração e o círculo central conserva um motivo principal que não é possível identificar acompanhado por círculos idênticos ao anterior.

Fragmentos decorados (90)

Apenas identificamos um fragmento decorado, n.º 90 (vol. II, est. CXXXIX, n.º 90), que não foi possível relacioná-lo directamente com qualquer peça anteriormente descrita. Trata-se de um fragmento de fundo de prato com decoração organizada em duas bandas de círculos concêntricos do qual apenas registamos o círculo exterior. A decoração estampada é formada alternadamente por círculos concêntricos tipo 26g e flores tipo estilo Hayes A (ii) tardio - 82g (HAYES 1972, 235, fig. 40, n.º 26 f; 245, fig. 43, n.º 82 g), organizada numa banda formada por círculos incisos com pé muito fino e baixo. O seu enquadramento estratigráfico remete-nos para a Fase IV-V da *Domus da Colher de Prata*, que, genericamente, está de acordo com a cronologia sugerida por Hayes para o estilo A (ii) 350-420, constituindo o grupo mais numeroso que se encontra representada nas formas Hayes 59A e B; 60; 61; 63 e 67.

Terra sigillata africana «fabrico C»

N.º Invt.º.	Proveniência	Forma	Tipo	Pasta	Decoração	Obs.	Cronologia	Estampa
1. Alv. 97 B6, A1 op. 367	corte est. 7, camada 2 / Fase IV	prato / prateira	Hayes 50A	dep. média	----	perfil completo	300 - 360	----
2. Alv. 97 B3, A1, op. 36	corte est. 5, camada 3 / Fase IV-V	prato / prateira	Hayes 50A	dep. média	----	bordo e parede	300 - 400	----
3. Alv. 97 B3, A1, op. 38	corte est. 5, camada 3 / Fase IV-V	prato / prateira	Hayes 50A	dep. média	----	bordo	300 - 400	----
4. Alv. 95 B, A4, op. 2	corte est. 1, camada 0 / Fase IV-V	prato	Hayes 50A	----	bordo e parede	230 / 240 – 235		----
5. Alv. 96 B, A3, op. 216	corte est. 1, camada 0 / Fase IV-V	prato	Hayes 50 A	----	bordo e parede	230 / 240 – 325		----
6. Alv. 97 B1, A2, op. 97	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	prato	Hayes 50A ou B	----	bordo	300 – 400		----
7. Alv. 97 B5, A1, op. 169	corte est. 7, camada 2 / Fase IV-V	prato	Hayes 50B	----	bordo	350 – 400		----
8. Alv. 97 B5, A1, op. 108	corte est. 7, camada 2 / Fase IV-V	prato	Hayes 50B	----	bordo	350 – 400		----
9. Alv. 97 B3, A1, op. 100	corte est. 4, camada 2 / Fase IV-V	prato	Hayes 50B	----	bordo / grosseiro	350 – 400		----
10. Alv. 97 B1, A2, op. 37, 43, 57	corte est. 2, camada 1 / Fase V	taça	Hayes 73	dep. alta	lábio/ caneluras	perfil completo	420 - 475	est. CXXXVI, n.º 10
11. Alv. 86 A4, lg. 444	corte est. 2, camada 0 / Fase V	indeterminada	----	dep. alta	----	----	----	----
12. Alv. 86 A4, lg. 31	corte est. 2, camada 0 / Fase V	indeterminada	----	pasta detriorada	----	----	----	----
13. Alv. 97 B3, A1, op. 71	corte est. 5, camada 3 / Fase IV-V	indeterminada	----	dep. média	----	----	----	----
14. Alv. 94 A, op. 187	corte est. 10, camada 1 / Fase IV-V	indeterminada	----	dep. alta	----	----	----	---

Terra sigillata africana «fabrico D»

Nº Invt.º	Proveniência	Forma	Tipo	Decoração	Obs.	Cronologia	Estampa
1. Alv. 96 B1, A1, op. 128	corte est. 1, camada 1 / Fase V	prateira	Hayes 56	pérolas / friso	bordo, parede e fundo	450 – 500	est. CXXXVI, n.º 1
2. Alv. 95 B, A4, op. 35(3)	corte est. 1, camada 01 / Fase IV-V	prato	Hayes 59A	incisão diagonal	perfil completo	320 – 380 / 400	est. CXXXVI, n.º 2
3. Alv. 95 B, A4, op. 29	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	prato	Hayes 59A	incisão vertical	parede e fundo	320 – 380 / 400	----
4. Alv. 95 B, A4, op. 37	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	prato	Hayes 59A	incisão vertical	bordo, aba e parede	320 – 380 / 400	est. CXXXVI, n.º 4
5. Alv. 98 B1, A1, op. 296	corte est. 2, camada 2 / Fase V	prato	Hayes 59A	incisão vertical	parede e fundo	320 – 380 / 400	est. CXXXVI, n.º 5
6. Alv. 93 B, op. 44	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	prato	Hayes 59 ?	incisão vertical	parede	320 – 380 / 400	----
7. Alv. 94 A, op. 112	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61	----	parede e fundo	325 – 420	----
8. Alv. 97 B3, A1, op. 290	corte est. 5, camada 2 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61	----	parede e fundo	325 – 420	----
9. Alv. 97 B2, A2, op. 7	corte est. 2, camada 0 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61	----	parede e fundo	325 – 420	----
10. Alv. 97 B3, A1, op. 54	corte est. 5, camada 3 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61	----	fundo e pé	325 – 420	----
10a. Alv. 92 A, op. 195	corte est. 5, camada 3 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61	----	perfil completo	325 – 400/425	est. CXXXVII, n.º10a
11. Alv. 94 A, op. 148	corte est. 9, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo e parede	325 – 400 / 425	----
12. Alv. 93 A, op. 85, 93	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo e parede	325 – 400 / 425	est. CXXXVII, n.º 12
13. Alv. 93 A, op. 2	corte est. 8, camada 0 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo e parede	325 – 400 / 425	----
14. Alv. 93 A, op. 186, 7	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo	325 – 400 / 420	----
15. Alv. 93 A , op. 17	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo	325 – 400 / 420	----
16. Alv. 93 A, op. 116	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo	325 – 400 / 420	----
17. Alv. 93 A, op. 92	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo e parede	325 – 400 / 425	est. CXXXVII, n.º 17

18. Alv. 93 A, op. 33	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo e parede	325 – 400 / 425	----
19. Alv. 94 A, Ig. 3476	corte est. 5, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo	325 – 400 / 425	----
20. Alv. 94 A, op. 56	corte est. 9, camada 2 / Fase V	prateira	Hayes 61A	rosetas/enxadrezado-palmas/crescentes		325 – 400 / 420	est. CXXXVII, n.º 20
21. Alv. 94 A, op. 149	corte est. 9, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo	325 – 400 / 420	----
22. Alv. 94 A, Ig. 1721	corte est. 9, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo deteriorado	325 – 400 / 420	----
23. Alv. 94 A, Ig. 1423	corte est. 9, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo	325 – 400 / 420	----
24. Alv. 94 A, op. 28	corte est. 9, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo	325 – 400 / 425	----
25. Alv. 94 A, op. 33	corte est. 9, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo	325 – 400 / 425	----
26. Alv. 95 B, A4, op. 38	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo	325 – 400 / 420	----
27. Alv. 95 B, A4, op. 52	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo	325 – 400 / 420	----
28. Alv. 95 B, A4, Ig. 3866	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo espesso	325 – 400 / 425	----
29. Alv. 95 B, A4, Ig. 3812	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo e fundo	325 – 400 / 420	----
30. Alv. 95 B, A4, op. 14	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	parede e fundo	325 – 400 / 425	----
31. Alv. 95 B, A4, op. 12	corte est. 1, camada 1 / Fase V	prateira	Hayes 61 A	----	parede e fundo	325 – 400 / 425	----
32. Alv. 95 B, A4, op. 14 b	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo	325 – 400 / 425	----
33. Alv. 98 B1, A1, op. 126	corte est. 3, camada 2 / Fase V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo e parede	325 – 400 / 425	----
34. Alv. 97 B3, A1, op. 207	corte est. 4, camada 1 / Fase V	prateira	Hayes 61 A	----	parede e fundo	325 – 400 / 425	----
35. Alv. 97 B2, A2, op. 97	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	perfil completo	400 – 420	----
36. Alv. 86 B2, A2, op. 3	corte est. 2, camada 0 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo	325 – 420	----
37. Alv. 97 B3, A1 op. 292	corte est. 6, camada 2 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 A	duas caneluras	bordo, parede e fundo	325 – 420	----
38. Alv. 97 B3, A1, op. 296	corte est. 5, camada 1 / Fase V	prateira	Hayes 61 A	----	bordo	325 – 420	----
39. Alv. 94 A, Ig. 2303	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61B	----	bordo	400 – 450	----
40. Alv. 94 A, Ig. 1759	corte est. 9, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 ?	----	bordo e parede	----	----
41. Alv. 94 A, Ig. 2332	corte est. 10, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 ?	canelura interna	fundo	325 – 450	----
42. Alv. 94 A, op. 46	corte est. 9, camada 1 / Fase IV-5	prateira	Hayes 61 ?	----	parede	325 – 450	----
43. Alv. 97 B3, A1, op. 292 a	corte est. 6, camada 2 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 ?	----	fundo c/ ressalto ext.	325 – 450	----
44. Alv. 94 A, op. 149	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61 ?	----	bordo	325 – 450	----
45. Alv. 92 A, op. 41	corte est. 14, camada 4 / Fase V	prateira	Hayes 67	----	bordo / aba	360 – 470	----
45a. Alv. 92 A, op. 41	corte est. 14, camada 4 / Fase V	prateira	Hayes 67	----	bordo / aba	360 – 470	est. CXXXVIII,n.º45a
46. Alv. 92 A, op. 43	corte est. 14, camada 4 / Fase V	prateira	Hayes 67	----	bordo / aba e parede	360 – 470	est. CXXXVIII, n.º 46
47. Alv. 92 A, op. 16	corte est. 13, camada 1 / Fase V	prateira	Hayes 67	----	bordo aba	360 – 470	est. CXXXVIII, n.º 47
48. Alv. 92 A, op. 114	corte est. 14, camada 4 / Fase V	prateira	Hayes 67	----	bordo / aba	360 – 470	est. CXXXVIII, n.º 48
49. Alv. 93 A, op. 3	corte est. 8, camada 0 / Fase IV-V	prateira	Hayes 67	----	bordo / aba e parede	360 – 470	----
50. Alv. 93 A, op. 61	corte est. 8, camada 0 / Fase IV-V	prateira	Hayes 67	----	aba e parede	360 – 470	----
51. Alv. 94 A, op. 203, 213	corte est. 4, camada 1b / Fase IV-V	prateira	Hayes 67 (2º grupo)	----	aba	360 – 470 (400 – 450)	----
52. Alv. 94 A, op. 139	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	prateira	Hayes 67 (2º grupo)	----	aba	360 – 470 (400 – 450)	----
53. Alv. 94 A, op. 200	corte est. 10, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 67 (2º grupo)	----	bordo	360 – 470 (400 – 450)	----
54. Alv. 98 B1, A1, op. 18	corte est. 2, camada 2 / Fase III	prateira	Hayes 67 (2º grupo)	palmetas/rosetas	perfil completo	360 – 470 (400 – 450)	est. CXXXVIII, n.º 54
55. Alv.97 B3, A1, op. 53	corte est. 5, camada 3 / Fase IV-V	prateira	Hayes 67 (2º grupo)	----	fundo e parede	360 – 470 (400 – 450)	est. CXXXVIII, n.º 55
56. Alv. 97 B1, A2, op. 53	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	prateira	Hayes 67 (2º grupo)	----	bordo e aba 360 – 470 (400 – 450)		----

57. Alv. 94 A, op. 48	corte est. 5, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 67 (2º grupo)	----	bordo	360 – 470 (400 – 450)	----
58. Alv. 92 A, Ig. 2110	corte est. 13, camada 1 / Fase V	prateira	Hayes tipo 61, 67, 68	----	parede	360 – 470	----
59. Alv. 92 A, Ig. 2114	corte est. 12, camada 0 / Fase V	prateira	Hayes tipo 61, 67, 68	----	aba	360 – 470	----
60. Alv. 94 A, op. 267	corte est. 9, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67, 68	círculos/enxaquetado	fundo	350 – 450	----
61. Alv. 94 A, op. 3	corte est. 4, camada 1b / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67, 68	palmetas ovóides	fundo	350 – 380 + -	----
62. Alv. 97 B 3, A1, op. 359	corte est. 5, camada 2 / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67, 68	----	fundo c/ pé	360 – 420	----
63. Alv. 97 B3, A1, op. 148	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67, 68	2 caneluras internas	fundo c/ pé	325 – 450 / 470	----
64. Alv. 93 A, op. 141	corte est. 8, camada 0 / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67,68	rosetas	fundo c/ pé moldurado	325 – 450 / 470	----
65. Alv. 93 A, op. 65	corte est. 8, camada 2 / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67, 68	rosetas	fundo c/ pé moldurado	325 – 450 / 470	----
66. Alv. 93 A, op. 108	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67,68	palmetas/enxaquetado	fundo	325 – 450 – 470	----
67. Alv. 94 A, op. 115	corte est. 8, camada 2 / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67, 68	palmetas/enxaquetado	fundo	350 – 450	----
68. Alv. 94 A, op. 135	corte est. 8, camada 2 / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67,68	enxaquetado	fundo	350 – 450	----
69. Alv. 92 A, op. 115	corte est. 12, camada 01 / Fase V	prateira	Hayes tipo 61, 67, 68	círculos / palmetas	fundo	350 – 450	est. CXXXIX, n.º 69
70. Alv. 92 A, Ig. 3315	corte est. 14, camada 04 / Fase V	prateira	Hayes tipo 61, 67,68	círculos / palmetas	fundo	350 – 450	est. CXXXIX, n.º 70
71. Alv. 92 A, Ig. 5000	corte est. 12, camada 1 / Fase V	prateira	Hayes tipo 61, 67, 68	círculos	fundo	350 – 450	----
72. Alv. 96 A, Ig. 2111	corte est. 13, camada 01 / Fase V	prateira	Hayes tipo 61, 67,68	palmetas/círculos	fundo	350 – 450	est. CXXXIX, n.º 72
73. Alv. 93 A, op. 142	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67, 68	pontilhado/círculos	fundo	360 – 470	----
74. Alv. 94 A, op. 26	corte est. 9, camada 00 / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67,68	círculos concêntricos	fundo	325 – 450	----
75. Alv. 94 A, op. 136	corte est. 4, camada 01 / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67, 68	círculos concêntricos	fundo	325 – 450	----
76. Alv. 94 A, op. 41	corte est. 9, camada 01 / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67,68	rosetas/canelura	fundo	325 – 450	----
77. Alv. 94 A, op. 20	corte est. 9, camada 01 / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67, 68	palmetas / nervuras	fundo	325 – 450	----
78. Alv. 94 A, op. 63	corte est. 9, camada 01 / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67,68	rosetas/caneluras	fundo	325 – 450	----
79. Alv. 95 B, A4, op. 10, 14	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67, 68	palmetas/círculos	fundo	325 – 450	----
80. Alv. 94 A, op. 41	corte est. 9, camada 00 / Fase IV-V	prateira	Hayes tipo 61, 67,68	----	fundo	325 – 450	----
81. Alv. 97 B3, A1, op. 79	corte est. 5, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 76	caneluras transver.	perfil completo	425 – 475	est. CXXXIX, n.º 81
82. Alv. 92 A, Ig. 2223	corte est. 13, camada 1 / Fase V	prateira	Hayes 90	----	bordo	400 – 500 ? ----	
83. Alv. 92 A, Ig. 910	corte est. 12, camada 1 / Fase V	prateira	Hayes 90	----	bordo	400 – 500 ? ----	
84. Alv. 98 B1, A1, op. 194	corte est. 1, camada 1 / fase V	prato	Hayes estilo A (ii)	círculos / flores	fundo	350 – 420	est. CXXXIX, n.º 84

Sigillatas africana «fabrico» C

Catálogo					
Total	Indeterminados	50A	50A ou B	50 B	73
14	4	5	1	3	1
100%	28,5%	35,7%	7,1%	21,4%	7,1%%

Hayes 50 A (1-5)
Prato

1. Alv. 97 B6, A1, op. 367 - Fragmento de bordo com lábio parede e fundo de prato/prateira tipo Hayes 50A, *300-360* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV, *Complexo Artesanal,* Ap. V, corte estratigráfico 7, camada 2.

2. Alv. 97 B3, A1, op. 36 - Fragmento de bordo e parede de prato/prateira tipo Hayes 50 A ou B, *300-400* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Pátio I, corte estratigráfico 5, camada 3.

3. Alv. 97 B3, A1, op. 38 - Fragmento de bordo de reduzidas dimensões de prato/prateira tipo Hayes 50 A ou B, *300-400* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Pátio I, corte estratigráfico 5, camada 3.

4. Alv. 95 B, A4, op. 2 - Fragmento de bordo e parede de prato tipo Hayes 50 A (?), *230/24-325.*
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 0.

5. Alv. 96 B, A3, op. 216 - Fragmento de bordo e parede de prato tipo Hayes 50 A, *230/240-325* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 0.

Hayes 50 A ou B (6)
Prato

6. Alv. 97 B1, A2, op. 97 - Fragmento de bordo de prato/prateira tipo Hayes 50 A ou B, *300-400* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

Hayes 50 B (7-9)
Prato

7. Alv. 97 B5, A1, op. 169 - Fragmento de bordo de prato/prateira tipo Hayes 50 B, *350-400* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Público Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. VI, corte estratigráfico 7, camada 2.

8. Alv. 97 B5, A1, op. 108 - Fragmento de bordo de prato/prateira tipo Hayes 50 B, *350-400* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Público Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. VI, corte estratigráfico 7, camada 2.

9. Alv. 97 B3, A1, op. 100 - Fragmento de bordo de fabrico grosseiro de prato/prateira tipo Hayes 50 B, *350-400* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Decumanus,* Fase IV-V, corte estratigráfico 4, camada 2.

Hayes 73 (10)
Taça

10. Alv. 97 B1, A2, op. 37; 57; 43 - Fragmentos que formam perfil completo de taça tipo Hayes 73, 420-475. Aba horizontal, ligeiramente descendente, com três caneluras de perfil rectangular, paralelas entre si. Lábio amendoado, de desenvolvimento vertical, decorado por grupos de quatro caneluras transversais de formato trapezoidal. Parede reentrante, levemente curva. Fundo composto por um pé anelar, curto, de assentamento radial, com secção rectangular e aresta angulosa.
Pasta compacta e dura de cozedura homogénea com elementos não - plásticos de calibre uniforme, compostos essencialmente por quartzo e feldspato (R19). Superfície com acabamento uniforme e muito polida de toque acetinado (R20). Pertence ao tipo mais temporã da forma 73, *segunda metade do séc. V* (vol. II, est. CXXXVI, n.º 10).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 82 mm; Altura máxima 67 mm; Espessura máxima do bordo 10 mm.
Capacidade - 904,07 cm^3 / 0, 90 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio I, Fase V, corte estratigráfico 2, camada 01.
Bibli. - MOREIRA 2007, 96, MMAP n.º 180(1).

Sigillata africana «fabrico» D

Total	Indeterminados	56	59	59?	61	61A	61B	61?	67	61, 67, 68 ?	76	91
171	78	1	4	1	5	28	1	5	13	22	1	2
100%	45,6%	0,58%	2,23%	0,58%	2,9%	16,3%	0,58%	2,9%	7,6%	12,8%	0,58%	1,1%

Hayes 56 (1)
Prateira

1. Alv. 98 B1, A1, op. 128; 170(5); 141- Fragmentos de bordo parede e fundo que formam perfil completo de prateira tipo Hayes 56, *2ª metade do séc*. IV. Recorte rectangular com depósito oval e fundo plano. Bordo formado por aba horizontal de perfil irregular a acompanhar o recorte do depósito, rematada por um lábio de secção sub-rectangular com as arestas suavizadas, decorada na face superior com pérolas e nas face anterior e posterior com friso. A decoração inscreve-se apenas nas faces laterais da prateira. Bordo arredondado marcado para o interior por canelura interna. Pasta de estrutura laminar compacta e bem depurada com cozedura homogénea. Abundantes elementos não-plásticos, bem calibrados e de distribuição regular, compostos por quartzo, mica e, em menor quantidade, feldspato. Superfície bem acabada com polimento intenso e uniforme revelando um certo brilho e aspecto acetinado (vol. II, est. CXXXVI, n.º 1).
Dim. - Comprimento máximo existente 172 mm; Largura máxima existente 64 mm; Espessura do bordo 11 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área habitacional Norte, *Espaço Religioso, Complexo Artesanal*, Pátio II, Fase V, Corte estratigráfico 1 camada 1.

Hayes 59 A (2-6)

2. Alv. 95 B. A4, op. 35 - Fragmentos de prato tipo Hayes 59 A, 320-380/40. Parede arqueada de ligação directa ao fundo. Bordo em aba ligeiramente soerguida, decorada com duas caneluras incisas e lábio arredondado. A decoração no exterior é composta por incisões na diagonal que provocaram no interior um ligeiro relevo. O fundo é formado pelo prolongamento da parede originando um assentamento radial, sendo o interior ligeiramente mais alto. A decoração interna é composta por quatro círculos concêntricos inscritos no fundo, no interior dos quais se desenvolveria o motivo central do qual apenas é perceptível o arranque de uma palmeta. Pasta muito compacta e dura com elevado grau de depuração, praticamente isenta de elementos não-plásticos (cor-N39). Superfície muito polida (cor-R39/R20) (vol. II, est. CXXXVI, n.º 2).
Dim. - Diâmetro máximo 275 mm; Altura máxima 34 mm; Espessura máxima da parede 7 mm.
Capacidade - 1 063, 58 cm^3 / 1, 06 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 01.
Bibli. - MOREIRA 2007, 79, MMAP 140(1).

3. Alv. 95 B, A4, op. 29 - Fragmento de parede e fundo de prato/prateira com decoração composta por incisões verticais, tipo Hayes 59 A, *320-380/400* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. IV, corte estratigráfico 1, camada 1.

4. Alv. 95 B, A4, op. 37 - Fragmento de bordo/aba e arranque de parede de prato/prateira tipo Hayes 59 A, *320-380/400*. Parede curta com curvatura pronunciada e reentrante. Bordo formado por aba horizontal, ligeiramente inclinada para o interior a formar uma carena interna a marcar o início da parede. Na face superior conserva duas caneluras profundas e bem vincadas. O lábio apresenta uma secção sub-rectangular com as arestas suavizadas. A decoração inscrita na parede externa é composta por incisões de recorte lanceolado, profundas e bem vincadas, irregulares entre si, de orientação oblíqua em relação ao plano do bordo. Pasta de boa qualidade de estrutura laminar, compacta e de cozedura homogénea. Superfície bem polida de aspecto acetinado e brilhante (vol. II, est. CXXXVI, n.º 4).
Dim. - Diâmetro máximo exterior ao nível da aba 241 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. IV, corte estratigráfico 1, camada 1.

5. Alv. 98 B1, A1, op. 296 - Fragmento de parede e fundo de prato/prateira decorada por sulcos incisos de recorte lanceolado dispostos verticalmente de prato tipo Hayes 59 A, *320-380/400*. Pasta bem depurada, compacta e de cozedura homogénea. Elementos não-plásticos pouco abundantes. Acabamento cuidado com superfície bem polida de aspecto acetinado (vol. II, est. CXXXVII, n.º 5).
Dim. - Diâmetro máximo do fundo 308 mm; Espessura máxima 7 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. IV, corte estratigráfico 2, camada 2.

6. Alv. 93 A, op. 44 - Fragmento de parede de prato/prateira decorada com incisão vertical de prato tipo Hayes 59 (?), *320-380/400* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

Hayes 61 (7-10a)
Prateira

7. Alv. 94 A, op. 112 - Fragmento de fundo com canelura interna e parede curva de prateira tipo Hayes 61, *325-450* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Colher de Prata*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 3.

8. Alv. 97 B3, A1, op. 290 - Fragmento de parede e parte de fundo de prateira tipo Hayes 61, *325-420* (n/ilustrado)
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal*, Pátio I, corte estratigráfico 5, camada 2.

9. Alv. 97 B2, A2, op. 7 - Fragmento de parede e fundo com canelura de prateira tipo Hayes 61, *325-450* (n/ilustrada).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 2, camada 0.

10. Alv. 97 B3, A1, op. 54 - Fragmento de fundo com ressalto de pé de prateira tipo Hayes 61, *325-450* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Ap. VII, corte estratigráfico 5, camada 3.

10a. Alv. 92 A, op. 195 - Fragmento de bordo e parede de prato modelado ao torno tipo Hayes 61 A, 325-400/425. Bordo introvertido com lábio de secção triangular, reentrante, marcado por carena exterior ao nível do arranque da parede. Parede de perfil arqueado com estreitamento progressivo para o fundo. Fundo plano de assentamento radial. Decoração composta por dois círculos inscritos no interior. Cerâmica. Pasta muito depurada. Elementos não-plásticos pouco expressivos compostos por mica e cerâmica moída. Superfície interna e externa muito polida com acabamento de alta qualidade, levemente brilhante e acetinado (cor-R37) (vol. II, est. CXXXVII, n.º 10a).
Dim. - Diâmetro máximo 320 mm; Diâmetro máximo do fundo 273 mm; Altura máxima 37 mm; Espessura máxima da parede 7 mm.
Capacidade - 2 048, 48 cm^3 / 2, 04 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, VII, corte estratigráfico 5, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 2007, 89, MMAP 163.

Hayes 61 A (11-38)
Prateira

11. Alv. 94 A, op. 148 - Fragmento de parede de prateira tipo Hayes 61A, *325-400 / 420* (n/ilustrado)
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 1.

12. Alv. 93 A, op. 85; 93 - Fragmentos de bordo e parede de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400/420*.
Perfil completo de prateira de fundo plano marcado por uma fina canelura a configurar o ressalto para assentamento. Parede curva, reentrante, rematada por bordo com lábio de perfil triangular, pontiagudo, com face externa plana, rematada por uma carena angulosa que marca o início da curvatura da parede. A decoração é organizada por três círculos concêntricos sendo a primeira orla constituída por quadrados reticulados tipo Hayes 67 (HAYES 1972, 241, fig. 42, a), alternados por rosetas tipo 44 B (HAYES 1972, 239, fig. 41h). O circulo interno é decorado com palmetas ovóides dispostas radialmente a partir do circulo central do estilo A1 (HAYES 1972, 229, fig. 38, 1a), alternado com rosetas nos espaços intercalares do tipo 44 B. Pasta compacta e dura de constituição laminar de cozedura uniforme. Elementos não-plásticos muito finos de distribuição uniforme, compostos por mica e feldspato. Cor uniforme (N13). Superfície uniforme, com acabamento de elevada qualidade, alisada e muito polida de toque acetinado. Cor levemente manchada resultante do contexto de enterramento (P13) (vol. II, est. CXXXVII, n.º 12).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 304 mm; Altura máxima 38 mm; Espessura máxima do bordo 10 mm.
Capacidade - 2 739, 46 cm^3 / 2, 73 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 2007, 95, MMAP 180.

13. Alv. 93 A, op. 2 – Fragmentos de bordo e parede de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400/420* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 0.

14. Alv. 93 A, op. 186; 7 - Fragmentos de bordo de prateira tipo Hayes 61A, 325-400 / 420 (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 3.

15. Alv. 93 A, op. 17 - Fragmento de bordo de prateira tipo Hayes 61 A, 325-400 / 420 (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

16. Alv. 93 A, op. 116 - Fragmento de bordo de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400 / 420* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 3.

17. Alv. 93 A, op. 92 - Fragmento de bordo e parede de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400/425*. Bordo reentrante com lábio muito estreito e carena exterior ao nível do arranque da parede. Lábio introvertido de secção triangular com a aresta arredondada. Pasta compacta, bem depurada, com cozedura homogénea e estrutura laminar. Elementos não-plásticos abundantes compostos por grãos de quartzo bem calibrado e pequenas partículas de mica. Superfície bem polida (vol. II, est. CXXXVII, n.º 23).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 284 mm; Altura máxima 35 mm; Espessura máxima 10 mm.
Capacidade - 1 653, 5 cm^3 / 1, 65 L.

Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 3.

18. Alv. 93 A, op. 33 - Fragmento de bordo e parede de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400/425* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

19. Alv. 94 A, Ig. 3476 - Fragmento de bordo de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400/420* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. Ext., corte estratigráfico 5, camada 1.

20. Alv. 94 A, op. 56 - Perfil completo de prateira tipo Hayes 61 A (i). Parede angulosa com bordo estreito e curto com lábio introvertido, marcado para o interior. Aba externa recta na diagonal. Fundo plano de assentamento pleno, levemente espessado no centro, marcado por canelura biselada. Decoração organizada em duas bandas divididas por dois círculos concêntricos, sendo o primeiro composto por motivos alternados de rosetas abertas e enxadrezado e o segundo com palmas e crescentes, *325-400/420*. Pasta de estrutura laminar bem depurada e compacta com poucos elementos não-plásticos. Superfície bem polida (vol. II, est. CXXXVII, n.º 20).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 180 mm; Altura máxima 54 mm; Espessura máxima do bordo 11 mm.
Capacidade - 6 809,60 cm^3 / 6, 80 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 9, camada 02.

21. Alv. 94 A, op. 149 - Fragmento de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400/420*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 1.

22. Alv. 94 A, Ig. 1721 - Fragmento de bordo muito deteriorado de prateira tipo Hayes 61A, *325-400/420* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. Pátio Int., corte estratigráfico 9, camada 1.

23. Alv. 94 A, Ig. 1423 - Fragmento de bordo de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400/420* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 9, camada 1.

24. Alv. 94 A, op. 28 - Fragmento de bordo de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400/425* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 1.

25. Alv. 94 A, op. 33 - Fragmento de bordo de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400/420* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 1.

26. Alv. 95 B, A4, op. 38 - Fragmento de bordo de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400/420* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 1, camada 1.

27. Alv. 95 B, A4, op. 52 - Fragmento de bordo de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400/420* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico 1, camada 1.

28. Alv. 95 B, A4, Ig. 3866 - Fragmento de bordo ligeiramente espessado de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400/420*. (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico 1, camada 1.

29. Alv. 95 B, A4, Ig. 3812 - Fragmento de bordo e fundo de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400/420* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico 1, camada 1.

30. Alv. 95 B, A4, op. 14 - Fragmento de parede e fundo de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400/420* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. IV, corte estratigráfico 1, camada 1.

31. Alv. 95 B, A4, op. 12 - Fragmento de parede e fundo de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400/420* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. IV, corte estratigráfico 1, camada 1.

32. Alv. 95 B, A4, op. 14b - Fragmentos de bordo de prateira tipo Hayes 61 A, *325-400/420* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. IV, corte estratigráfico 1, camada 1.

33. Alv. 98 B1, A1, op. 126 - Fragmento de bordo de prateira tipo Hayes 61 A, com lábio triangular e face exterior com ressalto para a parede, *325-400/420* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, Complexo Artesanal, Ap. VIII, corte estratigráfico 3, camada 2.

34. Alv. 97 B3, A1, op. 207 - Fragmento da parede e fundo de prateira tipo Hayes 61 A, *320-420* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. X, corte estratigráfico 4, camada 1.

35. Alv. 97 B2, A2, op. 97 - Fragmentos de parede de bordo e fundo de prateira tipo Hayes 61 A, *400-420* (n/ilustrado).

Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

36. Alv. 97 B2, A2, op. 3 - Fragmento de bordo de prateira tipo Hayes 61 A, *325-420* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 2, camada 0.

37. Alv. 97 B3, A1, op. 292 - Fragmentos do bordo parede e fundo com duas caneluras de prateira tipo Hayes 61 A, *325-420* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 6, camada 2.

38. Alv. 97 B3, A1, op. 296 - Fragmento de bordo de prateira tipo Hayes 61 A, *325-420* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. XIV, corte estratigráfico 5, camada 1.

Hayes 61B (39)
Prateira

39. Alv. 94 A, Ig. 2303 - Fragmento de bordo de prateira tipo Hayes 61 B, *400-450* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. II, corte estratigráfico 4, camada 1.

Hayes 61 (?) (40-44)
Pratos / Prateira

40. Alv. 94 A, Ig. 1759 - Fragmento indeterminado de prateira tipo Hayes 61 (?), *325-450* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 9, camada 1.

41. Alv. 94 A, Ig. 2332 - Fragmento de fundo com canelura interna de prateira tipo Hayes 61 (?), *325-450* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Pátio exterior e forno, corte estratigráfico 10, camada 1.

42. Alv. 94 A, op. 46 - Fragmento de parede curva de prateira tipo Hayes 61 (?), *325-450* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 1.

43. Alv. 97 B3, A1, op. 292a - Fragmento de fundo com ressalto do pé bem marcado de prateira tipo Hayes 61 (?), *325-450* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 6, camada 2.

44. Alv. 94 A, op. 149 - Fragmento de bordo de prateira tipo Hayes 61 (?), *325-450* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Colher de Prata*, Fase IV-V, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 3.

Hayes 67 (45-57)
Prateira

45. Alv. 92 A, op. 41 - Fragmento de bordo / aba de prateira tipo Hayes 67, *360-470* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. III, corte estratigráfico 14, camada 4.

45a. Alv. 92 A, op. 43 - Fragmentos de bordo / aba e arranque de parede de prateira tipo Hayes 67, *360-470*. Perfil sinuoso com bordo escalonado em dois planos. Aba superior curta e levemente curva rematada por lábio engrossado de perfil rectangular, formando um pequeno ressalto para o interior. Lábio espessado de recorte rectangular com as arestas arredondadas. Na face superior, ao nível da aresta, revela um pequeno ressalto de perfil triangular. Aba interna curta e descendente. Arranque de parede curva e reentrante. Pasta compacta de cozedura homogénea com elementos não-plásticos pouco abundantes (vol. II, est. CXXXVIII, n.º 45a).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 196 mm; Espessura máxima do bordo 9 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. II, corte estratigráfico 14, camada 4.

46. Alv. 92 A, op. 19 - Perfil completo de prateira tipo Hayes 67, *360-470*. Bordo moldurado e ascendente, formando uma aba ligeiramente curva, rematada por lábio espesso vincado no interior por um friso. Perfil sinuoso com paredes arqueadas e fundo plano marcado por uma estria profunda no exterior, formando um falso pé. Decoração delimitada por um círculo composta por motivos estampados do estilo A (ii). Pasta muito depurada, praticamente isenta de elementos não plásticos. Superfície regularizada, muito polida, com acabamento de alta qualidade (cor-P17), (vol. II, est. CXXXVIII, n.º 46).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 428 mm; Altura máxima 78 mm; Diâmetro máximo do fundo 161 mm; Espessura da parede 10 mm.
Capacidade - 4 861, 00 cm^3 / 4, 86 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. III, corte estratigráfico 14, camada 4.
Bibli. - MOREIRA 2007, 89, MMAP n.º 162.

47. Alv. 92 A, op. 16 - Fragmento de bordo/aba com lábio engrossado e canelura interna de prateira tipo Hayes 67, *360-470*. Aba superior curta rematada por lábio engrossado de secção quadrangular com arestas arredondadas vincado por uma canelura interna. Parede intermédia entre os escalões da aba de desenvolvimento oblíquo, quase vertical, marcado na face superior por uma carena interna pouco vincada (vol. II, est. CXXXVIII, n.º 47).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 440 mm; Espessura máxima do bordo 12 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. III, corte estratigráfico 13, camada 1.

48. Alv. 92 A, op. 21; 26; 23; 30; 114 - Fragmentos de bordo, arranque de parede e fundo que formam perfil completo de prateira tipo Hayes 67, *360-470*. Bordo moldurado e ascendente, formando uma aba ligeiramente descendente rematada por um lábio espesso marcado no interior por um friso. Perfil sinuoso com paredes arqueadas e fundo plano vincado por uma estria profunda no exterior que configura um pé falso. Decoração delimitada por um círculo composta por motivos estampados do estilo A (ii). Pasta muito depurada, praticamente isenta de elementos não-plásticos. Superfície interna e externa muito polida com acabamento de alta qualidade (cor - R37), (vol. II, est. CXXXVIII, n.º 48).
Dim. - Diâmetro máximo 400 mm; Altura máxima 73 mm; Diâmetro máximo do fundo 155 mm; Espessura máxima da parede 9 mm.
Capacidade - 4 376, 01 cm^3 / 4, 37 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. II, corte estratigráfico 14, camada 4.
Bibli. - MOREIRA 2007, 89, MMAP n.º 161.

49. Alv. 93 A, op. 3 - Fragmentos de aba e parede de prateira tipo Hayes 67, *360-470* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 0.

50. Alv. 93 A, op. 61 - Fragmento de aba e parede de prateira tipo Hayes 67, *360-470* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 0.

51. Alv. 94 A, op. 203, 213 - Fragmentos de aba de prateira tipo Hayes 67, *360-470 (400-450)* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 4, camada 1b.

52. Alv. 94 A, op. 139 - Fragmento de aba (2º grupo), de prateira tipo Hayes 67, *360-470 (400-450)* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Colher de Prata*, Fase IV-V, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 3.

53. Alv. 94 A, op. 200 - Fragmento de bordo (2º grupo), de prateira tipo Hayes 67, *360-470 (400-450)*, (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Pátio exterior e forno, corte estratigráfico10, camada 1.

54. Alv. 98 B1, A1, op. 18; 27; 31(2); 33; 39(3); 47; 51(2); 54 - Fragmentos que formam perfil completo de prateira tipo Hayes 67, 2º grupo. Lábio de perfil triangular e face plana. Pé triangular com espessamento do fundo para o interior. Decoração da base interna definida por dois círculos, composta por "*Grille patterns"*, estilo A (ii) - 71g., *400-450* (vol. II, est. CXXXVIII, n.º 54).
Dim. - Diâmetro máximo do fundo 88 mm; Espessura máxima do fundo 4 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 1, camada 1.

55. Alv. 97 B3, A1, op. 53 - Fragmentos de fundo e parede de prateira tipo Hayes 67, *400-450*. Perfil sinuoso estruturado em três planos. Bordo estruturado em dois planos escalonados rematado por aba horizontal com lábio marcado por um friso de demarcação. A face inferior do lábio é levemente pendente e marcado por uma aresta de perfil triangular. Parede curva, curta e pronunciada, desenvolvida a partir de uma carena interna de perfil anguloso com adelgaçamento progressivo para o fundo. Friso externo ao nível da demarcação da parede e da primeira aba. Pasta compacta e bem depurada com cozedura uniforme. Elementos não-plásticos de pequeno calibre compostos essencialmente por quartzo (vol. II, est. CXXXVIII, n.º 55).
Dim. - Diâmetro máximo do fundo 289 mm; Espessura máxima da parede 9 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Ap. VII, corte estratigráfico 5, camada 3.

56. Alv. 97 B1, A2, op. 53 - Fragmentos de bordo e aba de prateira tipo Hayes 67, *400-450* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

57. Alv. 94 A, op. 48 - Fragmento de bordo de prateira tipo Hayes 67, *360-470* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 1.

Hayes 59 A – B, 60, 61 A - B, 63, 67, 69 e 76 (58-80)
Prato (?)

58. Alv. 92 A, Ig. 2110 - Fragmento de parede de prateira tipo Hayes 67 (?), *360-470* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. II, corte estratigráfico 13, camada 1.

59. Alv. 92 A, Ig. 2114 - Fragmento de aba (?) de prateira tipo Hayes 67 (?), *360-470* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. Pátio, corte estratigráfico 12, camada 0.

60. Alv. 94 A, op. 267 - Fragmento de fundo decorado com seis círculos concêntricos e enxaquetado de prateira tipo Hayes 67 (?), *350-450* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 1.

61. Alv. 94 A, op. 3 - Fragmento de fundo interno decorado com palmetas ovóides e duas nervuras centrais de prateira tipo Hayes 67 (?), *350-380* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 4, camada 1 b.

62. Alv. 97 B3, A1, op. 359 - Fragmento de fundo com pé em moldura saliente de prateira tipo Hayes 61, 67, 68 … (?), *360-420* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 5, camada 2.

63. Alv. 97 B3, A1, op. 148 - Fragmento de fundo com duas caneluras internas e pé em moldura saliente de prateira tipo Hayes 61, 67, 68 … (?), *360-420* (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal*, Pátio I, corte estratigráfico 4, camada 1.

64. Alv. 93 A, op. 141 - Fragmento de fundo com pé moldurado decorado com rosetas de prateira tipo Hayes 61 A ou 67 etc., *325-450/470* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, pátio exterior e forno, corte estratigráfico 8, camada 0.

65. Alv. 93 A, op. 65 - Fragmento indiferenciado de fundo com pé moldurado decorado com friso de rosetas de prateira tipo Hayes 61A ou 67 etc., *325-450/470* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 2.

66. Alv. 93 A, op. 108 - Fragmento de fundo decorado com palmetas e quadrados reticulados de prateira tipo Hayes 61, 67,68, etc., (?), *325-450/470* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 3.

67. Alv. 94 A, op. 115 - Fragmento indiferenciado de fundo decorado com quadrado reticulado e palmeta de prateira tipo Hayes 61, 67, etc., *350-450* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 2.

68. Alv. 94 A, op. 135 - Fragmento indiferenciado de fundo decorado internamente com quadrado reticulado de prateira tipo Hayes 61 ou 67 etc., *350-450* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 2.

69. Alv. 92 A, op. 115 - Fragmento indiferenciado de fundo decorado com cinco círculos concêntricos e palmetas de prateira tipo Hayes 61, 67,68, etc.,(?) m*eados do séc. IV - meados do séc. V* (vol. II, est. CXXXIX, n.º 69).
Dim. - Comprimento máximo 76 mm; Espessura máxima do fundo 8 mm; largura máxima 110
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. II, corte estratigráfico 12, camada 01.

70. Alv. 92 A, Ig. 3315 - Fragmento indiferenciado de fundo decorado com cinco círculos concêntricos e folhas de palma de prateira tipo Hayes 61, 67,68, etc., (?), m*eados do séc. IV - meados do séc. VI* (vol. II, est. CXXXIX, n.º 70).
Dim. - Comprimento máximo 40 mm; Espessura máxima 8 mm; Largura máxima 60 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, Domus *do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 14, camada 04.

71. Alv. 92 A, Ig. 5000 - Fragmento indiferenciado de fundo decorado com círculos de prateira tipo Hayes 67, 68, etc., (?), m*eados do séc. IV - meados do séc. V* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. I, corte estratigráfico 12, camada 1.

72. Alv. 92 A, Ig. 2111 - Fragmentos indiferenciado de fundo decorado com banda de pequenos círculos e palmeta de prateira tipo Hayes 61, 67, 68, etc., (?), *meados do séc. IV - meados do séc. V* (vol. II, est. CXXXIX, n.º 72).
Dim. - Comprimento máximo 61 mm; Largura máxima 105 mm; Espessura máxima 6 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. II, corte estratigráfico 13, camada 01.

73. Alv. 93 A, op. 142 - Fragmento indiferenciado de fundo decorado com círculos pequenos e motivo pontilhado central de prateira tipo Hayes 61, 67,69, etc., (?), *360-470* (n/ilustrado).

Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 3.

74. Alv. 94 A, op. 26 - Fragmento indiferenciado de fundo de prato decorado com cinco círculos concêntricos de prateira tipo Hayes 61 A, 62 A, 67, 68, etc., (?), *325-450* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 00.

75. Alv. 94 A, op. 136 - Fragmento indiferenciado de fundo decorado com cinco círculos concêntricos de prateira tipo Hayes 59, 60, 61, 62, 67, etc., (?), *325-450* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 4, camada 01.

76. Alv. 94 A, op. 41 - Fragmento indiferenciado de fundo decorado com rosetas e caneluras de prateira tipo Hayes 59, 60, 61, 62, 67, etc., (?) *1º quartel do séc. IV* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 01.

77. Alv. 94 A, op. 20 - Fragmento indiferenciado de fundo decorado com palmetas ovóides com uma nervura central de prato/prateira tipo Hayes 59,60,61,62,67… (?), *1º quartel do séc. IV* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 01.

78. Alv. 94 A, op. 63 - Fragmento indiferenciado de fundo decorado com rosetas e caneluras de prateira tipo Hayes 59, 60, 61, 62, 67, etc., (?), *1º quartel do séc. IV* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 01.

79. Alv. 95 B. A4, op. 10; 14 - Fragmentos indiferenciado de fundo decorado com palmetas associadas a círculos concêntricos roletados de prato/prateira tipo Hayes 59, 60, 61, 62, 67, etc., (?), *2ª metade do séc. IV* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. IV, corte estratigráfico 1, camada 1.

80. Alv. 94 A, op. 41 - Fragmento indiferenciado de prateira tipo Hayes 61, 67, 68, etc., (?), *325-450* (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 00.

Hayes 76 (81)
Prateira

81. Alv. 97 B3, A1, op. 79 - Fragmento de bordo, parede e fundo que forma perfil completo de prateira tipo Hayes 76, variante 7. Bordo vertical, ligeiramente sobrelevado em relação à aba, com decoração composta por caneluras transversais. Aba larga, ligeiramente reentrante, rematada por lábio vertical, pendente e assimétrico, decorado por círculos concêntricos rematando em carena pouco angulosa. Parede baixa com curva pronunciada. Fundo composto por pé anelar de perfil triangular A decoração do bordo na face exterior é composta por três caneluras paralelas entre si. *425-450* (vol. II, est. CXXXIX, n.º 81).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 341 mm; Altura máxima 41 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm.
Capacidade - 2 623, 58 cm^3 / 2, 62 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. XII, corte estratigráfico 5, camada 1.

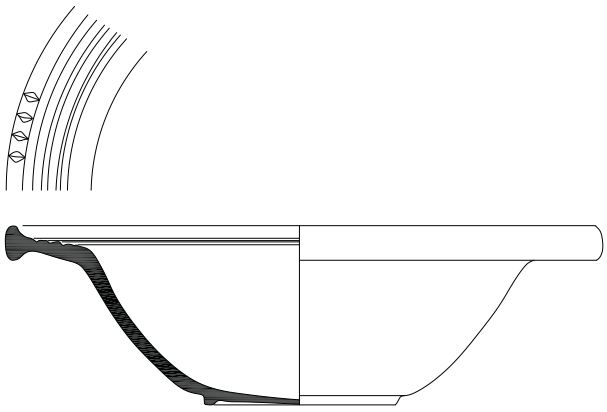
Hayes 91 (82-83)
Taça

82. Alv. 92 A, Ig. 2223 - Fragmento de bordo de taça tipo Hayes 91 (?) (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. II, corte estratigráfico 13, camada 1.

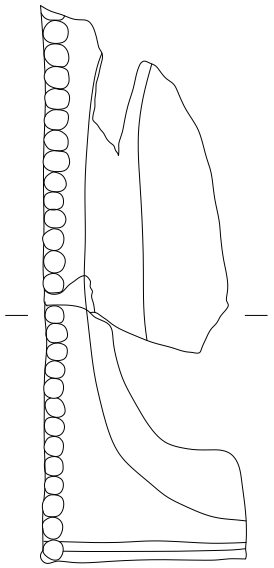
83. Alv. 92 A, Ig. 910 - Fragmento de bordo de taça tipo Hayes 91 (?) (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. I, corte estratigráfico 12, camada 1.

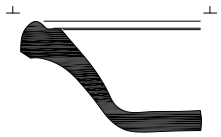
Motivos decorativos (84)

84. Alv. 98 B1, A1, op. 194 - Fragmento de fundo de prato/prateira com decoração interna de círculos concêntricos e flores tipo estilo A(ii) tardio - 82g, organizada numa banda formada por círculos incisos. Pé muito fino e baixo frisado por uma canelura na face interna. Fundo plano com estreitamento progressivo de espessura para o interior, *350-420* (vol. II, est. CXXXIX, n.º 84).
Dim. - Diâmetro máximo do fundo 126 mm; Largura máxima 63 mm; Espessura máxima do fundo 7 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. X, corte estratigráfico 1, camada 1.



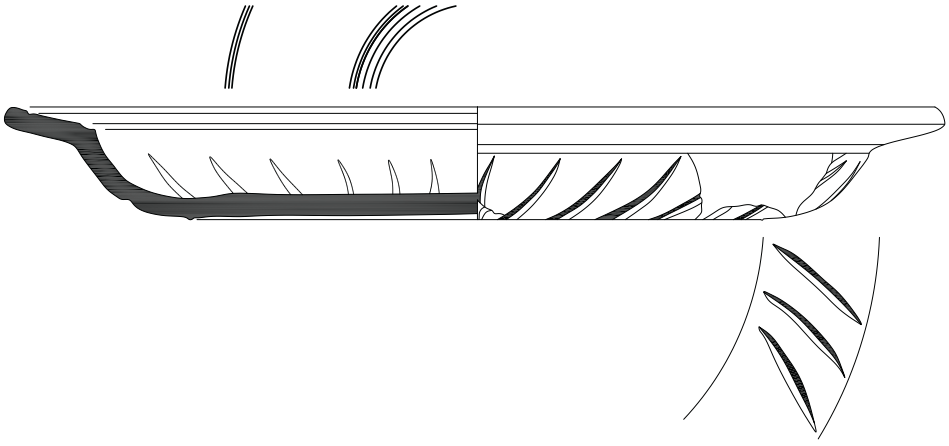
10



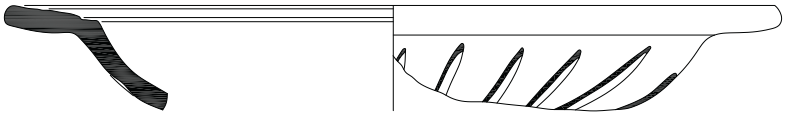


1

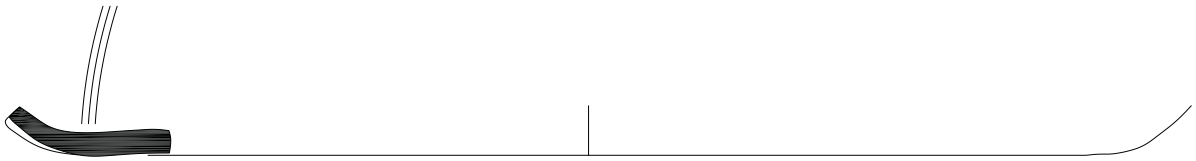
Materiais, *sigillata africana "fabrico C"* | Estampa CXXXVI

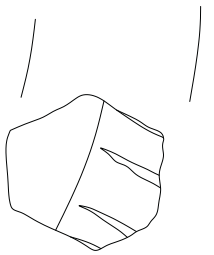


2

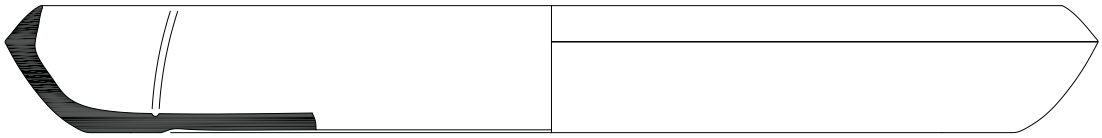


4

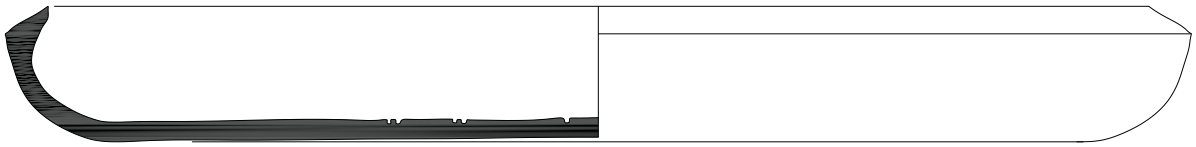




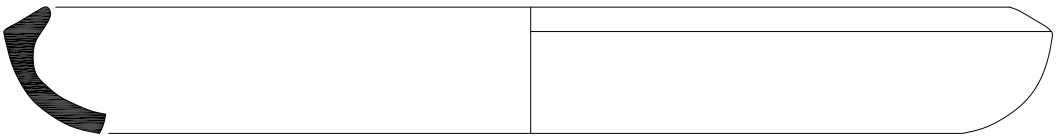
5



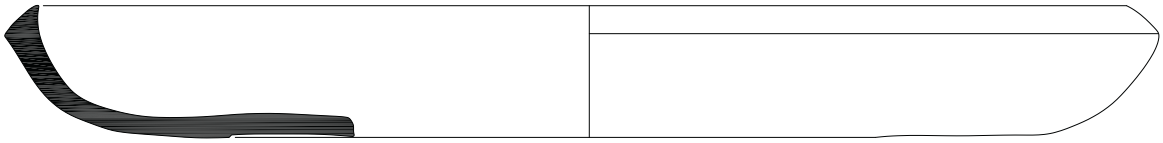
10 a



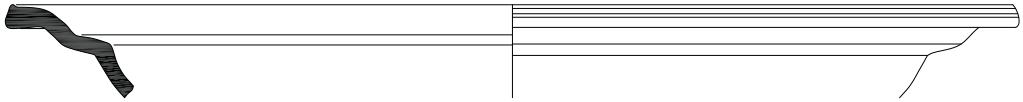
12



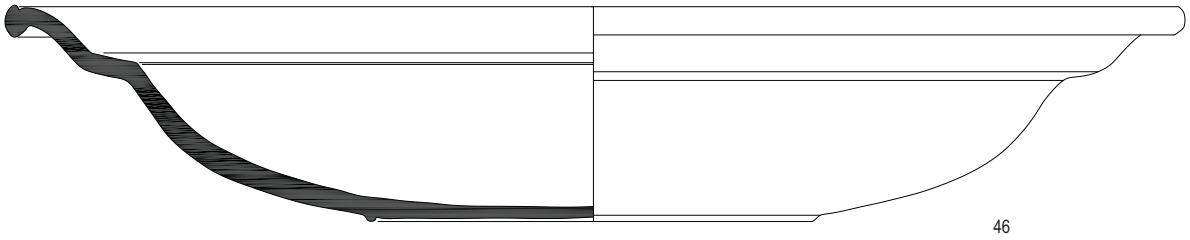
17



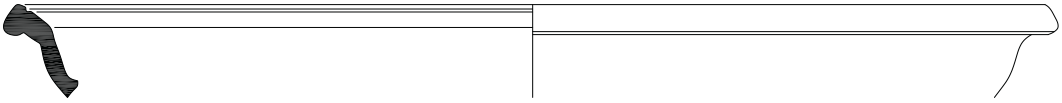
20



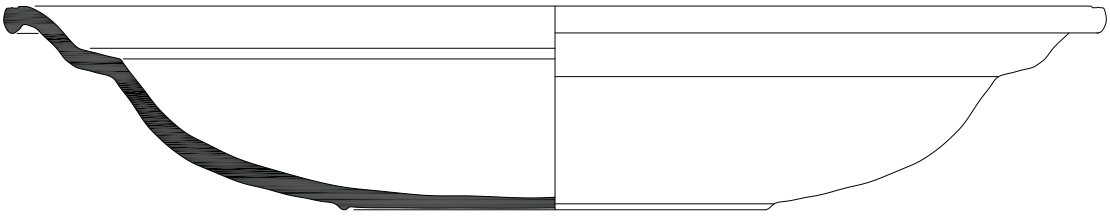
45 a



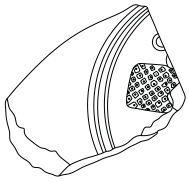
46



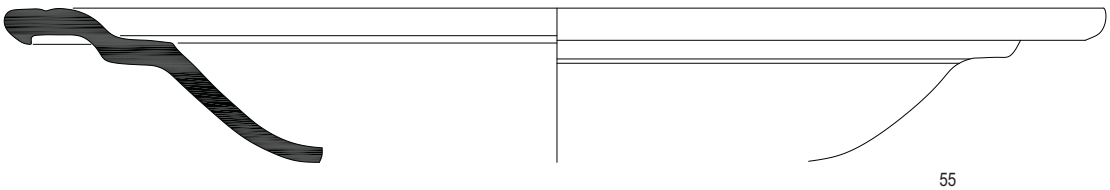
47



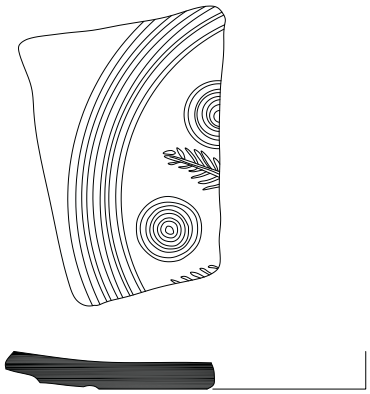
48



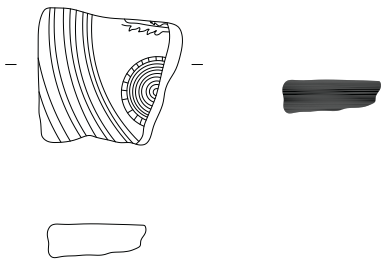
54



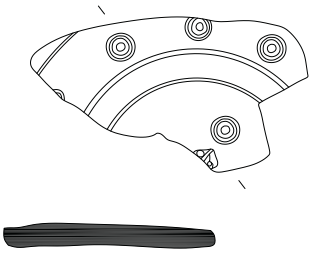
55



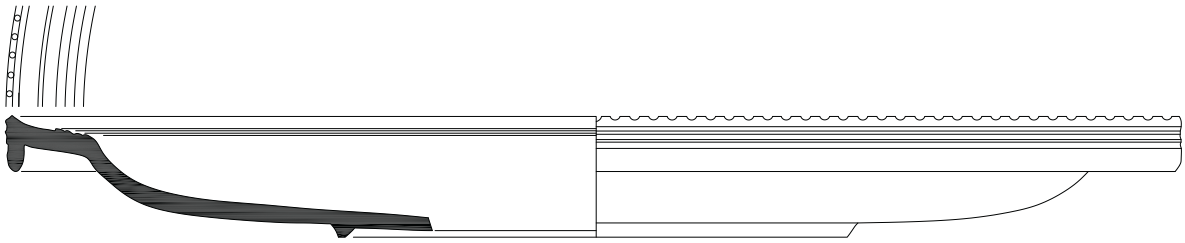
69



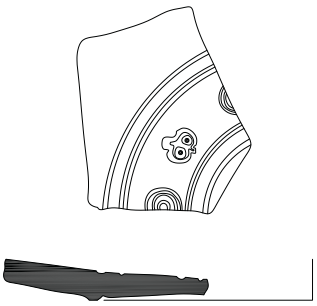
70



72



81



84

6.3.6. Cerâmica de engobe vermelho não vitrificável

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

Do largo conjunto de cerâmicas identificadas em assentamentos romanos ou povoados romanizados, inicialmente designadas por *cerâmica comum*, com o desenvolvimento da investigação foram-se individualizando grupos cerâmicos que, pelas suas características, formavam conjuntos que permitiam distingui-los da grande amálgama das cerâmicas comuns que não faziam parte das importações mais significativas, como, por exemplo, as sigillatas e as ânforas. Assim aconteceu com as produções de engobe interno vermelho pompeiano – *pompejanisch-roten platten* (SOUSA 1971, 451-455) –, as produções designadas por "cerâmica bracarense" (ALARCÃO 1965, 45-50; ALARCÃO; MARTINS 1976, 92-109), e, mais recentemente, com as *cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável* (DELGADO 1993-94, 113-149).

A caracterização deste tipo de fabrico foi pela primeira vez abordado de forma objectiva por Adília Alarcão, que, em 1975, numa Mesa Redonda realizada em Conímbriga[719], onde formalizou a proposta para a sua designação genérica como *céramique à engobe rouge non grésé*, largamente discutida pelos presentes, assim como resumidamente caracterizou os fabricos e identificou os principais centros produtores (ALARCÃO 1975, 13-37). Assim, para a autora, exceptuando as produções vinculadas às formas de engobe interno vermelho pompeiano, é no decurso do séc. I que tem inicio a produção de *cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável*, cujo repertório apresenta um largo número de formas inspiradas nas principais produções forâneas, fundamentalmente de terra sigillata. A partir de uma observação minuciosa dos diferentes fabricos, identifica três centros produtores localizados em diferentes zonas do país – Alentejo, Conímbriga e Braga-Guimarães. Este último fabrico, segundo a autora, caracteriza-se por apresentar predominância de engobes finos de tons claros que abrangem um espectro cromático desde o rosa ao castanho-avermelhado, apresentando como aspecto comum a constituição da pasta que se apresenta clara, fortemente micácia, com partículas de elementos não-plásticos de grande dimensão, observáveis mesmo sobre o engobe (ALARCÃO 1975, 15-16). Posteriormente, o estudo das cerâmicas identificadas em Conímbriga receberia a mesma designação, tendo, neste caso, sido estabelecida a associação das formas aos protótipos de inspiração (ALARCÃO 1976, 51-59, est. XIII, n.º 33-49).

As primeiras referências bibliográficas que encontramos relacionadas a este tipo de produção no norte de Portugal, ainda que não identificadas como tal, datam de 1974, num pequeno estudo de materiais cerâmicos romanos provenientes do castro de Guifões, Matosinhos, onde, na expressão do autor, se apresentam alguns fragmentos de imitação de sigillata clara D (ALMEIDA; SANTOS 1974, 55-56). A designação de *cerâmica de engobe vermelho não vitrificável* é também adoptada por Manuela Delgado, investigadora que viria a caracterizar pormenorizadamente esta produção através do estudo de materiais procedentes de *Bracara Augusta*. Segundo a autora, as suas características morfológicas e a técnica de fabrico constituem os elementos identificadores da produção " (...) *a técnica de fabrico e o carácter não vitrificável do engobe vermelho são o denominador comum destas cerâmicas que permite, de imediato, distingui-las e pressupor a existência duma tradição tecnológica que vinda desde o séc. I d.C., se prolongou, sem interrupções aparentes, até meados do séc. V d.C.* (…)" (DELGADO 1993-94, 114).

No seu estudo, que compreende materiais de várias proveniências da cidade de *Bracara Augusta* e também da *villa* romana de Póvoa de Lanhoso, a 15 km de Braga, distingue dois grupos sendo o primeiro constituído

[719] "Mesa Redonda" realizada em Conímbriga em Março de 1975, na qual se abordaram temáticas relacionadas com as principais produções cerâmicas de âmbito regional, assim como as principais importações de cerâmica fina. A reunião científica contou com a presença dos mais eminentes ceramistas europeus, autores das principais tipologias e estudos de cerâmicas romanas, tendo constituído um momento de grande relevância para o estudo das cerâmicas romanas em Portugal.
As actas do evento foram publicadas em edição portuguesa no volume XV da revista *Conimbriga* e em edição própria – *A propôs dês cerámiques de Conímbriga. Table ronde ténue à Conímbriga les 25-27 mars 1975* (Publications du Centre Pierre Paris, 2), Paris, 1976.

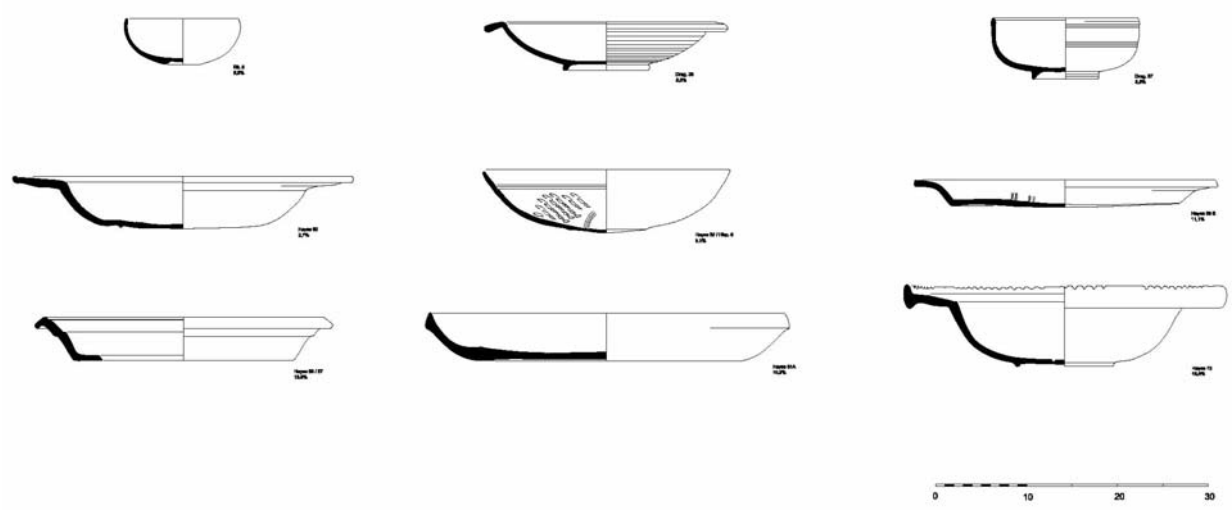
por – *Importações da produção pompejanisch-roten platten e respectivas imitações*, e o segundo por – *Produções que imitam formas das sigillatas hispânicas e da sigillata clara D*. Para efeito de identificação e definição do grupo de fabrico descreve cinco tipos de pasta que tem em comum o engobe vermelho não vitrificável, que oscilam de tonalidade indistintamente dos fabricos, entre o Vermelho Inglês (N13/R11)[720] e o Vermelho Veneza (R19/20) (DELGADO 1993-94, 121-122).
Apesar do grau de detalhe da abordagem do estudo da produção, tanto ao nível da caracterização morfológica como tipológica, e a sua relativa abundância na região, em particular em horizontes tardo-romanos, constitui ainda uma produção deficientemente conhecida e raramente caracterizada em estudos arqueológicos posteriores à segunda metade da década de noventa, exceptuando referências pontuais de materiais cerâmicos provenientes de necrópoles, onde a sua presença é frequente.
Também do ponto de vista da caracterização mineralógica e química dos diferentes fabricos identificados se torna imperioso direccionar a investigação, com o propósito de desenvolver uma abordagem mais científica, como aliás já o reconhecia Manuela Delgado, entendendo o seu estudo como uma primeira fase de investigação. Em relação a este aspecto procuramos contribuir com a realização de um conjunto de análises através de espectrometria por fluorescência de raios X, de forma a caracterizar a constituição das pastas, assim como de reunir elementos que permitam fundamentar a hipótese já vinculada da existência de um centro produtor localizado na zona do Prado, Vila Verde, Braga.

As 35 peças identificadas representam 10 formas e resultaram da análise de 372 fragmentos recolhidos nos diferentes espaços intervencionados com a seguinte repartição; *Domus do Tesouro* 40 fragmentos; *Domus da Lucerna Cristã e Domus da Colher de Prata* 148; *Domus da Lucerna do Cavalo* 92; *Espaço Público* 22 e *Espaço Artesanal e Domus da Lucerna do Golfinho* 92.

Das formas identificadas distinguem-se em dois grupos que correspondem respectivamente às produções que imitam formas de terra sigillata hispânica e as produções que imitam a sigillata africana. Percentualmente, as formas identificadas distribuem-se da seguinte forma:
Ritterling 8 (2 ex. 5,5%); Dragendorff 36 (2 ex. 5,5%); Dragendorff 37 (2 ex. 5,5%); Hayes 50A (1 ex. 2,7%); Hayes 50B (4 ex. 11,1%); Hayes 52 / Hisp. 6 (2 ex. 5,5%); Hayes 59B (4 ex. 11,1%); Hayes 59/67 (5 ex. 13,8%); Hayes 61A (6 ex. 16,6%); Hayes 73 (2 ex. 5,5%); indiferenciados (6 ex. 16,6%).

[720] À semelhança dos demais estudos de cerâmica utilizamos o *Code dês coleurs dês sols*, A. Cailleux, Paris, para a caracterização das cores das pastas e engobes.

Quadro sinóptico



O fabrico

A *cerâmica de engobe vermelho não vitrificável* constitui uma produção relativamente pouco homogénea, apresentando algumas peças de boa qualidade, cujas formas reproduzem fielmente a maior parte das modelos que imitam, especialmente as que correspondem às sigillatas africanas e às sigillatas hispânicas tardias, em paralelo com um conjunto alargado de peças de qualidade mediana que corresponde geralmente à produção mais massificada de formas simples, como sejam os pratos de paredes rectas e lábio arredondado ou as taças que geralmente constituem imitações rudimentares ou formas bastardas que aglutinam aspectos morfológicos de diferentes modelos. Trata-se de uma produção que não se limitou a copiar ou a inspirar em protótipos forâneos tendo desenvolvido modelos próprios ora por fusão de elementos de diferentes formas, produzindo formas híbridas, como é o caso da forma Hayes 59/67, ora produzindo formas próprias, como parece ser o caso dos pratos esvasados de parede recta e fundo plano, que encontram larga representação no reportório das formas identificadas.
Nas cerâmicas de Alvarelhos, através de uma análise macroscópica, identificaram-se dois fabricos (Pasta I / Pasta II), relacionáveis com a caracterização efectuada nos materiais de Braga, designadamente a Pasta II-3 e a Pasta II-4 (DELGADO 1993-94, 121-122).

Pasta I - Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos não-plásticos pouco abundantes e medianamente calibrados, compostos por quartzo, mica e feldspato. Predomina a cor clara, ocre (M35) e parda muito pálida (M70). As superfícies são alisadas e bem polidas, cobertas por um engobe muito fino, bem aderido, com aspecto de simples aguada nas superfícies externas de alguns exemplares. A cor varia entre o Vermelho Inglês de tonalidade intermédia (N13/R13), e o Vermelho Veneza (R19/20), brilhante ou semibrilhante, geralmente menos espesso no exterior da peça.

Pasta II - Pasta compacta e medianamente dura com cozedura uniforme. Elementos não-plásticos abundantes e mal calibrados, com elementos de média dimensão que, em alguns casos, afloram à superfície. Predominam quartzos de arestas, mica de pequeno calibre que aflora à superfície e, em menor

quantidade, feldspato com distribuição menos regular. A fractura apresenta cor homogénea, sem núcleo individualizado, de cor que varia entre Terra Siena Natural (R47 / R49) e Terra Siena Tostada (P39 / P47). Acabamento de qualidade mediana com espatulamento e polimento irregular, por vezes incipiente e pouco cuidado. Os engobes, na generalidade, são finos e mal aderidos sendo frequentes as peças sumariamente engobadas na face interna, parte do bordo e arranque da parede da face externa. As cores alternam entre o Vermelho Inglês escuro (R13) e o Vermelho Veneza de tonalidade variável (S13/ S19).

As 16 análises químicas efectuadas, segundo a metodologia adoptada, permitiram-nos identificar seis grupos distintos (Grupo 3, 11, 15, 16, 25 e um conjunto de amostras não agrupadas tipo Prado - Geral)[721].

Imitações de terra sigillata hispânica

Ritterling 8 (1-2)
Taças

São seis as peças identificadas como imitações de terra sigillata hispânica. Os n.º 1 e 2 imitam a forma Ritterling 8[722]. A taça n.º 1 (vol. II, est. CXL, n.º 1) é formada apenas por parte da parede e do bordo. Este é vincado por uma fina canelura exterior formando um lábio arredondado e reentrante. A peça n.º 2 (vol. II, est. CXL, n.º 2) apresenta um perfil parcial composto pela parede e arranque do bordo que revela um recorte simples com lábio arredondado, ligeiramente reentrante. Um exemplar muito semelhante na forma e constituição da pasta provêm da Zona das Carvalheiras, Braga, ainda que com diâmetro ligeiramente inferior (DELGADO 1993-94, 123; 132, est. X, 11). Nas necrópoles da região de Amarante encontra-se amplamente representado, nomeadamente na necrópole de Chã da Portela, S. Simão, Amarante (PORTELA 1993, 31, est. XIV-XV, n.º 3, 5), na necrópole de Gatiães, Lufrei, (PORTELA 1993, 31, est. XIX, n.º 5), na necrópole de Tubirei, Gondar (PORTELA 1993, 31, 121, est. LI, n.º 7), assim como da necrópole de Laboriz (AMARAL 1988-89, est. VI, n.º 5). Na necrópole das Caxinas, Vila do Conde, identifica-se um exemplar íntegro, morfologicamente muito próximo do original, apesar de não revelar o pé característico da forma, mas sim uma base discóidal. Apresenta um engobe espesso e bem aderido característico do fabrico que identificamos como Pasta I (ALMEIDA 1973, 218, est. IV, n.º 5).

[721] A criação de grupos de amostras foi feito pelo método do "vizinho mais próximo", tomando-se, em primeiro lugar, as duas amostras com distâncias euclidianas mais baixas (mais parecidas), formando um primeiro núcleo com estas duas amostras, às quais, pelo mesmo método, se vão agregando sucessivamente mais amostras, criando assim novos valores médios e novos desvios padrões para os diversos elementos analisados. O critério de pertença a um determinado grupo é baseado na técnica de análise de variância. Esta análise permite verificar se uma determinada composição química pode pertencer (com determinado grau de probabilidade), a esse grupo ou não. Para tal recorre-se à estatística de Hotelling, calculando-se o valor F (da distribuição F de Snédecor) correspondente ao teste de hipóteses efectuado. Esta técnica permite alargar grupos, desde que a probabilidade de uma nova amostra pertencer ao grupo seja superior a um determinado valor previamente estabelecido, neste caso utilizou-se sempre a nível de probabilidade de 95% (CASTRO 1998, 126-128). Para uma aproximação mais detalhada à metodologia analítica e estatística para a determinação de proveniência de cerâmicas arqueológicas veja-se (CASTRO 2003, 351-354).

[722] A forma Ritterling 8 da produção hispânica constitui uma taça de imitação do modelo sudgálico. O seu morfotipo define-se a partir do seu perfil hemisférico com parede curva e bordo simples sem demarcação do lábio que pode ser vertical ou ligeiramente introvertido. O pé é baixo, quase inexistente, apresentando sempre a moldura hispânica, característica das oficinas hispânicas do norte. O seu diâmetro oscila entre 90 a 220 mm e a altura entre 40 e 90 mm (MAYET 1984, 70, est. LVI). A sua produção perdura ao longo do tempo das produções hispânicas, tendo, portanto, uma ampla datação (PERALTA 1991, 59). As variações de tamanho, geralmente evidenciando um incremento progressivo, são ponderados para efeitos de datação, uma vez que a forma sudgálica que inspira o modelo hispânico, possuí menores dimensões que, por norma, se incrementam com o passar do tempo, como aliás se pode deduzir dos materiais provenientes de Conímbriga (MAYET 1984, 70), e constatado por outros autores (VAQUERO 1998, 559). Parece, aliás, existirem determinadas características específicas das produções mais precoces, como sejam a delimitação externa ou interna do bordo, a curvatura do lábio para o interior, a preponderância da altura em relação ao diâmetro e a existência de moldura hispânica no pé (CARNICERO, 1985, 185). Desta forma, parece correcto admitir que as formas de maiores dimensões e de bordo mais esvasado constituam os tipos mais tardios.

Identifica-se no acervo cerâmico de Lugo como Tipo 18 *Copa engobada, imitación de la forma Ritt. 8*, onde encontra uma representação relativamente baixa, segundo o autor, devido ao facto de constituir uma das formas de maior representação dentro das produções hispânicas, tendo, mesmo assim, sido catalogados 18 exemplares, cuja cronologia sugerida se centra na terceira centúria (IRASTORZA 2001, 364-366, fig. 154, n.º 1-2).
Apesar de não possuirmos o perfil completo das peças, de forma a permitir uma caracterização completa do morfotipo, o seu enquadramento estratigráfico e as suas características tipológicas sugerem que as imitações provavelmente terão tido por base as produções das taças Ritterling 8 fabricadas na fase final do alto-império já de transição para as produções hispânicas tardias.
O n.º 1 é proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna Cristã* e o n.º 2 da Fase III do exterior da *Praça*.

Dragendorff 36 (3-4)
Taças / pratos

Os n.º 3 e 4 inspiram-se na forma Dragendorff 36. O n.º 3 (vol. II, est. CXL, n.º 3) apresenta um bordo estreito e pouco encurvado com parede pouco arqueada. O exemplar n.º 4 (vol. II, est. CXL, n.º 4) revela um diâmetro ligeiramente acima das taças de sigillata e o bordo espesso mas estreito levemente encurvado. Ambos, pelas suas características e diâmetros internos, podem ser classificados como pratos. Constituem um fabrico de qualidade mediana no qual o engobe é extremamente fino e cobre apenas o interior. A cronologia da peça n.º 3 (Fase III), coincide com as produções hispânicas de *Tricio*, que não ultrapassam o final do séc. II, encontrando-se ausente em horizontes do Baixo-império (MAYET 1984, 74), enquanto a peça n.º 4 surge num horizonte cronológico que corresponde à Fase V, podendo constituir uma perduração da forma ao longo do Baixo-império[723]. Não identificamos paralelos em ambientes habitacionais na região em estudo, apesar de terem sido produzidas peças morfologicamente similares em cerâmica comum[724]. Provenientes de contextos funerários são conhecidas duas peças muito próximas do protótipo original, cuja descrição da pasta, acabamento e engobe, permite admitir que se incluiria no fabrico da Pasta II (ALMEIDA 1973, 216, est. III, n.º 6, 12). Em Mirobriga, Santiago do Cacém, identifica-se também um exemplar morfologicamente muito próximo do protótipo hispânico (ALARCÃO 1976, 56, pl. XIII, n.º 34).

.

[723] A taça/prato tipo Dragendorff 36 possui um perfil curvo com bordo formado por aba voltada para baixo. É frequentemente decorada com folhas d'água a barbotina, sendo os exemplares não decorados, segundo F. Mayet (MAYET 1984, 74), possuidores de bordos mais curtos e menos encurvados. Os seus diâmetros oscilam entre 140 mm e 200/220 mm e a altura por volta dos 40 mm. É perceptível uma grande variação ao nível da configuração dos bordos, facto que constituiu motivo para a criação de duas variantes (VAQUERO 1998, 584), mas que, quanto a nós, poderá apenas corresponder a proveniências de distintas oficinas.
Se, por um lado, a cronologia proposta para o início da sua produção no reinado de Vespasiano é unanimemente aceite, com base no mesmo princípio estabelecido para a forma Drag. 35, de que faria parte do serviço hispânico correspondente ao serviço A de La *Graufesenque,* seu predecessor, o término da sua fabricação apresenta marcadas divergências. A maioria dos autores defende um período de fabrico que terá tido a sua conclusão em meados do séc. II (MAYET 1984, 74), ou em finais do séc. II, princípio do séc. III (ROMERO 1985, 202; GONZÁLEZ1989, 343; VAQUERO 1998, 583-584), parecendo ser pacífica a aproximação das formas apresentadas aos grandes pratos do norte peninsular e do vale do Douro do Baixo-império (MAYET 1984, 74, nota 91; ROMERO 1985, 202; VAQUERO 1998, 583-584).

[724] Designadamente, proveniente da necrópole de Laboriz, Amarante, com proximidade morfológica significativa em relação ao protótipo hispânico (PORTELA 1993, 31, XXVII, n.º 1).

Dragendorff 37 Tardia (5-6)
Taças

Os exemplares n.º 5 e 6 imitam a forma Dragendorff 37 Tardia (MEZQUÍRIZ 1958, 257, fig. 115, n.º 5)[725] das produções hispânicas. Os exemplares são lisos e tipologicamente distintos. O n.º 5 (vol. II, est. CXL, n.º 5) possui uma carena muito vincada, a parede arqueada e esvasada e bordo anguloso. O exemplar n.º 6 (vol. II, est. CXL, n.º 6) possui um diâmetro ao nível do bordo muito reduzido. A parede sinuosa remata com lábio arredondado marcado por uma ligeira canelura interna. Os paralelos mais semelhantes que podemos referenciar para as nossas peças são provenientes de Conímbriga, nomeadamente para o n.º 6 (DELGADO IV, 1975, pl. LXXX II, n.º 5), vários exemplares de Lugo, onde se verifica uma assinalável diversidade de perfis e dimensões[726] (IRASTORZA 2001, 368-370, fig. 155), assim como de Braga (DELGADO 1993-94, 123, est. III, n.º 12-13). Embora a informação relativa a estas produções seja escassa, nomeadamente no que respeita à sua difusão e cronologia, é certo que nos finais do primeiro quartel da terceira centúria encontrava-se em pleno funcionamento, correspondendo a sua área de difusão ao centro e norte da Península. O enquadramento crono-estratigráfico das nossas peças remete para a Fase IV-V, que encontra perfeita correspondência com as formas que estiveram na base da sua produção (27 Tardia e 37 Tardia), assim como os demais exemplares conhecidos provenientes de Braga (DELGADO 1993-94, 123, est. III, 12-13), e Conímbriga (ALARCAO 1976,136, pl. III, n.º 22).
Nenhum exemplar publicado evidencia a decoração característica da forma 37 Tardia[727], facto que, eventualmente, se poderá explicar por uma opção estética, uma vez que no serviço de mesa engobado, apenas se documentam decorações no fundo das prateiras, cuja função, provavelmente, se reportaria a albergar alimentos não confeccionados.
A sua presença, relativamente abundante, contrasta com o facto de as produções originais continuarem a afluir aos locais onde se regista a sua presença em significativo número, não sendo, portanto, conclusivo o argumento económico e comercial como motor de incremento da produção de imitações, uma vez que a decadência económica apenas atinge significativamente as cidades do noroeste a partir do segundo quartel do séc. V.

Imitações da sigillata africana

As produções inspiradas nas formas da sigillata africana, nomeadamente nas formas melhor representadas no noroeste, constituem, sem dúvida, o principal acervo deste tipo de fabrico.

[725] A sua denominação, classificação e descrição foi realizada por Mezquíriz. É uma taça que morfologicamente se caracteriza por possuir uma parede curva, com bordo alto e aberto, pé baixo com fundo com moldura típica dos produtos do vale do Ebro (MAYET 1984, 257). Verificam-se, no entanto, inúmeras variantes, fundamentalmente ao nível do bordo, que conduziram alguns autores à constituição de diferentes grupos. F. Mayet opõem-se claramente à divisão estabelecida por Palol da distinção entre dois grupos compostos por uma parte (A e B), pelo vasos feitos a molde e por outra (C e D), composta pelos vasos torneados que imitam os anteriores. As variantes A e B distinguem-se pela existência ou inexistência de lábio. Assim, seguindo a descrição adoptada por Paz Peralta, o tipo A caracteriza-se por ter um bordo alto e aberto com tendência para a verticalidade e lábio liso. O tipo B corresponde a um vaso com o bordo aberto e recto sendo rematado por um bordo com lábio arredondado ou com uma faixa plana. A sua datação, longe de ser consensual, parece centrar-se no início do séc. IV e ter-se-á mantido em produção até final da produção hispânica, de acordo com os dados recolhidos em Saragoça (PERALTA 1991, 117).
[726] Esta forma, identificada em Lugo como Tipo I27T, evidência significativas variantes no seu perfil acampanado, tanto no que respeita à dimensão e inclinação do terço superior do bojo, como dos ângulos definidos pela carena interna da taça (IRASTORZA 2001, 368-370, fig. 155).
[727] Apesar da prevalência dos exemplares decorados, identificam-se também peças lisas (MAYER 1998, pl. CCLV, n.º 121, 123). Constitui, todavia, uma forma que, apesar de relativamente bem distribuída pela geografia peninsular, apresenta percentagens relativamente baixas, fundamentalmente quanto comparada com a sua homónima decorada. Por exemplo, na Corunha, segundo o estudo efectuado por Catalina Pérez, percentualmente apenas encontra uma expressão de 1,6% no conjunto tardio (PEREZ 2004, 395).

Hayes 59 (19-21)
Pratos / Prateiras

Os pratos tipo Hayes 59[728] - n.º 19, 20 e 21 –, representam fielmente a forma original constituindo um modelo relativamente bem representado e com uma ampla distribuição geográfica. A forma releva também significativas semelhanças com a forma 74 da TSHT (MESQUIRIZ 1985, 164, lám. XXXIX, n.º 6), assim como, com a forma 4 da TSHT de Palol e Cortés, (SALLELAS; CORTÉS 1974, 124-127, fig. 37), com datação centrada no séc. IV-V. O bordo, em forma de aba horizontal, ligeiramente espessado rematado com lábio arredondado, em nenhum dos casos é decorado, apresentando apenas uma carena ou friso, como acontece em todos os casos da sigillata africana (HAYES 1972, 98, fig. 15). No entanto, o seu perfil, com parede curva em forma de um quarto de círculo e o fundo plano é mantido inalterado. Em Lugo, onde também encontra uma larga expressão, tanto em ambientes funerários como habitacionais, identifica-se como *Tipo I59 – Grandes fuentes engobadas, imitación de la forma Hayes 59* (IRASTORZA 2001, 375), identificam-se uma assinalável variedade de bordos, em que, a maior parte dos exemplares, se encontram decorados. A cronologia proposta compreende o período balizado entre meados do séc. IV e meados do séc. V[729].

A peça n.º 21 (vol. II, est. CXLII, n.º 21) apresenta uma aba ligeiramente mais curta e carenada no interior. Os paralelos conhecidos são referenciados em Conímbriga (DELGADO 1975, pl. LXXXV/VI, n.º 46-49), com variações na aba e bordo, como aliás acontece na sigillata africana. Em Braga, segundo Manuela Delgado, não constituem imitações, mas sim exemplares inspirados nas peças originais (DELGADO 1993-94, 124). Mais próximo de nós, provenientes da necrópole da Boavista, Paços de Ferreira[730], são conhecidos dois pratos, um dos quais decorado com palmetas e círculos concêntricos do estilo decorativo A (iii) de Hayes, cujos protótipos tem como cronologia proposta o período compreendido entre 410 a 470 (SILVA 1986 b, 124, est. XXX, n.º 3). Do concelho de Amarante, especificamente da necrópole tardo-romana de Cepelos[731], são conhecidos dois exemplares com perfil muito próximo do protótipo de inspiração (PORTELA 1998, 31, 58, est. VII, 1-2), assim como uma prateira proveniente da necrópole da Lomba[732] (PORTELA 1998, 31, 94, est. XXXIV, 6). Da necrópole das Caxinas, Vila do Conde, identifica-se um prato de fidelidade formal assinalável decorado com uma gravação no fundo (ALMEIDA 1973, 215, est. III, 4). De Monte Mozinho, Penafiel, assinala-se a presença de dois exemplares provenientes do Sector B, identificados como imitações da forma 4 da TSHT (SOEIRO 1984, 265, fig. CXXXVIII, n.º 1-2).

Estratigraficamente, os pratos / prateiras de Alvarelhos enquadram-se na Fase IV-V, coincidindo com a cronologia proposta para a forma tipo Hayes 59, nas duas variantes consideradas A e B, assim como das produções hispânicas tardias, designadamente com a forma 74 (MESQUIRIZ 1985, 164, lám. XXXIX, n.º 6), e a

[728] Genericamente, caracteriza-se pela base plana, parede curva e bordo amplo formando uma aba horizontal ou ligeiramente soerguida, com lábio arredondado, frequentemente decorado no fundo com motivos estampados organizados no interior, cuja composição integra círculos. Hayes distingue dois tipos. O primeiro, E1 A com caneluras verticais no exterior da parede realizados na fase de modelação da peça (HAYES 1972, 100). O segundo, E1 B, de parede lisa. Gandolfi estabelece quatro tipos distintos de bordo - 1, bordo com três "degraus" que descem para o interior, característico da segunda metade do séc. V; 2, aba plana com caneluras na face superior; 3, constitui a variante de Lamboglia 51 B (LANBOGLIA 1963, 195), possui bordo liso ligeiramente inclinado para o interior; 4, caracteriza-se por uma série de caneluras (GANDOLFI 1983, 72-76, fig. 3). A cronologia proposta por Hayes sugere para o tipo A um período de produção compreendido entre 320-380/400 e para o tipo B 320-420 (HAYES 1972, 100).

[729] Enrique Irastorza sugere como função para este tipo de pratos um lugar no serviço de mesa, com base no facto de a totalidade das peças não evidenciar sinais de exposição ao fogo, suprindo a falta de produtos forâneos que não chegam à cidade devido à insegurança do comércio (IRASTORZA 2001, 376).

[730] Freguesia de Frazão, concelho de Paços de Ferreira, distrito do Porto. Coordenadas geográficas: Lat. 41º 15' 50'' N / Long. 8º 24' 30'' W / alt. 300 m, C.M.P. 1: 25 000, fl. 111 - Paços de Ferreira (SILVA 1986b, 128-129).

[731] Freguesia de Cepelos, concelho de Amarante, distrito do Porto. Coordenadas geográficas: Lat. 41º 15' 54'' N / Long. 8º 04' 45'' W / Alt. 150 m, C.M.P. 1: 25 000, fl. 113 - Amarante (PORTELA 1998, 9).

[732] Freguesia da Lomba, concelho de Amarante, distrito do Porto. Coordenadas geográficas: Lat. 41º 15' 06'' N / Long. 08º 04' 05'' W / Alt. 278 m, C:M:P. 1: 25 000, fl. 113 - Amarante (PORTELA 1998, 12).

forma 4 da TSHT de Palol e Cortés, (SALLELAS; CORTÈS 1974, 124-127, fig. 37), e das demais peças desta produção conhecidas na região.

Hayes 61 (22-27)
Pratos / Prateiras

Os pratos tipo Hayes 61 (HAYES 1972, 102;104 fig. 16-17)[733], como acontece na sigillata africana «fabrico D», são os que encontram maior representação percentual e que melhor reproduzem os originais. Os nossos exemplares – n.º 22-27 (vol. II, est. CXLII – CXLIII, n.º 22-27) –, com bordo triangular típico desta produção, apresentam-se pouco desenvolvidos e com a face externa muito oblíqua formando uma carena marcada na junção com a parede característica da forma Hayes 61 A. A excepção constitui o exemplar n.º 26 (vol. II, est. CXLIII, n.º 26), que possuí o bordo menos oblíquo e mais espesso rematado com um lábio arredondado e parede mais alta e menos reentrante. Apesar de frequentemente decorado com motivos estampados na forma precursora nos exemplares desta produção identificados em Alvarelhos apenas o n.º 25 (vol. II, est. CXLIII, n.º 25), apresenta uma decoração singela de dois círculos concêntricos. Exemplares semelhantes são particularmente abundantes em Braga onde se identificam nas duas variantes A/B e em formas intermédias 61 A/B (n.º 22) (DELGADO 1993-94, 124, est. V, n.º 21-24). Em Conímbriga, os exemplares classificados como tipo Hayes 61 são apenas dois, com a particularidade do n.º 34 apresentar um lábio boleado e marcado para o exterior, o que não é frequente nesta forma (ALARCÃO 1976, 319, pl. LXXXIII, n.º 23-24). Nas necrópoles de Amarante identifica-se em Gondar, Villa Leça e Paneleiros, (PORTELA 1993, 31, est. XXVI, n.º 1). Estratigraficamente todos os nossos exemplares provêm da Fase IV-V, em concordância com a cronologia sugerida para o tipo Hayes 61 A (325-400/420) (HAYES 1972, 107).

Hayes 50 (14-18)
Pratos / Prateiras

Os pratos de imitação da forma tipo Hayes 50 A e B (HAYES 1972, 69-73, fig. 12)[734] são particularmente abundantes. Ilustramos 4 exemplares – n.º 14, 15, 16 e 18 (vol. II, est. CXLI, 14-15; CXLII, n.º 16-18). A prateira n.º 14 corresponde ao tipo A e constitui uma imitação bastante fiel do original, embora possua paredes levemente mais espessas e apresente o fundo munido de pé com configuração trapezoidal, ao contrário da forma original, que possui um fundo com pé composto por uma fina canelura com assentamento directo do fundo na parte central do prato. Hayes sugere uma cronologia balizada entre 230/240-360 para a variante mais temporã desta forma (HAYES 1972, 73), que condiz com o horizonte estratigráfico de proveniência desta peça (Fase IV-V, D*omus da Lucerna do Golfinho*). À semelhança do seu protótipo de inspiração, constitui uma forma relativamente bem representada na região. Identificamos no conjunto de materiais provenientes da necrópole das Bicas, Vila Nova da Telha, Maia (vol. I, est. XXIII, n.º 5), um exemplar em tudo idêntico, cuja cronologia é também coincidente. Em Braga, na Zona das Carvalheiras, com horizonte cronológico da

[733] Este prato/prateira, pouco profundo e de grande dimensão, morfologicamente caracteriza-se por possuir um fundo plano, paredes arqueadas, bordo espesso e carenado no exterior, rematado por lábio triangular. Hayes distingue dois tipos: A e B, distinguindo-se o segundo por possuir maior profundidade, com parede mais aberta e lábio vertical. No entanto, para Lamboglia e Gandolfi constituem formas distintas correspondendo o tipo A à forma 54 e o tipo B à forma 53 (GANDOLFI 1983, 81). A cronologia sugerida para o tipo A é 325-400/420 e 400-450 para o tipo B.

[734] Subdivide-se em tipo A e tipo B, com correspondência na tipologia de Lamboglia no tipo 40 e 40 A. O tipo A caracteriza-se por se tratar de uma forma de recorte simples, composta por uma parede esvasada de desenvolvimento recto ou levemente arqueada, que se une à base em ângulo. A parede é rematada por um lábio não diferenciado de secção pontiaguda. O elemento de apoio configura-se a partir de um diâmetro amplo, uma superfície plana, ou levemente côncava, frequentemente destacada por uma moldura a configurar um falso pé. Este tipo frequentemente apresenta o lábio biselado, pouca espessura nas paredes e pastas finas e depuradas, tipo C1 e C2. Os pratos tipo B apresentam um diâmetro mais reduzido, bases sem pé, paredes mais grossas e pastas menos depuradas. A cronologia proposta por Hayes não sofreu alterações posteriores balizando-se a produção do tipo A entre 230/240 e 360, enquanto o tipo B, se desenvolve entre 350 e 400 (HAYES 1972, 73).

segunda metade do séc. III (DELGADO; LEMOS 1985, 163, est. VI, 22), e em *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses, na última fase de ocupação das termas (DIAS 1997, 49, 59-60), onde, à semelhança de Conímbriga, parece constituir a forma predominante.
Os exemplares n.º 15, 16 e 18 (vol. II, est. CXLI, n.º 15; est. CXLII, 16, 18), são pratos de menores dimensões e assemelham-se a forma Hayes 50 B - variante tardia (HAYES 1972, 71-73, n.º 61), cuja cronologia sugerida se situa entre 350-400. No entanto, os nossos exemplares, particularmente os n.º 16 e 18, apresentam algumas características que os afastam da forma original. A parede pouco esvasada, rematada com bordo espessado com lábio reentrante distingue-se das paredes quase oblíquas dos exemplares ilustrados por Hayes, configurando um modelo híbrido com a forma Hayes 61, mas mais próxima da primeira.

Martim 59/67 (8, 10-11a, 28-29)
Pratos / Prateiras

As peças n.º 8, 10, 11, 11a, 28 e 29 são pratos e constituem uma forma híbrida tipo Hayes 59/67 (DELGADO 1993-94, 126, est. VII, n.º 30-34). À semelhança do que sucede em Braga, a par do tipo Hayes 61, constitui a forma mais comum. Conforme refere a autora do estudo do acervo bracarense o prato imita perfeitamente o perfil da forma Hayes 59 e adoptou algumas alterações ao nível do bordo características da prateira tipo Hayes 67. Os nossos exemplares, dos quais apenas possuímos um perfil completo (vol. II, est. CXLI, n.º 11a), apresentam assinaláveis variações ao nível do bordo, nomeadamente na largura e orientação da primeira aba junto ao lábio, cujo elemento principal, e sempre presente, é constituído por um friso, mais ou menos profundo, que diferencia o lábio da aba. A forma não se encontra inscrita na tipologia de Hayes (HAYES 1972), ou Atlante, mas imita uma prato em sigillata clara D encontrado em França no sítio galo-romano de Lestrade em Mireval – Lauragais, Aude (MARTIM, 1977, 99-101, fig. 3, n.º 2 e 3, fig. 5, n.º 1), que, segundo o autor, constitui "uma forma bastarda" que aglutina características da forma tipo Hayes 59 A e a da forma tipo Hayes 67 que lhe sugeriram uma classificação de tipo Hayes 59/67 (...)... *Ces quelques remarques m'ont amené à faire provisoirement le type 59/67*. (...) (MARTIM, 1977, 99-101). O autor propõe uma datação balizada entre 350-380, privilegiando a semelhança com o tipo 59 A (320/380-400), associada à presença da decoração estampada do estilo A (ii) (350-420). Para além dos exemplares de imitações referenciados em Braga, um outro prato, proveniente de Guifões, Matosinhos (ALMEIDA; SANTOS 1974, 56, Grav. 7), classificado pelo autor com tipo Hayes 59, apresenta todas as características morfológicas referenciadas que caracterizam esta forma híbrida. Em Lugo, identifica-se a forma com a designação de *Tipo GT1 – Fuentes de borde horizontal, decoradas* (IRASTORZA 2001, 383-385). As semelhanças morfológicas aproximam o exemplar n.º 2, cujo bordo ascendente de perfil contracurvado evidencia o fenómeno de hibridismos entre a forma Hayes 59 e Hayes 67, embora o autor a referencie, numa primeira abordagem, como subsidiária da forma Lamboglia 51A da TSCD, para mais tarde concluir que, provavelmente, a sua relação formal se relacione mais directamente com a forma 4 da TSHT (IRASTORZA 2001, 386).
O enquadramento estratigráfico dos nossos exemplares remete para a Fase IV-V, que, *grosso modo*, corresponde à datação proposta, podendo prolongar-se a sua datação para a primeira metade do séc. V, período em estaria ainda em uso[735].

[735] Integrados na forma 59A de Hayes são conhecidos dois pratos de imitação na região de entre Leça e Ferreira, provenientes da necrópole da Boavista, Paços de Ferreira (SILVA 1986 b, 124, est. XXX, n.º 3). Apresentam uma decoração em estampilhas do estilo decorativo A (iii) de Hayes, com uma datação sugerida entre 410 e 470.

Hayes 52 / Hispânica 6 (9, 13)
Taças

As taças tipo Hayes 52 (HAYES 1972, 76-78, fig. 13, form 52)[736] constituem uma forma com uma representatividade muito significativa na área ocidental do mediterrâneo e na costa atlântica, encontrando-se bem documentada em Conímbriga (DELGADO 1975, 256, pl. LXV, n.º 24-27).

As taças n.º 9 e 13 são imitações muito aproximadas da forma Hayes 52 A (HAYES 1972, 76-78, fig. 13, n.º 1)[737], apresentando simultaneamente semelhanças morfológicas com forma Hispânica 6 da TSHT[738] (MESQUIRIZ 1983, 130, fig. 7; 1985, 144-145, tau. XXV, n.º 11-14)[739]. Em Lugo, onde marca uma forte presença, identifica-se como *Tipo I8T – Cuencos imitación de la forma Palol 8*, revelando uma certa diversidade morfológica, nomeadamente ao nível do recorte da aba, do fundo e nas suas dimensões de referência. A cronologia proposta acompanha a dos protótipos de meados do séc. IV em diante (IRASTORZA 2001, 373-374).

São formas muito bem proporcionadas com bordo composto por uma aba horizontal com lábio ligeiramente espessado e anguloso. O pé, na forma original, é formado por uma canelura de formato trapezoidal com fundo côncavo, enquanto que os exemplares referenciados entre Leça e Ave não possuem o pé característico da produção original, assentando na aresta formada pela junção da parede com o fundo externo, com a particularidade do fundo da peça n.º 13 (vol. II, est. CXLI, n.º 13), possuir o fundo convexo, facto que proporcionaria pouca estabilidade à peça. Identificamos uma peça similar no espólio proveniente da necrópole das Bicas, Vila Nova da Telha Maia (vol. I, est. XXIII, n.º 6), assim como um outro proveniente da necrópole de Bairros, S. Martinho de Bougado (vol. I, est. XXIV, n.º 19), ainda que este apresente algumas particularidades ao nível do bordo e lábio que o podem aproximar à forma Hayes 73. Os paralelos de âmbito regional são relativamente escassos, no entanto, encontram-se representados nos materiais recolhidos na necrópole de Codes, Penafiel, cujo exemplar apresenta as principais características desta forma (SOEIRO 1984, 54, fig. XIX, n.º 7). Para além destes exemplares identificados na região, encontra-se publicada uma taça proveniente da necrópole da Bouça da Gateira (Paço Velho), Ponte de Lima, que o autor classifica como imitação da forma Hayes 70 (ALMEIDA 1990, 75-77, est. XX, n.º 2). Pela interpretação do desenho a forma parece-nos mais próxima ao tipo Hayes 52, aliás com semelhanças morfológicas ao nosso exemplar n.º 12 (vol. II, est. CXLI, n.º 12). A descrição da pasta e engobe é em tudo coincidente com as características desta produção. Da mesma forma, a taça apresentada por Adília Alarcão, proveniente de Conímbriga (ALARCÃO 1975, 106, est. XXIX, n.º 623), quanto a nós integra o tipo 52 de Hayes, e não o tipo 4/46 da sigillata clara B de

[736] De acordo com o autor da tipologia tratar-se-á da forma que sucedeu à forma 44. Distinguem-se dois tipos em função da existência ou inexistência de decoração aplicada na asa, correspondendo o tipo A à forma não decorada e a tipo B à forma decorada, verificando-se um incremento na dimensão do diâmetro no tipo B, que corresponde à variante tardia. As cronologias propostas para o tipo A balizam-se entre 300-350?, para o tipo B 280/300 até final do séc. IV e a variante tardia corresponde ao prolongamento da produção até inícios do séc. V. Em termos genéricos, morfologicamente consiste numa taça bem proporcionada de perfil contracurvado com paredes arqueadas e bordo composto por aba que se pode apresentar levemente pendente, horizontal ou ligeiramente ascendente. O fundo é formado por pé anelar, curto, implantado na área intermédia do fundo, de secção rectangular. A variante decorada corresponde à forma Lamboglia 35.

[737] Subdivide-se em dois tipos – A e B. O primeiro, morfologicamente mais próximo das formas imitadas, não é decorado e apresenta um lábio plano. Caracteriza-se por apresentar uma parede curva rematada por um bordo em forma de aba horizontal ou levemente pendente, marcada por uma fina canelura de perfil anguloso. O fundo é constituído por um pé anelar de secção rectangular ligeiramente projectado para o exterior. O fundo é levemente convexo e espessado no centro. Apresenta um diâmetro médio centrado entre os 130 mm e os 160 mm. Cronologicamente o autor baliza a sua produção entre 300 e 350? (HAYES 1972, 76-78).

[738] Entre os materiais conhecidos e já citados veja-se as taças provenientes de Arcóbriga cujas características morfológicas e cronológicas as aproximam dos nossos exemplares (JUAN 1992, 137, fig. 1.5.1., n.º 2-3).

[739] Esta forma foi considerada até há pouco tempo como a variante tardia da forma Hispânica 5 (MESQUIRIZ 1961, fig. 22A, n.º 4-5), com correspondência à tipologia paralela proposta por Palol e Cortés ao n.º 8 (SALLELAS; CORTÉS 1974, 130-132, fig. 39, 42, n.º 67-74).
Françoise Mayet considera duas variantes - a primeira, de perfil hemisférico e a segunda de parede tronco-cónica (MAYET 1984, 252). Os dois exemplares que apresentamos correspondem precisamente a estas duas variantes – o exemplar n.º 9 apresenta um perfil tronco-cónico com uma ligeira quebra no terço inferior da parede que acentua o seu perfil geométrico, enquanto que o exemplar n.º 13 desenvolve um perfil hemisférico que se prolonga inclusivamente até ao fundo que se apresenta convexo na face exterior.

Lamboglia[740] e menos ainda o tipo 3 A de Rigoir[741], conforme refere a autora.

Hayes 73A (8, 12)
Taças

A taça que imita a forma Hayes 73 (HAYES 1972, 121-124, fig. 21, n.º 2) [742], encontra-se relativamente bem representada em Alvarelhos, constituindo um grupo morfológico homogéneo ao nível da constituição da pasta, do acabamento e do engobe, apesar de nenhum dos exemplares ser decorado com as características incisões na face superior do lábio do protótipo original. A peça n.º 8 (vol. II, est. CXLI, n.º 8) conserva um perfil completo revelando uma forma muito próxima ao seu protótipo de inspiração, designadamente na configuração do reservatório e no desenvolvimento do fundo. A aba e o respectivo lábio apresentam particularidades próprias ainda que próximas à do original. A aba, mais curta que no original, apresenta-se perfeitamente horizontal rematada por um lábio biselado com orientação vertical. A taça n.º 12 (vol. II, est. CXLI, n.º 12), imita razoavelmente bem o tipo Hayes 73 A. A aba horizontal rematada por bordo espessado e paredes reentrantes identificam e caracterizam a forma original cuja cronologia remete a produção para a primeira metade do séc. V. O enquadramento estratigráfico das nossas peças remete para a Fase IV-V, em concordância com a cronologia sugerida, sendo, portanto, contemporânea das peças identificadas em Alvarelhos da produção do fabrico C (vol. II, est. CXXXVI, n.º 1).
Um exemplar de perfil completo, proveniente da necrópole da Forca, Gemunde, Maia, (vol. I, est. XXI, n.º 16), permite analisar alguns dos seus rasgos morfológicos mais característicos que, em certa medida, marcam alguma distância em relação ao protótipo, designadamente no perfil da aba que se apresenta ligeiramente descaída, rematada com lábio de desenvolvimento vertical, ao invés de um espessamento simétrico, assim como o perfil da parede apresenta uma curvatura mais pronunciada. Por fim, o fundo plano, discóidal, de assentamento pleno, revela significativas diferenças do pé desta forma, composto por um anel de secção rectangular, ligeiramente projectado para o exterior.

Terra sigillata hispânica tardia

Forma 1 Palol / Mezquíriz 80 (30)
Prateiras

A prateira n.º 30 (vol. II, est. CXLIII, n.º 30) possui uma forma que não se vincula directamente a qualquer tipo conhecido, embora evidencie claras parecenças com a forma 1 de Palol da TSHT (SALLELAS; CORTÉS 1974,

740 LAMBOGLIA 1958, 304.
741 RIGOIR 1968.
742 A taça tipo Hayes 73 caracteriza-se por possuir uma aba horizontal, ligeiramente descendente, rematada por um lábio espesso de secção oval de desenvolvimento vertical, sobrelevado em relação à aba, decorado por grupos de quatro caneluras e incisões transversais de formato trapezoidal. O reservatório apresenta uma parede reentrante, levemente curva. O fundo é formado por um pé anelar, curto, com secção rectangular e aresta angulosa, de assentamento radial.
Apesar do autor a datar a partir de 420 a 475, são conhecidos exemplares em Moosberg, Alemanha, em níveis de finais do séc. IV. É uma forma particularmente difundida na Europa continental sendo conhecidos vários exemplares provenientes de Tarragona (CARANDINI; TORTORELLA; SAGUI; TORTORICI 1981, 73), Mérida (VÁZQUEZ 1987, 44), e Saragoça (PERALTA 1991, 195, fig. 85, n.º 79). O exemplar mais próximos de nós é procedente de Conímbriga (DELGADO 1975, 256-257, est. LXXII, n.º 86), cronologicamente integrado na segunda metade do séc. V.

123, fig. 35, n.º 25-31), que Mezquíriz classifica como forma 80 (MEZQUÍRIZ 1985, 165, lám. XL, n.º 10-11)[743], e na tipologia de Françoise Mayet surge identificada como a variante D das "*Les grands plats sans marli*" (MAYET 1984, 254-255, pl. CCXLVI-VII, n.º 62-66). Conímbriga regista uma colecção significativa de pratos enquadráveis nesta forma, dos quais se destaca o n.º 28, morfologicamente muito semelhante ao nosso exemplar, embora se encontre decorado na parede interior e no fundo com rosetas cruciformes estampadas (DELGADO 1975, 319, pl. LXXXIV, n.º 28). A nossa prateira constitui uma imitação de boa qualidade formal e de fabrico. Trata-se de um prato baixo de 368 mm de diâmetro de bordo e fundo plano. A parede, muito aberta, forma um ângulo pronunciado junto do bordo que se apresenta vertical e espesso. O lábio é horizontal e possui um leve ressalto para assentamento de tampa. Conhecemos apenas um paralelo proveniente do Sector B de Monte Mozinho, Penafiel, morfologicamente muito semelhante e também sem decoração (SOEIRO 1984, 265, fig. CXXXVIII, n.º 4). O nosso exemplar enquadra-se na Fase IV-V, da *Domus da Lucerna do Cavalo*, revelando uma cronologia semelhante à do seu protótipo.

Motivos decorativos (31-35)

Os motivos decorativos identificados são relativamente escassos considerando o número total de fragmentos cerâmicos recolhidos. Os exemplares ilustrados representam a totalidade dos motivos recolhidos e ilustram basicamente o estilo A de Hayes. O conjunto de fragmentos que forma a peça n.º 31 (vol. II, est. CXLIV, n.º 31) é constituído por asnas formadas por linhas convergentes encimadas por círculos desenhando uma estrela que envolve dois círculos concêntricos. Alternadamente, nos espaços dos *chevrons*, os motivos estampados são palmetas tipo 19q, também encimadas por círculos. Este tipo de asnas com o topo pontiagudo surge no estilo A (ii), e prolonga-se pelo estilo A (iii), sendo frequente na forma Hayes 67, muito utilizado durante a primeira metade do séc. V. Apenas conhecemos um paralelo, em tudo idêntico ao nosso exemplar, proveniente do castro de Guifões, Matosinhos (ALMEIDA; SANTOS 1974, 53, est. II, 15), do qual, lamentavelmente, não se conhece o enquadramento estratigráfico.
O enquadramento estratigráfico da nossa peça corresponde à Fase IV-V (*Domus da Lucerna do Cavalo*).
Os fragmentos que compõem o fundo da peça n.º 32 (vol. II, est. CXLIV, n.º 32) encontram-se decorados por palmetas tipo 1 variante B, organizadas no interior de dois círculos concêntricos característicos dos estilos A (i), e (ii). Foi um motivo amplamente utilizado até ao último quartel do séc. IV nas formas Hayes 59 A e B, 61 A, 63 e 67. A cronologia sugerida por Hayes é coincidente com o enquadramento estratigráfico do nossos exemplar (Fase IV-V *Domus da Lucerna do Cavalo*), podendo, eventualmente, ter-se prolongado nas imitações até ao primeiro quartel do séc. V.
O círculo concêntrico representado na nossa peça n.º 33 (vol. II, est. CXLIV, n.º 33) constituirá, provavelmente, um motivo subsidiário de uma construção mais elaborada. Constituída por dois pequenos círculos concêntricos é característica do estilo A (ii), com cronologia estabelecida entre 350-380. Do motivo da peça n.º 34 (vol. II, est. CXLIV, n.º 34), apenas se distingue a parte superior de dois círculos com orla denteada tipo 32n (HAYES 1972, 234, n.º 32 n), com cronologia compreendida entre o final do séc. IV e 1ª metade do séc. V. O motivo do fragmento da peça n.º 35 (vol. II, est. CXLIV, n.º 35), é formado por asnas invertidas tipo 77s características do estilo A (iii), com círculos tipo 27 (i) no interior. O enquadramento estratigráfico dos

[743] Mezquíriz faz corresponder à presente forma um prato de base convexa, corpo de desenvolvimento oblíquo e secção ligeiramente curva com bordo fortemente destacado pela presença de molduras espessas e largas. Todavia, o nosso prato aproxima-se significativamente dos modelos identificados em Conímbriga que Françoise Mayet classifica no seu Grupo C. Estes, distinguem-se por apresentarem uma estrutura formal composta por um bordo simples, fortemente moldurado, de desenvolvimento vertical ou levemente oblíquo com secção rectangular ou biselada. O corpo é curvo com carena intermédia formada pela aresta inferior da moldura do bordo, mantendo-se o perfil quebrado no interior. O fundo é plano de assentamento directo ou conformado a partir de um pé muito curto de secção rectangular, denotando frequentemente um perfil convexo. Tendo em consideração os enquadramentos estratigráficos de Conímbriga e da *villa* de La Olmeda, a forma terá sido produzida a partir do início do séc. IV e ter-se-á mentido em produção até meados do séc. V, ou até ao último quartel do séc. V, como sugere Juan Tovar (JUAN TOVAR 1997, 2000).

exemplares (Fase IV-V), sugere uma cronologia coincidente com apresentada por Hayes e com os motivos conhecidos de Braga (DELGADO 1993-94, 127-128).

Cerâmica de engobe vermelho não vitrificável

Nº Inventário	Proveniência	Forma	Tipo	Pasta	Superfície	Engobe	Decoração	Anál. Química	Estampa
1. Alv. 94 A, lg. 4451	corte est. 10, camada 1 / Fase IV-V	taça	Ritt. 8	depuração alta	rugosa	vermelho escuro	----	----	est. CXL, n.º 1
2. Alv. 96 B, op. 157	corte est. 1, camada 0 / Fase III	taça	Ritt. 8	depuração média	polida	vermelho	----	----	est. CXL, n.º 2
3. Alv. 92 A, lg. 6275	corte est. 13, camada 1 / Fase V	taça	Drag. 36	depuração média	-------	vermelho	----	Grupo 16	est. CXL, n.º 3
4. Alv. 92 A, lg. 6521	corte est. 13, camada 1 / Fase V	taça	Drag. 36	depuração baixa	polida	vermelho	----	----	est. CXL, n.º 4
5. Alv. 93 A, op. 190a	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	taç	Drag. 37	----	polida	vermelho terra	----	----	est. CXL, n.º 5
6. Alv 95 B, lg. 6340	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	taça	Drag. 37	depuração alta	deteriorada	vermelho	----	----	est. CXL, n.º 6
7. Alv. 94 A, lg. 13134	corte est. 8, camada 3 / Fase IV	taça	Hayes 59B	depuração alta	polida	vermelho	----	----	est. CXL, n.º 7
8. Alv. 93 A, lg. 1617	corte est. 11, camada 0 / Fase IV-V	taça	Hayes 73	depuração alta	polida	vermelho	----	----	est. CXL, n.º 8
9. Alv. 94 A , op. 22	corte est. 9, camada 0 / Fase IV-V	taça	Hayes 52	depuração alta	polida	vermelho alaranjado	----	----	est. CXLI, n.º 9
10. Alv. 94 A, op. 84	corte est. 9, camada 1 / Fase IV-V	prato	Hayes 59/67	depuração alta	polida	vermelho escuro	bordo: duas estrias paralelas		est. CXLI, n.º 10
11. Alv. 94 A, op. 219	corte est. 5, camada 2 / Fase IV-V	prato	Hayes 59/67	depuração alta	polida	vermelho escuro	----	----	est. CXLI, n.º 11
11a. Alv. 94 A, op. 219a	corte est. 5, camada 2 / Fase IV-V	prato	Hayes 59/67	depuração alta	polida	vermelho escuro	----	----	est. CXLI, n.º 11a
12. Alv. 95 B, lg. 6673	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	taça	Hayes 73	depuração alta	polida	vermelho alaranjado	----	s/ grupo	est. CXLI, n.º 12
13. Alv. 97 B, op. 37	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	taça	Hayes 52	depuração alta	rugosa	vermelho alaranjado	----	----	est. CXLI, n.º 13
14. Alv. 97 B3, A1, op. 247	corte est. 5, camada 2 / Fase IV-V	prato	Hayes 50A	depuração alta	polida	vermelho	----	----	est. CXLI, n.º 14
15. Alv. 97 B, lg. 726	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	prato	Hayes 50B	depuração alta	polida	vermelho	----	----	est. CXLI, n.º 15
16. Alv. 98 B1, A1, op. 212	corte est. 1, camada 1 / Fase V	prato	Hayes 50B	----	deteriorada	vermelho	----	----	est. CXLII, n.º 16
17. Alv. 97 A, lg. 426	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	prato	Hayes 50B	----	----	vermelho	----	----	----
18. Alv. 93 A, op. 64	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	prato	Hayes 50B	----	----	vermelho	----	----	est. CXLII, n.º 18
19. Alv. 92 A, lg. 1041	corte est. 13, camada 1 / Fase V	prato	Hayes 59B	depuração baixa	rugosa	vermelho	----	----	est. CXLII, n.º 19
20. Alv. 94 A, lg. 3164	corte est. 9, camada 0 / Fase IV-V	prato	Hayes 59B	depuração baixa	deteriorada	vermelho escuro	----	----	est. CXLII, n.º 20
21. Alv. 95 A1, lg. 7829	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	prato	Hayes 59B	depuração baixa	deteriorada	vermelho escuro	----	----	est. CXLII, n.º 21
22. Alv. 94 A, lg. 5924	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	prato	Hayes 61A	depuração alta	polida	vermelho	----	----	est. CXLII, n.º 22
23. Alv. 94 A, op. 54	corte est. 9, camada0 / Fase IV-V	prato	Hayes 61A	depuração baixa	rugosa	vermelho	----	----	est. CXLIII, n.º 23
24. Alv. 95 A, lg. 2805	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	prato	Hayes 61A	depuração média	polida	vermelho acastanhado	----	----	est. CXLIII, n.º 24
25. Alv. 95 B, lg. 3931	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61A	depuração alta	polida	vermelho inglês	fundo: 2 círculos concêntricos		est. CXLIII, n.º 25
26. Alv. 93 A, lg. 1819	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61	depuração alta	polida	vermelho	----	s/ grupo	est. CXLIII, n.º 26
27. Alv. 94 A, lg. 1763	corte est. 5, camada 0 / Fase IV-V	prateira	Hayes 61A	depuração alta	polida	vermelho	----	Grupo 3	est. CXLIII, n.º 27
28. Alv. 92 A, op. 113	corte est. 12, camada 1 / Fase V	prato	Hayes 59/67	depuração média	polida	vermelho escuro	----	Grupo 3	est. CXLIII, n.º 28
29. Alv. 97 B3, A1, lg. 4339	corte est. 5, camada 0 / Fase IV-V	prato	Hayes 59/67	depuração alta	rugosa	vermelho	----	----	est. CXLIII, n.º 29
30. Alv. 95 B, op. 52	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	prato		depuração média	polida	vermelho terra	----	Grupo 15	est. CXLIII, n.º 30
31. Alv. 96 B, lg. 581	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	formas várias ----		depuração média	polida	vermelho	Palmetas/chevrons	Grupo 11	est. CXLIV, n.º 31
32. Alv. 92 A, op. 114	corte est. 14, camada 1 / Fase IV-V	formas várias ----		depuração média	deteriorada	vermelho	palmeta tipo 1B	Grupo 16	est. CXLIV, n.º 32
33. Alv. 93 A, lg. 2899	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	formas várias ----		depuração média	----	vermelho	círculos/ tipo 24	----	est. CXLIV, n.º 33
34. Alv. 93 A, lg. 2868	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	formas várias ----		depuração média/alta	----	vermelho	estampada	Grupo 3	est. CXLIV, n.º 34
35. Alv. 96 B, lg. 1568	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	1 Palol/Mezquíz 80		depuração baixa	rugosa	vermelho	círculos tipo 26	Grupo 11	est. CXLIV, n.º 35

Cerâmica de engobe vermelho não vitrificável – Análise por espectrometria por fluorescência de Raios X

N.º Cat.	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Grupo 3															
Valor médio	55,72	29,85	8,64	3,00	0,15	0,65	0,11	0,72	614	525	59	159	324	---	
Desvio padrão	1,56	1,19	0,33	0,11	0,08	0,08	0,02	0,19	58	52	17	35	19	---	
34. Alv. 93 A, lg. 2868	53,96	31,07	8,86	3,10	0,26	1,55	0,11	0,93	614	462	54	196	301	---	est. CXLIV, n.º 34
28. Alv. 92 A, op. 113	57,27	28,99	8,17	2,96	0,12	1,61	0,10	0,60	655	539	69	130	323	---	est. CXLIII, n.º 28
* Alv. 92 A, lg. 4975	56,75	28,69	8,88	3,08	0,08	1,74	0,09	0,52	655	586	76	128	326	---	
27. Alv. 94 A, lg. 1723	54,88	30,66	8,65	2,86	0,13	1,68	0,13	0,85	533	513	38	181	346	---	est. CXLIII, n.º 27

N.º Cat.	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Grupo 11															
Valor médio	53,87	29,56	9,45	3,40	0,21	1,72	0,12	1,48	701	475	61	206	423	---	
Desvio padrão	1,05	2,32	0,87	0,28	0,03	0,19	0,01	0,09	98	42	10	28	75	---	
* Alv. 96 B, lg. 593	53,90	30,44	8,88	3,28	0,24	1,57	0,11	1,39	748	480	52	233	399	---	
35. Alv. 96 B, lg. 1568	54,91	26,93	10,45	3,72	0,20	1,93	0,11	1,57	589	431	59	207	507	---	est. CXLIV, n.º 35
* Alv. 97 A, lg. 497	52,80	31,32	9,02	3,19	0,18	1,67	0,13	1,49	766	514	71	177	366	----	

N.º Cat.	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Grupo 15															
Valor médio	53,05	33,22	7,78	3,16	0,15	1,35	0,09	1,05	515	301	63	282	358	---	
Desvio padrão	1,81	2,19	0,99	0,51	0,12	0,13	0,02	0,18	79	55	9	35	43	---	
30. Alv. 95 B, op. 52	54,05	31,68	8,36	3,23	0,10	1,46	0,08	0,88	566	361	45	256	369	---	est. CXLIII, n.º 30

N.º Cat.	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Grupo 16															
Valor médio	51,62	33,89	8,76	3,02	0,15	1,50	0,16	0,73	793	379	118	222	300	---	
Desvio padrão	1,61	2,06	2,04	0,43	0,11	0,21	0,04	0,02	50	45	5	47	42	---	
*. Alv. 92 A, op. 114 a	50,24	34,89	9,54	2,61	0,07	1,61	0,12	0,73	846	405	116	220	320	---	
32. Alv. 92 A, op. 114	50,24	34,32	9,89	2,70	0,08	1,72	0,13	0,74	826	410	112	239	350	---	est. CXLV, n.º 32
3. Alv. 92 A, lg. 6275	53,26	30,87	9,90	3,34	0,31	1,23	0,21	0,70	741	390	123	159	270	---	est. CXL, n.º 3

N.º Cat.	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Grupo 25															
Valor médio	59,37	27,41	4,96	4,98	0,24	0,72	0,39	1,69	374	234	61	344	1373	---	
Desvio padrão	2,43	1,75	0,56	0,06	0,02	0,07	0,03	0,14	15	6	5	23	71	---	

* Alv. 95 B, 8143	61,08	26,17	4,57	5,02	0,26	0,67	0,40	1,59	363	230	65	360	1322	---	
* Alv. 96 A, 1683	57,65	28,65	5,36	4,94	0,23	0,77	0,37	1,79	385	239	58	327	1423	---	

N.º Cat.	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Amostras não agrupadas tipo Prado - geral															
26. Alv. 93 A, lg. 1819	54,81	29,10	7,49	3,61	1,14	1,23	0,46	1,99	723	383	100	138	355	---	est. CXLIII, n.º 26
* Alv. 94, J 22	45,92	32,02	16,49	1,97	0,01	2,40	0,12	0,94	382	289	36	120	413	---	
12. Alv. 95 A, lg. 6673	50,07	32,02	12,63	2,13	0,04	2,14	0,04	0,75	576	433	22	113	360	---	est. CXLI, n.º 1

Catálogo										
Total	Ritt. 8	Drag. 36	Drag. 37	Hayes 73	Hayes 59/67	Hayes 50	Hayes 59	Hayes 61	Palol 1 / Mezquíz 80	Dec.
35	2	2	2	4	5	4	4	6	1	5
100%	5,7%	5,7%	5,7%	11,4%	14,2%	11,4%	11,4%	171,1%	2,8%	14,2%

Taças tipo Ritterling 8 (1-2)

1. Alv. 94 A, Ig. 4451 - Fragmento de bordo e arranque de tigela de cerâmica comum com engobe vermelho-escuro. Pasta muito depurada com vestígios de mica, quartzitos e feldspatos à superfície e nas fracturas. Parede arqueada encimada por bordo levemente espessado e marcado por moldura exterior que provoca um adelgaçamento do lábio. Pasta II. Engobe muito fino e irregular com polimento incipiente. No interior revela algumas irregularidades na superfície. Imitação da forma Ritt. 8 da sigillata hispânica (vol. II, est. CXL, n.º 1).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 120 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Pátio exterior e Forno, corte estratigráfico 10, camada 1.

2. Alv. 96 B, A3, op. 157 - Fragmento de bordo de tigela em cerâmica comum e engobe vermelho muito espesso e polido, revelando algumas estrias internas. Pasta II, medianamente depurada com abundantes vestígios de mica e quartezite. Parede arqueada encimada por lábio arredondado de espessura irregular. Imitação da forma Ritt. 8 da sigillata hispânica (vol. II, est. CXL, n.º 2).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 132 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

Dragendorff 36 (3-4)
Taças

3. Alv. 92 A, Ig. 6275 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça de cerâmica comum e engobe vermelho. Pasta II, muito friável e desgastada com grau de depuração média. Abundante mica e quartezite. Engobe em vermelho terra muito fino e mal conservado, apenas visível no interior. Bordo em aba horizontal, muito estreito e delgado. Lábio arredondado e ligeiramente introvertido. Parede arqueada semiesférica. Imitação da forma Drag. 36 para a sigillata hispânica (vol. II, est. CXL, n.º 3).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 266 mm; Espessura máxima do bordo 14 mm; Altura máxima 48 mm.
Capacidade - 1 401,54 cm^3 / 1, 40 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 13, camada 1.
Análise química - SiO2 – 53,26; AL2O3 – 30,87; Fe ^{O}3 – 9,90; K2O – 3,34; Na2O – 0,31; TiO2 – 1,23; CaO – 0,21; MgO – 0,70; Ba – 741; Zr – 390; Sr – 123; Rb – 159; Mn – 270 (16º Grupo).

4. Alv. 92 A, Ig. 6521 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça em cerâmica comum de engobe vermelho. Pasta II, grosseira e pouco depurada com abundantes vestígios de quartzito, mica e cerâmica moída. Superfície exterior muito polida com estrias de torneamento. Engobe de cor vermelho-alaranjado, muito fino e mal conservado. Bordo em aba arredondada e introvertida, com ligeiro adelgaçamento no lábio. Imitação da forma Drag. 36 para a sigillata hispânica, embora o nosso exemplar ultrapasse o diâmetro médio das formas conhecidas (vol. II, est. CXL, n.º 4).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 370 mm; Espessura máxima do bordo 22 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. III, corte estratigráfico 13, camada 1.

Dragendorff 37 (5-6)
Taças

5. Alv. 93 A, op. 190a;190b; Ig.1647; 1773 - Fragmentos de taça que formam perfil completo. Parede hemisférica rematada por bordo com lábio ligeiramente espesso e biselado para o exterior. Fundo espessado e demarcado da parede por um ressalto bem visível. Base plana. Pasta I. Engobe espesso de cor vermelho-terra, com vestígios de polimento acentuado que lhe conferiu algum brilho. As estrias produzidas pelo polimento são perceptíveis no interior e exterior da peça. Imitação de terra sigillata hispânica da forma Drag. 37 (vol. II, est. CXL, n.º 5).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 226 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

6. Alv. 95 B, Ig. 6340 - Fragmento de bordo de taça em cerâmica comum com engobe vermelho. Pasta muito depurada e friável, com abundantes vestígios de mica e feldspato. Pasta I. Engobe fino de cor vermelho-escuro, muito desgastado. Bordo arredondado de perfil rectangular e marcado para o exterior por um friso interno. Parede quase vertical e reentrante. Imitação da forma Drag. 37 da sigillata hispânica (vol. II, est. CXL, n.º 6).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 143 mm; Espessura máxima 5 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

Produções que imitam a sigillata africana
Hayes 59 (7)
Taças

7. Alv. 94 A, Ig. 13134 - Fragmento de bordo de taça em cerâmica comum de engobe vermelho. Pasta I, muito fina e depurada com poucos vestígios de elementos não-plásticos. Engobe vermelho-escuro, muito espesso e bem polido que cobre a totalidade da peça. Bordo em aba horizontal muito inclinado para o exterior. Parede externa vertical e interna ligeiramente reentrante com adelgaçamento da secção. Imitação inspirada na forma Hayes 59 B (vol. II, est. CXL, n.º 7).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 324 mm; Espessura máxima do bordo 19 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 3.

Hayes 73 (8-9)
Taças

8. Alv. 93 A, Ig. 1617; 1774 - Fragmentos de bordo de taça em cerâmica comum com engobe vermelho, muito fino. Pasta I, muito depurada com vestígios de mica e feldspato à superfície. Engobe uniforme em vermelho-escuro muito polido tanto no interior como no exterior. Bordo em aba horizontal e levemente curvado para o exterior. Lábio engrossado e demarcado por um friso em baixo relevo de perfil em U. Imitação da forma Hayes 73 para a sigillata africana (vol. II, est. CXL, n.º 8).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 348 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Pátio exterior e forno, corte estratigráfico 11, camada 0

9. Alv. 94 A, op. 22 - Conjunto de fragmentos de taça em cerâmica comum de engobe vermelho que formam um perfil completo. Pasta muito depurada e superfície polida. Engobe vermelho-alaranjado que cobre integralmente a peça. Bordo formado por aba horizontal com lábio ligeiramente espessado na parte superior e pendente no remate. Parede de parede quase vertical com espessamento progressivo para a base. Fundo espesso, com base de assentamento formado por um pé de perfil rectangular de assentamento pleno. Imitação da forma Hayes 73 da sigillata africana (vol. II, est. CXLI, n.º 9).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 270 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm; Altura máxima 120 mm.
Capacidade - 2 471, 06 cm^3 / 2, 47 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 0.

Martim 59/67 - Delgado 59/67 (10-13)
Pratos / Prateiras

10. Alv. 94 A, op. 84 - Fragmento de bordo de taça em cerâmica comum de pasta fina e bem depurada com abundantes vestígios de micas e feldspatos. Pasta I. Engobe vermelho escuro, muito espesso e bem conservado. Polimento acentuado com vestígios de estrias. Bordo com aba ligeiramente encurvada para o exterior, com lábio demarcado por um círculo em baixo relevo de perfil ovalado. Lábio espessado e decorado na sua face externa por duas estrias paralelas, pouco profundas. Imitação da forma Martim 59/67 - Delgado 59/67 para a sigillata africana (vol. II, est. CXLI, n.º 10).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 306 mm; Espessura máxima do bordo 9 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, D*omus da Lucerna Cristã*, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 1.

11. Alv. 94 A, op. 219 - Fragmento de bordo de taça em cerâmica comum de pasta fina e depurada com vestígios de mica e feldspatos na superfície. Pasta I. Engobe vermelho escuro, muito espesso, apenas conservado na face superior do bordo. Polimento acentuado com vestígios de estrias profundas. Bordo com aba horizontal com demarcação do lábio com um círculo em baixo relevo de perfil em bisel. Um segundo circulo, também em baixo relevo, marca o início do arranque e curvatura da parede. Imitação da forma Martim 59/67 - Delgado 59/67 para a sigillata africana (vol. II, est. CXLI, n.º 11).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 368 mm; Espessura máxima do bordo 9 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 2.

11a. Alv. 94 A, op. 219a - Prato modelado ao torno. Parede arqueada desenvolvida em dois planos demarcados por uma carena angulosa. O segundo plano desenvolve-se em forma de aba, projectada para o exterior e rematada por um lábio arredondado. Fundo plano de assentamento pleno com ligação contínua com a parede. Tipo Martim 59/67 - Delgado 59/67. Pasta I, compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos não-plásticos compostos por quartzo e mica, bem calibrados e com distribuição uniforme. Superfície alisada e medianamente polida, coberta por um engobe espesso e aderente no interior e no exterior (vol. II, est. CXLI, n.º 11a).
Dim. - Diâmetro máximo 312 mm; Altura máxima 46 mm; Espessura máxima da aba 10 mm; Diâmetro máximo do fundo 232 mm.
Capacidade - 1 879, 10 cm^3 / 1, 87 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 2.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 142.

12. Alv. 95 B, Ig. 1; 2; 3; 5; 6; 21; 6673 - Fragmento de bordo e arranque de taça em cerâmica comum de engobe vermelho. Pasta I, muito depurada coberta por engobe vermelho-alaranjado que cobre a totalidade da peça, com vestígios de mica à superfície. Polimento feito à espátula muito fino e com bom acabamento. O bordo é formado por uma aba quase vertical rematada por um lábio espesso, simétrico, demarcado na face superior por um círculo inciso. A transição do bordo para a parede faz-se através de um sulco profundo e bem demarcado ao nível da carena. Reservatório de perfil tronco-cónico com parede recta de espessura uniforme. Imitação da forma Hayes 73 da sigillata clara D (vol. II, est. CXLI, n.º 12).
Dim. - Diâmetro máximo 300 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 1, camada 1.
Análise química – SiO2 – 50,07; AL2O3 – 32,02; Fe 2O3 – 12,63; K2O – 2,13; Na2O – 0,04; TiO2 – 2,14; CaO – 0,04; MgO – 0,75; Ba - 576; Zr - 433 ; Sr - 22; Rb – 113; Mn - 360.

13. Alv. 97 B1, A2, op. 37; 43; 57 - Taça em cerâmica comum de engobe vermelho com pasta muito depurada e engobe vermelho-alaranjado que cobre toda a peca. Pasta I. Revela um polimento feito à espátula, relativamente grosseiro. Imitação da forma Hayes 73. Parede arqueada de perfil curvilíneo com espessamento progressivo para o fundo. Bordo formado por aba horizontal marcado por carena interna de demarcação da parede. Lábio de perfil triangular de desenvolvimento vertical. Fundo espesso com falso pé, levemente convexo de assentamento irregular. O interior, na demarcação do fundo do reservatório, apresenta uma linha incisa com ligeiro ressalto para o fundo (vol. II, est. CXLI, n.º 13).
Dim. - Diâmetro máximo 300 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm; Altura máxima 117 mm.
Capacidade - 2 627, 86 cm^3 / 2, 62 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. II, corte estratigráfico 2, camada 2.

Hayes 50 (14-18)
Pratos

14. Alv. 97 B3, A1, op. 247 - Perfil completo de prato em cerâmica comum de engobe vermelho. Engobe vermelho-inglês muito espesso e bem conservado que cobre a totalidade da peça. Polimento acentuado, possivelmente feito à espátula. Pasta I, de cor laranja muito depurada com elementos não-plásticos de pequeno calibre, maioritariamente compostos por quartzo e mica. Bordo vertical, ligeiramente esvasado, com lábio de perfil triangular. Parede recta de desenvolvimento oblíquo, alta e muito esvasada. Fundo com pé formado por canelura trapezoidal. Imitação da forma Hayes 50 A (vol. II, est. CXLI, n.º 14).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 352 mm; Espessura máxima do bordo 2/3 mm; Altura máxima 96 mm.
Capacidade - 2 437, 29 cm^3 / 2, 43 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 5, camada 2.

15. Alv. 97 B1, A2, Ig. 726 - Fragmento de bordo e parede de prato em cerâmica comum de engobe vermelho. Pasta I, muito depurada com abundantes vestígios de mica à superfície. Engobe uniforme e espesso de cor vermelho – terra, muito polido e com algum brilho. Bordo com lábio de perfil arredondado e parede recta, ligeiramente oblíqua, com transição suave para o fundo com ligeiro adelgaçamento da espessura. Imitação da forma Hayes 50 B (vol. II, est. CXLI, n.º 15).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 220 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm; Altura máxima 40 mm.
Capacidade - 857,95 cm^3 / 0, 85 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

16. Alv. 98 B1, A1, op. 212 - Fragmento de bordo, parede e arranque de fundo de prato em cerâmica comum de engobe vermelho. Pasta II. Parede curta e levemente arqueada rematada por bordo de perfil triangular, ligeiramente introvertido e marcado por uma carena externa, pouco vincada, de ângulo esbatido. Imitação da forma Hayes 50 B (vol. II, est. CXLII, n.º 16).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 286 mm; Altura máxima 43 mm; Espessura máxima do bordo 8 mm.
Capacidade - 2 000,92 cm^3 / 2, 00 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 1, camada 1.

17. Alv. 97 A, Ig. 426 - Perfil completo de prato em cerâmica comum de engobe vermelho. Imitação da forma Hayes 50 B, D. Pasta II (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

18. Alv. 93 A, op. 64 - Fragmento de bordo de prato em cerâmica comum de engobe vermelho. Parede levemente esvasada, marcada por bordo de perfil triangular. Lábio ligeiramente introvertido, marcado por uma suave carena externa. Pasta II, de depuração mediana com abundantes elementos não-plásticos compostos por mica, quartzo e feldspato de diferente calibre e distribuição irregular. Imitação da forma Hayes 50 B (vol. II, est. CXLII, n.º 18).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 286 mm; Espessura máxima do bordo 9 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 3.

Hayes 59 (19-21)
Pratos

19. Alv. 92 A, Ig. 1041; 2363; 2381; 4409 - Fragmentos de bordo e parede de prato em cerâmica comum de engobe vermelho. Pasta II, pouco depurada, muito friável e desgastada, com abundante mica, quartzito e feldspato. Engobe de cor vermelho-claro muito fino e desgastado. Polimento incipiente. Bordo em forma de aba horizontal, plana, rematada por lábio espesso, de secção arredondada. Parede arqueada e curta, de desenvolvimento vertical. Fundo plano e mais espesso que a parede. Imitação da forma Hayes 59 (vol. II, est. CXLII, n.º 19).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 366 mm; Espessura máxima da aba 10 mm; Altura máxima 47 mm.
Capacidade - 2 005,70 cm^3 / 2, 00 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. II, corte estratigráfico 13, camada 1.

20. Alv. 94 A, Ig. 3164 - Conjunto de fragmentos de prato em cerâmica comum de engobe vermelho. Pasta II, grosseira com abundante mica, feldspato e grãos de quartzo. Engobe vermelho-escuro muito fino e bem conservado no interior. Bordo de aba horizontal com lábio arredondado e ressalto interno junto à parede. Carena interior arredondada e saliente que marca o início da parede. Fundo plano de assentamento pleno. Imitação da forma Hayes 59 B (vol. II, est. CXLII, n.º 20).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 358 mm; Espessura máxima da aba 9/10 mm; Altura máxima 48 mm.
Capacidade - 2 227, 33 cm^3 / 2, 22 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 0.

21. Alv. 95 A1, Ig. 7829 - Conjunto de fragmentos de prato em cerâmica comum de engobe vermelho. Pasta II, grosseira com abundante mica, feldspato e quartzo. Engobe vermelho-escuro muito fino e bem conservado no interior. Bordo de aba horizontal, assimétrica, com lábio arredondado e ressalto interno junto à parede. Carena interior arredondada e saliente que marca o início da parede. Fundo plano de assentamento amplo. Imitação da forma Hayes 59 B (vol. II, est. CXLII, n.º 21).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 318 mm; Espessura máxima do bordo 21 mm; Altura máxima 41 mm.
Capacidade - 1 501,80 cm^3 / 1, 50 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

Hayes 61 (22-27)
Pratos

22. Alv. 94 A, Ig. 5924 - Fragmento de bordo e arranque de parede de prato em cerâmica comum de engobe vermelho. Pasta I, fina e bem depurada com cozedura homogénea. Engobe vermelho-escuro, medianamente espesso, que cobre praticamente toda a peça. Polimento acentuado que revelam inúmeras estrias finas e alongadas. Parede baixa, encurvada em quarto de círculo alargado com bordo triangular pouco oblíquo. Lábio de perfil triangular, levemente arredondado. Carena externa bem marcada com aresta suavizada. Fundo plano ligeiramente alteado no centro. Imitação da forma Hayes 61 (vol. II, est. CXLII, n.º 22).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 388 mm; Espessura máxima do bordo 10 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. III, corte estratigráfico 4, camada 1.

23. Alv. 94 A, op. 54 - Conjunto de fragmentos pertencentes a prato em cerâmica comum de engobe vermelho. Pasta pouco depurada com abundante mica, feldspato e quartezite na superfície e fracturas. Engobe vermelho, muito fino e mal conservado. Polimento incipiente. Paredes curtas e arqueadas. Bordo curto de perfil triangular, introvertido, rematado por lábio também triangular. Carena externa bem vincada de perfil anguloso. Fundo plano de assentamento pleno com adelgaçamento para o interior. Imitação da forma Hayes 61 (vol. II, est. CXLIII, n.º 23).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 366 mm; Espessura máxima do bordo 10 mm; Altura máxima 36 mm.
Capacidade - 1 776,70 cm^3 / 1, 77 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Pátio interior, corte estratigráfico 9, camada 0.

24. Alv. 95 A, Ig. 2805; 2849 - Fragmentos de bordo e arranque de parede de prato em cerâmica comum de engobe vermelho. Pasta II, medianamente depurada com vestígios de mica e feldspato na fractura. Engobe vermelho-acastanhado relativamente espesso e bem conservado no interior. Polimento acentuado com inúmeras estrias finas e alongadas. Parede levemente arqueada, muito aberta. Bordo e lábio triangular, introvertido, com ligeiro ressalto interior. Apresenta três estrias internas a marcar o arranque do lábio na face interior. Carena externa muito marcada de perfil anguloso. Fundo plano ligeiramente alteado. Imitação da forma Hayes 61 A (vol. II, est. CXLIII, n.º 24).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 374 mm; Espessura máxima ao nível da carena externa 11 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico 1, camada 1.

25. Alv. 95 B, Ig. 3931; 3932; 4000 - Conjunto de vinte fragmentos que formam perfil completo de prateira em cerâmica comum de engobe vermelho. Pasta I, bem depurada com poucas componentes de elementos não-plásticos. Engobe de cor Vermelho Inglês, espesso e bem conservado, que cobre a totalidade da peça. Polimento acentuado que lhe confere um certo brilho. Perfil completo de prateira. Parede arqueada com bordo projectado para o interior marcado por carena externa de perfil anguloso. Lábio de secção triangular com aresta arredondada. Fundo plano de assentamento pleno. Decoração inscrita no fundo interno composta por dois círculos concêntricos. Imitação da forma Hayes 61 A (vol. II, est. CXLIII, n.º 25).

Dim. - Diâmetro máximo ao nível da carena 368 mm, Diâmetro máximo do fundo 297 mm, Altura máxima 46 mm; Espessura máxima da parede 9 mm.
Capacidade - 3 336,70 cm^3 / 3, 33 L.
Prov. - Área habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico 1, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, 86, MMAP n.º 157[744].

26. Alv. 93 A, Ig. 1819 - Fragmentos que formam perfil completo de prateira em cerâmica comum de engobe vermelho. Fundo plano de assentamento pleno. Paredes arqueadas com bordo engrossado e reentrante rematado por lábio de perfil arredondado levemente introvertido. Pasta I, bem depurada com esparsos elementos não-plásticos. Imitação da forma Hayes 61 A (vol. II, est. CXLIII, n.º 26).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 354 mm; Espessura máxima ao nível da carena externa 9 mm; Altura máxima 47 mm.
Capacidade - 2 591, 86 cm^3 / 2, 59 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 3.
Análise química - SiO2 – 54,81; AL2O3 – 29,10; Fe 2O3 – 7,49; K2O – 3,61; Na2O – 1,14; TiO2 – 1,23; CaO – 0,46; MgO – 1,99; Ba – 723; Zr – 383; Sr – 100; Rb – 138; Mn – 355 (não agrupada, tipo prado-geral).

27. Alv. 94 A, Ig. 1763 - Fragmentos que formam perfil completo de prato em cerâmica comum de engobe vermelho. Fundo plano de assentamento pleno. Paredes arqueadas com bordo reentrante rematado por lábio introvertido de perfil triangular. Carena externa esbatida de perfil arredondado. Pasta I, bem depurada com esparsos elementos não-plásticos. Imitação da forma Hayes 61 A (vol. II, est. CXLIII, n.º 27).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 246 mm; Espessura máxima ao nível da carena externa 9 mm; Altura máxima 36 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 0.
Capacidade - 854,86 cm^3 / 0, 85 L.
Análise química – SiO2 – 54,88; AL2O3 – 30,66; Fe 2O3 – 8,65; K2O – 2,86; Na2O – 0,13; TiO2 – 1,68; CaO – 0,13; MgO – 0,85; Ba – 533; Zr – 513; Sr – 38; Rb – 181; Mn – 346 (3º Grupo).

Martim 59/67 - Delgado 59/67 (28-29)
Pratos / Prateiras

28. Alv. 92 A, op. 113 - Fragmentos de prateira em cerâmica comum de engobe vermelho. Pasta medianamente depurada com cozedura irregular. Pasta II, com abundantes elementos não-plásticos compostos por mica e feldspato. Engobe vermelho-escuro muito espesso e bem conservado no interior da peça. Polimento à espátula com estrias profundas e curtas. Bordo extrovertido em forma de aba estruturada em dois planos, rematada por lábio arredondado, levemente engrossado e projectado para o interior, marcado por friso interno. A carena interna interrompe o perfil suave do bordo para desenhar uma parede abrupta de perfil esférico. Imitação da forma Martim 59/67 - Delgado 59/67 (vol. II, est. CXLIII, n.º 28).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 323 mm; Espessura máxima do bordo 9 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. I, corte estratigráfico 12, camada 1.
Análise química - SiO2 – 57, 28; AL2O3 – 28,99; Fe 2O3 – 8,17; K2O – 2,96; Na2O – 01,2; TiO2 – 1,61; CaO – 0,10; MgO – 0,60; Ba – 655; Zr – 539; Sr – 69; Rb – 130 ; Mn – 323 (3º Grupo).

29. Alv. 97 B3, A1, Ig. 4339 - Fragmento de bordo de tigela em cerâmica comum de engobe vermelho. Pasta I, muito depurada e rígida. Elementos não-plásticos em pouca quantidade e de calibre muito baixo. Engobe muito fino e mal conservado de cor Vermelho Inglês. Polimento à espátula. Parede encurvada e bastante aberta. O bordo em aba muito ligeira possui lábio sublinhado por uma canelura na face superior. Imitação da forma Martim 59/67 - Delgado 59/67 (vol. II, est. CXLIII, n.º 29).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 198 mm; Altura máxima 23 mm; Espessura máxima do bordo 8 mm.
Capacidade – 401,05 cm^3 / 0, 40 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal*, Pátio I, corte estratigráfico 5, camada 0.

Forma 1 Palol / Mezquíriz 80 (30)
Pratos / Prateiras

30. Alv. 95 B, A4. op. 52 - Fragmento de bordo e arranque de parede de prato em cerâmica comum de engobe vermelho. Tipo Forma 1 Palol / Mezquíriz 80. Engobe vermelho-terra com polimento acentuado no interior que lhe conferiu um certo brilho. Pasta I, de depuração média com abundante mica e feldspato à superfície e grãos de quartzo nas fracturas. Bordo vertical, ligeiramente extrovertido de secção rectangular. Lábio rebaixado na parte interior, possivelmente para assentamento de tampa. Parede praticamente horizontal com espessamento na parte intermédia. Fundo plano (vol. II, est. CXLIII, n.º 30).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 368 mm; Espessura máxima do bordo 11 mm; Altura máxima 38 mm.

[744] Restaurado integralmente. Encontra-se em exposição no Museu Municipal Abade Pedrosa, em Santo Tirso (MOREIRA 2007, 86, MMAP n.º 157).

Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico 1, camada 1.
Análise química – SiO_2 – 54,05; AL_2O_3 – 31,68; Fe_2O_3 – 8,36; K_2O – 3,23; Na_2O – 0,10; TiO_2 – 1,46; CaO – 0,08; MgO – 0,88; Ba - 566; Zr - 361; Sr - 45; Rb – 256; Mn - 369 (15º Grupo).

Fragmentos com decoração estampada (31-35)

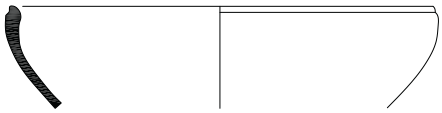
31. Alv. 96 B, A4, Ig. 581- Fragmentos de fundo de prato em cerâmica comum com engobe vermelho. Pasta I, medianamente depurada, com abundantes elementos não-plásticos em mica e quartzo. Engobe vermelho-escuro, muito fino e mal conservado. O fundo revela um desgaste acentuado e o engobe apenas se conservou parcialmente. O polimento é intenso na parte interna do fundo, onde são visíveis estrias. Decoração estampilhada. A área decorada é formada por uma banda defina por dois círculos formados por uma fina canelura exterior e por duas caneluras concêntricas no centro. Os motivos principais são constituídos por ansas encimadas por um círculo que se organizam alternadamente em banda à volta do centro (Hayes 75 q). Alternadamente, aproveitando os vértices das ansas, dispõem-se palmetas em forma de losango encimadas por um círculo (vol. II, est. CXLIV, n.º 31).
Dim. - Comprimento máximo 171mm; Largura máxima 120 mm; Espessura máxima 11 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

32. Alv. 92, op. 114 - Fragmentos de fundo plano de prateira em cerâmica comum de engobe vermelho. Pasta I, compacta e de cozedura homogénea com elementos não-plásticos bem calibrados e de distribuição uniforme. A área estampada é definida por uma fina canelura exterior e por duas caneluras concêntricas no centro. Decoração estampilhada composta por palmetas lanceoladas organizadas numa banda, apresentando algumas irregularidades no espaçamento e no recorte das palmetas (vol. II, est. CXLIV, n.º 32).
Dim. - Comprimento máximo 199 mm; Largura máxima 125 mm; Espessura máxima 8 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 14, camada 1.
Análise química – SiO_2 – 50,24; AL_2O_3 – 34,32; Fe_2O_3 – 9,89; K_2O – 2,70; Na_2O – 0,08; TiO_2 – 1,72; CaO – 0,13; MgO – 0,74; Ba – 826; Zr - 410; Sr – 112; Rb – 239; Mn – 350.

33. Alv. 93 A, Ig. 2899 - Fragmento de fundo de prato decorado com motivos circulares formados por duplos círculos estampilhados. Pasta I, medianamente depurada com abundantes elementos não-plásticos compostos por mica e quartzo (vol. II, est. CXLIV, n.º 33).
Dim. - Comprimento máximo 30 mm; Largura máxima 24 mm; Espessura máxima 8 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

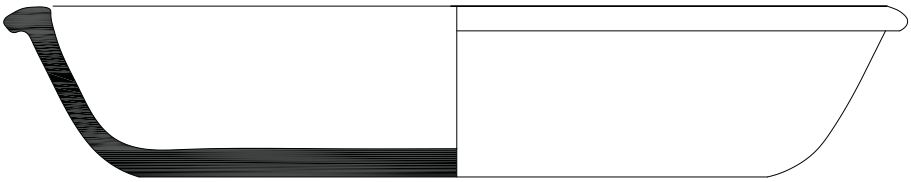
34. Alv. 93 A, Ig. 2868 - Fragmento de fundo de prato decorado com motivos circulares compostos por pequenos pontos estampilhados, inscritos num círculo formado por dupla linha incisa. Pasta I, bem depurada, com elementos não-plásticos compostos por mica, quartzo e, em menor quantidade feldspato (vol. II, est. CXLIV, n.º 34).
Dim. - Comprimento máximo 92 mm; Espessura máxima 73 mm; Espessura máxima 9 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 7, camada 3.
Análise química - SiO_2 – 53,96; AL_2O_3 – 31,07; Fe_2O_3 – 8,86; K_2O – 3,10; Na_2O – 0,26; TiO_2 – 1,55; CaO – 0,11; MgO – 0,93; Ba – 614; Zr – 462; Sr – 54; Rb – 196; Mn – 301.

35. Alv. 96 B, A4, Ig. 1568 - Fragmento de fundo de prato em cerâmica comum com engobe vermelho. Pasta II, pouco depurada com abundantes elementos não-plásticos compostos por mica e quartzo. Engobe vermelho-escuro, muito fino e mal conservado. O fundo revela um desgaste acentuado e o engobe apenas se conservou residualmente. Decoração estampada. A área é definida por duas caneluras muito finas. Dos motivos apenas se conservaram vestígios parciais de dois aros denteados tipo Hayes 41 c - fig. 41 (vol. II, est. CXLIV, n.º 35).
Dim. - Comprimento máximo 95 mm; Largura máxima 70 mm; Espessura máxima 9 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.
Análise química - SiO_2 – 54,91; AL_2O_3 – 26,93; Fe_2O_3 – 10,45; K_2O – 3,72; Na_2O – 0,20; TiO_2 – 1,93; CaO - 0,11; MgO – 1,57; Ba – 589; Zr - 431; Sr - 59; Rb - 207; Mn - 507.

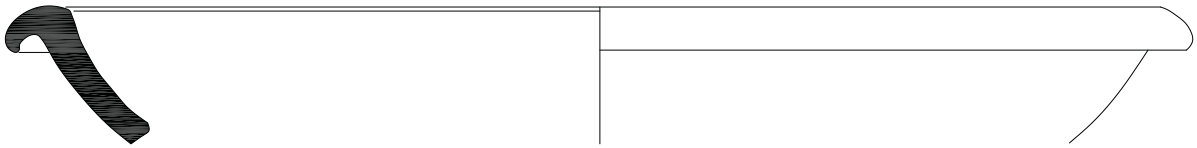


1

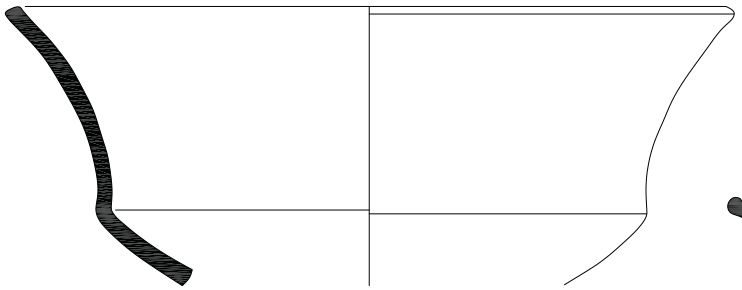
2



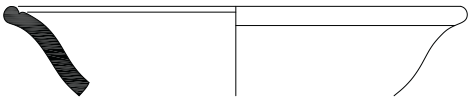
3



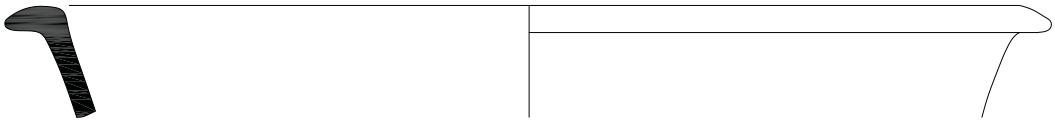
4



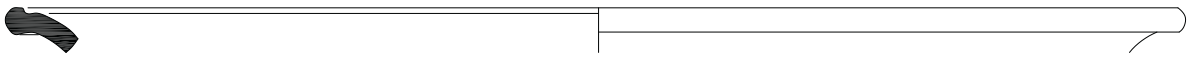
5



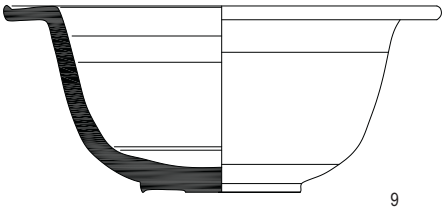
6



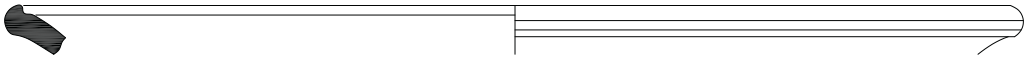
7



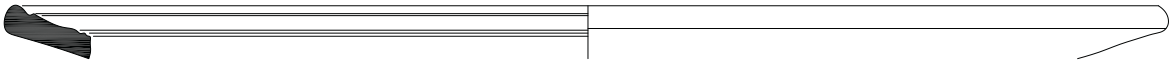
8



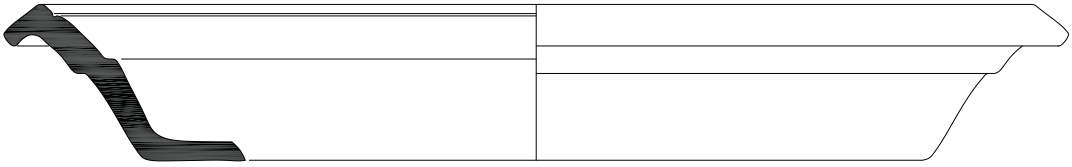
9



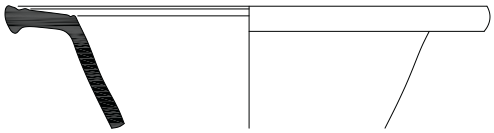
10



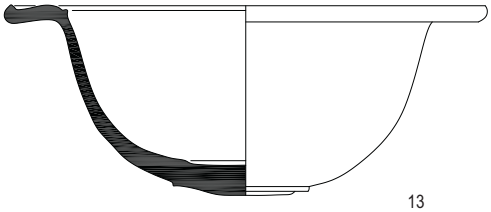
11



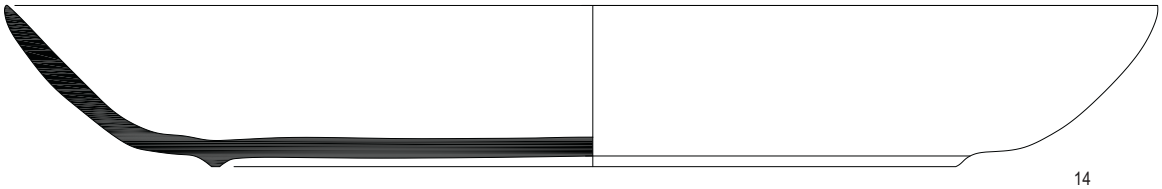
11 a



12

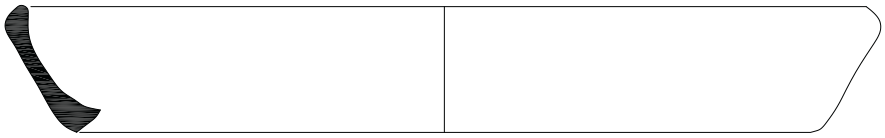


13

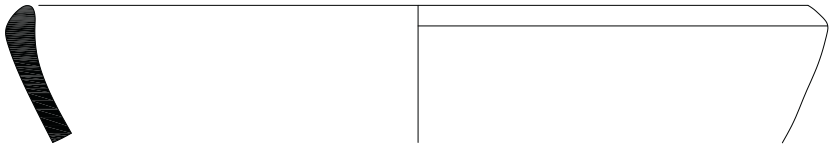


14

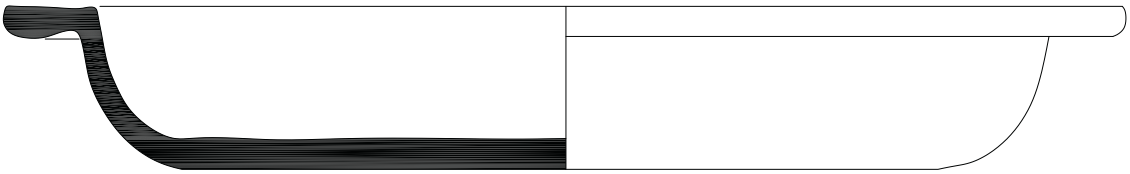
15



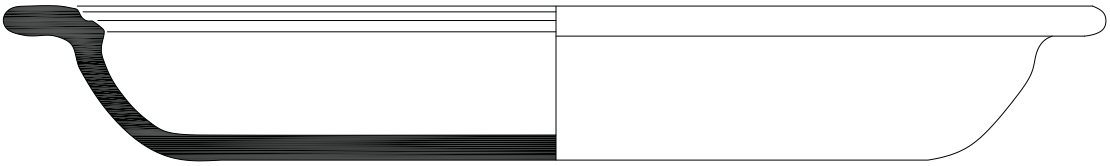
16



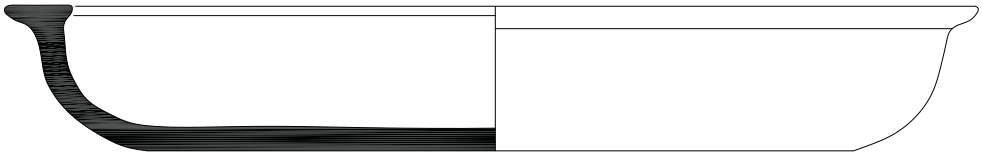
18



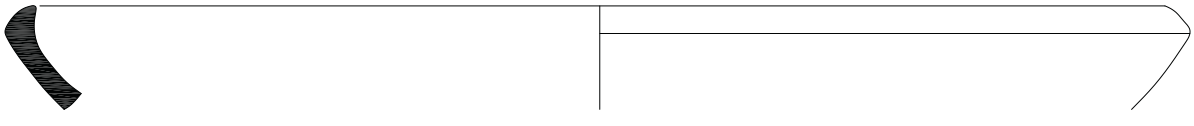
19



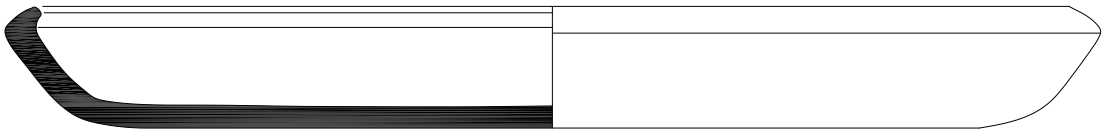
20



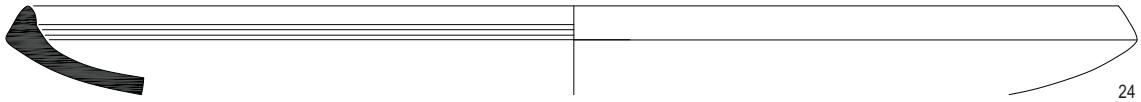
21



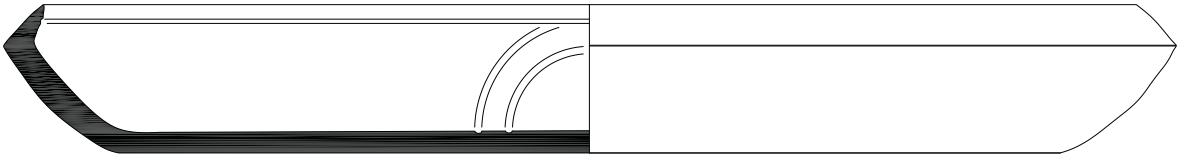
22



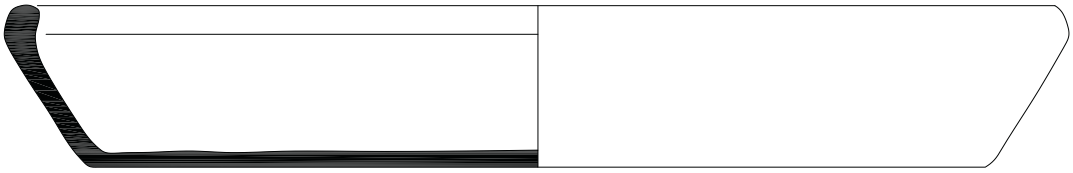
23



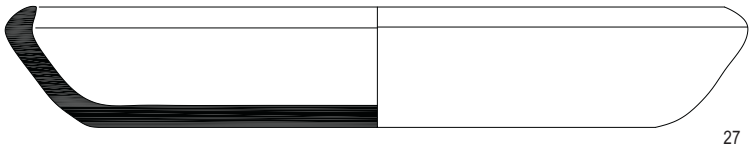
24



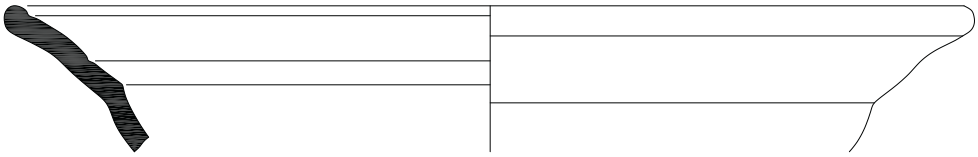
25



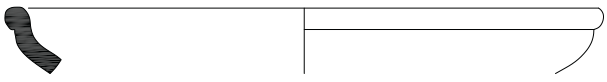
26



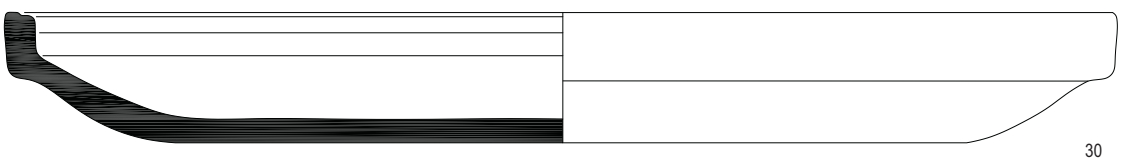
27



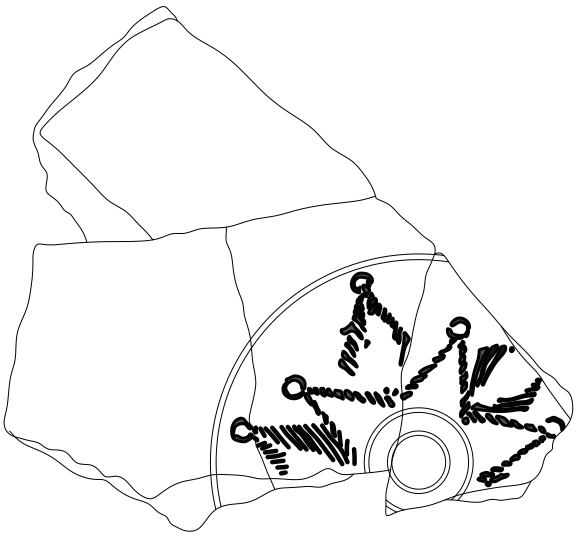
28



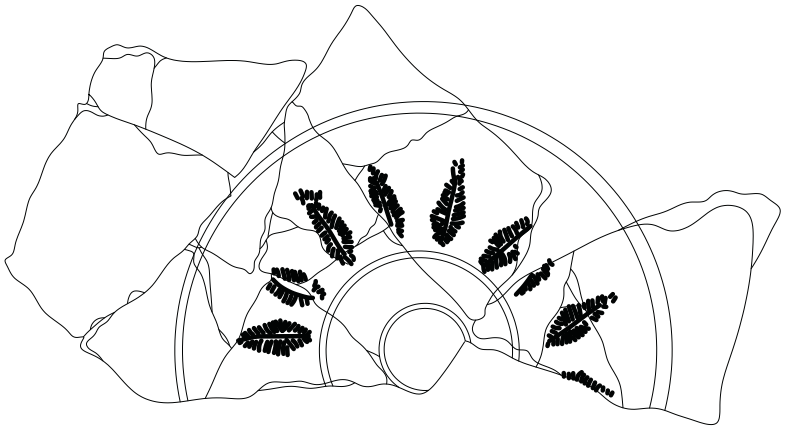
29



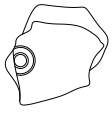
30



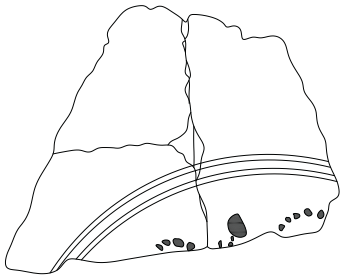
31



32



33



34

35

6.3.7. Lucernas

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

Na grande e diversificada panóplia de materiais cerâmicos as lucernas constituem uma referência arqueológica de excepcional importância. Uma significativa quantidade de estudos sobre as diferenças produções originaram tipologias com uma multiplicidade de variantes que isolam as principais características morfológicas e as agrupam em diferentes formas, facilitando o seu estudo.
No entanto, os contextos habitacionais produzem achados muito fragmentados de difícil classificação que, aliada à multiplicidade de produções e imitações de âmbito regional e local, em certa medida, limitam as suas potencialidades, enquanto materiais directores.
Os materiais recolhidos em Alvarelhos comparativamente a outros contextos arqueológicos são escassos (25 peças)[745], e muitos deles não permitem mais do que uma classificação sumária em associação aos grandes grupos tipológicos, impedindo uma aproximação mais efectiva às diferentes variantes que, por vezes, implicam variações cronológicas significativas.

No tratamento e classificação dos materiais optamos por seguir as tipologias clássicas, nomeadamente a estabelecida com os materiais de Vindonissa por Loeschcke, referenciando a sua equivalência com outras tipologias mais abrangentes, de forma a facilitar a sua classificação. Apresentamos sempre o respectivo enquadramento estratigráfico com o intuito de completar a informação cronológica que, nem sempre é consentânea entre as estações centro-europeias e as províncias limítrofes do império.
Agrupamos o material recolhido em sete grupos formais para facilitar o seu ordenamento, excluindo as lucernas de bronze, uma vez que as integramos no capítulo dedicado aos Metais – *Materiais em Bronze* (vol. II, est. CCII, n.º 8-10; est. CCIII, n.º 8-9, 10). Identificamos 24 peças num espectro de 56 fragmentos que vão assim percentualmente ordenadas: Lucernas em bronze (3 ex. - 12.5 %); Lucernas de volutas (3 ex. - 12.5 %); Lucernas de canal (2 ex. - 4.8 %); Lucernas de bico redondo (3 ex. - 12.5 %); Lucernas ovais de canal aberto, atípicas (1 ex. 2.4 %); Lucernas periformes ou ovais (1 ex. 2.4 %); Lucernas abertas (5 ex. 20.8 %); Vária (asas 3 ex. - 12.5 %; Discos 1 exemplar - 2.6 %; Bicos 2 ex. - 4.8 %).

Lucernas de volutas (1-3)

A lucerna n.º 1 (CXLV, n.º 1) pertence ao tipo Dressel 9 B / Bailey A – III[746] (BAILEY 1980, II, 135), com datação de finais do reinado de Augusto até ao início da dinastia dos Flávios. Possui *discus* de corpo tronco-cónico com *influbium* circular e volutas em ponta no *rostrum.* As volutas nascem dos vértices do triângulo que desenha o extremo do *rostrum* dispondo-se uma em cada lado. O *Margus* é estreito encontrando-se separado do *discus* por três molduras. *Discus* amplo, ligeiramente côncavo, decorado com um golfinho à direita. Orifício de alimentação ligeiramente descentrado, posicionado em função da figura. A pasta é muito depurada com de 5 a 10 % de elementos não-plásticos, semelhante ao grupo 1a, definido por Jannette Nolen para as lucernas de Balsa, cuja origem provável a autora considera que tenha sido a Bética (NOLEN 1994, 38). Conserva um engobe de cor laranja-amarelado bem aderido, de boa qualidade. A moldagem é de boa qualidade. A classificação tipológica aponta para uma datação do séc. I, aqui confirmada pelo seu contexto estratigráfico (MOREIRA 2007, 99, n.º 195(1)).

[745] Relativamente à escassez de representação deste tipo de material cerâmico no noroeste são vários os autores que identificam as dificuldades de transporte e o abastecimento de azeite como principal razão para o encarecimento do produto, o que, consequentemente, implicaria a utilização de energias alternativas, nomeadamente de gordura animal para efeitos de iluminação que, naturalmente, se não adaptava ao contentor da lucerna (VAQUERO 1998, 1219; BALIL 1966, 117, nota 2; 1982, 93).
[746] LAMBOGLIA - BELTRAN 1952, 9-B; LOESCHCKE 1919, I-B; DENEAUVE 1969, IV - B; PROVOOST 1976, IV-2; LEIBUNDGUNT 1977, VI.

Constituiu a referência arqueológica que nos permitiu nomear o edifício da Área Habitacional Norte, como *Domus da Lucerna do Golfinho*. É proveniente do Ap. I, da *Domus da Lucerna do Golfinho*, relativa à sua ocupação da Fase III.

A lucerna n.º 2 (vol. II, CXLV, n.º 2) pertence ao tipo Bailey B-III (BAILEY 1980, 172). É composta apenas por um fragmento de disco e parte da parede onde é ainda visível o arranque da voluta. A orla é tipo Loeschcke V. A pasta é idêntica à lucerna n.º 1, conservando um engobe muito deteriorado de cor laranja-acastanhada. É proveniente da Fase IIb da *Praça*.
O fragmento de disco de lucerna n.º 3 (CXLV, n.º 3), com uma representação moldada de Hércules (?), pertence também ao tipo Bailey B-III. Infelizmente a qualidade da modelagem e o facto de se conservar apenas um terço do disco não permite com segurança identificar os atributos iconográficos da personagem representada. A pasta é menos depurada que as anteriores, apresentando elementos não-plásticos na ordem de 15%, compostos por quartzo e mica de cor acastanhada com minerais ferruginosos. O engobe é espesso e aderente de cor castanho-avermelhado, encontrando-se mal conservado. É proveniente da *Praça*, relativa a sua Fase III.
Este tipo de lucernas, datadas de finais do reinado de Tibério aos início do reinado de Trajano, encontra um enquadramento estratigráfico em Alvarelhos consistente com as cronologias propostas.

Lucernas de canal (*Firmalampen*) (4-5)

A lucerna n.º 4 (vol. II, CXLV, n.º 4) enquadra o grupo de lucernas de canal, vulgarmente conhecidas por *Firmalampen*[747]. O nosso exemplar pertence ao tipo Bailey N (iii) [748]. Encontra-se fragmentado sendo apenas visível a parte anterior do corpo, parte da asa e parte do fundo. Possui um reservatório ligeiramente ovalado. A orla é larga e ornamentada por uma moldura contínua que rodeia o disco. A asa, do tipo Ponsich 8, encontra-se fragmentada na face superior. O fundo, ligeiramente alteado, possui duas molduras concêntricas que incluem a marca (*OC*)*TAVI*. A pasta de cor bege-clara é muito depurada com apenas cerca de 5% de elementos não-plásticos. O engobe é de cor bege-acastanhado, fino, encontrando-se muito deteriorado. É proveniente da ocupação da Fase III, do Ap. I da *Domus da Lucerna do Golfinho*.

A lucerna n.º 5 (CXLV, n.º 5) apenas conserva parte da parede do reservatório e do fundo. Pertence ao mesmo tipo[749]. O reservatório desenvolve um perfil oval. A parede apresenta duas pequenas protuberâncias que marcam o desenvolvimento das volutas. O fundo é plano e encontra-se delimitado por dois círculos concêntricos em relevo no interior dos quais se desenvolve a marca, de que apenas se identifica um V com um ponto no interior das hastes. Embora de forma pouco definida desenha-se o arranque do bico. O reservatório revela vestígios de alisamento à espátula. A pasta é pouco depurada com cerca de 8 a 10% de elementos não-plásticos compostos por mica, grãos de quartzo e cerâmica moída. A pasta é de cor bege-clara e revela uma cozedura pouco uniforme. O engobe é espesso, de tonalidade acastanhada e encontra-se bem preservado. É proveniente do exterior do *Praça,* estratigraficamente enquadrado na Fase III.

---

[747] A designação alemã, traduzível para português como "lucernas de fábrica", teve origem na presença quase constante de marcas de oficina em lucernas deste tipo e é hoje amplamente utilizada (VAQUERO 1998, 1251). Este tipo surge no Norte de Itália vinculada ao ceramista *Strobilius* a partir de modelos em bronze (BAILEY 1978, 245-246). O seu êxito originou a proliferação de oficinas pelas províncias, incluindo o norte de Espanha (BAILEY 1978, 246; BALIL 1983, 30-306).
[748] LAMBOGLIA – BELTRAN 1952, 5C; LOESCHCKE 1919, X; BRONEER 1930, XXVI; DENEAUVE 1969, IX A; IVÁNYI 1935, XVII; LERAT 1954, 5ª série A; PONICH 1961, 5; SALLELAS1948/49, XIII.
[749] LAMBOGLIA – BELTRAN 1952, 15; LOESCHCKE 1919, V; BRONEER 1930, XXIV; DENEAUVE 1969, VD; LERAT 1954, III; PONICH 1961, IIB 2; SALLELAS1948/49, 9 B.

As lucernas de canal começaram a ser produzidas a partir dos Flávios e a sua duração prolongou-se até aos Severos (BAILEY 1980, 289), tendo originado várias variantes e imitações provinciais. Estas imitações incluíram, para além da reprodução da forma, a cópia das marcas justificando-se assim, a perduração de algumas delas por mais de uma centúria e meia (MARTINS; DELGADO 1989/90, 172). Os paralelos do norte de Portugal são provenientes de Braga (MARTINS; DELGADO 1989/90, 93, fig. 41, n.º 44; MORAIS 2005, 375, n.º 43, est. 473, n.º 43), concretamente da necrópole da Via XVII. A peça resulta de uma achado fortuito, pelo que a datação, enquadrada no séc. II, resulta apenas da sua análise tipológica (moldura da base e protuberâncias bem desenvolvidas) e da presença da marca. O nosso exemplar provém de um estrato datado de finais do séc. I e tratar-se-á de uma imitação. Todavia, achados mais recentes, designadamente no Fujacal, Braga, enquadrados estratigraficamente permitem uma datação mais precisa balizada entre final do séc. I a meados do séc. II (MORAIS 2005, 375, est. 473, 44). Para além destas, existem ainda duas outras referências, também provenientes de Braga (MORAIS 2005, 375, 45-46, est. 474, n.º 45-46). A marca surge de duas formas – *OCTAVI* e *EX OF* / *OCTAVI* – cuja concentração de exemplares identificados em Braga, permite admitir como provável a localização da oficina de *Octavivus* na capital do convento.

A marca da lucerna n.º 5, pelo facto de se encontrar fragmentada e apenas ser possível identificar a primeira letra coloca sérias dificuldades de interpretação. Uma primeira possibilidade é que se trate de uma cópia de lucerna da oficina de *VIBIUS*, ceramista norte-italiano que produziu lucernas tipo Loeschcke X por um período compreendido entre o reinado de Trajano e Antonino Pio, de que se conhecem vários exemplares de diferente proveniência[750]. Outra hipótese é que se trate de uma cópia das produções da oficina de *VIRILIO*. Santiago Vaquero, a partir de uma marca de oficina que ostenta a marca VIRILLIOF, procedente de Rosinos de Vidriales, Zamora, propõe que o seu desenvolvimento pudesse assumir as seguintes leituras; VIRILLIO F(*ecit*) ou, em alternativa, VIRILLI(*us*) OF(*ficina*) (VAQUERO, 1998, 1265). O mesmo autor, a partir da análise de um molde cerâmico e respectiva lucerna original, na qual se identifica a marca da oficina recolhida em Astorga, com uma cronologia balizada entre finais do séc. I e o séc. II, identifica a cidade asturiana como localidade onde se encontraria o centro produtor. O nosso exemplar, datado da Fase III, enquadra as cronologias propostas.

Lucernas de bico redondo (6, 7, 8)

As lucernas de bico redondo surgem na segunda metade do séc. I, para no século seguinte se imporem definitivamente sobre as lucernas de bico alongado. Como sugere Jannette Nolen, provavelmente devido à facilidade da sua modelagem e consequente menor desperdício no processo de fabrico (NOLEN 1994, 43). O exemplar n.º 6 (vol. II, est. CXLV, n.º 6) pertence ao tipo Bailey P – I [751] cuja cronologia se insere dentre do período delimitado pelo final da dinastia dos Flávios e início dos Antoninos (BAILEY 1980, 314-316). Encontra-se representado apenas por um fragmento de bico e parte do disco. Apresenta uma delimitação entre o *rostrum* e o corpo formado por uma incisão horizontal no centro e uma incisão oblíqua, menos vincada, numa das faces, apresentando na intersecção um círculo rebaixado. A pasta de cor bege-clara é bem depurada, com baixa percentagem de elementos não-plásticos (5 a 8 %), formados por quartzos

[750] Refira-se, por exemplo, as lucernas provenientes depositados no Museu Arqueológico de Verona (BUCHI 1975, 177, n.º 1212 - 1213), um outro depositado no Museu Britânico (BAILEY 1980, 102, n.º 1168), um procedente de *Bibilis* de forma indeterminada (TAFALLA 1988, 107, fig. 227), um outro com marca grafitada proveniente Tarragona, numa lucerna de volutas tipo Dressel 9A (CASAOLA 1993, 128, n.º 54, fig. 5), e um exemplar proveniente de contexto arqueológico de Rosinos de Vidriales (VAQUERO 1998, 1263, fig. 43, n.º 384), datado da primeira metade do séc. II.

[751] LAMBOGLIA – BELTRAN 1952, 20; LOESCHCKE 1919, VIII; BRONEER 1930, XXV, IVANYI 1935, VII, SALLELAS1948/49, 11 – A; GOLDMAN 1950, XVI; LERAT 1954, III – 3, B; PONISICH 1961, III – B, 1; DENEAUVE 1969, VII – A; ALARCÃO; PONTE 1976, B – II, 3; PROVOOST 1976, IV – 3, 3 – 1; TAFALLA 1988, Subgrupo 3, variante B.

arredondados, mica e pontos de óxidos de ferro. Conserva um engobe castanho, muito escuro e aderente. É proveniente do exterior da *Praça* e integra-se estratigraficamente na Fase III, correspondendo aos parâmetros cronológicos sugeridos para a datação da forma.

O exemplar n.º 8 (vol. II, CXLVI, n.º 8) identifica-se apenas por dois fragmentos de disco e da margo que, no entanto, permitem a sua classificação como pertencente à forma C ou D de Tafalla, uma vez que morfologicamente são idênticas, distinguindo-se apenas pela configuração da delimitação do bico - delimitação convexa C [752] / delimitação em forma de coração D[753] - (TAFALLA 1988, 44). A decoração é composta por um motivo geométrico no disco formado por um anel de pequenos segmentos radiais incisos, completado por ovas dispersas na margo. A pasta é cor bege-clara, muito depurada, com baixa percentagem de elementos não-plásticos (5 %), compostos por mica e grãos de quartzo arredondados.

A cronologia sugerida pelos diferentes autores revela uma margem de segurança significativa, assim como para a variante C. Belchior apresenta um período de difusão centrado entre meados do séc. I e meados do séc. II (BELCHIOR 1969, 53), enquanto que Provoost enquadra a produção entre o séc. II e III (PROVOOST 1976, 557). Para a variante D, com delimitação do bico de formato cordiforme, Belchior aponta uma cronologia com início em meados do séc. I e o séc. III (BELCHIOR 1969, 60), enquanto que Bailey sugere uma datação definida a partir do último quartel do séc. II até finais do primeiro quartel do séc. III (BAILAEY 1978, 247). O nosso exemplar é proveniente do exterior da *Praça,* correspondendo estratigraficamente à Fase III, não contribuindo para apurar uma cronologia mais precisa.

A lucerna n.º 7 (vol. II, CXLVI, n.º 7) enquadra-se tipologicamente na classificação da anterior. O fragmento de disco e arranque de asa é de tal forma reduzido que não permite qualquer tipo de interpretação para além da classificação tipológica. A sua pasta, de cor bege-acastanhada, é muito depurada com baixa percentagem de elementos não-plásticos (5 %), compostos por mica, grãos de quartzo arredondados e alguns pontos de óxido ferruginoso. A superfície conserva vestígios de engobe de cor castanho-avermelhado. A sua proveniência (*Domus do Grafito*) enquadra estratigraficamente a Fase III.

Lucernas ovais de canal aberto, atípicas (9)

A pequena lucerna n.º 9 (vol. II, est. CXLVI, n.º 9) constitui o único exemplar deste tipo de lamparinas miniaturizadas[754] identificado em Alvarelhos (MOREIRA 2007, 87, n.º 158(2)). Apresenta um corpo oval, ligeiramente irregular, com *discus* pouco individualizado. A asa, de perfil circular, é perfurada e apresenta um desenvolvimento oblíquo. O orifício de alimentação apresenta-se rodeado por um motivo composto por pérolas de recorte irregular. A decoração no *rostrum* é composta pérolas alternadas com linhas convergentes para o centro. A pasta apresenta um grau de compactação elevada com abundantes elementos não-plásticos (10 a 12 %), compostos por mica, quartzo e cerâmica moída. A superfície, ligeiramente rugosa, não apresenta qualquer vestígio de engobe. A superfície apresenta uma coloração castanho-alaranjada com abundantes vestígios de fuligem e claros vestígios de utilização. É proveniente do *Complexo Artesanal*, relativo à ocupação da Fase IV-V.

Este tipo de lucerna encontra-se relativamente bem documentada em Braga, onde se identifica como uma produção local, datada do séc. III - início do séc. IV. Identificam-se um exemplar proveniente da Colina da Cividade (MORAIS 2005 377, 55-56, est. 477, n.º 55-56), sendo evidente a proximidade morfológica e decorativa

[752] LAMBOGLIA – BELTRAN 1952, 17; LOESCHKE 1919, VIII; BRONEER 1930, XXV; IVANYI 1935, VII; SALLELAS 1948/49, 11 – C; LERAT 1954, III – 3, C – 1; PONSICH 1961, III – A, 1 DENEAUVE 1969, VII – D; ALARCÃO; PONTE 1976, B – II, 4; PROVOOST 1976, IV - 3, 4-2.

[753] LAMBOGLIA – BELTRAN 1952, 27; LOESCHKE 1919, VIII; BRONEER 1930, XXV – 1; IVANYI 1935, VII; SALLELAS1948/49, 11 – B; LERAT 1954, III – 3, D; PONSICH 1961, III – C; DENAUVE 1969, VIII – A – C; ALARCÃO; PONTE 1976, IV – 3, 5; BAILEY 1980, Q – ii – ix .

[754] Dim. - Comprimento máximo 65 mm; Largura máxima ao nível do disco 48 mm; Espessura máxima do fundo 3 mm.

com o nosso exemplar, indicando uma eventual proveniência comum, provavelmente de uma oficina localizada na capital do convento[755].

Lucernas periformes ou ovais (10)

A lucerna n.º 10 (vol. II, est. CXLVI, n.º 10) é elaborada em cerâmica comum e encontra-se profusamente decorada com motivos geométricos formados por traços incisos e elementos em relevo com cruzes e círculos, obedecendo às regras de repetição simples. Constitui um exemplo de produção local ou regional de excelente qualidade de inspiração em modelos forâneos. O nosso exemplar possui uma pasta depurada com elementos não-plásticos finos compostos por quartzo e mica. A pasta é dura de tonalidade castanho-avermelhada. A superfície é alisada, revelando um acabamento cuidado. O seu enquadramento estratigráfico (*Domus da Lucerna Cristã* - Fase IV-V) remete para uma cronologia relativa balizada entre o séc. IV - início do séc. V, em concordância com o horizonte estilístico e simbólico dos motivos cruciformes inscritos na orla (MOREIRA 2007, 86, n.º 158(1)).

O paralelo regional morfologicamente mais próximo à nossa lucerna é proveniente do castro de Fiães, Vila da Feira (ALMEIDA; SANTOS 1972, 21, est. VI, n.º 1 e 2),[756] infelizmente sem referência estratigráfica ou cronológica. Apesar das semelhanças morfológicas apresenta como elemento diferenciador uma decoração moldada no disco, onde forma doze gomos, enquanto o nosso exemplar apresenta uma sequência de três círculos em relevo. A constituição da sua pasta, na descrição do autor, ao contrário do nosso exemplar, é de cor branca com engobe de tom laranja-acinzentado pouco aderente. O autor classifica-a como tipo Walters 30, comparando-a às produções gregas do séc. IV, sem no entanto referir qualquer enquadramento cronológico, embora, se atendermos às referências cronológicas do seu contexto, este inscreve-se seguramente a segunda metade do séc. IV - início do séc. V.

Trata-se, efectivamente, à semelhança do nosso exemplar, de uma lucerna tipo Ponisch IV - A [757] cujas características morfológicas assentam fundamentalmente na existência de um canal separado do *discus* terminado numa protuberância. A decoração, sempre de tipo geométrico, desenvolve-se na *margo*. O nosso exemplar pertence à subvariante A, uma vez que apresenta *rostro* e canal alongado. As produções do norte de Itália, inicialmente datadas do ano 70 da nossa Era (LOESCHCKE 1919, 286-269), são actualmente consideradas como tendo tido início por volta dos anos 50, uma vez que a data anteriormente considerada é hoje tida como momento de início da produção de imitações do Reno e Danúbio (BUCHI 1975, XXIX - XXXIII), admitindo-se que o período do seu apogeu tenha sido o séc. II-III, alargando-se a sua produção em determinados locais até ao final do séc. IV, como aliás parece corroborar o contexto arqueológico de um exemplar procedente de Romanos, Saragoça (TAFALLA 1988, 20, fig. 33, lám. XVI, 1A - 1b), morfologicamente idêntico ao nosso exemplar, embora com um tipo de decoração geométrica simplificada e estilizada.

Lucernas abertas (11, 12, 13, 14, 15)

[755] Para além dos exemplos citados, conhecem-se ainda oito exemplares morfologicamente semelhantes provenientes da colina da Cividade e do Fujacal, cuja datação se centra em finais do séc. III - início do séc. IV (MORAIS 2005, 344-345, est. 436-437, n.º 175-182). Constitui um reportório relativamente uniforme, onde ressalta a deficiente modelação e a parca decoração que acompanha alguns dos exemplares, constituída apenas por pequenos círculos e pérolas.

[756] Esta lucerna foi anteriormente publicada por Carlos Teixeira a propósito de um peso "bizantino" (TEIXEIRA 1935, 3-4), referindo um outro proveniente do castro de Fiães, Vila da Feira, e demais material em depósito no então Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e também por Ferreira de Almeida a propósito de um estudo alargado sobre lucernas romanas em Portugal (ALMEIDA 1953, 187, est. 44, n.º 219).

[757] Dreseel - Lamboglia 31 / Ivanyi, XII / Palol 15 / Ponsich IV - B e C / Deneauve XII / Provoost V - 9, 2.

É um tipo de lucerna particularmente abundante no norte de Portugal[758]. Enquadra o tipo Ivaniy XXI, Loeschcke XIV. A sua principal característica é constituída pela ausência de tampo e pelo perfil oval do reservatório em forma de taça. No interior possui um bocal cilíndrico para colocação da mecha, geralmente com fendas verticais ovaladas. São múltiplas as variantes para este tipo de lucerna cujos rasgos morfológicos consistem, fundamentalmente, no perfil do reservatório e comprimento do bocal.

Apesar de as tipologias de referência datarem este tipo de peças na segunda metade do séc. I (IVÁNYI 1935, 289; LOESCHCKE 1919, 312-319; BELCHIOR 1969, 51-52), os nossos exemplares encontram-se representados na Fase III e IV-V, respectivamente, nos períodos correspondentes à ocupação enquadrada pelo reinado dos Flávios-Antoninos e o séc. IV e início do séc. V, com predominância para este último período[759]. Todos os exemplares são produtos de origem local ou regional, elaborados em cerâmica comum de qualidade média baixa.

São cinco os exemplares registados – n.º 11-15. Embora nenhum deles permita refazer a forma completa. O primeiro, n.º 11 (vol. II, est. CXLVI, n.º 11) apenas conserva um elemento do bocal interno que apresenta uma fenda vertical ovalada. Pelas suas diminutas dimensões não permite definir o tipo de forma do reservatório. A pasta, de coloração bege-acastanhada, é medianamente depurada apresentando elementos não-plásticos na ordem de 17%, compostos por mica, grãos de quartzo rolados e alguns óxidos ferruginosos. A superfície é alisada e revela vestígios de fuligem. A sua proveniência enquadra-se num contexto estratigráfico da Fase III, do exterior da *Praça*, colocando-a no grupo dos materiais mais precoces deste tipo de produção.

O segundo, n.º 12 (vol. II, est. CXLVI, n.º 12) é formado por um pequeno fragmento de fundo e arranque de bocal interno. A sua pasta é idêntica à anterior revelando, contudo, um grau de depuração mais elevado. É proveniente do Ap. III, da *Domus do Tesouro* da ocupação da Fase IV-V.

O exemplar n.º 13 (vol. II, est. CXLVI, n.º 13) conserva a parte mais substancial da sua forma integral. Possui corpo oval com paredes encurvadas e ligeiramente reentrantes. O bocal interno é cilíndrico, de paredes verticais, com bordo arredondado. Apresenta três fendas ovaladas verticais equidistantes ente si. O fundo é ligeiramente côncavo, apresentando várias estrias de corte por fio no exterior. A pasta, de coloração bege-acastanhada, é dura e medianamente depurada, apresentando elementos não-plásticos na ordem dos 12%, formados por mica, grãos de quartzo rolados e cerâmica moída. É proveniente da *Domus da Lucerna Cristã* relativa à ocupação da Fase IV-V.

A lucerna n.º 14 (vol. II, est. CXLVII, n.º 14) apresenta uma dimensão sensivelmente superior às demais e um fabrico mais grosseiro. A curvatura das paredes, que se encontram fragmentadas ao nível inferior, indica um perfil ovalado com bordo reentrante. O bocal é cilíndrico e apresenta as características três fendas de perfil ovaladas. O fundo é pronunciadamente côncavo. A pasta, de coloração acastanhada, é grosseira e pouco depurada, com elementos não-plásticos na ordem dos 20%, formados por quartzos, micas, feldspatos e cerâmica moída. É proveniente do exterior da *Domus da Colher de Prata*, estratigraficamente enquadrável na Fase IV-V.

Por último, o fragmento de fundo de lucerna aberta n.º 15 (vol. II, est. CXLVII, n.º 15), constitui um exemplar grosseiro de fabrico deficiente. As paredes fragmentadas revelam uma espessura desproporcionada em relação à dimensão da lucerna, e a sua inclinação sugere um corpo oval com paredes arqueadas e

[758] No Museu Nacional Machado de Castro encontra-se em depósito um exemplar sem origem de proveniência identificada, morfologicamente idêntico aos nossos exemplares, tipo Ivaniy XXI, Loeschcke XIV (ALARCÃO, 1971, 83, est. II, n.º 8). Para além do exemplar citado no texto apresentamos um outro também proveniente da necrópole da Forca, Gemunde, Maia, também pertencente ao primeiro tipo (vol. I, est. XXI, n.º 54). É ainda conhecido uma outra lucerna da necrópole de Eiriz, Paços de Ferreira (PINTO 1929, 180; ALMEIDA 1953, 187, est. XLIV, n.º 220; SILVA 1986 b, 124-125, est. XXVIII, n.º 8), que revela semelhanças morfológicas assinaláveis com os nossos exemplares n.º 13-15, apresentando, no entanto, uma asa atípica, formada por uma fita de secção curva que desenvolve um perfil oval, ligeiramente soerguida sobre a face superior do reservatório.

[759] O exemplar identificado em Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1976, 108, pl. XXIX, n.º 128), é proveniente de um estrato remexido de época moderna, pelo que não fornece dados cronológicos precisos, aceitando as autoras a cronologia proposta por Ivany (2ª metade do séc. I).

reentrantes. O fundo é plano, ligeiramente côncavo, revelando estrias de corte por fio na face externa. É proveniente da *Estrutura 6*, relativo à ocupação da Fase III.
Para além dos exemplares de corpo oval são conhecidos outros tipos na região. Apresentamos uma lucerna proveniente da necrópole da Forca, Gemunde Maia (vol. II, est. XXI, n.º 54), de corpo tronco-cónico, com fundo plano e parede levemente esvasada. O bocal interno, também cilíndrico, apresenta as três fendas ovaladas e prolonga-se até ao nível do bordo. Possui uma asa de secção em fita que faz ligação directamente ao bordo. A pasta é idêntica ao nosso exemplar n.º 14.

Asas (18, 19, 20)

Reunimos um conjunto de asas tipologicamente enquadráveis com as produções alto-imperiais, que surgem no período Flávio e se combinam em diversas formas.
O n.º 18 (vol. II, est. CXLVII, n.º 18), constitui um tipo de asa em disco perfurado, elevada em relação à orla, enquadrada no tipo 2 B da tipologia de Amaré Tafalla (TAFALLA 1988, 52, fig. 74). A sua pasta é de tonalidade bege-clara, muito depurada e esponjosa, com elementos não-plásticos na ordem de 5%, compostos sobretudo por quartzos. É proveniente do exterior da *Praça*, da Fase III.

A asa n.º 19 (vol. II, est. CXLVII, n.º 19) em disco perfurado, encontra-se sobrelevada em relação à orla e enquadra o tipo 2 Ba da anterior tipologia (TAFALLA 1988, 52, fig. 74). A sua pasta é de cor castanho-clara, muito depurada, praticamente isenta de elementos não-plásticos. É proveniente do Ap. X do *Complexo Artesanal* da Fase IV-V.

Por último, a asa n.º 20 (vol. II, est. CXLVIII, n.º 20), é formada por um disco perfurado e enquadra o tipo Bc (TAFALLA 1988, 52, fig. 75). A sua pasta é pouco depurada com abundantes elementos não-plásticos, compostos por mica e quartzo de grãos rolados. A cozedura é pouco uniforme, apresentando-se o núcleo de tonalidade escura em contraste com o aspecto exterior que é de coloração castanho-alaranjada. É proveniente do *Decumano,* com enquadramento estratigráfico na Fase IV-V.

Fragmentos de disco (21)

O fragmento de disco n.º 21 (vol. II, CXLVIII, n.º 21) possui a representação de um carneiro e poderá pertencer indistintamente a uma lucerna de volutas ou a uma lucerna de bico redondo nas suas múltiplas variantes. Possui uma pasta muito depurada de tonalidade bege-amarelada, com uma reduzida percentagem de elementos não-plásticos, quase exclusivamente constituídos por mica. O engobe, de boa qualidade e bem aderido, apresenta uma cor castanho-avermelhado e encontra-se muito bem conservado. É proveniente da *Estrutura 7*, respeitante à ocupação da Fase III.

Lucernas

Nº Inventário	Proveniência	Forma	Material	Engobe	Decoração	Observações	Estampa
1. Alv. 97 B3, A1 op. 316; 345	corte est. 5, camada 4 / Fase III	volutas	cerâmica	creme	golfinho	----	est. CXLV, n.º1
2. Alv. 95 B, A4, Ig. 9066	corte est. 2, camada 4 / Fase II	volutas	cerâmica	----	----	----	est. CXLV, n.º 2
3. Alv. 98 B3, A2, op. 43	corte est. 3, camada 1 / Fase III	volutas	cerâmica	----	guerreiro	----	est. CXLV, n.º 3
4. Alv. 97 B3, A1, op. 284	corte est. 5, camada 4 / Fase III	firmalampen / canal	cerâmica	creme	----	marca de of (*oc*)*tavi*	est. CXLV, n.º 4
5. Alv. 96 B, A3, Ig. 10304	corte est. 1, camada 0 / Fase III	*firmalampen* / canal	cerâmica	aguada cast./ver.	----	marca V (...)	est. CXLV , n.º 5
6. Alv. 96 B, A3, op. 159	corte est. 1, camada 0 / Fase III	bico redondo	cerâmica	castanho	----	----	est. CXLV, n.º 6
7. Alv. 86, Ig. 659	corte est. 2, camada 2 / Fase III	bico redondo	cerâmica	castanho/ vermelho	----	----	est. CXLVI, n.º 7
8. Alv. 96 B, A3, op. 113; 124	corte est. 1, camada 0 / Fase III	bico redondo	cerâmica	castanho	motivos geométricos	----	est. CXLVI, n.º 8
9. Alv. 98 B1, op. 123	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	periforme	cerâmica	----	orla de pérolas/meandros		est. CXLVI, n.º 9
10. Alv. 94 A, op. 109	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	motivos cruciformes	cerâmica	----	círculos concêntricos / cruzes		est. CXLVI, n.º 10
11. Alv. 96 B, A3, Ig. 10361	corte est. 1, camada 0 / Fase III	aberta	cerâmica	----	----	----	est. CXLVI, n.º 11
12. Alv. 95 A, Ig. 6924	corte est. 13, camada 2 / Fase IV-V	aberta	cerâmica	----	----	----	est. CXLVI, n.º 12
13. Alv. 94 A, op. 145	corte est. 9, camada 2 / Fase IV-V	aberta	cerâmica	----	----	----	est. CXLVI, n.º 13
14. Alv. 93 A, Ig. 1140	corte est. 11, camada 0 / Fase IV-V	aberta	cerâmica	----	----	----	est. CXLVII, n.º 14
15. Alv. 92 A, Ig. 4826	corte est. 12, camada 4 / Fase III	aberta	cerâmica	----	----	----	est. CXLVII, n.º 15
16. Alv. 97 B2, A2, op. 50	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	volutas	bronze	----	pega – cavalo	(ver / materiais metálicos – Bronzes, n.º 10)	
17. Alv. 94 A, op. 107	corte est. 9, camada 1 / Fase IV-V	volutas	bronze	----	círculos pontiados	(ver / materiais metálicos – Bronzes, n.º 8)	
17(1). Alv. 94 A, op. 107	corte est. 9, camada 2 / Fase V	fundido/soldado	bronze	----	pega - felino	(ver / materiais metálicos – Bronzes, n.º 9)	
18. Alv. 96 B, A3, op. 241	corte est. 1, camada 0 / Fase III	indeterminada	cerâmica	----	----	----	est. CXLVII, n.º 18
19. Alv. 97 B3, A1, op. 186	corte est. 4, camada 1 / Fase V	indeterminada	cerâmica	----	----	----	est. CXLVII, n.º 19
20. Alv. 97 B3, A1, op. 166	corte est. 5, camada 1A / Fase IV-V	indeterminada	cerâmica	----	----	----	est. XXVIII, n.º 20
21. Alv. 92 A, Ig. 4222	corte est. 13, camada 3 / Fase III	*discus*	cerâmica	castanho/vermelho	carneiro	----	est. XXVIII, nº 21
22. Alv. 96 B, A3, op. 33	corte est. 1, camada 1b / Fase III	bico	cerâmica	----	----	----	est. XXVIII, n.º 22
23. Alv. 97 B3, A1, op. 101	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	bico	cerâmica	aguada laranja	----	----	

Catálogo

Lucernas de volutas (1-3)

1. Alv. 97 B3, A1, op. 316; 345 - Lucerna tipo Bailey A-III. *Discus* de corpo tronco-cónico com *influbium* circular e volutas em ponta no *rostrum.* As volutas nascem dos vértices do triângulo que desenha o extremo do *rostrum* dispondo-se uma em cada lado. *Margus* estreito separado do *discus* por três molduras. *Discus* amplo, ligeiramente côncavo, decorado com um golfinho à direita. Orifício de alimentação descentrado, posicionado em função da figura. A pasta é muito depurada com apenas 5 a 10% de elementos não plásticos de pequeno calibre, semelhante ao Grupo 1, definido por Jannette Nolen, cuja origem, a autora considera ser a Bética (NOLEN 1994,38).
Este tipo de decoração surge exclusivamente neste tipo de lucernas cuja tipologia aponta para uma datação do séc. I, aqui confirmada pelo seu contexto estratigráfico (vol. II, est. CXLV, n.º 1).
Dim. - Diâmetro máximo 70 mm; Comprimento máximo 99 mm; Espessura máxima do fundo 3 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase III, Ap. I, corte estratigráfico 6, camada 4.

2. Alv. 95 B, A4, Ig. 9066 - Fragmento de disco e arranque de parede de lucerna de volutas tipo Bailey B – III (BAILEY 1980, 172). Orla com três caneluras tipo Loeschcke V. Pasta muito depurada com cerca de 5 a 10% de elementos não plásticos de pequeno calibre e distribuição pouco uniforme. Superfície com vestígio de engobe, espesso e aderente, de cor laranja-acastanhada (vol. II, est. CXLV, n.º 2).
Dim. - Comprimento máximo 41 mm; Espessura máxima da parede 3 mm.
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase II, Praça (*Estrutura II*), corte estratigráfico 2, camada 4.

3. Alv. 98 B3, A2, op. 43 - Fragmento de disco de lucerna muito degrada com eventual representação de Hércules (?), do tipo Bailey B – III. Pasta de qualidade média, pouco depurada com abundantes elementos não-plásticos (+- 15 %), composto por micas, quartzitos e feldspato de calibre médio/baixo com distribuição uniforme. O engobe é espesso e encontra-se mal conservado, apresentando uma cor castanho-avermelhada (vol. II, est. CXLV, n.º 3).
Dim. - Diâmetro máximo interno do disco 62 mm; Espessura máxima do disco 5 mm.
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça*, corte estratigráfico 3, camada 1.

Lucernas "*Firmalampen"* ou de canal (4-5)

4. Alv. 97 B3, A1, op. 284 - Lucerna de canal "*Firmalampen"* com marca de oficina (oc)*tavi,* de fabrico regional, com datação do séc. I-II (vol. II, est. CXLV, n.º 4).
Dim. - Comprimento máximo 49 mm; Espessura máxima da parede 4 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase III, Ap. I, corte estratigráfico 6, camada 4.

5. Alv. 96 B, A3, Ig. 10304 - Fragmento de lucerna em cerâmica comum com vestígios de marca de oficina. O fragmento é composto por parte da base e arranque do bojo. O fundo é delimitado por dois círculos concêntricos em relevo, no interior dos quais surge desenhado um Y com um ponto no interior das hastes. Embora de forma pouco definida desenha-se o arranque do bico. O bojo revela vestígios de alisamento à espátula. Pasta bege clara com cozedura pouco uniforme e aguada no exterior de tonalidade castanho-avermelhada (vol. II, est. CXLV, n.º 5).
Dim. - Comprimento máximo 36 mm; Espessura máxima do fundo 5 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

Lucernas de bico redondo (6-8)

6. Alv. 96 B, A3, op. 159 - Fragmento de bico e disco de lucerna de pasta bege clara, bem depurada, com engobe castanho muito escuro (vol. II, est. CXLV, n.º 6).
Dim. - Diâmetro máximo interno do disco 28 mm; Espessura máxima da parede 4 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

7. Alv. 86, Ig. 659 - Fragmento de disco e pega de lucerna em pasta de tonalidade bege-clara muito depurada com vestígios de engobe de cor castanho-avermelhado, produção itálica (vol. II, est. CXLVI, n.º 7).
Dim. - Comprimento máximo 36 mm; Largura máxima 26 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, Fase III, *Domus do Grafito*, Ap. V, corte estratigráfico 2, camada 2.

8. Alv. 96 B, A3, op. 113; 124 - Fragmentos de disco de lucerna. Pasta bege-clara com engobe muito escuro (vol. II, est. CXLVI, n.º 8).
Dim. - Diâmetro máximo interno do disco 26 mm; Espessura máxima da parede 3 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

Lucernas ovais de canal aberto, atípicas (9)

9. Alv. 98 B1, A1, op. 123 - Lucerna completa, ligeiramente fragmentada na zona do *influbium* em cerâmica comum. Apresenta um corpo oval, ligeiramente irregular, com *discus* pouco individualizado. A asa de perfil circular é perfurada e apresenta um desenvolvimento oblíquo. No centro o orifício de alimentação apresenta-se rodeado por um motivo composto por pérolas de recorte irregular. A decoração no *rostrum* é composta por pérolas alternadas com linhas convergentes para o centro. A pasta apresenta um grau de compactação elevada com abundantes elementos não-plásticos (10 a 12 %) compostos por mica, quartzo e cerâmica moída. A superfície, ligeiramente rugosa, não apresenta qualquer vestígio de engobe. Coloração castanho-alaranjada com abundantes vestígios de fuligem (vol. II, est. CXLVI, n.º 9).
Dim. - Comprimento máximo 65 mm; Largura máxima ao nível do disco 48 mm; Espessura máxima do fundo 3 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal*, Ap. V, corte estratigráfico 3, camada 2.

Lucernas de canal (10)

10. Alv. 94 A, op. 109 - Lucerna em cerâmica comum decorada com motivos cruciformes. O disco é circular e prolongado por um canal largo. Orla decorada com motivos geométricos formados por traços incisos e elementos em relevo com cruzes e círculos, obedecendo às regras de repetição simples. A asa é uma pegadeira simples perfurada. A lucerna é moldada em cerâmica comum, sem engobe, 2ª metade do séc. IV-V (vol. II, est. CXLVI, n.º 10).
Dim. - Comprimento máximo 111 mm; Largura máxima 79 mm; Espessura máxima do fundo 3 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Pátio interior, corte estratigráfico 4, camada 1.

Lucernas abertas (11-15)

11. Alv. 96 B, A3, Ig. 10361 - Fragmento de lucerna de forma aberta em cerâmica comum. O fragmento é formado por parte da base e parte do bico interno. O bico possui uma fenda de forma ovalada. Pasta bege-clara, muito depurada e dura (est. CXLVI, n.º 11).
Dim. - Comprimento máximo do bico 32 mm; Largura máxima do fundo 28 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

12. Alv. 92 A, Ig. 6924 - Fragmento de fundo de lucerna aberta (vol. II, est. CXLVI, n.º 12).
Dim. - Diâmetro máximo do bico 22 mm; Espessura máxima ao nível do bico 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 13, camada 1.

13. Alv. 94 A, op. 145 - Lucerna em cerâmica comum de forma aberta. Reservatório em forma de taça com paredes ligeiramente arqueadas para o interior. Ao centro tem um bocal cilíndrico com três fendas verticais, ovaladas. Não tem asa e o fundo é ligeiramente côncavo. Pasta bege, medianamente dura (vol. II, est. CXLVI, n.º 13).
Dim. - Diâmetro máximo do fundo 40 mm; Comprimento máximo do bico 37 mm; Diâmetro máximo do bico cilíndrico 22 mm; Espessura máxima da parede 3 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 2.

14. Alv. 93 A, Ig. 1140 - Fragmento de base de lucerna de forma aberta. Ao centro possui vestígios de bocal cilíndrico. No bojo desenha-se o arranque da asa em fita. Pasta bege-clara medianamente dura (vol. II, est. CXLVII, n.º 8).
Dim. - Diâmetro máximo externo do fundo 43 mm; Espessura máxima da parede 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. Pátio exterior e forno, corte estratigráfico 11, camada 0.

15. Alv. 92 A, Ig. 4826 - Fragmento de base de lucerna de forma aberta. Ao centro tem um bocal cilíndrico com três fendas verticais, ovaladas. Não tem asa e o fundo é ligeiramente côncavo. Pasta bege, medianamente dura, 2.ª metade do séc. IV-V (vol. II, est. CXLVII, n.º 15).
Dim. - Diâmetro máximo externo do fundo 44 mm; Diâmetro máximo do bico 22 mm; Espessura máxima da parede 7 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Estrutura 6*, corte estratigráfico 12, camada 4.

Lucernas em bronze (16-17(1))

16. Alv. 97 B2, A2, op. 50 - Lucerna em bronze com pega representando a cabeça de um cavalo. Disco oval, rebaixado por orla de secção rectangular, marcado por volutas estilizadas e bico semicircular. Orifício de alimentação recortado de formato cordiforme. Orifício de iluminação circular perfeitamente centrado no bico. Pé circular soldado ao *infundibulum*, de secção rectangular com base ligeiramente alargada e redobrada para o interior. Na face interna possui um círculo em relevo à volta de um ponto. Pega formada por haste semicircular, de secção trapezoidal junto ao *infundibulum*, desenvolvendo-se progressivamente para uma secção circular, orientada no sentido do orifício de alimentação. A haste, sensivelmente a meio, encontra-se restaurada por um grampo de ferro. No seu terço final representa a cabeça de um cavalo de forma realista. A crina estilizada é representada por linhas incisas com orientação oblíqua (vol. II, est. CCIII, n.º 10).
Dim. - Comprimento máximo 178 mm; Altura máxima 95 mm; Diâmetro do orifício de iluminação 15 mm; Diâmetro máximo do pé 46 mm; Peso 581, 5 gr..

Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 245, 132.

17. Alv. 94 A, op. 107 - Lucerna em bronze. Disco circular, sobrelevado, com orifício de alimentação irregular, sem canal. Volutas estilizadas demarcando e estrangulando o bico, que, por sua vez, remata com um orifício irregular. Fundo discóidal plano formado por um falso pé. Decoração geométrica muito simples, composta por um círculo concêntrico de pontos incisos no disco e pela mesma composição em toda a orla. A asa é uma pegadeira simples, com nervura central na face anterior (vol. II, est. CCII, n.º 8).
Dim. - Comprimento máximo 111 mm; Largura máxima do disco 61 mm; Peso 181,7 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Pátio interior; corte estratigráfico 9, camada 02.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 245(1), 133.

17(1). Alv. 95 B, A4, op. 49 - Pega de lucerna em bronze com representação de cabeça de leão pantera emoldurado por quatro folhas de lis. A representação do felino reveste de um realismo assinalável, encontrando-se inclusivamente representados os caninos. A pega desenvolve um arco semicircular revelando no seu extremo inferior uma alargamento de perfil convexo de adaptação à face anterior de uma lucerna de bronze onde estaria soldada. A moldura a partir da qual se desenvolve a representação felina é formada por quatro folhas de lis que desenham um perfil curvo (vol. II, est. CCII, n.º 9).
Dim. - Comprimento máximo 775 mm; Diâmetro máximo da haste 13 mm; Peso 181 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 245(2), 133.

Fragmentos de lucerna de forma indeterminada (18-20)

Pegas

18. Alv. 96 B, A3 op. 241 - Fragmento de lucerna. Pega com orifício transversal. Pasta muito depurada e leve de tonalidade bege muito clara (vol. II, est. CXLVII, n.º 18).
Dim. - Comprimento máximo 36 mm; Largura máxima da asa 28 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

19. Alv. 97 B3, A1, op. 186 - Fragmento de lucerna em cerâmica comum com asa com orifício. Pasta muito depurada de cor castanho claro (vol. II, est. CXLVII, n.º 19).
Dim. - Comprimento máximo 26 mm; Largura máxima da asa 25 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 4, camada 1.

20. Alv. 97 B3, A1, op. 166 - Fragmento de lucerna em cerâmica comum. Pega com orifício. Pasta pouco depurada com abundantes fragmentos de quartezite e mica. Cozedura pouco regular revelando um núcleo de tonalidade escura em contraste com o aspecto exterior de coloração laranja (vol. II, est. CXLVII, n.º 20).
Dim. - Comprimento máximo 39 mm; Largura máxima da asa 28 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Decumanus,* Fase IV-V, corte estratigráfico 5, camada 1A.

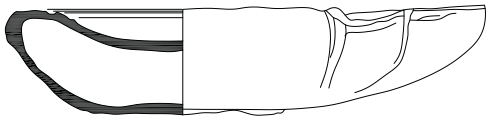
Discos (21)

21. Alv. 92 A, Ig. 4222 - Fragmento de disco de lucerna. Pasta muito depurada de coloração amarelada com engobe no exterior de tonalidade castanho-avermelhado com representação de um carneiro (vol. II, est. CXLVII, n.º 21).
Dim. - Comprimento máximo 28 mm; Espessura máxima do disco 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Estrutura 7*, corte estratigráfico 13, camada 3.

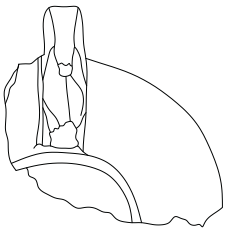
Bicos (22)

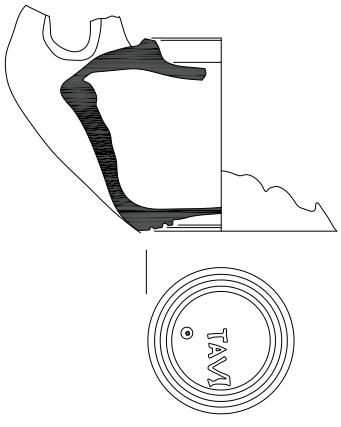
22. Alv. 96 B, A3, op. 33 - Fragmento de bico de lucerna (vol. II, est. CXLVII, n.º 22).
Dim. - Comprimento máximo 29 mm; Largura máxima 35 mm.
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase II, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 1 B.

23. Alv. 97 B3, A1, op. 101 - Fragmento de bico de lucerna de canal de produção local. Cerâmica comum com pasta muito depurada de cor bege-clara com aguada de cor laranja (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 4, camada 1.



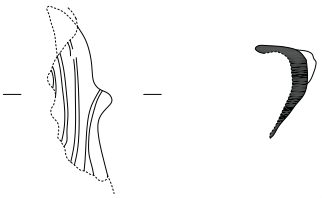
1



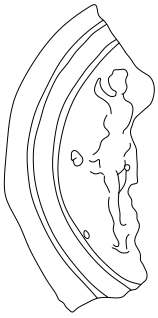


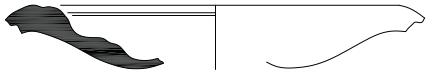
TAVI

4

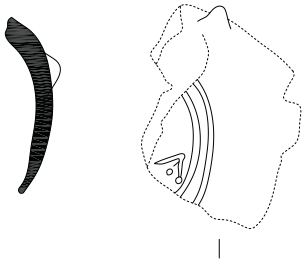


2

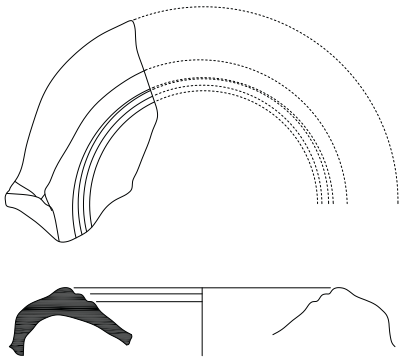




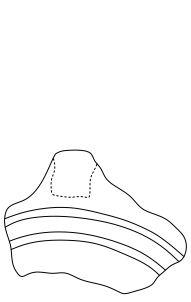
3



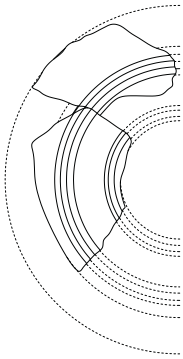
5

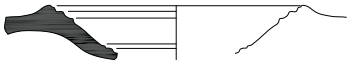


6

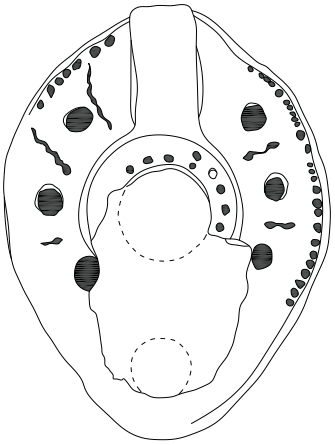


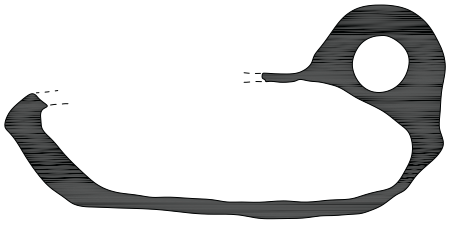
7



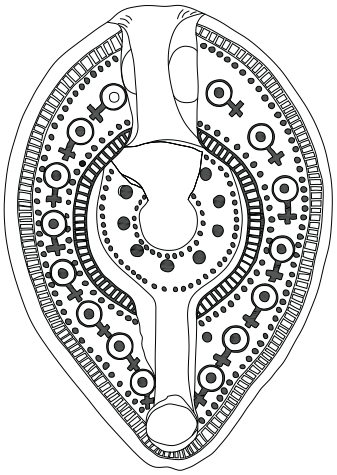


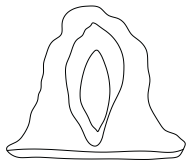
8

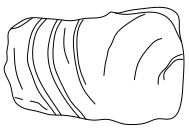




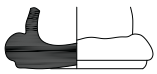
9



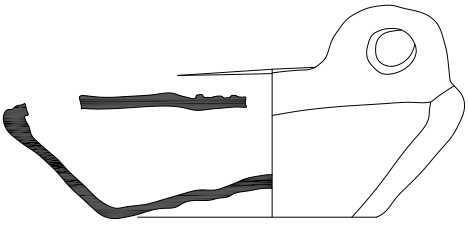




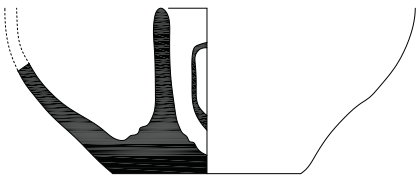
11



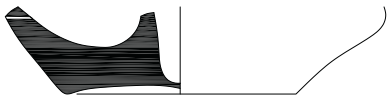
12



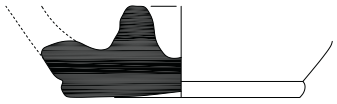
10



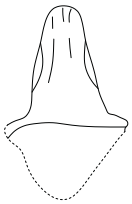
13

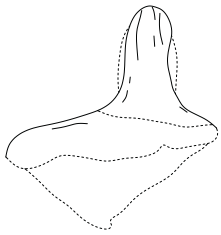


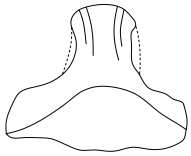
14

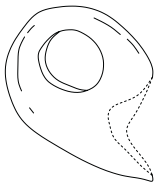


15

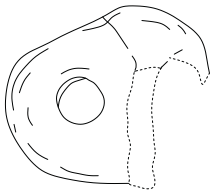




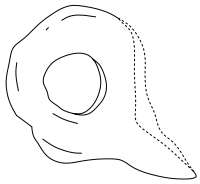




18

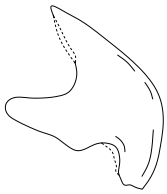


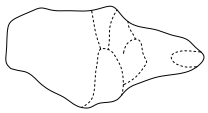
19



20

21





22

6.3.8. Ânforas

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

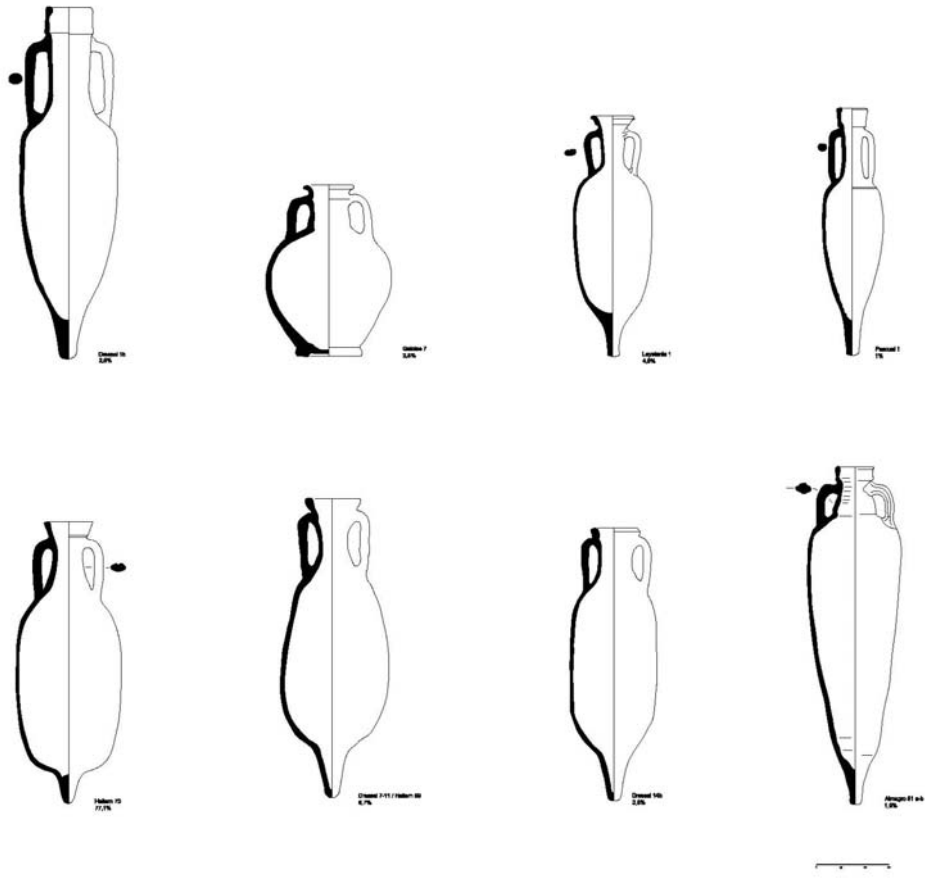
A tipologia desenvolvida por H. Dressel (DRESSEL 1899), de finais do séc. XIX foi durante longos tempos a referência essencial na classificação das ânforas, posteriormente ampliada e completada por Martim Almagro (ALMAGRO 1953), e Lamboglia (LAMBOGLIA 1955), na década de 50 do século passado. Todavia, seria a partir dos trabalhos produzidos por F. Zevi (ZEVI 1966, 208-247), que os investigadores passariam a nomear as ânforas pela mesma tipologia, apesar dos acrescentos posteriores e da criação de novas tipologias, como, por exemplo, a de F. Benoit (BENOIT 1957, 247-285).

À semelhança de trabalhos recentes, publicados em Portugal (NOLEN 1994; FABIÃO 1989; MORAIS 2005), entre outros, utilizamos como tipologia de referência a de Peacock e Williams (PEACOCK; WILIAMS 1986), exceptuando as situações não contempladas pelos autores ou melhor tipificados em trabalhos mais recentes. No entanto, na consciência que este procedimento não é generalizado menciona-se, entre parêntesis, as suas correspondências às principais tipologias.

O conjunto de materiais considerados neste estudo, à semelhança dos demais materiais, corresponde apenas, aqueles cujo enquadramento estratigráfico se encontra em análise. No entanto, julgamos tratar-se de um conjunto que reflecte o padrão das importações, tendo, por isso, um valor significativo enquanto elemento identificador da prática de determinados hábitos alimentares, mas, fundamentalmente, como indicador da variação das áreas de mercado, revelando-nos alguns aspectos económicos significativos.

Por razões metodológicas dividimos a apresentação dos materiais segundo a sua proveniência e pelo conteúdo que lhes é atribuído, ressalvando, no entanto, que a análise macroscópica das pastas nem sempre permite, com segurança, apontar o local de proveniência.

Quadro sinóptico



Importações Italianas
Ânforas vinárias

Classe 4 (1-3)

A típica forma Dressel 1, apresentada pelo autor no *CIL*, foi subdividida por Lamboglia (LAMBOGLIA 1955), e por Benoit (BENOIT 1957), em três grupos distintos – A, B, C – que, posteriormente, corresponderam às *Classes* 3, 4 e 5 de Peacock e Williams (PEACKOCK; WILLIAMS 1986, 86-92). A distinção foi feita, fundamentalmente com base na diferenciação da inclinação dos lábios e diâmetros dos bocais.
Estes tipos de contentores, vulgarmente identificados como ânforas tardo-republicanas, têm vindo a ser reconhecidas como provenientes da península itálica destinadas ao transporte de vinhos[760] da Câmpania, Etrúria e Lácio (ALARCÃO, 1976, 80; FABIÃO 1989, 57), locais onde foram identificados inúmeros fornos (PEACOCK 1977). A sua datação centra-se no último quartel do séc. II a.C. e prolonga-se até ao primeiro quartel do séc. I, sendo já raras em época de Augusto (ALARCÃO 1976, 80-81)[761].
Provavelmente, terão constituído o primeiro tipo de contentor anfórico a chegar à região do noroeste em número significativo. Efectivamente, identificam-se em numerosos povoados castrejos, ainda que o seu número não seja relevante. Dos materiais publicados, na área meridional da Galécia, identificam-se na Citânia de Sanfins[762], Paços de Ferreira e Monte Mozinho, Penafiel, aqui em número assinalável. No entanto, em regiões mais meridionais encontram percentagens de representação mais condizentes com outras regiões do império, nomeadamente em Conímbriga onde os 35 exemplares identificados num horizonte de 202 peças correspondem a uma representação percentual na ordem dos 35%.

Do ponto de vista morfo-tipológico caracteriza-se por possuir um bordo alto e vertical rematado por um lábio triangular, com gargalo ligeiramente cónico, asas verticais e forte carena no ombro. Bojo cilíndrico com adelgaçamento suave com remate de *pivoti* cilíndrico (LLORIS 1970, 307, fig. 75-77). Apresenta uma capacidade média de cerca de 25 l e um peso em redor dos 25 kg.
A pasta dos exemplares recolhidos é uniforme e caracteriza-se por um grau de compactação elevada, de coloração avermelhada com as superfícies acastanhadas, que, por sua vez, são alisadas e não revelam qualquer tipo de engobe. Os elementos não-plásticos que integram a pasta são constituídos na maior parte por quartzos de cor rosácea, mica, alguns grãos ferruginosos e alguns pontos negros constituídos por partículas vulcânicas.
Em Alvarelhos encontra-se apenas representada por três exemplares de ânforas tipo *Classe* 4 = Dressel 1 B (n.º 1-3), dos quais apenas ilustramos o primeiro (vol. II, est. CXLVIII, n.º 1), representando, portanto, apenas 2,7 % do acervo anfórico em análise, facto que, tendo em consideração a área intervencionada, é significativo.
A variante Dressel *1B*, apresenta uma cronologia relativamente mais recente, tendo sido iniciada a sua produção no principio do séc. I a.C., prolongando-se a sua produção até pouco depois do séc. I. Do ponto

[760] Pontualmente, poderão ter transportado outro tipo de produtos como se depreende dos conteúdos identificados em ânforas tipo Dressel 1A, no naufrágio de Cavalière, Le Lavandou, compostos por azeitonas (CHARLIN; GASGEND; LEQUÉMENT 1978, 9-23) e restos de moluscos (BENOÎT, 1962, 147-176), entre outros.
[761] Com base em PEACOCK 1971, 165; LLORIS 1970, 302, fig. 65; DOMERGUE 1973, 112. Todavia, estes dados parecem contrariados pelas evidências arqueológicas de Haltern, Trier, Camulodunum e Monte Bures, onde se encontra bem documentada a sua presença nos primeiros decénios após o câmbio de Era (PAIVA 1993, 28).
[762] Num estudo preliminar, num horizonte de 52 fragmentos Maria de Belém identifica 3 tipos Dressel 1 A = *Classe* 3, sendo constituída a esmagadora maioria dos fragmentos (43 fragmentos), por ânforas tipo Haltern 70 = *Classe* 15 (PAIVA 1989, 442, n.º 1-3). Em Monte Mozinho, Penafiel, são vários os exemplares mencionados (SOEIRO 1984, 138, fig. LXI, n.º 5-6; 141, 167-168, 184-185, 187, 202, 206, 256, 262), ainda que a autora não distinga produções nem as variantes conhecidas, pelo que, atendendo que os materiais maioritariamente são provenientes de estratos da primeira metade do séc. I, é provável que se encontrem também exemplares provenientes da Tarraconense.

de vista morfológico caracteriza-se por possuir um bordo alto e vertical rematado por um lábio de secção arredondada, assimétrico. O gargalo é alto e levemente cónico, aberto na parte superior. As asas, de secção oval, apresentam um desenvolvimento vertical e implantam-se nos ombros e na fase inferior do bordo. O reservatório desenvolve um formato ovalado marcado por uma carena bem vincada que distingue o bojo do arranque do gargalo. O pé é de formato cilíndrico ou levemente cónico, forte e maciço, ligeiramente alargado na base. Apesar das proximidades morfológicas com a variante 1, apresenta uma dimensão maior na ordem de 1,12 m a 1,18 m de altura, assim como uma maior capacidade que se situa entre 26 e 27 l. Apesar de relativamente bem documentada na região, os seus quantitativos não conheceram uma expressão relevante. Entre os exemplares estudados refiram-se as ocorrências registadas na Cividade de Âncora, Caminha (PAIVA 1993, 29, est. V, 1) Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim (PAIVA 1993, 29, est. XLIV, 3-4), e Castro da Senhora da Saúde, Vila Nova de Gaia (PAIVA 1993, 29, est. LXXVIII, 2-3) e, mais a sul, no acampamento romano da Lomba do Canho, Arganil (FABIÃO 1989, 57-59, fig. 3).
O enquadramento estratigráfico dos nossos exemplares, à excepção do exemplar n.º 3, proveniente de um estrato superficial tardio, que deverá ser interpretado como resultado de alterações estratigráficas pontuais, correspondem às cronologias propostas uma vez que integram a nossa Fase II, IIB e III.

Importações sudgálicas
Ânforas vinárias

Gauloise 7 (4-6)

Este contendor proveniente do sul da Gália (Gália Narbonense)[763] foi produzido nas oficinas de Aspiran, Velaux-Moulin du Pont e Fréjus (LAUBENHEIMER 1985, 302), associada à sua produção mais antiga com datação entre os anos 20 e 30 da nossa Era. Está relacionada com o transporte de conteúdos vinícolas e raramente foi exportada para o noroeste peninsular, encontrando-se apenas pontualmente representada. Por exemplo, em Braga, encontra-se documentada de forma esporádica na Zona das Carvalheiras (MORAIS 1998, 51-52, est. XIII, n.º 40), conhecendo-se apenas mais duas outras ocorrências esporádicas na Galiza, nomeadamente no castro de Troña, La Guardia, e no rio Ulla (LÓPEZ 1993-94, 4).

Morfologicamente caracteriza-se por possuir um corpo ovóide com gargalo cilíndrico ou levemente tronco-cónico. O bordo, geralmente curto de paredes curvas, é rematado por um lábio introvertido a formar uma ligeira carena interna, embora se verifiquem pequenas variantes. Possui asas de secção elíptica com canelura longitudinal, implantadas na área de junção entre o bordo e o colo, onde, geralmente, forma uma carena, descendo para o ombro com uma leve curvatura. O fundo é plano com pé curto e baixo.
Encontra-se apenas representada com três fragmentos – n.º 4-6 –, em concordância com a fraca expressão que este contentor regista na área meridional do convento bracaraugustano. Apresenta um fabrico homogéneo revelando uma constituição de pasta semelhante, constituída por uma forte presença de elementos não-plásticos compostos por quartzo de pequena e média dimensão de arestas angulosas, assim como de cerâmica moída. A superfície é alisada mantendo a sua natureza rugosa. As cores das superfícies são de tonalidade bege, levemente rosadas. As cozeduras são uniformes revelando uma estrutura interna laminar, muito compacta[764].

[763] Fanette Laubenheimer, principal estudiosa desta produção, identifica apenas as oficinas de Aspiran, Velaux-Moulin du Pont e Fréjus, todas localizadas na Gália Narbonense (LAUBENHEIMER 1985, 302).
[764] Verifica-se alguma proximidade com os fabricos gálicos identificados na Zona das Carvalheiras, Braga, particularmente o fabrico identificado como G3 (MORAIS 1998, 38-39).

Importações da Tarraconense
Ânforas vinárias

Laietana 1 (Codex SCCL 1992) (7-11)

Constitui uma forma identificada recentemente, ainda mal conhecida (COMAS i SOLÀ 1987, 161-173), nomeadamente, no que respeita à sua difusão e expressão quantitativa, mesmo no nordeste espanhol onde se encontra relativamente bem representada, nomeadamente em Baetulo, Ampúrias, Barcino e outros locais da Catalunha. Tratar-se-á de uma forma percursora do tipo Pascual 1 que constitui o contentor típico da Tarraconense, cujo início de produção decorreu no princípio do reinado de Augusto, com as quais morfologicamente se vincula. Em Badalona a coexistência das duas formas desequilibra-se a partir de cerca dos anos 40-30 a.C., em claro favor da forma Pascual 1, que parece substitui-la integralmente a partir do câmbio de Era.
Relativamente ao seu contudo não existem indicadores directos, contudo, o revestimento resinoso identificado em alguns exemplares, assim como a clara vinculação à forma Pascual 1, sugere que se tratará de uma ânfora vinária, cujo período de produção é coincidente com o momento de auge do vinho catalão, seguramente resultante do processo de colonização da região iniciado por César.

Do ponto vista morfológico, em termos genéricos, trata-se de um contentor com um reservatório de formato barriloide, com colo curto e largo, rematado por um bordo amplo, levemente esvasado, com lábio espesso que pode ser ligeiramente introvertido, de secção arredondada ou sub-rectangular. As asas são espessas e curtas, de secção oval, com estrias pouco profundas na face externa, encontrando-se implantadas ao nível superior do ombro e na face inferior do bordo. O fundo é composto por um *pivot* maciço de recorte cilíndrico ou levemente cónico.
A partir da análise do bordo identificaram-se duas variantes. A primeira, apresenta um bordo baixo, vertical ou ligeiramente esvasado de secção sub-rectangular, vincado por uma canelura marcada por uma aresta angular a marcar a separação do colo, com lábio de secção arredondada. A segunda variante apresenta um bordo mais alto de desenvolvimento vertical de recorte sub-rectangular, apenas com um ressalto na base, formando uma banda alta, muito semelhante à forma Pascual 1.
Em Alvarelhos encontra-se relativamente mal representada tendo sido identificados apenas cinco exemplares – n.º 7-11 –, dos quais ilustramos dois (vol. II, est. CXLVIII, n.º 7-8), cujo enquadramento crono-estratigráfico se concretiza na Fase II, IIb e III, correspondendo, genericamente, às cronologias propostas.
Na área meridional encontra pouca expressão, facto que, em certa medida, será também reflexo da identificação recente da forma. Entre outros locais conhecem-se exemplares provenientes da Cividade de Âncora, Caminha (PAIVA 1993, 29-30, est. XIX, n.º 1-4).

Pascual 1

A sua identificação deve-se a Rosa Pascual Guasch (GUASH 1962, 334-335). A forma fabricou-se nas oficinas da Tarraconense[765] desde o início do reinado de Augusto e ter-se-á mantido em produção até ao início da dinastia Flávia, como se constata pelas cronologias proporcionadas pelas escavações de Roses, El Mujal, Calella e Baetulo (COMAS i SOLA 1987, 162; MULLOR; FERRER 1982, 84), sendo progressivamente substituída pela forma Dressel 2-4 (MARTÍM 1998, 122). Trata-se, portanto, de uma ânfora vinária que foi utilizada na

[765] A presente forma foi produzida na região do nordeste hispânico, designadamente ao longo da costa da Catalunha, em particular na região de Barcelona (GUASH 1977; MIRÓ 1987, 14-27, 29-52, 54-59; PEACOCK; WILLIAMS 1991, 93; TYERS 1996, 92-93).

exportação de vinhos de Laietânia (MIRÓ 1987, 107; PEACOCOK; WILLIAMS 1991, 94; TYERS 1996, 93), constituindo-se como uma das mais significativas ânforas vinárias da tarraconense de época de Augusto. Constitui uma forma de significativo sucesso tendo sido imitada no sudoeste da Gália Narbonense, embora a sua produção nas oficinas conhecidas se tenha apenas mantido até ao reinado de Tibério[766].

As características morfológicas que individualizam esta forma radicam no seu perfil fusiforme ou sub-cilíndrico, simétrico, com cerca de um metro de altura. Possui um bordo alto com 10 a 12 cm de altura, de desenvolvimento vertical, podendo apresentar-se ligeiramente esvasado, morfologicamente próximo à variante B da Dressel 1. O gargalo apresenta uma forma cilíndrica ou levemente cónica. As asas desenvolvem-se a partir da face inferior do bordo, revelando uma curvatura acentuada para se desenvolverem verticalmente até à face superior do ombro onde assentam. Apresentam uma secção elíptica com uma canelura longitudinal na face exterior. O fundo é maciço, configurando um *pivot* de recorte cilíndrico ou tronco-cónico com cerca de 15 a 18 cm de altura.

A sua presença em Alvarelhos é episódica tendo-se identificado apenas um exemplar – n.º 12 –, cujo enquadramento crono-estratigráfico correspondente à Fase III, respeitando as cronologias propostas. A sua pouca expressão, em certa medida é coincidente com a baixa difusão registada na área meridional do convento bracaraugustano, designadamente na fachada atlântica, onde apenas se identifica residualmente em Braga, na Zona das Carvalheiras (MORAIS 1998, 42-44, est. IV, n.º 7-8), na Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira (PAIVA 1993, 30, est. LXXII, n.º 5) e no Castro de Âncora, Caminha (PAIVA 1993, 30, est. XX, XXXVIII - XXXIX, n.º 1-4).

Importações da Bética
Ânforas vinárias

Classe 15 (Haltern 70; Callender 9; Camulodunum 185 A, Oberaden 82, Vindonissa 583)[767] (13-93)

A ânfora tipo Classe 15, à semelhança do que acontece na esmagadora maioria dos assentamentos do noroeste peninsular[768], constitui a forma de maior expressão no conjunto anfórico procedente de Alvarelhos, sendo, simultaneamente, a única forma documentada como contentor de vinho procedente da Bética[769]. Representada com 81 exemplares num horizonte de 110 peças representa 73,6% das peças

[766] Até à data conhecem-se três oficinas que produziram esta forma; as oficinas de Aspiran (GENTY 1975), Corneilhan, Hérault, em actividade em época de Augusto e a oficina de Montans, Tran de época de Tibério (PEACOCK; WILLIAMS 1991, 93; MEFFRE; MEFFRE 1992, 30; TYERS 1996, 92-93).

[767] Beltran Lloris inclui-a na sua Forma - 1. Constitui uma forma equivalente a; Haltern 70; Callender 9; Camulodunum 185 A, Oberaden 82, Vindonissa 583.

[768] O predomínio quase absoluto de ânforas tipo Haltern 70 nos níveis de ocupação da 1.ª metade do séc. I nos assentamentos do noroeste tem vindo sistematicamente a ser identificada e interpretado como sendo resultado de um dos principais fluxos marítimos da época (LÓPEZ 1993-94, 204, 212). Este tipo de contentor, identificado em inúmeros castros do noroeste português, em especial nos da orla marítima, como, por exemplo, na Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim (PAIVA 1993, 22-23, 31, est. XLV a XLIX, L 1-2), na Citânia de Briteiros, Guimarães, no castro do Coto da Pena, Caminha (PAIVA 1993, 38, 1-21, 31, est. II, 1-2), na Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira (PAIVA 1993, 48, 23-24, 31, est. LIII-LXXII), na Cividade de Âncora, Viana do Castelo (SILVA 1986, 30, 32, 38, 50; PAIVA 1993, 50, 21-2, 31, est. V-XVIII), ou na Citânia de Santa Luzia, em Viana do Castelo (VIANA; OLIVEIRA 1954, 60, n.º 60-63), Castelo de Gaia (PAIVA 1993, 24-25, 31, est. LXXVI, 2-4) Castro de Baiza, Vila Nova de Gaia (PAIVA 1993, 25-6, 31, est. LXXVII, 2), Castro da Senhora da Saúde ou Monte Murado (PAIVA 1993, 26-27, 31, est. LXXVIII, 4, est. LXXIX-LXXXI e LXXXII, 1-2), ou mesmo em assentamentos mais interiores, como no castro de S. Ovídio, Fafe (MARTINS, 1981, 14, est. 4, n.º 1), ou de S. Estêvão da Facho, Ponte de Lima (ALMEIDA; SOEIRO; ALMEIDA; BAPTISTA 1981, 48, fig. 24, n.º 4-6), tem vindo a ser interpretado por alguns autores como sendo um fenómeno ligado às campanhas de Augusto (FABIÃO 1989, 111). Por exemplo, em *Bracara Augusta* na Zona das Carvalheiras, cuja ocupação se prolonga do período Flávio ao séc. V-VI, na 1ª e 2ª fase de ocupação (3º quartel do séc. I – 1º quartel do séc. II), a sua presença não só é francamente expressiva em termos numéricos com percentual no reportório anfórico recolhido (MORAIS 1998, 44-50, n.º 9-36, est. V-XII, fig. 12).

[769] A produção de ânforas Haltern 70 encontra-se amplamente documentada em todo o delta do Guadalquivir por análises petrográficas (PEACOCK; WILLIANS 1991, 116), assim como pela identificação do centro produtor de Puente Melchor (VARGAS 1998, 77, 96).

identificadas[770]. Assim, a ânfora tipo Classe 10 (Dressel 2-4), de que Beltrán Lloris identificou um centro produtor em Cadíz, nos anos 70, não encontra aqui qualquer representação, apesar da cronologia proposta as fazer coincidir, pelo menos, no que respeita à primeira metade da primeira centúria, com a produção Bética da ânfora tipo Classe 15 (LLORIS 1977, 112-114, fig. 26-30).

Este tipo de vasilhame (Classe 15) encontra-se em duas variantes (A e B) (FABIÃO 1989, 61-64), que se distingue da designação de "unusually small variant" que Peacock e Willians integram na mesma classe (PEACOCK; WILLIANS 1986, 115), caracterizando-se a variante tradicional (var. B), pela forma do seu corpo cilíndrico rematado com *pivot* de perfil cónico e sólido. Bocal muito aberto e lábio em forma de colarinho. Asas de secção oval com canelura longitudinal de perfil em U muito funda. A segunda variante (A), de menor tamanho apresenta características morfológicas idênticas à primeira, revelando, no entanto, menores dimensões e um corpo de perfil ovóide.
São vários os autores que consideram hoje esta forma como uma evolução da forma proposta por Carlos Fabião, como Classe 67 identificada na Lomba do Canho, Arganil, com a qual conserva uma acentuada semelhança morfológica, distribuição geográfica e enquadramento cronológico (VIDAL 1993, 420; VAQUERO 1998, 1196).
Esta produção típica da Bética tem vindo a ser identificado como um contentor de *defructum* (COLLS e outros 1977; SEALEY 1985, 62-64), embora alguns *tituli picti* sugeriam outro tipo de produto como a sapa (COLLS; ETIENNE; LEQUÉMENT; LIOU; MAYET 1977, 71-74; LEQUÉMENT; LIOU 1978, 183-184). A indefinição do conteúdo deste tipo de contentores diluiu-se paulatinamente a partir de meados da década de setenta com a publicação do naufrágio de Port-Vendres II e, mais recentemente, com a identificação de grainhas de uva em exemplares em Punta de la Nao, Cadiz (GARCIA 1982, 51-61), ainda que, posteriormente se registem opiniões divergentes, nomeadamente de autores britânicos. Por exemplo, a justificação de Parker e Price de que estes produtos se destinavam à conserva de frutos e de tempero para além de outras, tem a sua pertinência (PARKER; PRICE 1981, 221-228), contudo, a generalidade dos autores tem vindo a aceitar que o seu conteúdo tenha sido vinho, justificando-se assim a referência de Estrabão (ESTRABÃO III.2.6), à exportação do vinho da Bética, assim como à importância que este representava para as comunidades do noroeste hispânico, onde se constata uma presença esmagadora nos povoados castrejos (NOLEN 1995, 27, nota 8).
Constitui um tipo de vasilhame de ampla difusão no ocidente do império desde a Grã-Bretanha ao *limes* germânico incluindo a península itálica e o Norte de África (PEACKOC; WILLIAMS 1986, 115).

Embora não tenhamos feito um estudo exaustivo da composição das pastas, poder-se-á dizer que o conjunto forma um grupo homogéneo com ligeiras diferenças ao nível dos elementos não-plásticos da pasta. Genericamente, a pasta é de grau de compactação média/elevada, com abundantes elementos não-plásticos, constituídos essencialmente por quartzos de diâmetro que oscilam entre os 4 e os 8 mm. A superfície é rugosa e encontra-se coberta por um engobe de cor creme-acinzentado, espesso e muito aderente, mas que não encobre os grãos de quartzo que constituem o elemento não-plástico predominante.
A cronologia proposta por Peacock e Williams sugere uma datação que abarca o período compreendido entre meados do séc. I a.C. e meados do séc. I da nossa Era (PEACOCK; WILLIAMS 1986, 116), embora seja mais frequente sob os Júlios - Cláudios e a sua produção se prolongue até finais do séc. I (FABIÃO 1989, 61). No entanto, os resultados preliminares de algumas escavações na cidade de Roma identificam ânforas

[770] São raros os estudos percentuais e estatísticos conhecidos para o noroeste português, todavia, a título comparativo, veja-se, por exemplo, o material recentemente publicado proveniente de Braga, nomeadamente da Zona das Carvalheiras, onde se encontram percentagens relativamente próximas à nossa, onde representam 60 % no total de fragmentos identificados e 40% no número de peças (LÓPEZ 1993-94, 206, nota 9, 224, Gráficos 1 e 2).

desta classe em níveis do princípio do séc. II, embora a natureza do estudo não permita confirmar com segurança se se tratará de materiais residuais de reaproveitamentos ou, efectivamente, se documenta uma produção mais tardia deste tipo de contentores (NOLEN 1995, 18)[771].

Do conjunto das 81 peças identificadas apenas ilustramos 21 exemplares (vol. II, est. CXLVIII, n.º 15; est. CXLIX, n.º 18, 20, 23; est. CL, n.º 24, 26, 30, 33; est. CLI, n.º 38, 41, 45, 50; est. CLII, n.º 55, 57, 60; est. CLIII, n.º 61, 64 - 66; est. CLIV, n.º 93).

O enquadramento estratigráfico dos nossos exemplares distribui-se pela Fase II[772], II B e em pela Fase III, enquadrando perfeitamente a cronologia proposta, incluindo a preponderância da sua presença no primeiro quartel da nossa Era, pese embora a sua presença em níveis flavianos (Fase III), seja significativa. Constituem excepções os exemplares n.º 34, 86 e 89, que integram estratos da Fase IV-V, cuja presença se justifica por perturbações estratigráficas e/ou por trabalhos de revolvimentos de terra detectados na fase de reconstrução do séc. IV.

O facto da maioria dos exemplares identificados e classificados como pertencentes à Classe 15 ter sido realizado por fragmentos de bordo, não permite distinguir entre as variantes A e B, pelo que, genericamente, as classificamos como pertencentes à forma Classe 15.

Na área meridional do convento bracaraugustano, para além dos exemplos citados, encontra uma representação esmagadora na capital do convento onde num total de 3853 fragmentos de ânfora, 933 exemplares pertencem a esta forma, correspondendo a 86,71% das ânforas vinárias identificadas e 64, 04% do total de ânforas (MORAIS 2005, 101, fig. 25). Refira-se ainda a sua presença significativa no castro do Padrão, Santo Tirso (MOREIRA 2007, 74-76, n.º 122-123, 125-126, 128-130).

Ânforas de preparado piscícola

Classe 16 (Dressel 7-11, Beltran I, Vindonissa 586, Haltern 69, Camulodunum 186A) (94-100)

O tipo de ânfora Classe 16 constitui a única forma identificada em Alvarelhos procedente da Bética[773] cujo conteúdo seria preparado de peixe[774]. De distribuição geográfica idêntica à ânfora tipo Classe 15, os seus quantitativos em Portugal são mal conhecidos, à excepção de Conímbriga onde regista padrões idênticos a outras regiões do império[775]. No noroeste peninsular encontra-se mal representada quantitativamente[776] em comparação com a Haltern 70, sendo, no entanto, importante constatar que a exiguidade de estudos existentes e a falta de critério no tratamento dos dados estatísticos e comparativos poderá distorcer a avaliação da sua representatividade efectiva. De qualquer forma, os indicadores existentes apontam para uma clara supremacia das ânforas vinárias béticas em detrimento das ânforas da mesma região cujos

[771] Jeannette Nolen cita a propósito (CIOTOLLA; PICCIOLA; VALENZANI; VOLPE 1989, 604-609). Entre os centros productores conhecidos destacam-se os da região de Cádiz e Huelva (Puerto Real; El Puerto de Santa María; Rancho Perea; El Olivar; San Fernando; Rota; Cerro de los Mártires; La Venta del carmene, Algeciras, El Riconcillo e Torrealta), na região de Granada e Almeria (Cerro del Mar; Huerta del Ricón; Huerta del Mar; manganeso; Haza Honda e Loma de Ceres.

[772] Fase II - 16 ex.; Fase II / II B - 9 ex.; Fase II B - 4 ex.; Fase II B / III - 1; Fase III - 40 ex.; Fase? - 4 ex.

[773] Este contentor, de larga dispersão geográfica, foi produzido em inúmeras regiões do sul da península Ibérica, especialmente na Bética. São conhecidas várias oficinas em Cadiz (LLORIS 1970, 399-402), em Málaga, Granada e Almeria. Para além de produções tarraconenses (KEAY; JONES 1982, fig. 6.1,4; PEACOCK; WILLIAMS 1991, 118), são ainda conhecidas no sul da Gália, nomeadamente em Lyon, oficinas que nos finais do séc. II, produziram imitações desta forma (LLORIS 1977, 98).

[774] O conteúdo deste contentor encontra-se documentado não só pelos *tituli picti*, identificados sobre alguns exemplares, como também através de restos identificados em naufrágios e outros locais (PEACOCK; WILLIAMS 1991, 118; TYERS 1996, 99). Excepcionalmente, poderia também transportar vinho (TCHERNIA 1971), como se documenta em alguns fragmentos de origem tarraconense identificados em Braga (MORAIS 2005, 109).

[775] Em Conímbriga registam-se cerca de 55 ânforas deste tipo, num total de 202 exemplares, que a aproxima a uma percentagem de cerca de 25 %, apesar das reticências interpretativas apontadas pelo autor, que realça o âmbito limitado das intervenções (ALARCÃO 1976, 79).

[776] Por exemplo, nos povoados da Bacia Média do Cávado não é mencionado qualquer tipo de exemplar em dissonância com a forma Haltern 70 = Classe 15, que, embora rara, encontram-se representada (MARTINS 1990, 173), e também em Monte Mozinho, Penafiel, onde são referidos 5 exemplares (SOEIRO 1984, 138, est. LXI, 1-3; 184, est. LXXXIII, 14; 187).

conteúdos seriam preparados de peixe. Este facto tem vindo a ser interpretado por alguns autores como testemunho da primazia e importância do vinho no contexto do início da romanização para as populações da área setentrional da Península Ibérica, em contraponto com a difusão e consequente aceitação de preparados de peixe, que, naturalmente, implicaria um maior enraizamento dos hábitos alimentares e culinários romanos (NOLEN 1994, 21).

A forma caracteriza-se pela sua deficiente homogeneidade formal que deverá ser resultado de uma grande diversidade de locais de fabrico, assim como de uma certa transformação morfológica registada ao longo do seu período de produção, manifestada na enorme diversidade de bordos, gargalos, reservatório, asas e fundos, facto que esteve na origem do agrupamento das formas Dressel 7-11 efectuado por F. Zevi e M. Beltrán (ZEVI 1966, 229; LLORIS 1970, 388), assim com a sua subdivisão em cinco subtipos criados por Peacock e Williams (PEACOCK; WILLIAMS 1986, 117).
A diversidade de soluções formais compreende reservatórios sub-cilíndricos ou ovóides, gargalos altos ou curtos de recorte cilíndrico, sub-cilíndrico e tronco-cónico. Os bordos podem ser verticais ou levemente abertos, em forma de gola ou amendoados, rematados por diferentes tipos de lábios que podem apresentar uma secção arredondada, sub-rectangular ou levemente espessados e introvertidos. As asas desenvolvem-se verticalmente a partir do ombro e rematam, após um ângulo fechado, sobre a face inferior do bordo, podendo apresentar uma secção elíptica ou arredondada, geralmente com uma ou mais caneluras longitudinais. O fundo pode apresentar-se na forma de *pivot* cilíndrico ou de recorte tronco-cónico, geralmente oco.
A datação de início da sua produção integra o último quartel do séc. I a.C., desenvolvendo-se até inícios do séc. II, sendo seguro que o momento de maior expansão precede a dinastia Flávia (LLORIS, 1990, 222-223), momento a partir do qual vai decrescendo os seus quantitativos para se tornar praticamente residual nos inícios do séc. II. Esta referência cronológica, em certa medida, contraria o enquadramento estratigráfico dos exemplares provenientes de Alvarelhos, uma vez que, quatro dos sete exemplares (n.º 95-96, 98, 100) são provenientes de estratos datados da Fase III, que correspondem precisamente à reforma flaviana.

Encontra-se modestamente representada no grupo anfórico de Alvarelhos. Os sete exemplares identificados apenas constituem 6,3 % do conjunto total, sendo, no entanto, a segunda forma mais representada. Curiosamente, esta discrepância apresenta números muito semelhantes com os resultados obtidos no estudo do espólio anfórico da Zona das Carvalheiras em Braga, onde se registam seis exemplares (4 Beltran I, e 2 Beltran II A), num horizonte de 52 peças identificadas, representando, portanto, cerca de 7,6 % (LÓPEZ 1993-94, 208).
Ilustramos quatro exemplares (vol. II, est. CLV, n.º 94-95, 97; est. CLVI, n.º 100). Os três primeiros revelam uma uniformidade significativa ao nível do perfil do bordo que apresenta um lábio arredondado, pouco descaído e levemente espessado. O ressalto, existente nos três primeiros exemplares, desenvolve um perfil triangular e é marcado de forma mais pronunciada no n.º 97. O n.º 100 possui um bordo mais curto e pouco esvasado com lábio arredondado e pouco espessado. As asas, apenas detectadas nos exemplares n.º 97 e 100, apresentam perfil ovóide e múltiplas estrias. O n.º 97 encaixa-se no período Júlio-Cláudio, uma vez que pertence à Fase IIb. Os n.º 94 e 99 provêm de contextos sem fiabilidade estratigráfica.
A pasta, uniforme em todos os exemplares identificados, caracteriza-se por uma consistência arenosa de grau de compactação elevada, composta por argilas bem depuradas. A superfície alisada não denota a existência de qualquer engobe e encobre os elementos não-plásticos que apresentam quantitativos médios. São constituídos fundamentalmente por quartzo e feldspato de calibre médio/fino. As cores são ocres (n.º 94-95, 97), e creme-amarelado (n.º 96, 98-100).

Na fachada atlântica do convento bracaraugustano encontra-se presente em numerosos assentamentos castrejos, designadamente na Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira (PAIVA 1993, est. LXXIII, n.º 3-4), na Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim (PAIVA 1993, est. LI, n.º 1-2), na Cividade de Âncora, Caminha (PAIVA 1993, est. XXI, XXIV, n.º 69-79), e no Castro do Coto da Pena, Viana do Castelo. Em Braga a sua presença regista uma percentagem avassaladora em relação aos outros contentores de preparado piscícola, quer provenientes da Bética quer da Lusitânia, representando cerca de 25 % das ânforas piscícolas identificadas e 4,8 % do total de ânforas recolhidas (MORAIS 2005, 109). Merecem ainda destaque as proveniências mais meridionais, onde se identifica de forma esporádica, como sucede no castro da Senhora da Saúde[777], Vila Nova de Gaia (PAIVA 1993, est. LXXXIII, n.º 1), e, naturalmente, em Conímbriga onde se encontra bem representada nas diferentes variantes da forma (ALARCÃO 1976, 84-85, pl. XXI, n.º 28-31).

Importações da Lusitânia
Ânforas de preparado piscícola

Apesar de Leite de Vasconcelos em 1898 ter realizado no território nacional uma das primeiras escavações de um forno romano de produção de ânforas, em S. Bartolomeu de Castro Marim (VASCONCELOS 1898), foi apenas da década de 70 que se retomaram os trabalhos arqueológicos e se desenvolveram estudos sistemáticos sobre a produção anfórica lusitana, que viriam a ser consideravelmente ampliados na década de oitenta, como bem reflectem os resultados apresentados na «Mesa Redonda sobre ânforas da Lusitânia»[778], em Conímbriga, reveladores de uma considerável complexidade de produções e cronologias[779].

As ânforas produzidas na Lusitânia encontram-se escassamente representadas em número e formas no espólio anfórico recolhido em Alvarelhos. Das cinco formas conhecidas apenas identificamos ânforas tipo Dressel 14 b (3 ex.), Almagro 51 a-b (3 ex.), e Almagro 51 c (4 ex.), não representando mais do que 11% da totalidade das ânforas recolhidas.

Classe 21 (Dressel 14 b / Beltran IV / Garum I) [780] (101-103)

Constituirá, porventura, uma das formas mais produzidas na Lusitânia, de que se conhecem um grande número de centros produtores, secundada pela ânfora *Classe* 23 (Almagro 51 c / Beltran 51 / Keay XXIII)[781]. Apesar de bem atestado o seu conteúdo piscícola (*liquamen* e *muria*), (BELTRÁN 1970, 462; LIOU; MARICHAL, 1978, 141), o desconhecimento da forma durante um largo período originou uma associação à variante da forma IV de Beltrán, originária da Bética, também utilizada no transporte de preparados de peixe.
As características morfo-tipológicas genéricas da Classe 21 = Dressel 14 b de fabrico lusitano consistem num perfil mais ou menos cilíndrico ou mesmo ovóide, encimada por um longo gargalo rematado por um bordo esvasado ligado á parede por uma curva continua sem carenas bem marcadas. O *pivot* remata suavemente em forma de botão. As asas, largas e espessas, possuem uma canelura longitudinal de perfil

[777] Também designado por Monte Murado.
[778] A Mesa Redonda decorreu em 13 e 14 de Outubro de 1988. A publicação das actas data de 1990 – *Ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio*, Actas das Jornadas de estudos em Conímbriga, Museu Monográfico de Conímbriga, Paris 1990.
[779] A este propósito veja-se; FABIÃO 1989, 19-29; FABIÃO; GUERRA 1993, 996-1016.
[780] DRESSEL 1899; LLORIS 1970, 537-574; PEACOCK; WILLIAMS 1986, 131; EDMONSON 1987.
[781] No Vale do Tejo são conhecidos os centros produtores de – Garrocheira, Benavente; Herdade do Rio Frio, Alcochete; Quinta do Rouxinol, Seixal. No vale do Sado, o local onde se conhecem o maior número de centros produtores esta identificada em – Quinta da Alegria, Setúbal; Herdade do Pinheiro, Setúbal; Abúl, Alcácer do Sal; Enchurrasqueira, Alcácer do Sal; Vale da Cepa; Alcácer do Sal; Bugio; Alcácer do Sal, e Barrosinha, Alcácer do Sal. Na costa algarvia apenas se detectaram em dois locais – S. Bartolomeu, Castro Marim, e Quinta do Lago, Faro (FABIÃO 1990, 59, Quadro n.º 2).

em U sobre a face exterior. O lábio, geralmente espesso e arredondado, apresenta variações formais que conduziram alguns autores a estabelecer variantes (PARKER; PRICE 1977, 37-39), que, no entanto, não são ainda aceites por falta de conhecimento exaustivo dos centros produtores (MAYET 1990, 29-31).
Geralmente, a sua pasta é pouco depurada apresentando inúmeras impurezas. Os elementos não-plásticos são essencialmente compostos por grãos de quartzo de calibre médio. A cor predominante é alaranjada ou cor de tijolo, sendo a primeira mais frequente. A superfície apresenta poros e não revela ter recibo qualquer engobe.
A sua cronologia aponta para um período de produção com início sobre a época de Tibério-Cláudio[782] prolongando-se até ao final do séc. II (MAYET 1990, 31), ou primeiro quartel do séc. III (LLORIS 1970, 457).
Os exemplares recolhidos em Alvarelhos – n.º 101-103 –, enquadram estratos da Fase III, que correspondem à reforma flaviana e registam ocupação até finais do séc. II, equivalentes à cronologia proposta e bem documentada noutros locais, como por exemplo, S. Cucufate, onde são acompanhadas por materiais do período Flávio.
Do ponto de vista tipológico os nossos exemplares apresentam um bordo moderadamente esvasado com lábio arredondado quase vertical (vol. II, est. CLVI, n.º 103). A cor das pastas oscila entre o rosa e o alaranjado, n.º 102-103, e a cor de tijolo, n.º 101. As pastas apresentam uma superfície rugosa com abundantes poros onde os elementos não-plásticos, compostos essencialmente por quartzos afloram à superfície.
Entre os materiais recolhidos, não nos é possível distinguir o centro produtor, uma vez que a análise feita apenas considerou fragmentos de bordo[783].
As ânforas lusitanas da *Classe* 21 = Dressel 14 b, encontram-se relativamente mal conhecidas nas estações da área meridional da Galécia, ora devido a motivos metodológicos de análise, ora por ausência de trabalhos sistemáticos. Refira-se, a título curiosidade, que não são mencionadas nos trabalhos sobre a bacia Média do Vale do Cávado e no estudo sobre o acervo anfórico de Monte Mozinho, Penafiel.
Na área do convento bracaraugustano identifica-se em alguns castros da costa portuguesa como seja a Cividade de Âncora, Caminha (PAIVA 1993, 34, n.º 80-90, est. XXV-XXIX, 1-2)[784]. Em Braga encontra-se relativamente bem documentada onde representa 25,74% do reportório anfórico piscícola, correspondendo a 4,80% da totalidade do acervo.

Almagro 51 a-b (Beltran 52 / Keay XIX / Edmonson III / Lusitana III)[785] (104-106)

Aparentemente constitui a forma menos fabricada das ânforas lusitanas, apenas detectada em centros produtores do vale do Sado e no litoral algarvio[786]. A sua semelhança morfológica com as ânforas oleícolas norte-africanas tem conduzido a que alguns autores a apelidem como de "inspiração africana". Identificada a partir da escavação do centro produtor da Quinta da Alegria, Setúbal (SOARES; SILVA 1979, 205-221), e mais tarde em S. João da Venda, Faro (FABIÃO; ARRUDA 1990), para além de outros centros oleiros na região de

[782] O exemplar mais antigo foi identificado nos vestígios do naufrágio de Sud Lavezzi 3, no sul da Córsega, datado do primeiro quartel do séc. I e, devido à sua presença residual foi interpretada como destinada ao consumo da tripulação e não para exportação (CORSI-SICILIANO; LIOU 1985).
[783] As distinções feitas entre os centros produtores algarvios, nomeadamente Castro Marim e dos restantes centros produtores conhecidos nos vales do Tejo e Sado, radicam fundamentalmente na sua altura, registando-se uma diferença de 5 a 15 cm de altura, entre as primeiras e as suas congéneres mais setentrionais (MAYET 1990, 30).
[784] Mais a sul, na margem esquerda do Douro, identifica-se também no castro de Monte Murado, Gaia (PAIVA 1993, 34, n.º 22, est. LXXXIII, n.º 2; SÁ; PAIVA 1988-94, 94). A norte, na margem direita do Minho regista-se a sua presença na costa galega das Rias Baixas (LOPEZ 1991, 96-70).
[785] KEAY 1984; EDMONSON 1987.
[786] Carlos Fabião reuniu o conjunto de centros produtores deste tipo de ânfora (FABIÃO 1990, 56 Quadro 2), que correspondem às seguintes estações arqueológicas – Quinta da Alegria, Setúbal; Herdade do Pinheiro, Setúbal; Vale da Cepa, Alcácer do Sal e S. João da Venda, Faro.

Setúbal[787] e Alcácer do Sal[788], segundo sugestão de Guilherme Cardoso (CARDOSO 1986, 153-173), foi sendo ignorada na bibliografia arqueológica.

O seu conteúdo piscícola parece assegurado com a identificação de espinhas de peixes no interior de alguns exemplares (KEAY 1984, 160; ETIENNE 1990, 18-19). Provavelmente, tratar-se-á de um preparado líquido ou em pasta, atendendo ao reduzido diâmetro do gargalo, como se documenta nos exemplares identificados em S. João da Venda (FABIÃO; ARRUDA 1990, 222).

Tipologicamente, trata-se de uma ânfora de dimensões médias (70/80 cm), de perfil cilíndrico ou fusiforme, mais largo na parte superior, com cerca de 70 e 80 cm de altura, rematado por um *pivot* maciço, cilíndrico ou cónico. O bordo possui uma moldura saliente de ligação ao colo e é rematado por um lábio bem marcado normalmente introvertido. As asas de secção cilíndrica ou semicircular desenvolvem um largo arco em semicírculo e ligam no bordo abrangendo a moldura e parte do lábio (FABIÃO 1990, 53-54).

A amplitude cronológica sugerida por diversos autores para sua produção e comercialização parece situar-se entre o início do séc. III e início ou meados do séc. V, horizonte cronológico que coincide com o enquadramento crono-estratigráfico dos três exemplares provenientes de Alvarelhos (n.º 104-106), uma vez que enquadram a Fase IV-V e V respectivamente, com excepção da peça n.º 106, que provém de um estrato superficial da *Domus do Grafito*, onde apenas se detectou ocupação correspondente à Fase IIb e Fase III.

O exemplar que ilustramos (vol. II, est. CLVI, n.º 106) é constituído apenas por parte do bordo e revela um lábio espesso de perfil geométrico, pouco introvertido.

Na área portuguesa do convento bracaraugustano, apesar das particularidades já referidas, encontra-se representada no acervo anfórico da Cividade de Âncora, Caminha (PAIVA 1993, 37, n.º 93-96, est. XXIX, 4, XXX, 1-4, XXXII, 1-3, XXXIII, 1-2), na Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim (PAIVA 1993, 37, n.º 34-35, est. LII, 1-2), e na margem esquerda do Douro, no castro de Monte Murado, Gaia (PAIVA 1993, 37, n.º 26-27, est. LXXXIV, 3-4). Em Braga não se identifica a produção lusitana e a produção Bética apenas se representa por um exemplar, correspondendo a 0,3% do acervo anfórico piscícola (MORAIS 2005, 109, fig. 127).

Classe 23 (Almagro 51 c / Beltran 51 / Keay XXXIII / Edmonson IV / Diogo L. 4)[789] (107-110)

Constituem o tipo de ânfora lusitana produzida em maior número e em vários centros oleiros que incluem o vale do Tejo, o vale do Sado e a costa algarvia. Encontra-se identificada nos centros produtores do vale do Tejo na Herdade do Rio Frio, Alcochete e na Quinta do Rouxinol, Seixal.

Nos centros produtores do vale do Sado, onde parece adquirir uma grande expressão, encontra-se nos centros da Quinta da Alegria, Setúbal; Herdade do Pinheiro, Setúbal; Enchurrasqueira, Alcácer do Sal; Vale da Cepa, Alcácer do Sal. Por último, na costa algarvia identifica-se nos centros produtores de S. Bartolomeu, Castro Marim; Alfanxia, Moncarrapacho e Quinta do Lago, Faro (FABIÃO 1990, 56 Quadro 2). Trata-se de um contentor de substituição da ânfora Dressel 14, destinado ao comércio de produtos piscícolas de acordo com a proximidade dos locais de fabrico com os complexos industriais de processamento de pescado, fundamentada ainda por análises que confirmam a sua utilização no transporte de peixe, nomeadamente de sardinhas e cavalas (MAYET; SHMITT 1997, 82).

A produção Bética, bem documentada, conheceu também uma ampla distribuição tendo sido referenciada em vários naufrágios no Mediterrâneo e em áreas tão distantes como o limes germânico a Argélia e a Líbia (PEACOCK; WILLIAMS 991, 132).

[787] Herdade do Pinheiro, Setúbal.
[788] Vale da Cepa, Alcácer do Sal.
[789] ALMAGRO 1955, 441 - Quadro tipológico e cronológico de ânforas; LLORIS 1970, 540-545; KEAY 1984; EDMONSON 1987; DIOGO 1987.

Morfologicamente a produção lusitana individualiza-se por se tratar de uma ânfora de dimensões reduzidas, que não ultrapassa os 75 cm de altura, de perfil fusiforme ou, em alguns casos, periforme, apresentando sempre um diâmetro superior na parte de cima do colo. O *pivot* tem perfil cónico e é curto e maciço. O bocal é estreito (+- 7 cm), com colo curto rematado por bordo com lábio arredondado ou em alguns casos triangular. As asas possuem secção elíptica ou trapezoidal, com sulco longitudinal na face exterior. Na maior parte dos casos desenvolvem-se formando uma curvatura acentuada que liga o topo do corpo com o arranque ou mesmo o lábio (FABIÃO 1990, 51; MAYET 1990, 33, fig. 1, n.º 4 - 5).

Tavares da Silva e Coelho Soares propuseram duas variantes em função da morfologia. A primeira, de maiores dimensões e perfil periforme e de ombro alto, corresponderia à clássica forma Almagro 51c, a segunda, mais pequena e de corpo com perfil fusiforme e ombro descaído. À diferença morfológica não corresponde uma dissemelhança cronológica ou origens de distintos centros produtores. Da mesma forma as variações apreciáveis ao nível do bordo e lábio sugerem, quanto a nós, uma produção muito diversificada acentuada por uma longevidade assinalável da sua produção.

A sua cronologia aponta para um período de fabricação compreendido entre o séc. III e o séc. IV.

Dos quatro exemplares por nós recolhidos (n.º 107-110), os dois primeiros integram estratos datados da Fase IV-V, que corresponde à cronologia proposta e genericamente aceite. Os exemplares n.º 109 e 110 são provenientes de camadas superficiais da *Praça* pelo que carecem de fiabilidade estratigráfica. A sua pasta é em tudo semelhante às produções lusitanas da *Classe* 21 (Dressel 14 b), embora a sua superfície apresente uma tonalidade mais acastanhada.

Na área meridional do convento bracaraugustano encontra, até ao momento, uma expressão muito reduzida identificando-se apenas em Braga, onde foram recolhidos 12 contentores, representando cerca de 3,6 %, das produções piscícolas e 0,6% da totalidade do acervo anfórico.

Ânforas

Nº Inventário	Proveniência	Tipo	Origem	Conteúdo	Cronologia	Estampa
1. Alv. 86 A2, Ig. 768	corte est. 2, camada 4 / Fase II	Dressel 1b	Itália	Vinário	início do séc. I a.C. / início do séc. I d. C.	est. CXLVIII, n.º 1
2. Alv. 94 A, Ig. 12305	corte est. 9, camada 4 / Fase III	Dressel 1b	Itália	Vinário	início do séc. I a.C. / início do séc. I d. C.	-----
3. Alv. 96 B4, A3, Ig. 6885	corte est. 3, camada 2 / Fase II	Dressel 1b	Itália	Vinário	início do séc. I a.C. / início do séc. I d. C.	-----
4. Alv. 86 A2, Ig. 261	corte est. 2, camada 2 / Fase III	Gauloise 7	Gália Narbonense	Vinário	séc. I e talvez II d. C.	-----
5. Alv. 86 A2, Ig. 259	corte est. 2, camada 2 / Fase III	Gauloise 7	Gália Narbonense	Vinário	séc. I e talvez II d. C.	-----
6. Alv. 86 A2, Ig. 814	corte est. 2, camada 2 / Fase III	Gauloise 7	Gália Narbonense	Vinário	séc. I e talvez II d. C.	-----
7. Alv. 94 A, Ig. 12851	corte est. 5, camada 3 / Fase III	Layetania 1	Tarraconense	Vinário	40-30 a.C. / início do séc. I d. C.	est. CXLVIII, n.º 7
8. Alv. 94 A, Ig. 9756	corte est. 5, camada 3 / Fase III	Layetania 1	Tarraconense	Vinário	40-30 a.C. / início do séc. I d. C.	est. CXLVIII, n.º 8
9. Alv. 86 A2, Ig. 1128	corte est. 2, camada 4 / Fase II	Layetania 1	Tarraconense	Vinário	40-30 a.C. / início do séc. I d. C.	-----
10. Alv. 94 A, Ig. 12795	corte est. 5, camada 3 / Fase III	Layetania 1	Tarraconense	Vinário	40-30 a.C. / início do séc. I d. C.	-----
11. Alv. 94 A, Ig. 9010	corte est. 5, camada 3 / Fase III	Layetania 1	Tarraconense	Vinário	40-30 a.C. / início do séc. I d. C.	-----
12. Alv. 95 B, A4, Ig. 75; 80	corte est. 2, camada 1 / Fase IIb	Pascual 1	Tarraconense	Vinário	início do reinado de Augusto / II d. C.	-----
13. Alv. 93 , Ig.1367	corte est. 6, camada 0 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d.C.	-----
14. Alv. 93 A, Ig. 3300	corte est. 7,camada 6 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	-----
15. Alv. 86 B, A2, Ig. 494	corte est. 1, camada 0 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d.C.	est. CXLVIII, n.º 15
16. Alv. 93 A, Ig. 1596	corte est. 7, camada 6 / Fase IIb-III	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	-----
17. Alv. 93 A, Ig. 3285	corte est. 7, camada 5 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d.C.	-----
18. Alv. 96 B, A4, Ig. 320	corte est. 1, camada 1 b / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CXLIX, n.º 18
19. Alv. 94 A, Ig. 667	corte est. 5, camada 6 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d.C.	-----
20. Alv. 95 B, A4, Ig. 1225	corte est. 2, camada 1 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CXLIX, n.º 20
21. Alv. 96 B, A3, Ig. 9350	corte est. 1, camada 0 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d.C.	-----
22. Alv. 95 B, A4, Ig. 9299	corte est. 1, camada 2 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	-----
23. Alv. 94 A, Ig. 5279	corte est. 5, camada 0 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d.C.	est. CXLIX, n.º 23
24. Alv. 96 B, A4, Ig. 11179	corte est. 1, camada I b / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CL, n.º 24
25. Alv. 95 B, A4, Ig. 1463	corte est. 2, camada 1 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d.C.	-----
26. Alv. 94 A, Ig. 7246	corte est. 5, camada 3 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CL, n.º 26
27. Alv. 86 A2, Ig. 63	corte est. 2, camada 4 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d.C.	-----
28. Alv. 95 B, A4, Ig. 5128	corte est. 2, camada 2 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
29. Alv. 96 B, A3, Ig. 8463	corte est. 1, camada 0 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
30. Alv. 93 A, Ig. 2976	corte est. 7, camada 6 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CL, n.º 30
31. Alv. 86 B, A4, Ig. 985	corte est. 2, camada 2 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
32. Alv. 96 B, A3, Ig. 8137	corte est. 1, camada 0 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
33. Alv. 94 A, Ig. 5278	corte est. 5,camada 0 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CL, n.º 33
34. Alv. 93 A, Ig. 2290	corte est. 7,camada 3 / Fase IV-V	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
35. Alv. 86 B, A1, Ig. 175	corte est. 1, camada 2 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
36. Alv. 96 B, A3, Ig. 2440	corte est. 1, camada 0 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
37. Alv. 92 A, Ig. 4591	corte est. 12, camada 4 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
38. Alv. 95 B, A4, Ig. 1007	corte est. 2, camada 1 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CLI, nº 38

39. Alv. 86 B, A2, op. 184	corte est. 2, camada 4 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
40. Alv. 92 A, lg. 1269	corte est. 13, camada 0 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
41. Alv. 86 B, A2, lg.190	corte est. 2, camada 4 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CLI, n.º 41
42. Alv. 92 A, lg. 5534	corte est. 13, camada 3 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
43. Alv. 86 B, A2, lg. 751	corte est. 2, camada 4 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
44. Alv. 96 B, A4, lg. 10986	corte est. 1, camada 1 b / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
45. Alv. 96 B, A3, lg. 6493	corte est. 1, camada 0 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CLI, n.º 45
46. Alv. 86 B, A2, lg. 367	corte est. 2, camada 4 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
47. Alv. 94 A, lg. 7891	corte est.5, camada 3 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
48. Alv. 96 B, A4, lg. 11180	corte est. 1, camada 1 b / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
49. Alv. 96 B, A3, lg. 6489	corte est. 1, camada 0 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinário	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
50. Alv. 95 B, A4, lg. 1243	corte est. 2, camada 1 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CLI, n.º 50
51. Alv. 95 A3, lg. 5852	corte est. 1, camada 2 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CLII, n.º 51
52. Alv. 96 B, A3, lg. 4295	corte est. 1, camada 0 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
53. Alv. 96 B, A1, lg. 10850	corte est. 2, camada 0 / Fase ?	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
54. Alv. 95 B, A4, lg. 1016	corte est. 2, camada 1 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
55. Alv. 92 A, lg. 5541	corte est. 13, camada 4 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CLII, n.º 55
56. Alv. 92 A, lg. 5431	corte est. 13, camada 4 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
57. Alv. 96 B, A3, lg. 2603	corte est. 1, camada 0 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CLII, n.º 57
58. Alv. 96 B, A3, lg. 6501	corte est. 1, camada 0 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
59. Alv. 93 A, lg. 2962	corte est. 7, camada 6 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
60. Alv. 92 A, lg. 978	corte est. 13, camada 0 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CLII, n.º 60
61. Alv. 86 B, A2, lg. 320	corte est. 2, camada 5 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CLIII, n.º 61
62. Alv. 86 A2, lg. 40	corte est. 2, camada 4 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
63. Alv. 94 A, lg. 7343	corte est. 5, camada 2 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
64. Alv. 92 A, lg. 2540	corte est. 12, camada 3 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CLIII, n.º 64
65. Alv. 93 A, lg. 3418	corte est. 7, camada 6 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CLIII, n.º 65
66. Alv. 94 A, lg. 3539	corte est. 5, camada 4 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CLIII, n.º 66
67. Alv. 94 A, lg. 12443	corte est. 4, camada 4 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
68. Alv. 94 A, lg. 4867	corte est. 5, camada 0 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
69. Alv. 93 A, lg. 38	corte est. 11, camada 0 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
70. Alv. 86 A1, lg. 265	corte est. 1, camada 0 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
71. Alv. 92 A, lg. 282	corte est. 12, camada 0 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
72. Alv. 92 A, lg. 1976	corte est. 12, camada 0 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
73. Alv. 94 A, lg. 4347	corte est. 5, camada 2 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
74. Alv. 95 B, A4, lg. 4941	corte est. 2, camada 2 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
75. Alv. 95 B, A4, lg. 962	corte est. 2, camada 1 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
76. Alv. 95 B, A4, lg. 10132	corte est. 2, camada 1 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
77. Alv. 95 B, A4, lg. 1010	corte est. 2, camada 1 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
78. Alv. 96 B, A4, lg. 8193	corte est. 1, camada 0 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----

79. Alv. 96 B, A4, Ig. 8728	corte est. 1, camada 0 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
80. Alv. 96 B, A3, Ig. 7501	corte est. 1, camada 0 / Fase II-IIb	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
81. Alv. 86 A2, Ig. 95	corte est. 2, camada 4 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
82. Alv. 86 A2, Ig. 3423	corte est. 2, camada 4 / Fase II	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
83. Alv. 86 A4, Ig. 81	corte est. 2, camada 2 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
84. Alv. 93 A, Ig. 2481	corte est. 7, camada 6 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
85. Alv. 93 A, Ig. 3640	corte est. 7, camada 6 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
86. Alv. 93 A, Ig. 2248	corte est. 8, camada 3 / Fase ? III	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
87. Alv. 95 B, A4, Ig. 864	corte est. 2, camada 1 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
88. Alv. 95 B, A4, Ig. 4714	corte est. 2, camada 2 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
89. Alv. 96 A4, Ig. 241	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
90. Alv. 96 B, A2, Ig. 1918	corte est. 1, camada 0 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
91. Alv. 96 B, A2, Ig. 319	corte est. 1, camada 0 / Fase III	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
92. Alv. 96 B, A1, Ig. 11247	corte est. 1, camada 0 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	----
93. Alv. 86 B, Ig. 14141	corte est. 1,camada 0 / Fase IIb	Haltern 70	Bética	Vinária	meados do séc. I a.C. / séc. I d. C.	est. CLIV, n.º 93
94. Alv. 93 A, Ig. 1669	corte est. 11, camada 0 / Fase III	Dressel 7-8-9-11 /Haltem 69	Bética	Prep. Piscícola	inícios Augusto / final séc. I - início séc. II	est. CLV, n.º 94
95. Alv. 95 B, A4, Ig. 1058	corte est. 2, camada 1 / Fase IIb	Dressel 7-8-9-11 / Haltern 69	Bética	Prep. Piscícola	inícios Augusto / final séc. I - início séc. II	est. CLV, n.º 95
96. Alv. 94 A, Ig. 3555	corte est. 5, camada 2 / Fase III	Dressel 7-8-9-11 / Haltern 69	Bética	Prep. Piscícola	inícios Augusto / final séc. I - início séc. II	-----
97. Alv. 92 A, Ig. 121	corte est. 1, camada 0 / Fase IIb	Dressel 7-8-9-11 / Haltern 69	Bética	Prep. Piscícola	inícios Augusto / final séc. I - início séc. II	est. CLV, n.º 97
98. Alv. 93 A, Ig. 5065	corte est. 7, camada 6 / Fase III	Dressel 7-8-9-11 / Haltern 69	Bética	Prep. Piscícola	inícios Augusto / final séc. I - início séc. II	-----
99. Alv. 96 B, A3, Ig. 5002	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	Dressel 7-8-9-11 / Haltern 69	Bética	Prep. Piscícola	inícios Augusto / final séc. I - início séc. II	-----
100. Alv. 97 B3, A1, Ig. 5388	corte est. 5, camada 3 / Fase III	Dressel 7-8-9-11 / Haltern 69	Bética	Prep. Piscícola	inícios Augusto / final séc. I - início séc. II	est. CLVI, n.º 100
101. Alv. 96 B, A3, Ig. 8463	corte est. 1, camada 0 / Fase III	Dressel 14b	Lusitâna	Prep. Piscícola	séc. I / final do séc. II - 1º quartel do séc. III	-----
102. Alv. 95 B, A4, Ig. 1653	corte est. 2, camada 1 / Fase IV-V	Dressel 14b	Lusitâna	Prep. Piscícola	séc. I / final do séc. II - 1º quartel do séc. III	-----
103. Alv. 95 B, A4, Ig. 1898	corte est. 2, camada 1 / Fase IV-V	Dressel 14b	Lusitâna	Prep. Piscícola	séc. I / final do séc. II - 1º quartel do séc. III	est. CLVI, n.º 103
104. Alv. 92 A, Ig. 4423	corte est. 13, camada 1 / Fase V	Almagro 51 a-b	Lusitâna	Prep. Piscícola	séc. III / início ou meados do séc.V	-----
105. Alv. 92 A, Ig. 916	corte est. 12, camada 1 / Fase V	Almagro 51 a-b	Lusitâna	Prep. Piscícola	séc. III / início ou meados do séc. V -----	
106. Alv. 86 A2, Ig. 737	corte est. 2, camada 0 / Fase III	Almagro 51 a-b	Lusitâna	Prep. Piscícola	séc. III / inícios ou meados do séc. V	est. CLVI, n.º 106
107. Alv. 94 A, Ig. 11840	corte est. 5, camada 3 / Fase IV-V	Almagro 51c	Lusitâna	Prep. Piscícola	séc. III / inícios ou meados do séc. V	-----
108. Alv. 95 B, A4, Ig. 7204	corte est. 1, camada 1 / Fase IV - V	Almagro 51c	Lusitâna	Prep. Piscícola	séc. III / inícios ou meados do séc. V	-----
109. Alv. 96 B, A3, Ig. 8887	corte est. 1, camada 0 / Fase III	Almagro 51c	Lusitâna	Prep. Piscícola	séc. III / meados do séc. V -----	
110. Alv. 96 B, A3, Ig. 319a	corte est. 1, camada 0 / Fase IV-V	Almagro 51c	Lusitâna	Prep. Piscícola	séc. III / inícios ou meados do séc. V	-----

Quadro sinóptico

Forma	Conteúdo	Proveniência	Cronologia	Exemplares	%
Dressel 1B	Vinária	Itália	início do séc. I a.C. / início do séc. I d.C.	3	2,7%
Laietana 1	Vinária	Tarraconense	40-30 a.C. / inícios do séc. I d.C.	5	4,5%
Pascual 1	Vinária	Tarraconense	início do reinado de Augusto / II d.C.	1	1,1%
Marselhesa 7 (+/ - G 7)	Vinária	Marselha	séc. I e talvez séc. II d.C.	3	2,7%
Haltern 70 – Classe 15	Vinária	Bética	meados do séc. I a.C. / séc. I d.C.	81	73,6%
Dressel 7 - 11	Preparado piscícola	Bética	início do reinado de Augusto / final do séc. I - início do séc. II	7	6,3%
Dressel 14 b	Preparado piscícola	Lusitâna	séc. I / final do séc. II - 1º quartel do séc. III	3	2,7%
Almagro 51 a-b	Preparado piscícola	Lusitânia	séc. III / início ou meados do séc. V	3	2,7%
Almagro 51c - Classe 23	Peparado piscícola	Lusitânia	séc. III / início ou meados do séc. V	4	3,6

Catálogo

Dressel 1B (1-3)

1. Alv. 86 A2, Ig. 768 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Dressel 1, Itália, *início do séc. I a.C. – início do séc. I* (vol. II, est. CXLVIII, n.º 1).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 155 mm; Espessura máxima do bordo 23 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, *Casa 1*, Fase II, corte estratigráfico 2, camada 4.

2. Alv. 94 A, Ig. 12305 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Dressel 1, Itália, *início do séc. I a.C. – início do séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 4.

3. Alv. 96 B4, A3, Ig. 6885 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Dressel 1, Itália, *início do séc. I a.C. – início do séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase II, *Estrutura* I, corte estratigráfico 1, camada 0.

Marselhesa 7(4-5)

4. Alv. 86, A2, Ig. 261 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Marselhesa 7, Marselha, *séc. I - séc. II?*.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

5. Alv. 86, A2, Ig. 259 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Marselhesa 7, Marselha, *séc. I - séc. II ?*.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

6. Alv. 86, A2, Ig. 814 - Fragmento de parede com arranque de asa de ânfora vinária tipo Marselhesa 7, Marselha, *séc. I - séc. II ?*.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

Laietana 1 (7-11)

7. Alv. 94 A, Ig. 12851 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Laietana 1, Tarraconense, *40-30 a. C.– início do séc. I* (vol. II, est. CXLVIII, n.º 7).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 140 mm; Espessura máxima do bordo 13 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 3.

8. Alv. 94 A, Ig. 9756 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Laietana 1, Tarraconense, *40-30 a.C. - início do séc. I* (vol. II, est. CXLVIII, n.º 8).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 150 mm; Espessura máxima do bordo 15 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 3.

9. Alv. 86 A2, Ig. 1128 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Laietana 1, Tarraconense, *40-30 a.C. - início do séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Casa 1, Fase II, corte estratigráfico 2, camada 4.

10. Alv. 94 A, Ig. 12795 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Laietana 1, Tarraconense, *40-30 a.C. - início do séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 3.

11. Alv. 94 A, Ig. 9010 - Fragmento de bordo de ânfora tipo Laietana 1, Tarraconense, *40-30 a.C. - início do séc. I.* Bordo vertical com lábio arredondado. Friso em forma de V a marcar o início do gargalo.
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 150 mm; Espessura máxima do bordo 15 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 3.

Pascual 1 (12)

12. Alv. 95 B, A4, Ig. 75; 80 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Pascual 1, Tarraconense, *início do reinado de Augusto - séc. II*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 2, camada 1.

Haltern 70 (Classe 15 = Camulodunum 185 A; Callender 9; Peacock - Willians 15) (13-93)

13. Alv. 93 A, Ig. 1367 - Fragmento de fundo de ânfora vinária, tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - 1º quartel do séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IIb, *Domus da Colher de Prata*, Exterior, corte estratigráfico 6, camada 0.

14. Alv. 93 A, Ig. 3300 - Fragmento de fundo de ânfora vinária, tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - 1º quartel do séc. I*.

Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IIb, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 6.

15. Alv. 86 B, Ig. 494 - Fragmento de fundo de ânfora vinária, tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - 1º quartel do séc. I* (vol. II, est. CXLVIII, n.º 15).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 165 mm; Espessura máxima do bordo 14 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. III, Fase III, corte estratigráfico 1, camada 0.

16. Alv. 93 A, Ig. 1596 - Fragmento de asa de ânfora vinária, tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - 1º quartel do séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IIb-III, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 7, camada 6.

17. Alv. 93 A, Ig. 3285 - Fragmento de asa de ânfora vinária, tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 7, camada 5.

18. Alv. 96 B, A4, Ig. 320 - Fragmento de bordo de ânfora vinária, tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CXLIX, n.º 18).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 168 mm; Espessura máxima do bordo 21 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 1b.

19. Alv. 94 A, Ig. 667 - Fragmento de bordo de ânfora vinária, tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Domus da Lucerna Cristã* , Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 6.

20. Alv. 95 B, A4, Ig. 1225 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CXLIX, n.º 20).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 142 mm; Espessura máxima do bordo do bordo 17 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 2, camada 1.

21. Alv. 96 B, A3, Ig. 9350 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 0.

22. Alv. 95 B, A4, Ig. 9299 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 2.

23. Alv. 94 A, Ig. 5279 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CXLIX, n.º 23).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 169 mm; Espessura máxima do bordo 14 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Domus da Lucerna Cristã* , Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 0.

24. Alv. 96 B, A4, Ig. 11179 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CL, n.º 24).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 157 mm; Espessura máxima do bordo 13 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 1b.

25. Alv. 95 B, A4, Ig. 1463 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 2, camada 1.

26. Alv. 94 A, Ig. 7246 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CL, n.º 26).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 148 mm; Espessura máxima do bordo 15 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 3.

27. Alv. 86 A2, Ig. 63 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Casa I, Fase II, corte estratigráfico 2, camada 4.

28. Alv. 95 B, A4, Ig. 5128 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 2, camada 2.

29. Alv. 96 B, A3, Ig. 8463 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

30. Alv. 93 A, Ig. 2976 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CL, n.º 30).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 152 mm ; Espessura máxima do bordo 16 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 6.

31. Alv. 86 B, A4, Ig. 985 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. V, Fase IIb, corte estratigráfico 2, camada 2.

32. Alv. 96 B, A3, Ig. 8137 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 0.

33. Alv. 94 A, Ig. 5278 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CL, n.º 33).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 152 mm; Espessura máxima do bordo 18 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã* , Ap. Exterior, Fase II, corte estratigráfico 5, camada 0.

34. Alv. 93 A, Ig. 2290 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, Fase IV-V?, corte estratigráfico 7, camada 3.

35. Alv. 86 B, A1, Ig. 175 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. II, Fase IIb, corte estratigráfico 1, camada 2.

36. Alv. 96 B, A3, Ig. 2440 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 0.

37. Alv. 92 A, Ig. 4591 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Casa 5*, Fase II, corte estratigráfico 12, camada 4.

38. Alv. 95 B, A4, Ig. 1007 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CLI, n.º 38).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 178 mm; Espessura máxima do bordo 15 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Sudeste, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 2, camada 1.

39. Alv. 86 B, A2, 184 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Casa 1*,* Fase II, corte estratigráfico 2, camada 4.

40. Alv. 92 A, Ig. 1269 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Casa 7*, corte estratigráfico 13, camada 0

41. Alv. 86 B, A2, Ig. 190 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CLI, n.º 41).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 134 mm ; Espessura máxima do bordo 20 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Casa 1, Fase II, corte estratigráfico 2, camada 4.

42. Alv. 92 A, Ig. 5534 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Casa 7*, corte estratigráfico 13, camada 3.

43. Alv. 86 B, A2, Ig. 751 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Casa 1, Fase II, corte estratigráfico 2, camada 4.

44. Alv. 96 B, A4, Ig. 10986 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 1b.

45. Alv. 96 B, A3, Ig. 6493 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CLI, n.º 45).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 156 mm; Espessura máxima do bordo 14 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 0.

46. Alv. 86 B, A2, Ig. 367 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Casa 1, Fase II, corte estratigráfico 2, camada 4.

47. Alv. 94 A, Ig. 7891 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 3.

48. Alv. 96 B, A4, Ig. 11180 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 1b.

49. Alv. 96 B, A3, Ig. 6489 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 0.

50. Alv. 95 B, A4, Ig. 1243 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CLI, n.º 50).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 185 mm; Espessura máxima do bordo 17 mm.

Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 2, camada 1.

51. Alv. 95 B, A3, Ig. 5852 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CLII, n.º 51).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 195 mm; Espessura máxima do bordo 13 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico 1, camada 2.

52. Alv. 96 B, A3, Ig. 4295 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - 1º quartel do séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 0.

53. Alv. 96 B, A1, Ig. 10850 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase ?, Ap. VI, corte estratigráfico 2, camada 0.

54. Alv. 95 B, A4, Ig. 1016 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 2, camada 1.

55. Alv. 92 A, Ig. 5541 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CLII, n.º 55).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 148 mm; Espessura máxima do bordo 17 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Casa 5*, corte estratigráfico 13, camada 4.

56. Alv. 92 A, Ig. 5431 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Casa 5*, corte estratigráfico 13, camada 4.

57. Alv. 96 B, A3, Ig. 2603 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CLII, n.º 57).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 133 mm; Espessura máxima do bordo 20 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

58. Alv. 96 B, A3, Ig. 6501 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 0.

59. Alv. 93 A, Ig. 2962 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 6.

60. Alv. 92 A, Ig. 978 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CLII, n.º 60).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 244 mm; Espessura máxima do bordo 14 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Casa 5*, corte estratigráfico 13, camada 0.

61. Alv. 86 B, A2, Ig. 320 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CLIII, n.º 61).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 172 mm; Espessura máxima do bordo 13 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Casa 1, Fase II, corte estratigráfico 2, camada 5.

62. Alv. 86, A2, Ig. 40 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, *Casa 1,* Fase II, corte estratigráfico 2, camada 4.

63. Alv. 94 A, Ig. 7343 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã* , Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 2.

64. Alv. 92 A, Ig. 2540 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CLIII, n.º 64).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 149 mm; Espessura máxima do bordo 14 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Casa 5* (pátio), corte estratigráfico 12, camada 3.

65. Alv. 93 A, Ig. 3418 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CLIII, n.º 65).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 146 mm; Espessura máxima do bordo 14 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 6.

66. Alv. 94 A, Ig. 3539 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CLIII, n.º 66).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 149 mm; Espessura máxima do bordo 13 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã* , Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 2.

67. Alv. 94 A, Ig. 12443 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 194 mm; Espessura máxima do bordo 16 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã* , Ap. Exterior, corte estratigráfico 4, camada 4.

68. Alv. 94 A, Ig. 4867 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã* , Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 0.

69. Alv. 93 A, Ig. 38 - Fragmento de colo com arranque de asa de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. V, corte estratigráfico 11, camada 0.

70. Alv. 86, A1, Ig. 265 - Fragmento de colo com arranque de asa de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. III, Fase IIb, corte estratigráfico 1, camada 0.

71. Alv. 92 A, Ig. 282 - Fragmento de colo com arranque de asa de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Casa 6 (Pátio)*, corte estratigráfico 12, camada 0.

72. Alv. 92A, Ig. 1976 - Fragmento de colo com arranque de asa de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Casa 6*, corte estratigráfico 12, camada 0.

73. Alv. 94 A, Ig. 4347 - Fragmento de colo com arranque de asa de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã* , Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 2.

74. Alv. 95 B, A4, Ig. 4941 - Fragmento de colo com arranque de asa de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 2, camada 2.

75. Alv. 95 B, A4, Ig. 962 - Fragmento de colo com arranque de asa de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Cardus Este*, corte estratigráfico 2, camada 1.

76. Alv. 95 B, A4, Ig. 1032 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 2, camada 1.

77. Alv. 95 B, A4, Ig. 1010 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 2, camada 1.

78. Alv. 96 B, A3, Ig. 8193 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

79. Alv. 96 B, A3, Ig. 8728 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

80. Alv. 96 B, A3, Ig. 7501 - Fragmento de bordo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase II, *Estrutura I*, corte estratigráfico 1, camada 0.

81. Alv. 86, A2, Ig. 95 - Fragmento de fundo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, *Casa 1,* Fase II, corte estratigráfico 2, camada 4.

82. Alv. 86, A2, Ig. 3423 - Fragmento de fundo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Casa 1, Fase II, corte estratigráfico 2, camada 4.

83. Alv. 86, A4, Ig. 81 - Fragmento de fundo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. V, Fase IIb, corte estratigráfico 2, camada 2.

84. Alv. 93 A, Ig. 2481 - Fragmento de fundo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 6.

85. Alv. 93 A, Ig. 3640 - Fragmento de fundo com marca de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 6.

86. Alv. 93 A, Ig. 2248 - Fragmento de fundo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 3.

87. Alv. 95 B, A4, Ig. 864 - Fragmento de fundo com marca de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Cardus Este*, corte estratigráfico 2, camada 1.

88. Alv. 95 B, A4, Ig. 4714 - Fragmento de fundo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça,* corte estratigráfico 2, camada 2.

89. Alv. 96 B, A4, Ig. 241 - Fragmento de fundo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

90. Alv. 96 B, A2, Ig. 1918 - Fragmento de fundo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 0.

91. Alv. 96 B, A2, Ig. 319 - Fragmento de fundo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 0.

92. Alv. 96 B, A1, Ig. 11247 - Fragmento de fundo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 0.

93. Alv. 86 B, Ig. 14141 - Fragmento de bordo, gargalo e arranque de parede de ânfora vinária tipo Haltern 70, Bética, *meados do séc. I a.C. - séc. I* (vol. II, est. CLIV, n.º 93).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 166 mm; Espessura máxima do bordo 17 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. III, Fase IIb, corte estratigráfico 1, camada 0.

Dressel 7- 8 - 9 - 11 / Haltern 69 (94-100)

94. Alv. 93 A, Ig. 1669 - Fragmento de bordo de ânfora de preparado piscícola tipo Dressel 7-8-9-11/ Haltern 69, Bética, *inícios de Augusto / final do séc. I - início do séc. II* (vol. II, est. CLV, n.º 94).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 186 mm; Espessura máxima do bordo 17 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase ?, *Domus da Colher de Prata*, Pátio exterior e forno, corte estratigráfico 11, camada 0.

95. Alv. 95 B, A4, Ig. 1058 - Fragmento de bordo de ânfora de preparado piscícola tipo Dressel 7-8-9-11/ Haltern 69, Bética, *início do reinado de Augusto - final do séc. I / início do séc. II* (vol. II, est. CLV, n.º 95).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 200 mm; Espessura máxima do bordo 120 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 2, camada 1.

96. Alv. 94 A, Ig. 3555 - Fragmento de bordo de ânfora de preparado piscícola tipo Dressel 7-8-9-11/ Haltern 69, Bética, *início do reinado de Augusto - final do séc. I / início do séc. II*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 2.

97. Alv. 92 A, Ig. 121 - Fragmento de bordo, gargalo e arranque de parede de ânfora para preparado piscícola tipo Dressel 7-8-9-11/ Haltern 69, Bética, *início do reinado de Augusto - final do séc. I / início do séc. II* (vol. II, est. CLV, n.º 97).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 209 mm; Espessura máxima do bordo 17 mm; Altura máxima 1881 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IIb, *Casa 5,* corte estratigráfico 12, camada 0.
Bibli. - MOREIRA 2007, 73-74.

98. Alv. 93 A, Ig. 5065 - Fragmento de bordo de ânfora de preparado piscícola tipo Dressel 7-8-9-11/ Haltern 69, Bética, *início do reinado de Augusto - final do séc. I / início do séc. II.*
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 6.

99. Alv. 96 B, A3, Ig. 5002 - Fragmento de asa de ânfora de preparado piscícola tipo Dressel 7-8-9-11/ Haltern 69, Bética, *início do reinado de Augusto - final do séc. I / início do séc. II*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

100. Alv. 97 B3, A1, Ig. 5388 - Fragmento de bordo, gargalo e arranque de parede de ânfora para preparado piscícola tipo Dressel 7-8-9-11/ Haltern 69, Bética, *início do reinado de Augusto - final do séc. I / início do séc. II* (vol. II, est. CLVI, n.º 100).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 123 mm; Espessura máxima do bordo 12 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. I, corte estratigráfico 5, camada 3.

Dressel 14 b (101-103)

101. Alv. 96 B, A3, Ig. 8463a - Fragmento de bordo de ânfora de preparado piscícola tipo Dressel 14 b, Lusitânia, *séc. I - final do séc. II / 1º quartel do séc. III*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

102. Alv. 95 B, A4, Ig. 1653 - Fragmento de bordo de ânfora de preparado piscícola tipo Dressel 14 b, Lusitânia, *séc. I - final do séc. II / 1º quartel do séc. III*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Praça*, corte estratigráfico 2, camada 1.

103. Alv. 95 B, A4, Ig. 1898 - Fragmento de bordo de ânfora de preparado piscícola tipo Dressel 14 b, Lusitânia, *séc. I - final do séc. II / 1º quartel do séc. III* (vol. II, est. CLVI, n.º 103).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 160 mm; Espessura máxima do bordo 20 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, *Praça*, Fase IV-V, corte estratigráfico 2, camada 1.

Almagro 51 a/b (104-105)

104. Alv. 92 A, Ig. 4423 - Fragmento de bordo de ânfora de preparado piscícola tipo Almagro 51 a-b, Lusitânia, *séc. III- inícios / meados do séc. V*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. II, corte estratigráfico 13, camada 1.

105. Alv. 92 A, Ig. 916 - Fragmento de bordo de ânfora de preparado piscícola tipo Almagro 51 a-b, Lusitânia, *séc. III - inícios / meados do séc. V*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. II, corte estratigráfico 12, camada 1.

106. Alv. 86 A2, Ig. 737 - Fragmento de bordo de ânfora de preparado piscícola tipo Almagro 51 a-b, Lusitânia, *séc. III- inícios / meados do séc. V* (vol. II, est. CLVI, n.º 106).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 142 mm; Espessura máxima do bordo 19 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 0.

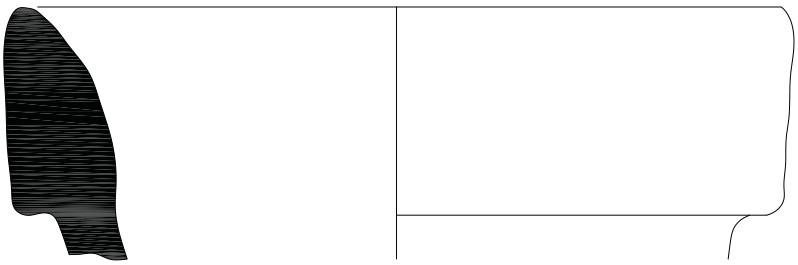
Almagro 51c (107-110)

107. Alv. 94 A, Ig. 11840 - Fragmento de bordo de ânfora de preparado piscícola tipo Almagro 51 c, Lusitânia, *séc. III- início / meados do séc. V*.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 1.

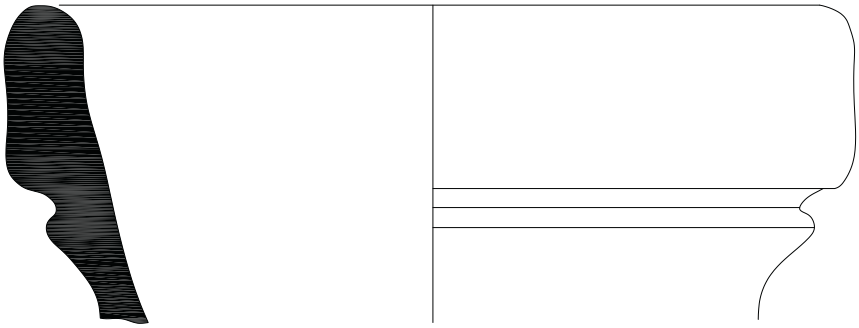
108. Alv. 95 B, A4, Ig. 7204 - Fragmento de fundo de ânfora de preparado piscícola tipo Almagro 51 C, Lusitânia, *séc. III- início / meados do séc. V.*
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI corte estratigráfico 1, camada 1.

109. Alv. 96 B, A3, Ig. 8887 - Fragmento de fundo de ânfora de preparado piscícola tipo Almagro 51C, Lusitânia, *séc. III - meados do séc. V*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 0.

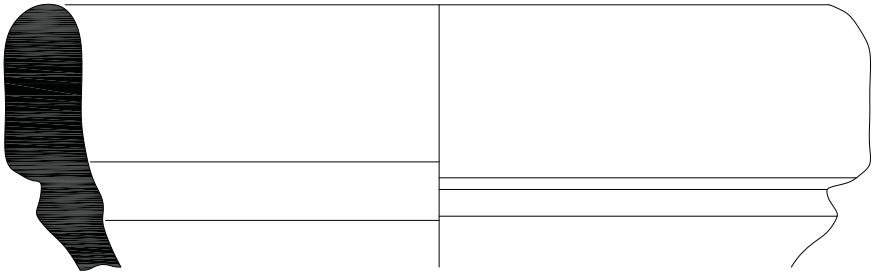
110. Alv. 96 B, A3, Ig. 319a - Fragmento de fundo de ânfora de preparado piscícola tipo Almagro 51 C, Lusitânia, *séc. III- inícios / meados do séc. V*.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 0.



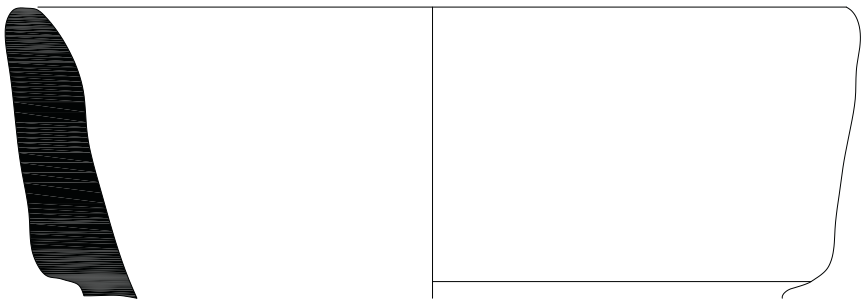
1



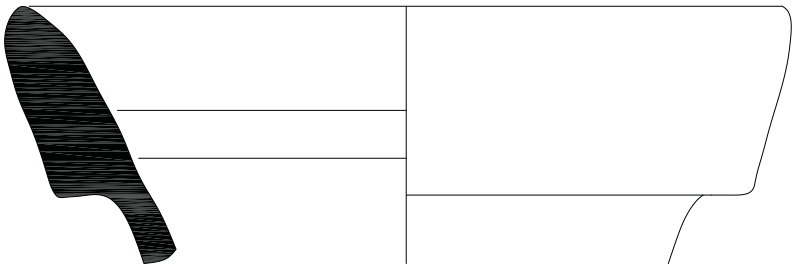
7



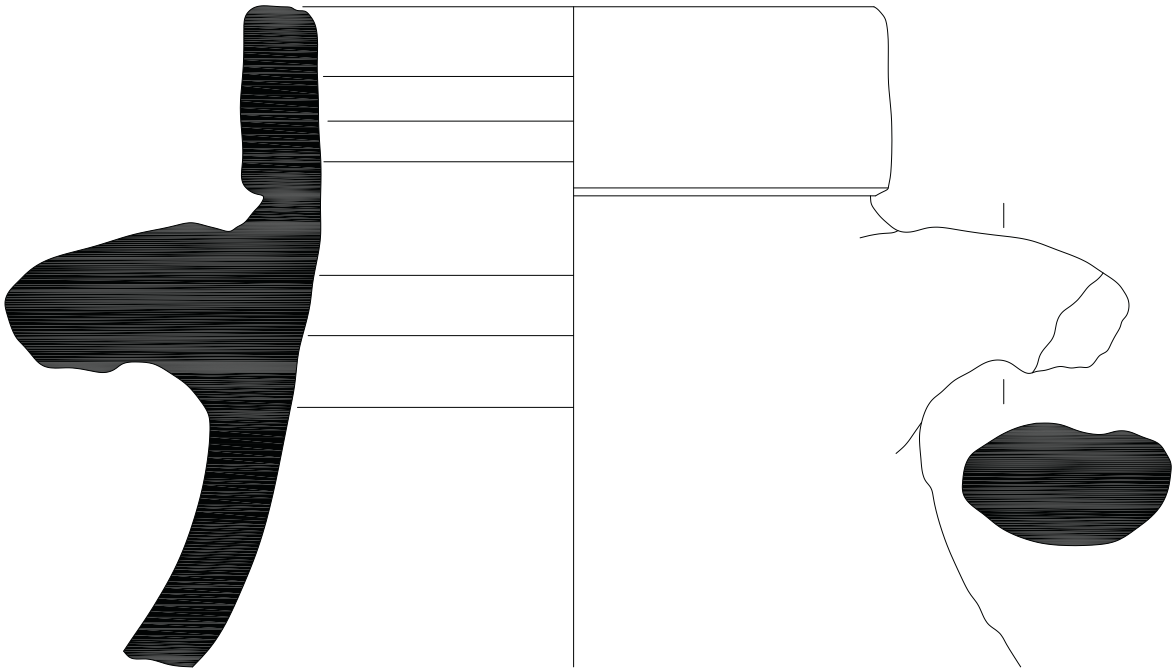
8



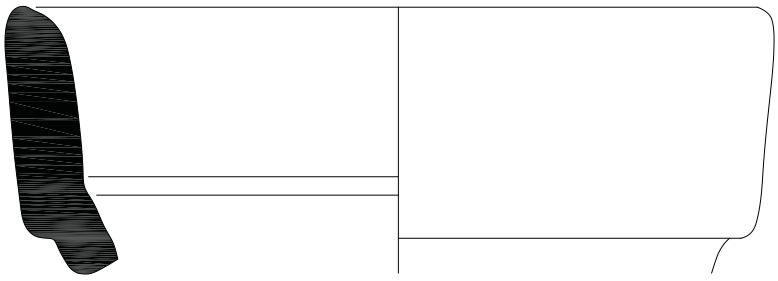
15



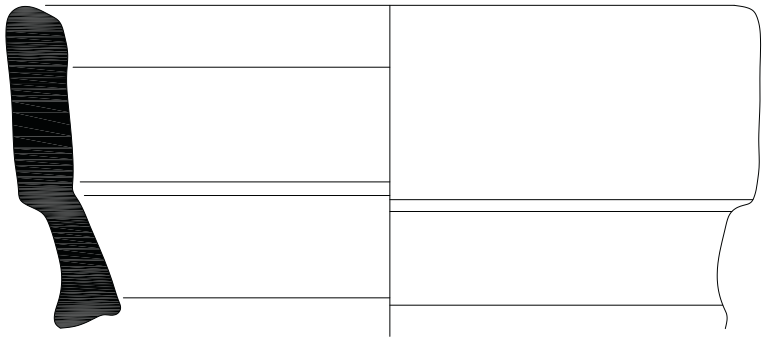
18



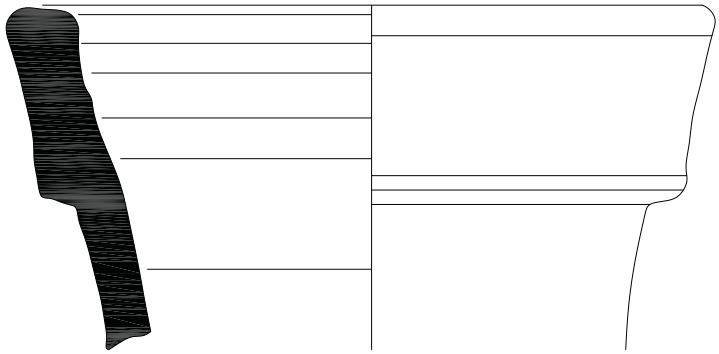
20



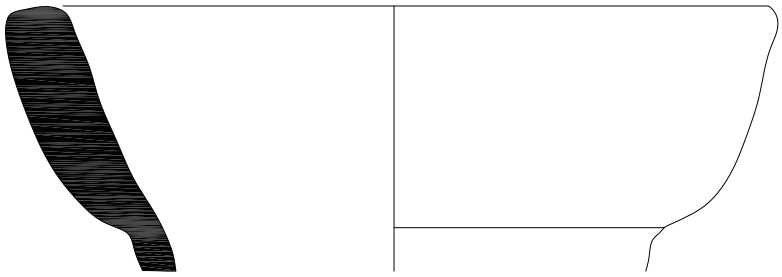
23



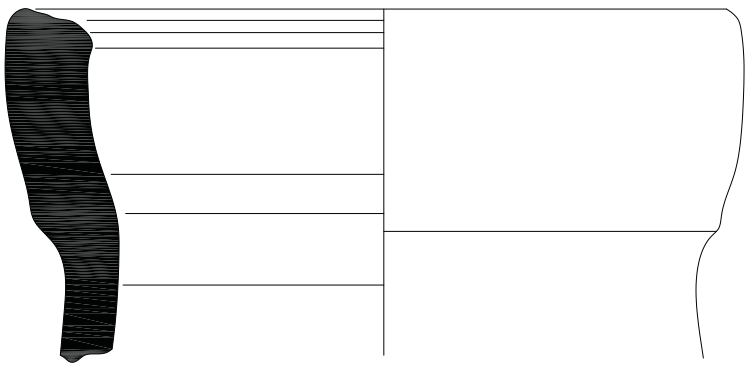
24



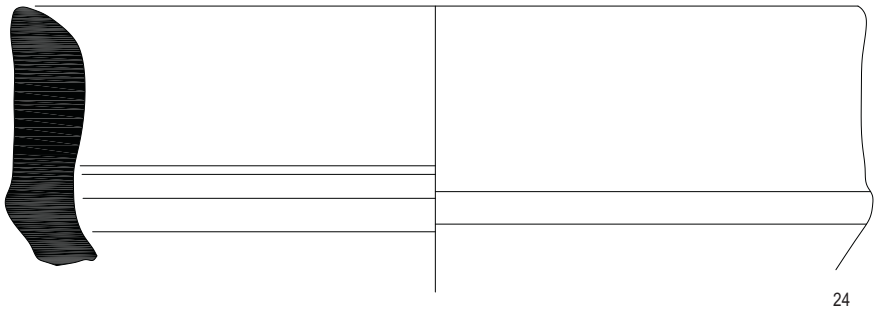
28



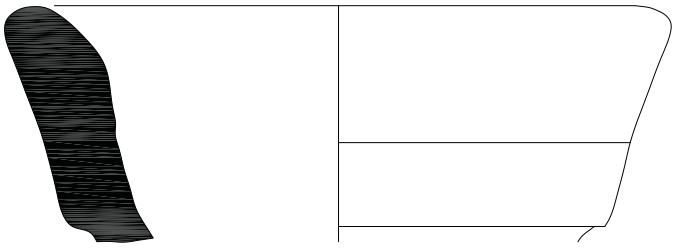
30



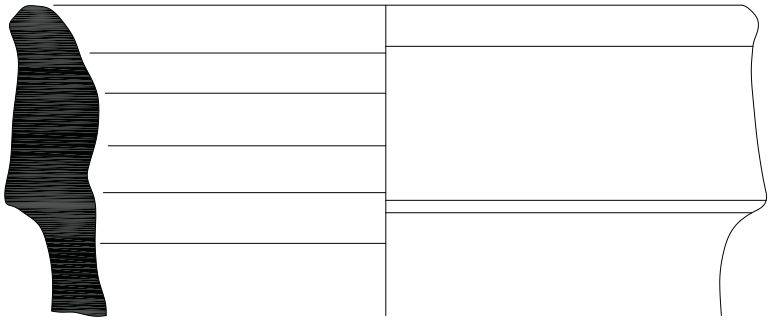
33



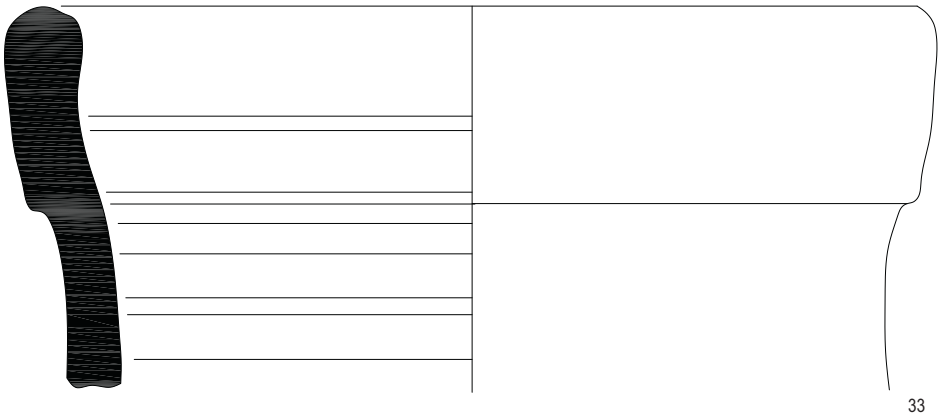
24



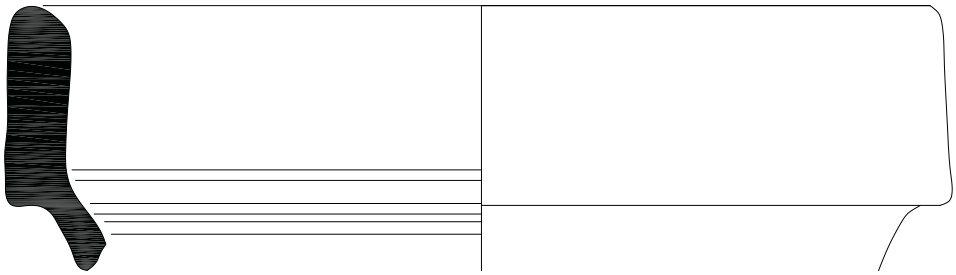
28



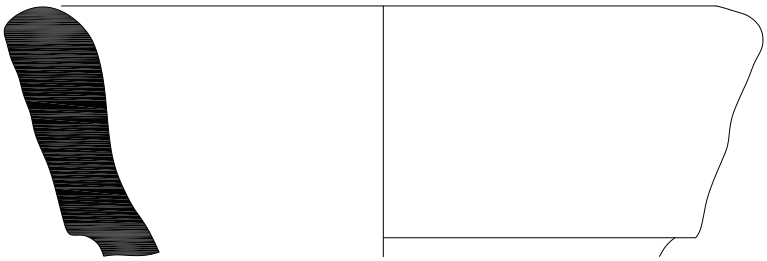
30



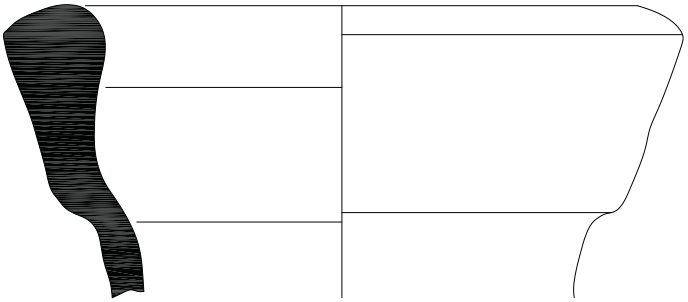
33



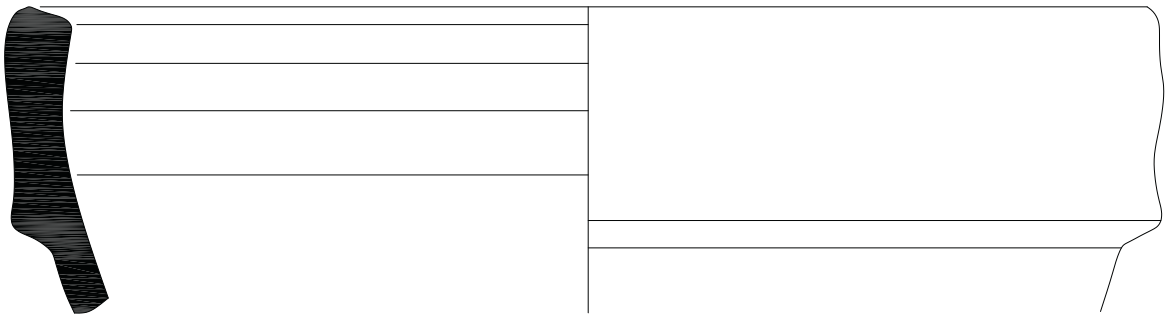
51



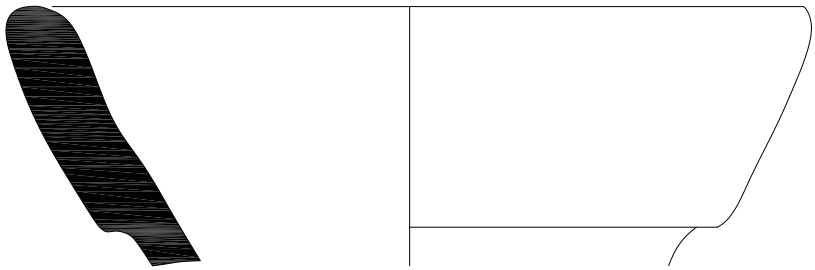
55



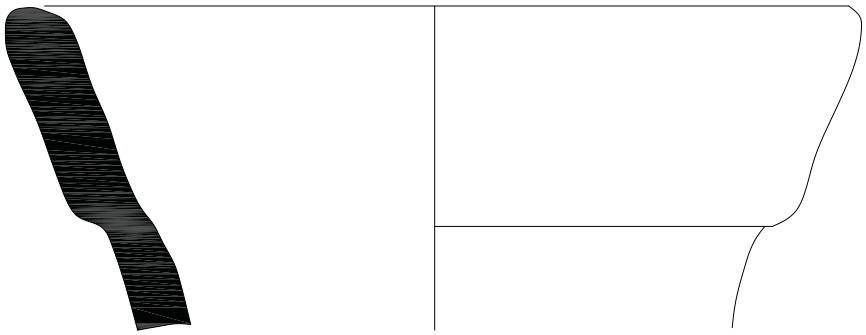
57



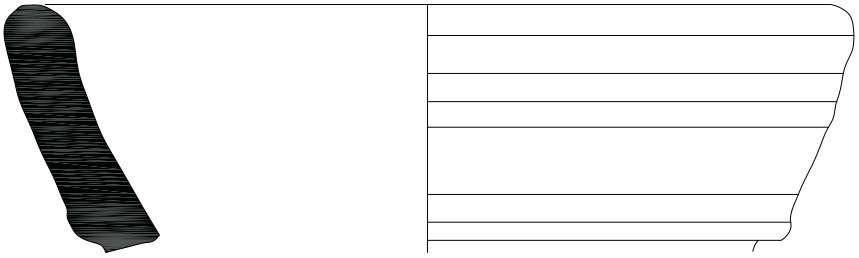
60



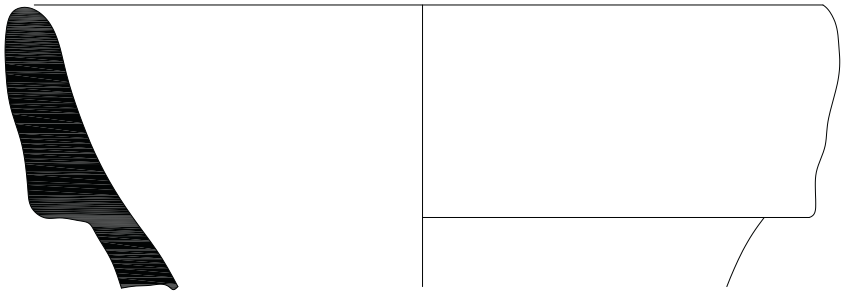
61



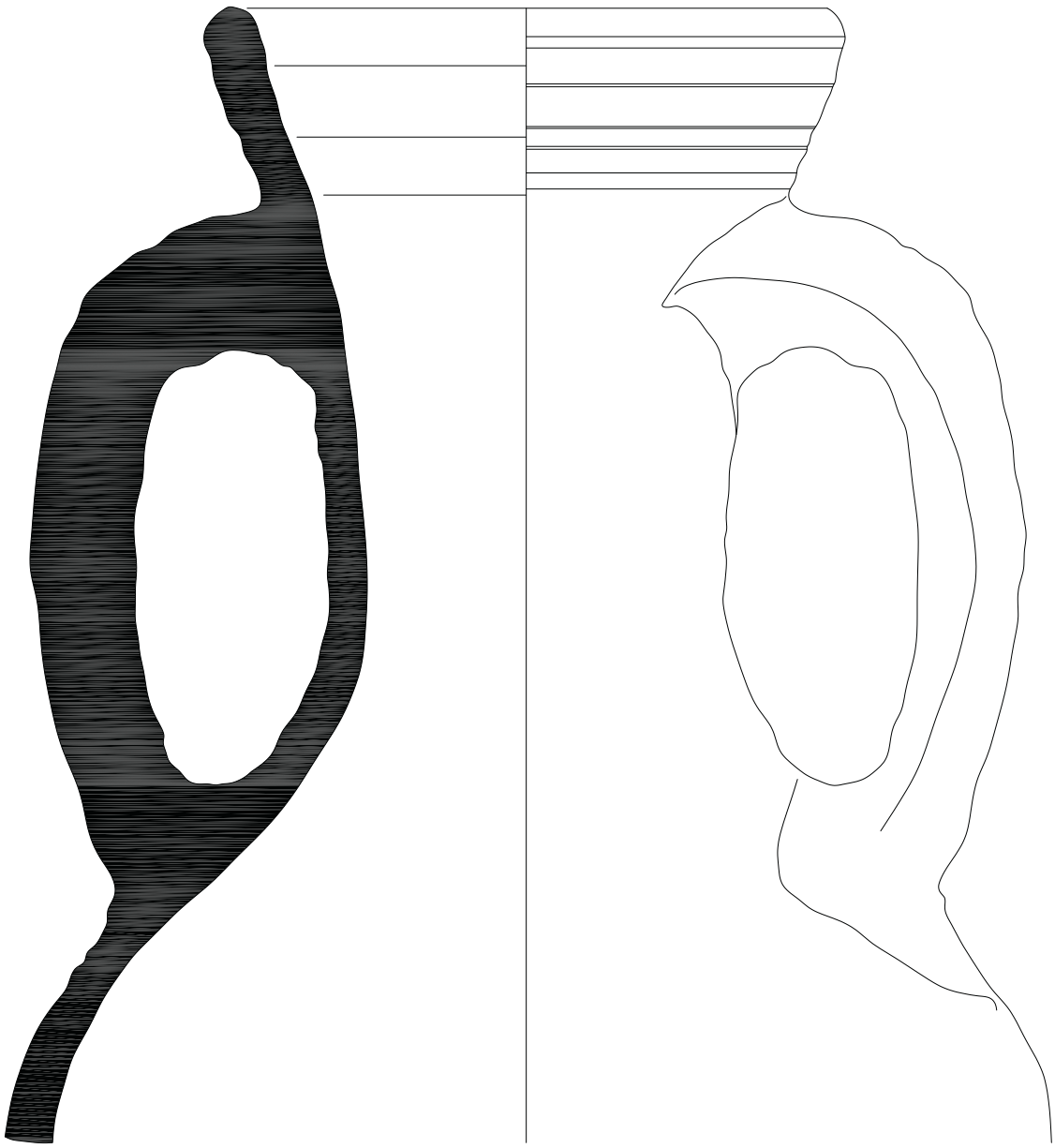
64



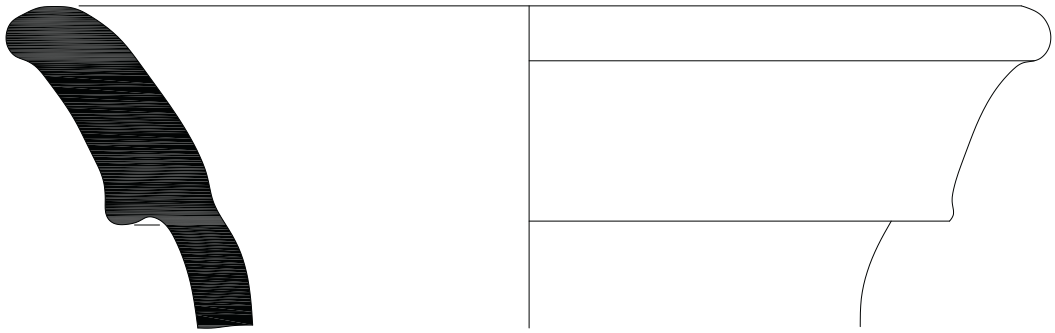
65



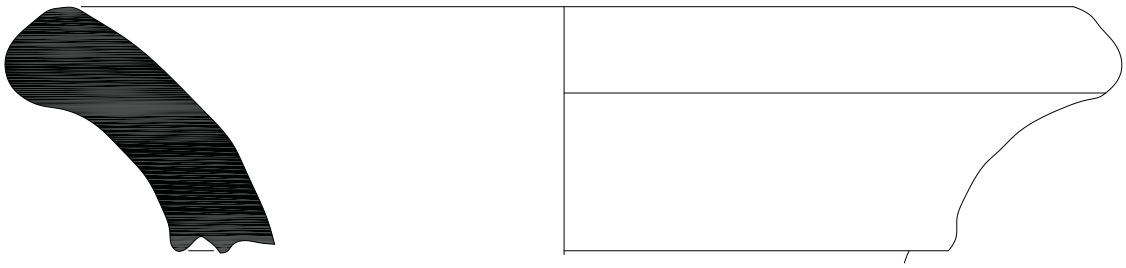
66



93

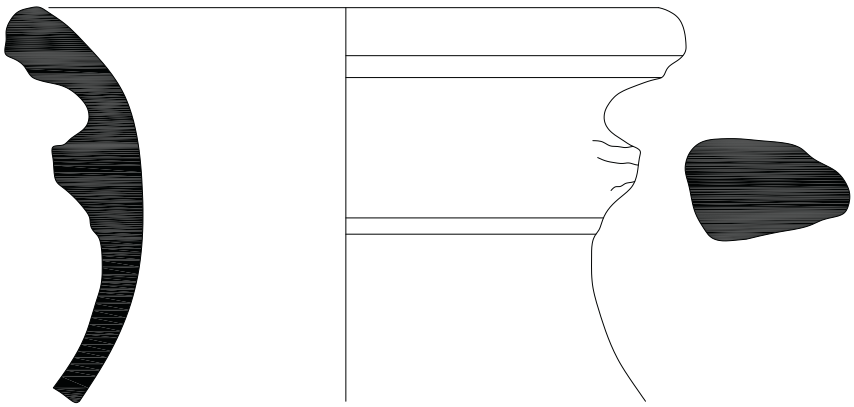


94

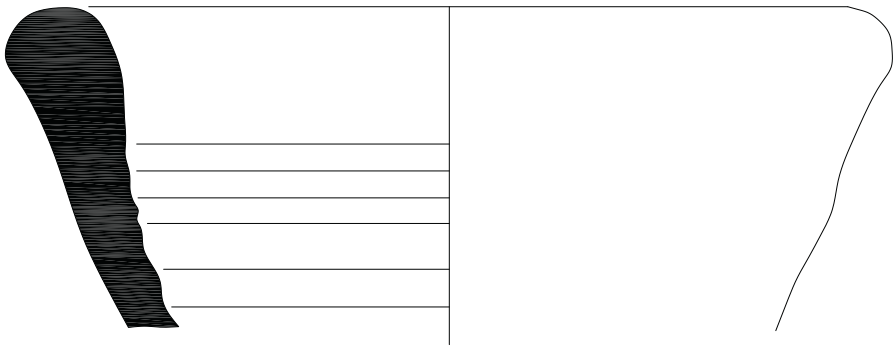


95

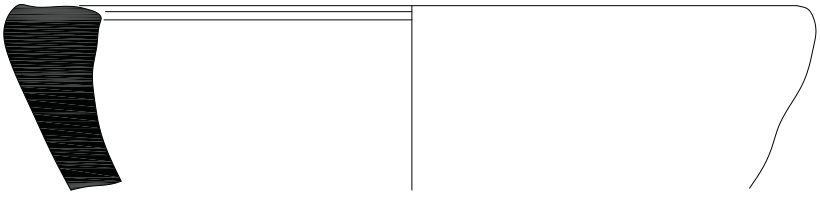
97



100



103



106

6.1.9. Cerâmica comum

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

O estudo da cerâmica comum romana, em especial no norte do país, raramente foi alvo de trabalhos sistemáticos com o propósito de criar um quadro morfo-tipológico de referência das diferentes áreas de produção e respectivos centros de fabrico. Na maior parte das vezes, o material publicado limita-se a relatórios de escavação, normalmente sumários e parcelares, ou a estudos de espólio proveniente de necrópoles que, pelas suas características, revelam apenas uma parte da ampla e diversificada produção ceramológica de época romana, vulgarmente designada por *cerâmica comum*.

O trabalho de Jorge Alarcão sobre as cerâmicas comuns romanas de Conímbriga, que constitui uma das abordagens mais completa e exaustiva sobre cerâmicas comuns romanas em Portugal (ALARCÃO 1974), na nota introdutória, dava conta do panorama do estado da investigação das cerâmicas comuns de então, que, apesar de decorridos mais de três décadas, pouco se alterou - (…) *É pouco ou nada o que se tem escrito sobre cerâmica comum lusitana - romana e nunca se pretendeu estabelecer uma tipologia da cerâmica de dado sítio arqueológico ou região, muito menos de todo o País. O que se tem publicado são relatórios, normalmente sumários e mal ilustrados, de algumas necrópoles, particularmente alentejanas.* (...) (ALARCÃO 1974, 11)[790].

Os trabalhos publicados na região norte do país são também maioritariamente referente a materiais provenientes de necrópoles que, na maior parte dos casos, não foram escavadas com metodologias científicas e constituem hoje colecções de museus, desconhecendo-se o seu contexto arqueológico, não sendo possível estabelecer mais do que uma classificação tipológica e, por conexão, uma cronologia relativa, uma vez que apenas nos chegaram pequenas notícias pouco precisas relativamente ao seu contexto arqueológico, condições de enterramento dimensão e características das necrópoles[791].

No entanto, registam-se alguns trabalhos recentes realizados na área geográfica do Convento Bracaraugustano dignos de referência que, em certa medida, constituíram um apoio importante para a abordagem do estudo e classificação dos materiais provenientes de Alvarelhos. Referimo-nos, em concreto, aos trabalhos publicados no âmbito do projecto de estudo de *Bracara Augusta* (MARTINS; DELGADO 1989-90; DELGADO 1993-94), do estudo monográfico de *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses, (DIAS 1997), e do estudo dos materiais da região de entre Sousa e Tâmega e Monte Mozinho (SOEIRO 1984), para além de outros de âmbito mais reduzido de necrópoles da região[792]. Constituíram também uma referência importante alguns trabalhos de âmbito geográfico mais alargado, como, por exemplo, o desenvolvido no âmbito do estudo do acampamento romano da Ala II Flávia localizado em Rosinos de Vidriales, Zamora (VAQUERO 1998, 10277-1164), ou na cidade de *Lucus Augusti* (IRASTORZA 1994, 201-226; 2001).

Do ponto de vista tipológico os trabalhos de maior profundidade e valia científica, que estabelecem quadros tipológicos mais ou menos completos referentes ao sul de Portugal, constituíram também uma referência

[790] Jorge Alarcão a propósito cita José Fortes, arqueólogo que intervencionou, ainda que de forma pontual, o castro de Alvarelhos, que sentia a necessidade de estudos mais aprofundados sobre a cerâmica comum (...) *Está por fazer o nosso inventário ceramographico, da olaria archaica, comprehensivo das formas typicas devidamente seriadas segundo a sucessão chronologica, as ascendencias etnographicas, a decoração e a técnica*. (...) (FORTES 1905-1908, 257).

[791] Veja-se, a propósito, os trabalhos publicados por José Fortes (FORTES 1905; 1905-1908, 252-262; 1908 a; 1908 b, 477-478; 1908c), Ricardo Severo (SEVERO 1907, 417-431; 1908, 111-113), Russell Cortez (CORTEZ 1951, 30-70), Mendes Corrêa (CORRÊA 1923-224, 1 s.), Ruy de Serpa Pinto (PINTO 1928, 10), José de Pinho (PINHO 1931), António Cruz (CRUZ 1940, 203-215) e Viera Diniz (DINIZ 1962, 223-229).

[792] Referirmo-nos a trabalhos monográficos sobre espólio funerário que, apesar da falta de uniformidade metodológica, constituem uma referência importante para o estudo das produções regionais de cerâmica comum. Entre outros vejam-se os trabalhos de Carlos Alberto Ferreira de Almeida (ALMEIDA 1973-74, 209-222), Armando Coelho Ferreira da Silva (SILVA 1980; 1986b, 95-169), José Augusto Teixeira Maia Marques (MARQUES; SILVA; AMARAL 1990, 15-20), Lino Augusto Tavares Dias (DIAS 1993-94, 107-136), e de Maria José Lobato (LOBATO 1995, 31-110).

significativa para a definição de aspectos metodológicos e de contextualização crono-tipológica. À semelhança do que sucede no horizonte geográfico de entre Leça e Ave, também aqui a maior parte dos trabalhos se reporta a contextos funerários, ainda que existam trabalhos publicados sobre ambientes habitacionais. Merecem particular destaque os trabalhos Jannette Nolen (NOLEN 1985; 1988, 61-140; 1994, 288-298; 1994a, 133-166), de Jorge Alarcão (ALARCÃO 1966a, 7-104), e de Carlos Tavares da Silva (SILVA 1966, 572-577).

Optamos por apresentar o estudo das cerâmicas comuns valorizando o seu aspecto morfológico e de serventia, ao contrário do que vem sendo praticado em estudos mais recentes, nos quais, geralmente, se privilegia uma separação em função dos grupos cerâmicos estabelecidos a partir da separação de fabricos. Tal opção deve-se ao facto de se constatar uma repetição significativa das formas em fabricos distintos, embora com pequenas variantes morfológicas e, fundamentalmente, por se pretender avaliar os grupos e tipologias em função do seu local de recolha, uma vez que se trata de materiais provenientes de contextos habitacionais.
Como se verá, este vasto conjunto de cerâmicas divide-se em seis grupos de fabricos distintos. A clara preferência por parte dos oleiros no uso específico e preferencial de determinado tipo de pastas para produtos com funções de serventia específicos revelam-nos não só a existência de uma produção bastante especializada, como também uma relação funcional entre a composição das pastas e respectivos constituintes e tipos de cozedura com a utilização das peças. Da mesma forma, a predominância de determinados tipos de pasta são reveladores de indicadores cronológicos, como, por exemplo, se verifica com o grupo B.

Esquema de apresentação

As formas

. Vasos para comer e beber
  Pratos, tigelas, taças, copos e púcaros;
. Para servir refeições
  Prateiras, bilhas, jarros, potes e potinhos;
. Para cozinhar
  Panelas, caçarolas, tachos e testos;
. Para preparar alimentos
  Almofarizes, alguidares e bacias;
. Para armazenamento
  Talhas, potes, cântaros;
. Formas diversas
. Marcas e grafitos

As pastas

Elaboramos a classificação das pastas cerâmicas a partir da análise de um conjunto de 86 peças. Na classificação agrupam-se objectos com características afins como seja o facto de terem sido cozidos a temperaturas superiores a 900º, alta porosidade (maior que 15%), baixa dureza e integração de determinados tipos de componentes como minerais argilosos, metacaulino, vidro, quartzo, feldspato e carbonato de cálcio. A única excepção é constituída pela peça n.º 43, que sofreu uma cozedura a uma temperatura mais alta

(aproximadamente 110-1200º C), pelo que a sua porosidade é muito menor em relação às demais, possuindo características que se aproximam à das pastas refractárias.
Na generalidade, as pastas identificadas revelam predominantemente cozeduras oxidantes, embora posteriormente enegrecidas pela acção do fogo. Como elementos não-plásticos prevalecem o quartzo, o feldspato, a mica e nas cerâmicas de construção e armazenagem a cerâmica moída. Os acabamentos são finos, realizados ao torno, com utilização frequente de aguadas e, em menor percentagem, de engobes.
Neste sentido, a partir de uma análise macroscópica, com recurso à lupa binocular, estabeleceram-se os seguintes grupos;

Grupo A / A1 - Conjunto de 6 peças com pastas em tons castanhos no interior e fractura. Exterior e bordos das fracturas de cor cinzenta. A cor acinzentada no n.º 25 deve-se a uma combinação de uma leve atmosfera oxidante que finaliza em redutora, nos n.º 51 e 57 seria por uma acção do fogo, enquanto que a peça n.º 1 se deve a um brunido da superfície.
Os elementos não-plásticos predominantes são o quartzo sobre a mica. O quartzo surge bem calibrado sobressaindo algum fragmento de maior dimensão. A mica encontra-se distribuída de forma regular e possui reduzidas dimensões.
Relativamente ao acabamento os fragmentos n.º 51 e 57 apresentam simplesmente as marcas de torno, a n.º 25 está espatulada no exterior e a n.º 1 é brunida.

Coloração das pastas[793];

N.º 1 - 71 M	N.º 16 - 73 S	N.º 25 - 70 N	N.º 2 - 75 L	N.º 10 - 53 M
N.º 26 - 75 L	N.º 51 - 53 M	N.º 57 - 71 M	N.º 3 - 73 S	

Grupo A / A2 - Conjunto de 12 peças com pastas de cor alaranjada, sendo o n.º 24 de cor ocre-claro. O elemento não-plástico predominante é o quartzo de pequeno tamanho com poucos fragmentos de dimensão média. Contém mica branca e abundantes nódulos ferrosos. O n.º 71 possui restos de carvão e o n.º 17 mica negra e moscovite, enquanto o n.º 18 revela manchas cinzentas de matéria orgânica descomposta durante a cozedura.
O acabamento comum em todos os casos apresenta marcas de torno. As peças n.º 17 e 71 foram afinadas no exterior, enquanto a n.º 24 apresenta um acabamento mais irregular. A n.º 18 possui um acabamento espatulado.

Coloração das pastas;

N.º 12 - 53 M	N.º 15 - 52 P	N.º 17 - 20 M	N.º 5 - 47 L	N.º 23 - 70 M
N.º 18 - 20 M	N.º 19 - 70 M	N.º 21 - 45 M	N.º 8 - 47 L	N.º 62 - 70 M
N.º 24 - 47 L	N.º 58 - 30 P	N.º 65 - 40 M	N.º 11 - 53 M	N.º 82 - 45 M
N.º 67 - 20 M	N.º 71 - 35 M	N.º 84 - 45 M	N.º 13 - 73 S	N.º 87 - 35 M
N.º 85 - 45 M				

Grupo B - Conjunto de 5 peças com pastas que variam entre o ocre e o laranja com zonas acinzentadas resultantes da acção do fogo.
Nos elementos não-plásticos destaca-se o quartzo calibrado de pequeno tamanho, distribuído de forma homogénea, em menor quantidade em relação Grupo C. O quartzo surge com a coloração branco opaco,

[793] Para a descrição da cor da pasta utilizamos o "*Code des colunas des sols*" de A. Cailleux (Paris, Editions N. Boubée et Cie), atribuindo a designação de cores extremas em cada grupo ou a designação da cor mais representativa (média).

cinzento e branco translúcido. Contém também alguns feldspatos, micas e esparsos nódulos ferrosos. O n.º 48 conta com abundante mica e algum fragmento de biotite, enquanto o n.º 68 contém moscovite.
O acabamento surge frequentemente com marcas de torno, que nos exemplares n.º 48 e 49 é afinado no exterior através de espatulamento.

Coloração das pastas;

N.º 14 - 69 L	N.º 45 - 47 L	N.º 48 - 69 M	N.º 7 - 47 L
N.º 49 - 20 M	N.º 53 - 20 M	N.º 54 - 92 N	N.º 9 - 45 M
N.º 56 - 57 M	N.º 61 - 71 M	N.º 64 - 67 M	N.º 68 - 20 M
N.º 70 - 70 M	N.º 73 - 59 M	N.º75 - 69 M	N.º 76 - 49 M
N.º 78 - 45 M	Nº 31a - 67 M		

Grupo C - Conjunto de 19 peças com pastas de cor ocre-claro com algumas manchas cinzentas causadas pela acção do fogo nas peças n.º 27, 40 e 55.
Nos elementos não-plásticos predominam o quartzo de tamanho médio / pequeno, bem calibrado. A mica surge em menor proporção, de pequeno calibre e os feldspatos aparecem de forma ocasional à excepção do n.º 18 onde são muito abundantes. Os nódulos ferrosos estão presentes de forma generalizada. O acabamento revela marcas de torno, afinado no interior e exterior.

Coloração das pastas;

N.º 4 - 70 M	N.º 6 - 67 L	N.º 27 - 47 R	N.º 50 - 70 M
N.º 28 - 57 L	N.º 31 - 47 L	N.º 32 - 69 L	N.º 52 - 47 R
N.º 36 - 67 L	N.º 40 - 70 L	N.º 46 - 70 M	N.º 59 - 47 R
N.º 47 - 67M	N.º 55 - 47 L	N.º 60 - 70 K	N.º 66 - 25 M
N.º 72 - 59 M	N.º 74 - 25 N	N.º 77 - 49 M	N.º 79 - 70 L
N.º 80 - 20 M	N.º 81 - 40 M		

Grupo D - Conjunto de 12 peças com pastas com cor que oscilam entre o vermelho-siena e o alaranjado, sendo o exterior das peças n.º 43 e 69 de tonalidade cinzenta causada pela acção do fogo.
Nos elementos não-plásticos predomina o quartzo de tamanho irregular, em menor quantidade a mica branca muito fina, para além de mica negra. Nos fragmentos n.º 38 e 39 existem restos de moscovite e nódulos ferrosos de grande tamanho. Pela dimensão exagerada de alguns elementos não-plásticos na peça n.º 43 produziram-se fissuras no exterior da pasta, no n.º 35 crateras e no n.º 63 alguns orifícios pelo desprendimento dessas partículas.
No acabamento verificam-se marcas de torno com o exterior ligeiramente afinado.

Coloração das pastas;

N.º 30 - 20 M	N.º 35 - 92 N	N.º 37 - 47 M	N.º 22 - 20 M
N.º 38 - 47 L	N.º 39 - 71 M	N.º 43 - 13 P	N.º 41 - 71 M
N.º 57 - 71 M	N.º 63 - 59 M	N.º 69 - 47 L	N.º 42 - 70 M

Grupo E - Conjunto de 4 peças com pastas de cor alaranjada de distintas tonalidades. O fragmento n.º 44, dentro das cores próprias deste tipo de cozedura, para além de alaranjado conta com tons ocres e rosas que resultaram de um amassado não tão trabalhado como nas anteriores que não distribui de forma homogénea os óxidos de ferro.
Nos elementos não-plásticos predominam o quartzo de tamanho irregular que vai do médio a tamanhos maiores, sendo a maioria de aspecto leitoso e anguloso. A mica está ausente nos n.º 33 e 34 e aparece na peça n.º 29 no exterior de forma homogénea com tamanho muito fino. No fragmento n.º 44 é muito abundante e encontram-se na variedade moscovita (mais abundante) e biotitica, para além de restos carbonizados e nódulos ferrosos.

Coloração das pastas;
N.º 29 - 45 M N.º 33 - 45 M N.º 34 - 67 L N.º 44 - 47 L
N.º 34a - 47 L

Vasos para comer e beber
Pratos, tigelas, taças, copo e, púcaros

Pratos (*Catini* e *Catilli*)

Os pratos constituem a forma mais simples da cerâmica comum romana e encontram uma presença generalizada em todas as estações romanizadas e necrópoles. Constitui um dos tipos mais conservadores tendo mantido a sua forma original praticamente inalterada, cujas características genéricas consistem no fundo plano, parede oblíqua ou arqueada e bordo ligeiramente introvertido, apesar de se verificarem inúmeras variantes formais, reveladoras da criatividade dos oleiros locais e resultantes das contingências do torneamento rústico deste tipo de produção[794]. São recipientes destinados a conter bens alimentares, permitir confecções culinárias e servir os alimentos.
Apresentamos 12 pratos, n.º 1-10[795] (vol. II, est. CLVII-CLVIII, n.º 1-10), cujas características morfológicas permitem formar um conjunto relativamente uniforme e morfologicamente representativo das formas identificadas. Os presentes pratos apenas se encontram representados estratigraficamente na Fase IV-V e V, mas, todavia, ilustram a panóplia das formas identificadas em todas as fases.

Fase IV (1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10)
Paredes arqueadas e bordo pontiagudo reentrante (1-5a)

Os pratos, n.º 1-5a (vol. II, est. CLVII, n.º 1-5), constituem um conjunto particularmente homogéneo do que convencionamos por designar de "*prato de parede arqueada e bordo pontiagudo reentrante*". Representam uma parte significativa dos diferentes tipos de pratos covos[796]. Morfologicamente, apresentam uma forma tronco-cónica, com ligeiras variantes ao nível do perfil, morfologia dos bordos e dimensões. Genericamente,

[794] A cerâmica, em geral, foi alvo de vários trabalhos de sistematização tipológica de diferente natureza e metodologia, merecendo-nos como referência para o estudo dos materiais de Alvarelhos, os estudos produzidos sobre os materiais provenientes de S. Cucufate, Vidigueira (PINTO 2002), sobre as necrópoles do Alentejo (NOLEN 1995-1997, 347-392), de Conímbriga (ALARCÃO 1974), de *Tongobriga* (DIAS 1997), de Lugo (IRASTORZA 2001) e da região da Rioja (PASCUAL 2002).
[795] Incluem-se duas peças extra catálogo, 5a, 7a.
[796] Na tipologia desenvolvida para as cerâmicas comuns de S. Cucufate, Vidigueira, corresponde à forma I-B-3, a que equivale a designação de *prato com parede arqueada e envasada e o bordo simples ou levemente afilado*, para os quais se considera uma aproximação formal aos pratos de *engobe interno vermelho-pompeiano*. Os tamanhos mais comuns são constituídos por diâmetros na ordem dos 26 a 31 cm (PINTO 2002, 184).

caracterizam-se por apresentarem um fundo plano ou ligeiramente côncavo, paredes arqueadas com bordo espessado e lábio reentrante mais ou menos pontiagudo. Os exemplares que ilustramos apresentam diâmetros que oscilam entre 152 mm e 255 mm. Encontram-se elaborados em pastas cerâmicas que integram o grupo A1 (n.º 1-3), A2 (n.º 5), e C (n.º 4). O tratamento das superfícies externas é pouco cuidado, efectuado por alisamento, observando-se à superfície inúmeras partículas de elementos não-plásticos, essencialmente quartzos de calibre irregular, assim como muitas irregularidades produzidas no processo produção ou de cozedura.

À excepção do exemplar n.º 3, proveniente da Fase V do *Complexo Artesanal*, todos os restantes são provenientes da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Golfinho* (n.º 4 - 5), da *Domus da Lucerna Cristã* (n.º 1), da *Domus da Lucerna do Cavalo* (n.º 2).

Constitui uma forma particularmente bem representada na região. Na tipologia que propomos para os materiais provenientes de contextos funerários da região de entre Leça e Ave encontra-se representada por 14 exemplares, representando 10,7% da totalidade das peças identificadas (Necrópole da Forca, n.º 3-6, vol. I, est. XXI; Necrópole de Rorigo Velho, n.º 5-7, vol. I, est. XXIV; Necrópole da Devesa, n.º 3-4, vol. I, est. XXVI). Na cronologia proposta por Jannette Nolen para as necrópoles do Alentejo identifica-se com a forma 5, cuja cronologia sugerida pela autora reporta-se à segunda metade do séc. I até finais do séc. II, considerando-se possível a sua continuidade no séc. III (NOLEN 1995-97, 372), facto que na região norte não parece fazer sentido, dada a sua presença bastante significativa em horizontes tardo-romanos[797].

Paredes rectas e bordo vertical (6, 7, 7a, 8)

Apresentam um perfil tronco-cónico com paredes levemente arqueadas e fundo plano. A morfologia do bordo apresenta três soluções. A primeira variante, n.º 6 (vol. II, est. CLVII, n.º 6), desenvolve um perfil rectangular, com lábio interior ligeiramente pontiagudo. A segunda, n.º 7a, apresenta a parede mais arqueada com fundo mais recuado. A terceira, n.º 7-8 (vol. II, est. CLVII, n.º 7-8), apresenta uma parede de desenvolvimento oblíquo com bordo vertical e lábio pontiagudo de secção arredondada. Ao nível da constituição da pasta o prato n.º 6 integra o grupo C. Apresenta um acabamento grosseiro, sem polimento e inúmeros elementos não-plásticos à superfície, enquanto os pratos n.º 7 e 8, integram o grupo B e A2, respectivamente, e apresentam uma pasta homogénea, com acabamento cuidado à superfície, muito polido e sem partículas arenosas à superfície.

O primeiro é proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*, e os n.º 7-8, são provenientes da *Domus da Lucerna do Golfinho*, na mesma fase de ocupação.

Na tipologia que propomos para os materiais provenientes de contextos funerários da região de entre Leça e Ave não constitui uma forma abundante encontrando-se representada por apenas 2 exemplares que se identificam como Forma 2 (Necrópole da Forca, n.º 4-8, vol. I, est. XXI). Regista-se em *Tongobriga* no Grupo 11a, em várias dimensões (Tipo 1, Forma 4 e 5), cuja cronologia, à semelhança da nossa, se apresenta para o séc. IV-V (DIAS 1995, 20-21).

Formas diversas (9-10)

Os pratos n.º 9-10 (vol. II, est. CLVIII, n.º 9-10) constituem exemplos atípicos das variantes identificadas em Alvarelhos. O prato n.º 9 apresenta um corpo tronco-cónico com parede oblíqua, recta e muito aberta. O bordo espessado com a superfície superior plana desenvolve no dorso um lábio de perfil triangular,

[797] Por exemplo, em *Tongobriga*, identifica-se no fabrico identificado como Grupo 1a, (Tipo 1, forma 1), cuja cronologia se aponta para o séc. IV (DIAS 1995, 8), assim como no Grupo 3A (Tipo 1), com cronologia também do séc. IV (DIAS 1995, 9-10).

pontiagudo, inclinado para o interior. A junção da parede com o fundo originou uma canelura espessa de perfil arredondado. O fundo é plano, ligeiramente côncavo.

A pasta pertence ao grupo B e apresenta um tratamento da superfície pouco cuidado. É proveniente da Fase IV-V, da *Domus do Tesouro*. Apesar de relativamente pouco frequente, identificam-se exemplares com afinidades morfológicas no mesmo horizonte cronológico provenientes de ambientes funerários, como, por exemplo, na necrópole de Real, Amarante (PORTELA 1998, 106, est. XL, n.º 3).

O prato n.º 10, de reduzidas dimensões, apresenta um perfil muito aberto, com parede baixa e arqueada, apenas marcada pelo desenvolvimento do bordo. Este desenvolve-se verticalmente e é mais espesso que a parede. Apresenta um lábio pontiagudo de secção triangular. Na sua face inferior forma uma aba vertical. O fundo é plano. A pasta cerâmica integra o grupo A1 e apresenta um tratamento cuidado e uniforme. É proveniente da Fase IV-V do *Complexo Artesanal*.

Tigelas (*Patinae* e *Patellae*)[798]

A tigela constitui uma forma que morfologicamente caracteriza-se pelo seu perfil em calote, geralmente com pé baixo, maciço, e fundo plano de formato discóidal. O bordo revela uma ampla gama de variações ao nível dos perfis e inclinações das abas. Da mesma forma, os seus diâmetros oscilam significativamente. Constituem normalmente fabricos mais cuidados, próximos ao de alguns recipientes formalmente semelhantes mas com usos distintos, como, por exemplo, as malgas que eram utilizadas na cozinha na preparação de alimentos, ao invés das tigelas que se destinavam a ir à mesa com comida, ou mesmo para comer sopas ou refeições afins (NOLEN 1985, 93).

As tigelas encontram-se apenas representadas por três exemplares, n.º 11, 11a, 11b (vol. II, est. CLVIII, n.º 1-11), pertencendo a tigela 11a à Fase III e as 11 e 11b à Fase IV-V.

Fase III (11a)

A tigela 11a (vol. II, est. CLVIII, n.º 11a) constitui a única forma integrável na Fase III. Morfologicamente caracteriza-se por possuir uma calote hemisférica com colo alto de desenvolvimento vertical e bordo projectado para o exterior a 45º, rematado por lábio pontiagudo. O fundo é constituído por um pé muito baixo, com dupla canelura na face externa a sugerir um falso pé. A decoração é composta por duas caneluras incisas na face externa do reservatório. O acabamento é de boa qualidade apresentando a superfície polida e revestida por uma aguada espessa e aderente.

O perfil contracurvado aproxima-o da forma Dragendorff 37, com o qual apresenta um distante parentesco formal, apesar da parede do reservatório ser mais larga do que a do protótipo. Encontram-se paralelos em S. Cucufate, Vidigueira, onde assume a referência tipológica de "Tigela da forma III-C-4"[799], encontrando-se presente nos horizontes 3-4 e 6 (PINTO 2002, 255-256), apresentando este último um perfil mais próximo da Dragendorff 37 Tardia. Entre os exemplares apresentados o n.º 80.586-2 a (fig. 157), revela significativas afinidades morfológicas com o nosso exemplar.

[798] Atendendo à diversidade de designações adoptadas nos diferentes estudos, a correspondência entre forma / função e a terminologia popular mais difundida adoptamos a designação genérica de tigela, seguindo a tradição regional mais corrente. A designação latina de *patellae / patinae* empregar-se-á com mais propriedade aos exemplares de menor dimensão.

[799] "Tigela com a parede contracurvada, a parte inferior e a parte superior voltada para fora" (PINTO 2002, 255).

Fase IV-V (11, 11b)

O exemplar n.º 11 apresenta um perfil esférico com paredes arqueadas. O bordo é formado por uma aba ligeiramente descendente para o exterior rematada por um lábio pontiagudo. O dorso é anguloso e forma uma carena interna pronunciada. A pasta pertence ao grupo A2-53 M. O acabamento é constituído por polimento, encontrando-se a superfície externa revestida com uma aguada espessa e muito aderente. É proveniente do Ap. X do *Complexo Artesanal*, na Fase IV-V.
Apesar do seu enquadramento em Alvarelhos a remeter para uma cronologia relativamente tardia, este tipo de tigelas foi produzida desde o início do império, como se constata, por exemplo, nos materiais provenientes da necrópole de Torre das Arcas, Beja, com cronologia de meados do séc. II a meados do séc. III (NOLEN 1995-97, 364, n.º 395), ou mesmo de cronologia anterior, como se verifica em Conímbriga, com clara semelhança morfológica com o nosso exemplar (ALARCÃO 1975, 91, est. XXIII, n.º 495). Em S. Cucufate, Vidigueira, identifica-se como "Tigelas da variante III-C-2", encontrando-se relativamente bem representada (PINTO 2002, 250-251)[800]. Está também presente nas necrópoles de entre Leça e Ave, assumindo na tipologia proposta a designação (Grupo II – *Tigelas*, forma 2). Identificam-se dois exemplares na necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado (vol. I, est. XXIV, n.º 20-21).

A tigela 11b (vol. II, est. CLVIII, n.º 11b), constitui a mais elementar forma deste tipo de recipientes e representa um tipo de ampla cronologia que compreende todo o período de dominação romana. Morfologicamente, poder-se-á admitir como próxima à forma Ritterling 8, cuja inspiração resultou numa simplificação formal, em particular na área do fundo. Apresenta uma calote hemisférica com bordo de desenvolvimento vertical e lábio de secção arredondada. O fundo é composto por um pé discóidal de parede vertical e aresta angular de assentamento pleno. A área central revela um adelgaçamento progressivo para o centro. É proveniente do Ap. I da ocupação da Fase IV-V da *Domus do Tesouro*.
Identifica-se na tipologia de S. Cucufate, Vidigueira, como "Forma III-A-1 *Tigela de bordo direito*", ocupando todos os horizontes cronológicos, identificando-se inúmeros paralelos de diferentes proveniências e cronologias (PINTO 2002 221-225), entre os quais das necrópoles do Alentejo cujo grupo integra inúmeras variantes. Na tipologia que propomos para os materiais provenientes de contextos funerários da região de entre Leça e Ave identifica-se com a Forma 1 (Grupo II – *Tigelas*, forma 1), das quais se registam três exemplares morfologicamente próximos ao presente provenientes da necrópole da Forca, Gemunde, Maia (vol. I, est. XXI, n.º 15), e da necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho do Bougado, Trofa (vol. I, est. XXIV, n.º 15, 17). Constitui aliás uma forma particularmente bem representada nas necrópoles da área meridional do Convento Bracaraugustano, designadamente na região de Amarante, onde se documenta na necrópole de Capelos (PORTELA 1998, 58, est. VII, n.º 3), na necrópole de Laboriz (PORTELA 1998, 82, est. XXVII, n.º 5), na necrópole de Tubirei (PORTELA 1998, 119-120, est. L, n.º 5), necrópole de Chã de Portela (PORTELA 1988, 65, est. XIV, n.º 3), com cronologia tardo-romana, assim como na região de Paços de Ferreira, onde se registam paralelos na necrópole de S. Brás, Frazão, datada do séc. IV - início do séc. V, associada a um conjunto de pratos de sigillata clara D (SILVA 1986b, 127-128, est. XXIII, n.º 1), em Vila do Conde, na necrópole das Caxinas (ALMEIDA 1973-74, 218, est. IV, n.º 5), e na região de entre Sousa e Tâmega na necrópole da Giesta (Tapada de Barreiros), S. Miguel de Paredes, Paredes (SOEIRO 1984, 64, fig. XXVI)[801].

[800] A autora cita alguns paralelos do mesmo horizonte cronológico do sul de Portugal, dos quais destacamos, pela proximidade morfológica, a peça n.º 41 da Cidade das Rosas, Serpa (CAEIRO 1978, 251, 257).
[801] Também na necrópole de Gulpilhares, Vila Nova de Gaia, constitui uma forma corrente, cujo morfotipo se mostra inalterado "*Tigela – Perfil em calote esférica e com pé de bolacha*" (LOBATO 1995, 52, est. XII, n.º 36-40).

Taças (12-14)

As taças, por oposição às tigelas ou malgas, são peças de fabrico mais cuidado que geralmente iam à mesa com comida ou eram utilizadas para beber ou para comer papas e sopas (NOLEN 1985, 93). São usualmente mais pequenas que as malgas e tigelas e conheceram ligeiras variações ao nível do perfil da parede, bordo e fundo. À semelhança do que referem Jorge e Adília Alarcão, a propósito do estudo dos vidros romanos do Museu de Vila Viçosa - (...) *a forma muito simples deve ter-se fabricado em todas as épocas, o que torna inútil a procura de paralelos* (...) (ALARCÃO 1967, 4-6, est. 3, n.º 6).
Apresentamos três exemplares – n.º 12-14 (vol. II, est. CLVIII, n.º 12-14) –, que julgamos ilustrarem as variações morfológicas e cronológicas que identificamos em Alvarelhos.

Fase III (14)

A peça n.º 14 (vol. II, est. CLVIII, n.º 14) corresponde a um tipo de imitação da forma tipo Dragendorff 24/25 da t*erra sigillata* hispânica. Apresenta um reservatório fundo, de recorte hemisférico, ligeiramente reentrante. O bordo é vertical, levemente envasado, com lábio de secção arredondada. O fundo apresenta um pé anelar, ligeiramente aberto. A carena exterior apresenta um perfil triangular com espessamento da parede. A pasta integra o Grupo B-69 L. O acabamento é cuidado apresentando um polimento acentuado e um revestimento constituído por uma aguada espessa e bem aderida.
A decoração é composta por um conjunto de pequenos frisos de diferentes espessuras e espaçamentos regulares dispostos ao nível inferior da parede.
Constitui uma forma relativamente comum, de âmbito supra regional, de que podemos referir paralelos no mesmo horizonte cronológico provenientes de necrópoles do Alto Alentejo, nomeadamente um exemplar identificado na necrópole da Horta das Pinas (NOLEN 1985, 105, est. XXXVIII, n.º 391; 1995-97, 350)[802]. Constitui uma forma típica da produção da designada "cerâmica bracarense" encontrando-se representada no acervo de Alvarelhos por dois exemplares no n.º 4 e 5 (vol. II, est. CLXXVII, n.º 4), onde constitui a segunda forma melhor representada (15%), facto que, em certa medida, corresponde à tendência verificada noutros contextos, designadamente em Braga, onde é a quarta forma mais abundante representando 9,3 %, das formas identificadas (MORAIS 2005, 307).

Fase IV-V
Taças (12-13)

As taças n.º 12 e 13 (est. CLVIII, n.º 12-13) representam, provavelmente, a forma mais comum deste tipo de peças. Tratar-se-á, certamente, de fabricos locais ou regionais com inúmeros paralelos revelando uma cronologia muito lata. As peças que apresentamos encontram um enquadramento estratigráfico na ocupação mais tardia, que corresponde à Fase IV e V, e constituem tipos distintos que representam os perfis mais comuns. A primeira, n.º 12 (vol. II, est. CLVIII, n.º 12), é uma taça de perfil sinuoso, em S, pouco pronunciado. O bordo é ligeiramente projectado rematado por lábio de secção arredondado virado para o exterior. O fundo é formado por um pé discóidal.
A constituição da pasta integra o Grupo A2-53 M. O acabamento é de qualidade mediana com polimento exterior.
A taça n.º 13 (vol. II, est. CLVIII, n.º 13) constitui a forma mais vulgar, encontrando-se amplamente representada em ambientes funerários e habitacionais. À semelhança das formas anteriores, revela ligeiras diferenças ao

[802] A peça foi pela primeira vez publicada por Abel Viana e Dias de Deus em 1958 (VIANA; DEUS 1958, 56, est. XIX, n.º 173 - (121)).

nível da formação do bordo e do fundo. Apresenta um perfil esférico com bordo vertical, com lábio espesso, de secção arredondada, ligeiramente projectado para o exterior. A parede é ligeiramente arqueada e o fundo é formado por um pé discóidal, levemente côncavo. A pasta integra o grupo A2-73 S e o acabamento é cuidado revelando um polimento acentuado.
Os paralelos desta forma podem apreciar-se, para além de muitas outras proveniências[803], na necrópole de Gulpilhares, Vila Nova de Gaia (LOBATO, 51-54, est. XII-XIV, n.º 35-48), na necrópole da Forca, Gemunde, Maia (vol. I, est. XXI, n.º 15), na necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado, Trofa (vol. I, est. XXIV, n.º 15-18), e necrópole das Caxinas, Vila do Conde (ALMEIDA 1973-74, est. II, n.º 2; est. IV, n.º 5).

Copos (*Pocula)* (15-16)

Os copos são recipientes de reduzidas dimensões que, à semelhança dos púcaros, serviam para beber. Como formas muito generalizadas e de longa duração conheceram inúmeras variantes do ponto de vista morfológico e decorativo, sendo frequentes os exemplares pintados com motivos geométricos. Um primeiro ensaio de tipologia elaborado a partir dos materiais provenientes das necrópoles de *Bracara Augusta* (MARTINS; DELGADO 1989-1990, 161) considera a existência de três tipos com base no seu perfil. Os nossos exemplares, n.º 15 e 16 (est. CLVIX, n.º 15-16), são de produção local ou regional e representam as duas únicas formas detectadas que enquadram a forma 1a, da tipologia anteriormente referida, podendo o n.º 16 corresponder a uma variante aí não considerada. Esta constitui uma peça pouco frequente, evidenciando um perfil atípico com bordo projectado para o exterior. Refira-se a título de contextualização um paralelo morfologicamente afim proveniente da necrópole da Quinta da Boavista, Penafiel, com cronologia pouco precisa (SOEIRO 1984, 77, fig. XXXIII, nº 4).

Fase III (15)

A este período corresponde a peça n.º 15 (vol. II, est. CLIX, n.º 15). O copo apresenta um perfil sinuoso, em S, com bordo projectado para o exterior e lábio de secção arredondada. O fundo com pé discóidal é ligeiramente côncavo, com espessamento no interior.
A decoração é composta por um friso localizado no arranque do bojo de perfil triangular e canelura na parte superior do bojo de secção em U.
O fabrico integra o Grupo A2-52 P, sendo o acabamento bastante cuidado com um polimento acentuado.
Como fizeram notar as autoras da tipologia bracarense esta forma é muito abundante nas necrópoles do noroeste sendo conhecidos vários paralelos na nossa área de estudo. Na tipologia proposta para as necrópoles de entre Leça e Ave corresponde à Forma 1 (Grupo I *Copos* - Forma 1), identificado nas necrópoles da Forca, Gemunde, Maia (vol. I, est. XXI, n.º 22), na necrópole de Rorigo Velho, S. Martinho de Bougado, Trofa

[803] Veja-se, por exemplo, os materiais provenientes da necrópole de S. Brás, Frazão, Paços de Ferreira (SILVA 1986 b, est. XXIII, n.º 1, 3), da necrópole da Devesa Grande, Meixomil, Paços de Ferreira (SILVA 1986 b, XXXIII, n.º 2), da necrópole de Codes, Rio de Moinhos, Paredes (SOEIRO 1984, fig. XXV, n.º 8), da necrópole da Quinta da Boavista, Canelas (SOEIRO 1984, fig. XXXIV, n.º 7), necrópole de Monte Mozinho, Penafiel (ALMEIDA 1974, est. XII, n.º 5) e da necrópole de *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses (DIAS 1995, est. c, n.º 6, d,1).

(est. XIV, n.º 22), na necrópole da Quinta da Devesa, Santo Tirso (vol. I, est. XXVI, n.º 6-7), na necrópole do Muro, Trofa (vol. I, est. XXV, n.º 2), e muitas outras na região[804].
O nosso exemplar é proveniente do Ap. I da *Domus da Lucerna do Golfinho*, da ocupação correspondente à Fase III, portanto, contemporâneo dos exemplares provenientes de Braga (MARTINS; DELGADO 1989-90, 162, fig. 101, Forma 1a), que apresentam uma cronologia balizada entre meados do séc. II e inícios do séc. III.

Fase IV (16)

O exemplar n.º 16 (vol. II, est. CLIX, n.º 16) pertence à ocupação mais tardia e constitui um tipo pouco comum. Apresenta um perfil sinuoso, em S, muito marcado. O bordo é muito aberto e forma uma ligeira aba ascendente com lábio arredondado virado para o exterior. O fundo é composto por um pé alto de formato discóidal e paredes convergentes muito espesso e alteado na parte central no interior.
Possui um friso muito fino no pé junto à ligação com o bojo. O fabrico integra o Grupo A - 73 S, e revela um acabamento cuidado com polimento acentuado.
Os paralelos para esta peça não são numerosos, tendo apenas sido identificado um exemplar morfologicamente semelhante ao nosso proveniente da necrópole da Quinta da Boa Vista, Canelas, Penafiel (SOEIRO 1984, 77, fig. XXIII, n.º 4), de qual não se conhece uma cronologia precisa.

Púcaros (*Pocula*) (17-19)

Os púcaros são vasilhas de reduzida dimensão com perfis variados, dotados de uma ou duas asas, cuja cronologia revela uma ampla perduração. Revelam frequentemente fabricos cuidados com pastas bem depuradas e acabamentos esmerados com alisamento das superfícies exteriores e muitas vezes com engobes espessos e bem aderidos. As decorações são frequentemente constituídas por pintura embora existam exemplares com decoração impressa (LOBATO 1995, 56, est. XVIII, n.º 61).
As suas características morfológicas e as suas reduzidas dimensões sugerem que serviriam para servir líquidos em pequenas quantidades ou para beber. Ao contrário do que sucede no sul de Portugal, onde este tipo de peças parece evidenciar preferencialmente duas asas (NOLEN 1985, 67)[805], a maior parte dos exemplares conhecidos no norte possuem apenas uma.
Constitui uma forma particularmente abundante no noroeste português tendo sido publicados vários exemplares, entre outros, provenientes de Gulpilhares, Vila Nova de Gaia (LOBATO 1995, 56, est. XVIII, n.º 58-61), de Braga (MARTINS; DELGADO 1989-90, 163, fig. 101), de Gondomil, Valença do Castelo (ALMEIDA; ABREU 1987, 206, est. III, n.º 2), de Caxinas, Vila do Conde (ALMEIDA 1973-74, est. VI, n.º 3), e de várias necrópoles de entre Sousa e Tâmega, nomeadamente na necrópole de S. Martinho de Recesinhos, na necrópole de Boa Vista, necrópole da Igreja (SOEIRO 1984, 44, fig. XIII, n.º 3; 77 fig. XXXIII, n.º 2-3; 90, XXXVIII, n.º 9), e em contextos habitacionais de diferentes horizontes cronológicos em Monte Mozinho, Penafiel.
Isolamos três tipos distintos que ilustram a variedade de perfis identificados, apresentando todos eles apenas uma asa.

[804] Veja-se, a propósito, os materiais provenientes da necrópole de Gulpilhares, Vila Nova de Gaia (LOBATO 1995, 56-57, est. XIX, n.º 62-68), da necrópole do Freixo, Marco de Canaveses (DIAS 1995 b), e das inúmeras necrópoles de entre Sousa e Tâmega, nomeadamente da necrópole de Vilarinho, Penafiel (SOEIRO 1984, 39, fig. VIII, n.º 5), da necrópole de Rio de Codes, Rio de Moinhos, Penafiel (SOEIRO 1984, 54, fig. XIX, n.º 4-6), da necrópole da Giesta ou da Tapada de Barreiros, S. Miguel de Paredes, Penafiel (SOEIRO 1984, 64, fig. XXV, n.º 3, 5-6), da necrópole da Quinta da Boa Vista, Canelas, Penafiel (SOEIRO 1984, 77, fig. XXIV, n.º 8), da necrópole de Antas, Penafiel (SOEIRO 1984, 90, fig. XXXVIII, n.º 2, 5-6, 8), da necrópole de Gondomil, Valença (ALMEIDA; ABREU 1987, 205-206, est. IV-VII, n.º 1-3), da necrópole de Galegos, Penafiel (SOEIRO 1984, 98, fig. XLV, n.º 2), e da necrópole de Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1984, 297, fig. CLI, n.º 2-3).
[805] A autora a propósito cita materiais provenientes da *villa* romana de Cardílio e de várias necrópoles alentejanas – Reguengo, Farrobo, Aramenha, Valdoca e Santo André.

Fase III
Púcaro de perfil em S, com carena inferior (18)

O púcaro n.º 18 (vol. II, est. CLIX, n.º 18) constitui uma forma invulgar neste tipo de recipiente e muito pouco comum. A forma encontra-se apenas representada por um fragmento de parede, arranque de asa e fundo. O perfil desenvolve-se em S com base de assentamento plana com falso pé. O fundo, ligeiramente côncavo, apresenta uma espessura constante. A asa em fita, de secção rectangular, liga-se na parte inferior do bojo. A decoração é composta por uma canelura e um friso. A primeira encontra-se implantada ao nível do estreitamento do bojo, e a segunda ao nível inferior no local de ligação da asa. O fabrico integra o grupo A2-20 M, e o acabamento é muito cuidado com polimento acentuado. Não encontramos paralelos de âmbito regional ou supra-regional para esta forma.

Fase V
Púcaros de perfil ovóide (17, 19)

O exemplar n.º 17 (vol. II, est. CLIX, n.º 17) pertence ao grupo A2 – 20 M. Apresenta um bojo de perfil esférico com colo estreito. A asa em fita de secção plano-convexa apresenta a ligação a partir do início do bojo. O fundo é plano, discóidal, com assentamento em aresta, ligeiramente côncavo e espessado ao centro. A superfície exterior é alisada e regular tendo recebido uma aguada que o cobre uniformemente. É decorado ao nível do bojo por duas bandas de pequenos frisos. Este tipo não encontra representação na tipologia elaborada para as necrópoles de *Bracara Augusta*, nem nos materiais estudados de *Tongobriga*, onde, aliás, não encontramos nenhum exemplar de púcaros. É proveniente do *Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte* da Fase V,

Púcaro de perfil elíptico (19)

O púcaro n.º 19 (vol. II, est. CLIX, n.º 19) é proveniente do Ap. VIII do *Complexo Artesanal* da Fase V e constitui o único exemplar com forma completa. Apresenta um corpo de perfil elíptico com bordo projectado para o exterior, formando uma ligeira aba ascendente rematada por um lábio de secção arredondada. A carena interna é formada pelo estreitamento do colo apresentando um perfil arredondado e pouco marcado. O fundo é plano, ligeiramente côncavo, com espessamento central. A asa em fita de secção oval é ligeiramente soerguida em relação ao bordo e a ligação concretiza-se a um nível superior do bojo.
O fabrico pertence ao Grupo B-70 M, e o acabamento da peça é grosseiro não revelando qualquer polimento ou alisamento, pelo que os elementos não-plásticos (quartzo e mica) afloram à superfície.
Não constitui uma forma abundante, encontrando-se deficientemente representada, no entanto, identificamos um exemplar morfologicamente semelhante ao nosso proveniente da necrópole de Gulpilhares, Vila Nova de Gaia, com o mesmo horizonte cronológico (LOBATO 1995, 58, est. XX, n.º 69).

Para servir as refeições
Prateiras, bilhas e jarros

Prateiras (20-22)

As prateiras n.º 20-22 (vol. II, est. CLX, n.º 20-22) constituem as variantes mais frequentes ao nível formal, de dimensões e perfis. Apresentam diâmetros entre 150 mm e 339 mm, para uma altura sensivelmente de

30/35 mm. Conforme o seu nome sugere a sua função relaciona-se com o serviço de mesa onde se destinavam a servir a comida.

Prateira de parede arqueada e bordo introvertido (20)

A prateira n.º 20 (vol. II, est. CLX, n.º 20) é constituída por um conjunto de fragmentos que formam um perfil completo. Apresenta um corpo de perfil tronco-cónico invertido com paredes arqueadas e ligeiramente reentrantes. O bordo é engrossado, de perfil arredondado, rematado por um lábio pontiagudo inclinado para o interior. O fundo é plano de desenvolvimento discóidal.
A pasta cerâmica integra o grupo A2 e o seu acabamento exterior é relativamente cuidado. É proveniente da Fase IV-V da *Domus do Tesouro*.

Prateira de parede oblíqua e bordo em aba horizontal (21)

A prateira n.º 21 (vol. II, est. CLX, n.º 21) é constituída por fragmentos de bordo, parede e arranque do fundo. O bordo apresenta-se em forma de aba horizontal com superfície superior plana, levemente inclinada para o interior, com lábio arredondado, ligeiramente mais delgado que a secção da aba. O dorso forma uma ligeira carena de perfil arredondado que marca o início da parede interna que é ligeiramente arqueada. O fundo é plano, de desenvolvimento discóidal. A pasta cerâmica e o tratamento da superfície são idênticos ao número anterior. É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Colher de Prata*.
Este exemplar constitui uma imitação fiel da forma Hayes 59 (HAYES 1972, 98, fig. 15)[806], amplamente representada na produção de *cerâmica de engobe vermelho não vitrificável* em Alvarelhos (vol. II, est. CXLII, n.º 19-21), com paralelos em Conímbriga (DELGADO 1975, pl. LXXXV/VI, n.º 46-49), na necrópole da Boavista, Paços de Ferreira (SILVA 1986b, 124, est. XXX, n.º 3), e nas necrópoles de entre Leça e Ave, designadamente na necrópole de Rorigo Velho, Santiago do Bougado, Trofa (vol. I, est. XXIV, n.º 12, 15).
Contam-se também na área geográfica da Galiza dois exemplares provenientes de Lugo, do tipo A e B (GASCÓN 1993, 298, fig. 1, 5-6).
Na área do convento bracaraugustano regista-se a sua presença na cidade de Braga, na Zona das Carvalheiras onde é identificado um fragmento de bordo datado do séc. IV (DELGADO; LEMOS 1985, 162, est. 10). Em *Tongobriga*, na relação de materiais que fundamenta a leitura estratigráfica dos distintos espaços intervencionados[807] é apenas mencionado um exemplar desta forma do tipo B, proveniente da área das termas, enquadrado na segunda remodelação com cronologia *post* 334 / 336 (corte n.º 5 - Esgoto das termas) (DIAS 1997, 60). Conhecemos um outro prato de perfil completo proveniente do castro de Guifões, Matosinhos, tipo Hayes 59 B, mas que não possui enquadramento estratigráfico (ALMEIDA 1974, 51, grav. 2). Encontram-se ainda publicados dois exemplares deste fabrico de boa qualidade formal na necrópole de

[806] O protótipo que serviu de inspiração para a produção desta imitação morfologicamente caracteriza-se por possuir base plana, parede curva e bordo amplo que forma uma aba horizontal ou ligeiramente erguida. O lábio é arredondado. O fundo é frequentemente decorado com motivos estampados organizados no interior de círculos. Distinguem-se dois tipos. O primeiro, E1 A com caneluras verticais no exterior da parede realizados durante a modelação da peça que provocam ressaltos no interior. O segundo, E1 B, de parede lisa. A cronologia proposta para o tipo A situa-se entre 320-380/400 e para o tipo B entre 320-420 (HAYES 1972, 100).
A sua representação no noroeste peninsular é relativamente escassa. Encontra-se documentada em Alvarelhos, n.º 19, 20 e 21 na Fase IV-V, coincidindo com a cronologia proposta para a forma tipo Hayes 59. Os paralelos conhecidos são referenciados em Conímbriga (DELGADO 1975, pl. LXXXV/VI, n.º 46-49), com variações na aba e bordo, como aliás acontece na sigillata africana. Em Braga, os exemplares publicados, não constituem imitações fiéis, mas sim exemplares inspirados nas peças originais. Mais próximo de nós, provenientes da necrópole da Boavista, Paços de Ferreira, são conhecidos dois pratos, um dos quais decorado com palmetas e círculos concêntricos do estilo decorativo A (iii) de Hayes, cujos protótipos tem como cronologia balizada entre 410 e 470 (SILVA 1986 b, 124, est. XXX, n.º 3).
[807] Fórum, Termas, Áreas habitacionais e Necrópole.

Cepelos, Amarante (PORTELA 1998, 31, 58, est. VII, n.º 1-2), e na necrópole da Lomba, Amarante (PORTELA 1998, 31, 94 est. XXXIV, n.º 6).

Prateira de parede oblíqua e bordo vertical pontiagudo (22)

A prateira n.º 22 (vol. II, est. CLX, n.º 22) apresenta um corpo tronco-cónico invertido com parede plana muito esvasada. O bordo é vertical, levemente espessado com lábio de perfil amendoado levemente pontiagudo. O fundo é discóidal de assentamento pleno. A pasta pertence ao grupo D e apresenta um acabamento de qualidade mediana. É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Golfinho*. Morfologicamente, filia-se no tipo de pratos que identificamos na tipologia das necrópoles de entre Leça e Ave com a forma 1 (Grupo IV – *Pratos*, forma 1), salvaguardando as diferenças de dimensão que o presente exemplar apresenta que permite classificá-lo como prateira. Considerando algumas diferenças morfológicas tais como o pé anelar, característico do protótipo, assim como o lábio pontiagudo que identifica a forma, poder-se-á considerá-lo como um modelo aparentado à forma Hayes 50 da terra sigillata africana, que encontra grande expressão regional na produção identificada como *cerâmica comum de engobe não vitrificável,* dos quais se identificam dois exemplares na região em estudo, provenientes das necrópoles das Bicas, Maia (vol. I, est. XXXIII, n.º 5) e na necrópole da Devesa, Santo Tirso (vol. I, est. XXVI, n.º 3), sendo também comum a sua presença em Alvarelhos onde se registam quatro exemplares, n.º 14, 15, 16 e 18 (vol. II, est. CXLI, n.º 14-15), sendo as prateiras n.º 15, 16 e 18 de menores dimensões, assemelhando-se à forma Hayes 50 B, variante tardia (HAYES 1972, 71-73, n.º 61), cuja cronologia sugerida é balizada entre 350 - 400.
O prato tipo Hayes 50 (HAYES 1972, 69-73, fig. 12), a partir da qual se desenvolvem as imitações em *cerâmica de engobe vermelho não vitrificável*, divide-se em dois grupos A e B. As produções tipo A surgem em 230/240 e as do grupo B a partir de 350.
Os pratos de inspiração da forma tipo Hayes 50 A e B na produção referida são particularmente frequentes[808]. Os contextos crono-estratigráficos a que está associada a forma reflectem um amplo período de produção que compreende a fase final do séc. III e, fundamentalmente, o séc. IV e início do séc. IV

Bilhas (*Ampullae*) (23, 25-26)

As bilhas constituem uma das formas de maior diversidade morfológica, facilmente reconhecíveis na bibliografia, não existindo no entanto uma tipologia para o noroeste português que permita valorizar as variantes tipológicas e respectivas cronologias. A sua função consistia em conter e servir líquidos, podendo também associar-se à função de armazenamento em pequena escala.
Constituem formas fechadas, com reservatório oval, esférico ou cilíndrico, colo tubular com carena marcada e bocal circular. As asas em fita desenvolvem-se a partir da parte superior do bojo para se unirem ao anel do bordo. O fundo é discóidal, plano e horizontal. Os motivos decorativos, quando existentes, formam composições geométricas repetitivas, geralmente pintadas em ocre ou branco.
Para a proposta tipológica dos materiais provenientes das necrópoles de entre Leça e Ave, que representam exclusivamente formas tardo-romanas, identificamos sete tipos em função dos seus rasgos morfológicos - Forma 1 - Bilha de perfil em S; Forma 1a - Bilha de perfil em S; Forma 2 - Bilhas de bojo oval, gargalo moldurado; Forma 3 – Bilha de gargalo alto; Forma 4 - Bilha de corpo esférico; Forma 5 - Bilha de perfil em S e ombros altos; Forma 6 - Bilha de perfil sinuoso de corpo carenado.

[808] Parece constituir uma forma com alguma expressão numérica em finais do século IV. Refira-se apenas, a título exemplificativo da sua difusão supra regional os paralelos provenientes de Lugo (IRASTORZA 2001, 344-345, tipo EP1, n.º 2).

Fase IV (23, 25-26)

O nosso exemplar n.º 23 (vol. II, est. CLX, n.º 23), proveniente do Ap. I da *Domus da Colher de Prata* (Fase IV) é constituído apenas pelo bordo e arranque do colo. O bordo, voltado para o exterior, possui lábio de arestas levemente espessado. O colo divergente apresenta uma carena de perfil anguloso vincada no exterior. O fabrico integra o grupo A2-70 M e o acabamento exterior da peça revela um polimento rudimentar notando-se à superfície alguns grãos de quartzo, que constituem o elemento não-plástico principal. As reduzidas dimensões do fragmento e o facto de não conhecermos o seu perfil, dificulta a sua classificação, contudo, o recorte do bordo e respectiva carena aproxima-o à forma 1, 1a, 2, 3 e 6 dos tipos identificados nas necrópoles da região maiata, assim como à forma 2-a definida para as necrópoles do Alto Alentejo, nomeadamente de um exemplar proveniente da necrópole de Santo André, Montargil (NOLEN 1985, 44, est. IX, n.º 63), cuja datação se enquadrar no séc. II.

A bilha n.º 25 (vol. II, est. CLXI, n.º 25) encontra-se fragmentada na face superior não sendo perceptível o desenvolvimento do bordo. Pelo perfil do bojo e desenvolvimento da base é possível integrá-la na forma 1-J, da tipologia de Jannette Nolen (NOLEN 1985, 41, fig. 3, n.º 27, 32, 39). Neste sentido pode-se também referenciá-la na forma 2 de Braga que corresponde a uma bilha de "*Gargalo alto e bojo ovóide*", sem que, no entanto, a possamos inscrever em qualquer um dos subtipos, uma vez que as distinções se fazem a partir do comportamento do gargalo (MARTINS; DELGADO 1989-90, 164). O nosso exemplar possui um bojo ovóide baixo e fundo discóidal, ligeiramente côncavo, com espessamento para o interior. O colo é estreito e abrupto. A asa de fita possui uma secção plano-convexa, assimétrica, e liga-se no terço superior do bojo. As estrias interiores são abundantes e revelam um espaçamento e espessuras irregulares, características de um torneamento rápido. A pasta cerâmica enquadra o fabrico do grupo A1-70, cujo acabamento é mediano com um polimento uniforme e integral da peça.

A bilha n.º 26 (vol. II, est. CLXI, n.º 26) encontra-se também fragmentada ao nível do colo não sendo possível perceber o comportamento do gargalo e respectivo bordo. Possui bojo de perfil esférico com colo divergente. O fundo é discóidal configurando um falso pé. O arranque da asa em fita de secção rectangular com arestas arredondadas faz-se ao nível do início do bojo. A decoração é composta por duas caneluras que demarcam a ligação da asa. A pasta enquadra o fabrico do grupo A1-75 L. Possui um acabamento mediano elaborado por polimento. Ambos os exemplares enquadram a Fase IV-V, sendo o primeiro proveniente do Ap. III da *Domus da Lucerna do Cavalo* e o segundo do Ap. I da *Domus da Colher de Prata*.

Jarros (*Oinochoai*) (24)

Constituem uma forma particularmente comum denotando uma significativa variabilidade ao nível do perfil do bojo, no estrangulamento dos lóbulos do bocal e no fundo. A sua cronologia no noroeste acompanha toda a época imperial encontrando-se muito bem documentada Entre-Douro-e-Minho[809].
A sua morfologia indica uma função associada à manipulação, transporte e conservação de líquidos. Integraria o serviço de mesa com a função de servir líquidos para recipientes menores, podendo relacionar-se a sua forma ao consumo de água e vinho, dando assim propriedade ao termo *oinochoai*. Na nossa proposta tipológica para as cerâmicas comuns provenientes das necrópoles de entre Leça e Ave enquadra o tipo *Jarros trilobados* - Forma 3a (vol. I, est. XXVIII, *Jarros trilobados* - Forma 3a), cujo morfotipo se caracteriza por possuir um colo alto de desenvolvimento vertical, bordo trilobado, assimétrico, com lábio arredondado de

[809] Na tipologia de Mercedes Vegas apresenta uma datação balizada entre o início do séc. I até ao Baixo-império (VEGAS 1973, 109, fig. 39).

espessura irregular. Asa de fita de secção plana de desenvolvimento vertical com desenvolvimento do bojo ao bordo, ligeiramente soerguida em relação ao bocal. Na junção da asa ao bordo apresenta uma dedeira de desenho irregular. Fundo plano, discóidal, de assentamento pleno e espessamento progressivo para o centro. As suas dimensões médias rondam os 160 mm de altura, o diâmetro da base 65 mm e o diâmetro do bojo 135 mm. Identificam-se dois exemplares provenientes da necrópole da Forca, Gemunde, Maia, n.º 36, 38, sendo a sua representação percentual de 1,5%.

O nosso exemplar n.º 24 (vol. II, est. CLX, n.º 24) é proveniente do Ap. II da *Domus da Lucerna do Golfinho*, na Fase IV-V. Está identificado apenas por um fragmento de bordo. Apresenta bordo trilobado com o bico vertedouro fechado e lábio arredondado virado para o exterior. Colo divergente e asa de fita assimétrica com ligação directa ao bordo que é ligeiramente soerguido em relação ao plano superior. Dedeira de recorte irregular sobre a asa que se apresenta ligeiramente soerguida e sobreposta ao bordo.

O fabrico integra o grupo A2-47 L, com acabamento de qualidade mediana composto por polimento e aguada fina e pouco aderida. Trata-se de uma produção de fabrico local ou regional com paralelos na área de estudo no mesmo horizonte cronológico, nomeadamente da necrópole da Forca, Gemunde, Maia (vol. I, est. XXI, n.º 40-44), da necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa (vol. I, est. XXIV, n.º 36-41), sendo também frequente na região de entre Douro e Ave. Paralelos para o nosso exemplar podem ser encontrados nos materiais das necrópoles de entre Sousa e Tâmega (SOEIRO 1984), na necrópole de Bagunte, Vila do Conde (SEVERO 1908b), na necrópole de Monte Penouço, Rio Tinto (SEVERO 1908a). Num âmbito mais alargado, uma vez que a forma conheceu uma ampla dispersão geográfica, registando significativas variantes, refira-se, a titulo de exemplo, os paralelos provenientes de *Aquis Querquennis*, Bande, Ourense, identificada como Tipo 29 (IRASTORZA 2006, 301-303), em *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses, identificada no fabrico do Grupo 12[810], com cronologia de final do séc. III-IV (DIAS 1997, 253-254), e de Conímbriga com cronologia relativa ao séc. II e III (ALARCÃO 1975, est. XXV, 505).

Para cozinhar a comida
Panelas, caçarolas e tachos e respectivos testos (45-49)

Panelas de duas asas (*Ollae*) (45-49)

O conjunto de formas que incluímos nesta rubrica podem definir-se como sendo peças de desenvolvimento vertical, ou seja, em que a altura é maior que o diâmetro ao nível do bordo. Possuem duas asas simétricas, que arrancam do bordo para se unirem à parte superior do bojo, com ombro pouco marcado na junção do colo que é baixo e estreito. Distinguimos dois grupos em função do comportamento do bordo, tendo o primeiro grupo dois tipos. O primeiro, desenvolve um perfil elíptico e bordo contracurvado. As asas verticais têm secção rectangular. O tipo 1 possui bordo espessado e recto que desenvolve um lábio apontado para o interior. O tipo 2 possui um bordo arredondado e facetado para o interior.

O segundo grupo desenvolve um perfil esférico com bordo levemente espessado e lábio recto na horizontal. As asas são horizontais de secção circular.

As variações de perfil e dimensão estão em função da sua função. Serviriam, fundamentalmente, para cozinhar sopas e cozer alimentos diversos embora pudessem também servir para armazenar alimentos e restos de refeições. Todos os exemplares se enquadram na Fase III.

[810] (…) Grupo 12 – pasta pouco calibrada, de aspecto gresoso, núcleo cinzento - N71 ou vermelho - R19 e superfícies castanho-escuro / vermelho-pálido - R30 (…). (DIAS 1997, 253). Pela qualidade do fabrico constitui seguramente uma produção local, mas que se aproxima do fabrico de Alvarelhos.

Fase III (45-46)

Panelas de perfil elíptico e bordo contracurvado. Asas verticais de secção rectangular (45-46)

As panelas de duas asas do primeiro grupo - tipo 1 encontram-se representadas pelas peças n.º 45 e 46 (vol. II, est. CLXVII, n.º 45-46).

O primeiro, n.º 45 (vol. II, est. CLXVII, n.º 45), possui o bordo horizontal, reentrante, com lábio marcado para o interior. A asa em fita apresenta uma secção rectangular com ligeira depressão para o interior e liga-se directamente ao bordo. A orientação da parede indicia um bojo ovóide com reservatório baixo, e, provavelmente, estaria assente num fundo discóidal de assentamento pleno. O início do bordo é formado por um estrangulamento acentuado que origina um perfil contracurvado, sobre o qual se desenvolve a implantação da asa. O bordo é projectado para o exterior num ângulo de 45º, sendo rematado por um lábio de recorte rectangular de orientação vertical.

A pasta cerâmica pertence ao grupo B-47 L e o acabamento da superfície exterior foi produzido através de espatulamento sem polimento. São visíveis grãos de quartzo à superfície e pequenos sulcos do arrastamento das partículas de maior dimensão durante o processo de alisamento. A superfície revela zonas de tonalidade cinzenta provocadas pela acção do fogo. É proveniente do Ap. II da *Domus da Lucerna do Golfinho* da ocupação da Fase III.

A peça n.º 46 (vol. II, est. CLXVII, n.º 46) revela as mesmas características morfológicas que a peça anterior. Apresenta uma decoração composta por estrias organizadas em duas bandas ao nível do gargalo e do bojo. A pasta cerâmica pertence ao grupo C-70 M e o acabamento é idêntico ao anterior. É também proveniente do Ap. II da *Domus da Lucerna do Golfinho*, Fase III.

Este tipo de panelas, cuja função se define como recipiente de cozinha, suficientemente atestado pelos vestígios de fuligem de todos os exemplares recolhidos conservam, poderia ter simultaneamente a função de armazenagem. Constituem uma forma muito vulgarizada e de larga duração cronológica ocupando todo o período imperial, onde regista inúmeras pequenas variações morfológicas, fruto de produções rústicas, rotineiras, sem expressão tipológica nem cronológica. Na tipologia das cerâmicas comuns de Lugo inscreve-se no Tipo O4, a qual, genericamente, corresponde uma datação que abarca toda a segunda fase (IRASTORZA 2001, 201-202, fig. 84). Provenientes de Conímbriga identificam-se vários exemplares alto-imperiais produzidas em cerâmica calcítica (ALARCÃO 1974a, 82, pl. XXVIII, n.º 392) e também exemplares tardo-romanos (ALARCÃO 1974a, 122, pl. XLVI, n.º 870).

Panelas de perfil elíptico e bordo contracurvado. Asas verticais de secção rectangular (45-46)

As panelas de duas asas do primeiro grupo - tipo 2 estão representadas pelas peças n.º 48 e 49 (vol. II, est. CLXVII, n.º 45).

A panela n.º 48 (vol. II, est. CLXVIII, n.º 48) encontra-se identificada por um fragmento de bordo e parede. Apresenta um bocal largo e duas asas de perfil irregular e secção rectangular com os extremos espessados. O bordo é oblíquo com lábio arredondado, virado para o exterior, e face interna plana vincada por uma carena. No exterior apresenta um ressaltado provocado por uma pequena canelura. O gargalo é disfarçado e pouco vincado, assim como o desenvolvimento do bojo que também é pouco marcado.

A pasta cerâmica enquadra o grupo B. Apresenta um tratamento exterior pouco cuidado onde conserva inúmeros vestígios de fogo que alteraram a tonalidade da cor da pasta à superfície. É proveniente da Fase III da *Domus da Lucerna do Golfinho*.

A panela n.º 49 (vol. II, est. CLXVIII, n.º 49), igualmente proveniente da Fase III da *Domus da Lucerna do Golfinho*, morfologicamente é idêntica à anterior. O bordo oblíquo com face plana para o interior é marcado

por uma carena interna e arredondada para o exterior. O gargalo é vincado e marcado ao nível intermédio das asas, ao contrário do anterior que se desenvolve no terço superior. As asas apresentam secção rectangular com depressão central no sentido longitudinal. A pasta integra o mesmo grupo e a superfície externa revela as mesmas características que a panela anterior.

Panelas de perfil esférico com bordo espessado e lábio recto. Asas horizontais de secção circular (47)

O segundo grupo está representado pela panela n.º 47 (vol. II, est. CLXVII, n.º 47), que é constituída por um fragmento de bordo e arranque da parede. Apresenta um bocal estreito com duas asas de secção circular. O bordo é plano e reentrante rematado por um lábio espessado de perfil triangular com face superior plana. As asas são paralelas ao bordo e apresentam uma secção circular. A orientação desenvolvida pela parede do bojo indicia um perfil esférico ou ovóide assente num fundo discóidal de assentamento pleno. A configuração do lábio sugere a existência de uma tampa. A decoração é composta por estrias horizontais organizadas em duas bandas dispostas entre o bordo e as asas e na parte superior do bojo. A pasta cerâmica pertence ao grupo C. A superfície externa revela um acabamento pouco cuidado. É também proveniente da Fase III da *Domus da Lucerna do Golfinho*.

Para preparação de alimentos
Almofarizes (mortaria) (27, 28, 29)

Os almofarizes são recipientes de características morfológicas muito específicas, bem adaptadas à função a que se destinavam. Utilizados essencialmente para triturar alimentos e condimentos na preparação de molhos, eram também utilizados na preparação da massa do pão, elaboração de queijo[811], assim como para triturar cereais (LLORIS 1990, 215; VAQUERO 1998, 1165; AGUAROD 1992, 249). É ainda admissível a sua utilização na preparação de medicamentos, pigmentos e perfumes, ainda que nestes casos apresentem diferenças morfológicas substanciais, designadamente de tamanho. Considera-se ainda a sua utilização em certas actividades artesanais, como, por exemplo, na produção de vidro, onde eram empregues para triturar o vidro a reciclar, de que se conhecem vários exemplares recolhidos em *Bracara Augusta* (CRUZ 2001, 33-35, fig. 14 MORAIS 2005, 94)[812].

As características gerais dos recipientes fabricados em cerâmica podem resumir-se ao seu perfil tronco-cónico, rematado por um bordo em forma de aba, mais ou menos invertida, com um bico para verter os preparados líquidos ou semilíquidos. As paredes mais ou menos arqueadas rematam num fundo largo e plano que atribui estabilidade à peça durante o processo de trituração. A superfície interior normalmente é áspera e abrasiva estando coberta, total ou parcialmente, por uma fina camada de grãos de pedra ou por um conjunto de estrias paralelas feitas após a primeira secagem da peça. Em alguns casos são lisos, embora a acção de trituração lhes atribua também uma textura áspera, ideal para os propósitos a que se destinavam.

São peças feitas a torno, de desenvolvimento horizontal. Ainda que os seus rasgos morfológicos se encontrem bastante tipificados importa mencionar que existem variações significativas ao nível do bordo,

811 A sugestão de que os almofarizes com vertedouro serviam também para fazer queijo é proposta por vários autores, nomeadamente por Hilgers (HILGERS1969, 68-69), ainda que amplamente questionada por Jannette Nolen (NOLEN 1994, 136), que questiona a função das estrias no processo, apesar de existem variadíssimos almofarizes sem estrias ou qualquer outro tipo de tratamento especifico da superfície interna de forma a criar uma rugosidade com efeito abrasivo.

812 Foram detectados na zona do Fujacal, Braga, dois exemplares, com vidrado verde aderido, em cerca de dois terços da superfície interna (CRUZ 2001, 34-35, fig. 14).

aba e vertedouro, que permitem estabelecer uma tipologia com significado cronológico[813]. Outro elemento importante para o seu estudo e classificação cronológica são as marcas de ceramista que alguns conservam na aba, junto ao vertedouro. O estudo destas marcas indica que se tratam de produções secundárias das oficinas de produção de materiais de construção, nomeadamente de tégulas, tijolos e materiais construtivos afins, assim como de produção de ânforas (BALIL 1982, 199).

Identificam-se apenas três exemplares[814], dos quais, dois conservam o perfil completo. Os primeiros, n.º 27, 28 (vol. II, est. CLXII, n.º 27-28), são provenientes da Fase IV-V e o n.º 29 (vol. II, est. CLXII, n.º 29), é proveniente da Fase III.

Fase III (29)

O almofariz n.º 29 (vol. II, est. CLXII, n.º 29) pertence a forma Dramont 2, cuja cronologia aponta para meados do séc. I (40-50) para o início da sua fabricação, prolongando-se a sua produção durante a época Flávia até ao reinado de Trajano (HARTLEY 1973, 57). As produções italianas foram elaboradas essencialmente nas oficinas do Tibre e Câmpania (LLORIS 1990, 215).
O nosso exemplar é uma produção local ou regional, de boa qualidade, que imita a forma italiana Dramont 2 (D2), cujo tipo conheceu uma importante difusão (JONQUERAY 1972, 22-29).
Possui um perfil tronco-cónico invertido com paredes arqueadas e reentrantes. O bordo, em forma de aba ligeiramente descaída, com dorso dotado de um pequeno lábio arredondado, possui um friso rebaixado na aba de perfil em U para assentamento da tampa. O vertedouro apresenta uma planta trapezoidal, simétrica, com paredes verticais ligeiramente soerguidas em relação à aba. O fundo é plano e espesso de assentamento pleno. A pasta integra o grupo E-45 M. A superfície interna é coberta por grãos de quartzo e revela vestígios de utilização. A superfície encontra-se revestida por um engobe de tonalidade amarelada muito aderida. É proveniente da Fase III do Ap. II da *Domus da Lucerna do Golfinho*, pelo que o seu enquadramento crono-estratigráfico está de acordo as cronologias estabelecidas.
Dos inúmeros paralelos publicados merecem referência os exemplares recolhidos em Conímbriga (ALARCÃO 1975, 82, est. XVII, n.º 390; 95, est. XXV, n.º 538), ambos integrados no grupo das cerâmicas alto-imperiais[815], o primeiro inserido no grupo da cerâmica calcítica, e o segundo, no grupo da cerâmica alaranjada fina. Os exemplares identificados em regiões mais distantes são provenientes do acampamento de Cidadela, Corunha (GALAN 1997, 287-288, fig. 5, n.º 7), de Sasamón, Burgos (ABÁSOLO; GARCÍA 1993, 125, fig. 64, n.º 12 - 13; 136, fig. 69, n.º 1), de Arcóbriga, Saragoça (SÁNCHEZ 1992, 249, fig. 8.2.5). Entre Douro e Ave identificam-se em de Monte Mozinho, Penafiel, sete pertencentes ao Sector A (SOEIRO 1984, 140, est. LXIV, 2-8), e dois pertencentes ao Sector C (SOEIRO 1984, 232, est. CXVIII, 2-3).

[813] Beltrán Lloris, em função da variação destes elementos, individualiza 12 tipos – Almofarizes com decoração dedos; Almofarizes de lábio vertical; Almofarizes de lábio horizontal; Almofarizes de lábio de secção triangular; Tipo Dramont 2; Almofarizes de bico vertedouro pouco saliente; Almofarizes de lábio pendente; Tipo Sanrot 203; Tipo Sanrot 204-207; Variante com viseira; Formas locais (BELTRÀN 1990, 215-216).
[814] Este número relativamente baixo contrasta fortemente com quantitativos identificados em acampamentos militares onde são particularmente frequentes, uma vez que faziam parte das acomodações do soldado, ou mesmo nas cidades onde estão presentes em maior número indivíduos educados na cultura romana e que mantém os seus hábitos culinários (VEGAS 1973, 32-33; BELTRÁN 1990, 215).
[815] A categoria de alto-imperial é definida pelo autor como o período a que correspondem os estratos de época de Augusto, Cláudio, Flávios ou Trajano por oposição à categoria tardo-romana que compreende as camadas atribuíveis aos finais do séc. III e sobretudo ao séc. IV (ALARCÃO 1974, 21).

Fase IV (27, 28)

O almofariz n.º 27 (vol. II, est. CLXII, n.º 27) é uma produção local ou regional em cerâmica comum com acabamento cuidado. A forma inspira-se no tipo Santrot 204-207 (LLORIS 1990, 216), Vegas 7d (VEGAS 1973, 32, n.º 970), datada do séc. III e IV, cujo protótipo é de origem Norte-africana.
Morfologicamente caracteriza-se pelo seu perfil tronco-cónico com paredes finas e ligeiramente arqueadas. O bordo é largo em forma de aba com lábio arredondado, em viseira, ligeiramente soerguido e reentrante. O vertedouro é também elevado e apresenta uma planta trapezoidal, simétrica, com paredes verticais ligeiramente erguidas em relação à aba. O fundo é espesso e plano com adelgaçamento na parte central. A decoração da aba é composta por um meandro inciso elaborado após a primeira secagem da peça.
A pasta cerâmica pertence ao grupo C-47 R. A superfície exterior é polida e a interior não revela qualquer tipo de grãos de quartzo ou de estrias. É proveniente da Fase IV-V do Ap. III da *Domus da Lucerna do Cavalo*.
São escassos os paralelos para este tipo tardio de almofarizes, no entanto, identificam-se alguns muito semelhantes que pertencem certamente à mesma forma, provenientes de S. Cucufate, Vidigueira (ALARCÃO; ÉTIENNE; MAYET 1990, 39, est. XXV, n.º 299; 43, est. XXVIII, n.º 365), dois outros provenientes de Conímbriga, integrados no conjunto de cerâmicas tardo-romanas, que, para além das semelhanças morfológicas, apresentam o mesmo tipo de decoração (linha ondeada na face superior da aba) (ALARCÃO 1975, 110, n.º 680; 131, est. LIII, n.º 931) e, por último, um exemplar proveniente de Monte Mozinho, Penafiel, procedente das antigas intervenções que apresenta a curiosidade do bico se prolongar excessivamente para além da aba (SOEIRO 1984, 265, fig. CXXXV, n.º 1). Em Braga, identifica-se também um exemplar morfologicamente idêntico ao nosso, incluindo o motivos decorativo inscritos na aba, cujos vestígios de pasta vítrea aderia no seu interior o relaciona com a fabricação de objectos de vidro onde seria utilizado na reciclagem de desperdícios da actividade vidreira (CRUZ 2001, 33-35, fig. 14; MORAIS 2005, 94, est. XXVIII, n.º 3).

O fragmento de bico de almofariz que representa a peça n.º 28 (vol. II, est. CLXII, n.º 28), pertence ao mesmo grupo que o anterior, pese embora não possamos refazer o seu perfil.
Apresenta a particularidade do bico se desenvolver em duas linhas paralelas e não apresentar a planta trapezoidal como nos anteriores. As suas paredes laterais são verticais e assimétricas moldadas de forma pouco cuidada. O arranque do bordo é em forma de aba horizontal. A pasta tipo grupo C-57 L. Apresenta um tratamento superficial feito por alisamento e aplicação de uma aguada de cor bege-amarelada pouco espessa. É proveniente da Fase IV-V do Ap. X do *Complexo Artesanal*[816].

Para armazenamento
Talhas, potes, baldes e cântaros

Talhas *(Dolia)* (30-42a)

Neste apartado, sobre a denominação de *dolia*, apresentamos um conjunto de recipientes de diferentes dimensões, cuja função seria a de armazenamento de produtos alimentares que poderiam ser de natureza muito variada, como, por exemplo, água, vinho (*dolium vinarium*), azeite (*dolium olearium*), fruta, cereais (*dolium frumentaria*), alimentos em salmoura (*muria*), farinha, etc.[817].

[816] Refira-se que neste aposento, integrado nesta fase, identificou-se no cunhal sudoeste um forno sendo provável que a utilização do almofariz se relacionasse com o trabalho da panificação.
[817] Refira-se ainda a sua utilização como local para a criação lirões (roedor de cerca de 30 cm de cumprimento, cuja carne era considerado pelos romanos como uma iguaria) (HILGERS 1969, 174).

Pese embora desempenhem uma função semelhante constituem um grupo de recipientes que revelam importantes variações morfológicas ao nível da dimensão, perfis e constituição dos bordos[818].
A sua distribuição, em diversas dependências específicas das *domus* intervencionadas, aqui consideradas para efeitos de avaliação do estudo de materiais, permite definir com clareza um conjunto de dependências com fins específicos de armazenagem e/ou cozinha, como sucede, por exemplo, no Ap. I da *Domus da Colher de Prata* na Fase IV-V, onde foram recolhidos vários dos exemplares aqui apresentados.
As talhas encontram-se representadas por 16 exemplares – n.º 30-42a –, que subdividimos em três categorias em função da sua dimensão – 1. Talhas de grande dimensão; 2. Talhas de média dimensão; 3. Talhas de pequena dimensão

Talhas de grande dimensão (30-34)

Fase III (31-33)

A talha n.º 31 (vol. II, est. CLXIII, n.º 31) é identificada apenas por um fragmento de bordo e arranque de parede. Desenvolve um corpo de perfil elíptico com bordo projectado para o exterior de perfil anguloso e lábio engrossado. O bordo forma duas faces planas divergentes originando uma carena interna imediatamente abaixo do lábio. No exterior forma uma aba rebaixada com os cantos arredondados. Na separação do arranque da parede com o bordo desenvolve uma carena interna pronunciada e de perfil anguloso. Os 608 mm que formam o diâmetro do bordo permitem configurar uma talha de grandes dimensões. A pasta pertence ao grupo C. Revela um acabamento da superfície exterior muito cuidado com um polimento mediano, onde são visíveis os elementos não-plásticos à superfície formados essencialmente por quartzos de calibre e distribuição uniforme. É revestido por uma aguada de tom creme-alaranjada, espessa e muito aderente. Na parte superior da parede conserva um grafito que se conserva integro[819]. É proveniente da Fase III da *Domus do Grafito*. O desenho do perfil do bordo representa uma forma única em Alvarelhos e pouco representada na área do noroeste Peninsular. Apenas identificamos um perfil afim, em cerâmica calcítica, proveniente de Conímbriga, cujos rasgos morfológicos se aproxima do nosso exemplar, apesar de apresentar um bordo mais curto e menos oblíquo, assim como um diâmetro (380 mm) substancialmente inferior (ALARCÃO 1974a, 85, est. XXI, n.º 439).

O exemplar n.º 32 (vol. II, est. CLXIII, n.º 32) é constituído por um fragmento de bordo e arranque de parede. A talha desenvolve um corpo de perfil ovóide, rematado por bordo vertical com lábio espessado de secção quadrangular. A face superior é plana com leve repuxamento interno. É decorado na sua face externa, ao nível do ombro, por uma ligeira canelura de perfil triangular. O gargalo é vertical, levemente voltado para o exterior, desenvolvendo um perfil côncavo, decorado por uma onda grafitada. A pasta pertence ao grupo C, e o seu acabamento, efectuado por espatulamento e alisamento, é relativamente homogéneo, mas de fraca qualidade. É proveniente da Fase IV-V do Ap. II da *Domus da Lucerna do Cavalo*.
Pertence ao conjunto de talhas de bordo vertical não constituindo uma variante comum, em contraposição aos exemplares que apresentam a aba virada para o exterior e ligeiramente descaída. O exemplar morfologicamente mais próximo identifica-se em Conímbriga integrada no grupo das cerâmicas de Pombal, Barracão (ALARCÃO 1974a, 73, est. XV, n.º 315), revelando também uma cronologia afim.

[818] O perfil e a dimensão das talhas não constituem elementos suficientes para distinguir o tipo de produtos a que se destinavam a armazenar, sendo pouco provável que este tipo de recipiente tivesse um uso exclusivo, podendo ao largo da sua existência ter albergado diferentes tipos de produtos.
[819] cf. 5.6. Estratigrafia, cronologia e materiais - *Cerâmica comum*, n.º 87.

A talha n.º 33 (vol. II, est. CLXIII, n.º 33) é formada apenas por um fragmento de bordo e arranque de parede. O reservatório desenvolve um perfil elíptico. O bordo apresenta um lábio oblíquo, ligeiramente espessado e facetado no interior onde desenvolve uma carena vincada. A face externa apresenta uma aba arredondada. A pasta cerâmica pertence ao grupo E, apresentando um tratamento da superfície exterior pouco cuidada, com textura rugosa e abundantes elementos não-plásticos à superfície.
É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*. Constitui uma das formas de maior representação nos recipientes de armazenagem alto-imperiais. As inúmeras variantes apresentam pormenores distintos ao nível do bordo, lábio e orientação da parede. Os paralelos publicados são provenientes de Conímbriga, nomeadamente os exemplares n.º 430 e 439 (ALARCÃO 1974a, 84-85, est. XXI, n.º 430, 439).

Fase IV-V (30)

A talha n.º 30 (vol. II, est. CLXII, n.º 30) corresponde a um tipo de *dolium* de corpo ovóide ou periforme de fundo plano e bordo convergente de plano horizontal, destinado ao armazenamento de líquidos ou sólidos que, em muitos casos, estariam semienterrados (VEGAS 1973, 118)[820].
O nosso exemplar é composto por um conjunto de fragmentos que formam o bordo, ombro e arranque de parede. Desenvolve um perfil ovóide rematado por um bordo horizontal, em forma de aba, ligeiramente espessado e reentrante que apresenta na face interior um rebaixamento que forma a base para assentamento da tampa. Possui uma marca de *oficina* impressa no ombro precedida por um grafito em forma de V invertido[821]. A pasta integra o Grupo D e apresenta um acabamento da superfície exterior muito polido, sem elementos não-plásticos visíveis à superfície, apesar de se encontrar em elevado estado de degradação. Não conserva os fragmentos da parede que permitiriam averiguar da existência ou não de asas, frequentes neste tipo, identificadas em exemplares de diferentes proveniências, morfologicamente semelhantes, que revelam duas asas de desenvolvimento vertical aplicadas ao nível do ombro.
Tipologicamente integra o tipo 49-6 de Vegas (VEGAS 1973, 117-118, fig. 42),[822] com correspondência ao tipo O11 de Irastorza dos materiais provenientes de Lugo, na variante C (IRASTORZA 1994, 219, fig. 92, n.º 8)[823]. O nosso exemplar é proveniente da Fase IV-V da *Domus da Colher de Prata* e constitui uma forma particularmente bem representada em estratos tardo-romanos na região. De Conímbriga registam-se formas aparentadas (ALARCÃO 1974a, 124, est. L, n.º 898, est. LII, n.º 928), apesar dos seus 160 mm de diâmetro do bordo em oposição aos 324 mm do nosso exemplar, no entanto, salvaguarda o autor, que outros exemplares semelhantes, não apresentados, possuem diâmetros entre 208 e 420 mm. Mais próximo de nós, apenas em Braga se encontra documentado (GASPAR 1985, est. XX, n.º 12).
No sul de Portugal encontra-se especialmente bem representada, cujos paralelos evidenciam não só a longa duração da forma, como a sua ampla dispersão geográfica. Assinalem-se também os paralelos provenientes de S. Cucufate, Vidigueira, no que corresponde à III *villa*, cuja cronologia é coetânea com a nossa Fase IV-V, onde são apresentados 104 exemplares nas suas diferentes variantes (ALARCÃO; ÉTIENNE;

[820] Apesar de bem representado em Alvarelhos, e das condições de enterramento dos estratos a que se reporta permitirem a legibilidade integral dos espaços e a identificação da disposição da maior parte deste grandes contentores, este tipo de recipiente não foi em caso algum detectado nestas condições de depósito.
[821] 6.1.9 *Cerâmica comum. Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico*, n.º 86.
[822] O *dolium* apresentado é proveniente de Tarragona, do estrato D, datado do princípio do séc. V.
[823] Embora o exemplar mencionado não proceda de um estrato arqueológico bem datado a sua associação a recipientes de terra sigillata hispânica tardia aponta um horizonte cronológico semelhante ao nosso (IRASTORZA 1994, 222).

MAYET 1990, 244-247, est. XCIX-CI, n.º 1-36)[824]. Um exemplar completo recolhido na Herdade da Machoqueira, Évora, apresenta as mesmas características morfológicas, datado com reservas no séc. IV-V (NOLEN 1985a, 105-109, est. 1-2). Outros paralelos podem ser apreciados em Cascais, provenientes da *villa* romana do Alto da Cidreira (ENCARNAÇÃO; CARDOSO; NOLEN 1982, 9-20), em Sines, proveniente e Sousela dos Chãos (SOARES 1987, fig. 3, n.º 42), em Grândola, com dois exemplares provenientes da estação romana do Cenado do Castelo (FERREIRA; FARIA 1991, 100, fig. 9-10) e, por último, um exemplar proveniente de Palmela (FERNANDES; CARVALHO 1996, 111, fig. 6).

Na região sul encontram-se ainda paralelos provenientes de Alcácer do Sal, de fabrico idêntico ao das ânforas do Sado, datadas da segunda metade do séc. I - início do séc. II (SILVA; SOARES; BEIRÃO; DIAS; SOARES 1980-81, 199, 201-203), de Arapouca, também em Alcácer do Sal, provenientes de fornos de produção de ânforas que teriam fabricado este tipo de peça (DIOGO; FARIA; FERREIRA 1987, 81-82, est. II) e, por último, em Abul II, Alcácer do Sal (DIOGO; FARIA 1990, 176, 182, fig. 49).

Constitui, portanto, uma forma particularmente difundida[825] de larga duração[826] sem grandes alterações ao morfotipo original, cuja produção parece vinculada directamente a oficinas de produção de ânforas e de materiais de construção, sendo frequentes os selos inscritos na face superior do bojo, junto ao bordo[827], como é o caso do nosso exemplar, cuja leitura poderá, eventualmente, identificar uma oficina da região de Braga.

O exemplar n.º 30a (vol. II, est. CLXIIa, n.º 30a) é composto por um conjunto de fragmentos que formam o seu perfil superior. Desenvolve um corpo de perfil elíptico com bordo vertical rematado por uma aba de forma prismática com lábio recortado, ligeiramente espessado. A face superior do bordo é plana e inclinada para o interior, formando uma base de assentamento para um testo. O remate da aba apresenta uma ligeira canelura de perfil arredondado. O gargalo é curto e vertical desenvolvendo uma secção de perfil triangular e um ângulo de 90º com o ombro que se apresenta pouco pronunciado. A parede conserva três caneluras paralelas entre si arredondado que formam uma decoração estilizada. A pasta pertence ao grupo B e o acabamento é semelhante ao exemplar n.º 31.

O diâmetro do bordo (320 mm), relativamente estreito, aliado ao perfil pouco projectado para o exterior da parede configuram um desenvolvimento alongado com fundo estreito.

É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Colher de Prata* e encontrava-se no Ap. I, identificado como cozinha, juntamente com as talhas, n.º 30, 34a, 42a, 42b.

Aparentemente a morfologia do bordo e do lábio parecem seguir as características desenvolvidas em talhas de época Flávia, como por exemplo, a talha n.º 31 (vol. II, est. CLXIII, n.º 31). Dos exemplares publicados na área meridional do convento bracaraugustano não encontramos qualquer exemplar semelhante.

[824] No estudo realizado sobre as cerâmicas comuns das *villae* de S. Cucufate, Vidigueira, identifica-se sobre a designação de *Talhas de Bordo Horizontal* (XIII-A-1), nas quais se distinguem três variantes em função de pequenas diferenças morfológicas que não reflectem uma evolução tipológica com expressão cronológica. O tipo que morfologicamente mais se aproxima ao nosso exemplar (Tipo XIII-A-1, especialmente 80.2469-2k), revela uma ampla cronologia para o qual são referidos inúmeros paralelos que colocam em evidência a larga amplitude geográfica e cronológica desta forma, cuja função, para além da de armazenagem de alimentos, é sugerida como sendo a de acondicionamento e eventual produção de vinho, reforçada pelo facto de 47,1% dos exemplares evidenciarem vestígios de terem sido pezgados, aspecto que constitui um excelente indicio, reforçado pelo facto da expressão de contentores vinários (ânforas) ser relativamente reduzido (PINTO 2003, 449).

[825] Para além dos paralelos portugueses, referira-se ainda a sua presença muito significativa no conjunto de materiais cerâmicos da região da Rioja, Espanha, onde se identifica de forma muito significativa (PASCUAL 2002, 133-134).

[826] Para além dos paralelos de referência citados para este tipo de talha, talvez o mais sugestivo para ilustrar a longevidade da forma seja a da oficina de olaria do Pinheiro, Alcácer do Sal, onde se identificam talhas com referências crono-estratigráficas relativas ao alto-império (MAYET; SILVA 1988, 84, 107), mas também de época tardo-romana, nomeadamente do séc. IV (MAYET; SILVA 1988, 189, 212, 236), e inicio do séc. V (MAYET; SILVA 1988, 195, 200, 256).

Por último, refira-se ainda a talha n.º 22 de Muge, também enquadrável nesta forma, com datação de referência o séc. I-II (CARDOSO; RODRIGUES 1996, 175, 178, fig. 3).

[827] Embora a sistematização deste tipo não se encontre concretizado existem alguns estudos de âmbito peninsular, como por exemplo, a recolha elaborada por Rosa Pascual sobre os selos inscritos sobre *Dolia* da região da Rioja (PASCUAL 2002, 153, fig. 52), e de Beltrán LLoris (LLORIS 1990, 261).

Corresponde à versão de maiores dimensões da talha de bojo ovóide identificada com o n.º 42a, com a qual apresenta claras afinidades ao nível do fabrico e de configuração do bordo e lábio, diferenciado apenas pela projecção do bojo que se apresenta ovóide, mais adequado à sua dimensão, ao invés da talha de menor dimensão de perfil globular.

A talha n.º 34 (vol II, est. CLXIII, n.º 30) integra o numeroso grupo das contentores tardo-romanos de bordo de desenvolvimento vertical. O bordo é ligeiramente encurvado com lábio arredondado e espesso, cujo recorte forma uma pequena aba inclinada para o exterior com os cantos arredondados. O gargalo é vertical e curto marcado por um friso de perfil triangular junto ao bordo. A parede é pouco esvasada denotando um perfil elíptico que, juntamente com os 736 mm de diâmetro do bordo, indiciam uma forma de desenvolvimento vertical, alta e pouco larga. A pasta cerâmica enquadra o grupo E. Apresenta um acabamento mediano composto por um polimento regular mas pouco cuidado.

É proveniente da Fase IV-V do Ap. X do *Complexo Artesanal*. Constitui uma forma relativamente comum, encontrando-se representada em vários assentamentos tardo-romanos.

A talha n.º 34a (vol. II, est. CLXIIIa, n.º 34a) constitui o único exemplar das *Talhas de grandes dimensões* que foi possível reconstruir na íntegra. Inclui-se a forma designada por *Talhas de corpo elíptico com gargalo alto e bordo espessado* que foram também produzidas na versão de pequenas dimensões, n.º 41, 41a e 42b (vol. II, est. CLXV, n.º 41; est. CLXVa, 41a; est. CLVI, n.º 42b). Apresenta um perfil elíptico de desenvolvimento vertical. O bordo é curto de secção rectangular com face superior plana com uma ligeira depressão central. O gargalo apresenta um desenvolvimento vertical e encontra-se decorado na face externa com um cordão digitado que forma uma linha ondulante composta por depressões repuxadas.

O fundo é discóidal e apresenta uma carena pronunciada originando uma ligação angular à parede. As suas dimensões são significativas para um recipiente de armazenagem, apresentando um diâmetro máximo do bojo de 928 mm, para uma altura máxima de 1312 mm e 723 mm de diâmetro ao nível do bordo[828].

A pasta cerâmica pertence ao grupo E revelando um acabamento exterior cuidado com polimento acentuado, notando-se, no entanto, a existência de elementos não-plásticos à superfície, nomeadamente grãos de quartzo e elementos ferrosos. É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Colher de Prata*.

Talhas de dimensão média (35-40, 42a)

Fase III

As talhas n.º 35, 36 e 37 (vol. II, est. CLXIV, n.º 35-37) correspondem a um tipo de recipiente de armazenagem, de dimensão média[829], muito característico e particularmente abundante, cuja forma se mantêm ao longo de todo o império com pequenas alterações. Caracteriza-se pelo perfil elíptico rematado com bordo oblíquo, formando uma aba para assentamento da tampa, que se desenvolve directamente a partir do bojo sem formar gargalo. O lábio é espesso de secção arredondada apresentando, por vezes, um pequeno ressalto interior. A carena interna é sempre muito pronunciada, marcada por um pequeno friso de secção rectangular ou triangular.

[828] A proporcionalidade verificada nesta talha, parece corresponder à "fórmula" para as talhas de perfil oblíquo. A correspondência parece efectuar-se na relação de 2/3 no que respeita ao diâmetro do bordo para o diâmetro máximo do bojo. Da mesma forma, o diâmetro máximo do bojo parece corresponder a 2/3 do comprimento máximo. Ao invés, as talhas de perfil ovóide, apresentam sensivelmente a mesma altura e diâmetro máximo do bojo, correspondendo o bordo a cerca de 1/3 deste, como deverá suceder ao nosso exemplar n.º 30.

[829] Seguindo o mesmo raciocínio, em termos de dimensão, as talhas de grande e pequena dimensão é admissível que estes recipientes de dimensão média apresentassem um diâmetro do bojo aproximado aos 320 mm, para um diâmetro de bordo de 240 mm e, consequentemente, cerca de 430 mm de altura, como sucede com o nosso exemplar n.º 37.

Os exemplares que apresentamos documentam as pequenas variações de dimensão e perfil ao nível do bordo e lábio.

A talha n.º 35 (vol. II, est. CLXIV, n.º 35) consiste apenas num fragmento de bordo e arranque de parede. Apresenta um perfil oblíquo rematado por um bordo encurvado para o exterior com lábio arredondado formando uma pequena aba. O dorso do bordo termina num pequeno ressalto que demarca a parte interna do colo que é ligeiramente côncavo. A demarcação entre o colo e o arranque do bojo internamente é feito por uma moldura curta de perfil rectangular. Na face exterior do colo, junto ao bordo, possui uma leve moldura de perfil arredondado. A pasta cerâmica pertence ao grupo D. Apresenta um acabamento mediano, com ligeiro polimento, tendo ficado à superfície abundantes elementos não-plásticos, assim como as marcas do seu arrastamento, ocasionado no processo de polimento.
É proveniente do Ap. II da Domus *da Lucerna do Golfinho*, na Fase III.

O exemplar n.º 36 (vol. II, est. CLXIV, n.º 36) é morfologicamente idêntico ao anterior, apresentando uma maior dimensão e um lábio interno de perfil triangular mais vincado. A pasta cerâmica pertence ao grupo C, sendo o acabamento idêntico ao anterior. É também proveniente do Ap. II, da *Domus da Lucerna do Golfinho*, no mesmo horizonte cronológico.

As talhas n.º 37 e 40, de menores dimensões que as anteriores, constituem a versão simplificada deste tipo de contentores de bordo oblíquo. Morfologicamente semelhantes às demais, a sua aba é mais curta e não apresenta qualquer tipo de moldura na face exterior, assim como apresenta a carena interna simplificada de perfil angular.
A pasta do exemplar n.º 37 (vol. II, est. CLXIV, n.º 37) pertence ao grupo D. O acabamento exterior é idêntico ao exemplar n.º 35, enquanto o n.º 40 (vol. II, est. CLXV, n.º 40) pertence ao grupo C, revelando um acabamento particularmente cuidado, com um polimento acentuado. Ambas são provenientes do Ap. II, da *Domus da Lucerna do Golfinho*, do mesmo horizonte cronológico.
Esta forma está representada em praticamente todas as áreas arqueológicas no horizonte arqueológico aqui abordado. De Conímbriga veja-se, por exemplo, a talha n.º 434 em cerâmica calcítica (ALARCÃO 1974a, 85, est. XXI, n.º 434), de Monte Mozinho, Penafiel, de época alto-imperial correspondem os exemplares provenientes do Sector A, nomeadamente os identificados no *Núcleo próximo da Avenida* (SOEIRO 1984, 141, fig. LXVII, n.º 2-6, fig. LXVIII, n.º 1), e de época tardo-romana os exemplares do Sector A (SOEIRO 1984, 208, fig. CVI, n.º 11-12).

A talha n.º 39 (vol. II, est. CLXV, n.º 39) constitui uma das formas que irá ter maior representação no vasilhame de armazenagem de menor dimensão. Caracteriza-se, pelo perfil elíptico com gargalo alto e ligeiramente contracurvado com lábio espesso de secção triangular.
Encontra-se representada apenas por um fragmento de bordo e arranque de parede. Desenvolve um perfil elíptico, com bordo contracurvado lábio espesso e reentrante, de perfil triangular, levemente pontiagudo. O gargalo é alto com perfil ligeiramente côncavo. A carena interna de separação do colo do bojo é pouco marcada e desenvolve um perfil anguloso. A pasta pertence ao Grupo E. O acabamento foi efectuado por polimento. É proveniente da Fase III da *Domus da Lucerna do Golfinho*.

Fase IV

A talha n.º 38 (vol. II, est. CLXIV, n.º 38) para a qual não encontramos qualquer paralelo regional, constitui uma forma única em Alvarelhos. Apenas se conserva um fragmento de bordo e arranque de parede. Apresenta um bordo vertical, muito espesso, de secção arredondada com a face superior ligeiramente facetada e

pendente para o interior. O dorso desenvolve uma ligeira carena interna de perfil arredondado. O gargalo, muito curto e quase vertical, possui uma aba horizontal interna para assentamento da tampa. O arranque da parede é projectado para o exterior denotando um bojo de perfil esférico. Na face exterior, ao nível superior do arranque do bojo, como elemento decorativo, possui um pequeno friso em relevo de perfil triangular. A pasta pertence ao Grupo D. O acabamento da superfície externa é cuidada conservando um ligeiro engobe acastanhado muito espesso e bem aderido. É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*.

A talha n.º 42a constitui um recipiente de armazenagem de média dimensão[830] cujo fabrico se encontra relativamente bem difundido nas Fases IV e V. A sua tipologia encontra-se bem definida que se poderá designar por *talha globular de bordo curvo com caneluras aplicadas*, tendo conhecido uma expressão significativa. Do ponto de vista morfológico caracteriza-se por apresentar um fundo plano, discóidal, de assentamento pleno. Apresenta um corpo ovalado com gargalo curto de desenvolvimento vertical rematado por um lábio espessado levemente projectado para o exterior, com a face interna facetada, geralmente com três planos. A mesma forma apresenta ligeiras diferenças ao nível da configuração do bordo, cuja variabilidade não facilita a criação de subtipos. A decoração é composta por caneluras horizontais, que constituiriam simultaneamente um elemento decorativo e um reforço da estrutura dos recipientes. Apresentam um perfil arredondado, espaçado ao longo da parede do reservatório.
Do ponto de vista tipológico a forma integra o acervo ceramólogico de Lugo, identificada com o tipo O10[831], constituindo um modelo com relativa expressão, apresentando uma ampla cronologia que se desenvolve desde época alto-imperial até meados do séc. III (IRASTORZA 2001, 2-14-216, fig. 90-91). O nosso exemplar aproxima-se morfologicamente da talha identificada como n.º 2, cuja configuração do bordo apresenta a mesma estrutura (IRASTORZA 2001, 215, fig. 90, n.º2). É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Colher de Prata*, correspondendo a um contexto habitacional, concretamente de um aposento identificado como cozinha (Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 1), no qual se recolheram inúmeros recipientes de armazenagem. No nosso caso a cronologia revela uma perduração da forma para uma datação muito posterior à identificada em Lugo.
Do ponto de vista morfo-tipológico relaciona-se com outros recipientes de armazenagem similares, revelando pertencer a uma família que integra diferentes formas e dimensões, como sugere a afinidade morfológica e de fabrico com a talha n.º 30a, que representa a versão de grandes dimensões, cujo perfil revela um recorte elíptico, mantendo-se as características do bordo e dos elementos decorativos, garantindo uma proveniência comum, provavelmente da mesma oficina ou centro oleiro[832].
Na área meridional do convento bracaraugustano não identificamos qualquer paralelo para esta forma. Nas cerâmicas provenientes de Conímbriga, no alargado grupo das talhas produzidas com argilas de Pombal-Barracão, verifica-se alguma proximidade formal, ao nível da configuração dos bordos, gargalos e perfis do reservatório, designadamente com o exemplar n.º 294, forma da qual foram identificados vários exemplares cujo diâmetro do bordo oscila entre 350 mm e 420 mm (ALARCÃO 1974a, 72, est. XIV, n.º 294), com datação definida desde época de Augusto até ao fim da dinastia Flávia.

---

[830] Este tipo de talhas de média dimensão - *talha golbular de bordo curvo com caneluras aplicadas* -, das quais não possuímos qualquer exemplar completo, sugere a mesma relação de proporcionalidade já explicitada para as talhas de grande dimensão. O único exemplar completo, n.º 42a, apresenta as seguintes dimensões - Diâmetro máximo do bordo 338 mm; Altura máxima existente 504 mm; Diâmetro máximo do bojo 557 mm – pelo que, se tivermos em conta a proporcionalidade verificada noutros exemplares, em que o diâmetro do bojo representa sensivelmente 2/3 da altura máxima da peça, assim como o diâmetro do bordo em relação ao diâmetro do bojo, seria admissível uma altura média deste tipo de peças centrado nos 450/460 mm.

[831] Designa-se no estudo em questão por "Tinajas globulares de bordo curvo vuelto, com cordones aplicados", sendo classificadas com talhas de armazenagem de grande capacidade (IRASTORZA 2001, 214-217).

[832] Relativamente à variação de dimensão deste tipo de recipientes parece evidente a sua fabricação em pelo menos dois tipos - Um de médias dimensões de recorte globular e um segundo de maiores dimensões de recorte elíptico. Enrique Irastorza, a propósito das produções de menor dimensão, cita as ocorrências das minas romanas de León (DOMERGUE; SILLIÉRES 1977, 146, fig. 46, 23F61).

Neste sentido poder-se-á concluir que esta forma teve uma larga expressão temporal tendo sido amplamente produzida desde o início da dominação romana até ao colapso do império, registando pequenas diferenças no seu fabrico e certos localismos formais.

Talhas de pequena dimensão (41, 41a-42b)

Fase IV

Os exemplares n.º 41, 41a e 42b (vol. II, est. CLXV, n.º 41; est. CLXVa, 41a; est. CLVI, n.º 42b), constituem uma das formas de maior representação no vasilhame de armazenagem de pequena dimensão[833], que se designam por – *talhas de corpo elíptico com gargalo alto e bordo espessado –,* que conheceram também a sua versão de grandes dimensões, n.º 34a (vol. II, est. CLXIIIa, n.º 34a). Caracterizam-se por apresentarem um reservatório de perfil elíptico com gargalo alto e ligeiramente curvado para o interior com bordo espesso rematado por lábio de secção rectangular ou prismática. O fundo de desenvolvimento directo encontra-se reforçado por uma moldura de secção rectangular que se prolonga ligeiramente para o início da parede. O fundo é plano de assentamento pleno, correspondendo sensivelmente ao diâmetro do bordo. Estes variam entre 215 mm e 320 mm, mantendo-se, no entanto, a coerência formal do tipo. As decorações são pouco frequentes e, quando existem, consistem num friso de depressões ovais inscritas na moldura que geralmente é formada pelo espessamento do bordo.
A sua função relaciona-se directamente com o armazenamento de alimentos, designadamente de líquidos, como sugere o bordo estreito e a existência de um gargalo alto que implicaria a utilização de uma colher ou concha para retirar o seu conteúdo.

A talha n.º 41 (vol. II, est. CLXV, n.º 41) é constituída apenas por um fragmento de bordo e arranque de parede. Apresenta um bordo espesso, de secção rectangular, com face superior plana com leve carena no dorso. O colo é alto e aprumado com perfil ligeiramente curvo. O ombro é arqueado sugerindo um perfil elíptico para o bojo. A demarcação do gargalo com a parede é feita através de um ângulo pronunciado que originou uma ligeira carena interna. A moldura formada pelo espessamento do bordo está decorada por um padrão de depressões ovais irregulares entre si. A pasta cerâmica pertence ao grupo D. O acabamento é elaborado através de polimento. É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna Cristã*.

O exemplar n.º 41a (vol. II, est. CLXVa, 41a) é formado por um conjunto de fragmentos que desenvolvem um perfil completo que permitiram a reconstituição completa da talha. Apresenta um perfil elíptico com bordo espesso de secção triangular com face superior plana. O gargalo é alto e aprumado com ligeira curvatura para o interior. Os ombros são arredondados formando um ângulo obtuso a demarcar o colo com a parede do bojo provocando uma carena interna. O fundo é plano e espesso desenvolvendo um falso pé com uma carena externa vincada. A pasta cerâmica pertence ao grupo D. Possui um acabamento exterior muito cuidado, executado através de espatulamento e polimento. É proveniente da Fase IV-V, da *Domus da Colher de Prata*.

[833] Este tipo de talhas de pequena dimensão apresenta a mesma relação de proporcionalidade já explicitada para as talhas de grande e média dimensão. O único exemplar que reconstituímos na integra, n.º 42, apresenta uma altura total de 720 mm, para um diâmetro máximo do bojo de 512 mm e de 336 mm para o diâmetro máximo de bordo, significando que o diâmetro do bojo representa sensivelmente 2/3 da altura máxima da peça, assim como o diâmetro do bordo em relação ao diâmetro do bojo.

A talha n.º 42b (vol. II, est. CLXVI, 42b), morfologicamente é semelhante à anterior não apresentando qualquer decoração ao nível do bordo. A pasta cerâmica integra também o grupo D. Regista um acabamento mais grosseiro com elementos não-plásticos a aflorarem à superfície. É também proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna Cristã.*
Esta forma, particularmente abundante em Alvarelhos, não se encontra representada em estações da área meridional do convento bracaraugustano, nomeadamente em Monte Mozinho, Penafiel, Tongobriga, Freixo, Marco de Canaveses [834], assim como em Conímbriga.

Baldes (43-44a)

Nesta categoria são incluídos recipientes de desenvolvimento horizontal, ou seja, que têm mais largura ao nível do bordo que altura de parede. Desenvolvem um perfil tronco-cónico de paredes rectas e desprovidos de asa. Os baldes tiveram uma produção diversificada ao nível das soluções do bordo e da dimensão que, provavelmente, estará relacionada com os múltiplos usos que teriam. Na cozinha terão desempenhado uma função de armazenamento de restos de refeições, ingredientes culinários e de confecção, nomeadamente na cozedura de hortaliças ou, mesmo na elaboração de sopas. Fora da cozinha terão cumprido múltiplas funções à semelhança dos baldes de hoje em dia. O seu fabrico é na generalidade constituído por pastas grosseiras com acabamento mediano sendo seguramente provenientes de produções locais ou regionais.
Constituem uma forma relativamente pouco representada em Alvarelhos e apresentam poucas variantes ao nível dos perfis. Apresentamos apenas três exemplares n.º 43,44, 44a (vol. II, est. CLXVI, n.º 43-44; est. CLXVIa, n.º 44a) que retratam as formas recolhidas nas Fases III e IV.

Fase III

O balde n.º 43 (vol. II, est. CLXVI, n.º 43) é um recipiente de média dimensão (Altura 142 mm; Diâmetro do bordo 274 mm; Diâmetro do fundo 162 mm), cujo fabrico se identifica como uma produção local ou regional com um acabamento relativamente cuidado. Desenvolve um perfil tronco-cónico com bordo horizontal em forma de aba e lábio arredondado. O dorso do bordo, na face interna do vaso, forma uma ligeira carena de perfil arredondado. As paredes são ligeiramente arqueadas com espessamento progressivo para o fundo que é plano de formato discóidal de assentamento pleno.
A pasta cerâmica pertence ao Grupo D-13 P. Apresenta um acabamento pouco cuidado, áspero ao toque, com polimento deficiente, que deixou inúmeros grãos de quartzo à superfície. É desprovido de qualquer decoração. O interior conserva as estrias de levantamento da peça bem vincadas. É proveniente do Ap. II da *Domus da Lucerna do Golfinho*, da ocupação da Fase III.
Mercedes Vegas identifica a forma com o n.º 12 (VEGAS 1973, 40), cujas características morfológicas apresentam claras afinidades com nosso exemplar, atribuindo-lhe duas possíveis funções: recipientes para lavar, com características próprias dos nossos actuais baldes, ou para guardar provisões, apesar do inconveniente da sua larga abertura. Mais recentemente, alguns autores atribuíram-lhes outras funções mais específicas relacionadas com a higiene, identificando-os como urinóis, ou seja, com funções idênticas aos bacios ou penicos (CASAS; CASTANYER; NOLLA; TREMOLEDA 1990, n.º 485; SANTROT 1979, pl. 105, forma 43)[835].
Outros ainda, valorizando a sua polivalência nas actividades domésticas, admitem funções de outra índole, designadamente relacionadas com a conservação dos alimentos, citando a propósito a referência de

[834] Importa ressalvar que na tipologia proposta para a Área Arqueológica do Freixo, não são apresentadas formas para recipientes de armazenagem, exceptuando um fundo (DIAS 1997, 239-281).
[835] Santrot define esta forma como um *lasanum*. Tipo 17, Forma 43, pl. 105.

Columela (XII, 43), na qual é referida a sua utilização para a conservação de uvas de diferentes variedades (PASCUAL 2002, 90).

No acervo ceramológico de *Lucus Augusti* encontra-se bem documentado, no qual é identificado como Tipo TR, cujas características morfológicas se aproximam significativamente do nosso exemplar[836] (IRASTORZA 2001, 300-3003, fig. 127-128), sendo as cronologias propostas centradas em finais do séc. I e meados do séc. II, em certa medida consentâneas com o enquadramento crono-estratigráfico do nosso exemplar[837].

Na cerâmica comum da Rioja designa-se por "Lebrillo" identificando-se como Forma Vegas, Tipo 12 / (AGUAROD 1985, 77-85)[838], apresentando a autora da tipologia uma proposta com três variantes (A/B/B1)[839] em função do comportamento do bordo (PASCUAL 2002, 87-91).

Constitui uma forma frequente[840] em áreas habitacionais apresentando pequenas variações ao nível do bordo e constituição da aba. Um paralelo morfológica e cronologicamente muito próximo ao nosso exemplar é proveniente do sector B de Monte Mozinho, Penafiel, datado do séc. I (SOEIRO 1984, 259-260, fig. CXXX, n.º 13).

Fase IV-V

São dois os exemplares identificados na ocupação tardo-romana, n.º 44a e 44. O primeiro, n.º 44a (vol. II, est. CLXVIa, n.º 44a) é composto por um elevado número de fragmentos que possibilitou a reconstituição integral da peça. Trata-se de um recipiente de média dimensão (Diâmetro do bordo 368 mm; Altura 520 mm; Diâmetro do fundo 152 mm).

Apresenta um perfil elíptico, rematado com bordo triangular com face superior plana e ligeira aba exterior. O perfil é marcado por um fundo de assentamento pleno, relativamente reduzido em relação ao diâmetro máximo do bojo. Possui duas asas curtas de orientação transversal formadas por uma fita de perfil trapezoidal e secção rectangular. O fundo é plano de assentamento pleno formando um falso pé com carena exterior vincada. A decoração é composta por uma canelura de secção rectangular no terço inferior do bojo. Apresenta um acabamento exterior de qualidade média efectuado por espatulamento e polimento, conservando inúmeras partículas de elementos não-plásticos à superfície, nomeadamente quartzos e nódulos ferrosos. Trata-se de uma produção local ou regional.

Constitui a versão intermédia deste tipo de recipientes que aqui assume, única e exclusivamente, a função de armazenamento, apesar de constituir uma forma aberta, facto que, à partida, condiciona a sua utilização como recipiente de armazenamento, pelo menos no que respeita a um acondicionamento de bens alimentares a médio / longo prazo.

O nosso exemplar é proveniente da Fase IV-V do Ap. I da *Domus da Colher de Prata*. Identificamos um paralelo morfologicamente semelhante proveniente de Conímbriga, apesar do seu perfil mais marcadamente tronco-cónico, que apresenta o mesmo tipo de decoração, que o autor enquadra no capítulo das cerâmicas tardo-romanas (ALARCÃO 1975, 124, est. L, n.º 901). De Monte Mozinho, Penafiel, é também conhecido um exemplar que se encontra incompleto mas que regista o mesmo tipo de fundo e de decoração formada por

[836] Entre os exemplares ilustrados encontram-se alguns recipientes decorados cujos motivos mais frequentes são grupos de caneluras horizontais e num caso a conjugação com um meandro. Em certa medida, a escassez decorativa reforça a funcionalidade da peça em detrimento do seu valor estético.

[837] Mercedes Vegas data a sua Forma 12 entre a segunda metade do séc. III e meados do IV (VEGAS 1973, 40).

[838] AGUAROD 1985, 40-41, fig. 17, n.º 77-79; fig. 18, n.º 80-85.

[839] Tipo A: bordo completamente horizontal com desenvolvimento para o exterior / tipo B: bordo ligeiramente levantado / tipo B1: apresenta uma moldura entre a parede e o bordo (PASCUAL 2002, 91). De acordo com esta proposta o nosso exemplar integra a variante A.

[840] O autor do estudo do acervo de cerâmica comum da cidade de Lugo cita como paralelos exemplares provenientes de Novillle, Murgados, Corunha (LOSADA 1990-91, 85, fig. X.1244), com cronologia tardo-romana, e da *villa* romana do Alto da Cidreira, Cascais (ENCARNAÇÃO; CARDOZO; NOLEN 1982, fig. 1.10HH25).

uma canelura de perfil arredondando que demarca o início do terço final da parede do balde (SOEIRO 1984, 231, fig. CXVI, n.º 1).
Recipientes afins, morfologicamente próximos, apesar dos perfis mais marcadamente tronco-cónicos, identificam-se em Lugo onde são designados como "*Grandes barreños troncocónicos*", que, tipologicamente, o autor filia ao exemplar identificado em Conímbriga (IRASTORZA 2001304-305, fig. 129)[841]. Entre as diferentes funções consideradas pelo autor, para além das de armazenagem, encontra-se a de lavagem de roupa, louça, ou relacionada com a de higiene pessoal onde poderiam funcionar como banheiras. Dos dois exemplares provenientes de Lugo apenas um fornece uma cronologia fiável que se centra entre meados do séc. I e meados do séc. II que, em conjugação com as cronologias propostas para os materiais de Monte Mozinho, Conímbriga e Alvarelhos, permite admitir que se trata de um recipiente cuja cronologia cobre todo o período de dominação romana, apesar de não ter conhecido uma especial difusão.

O segundo – n.º 44 (vol. II, est. CLXVI, n.º 44) –, consiste numa produção local de boa qualidade. Constitui a versão de maiores dimensões deste tipo de recipientes (Diâmetro do bordo 708 mm; Altura?).
Reconstituímos apenas parcialmente a forma a partir do bordo e arranque da parede cuja orientação desenha também um perfil tronco-cónico. O bordo constitui um elemento diferenciador em relação aos outros dois exemplares de bordo em aba e de bastão, apresentando um perfil reentrante com lábio delgado e pontiagudo em plano horizontal. A parede é recta, levemente introvertida. A demarcação do colo com a parede é feita através de um friso de perfil em V.
A pasta integra o grupo E-47 L. Apresenta um tratamento da superfície espatulado e polido que resulta num acabamento de boa qualidade. É proveniente do Pátio I da *Domus da Lucerna do Cavalo*, da ocupação relativa à Fase IV-V. O local do seu achamento em conjugação com a sua dimensão sugere uma utilização relacionada com actividades domésticas, nomeadamente a identificada para os "*Grandes barreños troncocónicos*" enquanto recipientes vocacionados para a lavagem de roupa, ao contrário do exemplar anterior cujo enquadramento arqueológico[842] sugere claramente uma utilização relacionada com o armazenamento de alimentos. Não encontramos qualquer paralelo regional para a presente forma.

Potes (*Ollae*)

Este conjunto de recipientes inclui peças cujas características se podem definir por apresentarem um desenvolvimento vertical, cujo diâmetro da parede é maior na parte superior do bojo. O colo é reentrante e o bordo projectado para o exterior, evidenciando inúmeras variantes de perfil. Os lábios, geralmente arredondados ou pontiagudos, apresentam muitas variantes quanto ao perfil, orientação e secção, podendo ou não compreender uma aba ou carena interna para receber um testo. Os fundos geralmente são discóidais de assentamento pleno. Em termos gerais, poder-se-á afirmar que constitui um grupo de características tipológicas bastante homogéneas, cujas características se mantém com pequenas alterações ao longo de toda a ocupação registada na estação.

[841] Os dois recipientes provenientes de Lugo apresentam um perfil marcadamente tronco-cónico. Possuem um bordo vertical no prolongamento da parede que confere uma abertura significativamente superior aos nossos exemplares, na ordem dos 140 mm, que permitem admitir outro tipo de funcionalidades, que as características do bordo do nosso exemplar não sugerem.
[842] O recipiente foi recolhido no Ap. n.º 1 da *Domus da Colher de Prata*, cuja planta em forma de L, abrange sensivelmente uma área de 42m^2, que constitui o aposento principal do edifício. Encontrava-se totalmente pavimentado com um piso em saibro, bem conservado, no qual estava implantada, no lado direito da porta, junto ao muro n.º 1, uma lareira formada por uma laje de granito e fragmentos de tégulas colocadas horizontalmente delimitadas por outros fragmentos de tégulas dispostas verticalmente integradas no saibro formando uma estrutura de planta subcircular. No espaço definido pelos muros n.º 1, 14 e 3 localizava-se possivelmente, uma cozinha, que nos foi possível identificar por um conjunto grande de materiais, nomeadamente cerâmicas associadas a práticas de confecção e armazenamento de alimentos (*Talhas de grandes dimensões* - 30, 30a, 34a; *Talhas de pequenas dimensões* - 41a, 42a).

A sua dimensão varia em função do seu uso. Como recipientes de cozinha[843] eram utilizados para armazenar comida, restos de refeições ou mesmo para confeccionar determinado tipo de alimentos como sopas ou cozidos (NOLEN 1985, 113).
Os potes constituem a forma de maior representação com inúmeras variantes ao nível do perfil e bordo. Apresentamos um conjunto de 31 exemplares – n.º 50-80 –, que permitiram classificar e representar os diferentes exemplares em cinco categorias distintas, agrupadas em três grupos em função da sua dimensão (pequena, média, grande).

1. Pote de perfil esférico e bordo reentrante
2. Pote de perfil esférico e bordo oblíquo
3. Pote de perfil elíptico e bordo projectado para o exterior
4. Pote de perfil elíptico e bordo contracurvado
5. Pote de perfil ovóide
6. Outros

Potes de pequenas dimensões (50)

Integra potes cujo diâmetro do bordo oscila entre 120 mm e os 180 mm centrando-se a maioria nos 160 mm. A altura, considerando a proporção revelada pelo exemplar n.º 50, que se encontra completo e apresenta uma altura máxima de 172 mm para 131 mm de diâmetro de bordo, oscilaria entre 213 mm e 320 mm. O que significa dizer que este tipo de pote, de perfil esférico, apresenta a mesma proporcionalidade verificada nas talhas, ou seja o diâmetro do bordo corresponde sensivelmente a 2/3 do bojo, assim como o diâmetro do bojo representa cerca de 2/3 da altura total da peça.

Pote de perfil esférico e bordo contracurvado (51, 57)

Dos potes de perfil esférico e bordo contracurvado apresentamos dois exemplares que ilustram as Fases III e IV.

Fase III

O pote n.º 57 (vol. II, est. CLXX, n.º 57), conserva apenas um fragmento de bordo e arranque de parede que apresenta perfil esférico e bordo contracurvado. O bordo, oblíquo e muito aberto, possui um lábio amendoado, pontiagudo e vertical, formando uma aba com ligeira inclinação para o interior. A carena no interior é bem vincada e tem perfil arredondado. A aba na horizontal serviria para assentamento do testo. A pasta pertence ao Grupo D. A sua superfície exterior revela um acabamento mediano, sendo visíveis os grãos de quartzo que constituem o elemento não-plástico mais abundante. É proveniente da Fase III da *Domus da Lucerna do Golfinho*.

[843] Naturalmente, este tipo de recipientes encontrou inúmeras utilizações que extravasam a sua utilização estritamente culinária. Representam inclusivamente um tipo de peça amplamente representada em ambientes funerários, no entanto, no caso específico de Alvarelhos, todos os exemplares aqui apresentados são provenientes de ambientes domésticos sendo a maior parte deles relacionáveis com aposentos identificados como cozinhas.

Fase IV

O pote n.º 51 (vol. II, est. CLXIX, n.º 51) desenvolve um perfil esférico rematado com bordo contracurvado, com lábio vertical, de secção arredondada. Forma uma aba interior com ligeiro ressalto horizontal para assentamento de testo. A junção da parede do pote com o bordo é marcada no interior por uma carena espessa de perfil triangular que provoca um estreitamento acentuado da boca do pote. A pasta cerâmica pertence ao Grupo A1. Apresenta um acabamento extremamente cuidado, com polimento acentuado. É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*.

Pote de perfil esférico e bordo oblíquo (50, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59)

Constitui a variante mais abundante em todas as dimensões consideradas. Diferencia-se da anterior pelo desenvolvimento do bordo que, pela sua configuração sugere não admitir testo. Apresenta três variantes ao nível da secção (arredondado, rectangular e pontiagudo), que parecem constituir apenas pequenas particularidades do processo de produção desprovidas de qualquer significado funcional ou cronológico.
Os exemplares n.º 50 (vol. II, est. CLXVIII, n.º 50), e 53 (vol. II, est. CLXIX, n.º 53), enquadram a variante de bordo de secção arredondada e encontram-se apenas representadas na Fase III. São provenientes da *Domus da Lucerna do Golfinho*. O primeiro exemplar possui uma pasta cerâmica pertencente ao Grupo C, apresentando um acabamento feito através de polimento, enquanto que o exemplar n.º 53 integra o Grupo B e possui um acabamento mais grosseiro. A segunda variante, de secção rectangular encontra-se representada pelos exemplares n.º 54, 55, 56 (vol. II, est. CLXIX, 54-56), e 58 (vol. II, est. CLXX, n.º 58). Na generalidade, apresentam abas mais desenvolvidas e ligeiramente mais esvasadas, assim como uma tendência para quebras angulares. Encontram representação cronológica na Fase III e IV-V. Compreendem os exemplares n.º 54-56, provenientes da *Domus da Lucerna do Golfinho* (AP. II), abrangendo os grupos cerâmicos B, C e D respectivamente.
Por último, a variante de bordo com lábio pontiagudo encontra-se representada pelos exemplares n.º 52 (vol. II, est. CLXIX, n.º 52), e 59 (vol. II, est. CLXX, n.º 59). Apresentam uma aba mais desenvolvida que as demais, assim como uma espessura mais expressiva. Como consequência as carenas internas que demarcam o início da parede dos potes são também mais desenvolvidas e espessas, revelando, no entanto, um perfil arredondado. Encontram-se representadas apenas na Fase IV-V, sendo ambos provenientes da *Domus da Lucerna do Cavalo*. Evidenciam também um mesmo tipo de pasta cerâmica que integra o grupo C, ambos com um acabamento mediano efectuado através de polimento.

Pote de perfil elíptico e bordo contracurvado (60)

Encontra-se representado apenas por um exemplar n.º 60 (vol. II, est. CLXX, n.º 60). Possui uma parede de desenvolvimento vertical denunciando um corpo de perfil elíptico, mais alongado que a mesma variante de perfil ovóide. Morfologicamente, o bordo é idêntico, apresentando a singularidade de ser ligeiramente mais espesso, conservando na face exterior um perfil côncavo ressaltado por uma canelura de perfil em U, junto à ligação com a parede. O lábio é vertical e pontiagudo semelhante ao exemplar n.º 57 (vol. II, est. CLXX, n.º 57). A face inferior da aba regista um pequeno friso para assentamento da tampa.
A pasta cerâmica integra o grupo C. Possui um acabamento regular, mas de fraca qualidade. É proveniente da Fase III da *Domus da Lucerna do Golfinho*.

Potes de dimensões médias

Encontram-se representados em quatro variantes (*Perfil esférico e bordo contracurvado; Perfil esférico e bordo oblíquo; Perfil elíptico e bordo contracurvado; Perfil elíptico e bordo oblíquo*), e compõem um conjunto cujo diâmetro do bordo oscila entre 190 mm e 239 mm centrando-se a maioria por volta dos 200 mm. A altura, tendo em conta a proporção apresentada pelos recipientes congéneres, oscilariam entre 377 mm e 424 mm, o que significa dizer que este tipo de pote, de perfil esférico, apresenta a mesma proporcionalidade verificada nas talhas, ou seja o diâmetro do bordo corresponde sensivelmente a 2/3 do diâmetro do bojo, assim como o diâmetro do bojo representa cerca de 2/3 da altura total da peça.

Pote de perfil esférico e bordo contracurvado (65, 71)

Apresentam-se em duas variantes: de bordo contracurvado e lábio vertical e de bordo contracurvado e lábio introvertido.
O primeiro, n.º 65 (vol. II, est. CLXXI, n.º 65), apresenta um bordo em aba pouco extrovertida com lábio vertical de secção arredondada. A aba no interior desenvolve um perfil côncavo com um ténue friso triangular para assentamento da tampa. É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*. A pasta cerâmica integra o grupo A2 e o seu acabamento é grosseiro.
O segundo, n.º 71 (vol. II, est. CLXXIII, n.º 71), morfologicamente integra o grupo das talhas de dimensão média de bordo contracurvado. É formado pelos potes n.º 41 e 42b (vol. II, est. CLXV, n.º 41; est. CLXVI, N.º 42b). Possuem uma parede de perfil ovóide encimada por um gargalo curto com bordo alto e introvertido, ligeiramente contracurvado. Os lábios apresentam uma secção rectangular, e são espessos e reentrantes. A carena interna, de perfil arredondado é dissimulada e não estrangula as bocas dos potes. A pasta cerâmica integra o grupo A2 e apresenta um acabamento cuidado conservando ainda vestígios de uma aguada forte e aderente de cor creme-rosado.
À semelhança dos seus congéneres de maiores dimensões são provenientes da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*.

Pote de perfil esférico e bordo oblíquo (61, 63, 69, 70, 74)

Constitui uma forma morfologicamente muito homogénea apresentando apenas uma variante. O bordo é constituído por uma aba de desenvolvimento oblíquo com interior plano, rematada por um lábio arredondado, ligeiramente pontiagudo no interior.
Encontram-se representados exclusivamente na Fase IV-V. Apenas o exemplar n.º 61 (vol. II, est. CLXX, n.º 61), é proveniente da *Domus da Lucerna do Golfinho*, enquanto os restantes são todos oriundos da *Domus da Lucerna do Cavalo*. As pastas cerâmicas enquadram os grupos B (n.º 61, 63, 70), D (n.º 69), e C (n.º 74). O acabamento é condizente em todos os materiais, que revelam as superfícies medianamente polidas com abundantes elementos não-plásticos à superfície.

Pote de perfil elíptico e bordo contracurvado *(72*, 75)

Constituem a versão de perfil elíptico dos potes com a mesma denominação, mas de perfil ovóide. As suas características morfológicas são semelhantes, destacando-se a configuração da aba ligeiramente curva rematada por um lábio de secção arredondada. A zona interna da asa apresenta na face inferior um pequeno friso de secção triangular para ajuste da tampa. O n.º 75 (vol. II, est. CLXXIV, n.º 75) ostenta uma aba

mais curva oferecendo uma superfície de assentamento da tampa mais ampla. Na zona da ligação do bordo com a parede possui um friso de perfil triangular, fruto do repuxamento da peça, para elevar a aba.
Pertencem ambos à Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*. Ao nível da constituição da pasta cerâmica o n.º 72 (vol. II, est. CLXXIII, n.º 72) integra o grupo C e o n.º 75 (vol. II, est. CLXXIV, n.º 75), o grupo B, apresentando ambos um tratamento da superfície externa bastante cuidada.

Pote de perfil elíptico e bordo oblíquo (62, 64, 66, 67, 68, 73)

À semelhança dos potes de pequenas dimensões de bordo oblíquo, mas de perfil esférico apresentam três variantes (arredondado, rectangular e pontiagudo), considerando, para o efeito, os diferentes perfis do bordo.
A primeira variante, de bordo arredondado, está representada apenas por dois exemplares, n.º 67 (vol. II, est. CLXXII, n.º 67), e 73 (vol. II, est. CLXXIII, n.º 73), ambos provenientes da *Domus da Lucerna do Cavalo* na sua Fase IV-V.
Morfologicamente, registam ligeiras diferenças ao nível do bordo. O pote n.º 67 apresenta uma aba curta e espessa, muito irregular comparativamente à espessura da parede. A carena interna, de perfil arredondado, possui um pequeno friso pontiagudo e saliente. Por outro lado, o pote n.º 73, apresenta uma aba mais longa e de espessura uniforme, ligeiramente mais inclinada. A carena interna, de perfil arredondado, faz uma curvatura suave e disfarçada. A pasta cerâmica do primeiro enquadra o grupo A2 e apresenta um acabamento irregular. O pote n.º 73 pertence ao grupo B e apresenta um acabamento mais uniforme de qualidade mediana.
A segunda variante encontra-se ilustrada por três exemplares n.º 62, 64, 68 (vol. II, est. CLXX, n.º 62; est. CLXXI, n.º 64; est. CLXXII, n.º 68). Formalmente são muito idênticos ao nível da configuração do bordo e desenvolvimento do perfil da parede, com excepção do n.º 68, que apresenta um recorte mais recto, evidenciando uma maior altura. As abas dos três exemplares são ligeiramente mais curtas que as restantes, assim como a face interna que assume um perfil recto, ressaltado por um friso muito ténue, de perfil triangular. Cronologicamente os exemplares n.º 62 e 68 enquadram a Fase III e são ambos provenientes da *Domus da Lucerna do Golfinho*. A constituição da pasta de cada um deles integra, respectivamente o Grupo A2 e o Grupo B.
O pote n.º 64, também proveniente da *Domus da Lucerna do Golfinho*, mas da Fase IV-V, apresenta uma constituição que integra o grupo B.
Por último, a variante de bordo pontiagudo encontra-se apenas representada por um exemplar, n.º 66 (vol. II, est. CLXXI, n.º 66). Morfologicamente é em tudo idêntico ao seu congénere de pequena dimensão e perfil esférico. Apresenta um bordo oblíquo, bem desenvolvido, com adelgaçamento progressivo para o lábio que apresenta uma secção arredondada, mas levemente pontiaguda. A sua pasta integra o Grupo C, apresentando um acabamento muito irregular e de má qualidade. É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*.

Potes de grande dimensão

Em menor número que os anteriores e formando um grupo menos homogéneo apenas se encontram representados em três variantes (*Perfil esférico e bordo contracurvado; Perfil elíptico e bordo oblíquo; Perfil ovóide e bordo oblíquo*). Compõem um conjunto cujo diâmetro do bordo oscila entre 274 mm e 286 mm. A altura, considerando a proporção apresentada pelos restantes recipientes congéneres, oscilaria entre 486 mm e 508 mm, a mesma proporcionalidade verificada nas talhas.

Pote de perfil esférico e bordo contracurvado (76)

O pote n.º 76 (vol. II, est. CLXXIV, n.º 76) é constituído apenas por um fragmento de bordo e arranque de parede. Apresenta um bordo contracurvado e introvertido de perfil côncavo, com espessamento progressivo para o lábio. Este apresenta uma secção rectangular e arestas arredondadas com face superior plana com um ligeiro friso intermédio. O gargalo é alto e ligeiramente côncavo. Como elemento decorativo apresenta, um friso de perfil em V. A carena interna de demarcação do gargalo com o arranque do bojo é muito pronunciada de perfil triangular. A pasta cerâmica pertence ao grupo B e apresenta a superfície exterior muito polida. É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*.

Pote de perfil elíptico e bordo oblíquo (77, 78)

O grupo é formado por dois exemplares, n.º 77 e 78 (vol. II, est. CLXXIV, n.º 77-78), sendo o primeiro é proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*, e o segundo, da Fase III da *Domus da Lucerna do Golfinho*.
Morfologicamente, são próximos apresentando apenas uma pequena diferença na secção do bordo, revelando o primeiro um lábio arredondado e espesso, ao contrário do segundo que segue a espessura do bordo. A constituição da pasta do primeiro exemplar integra o grupo C, revelando um acabamento mediano efectuado através de polimento. O exemplar n.º 78, pertence ao grupo B e o tratamento da superfície exterior é idêntico ao anterior.

Pote de perfil ovóide e bordo oblíquo (79)

O único exemplar identificado, n.º 79 (vol. II, est. CLXXV, n.º 79), é idêntico aos anteriores com excepção do perfil do bojo que, neste caso, é substancialmente mais largo que os demais desenhando um perfil ovóide. O bordo forma uma aba oblíqua com face interna plana e espessamento progressivo para o lábio que apresenta uma secção rectangular. A transição da parede para o bordo é feita por um encurvamento suave, que não provoca qualquer carena interna.
É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Golfinho*. A pasta cerâmica e o acabamento da superfície externa é a mesma que do exemplar n.º 77.

Potes de grande dimensão
Outros (80)

O pote n.º 80 (vol. II, est. CLXXV, n.º 80) constitui um exemplar único em Alvarelhos. Apresenta uma parede pouco aberta evidenciando um perfil elíptico encimado por um bordo vertical, espessado, de secção rectangular. A face superior oblíqua forma uma carena interna angulosa. Na face exterior o espessamento do bordo forma uma canelura larga que o demarca claramente do bojo. O gargalo disfarçado é curto e ligeiramente côncavo. A pasta pertence ao grupo C e revela um acabamento muito cuidado, com polimento acentuado. É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*.

Cântaros (81)

Os cântaros de duas asas e corpo globular são vasilhas de capacidade média/alta com colo curto e estreito, bem diferenciado do corpo, com ombros largos. As asas são muito curvadas, desenvolvem-se imediatamente abaixo do bordo e apoiando-se nos ombros. O perfil ovóide ou globular assenta sobre um fundo plano de desenvolvimento discóidal.
Esta forma tem origem em época republicana e na península Ibérica é muito frequente durante o séc. I e II (SÁNCHEZ 1992, 254). No norte são também muito abundantes e tem vindo a ser cronologicamente enquadrados desde a época de Augusto até ao séc. III (VEGAS 1973, 90). Todavia, escavações recentes na cidade de Lugo apontam para uma longevidade mais acentuada desta forma que atingiria, pelo menos, meados da quarta centúria, como sugere a datação do forno em que foram recolhidos um conjunto significativos de fragmentos desta forma (IRASTORZA 1994, 291, fig. 121, n.º 1- 2).
Este vasilhame destinava-se essencialmente ao transporte e armazenagem de líquidos. Dos materiais recolhidos apenas podemos refazer uma forma que encontra paralelos em várias estações do norte peninsular, embora, para efeitos crono-estratigráficos, apenas sirva como apoio, visto tratar-se de uma forma de grande perduração.

Fase IV-V

Como referenciamos anteriormente apenas identificamos um cântaro, n.º 81 (vol. II, est. CLXXV, n.º 81), cuja forma é enquadrável no tipo 7 de Sánchez, da tipologia das cerâmicas comuns de Arcóbriga (SÁNCHEZ 1992, 254, fig. 8.2.16, n.º 127-129), ou no tipo J5 da tipologia de Lugo (IRASTORZA 1994, 291, fig. 121, n.º 1,2).
O nosso exemplar encontra-se representado apenas por um fragmento de bordo, gargalo e arranque de parede. O bordo é vertical, ligeiramente pronunciado para o exterior e rematado por um lábio amendoado. O gargalo é alto e vertical formando um perfil oblíquo ao nível do arranque do bojo, onde se desenvolve uma pequena canelura no exterior. As asas de fita apresentam uma secção plano-convexa e, provavelmente, formaria um perfil semiesférico com apoio ao nível médio dos ombros. A decoração é composta por uma canelura exterior implantada no arranque da parede com incisões verticais em forma de losango.
A pasta pertence ao grupo C-40 M. A superfície é medianamente polida com acabamento irregular.
É proveniente da Fase IV-V do Ap. II da *Domus da Lucerna do Cavalo*, que, ao contrário do que menciona Mercedes Vegas, na área do noroeste peninsular esta forma terá perdurado pelo menos até início do séc. V, como se confirma em Lugo e Viladonga (VILAS 1983, 24).
Não conhecemos exemplares na região de entre Douro e Ave. Os recipientes afins identificados em Conímbriga e Monte Mozinho, Penafiel, não são tipologicamente correspondentes ao nosso exemplar.

Formas diversas (83-86)

Tampas / Testos (82-83)

São apenas duas as tampas que resultaram da interpretação formal das peças provenientes dos cortes estratigráficos em estudo, n.º 82 e 83 (vol. II, est. CLXXVI, n.º 82-83). O primeiro, genericamente pode integrar o tipo Vegas 17 (VEGAS 1973, 149, 151, fig. 57, n.º 3), e constitui um tipo particularmente vulgar estando representado em Conímbriga (ALARCÃO 1974 a, 142, est. LX, n.º 1071), Monte Mozinho, Penafiel, (SOEIRO 1984, 139, fig. LXII, n.º 11-14), e, num âmbito mais alargado, com significativa expressão no acampamento militar de Rosinos de Vidriales, Zamora, onde se identificaram doze peças (VAQUERO 1998, 1084, fig. 348-50, n.º 148-160, 170-172). O nosso exemplar é proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Golfinho*.

O segundo compreende um tipo de grande horizontalidade com o elemento de preensão destacado, também frequente e amplamente representado no horizonte cronológico a que o nosso exemplar pertence (Fase IV-V). Encontram-se exemplares com semelhanças morfológicas e cronológicas provenientes de Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1984, 139, fig. LXII, n.º 16), de Conímbriga (ALARCÃO 1974 a, 142, est. LX, n.º 1074).

Marcas e selos (84-86)

São apenas três as marcas recolhidas em recipientes de cerâmica comum recolhidas na intervenção de Alvarelhos, n.º 84-86 (vol. II, est. CLXXVI, n.º 84-86). A todas elas correspondem recipientes de armazenagem que, hipoteticamente, identificam oficinas.

A produção de recipientes de armazenagem de grandes dimensões, juntamente com os almofarizes, tem vindo a ser interpretada como sendo uma das actividades das oficinas de produção de materiais de construção[844], nomeadamente de *tegulae, imbrices* e *lateres* (PASCUAL 1988, 208). À semelhança dos almofarizes, é relativamente comum este tipo de vasilhame apresentar selos ou marcas de "fábrica" impressos na área superior do ombro.

São escassos os estudos sobre o tema para a área peninsular e praticamente inexistentes para a área do noroeste Peninsular[845], pelo que encontramos particular dificuldade em contextualizar regionalmente as marcas recolhidas em Alvarelhos.

O exemplar n.º 84 (vol. II, est. CLXXVI, n.º 84) é representado por um fragmento de reduzidas dimensões de que apenas conhecemos parte do conteúdo da marca. Pela sua espessura é admissível que pertencesse a um a uma talha de pequena dimensão. A marca apresenta um caixilho rectangular, rebaixado. Da estampilha são apenas visíveis as três últimas letras – (...) I L F(*ecit*). A sua terminação de F(*ecit*) permite deduzir que se trata de uma marca identificativa do oleiro que a produziu, como acontece frequentemente neste tipo de marcas. O seu contexto estratigráfico enquadra a Fase IIb, correspondendo, portanto, a um período de assinalável transformação do povoado, sendo admissível a sua produção nas imediações. Também as características morfológicas da pasta cerâmica que integra um dos grupos mais frequentes desta fase (A2-45M) cujas matérias não-plásticas se encontram particularmente bem distribuídas quantitativa e espacialmente, apresentando um calibre regular, proporcional à dimensão das peças.

Também o seu contexto espacial é relevante, na medida em que nos permite relacionar a sua presença com a função do espaço do seu achamento. Proveniente da *Praça*, à semelhança da marca n.º 85 (vol. II, est. CLXXVI, n.º 85), integra um conjunto significativo de materiais de armazenamento identificados neste local, que, provavelmente, estariam relacionados com a actividade comercial.

O selo n.º 85 encontra-se impresso num pequeno fragmento da parede do ombro de um *dolium* de dimensões médias. Apresenta um caixilho rebaixado de planta rectangular com cantos arredondados, com cinco letras inscritas – *ARILI* .... ou, em alternativa *APILI* ... . Trata-se de uma marca de *officina* de não conhecemos qualquer paralelo na área do noroeste peninsular. É proveniente da área exterior da *Praça*, contemporânea da *Estrutura* II, com cronologia referente à Fase IIb. As características morfológicas da pasta integram o grupo A2.

---

[844] Para além das oficinas de produção de materiais de construção cerâmicos, são vários os exemplos conhecidos de oficinas de produção de ânforas que também produziram *dolia*, designadamente em Marchena, Sevilha, em Olivar de Chipiona, Cádiz, em Moratalla, Córdova, entre outros ligados à produção de ânforas oliárias e de preparados de peixes (LLORIS 1990, 260).

[845] Listagens de marcas e oficinas são apenas resumidamente enunciadas por Beltram Lloris (LLORIS 1990, 260-261), com particular destaque para a área meridional da península, e, mais recentemente, Luezas Pascual apresenta uma listagem e respectivo estudo, mas incompleto, em que não encontramos qualquer exemplar proveniente da área do Noroeste Peninsular (PASCUAL 1988, 207-233). A sistematização das marcas inscritas em vasilhame de cerâmica comum e materiais cerâmicos de construção ocorridas até 1991, para a área do noroeste peninsular é ensaiada por Juan Naveiro que reúne 29 exemplares de oito localidades distintas, embora sejam conhecidas algumas outras que não constam do inventário (LÓPEZ 1991, 181).

Por último, o selo n.º 86 (vol. II, est. CLXXVI, n.º 86) encontra-se impresso no ombro de um *dolium* de grandes dimensões[846]. Trata-se de uma marca de *officina* impressa imediatamente abaixo do bordo. A cartela é de formato rectangular onde se encontram impressas cinco letras – AIILU, precedida por um grafito que compõe um V invertido.
É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Colher de Prata*, cronologia que concorda com os paralelos conhecidos para esta forma. Ao contrário das anteriores a constituição da pasta cerâmica é caracteristicamente tardia. Integra o grupo D.

Grafitos (31)

Identificamos apenas um exemplar, n.º 31 (vol. II, est. CLXIII, n.º 31), inscrito no ombro de um *dolium* de grandes dimensões. O grafito gravado na pasta ainda por secar é composto pela seguinte frase – EME (*hedera)* ME (*hedera*) / BONO (*hedera*) TVO - (Compra-me para teu bem ou *Toma-me* para teu bem), sendo que os pontos se encontram representados por folhas de heras, com uma finalidade claramente estética (ENCARNAÇÃO 1992, 11).
A peça foi já alvo de um pequeno estudo, cuja interpretação da mensagem é interpretada pelo autor como *slogan* publicitário de apelo à aquisição do conteúdo do *dolium,* eventualmente de vinho (ENCARNAÇÃO 1992, 11- 12). O exemplar é proveniente da Fase III da *Domus do Grafito*, cujo complexo assumiu a sua designação.

[846] Est. CLXII, n.º 30.

Cerâmica comum

Nº Inventário	Proveniência	Forma	Perfil	∅ bordo	Pasta/acabamento	Decoração	Anál. Química	Estampa
1. Alv. 94 A, lg. 6777	corte est. 9, camada 1 / Fase IV-V	prato	tronco-cónico	152 mm	A1 – 71 M	---	----	est. CLVII, n.º 1
2. Alv. 96 B1, lg. 1634	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	prato	tronco-cónico	192 mm	A1 – 75 L	---	s/ Grupo	est. CLVII, n.º 2
3. Alv. 98 B1, A1, op. 212	corte est. 3, camada 2 / Fase V	prato	tronco-cónico	255 mm	A1 – 73 S	---	---	est. CLVII, n.º 3
4. Alv. 97 B3, A1, lg. 1984	corte est. 6, camada 2 / Fase IV-V	prato	tronco-cónico	210 mm	C – 70 M	---	---	est. CLVII, n.º 4
5. Alv. 97 B3, lg. 5281	corte est. 6, camada 1C / Fase IV-V	prato	tronco-cónico	237 mm	A2 – 47 L	---	Grupo 5	est. CLVII, n.º 5
5a. Alv. 92 A, 6262-6266	corte est. 14, camada 1 / Fase IV-V	prato	tronco-cónico	221 mm	---	---	---	est. CLVII, n.º 5a
6. Alv. 95 B, lg. 7412	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	prato	tronco-cónico	147 mm	C – 67 L	---	Grupo 5	est. CLVII, n.º 6
7. Alv. 97 B3, A1, lg. 7556	corte est. 6, camada 1C / Fase IV-V	prato	tronco-cónico	207 mm	B – 47 L	---	----	est. CLVII, n.º 7
7a. Alv. 92 A, s/n	corte est. 14, camada 1 / Fase IV-V	prato	tronco-cónico	181 mm	---	---	---	est. CLVII, n.º 7a
8. Alv. 97 B3, A1, lg. 1011	corte est. 6, camada 2 / Fase IV-V	prato	tronco-cónico	139 mm	A2 – 47 L	---	----	est. CLVIII, n.º 8
9. Alv. 92 A, lg. 3068	corte est. 14, camada 1 / Fase IV-V	prato	tronco-cónico	153 mm	B – 45 M	---	----	est. CLVIII, n.º 9
10. Alv. 98 B1, A1, op. 142	corte est. 1, camada 2 / Fase IV-V	prato	----	144 mm	A1 – 53 M	---	----	est. CLVIII, n.º 10
11. Alv. 98 B1, A1, op. 45	corte est. 1, camada 2 / Fase IV-V	tigela	esférico	252 mm	A2 – 53 M	---	----	est. CLVIII, n.º 11
11a. Alv. 97 B3, op. 70	corte est. 6, camada 1C / Fase III	tigela	contracurvado	314 mm	---	---	---	est. CLVIII, 11a
11b. Alv. 92 A, s/n	corte est. 14, camada 1 / Fase IV-V	tigela	elíptico	188 mm	---	---	---	est. CLVIII, 11b
12. Alv. 92 A, op. 48	corte est. 12, camada 1 / Fase IV-V	taça	em S	150 mm	A2 – 53 M	---	----	est. CLVIII, n.º 12
13. Alv. 97 B3, A1, lg. 7018	corte est. 6, camada 2 / Fase IV-V	taça	esférico	76 mm	A2 – 73 S	---	----	est. CLVIII, n.º 13
14. Alv. 97 B3, A1, lg. 7558	corte est. 6, camada 1C / Fase III	tigela	esférico	103 mm	B – 69 L	---	----	est. CLVIII, n.º 14
15. Alv. 97 B3, A1, lg. 8293	corte est. 6, camada 1C / Fase III	copo	em S	89 mm	A2 – 52 P	friso triangular	----	est. CLIX, n.º 15
16. Alv. 92 A, op. 113	corte est. 12, camada 1 / Fase IV-V	copo	em S	85 mm	A – 73 S	friso junto ao pé	----	est. CLIX, n.º 16
17. Alv. 97 B6, op. 13	corte est. 7, camada 2 / Fase V	púcaro	esférico	92 mm	A2 – 20 M	duas bandas de frisos	----	est. CLIX, n.º 17
18. Alv. 97 B3, lg. 512	corte est. 6, camada 1C / Fase III	púcaro	em S	84 mm	A2 – 20 M	caneluras e um friso	----	est. CLIX, n.º 18
19. Alv. 98 B6, op. 12	corte est. 7, camada 2 / Fase V	púcaro	elíptico	124 mm	B – 70 M	---	----	est. CLIX, n.º 19
20. Alv. 92 A, op. 124	corte est. 14, camada 1 / Fase IV-V	prateira	tronco-cónico	440 mm	A2 – 20 M	---	----	est. CLX, n.º 20
21. Alv. 93 A, lg. 1607	corte est. 11, camada 0 / Fase IV-V	prateira	tronco-cónico	330 mm	A2 – 45 M	---	----	est. CLX, n.º 21
22. Alv. 97 B3, A1, lg. 1113	corte est. 5, camada 2 / Fase IV-V	prateira	tronco-cónico	399 mm	D – 20 M	---	----	est. CLX, n.º 22
23. Alv. 93 A , lg. 4773	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	bilha	----	51 mm	A2 – 70 M	---	----	est. CLX, n.º 23
24. Alv. 97 B3, A1 lg. 5439	corte est. 5, camada 2 / Fase IV-V	bilha	---	66 mm	A2 – 47 L	---	----	est. CLX, n.º 24
25. Alv. 97 B2, op. 66	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	bilha	ovóide	118 mm	A1 – 70 N	---	s/ Grupo	est. CLXI, n.º 25
26. Alv. 94 A, lg. 2765	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	bilha	esférico	177 mm	A1 – 75 L	duas caneluras	----	est. CLXI, n.º 26
27. Alv. 95 B, A4, op. 23	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	almofariz	tronco-cónico	284 mm	C – 47 R	meandro inciso	----	est. CLXII, n.º 27
28. Alv. 97 B3, A1, op. 190	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	almofariz	----	....	C – 57 L	---	----	est. CLXII, n.º 28
29. Alv. 97 B3, A1, 1879	corte est. 5, camada 2 / Fase III	almofariz	tronco-cónico	380 mm	E – 45 M	---	----	est. CLXII, n.º 29
30. Alv. 94 A, lg. 1280	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	talha	ovóide	324 mm	D - 20 M	grafito ilegível	----	est. CLXII, n.º 30
30a. Alv. 94 A, op. 83	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	talha	elíptico	320 mm	B – 67 M	três caneluras	---	est. CLXII(a), n.º 30a
31. Alv. 86, lg. 3455	corte est. 2, camada 2 / Fase III	talha	elíptico	608 mm	C – 47 L	grafito EME/ME/BONO/TUO		est. CLXIII, n.º 31
32. Alv. 97 B2, A2, lg. 2482	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	talha	ovóide	584 mm	C – 69 L	friso ondulado inciso	----	est. CLXIII, n.º 32
33. Alv. 97 A, A2, lg. 3555	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	talha	----	588 mm	E – 45 M	---	----	est. CLXIII, n.º 33

34. Alv. 98 B1, A1, lg. 13219	corte est. 1, camada 2 / Fase IV-V	talha	----	736 mm	E – 67 L	---	----	est. CLXIII, n.º 34
34a. Alv. 94 A, op. 71	corte est. 8, camada 1 / Fase IV-V	talha	elíptico	723 mm	E – 47 L	friso no bordo	---	est. CLXIII(a), n.º 34a
35. Alv. 97 B3, A1, lg. 8188	corte est. 8, camada 3 / Fase IIII	talha	elíptico	312 mm	D – 92 N	moldura	----	est. CLXIV, n.º 35
36. Alv. 97 B3, A1, lg. 8211	corte est. 8, camada 3 / Fase III	talha	elíptico	356 mm	C – 67 L	---	----	est. CLXIV, n.º 36
37. Alv. 97 B3, A1, lg. 7610	corte est. 8, camada 3 / Fase III	talha	elíptico	324 mm	D – 47 M	---	----	est. CLXIV, n.º 37
38. Alv. 95 B, lg. 6483	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	talha	elíptico	328 mm	D – 47 L	perfil exciso----		est. CLXIV, n.º 38
39. Alv. 97 B3, A1, lg. 7395	corte est. 8, camada 3 / Fase III	talha	elíptico	334 mm	E – 71 M	---	----	est. CLXV, n.º 39
40. Alv. 97 B3, A1, lg. 8533	corte est. 8, camada 3 / Fase III	talha	elíptico	320 mm	C – 70 L	---	----	est. CLXV, n.º 40
41. Alv. 94 A, lg. 213	corte est. 4; camada 1/ Fase IV-V	talha	elíptico	215 mm	D – 71 M	crescentes impressos	----	est. CLXV, n.º 41
41a. Alv. 93 A, 195	corte est. 8, camada 1 / Fase IV-V	talha	elíptico	320 mm	D – 70 M	---	---	est. CLXV(a), n.º 41a
42. Alv. 97 B3 A1 (P16.01), s/n	corte est. 5, camada 2 / Fase III	talha	ovóide	308 mm	D – 70	---	---	est. CLXV8(b), n.º 42
42a. Alv. 94 A, s/n	corte est. 8, camada 1 / Fase IV-V	talha	ovóide	338 mm	D – 70 M	caneluras horizontais	---	est. CLXV(c), n.º 42 a
42b. Alv. 94 A, lg. 213 b	corte est. 4; camada 1 / Fase IV-V	talha	elíptico	271 mm	D – 70 M	---	---	est. CLXVI, n.º 42b
43. Alv. 97 B, lg. 696	corte est. 8, camada 3 / Fase III	balde	tronco-cónico	274 mm	D – 13 P	---	----	est. CLXVI, n.º 43
44. Alv. 97 B2, A1, lg. 2628	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	balde	tronco-cónico	708 mm	E – 47 L	---	----	est. CLXVI, n.º 44
44a. Alv. 94 A, op. 17	corte est. 8, camada 1 / Fase IV-V	balde	ovóide	368 mm	D – 70	canelura horizontal	---	est. CLXVIa, n.º 44a
45. Alv. 97 B3, A1, lg. 3671	corte est. 8, camada 3 / Fase III	panela	elíptico	224 mm	B – 47 L	---	----	est. CLXVII, n.º 45
46. Alv. 97 B3, A1, lg. 8524	corte est. 8, camada 3 / Fase III	panela	elíptico	188 mm	C – 70 M	---	----	est. CLXVII, n.º 46
47. Alv. 97 B3, lg. 8910	corte est. 8, camada 3 / Fase III	panela	esférico	152 mm	C – 67 M	estrias em duas bandas		est. CLXVII, n.º 47
48. Alv. 97 B3, A1, lg. 7396	corte est. 8, camada 3 / Fase III	panela	elíptico	218 mm	B – 69 M	---	----	est. CLXVII, n.º 48
49. Alv. 97 B3, A1, lg. 8623	corte est. 8, camada 3 / Fase IIII	panela	esférico	196 mm	B – 20 M	---	----	est. CLXVII, n.º 49
50. Alv. 97 B3, A1, lg. 512	corte est. 8, camada 3 / Fase III	pote	esférico	131 mm	C – 70 M	---	----	est. CLXVII, n.º 50
51. Alv. 95 B, A1, lg. 512	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	esférico	130 mm	A1 – 53 M	---	----	est. CLXIX, n.º 51
52. Alv. 95 B, lg. 3176	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	esférico	182 mm	C – 47 R	---	----	est. CLXIX, n.º 52
53. Alv. 97 B3, A1, lg. 5273	corte est. 8, camada 3 / Fase III	pote	esférico	120 mm	B – 20 M	---	----	est. CLXIX, n.º 53
54. Alv. 97 B3, A1, lg. 5597	corte est. 8, camada 3 / Fase III	pote	esférico	126 mm	B – 92 N	---	----	est. CLXIX, n.º 54
55. Alv. 97 B3, A1, lg. 3672	corte est. 8, camada 3 / Fase III	pote	esférico	174 mm	C – 47 R	---	----	est. CLXIX, n.º 55
56. Alv. 97 B3, A1, lg. 8191	corte est. 8, camada 3 / Fase III	pote	esférico	174 mm	D – 57 M	---	----	est. CLXIX, n.º 56
57. Alv. 97 B3, A1, lg. 5428	corte est. 8, camada 3 / Fase III	pote	esférico	121 mm	D – 71 M	---	----	est. CLXX, n.º 57
58. Alv. 96 B, A4, lg. 1684	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	esférico	179 mm	A2 – 30 P	---	----	est. CLXX, n.º 58
59. Alv. 95 B, lg. 3176	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	esférico	181 mm	C – 47 R	---	----	est. CLXX, n.º 59
60. ALV. 97 B3, A1, lg. 6456	corte est. 8, camada 3 / Fase III	pote	elíptico	169 mm	C – 70 K	---	----	est. CLXX, n.º 60
61. Alv. 97 B3, A1, lg. 5286	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	esférico	214 mm	B – 71 M	---	----	est. CLXX, n.º 61
62. Alv. 97 B3, A1, lg. 9162	corte est. 8, camada 3 / Fase III	pote	elíptico	205 mm	A2 – 70 M	---	----	est. CLXX, n.º 62
63. Alv. 96 B, A4, lg. 1552	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	esférico	239 mm	D – 59 M	---	----	est. CLXXI, n.º 63
64. Alv. 97 B3, A1, lg. 7611	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	elíptico	202 mm	B – 67 M	---	----	est. CLXXI, n.º 64
65. Alv. 95 B, lg. 3567	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	esférico	202 mm	A2 – 40 M	---	----	est. CLXXI, n.º 65
66. Alv. 95 B, lg. 5351	corte est. 8, camada 3 / Fase III	pote	elíptico	221 mm	C – 25 M	---	----	est. CLXXI, n.º 66
67. Alv. 95 B, lg. 3826	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V.	pote	elíptico	203 mm	A2 – 20 M	friso ao nível do bordo	----	est. CLXXII, n.º 67
68. Alv. 97 B3, A1, lg. 9038	corte est. 8, camada 3 / Fase III	pote	elíptico	209 mm	B – 20 M	---	----	est. CLXXII, n.º 68
69. Alv. 96 B, lg. 4906	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	esférico	198 mm	D – 47 L	---	----	est. CLXXII, n.º 69

70. Alv. 96 B, A4, lg. 1556	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	esférico	226 mm	B – 70 M	---	----	est. CLXXII, n.º 70
71. Alv. 95 B, lg. 37 65	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	esférico	200 mm	A2 – 35 M	friso de secção rectangular		est. CLXXIII, n.º 71
72. Alv. 96 B, A4, lg. 4741	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	elíptico	222 mm	C – 59 M	---	----	est. CLXXIII, n.º 72
73. Alv. 95 B, lg. 511	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	elíptico	190 mm	B – 59 M	---	----	est. CLXXIII, n.º 73
74. Alv. 95 B, lg. 4190	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	esférico	209 mm	C – 25 N	---	----	est. CLXXIII, n.º 74
74a. Alv. 93 A, op. 162	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	elíptico	176 mm	R – 71	---	---	est. CLXXIIIa, n.º 74a
75. Alv. 96 B, A4, lg. 4820	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	elíptico	206 mm	B – 69 M	---	----	est. CLXXIV, n.º 75
76. Alv. 95 B, lg. 2988	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	esférico	286 mm	B – 49 M	friso de perfil triangular	----	est. CLXXIV, n.º 76
77. Alv. 95 B, lg. 3376	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	elíptico	274 mm	C – 49 M	---	----	est. CLXXIV, n.º 77
78. Alv. 97 B3, A1, lg. 7298	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	elíptico	270 mm	B – 45 M	---	----	est. CLXXIV, n.º 78
79. Alv. 97 B3, A 1, lg. 5900	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	ovóide	281 mm	C – 70 L	---	----	est. CLXXV, n.º 79
80. Alv. 96 B, A4, lg. 5281	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	pote	elíptico	145 mm	C – 20 M	---	----	est. CLXXV, n.º 80
81. Alv. 95 A, lg. 7494	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	cântaro	semiesférico	110 mm	C – 40 M	canelura com incisões verticais		est. CLXXV, n.º 81
82. Alv. 97 B, A1, lg. 5570	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	tampa	----	----	A2 – 45 M	---	----	est. CLXXVI, n.º 82
83. Alv. 93 A op. 1	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	tampa	----	----	A2 – 35 M	---	Grupo 15	est. CLXXVI, n.º 83
84. Alv. 96 B, A3, op. 168	corte est. 1, camada 2 / Fase IIb	marca	----	----	A2 – 45 M	marca ... ILE	Grupo 10	est. CLXXVI, n.º 84
85. Alv. 96 B, A3, op. 238	corte est. 1, camada 1b / Fase IIb	marca	----	----	A2 – 45 M	marca	----	est. CLXXVI, n.º 85
86. Alv. 94 A, lg. 1280	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	marca	----	----		---	----	est. CLXXVI, n.º 86

Cerâmica comum – Análises por espectrometria de fluorescência de Raio X

Barreiros

Constituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%
Barreiros														
Alvarelhos barro amarelo	62,26	31,40	2,14	3,48	- 0,04	0,25	0,02	0,39	372	226	105	253	144	---
Alvarelhos barro branco	63,15	31,47	1,10	3,56	- 0,05	0,24	0,02	0,40	286	222	92	278	131	---
Extracção de Alvarelhos	66,42	28,21	1,64	2,66	0,01	0,48	0,07	0,42	285	233	84	224	146	---
St.ª Eufémia, barro branco 1	60,30	30,88	0,92	5,71	1,32	0,28	0,06	0,42	251	220	73	424	153	---
St.ª Eufémia, barro branco 2	64,67	27,40	1,10	5,18	0,91	0,24	0,04	0,35	265	194	62	391	165	---
St.ª Eufémia barro amarelo	63,89	27,51	2,14	5,36	0,41	0,22	0,03	0,34	243	179	57	392	133	---

- Nenhum dos grupos constituídos se assemelham aos barros de St.ª Eufémia e Alvarelhos.

Cerâmica comum (materiais de construção)

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.
Grupo 1															
Valor médio	50,92	37,75	5,76	2,98	0,14	1,40	0,09	0,81	524	315	63	280	271	---	

Desvio padrão	1,55	1,28	0,65	0,36	0,07	0,13	0,02	0,11	85	58	9	22	22	---	
* Alv. 96 B, lg. 270	52,33	36,01	6,22	2,95	0,14	1,27	0,06	0,89	457	298	55	314	300	---	tégula

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Grupo 4																
Valor médio	51,55	36,13	7,28	2,75	0,13	1,29	0,04	0,66	442	525	90	287	303			
Desvio padrão	1,00	1,98	0,90	0,84	0,02	0,06	0,01	0,11	44	65	20	33	13			
* Alv. 96 B, lg. 280	51,93	35,69	8,15	2,00	0,14	1,34	0,04	0,55	493	453	100	257	288	---	tégula	
* Alv. 97 B, lg. 5462	52,31	34,40	7,35	3,65	0,11	1,30	0,03	0,68	422	581	66	280	310	---	imbréx	
* Alv. 97 B, lg. 6351	52,97	33,95	6,25	4,72	0,17	1,31	0,04	0,39	538	597	120	268	299	---	imbréx	

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Grupo 18																
Valor médio	54,16	33,91	4,55	4,70	0,38	1,17	0,08	0,86	599	529	59	327	263			
Desvio médio	0,42	2,33	1,35	0,96	0,07	0,11	0,03	0,27	32	28	9	29	53			
* Alv. 97 B, lg. 5461	53,86	32,26	5,51	5,38	0,43	1,25	0,06	1,05	577	549	52	348	300	---	imbréx	

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Grupo 24																
Valor médio	69,31	21,35	3,63	3,54	0,65	0,73	0,09	0,58	425	288	59	173	223			
Desvio médio	2,41	1,57	0,69	0,43	0,08	0,08	0,00	0,09	35	17	14	25	30			
* Alv. 97 B, lg. 5569	67,65	22,00	4,43	3,69	0,58	0,81	0,09	0,64	408	308	50	151	246	---	imbréx	

Cerâmica comum (peças)

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Grupo 1																
Valor médio	50,92	37,75	5,76	2,98	0,14	1,40	0,09	0,81	524	315	63	280	271	----		
Desvio padrão	1,55	1,28	0,65	0,36	0,07	0,13	0,02	0,11	85	58	9	22	22	----		
* Alv. 96 B, lg. 3670	53,62	35,81	5,41	2,64	0,31	1,26	0,13	0,69	536	252	64	250	246	---		
* Alv. 86 B, lg. 219	49,24	38,53	6,69	2,98	0,13	1,47	0,09	0,75	440	369	58	261	248	---	Pintada	
* Alv. 86 B, lg. 714	51,48	37,61	5,43	2,99	0,12	1,26	0,08	0,90	425	268	63	310	244	---	Pintada	
* Alv. 93 A, op. 139	50,98	37,19	6,00	3,23	0,15	1,36	0,10	0,82	527	350	57	300	245	---	Pintada	
* Alv. 93 A, op. 4	50,29	38,41	5,37	3,42	0,13	1,53	0,08	0,60	667	350	78	246	251	---	Pintada	
* Alv. 93 A, op. 5	50,35	37,15	6,49	3,36	0,11	1,48	0,09	0,81	593	361	71	311	269	---	Pintada	
* Alv. 97 B, op. 206	52,60	36,24	5,46	3,04	0,20	1,32	0,12	0,87	499	371	69	277	303	---	Pintada	
* Alv. 97 B, lg. 7762	49,38	38,23	5,94	3,70	0,15	1,75	0,07	0,64	497	390	57	258	258	---	Clara fina	

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Grupo 2																
Valor médio	57,61	28,29	8,33	3,08	0,18	1,22	0,27	0,86	474	344	63	173	408			
Desvio padrão	1,15	1,43	0,82	0,20	0,25	0,27	0,05	0,12	90	27	10	44	160			
* Alv. 97 B, 5196	56,29	29,33	8,25	3,09	0,47	1,45	0,22	0,76	485	363	74	149	321	---	Rosa	

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Grupo 5																
Valor médio	51,54	34,88	8,09	2,61	0,47	1,17	0,19	0,89	572	365	170	109	344			
Desvio padrão	0,64	1,86	0,40	0,56	0,01	0,00	0,02	0,23	155	10	28	3	72			
6. Alv. 95 B, lg. 7412	51,09	36,20	7,81	2,22	0,48	1,17	0,18	0,73	463	372	150	107	292	---		
5. Alv. 97 B, lg. 5281	52,00	33,57	8,38	3,01	0,46	1,17	0,20	1,05	681	358	190	112	395	---		

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Grupo 6																
Valor médio	62,32	24,25	5,50	4,95	0,48	0,88	0,22	1,24	543	259	105	330	342			
Desvio padrão	0,13	1,26	0,64	0,37	0,23	0,18	0,06	0,22	101	58	28	28	110			
* Alv. 97 B, lg. 698	62,37	23,28	6,17	5,21	0,71	0,87	0,18	1,04	437	243	129	325	466	---		
* Alv. 97 B, lg. 6447	62,40	23,79	5,45	5,12	0,26	1,06	0,29	1,47	553	323	74	304	300	---	Tipo grés	
* Alv. 95 B, lg. 8720	62,17	25,67	4,90	4,53	0,48	0,71	0,21	1,19	638	210	114	360	258	5.30		
* Alv. 96 B, lg. 28	62,91	25,78	3,62	4,96	0,94	0,62	0,20	0,81	478	202	76	497	231	6.50 (grupo + próximo)		

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Grupo 8																
Valor médio	56,79	30,34	6,80	3,84	0,09	0,95	0,18	0,87	418	411	57	255	237			
Desvio padrão	1,30	1,21	0,48	0,46	0,04	0,08	0,06	0,04	41	54	8	26	21			
* Alv. 96 B, lg. 3695	58,33	29,25	6,82	3,35	0,13	0,84	0,24	0,91	444	326	69	284	248	2.45		

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Grupo 9																
Valor médio	53,27	34,71	5,06	4,57	0,43	0,80	0,13	0,90	459	314	92	200	230			
Desvio padrão	0,99	1,13	0,36	0,55	0,11	0,14	0,02	0,21	115	55	11	14	25			
* Alv. 96 B, op. 172	53,87	34,55	5,08	4,32	0,39	0,91	0,13	0,60	654	376	93	217	232	---	Pintada	
* Alv. 97 B, lg. 7855	53,79	33,45	5,32	5,11	0,48	0,68	0,14	0,90	483	270	96	194	236	---	Clara	
* Alv. 97 B, lg. 5752	53,62	34,65	5,30	3,93	0,30	0,94	0,10	1,05	465	345	77	206	255	---	Rosa	
* Alv. 97 B, lg. 8307	51,79	36,21	4,55	4,92	0,54	0,68	0,15	1,05	380	264	103	184	196	---	Panela de asa interna	

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Grupo 10																
Valor médio	57,12	29,76	6,39	4,00	0,29	1,03	0,14	1,06	622	423	82	303	629			
Desvio padrão	0,11	0,82	0,95	0,16	0,02	0,03	0,06	0,09	12	125	14	13	101			
* Alv. 95 B, lg. 6476	54,44	30,37	7,12	4,33	1,17	0,96	0,23	1,16	638	200	111	323	807	4.85		
84. Alv. 96 B, op. 168	56,74	29,60	7,13	3,17	0,67	1,17	0,13	1,21	659	192	102	333	424	4,20		
* Alv. 95 B, lg. 8327	57,05	29,18	7,06	3,89	0,30	1,01	0,18	1,13	613	334	72	294	700	4.5		

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Grupo 11																
Valor médio	53,87	29,56	9,45	3,40	0,21	1,72	0,12	1,48	701	475	61	206	423			
Desvio padrão	1,05	2,32	0,87	0,28	0,03	0,19	0,01	0,09	98	42	10	28	75			
* Alv. 95 B, lg. 8035	53,97	30,34	7,74	3,54	1,22	1,35	0,16	1,50	594	391	88	214	429	4.85 (+ próximo)		

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Grupo 12																
Valor médio	44,20	43,62	7,05	2,34	0,08	1,75	0,06	0,77	390	375	40	195	253			
Desvio padrão	1,21	0,90	0,79	0,71	0,06	0,09	0,01	0,10	30	4	9	26	31			
* Alv. 94 A, op. 48	44,84	43,50	7,06	1,91	0,05	1,65	0,06	0,80	418	378	51	174	280	---	Pintada	
* Alv. 97 B, op. 336	44,96	42,80	6,26	3,16	0,16	1,82	0,07	0,66	395	377	38	224	219	---	Pintada	
* Alv. 97 B, op. 344	42,80	44,58	7,83	1,96	0,04	1,78	0,04	0,85	358	370	32	186	260	---	Pintada	

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Grupo 13																
Valor médio	57,84	29,87	5,82	3,74	0,49	1,00	0,21	0,88	599	306	101	232	266			
Desvio médio	1,89	1,61	1,02	0,60	0,30	0,23	0,04	0,21	93	39	16	58	41			
* Alv. 97 B, lg. 4760	58,30	29,58	5,23	4,14	0,47	0,95	0,18	1,01	528	321	108	213	235	---		
* Alv. 97 B, lg. 8696	56,14	27,76	7,82	4,60	1,18	1,30	0,20	0,83	759	334	126	186	312	---	---	Panela de asa interior
* Alv. 96 B, lg. 3699	58,77	30,84	5,48	2,02	0,37	0,92	0,15	1,33	349	304	75	176	250	2.60		
* Alv. 95 B, lg. 8481	55,22	32,23	5,48	4,12	0,35	1,13	0,27	1,01	702	316	86	322	316	3.15		
* Alv. 96 B, lg. 3673	55,68	31,91	6,39	2,73	0,49	1,30	0,23	1,16	556	289	120	244	311	3.60		
* Alv. 96 B, lg. 3693	58,86	30,70	4,73	3,16	0,37	1,01	0,14	0,88	613	285	99	191	234	3.40		
* Alv. 96 B, lg. 3702	60,21	20,02	4,72	3,67	0,34	0,79	0,17	0,96	496	253	95	251	267	3.85		

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Grupo 14																
Valor médio	60,65	27,24	4,23	5,17	0,95	0,64	0,18	0,83	502	258	106	199	222			
Desvio padrão	1,86	1,79	0,64	0,50	0,26	0,11	0,03	0,22	109	42	11	27	30			

* Alv. 97 B, lg. 7555	61,65	26,13	4,31	5,33	0,89	0,66	0,12	0,76	553	261	87	221	239	---	
* Alv. 97 B, lg. 8331	62,67	25,48	4,41	4,41	0,80	0,76	0,19	1,17	294	262	104	189	238	---	Tipo grés
* Alv. 97 B, lg. 9314	59,59	29,34	4,01	4,69	0,81	0,53	0,19	0,72	447	259	102	174	210	---	Clara
* Alv. 97 B, lg. 3715	61,90	25,52	4,05	5,22	1,42	0,54	0,20	1,01	481	268	104	177	210	---	Rosa
* Alv. 97 B, lg. 5688	57,66	29,87	4,82	5,08	0,63	0,76	0,20	0,84	528	282	109	224	275	---	Rosa
* Alv. 97 B, lg. 8561	59,10	27,74	4,97	5,55	1,12	0,73	0,18	0,48	599	307	116	173	203	---	Panela de asa interior
* Alv. 94 A, lg. 8281	61,95	26,59	3,02	5,88	0,94	0,51	0,18	0,80	613	170	119	235	182	6,40	

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.
Grupo 15															
Valor médio	53,05	33,22	7,78	3,16	0,15	1,35	0,09	1,05	515	301	63	282	358	---	
Desvio padrão	1,81	2,19	0,99	0,51	0,12	0,13	0,02	0,18	79	55	9	35	43	---	
83. Alv. 93 A, op.1	51,88	33,79	8,62	2,62	0,12	1,43	0,08	1,32	577	293	70	231	345	1,25	Pintada
* Alv. 94 A, lg. 6806	54,96	31,22	8,02	2,84	0,15	1,37	0,08	1,22	617	283	73	252	322	---	Pintada
* Alv. 97 B, op. 162	55,57	31,78	6,73	3,27	0,17	1,20	0,08	1,06	477	376	61	286	353	---	Pintada
* Alv. 97 B, lg. 7171	50,38	34,29	9,79	2,33	0,16	1,74	0,11	1,06	423	359	76	202	326	---	
* Alv. 97 B, lg. 3637	52,65	32,98	7,20	4,29	0,43	1,14	0,11	1,06	384	254	64	323	436	---	Tipo grés
* Alv. 97B, lg. 5294	48,43	38,22	7,28	3,06	0,19	1,51	0,13	1,03	426	362	61	220	301	---	Clara fina
* Alv. 96B, lg. 238	53,66	31,33	9,46	2,90	0,06	1,47	0,12	0,86	567	207	68	319	294	3.15	

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.
Grupo 17															
Valor médio	57,76	31,84	4,21	3,71	0,64	0,99	0,11	0,58	478	401	79	369	277	---	
Desvio padrão	0,56	0,75	0,15	0,15	0,08	0,06	0,03	0,14	58	18	28	92	9	---	
* Alv. 95 B, lg. 7530	58,15	31,31	4,11	3,81	0,70	0,95	0,13	0,68	519	388	98	434	283	2.85	
* Alv. 95 B, lg. 6579	57,36	32,36	4,32	3,60	0,59	1,04	0,09	0,49	437	413	59	304	270	7.18	

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.
Grupo 19															
Valor médio	64,02	25,78	3,92	4,03	0,67	0,53	0,11	0,82	311	243	57	247	211	---	
Desvio padrão	1,53	0,54	1,01	0,32	0,45	0,13	0,01	0,29	72	32	8	21	46	---	
* Alv. 97 B, lg. 7855	63,48	26,35	3,00	4,22	1,15	0,43	0,12	1,15	239	219	48	234	182	---	Clara

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.
Grupo 20															
Valor médio	60,20	28,72	5,69	2,92	0,20	1,23	0,08	0,82	533	352	69	237	236	---	
Desvio padrão	1,22	0,78	0,50	0,70	0,00	0,04	0,01	0,18	88	11	11	32	21	---	
* Alv. 97 B, lg. 8250	59,34	29,28	5,33	3,42	0,19	1,26	0,09	0,95	595	360	61	214	221	---	Tipo grés

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Grupo 21																
Valor médio	62,84	25,56	6,79	2,34	0,44	0,93	0,13	0,82	501	367	78	199	317	----		
Desvio padrão	1,54	0,99	0,17	0,62	0,18	0,18	0,02	0,10	20	1	7	19	27	---		
* Alv. 95 B, lg. 727	63,93	24,86	6,67	1,90	0,57	1,07	0,11	0,74	515	368	83	186	298	3,20		
* Alv. 95 B, lg. 8225	61,75	26,26	6,91	2,78	0,32	0,80	0,15	0,89	487	367	73	212	336	3.05		

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Grupo 22																
Valor médio	52,80	31,86	7,88	3,76	0,52	1,36	0,23	1,43	628	381	103	256	375	---		
Desvio padrão	0,86	0,40	0,61	0,03	0,38	0,23	0,02	0,07	65	43	1	10	26	---		
* Alv. 97 B, lg. 4760	52,19	31,58	8,31	3,73	0,79	1,52	0,24	1,48	582	351	102	263	356	---	Talha	
* Alv. 95 B, lg. 8253	53,41	32,14	7,45	3,78	0,25	1,20	0,21	1,37	673	412	104	249	393	5.95		

Cosntituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.	.
Cerâmicas não agrupadas																
2. Alv. 96 B, lg. 1634	53,68	30,68	7,62	4,07	0,54	1,24	0,36	1,67	403	272	86	273	422	---		
25. Alv. 97 B, op. 66	47,07	29,42	11,37	0,15	1,52	1,23	5,11	3,94	233	185	179	22	1284	---		
* Alv. 94 A, lg. 5509	61,09	24,08	5,31	2,21	4,14	0,92	0,33	1,76	743	161	95	100	471	----		.

* Extra catálogo

- Os grupos 2 e 11 são semelhantes a Prado - barros
- O grupo 7 é semelhante a Infante 1
- Os grupos 8, 10 e 13 são semelhantes a Prado Etno
- As amostras não agrupadas Cat. 84 (Alv. 96 B, op. 168, * Alv. 95 B, lg. 8035, Cat. 26 (Alv. 93 A, lg. 1819 / Cerâmica comum de engobe vermelho de imitação de sigillatas), Cat. 2 (Alv. 96 B, lg. 1634), são semelhantes a Prado – geral.

Catálogo

Vasos para comer e beber
Pratos (1-5a)

1. Alv. 94 A, Ig. 6777 - Fragmento de bordo, parede e arranque de prato de reduzidas dimensões. Bordo anguloso com lábio pontiagudo inclinado para o interior. Parede muito aberta e ligeiramente arqueada. Fundo plano, discóidal. O bordo na face exterior na zona de transição para a parede forma uma carena de perfil anguloso. Abundantes estrias internas espaçadas irregularmente. Pasta tipo Grupo A1 – 71 M (vol. II, est. CLVII, n.º 1).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 152 mm; Altura máxima 37 mm; Espessura máxima do bordo ao nível da carena 8 mm.
Cap. - 476,12 cm^3 / 0,46 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 1.

2. Alv. 96 B, A3, Ig. 1634 - Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de prato. Corpo tronco-cónico com parede ligeiramente arqueada. Bordo arredondado com lábio pontiagudo projectado para o interior. Base plana, discóidal de assentamento pleno. Pasta tipo Grupo A1 – 75 L (vol. II, est. CLVII, n.º 2).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 192 mm; Altura máxima 44 mm; Espessura máxima do bordo 9 mm.
Cap. - 649,34 cm^3 / 0,64 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

3. Alv. 98 B1, A1, op. 212 - Fragmento de bordo, parede e arranque de fundo de prato. Corpo tronco-cónico com parede arqueada. Bordo arredondado com lábio pontiagudo obliquo. Base plana, discóidal. Pasta tipo Grupo A1 – 73 S (vol. II, est. CLVII, n.º 3).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 255 mm; Altura máxima 42 mm; Espessura máxima do bordo 10 mm.
Cap. - 1 402,71 cm^3 / 1,40 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. IX, corte estratigráfico 3, camada 2.

4. Alv. 97 B3, A1, Ig. 1984 - Fragmento de bordo, parede e arranque de fundo de prato. Corpo tronco-cónico com parede arqueada. Bordo de perfil rectangular com lábio de face plana. Na face exterior o bordo forma uma carena que demarca o início da parede. Fundo plano, discóidal. Pasta tipo Grupo C – 70 M (vol. II, est. CLVII, n.º 4).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo ao nível da carena 210 mm; Altura máxima 60 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm.
Cap. - 1 416,12 cm^3 / 1,41 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. III, corte estratigráfico 6, camada 2.

5. Alv. 97 B3, A1, Ig. 528 - Fragmento que forma perfil completo de prato. Corpo tronco-cónico. Bordo arredondado com superfície superior plana rematado por lábio ligeiramente pontiagudo e reentrante. Parede levemente arqueada. Fundo plano, discóidal, levemente côncavo, de assentamento radial. Pasta tipo Grupo A2 – 47 L (vol. II, est. CLVII, n.º 5).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 237 mm; Altura máxima 56 mm; Espessura máxima do bordo 10 mm.
Cap. - 1 592, 88 cm^3 / 1,59 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 6, camada 1C.

5a. Alv. 92 A Ig. 6262-6266 - Conjunto de fragmentos de bordo, parede e fundo de prato. Parede arqueada com bordo reentrante e lábio introvertido, espessado em relação à parede. Fundo plano de assentamento pleno. Pasta compacta com cozedura uniforme. Elementos não-plásticos compostos por mica, feldspato e, em maior quantidade, quartzo. Superfície áspera com acabamento deficiente. Vestígios de exposição ao fogo no fundo e parede externa (cor - N55) (vol. II, est. CLVII, n.º 5a).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 221 mm; Altura máxima 53 mm; Diâmetro máximo do fundo 168 mm; Espessura máxima do lábio 9 mm.
Cap. - 1 252, 32 cm^3 / 1,25 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 14, camada 1.

Paredes planas e bordo vertical (6-8)

6. Alv. 95 B, A4, Ig. 7412 - Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de prato de reduzidas dimensões. Corpo tronco-cónico com parede plana e espessa. Lábio recto de secção rectangular. Fundo discóidal plano de assentamento pleno. Pasta tipo Grupo C – 67 L (vol. II, est. CLVII, n.º 6).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 147 mm; Altura máxima 38 mm; Espessura máxima do bordo 9 mm.
Cap. - 344,39 cm^3 / 0,34 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. IV, corte estratigráfico 1, camada 1.

7. Alv. 97 B3, A1, Ig. 7556 - Fragmento que forma perfil completo de prato. Bordo vertical com lábio pontiagudo de perfil amendoado. Corpo tronco-cónico com parede plana, levemente arqueada no exterior. Fundo plano, discóidal, de assentamento pleno. Pasta tipo Grupo B – 47 L (vol. II, est. CLVII, n.º 7).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 207 mm; Altura máxima 39 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm.
Cap. - 804,10 cm^3 / 0,80 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 6, camada 1C.

7a. Alv. 92 A, s/n - Fragmento de prato com perfil completo. Parede arqueada com bordo vertical, rematado com lábio pontiagudo. Fundo plano de assentamento pleno. Pasta compacta com cozedura uniforme (cor-P75). Elementos não-plásticos abundantes compostos por mica e quartzo de pequena dimensão e bem calibrados. Superfície espatulada com alisamento deficiente. Conserva vestígios de exposição prolongada ao fogo, (cor-T73), (vol. II, est. CLVII, n.º 7a).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 181 mm; Diâmetro máximo do fundo 116 mm; Altura máxima 35 mm; Espessura máxima da parede 4 mm.
Cap. - 567,52 cm^3 / 0,56 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 14, camada 1.

8. Alv. 97 B3, A1, Ig. 1011 - Fragmento de bordo parede e arranque de fundo de prato de pequenas dimensões. Corpo tronco-cónico. Paredes pouco esvasadas e ligeiramente arqueadas. Bordo vertical e pontiagudo. Fundo plano, discóidal, de assentamento pleno. Pasta tipo Grupo A2 – 47 L (vol. II, est. CLVIII, n.º 8).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 139 mm: Altura máxima 27 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm.
Cap. - 266,54 cm^3 / 0,26 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. III, corte estratigráfico 6, camada 2.

Formas diversas (9-10)

9. Alv. 92 A, Ig. 3068 - Fragmento de bordo, parede e arranque de fundo de prato. Corpo tronco-cónico com parede plana muito aberta. Bordo espessado com a superfície superior plana e dorso do bordo com lábio inclinado para o interior. Fundo ligeiramente côncavo a formar uma ligeira canelura na aresta. Pasta tipo Grupo B – 45 M (vol. II, est. CLVIII, n.º 9).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 153 mm; Altura máxima 36 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm.
Cap. - 335,59 cm^3 / 0,33 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 14, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, 81, MMAP n.º 144.

10. Alv. 98 B1, A1, op. 142 - Fragmento de bordo, parede e arranque de fundo de prato. Corpo aberto. Bordo vertical muito espesso rematado com lábio pontiagudo. Na sua face inferior forma uma aba vertical. Parede muito baixa e arqueada. Fundo plano de assentamento pleno. Pasta tipo Grupo A1 – 53 M (vol. II, est. CLVIII, n.º 10).
Dim. - Diâmetro máximo 144 mm; Altura máxima 18 mm; Espessura máxima do bordo ao nível da aba 7 mm.
Cap. - 253,70 cm^3 / 0,25 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal*, Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 2.

Tigelas (11-11b)

11. Alv. 98 B1, A1, op. 45 - Fragmento de bordo e arranque de parede de tigela. Bordo espesso, em forma de aba com lábio de perfil arredondado, levemente pontiagudo. Dorso do bordo pontiagudo voltado para o interior a formar uma carena suave. Paredes arqueadas. Pasta tipo Grupo A2 - 53 M (vol. II, est. CLVIII, n.º 11).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo ao nível da aba 252 mm; Altura máxima 42 mm; Espessura máxima da aba 7 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 1, camada 2.

11a. Alv. 97 B3, op.70 - Perfil completo de tigela. Parede arqueada com bordo projectado para o exterior rematado por lábio de perfil arredondado. Fundo discóidal configurando um pé baixo de assentamento pleno. Decoração composta por duas caneluras incisas na face intermédia da parede. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos não-plásticos abundantes e bem calibrados, compostos por quartzo, mica e feldspato. Acabamento de boa qualidade apresentando a superfície polida (vol. II, est. CLVIII, n.º 11a).
Dim. - Diâmetro máximo 314 mm; Altura máxima 122 mm; Diâmetro máximo do fundo 100 mm; Espessura máxima da parede 5 mm.
Cap. - 1 592,23 cm^3 / 1,59 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. I, corte estratigráfico 6, camada 1C.
Bibli. - MOREIRA 2007, 88, MMAP n.º 159(2).

11b. Alv. 92 A, s/n - Perfil completo de tigela de média dimensão. Parede arqueada com bordo vertical e lábio pontiagudo. Fundo formado por pé discóidal de assentamento pleno. Pasta compacta, pouco depurada, com cozedura uniforme (cor - P49). Elementos não-plásticos à base de quartzo e mica de dimensão média, mal distribuídos. Superfície áspera, regularizada por espatulamento com polimento deficiente (vol. II, est. CLVIII, n.º 11b).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 188 mm; Altura máxima 80 mm; Espessura máxima da parede 7 mm.
Cap. - 1 068,49 cm^3 / 1,06 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus do Tesouro*, AP. I, corte estratigráfico 12, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, 86, MMAP n.º 156.

Taças (12-14)

12. Alv. 92 A, op. 48 - Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de taça. Perfil sinuoso, em S pouco pronunciado, com parede contracurvada com espessamento progressivo para o fundo. Bordo esvasado, projectado para o exterior com lábio de perfil arredondado, levemente pontiagudo. Fundo com pé discóidal. Pasta tipo Grupo A2 – 53 M (vol. II, est. CLVIII, n.º 12).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 146 mm; Altura máxima 52 mm; Diâmetro máximo do fundo 47 mm; Espessura máxima do bordo 8 mm.
Cap. - 262,35 cm^3 / 0,26 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus do Tesouro*, Ap. I, corte estratigráfico 12, camada 1.

13. Alv. 97 B3, A1, Ig. 7018 - Fragmentos que formam perfil completo de taça de perfil esférico. Bordo vertical, espessado de secção arredondada ligeiramente projectado para o exterior. Parede arqueada e fundo com pé discóidal côncavo. Estrias internas ao nível superior da parede muito pronunciadas. Pasta tipo Grupo A2 - 73 S (vol. II, est. CLVIII, n.º 13).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 150 mm; Altura máxima 66 mm; Diâmetro máximo do fundo 76 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.
Cap. - 633,58 cm^3 / 0,63 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. IV, corte estratigráfico 6, camada 2.

14. Alv. 97 B3, A1, Ig. 7558 - Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de tigela tipo Dragendorff 24/25. Bordo vertical, ligeiramente reentrante, de secção arredondada. Carena exterior de perfil triangular com espessamento da parede. Parede de perfil esférico. Fundo com pé ligeiramente aberto. A decoração é composta por um conjunto de pequenos frisos de diferentes espessuras e espaçamentos dispostos ao nível inferior da parede. Pasta tipo Grupo B – 69 L (vol. II, est. CLVIII, n.º 9).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 103 mm; Altura máxima 66 mm; Diâmetro máximo do fundo 54 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Cap. - 329,77 cm^3 / 0,32 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. I, corte estratigráfico 6, camada 1C.

Copos (15-16)

15. Alv. 97 B3, A1, Ig. 8293 - Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de copo. Perfil sinuoso, em S. Reservatório baixo de recorte oval. Bordo projectado para o exterior com lábio esvasado de perfil arredondado. Fundo com pé discóidal ligeiramente côncavo, de assentamento radial com espessamento no interior. Decoração composta por um friso localizado no arranque do bojo de perfil triangular e canelura na parte superior do corpo de secção em U. Pasta tipo Grupo A2 – 52 P (vol. II, est. CLIX, n.º 15).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 89 mm; Altura máxima 94 mm; Diâmetro máximo do fundo 51 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Cap. - 342,23 cm^3 / 0,34 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. I, corte estratigráfico 6, camada 1C.

16. Alv. 92 A, op. 113 - Copo de perfil completo. Perfil sinuoso em S, muito marcado. Bordo muito aberto formando uma ligeira aba com lábio arredondado virado para o exterior. Bojo de perfil ovóide. Fundo com pé discóidal muito espesso. Possui um friso muito fino no pé junto à ligação com o bojo. Pasta tipo Grupo A – 73 S (vol. II, est. CLIX, n.º 16).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 85 mm; Altura máxima 88 mm; Diâmetro máximo do fundo 36 mm; Espessura máxima do bordo 3mm.
Cap. - 153,96 cm^3 / 0,15 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus do Tesouro*, AP. I, corte estratigráfico 12, camada 1.

Púcaros (17-19)

17. Alv. 97 B6, A1, op. 13 - Fragmento de asa, parede e fundo de púcaro. Perfil esférico com colo estreito. Asa em fita com ligação a partir do início do bojo. Fundo discóidal com assentamento em aresta, ligeiramente côncavo e espessado ao centro. É decorado ao nível do bojo por duas bandas de pequenos frisos. Abundantes estrias internas com espaçamento irregular. Pasta tipo Grupo A2 – 20 M (vol. II, est. CLIX, n.º 17).
Dim. - Diâmetro máximo do bojo 92 mm; Altura máxima existente 115 mm; Espessura média da parede do bojo 4 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal* Ap. VIII, corte estratigráfico 7, camada 2.

18. Alv. 97 B3, A1, Ig. 512 - Fragmento de parede, arranque de asa e fundo de púcaro. Perfil em S com base de assentamento plana com falso pé. Fundo ligeiramente côncavo de espessura. Asa em fita com ligação na parte inferior do bojo. Abundantes estrias internas com espaçamento irregular. Decoração composta por uma canelura e um friso. A primeira encontra-se ao nível do estreitamento do bojo, e a segunda ao nível inferior do bojo no local de ligação da asa. Pasta tipo Grupo A2 – 20 M (vol. II, est. CLIX, n.º 18).
Dim. - Diâmetro máximo da parte inferior do bojo 84 mm; Diâmetro máximo do fundo 54 mm; Altura máxima existente 80 mm; Espessura máxima 7 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. I, corte estratigráfico 6, camada 1C

19. Alv. 97 B6, A1, op. 12 - Perfil completo de púcaro de perfil ovóide. Corpo elíptico com bordo encurvado. Lábio arredondado com irregularidades. Carena interna de perfil arredondado, formada pelo estreitamento do colo. Parede com espessura irregular e abundantes estrias com espaçamento irregular. Fundo plano, ligeiramente côncavo, de assentamento radial com espessamento central. Asas em fita, ligeiramente soerguidas em relação ao bordo, com ligação ao nível superior do bojo. Pasta tipo Grupo B – 70 M (vol. II, est. CLIX, n.º 19).
Dim. - Altura máxima 141 mm; Diâmetro máximo do bordo 124 mm; Diâmetro máximo do fundo 73 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm; Espessura máxima da asa 10 mm.
Cap. - 1 561 cm^3 / 1,56 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal* Ap. VIII, corte estratigráfico 7, camada 2.

Para servir as refeições
Prateiras (20-22)

20. Alv. 92 A, op. 124 - Fragmentos que formam perfil completo de prateira. Corpo tronco-cónico invertido com paredes arqueadas reentrantes. Bordo engrossado de perfil arredondado com lábio pontiagudo inclinado para o interior. Fundo discóidal. Pasta tipo Grupo A2 – 20 M (vol. II, est. CLX, n.º 20).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 240 mm; Altura máxima 54 mm, Espessura máxima do bordo 20 mm.
Cap. - 1 473,15 cm^3 / 1,47 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus do Tesouro*, Ap. II, corte estratigráfico 14, camada 1.

21. Alv. 93 A, Ig. 1607 - Fragmento de bordo, parede e arranque do fundo de prateira. Bordo em forma de aba com superfície superior plana, levemente inclinada para o interior. O dorso do bordo forma um ligeiro lábio de perfil arredondado que marca o início da parede interna que é ligeiramente arqueada. Fundo plano, discóidal. Pasta tipo Grupo A2 – 45 M (vol. II, est. CLX, n.º 21).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 330 mm; Altura máxima 54 mm; Espessura máxima da aba 8 mm.
Cap. - 3 958,81 cm^3 / 3,95 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata* – ext., Ap. V, corte estratigráfico 11, camada 0.

22. Alv. 97 B3, A1, Ig. 1113 - Fragmento de bordo, parede e arranque de fundo de prateira. Corpo tronco-cónico invertido com paredes muito esvasadas. Bordo vertical, levemente espessado, de perfil amendoado. Paredes planas. Fundo plano, discóidal. Pasta tipo Grupo D – 20 M (vol. II, est. CLX, n.º 22).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 399 mm; Altura máxima 48 mm; Espessura máxima do bordo 8 mm.
Cap. - 4 231 cm^3 / 4,23 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Pátio, corte estratigráfico 5, camada 2.

Bilhas (23-26)

23. Alv. 93 A, Ig. 4773 - Fragmento de bordo e gargalo de bilha. Bordo voltado para o exterior com lábio de arestas levemente espessado. Colo divergente com carena de perfil anguloso vincada no exterior. Pasta tipo Grupo A2 – 70 M (vol. II, est. CLX, n.º 23).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 51 mm; Altura máxima do fragmento 60 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 3.

24. Alv. 97 B3, A1 5439 - Fragmento de bordo de bilha de bocal trilobado. Bordo trilobado com lábio arredondado virado para o exterior. Colo divergente. Asa de fita assimétrica com ligação ao bordo ligeiramente soerguido. Dedeira sobre a asa sobreposta ao bordo. Pasta tipo Grupo A2 – 47 L (vol. II, est. CLX, n.º 24).
Dim. - Largura máxima do bordo 66 mm; Comprimento máximo do bordo 110 mm; Altura máxima do fragmento 70 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

25. Alv. 97 A2, B2, op. 66 - Fragmento de bilha incompleta. Bojo ovóide e baixo. Fundo discóidal, ligeiramente côncavo com espessamento para o interior. Colo estreito. Asa de fita assimétrica com ligação ao início do bojo. Estrias interiores abundantes com espaçamento e espessuras irregulares. Pasta tipo Grupo A1 – 70 N (vol. II, est. CLXI, n.º 25).

Dim. - Diâmetro máximo do bojo 118 mm, Diâmetro máximo do fundo 60 mm; Altura máxima 130 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

26. Alv. 94 A, Ig. 2765 - Fragmento de bilha incompleta. Perfil completo a partir do colo. Bojo de perfil esférico com colo divergente. Fundo plano com pé discóidal. Arranque de asa em fita ao nível do início do bojo. Decoração composta por duas canelura que demarcam o local de ligação da asa. Pasta tipo Grupo A1 – 75 L (vol. II, est. CLXI, n.º 26).
Dim. - Diâmetro máximo do bojo 177 mm; Altura máxima existente 212 mm; Diâmetro máximo do fundo 89 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, corte estratigráfico 8, camada 3.

Para preparação dos alimentos
Almofarizes (27-29)

27. Alv. 95 B, A4, op. 23 - Fragmento de perfil completo de almofariz com vertedouro. Perfil tronco-cónico com paredes ligeiramente arqueadas, com estrias. Bordo largo, em forma de aba, com lábio arredondado e soerguido. Vertedouro elevado. Fundo plano com adelgaçamento na parte central. Decoração inscrita na aba composta por meandro esgrafitado. Pasta tipo Grupo C – 47 R (vol. II, est. CLXI, n.º 27).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo ao nível da aba 284 mm; Diâmetro máximo do fundo 117 mm; Altura máxima 106 mm; Espessura máxima da aba 7 mm.
Cap. - 4 060,81 cm^3 / 4,06 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.
Bibli. - MOREIRA 2007, 85, MMAP n.º 155.

28. Alv. 97 B3, A1, op. 190 - Fragmento de vertedouro e arranque de bordo de almofariz. Paredes verticais assimétricas moldadas de forma pouco cuidada. Arranque do bordo em forma de aba horizontal. Pasta tipo Grupo C – 57 L (vol. II, est. CLXII, n.º 28).
Dim. - Comprimento máximo 60 mm; Largura máxima 78 mm; Espessura máxima 6 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 4, camada 1.

29. Alv. 97, B3, A1, Ig. 1879 - Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de almofariz. Perfil tronco-cónico invertido com paredes arqueadas reentrantes. Bordo em forma de aba com lábio arredondado e ligeiramente descaído. Dorso do bordo com pequeno lábio arredondado marcado por friso rebaixado na aba de perfil em U. Vertedouro de planta trapezoidal, simétrico, com paredes verticais soerguidas em relação à aba. Fundo plano e espesso. Pasta tipo Grupo E – 45 M (vol. II, est. CLXII, n.º 29).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo ao nível da aba 380 mm; Diâmetro máximo do fundo 208 mm; Altura máxima 85 mm; Espessura máxima da aba 16 mm.
Cap. - 3 781,56 cm^3 / 3,78 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

Para armazenamento
Talhas de grandes dimensões (30-34a)

30. Alv. 94 A, Ig. 1280 - Fragmento de bordo e arranque de parede de talha de corpo ovóide e bordo reentrante. Bordo engrossado plano. Revela na face interior um rebaixamento que forma a base para assentamento da tampa. Parede muito esvasada de espessura constante. Possui um grafito do ombro precedido por uma estampilha inscrita numa cartela. Pasta tipo Grupo D – 20 M (vol. II, est. CLXII, n.º 30).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 324 mm; Altura máxima 60 mm; Espessura máxima do bordo 32 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 2007, 83, MMAP n.º 149(3).

30a. Alv. 94 A, op. 83 - Conjunto de fragmentos que formam perfil parcial de talha de corpo elíptico. Bordo vertical com lábio espesso, em aba, de forma prismática. A face superior é horizontal e ligeiramente inclinada para o interior. O remate da aba apresenta uma ligeira canelura de perfil arredondado. Apresenta um gargalo vertical que forma um perfil angular com o ombro que é disfarçado e pouco pronunciado. A parede apresenta três frisos paralelos entre si de perfil arredondado que formam uma decoração muito estilizada. Pasta tipo Grupo B – 67 M (vol. II, est. CLXII, n.º 30a).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 320 mm; Altura existente 745 mm; Espessura máxima do bordo 38 mm;
Cap. - 94 482,69 cm^3 / 94,48 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, 82, MMAP n.º 148.

31. Alv. 86, Ig. 3455 - Fragmento de bordo e arranque de parede de talha de corpo elíptico. Bordo projectado para o exterior de perfil anguloso. Forma duas faces planas divergentes que desenvolvem uma carena interna imediatamente abaixo do lábio. No exterior forma uma aba rebaixada com os cantos arredondados. Na separação do arranque da parede com o bordo forma uma carena interna pronunciada de perfil anguloso. Pasta tipo Grupo C – 47 L (vol. II, est. CLXIII, n.º 31).

Na parte superior da parede conserva um grafito que permite a sua leitura completa.

EME (*hedera*) ME (*hedera*) / BONO (*hedera*) TVO
Toma-me para teu bem ou *Compra-me para teu bem*

Comprimento máximo do grafito – 140 mm; Altura máxima 75 mm.
Altura máxima das letras – 1ª linha / 1; 25: 2;25: 3;30: 4;25: 5;27. mm.
2ª linha / 1;20: 2;22: 3;25: 4;32: 5,6;30. mm.

Dim. - Diâmetro máximo do bordo 608 mm; Altura máxima existente 150 mm; Espessura máxima do bordo ao nível da carena interna 23 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.
Bibli. - ENCARNAÇÃO 1992, 7-14; DIAS; ENCARNAÇÃO 1993, 45; MOREIRA 2007, 83, MMAP n.º 149(2).

32. Alv. 97 B2, A2, Ig. 2482 - Fragmento de bordo e arranque de parede de talha de corpo ovóide. Bordo com aba vertical espessada de secção quadrangular. Face superior plana com leve repuxamento da carena interna. É decorado na sua face externa por uma ligeira canelura de perfil rectangular. Colo vertical delimitado na face inferior por uma canelura de perfil triangular, ligeiramente côncavo, decorado por onda esgrafitada. Pasta tipo Grupo C – 69 L (vol. II, est. CLXIII, n.º 32).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 584 mm; Altura máxima existente 128 mm; Espessura máxima do bordo 38 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

33. Alv. 97 B1, A2, Ig. 3555 - Fragmento de bordo e arranque de parede de talha. Bordo ligeiramente espessado, facetado no interior, com carena interna. A quebra interna no remate do colo e início da parede forma um ângulo obtuso. A face externa do bordo forma uma ligeira aba arredondada. Parede pouco esvasada denotando um perfil elíptico para o corpo da talha. Pasta tipo Grupo E – 45 M (vol. II, est. CLXIII, n.º 33).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 588 mm; Altura máxima existente 172 mm; Espessura máxima do bordo 36 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

34. Alv. 98 B1, A1, Ig. 13219 - Fragmento de bordo e arranque de parede de talha. Bordo encurvado com lábio plano e espesso. Forma uma pequena aba inclinada para o exterior com os cantos arredondados. Colo vertical e curto marcado por friso junto ao bordo. Parede pouco esvasada denotando um perfil elíptico. Pasta tipo Grupo E – 67 L (vol. II, est. CLXIII, n.º 34).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 736 mm; Altura máxima existente 208 mm, Espessura máxima do bordo 50 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 1, camada 2.

34a. Alv. 94 A, op. 71 - Conjunto de fragmentos que formam uma talha completa. Perfil elíptico de desenvolvimento regular. Bordo vertical de secção rectangular com face superior plana com ligeira depressão central. Gargalo curto e vertical decorado na face interior com uma linha ondulante formada por depressões repuxadas. Parede de perfil elíptico, alongado com abundantes depressões e irregularidades. Fundo plano, discóidal, com carena pronunciada e ligação á parede angular. Pasta cerâmica tipo Grupo E – 47 L (vol. II, est. CLXIII (a), n.º 34a).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 723 mm; Altura máxima 1312 mm; Espessura máxima do bordo 40 mm.
Cap. - 524 682,36 cm^3 / 524,68 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, 82, MMAP n.º 146.

Talhas de dimensões médias (35-40)

35. Alv. 97 B3, A1, Ig. 8188 - Fragmento de bordo e arranque de parede de talha. Bordo encurvado para o exterior com lábio arredondado formando uma pequena aba. O dorso do bordo remata num pequeno ressalto que demarca a parte interna do colo que é ligeiramente côncavo. A demarcação entre o colo e o arranque do bojo internamente é feito por uma moldura de perfil rectangular. Ombros pouco abertos denotando um perfil elíptico para o bojo. Na face exterior do colo, junto ao bordo, possui uma leve moldura de perfil arredondado. Pasta tipo Grupo D – 92 N (vol. II, est. CLXIV, n.º 35).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 312 mm; Altura máxima existente 140 mm; Espessura máxima do bordo 22 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

36. Alv. 97 B3, A1, Ig. 8211 - Fragmento de bordo e arranque de parede de talha. Bordo espesso, encurvado com lábio arredondado. Dorso marcado por moldura de perfil triangular. Colo muito projectado para o exterior com face interna plana que remata com carena pronunciada com ligeiro rebaixamento para receber a tampa. Parede esvasada denotando um perfil elíptico para o bojo. Pasta tipo Grupo C – 67 L (vol. II, est. CLXIV, n.º 36).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 356 mm; Altura máxima existente 228 mm; Espessura máxima do bordo 22 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

37. Alv. 97 B3, A1, Ig. 7610 - Fragmento de bordo e arranque de parede de talha. Bordo encurvado com lábio espesso e arredondado. Dorso com lábio vertical. Colo muito projectado para o exterior com face interna plana que remata com carena interna bem vincada. Parede pouco aberta denotando um perfil elíptico para o bojo. Pasta tipo Grupo D – 47 M (vol. II, est. CLXIV, n.º 37).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 324 mm; Altura máxima existente 121 mm; Espessura máxima do bordo 18 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

38. Alv. 95 B, Ig. 6483 - Fragmento de bordo e arranque de parede de talha. Bordo vertical muito espesso. Secção circular com a face superior ligeiramente facetada. Dorso com ligeira carena interna de perfil arredondado. Colo muito curto com aba interna horizontal para assentamento da tampa. O arranque da parede é muito projectado para o exterior denotando um perfil esférico para o bojo. Na face exterior, ao nível do arranque do bojo decorativo possui um pequeno friso exciso de perfil triangular. Pasta tipo Grupo D – 47 L (vol. II, est. CLXIV, n.º 38).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 328 mm; Diâmetro máximo ao nível da aba interna 202 mm; Altura máxima existente 208 mm; Espessura máxima do bordo 34 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

39. Alv. 97 B3, A1, Ig. 7395 - Fragmento de bordo e arranque de parede de talha. Bordo contracurvado com lábio espesso e reentrante. Face superior plana e reentrante com remate em lábio anguloso. Colo alto e vertical com perfil ligeiramente côncavo. Carena interna de separação do colo e bojo pouco marcada de perfil anguloso. Parede muito esvasada denotando um perfil elíptico do bojo. Pasta tipo Grupo E – 71 M (vol. II, est. CLXV, n.º 39).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 334 mm; Altura máxima existente 220 mm; Espessura máxima do bordo 24 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

40. Alv. 97 B3, A1, Ig. 8533 - Fragmento de bordo e arranque de parede de talha. Bordo encurvado com lábio espesso de secção arredondada. Colo curto e pouco projectado para o exterior. Carena interna de separação do colo e arranque do bojo pouco vincada. Parede do bojo pouco aberta denotando um perfil elíptico. Pasta tipo Grupo C – 70 L (vol. II, est. CLXV, n.º 40).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 320 mm; Altura máxima existente 88 mm; Espessura máxima do bordo 14 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

Talhas de pequenas dimensões (41-42b)

41. Alv. 94 A, Ig. 213 - Fragmento de bordo e arranque de parede de talha de pequena dimensão. Bordo espesso, de secção rectangular com face superior plana com leve carena no dorso. Colo alto e aprumado com ligeira abertura para o exterior. Ombros arqueados sugerindo um perfil elíptico para o bojo. Ângulo obtuso de demarcação do colo com a parede que origina uma ligeira carena interna. Na moldura, formada pelo espessamento do bordo, foi aplicada a decoração formada por um padrão de depressões elípticas irregulares entre si. Pasta tipo Grupo D – 71 M (vol. II, est. CLXV, n.º 41).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 215 mm; Altura máxima existente 204 mm; Espessura máxima do bordo 17 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 4, camada 1.

41a. Alv. 94 A, op. 51 - Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de talha de pequenas dimensões. Bordo espesso de secção triangular com face superior plana. Colo alto, aprumado, com ligeira curvatura para o interior. Ombros arredondados formando um perfil elíptico do bojo. Ângulo obtuso a demarcar o colo com a parede formando uma carena interna. Fundo plano horizontal, espessado formando um falso pé com carena vincada. Pasta tipo Grupo D-70 M com acabamento espatulado e polido (vol. II, est. CLXV(a), n.º 42a).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 320 mm; Altura máxima 715 mm; Espessura máxima do bordo 24 mm; Diâmetro máximo do fundo 216 mm.
Cap. - 86 993, 36 cm^3 / 86,99 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, 82, n.º MMAP 147.

42. Alv. 97 B3 A1 (P16.01), s/n - Fragmentos de bordo, parede e fundo de talha de média dimensão. Reservatório de perfil oval, com colo curto e bordo em aba oblíqua projectada para o exterior. Lábio espessado de perfil arredondado. Fundo discóidal de assentamento pleno com aresta arredondada e saliente. Pasta compacta com cozedura uniforme. Depuração mediana com abundantes elementos não-plásticos constituídos à base de mica, quartzo e feldspato. Superfície alisada e bem polida (vol. II, est. CLXV(b), n.º 42).
Dim. - Altura máxima estimada 742 mm; Largura máxima 158 mm; Diâmetro máximo do bordo 308 mm; Espessura máxima do bordo 25 mm.
Cap. - 154 726 cm^3 / 154,72 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

42a. Alv. 94 A, s/n - Conjunto de fragmentos que formam perfil parcial de talha de corpo elíptico de média dimensão. Bordo vertical com lábio espessado, em aba, de forma prismática. A face superior é horizontal e ligeiramente inclinada para o interior. O remate da aba conserva uma ligeira canelura de perfil arredondado. Apresenta um gargalo vertical que forma um perfil anguloso. A parede apresenta três caneluras de perfil

arredondado, paralelas entre si. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Do conjunto dos elementos não-plásticos destaca-se o quartzo branco, bem calibrado, de pequena dimensão, distribuído de forma homogénea. Pasta tipo D-70 M com acabamento espatulado e polido (vol. II, est. CLXV (b), n.º 42a).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 338 mm; Altura máxima existente 504 mm; Diâmetro máximo do bojo 557 mm; Espessura máxima do bordo 23 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 1.

42b. Alv. 94 A, Ig. 213 b - Fragmento de bordo e arranque de parede de talha de pequena dimensão. Bordo espesso, de secção rectangular com face superior arredondada. Colo alto e aprumado com ligeira abertura para o exterior. Ombros arqueados sugerindo um perfil elíptico para o bojo. Ângulo obtuso de demarcação do colo com a parede que origina uma ligeira carena interna. Pasta tipo Grupo D – 70 M (vol. II, est. CLXVI, n.º 42).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 271 mm; Altura máxima existente 208 mm; Espessura máxima do bordo 19 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 4, camada 1.

Baldes (43-44a)

43. Alv. 97 B3, A1, Ig. 696 - Conjunto de fragmentos que formam perfil completo de balde de perfil tronco-cónico invertido. Bordo horizontal em aba com lábio arredondado. O dorso do bordo forma ligeira carena de perfil arredondado. Perfil tronco-cónico invertido com paredes ligeiramente arqueadas com espessamento progressivo para o fundo. Estrias internas vincadas com espaçamento irregular. Fundo plano discóidal. Pasta tipo Grupo D – 13 P (vol. II, est. CLXVI, n.º 43).
Dim. - Altura máxima 142 mm; Diâmetro máximo do bordo 274 mm; Espessura máxima da aba 9 mm; Diâmetro máximo do fundo 162 mm.
Cap. - 3 855,83 cm^3 / 3,85 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

44. Alv. 97 B2, A2, Ig. 2628 - Fragmento de bordo e arranque de parede. Bordo reentrante com lábio delgado em plano horizontal. Parede recta introvertida. A demarcação do colo com a parede é feita através de um friso de perfil em V. Pasta tipo Grupo E – 47 L (vol. II, est. CLXVI, n.º 44).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 708 mm; Altura máxima existente 162 mm; Espessura máxima do bordo 40 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio II, corte estratigráfico 2, camada 0.

44a. Alv. 94 A, op. 17 - Conjunto de fragmentos que forma perfil completo de balde. Bordo de perfil triangular com face superior plana e ligeira aba exterior. Perfil elíptico marcado com fundo de assentamento estreito em relação ao diâmetro máximo do bojo. Asas de orientação transversal, em fita, de perfil trapezoidal e secção rectangular. Fundo plano de assentamento discóidal, espesso, formando um falso pé com carena vincada. A decoração é composta por uma canelura de secção rectangular no terço inferior do bojo. Pasta cerâmica tipo Grupo E – 47 L, com acabamento mediano, por espatulamento e polimento (vol. II, est. CLXVI(a), n.º 42a).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 368 mm; Altura máxima 520 mm; Espessura máxima do bordo 56 mm; Diâmetro máximo do fundo 152 mm.
Cap. - 52 644,75 cm^3 / 52,64 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, 82, MMAP n.º 149.

Panelas de duas asas

Pote de bocal largo com duas asas (45-49)

45. Alv. 97 B3 A1, 3671 - Fragmento de bordo e parede de panela de bocal largo com duas asas. Bordo horizontal, reentrante com lábio marcado para o interior. Asa em fita de secção rectangular com ligeira depressão para o interior. Pasta tipo Grupo B – 47 L (vol. II, est. CLXVI, n.º 45).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 224 mm; Altura máxima existente 92 mm; Espessura máxima da parede 11 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

46. Alv. 97 B3, A1, Ig. 8524 - Fragmento de bordo, parede e asa de panela de bocal largo de duas asas. Bordo horizontal reentrante, com lábio arredondado marcado para o interior. Asa de fita de secção rectangular com depressão central no sentido longitudinal. Decoração composta por estrias organizadas em duas bandas ao nível do gargalo e da parede. Pasta tipo Grupo C – 70 M (vol. II, est. CLXVII, n.º 46).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 188 mm; Altura máxima existente 84 mm; Espessura máxima da parede 5 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

47. Alv. 97 B3, A1, Ig. 8910 - Fragmento de bordo e parede de panela com bocal estreito de duas asas. Bordo plano reentrante espessado. Asas paralelas ao bordo de secção circular. Bojo de perfil esférico. Decoração composta por estrias horizontais organizadas em duas bandas dispostas, entre o bordo e a asa e na parte superior do bojo. Pasta tipo Grupo C – 67 M (vol. II, est. CLXVII, n.º 47).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 152 mm; Altura máxima existente 80 mm; Espessura máxima da parede 6 mm.

Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

48. Alv. 97 B3, A1, Ig. 7396 - Fragmento de bordo e parede de panela de bocal largo de duas asas. Bordo oblíquo com lábio arredondado para o exterior e vincado por carena interna no interior. No exterior é ressaltado por uma pequena canelura. Gargalo pouco vincado e bojo pouco aberto. Asa em fita de secção rectangular com depressão central na vertical. Pasta tipo Grupo B – 69 M (vol. II, est. CLXVIII, n.º 48).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 218 mm; Altura máxima existente 94 mm; Espessura máxima da parede 7 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

49. Alv. 97 B3, A1, Ig. 8623 - Fragmento de bordo e parede de panela de bocal aberto com duas asas. Bordo oblíquo com face plana para a interior marcada por carena interna. Gargalo vincado marcado ao nível intermédio das asas. Parede de perfil esférico. Asas de secção rectangular com depressão central no sentido longitudinal. Pasta tipo Grupo B – 20 M (vol. II, est. CLXVIII, n.º 49).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 196 mm; Altura máxima 76 mm; Espessura máxima da parede 7 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

Potes de pequenas dimensões (50-60)

50. Alv. 97 B3, A1, Ig. 512 - Perfil completo de pote de bordo oblíquo. Perfil elíptico com base plana de formato discóidal. Bordo oblíquo, projectado para o exterior, com lábio arredondado, ligeiramente espessado. Pasta tipo Grupo C – 70 M (vol. II, est. CLXVIII, n.º 50).
Dim. - Altura máxima 172 mm; Diâmetro máximo do bordo 131 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm.
Cap. - 2 465,92 cm^3 / 2,46 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

51. Alv. 95 B, A4, Ig. 512 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil esférico e bordo contracurvado. Bordo vertical, amendoado. Forma uma aba interior com ligeiro ressalto para assentamento de texto. A demarcação da parede do pote com o bordo é feita no interior por uma carena de perfil anguloso que provoca um estreitamento acentuado. Pasta tipo Grupo A1 – 53 M (vol. II, est. CLXIX, n.º 51).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 130 mm; Altura máxima existente 42 mm, Espessura máxima do bordo 5 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico 1, camada 1.

52. Alv. 95 B, A4, Ig. 3176 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil esférico e bordo oblíquo. Bordo de perfil anguloso com paredes planas. Carena interior de demarcação da parede e arranque do bordo espessada e arredondada. Pasta tipo Grupo C – 47 R (vol. II, est. CLXIX, n.º 56).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 182 mm; Altura máxima existente 44 mm; Espessura máxima do bordo 8 mm;
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico 1, camada 1.

53. Alv. 97 B3, A1, Ig. 5273 - Fragmento de bordo e parede de pote de perfil esférico e bordo oblíquo. Bordo espesso, levemente projectado para o exterior, com lábio arredondado. Pasta tipo Grupo B – 20 M (vol. II, est. CLXIX, n.º 53).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 120 mm; Altura máxima existente 76 mm, Espessura máxima do bordo 8 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 1.

54. Alv. 97 B3, A1, Ig. 5597 - Fragmento de bordo e parede de pote de perfil esférico e bordo oblíquo. Bordo de secção rectangular com paredes planas. Forma no interior um carena bem demarcada mas de perfil arredondado. Parede mais estreita que o bordo. Pasta tipo Grupo B – 92 N (est. CLXIX, n.º 54).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo126 mm; Altura máxima existente 30 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 1.

55. Alv. 97 B3, A1, Ig. 3672 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil esférico e bordo oblíquo. Bordo projectado para o exterior, de secção rectangular, com ligeiro ressalto no interior para assentamento da tampa. Parede com adelgaçamento progressivo. Pasta tipo Grupo C – 47 R (vol. II, est. CLXIX, n.º 55).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 174 mm; Altura máxima existente 46 mm, Espessura máxima do bordo 10 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

56. Alv. 97 B3, A1, Ig. 8191 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil esférico e bordo oblíquo. Bordo muito projectado para o exterior, de secção rectangular, com carena pronunciada no interior. Parede com adelgaçamento progressivo revelando muitas estrias no interior. Pasta tipo Grupo D - 57 M (vol. II, est. CLXIX, n.º 56).

Dim. - Diâmetro máximo do bordo 174 mm; Altura máxima existente 50 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

57. Alv. 97 B3, A1, Ig. 5428 - Fragmento de bordo e parede de pote de perfil esférico e bordo contracurvado. Bordo muito projectado para o exterior com lábio amendoado vertical, formando uma aba com ligeira inclinação para o interior. A carena no interior é bem definida e tem perfil arredondado. A parede desenvolve-se quase na vertical formando um ângulo de 90º em relação à aba. A aba na horizontal serviria para assentamento da tampa. Pasta tipo Grupo D – 71 M (vol. II, est. CLXX, n.º 57).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 121 mm; Altura máxima existente 38 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

58. Alv. 96 B, A4, Ig. 1684 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil esférico e bordo oblíquo. Bordo alto, projectado para o exterior, de secção rectangular com lábio arredondado. A carena interior é bem demarcada embora o perfil seja arredondado. O arranque da parede forma um pequeno ressalto que forma um friso exterior que o demarca mais acentuadamente do bordo. Pasta tipo Grupo A2 – 30 P (vol. II, est. CLXX, n.º 58).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 179 mm; Altura máxima existente 50 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico 1, camada 1.

59. Alv. 95, A4, Ig. 3176 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil esférico e bordo oblíquo. Bordo espesso e muito projectado para o exterior. Face interna plana com carena arredondada e espessa. Lábio anguloso com face externa arredondada. Parede esvasada de espessura constante, e, muito fina comparativamente com o bordo. Pasta tipo Grupo C – 47 R (vol. II, est. CLXX, n.º 59).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 181 mm; Altura máxima existente 44 mm; Espessura máxima do bordo 8 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico 1, camada 1.

60. Alv. 97 B3, A1, Ig. 6456 - Fragmento de pote de perfil elíptico de bordo contracurvado. Bordo espesso com lábio vertical. Face interna quase vertical com friso para assentamento de testo. A face externa do bordo é arredondada definida na face inferior por uma ligeira canelura demarcada por friso. Parede pouco esvasada de espessura uniforme. Pasta tipo Grupo C – 70 K (vol. II, est. CLXX, n.º 60).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 169 mm; Altura máxima existente 44 mm; Espessura máxima do bordo 8 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. I, corte estratigráfico 5, camada 2.

Potes de média dimensão (61-75)

61. Alv. 97 B3, A1, Ig. 5286 - Fragmento de bordo e parede de pote de perfil esférico e bordo oblíquo. Bordo projectado para o exterior de secção rectangular com lábio amendoado, ligeiramente reentrante. Forma uma carena no interior bem vincada na curva para formar o bordo. Parede com adelgaçamento progressivo. Pasta tipo Grupo B – 71 M (vol. II, est. CLXX, n.º 61).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 214 mm; Altura máxima existente 66 mm; Espessura máxima do bordo 9 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

62. Alv. 97 B3, A1, Ig. 9162 - Fragmento de bordo e parede de pote de perfil elíptico e bordo oblíquo. Bordo muito projectado para o exterior formando uma aba com ligeiro friso para assentamento de testo. Lábio de secção rectangular com ligeiro ressalto vertical. Parede fina com adelgaçamento progressivo. Pasta tipo Grupo A2 – 70 M (vol. II, est. CLXX, n.º 62).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 205 mm; Altura máxima existente 66 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

63. Alv. 96 B, A4, Ig. 1552 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil esférico e bordo oblíquo. Bordo de secção rectangular com lábio em aresta. Carena interior muito marcada de definição do bordo e arranque da parede. Pasta tipo Grupo D – 59 M (vol. II, est. CLXXI, n.º 63).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 239 mm; Altura máxima existente 78 mm, Espessura máxima do bordo 9 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico 1, camada 1.

64. Alv. 97 B3, A1, Ig. 7611 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil elíptico com bordo oblíquo. Bordo de secção rectangular muito projectado para o exterior formando uma aba com carena interna muito marcada. Abundantes estrias internas com espaçamento regular. Pasta tipo Grupo B – 67 M (vol. II, est. CLXXI, n.º 64).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 202 mm; Altura máxima existente 44 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 1.

65. Alv. 95 B, A4, Ig. 3567 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil esférico com bordo contracurvado. Bordo espesso com lábio arredondado. No interior revela um pequeno friso que forma uma carena para assentamento do testo. Parede muito estreita e de espessura constante. Pasta tipo Grupo A2 – 40 M (vol. II, est. CLXXI, n.º 65).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 202 mm; Altura máxima existente 52 mm; Espessura máxima do bordo ao nível da carena 8 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico 1, camada 1.

66. Alv. 95 B, A4, Ig. 5351 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil elíptico e bordo oblíquo. Bordo muito projectado para o exterior com lábio amendoado. A secção do bordo é larga ao nível da carena interna diminuindo de espessura progressivamente até ao remate do lábio. A carena interna é baixa e pouco pronunciada. Pasta tipo Grupo C – 25 M (vol. II, est. CLXXI, n.º 66).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 221 mm; Altura máxima existente 66 mm; Espessura máxima do bordo 12 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

67. Alv. 95 B, A4, Ig. 3826 - Fragmento de bordo e arranque de pote de perfil elíptico e bordo oblíquo. Bordo pouco projectado para o exterior espesso com lábio anguloso. Carena interna ressaltada por friso para assentamento de testo. Friso externo de demarcação do bordo com a parede do pote, muito fino e pouco saliente. Parede com adelgaçamento progressivo, muito fina, comparativamente com o bordo. Pasta tipo Grupo A2 – 20 M (vol. II, est. CLXXII, n.º 67).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 203 mm; Altura máxima existente 52 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico 1, camada 1.

68. Alv. 97 B3, A1, Ig. 9038 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil elíptico com bordo oblíquo. Bordo projectado para o exterior de secção rectangular e lábio anguloso. O bordo forma uma aba rematada por carena interna marcada por friso anguloso. Parede pouco esvasada com adelgaçamento progressivo. Pasta tipo Grupo B – 20 M (vol. II, est. CLXXII, n.º 68).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 209 mm; Altura máxima existente 46 mm, Espessura máxima do bordo 8 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. I, corte estratigráfico 5, camada 2.

69. Alv. 96 B, A4, Ig. 4906 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil esférico e bordo oblíquo. Bordo projectado para o exterior com face interna plana rematada por carena formada a partir do início da parede do pote. A face externa é ligeiramente arredondada e rematada com lábio de perfil anguloso. Parede esvasada de espessura constante. Pasta tipo Grupo D – 47 L (vol. II, est. CLXXII, n.º 69).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 198 mm; Altura máxima existente 56 mm, Espessura máxima do bordo 9 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico 1, camada 1.

70. Alv. 96 B, A4, Ig. 1556 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil esférico com bordo oblíquo. Bordo projectado para o exterior e espesso. Lábio arredondado e ligeiramente reentrante. Frisos internos abundantes e espaçados regularmente. Pasta tipo Grupo B – 70 M (vol. II, est. CLXXII, n.º 70).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 226 mm; Altura máxima existente 80 mm; Espessura máxima do bordo 11 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico 1, camada 1.

71. Alv. 95 B, A4, Ig. 3765 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil esférico e bordo contracurvado. Bordo espessado com lábio de secção rectangular com friso interno. No exterior possui um friso de secção rectangular. A demarcação do bordo com a parede do pote é formada por estreitamento acentuado com perfil arredondado. A parede é ligeiramente mais espessa na sua fase inicial para se adelgaçar na sua fase intermédia. Pasta tipo Grupo A2 – 35 M (vol. II, est. CLXXIII, n.º 71).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 200 mm; Altura máxima existente 92 mm, Espessura máxima do bordo ao nível do friso 7 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

72. Alv. 96 B, A4, Ig. 4741 - Fragmento de bordo e arranque de pote de perfil elíptico e bordo contracurvado. Bordo muito projectado para o exterior, em forma de aba, com lábio anguloso. Carena interna definida por friso para assentamento de tampa. Face externa arredondada. Parede esvasada com secção de espessura uniforme. Pasta tipo Grupo C – 59 M (vol. II, est. CLXXIII, n.º 72).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 222 m; Altura máxima existente 48 mm; Espessura máxima do bordo 8 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

73. Alv. 95 B, A4, Ig. 511 - Fragmento de bordo e parede de pote de perfil elíptico com bordo oblíquo. Bordo projectado para o exterior de faces planas e lábio arredondado. Carena interna vincada a formar um ângulo recto com o desenvolvimento da parede do pote. Parede esvasada com secção de espessura uniforme. Pasta tipo Grupo B – 59 M (vol. II, est. CLXXIII, n.º 73).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 190 mm; Altura máxima existente 46 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

74. Alv. 95 B, A4, Ig. 4190 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil esférico e bordo oblíquo. Bordo muito projectado para o exterior com face interna plana rematada por lábio anguloso. Face externa do bordo com lábio arredondado. Estrangulamento muito pronunciado formando um ângulo recto entre o bordo e o arranque da parede. Pasta tipo Grupo C – 25 N (vol. II, est. CLXXIII, n.º 74).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 209 mm; Altura máxima existente 52 mm; Espessura máxima do bordo 8 mm.

Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

74a. Alv. 93 A, Ig. 2786, op. 162 - Pote de perfil elíptico de bordo contracurvado. Bordo espesso com lábio de perfil vertical. Face interna quase vertical com friso para assentamento de testo. A face externa do bordo é definida na face inferior por uma ligeira canelura demarcada por um friso. Parede pouco esvasada e bojo baixo, revelando estrias de utilização de torno rápido. Fundo plano, discóidal, de assentamento pleno. Pasta compacta e dura, medianamente depurada (cor-R71). Elementos não-plásticos abundantes, compostos por quartzo e mica de diferente calibre. Superfície alisada e medianamente polida (vol. II, est. CLXXIII(a), n.º 74a).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 176 mm; Diâmetro máximo do fundo 156 mm; Altura máxima 247 mm; Espessura máxima da parede 11 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata,* Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 3.

75. Alv. 96 B, A4, Ig. 4820 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil elíptico. Bordo contracurvado, muito espesso e quase vertical, com faces arredondadas e lábio arredondado. Forma uma saliência para assentamento de tampa marcada por carena interna por friso anguloso. Parede quase vertical decorada por um friso implantado ao nível do arranque da parede. Pasta tipo Grupo B – 69 M (vol. II, est. CLXXIV, n.º 75).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 206 mm; Altura máxima existente 46 mm, Espessura máxima do bordo 8 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

Potes de grande dimensão (76-80)

76. Alv. 95 B, A4, Ig. 2988 - Fragmento de bordo e arranque de pote de perfil elíptico de grande dimensão. Bordo contracurvado com espessamento progressivo para o lábio. Lábio de arestas arredondadas com face superior plana, reentrante, com ligeiro friso. Colo alto e ligeiramente côncavo. Carena interna de demarcação do colo com o arranque do bojo muito pronunciada, evidenciando um perfil elíptico. Decoração de delimitação do colo e início do bordo formado por um friso de perfil triangular. Pasta tipo Grupo B – 49 M (vol. II, est. CLXXIV, n.º 76).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 286 mm; Altura máxima existente 66 mm; Espessura máxima do bordo 19 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

77. Alv. 95 B, A4, Ig. 3376 - Fragmento de bordo e arranque de pote de perfil elíptico de grande dimensão. Bordo oblíquo de secção rectangular com superfície superior ligeiramente reentrante. Dorso do bordo com aresta arredondada. Colo curto e curvo. Parede pouco aberta evidenciando um perfil elíptico. Abundantes estrias internas dispostas a espaços regulares. Pasta tipo Grupo C – 49 M (vol. II, est. CLXXIV, n.º 77).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 274 mm; Altura máxima existente 44 mm; Espessura máxima do bordo 12 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

78. Alv. 97 B3, A1, Ig. 7298 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de perfil elíptico de grandes dimensões. Bordo oblíquo com lábio arredondado. Face interna plana que remata em ângulo obtuso que dá início ao arranque do bojo. Parede do bojo muito esvasada evidenciando um perfil elíptico. Possui abundantes estrias internas e externas. Pasta tipo Grupo B – 45 M (vol. II, est. CLXXIV, n.º 78).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 270 mm; Altura máxima existente 76 mm; Espessura máxima do bordo 11 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 1.

79. Alv. 97 B3, A1, Ig. 5900 - Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de grandes dimensões. Bordo oblíquo e espesso de secção rectangular. Face interna plana com ligeira carena interna que dá início ao arranque da parede do bojo. Parede do bojo muito esvasada de perfil ovóide. Abundantes estrias internas espaçadas regularmente. Pasta tipo Grupo C – 70 L (vol. II, est. CLXXV, n.º 79).
Dim. - Diâmetro máximo de bordo 281mm; Altura máxima existente 98 mm; Espessura máxima do bordo 17 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. I, corte estratigráfico 5, camada 1.

80. Alv. 96 B, A4, Ig. 5281 - Fragmento de bordo e arranque de pote de grandes dimensões. Bordo vertical de secção rectangular. Face superior obliqua formando uma carena interna angulosa. Colo curto e ligeiramente côncavo. Parede pouco aberta evidenciando um perfil elíptico. Estrias internas abundantes e espaçadas irregularmente. Na face exterior o espessamento do bordo forma uma canelura larga que o demarca claramente do bojo. Pasta tipo Grupo C – 20 M (vol. II, est. CLXXV, n.º 80).
Dim. - Diâmetro máximo da peça 145 mm; Altura máxima existente 110 mm; Espessura máxima do bordo 14 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

Cântaros (81)

81. Alv. 95 A, Ig. 7494 - Fragmento de bordo, gargalo e arranque de parede de cântaro. Bordo vertical, projectado para o exterior, rematado com lábio amendoado. Gargalo alto e vertical formando um perfil obliquo ao nível do arranque do bojo, onde forma uma pequena canelura no exterior. Asa em fita de secção rectangular. Decoração composta por canelura exterior implantada ao nível do arranque da parede com incisões verticais em forma de losango. Pasta tipo Grupo C – 40 M (vol. II, est. CLXXV, n.º 81).

Dim. - Diâmetro máximo do bordo 110 mm; Altura máxima existente 140 mm; Espessura máxima da parede 10 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. II, corte estratigráfico 2, camada 2.

Formas diversas
Tampas (82-83)

82. Alv. 97 B3, A1, Ig. 5570 - Tampa de formato tronco-cónico. Lábio de assentamento arredondado e parede recta. Face superior plana ligeiramente espessada. Pasta tipo Grupo A2 – 45 M (vol. II, est. CLXXVI, n.º 82).
Dim. - Diâmetro máximo 92 mm; Altura máxima 22 mm; Espessura máxima 8 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 1.

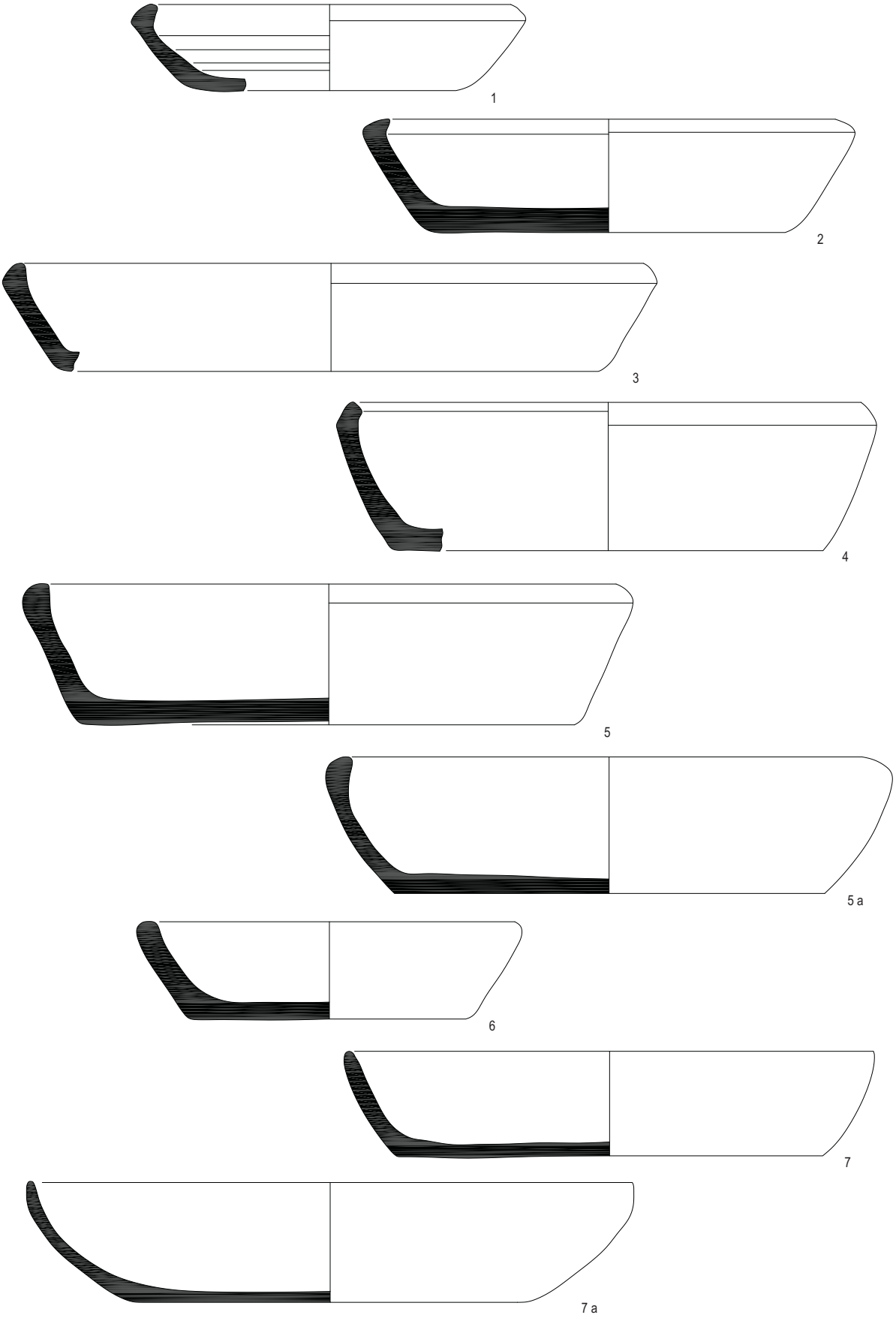
83. Alv. 93 A, op. 1 - Tampa de formato discóidal com pega cilíndrica. Face plana com lábio progressivamente espessada para o centro. Pega de perfil tronco-cónico, espessa e compacta, com face superior plana. Pasta tipo Grupo A2 – 35 M (vol. II, est. CLXXVI, n.º 83).
Dim. - Diâmetro máximo 94 mm; Altura máxima 26 mm; Espessura da pega 30 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata,* Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 3.

Marcas e grafitos (84-86)

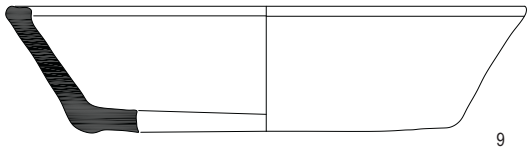
84. Alv. 96 B, A3, op. 168 - Fragmento de cerâmica, provavelmente pertencente a uma talha ou pote de grandes dimensões com marca em campo rebaixado. Marca fragmentada, de desenho rectangular onde são visíveis apenas impressos os seguintes caracteres (...) I L F(*ecit*). Pasta tipo Grupo A2 – 45 M (vol. II, est. CLXXVI, n.º 84).
Dimensão máxima existente da cartela 12 mm; Altura máxima existente 9 mm.
Altura máxima das letras – (....) 1;6: 2;7: 3; 6. mm.
Comprimento máximo 34 mm; Largura máxima 21 mm; Espessura máxima 13 mm.
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça,* corte estratigráfico 1, camada 2.

85. Alv. 96 B, A3, op. 238 - Fragmento de talha ou grande pote com marca completa. Cartela rectangular com cantos arredondados com campo rebaixado com os seguintes caracteres impressos – APILI . Pasta tipo Grupo A2 – 45 M (vol. II, est. CLXXVI, n.º 85).
Comprimento máximo da cartela - 26,5 mm; Altura máxima 9,5 mm.
Altura máxima das letras - 1;7,3: 2;5,5; 3;7,3: 4; 7: 5; 5,5 mm.
Comprimento máximo 52 mm; Largura máxima 63 mm; Espessura máxima 18 mm.
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase IIb, Praça - ext., corte estratigráfico 1, camada 1b.

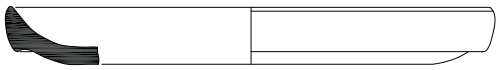
86. Alv. 94 A, Ig. 1280 - Fragmento de bordo de talha com marca. Cartela de desenho rectangular com cantos angulosos, com cinco letras impressas – A IILU, precedido de um grafito que representa um V invertido. Pasta tipo Grupo D – 20 M (vol. II, est. CLXXVI, n.º 86).
Comprimento máximo da cartela - 30,6 mm; Altura máxima 13,3 mm.
Altura máxima das letras - 1;8: 2;9,3: 3;10,6: 4;9,3: 5;9,3.
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 324 mm; Espessura máxima do bordo 32 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, corte estratigráfico 8, camada 3.


1
2
3
4
5
5 a
6
7
7 a

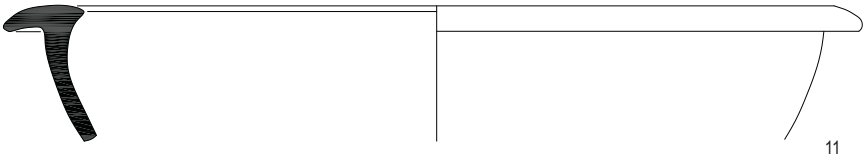
8



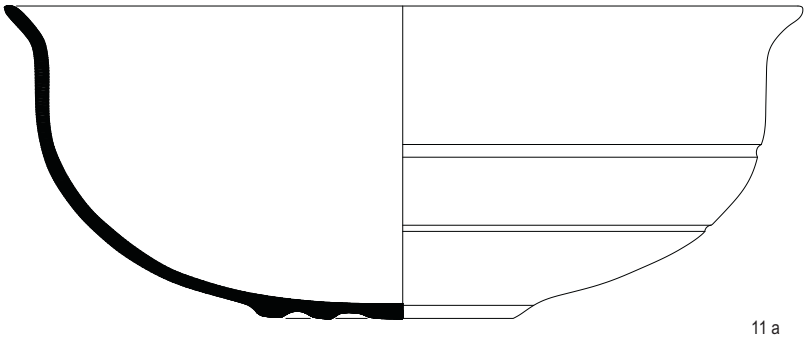
9



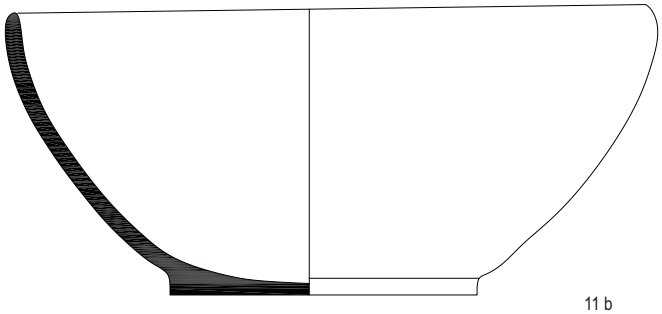
10



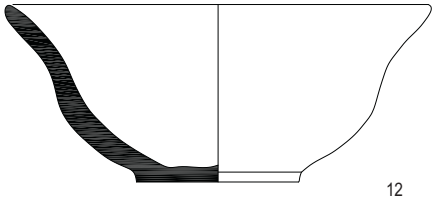
11



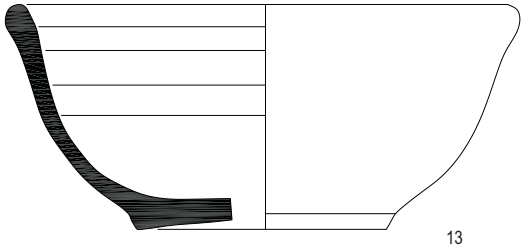
11 a



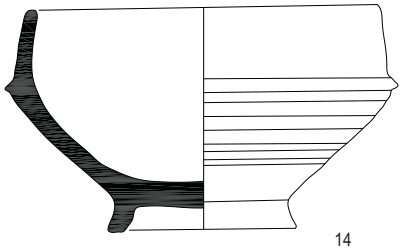
11 b



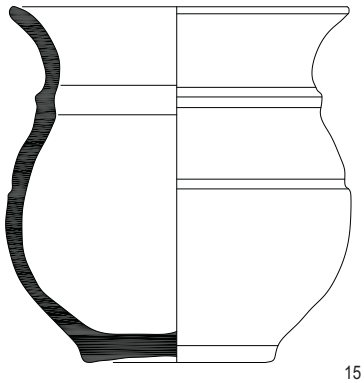
12



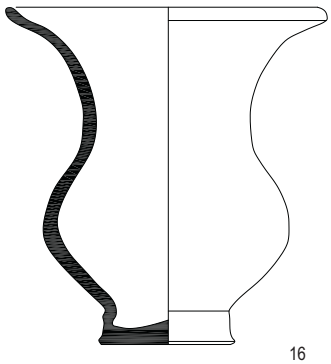
13



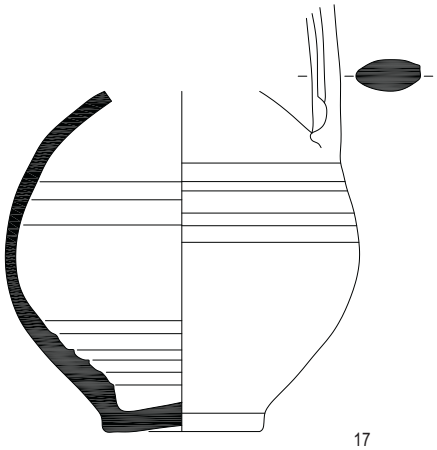
14



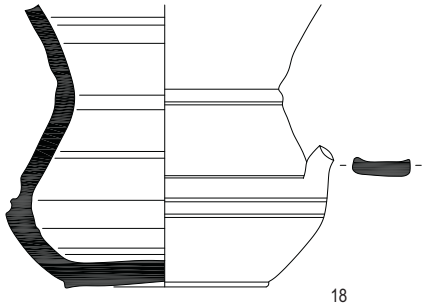
15



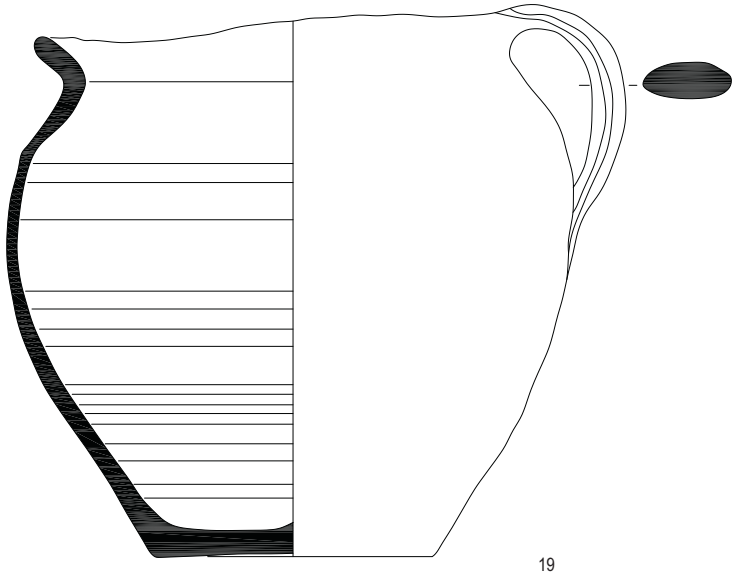
16



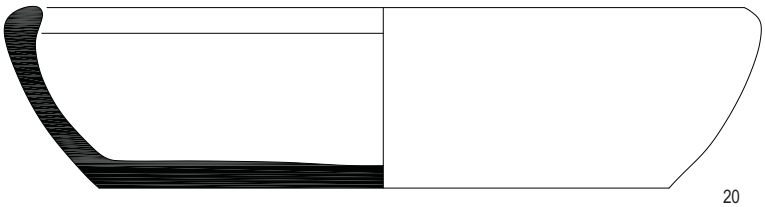
17



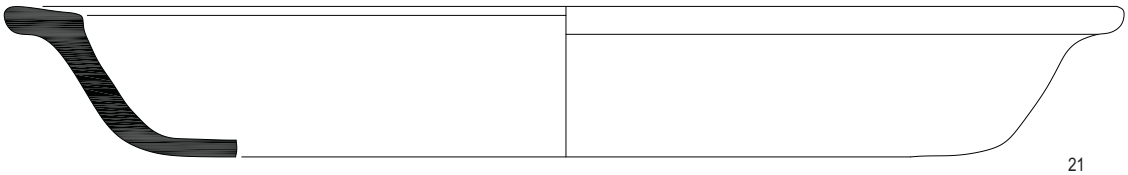
18



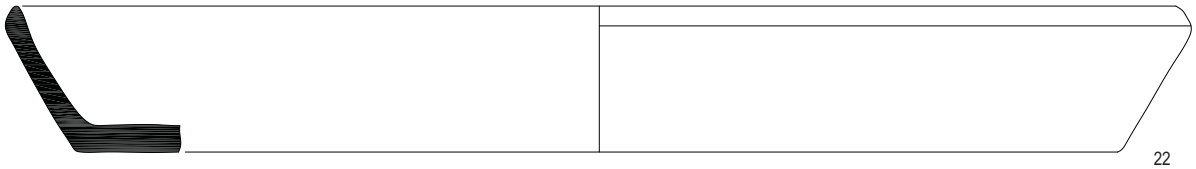
19



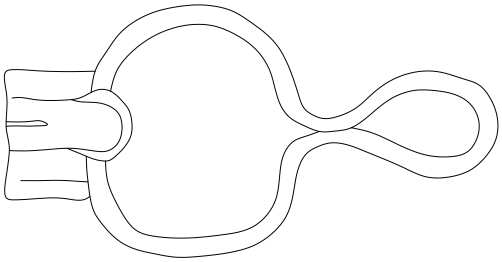
20

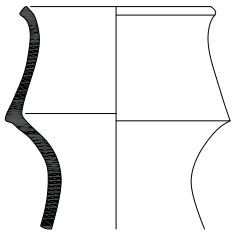


21

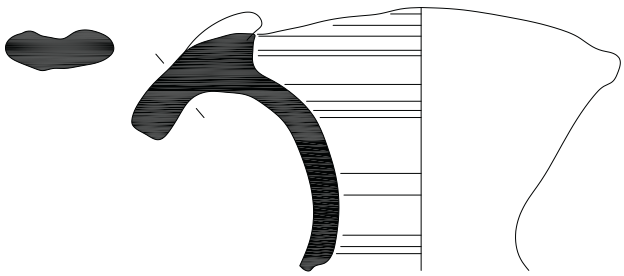


22

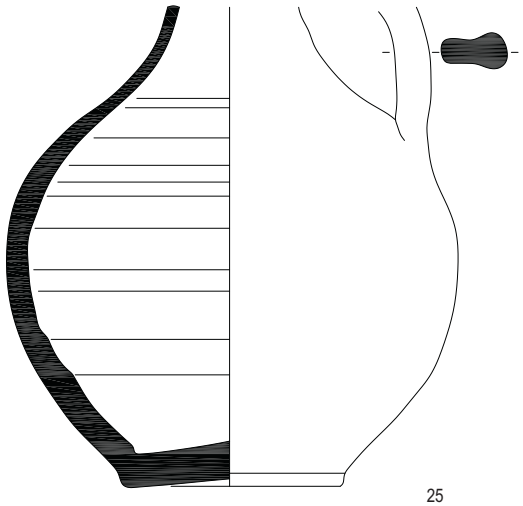




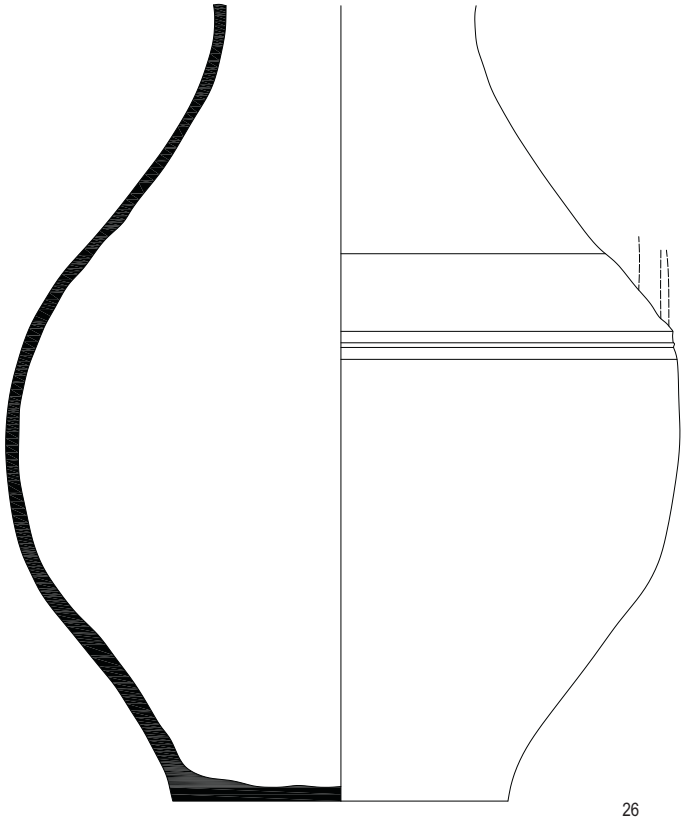
23



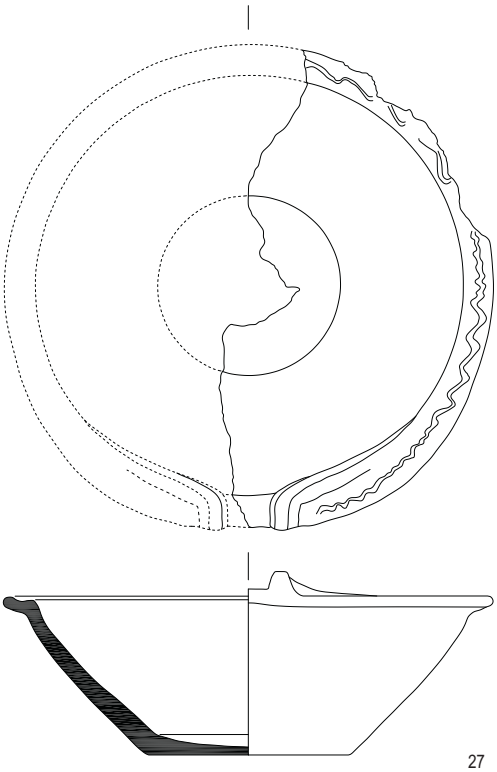
24



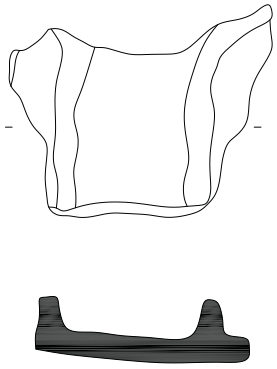
25



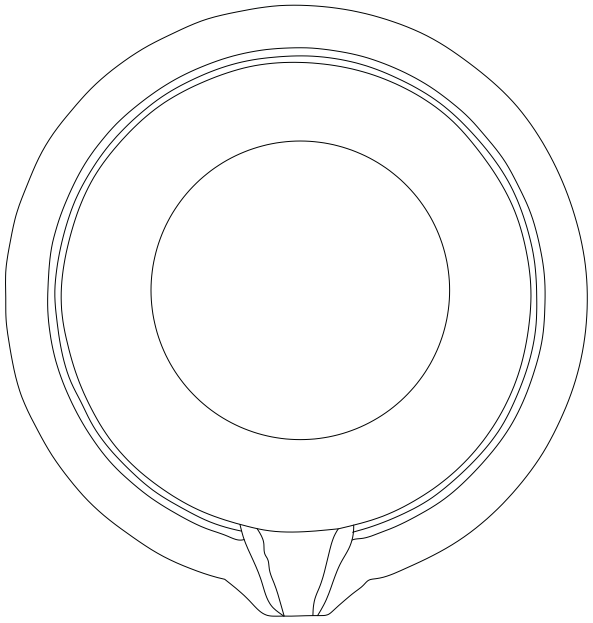
26



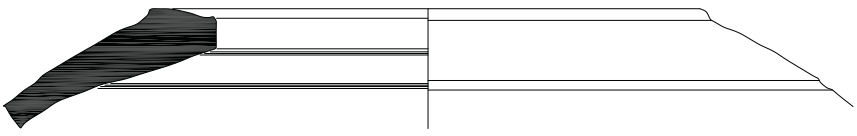
27



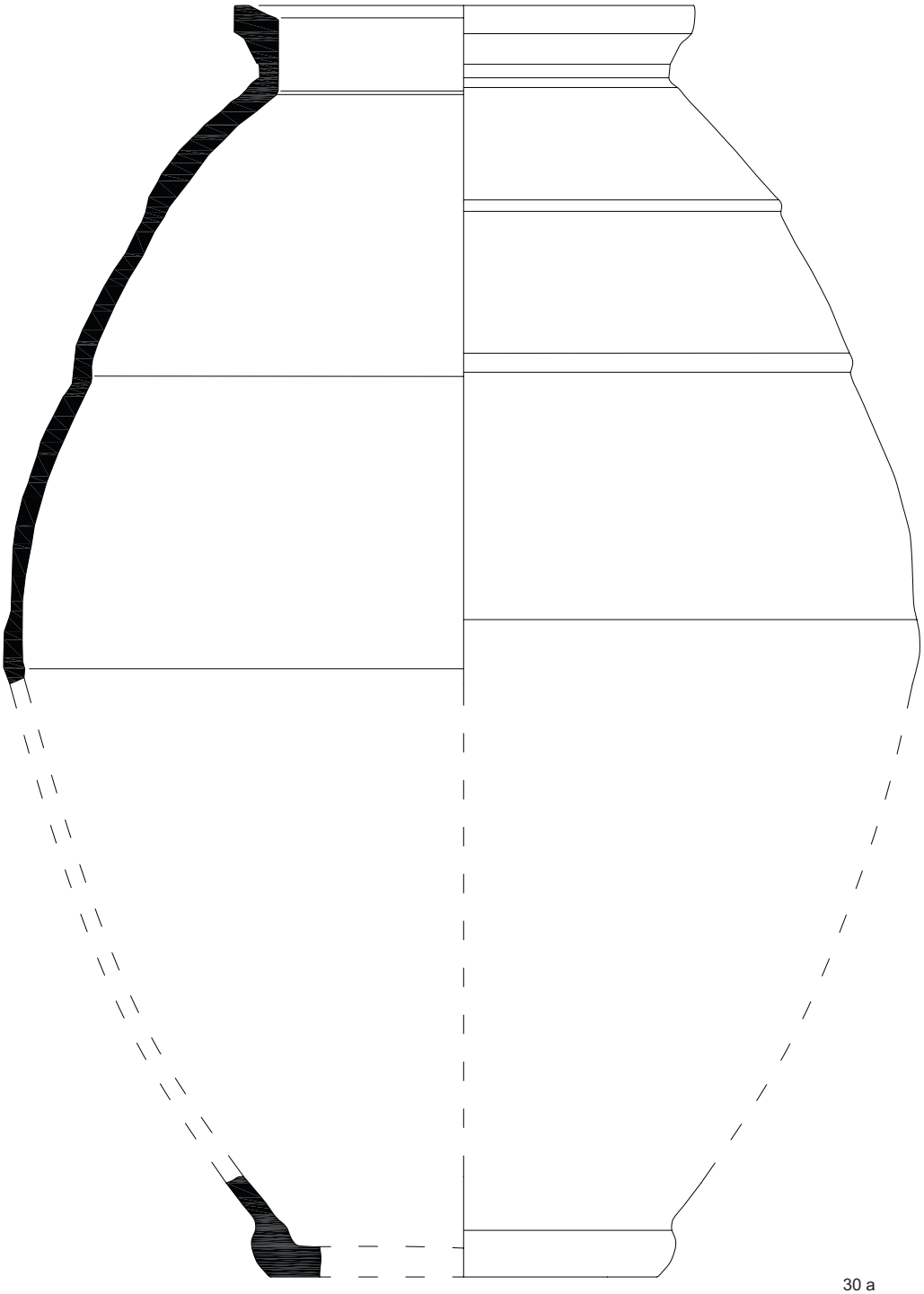
28



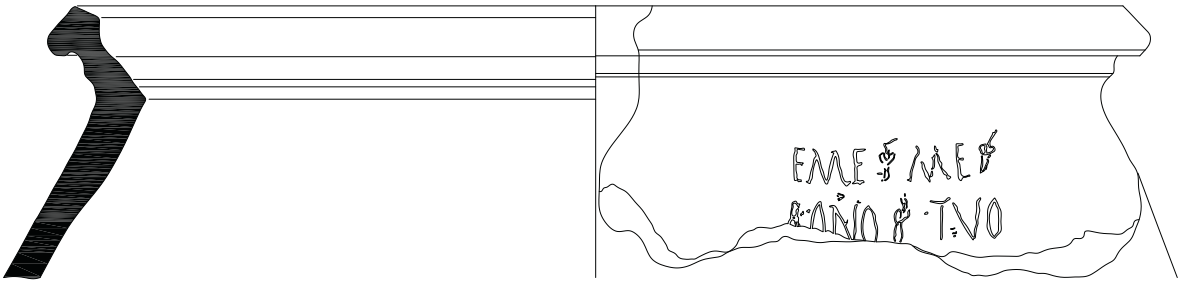
29



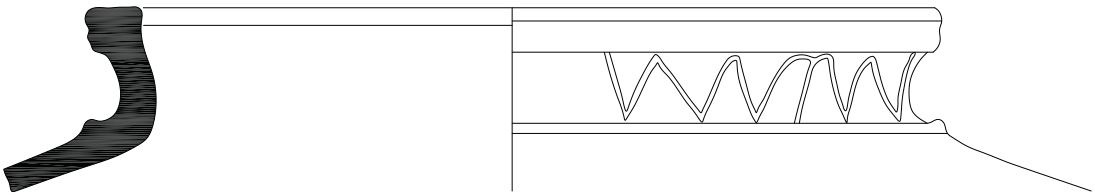
30



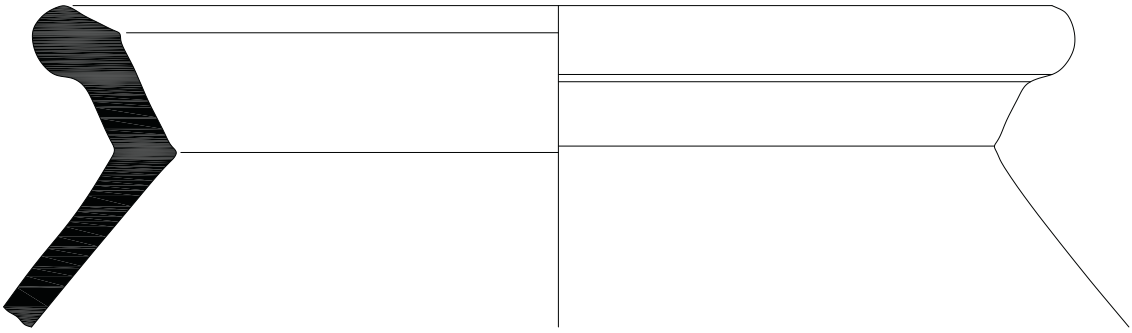
30 a



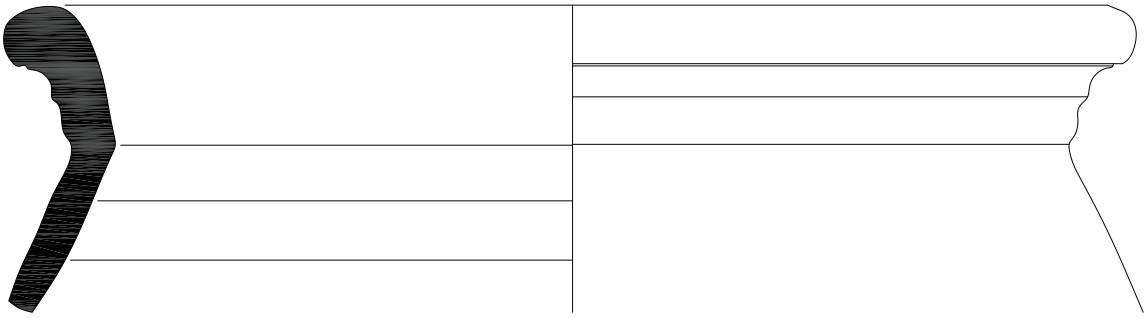
31



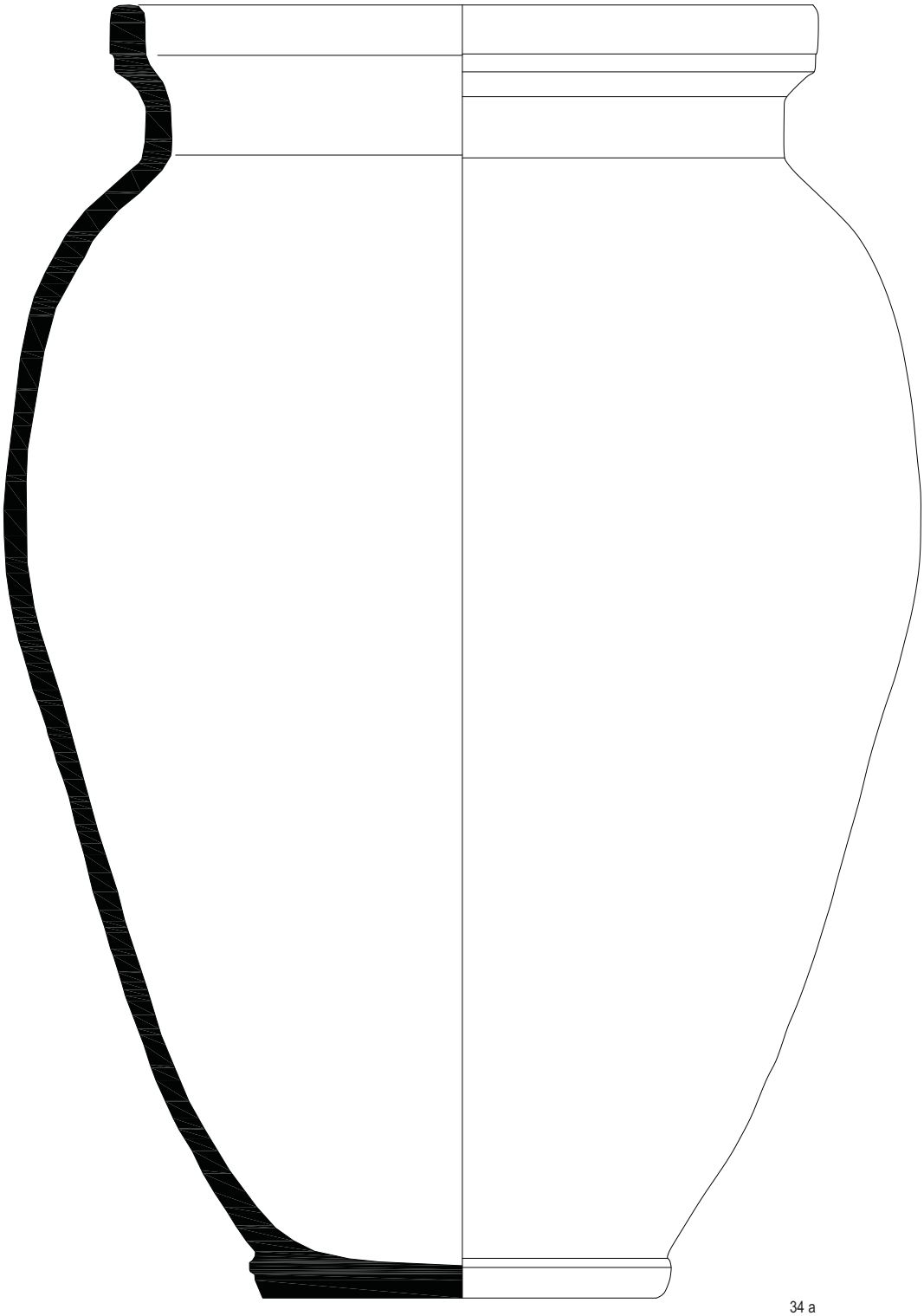
32



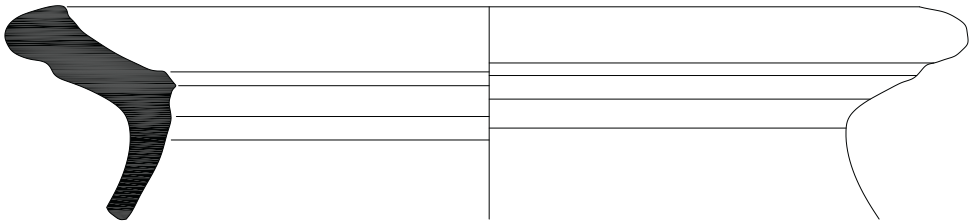
33



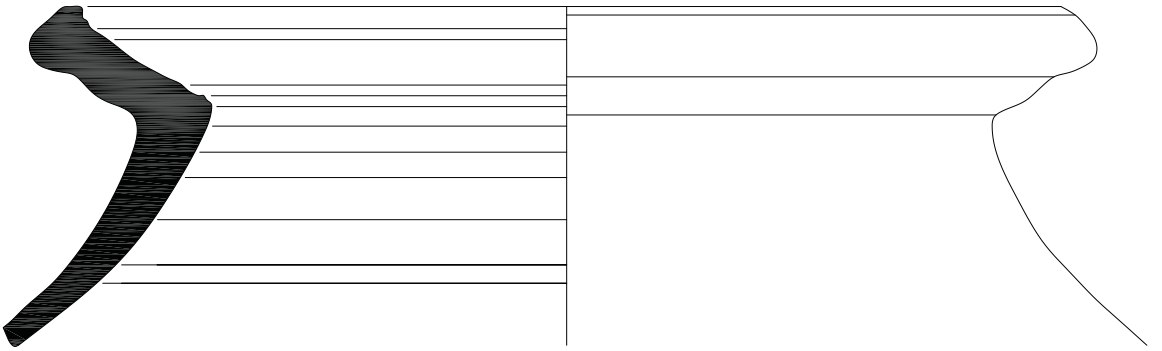
34



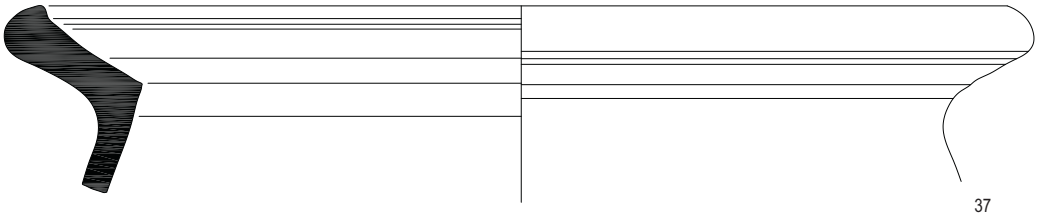
34 a



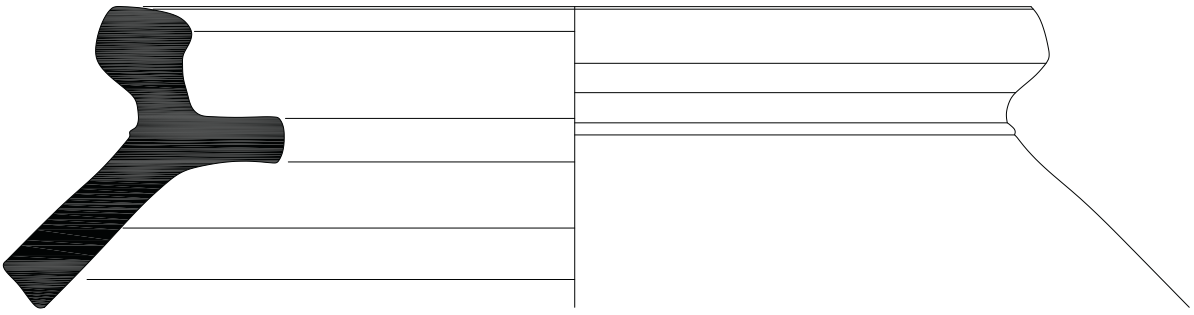
35



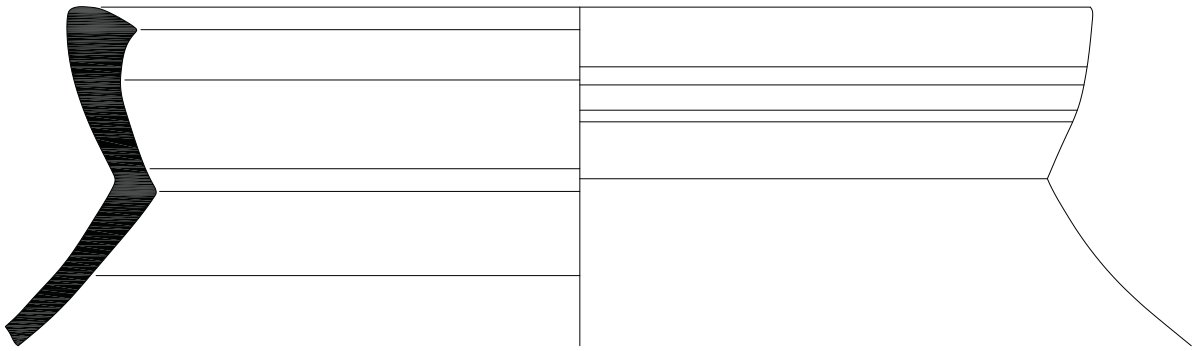
36



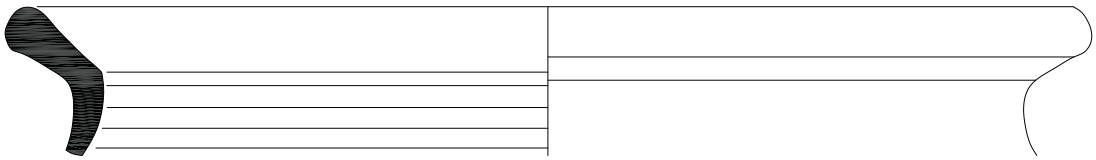
37



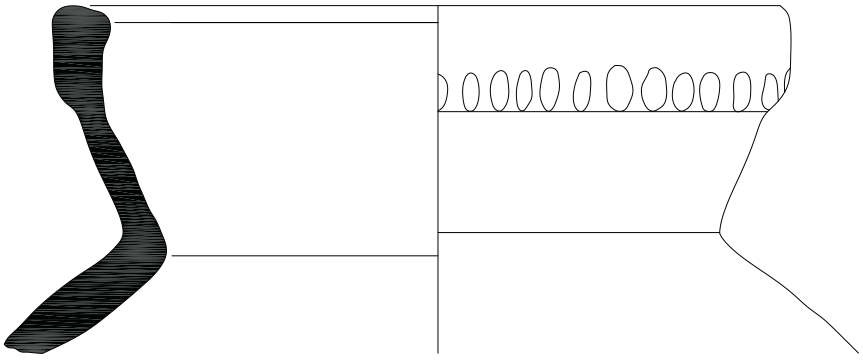
38



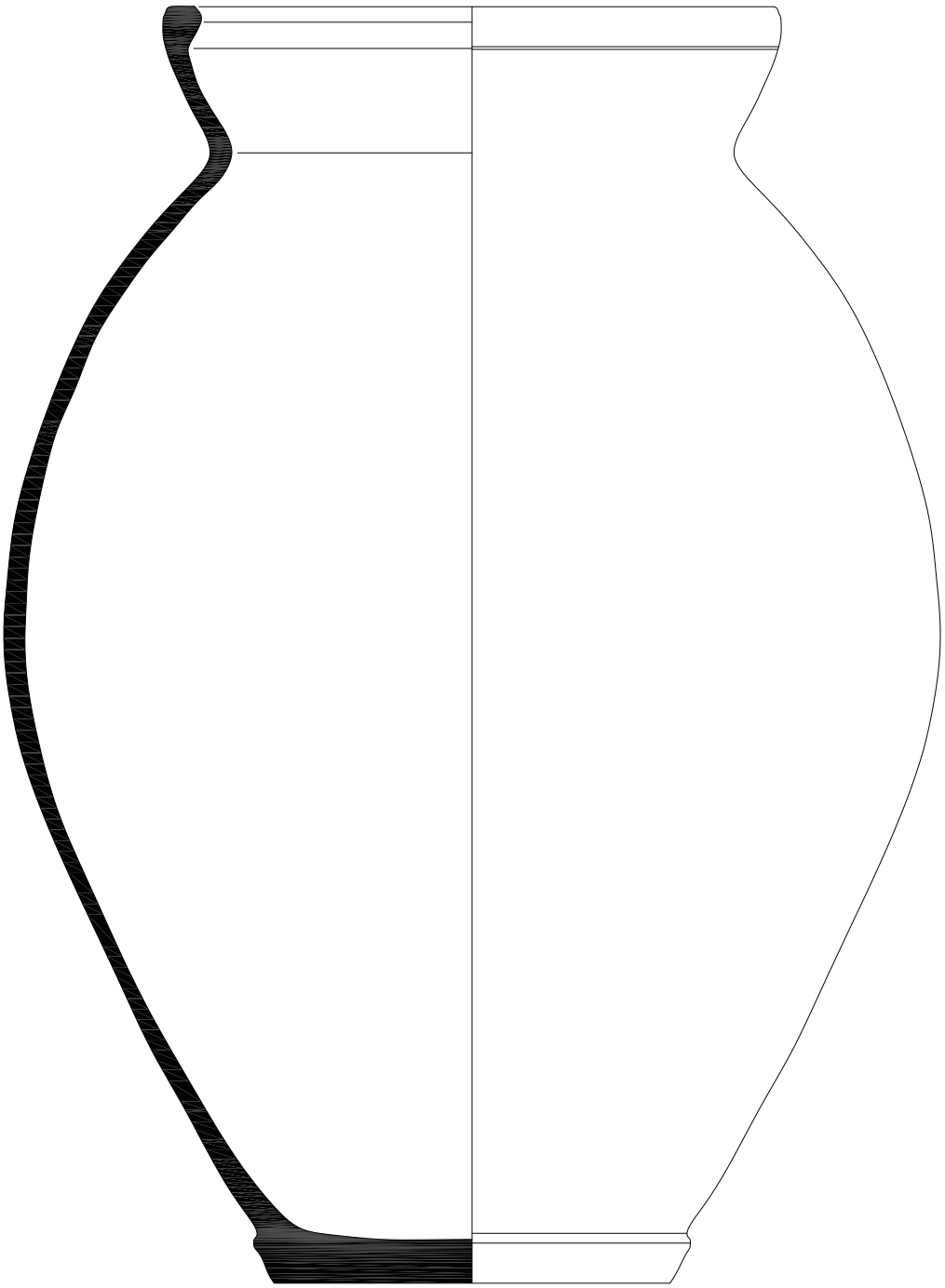
39



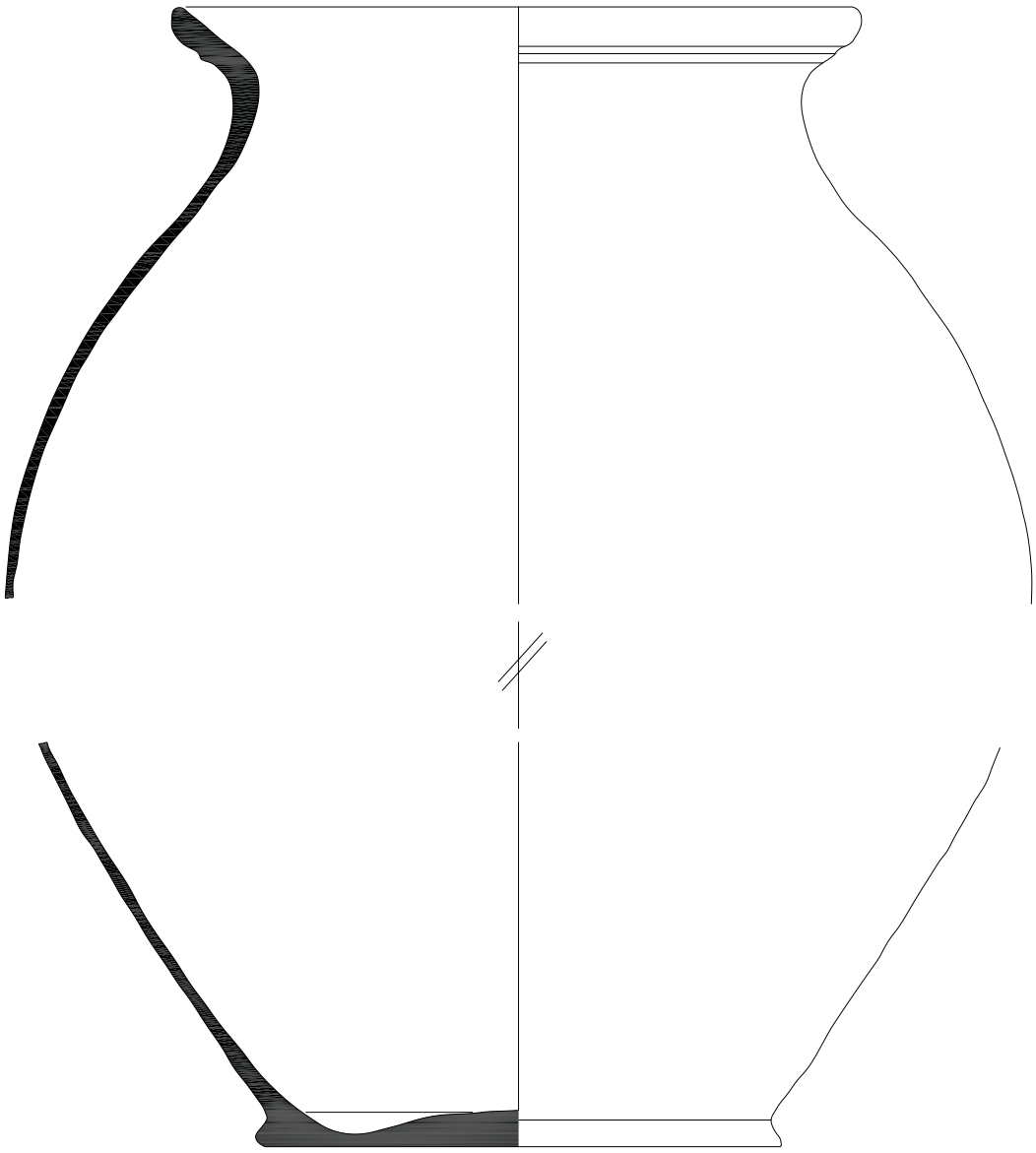
40



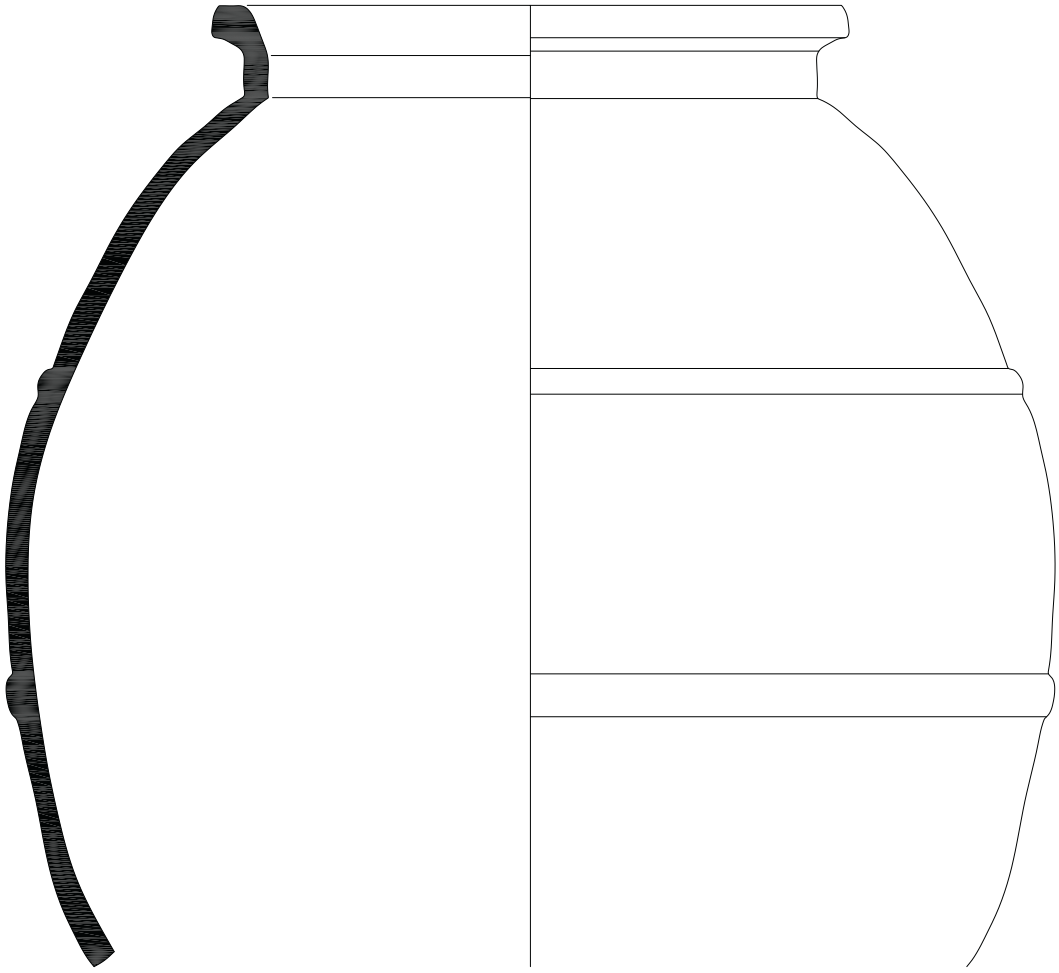
41



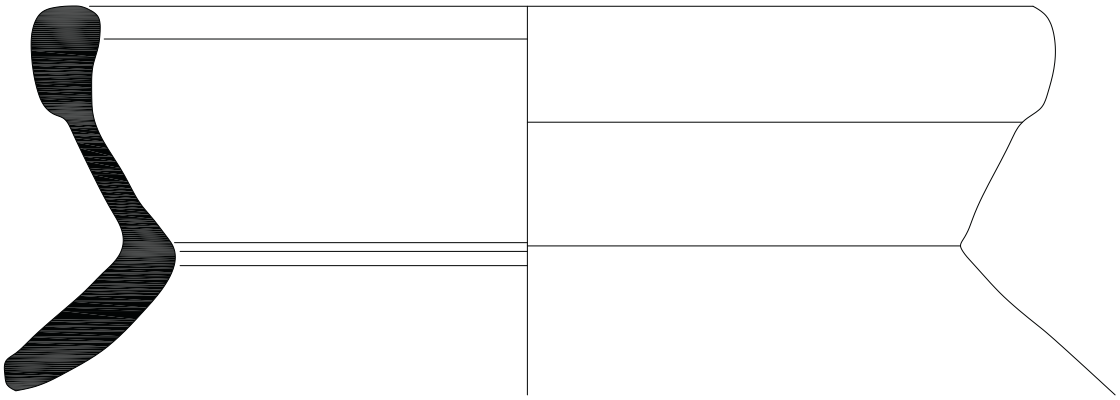
41 a



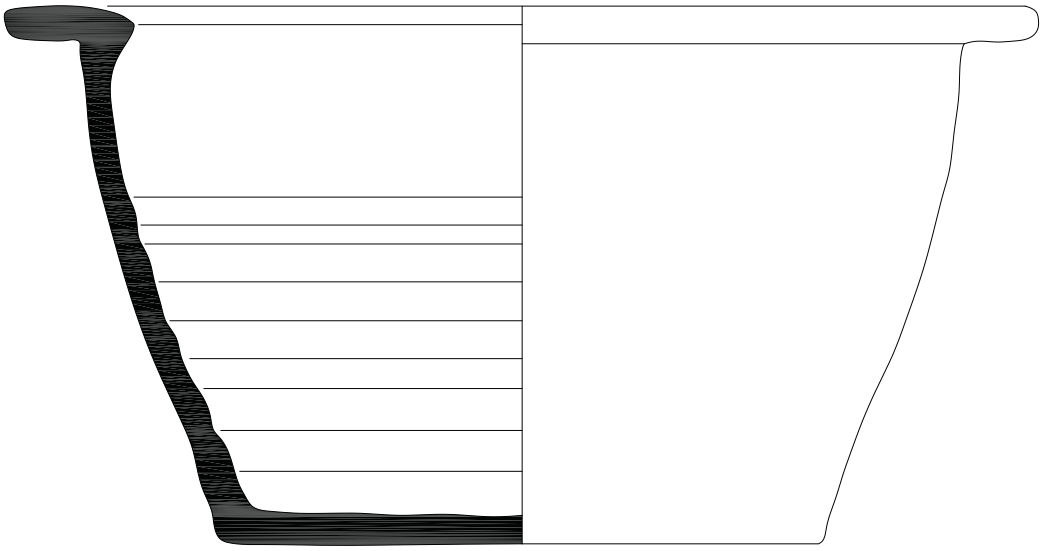
42



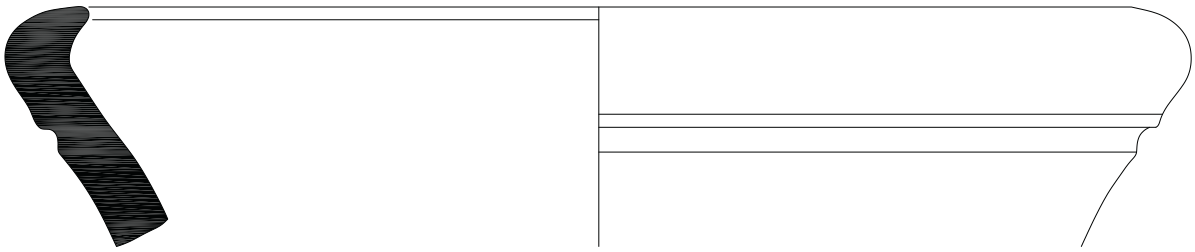
42 a



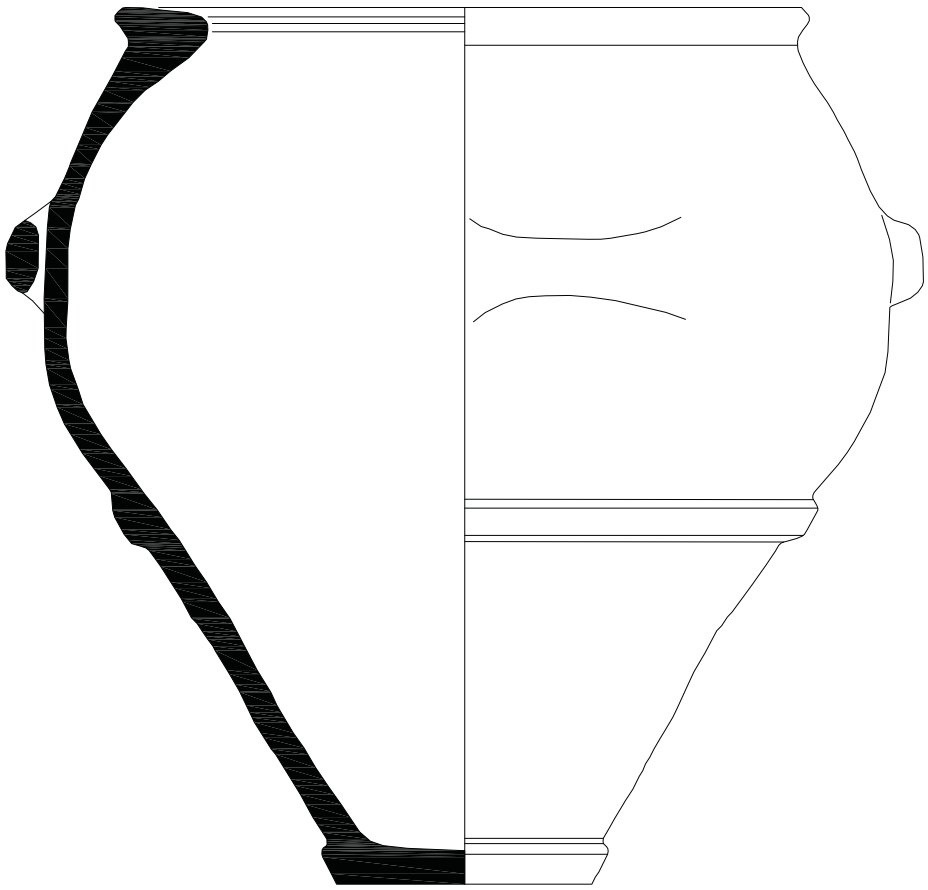
42 b



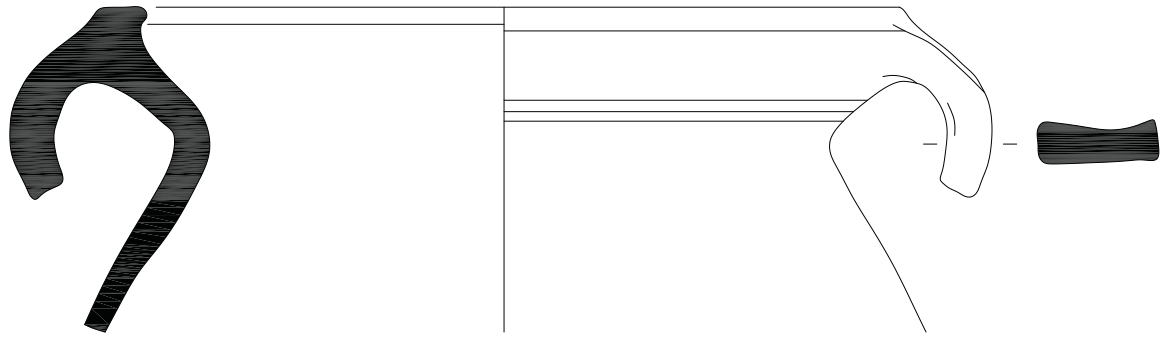
43



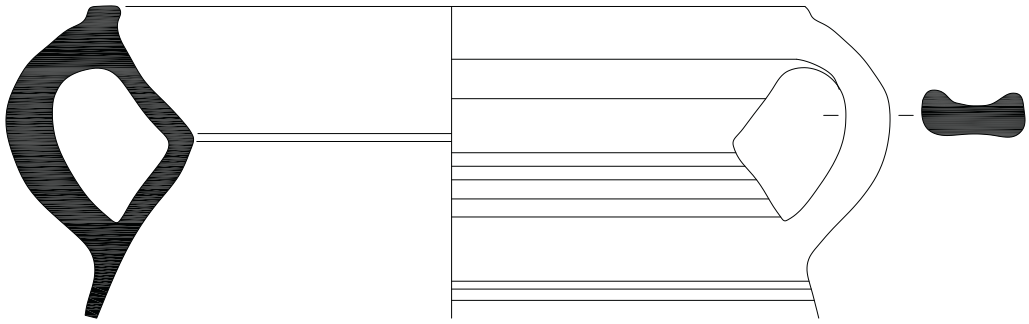
44



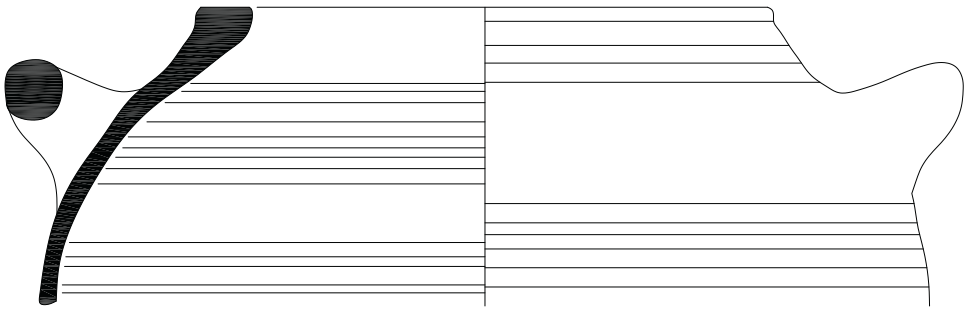
44 a



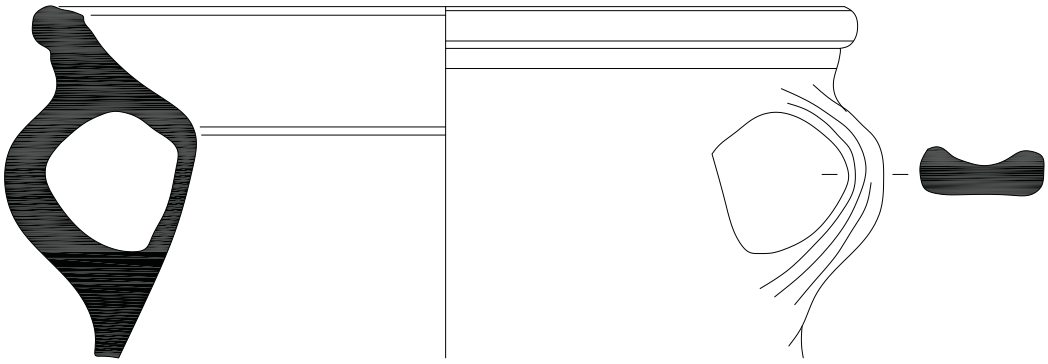
45



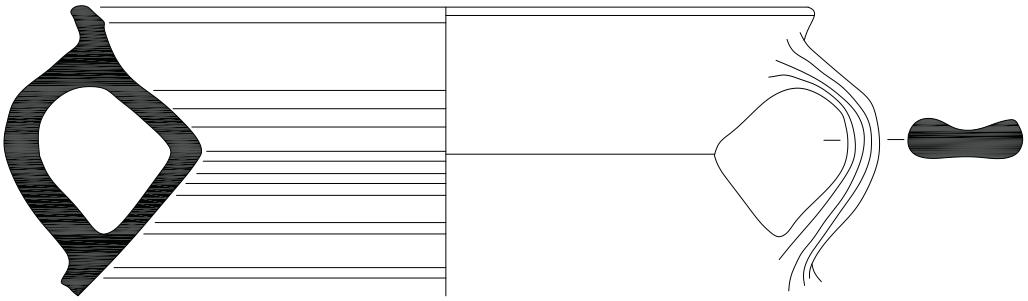
46



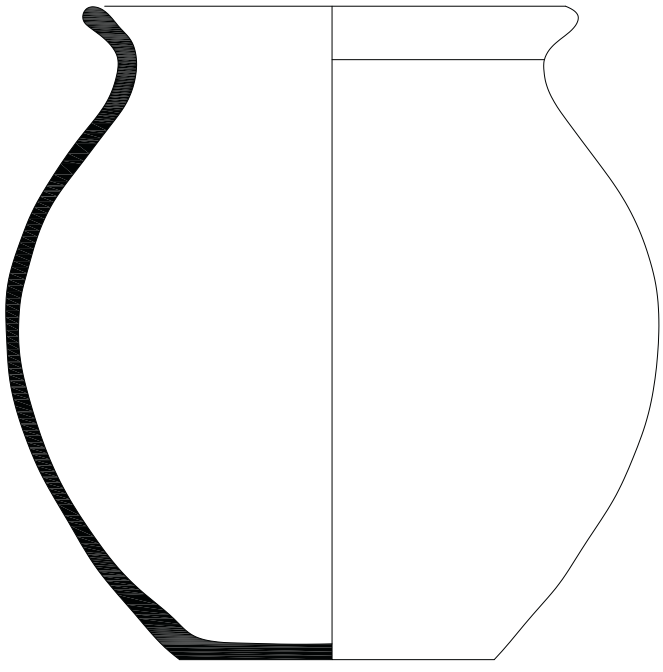
47



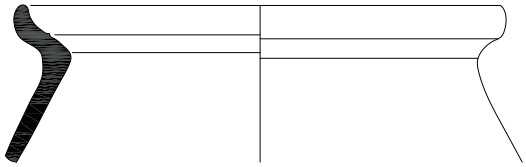
48



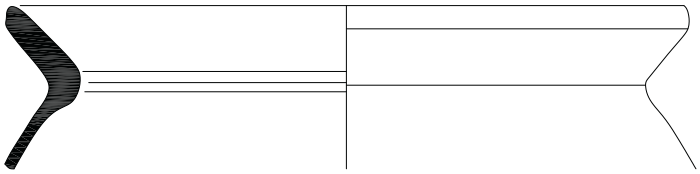
49



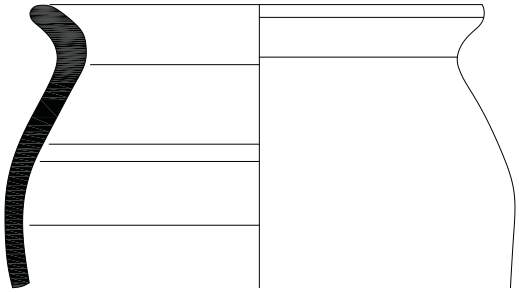
50



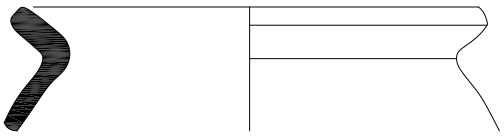
51



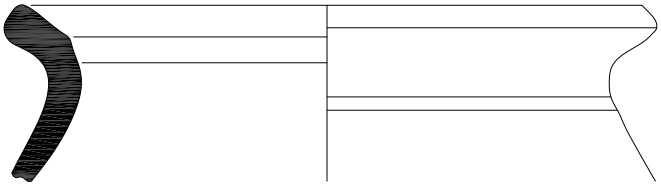
52



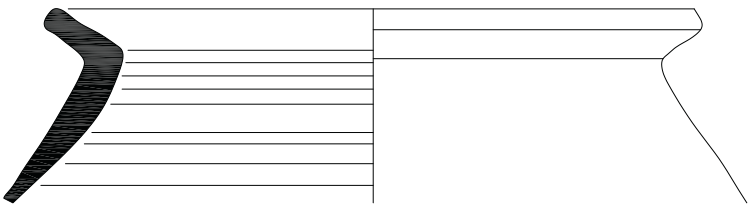
53



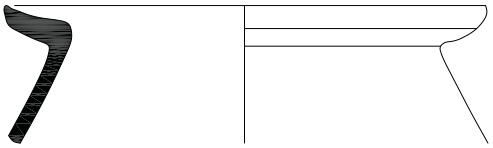
54



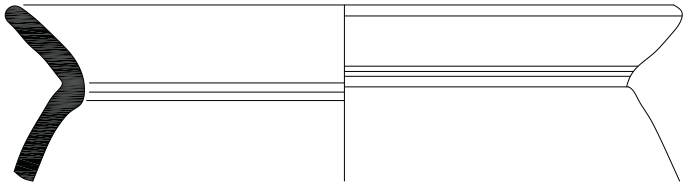
55



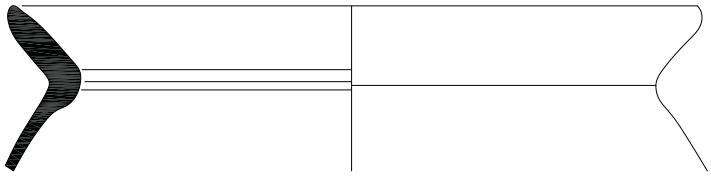
56



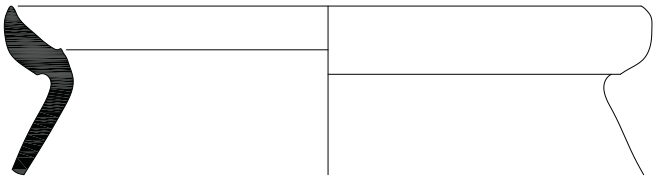
57



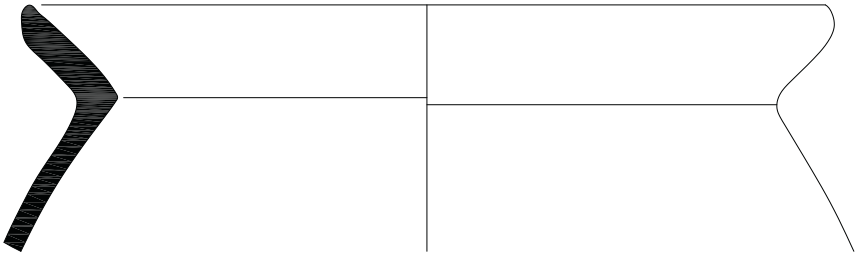
58



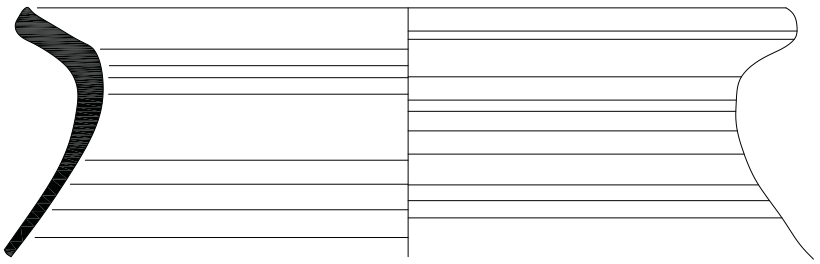
59



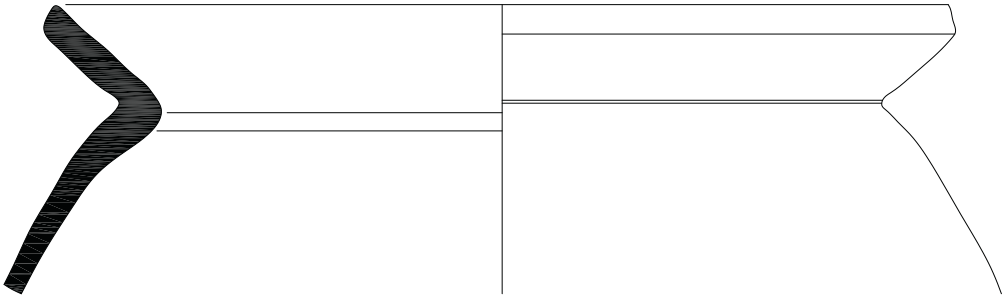
60



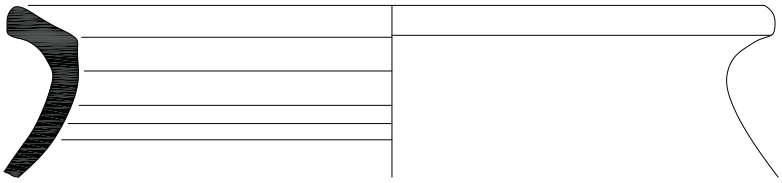
61



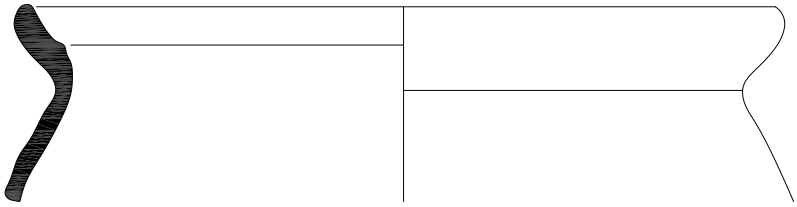
62



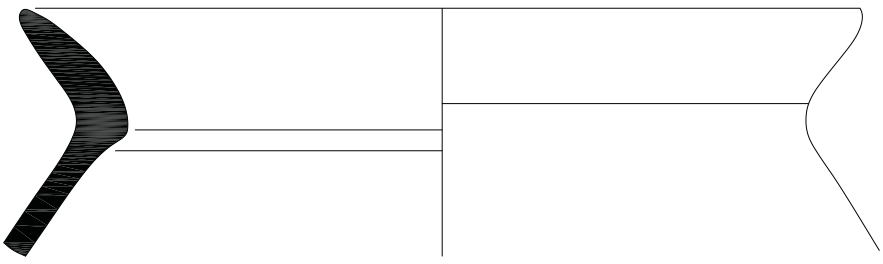
63



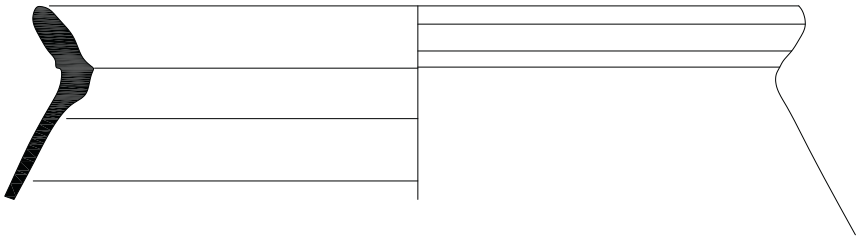
64



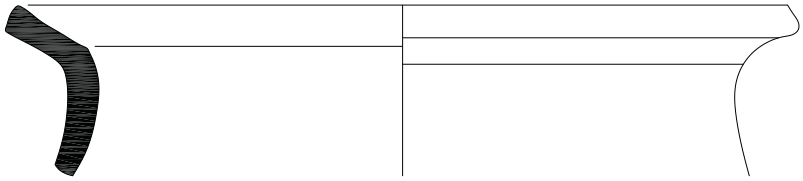
65



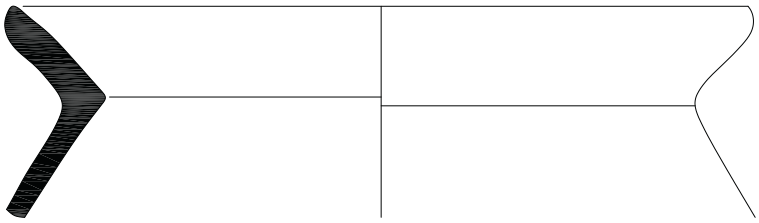
66



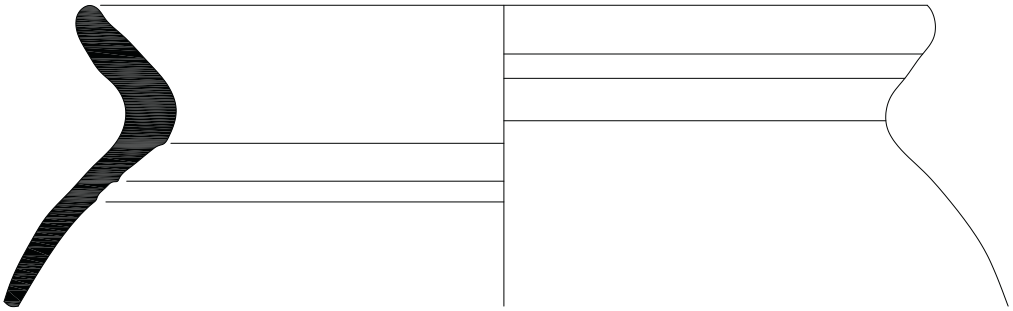
67



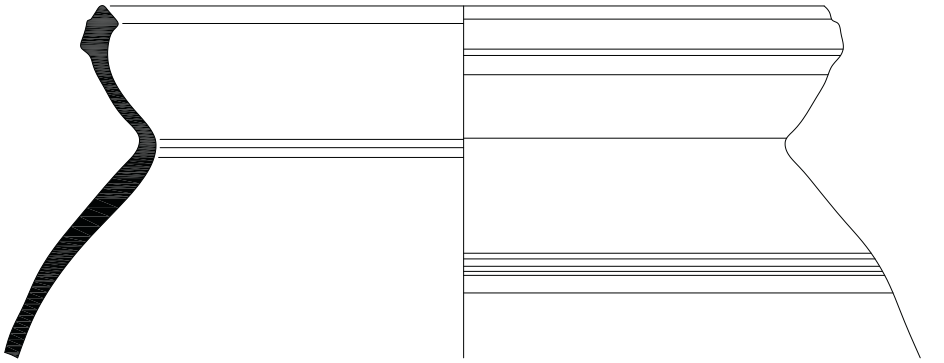
68



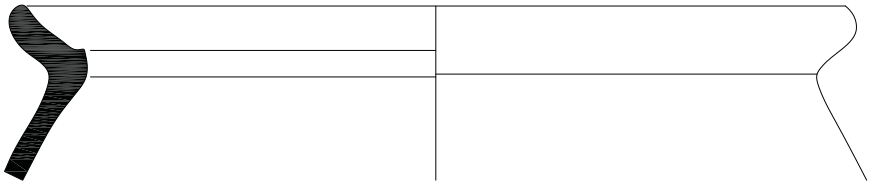
69



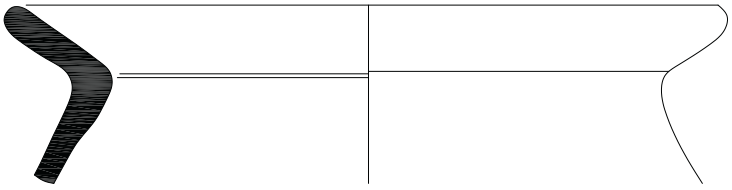
70



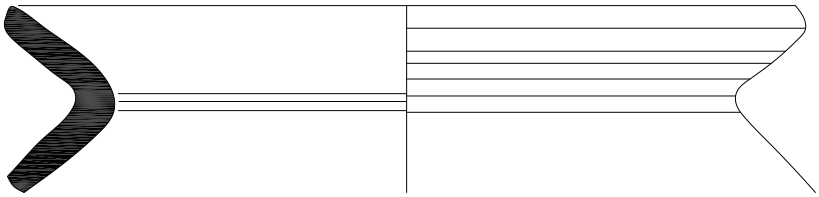
71



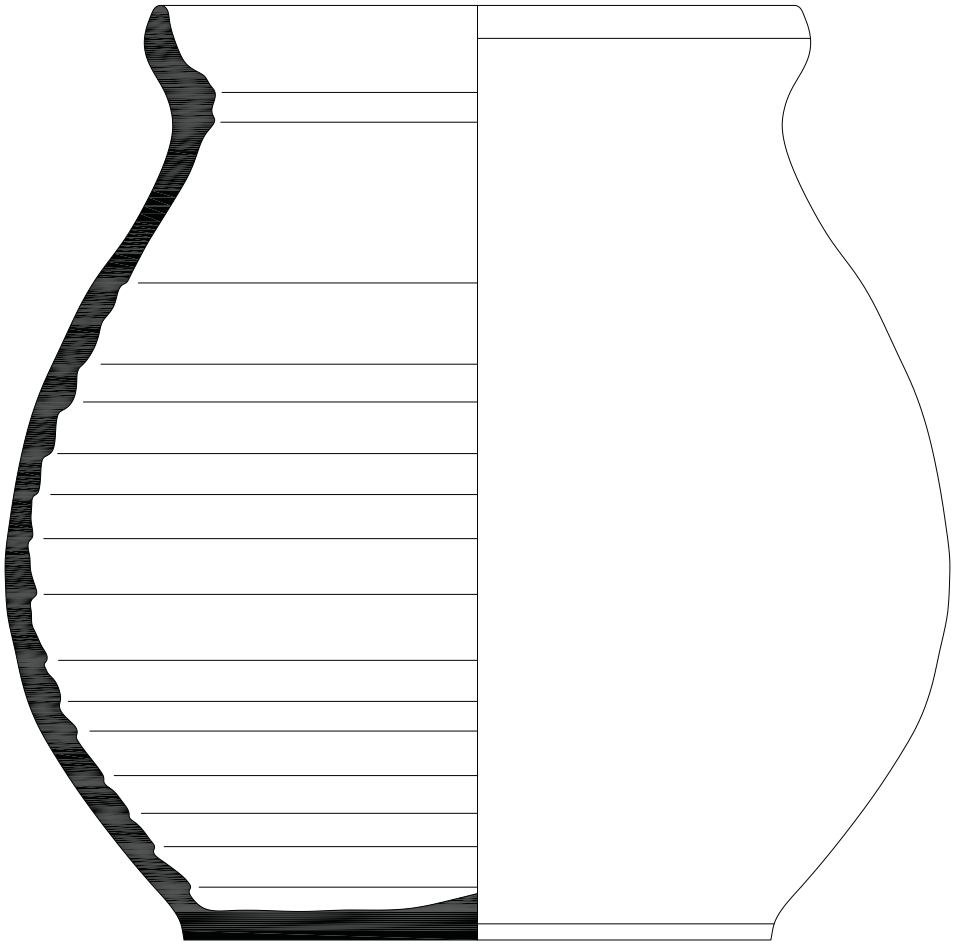
72



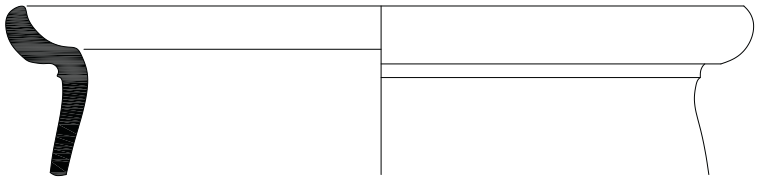
73



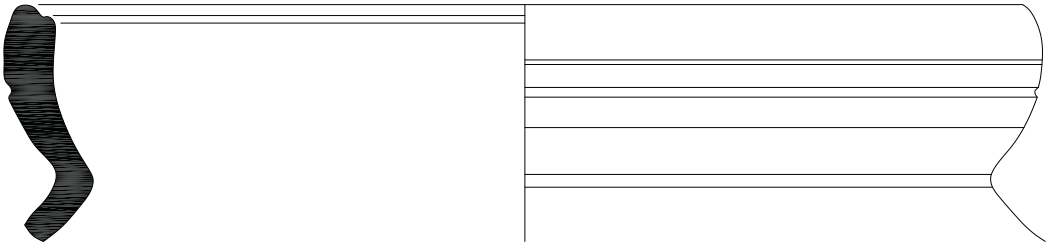
74



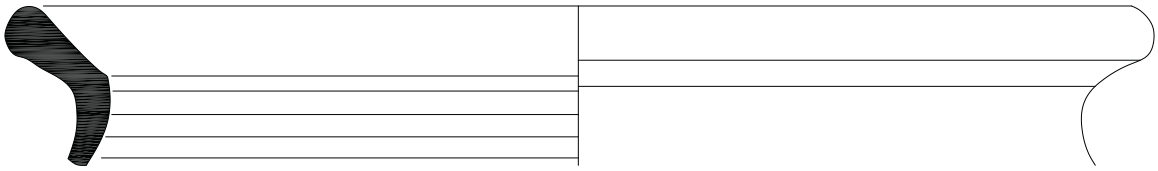
74 a



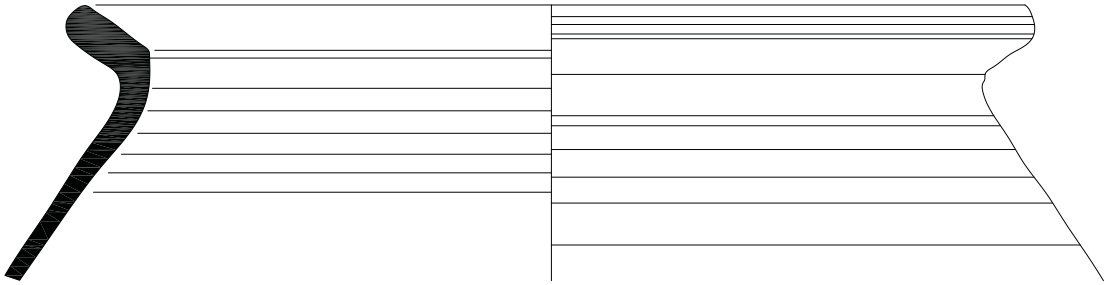
75



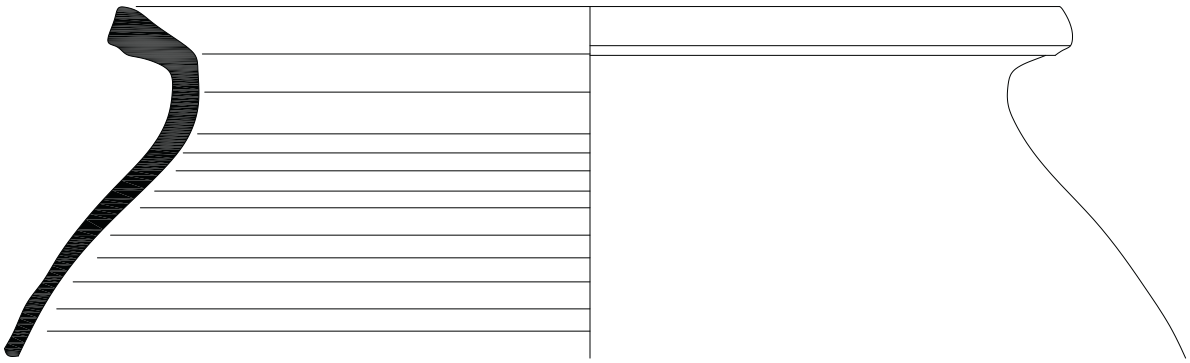
76



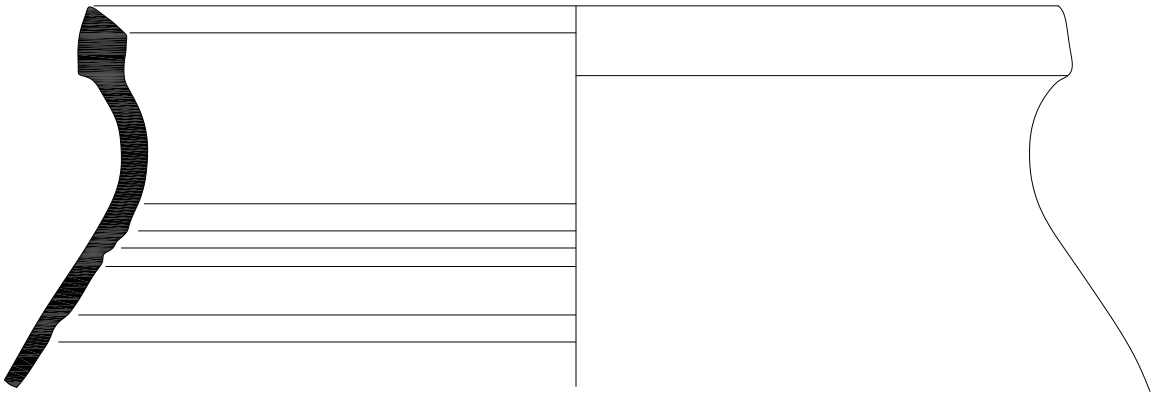
77



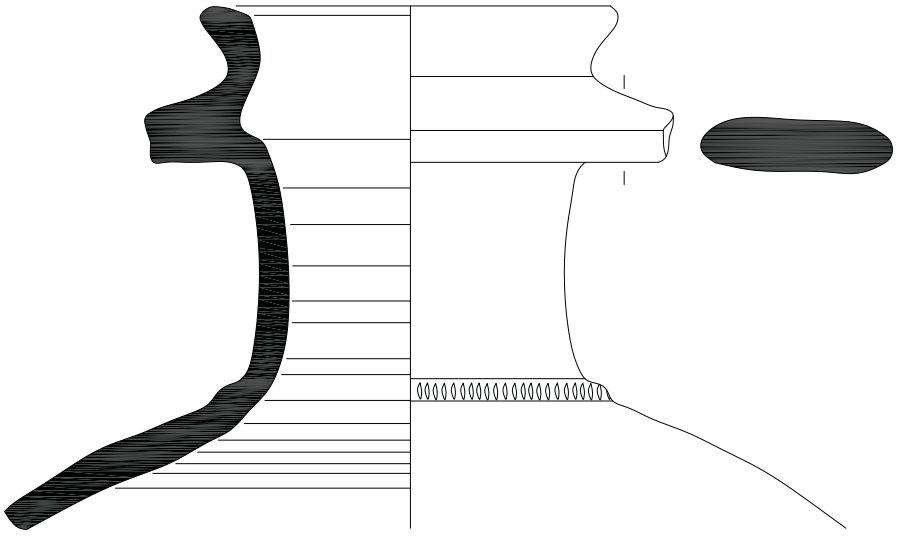
78



79

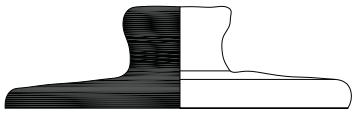


80



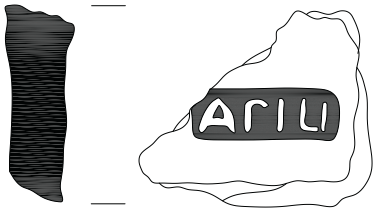
81

82

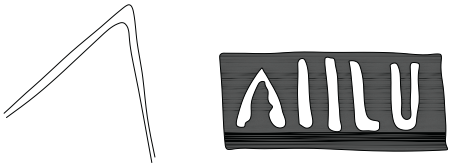


83

84



85



86

6.1.10. Cerâmica *"tipo bracarense"*

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

A cerâmica bracarense ou "tipo bracarense", conforme recentemente tem vindo a ser designada (LEITE 1997), foi durante muito tempo confundida com o grande conjunto de cerâmicas comuns, com algumas formas de "*paredes finas*" ou mesmo com a terra sigillata hispânica pelo facto de imitar algumas das suas formas.
As primeiras referências conhecidas relativas a este fabrico devem-se a Riguad de Sousa proferidas no decurso do IV Colóquio de Portuense de Arqueologia, realizado em 1965. A partir de 1966, Adília Alarcão, individualizou e, pela primeira vez, ainda que de forma sucinta, fez a descrição e caracterização deste fabrico particular (ALARCÃO; ALARCÃO 1966, 45-50). Posteriormente, no inicio da década de setenta do século passado, no II Congresso Nacional de Arqueologia, Rigaud de Sousa volta a abordar o estudo desta cerâmica, à qual se refere como "*terra sigillata bracarense*", uma vez que as formas seguiam de perto o reportório das produções hispânicas e sudgálicas (SOUSA 1971, 451-455). Seguiram-se algumas outras referências de diferente valia, com destaque para alguns trabalhos desenvolvidos no âmbito do "campo arqueológico" de Conímbriga, iniciando-se, a partir desse momento, de forma mais ou menos sistemática, uma clara distinção relativamente a outros tipos de fabricos cerâmicos romanos. Adília Alarcão, Manuela Delgado e Alina Martins descreveram, com detalhe, as características morfológicas deste tipo de fabrico que se individualiza de forma notória das restantes produções de cerâmica comum, apesar da sua semelhança com a cerâmica designada de *paredes finas* produzida na região de Mérida (...) *esta produção é muitíssimo semelhante a algumas das "paredes finas" de Merida pela textura e pela cor clara da pasta bastante depurada, pelas características do engobe amarelo laranja, por vezes ligeiramente metalizado, com manchas negras frequentes e ainda pelo guilhoché profuso e elaborado (…)*" (ALARCÃO; MARTINS 1976, 91-92).
" (...) *Defini-la-emos, genericamente, como uma pasta de cor creme claro, dura com fractura concoidal, textura relativamente fina e escasso desengordurante (quartzo fino, anguloso e algum raro feldspato) além de óxidos de ferro em grumos ou pontuações* (…)." (ALARCÃO; MARTINS 1976, 96).

Mais recentemente, destacam-se os trabalhos desenvolvidos no âmbito do estudo das cerâmicas de *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses, da autoria de Lino Augusto Tavares Dias[847] e, de carácter mais focalizado nesta produção, a abordagem de Felisbela Leite, concluído em 1997, cujo propósito último consista em identificar o centro produtor desta cerâmica que, apesar da abrangência da abordagem, ficaria por resolver (LEITE 1997)[848]. Na área setentrional do convento bracaraugustano merecem ainda referência alguns estudos de carácter geral alusivos à sua distribuição (LOPEZ 1991, 92-94), e de carácter mais localizado, de carácter descritivo, como, por exemplo, o produzido sobre os materiais recolhidos em *Aquis Querquennis* (FERNANDEZ 2006, 409-433).
No entanto, apesar de com alguma frequência ser mencionada na bibliografia arqueológica e inclusivamente ser utilizada como referência cronológica, só recentemente foi alvo de trabalhos de carácter monográfico com o objectivo de identificar a sua área de procedência e distribuição regional, assim como de caracterizar

[847] No estudo taxonómico das cerâmicas comuns, a cerâmica "bracarense" encontra-se descrita nos seguintes termos – (…) Pasta de estrutura homogénea, com desengordurante abundante constituído por grãos de quartzo, cor creme / castanho muito claro K71. Peças com paredes alisadas interior e exteriormente, sobre as quais foi deitada aguada que dá coloração alaranjada M40 ou N40. A maioria das peças é decorada cuidadosamente a guilhoché (…) (DIAS 1997, 246-247).
A descrição morfológica das peças encontra-se organizada em 3 Tipos (Tijelas / Potes / Lucernas), entre as primeiras identificam-se as imitações da *terra sigillata*, integrando as seguintes formas; Forma 1 - imitação da Drag. 29, Forma 2 - imitação da Drag. 35/36, Forma 3 – imitação da Drag. 27, Forma 4 – imitação da Drag. 24/25.

[848] Apesar do título sugerir um enfoque nas produções da cidade de Braga " *Contribuição para o estudo da cerâmica fina de Braga. A cerâmica "dita bracarense"*, efectivamente, trata-se de uma abordagem de âmbito geográfico mais alargado que incluiu o estudo das cerâmicas de *Aquis Querquennis*, assim como o estudo mineralógico, petrográfico e químico de barreiros com argilas cauliníticas do note de Portugal e da região de Ourense.

a composição química de um largo espectro de materiais de diferentes proveniências, relacionando-os com os principais barreiros conhecidos na área envolvente de Braga, nomeadamente com os depósitos de caulinos de Barreiros, em Braga (LEITE 1997).

Em termos genéricos, a sua distribuição geográfica parece compreender integralmente o convento bracaraugustano e alguns centros urbanos de maior significado na sua periferia, como, por exemplo, Conímbriga, onde surge com frequência em estratos do alto-imperiais. Na região envolvente à área de estudo, encontra-se documentada em inúmeros assentamentos, como sejam, a cidade de Braga, a Citânia de Briteiros e de S. Torcato, Guimarães (ALARCÃO; MARTINS 1976, 93), em *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses (DIAS 1995, 14; 1997, 246-247), em Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1984, 141, 167-168, 184-185,208, 260, 262), no castro do Padrão, Santo Tirso (MOREIRA 2005, 39), entre muitos outros assentamentos em que se verifica uma ocupação correspondente a horizontes cronológicos relativos à 2ª metade do séc. I e inícios / meados do séc. II.

A cronologia deste fabrico, quer pelas formas que imita, quer pelos contextos estratigráficos em que se regista, sugere um período de duração relativamente curto que, genericamente, poder-se-ia balizar no período compreendido entre meados do séc. I e meados do séc. II.

Trata-se de uma produção elaborada a partir de argilas cauliníticas de elevada qualidade, caracterizando-se por apresentar pastas muito depuradas, com elementos não-plásticos pouco abundantes e bem calibrados, à base de quartzo e micas com distribuição uniforme. As cozeduras geralmente são uniformes revelando uma fractura de tonalidade homogénea, podendo por vezes apresentar um núcleo acinzentado e arestas angulares. As pastas revelam uma tonalidade de cor creme ou bege-claro. As superfícies apresentam uma cobertura integral de engobe com uma tonalidade amarelada ou alaranjada, pouco uniforme, apresentando por vezes áreas com manchas negras e outras de aspecto metalizado.

Do ponto de vista morfológico a produção caracteriza-se pela imitação das formas mais comuns da *terra sigillata hispânica* e de algumas formas de *paredes finas* oriundas da região emiritense, para além de contemplar uma produção de cerâmica comum e de lucernas tipo Dressel 20 e Loeschke X, algumas das quais com a marca de oficina de *LVCRETIVS*, uma referência das olarias de *Bracara Augusta* (MORAIS 2005, 306), revelando, contudo, um reportório relativamente reduzido. As formas que imita com mais frequência são a Hermet 13, Drag. 24/25, 27, 18 ou 18/31, 29, 35/36, 36, 37, Hisp. 4, 5 para as *sigillatas hipânicas* e as formas Maeyt L e LII da produção de *paredes finas* (MAYET 1975). Apesar de menos frequentes, existem outras formas de inspiração noutras produções, nomeadamente na cerâmica comum, menos padronizada e mesmo formas originais, sobretudo de recipientes para conter e servir líquidos[849].

Trata-se de uma produção maioritariamente feita a molde cujo elemento decorativo por excelência é feito mediante carretilha, normalmente de boa qualidade, produzindo um *guilhoché* uniforme.

A identificação do centro produtor ou centros produtores deste tipo de fabrico foi alvo, desde a sua identificação, de diferentes interpretações. Inicialmente, Merida surgiu como primeira hipótese, devido às semelhanças morfológicas com as *paredes finas* e mesmo a imitação de algumas das suas formas (ALARCÃO; MARTINS 1976, 1-2), considerando, no entanto, as mesmas autoras as semelhanças com algumas produções, designadamente das pastas das cerâmicas pintadas, das cerâmicas de engobe vermelho e mesmo de algumas produções de cerâmicas comuns mais finas, particularmente frequentes em Braga em estratos do séc. I e início do séc. II, das quais, provavelmente, Braga seria o seu centro produtor. Trabalhos

[849] Veja-se, a propósito, o conjunto de formas identificadas em *Aquis Querquernnis* (FRENANDEZ, 427-433, formas 9-12) que integra jarros, púcaros e bilhas, assim como as formas identificadas em Braga (…) *correspondentes a tigelas, púcaros, jarros, bilhas, potes, potinhos, copinhos, etc., frequentemente associadas a cerâmica comum, algumas das quais decoradas na parede externa com um fino guilhoché*. (…) (MORAIS 2005, 317).

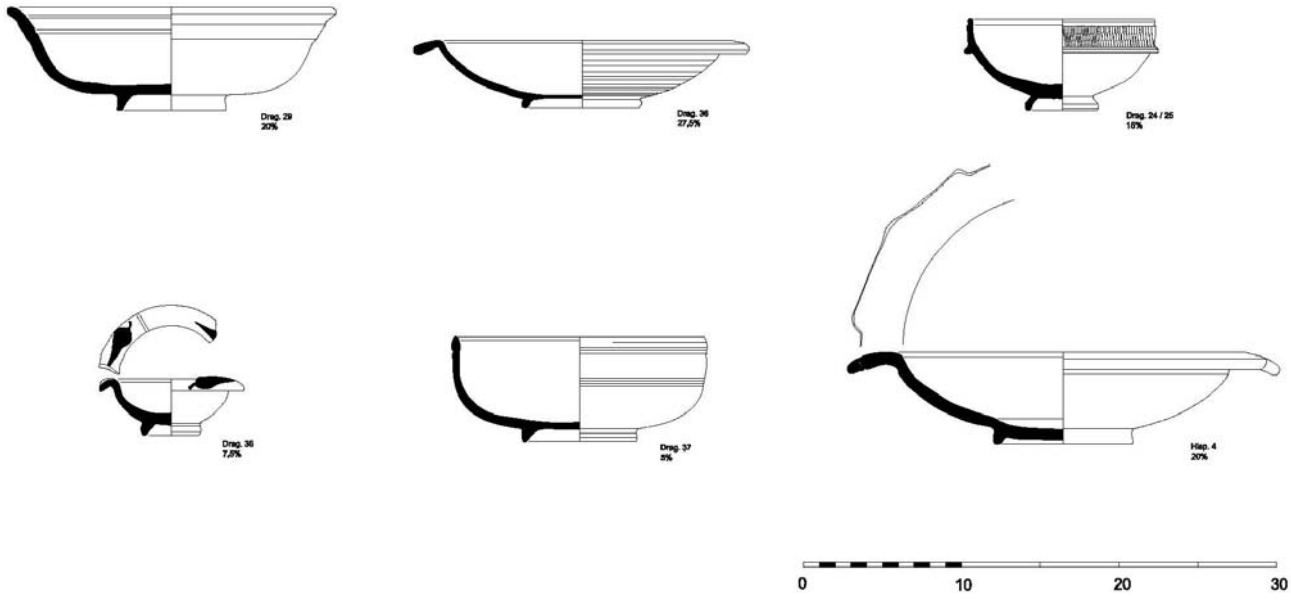
recentes, fundamentados num largo conjunto de análises petrográficas, mineralógicas e químicas de cerâmicas provenientes de Braga, Lugo, *Aquis Querquennis* e Conímbriga evidenciaram que as cerâmicas provenientes de Conímbriga foram produzidas a partir de matérias-primas diferentes ao contrário das restantes que parecem sugerir a mesma proveniência (LEITE 1997, 84). Desta forma, poder-se-ia considerar a possibilidade de existência de mais de um centro produtor, no entanto, é também possível que o resultado das análises, indique que a matéria-prima seja originária de um outro depósito ou representar apenas variações de composição do mesmo depósito.

A frequência com que surge na cidade de *Bracara Augusta*, a difusão que experimenta em toda a área do Convento, apesar de ultrapassar mesmo os seus limites, à semelhança do que sucede com produções de cerâmica comum de âmbito local ou regional, parecem indicar, salvo melhor opinião, um centro produtor na área de Braga. Inclusivamente, como fez notar Jorge Alarcão (ALARCÃO 1988), este fabrico de cerâmica de mesa parece ter sido produzido para suprir a falta de cerâmicas finas de importação, nomeadamente das cerâmicas denominadas de *paredes finas*, cuja ocorrência no norte de Portugal, é extremamente escassa, sendo, aparentemente, suprida a sua ausência pela cerâmica bracarense, quer pela sua qualidade quer pelas formas que cumprem a mesma função nos serviços de mesa.

O facto de constituir uma produção cujos modelos se centram fundamentalmente nas produções de exportação, associada à escassez das importações da terra sigillata bética, designadamente das produções de Andújar e Granada aliada à elevada qualidade da produção, tem induzido alguns autores a considerar que não se tratará simplesmente de uma produção local que imita protótipos forâneos, mas que, provavelmente, resultará da fixação em Braga de oleiros provenientes da Bética, conhecedores das formas especificas da produção de *paredes finas* e da *terra sigillata* emiritense (MORAIS 2005, 306).

Os materiais provenientes de Alvarelhos não são abundantes nem diversificados nas formas. Recolhemos 42 fragmentos dos quais identificamos 15 peças. Genericamente, a sua cronologia corresponde ao término da Fase IIb e à Fase III. Percentualmente, encontram-se representadas as seguintes formas; Hisp. 4 (3 ex. = 20%), Dragendorff 24/25 (2 ex. = 15 %), Dragendorff 29 (3 ex. 20%), Dragendorff 35 (1 ex. = 7,5%) Dragendorff 36 (4 ex. = 27,5%), Dragendorff 37 (1 ex. = 5%), Mayet L (1 ex. = 5 %).

Quadro sinóptico



Formas de imitação de sigillata hispânica
Pratos tipo Hisp. 4 (1-3)

São três os exemplares recolhidos – n.º 1-3. Ilustramos apenas dois que nos pareceram mais significativos, n.º 1, 2 (vol. II, est. CLXXVII, n.º 1-3). A par da forma Drag. 29 e 35/36 constitui a forma melhor documentada com uma expressão percentual de 20%. Em Braga, onde são conhecidas as representações percentuais das formas constitui a terceira forma mais presente com 81 exemplares num total de 688 peças, correspondendo a uma expressão percentual de 11,7 % (MORAIS 2005, 307).

Da mesma feição que a forma hispânica da terra sigillata que lhe serviu de modelo este prato apresenta inúmeras variantes em f da dimensão, orientação da aba e da decoração nela inscrita. De uma forma geral, o seu morfotipo apresenta as seguintes características; reservatório baixo de parede curva rematado por bordo em forma de aba que pode ser horizontal ou descaída com maior ou menor curvatura na face inferior, por vezes vincada por uma canelura na zona de ligação com a parede. Lábio de secção arredondada em alguns casos ligeiramente apontado, com espessura variável. As asas, quando existentes, consistem em pegadeiras de recorte curvilíneo, em forma de laço, aplicadas horizontalmente. O fundo é composto por um pé anelar de recorte geométrico ligeiramente aberto, sem a típica moldura hispânica. Por vezes, a face interna, conserva no fundo um círculo composto por uma linha incisa. A decoração, existente na maior parte dos exemplares é composta por um guilhoché aplicado na face superior da aba que pode ser disposta numa ou duas bandas que normalmente se sobrepõem parcialmente. Apresenta um grande número de variantes ao nível da aba e bordo, assim como na decoração que geralmente nela é inscrita, servindo como elemento diferenciador a existência ou não de linhas sobre o bordo a delimitar a decoração de carretilha. As suas dimensões correspondem fundamentalmente a pratos de grandes dimensões cujo diâmetro do bordo oscila entre os 180 mm e os 250 mm. Ao contrário do seu protótipo, em que se regista uma evolução cronológica de acordo com o incremento da dimensão dos bordos (CARNICERO 1985, 227), as produções bracarenses não evidenciam essa tendência, uma vez que as peças de grandes dimensões apresentam um bordo curvo e pendente, assim como não revelam ranhuras de delimitação da área decorada.

O nosso exemplar, n.º 1 (vol. II, est. CLXXVII, n.º 1), possui uma asa aplicada na aba que se apresenta levemente descaída em relação ao plano definido pela aresta interna do bordo. É decorada com um guilhoché pouco uniforme e esbatido. Integra o grupo mais numeroso das variantes deste tipo de grande prato covo. É proveniente da ocupação da Fase III da *Praça* (*Praça* ext.*)*, revelando, portanto, uma cronologia consentânea com o período de maior difusão desta produção. A análise química realizada por espectrometria de fluorescência de raio X[850], revelou uma composição integrada no Grupo 23, aos quais pertencem outros dois fragmentos indiferenciados analisados que não constam do catálogo.

O prato n.º 2 (vol. II, est. CLXXVII, n.º 2), pelas suas dimensões (260 mm ao nível do bordo), integra a variante média deste tipo de pratos covos. Apresenta um bordo conformado por uma aba de desenvolvimento horizontal, levemente curva e descaída, rematada por um lábio apontado. O arranque da parede é feito na vertical, para, posteriormente, através de uma carena, desenvolver a parede curva do reservatório. A pasta é muito depurada e rígida de cor bege-clara. O engobe cor de laranja-acastanhado é muito espesso e encontra-se muito bem conservado no interior do prato.

É proveniente da ocupação da Fase III da *Domus do Grafito*, Ap. I, com enquadramento consentâneo com as balizas cronológicas para a sua produção. A análise química por espectrometria de fluorescência de raio X revelou uma composição integrável no Grupo 16[851].

[850] SiO2 - 44,24; AL2O3 - 43,03; Fe 2O3 - 7,01; K2O - 2,60; K2O - 0,08; Na2O - 1,67; TiO2 - 0,08; CaO - 1,14; MgO – 433; Ba – 368; Zr – 62; Sr – 219; Rb – 308; Mn - .

[851] – SiO2 – 52,73; AL2O3 – 35,46; Fe 2O3 – 5,70 ; K2O – 3,43; Na2O – 0,16; TiO2 – 1,43; CaO – 0,18; MgO – 0,74; Ba - 761; Zr - 313; Sr - 122; Rb – 271; Mn - 260.

O prato n.º 3 (n/ilustrado) é composto por um conjunto de fragmentos de fundo e parede com arranque da aba, configurando um perfil quase completo do prato. Apresenta um friso exterior ao nível da aba bem vincado. A pasta é muito depurada, de cor bege, com engobe alaranjado, muito espesso e bem conservado no interior e exterior. É proveniente da Fase III da Domus *da Lucerna do Golfinho*, com cronologia semelhante às suas congéneres.

Dragendorff 24/25 (4-5)
Taças

Encontram-se representadas pelos exemplares n.º 4 e 5 (vol. II, est. CLXXVII, n.º 4). Constitui a segunda forma mais abundante (15%), correspondendo, em certa medida, à tendência verificada noutros contextos, designadamente em Braga onde é a quarta forma melhor representada, constituindo 9,3%, das formas identificadas (MORAIS 2005, 307).
Morfologicamente caracteriza-se pela grande diversidade de pormenores que regista ao nível da configuração do bordo, lábio e da moldura externa, apesar de representar uma cópia fiel dos modelos hispânicos que lhe serviram de inspiração, como sugere a espessura da moldura externa, geralmente mais fina nos modelos sudgálicos. Possui uma copa hemisférica rematada por um bordo vertical, encimada por um lábio que apresenta inúmeras variantes sendo mais frequentes os que apresentam uma secção arredondada, que pode ser simétrica ou assimétrica dependendo da existência de uma canelura interna. Menos usuais são os lábios facetados e projectados para o exterior. A canelura externa de demarcação do arranque do bordo apresenta secções diferenciadas, sendo mais frequentes as de recorte arredondado e triangular, revelando na maior parte dos casos uma orientação descendente. O fundo é formado por um pé anelar, curto e bem proporcionado, que pode apresentar variações significativas ao nível da orientação, secção e recorte.
Na maior parte dos exemplares, a decoração é constituída por um guilhoché de boa qualidade inscrito no bordo que pode ocupar parte da canelura e a face inferior do lábio. As taças desprovidas de decoração são relativamente raras e apresentam um bordo curto e tendencialmente reentrante[852].
Adília Alarcão e Alina Martins identificaram quatro variantes para esta forma com correspondência na sigillata sudgálica, em função do comportamento do bordo e da parede interna, não fazendo, no entanto, corresponder as variantes a qualquer ordem de evolução ou valoração cronológica (ALARCÃO; MARTINS 1976, 97). Nesta ordem de ideias, o nosso exemplar n.º 4, o único que permite observar o comportamento do bordo, inscrever-se-ia na variante 4, que compreende as taças com bordo vertical e parede interna quebrada ao nível da carena externa. A nossa taça apresenta um bordo de perfil anguloso, vincado por um friso externo e carena externa marcada por um friso na face superior. A decoração ocupa a parte superior da parede e a face superior da carena e é composta por um guilhoché pouco denso e irregular. O seu diâmetro enquadra-se na média até aqui apontada ao redor dos 100 mm.
Entre os paralelos mais representativos da variante refira-se a taça n.º 25 recolhida em *Aquis Querquennis* (FERNÁNDEZ 2006, 421, forma 4)[853], e o exemplar n.º 73 de Braga (MORAIS 2005, 310).

[852] O reportório de variantes identificadas nos 64 exemplares estudados, dos quais se ilustram 38 com ligeiras diferenças entre si, é, por si só, ilustrativo da diversidade morfológica que a forma regista.
[853] Entre as formas identificadas que imitam as produções de *terra sigillata hispânica* constitui a 5ª forma melhor representada, tendo sido registados quatro exemplares (FERNANDEZ 2006, fig.415).

Dragendorff 29 (6-8)
Taças

Apesar de constituir uma das formas de maior representatividade[854] apenas isolamos três peças, n.º 6-8 das quais ilustramos os exemplares n.º 6 e 7 (vol. II, est. CLXXVII-CLXXVIII, n.º 6-7). Esta forma encontra-se representada em vasos de dois tamanhos que possuem um diâmetro médio de 240 mm e 140 mm, e revela assinaláveis variantes ao nível do perfil, sendo mais frequentes os curvilíneos e esvasados, seguindo-se os arredondados e, por último, os de perfil anguloso de desenvolvimento vertical. Em termos genéricos, poder-se-ia caracterizar a morfologia desta forma como possuindo uma carena de demarcação do bordo e da parede pouco vincada. Bordo relativamente curto e esvasado de desenvolvimento oblíquo a 45º, marcado por caneluras no exterior a definir o arranque do bordo e o lábio. Este apresenta secções diferenciadas sendo mais frequente os de recorte arredondado, geralmente assimétrico. O reservatório é hemisférico, apoiado num pé anelar de desenvolvimento vertical ou levemente oblíquo, com arestas facetadas.

A decoração é composta por um guilhoché que cobre a parede das taças, geralmente organizado em bandas, sendo pouco frequentes as formas lisas e verdadeiramente excepcionais as decoradas a molde[855].

A peça n.º 6 (vol. II, est. CLXXVII n.º 6), apenas identificada por um fragmento ao nível da quebra da parede do reservatório para o arranque do bordo, enquadra o grupo de maiores dimensões. O nosso exemplar, decorado a guilhoché na parede superior, apresenta uma canelura exterior de perfil arredondado que acentua a quebra da transição da parede para o bordo, constituindo, um perfil bastante anguloso. A peça n.º 7 (vol. II, est. CLXXVIII, n.º 7), com diâmetro de 162 mm, enquadra o segundo grupo. Ao contrário do exemplar anterior desenha um perfil suave com bordo pouco projectado para o exterior rematado por lábio arredondado. Ao invés da maior parte dos exemplares conhecidos não se encontra decorada ao nível da parede.

Os três exemplares recolhidos revelam um enquadramento crono-estratigráfico integrado na Fase III, apresentando uma cronologia consentânea com as cronologias propostas. Elaboramos uma análise da peça n.º 7 de caracterização química através de espectrometria de fluorescência de raio X que permitiu integrá-la no Grupo 15[856], ao qual pertence um grupo de cerâmicas pintadas, integráveis nas cerâmicas tipo *bracarenses*, produzidas também com argilas cauliníticas, como se tem vindo a documentar através de diferentes estudos laboratoriais (GOMES 2000).

[854] Por exemplo, em Braga, em 688 peças foram identificadas 285 taças cuja representação corresponde a 41,4% do total das formas recolhidas (MORAIS 2005, 307). Em *Aquis Querquennis* constitui também uma das formas melhor representada, tendo sido identificados 35 exemplares. É ainda de assinalar o facto de aí se ter recolhido um exemplar decorado a molde com composição organizada em métopas com os temas habituais nas produções de *terra sigillata* (FERNÁNDEZ 2006, 415).

[855] Sobre a forma Drag. 29 decorada a molde provenientes de Braga refiram-se dois exemplos publicados em 1976 (ALARCÃO; MARTINS 1976, 97-98, est. II, n.º 22-23), e um outro conjunto composto por cinco peças provenientes de São Geraldo, Edifício Cardoso da Saudade, Cerca do Seminário de Santiago e Seminário de Santiago (MORAIS 2005, 315).

[856] O grupo 15, entre outras produções engloba – Cerâmica "tipo bracarense", pintada, cinzenta fina e tipo grés.

	IO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.
Valor médio	53,05	33,22	7,78	3,16	0,15	1,35	0,09	1,05	515	301	63	282	358	---	
Desvio padrão	1,81	2,19	0,99	0,51	0,12	0,13	0,02	0,18	79	55	9	35	43	---	
83. Alv. 93A, op.1	51,88	33,79	8,62	2,62	0,12	1,43	0,08	1,32	577	293	70	231	345	1,25	Pintada
* Alv. 94 A, lg. 6806	54,96	31,22	8,02	2,84	0,15	1,37	0,08	1,22	617	283	73	252	322	---	Pintada
* Alv. 97 B, op. 162	55,57	31,78	6,73	3,27	0,17	1,20	0,08	1,06	477	376	61	286	353	---	Pintada
* Alv. 97 B, lg. 7171	50,38	34,29	9,79	2,33	0,16	1,74	0,11	1,06	423	359	76	202	326	---	
* Alv. 97 B, lg. 3637	52,65	32,98	7,20	4,29	0,43	1,14	0,11	1,06	384	254	64	323	436	---	Tipo grés
* Alv. 97B, lg. 5294	48,43	38,22	7,28	3,06	0,19	1,51	0,13	1,03	426	362	61	220	301	---	Clara fina
* Alv. 96B, lg. 238	53,66	31,33	9,46	2,90	0,06	1,47	0,12	0,86	567	207	68	319	294	3.15	

Dragendorff 35 (12)
Taças

Constitui a forma de menor expressão tendo sido apenas identificado um exemplar, n.º 12 (vol. II, est. CLXXVIII, n.º 12), que representa 7,5% do total de peças identificadas.
Com frequência verifica-se a identificação da forma na Drag. 36, assumindo a designação de Drag. 35/36, pelo facto de se considerarem integrantes de um mesmo serviço e também devido à dificuldade de discernir entre as duas formas devido ao habitual estado fragmentário das peças que muitas vezes inviabiliza a identificação dos diâmetros, não permitindo uma segura classificação na forma. Todavia, a clara identificação do diâmetro da taça n.º 12 com 90 mm, claramente diferenciada das restantes peças identificadas como pratos tipo Drag. 36, permite integrá-la na forma que se ajusta à identificação com o grupo de pequenas taças que Françoise Mayet estabelece para a forma Drag. 35 (MAYET 1984, 73-74).
As produções *bracarenses* que imitam a forma distinguem-se em dois grupos em função da dimensão das e da decoração inscrita no bordo. Ao nível da dimensão individualiza-se um primeiro grupo constituído por peças de diâmetro do bordo variável entre 80 mm e 90 mm e um segundo grupo constituído pelos exemplares que se inscrevem entre os 90 mm e os 125 mm de diâmetro do bordo. Ao nível da decoração distinguem-se também dois grupos – o primeiro, mais próximo dos modelos de inspiração, apresentam uma decoração composta por folhas d'água elaboradas com barbotina e, o segundo, mais frequente composto por guilhoché inscrito na aba.
Do ponto de vista morfológico constitui uma imitação bastante fiel do protótipo de inspiração, apresentando um reservatório hemisférico, relativamente baixo, rematado por um bordo em forma de aba que assume diferentes expressões ao nível da largura espessura e secção, distinguindo-se dois grupos. Um composto por uma aba mais larga, levemente curva e o segundo com um bordo mais curto e espesso, geralmente horizontal, podendo, em alguns casos, apresentar um desenvolvimento interno.
Constitui uma forma relativamente comum, embora a sua representação percentual seja limitada. Por exemplo, em Braga, onde se recolheram 8 taças, corresponde apenas a 1,16% do total das peças identificadas (MORAIS 2005, 307). Da mesma forma, em *Aquis Querquennis*, Bande, Ourense, de um total de 20 peças identificadas sob a forma Drag. 35/36, apenas cinco correspondem claramente à forma Drag. 35 (FERNÁNDEZ 2006, 418, forma 2, n.º 9-13). Em *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses, identifica-se como Forma 2, na qual se incluem as duas formas com a designação de Drag. 35/36, referindo-se como decoração predominante um guilhoché aplicado sobre os bordos (DIAS 1997, 247).
O nosso exemplar n.º 12 (vol. II, est. CLXXVIII, n.º 12) é composto apenas por um fragmento de bordo e arranque de parede. O bordo é formado por uma aba quase plana com lábio ligeiramente espessado para o exterior. Pasta muito depurada de coloração bege-clara, revelando nos cortes alguns vacúolos alongados. Engobe de coloração alaranjado, espesso e bem conservado. A aba é relativamente comprida, ligeiramente curva e pendente. Encontra-se desprovida de qualquer decoração. A sua dimensão (Diâmetro máximo ao nível da aba 90 mm) e recorte do perfil permite integrá-la no segundo grupo identificável com as produções que imitam a forma Drag. 35. É proveniente da ocupação da Fase III da *Domus do Grafito*, revelando uma cronologia coincidente com as propostas de datação para a sua produção.

Dragendorff 36 (9-11, 13)
Pratos / Tigelas

Constitui a forma mais abundante tendo sido identificadas quatro peças n.º 9-11, 13 (vol. II, est. CLXXVIII, n.º 9-13). À semelhança das formas Drag. 29 e Hisp. 4 as taças e pratos tipo Drag. 36 são a forma melhor representada com uma expressão percentual de 27,5%. Em Braga, num total de 688 peças, encontra-se

representada por 123 peças que correspondem a 17,8% do total, constituindo a segunda forma melhor representada (MORAIS 2005, 307). Em *Aquis Querquennis*, são conhecidos cinco exemplares cujo diâmetro, na ordem dos 130 mm a 150 mm, conjugado com a pouca altura, permite uma correspondência directa com o protótipo da forma.

Do ponto de vista da sua morfologia são peças muito próximas das Drag. 35, das quais se distingue pela dimensão e pequenos pormenores morfológicos, revelando, no entanto, maior uniformidade tipológica, designadamente no que concerne à configuração da aba, geralmente mais prolongada e curva que nos modelos menores, assim como na configuração do reservatório que apresenta um recorte muito suavizado, resultado da conjugação da curvatura da parede com a baixa altura do prato/tigela. Os fundos mais frequentes são compostos por um pé anelar, relativamente alto, levemente oblíquo, de recorte geométrico com as arestas suavizadas. Outros exemplos apresentam uma acentuada quebra na ligação da parede com o pé que pode ser indicativo de uma influência mais marcada nos modelos sudgálicos.

As decorações mais frequentes são constituídas por um guilhoché intenso inscrito na face superior da aba que pode ou não estar incerto num campo definido por caneluras incisas de delimitação do campo a decorar. Menos frequentes são os exemplares decorados com folhas d'água feitas a barbotina[857]. Todavia uma parte significativa da produção não é decorada.

Entre os materiais recolhidos em Alvarelhos os pratos constituem o grupo mais numeroso e apresentam uma grande variedade de bordos. O diâmetro das peças ultrapassa os 100 mm, não existindo nenhum exemplar de dimensões menores. A dimensão dos fragmentos que compõem os nossos exemplares não permite, com clareza, uma destrinça entre pratos e tigelas[858]. No entanto, a existir algum exemplar classificável como tigela seria o n.º 10, cujo arranque da parede sugere um reservatório mais fundo, característico desta forma. O bordo é formado por uma aba horizontal decorada profusamente com guilhoché em bandas algo irregulares. O prato n.º 9 apresenta uma aba com lábio arredondado e a decoração é composta por frisos transversais, paralelos entre si, limitados na face externa. O prato n.º 11 possui uma aba integralmente decorada por guilhoché inscrito numa banda delimitada por duas caneluras incisas. Por último, o prato n.º 13 (n/ilustrado) apresenta o perfil mais completo, muito característico desta forma e não revela qualquer tipo de decoração. Todos os exemplares enquadram a Fase III, em coerência com a proposta cronológica com a produção.

Dragendorff 37 (14)
Taças

Constitui uma forma de reduzida expressão encontrando-se representada em Braga por escassos 10 exemplares, num total de 688 peças, representando apenas 1,4%, não se encontrando representada em *Aquis Querquennis*.

Do ponto de vista tipológico constitui uma forma que respeita os principais rasgos morfológicos do seu modelo de inspiração. Caracteriza-se pelo seu reservatório fundo, marcado pelo perfil da parede praticamente vertical no terço superior com curvatura pronunciada para configurar o fundo. O bordo apresenta algumas pequenas variações ao nível da orientação e secção, sendo predominante o bordo de desenvolvimento vertical, levemente espessado em relação à parede do reservatório que marcado por dois ou mais frisos incisos que delimitam a face superior da parede do reservatório e a face inferior do bordo. Este apresenta-se levemente projectado para o exterior, com uma secção arredondada ou apontada, sendo frequente serem assimétricos com pendor para a face externa. O fundo é constituído por um pé anelar de

[857] Entre os poucos exemplos publicados vejam-se duas tigelas provenientes de Braga (MORAIS 2005, 312, n.º 120-121).

[858] Á semelhança do protótipo de inspiração a altura variável entre 40 e 50 mm de altura, nem sempre perceptível pela reduzida dimensão dos fragmentos, confere-lhe uma configuração de tigela ou de prato.

secção triangular com moldura externa na face intermédia. As decorações são raras e compostas unicamente por molduras estruturadas em bandas.
A pequena dimensão evidenciada pelos exemplares publicados, cujo diâmetro varia entre 120 e 160 mm, aproxima-os das produções das pequenas tigelas de Andújar (MORAIS 2005, 309).

Apenas identificamos um exemplar, n.º 14 (vol. II, est. CLXXIX, n.º 14). É constituído por um fragmento de bordo baixo e vertical, tipicamente moldurado e acompanhado por três frisos. Na parede é visível uma pequena parte da decoração formada por círculos com um ponto central. Constitui uma imitação bastante fiel apesar das suas dimensões inferiores ao nível do diâmetro do bordo. É proveniente de um estrato relativo à ocupação da Fase III da *Praça*, revelando uma cronologia consentânea com as datações propostas para a produção.

Mayet L (15)
Pote

Apesar de constituir uma forma relativamente pouco abundante noutras áreas, identificamos um exemplar, n.º 15 (vol. II, est. CLXXIX, n.º 15). Por exemplo, em Braga, identificam-se 7 exemplares, que correspondem a uma expressão percentual de 0,3% (MORAIS 2005, 307), enquanto que noutros assentamentos dos quais se conhece o acervo ceramológico, e em que a cerâmica "*tipo bracarense"* se encontra bem representada não se identificaram quaisquer exemplares, como é o caso de *Aquis Querquennis*, *Tongobriga* e Monte Mozinho.
Inspirado na forma L da tipologia de Mayet constitui o maior recipiente deste tipo de produção e, de acordo com a forma que lhe serviu de modelo, é relativamente pouco frequente.
Trata-se de uma forma bastante complexa com uma significativa variação de pormenor ao nível do bordo, cujo recorte sugere a utilização de uma tapadeira. O bordo, em forma de "colchete", desenvolve uma pequena aba horizontal ou levemente descendente com lábio espessado de secção arredondada, no qual de inscreve uma canelura para o assentamento do testo. Possui duas asas oponentes aplicadas directamente sobre a aba e a parte inferior do bordo. Na face superior do bordo implanta-se um vertedouro, curto, em forma de bico. Na face oponente ao bico implanta-se um mascarão "sátiro". A decoração plástica conjuga-se geralmente com um guilhoché profuso implantado na parede do reservatório.
Os de Braga evidenciam uma decoração plástica composta por um mascarão na face oponente ao vertedouro (ALARCÃO; MARTINS 1976, 99, est. VI, 93-94; est. VII, 1-2 ; MORAIS 2005, n.º 180-181). O nosso pote constitui a forma menos complexa apresentando um bordo formado por uma ligeira aba horizontal com friso na face superior. O fragmento é de tal forma diminuto que não é possível verificar se pertenceria ao grupo das formas decoradas ou mesmo se possuía vertedouro. É proveniente de um estrato relativo à face exterior da *Praça* (*Estrutura* II), revelando uma cronologia consentânea com as datações propostas para a produção.

Composição química

Efectuamos sete análises químicas por espectrometria de fluorescência de raios X, cujos resultados se apresentam na tabela geral. Integraram 4 grupos distintos, cuja distribuição se faz da seguinte forma; 2 ex. / Grupo 1; 1 ex. / Grupo 15; 1 ex. / Grupo 16; 3 ex. / Grupo 23; 3 ex., permitindo admitir quatro diferentes procedências de argilas cauliníticas na produção dos recipientes que poderão, ou não, corresponder a diferentes oficinas ou centros de fabrico.
A conjugação da análise dos resultados das análises com a observação macroscópica e a caracterização taxonómica dos fragmentos corrobora a existência de diferentes fabricos.

Cerâmica "tipo Bracarense"

Nº Inventário	Proveniência	Forma	Tipo	Pasta	Engobe	Decoração	Anál. Química	Estampa
1. Alv. 96 B, A3, op. 149	corte est. 1, camada 0 / Fase III	prato	Hispânica 4	depuração alta	laranja acastanhado	guilhoché	Grupo 23	est. CLXXVII, n.º 1
2. Alv. 86 B, op. 73	corte est. 2, camada 2 / Fase III	prato	Hispânica 4	depuração alta	laranja acastanhado	----	Grupo 16	est. CLXXVII, n.º 2
3. Alv. 98 B3, A2, op. 38	corte est. 3, camada 6 / Fase III	prato	Hispânica 4	depuração alta	laranja acastanhado	----	----	----
4. Alv. 97B1, A1, op. 25	corte est. 3, camada 1 / Fase III	taça	Dragendorff 24/25	depuração alta	amarelo acastanhado	golpes incisos	----	est. CLXXVII, n.º 4
5. Alv. 92 A, lg. 1662	corte est. 12, camada 4 / Fase IIb	taça	Dragendorff 24/2%	depuração baixa	alaranjado	----	----	----
6. Alv. 97 B3, A1, lg. 4376	corte est. 4, camada 1 / Fase III	tigela	Dragendorff 29	depuração alta	alaranjado	guilhoché	----	est. CLXXVII, n.º 6
7. Alv. 97 B3, A1, lg. 5828	corte est. 5, camada 4 / Fase III	tigela	Dragendorff 29	depuração média	amarelado	----	Grupo 15	est. CLXXVIII, n.º 7
8. Alv. 98 B3, A2, lg. 13029	corte est. 3, camada 6 / Fase III	tigela	Dragendorff 29	depuração média	alaranjado	guilhoché	----	----
9. Alv. 92 A, lg. 6220	corte est. 14, camada 5 / Fase II	taça	Dragendorff 36	depuração alta	alaranjado	finas caneluras transv.	----	est. CLXXVIII, n.º 9
10. Alv. 98 B1, A1, lg. 5856	corte est. 14, camada 5 / Fase II	taça	Dragendorff 36	depuração alta	alaranjado	finas caneluras transv.	----	est. CLXXVIII, n.º 10
11. Alv. 92 A, lg. 5348	corte est. 12, camada 4 / Fase II	taça	Dragendorff 36	depuração alta	amarelado	guilhoché	----	est. CLXXVIII, n.º 11
12. Alv. 86 A2, lg. 13	corte est. 2, camada 2 / Fase III	taça	Dragendorff 35	depuração alta	alaranjado	----	----	est. CLXXVIII, n.º 12
13. Alv. 97 B3-A1, op. 213	corte est. 5, camada 4 / Fase III	taça	Dragendorff 36	depuração alta	alaranjado	----	Grupo 1	----
14. Alv. 96 B, A3 op. 140	corte est. 1, camada 0 / Fase III	tigela	Dragendorff 37	depuração alta	alaranjado	3 frisos / 1 moldura	----	est. CLXXIX, n.º 14
15. Alv. 96 B, op. 396	corte est. 1, camada 1b / Fase IIb	taça	Paredes finas Mayet, L	depuração alta	amarelo alaranjado	----	----	est. CLXXIX, n.º 15

Cerâmicas "tipo bracarenses" - Análises por espectrometria por fluorescência de Raios X

N.º Cat.	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Grupo 1															
Valor médio	50,92	37,75	5,76	2,98	0,14	1,40	0,09	0,81	524	315	63	280	271	---	--
Desvio padrão	1,55	1,28	0,65	0,36	0,07	0,13	0,02	0,11	85	58	9	22	22	---	---
13. Alv.97 B3, op. 213	53,83	36,46	4,37	2,82	0,26	1,26	0,08	0,78	509	316	71	283	296	---	---
* . Alv. 96 B, op. 122	50,79	37,57	6,42	2,55	0,09	1,38	0,09	0,99	400	153	60	303	293	---	---
Grupo 15															
Valor médio	53,05	33,22	7,78	3,16	0,15	1,35	0,09	1,05	515	301	63	282	358	---	--
Desvio padrão	1,81	2,19	0,99	0,51	0,12	0,13	0,02	0,18	79	55	9	35	43	---	---
7. Alv. 97 B3, lg. 5828	51,08	36,37	6,75	3,18	0,09	1,45	0,09	0,83	443	316	59	269	392	---	---
Grupo 16															
Valor médio	51,62	33,89	8,76	3,02	0,15	1,50	0,16	0,73	793	379	118	222	300	---	---
Desvio padrão	1,61	2,06	2,04	0,43	0,11	0,21	0,04	0,02	50	45	5	47	42	---	---
2. Alv. 86 B, op. 73	52,73	35,46	5,70	3,43	0,16	1,43	0,18	0,74	761	313	122	271	260	---	---
Grupo 23															
Valor médio	47,44	41,25	6,68	2,53	0.09	1,54	0,09	1,05	429	351	61	227	297	---	---
Desvio padrão	1,91	1,64	0,57	0,10	0,03	0,11	0,00	0,09	39	37	3	9	18	---	---

1. Alv. 96 B, op. 149	44,24	43,03	7,01	2,60	0,08	1,67	0,08	1,14	433	368	62	219	308	---	---
* Alv. 92 A, lg. 3514	47,66	39,81	7,36	2,41	0,07	1,49	0,09	0,98	387	309	58	226	277	---	---
* Alv. 96 B, op. 244	47,44	40,90	6,25	2,58	0,13	1,47	0,09	1,01	466	376	65	273	306	---	---

***** Extra catálogo / O grupo 1 e 15 são semelhantes embora segundo o critério utilizado se devam considerar como grupos distintos

Catálogo

Hispânica 4 (1-3)

1. Alv. 96 B, A3, op. 149(2); 949 - Fragmentos de bordo e arranque de parede de prato de imitação da forma Hisp. 4, com bordo horizontal e asa cordada. Decoração em guilhoché. Pasta muito depurada e rígida de cor bege-clara. Engobe de cor laranja-acastanhado muito espesso, bem conservado no interior do prato. A aba horizontal, no local da asa revela um polimento muito acentuado que desgastou o engobe e inclusivamente o guilhoché (vol. II, est. CLXXVII, n.º 1).
Dim. - Diâmetro máximo 218 mm; Espessura máxima ao nível da aba 11 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raio X - SiO2 - 44,24; AL2O3 - 43,03; Fe 2O3 - 7,01; K2O - 2,60; K2O - 0,08; Na2O - 1,67; TiO2 - 0,08; CaO - 1,14; MgO – 433; Ba – 368; Zr – 62; Sr – 219; Rb – 308; Mn - _ . (Grupo 23).

2. Alv. 86 B, op. 73 - Fragmentos de bordo e arranque de parede de prato de imitação da forma Hisp. 4, com bordo horizontal. Pasta muito depurada e rígida de cor bege-clara. Engobe de cor laranja-acastanhado muito espesso, muito bem conservado no interior do prato (vol. II, est. CLXXVII, n.º 2).
Dim. - Diâmetro máximo 260 mm; Espessura máxima ao nível da aba 8 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raio X – SiO2 – 52,73; AL2O3 – 35,46; Fe 2O3 – 5,70 ; K2O – 3,43; Na2O – 0,16; TiO2 – 1,43; CaO – 0,18; MgO – 0,74; Ba - 761; Zr - 313; Sr - 122; Rb – 271; Mn - 260 (Grupo16).

3. Alv. 98 B3, A2, op. 38 - Fragmento de fundo e parede com arranque da aba de prato tipo Hisp. 4. Friso exterior ao nível da aba bem vincado. Pasta muito depurada e rígida de cor bege-clara com engobe de cor alaranjada muito espesso e bem conservado (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo do fundo 45 mm; Espessura máxima da parede 5 mm.
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Ap. III, corte estratigráfico 3, camada 6.

Dragendorff 24/25 (4-5)

4. Alv. 98 B3, A1, op. 25 - Fragmento de bordo de taça tipo Drag. 24/25. Decoração formada por golpes incisos na aba e carena. Bordo vertical, ligeiramente arredondado no exterior, realçado na face inferior por uma canelura profunda de perfil em V. Frisos bem marcados no exterior que definem o bordo e a carena. Carena de perfil triangular, levemente descendente. Cerâmica muito depurada com engobe amarelo-acastanhado espesso e aderente (vol. II, est. CLXXVII, n.º 4).
Dim. - Diâmetro máximo 114 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase III, *Decumanus*, corte estratigráfico 3, camada 1.

5. Alv. 92 A, Ig. 1662 - Fragmento de parede de taça tipo Drag. 24/25. Carena bem marcada de perfil arredondado. Pasta rígida, pouco depurada, de tonalidade rosada. Engobe cor de laranja, pouco espesso e mal conservado (n/ilustrado).
Dim. - Espessura máxima da parede ao nível da carena 6 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II b, *Estrutura 5*, corte estratigráfico 12, camada 4.

Dragendorff 29 (6-8)

6. Alv. 97 B3, A1, Ig. 4376 - Fragmento de parede de taça tipo Drag. 29. Carena bem vincada que define o limite inferior da decoração em guilhoché. Pasta muito depurada e dura com engobe cor de laranja espesso e bem conservado (vol. II, est. CLXXVII, n.º 6).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível da carena 198 mm; Espessura máxima da parede 8 mm.
Prov. - Espaço Religioso, complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho - Ext*, Fase III, corte estratigráfico 4, camada 1.

7. Alv. 97 B3, A1, Ig. 5828 - Fragmento de bordo e parede de tigela tipo Drag. 29. Bordo projectado para o exterior rematado por lábio arredondado. Carena interna que inicia a formação do bojo que forma um perfil esférico. Lábio arredondado, marcado por duas ligeiras caneluras no interior e exterior (vol. II, est. CLXXVIII, n.º 7).
Dim. - Diâmetro máximo 162 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase III, Ap. I, corte estratigráfico 6, camada 4.
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raio X - SiO2 – 51,08; AL2O3 – 36,37; Fe 2O3 – 6,75; K2O – 3,18; Na2O – 0,09; TiO2 – 1,45; CaO – 0,09; MgO – 0,83; Ba - 443; Zr - 316; Sr - 59; Rb – 269; Mn - 392 (Grupo 15).

8. Alv. 98 B3, A2, Ig. 13029 – Fragmento de parede de tigela tipo Drag. 29. Parede com perfil curvilíneo. Decoração em guilhoché profuso organizado em banda marcado por duas caneluras finas de secção rectangular. Engobe cor de laranja, espesso e muito bem conservado (n/ilustrado).
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Ap. III, corte estratigráfico 3, camada 6.

Dragendorff 36 (9-11)

9. Alv. 92A, Ig. 6220 - Fragmento de bordo de taça tipo Drag. 36. Decoração composta por finas caneluras transversais definidas por um friso circular que corre e define o bordo. Pasta muito depurada de coloração bege-clara com engobe de coloração alaranjada pouco espesso e mal conservado (vol. II, est. CLXXVIII, n.º 9).
Dim. - Diâmetro máximo 208 mm; Espessura máxima da aba 7 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Estrutura 7*, corte estratigráfico 14, camada 5.

10. Alv. 98 B1, A1, Ig. 5856 - Fragmento de aba e arranque de parede de taça tipo Drag. 36. Aba horizontal com lábio arredondado. Decoração composta por guilhoché irregular que cobre integralmente a face superior da aba. Pasta muito depurada de coloração bege-clara com engobe de coloração alaranjada pouco espesso e mal conservado (vol. II, est. CLXXVIII, n.º 10).
Dim. - Diâmetro máximo 176 mm; Espessura máxima da aba 7 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Complexo Artesanal,* Fase III, Ap. II, corte estratigráfico 3, camada 4.

11. Alv.92 A, Ig. 5348 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça tipo Dragendorff 36. Aba horizontal definida por dois frisos com decoração guilhoché. Lábio arredondado. Pasta muito fina e depurada com engobe amarelado espesso e bem conservado (vol. II, est. CLXXVIII, n.º 11).
Dim. - Diâmetro máximo 180 mm; Espessura máxima ao nível da aba 5 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Estrutura 7*, corte estratigráfico 12, camada 4.

Dragendorff 35 (12)

12. Alv. 86 A2, Ig. 13 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça tipo Drag. 35. Bordo formado por aba quase plana com lábio ligeiramente espessado para o exterior. Pasta muito depurada de coloração bege clara, revelando nos cortes alguns vacúolos alongados. Engobe de coloração alaranjada espesso e bem conservado (vol. II, est. CLXXVIII, n.º 12).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível da aba 90 mm; Espessura máxima da aba 5 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

Dragendorff 36 (13)

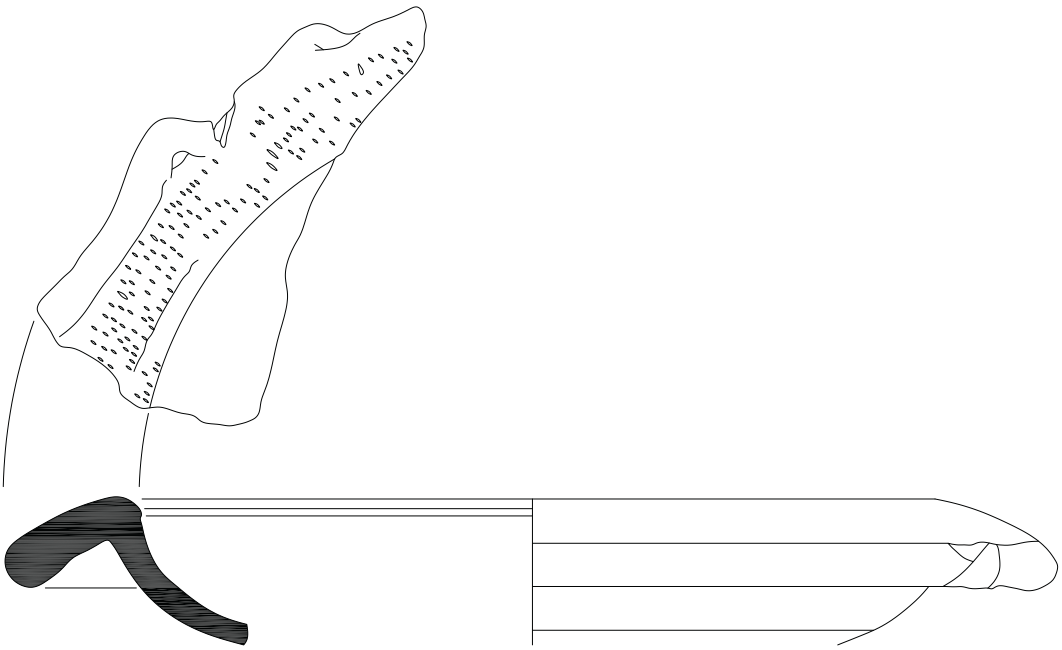
13. Alv. 97 B3, A1, op. 213 - Fragmento de taça tipo Drag. 36. O fragmento é composto por parte do bordo e parte da parede. Pasta de coloração bege-clara, muito depurada e dura. Engobe interno e externo de coloração alaranjada (n/ilustrada).
Dim. - Diâmetro máximo 182 mm; Espessura máxima 8 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase III, Ap. I, corte estratigráfico 6, camada 4.
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raio X - SiO_2 – 53,83; AL_2O_3 - 36,46; Fe $2O_3$ - 4,37; K_2O - 2,82; Na_2O - 0,26; TiO_2 - 1,26; CaO - 0,08; MgO - 0,78; Ba - 509; Zr - 316; Sr - 71; Rb - 283; Mn - 296 (Grupo 1).

Dragendorff 37 (14)

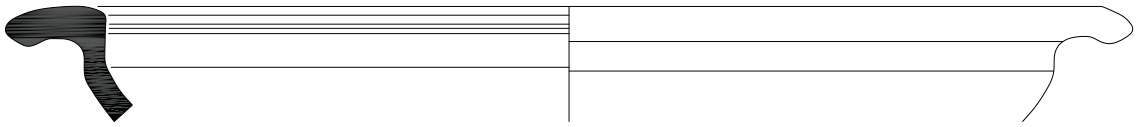
14. Alv. 96 B, A3. op. 140 - Fragmento de bordo de tigela tipo Dragendorff 37. Decoração composta por três frisos e uma moldura que distinguem o bordo da parede, onde se pode observar uma pequena parte da decoração formada por círculos com ponto central (vol. II, est. CLXXIX, n.º 14).
Dim. - Diâmetro máximo 158 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça,* corte estratigráfico 1, camada 0.

F. Mayet, L (15)
Taça

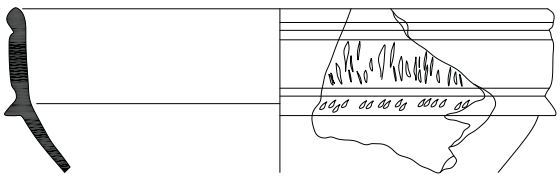
15. Alv. 96 B, A3, op. 396 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça tipo Mayet L, para as paredes finas. Bordo de secção triangular formado por pequena aba horizontal com canelura junto à orla interna. Lábio arredondado. Parede esvasada. Engobe amarelo-alaranjado espesso e bem conservado (vol. II, est. CLXXIX, n.º 15).
Dim. - Diâmetro máximo 218 mm; Espessura máxima ao nível da aba 7 mm.
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase IIb*, Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 1b.



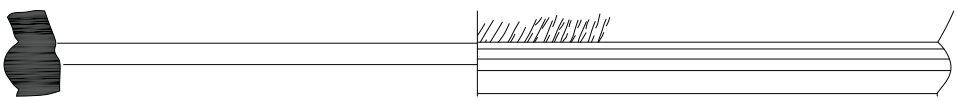
1



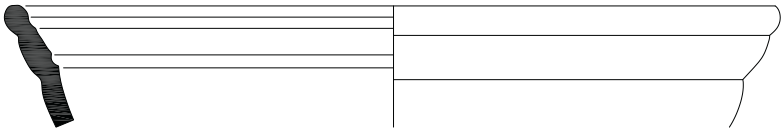
2



3



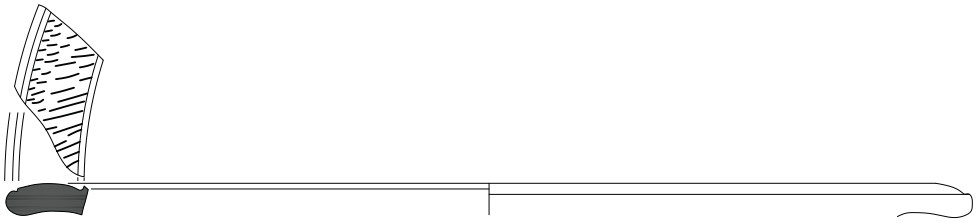
4



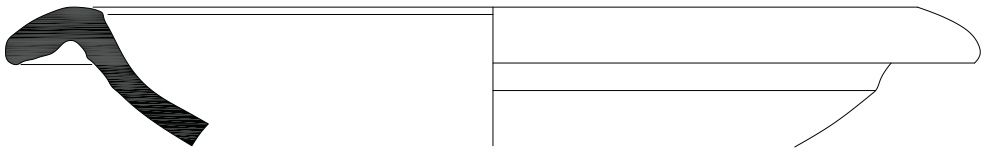
7

8

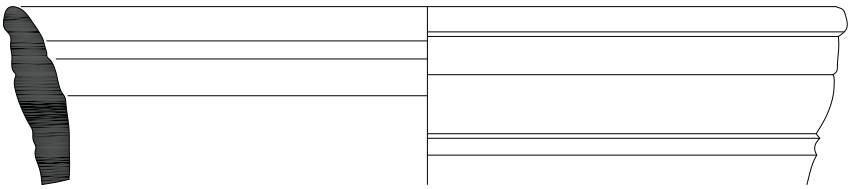
9



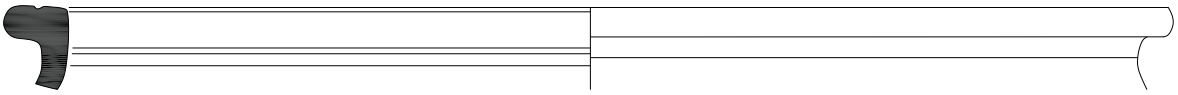
10



11



14



15

6.1.11. Cerâmica cinzenta fina

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

A designada *cerâmica cinzenta fina* ficou a dever a sua denominação a Jorge Alarcão, produzida no âmbito do estudo da cerâmica comum de Conímbriga[859], onde o autor incluiu esta produção no grande grupo das "Cerâmicas torneadas de tradição indígena" tendo sido, a partir desse momento, adoptada pelos principais investigadores que se debruçaram sobre o seu estudo[860]. A terminologia escolhida revela as principais características desta produção, nomeadamente a cor que cobre um espectro que abrange uma ampla gama de cinzentos de diferente intensidade até ao negro. A referência à sua espessura na sua denominação caracteriza a predominância de formas de pequena dimensão em detrimento dos recipientes de média dimensão, geralmente com paredes de espessura diminuta, ao contrário dos potes e púcaros de média dimensão nos quais a espessura das paredes não respeita essa característica.

Entre os estudos mais significativos realizados em Portugal, onde mais cedo esta produção mereceu atenção por parte dos investigadores, apesar da sua expressão regional, abarcando todo noroeste peninsular, contam-se os trabalhos realizados por Teresa Soeiro sobre os materiais provenientes de Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1981-1982, 97-122) e os trabalhos de Lino Augusto Tavares Dias sobre as cerâmicas provenientes de *Tongobriga* (DIAS 1995, 22-23; 1997, 254-255, 280). Mais recentemente registam-se já vários estudos na área meridional da Galiza que se debruçam sobre a problemática específica desta produção, assim como do seu estudo morfo-tipológico como, por exemplo, o trabalho realizado sobre os materiais recolhidos no acampamento militar de *Aquis Querquennis*, Bande, Ourense (FERNÁNDEZ 2006, 480-491). Todavia, apesar da sua caracterização técnica se encontrar relativamente bem concretizada, não existe ainda de *corpus* tipológico completo, assim como um panorama suficientemente detalhado sobre as ocorrências e a sua importância na dinâmica económica e comercial regional, cuja dificuldade, na verdade, radica no problema de fundo, já antigo, mas ainda sem resposta conclusiva, que se relaciona com a identificação do seu centro produtor ou da demonstração da existência de vários centros produtores, assim como em determinar em quais materiais forâneos se vincula a produção, uma vez que o reportório das produções indígenas não evidência uma tradição que relacione directamente este tipo de cerâmica ao período da Idade do Ferro[861], sendo unanimemente reconhecido tratar-se de uma produção do séc. I, que se inicia a partir do reinado de Augusto e que se generaliza e difunde massivamente durante o período dos Flávios, prolongando-se a sua produção até à primeira metade do séc. II (ALARCÃO 1974, 88; SOEIRO 1981-1982, 106). Porém, há opiniões divergentes como, por exemplo, a de Armando Coelho que, com base nas abundantes ocorrências nos níveis superiores do castro de Romariz, Vila da Feira, e Monte Murado, Gaia, entre outros castros da área dos *Turdili Veteres,* sugere a existência de um centro produtor na região meridional, eventualmente um dos mais importantes, relacionando as características desta produção às técnicas de fabrico da cerâmica indígena, seguindo algumas das novas formas do amplo reportório da

[859] ALARCÃO 1974; 1975.

[860] Apesar da sua originalidade, riqueza morfológica, decorativa e relativa abundância em horizontes cronológicos relativos ao séc. I, e primeira metade do séc. II, quer em ambientes habitacionais quer funerários, esta produção nunca foi alvo de especial atenção por parte dos investigadores portugueses, quer num enfoque particular, monográfico, quer enquanto referência ergológica enquadrada genericamente na cultura material, merecendo apenas referências marginais, raramente caracterizadas do ponto de vista tipológico e de fabrico, nomeadamente no que se refere à constituição das pastas.

[861] A cerâmica brunida conheceu alguma expressão nas produções indígenas do noroeste, designadamente na última etapa da cultura castreja, já no âmbito de influência da romanização, sem que, no entanto, tenha conhecido uma grande expressão quantitativa. Uma primeira abordagem ao estudo destas produções na área da actual Galiza identifica 15 assentamentos em que se recolheram cerâmicas deste tipo, com destaque para a área meridional, nas quais se documenta e caracteriza este tipo de decoração, em certa medida próxima do reportório das *cerâmicas cinzentas finas* – (…) *los motivos decorativos son siempre geométricos, predominando los motivos rectilíneos sobre los curvilíneos* (…) (CUÑARRO 1980, 85-86). Todavia, apesar do conhecimento da técnica decorativa, similitude de reportório decorativo e paralelismo cronológico e cultural, as características morfo-tipológicas das produções identificadas como *cerâmica cinzenta fina* não permitem o estabelecimento de qualquer relação entre as duas produções.

cerâmica comum romana (SILVA 1986, 126-127). Genericamente, os fabricos são uniformes revelando pastas muito homogéneas, bem depuradas, com elementos não-plásticos bem calibrados e de diminuta dimensão, constituídos fundamentalmente por quartzo e feldspato, geralmente sem mica e, pontualmente, com elementos ferruginosos, também de diminuta dimensão. O acabamento é cuidado, apresentando as superfícies bem alisadas e polidas, que, segundo alguns autores, seria efectuado através do uso de um pano, de um pedaço de couro ou de um seixo, cuja regularidade da superfície confere às peças um aspecto brilhante e, nos casos em que as peças fossem humedecidas a fricção traria as partículas mais finas de argila à superfície criando um acabamento próximo do engobe que, em alguns casos, a cozedura pode produzir um acabamento com laivos metálicos na superfície[862].
A decoração brunida, presente na maior parte dos exemplares, é de cariz geométrico, muitas vezes organizada em bandas divididas por caneluras, composta por linhas rectas, oblíquas, motivos em ziguezague ou aspas, muitas vezes conjugando vários motivos. A sua localização preferencial faz-se no terço superior das peças, ocupando, portanto, a parte superior do bojo, colo e bordo prolongando-se em muitos casos até ao lábio.
A decoração com carretilha, também frequente, mais padronizada e monótona, cobre as superfícies de maior dimensão, sendo usual apreciarem-se peças com a maior parte do corpo decorado, constituindo o tipo de decoração mais comum nas formas de maior dimensão, nomeadamente os potes.

O repertório de formas é relativamente limitado identificando-se apenas dois grupos, definidos em função do fabrico, dimensão e natureza do recipiente – Grupo I.1. É formado por peças de maiores dimensões constituindo recipiente de média dimensão de armazenagem de alimentos. Encontra-se identificada no estudo de Teresa Soeiro como – Grupo I.1, Grandes Púcaros (SOEIRO 1981-82, 101, est. II-IV), e no estudo de *Tongobriga* como Grupo 13 (DIAS 1995, 21-22). No primeiro caso compreende apenas peças de média dimensão com bojo globular de duas asas, cuja taxonomia os aproxima mais da categoria dos potes, como aliás são classificados por Lino Augusto. Em *Tongobriga* este I Grupo é mais desertificado nas formas onde se encontra em três tipos – Potes, Taças e Bilhas – sendo que o primeiro inclui 2 formas, subdividindo-se a primeira em 2 variantes. O Grupo I. 2, 3, 4 no estudo de Teresa Soeiro inclui copos, púcaros e potes, abarcando a maior parte das formas da produção. Em *Tongobriga* identifica-se como Grupo 13A, subdividindo-se em 5 tipos; Potinhos, Tigelas, Taças, Bilhas e Copos, considerando os 3 primeiros tipos uma subdivisão em Forma 1 e 2 (DIAS 1995, 22-23).
Por último, Teresa Soeiro considera a existência de um segundo grupo – Grupo II –, no qual integra as peças aparentadas às formas de paredes finas.
Sem discutir aspectos relacionados com questões de terminologia, marginais ao objectivo deste pequeno exercício de classificação dos materiais provenientes do castro de Alvarelhos (*castellum Madiae*), refira-se que os estudos referenciados introduzem um elevado grau de subjectividade na análise e classificação dos materiais, neste caso flagrante na questão relacionada com os púcaros grandes e potes, púcaros e potinhos e tigelas e taças[863].
Estamos perante um tipo de cerâmica fina de boa qualidade cujas características formais e decorativas revelam uma clara influência romana. À semelhança da cerâmica *dita bracarense*, aglutina influências de diferentes produções como sejam as *paredes finas* as *cerâmicas calciticas pintadas* e a *terra sigillata*, cuja

[862] Como fez notar Jorge Alarcão (ALARCÃO 1974, 59), o aspecto do engobe que muitas peças apresentam será o resultado da utilização de um pano ou de couro no processo de alisamento efectuado depois da peça modelada, sendo necessário que o oleiro a humedecesse durante o processo (…) *a superfície, o que provocaria o afluxo das partículas mais finas de argila. Tal afluxo é capaz de criar uma camada fina com aspecto de engobe.* (…).
[863] A recorrente problemática gerada pela utilização de uma terminologia não uniformizada gera, invariavelmente, falta de objectividade e muito frequentemente, alguma confusão no momento de classificar as peças, assim como a referência de paralelos tipológicos. Neste caso, refira-se a questão relacionada com os púcaros grandes e potes, púcaros e potinhos e, por último, na mesma obra tigelas e taças.

presença reflecte não só uma grande apetência pelos produtos forâneos como a sua distribuição percentual de formas, com elevada preponderância pelos púcaros e copos, parece reflectir que tais formas ocupavam as lacunas formais das louças finas de mesa forâneas características deste período, assim como a exígua produção de vidros e objectos metálicos destinados a esse fim. Apesar da sua tradição não ser local, certo é que foi apreendida e disseminada por vários centros produtores tendo a sua produção conhecido uma distribuição muito significativa, sendo frequente a sua recolha nos castros do norte de Portugal[864] e da Galiza[865], em necrópoles e assentamentos romanos com cronologia alto-imperial.
Apesar de em Conímbriga a cronologia atribuída à produção se encontrar balizada entre os séc. II a.C. e I a.C. e a primeira metade do séc. I (ALARCÃO 1974, 62), assim como se encontrar relativamente bem documentada a sua identificação em povoados indígenas na margem esquerda do Douro, como, por exemplo em Romariz e em Fiães, Vila da Feira (SOEIRO 1981-82, 105), é significativo que os castros do noroeste de Portugal não registem a sua ocorrência em estratos anteriores ao cambio de Era, ou, com mais propriedade, anteriores aos reinados de Tibério-Cláudio, como aliás acontece em Mozinho, Penafiel, no castro do Padrão, Santo Tirso. A produção parece manter-se na região ao longo da dinastia dos Flávios, decrescendo a partir desse momento com o incremento do conjunto de cerâmicas romanas, comuns, das produções regionais e das importações dos produtos mais padronizados e generalizados por todo o império. As ocorrências em contextos funerários, muitas das quais com cronologia posterior à defendida para a sua produção, pela sua singularidade parecem não contrariarem a referência cronológica de difusão da produção.

Os materiais provenientes da intervenção arqueológica são relativamente pouco expressivos, comparativamente às cerâmicas de importação suas contemporâneas. Todavia, os estratos arqueológicos da Fase III, nomeadamente da *Praça*, *Domus da Lucerna do Golfinho* e *Complexo Artesanal* registaram ocorrências significativas. Tivemos por base 17 fragmentos de peças diferentes das quais analisamos, por espectrometria de fluorescência de raios X 11 exemplares, tendo sido identificados, do ponto vista tipológico, copos, púcaros e potes.

Copos (1-2)

Encontram-se representados por dois exemplares, n.º 1 e 2 (vol. II, est. CLXXX, n.º 1-2). Trata-se de recipientes para uso de mesa e destinavam-se a beber. À semelhança dos púcaros constituem uma das formas mais comuns na produção de *cerâmica cinzenta fina*. Todavia, a sua proximidade morfológica com os púcaros de pequena dimensão dificulta a sua classificação, constituindo, muitas vezes, como elemento de distinção a inexistência da asa, o que, frequentemente, devido ao estado fragmentário da cerâmica, não torna a sua identificação fácil.

[864] Entre os castros da região refiram-se o castro do Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso; a Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira; a Citânia de Briteiros, Guimarães; o castro do Freixo, Marco de Canaveses; o castro de Faria, o castro da Facha em Barcelos e castro de Âncora, Viana do Castelo, entre muitos outros.
Apesar de nas necrópoles da região em estudo não ter sido detectada qualquer ocorrência de *cerâmica cinzenta fina*, a sua presença é relativamente frequente na área meridional do convento bracaraugustano. Refira-se, a título de exemplo, os materiais provenientes da necrópole de Monte Mozinho, Penafiel (PINHO 1931,26; ALMEIDA 1974, 51 SOEIRO 1981-1982, 103, est. VII 1-3; 1984, 293, fig. CXXXIX, n.º 2, fig. CXL, n.º 3, 296, fig. CXLII, n.º 4), as peças (pote e púcaro) provenientes da necrópole das Caxinas, Vila do Conde (ALMEIDA 1973, 221, est. VIII, n.º 5; 219, est. VI, n.º 3), um púcaro da necrópole de Antas, Penafiel, (SOEIRO 1984, 90, fig. XXXVIII, n.º 1), um púcaro na necrópole de Oldrões, Penafiel (SOEIRO 1984, 96, fig. XLIII, n.º 2), os cinco púcaros identificados na necrópole de Bouçós, Paços de Ferreira, (SILVA 1986b, 122, est. XXIX, n.º 4-6), e a expressiva colecção de copos e púcaros da necrópole de Gondomil, Valença (ALMEIDA; ABREU 1987, 203-206).
[865] Entre outros, refira-se o castro de Vigo, cujas ocorrências datadas do II nível de ocupação, datam do último quartel do séc. I a.C. e o final do séc. I, encontram paralelo com materiais da área meridional do convento bracaraugustano, associadas a sigillatas itálicas tipo Godineau 15-B, de sigillatas sudgálicas, tipo Dragendorff 24/25, 18, 15/17, 27 e Ritt. 8, e um largo acervo numismático datado genericamente do séc. I (CUÑARRO 1987, 124).

Caracteriza-se por possuir um perfil sinuoso, em S, com colo curto, rematado por um bordo projectado para o exterior a formar um ângulo de cerca de 45º, rematado por um lábio de perfil arredondado que, por vezes, pode ser levemente espessado em relação à parede. O reservatório pode apresentar-se em formato globular, simétrico, ou ligeiramente rebaixado a formar um perfil oval, mantendo, contudo, um alinhamento com o diâmetro desenhado pelo bordo. O fundo, invariavelmente é formado por um pé curto de parede recta, de base plana, podendo apresentar uma canelura na face interna paralela à aresta. O fundo do pé geralmente conforma um assentamento radial apresentando-se a parte central ligeiramente côncava.
Na tipologia proposta por Lino Augusto identifica-se como "tipo 5" (DIAS 1997, 280), e na referência de Teresa Soeiro surge como uma peça abundante em Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1981/1982, 101-102, est. IV, n.º 2; V, n.º 2). Para além das ocorrências no Monte Mozinho, conhecem-se exemplares provenientes do castro do Padrão, Santo Tirso (SOEIRO 1981/1982, 107, est. X, n.º 8; MOREIRA 2007, 71, MMAP n.º 112; 113), da necrópole de Canelas, Penafiel (SOEIRO 1981/1982, 106, est. IX, n.º 1), de Conímbriga (ALARCÃO 1974a, 66, n.º 200(4168), 200ª (1342), e, em particular, a significativa colecção da necrópole de Gondomil, Valença (ALMEIDA; ABREU 1987, 204-205).
A decoração, à semelhança dos púcaros, constitui também um elemento diferenciador a nível cronológico, sendo mais frequentes as produções desprovidas de decoração no período de Tibério - Cláudio e os exemplares decorados no período Flávio. Os motivos decorativos são idênticos aos dos púcaros.
Os nossos exemplares documentam-se apenas pela existência do bordo. Todavia o seu perfil em S, evidencia um perfil ovóide, baixo. Em ambos os casos a decoração é brunida inscrita ao nível do colo, composta por traços verticais com espaçamento regular. O copo n.º 1 possui ao nível da carena da face inferior do colo uma banda horizontal que diferencia a decoração do bojo que também é composta por traços verticais de diferentes espessuras. No copo n.º 2 a decoração é formada por traços verticais de formato piramidal. Em ambos os casos a pasta é muito depurada, de cerne esbranquiçado, com superfícies muito polidas com mica na superfície. O enquadramento estratigráfico dos dois exemplares (Área Pública, *Praça*, e Área Habitacional Norte, *Praça*, Fase III, corte estratigráfico 1, camada 2), permite admitir uma datação de época Flávia concordante com os paralelos conhecidos, designadamente os provenientes de Monte Mozinho, cujos motivos decorativos constituem um elemento importante para a sua referência cronológica.

Púcaros de pequena dimensão (3-5)

Constitui o grupo mais numeroso encontrando-se representado por três exemplares, n.º 3-5 (vol. II, est. CLXXX, 3-5), reflectindo, em certa medida, a preponderância percentual que se verifica na produção da *cerâmica cinzenta fina*. Trata-se de recipientes para conter e servir líquidos em pequenas quantidades, ou para beber, constituindo parte integrante do serviço de mesa. Morfologicamente caracterizam-se pela sua pequena dimensão que poderá oscilar entre os 8 cm e os 14 cm de altura e por possuírem um perfil contracurvado, com bojo de perfil ovóide, rebaixado, com pé curto, discóidal, podendo apresentar uma leve canelura junto à aresta e o perfil interno ligeiramente convexo. O colo é curto e medianamente estrangulado, alinhando a face interna pelo diâmetro externo do pé. O bordo é projectado para o exterior a formar um ângulo de 45º, rematado por um lábio de secção arredondada. A asa, sempre presente, desenvolve-se directamente do lábio para o terço inferior do bordo apresentando secções diferenciadas que podem evoluir de secção arredondada a oval e plana.
A decoração, que parte dos exemplares exibe, ocupa o terço superior do bojo, colo e, em muitos casos, o bordo e o lábio. É constituída por uma temática de natureza geométrica, organizada em bandas, composta por linhas quebradas ou contínuas, verticais ou oblíquas, em ziguezague, muitas vezes combinando diferentes espessuras, sendo sempre brunidas, independentemente do acabamento com maior ou menor

intensidade do polimento. A organização surge estruturada em bandas formadas por caneluras ou por leves toros, geralmente definindo o limite inferior e superior do colo.

No estudo das cerâmicas de *Tongobriga*, o Grupo 13a, onde se inscrevem as produções de *cerâmica cinzenta fina*, a forma surge identificada como "potinho", apresentando duas variantes em função do perfil (DIAS 1997, 280). Em Monte Mozinho, Penafiel, o comportamento da decoração evidência um sequência cronológica verificando-se que as primeiras ocorrências são de púcaros lisos, ou quando decorados, apresentam meandros brunidos no bojo ou, em paralelo, no colo com linhas paralelas. Na época de Cláudio verifica-se uma tendência para os vasos serem decorados com linhas paralelas. Por último, em época Flávia, o esquema que prevalece é composto por linhas quebradas sobre o colo seguidas de linhas oblíquas sobre a parede ou com linhas paralelas verticais e oblíquas em ambos, bojo e colo (SOEIRO 1981/1982, 102).

Os nossos exemplares apresentam perfis e soluções decorativas diferenciadas, podendo, genericamente, integrar-se no conjunto de púcaros cuja temática decorativa se inclui na produção Flávia. O exemplar n.º 3 (vol. II, est. CLXXX, n.º 3), apresenta um perfil pouco acentuado com um bojo baixo e alargado, mais largo do que o diâmetro do bordo. A asa apresenta uma secção circular com ligação ao lábio e a zona intermédia ao nível do bojo, revelando-se desproporcional em relação à dimensão geral da peça. A decoração é brunida e encontra-se estruturada em duas bandas. A primeira, ao nível do bordo é composta por um motivo em ziguezague, de recorte irregular, delimitada na face superior e inferior por duas bandas horizontais. A parte superior do bojo possui um motivo repetitivo composto por traços verticais irregulares ao nível do espaçamento e espessura. A sua parte superior é delimitada por um toro de secção rectangular que simultaneamente delimita o colo do bojo. Na face inferior a decoração é delimitada por um friso de secção rectangular com pouca profundidade.

O púcaro n.º 4 (vol. II, est. CLXXX, n.º 4) apresenta um perfil idêntico, com bojo ovóide rebaixado. O colo é curto e o bojo projectado para o exterior, rematado por um lábio de secção arredondada. A asa em fita apresenta uma secção oval e encontra-se implantada sobre o lábio, apresentando-se ligeiramente sobrelevada em relação ao plano do bordo. A decoração é brunida e apresenta o mesmo esquema organizativo, estruturado em duas bandas separadas por um toro ao nível inferior do colo. A banda inferior é delimitada por um canelura de perfil em U, muito ténue, realçada na face inferior por uma linha horizontal também brunida. O tema inferior é composto por linhas verticais, paralelas entre si, dispostas a espaços regulares. A face superior apresenta uma sequência de arcos ligados entre si pela haste vertical.

Por último, o púcaro n.º 5 (vol. II, est. CLXXX, n.º 5), revela na parte superior do perfil um recorte levemente diferente, mais sinuoso e com bojo esférico. O colo é estrangulado e praticamente inexistente, evidenciando uma carena interna bem marcada, rematada por um bordo oblíquo e pouco esvasado. A decoração apresenta a mesma estrutura organizativa, composta por duas bandas separadas por um toro ao nível do arranque do bordo. Os temas, também brunidos, apresentam traços verticais na banda superior, muito espaçados e de recorte irregular. A banda inferior é composta por traços oblíquos, muito juntos. O limite inferior da composição é composto por um motivo em ziguezague cujos ângulos definem a base dos traços verticais.

Todos os exemplares apresentam uma referência crono-estratigráfica enquadrada na Fase III, que se revela consistente com as referências cronológicas identificadas noutros povoados como, por exemplo, Monte Mozinho, Penafiel, nomeadamente dos exemplares provenientes da área habitacional (SOEIRO 1981/1982, 102, est. VI, 1; V, 3, VI, 2), e da necrópole (SOEIRO 1981/1982, 103, est. VII, 2). No castro do Padrão, Santo Tirso, identificam exemplares com a mesma referência cronológica provenientes da escavação da *Domus Norte* (SANTARÉM 1951, 49; 1954, 397; SOEIRO 1981/1982, 107, est., X, n.º 1-4; MOREIRA 2007, 71, MMAP n.º 110,112), e das sondagens de datação da estrutura defensiva realizadas em 1985 pela UAUM (MOREIRA 2007, 71, MMAP n.º 111, 113). Identificam-se ainda exemplares na necrópole de Bouçós, Paços de Ferreira (SILVA 1986b, 122, est. XXIX, n.º 4-6), e na necrópole das Caxinas, Vila do Conde (ALMEIDA 1973, 219, est. VI, n.º 3).

Mais a sul, concretamente em Conímbriga, a forma é também abundante em estratos datados do séc. I, podendo admitir-se o seu uso no início do séc. II.
Num âmbito geográfico mais abrangente merecem ainda destaque os exemplares identificados no acampamento de *Aquis Querquennis*, Bande, Ourense, pela proximidade morfológica, similitude de fabrico e temática decorativa (FERNÁNDEZ 2006, 481, fig. 27-28, n.º 1-17).
A filiação formal deste tipo far-se-á, em primeira análise, com a cerâmica comum romana com incontáveis referências nas produções locais e regionais ou, de acordo com alguns autores, revelando algumas similitudes formais coma a forma Hispânica 1, a forma Marabini LXVIII da cerâmica de *paredes finas* (MARABINI 1973), e algumas formas das cerâmicas pintadas de pastas claras suas contemporâneas (FERNÁNDEZ 2006, 483).

Potes (6)

Apenas se identificou um exemplar, n.º 6 (vol. II, est. CLXXX, n.º 6). Em termos genéricos os potes são recipientes de média dimensão destinados ao armazenamento de alimentos. Do ponto de vista tipológico revelam uma variedade morfológica assinalável que obriga à sua subdivisão em subtipos que consideram diferentes variantes, que tem em consideração a existência ou ausência de asas, constituindo três formas autónomas. A Forma 1, sem asas, subdivide-se em duas variantes. A variante 1, de tamanho médio, tipologicamente caracteriza-se pelo seu perfil em S bem definido, com colo inexistente, marcado por estrangulamento vincado com orientações divergentes entre a parede do bojo e do bordo, evoluindo ambos numa orientação de 45º. O reservatório apresenta um perfil ovóide ou esférico rematado por um pé discóidal, curto, de assentamento pleno ou radial de acordo com a existência de uma superfície côncava. O bordo apresenta um diâmetro aproximado ao do bojo e é geralmente alto, rematado por lábio espessado que pode assumir diferentes secções, desde a simplificação mais corrente com o perfil arredondado ou pontiagudo até à secção trapezoidal com a face superior facetada. A decoração mais corrente é composta por um brunido intenso, conjugando diferentes elementos geométricos, normalmente organizados em bandas definidas por caneluras ou pequenos toros.
A variante 2, muito abundante, constitui uma forma convencional, amplamente vulgarizada na cerâmica comum romana, revelando pequenas alterações ao nível da sua morfologia. Em termos gerais, poder-se-á apresentar como tendo um perfil em S pouco pronunciado, com colo aprumado e pouco estrangulado, reservatório rebaixado de perfil ovóide, com fundo curto formado por um pé discóidal de paredes verticais, maciço, de assentamento pleno. O remate do bordo pode apresentar um lábio simples de secção arredondada, simétrico, levemente espessado ou uma secção arredondada, assimétrica, apenas espessada pelo exterior. As decorações, à semelhança da variante 1, são sempre brunidas, de natureza geométrica, conjugando diferentes motivos separados em bandas por caneluras, toros ou carenas. A parte superior, que corresponde ao bordo, é frequentemente decorada por linhas verticais mais largas que os restantes motivos, nunca ultrapassando o limite inferior do lábio.
A forma 2 distingue-se das demais por apresentar duas asas. A sua morfologia é em tudo semelhante à variante 1 da Forma 1, apresentando apenas algumas cambiantes ao nível do colo que pode apresentar-se com uma curvatura pouco pronunciada, configurando uma ligação suave com o bordo ou, mais marcada, desenvolvendo um ângulo agudo a configurar uma carena interna bem vincada no interior. As asas são de desenvolvimento vertical ou levemente projectadas para o exterior e evoluem a partir do terço superior do bojo ligando-se directamente ao lábio ou à sua face inferior no caso deste se apresentar mais espessado e assimétrico. As asas são em fita podendo apresentar-se bilobadas, rectangulares ou plano-convexas. As decorações são idênticas às identificadas na variante 1 da Forma 1, registando-se o mesmo comportamento

crono-estratigráfico documentado para os copos e púcaros, evoluindo de temas mais simples ou mesmo inexistentes para os temas mais complexos e elaborados.

A Forma 3 constitui uma das formas mais emblemáticas desta produção, cronologicamente enquadrável no período Flávio, prolongando-se a sua produção até ao início do séc. II. Trata-se de um pote de perfil ovóide com reservatório elevado e bordo contracurvado, projectado para o exterior, com decoração roletada, produzida por carretilha, de clara filiação com as produções designadas por *paredes finas*, concretamente com a Forma XL, considerada pela autora da tipologia como sendo uma forma de origem exclusivamente Bética[866], cuja datação se enquadra no período Flávio (MAYET 1975, 73). Apresenta um fundo composto por um pé facetado, de desenvolvimento discóidal, levemente projectado para o exterior com aresta superior angulosa e a inferior arredondada. O fundo é plano de assentamento pleno, marcado na face interna por uma ou duas caneluras internas de perfil anguloso, alinhadas pela face interna da ligação da parede com o fundo. O bordo é curto e projectado para o exterior num ângulo de 45º, desenvolvendo-se a partir do estreitamento directo do reservatório sem formar nenhum colo. O lábio apresenta um perfil pontiagudo ou arredondado. A decoração roletada ocupa os dois terços superiores da peça e surge sempre delimitada por caneluras, toros ou escócias.

A sua produção é bastante regular e uniforme podendo considerar-se a existência de duas variantes em função da dimensão. A primeira, Variante 1, de maiores dimensões ronda os 21 a 24 cm de altura e a Variante 2, de menor dimensão, ronda os 9 a 12 cm de altura.

Constitui uma forma bastante bem representada na área meridional do convento bracaraugustano encontrando-se documentada em Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1981/1982, est. VIII, 2), na necrópole das Caxinas, Vila do Conde[867] (ALMEIDA 1973, 221, est. VIII, 5), e em regiões mais setentrionais como, por exemplo, no acampamento romano de *Aquis Querquennis*, Bande, Ourense (FERNÁNDEZ 2006, 483-484, fig. 29), e para sul, em Conímbriga (ALARCÃO 1974a, 99-100, est. XXVIII, n.º 606), onde a sua datação parece admitir a continuidade da sua produção durante o séc. II, considerando-se certo tratar-se de uma produção regional, uma vez a sua frequente presença, em assentamentos do sul de Portugal, designadamente na necrópole de Valdoca, considerando o autor do estudo das cerâmicas de Conímbriga, provável a sua produção na Lusitânia.

Refira-se, a título de enquadramento, a presença de uma variante desta forma que não se regista nos contextos nortenhos, que apresenta um colo moldurado, reentrante, rematado por um bordo vertical, estreito e muito prolongado, finalizado por um lábio de perfil arredondado, levemente espessado e projectado para o exterior (ALARCÃO 1974a, 100, est. XXVIII, n.º 607).

O nosso único exemplar enquadra-se na Forma 1, variante 2 (vol. II, est. CLXXX, n.º 6). Trata-se de um fragmento de bordo e arranque de parede do colo, pouco esvasado, rematado por um lábio espessado de perfil arredondado marcado no exterior por dois frisos. A decoração é brunida composta por traços verticais com espaçamento irregular entre si, que se desenvolve ao longo do colo sem atingir o lábio. O seu enquadramento crono-estratigráfico (Área Pública, *Praça*, e Área Habitacional Norte, *Praça*, Fase III, corte estratigráfico 1, camada 2.) é consistente com as referências cronológicas identificadas, nomeadamente em Monte Mozinho, Penafiel, onde se identificam vários paralelos (SOEIRO 1981/1982, 102, est. V, 1, 3).

[866] Apesar do protótipo de inspiração constituir uma produção Bética, é seguro que a ampla difusão que conheceu na Gália também originou produções locais que reproduziram fielmente as suas características, nomeadamente em cerâmica cinzenta, como se documenta nas olarias de Roannne, Saint-Etienne, nomeadamente nos materiais recolhidos no forno de "lécole de Musique", onde se identifica um pote em cerâmica cinzenta fina, decorado a carretilha, tipologicamente idêntico às produções do noroeste peninsular (PONCET 1987, 37-39).

[867] A datação da necrópole das Caxinas, Vila do Conde, situada pelo autor entre o séc. II e IV (ALMEIDA 1973), não deve ser valorizada para efeito de datação da peça, uma vez que é frequente a pervivência de determinados bens de maior qualidade e prestigio durante períodos alargados de tempo, para, posteriormente, serem utilizados em contextos funerários ou votivos.

Análises

Elaboramos 11 análise por espectrometria de fluorescência de raio X, com o intuito de caracterizar a composição química das cerâmicas, de cujos resultados ressalta o facto de as amostras que compõem o Grupo 2 (Alv. 94 A, op. 5041) ser semelhante às recolhas de argilas do Prado, Braga, assim como as do Grupos 8 (Alv. 92 A, Ig. 71866; Alv. 96 B, Ig. 6385; Alv. 96 B, Ig. 6646; Alv. 97 B, op. 303), e 13 (Alv. 94 A, Ig. 2892), cuja composição se relaciona com as produções do Prado, identificadas nas bases de dado da TecMinho como Prado-Etno.

A relação sugerida com a área do Prado, Vila Verde, nas imediações de Braga, centro produtor muito bem documentado, pelo conjunto de análises efectuadas constitui apenas um facto circunstancial devido ao seu reduzido número, à inexistência de correspondência total com os Barreiros estudados e, fundamentalmente, à inexistência de evidências arqueológicas que vinculem directamente esta produção com os oleiros do Prado. Todavia a relação fica demonstrada, sendo que a tradição e a forte dinâmica produtiva da região durante a antiguidade clássica, contribuiu para o seu relacionamento, o que aliás parece conforme com a necessidade de existência de uma forte dinâmica produtiva, no domínio da técnica, conhecimento das formas, familiaridade com materiais forâneos necessários para o incremento de uma produção com características especificas, uniformes e de ampla distribuição, indubitavelmente ligado a um grande centro produtor que assegurasse uma dinâmica comercial de âmbito supra-regional dos seus produtos, e suficientemente próximo de um grande mercado que permitisse um amplo e generalizado acesso.

Cerâmica cinzenta fina

Nº Inventário	Proveniência	Forma	Tipo	Pasta	Superfície	Decoração	Anál. Química	Estampa
1. Alv. 96 B, A3, op. 115	corte est. 1, camada 2, Fase IIb	copo	depuração	alta	polida	brunida / traços verticais	----	est. CLXXX, n.º 1
2. Alv. 96 A3, op. 129	corte est.1, camada 2, Fase IIb	copo	depuração	alta	polida	brunida / traços verticais	----	est. CLXXX, n.º 2
3. Alv. 97 B3, op. 239; 215	corte est. 5, camada 3, Fase III	púcaro	depuração	alta	polida	brunida / 2 bandas	----	est. CLXXX, n.º 3
4. Alv. 97 B3, op. 313;317	corte est. 5, camada 3, Fase III	púcaro	depuração	média	polida	brunida / traços verticais	----	est. CLXXX, n.º 4
5. Alv. 98 B1, A1, op. 111;118	corte est. 3, camada 4, Fase III	púcaro	depuração	alta	polida	brunida / traços verticais	----	est. CLXXX, n.º 5
6. Alv. 95 B, A4, op. 104	corte est. 1, camada 2, Fase III	pote	depuração	alta	polida	brunida / traços verticais	----	est. CLXXX, n.º 6

	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.
Grupo 1															
Valor médio	50,92	37,75	5,76	2,98	0,14	1,40	0,09	0,81	524	315	63	280	271	---	
Desvio padrão	1,55	1,28	0,65	0,36	0,07	0,13	0,02	0,11	85	58	9	22	22	---	
* Alv. 94 A, Ig. 1511	51,49	37,51	5,37	2,95	0,12	1,32	0,12	0,97	570	345	75	276	281	---	
* Alv. 96 B,op. 64	49,89	40,17	4,99	2,42	0,08	1,38	0,06	0,88	408	288	61	268	293	---	
* Alv. 96 B, op. 417	48,97	38,45	6,74	3,24	0,04	1,51	0,10	0,79	633	297	69	287	259	---	
* Alv. 97B, op. 67	50,57	38,81	5,70	2,39	0,07	1,38	0,08	0,84	645	308	45	265	279	---	

	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.
Grupo 2															
Valor médio	57,61	28,29	8,33	3,08	0,18	1,22	0,27	0,86	474	343	63	173	408	---	
Desvio padrão	1,15	1,43	0,82	0,20	0,25	0,27	0,05	0,12	90	27	10	44	160	---	
* Alv. 94 A, op. 5041	58,41	28,87	7,55	2,88	0,05	0,92	0,32	0,83	380	356	57	224	592	---	

	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.
Grupo 8															
Valor médio	56,79	30,34	6,80	3,84	0,09	0,95	0,18	0,87	418	411	57	255	237	---	
Desvio padrão	1,30	1,21	0,48	0,46	0,04	0,08	0,06	0,04	41	54	8	26	21	---	
* Alv. 92 A, Ig. 71866	54,98	31,81	7,27	3,55	0,14	1,04	0,18	0,89	392	442	56	215	255	---	
* Alv. 96 B, Ig. 6385	56,28	31,47	6,22	3,92	0,05	0,91	0,12	0,90	423	391	55	262	206	---	
* Alv. 96 B, Ig. 6646	57,72	29,80	6,44	3,81	0,08	0,93	0,24	0,84	363	460	56	245	251	---	
* Alv. 97 B, op. 303	56,66	29,37	7,26	4,55	0,07	1,01	0,13	0,80	467	435	48	266	227	---	

	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.
Grupo 13															
Valor médio	57,84	29,87	5,82	3,74	0,49	1,00	0,21	0,88	599	306	101	232	266	---	
Desvio padrão	1,89	1,61	1,02	0,60	0,30	0,23	0,04	0,21	93	39	16	58	41	---	
* Alv. 94 A, Ig. 2892	59,54	28,45	6,10	3,95	0,17	0,90	0,23	0,49	617	377	94	298	229	---	

	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Obs.
Grupo 15															
Valor médio	53,05	33,22	7,78	3,16	0,15	1,35	0,09	1,05	515	301	63	282	358	---	
Desvio padrão	1,81	2,19	0,99	0,51	0,12	0,13	0,02	0,18	79	55	9	35	43	---	
* Alv. 96 B, op. 101	50,55	36,59	7,15	2,96	0,08	1,24	0,08	1,20	492	320	61	318	348	---	

* Extra catálogo

. Os grupos 1 e 15 são semelhantes, mas segundo a metodologia utilizada devem ser considerados individualmente

. O grupo 2 é semelhante a Prado - barros

. Os grupos 8 e 13 são semelhantes a Prado – Etno

Catálogo

Copos (1-2)

1. Alv. 96B, A3, op. 115 - Fragmento de bordo de copo de perfil em S. Bordo aberto com lábio de perfil arredondado. Ombro marcado por carena de perfil anguloso. Arranque da parede a evidenciar um perfil ovóide baixo. Decoração brunida composta por traços verticais com espaçamento regular. Ao nível da carena da face inferior do colo possui uma banda horizontal que diferencia a decoração do bojo que é também composta por traços verticais de diferentes espessuras. Pasta depurada e polida no exterior de cerne branco e superfícies negras (vol. II, est. CLXXX, n.º 1).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 64 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 2.

2. Alv. 96 A3, op. 129 - Fragmento de bordo de copo de perfil em S. Bordo muito aberto, formando uma ligeira aba. Lábio espessado de perfil arredondado. Colo com parede vertical. Decoração brunida composta por traços verticais de formato piramidal. Pasta muito depurada, de cerne esbranquiçado. Superfícies muito polidas com mica na superfície (vol. II, est. CLXXX, n.º 2).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 98 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 2.

Púcaros (3-5)

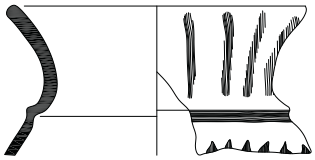
3. Alv. 97 B3, op. 239; 215 - Fragmento de bordo e parede de púcaro de perfil em S. Bordo em aba com lábio horizontal pontiagudo. Colo com perfil pouco pronunciado. Bojo de perfil ovóide muito descaído. Asa circular com ligação ao bordo ligeiramente soerguida e ligação intermédia ao nível do bojo. Decoração brunida composta por duas bandas. A primeira, ao nível do colo é formada por um motivo em ziguezague delimitada por duas bandas horizontais. A parte superior do bojo possui um motivo repetitivo composto por traços verticais. A parte superior é delimitada por um friso de secção rectangular que simultaneamente separa o colo do bojo. Na face inferior a decoração é delimitada por um friso de secção rectangular com pouca profundidade (vol. II, est. CLXXX, n.º 3).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 90 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, corte estratigráfico 5, camada 3.

4. Alv. 97 B3, op. 313; 317 - Fragmento de bordo e parede de púcaro de perfil em S. Bordo aberto com lábio marcado para o exterior. Perfil arredondado. Colo recto formando um ângulo marcado com o bojo. Bojo de perfil esférico. Decoração brunida composta por traços verticais delimitados no plano inferior por uma pequena canelura. A decoração do bojo, composta por traços verticais de desenho desigual, encontra-se definida numa banda cuja delimitação inferior é constituída por um meandro. Pasta pouco depurada de cerne acinzentado com vacúolos alongado e abundantes elementos não-plásticos. Superfície negra medianamente polida (vol. II, est. CLXXX, n.º 4).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 74 mm; Espessura máximo do bordo 4 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho*, corte estratigráfico 5, camada 3.

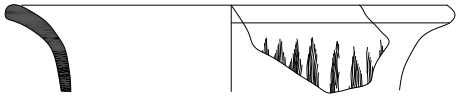
5. Alv. 98 B1, A1, op. 111; 118 - Fragmento de bordo e parede de púcaro de perfil em S. Bordo muito aberto formando uma pequena aba com lábio de perfil arredondado. Colo de parede vertical. Bojo com separação do colo por canelura exterior de perfil arredondado. Parede pouco marcada denotando um perfil ovóide. Asa em fita com ligação ao bordo, ligeiramente soerguida. Decoração brunida composta por meandros mais ou menos simétricos. No nível superior do bojo a decoração é inserida numa banda definida por dois frisos é composta por traços verticais. Pasta muito fina de coloração acinzentada e cerne esbranquiçado. Elementos não-plásticos compostos por grãos de quartzo (vol. II, est. CLXXX, n.º 5).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 72 mm; Espessura máximo do bordo 3 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Complexo Artesanal*, Ap. II, corte estratigráfico 3, camada 4.

Potes (6)

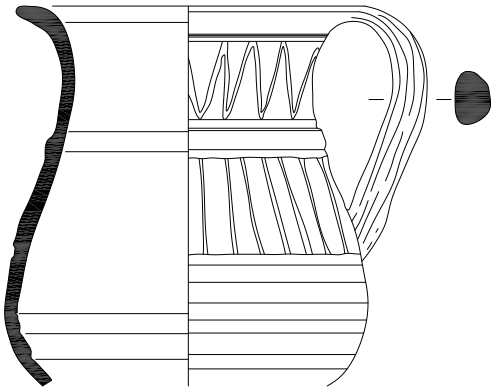
6. Alv. 95 B, A4, op. 104 - Fragmento de bordo de pote, espesso, de perfil arredondado, marcado no exterior por dois frisos. Decoração brunida composta por traços verticais com espaçamento irregular. Pasta muito depurada com vacúolos alongados e cerne acinzentado. Superfície exterior muito polida de cor negra com mica na superfície (vol. II, est. CLXXX, n.º 6).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 178 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, *Praça*, Fase IIb, corte estratigráfico 1, camada 2.



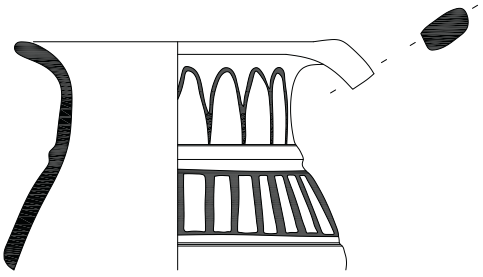
1



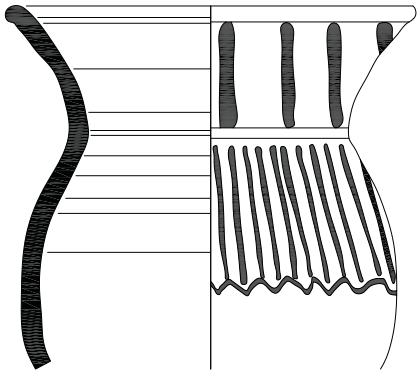
2



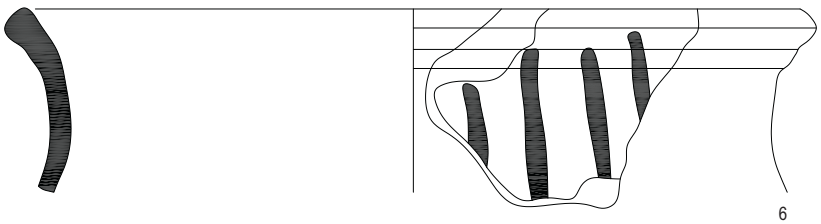
3



4



5



6

6.1.12. Cerâmica cinzenta fina tardia

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

O estudo da *cerâmica cinzenta tardia* no noroeste português é uma realidade relativamente recente tendo-se apenas desenvolvido a partir do início dos anos 80 do século passado, após a realização das primeiras escavações arqueológicas na Rua Nossa Sr.ª do Leite, na cidade de Braga, junto à Sé Catedral, cujos resultados (GASPAR 1985, 51-52), suscitaram o interesse de vários arqueólogos cuja área de investigação enquadra os períodos tardo-romano e suevo-visigótico. Contudo, já em 1976, com a publicação do estudo de materiais cerâmicos provenientes das escavações luso-francesas de Conímbriga, da autoria de Manuela Delgado, se havia identificado esta produção, então considerada como um produto de imitação ou inspiração das "Derivadas das Sigillatas Paleocristãs" tendo sido integrada no estudo, de forma indistinta, com as genuínas importações (DELGADO 1976, 65-69), embora hoje se considerem alguns dos exemplares como pertencentes à produção identificada em Braga, eventualmente procedente da região do Prado, Vila Verde, local que tem vindo a ser considerado como provável centro produtor dos fabricos recolhidos da capital da *Gallaecia* e região envolvente (GASPAR 1985, 165).
Apesar do seu estudo ser ainda relativamente recente são já vários os locais em que se regista no noroeste português. Para além da abundante presença na capital de convento, documenta-se a sua presença em Dume, na área da Basílica e da *villa* (FONTES 1991-92, 199-230), no Castro Máximo, também em Braga, no Convento da Costa, em Guimarães (GASPAR 1985, 156), e na necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa (vol. I, est. XXIV, n.º 15). A sul do rio Douro assinala-se a sua presença em Conímbriga[868] (DELGADO 1976, 65-69).

Para norte localiza-se a sua presença em Lugo (COLMENERO 1995, 149-151; IRASTORZA 2001, 382- 392), onde se regista uma ampla gama de formas (…) *com desarrollos muy variados (grandes fuentes, platos, copas y vasos* (…), identificadas sob a denominação de *Cerâmicas grises finas, tardias* (IRASTOZA 2001, 382), que, apesar das significativas semelhanças, revelam particularidades formais e decorativas que, em certa medida, as distinguem das produções mais meridionais, consideradas, aliás, como sendo um conjunto de imitação inspirado na TSHT cinzenta, com influências da TSSGT, aventando-se a possibilidade de uma produção local ou regional de TS, cuja procedência, contudo, se mantêm problemática[869].

Morfologicamente, o espectro dos fabricos identificados nesta produção regional permite uma subdivisão em dois grandes grupos, cujo fundamento se baseia fundamentalmente na constituição da pasta e filiação tipológica, da qual se excluem, naturalmente, as designadas *Derivadas das Sigillatas Paleocristãs* por constituírem genuínas importações[870].

---

[868] A abordagem ao estudo deste tipo de cerâmicas em Conímbriga foi elaborado sob o título de *Céramiques grises du Bas- Empire* (DELGADO 1976, 65-69), onde se incluíram também, as Derivadas das Sigillatas Paleocristãs.

[869] (…) *Este conjunto destaca desde el punto de vista técnico por su realización mediante pastas grises de variada gama cromática y por presentar unas superfícies de tonalidad análoga, así como por la calidad de los acabados bien mediante pulimento bien mediante engobes negros. En outro orden de cosas, se trata de una producción de muy tardia datación, cuya vigencia se extiendedesde mediados de la cuarta centúria hasta las décadas centrales de la quinta.*
Constituye, además, un conjunto de imitación inspirado en la TSHT gris com el añadido de algunos toques, escasos e difusos, tomados de la TSGGT. A diferencia del conjunto de imitación engobado tardio, en el que dominan las grandes fuentes, este segundo conjunto es más variado en formas, que, em la maior parte de los casos, constituyen piezas únicas. (…) (IRASTORZA 2001, 382-383).

[870] Estudos relativamente recentes consideram a existência de três grupos morfológicos, integrando as importações das *Derivadas das sigillatas Paleocristãs* como grupo autónomo (GASPAR 2000, 99), que, apesar de reconhecermos indiscutíveis afinidades e influência nas produções locais, a sua natureza, proveniência, contexto geográfico e cultural, quanto a nós, impõe uma clara distinção e uma valoração arqueológica e socio-económica distinta.

Constitui um fabrico que se distingue claramente das cerâmicas comuns, suas contemporâneas, quer pela forma, constituição da pasta e tratamento externo, quer pela sua decoração. No caso vertente, a produção consiste, única e exclusivamente, num fabrico de cerâmica fina de mesa, que privilegia as formas abertas.
O primeiro grupo, de características mais uniformes, é formado por pastas finas e depuradas com abundante matéria não-plástica, bem calibrada, composta por mica e finos grãos de quartzo. O tratamento da superfície externa das peças é integralmente polida e brilhante. O segundo grupo é constituído por pastas medianamente depuradas, com elementos não-plásticos compostos essencialmente por feldspato e grãos de quartzo de calibre médio. O acabamento é pouco cuidado e sem polimento final, conferindo às peças uma superfície baça e ligeiramente irregular. As formas identificadas são essencialmente de pratos e taças e podem, *grosso modo*, ser considerados como produtos de imitação ou apenas influenciados por produções forâneas. Em alguns dos casos, nomeadamente os que integram o primeiro grupo, constituem imitações fidedignas, nomeadamente de Sigillatas Africanas, Foceanas Tardias e Derivadas de Paleocristãs, noutros casos, apenas se identificam alguns elementos menores de inspiração, designadamente nos aspectos decorativos, que as aproximam às formas originais, e noutros em que se verifica uma conjugação de elementos de diferentes formas resultando em peças híbridas, com uma certa originalidade.
Morfologicamente, o segundo grupo é constituído por formas comuns, cujo desenvolvimento formal não se integra no primeiro grupo.
O enquadramento estratigráfico de todos os exemplares concretiza-se na Fase IV-V e V, conferindo propriedade ao termo adoptado no estudo dos materiais de Conímbriga, Braga e Lugo, com os quais manifesta a mesma consistência cronológica, embora em casos pontuais a sua cronologia se prolongue para o séc. VI, como é o caso de Dume (GASPAR 2000, 2).
Dispondo de escassos elementos de referência tipologia ou cronológica de âmbito regional, com excepção dos materiais provenientes de Braga, como aliás acontece para a maior parte dos grupos cerâmicas no marco geográfico que abrange a nossa área de estudo[871], optamos por desenvolver uma perspectiva de análise que privilegie uma interpretação relacionada com o binómio forma / função, pese embora, tenhamos realizados análises por espectrometria de raios X, com o objectivo de aferir a unidade e homogeneidade da produção e não o de determinar a sua área de produção. Nesse sentido, optamos por seguir o seguinte esquema de apresentação;

As formas

. Vasos para comer e beber
  Pratos e taças
. Para servir as refeições
  Parteiras

São relativamente escassas as cerâmicas identificadas nas intervenções realizadas em Alvarelhos que agrupamos sob o título de *cerâmica cinzenta fina tardia*. De um total de 68 fragmentos identificamos apenas 12 peças.

[871] Esta produção cerâmica nunca foi alvo de um estudo sistemático no noroeste português, sendo inclusivamente raras as referências em que se descriminam e identificam como um tipo de produção individualizada no largo espectro das cerâmicas comuns.

Prato de perfil tronco-cónico e bordo vertical (1)

O prato n.º 1 (vol. II, est. CLXXXI, n.º 1) constitui o único representante da sua categoria. Pertence ao grupo II. A forma caracteriza-se por apresentar um perfil tronco-cónico, de paredes rectas ou levemente arqueadas e fundo plano de assentamento pleno com espessura regular. Os exemplares conhecidos revelam uma ampla gama de pequenas variações ao nível do perfil e dimensão, quer ao nível do bordo, como da altura da parede. O recorte dos bordos apresentam soluções muito variadas que incluem perfis pontiagudos, como o nosso exemplar ou levemente espessados a configurar um perfil trapezoidal simétrico, levemente introvertido. Os exemplares identificados em Braga, integram-se no grupo 2, revelando uma grande diversidade de pequenas particularidades formais, de dimensões e soluções de tratamento das superfícies (GASPAR 2000, 131-132, est. XI-XII, n.º 102-112).
O nosso prato integra o grupo de dimensões mais reduzidas que se compõe por peças que oscilam entre os 10 e os 17 cm, sendo que as medidas mais frequentes desenvolvem diâmetros entre os 20 e 26 cm com alturas entre os 3,6 cm e os 5 cm. A decoração é composta por três caneluras incisas, paralelas entre si, implantadas a meio da parede. A pasta é bem depurada e integra abundante matéria não-plástica, composta por mica e finos grãos de quartzo. A superfície exterior é polida e brilhante. O nosso exemplar é proveniente da *Domus da Lucerna Cristã* e apresenta uma cronologia consistente com as restantes formas desta produção, assim como as formas identificadas em Braga às quais se poderá considerar aparentada.

Taças de perfil esférico com abas (2-5)

As taças n.º 2, 3, 4 e 5 (vol. II, est. CLXXXI, n.º 2-5) constituem um grupo relativamente homogéneo em relação à forma, elementos decorativos e constituição da pasta, integrando morfologicamente o primeiro grupo a que convencionamos designar por *Taças de perfil esférico com aba*. Apesar de revelarem vários aspectos e detalhes originais, nomeadamente ao nível da aba e lábio, constituem imitações da taça tipo Hayes 73 da sigillata africana (Clara C), variante A (HAYES 1972, 121-124, fig. 21, n.º 1), embora se possam também considerar aparentadas coma forma Rigoir 3A. Trata-se de uma pequena tigela de aba horizontal ou ligeiramente curva, com lábio sobrelevado, engrossado, bilobado (n.º 2, 3 e 5), decorado na face superior ou lateral (n.º 3-4) com um motivo geométrico composto por depressões de losangos ou ovais (n.º 3), e corpo de perfil tronco-cónico. Apesar de não conhecermos nenhum perfil completo nos nossos exemplares, e de estes revelarem diâmetros ligeiramente inferiores na ordem dos 3 a 4 cm das formas originais, o facto de todos eles possuírem uma aba horizontal com bordo engrossado e decoração incisa na face superior do lábio e deixarem adivinhar um perfil arredondado da parede permite admitir que tenham sido estes os padrões de inspiração da forma. Os elementos inovadores são constituídos pelo bordo da peça n.º 3 (vol. II, est. CLXXXI, n.º 3), que apresenta um lábio simétrico decorado por um friso exterior na face lateral. A taça n.º 4 (vol. II, est. CLXXXI, n.º 4) tipológica e morfologicamente semelhante às anteriores, revela uma pequena variante ao nível do bordo que, neste caso, forma um ângulo pronunciado com a aba sendo rematado num lábio vertical e recto na face superior. Ao contrário dos exemplos anteriores não apresenta dois lóbulos e desenvolve um perfil vertical de secção arredondada. A sua decoração inscreve-se na face exterior do bordo, implantada na face lateral do lábio e é composta por losangos de recorte irregular que formam um motivo padronizado de depressões ovais. O perfil que desenvolve o pequeno fragmento de parede desenha um formato tronco-cónico e não esférico como os demais.
Os acabamentos são uniformes revelando um polimento acentuado de textura acetinada e brilhante.
O enquadramento estratigráfico e horizonte cronológico são semelhantes aos demais exemplares. Em Alvarelhos foram recolhidos exemplares da forma Hayes 73, nos fabricos C e D (vol. II, est. CXXXVI, n.º 4), para a qual o autor da tipologia propõe uma cronologia balizada entre 420-475 (HAYES 1972, 121-124), todavia,

documentam-se exemplares de finais do séc. IV e exemplares não decorados de cerca de 480 (ATLANTE 1981, 72).

Em Conímbriga, são apresentados um conjunto de taças (n.º 26-35) apresentadas como derivadas das formas 1 e 3 de Rigoir que se aproximam dos nossos exemplares, com particular destaque para o n.º 26, cujo bordo revela as mesmas características formais embora apresente uma aba mais curta e inclinada para o interior (DELGADO 1976, 66, est. XVI, n.º 26). Em Braga existem paralelos muito próximos, designadamente provenientes da Zona das Carvalheiras, da Praia das Sapatas e da Colina da Cividade (GASPAR 2000, 105, est. I, 4-6).

Estratigraficamente os nossos exemplares enquadram-se na Fase IV-V sendo provenientes da *Domus da Lucerna do Cavalo* e da *Domus da Colher de Prata*, portanto, contemporâneas das formas de importação que lhes serviram de inspiração e do grupo de maior expressão de produções regionais de imitações designadas por *cerâmica comum de verniz não vitrificável*, nomeadamente do grupo que copia as formas da sigillata africana C e D.

Taças de parede arqueada a bordo rectangular (6, 8)

As taças n.º 6 e 8, pertencem ao grupo morfológico I e poder-se-ão considerar como inspiradas na forma 16 das *sigillatas paleocristãs cinzentas* (RIGOIR 1968, 226, pl. XIII), também presente nas produções das *derivadas das sigillatas paleocristãs* do grupo atlântico, onde aliás possui uma expressão quantitativa muito significativa (RIGOIR; RIGOIR; MEFFRE 1973, 224, pl. XV). O protótipo possui uma forma harmoniosa, bem proporcionada, apresentando um perfil equilibrado com uma curvatura suave, marcada no terço superior por uma canelura excisa, por vezes carenada, de reorientação do perfil que, em alguns casos, se desenvolve na vertical. O bordo, de desenvolvimento vertical, levemente introvertido, remata com um lábio facetado e espessado, frequentemente num plano recto inclinado para o interior. O fundo é constituído por um pé anelar. A decoração quando existente é composta por guilhoché. As produções identificadas com derivadas apresentam significativas diferenças, designadamente ao nível do perfil, evidenciando um interior praticamente hemisférico (RIGOIR; RIGOIR; MEFFRE 1973, 224), com o qual os nossos exemplares se encontram mais próximos.

A nossa peça, do ponto de vista formal, deve ser considerado como inspirado nas formas forâneas, pois apresentam aspectos que as distinguem, como, por exemplo, o acentuado encurvamento para o interior do bordo, assim como o seu espessamento desproporcionado, em particular do exemplar n.º 6 (vol. II, est. CLXXXI, n.º 6). As pastas, medianamente depuradas, possuem elementos não-plásticos compostos essencialmente por grãos de quartzo de calibre médio e feldspato. O acabamento é pouco cuidado, sem polimento final, que resulta numa superfície baça e ligeiramente irregular de tonalidade parda. O seu perfil esférico com bordo gradualmente espessado a partir do terço superior da parede é rematado com um lábio de superfície horizontal, vincado por frisos de secção rectangular. O enquadramento estratigráfico da peça n.º 6 corresponde à Fase IV-V, em sintonia com os restantes exemplos, enquanto que a taça n.º 8 (vol. II, est. CLXXXI, n.º 8), é proveniente de um horizonte estratigráfico remexido, com grande amplitude cronológica.

São conhecidos exemplares morfologicamente próximos aos nossos, provenientes de Braga, nomeadamente da Zona das Carvalheiras e da Colina da Cividade, a norte das Termas (GASPAR 2000, 117-118, est. 41-44), datadas do séc. IV-V, em concordância com as nossas referências crono-estratigráficas.

Taças de perfil esférico e bordo vertical reentrante (7; 10-11)

As taças n.º 7 e n.º 10 e 11 (vol. II, est. CLXXXII, 7, 10-11), integram o grupo de taças que convencionamos designar por *Taças de perfil esférico e bordo vertical reentrante* e encontram-se inscritas no grupo morfológico II. Constitui um grupo de grande variabilidade morfológica ao nível do perfil, bordo e lábio não se podendo filiar a sua origem em protótipos forâneos, embora se reconheçam em alguns exemplares rasgos morfológicos próprios das produções de *sigillatas paleocristãs* e das *derivadas das sigillatas paleocristãs*, como sejam os lábios bifurcados e a implantação da decoração lateralmente e também na face superior dos lábios.

Os exemplares que apresentamos revelam particularidades que as distinguem claramente. A taça n.º 7 (vol. II, est. CLXXXII, n.º 7), da qual apenas conhecemos parte do perfil, revela a parede superior levemente curva, com carena inferior bem marcada por uma canelura incisa. O bordo, vincado por dois sulcos paralelos, revela um perfil triangular, atípico, com uma ligeira aba interna e a face superior aplanada, decorada por motivos golpeados. A pasta é muito fina e depurada com elementos não-plásticos minúsculos compostos essencialmente por feldspatos e micas. O acabamento é de elevada qualidade evidenciando uma superfície muito polida e brilhante. Encontra alguma proximidade morfológica com os quatro exemplares identificados em Braga (Carvalheiras, Albergue de Guadim Pais, Praia das Sapatas e Colina da Suvidade), apesar destes possuírem lábios bifurcados, de alguma forma relacionados com a forma Hayes 12/102 (GASPAR 2000, 134, est. XIV, n.º 122-125).

A cronologia sugerida pelo enquadramento estratigráfico do nosso exemplar, proveniente da *Domus da Colher de Prata*, enquadra a 1ª metade do séc. V, correspondendo, portanto à Fase V.

A taça n.º 10 (vol. II, est. CLXXXII, n.º 10) apresenta um perfil completo, isento de qualquer decoração. Os seus rasgos morfológicos caracterizam-se por possuir um perfil anguloso composto por um bordo rectilíneo, ligeiramente reentrante, marcado ao nível intermédio por uma carena de perfil anguloso. A parede inferior é recta com ligação angulosa ao fundo, que é plano, de formato discóidal de assentamento pleno. O lábio apresenta um perfil arredondado, projectado para o exterior a formar uma leve aresta na face externa. A decoração é composta por duas linhas muito finas na zona intermédia da parede superior e por um friso muito ténue marcado na carena (MOREIRA 2007, 97, MMAP n.º 184).

Identifica-se um paralelo em Braga, morfologicamente semelhante ao nosso, proveniente da intervenção no Albergue de Guadim Pais (GASPAR 2000, 134, est. XIV, n.º 126), cuja cronologia é consistente com a proposta para a nossa peça que integra a Fase V, compreendendo a 1ª metade do séc. V.

A taça n.º 11 (vol. II, est. CLXXXIIa, n.º 11), também apresenta um perfil completo e integra o Grupo II. Possui parede vertical com bordo de perfil arredondado, com lábio fino de perfil pontiagudo projectado para o interior. O fundo é formado por um pé falso, de recorte triangular, com base discóidal de assentamento pleno. A decoração é formada por duas caneluras de perfil em U, localizadas na face intermédia da parede e do bojo. Os seus rasgos morfológicos revelam uma inspiração clara na forma tardia da forma Ritterling 8 da *sigillata hispânica*, podendo, inclusivamente, apreciar-se na face inferior do fundo o esboço da moldura hispânica, particularmente característica do modelo de inspiração. Revela a mesma proveniência e cronologia que a taça n.º 10.

Taças de perfil esférico de bordo simples (9)

A taça n.º 9 (vol. II, est. CLXXXII, n.º 9) integra o subgrupo que designamos por *Taças de perfil esférico de bordo simples*. Apresenta um perfil completo que permite identificar o seu morfotipo, claramente inspirado nas produções tardias da *sigillata hispânica*, concretamente da forma Ritterling 8. Ilustra um tipo particularmente vulgar nas cerâmicas comuns cuja cronologia se desenvolve desde as primeiras produções que

acompanham a evolução das formas e diferentes tipos de produção e fabrico, considerando-se praticamente intemporal.
Os seus rasgos morfológicos mais significativos consistem no seu reservatório hemisférico, desenvolvido a partir de uma parede arqueada rematada por um bordo vertical de perfil arredondado. O fundo é formado por um pé discóidal, baixo e bem proporcionado.
A sua proveniência enquadra a Fase IV-V da *Domus do Tesouro*, remetendo a sua cronologia para meados do séc. V. Documenta-se uma outra ocorrência na região proveniente da necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa, morfologicamente semelhante (vol. I, est. XXIV, n.º 14), com uma cronologia aproximada que permite admitir que a sua produção terá tido início pelo menos a partir do início do séc. IV (MOREIRA 2007, 40-41, MMAP n.º 279).

Para servir as refeições
Hayes 61 (12)
Prateiras

O único exemplar enquadrável neste grupo é formado pela peça n.º 12 (vol. II, est. CLXXXII, n.º 12), que constitui uma imitação bastante aproximada dos pratos tipo Hayes 61 (HAYES 1972, 100-107), particularmente da variante A, em que a parede é baixa e o bordo reentrante com lábio de perfil anguloso. A cronologia sugerida por Hayes enquadra a difusão desta forma entre 325 e 400-425. Esta forma, particularmente difundida em toda a bacia mediterrânica e costa atlântica, encontra em Alvarelhos uma expressão assinalável, constituindo também a forma mais frequente de imitação no fabrico de imitações de *cerâmica de engobe vermelho não vitrificável* onde identificamos seis peças num total de trinta e cinco. A sua pasta, medianamente depurada, com abundantes elementos não-plásticos compostos por grãos de quartzo de calibre médio com acabamento pouco cuidado e sem polimento final confere à superfície uma tonalidade baça e ligeiramente irregular, integrando-se, portanto, no Grupo 2.
O seu enquadramento estratigráfico (*Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V) remete para uma ampla cronologia que compreende todo o séc. IV e primeira metade do séc. V.

Cerâmica cinzenta fina tardia

Nº Inventário	Proveniência	Forma	Perfil	Pasta	Superfície	Decoração	Análise Química	Estampa
1. Alv. 94 A, lg. 101	corte est. 9, camada 2 / Fase IV-V	prato	perfil tronco-cónico	depuração alta	polida	3 frisos paralelos	---	est. CLXXXI, n.º 1
2. Alv. 95 B, A4, op. 96	corte est.1, camada 1 / Fase IV-V	taça	perfil esférico c/ aba	depuração alta	polida	circulo baixo relevo	grupo 15	est. CLXXXI, n.º 2
3. Alv. 93 A, op.198	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	taça	perfil esférico c/ aba	depuração alta	polida	peq. círculos incisos	----	est. CLXXXI, n.º 3
4. Alv. 93 A, op. 39	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	taça	perfil esférico c/ aba	depuração alta	polida	motivos geométricos	----	est. CLXXXI, n.º 4
5. Alv. 97 B1, A2, op.134	corte est. 2 , camada 2 / Fase IV-V	taça	perfil esférico c/ aba	depuração alta	polida	depressões/ondulado	----	est. CLXXXI, n.º 5
6. Alv. 93 A, op. 57	corte est. 7 , camada 3 / Fase IV-V	taça	perfil esférico	depuração média	rugosa	3 frisos	sem grupo	est. CLXXXI, n.º 6
7. Alv. 93 A, op. 7; 8; 27; 31	corte est. 7 , camada 3 / Fase IV-V	taça	perfil esférico	depuração alta	polida	losangos no bordo	sem grupo	est. CLXXXII, n.º 7
8. Alv. 93 A , op. 19; 184	corte est. 11, camada 0 / Fase ?	taça	perfil esférico	depuração alta	rugosa	2 frisos paralelos	----	est. CLXXXII, n.º 8
9. Alv. 98 B1, A1, op. 42 / 296	corte est. 2 , camada 2 / Fase V	taça	perfil esférico	depuração alta	polida	----	----	est. CLXXXII, n.º 9
10. Alv. 92 A, lg. 6875	corte est.14, camada 1 / Fase IV-V	taça	perfil carenado	depuração alta	polida	2 linhas paralelas	----	est. CLXXXII, n.º 10
11. ALV. 92 A, op. 73	corte est.14, camada 1 / Fase IV-V	taça	perfil carenado	depuração alta	polida	2 linhas paralelas	----	est. CLXXXII, n.º 11
12. Alv. 97 B3, A1, lg. 6865	corte est.6, camada 2 / Fase I -V	prateira	perfil esférico	depuração média	rugosa	----	sem grupo	est. CLXXXII, n.º 11

Análises por espectrometria por fluorescência de Raios X

N.º Cat.	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Grupo 15															
Valor médio	53,05	33,22	7,78	3,16	0,15	1,35	0,09	1,05	515	301	63	282	358	---	
Desvio padrão	1,81	2,19	0,99	0,51	0,12	0,13	0,02	0,18	79	55	9	35	43	---	
2. Alv. 95 B, op. 96	51,34	35,45	7,91	2,45	0,07	1,46	0,05	1,11	519	437	48	172	360	---	

N.º Cat.	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Amostras não agrupadas															
7. Alv. 93 A, op. 7	46,47	37,19	9,77	2,95	0,04	1,73	0,05	1,65	524	371	33	181	466	---	
6. Alv. 93 A, op. 57	53,86	31,13	9,27	2,68	0,12	1,36	0,10	1,31	548	295	39	157	596	---	
11. Alv. 97 B, lg. 6904	65,48	23,55	5,06	2,19	0,27	1,32	0,40	1,61	308	440	161	78	225	---	

Catálogo

Taças de perfil tronco-cónico e bordo vertical (1)

1. Alv. 94 A, Ig. 101 - Perfil completo de prato de paredes verticais ligeiramente esvasadas. Lábio vertical pontiagudo. Fundo plano de espessura constante. A decoração é composta por três frisos paralelos implantados no meio da parede. Pasta fina e depurada com abundante matéria não-plástica composta por mica e finos grãos de quartzo. A superfície exterior é polida e brilhante. Grupo II (vol. II, est. CLXXXI, n.º 1).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 116 mm; Altura máxima 34 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Capacidade - 262,34 cm^3 / 0, 26 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. I, corte estratigráfico 9, camada 2.

Taças de perfil esférico com aba (2-5)

2. Alv. 95 B, A4, op. 96; 97 B, A2, op. 134 - Fragmento de bordo de taça. Bordo em aba horizontal decorado com golpes regulares, na parte superior do lábio limitado por um círculo em baixo relevo. No limite da aba, na curvatura para a parede apresenta outro círculo em baixo relevo distinguindo as duas partes. Pasta muito limpa sem sinais de feldspato de cor cinzenta clara. Grupo I (vol. II, est. CLXXXI, n.º 2).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível da aba 142 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm.
Prov. - Área habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

3. Alv. 93 A, op. 198 - Fragmento de bordo e aba de taça. Aba horizontal com ligeiro espessamento rematado por lábio bilobado, engrossado, dividido por uma depressão de perfil em V. Arestas de perfil arredondado. A face exterior do lábio é decorada por motivos incisos compostos por pequenos círculos com dimensão e espaçamento regular, a marcar um ritmo regular, em forma de friso. Grupo I (vol. II, est. CLXXXI, n.º 3).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 125 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm.
Prov. - Área habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

4. Alv. 93 A, op. 39 - Fragmento de aba e arranque de parede de taça de perfil cónico. Aba plana com lábio vertical de secção arredondada. Face exterior do lábio decorada por motivos geométricos compostos por losangos unidos entre si. Pasta muito depurada de cozedura uniforme. Acabamento muito cuidado com as superfícies muito polidas e brilhantes. Elementos não-plásticos compostos por mica e grãos de quartzo muito fino. Grupo I (vol. II, est. CLXXXI, n.º 4).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 115 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

5. Alv. 97 B1, A2, op. 134 - Fragmento de bordo e aba de taça de perfil esférico com aba horizontal. Aba curta e inclinada para o interior. Lábio demarcado da aba por friso interno bem vincado. Lábio dividido no exterior por friso. Decoração na face superior do lábio composta por depressões de perfil arredondado que formam um ondulado contínuo e uniforme. Pasta bem depurada com elementos não-plásticos muito finos compostos essencialmente por feldspato e quartzo. Acabamento muito cuidado com superfícies polidas e brilhantes. Grupo I (vol. II, est. CLXXXI, n.º 5).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 115 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 2, camada 2.

Taças de perfil esférico e bordo vertical reentrante (6-8)

6. Alv. 93 A, op. 57; 162(2); Ig. 2929 - Fragmento de bordo e parede de taça de perfil esférico. Bordo plano e espessado. Parede curvilínea marcada por friso de perfil arredondado com moldura interna. Na face superior da parede existem outros dois frisos, mais finos, que delimitam a parede do início do bordo. Pasta medianamente depurada, com elementos não-plásticos compostos essencialmente por grãos de quartzo de grau médio. Acabamento pouco cuidado sem polimento final. Superfície baça e ligeiramente irregular. Grupo I (vol. II, est. CLXXXI, n.º 6).
Dim. - Diâmetro máximo 130 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Análise química - SiO2 53,86; AL2O3 31,13; Fe 2O3 9,27; K2O - 2,68; Na2O 0,12; TiO2 1,36; CaO 0,10; MgO 1,31; Ba 548; Zr 295; Sr 39; Rb 157; Mn 596.

7. Alv. 93 A, op. 7; 8; 27; 31 - Fragmento de bordo e parede de taça. Bordo vertical e plano com de secção rectangular com aba interna. Aba curta de perfil pontiagudo. Parede vertical com ligeiro encurvamento na sua fase final. A decoração é composta ao nível superior do lábio por pequenos losangos impressos que formam um ondulado constante, embora um pouco irregular. A parede da taça possui dois grupos de dois frisos de secção triangular. O primeiro localiza-se na face superior da parede a marcar o início do bordo e o segundo a demarcar a parede do arranque do fundo formando uma banda intermédia. A pasta é muito fina e depurada com minúsculos elementos não-plásticos compostos essencialmente por feldspato e mica. A superfície é muito polida e brilhante. Grupo II (vol. II, est. CLXXXII, n.º 7).
Dim. - Diâmetro máximo 106 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.

Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Análise química - SiO2 - 46,47; AL2O3 - 37,19; Fe - 2O3 9,77; K2O – 2,95; Na2O – 0,04; TiO2 – 1,73 ; CaO – 0.05; MgO – 1,65 ; Ba - 524; Zr - 371; Sr - 33; Rb - 181 ; Mn - 466.

8. Alv. 93 A, op. 19; 184 - Fragmento de bordo e parede de taça. Bordo reentrante de perfil arredondado e ligeiramente engrossado. O bordo é demarcado da parede por dois frisos profundos de perfil rectangular. Parede curvilínea com friso de demarcação com o arranque do fundo que forma ligeira carena interna. Pasta medianamente depurada, com elementos não-plásticos compostos essencialmente por grãos de quartzo de calibre médio. Acabamento pouco cuidado sem polimento final. Superfície baça e ligeiramente irregular. Grupo I (vol. II, est. CLXXXII, n.º 8).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 8 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase ?, *Domus da Colher de Prata*, Pátio exterior e forno, corte estratigráfico 11, camada 0.

Taças de perfil esférico de bordo simples (9)

9. Alv. 98 B1, A1, op. 42; 296 - Fragmento de taça de perfil completo. Bordo vertical de perfil arredondado e ligeiramente engrossado. Parede curvilínea de espessura regular. Fundo com pé baixo, discóidal. Pasta medianamente depurada, com elementos não-plásticos compostos essencialmente por grãos de quartzo de grau médio. Acabamento cuidado com polimento final. Superfície muito brilhante embora ligeiramente irregular. Grupo II (vol. II, est. CLXXXII, n.º 9).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 130 mm; Altura máxima 50 mm; Espessura máxima do bordo 5,5 mm.
Capacidade - 401,50 cm^3 / 0, 40 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal* - Ap. IV, corte estratigráfico 2, camada 2.
Bibli. - MOREIRA 2007, 84, MMAP n.º 151.

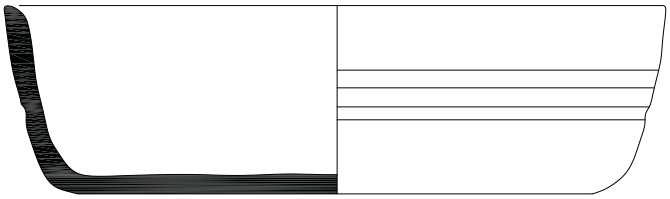
Taças carenadas (10-11)

10. Alv. 92 A, Ig. 6875 - Perfil completo de taça carenada. Bordo vertical ligeiramente voltado para o exterior de perfil arredondado. Parede recta reentrante marcada ao nível intermédio por uma carena de perfil anguloso. Parede inferior recta com ligação angulosa ao fundo que se apresenta plano de formato discóidal. A decoração é formada por duas linhas muito finas na zona intermédia da parede superior e por um friso muito ténue marcado na carena. Grupo II (vol. II, est. CLXXXII, n.º 10).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 93 mm; Altura máxima 56 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Capacidade - 262,84 cm^3 / 0, 26 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 14, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, 97, MMAP n.º 184.

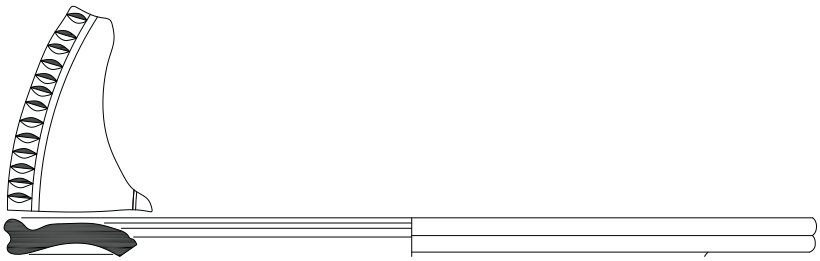
11. Alv. 92 A op. 73. - Perfil completo de taça. Parede vertical com bordo de perfil arredondado, ligeiramente projectado para o interior. Bojo curvo e parede reentrante com orientação oblíqua. Fundo formado por pé falso, de perfil triangular, levemente elevado em relação à base. Base discóidal de assentamento pleno. A decoração é formada por duas caneluras de perfil em U, localizadas na face intermédia da parede e do bojo. Pasta compacta dura, com cozedura uniforme e composição laminar (cor-R31). Elementos não-plásticos bem calibrados, compostos por mica e feldspato. Superfície alisada e muito polida. Cor escura brilhante (cor-T73) (vol. II, est. CLXXXII, n.º 11).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 125 mm; Altura máxima 60 mm; Espessura máxima da parede 4 mm; Diâmetro máximo do fundo 54 mm.
Capacidade - 518,95 cm^3 / 0, 51 L.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 14, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, 81, MMAP n.º 145.

Prateiras (12)

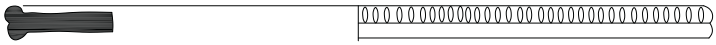
12. Alv. 97 B3, A1, Ig. 6865; 6904; 6905; 6935 - Fragmento de bordo e parede de prateira tipo Hayes 61. Bordo vertical, ligeiramente reentrante de perfil pontiagudo. Parede baixa, de perfil curvilíneo vincada na separação com o bordo com carena externa muito pronunciada. Pasta medianamente depurada, com elementos não-plásticos compostos essencialmente por grãos de quartzo de calibre médio. Acabamento pouco cuidado sem polimento final. Superfície baça e ligeiramente irregular. Grupo I (vol. II, est. LXIV, n.º 11).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 247 mm; Espessura máxima do bordo ao nível da carena 9 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Fase IV-V, Ap. II, corte estratigráfico 6, camada 2.
Análise química – SiO2 – 65,48; AL2O3 – 23,55; Fe2O3 – 5,06; K2O – 2,19; Na2O – 0,27; TiO2 – 1,32; CaO – 0,40; MgO – 1,61; Ba - 308 ; Zr - 440; Sr - 161; Rb - 78 ; Mn - 225 .



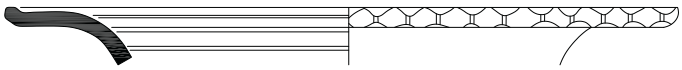
1



2

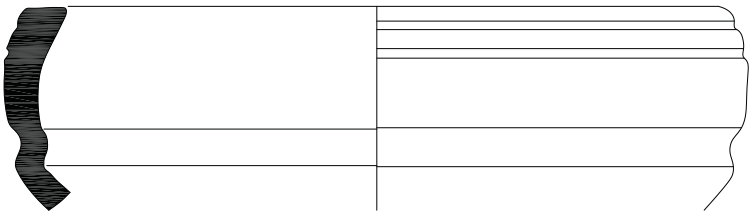


3

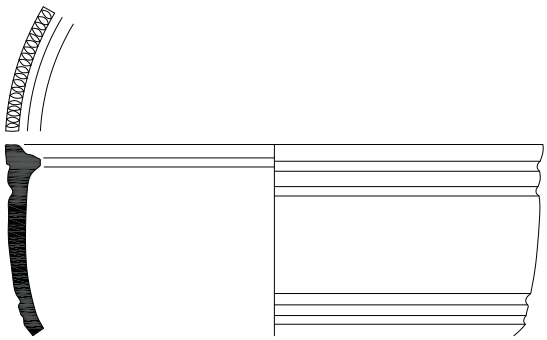


4

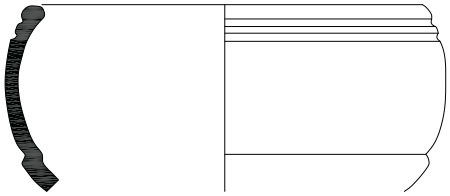
5



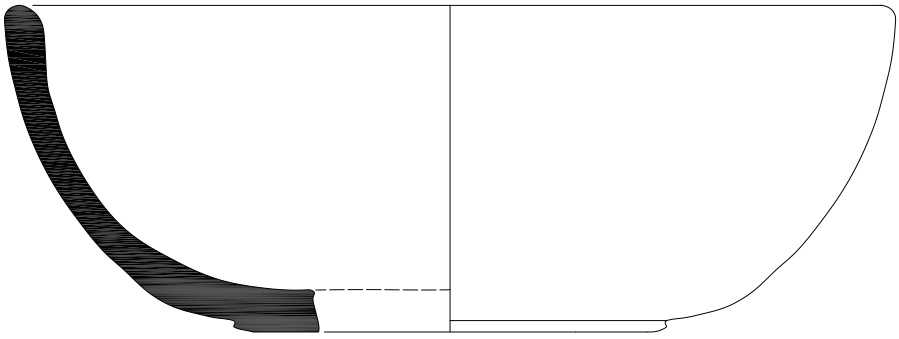
6



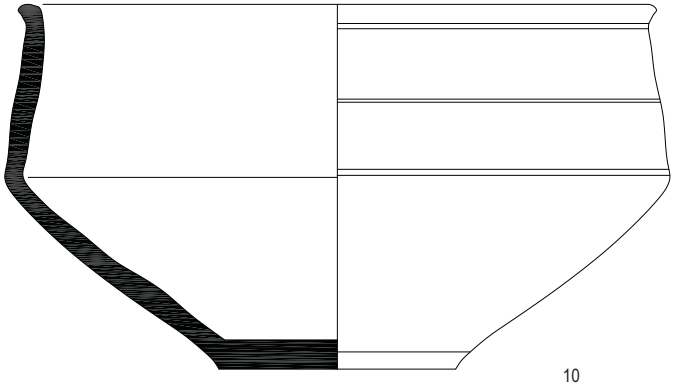
7



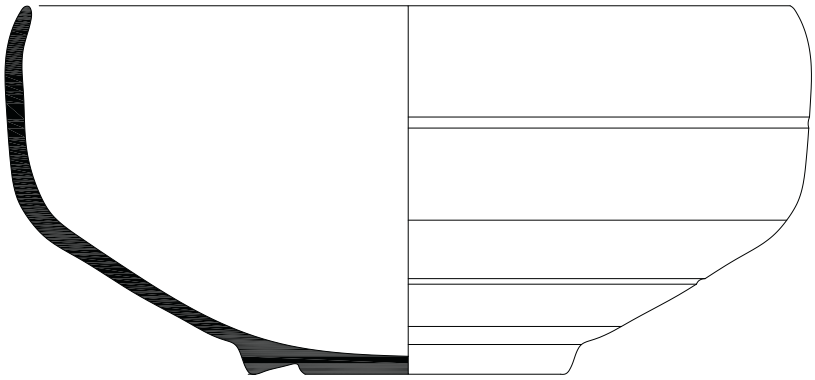
8



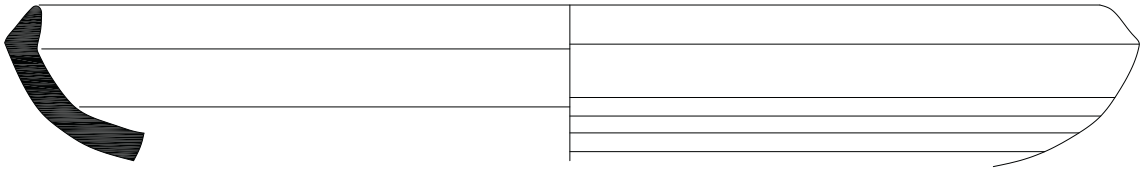
9



10



11



12

6.1.13. Pesos de tear

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

Os pesos de tear constituem um dos mais significativos testemunhos da prática da tecelagem na antiguidade, constituindo uma ocorrência muito frequente nas diferentes realidades habitacionais[872] intervencionadas na área meridional do convento bracaraugustano.

Apesar de referenciados na bibliografia arqueológica como *pondus*/*pondera*, o termo latino correcto para a sua definição é de *aequipondius*/*aequipondia*, uma vez que a primeira designação nomeia um objecto cujo peso define uma unidade de medida ponderal, pelo que, naturalmente, não identifica especificamente os pesos de tear (DAREMBERG; SAGLIO 1873-1919, IV, 548-556). Apesar de solidamente consolidada a utilização do termo *pondus* para a sua designação, são vários os autores que defendem a utilização do termo *aequipondius* para a sua correcta nomeação (GARCÍA; GARCIA 1996, 463-465). Deste modo, considerando o evidente vínculo dos *pesos de tear* do castro Alvarelhos (*castellum Madiae*) à actividade têxtil, adoptamos a designação de *aequipondia* dado que a sua identificação e associação de forma/função em muito ultrapassa o formalismo semântico, uma vez que transmite a natureza do seu suporte e a sua configuração mais comum, conforme se pode apreciar no *Corpus Inscriptionum Latinarum* - (…) *instrumenta cretacea pyramidum forma imitantia, aequipondia quae dicuntur in texendo adhibita, ut communis fert opinio* (…). (…) *como diz a opinião mais comum os instrumentos em cerâmica em forma de pirâmide empregados na actividade têxtil chamam-se "aequipondia"* (…).(*CIL*, XIII, 3, 555; *CIL* XII 5668(1-19), 182).

Todavia, são conhecidas outras aplicações para além da actividade têxtil, como sejam as relacionadas com a actividade pesqueira, onde funcionariam como pesos de rede[873], à qual se acrescentam outras funcionalidades não especificadas mas cujo local de origem deixa em aberto outras possibilidades de utilização, como sejam as ocorrências verificadas em acampamentos romanos onde dificilmente se vincularia a sua função à actividade têxtil, como, por exemplo, acontece em Rosinos de Vidriales, Zamora (VAQERO 1998, 1295).

No entanto, a sua função principal seria a de tensar os fios dos teares verticais[874], constituindo um dos vestígios mais significativos e comuns em ambientes habitacionais de época romana relacionados com a tecelagem.

Apesar da sua relativa abundância e relevância para a compreensão das actividades domésticas, o seu estudo raramente suscitou o interesse dos investigadores, restringindo-se actualmente a bibliografia da especialidades a escassas referências esporádicas ou a estudos de colecções mais ou menos numerosas, não existindo nenhuma abordagem de índole geral, pelo que as tipologias existentes tem um carácter parcial. Desta feita, a sua interpretação crono-tipológica encontra-se condicionada a realidades arqueológicas específicas, que tem como referências cronológicas apenas o apoio estratigráfico.

Entre os estudos de maior significado merece destaque o da colecção de pesos de tear do Museu Arqueológico de Saragoça, realizado por G. Fatás na década de sessenta do século passado, sobre uma colecção relativamente heterogénea de 163 pesos (FATÁS 1966-67), no qual o autor desenvolveu uma

[872] Apesar de constituir um testemunho arqueológico especificamente relacionado com ambientes habitacionais refira-se que a sua ocorrência em ambientes funerários é também frequente, registando-se na região entre o Leça e Ave, mais concretamente na necrópole do Muro, Trofa (vol. I, est. XXV, n.º 6).

[873] Veja-se, por exemplo, os materiais recolhidos em Tróia, Grândola, associados a um largo conjunto de utensílios relacionados com a pesca (agulhas, anzóis), sendo inclusivamente alguns deles provenientes de ambientes aquáticos (ALVES 1989, 87).

[874] Os "teares verticais" eram constituídos por duas traves verticais apoiadas no solo, unidas por um travessão horizontal (*iugum*) a partir do qual se desenvolvia a urdidura (*stamen*) separada em fios impares e pares, que, uma vez agrupados num número determinado, consoante o tipo de tecido em elaboração, eram suspensos pelos (*aequipondia*) com o propósito de manter os fios em tensão.

tipologia que considera 6 formas principais – tronco-piramidais; rectangulares ou paralelipipédicas; tronco-cónicos; de meia-lua; circulares e ovóides.
Os trabalhos luso-franceses realizados em Conímbriga produziram também um estudo de carácter tipológico importante que, inclusivamente, introduz novos critérios formais de classificação, realizado sobre uma colecção de 389 pesos de tear recolhidos nas escavações (FABRE 1979, 54-79). A nível tipológico, George Fabre considera seis grupos formais - 1. Paralelipipédicos de secção rectangular; 2. Paralelipipédicos de secção quadrada; 3. Piramidais truncados de secção rectangular; 4. Piramidais truncados de secção quadrada; 5. Face rectangular e face lateral trapezoidal; 6. Face rectangular e face lateral rectangular. Para cada grupo estabelece uma distinção em função do número de orifícios, não criando para o efeito subtipos. A sua classificação para além da caracterização morfo-tipológica conjuga a análise cronológica baseada em referências estratigráficas.
Merecem ainda referências os estudos realizados por Martin Bueno sobre os pesos provenientes de Bilbílis (BUENO 1968, 257-258; 1971-72, 157-165), assim como os de Alcudia de Elche (FERNÁNDEZ 1974, 255-265).
Na área do convento bracaraugustano as referências conhecidas são avulsas e constituem, na maior parte dos casos, alusões pontuais que não transmitem uma visão de conjunto quer do ponto de vista tipológico quer cronológico. Por exemplo, nas escavações realizadas em *Bracara Augusta*, onde as ocorrências são abundantes, apenas conhecemos referências pontuais a propósito das actividades artesanais relacionadas com a olaria ou a actividade têxtil[875].

A análise morfo-tipológica dos pesos de tear provenientes das intervenções arqueológicas na estação de Alvarelhos sugeriu-nos a construção de uma classificação tipológica estruturada em 5 grupos - Grupo 1 - *Trapezoidais*; Grupo 2 – *Paralelepipédicos;* Grupo 3 – *Cilíndricos;* Grupo 4 – *Ovais;* Grupo 5 – *Diversos* - dentro dos quais se identificaram vários subtipos. O catálogo das peças foi elaborado segundo os seguintes descritores; Identificação, classificação da forma e pasta, descrição, medidas e peso.

Tipologia

Grupo 1 - *Trapezoidais*
Tipo I - Secção quadrangular, orifício lateral;
Tipo II A - Secção rectangular, orifício lateral;
Tipo II B - Secção rectangular, orifício frontal;
Tipo III - Invertido, de secção rectangular, orifício lateral;
Tipo - Indeterminado.

Grupo 2 - *Paralelepipédicos*
Tipo I - Secção rectangular, orifício frontal;
Tipo II - Secção rectangular, orifício lateral;
Tipo III - Secção rectangular, dois orifícios laterais;
Tipo IV - Secção quadrangular, com um orifício;
Tipo - Indeterminado.

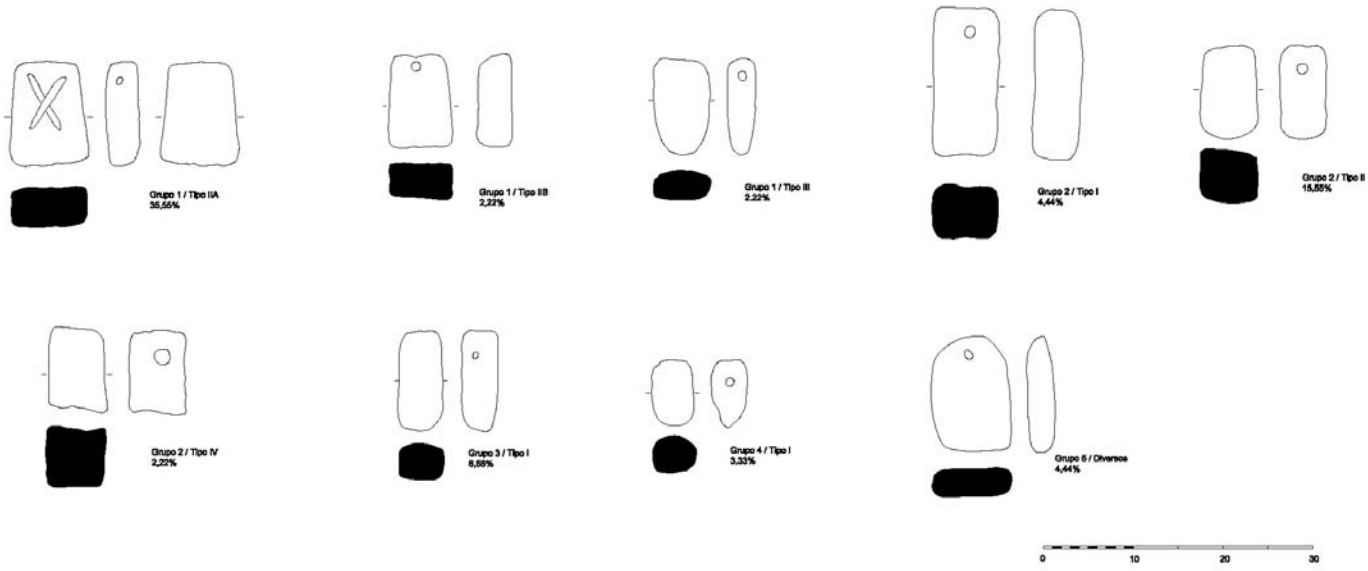
[875] Nas poucas referências conhecidas a diversidade formal é referida de forma abrangente, não considerando aspectos morfo-tipológicos importantes para a compreensão da sua funcionalidade. Entre as formas identificadas, entre outros, são referidas as seguintes - (…) *paralelepípedos; pirâmides truncadas de base rectangular e quadrangular; face trapezoidal e lado rectangular; em escudo, etc.* (…) (MORAIS 2005, 40, est. XXIII).

Grupo 3 - *Cilíndricos*
Tipo I - Secção cilíndrica, com um orifício;
Tipo - Indeterminado.

Grupo 4 - *Ovais*
Tipo I - Com um orifício;
Tipo - Indeterminado.

Grupo 5 – *Diversos*
Cerâmicos; líticos

Quadro sinóptico



Análise macroscópica das pastas cerâmicas

Ao realizar uma análise geral a todas as amostras verificamos que todas elas foram elaboradas com argilas deficientemente trabalhadas, pouco homogéneas. Estas argilas revelam uma significativa semelhança com as que são utilizadas no fabrico de materiais de construção. Realizando uma análise mais aprofundada, notam-se algumas variantes ao nível da constituição como, por exemplo, de coloração, de percentagem de elementos não-plásticos e em relação a estes, entre o seu tipo, dimensão e distribuição. Segundo esta perspectiva de análise, criamos 11 grupos distintos de A a K.
Utilizamos o "*code des colunas des sols*" de A. Cailleux[876], para a descrição da cor da pasta, atribuindo a identificação das cores das superfícies extremas em cada grupo ou a designação da cor mais representativa (média).

A - Pasta clara, rosada (M 67), com um bom grau de dureza, aspecto laminar na fractura, exteriormente algumas amostras evidenciam um aspecto povorulento, laivos de argila cor de laranja e diferenças de tonalidade de face para face.

[876] Paris, Editions N. Boubée et Cie.

Elementos não-plásticos compostos por reduzidas partículas de mica e quartzo de pequena dimensão com forma angulosa dispersos irregularmente. Os nódulos ferrosos que surgem à superfície, de diversos tamanhos (> 30 mm x 20 mm). Grupo composto por 18 amostras.

B - Pasta cor de laranja (R 40), com uma boa cozedura que se traduz na dureza da pasta (excepto 3 das amostras). Fractura com aspecto de lasca, pouco homogénea com laivos de cor "branca" e nódulos ferrosos de variadas dimensões.
Elementos não-plásticos compostos por quartzo anguloso e feldspato, ambos mal calibrados, e pequenas partículas de mica. Grupo constituído por 10 amostras.

C - Pasta de cor irregular que varia do laranja (N 57), ao castanho-cinza (P 71), com aspecto arenoso que lhe confere uma certa aspereza, tendo a fractura um aspecto vacular. Elevado grau de dureza. Elementos não-plásticos medianamente calibrados, composto por uma grande percentagem de quartzo anguloso e feldspato, surgindo pontualmente um elemento de quartzo de maiores dimensões. Grupo constituído por 5 amostras.

D - Pasta de cor laranja (P 45), com laivos de cor cinza (P 71), bem cozida, muito semelhante à pasta C. Aspecto vacular na fractura, com menor percentagem de elementos não-plásticos, compostos por quartzo e feldspato bem calibrado, de pequenas dimensões, pontualmente com partículas de maior dimensão. Grupo constituído por 6 amostras.

E - Pasta de coloração escura entre o cinza (P 92), e o laranja escuro (R 45), bem cozida, muito dura e aspecto vacular na fractura. Apresente nódulos ferrosos de média dimensão, feldspato e quartzo. Este último predomina e encontra-se mal calibrado atingindo algumas partículas grandes dimensões. Este grupo é constituído por 4 amostras.

F - Pasta de cor bege (N 90), arenosa e fina, compacta mas com um grau de dureza relativamente baixo. Elementos não-plásticos constituídos por mica e quartzo de pequenas dimensões, com ocorrências de elementos de quartzo de maiores dimensões. Grupo composto por 3 amostras.

G - Pasta de coloração laranja que varia de tom (M 67 - R 25), com aspecto arenoso, vacular, pouco compacta mas com um grau de dureza considerável. Os elementos não-plásticos encontram-se mal calibrados, sendo compostos por quartzo, mica e feldspato. Apresenta nódulos ferrosos de pequenas dimensões. Grupo composto por 4 amostras.

H - Pasta depurada, muito clara (K 51), bastante compacta. Estrutura ligeiramente vacular de aspecto povorulento, com pequenos nódulos ferrosos e mica, com predomínio de moscovite, de reduzidas dimensões. Em menor abundância surgem de forma esparsa elementos de quartzo mal calibrados e arestas angulosas. Grupo constituído por 2 amostras.

I - Pasta clara ligeiramente alaranjada (N 67), arenosa e fina, de elevada dureza e compactação. Os elementos não-plásticos são compostos por mica e quartzo bem calibrado. Grupo constituído por 3 amostras.

J - Pasta cor bege (N 69) com elevado grau de dureza e compactação, ligeiramente vacular com alguns nódulos ferrosos. Os elementos não-plásticos (quartzo e mica) são bem calibrados e de pequena dimensão. Grupo composto por 3 amostras.

K - Pasta de cor rosada (M 20), pouco homogénea com grandes nódulos ferrosos e laivos de argila mais clara (K 75), com elevado grau de dureza. Elementos não-plásticos compostos por quartzo e feldspato mal calibrado e de distribuiçãi irregular. Grupo constituído por 1 amostra.

Fase IIb (1)

Identificou-se apenas 1 peso (1,13% do total).

Grupo 5 – *Diversos*
Líticos – 1 exemplar (n.º 85)

Fase III (12)

Identificaram-se 12 pesos (13,6 % do total), cuja representação percentual dos diferentes grupos se estabelece da seguinte forma; G1 - 41,6%; G2 - 16,6%; G3 - 8,3%; G4 - 25%; G5 - 8,3%.

Grupo 1 - *Trapezoidal* (5)
Tipo II A - Secção rectangular, orifício lateral; 4 exemplares (n.º 3, 4, 5, 8)
Tipo - Indeterminado; 1 exemplar (n.º 39)

Grupo 2 – *Paralelepipédica* (2)
Tipo II - Secção rectangular, orifício lateral; 2 exemplares (n.º 58, 59)

Grupo 3 – *Cilíndricos* (1)
Tipo I - Secção cilíndrica, com um orifício; 1 exemplar (n.º 68)

Grupo 4 – *Ovais* (3)
Tipo I - Com um orifício; 2 exemplar (n.º 75, 77)
Tipo - Indeterminado; 1 exemplar (n.º 78)

Grupo 5 – *Diversos* (1)
Líticos - 1 exemplar (n.º 87)

Fase IV (1)

Identificou apenas 1 peso (1,13% do total).

Grupo 1 - *Trapezoidal* (1)
Tipo II A - Secção rectangular, orifício lateral; 1 exemplar (n.º 7).

Fase IV-V (55)

Identificaram-se 55 pesos (62,5% do total), cuja representação percentual dos diferentes grupos se estabelece da seguinte forma; G1 - 40%; G2 - 36,3 %; G3 - 9 %; G4 - 1,81%; G5 - 10,9%.

Grupo 1 - *Trapezoidal* (22)
Tipo I - Secção quadrangular, orifício lateral; 1 exemplar (n.º 1).

Tipo II A - Secção rectangular, orifício lateral; 17 exemplares (n.º 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25).
Tipo II B - Secção rectangular, orifício frontal; 2 exemplares (n.º 35, 36).
Tipo III - Invertido, de secção rectangular, orifício lateral; 1 exemplar (n.º 37).
Tipo Indeterminado; 2 exemplares (n.º 40, 41).

Grupo 2 – *Paralelepipédica* (20)
Tipo I - Secção rectangular, orifício frontal; 4 exemplares (n.º 43, 44, 45, 46).
Tipo II - Secção rectangular, orifício lateral; 11 exemplares (n.º 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57).
Tipo III - Secção rectangular, dois orifícios laterais; 1 exemplar (n.º 61).
Tipo IV - Secção quadrangular, com um orifício; 1 exemplar (n.º 62).
Tipo - Indeterminado; 3 exemplares (n.º 64, 66, 67).

Grupo 3 – *Cilíndricos* (5)
Tipo I - Secção cilíndrica, com um orifício; 4 exemplares (n.º 69, 70, 72, 73).
Tipo - Indeterminado; 1 exemplar (n.º 74).

Grupo 4 – *Ovais* (1)
Tipo I - Com um orifício; 1 exemplar (n.º 76).

Grupo 5 – *Diversos* (6)
Cerâmicos - 4 exemplares (n.º 79, 80, 82, 83).
Líticos - 2 exemplares (n.º 84, 86).

Fase V (19)

Identificaram-se 19 pesos (21,5% do total), cuja representação percentual dos diferentes grupos se estabelece da seguinte forma; G1 - 63,1%; G2 - 15,7%; G3 - 5,26%; G5 - 15,7%.

Grupo 1 - *Trapezoidal* (12)
Tipo I - Secção quadrangular, orifício lateral; 1 exemplar (n.º 2).
Tipo II A - Secção rectangular, orifício lateral; 9 exemplares (n.º 6, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34).
Tipo III - Invertido, de secção rectangular, orifício lateral; 1 exemplar (n.º 38).
Tipo Indeterminado; 1 exemplar (n.º 42).

Grupo 2 – *Paralelepipédica* (3)
Tipo II - Secção rectangular, orifício lateral; 1 exemplar (n.º 60).
Tipo IV - Secção quadrangular, com um orifício; 1 exemplar (n.º 63).
Tipo Indeterminado; 1 exemplar (n.º 65).

Grupo 3 – *Cilíndricos* (1)
Tipo I - Secção cilíndrica, com um orifício; 1 exemplar (n.º 71).

Grupo 5 – *Diversos* (3)
Líticos - 3 exemplares (n.º 88, 89, 90).

Foi efectuado o estudo sobre 88[877] peças tendo sido considerado para efeitos de interpretação cronológica o seu local de proveniência, a estratigrafia associada e a correspondente integração na respectiva fase de ocupação (Fase IIb-1,13%; Fase III-13,6 %; Fase IV-1,13%; Fase IV-V - 62,5%; Fase V-21,5%).
Identificaram-se 81 pesos em cerâmica e 7 pesos em pedra, correspondendo, respectivamente, a 92% de pesos em cerâmica e 8% em pedra.

[877] Embora o catálogo compreenda 90 peças, duas delas, pelas condições de achamento não foram integradas no estudo tipológico (n.º 31, 81).

Entre os diferentes grupos formais a distribuição percentual faz-se da seguinte forma; Trapezoidais - 45,4%; Paralelepipédicos - 28,4%; Cilíndricos - 7,9%; Ovais 4,5%; Diversos 12,5%.

Tabela de pesos

Grupo 1, tipo I (2) - Peso máximo 574 gr. / Peso mínimo 504 gr. / Peso médio 538 gr.
Grupo 1, tipo IIA (32) - Peso máximo 701,4 gr. / Peso mínimo 134,5 gr / Peso médio 404.9 gr.
Grupo 1, tipo IIB (2) - Peso máximo 574,6 gr. / Peso mínimo 388,2 gr. / Peso médio 481.4 gr.
Grupo 1, tipo III (2) - Peso máximo 383.0 gr. / Peso mínimo 210.8 gr. / Peso médio 296.9 gr.
Grupo 1, Indeterminado (4) - Peso máximo 450.8 gr./ peso mínimo 87,7 gr. / Peso médio 249.2 gr.

———————

Grupo 2, tipo I (4) - Peso máximo 805.0 gr. / Peso mínimo 175,8 gr, / Peso médio 477.3 gr.
Grupo 2, tipo II (14) - Peso máximo 749,5 gr. / Peso mínimo 163.5 gr. / Peso médio 365.3 gr.
Grupo 2, tipo III (1) - Peso máximo 227,9 gr. / Peso mínimo 227,9 gr. / Peso médio 227,9 gr.
Grupo 2, tipo IV (2) - Peso máximo 559.0 gr. / Peso mínimo 87.4 gr. / Peso médio 323.2 gr.
Grupo 2, Indeterminado (4) - Peso máximo 390.5 gr. / Peso mínimo 222,3 gr. 7 Peso médio 338.3 gr.

———————

Grupo 3, tipo I (6) - Peso máximo 270.7 gr. / Peso mínimo 163.3 gr. / Peso médio 208.3 gr.
Grupo 3, Indeterminado (1) - Peso máximo 189,9 gr. / Peso mínimo 189,9 gr. / Peso médio 189,9 gr.

———————

Grupo 4, tipo I (3) - Peso máximo 177,1 gr. / Peso mínimo 85.9 gr. / Peso médio 121.0 gr.
Grupo 4, Indeterminado (1) - Peso máximo 157,7 gr. / Peso mínimo 157,7 gr. / Peso médio 157,7 gr.

———————

Grupo 5, cerâmico (4) - Peso máximo 391,3 gr. / Peso mínimo 122,1 gr. / Peso médio 264.3 gr.
Grupo 5, líticos (7) - Peso máximo 363,7 gr. / Peso mínimo 32,3 gr. / Peso médio 157.4 gr.

———————

O peso consiste num elemento fundamental na classificação e interpretação funcional dos pesos, mesmo considerando que o peso do momento da sua recolha não corresponda exactamente ao peso original, uma vez que o desgaste parece constituir um denominador comum em todos os exemplares recolhidos, resultante da sua utilização, designadamente do processo de erosão provocada pela fricção entre eles[878].
Numa primeira análise constata-se que os pesos de tear de Alvarelhos registam uma grande variabilidade de peso, registando-se discrepâncias na ordem dos 540 gr., pelo que é admissível que seriam utilizados em diferentes teares e/ou sobre diferentes tipos de fibras. No entanto, não valorizando as excepções verifica-se que a média dos grupos e tipos mais abundantes registam pesos bastante uniformes destacando-se, por exemplo, o grupo mais numeroso - Grupo I, Tipo IIA – *Trapezoidal* / *Secção rectangular, orifício lateral* - com um total de 32 pesos regista uma média bastante uniforme que ronda os 400 gr., que constitui, aliás, a média verificada noutras realidades arqueológicas como, por exemplo, Conímbriga (FABRE 1979, 57). O segundo grupo, mais numeroso – Tipo II – *Paralelepipédico* / *Secção rectangular, orifício lateral* –, com 14 ocorrências, apesar da larga amplitude entre o peso mais pesado e o mais leve, respectivamente 749,5 gr. e

[878] Por exemplo, em Conímbriga, constatou-se num grande número de pesos um desgaste mais ou menos tipificado que abrangia a metade superior ou a metade inferior das peças, facto que suscitou uma explicação baseada na existência de uma ligeira *decalage* entre as duas fileiras de pesos no mesmo tear, implicando a urdidura da teia uma oscilação dos pesos que provocaria a fricção entre eles e, consequentemente, o desgaste. Admitindo-se ainda a possibilidade do caso dos pesos terem servido alternadamente nas duas fileiras, de o desgaste ser uniforme e, portanto, poder originar interpretações erróneas das formas dos pesos, nomeadamente dos de forma paralelipipédica, podendo estes assumir uma configuração cilíndrica resultante do processo de desgaste (FABRE 1979, 55).

163.5 gr., regista uma média bastante uniforme que ronda os 360 gr., podendo considerar-se nos dois casos que os pesos poderiam ser usados simultaneamente no mesmo tear de forma a manter a regularidade da trama, isto se, naturalmente, não se der o caso da utilização de diferentes tipos de fios e fibras que necessitassem de pesos diferentes, como é provável que acontecesse. Neste conjunto incluem-se todos os pesos do Grupo 2, com excepção do Tipo I, que integra o conjunto dos pesos que compreendem os pesos cuja média ronda os 400 gr., assim como os pesos pertencente ao Grupo I, Tipo III e Indeterminado.
O último conjunto é mais abrangente e de maior heterogeneidade ao nível do peso e da forma, registando-se uma média que oscila entre os 200 e 250 gr., que se poderá explicar no facto de, na maior parte dos casos, constituírem ocorrências descontextualizados, onde, provavelmente a sua função não se vincularia directamente à actividade têxtil.

Tabela de medidas

Fase IIb (1)

Grupo 5, líticos (1) - Altura máxima 43 mm (frag.) / Altura mínima 43 mm / Altura média 43 mm

Fase III (12)

Grupo 1 (5)
Grupo 1, tipo IIA (4) - Altura máxima 125 mm / Altura mínima 59 mm (frag.) / Altura média 108,5 mm.
Grupo 1, Indeterminado (1) - Altura máxima 67 mm / Altura mínima 67 mm / Altura média 67 mm.

———————

Grupo 2 (2)
Grupo 2, tipo II (2) - Altura máxima 79 mm (frag.) / Altura mínima 57 mm (frag.) / Altura média … mm.

———————

Grupo 3 (1)
Grupo 3, tipo I (1) - Altura máxima 69 mm (frag.) / Altura mínima 59 mm (frag.) / Altura média … mm.

———————

Grupo 4 (3)
Grupo 4, tipo I (2) - Altura máxima 68 mm (frag.) / Altura mínima 59 mm (frag.) / Altura média 63.5 mm.
Grupo 4, Indeterminado (1) - Altura máxima … / Altura mínima .... / Altura média … .

———————

Grupo 5 (1)
Grupo 5, líticos (1) - Altura máxima 76 mm / Altura mínima 76 mm / Altura média 76 mm .

———————

Fase IV (1)

Grupo 1 (1)
Tipo II A - Altura máxima 133 mm / Altura mínima 133 mm / Altura média 133 mm.

Fase IV-V (55)

Grupo 1 (23)
Tipo I (1) - Altura máxima 155 mm (frag.) / Altura mínima 155 mm (frag.) / Altura média … mm (frag.)

Tipo II A (17) - Altura máxima 135 mm / Altura mínima 106 mm / Altura média 118,75 mm[879].
Tipo II B (2) - Altura máxima 156 mm / Altura mínima 101 mm / Altura média 128,5 mm.
Tipo III (1) - Altura máxima 104 mm / Altura mínima 104 mm / Altura média … mm.
Tipo Indeterminado (2) - Altura máxima 103 mm / Altura mínima 103 mm / Altura média … mm[880].

Grupo 2 (20)
Tipo I (4) - Altura máxima 163 mm / Altura mínima 145 mm / Altura média 154 mm[881].
Tipo II (11) - Altura máxima 154 mm / Altura mínima 96 mm / Altura média 123,2 mm[882].
Tipo III (1) - Altura máxima 75 mm / Altura mínima 75 mm / Altura média … mm[883].
Tipo IV (1) - Altura máxima 90 mm / Altura mínima 90 mm / Altura média 90 mm.
Tipo Indeterminado (3) - Altura máxima … mm / Altura mínima … mm / Altura média … mm[884].

Grupo 3 (5)
Tipo I (4) - Altura máxima 108 mm / Altura mínima 106 mm / Altura média 107 mm[885].
Tipo Indeterminado (1) - Altura máxima … mm / Altura mínima … mm / Altura média … mm[886].

Grupo 4 (1)
Tipo I (1) - Altura máxima 59 mm / Altura mínima 59 mm / Altura média 59 mm.

Grupo 5 (6)
Cerâmicos (4) - Altura máxima 127 mm / Altura mínima 118 mm / Altura média 122,5 mm[887].
Líticos (2) - Altura máxima 116 mm / Altura mínima 113 mm / Altura média 114,5 mm.

Fase V 19

Grupo 1 (12)
Tipo I (1) - Altura máxima 151 mm / Altura mínima … mm / Altura média … mm.
Tipo II A (9) - Altura máxima 138 mm / Altura mínima 76 mm / Altura média 117,8 mm[888].
Tipo III (1) - Altura máxima 157 mm / Altura mínima … mm / Altura média … mm.
Tipo Indeterminado (1) - Altura máxima 60 mm / Altura mínima … mm / Altura média … mm.

Grupo 2 (3)
Tipo II (1) - Altura máxima 114 mm / Altura mínima … mm / Altura média … mm.
Tipo IV (1) - Altura máxima 120 mm / Altura mínima … mm / Altura média … mm.
Tipo Indeterminado (1) - Altura máxima … mm / Altura mínima … mm / Altura média … mm (frag.).

Grupo 3 (1)
Tipo I (1) - Altura máxima … mm / Altura mínima … mm / Altura média … mm.

Grupo 5 (3)
Líticos (3) - Altura máxima 114 mm / Altura mínima 54 mm / Altura média … mm.

A dimensão, a par do peso e da forma, constitui um elemento fundamental para a sua classificação e interpretação funcional. Os pesos recolhidos apresentam uma certa unidade formal e de dimensão

879 Os pesos fragmentados (n.º 12, 13, 16, 19, 25), não foram considerados para efeitos de cálculo da média.
880 Não foi considerada a dimensão média uma vez que o peso n.º 40 se encontra fragmentado.
881 Não foram considerados para efeitos de identificação a altura mínima e altura média os pesos n.º 45 e 46 uma vez que se encontram fragmentados.
882 Não foram considerados os pesos n.º 48, 50, 51, 52.
883 O peso n.º 61 encontra-se fragmentado.
884 Os pesos n.º 64, 66 e 67 encontram-se fragmentados pelo que não foram contabilizados.
885 Não foram contabilizados os pesos n.º 72 e 73.
886 O peso n.º 74 encontra-se fragmentado.
887 Apenas foram considerados dois pesos, n.º 80 e 83.
888 Não foi considerado o peso n.º 6 pelo facto de se encontrar fragmentado.

sugerindo uma padronização das formas, à qual corresponderá uma mesma aplicação nos respectivos engenhos. Nas Fases III, IV-V e V, o grupo mais numeroso, Grupo 1, Tipo IIA, dos quais foram identificados respectivamente quatro, dezassete e nove exemplares, a média oscila entre 108 e 117 cm[889]. Dentro deste conjunto cabe também o conjunto de onze exemplares do Tipo II, do Grupo 2, apesar da sua talha média, ligeiramente superior (123 cm). O tipo I do Grupo 2 constitui, a seguir ao grupo mencionado, o terceiro conjunto mais numeroso apresentando uma dimensão ligeiramente maior, na ordem média de 154 cm. Os restantes grupos e respectivos subtipos não reúnem exemplares suficientes para uma aferição concreta da sua dimensão média.

Distribuição pelas áreas intervencionadas

Fase IIb 1 (85)

Identificou-se apenas 1 peso (1,13% do total).
Praça (1) - Praça (1)

Fase III 12 (3, 4, 5, 8, 39, 58, 59, 68, 75, 77, 78, 87)

Identificaram-se 12 pesos (13,6 % do total), cuja representação percentual dos diferentes grupos se estabelece da seguinte forma; G1 - 41,6%; G2 - 16,6%; G3 - 8,3%; G4 - 25%; G5 - 8,3%.

Domus do "Grafito" (7) - Ap. I (1) / Ap. II (5) / Ap. V (1)
Domus da "Lucerna do Golfinho" (2) - Ap. II (1) / Ap. III (1)
Praça (3) - Praça ext. (3)

Fase IV 1 (7)

Identificou apenas 1 peso (1,13% do total).
Domus da "Lucerna Cristã" (1) - Ap. Ext. (1).

Fase IV-V 55 (1, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 35, 36, 37, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 61, 62, 64, 66, 67, 69, 70, 72, 73,74, 76, 79, 80, 82, 83, 84, 86)

Identificaram-se 55 pesos (62,5% do total), cuja representação percentual dos diferentes grupos se estabelece da seguinte forma; G1 - 40%; G2 - 36,3 %; G3 - 9 %; G4 - 1,81%; G5 - 10,9%.

Domus da "Colher de Prata" (8) - Ap. I (2) / Ap. II (3) / Ap. III (1) / Ap. IV (2)
Domus da "Lucerna Cristã" (8) - Ap. Pátio (6) / Ap. II (2)
Domus da "Lucerna do Golfinho" (7) - Ap. I (3) / Ap. III (4)
Domus da "Lucerna do Cavalo" (22) - Ap. I (4) / Ap. III (1) / Ap. V (2) / Ap. VII (2) / Ap. Pátio I (4) / Ap. Pátio II (9)
Complexo Artesanal (8) - Ap. V/VII (2) / Ap. Pátio I (6)
Cardus Oeste (1) - Arruamento (1)
Decumanus (1) - Arruamento (1)

Fase V 19 (2, 6, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 38, 42, 60, 63, 65, 71, 88, 89, 90)

Identificaram-se 19 pesos (21,5% do total), cuja representação percentual dos diferentes grupos se estabelece da seguinte forma; G1 - 63,1%; G2 - 15,7%; G3 - 5,26%; G5 - 15,7%.

[889] Em Conímbriga o grupo com exemplares entre 85 e 130 milímetros, constitui também o conjunto mais numeroso (342 exemplares) (FABRE 1979, 57).

Complexo Artesanal (17) - Ap. V (3) / Ap. VIII (3) / Ap. IX (2) / Ap. X (8) / Ap. Pátio I (1).
Domus do "Tesouro" (1) - Ap. I (1)
Decumanus (1) - Arruamento (1)

A área de distribuição dos pesos recolhidos em Alvarelhos compreende praticamente todas as realidades construídas identificadas, tanto públicas como privadas, verificando-se uma certa proporcionalidade nas ocorrências nos diferentes períodos se tivermos em conta a sua representatividade percentual em função da área espacial intervencionada em cada período.
Considerando como referência que cada engenho de dimensão média teria duas fileiras de cerca de 10 a 12 pesos cada, de acordo com representações conhecidas (FABRE 1979, 55; FORBES 1956-1964, IV, fig. 2-A, 39-31), ou, como considera M. Hoffmann, 60 ou 70 para os teares verticais de maiores dimensões (HOFFMANN 1964, 315), as recolhas efectuadas permitem admitir a existência de vários engenhos de tear.
Correspondente à Fase IIb apenas se identificou um exemplar, cuja ocorrência solitária permite concluir que se trata de um peso descontextualizado e destituído da sua função original. A Fase III regista 12 ocorrências, com maior expressão na *Domus do Grafito* com sete exemplares, sendo que cinco deles foram recolhidos no Ap. II, o que, eventualmente, poderá indiciar a existência de um tear no aposento, uma vez que este apenas foi intervencionado parcialmente (vol. I, est. XLIV). Relativamente à Fase IV apenas foi identificado um peso pelo que, à semelhança do peso identificado na Fase IIb, deverá ser entendido como uma ocorrência descontextualizada. A Fase IV-V corresponde ao período ao qual cabe o maior número de ocorrências, 55 no total, dos quais merecem destaque os 22 pesos identificados na *Domus da Lucerna do Cavalo*, apesar da sua ampla distribuição pelos diferentes aposentos da casa não permitir identificar um espaço especifico para a localização de um tear. Merece ainda destaque a ocorrência generalizada de pesos nos diferentes pátios identificados, designadamente o da *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Pátio, onde foram recolhidos seis pesos e, fundamentalmente, na *Domus da Lucerna do Cavalo*, no Pátio I onde se identificaram quatro, no Pátio II onde se recolheram nove e no *Complexo Artesanal* onde, no Pátio I se recolheram seis.
Por último, à Fase V correspondem dezanove pesos, dos quais se destacam os dezassete recolhidos no *Complexo Artesanal* (vol. I, est. XLV), a que, seguramente, corresponderá a existência de um tear, apesar da dispersão dos pesos por cinco aposentos do complexo.

As marcas identificadas sobre os pesos são diminutas e pouco variadas, subdividindo-se apenas em dois grupos; marcas incisas e marcas digitadas prévias à cozedura. As marcas identificadas são exclusivamente constituídas por motivos anepígrafos, designadamente cruciformes, inscritos nas faces laterais e superiores. Entre os motivos digitados prévios à cozedura refira-se o exemplar n.º 15 (vol. II, est. CLXXXIII, n.º 15), que apresenta na face frontal um X de recorte simétrico e bem centrado no eixo da peça. O peso n.º 59 apresenta um motivo inciso, também executado num momento prévio à cozedura, produzido a partir da utilização de um estilete. A marca encontra-se inscrita no topo superior da peça e é constituída por três traços que formam um motivo cruciforme composto por seis hastes de recorte irregular, embora bem centrada (vol. II, est. CLXXXVI, n.º 59).
Este tipo de marcas, pelo facto de se realizarem num momento prévio à cozedura, parecem sugerir uma interpretação relacionada com o seu lugar de proveniência, especificamente com a oficina de fabrico ou com a acção de algum dos ceramistas em particular, executado para diferenciar lotes ou, por exemplo, para balizar quantitativamente uma série produzida. Outra interpretação, também plausível, relaciona-se com uma eventual aplicação particular dentro da urdidura da teia, correspondendo, naturalmente, a um posicionamento específico na fileira e ordenamento dos pesos. O aspecto ornamental ou mesmo simbólico é também admissível como propósito específico e exclusivo deste tipo de marcas.

Por último, entre os motivos incisos encontra-se um exemplar lítico (vol. II, est. CLXXXIX, n.º 90), cujo motivo é composto por uma cruz simples de recorte irregular, inscrita na face frontal. Na face anterior apresenta um conjunto de sulcos que não formam qualquer composição.

Em síntese, o numeroso e diversificado acervo de *aequipondia* recolhidos em Alvarelhos permite admitir que a actividade têxtil se encontrava plenamente generalizada nos diferentes momentos cronológicos identificados, tendo-se documentado em todas habitações elementos suficientes para se depreender que o tear constituía uma realidade sempre presente. Da colecção estudada ressalta uma assinalável uniformidade técnico-formal, com pouca evolução morfológica ao longo da sua longa cronologia. Os centros produtores que se ocuparam da sua produção seriam constituídos pelas oficinas que produziam material de cerâmica de construção, como parecem corroborar algumas das análises que se produziram sobre estes materiais, dos quais se identificaram sete grupos relacionados, em particular o grupo 4, 18 e 24 que é consistente com os materiais de construção analisados (tégulas e imbrices; Grupo 4 - Alv. 96 B, Ig. 280; Alv. 97 B, Ig. 5462; Alv. 97 B, Ig. 6351 / Grupo 18 - Alv. 97B, Ig. 5461 / Grupo 24 - Alv. 97 B, Ig. 5569)[890]. Do conjunto de Barreiros analisados nas imediações de Alvarelhos nenhum dos grupos constituídos apresenta correspondência ao nível percentual dos principais constituintes. Todavia, o grupo de materiais de construção, que não encontra correspondência com a produção de pesos de tear, é consistente com um alargado número de cerâmicas comuns, designadamente de cerâmicas pintadas[891].

[890] Veja-se, Capítulo V, 6.1.9. *Cerâmica comum. Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico*, nomeadamente as tabelas relativas às analises por espectrometria de fluorescência de Raio X.
[891] Idem.

Pesos de tear

Nº Invt.º	Proveniência	Grupo	Tipo	Pasta	Decoração	Peso	Anál. Química	Estampa
1. Alv. 93 A, op. 561	corte est. 7, camada 0 / Fase IV-V	1	I	B	----	574 gr.	----	----
2. Alv. 98 B1, A1, op. 154	corte est. 1 , camada 0 / Fase V	1	I	B	----	504 gr.	----	----
3. Alv. 86 A1, op. 10	corte est. 1, camada 2 / Fase III	1	II A	B	depressões circulares	355,2 gr.	----	----
4. Alv. 86 A1, op. 36	corte est. 1, camada 2 / Fase III	1	II A	K	----	431,3 gr.	s/ grupo	----
5. Alv. 86 A1, op. 484	corte est. 1, camada 2 / Fase III	1	II A	A	----	280,2 gr.	----	----
6. Alv. 92 A, op. 87	corte est. 12, camada 1 / Fase V	1	II A	A	----	172,2 gr.	----	----
7. Alv. 94 A, op. 09	corte est. 5, camada 0 / Fase IV	1	II A	E	----	701,4 gr.	----	----
8. Alv. 96 B, A3, op. 15	corte est. 1, camada 0 / Fase III	1	II A	A	----	134,5 gr.	----	----
9. Alv. 94 A, op. 182	corte est. 9 , camada 1 / Fase IV-V	1	II A	J	----	499,2 gr.	----	----
10. Alv. 97 B3, A1, op. 274	corte est. 5, camada 0 / Fase IV-V	1	II A	A	----	315,6 gr.	----	----
11. Alv. 94 A, op. 184	corte est. 8 , camada 2 / Fase IV-V	1	II A	B	----	572,3 gr.	----	----
12. Alv. 97 B1, A2, op. 147	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	1	II A	D	----	145,2 gr.	Grupo 24	----
13. Alv. 94 A, op. 201b	corte est. 10, camada 1 / Fase IV-V	1	II A	A	----	395,3 gr.	----	----
14. Alv. 95 A4, op. 2	corte est. 1, camada 0 / Fase IV-V	1	II A	A	----	331,9 gr.	----	----
15. Alv. 95 B, A4, op. 153b	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	1	II A	B	grafito em forma de X	518,9 gr.	----	est. CLXXXIII, n.º 15
16. Alv. 97 B3, A1, op. 35	corte est. 4, camada 0 / Fase IV-V	1	II A	D	----	207,0 gr.	----	----
17. Alv. 97 B6, A1, op. 361	corte est. 7, camada 0 / Fase V	1	II A	G	----	412,6 gr.	----	----
18. Alv. 97 B6, A1, op. 363	corte est. 7, camada 0 / Fase IV-V	1	II A	B	----	493,4 gr.	----	----
19. Alv. 97 B6, A1, op. 364	corte est. 7, camada 0 / Fase V	1	II A	B	----	346,0 gr.	----	----
20. Alv. 95 B, A4, op. 153d	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	1	II A	A	----	342,3 gr.	----	----
21. Alv. 95 B, A4, op. 153e	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	1	II A	A	----	493,9 gr.	Grupo 4	----
22. Alv. 97 B2, A2, op. 96	corte est. 2, camada 0 / Fase IV-V	1	II A	A	----	428,4 gr.	----	----
23. Alv. 96 B, A4, lg. 1763	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	1	II A		----	422,8 gr.	----	----
24. Alv. 95 B, op. 153f	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	1	II A	A	----	258,4 gr.	Grupo 4	----
25. Alv. 96 B, A4, lg. 1871	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	1	II A	B	----	288,0 gr.	----	----
26. Alv. 98 B1, A1, op.	corte est. 1, camada 0 / Fase V	1	II A	E	----	520,0 gr.	----	----
27. Alv. 98 B3, A2, op. 7	corte est. 3, camada 1 / Fase V	1	II A	C	----	318 gr.	----	----
28. Alv. 98 B1, A1, op. 217	corte est. 1, camada 0 / Fase V	1	II A	B	----	633,8 gr.	----	----
29. Alv. 98 B1, A1, op. 176	corte est. 1, camada 0 / Fase V	1	II A	A	----	542,9 gr.	----	----
30. Alv. 98 B1, A1, op. 92	corte est. 3, camada 1 / Fase V	1	II A	A	----	471,1 gr.	----	----
31. Alv. 98	achado de superfície	1	II A	A	----	360,2 gr.	----	----
32. Alv. 98 B1, A1, op. 91	corte est. 3, camada 1 / Fase V	1	II A	E	----	608,1 gr.	----	----
33. Alv. 98 B1, A1, lg. 295	corte est. 1, camada 1 / Fase V	1	II A	C	----	493,2 gr.	----	----
34. Alv. 98 B1, A1, op. 1	corte est. 3, camada 1 / Fase V	1	II A	C	----	466,0 gr.	----	----
35. Alv. 93 A, lg. 561a	corte est. 7, camada 2 / Fase IV-V	1	II B		----	574,6 gr	----	----
36. Alv. 95 B. A4, op. 153a	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	1	II B	A	----	388,2 gr.	----	est. CLXXXIII, n.º 36
37. Alv. 97 B3, A1 op. 208	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	1	III	A	----	210,8 gr.	----	est. CLXXXIV, n.º 37
38. Alv. 97 B3, A1, lg. 4295	corte est. 5, camada 1 / Fase V	1	III	H	----	383,0 gr.	----	----

39. Alv. 86 A1, op. 11	corte est. 1, camada 2 / Fase III	1	Indeterminado	A	----	87,7 gr.	----	----
40. Alv. 94 A, op. 10	corte est. 5, camada 0 / Fase IV-V	1	Indeterminado	E	----	450,8 gr.	----	----
41. Alv. 94 A, op. 154	corte est. 8, camada 2 / Fase IV-V	1	Indeterminado	J	----	323,3 gr.	Grupo 10	----
42. Alv. 97 B3, A1, op. 02	corte est. 4, camada 1 / Fase V	1	Indeterminado	A	----	135,3 gr.	----	----
43. Alv. 93 A. lg 2519	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	2	I	B	----	805,0 gr.	----	est. CLXXXIV, n.º 43
44. Alv. 97 B3, A1, op. 205	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	2	I	G	----	349,6 gr.	Grupo 19	----
45. Alv. 97 B3, A1, op. 278	corte est. 6, camada 1 / Fase IV-V	2	I	F	----	175,8 gr.	----	----
46. Alv. 97 B1, A2, op. 167	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	2	I	G	----	579,0 gr.	----	----
47. Alv. 93 A, lg. 560	corte est. 7 , camada 2 / Fase IV-V	2	II	A	----	290,9 gr.	----	----
48. Alv. 93 A, lg. 890	corte est. 8, camada 0 / Fase IV-V	2	II		----	249,0 gr.	----	----
49. Alv. 94 A, op. 11	corte est. 5 , camada 0 / Fase IV-V	2	II	A	----	377,4 gr.	----	est. CLXXXV, n.º 49
50. Alv. 97 B3, A1, op. 88	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	2	II	C	----	327,7 gr.	----	----
51. Alv. 94 A, op. 201a	corte est. 10, camada 1 / Fase IV-V	2	II	B	----	243,8 gr.	Grupo 24	----
52. Alv. 97 B3, A1, op. 277	corte est. 6, camada 1 / Fase IV-V	2	II	C	----	201,2 gr.	Grupo 19	----
53. Alv. 95 B, A4, op. 40	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	2	II	D	----	476,9 gr.	----	----
54. Alv. 97 B3, A1, op. 209	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	2	II	D	----	656,3 gr.	----	----
55. Alv. 95 B, A4, op. 136	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	2	II	D	----	749,5 gr.	----	est. CLXXXV, n.º 55
56. Alv. 97 B2, A2, op. 02	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	2	II	A	----	319,4 gr.	----	----
57. Alv. 95 B, A4, op. 153C	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	2	II	C	----	408,8 gr.	----	----
58. Alv. 96 B, A3, op. 186	corte est. 1, camada 0 / Fase III	2	II	E	----	163,5 gr.	Grupo 20	----
59. Alv. 96 B, A3, op. 210	corte est. 1, camada 0 / Fase III	2	II	D	grafito "X"	352,5 gr.	----	est. CLXXXVI, n.º 59
60. Alv. 98 B1, A1, op. 222	corte est. 3 , camada 1 / Fase V	2	II	B	---	297,5 gr.	----	----
61. Alv. 94 A, op. 87	corte est. 9 ,camada 1 / Fase IV-V	2	III	A	----	227,9 gr.	----	----
62. Alv. 97 B1, A2, op. 05	corte est. 3, camada 0 / Fase IV-V	2	IV	E	----	559,0 gr.	----	est. CLXXXVI, n.º 62
63. Alv. 98 B1, A1, op. 127	corte est. 3, camada 0 / Fase V	2	IV	J	----	87,4 gr	----	----
64. Alv. 94 A, op. 196a	corte est. 10, camada 1 / Fase IV-V	2	Indeterminado	A	----	374,0 gr.	----	----
65. Alv. 97 B3, A1, op. 15	corte est. 4, camada 1 / Fase V	2	Indeterminado	G	----	222,3 gr.	----	----
66. Alv. 94 A, op. 196B	corte est. 9, camada 1 / Fase IV-V	2	Indeterminado	B	----	390,5 gr.	----	----
67. Alv. 97 B2, A2, op. 09	corte est. 2, camada 0 / Fase IV-V	2	Indeterminado	I	----	366,6 gr.	----	----
68. Alv. 86 A4, op. 17	corte est. 2, camada 2 / Fase III	3	I	F	----	163,4 gr.	s/ grupo	----
69. Alv. 96 B, A4 , op. 74	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	3	I	F	----	240,5 gr.	----	----
70. Alv. 97 B1, A2 op. 159	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	3	I	I	----	180,4 gr.	Grupo 13	----
71. Alv. 96 B, A1, lg 7723	corte est. 2, camada 0 / Fase V	3	I	B	----	270,7 gr.	----	est. CLXXXVII, n.º 71
72. Alv. 97 B3, A1, op. 284	corte est. 6, camada 1 / Fase IV-V	3	I	C	----	231,7 gr.	----	----
73. Alv. 97 B3, A1, op. 285	corte est. 6, camada 1 / Fase IV-V	3	I	C	----	163,3 gr.	----	----
74. Alv. 95 B, lg. 1992	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	3	Indeterminado		----	189,9 gr.	----	----
75. Alv. 86 A2, op. 689	corte est. 2, camada 2 / Fase III	4	I	H	----	100,1 gr.	----	est. CLXXXVII, n.º 75
76. Alv. 97 B3, A1, op. 89	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	4	I	I	----	177,1 gr.	----	est. CLXXXVII, n.º 76
77. Alv. 98 B3, A2, op. 34	corte est. 3 , camada 6 / Fase III	4	I	A	----	85.9 gr.	----	----
78. Alv. 86 B, A1, op. 262	corte est. 1, camada 2 / Fase III	4		H	----	157,7 gr.	Grupo 18	----
79. Alv. 96 B, A4, lg. 4061	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	5	Cerâmico		----	122,1 gr.	----	----

80. Alv. 97 B3, A1, op. 82	corte est. 4, camada 1 / Fase IV	5	Cerâmico	A	----	353,9 gr.	----	est. CLXXXVIII, n.º 80
81. ----	----	----	----		----	----	----	----
82. Alv. 97 B3, A1, lg. 2968	corte est. 6, camada 1 / Fase IV-V	5	Cerâmico	J	----	189,9 gr.	----	----
83. Alv. 97 B1, A2, op. 112	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	5	Cerâmico	J	----	391,3 gr.	----	----
84. Alv. 93 A, lg. 2041	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	5	Lítico	--	----	363,7 gr.	----	----
85. Alv. 96 B, A3, lg. 10486	corte est. 1, camada 1b / Fase IIb	5	Lítico	--	----	25,1 gr.	----	est. CLXXXVIII, n.º 85
86. Alv. 97 B3, A1, op. 343	corte est. 6, camada 2 / Fase IV-V	5	Lítico	--	----	332,5 gr.	----	est. CLXXXVIII, n.º 86
87. Alv. 98 B3, A2, op. 21	corte est. 3, camada 5 / Fase III	5	Lítico	--	----	91,0 gr.	----	----
88. Alv. 98 B1, A1, op. 76	corte est. 3, camada 1 / Fase V	5	Lítico	--	----	174,5 gr.	----	est. CLXXXIX, n.º 88
89. Alv. 98 B1, A1, op. 106	corte est. 1, camada 1 / Fase V	5	Lítico	--	----	32,3 gr.	----	est. CLXXXIX, n.º 89
90. Alv. 97 B, op. 38	corte est. 5, camada 1 / Fase V	5	Lítico	--	grafito "X"	83,3 gr.	----	est. CLXXXIX, n.º 90

Pesos de tear – Análise por espectrometria por fluorescência de Raios X

Constituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Grupo 4															
Valor médio	51,55	36,13	7,28	2,75	0,13	1,29	0,04	0,06	442	525	90	287	303	---	
Desvio padrão	1,00	1,98	0,90	0,84	0,02	0,06	0,11	0,01	44	65	20	33	13	---	
24. Alv. 95 B, op. 153f	50,43	38,29	6,35	2,60	0,15	1,22	0,03	0,76	413	540	102	323	310	---	

Constituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Grupo 10															
Valor médio	57,12	29,76	6,39	4,00	0,29	1,03	0,14	1,06	622	423	82	303	629		
Desvio padrão	0,11	0,82	0,95	0,16	0,02	0,03	0,06	0,09	12	125	14	13	101		
41. Alv. 94 A, op. 154	57,20	30,34	5,71	4,11	0,28	1,05	0,09	1,00	630	511	92	312	558	---	

Constituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Grupo 13															
Valor médio	57,84	29,87	5,82	3,74	0,49	1,00	0,21	0,88	599	306	101	232	266		
Desvio padrão	1,89	1,61	1,02	0,60	0,30	0,23	0,04	0,21	93	39	16	58	41		
70. Alv. 97 B, op, 159	58,73	29,28	6,13	3,57	0,56	0,64	0,23	0,73	519	273	82	151	221	---	

Constituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Grupo 18															
Valor médio	54,16	33,91	4,55	4,70	0,38	1,17	0,08	0,86	599	529	59	327	263		
Desvio padrão	0,42	2,33	1,35	0,96	0,07	0,11	0,03	0,27	32	28	9	29	53		
78. Alv. 86, op. 262	54,45	35,55	3,60	4,02	0,33	1,09	0,10	0,67	621	509	65	306	226	---	

Constituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Grupo 19															
Valor médio	64,02	25,78	3,92	4,03	0,67	0,53	0,11	0,82	311	243	57	247	211		
Desvio padrão	1,53	0,54	1,01	0,32	0,45	0,13	0,01	0,29	72	32	8	21	46		
44. Alv. 97 B, op. 205	62,84	25,73	5,01	4,21	0,61	0,68	0,10	0,69	383	280	63	271	264	---	
52. Alv. 97 B, op. 277	65,75	25,27	3,75	3,67	0,25	0,48	0,11	0,62	310	231	60	235	186	---	

Constituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Grupo 20															
Valor médio	60,20	28,72	5,69	2,92	0,20	1,23	0,08	0,82	533	352	69	237	236		
Desvio padrão	1,22	0,78	0,50	0,70	0,00	0,04	0,01	0,18	88	11	11	32	21		
58. Alv. 96 B, op. 186	61,06	28,17	6,04	2,43	0,20	1,20	0,08	0,69	471	344	77	259	251	---	
Constituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações

Constituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Grupo 24															
Valor médio	69,31	21,35	3,63	3,54	0,65	0,73	0,09	0,58	425	288	59	173	223		
Desvio padrão	2,41	1,57	0,69	0,43	0,08	0,08	0,00	0,09	35	17	14	25	30		
12. Alv. 97 B, op. 147	72,07	19,56	3,18	3,06	0,73	0,73	0,09	0,48	402	281	51	168	186	---	
51. Alv. 94 A, op. 201	68,20	22,50	3,29	3,88	0,65	0,65	0,09	0,62	466	277	75	201	133	---	

Constituição	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Amostras não agrupadas															
4. Alv. 86, op. 36	52,28	38,18	4,13	3,41	0,17	0,60	0,04	1,08	176	401	39	341	181	---	
69. Alv. 96 B, op. 74	58,12	33,50	2,45	4,04	0,18	1,05	0,03	0,42	639	747	88	228	236	---	

Catálogo

Grupo 1 - *Trapezoidal*
Tipo I - Secção quadrangular, orifício lateral (1-2)

1. Alv. 93 A, op. 561 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo I, Pasta B. Encontra-se fracturado na sua face inferior não permitindo inferir o comportamento do remate. Faces planas com rugosidade acentuada. Cantos superiores arredondados com assinalável desgaste. Orifício simétrico e horizontal. Na superfície revela pequenas irregularidades resultantes da ausência de alguns elementos não-plásticos constituintes da pasta que se desprenderam (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 61 mm; Espessura máxima 59 mm; Altura máxima 155 mm; Peso 574 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 0.

2. Alv. 98 B1, A1, op. 154 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo I, Pasta B. Faces planas e cantos muito arredondados. A face superior é perfeitamente plana com pequeno ressalto resultante da moldagem da peça. O canto inferior encontra-se completamente arredondado. Orifício descentrado, sendo ainda visíveis os vestígios de alargamento da entrada de ambos os lados com o respectivo arrastamento da pasta. A superfície é algo irregular mas encontra-se polida (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 58 mm; Espessura máxima 45 mm; Altura máxima 151 mm; Peso 504. 4 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal* , Ap. X, corte estratigráfico 1, camada 0.

Tipo II A - Secção rectangular, orifício lateral (3-34)

3. Alv. 86. A1, op. 10 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo B. Fracturado na parte superior ao nível do orifício e numa das faces laterais. Faces laterais, frontais e inferior planas. As faces frontais apresentam algum desgaste e numa delas são perceptíveis duas depressões circulares. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 65 mm; Espessura máxima 37 mm; Altura máxima 103 mm; Peso 355,2 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. II, Fase III, corte estratigráfico 1, camada 2.

4. Alv. 86. A1, op. 36 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo K. Fracturado numa das faces frontais, apresenta nestas algum desgaste. Faces laterais, frontais e inferior planas. Face superior semicircular. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 71 mm; Espessura máxima 37 mm; Altura máxima 125 mm; Peso 431,3 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. II, Fase III, corte estratigráfico 1, camada 2.

5. Alv. 86. A1, op. 484 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1,Tipo II A, Pasta grupo A. Fracturado na face inferior. Faces frontais e laterais planas. Face superior semicircular. Apresenta algum desgaste nas faces frontais. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 67 mm; Espessura máxima 41 mm; Altura máxima 100 mm; Peso 280,2 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. II, Fase III, corte estratigráfico 1, camada 2.

6. Alv. 92 A, op. 87 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo A. Fracturado na parte inferior. Faces frontais planas, laterais arredondadas e a superior semicircular. Algum desgaste nas faces frontais (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 59 mm; Espessura máxima 33 mm; Altura máxima 86 mm; Peso 172,2 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. I, corte estratigráfico 12, camada 1.

7. Alv. 94 A, op. 09 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo E. Peso com faces frontais, laterais, inferior e superior planas. Revela um certo desgaste nas faces frontais e diversas depressões. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 71 mm; Espessura máxima 44 mm; Altura máxima 133 mm; Peso 701,4 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 0.

8. Alv. 96 B, A3, op. 15 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo A. Peso com faces frontais, laterais e superior planas. Revela pequenas depressões, um pouco por toda a peça. Vértices arredondados. Orifícios ligeiramente ovais com algum desgaste na sua parte superior (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 68 mm; Espessura máxima 37 mm; Altura máxima 59 mm; Peso 134,5 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

9. Alv. 94 A, op. 182 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo J. Face inferior fragmentada. Faces frontais e laterais planas e face superior semicircular. Apresenta algum desgaste nas faces frontais sendo visíveis duas depressões muito acentuadas. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 78 mm; Espessura máxima 48 mm; Altura máxima 126 mm; Peso 499,2 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Pátio interior, corte estratigráfico 9, camada 1.

10. Alv. 97 B3, A1, op. 274 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo A. Faces frontais planas, ainda que uma delas esteja fracturada. As faces laterais e superior são semicirculares. A face inferior encontra-se muito irregular. A peça apresenta um maior polimento nas faces frontais, do que nas faces laterais, onde as impurezas da pasta deixam algumas depressões (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 62 mm; Espessura máxima 36 mm; Altura máxima 120 mm; Peso 315,6 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 5, camada 0.

11. Alv. 94 A, op. 184 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo B. Faces planas. É visível algum desgaste nas faces frontais e no seu todo revela pequenas depressões consequência do desprendimento de impurezas da pasta. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 71 mm; Espessura máxima 42 mm; Altura máxima 135 mm; Peso 572, 3 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 2.

12. Alv. 97 B1, A2, op. 147 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo D. Fragmento de peso com as faces frontais, laterais e superior planas. É visível algum desgaste nas faces frontais e pequenas depressões no seu todo. Vértices arredondados. Orifícios ligeiramente ovais denotam algum desgaste na parte superior (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 61 mm; Espessura máxima 42 mm; Altura máxima 52 mm; Peso 145,2 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

13. Alv. 94 A, op. 201b - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo A. Fragementado na face inferior. Possui as faces frontais, laterais e superior planas. Desgaste nas faces frontais e algumas depressões. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 81 mm; Espessura máxima 43 mm; Altura máxima 94 mm; Peso 395,3 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Pátio exterior e Forno, corte estratigráfico 10, camada 1.

14. Alv. 95 A4, op. 2 - Peso de tear pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta Grupo A. Peso com as faces frontais e laterais planas. As faces superior e inferior são semicirculares. Polimento homogéneo apesar de alguma rugosidade. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 60 mm; Espessura máxima 43 mm; Altura máxima 116 mm; Peso 331, 9 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 0.

15. Alv. 95 B, A4, op. 153 B - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo B. Peso com faces frontais, laterais e superior planas, ainda que esta última e a inferior estejam, parcialmente, fragmentadas. Apresenta algum desgaste nas faces frontais e no seu todo múltiplas depressões. Vértices arredondados. Numa das faces frontais tem um grafito em forma de " X ", efectuado no momento da modelação do peso (vol. II, est. CLXXXII, n.º 15).
Dim. - Largura máxima 88 mm; Espessura máxima 36 mm; Altura máxima 114 mm; Peso 518,9 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

16. Alv. 97 B3, A1, op. 35 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo D. Peso com faces laterais, frontais e superior planas. Uma das faces laterais está, parcialmente, fragmentada. Apresenta algum polimento nas faces frontais. Nas faces laterais denota alguma rugosidade devido a impurezas da pasta. Num dos orifícios, de forma oval, é possível observar algum desgaste (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 64 mm; Espessura máxima 46 mm; Altura máxima 71 mm; Peso 207,0 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus* da *Lucerna do Golfinho*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 4, camada 0.

17. Alv. 97 B6, A1, op. 361 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo G. Fracturado ao nível do orifício. Tem as faces frontais, laterais e inferior planas. É visível em cada uma das faces frontais, depressões muito acentuadas, mas sem polimento. Superfície muito rugosa (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 65 mm; Espessura máxima 49 mm; Altura máxima 118 mm; Peso 412,6 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Cardus Oeste,* Fase IV-V, corte estratigráfico 7, camada 0.

18. Alv. 97 B6, A1, op. 363 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo B. Faces todas planas, ainda que as superior e inferior estejam algo irregulares. Apresenta um desgaste muito acentuado nas faces frontais. Um dos lados do orifício denota um certo desgaste. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 66 mm; Espessura máxima 45 mm; Altura máxima 116 mm; Peso 493,4 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. VIII, corte estratigráfico 7, camada 0.

19. Alv. 97 B6, A1, op. 364 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo B. Fragmento de peso (parte superior) com as faces frontais, laterais e superior planas. As faces frontais denotam o habitual polimento resultante da sua utilização. Vértices arredondados. Um dos lados do orifício apresenta uma certa irregularidade na sua forma que terá acontecido por altura da sua modelação (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 83 mm; Espessura máxima 47 mm; Altura máxima 75 mm; Peso 346,0 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. VIII, corte estratigráfico 7, camada 0.

20. Alv. 95 B, A4, op. 153d - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo A. Peso com faces frontais e laterais planas. As faces superior e inferior indiciam ter sido semicirculares mas encontram-se, parcialmente, fragmentadas. Apresenta um desgaste mais acentuado nas faces frontais e diversas depressões.
Dim. - Largura máxima 68 mm; Espessura máxima 42 mm; Altura máxima 117 mm; Peso 342,3 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

21. Alv. 95 B, A4, op. 153e - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo A. Peso com as faces planas. As faces laterais são, uma plana e a outra arredondada. A inferior é plana e a superior está, parcialmente fragmentada. O habitual desgaste detecta-se nas faces frontais, sendo, igualmente, visíveis diversas depressões. Vértices arredondados. Podem observar-se vestígios de carvões e cinzas indiciando que tenha estado num ambiente de incêndio (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 70 mm; Espessura máxima 45 mm; Altura máxima 126 mm; Peso 493.9 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

22. Alv. 97 B2, A2, op. 96 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo A. Faces planas. É notório algum desgaste nas faces frontais, traduzível num certo polimento. São, igualmente, visíveis algumas depressões. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 68 mm; Espessura máxima 47 mm; Altura máxima 106 mm; Peso 428,4 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 2, camada 0.

23. Alv. 96 B, A4, Ig 1763 - Peso de tear pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo ?. Peso com as faces frontais, laterais e superior planas e a inferior semicircular. A parte superior denota uma ligeira inclinação. Nas faces frontais e laterais tem um polimento mais ou menos homogéneo, apesar de se encontrar fragmentado e revelar alguma irregularidade na superfície. As faces superior e inferior não apresentam o polimentos. As faces frontais tem uma ligeira concavidade, ainda que uma delas seja menos acentuada que a outra. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 67 mm; Espessura máxima 39 mm; Altura máxima 123 mm; Peso 422, 8 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

24. Alv. 95 B, op. 153f - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo A. Fragmento de peso com as faces frontal, superior e laterais planas. A face anterior encontra-se framentada. Uma das faces laterais é ligeiramente mais saliente que a outra. No fragmento da face frontal é notório algum desgaste, e no seu todo registam-se múltiplas depressões. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 63 mm; Espessura máxima 47 mm; Altura máxima 108 mm; Peso 258,4 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

25. Alv. 96 B, A4, Ig. 1871 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo B. Fragmento de peso com as faces frontais, laterais e superior planas. É visível o normal desgaste das faces frontais e pequenas depressões no seu todo. Um dos vértices está partido e os restantes são arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 63 mm; Espessura máxima 47 mm; Altura máxima 95 mm; Peso 288,0 gr.
Prov. – Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

26. Alv. 98 B1, A1, op. 154a - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo E. Peso com as faces frontais, laterais e superior planas ainda que esta última e a inferior estejam parcialmente fragmentadas. Apresenta algum desgaste nas faces frontais e no seu todo múltiplas depressões consequência do destaque das impurezas da pasta. Vértices ligeiramente arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Altura máxima 115 mm; Largura máxima 74 mm; Espessura máxima 41 mm; Peso 520 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 1, camada 0.

27. Alv. 98 B3 A2, op. 7 - Fragmento de peso em cerâmica pertencente ao Grupo I, tipo II A, Pasta tipo C. Face frontal e anterior plana com sinais evidentes de desgaste. Faces laterais também planas. Superfícies ligeiramente irregulares devido ao destaque de impurezas da pasta. Vértices inferiores arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Altura máxima 76 mm; Largura máxima 68 mm; Espessura máxima 41 mm; Peso 318 gr..
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase V, *Decumanus*, corte estratigráfico 3, camada 1.

28. Alv. 98 B1, A1, op. 217 – Peso em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta tipo B. Face anterior e posterior planas com polimento acentuado e ligeiras depressões de fissuração. Faces laterais planas e ligeira rugosidade. Orifício transversal ligeiramente descentrado. Ombros superiores muito arredondados. Face inferior com ressalto, provavelmente ocasionado no momento de fabrico (n/ilustrado).
Dim. - Altura máxima 133 mm; Largura máxima 65 mm; Espessura máxima 50 mm; Peso 633. 8 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 1, camada 0.

29. Alv. 98 B1, A1, op. 176 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo A. Peso com faces frontais, laterais e superior e inferior planas, encontrando-se esta última parcialmente fragmentada. Fragmentado na face superior ao nível do orifício transversal. Apresenta algum desgaste numa das faces frontais e no seu todo múltiplas depressões consequência do destaque de impurezas da pasta. Vértices ligeiramente arredondados (n/ilustrado).

Dim. - Altura máxima 128 mm; Largura máxima 74 mm; Espessura máxima 52 mm; Peso 542. 9 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 1, camada 0.

30. Alv. 98 B1, A1, op. 92 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo A. Peso com faces frontais, muito polidas e ligeiramente lascado. Faces laterais com perfil ligeiramente reentrante. Fragmentado na face superior ao nível do orifício transversal, que se encontra simetricamente localizado. Apresenta algum desgaste numa das faces frontais e no seu todo múltiplas depressões consequência do destaque de impurezas da pasta. Arestas arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Altura máxima 118 mm; Largura máxima 66 mm; Espessura máxima 49 mm; Peso 471.1 gr.
Prov. - Espaço Religioso , Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. IX, corte estratigráfico 3, camada 1.

31. Alv. 98, achado de superfície 1 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo A. Peso com faces frontais, laterais e inferior planas. Fragmentado na face superior ao nível do orifício transversal. Apresenta algum desgaste numa das faces frontais e rugosidade acentuada em todo o resto. Encontra-se decorado na face frontal com duas estampilhas com motivos circulares denteados (n/ilustrado).
Dim. - Altura máxima 97 mm; Largura máxima 60 mm; Espessura máxima 51 mm; Peso 360.2 gr..
Prov. - Achado de superfície.

32.Alv. 98 B1, A1, op. 91 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo E. Faces planas com polimento acentuado numa das faces frontais. Possui os cantos arredondados. Encontra-se fragmentado na face inferior e na parte posterior. O orifício encontra-se simetricamente posicionado em função da face superior (n/ilustrado).
Dim. - Altura máxima 119 mm; Largura máxima 70 mm; Espessura máxima 48 mm; Peso 608.1 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. IX, corte estratigráfico 3, camada 1.

33. Alv. 98 B1, A1, Ig. 295 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao grupo 1, Tipo II A, Pasta grupo C. Encontra-se fragmentado na face superior ao nível do orifício transversal. Faces planas com rugosidade uniforme em toda a peça. Cantos arredondados, com destaque para os quatro inferiores. Orifício descentrado e com ligeira inclinação (n/ilustrado).
Dim. - Altura máxima 116 mm; Largura máxima 66 mm; Espessura máxima 48 mm; Peso 493,2 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 1, camada 1.

34. Alv. 98 B1, op. 1 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao grupo 1, Tipo II A, pasta C. Revela as faces planas embora com os cantos muito arredondados. As faces superior e anterior encontram-se perfeitamente arredondadas como resultado do erosionamento da peça. O orifício transversal, apesar de centrado, encontra-se num plano ligeiramente inclinado. A superfície é muito rugosa com pequenas fracturas resultantes do desprendimento de algumas partículas não-plásticas da argila (n/ilustrado).
Dim. - Altura máxima 138 mm; Largura máxima 64 mm; Espessura máxima 43 mm; Peso 466 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. VIII, corte estratigráfico 3, camada 1.

Tipo II B - Secção rectangular, orifício frontal (35-36)

35. Alv. 93 A, Ig. 561a - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, tipo II B, pasta Grupo.?. Peso com as faces frontais planas e as laterais arredondadas. As faces superior e inferior estão parcialmente fragmentadas. No seu todo a superfície é muito rugosa, não só devido a impurezas da pasta, mas também, devido à pasta se encontrar muito povulurenta. Denota nas faces frontais uma concavidade. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 60 mm; Espessura máxima 59 mm; Altura máxima 156 mm; Peso. 574,6 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. IV, corte estratigráfico 7, camada 2.

36. Alv. 95 B. A4, op. 153a - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo II B, Pasta grupo A. Faces frontais, laterais e inferior planas. A face superior está parcialmente fragmentada mas tudo indicia ser plana. O mais acentuado polimento regista-se nas faces frontais. Na restante peça observam-se diversas depressões devido a impurezas da pasta. Vértices arredondados (vol. II, est. CLXXXIII, n.º 36).
Dim. - Largura máxima 72 mm; Espessura máxima 40 mm; Altura máxima 101 mm; Peso 388,2 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

Tipo III - Invertido, de secção rectangular, orifício lateral (37-38)

37. Alv. 97 B3, A1, op. 208 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo III, Pasta grupo A. Faces frontais planas as laterais, inferior e superior semicirculares. As faces frontais são mais polidas devido ao desgaste de utilização, enquanto as restantes denotam uma maior rugosidade (vol. II, est. CLXXXIV, n.º 37).
Dim. - Largura máxima 62 mm; Espessura máxima 32 mm; Altura máxima 104 mm; Peso 210,8 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal,* Ap. Pátio I, corte estratigráfico 4, camada 1.

38. Alv. 97 B3, A1, lg. 4295 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo III, pasta grupo H. Faces frontais planas e faces laterais arredondadas. Face inferior ovalada com cantos arredondados e face superior perfeitamente plana. Orifício centrado e perfeitamente horizontal. Superfície rugosa sem qualquer tipo de alisamento ou polimento resultante do uso (n/ilustrado).
Dim. - Altura máxima 117 mm; Largura máxima 77 mm; Espessura máxima 38 mm; Peso 383 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Pátio I, corte estratigráfico 5, camada 1.

Tipo Indeterminado (39-42)

39. Alv. 86, A1, op. 11 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo indeterminado, Pasta grupo A, fragmentado. A sua face superior possui as faces laterais arredondadas e frontais planas, enquanto que a face inferior é semicircular. Orifício não visível (n/ilustrado)
Dim. - Altura máxima 67 mm; Espessura máxima 31 mm; Largura máxima 47 mm; Peso 87,7 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. II, Fase III, corte estratigráfico 1, camada 2.

40. Alv. 94 A, op. 10 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo indeterminado, Pasta grupo E. Fragmento da parte inferior do peso. Faces frontais, laterais e inferior planas. Revela algum desgaste nas faces frontais e diversas depressões. Vértices arredondados. Orifício não visível .
Dim. - Largura máxima 74 mm; Espessura máxima 45 mm; Altura máxima 90 mm; Peso 450,8 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 0.

41. Alv. 94 A, op. 154 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo indeterminado, Pasta grupo J. Fragmento de peso com faces frontais, laterais e inferior planas. Intenso desgaste nas faces frontais. As faces laterais estão parcialmente fragmentadas. Arestas arredondadas. Orifício não visível (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 64 mm; Espessura máxima 40 mm; Altura máxima 103 mm; Peso 323,3 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 2.

42. Alv. 97 B3, A1, op. 2 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Tipo rectangular indeterminado, Pasta grupo A. A face inferior tem as faces frontais planas. As laterais e a inferior são semicirculares. É notório um certo polimento das faces frontais. Sem orifício visível (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 63 mm; Espessura máxima 33 mm; Altura máxima 60 mm; Peso 135,3 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 4, camada 1.

Grupo 2 - *Paralelepipédicos*
Tipo I - Secção rectangular, orifício frontal (43-46)

43. Alv. 93 A, lg. 2519 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo I, Pasta grupo B. Faces planas. Nas faces frontais existem duas depressões mais acentuadas que terão sido provocadas pelo desgaste natural do seu uso. No seu todo o peso revela diversas depressões devido ao destaque das impurezas da pasta. Está partido num vértice lateral e inferior. Arestas arredondados (vol. II, est. CLXXXIV, n.º 43).
Dim. - Largura máxima 72 mm; Espessura máxima 53 mm; Altura máxima 163 mm; Peso 805,0 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 7, camada 3.

44. Alv. 97 B3, A1, op. 205 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo I, Pasta grupo G. Fragmento de peso com as faces planas, exceptuando a inferior. Denota um maior desgaste nas faces frontais. Na restante peça observam-se diversas depressões devido ao destaque de impurezas da pasta. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 65 mm; Espessura máxima 55 mm; Altura máxima 82 mm; Peso 349,6 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 4, camada 1.

45. Alv. 97 B3, A1, op. 278 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo I, Pasta grupo F. Fragmento de peso com faces planas, verificando-se uma rugosidade geral. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 51 mm; Espessura máxima 47 mm; Altura máxima 63 mm; Peso 175,8 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 6, camada 1.

46. Alv. 97 B1, A2, op. 167 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo I, Pasta grupo G. Faces planas. As faces frontais têm uma depressão mais acentuada. A peça, no seu todo, encontra-se muito rugosa. Vértices arredondados. Um dos lados do orifício denota um maior desgaste do que o outro (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 63 mm; Espessura máxima 55 mm; Altura máxima 145 mm; Peso 579,0 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

Tipo II - Secção rectangular, orifício lateral (47-60)

47. Alv. 93 A, Ig. 560 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta grupo?. Peso fragmentado longitudinalmente sendo, no entanto, possível observar o orifício de suspenção. Todas as faces são planas. Apresenta algum desgaste na face frontal. As faces superior e inferior são muito irregulares enquanto as restantes apresentam um polimento homogéneo com algumas irregularidades devido a impurezas da pasta. Vértices arredondadas (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 70 mm; Espessura máxima 34 mm; Altura máxima 110 mm; Peso 290,9 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. IV, corte estratigráfico 7, camada 2.

48. Alv. 93 A, Ig. 890 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, tipo II, Pasta. Fragmento de peso com as faces planas, excepto a inferior, que se encontra fragmentada. No seu todo apresenta um polimento uniforme, apesar de alguma irregularidade superficial, consequência de impurezas da pasta. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 76 mm; Espessura máxima 48 mm; Altura máxima 57 mm; Peso 249,0 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 0.

49. Alv. 94 A, op. 11 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta grupo A. Faces frontais, laterais e superior planas. A face inferior é semicircular. As faces frontais denotam um certo polimento e duas depressões mais acentuadas. As restantes faces denotam também diversas depressões. Tem um vértice partido sendo os restantes arredondados (vol. II, est. CLXXXV, n.º 49).
Dim. - Largura máxima 64 mm; Espessura máxima 53 mm; Altura máxima 104 mm; Peso 377,4 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 0.

50. Alv. 97 B3, A1, op. 88 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta grupo C. Fragmento de peso com faces planas. Superfície muito rugosas e pouco polida. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 61 mm; Espessura máxima 55 mm; Altura máxima 84 mm; Peso 327,7 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal,* Ap. Pátio I, corte estratigráfico 4, camada 1.

51. Alv. 94 A, op. 201 a - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta grupo B. Fragmento de peso (parte superior), com as faces frontais e laterais planas. A face superior tem uma saliência diagonal. Uma das faces frontais denota um certo desgaste enquanto em todas as outras se verificam diversas depressões devido ao destaque das impurezas da pasta. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 73 mm; Espessura máxima 49 mm; Altura máxima 66 mm; Peso 243,8 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Crista*, Pátio Exterior e Forno, corte estratigráfico 10, camada 1.

52. Alv. 97 B3, A1, op. 277 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta grupo C. Fragmento de peso de faces frontais e superior planas. As laterais são semicirculares. As frontais apresentam algum polimento que não é extensível a todo o fragmento. O orifício apresenta diferentes dimensões, de cada um dos lados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 58 mm; Espessura máxima 38 mm; Altura máxima 76 mm; Peso. 201,2 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 6, camada 1.

53. Alv. 95 B, A4, op. 40 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta grupo D. Faces planas. Nas faces frontais é possível observar uma certa concavidade, consequência do intenso uso a que terá sido sujeito. Encontra-se fragmentado em duas arestas inferiores (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 59 mm; Espessura máxima 45 mm; Altura máxima 125 mm; Peso 476,9 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 1, camada 1.

54. Alv. 97 B3, A1, op. 209 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta grupo D. Faces frontais, laterais e superior planas. A inferior é semicircular. Apresenta um polimento homogéneo em toda a peça, exceptuando as faces superior e inferior. No seu todo é ainda possível ver pequenas depressões e irregularidades na superfície. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 57 mm; Espessura máxima 54 mm; Altura máxima 154 mm; Peso 656,3 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, C*omplexo Artesanal,* Ap. Pátio I, corte estratigráfico 4, camada 1.

55. Alv. 95 B, A4, op. 136 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta grupo D. Faces planas. Apresenta um maior desgaste nas faces frontais sendo de salientar a existência no seu todo de depressões que resultaram do destaque de impurezas e elemenetos não-plásticos da pasta. Vértices arredondados (vol. II, est. CLXXXV, n.º 55).
Dim. - Largura máxima 58 mm; Espessura máxima 53 mm; Altura máxima 148 mm; Peso 749,5 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

56. Alv. 97 B2, A2, op. 02 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta grupo A. Faces planas e polidas. As faces frontais apresentam, cada uma delas, uma depressão, já usual neste tipo de artefacto. Um dos lados do orifício denota um desgaste mais acentuado (n/ilustrado).

Dim. - Largura máxima 61 mm; Espessura máxima 41 mm; Altura máxima 96 mm; Peso 319,4 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

57. Alv. 95 B, A4, op. 153c - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta grupo C. Faces frontais e superior planas. As restantes são semicirculares. Cada uma das faces frontais tem uma pequena depressão, apresentando um maior polimento que as restantes. Estas apresentam uma rugosidade generlizada em toda a superfície. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 61 mm; Espessura máxima 40 mm; Altura máxima 126 mm; Peso 408,8 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

58. Alv. 96 B, A3, op. 186 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta grupo E. Fragmento de peso com faces planas, apesar de alguma irregularidade. A peça, no seu todo, apresenta-se intensamente polida. Encontra-se fragmentada ao nível de um dos orifícios. O outro orifício denota algum desgaste na sua extremidade. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 61 mm; Espessura máxima 37 mm; Altura máxima 57 mm; Peso 163,5 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext.*,* corte estratigráfico 1, camada 0.

59. Alv. 96 B, A3, op. 210 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta grupo D. Fragmento de peso com faces planas. As faces frontais denotam um maior desgaste mas, neste caso, as laterais e superiores estão mais polidas, apesar de algumas zonas fragmentadas. O orifício denota alguma irregularidade, nas suas extremidades, que terá acontecido aquando da sua modelação. Numa das faces frontais tem um grafito digitado composto por um " X ", atravessado, horizontalmente, por um traço. Foi elaborado no momento da modelação do peso. Vértices arredondados (vol. II, est. CLXXXVI, n.º 59).
Dim. - Largura máxima 64 mm; Espessura máxima 53 mm; Altura máxima 79 mm; Peso 352, 5 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

60. Alv. 98 B1, A1, op. 222 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao grupo 2, Tipo II, Pasta grupo B. Encontra-se fragmentado longitudinalmente, conservando-se, no entanto, 2/3 da peça. As faces remanescentes conservam as faces planas os cantos profundamente arredondados. O orifício de suspensão encontra-se descentrado, mas mantém um plano horizontal. A superfície apesar de certa rugosidade evidencia um polimento acentuado (n/ilustrado).
Dim. - Altura máxima 114 mm; Espessura máxima 57 mm; Largura existente 34 mm; Peso 297, 5 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. VIII, corte estratigráfico 3, camada 1.

Tipo III - Secção rectangular, dois orifícios laterais (61)

61. Alv. 94 A, op. 87 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo III, Pasta grupo A. Fragmento com uma face frontal plana e outra frontal semicircular. Encontra-se fragmentado ao nível de um dos lados do orifício. O polimento acontece em todas as faces, onde é possível observar algumas depressões na superfície (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 69 mm; Espessura máxima 41 mm; Altura máxima 75 mm; Peso 227, 9 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 1.

Tipo I V - Secção quadrangular, com um orifício (62-63)

62. Alv. 97 B1, A2, op. 05 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo IV, Pasta grupo E. Faces planas ainda que a superior esteja bastante irregular. As faces que não têm orifícios estão mais polidas que as outras. Estas apresentam-se com muitas depressões, rugosas, consequência do destaque das impurezas da pasta. Vértices arredondados. Um dos orifícios é, sensivelmente, maior que o outro (vol. II, est. CLXXXVI, n.º 62).
Dim. - Largura máxima 64 mm; Espessura máxima 64 mm; Altura máxima 90 mm; Peso 559,0 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 3, camada 1.

63. Alv. 98 B1, A1, op. 127 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo IV, Pasta J. Encontra-se fragmentado na face superior ao nível do orifício, prolongando-se a fractura para a face frontal. Possui os cantos inferiores arredondados. O peso encontra-se integralmente polido apesar de algumas lacunas e fissuras (n/ilustrado).
Dim. - Altura máxima 120 mm; Largura máxima 55 mm; Espessura máxima 50 mm; Peso 87,4 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. V, corte estratigráfico 3, camada 0.

Tipo Indeterminado (64-67)

64. Alv. 94 A, op. 196 a - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo indeterminado, Pasta grupo A. Fragmento de peso de faces frontais e a inferior planas. As restantes, são semicirculares. A face frontal e a inferior denotam um polimento que não se verifica nas outras. Estas apresentam muitas depressões. Arestas arredondadas (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 67 mm; Espessura máxima 57 mm; Altura máxima 94 mm; Peso 374,0 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Pátio Exterior e Forno, corte estratigráfico 10, camada 1.

65. Alv. 97 B3, A1, op. 15 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo rectangular indeterminado, Pasta grupo G. Face lateral plana sendo as restantes semicirculares. Tem um polimento homogéneo, exceptuando uma das faces laterais. Ligeiras depressões na superfície (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 58 mm; Espessura máxima 48 mm; Altura máxima 84 mm; Peso 222,3 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 4, camada 1.

66. Alv. 94 A, op. 196 B - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo indeterminado, Pasta grupo B. Fragmento de peso (parte inferior), com uma das faces frontais semicircular sendo as restantes planas. A face frontal plana denota um maior polimento, enquanto que em todas as outras é notória uma certa rugosidade e algumas depressões devido ao destaque das impurezas da pasta. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 70 mm; Espessura máxima 50 mm; Altura máxima 101 mm; Peso 390,5 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 1.

67. Alv. 97 B2, A2, op. 9 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo indeterminado, Pasta grupo I. Fragmento de peso com as faces planas, apresentando, no seu todo, um polimento homogéneo. Ligeiras depressões em todas as faces, consequência das impurezas da pasta. Vértices arredondados (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 68 mm; Espessura máxima 59 mm; Altura máxima 68 mm; Peso 366,6 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 2, camada 0.

Grupo 3 - *Cilíndricos*
Tipo I - de secção cilíndrica, com um orifício (68-73)

68. Alv. 86. A4, op. 17 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 3, Tipo I, Pasta grupo F. Fragmento de peso com a face superior plana. Uma das faces frontais está muito desgastada, identificando-se muitas depressões na superfície (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 55 mm; Altura máxima 69 mm; Peso 163,4 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. V, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

69. Alv. 96 B, A4, op. 74 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 3, Tipo I, Pasta grupo F. Peso com polimento homogéneo apesar de serem visíveis algumas depressões resultantes do destaque das impurezas da pasta. A parte inferior está parcialmente partida. Os orifícios denotam algum desgaste (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 50 mm; Altura máxima 106 mm; Peso 240,5 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

70. Alv. 97 B1, A2, op. 159 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 3, Tipo I, Pasta grupo I. Encontra-se fragmentado ao nível do orifício. A parte inferior é semicircular. Polimento homogéneo com algumas depressões devido a impurezas da pasta (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 47 mm; Altura máxima 108 mm; Peso 180,4 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

71. Alv. 96 B, A1, lg. 7723 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 3, Tipo I, Pasta grupo B. Peso com a face superior plana e a inferior semicircular. Polimento homogéneo com algumas depressões generalizadas por toda a peça (vol. II, est. CLXXXVII, n.º 71).
Dim. - Largura máxima 52 mm; Espessura máxima 113 mm; Peso 270,7 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. X, corte estratigráfico 2, camada 0.

72. Alv. 97 B3, A1, op. 284 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 3, Tipo I, Pasta grupo C. Encontra-se fragmentado ao nível do orifício. A parte inferior é semicircular. Rugosidade homogénea com algumas depressões devido a impurezas da pasta (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 59 mm; Altura máxima 92 mm; Peso 231,7 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 6, camada 1.

73. Alv. 97 B3, A1, op. 285 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 3, Tipo I, Pasta grupo C. Peso fragmentado ao nível do orifício e na sua parte inferior. Rugosidade homogénea, com ligeiras depressões resultantes do destaque de impurezas da pasta (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 57 mm; Espessura máxima 69 mm; Peso 163,3 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 6, camada 1.

Tipo Indeterminado (74)

74. Alv. 95 B, lg. 1992 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 3, tipo indeterminado, Pasta Grupo ? Fragmentado na face inferior com recorte semicircular. A sua forma, apesar da secção cilíndrica, indica ser de trapezio invertido. Rugosidade geral em toda a peça com ligeiras depressões (n/ilustrado).

Dim. - Largura máxima 54 mm; Espessura máxima 40 mm; Altura máxima 80 mm; Peso 189, 9 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

Grupo 4 - *Ovais*
Tipo I - com um orifício (75-77)

75. Alv. 86. A2, op. 689 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 4, Tipo I, Pasta grupo H. Face superior plana e a inferior ligeiramente, pontiaguda. Polimento homogéneo com ligeiras depressões. Uma das faces frontais está partida (vol. II, est. CLXXXVII, n.º 75).
Dim. - Largura máxima 44 mm; Espessura máxima 26 mm; Altura máxima 68 mm; Peso 100,1 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

76. Alv. 97 B3, A1, op. 89 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 4, Tipo I, Pasta grupo I. Peso com a face superior plana. Polimento homogéneo, com ligeiras depressões devido ao destaque de impurezas da pasta (vol. II, est. CLXXXVII, n.º 76).
Dim. - Largura máxima 51 mm; Espessura máxima 26 mm; Altura máxima 75 mm; Peso 177,1 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V*, Complexo Artesanal* Ap. Pátio I, corte estratigráfico 4, camada 1.

77. Alv. 98 B3, A2, op. 34 - Peso de tear em cerâmica de pequena dimensão pertencente ao Grupo 4, Tipo I, Pasta grupo A. Formato oval de secção elíptica. Faces ovaladas à excepção da superior que é plana. Orifício transversal centrado e horizontal. Superfície rugosa com pequenas irregularidades. Apresenta pequenas fracturas na face superior e inferior (n/ilustrado).
Dim. - Altura máxima 59 mm; Largura máxima 47 mm; Espessura máxima 31 mm; Peso 85.9 gr..
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Ap. III, corte estratigráfico 3, camada 6.

Tipo Indeterminado (78)

78. Alv. 86 B, A1, op. 262 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 4, Tipo oval indeterminado, Pasta grupo H. Fragmentado na face inferior. Apresenta um polimento homogéneo apesar de algumas depressões devido ao destaque de impurezas e elementos não-plásticos da pasta. Tem a face inferior plana (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 58 mm; Altura máxima 66 mm; Peso 157,7 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. II, Fase III, corte estratigráfico 1, camada 2.

Grupo 5 – *Diversos*
Cerâmica (79-83)

79. Alv. 96 B, A4, Ig. 4061 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 5, Pasta Grupo?. No fragmento apenas é visível uma face frontal e parte das laterais. Dai se deduz que são todas planas e os vértices arredondados. As faces estão polidas e a frontal denota um acentuado desgaste. Algumas depressões nas faces. O orifício não é visível (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 64 mm; Espessura máxima 30 mm; Altura máxima 75 mm; Peso 122,1 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

80. Alv. 97 B3, A1, op. 82 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 5, Pasta grupo A. Apresenta o orifício na face frontal. A face superior apresenta um recorte semicircular sendo a inferior aplanada. As faces laterais são arredondadas e as frontais planas. Apresenta um polimento uniforme em toda a peça, somente alterado em pequenas zonas devido à concentração de impurezas da pasta. Um dos lados do orifício denota um acentuado desgaste de utilização (vol. II, est. CLXXXVIII, n.º 80).
Dim. - Largura máxima 87 mm; Espessura máxima 30 mm; Altura máxima 127 mm; Peso 353,9 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V*, Complexo Artesanal*, Pátio I, corte estratigráfico 4, camada 1.

82. Alv. 97 B3, A1, Ig. 2968 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 5, Pasta Grupo J. Forma discoídal com as faces superior e inferior planas. Uma delas tem vestígios de alisamento que se não verifica na outra. As faces laterais encontram-se muito irregulares (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 90 mm; Espessura máxima 28 mm; Peso 189,9 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Decumanus*, Fase IV-V, corte estratigráfico 6, camada 1.

83. Alv. 97 B1, A2, op. 112 - Peso de tear em cerâmica pertencente ao Grupo 5, Pasta grupo J. Fragmento de peso que indicia poder enquadrar-se na forma paralelepipédica. Denota nas faces frontais um maior polimento que não se verifica nas restantes (n/ilustrado).
Dim. - Largura máxima 62 mm; Espessura máxima 55 mm; Altura máxima 118 mm; Peso 391,3 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

Líticos (84-90)

84. Alv. 93 A, Ig. 2041 - Grupo de tear pertencente ao Grupo 5, lítico. Apresenta o orifício na face frontal. Dos dois lados do orifício é visível o talhe da sua concepção. No geral, não se verifica um cuidado excessivo na sua feitura.
Dim. - Altura máxima 113 mm; Espessura máxima 38 mm; Largura máxima 92 mm; Peso 363,7 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. III, corte estratigráfico 7, camada 3.

85. Alv. 96 B, A3, Ig. 10486 - Peso de tear pertencente ao Grupo 5, lítico. Fragmento de peso em xisto de recorte sub-rectangular. Apresenta o orifício de suspensão na face frontal, ligeiramente descentrado. Revela um polimento uniforme em toda a peça, apesar de conservar as superfícies rugosas em algumas zonas. Possuí uma forma trapezoidal e secção rectangular. As faces frontais são arredondadas e as laterais e superior planas com as arestas arredondadas (vol. II, est. CLXXXVIII, n.º 85).
Dim. - Largura máxima 25 mm; Espessura máxima 14 mm; Altura máxima 43 mm; Peso 25,1 gr..
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 1b.

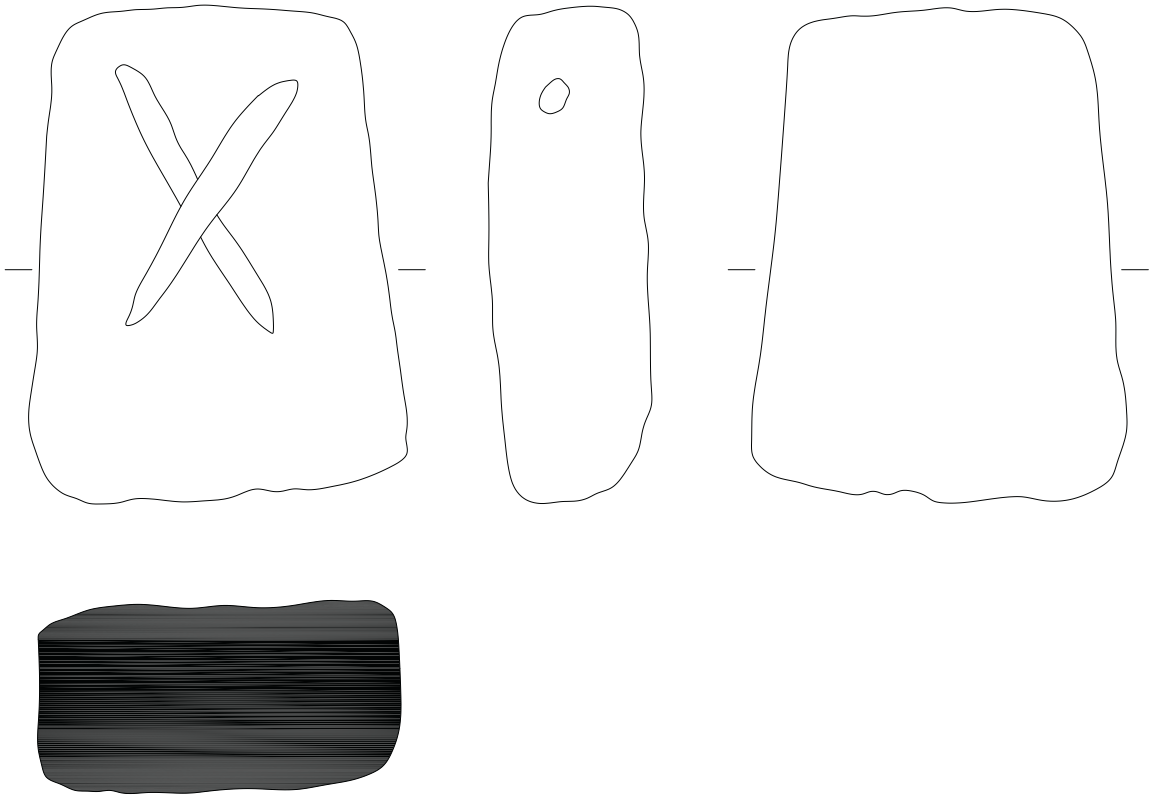
86. Alv. 97 B3, A1, op. 343 - Peso de tear pertencente ao Grupo 5, lítico. Peso em arenito de formato oval, de recorte irregular. Apresenta o orifício na face frontal descentrado. Um dos lados do orifício denota, claramente, o talhe para a sua concepção. Apresenta algumas zonas na face superior em que se encontra lascada (vol. II, est. CLXXXVIII, n.º 86).
Dim. - Largura máxima 116 mm; Espessura máxima 29 mm; Altura máxima 84 mm; Peso 332,5 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 6, camada 2.

87. Alv. 98 B3, A2, op. 21 - Peso em xisto de pertencente ao Grupo 5, lítico. Apresenta uma fractura na face superior. Formato rectangular com cantos arredondados de secção também rectangular. Orifício descentrado de perfil em V. Superfícies frontais planas e polidas. Faces laterais arredondadas (n/ilustrado).
Dim. - Altura máxima 76 mm; Largura máxima 65 mm; Espessura máxima 14 mm; Peso 91 gr..
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase III, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Ap. III, corte estratigráfico 3, camada 5.

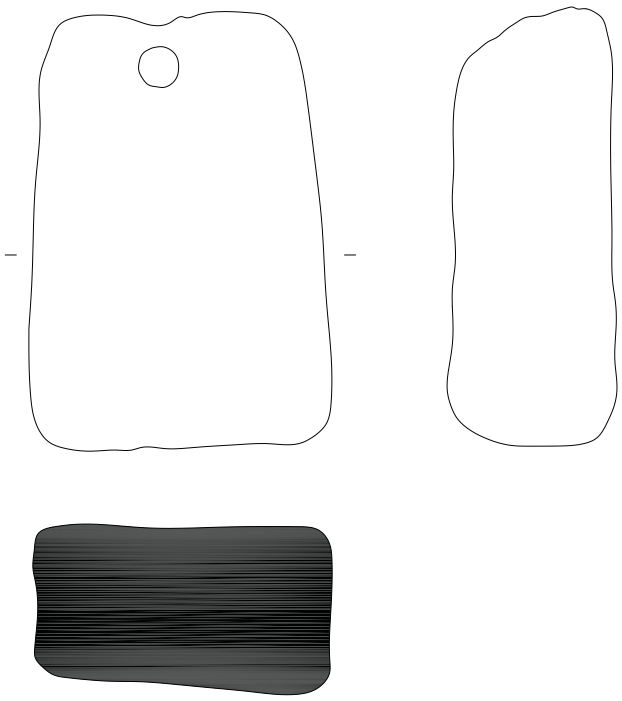
88. Alv. 98 B1, A1, op. 76 - Peso de tear em xisto pertencente ao Grupo 5, lítico. Formato trapezoidal de secção rectangular, rematado por frontão triangular onde se encontra inscrito o orifício de suspensão. Faces planas com cantos angulosos, integralmente polidas, revelando numa das frontais uma ligeira depressão e alguns sulcos longitudinais. Orifício centrado com ligeira inclinação (vol. II, est. CLXXXIX, n.º 88).
Dim. - Altura máxima 114 mm; Largura máxima 38 mm; Espessura máxima 19 mm; Peso 174.5 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. VIII, corte estratigráfico 3, camada 1.

89. Alv. 98 B1, A1, op. 106 - Peso em xisto pertencente ao Grupo 5, lítico. Formato rectangular com cantos arredondados de secção também rectangular. Orifício descentrado de perfil em V. Superfícies frontais planas e polidas. Faces laterais arredondadas. Apresenta uma fractura no canto inferior e está lascado na face superior (vol. II, est. CLXXXIX, n.º 89).
Dim. - Altura máxima 54 mm; Largura máxima 44 mm; Espessura máxima 8 mm; Peso 32.3 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

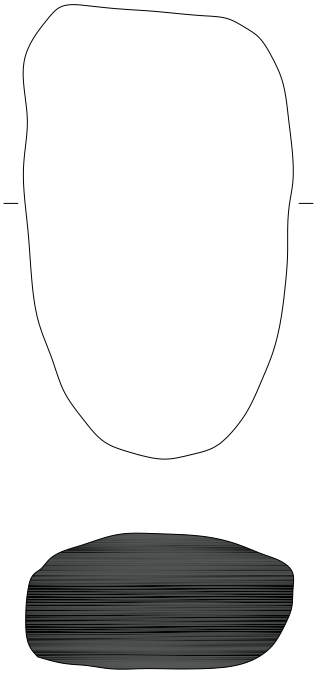
90. Alv. 97 B3, A1, op. 38 - Fragmento de peso de tear em xisto de cor verde pertencente ao Grupo 5, lítico. Encontra-se fracturado sensivelmente pelo meio. Formato rectangular com faces planas e muito polidas. A face inferior encontra-se fragmentada rematando em cunha. Na face frontal apresenta um grafito em forma de X e um traço vertical interceptado por um menor na vertical. A secção dos sulcos é em V. Na face anterior apresenta um conjunto de sulcos que não formam qualquer tipo de composição (vol. II, est. CLXXXIX, n.º 90).
Dim. - Altura máxima 63 mm; largura máxima 33 mm; Espessura máxima 20 mm; Peso 83. 3 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Pátio I, corte estratigráfico 5, camada 1.



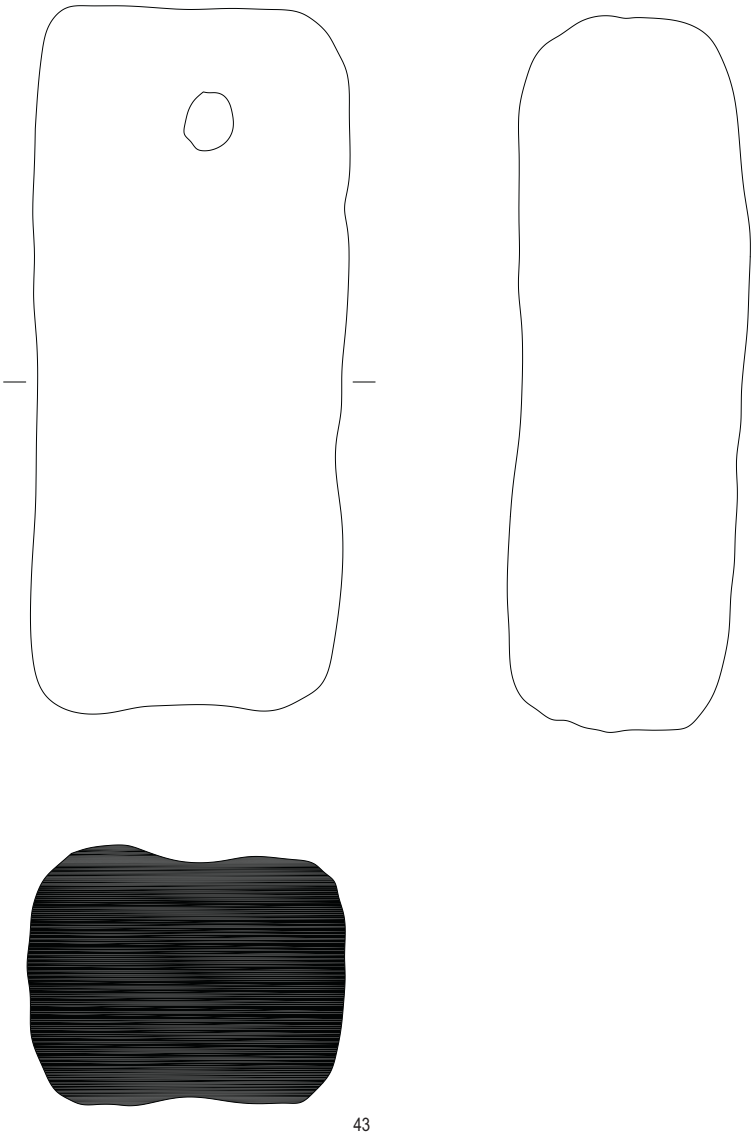
15



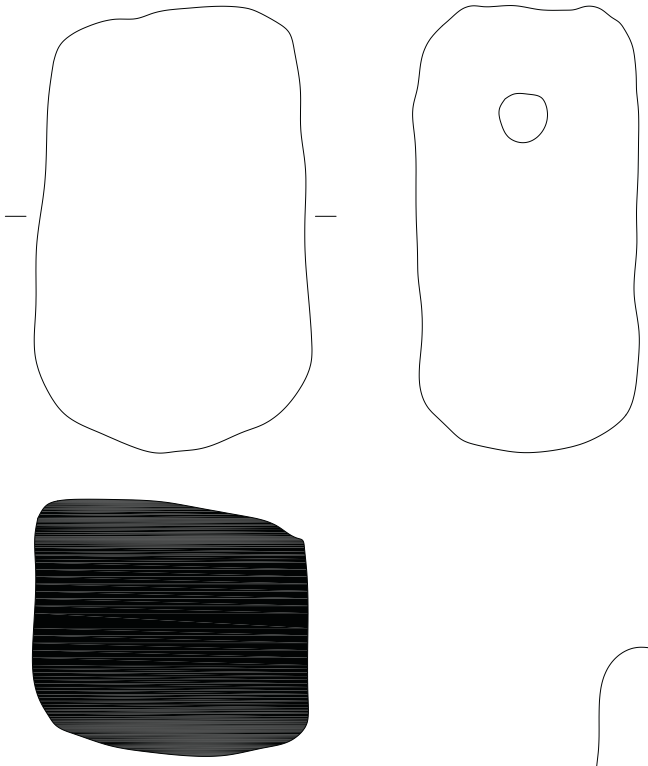
36



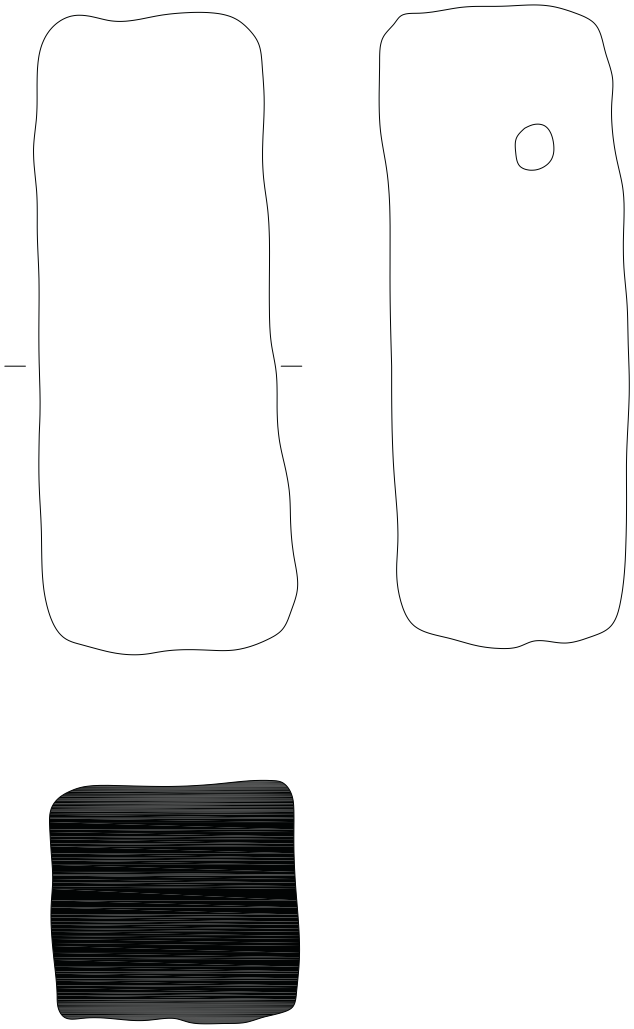
37



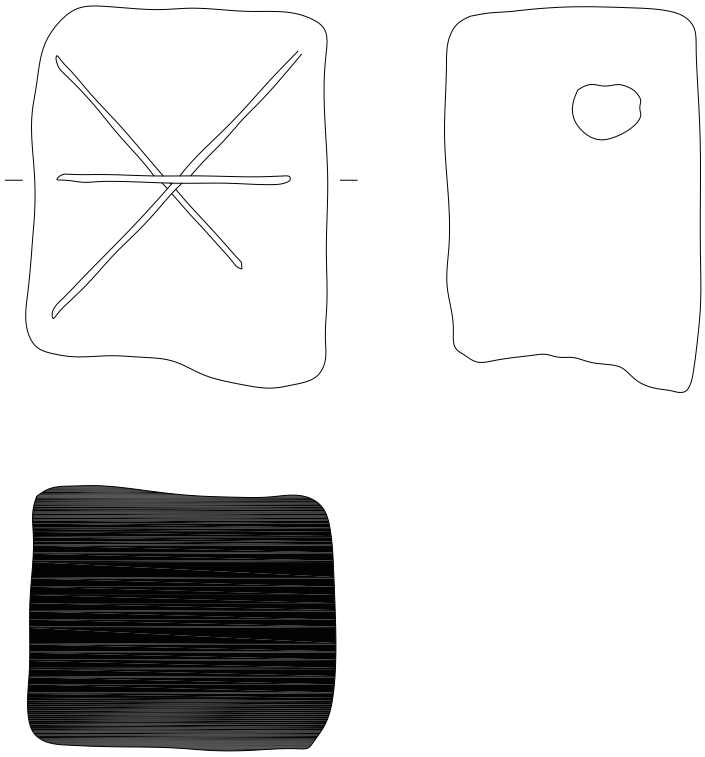
43



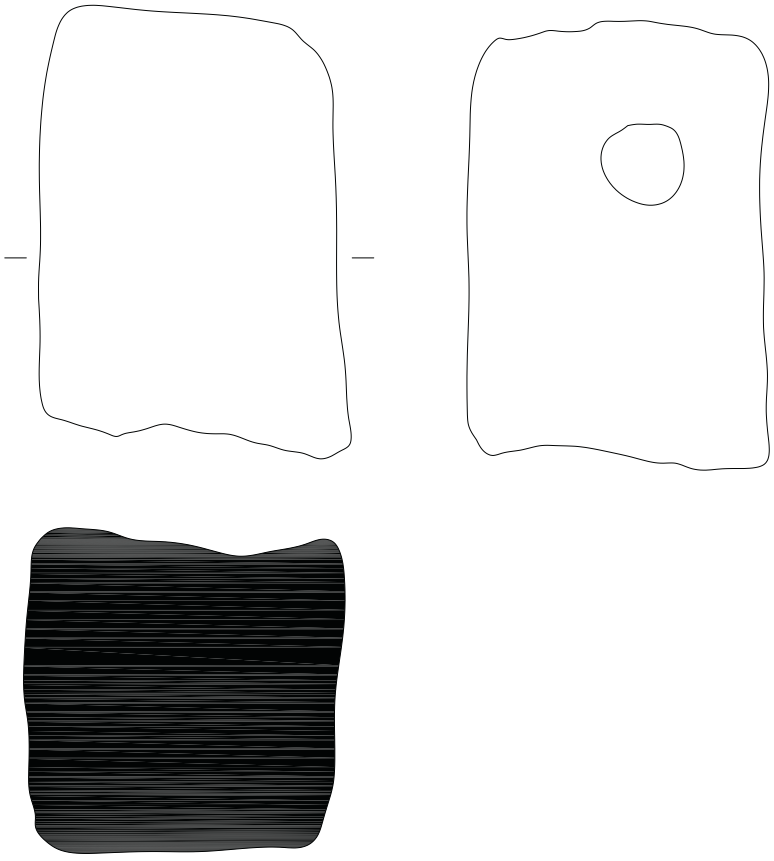
49



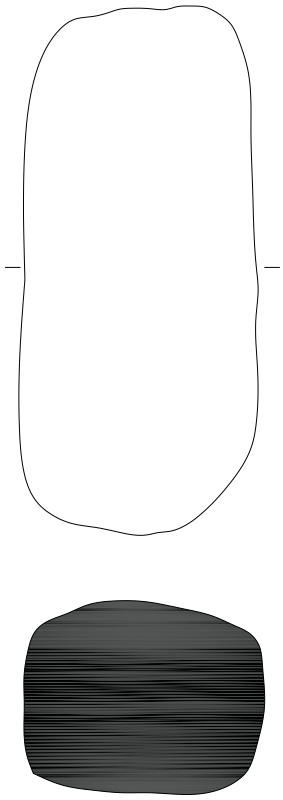
55



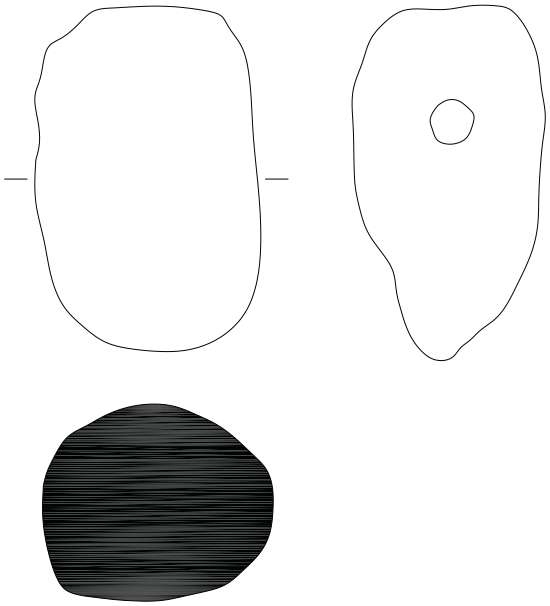
59



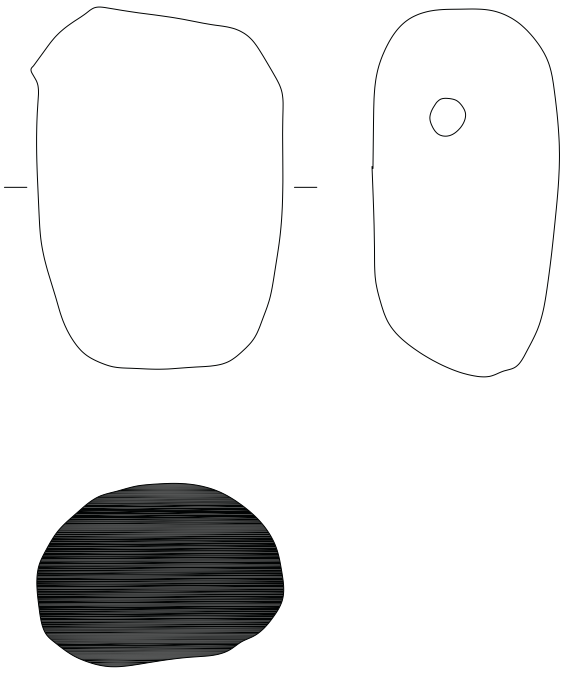
62



71

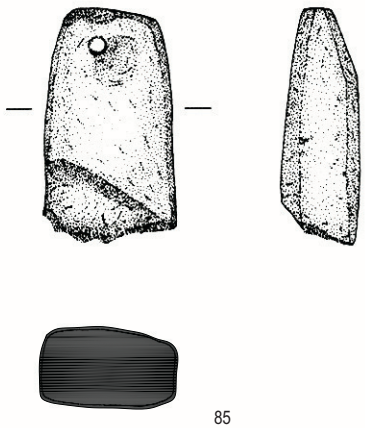


75

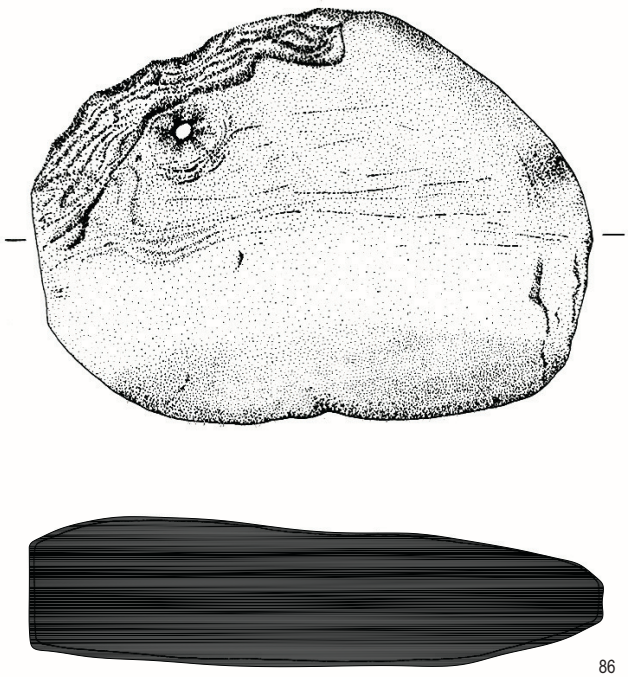


76

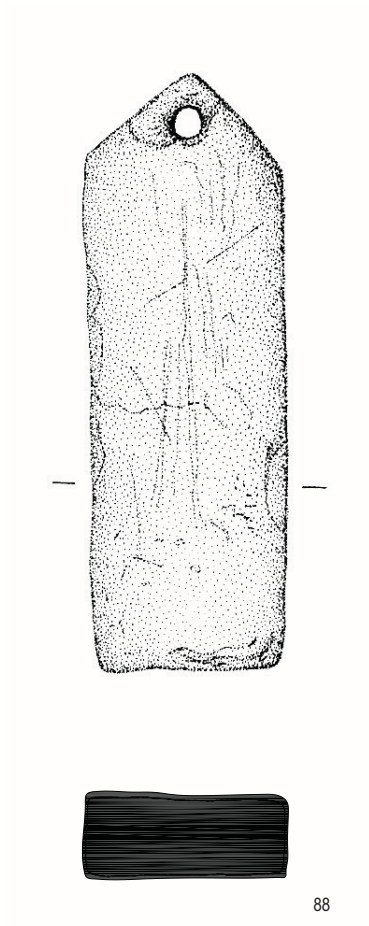
80



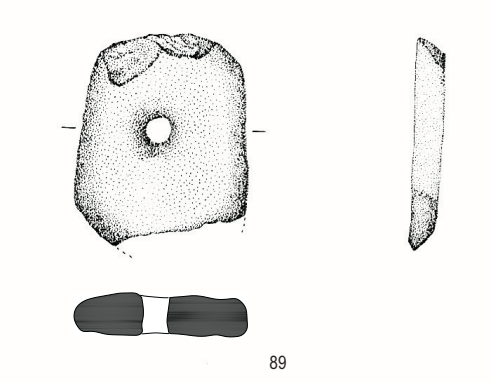
85



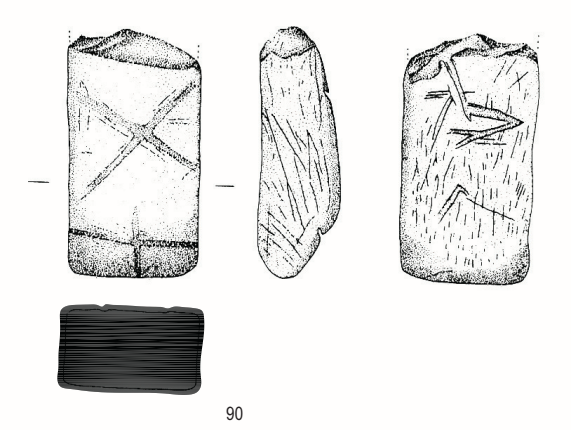
86



88



89



90

6.1.14. Cerâmica medieval

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

O conhecimento das cerâmicas medievais portuguesas é ainda extremamente limitado e lacunar, sendo uma parte significativa dos trabalhos publicados constituídos por referências marginais e pouco detalhadas quanto aos fabricos, tipologias e proveniências. Efectivamente, na Arqueologia portuguesa, o estudo das cerâmicas medievais é relativamente recente quando comparado com outros períodos cronológicos. Na década de oitenta do século passado apenas existiam alguns estudos monográficos, verdadeiramente pioneiros no panorama arqueológico do norte do país. Entre outros, merecem referência os trabalhos realizados em S. Estêvão da Facha, Ponte Lima (ALMEIDA 1981), na região de Moncorvo (RODRIGUES 1994), em Aguiar de Pena (BARROCA; MORAIS 1986), e em Braga (GASPAR 1985). Porém, na década de noventa o panorama viria a alterar-se significativamente com o desenvolvimento de vários projectos de investigação (BARROCA 1993) e, fundamentalmente, com a implementação do projecto PROCEN[892], cujos resultados tem vindo a ser paulatinamente publicados. Entre os mais significativos, pelo volume de materiais estudados, metodologia adoptada e resultados científicos obtidos, merecem destaque o estudo das produções medievais e pós-medievais decorrentes da escavação da Casa do Infante, Porto (DORDIO; MELO; OSORIO; SILVA; TEIXEIRA 1996; BARREIRA; DORDIO; TEIXEIRA 1997, 87-93; 1998, 145-184; TEIXEIRA; DORDIO 1998, 115-124; REAL; DORDIO; TEIXEIRA; MELO 1998, 171-186; CASTRO; DORDIO;TEIXEIRA 2003, 223-230), e da região de Braga, concretamente, de Tibães (FONTES; FERNANDES;CASTRO 1998, 355-363; CASTRO 1998, 125-130).

As cerâmicas medievais recolhidas em Alvarelhos resultaram da intervenção realizada em 1997 e são provenientes, exclusivamente, da área que se convencionou designar por *Espaço Religioso*, correspondendo à ocupação da igreja, como tal, enquadrados na Fase VII. O conjunto de materiais recolhidos é na sua maioria constituído por cerâmicas de construção, louça comum de armazenamento, de preparação de alimentos, e, em menor percentagem, recipientes para beber e comer. A totalidade dos materiais é constituída por produções locais ou regionais, formando um conjunto bastante uniforme a nível tecnológico, do qual se distinguem claramente três grupos.

O primeiro, de fabrico mais grosseiro, é formado por cerâmicas de armazenamento, sobretudo por potes de perfil em S de média dimensão e bordo em forma de aba com rebaixamento interno para assentamento do testo. O fabrico caracteriza-se por possuir pastas mal depuradas de aspecto arenoso e friável. O acabamento, muito rudimentar, é essencialmente elaborado por um polimento incipiente. As decorações, pouco frequentes, são maioritariamente compostas por cordões aplicados ao nível do bordo, decorados com depressões digitadas.

O segundo grupo integra cerâmicas de vidrados de chumbo. O fabrico é constituído por pastas claras de tom rosáceo, relativamente finas e bem depuradas, de consistência homogénea, com abundantes elementos não-plásticos constituídos por micas e, em menor quantidade, nódulos ferrosos. As cozeduras, embora homogéneas, revelam uma variação de tonalidade à superfície da fractura que pode apresentar-se mais clara ou cinzenta junto à face exterior. O vidrado cobre exclusivamente o interior e apresenta-se sempre transparente embora possa apresentar manchas localizadas. Esta produção, relativamente bem estudada na Casa do Infante, Porto, datada do séc. XVI a XVIII, encontra-se representada por oito formas principais – Caçoila, Sertã, Prato, Tigela, Alguidar, Vaso de noite, Testo e Pote – todos eles com subdivisões de tipos e representatividade percentual distinta (BARREIRA; DORDIO; TEIXEIRA 1998, 163-166). A

[892] Projecto para o estudo das produções cerâmicas da Região Norte. Sobre o projecto em causa veja-se (CAPELA 1996, 3-10).

caracterização química do grupo[893], embora não tenha permitido a identificação do centro produtor, faculta um conhecimento bastante detalhado da sua composição (CASTRO; DORDIO; TEIXEIRA 2003, 224-227).

O terceiro grupo é composto por pastas de cor vermelha-alaranjada, de constituição homogénea, apresentando uma estrutura laminar com numerosos grãos de quartzo de dimensões muito reduzidas e bem calibrados entre si. A fractura apresenta uma coloração uniforme sem distinção de cerne, apresentando vacúolos alongados e algumas fissuras. A sua constituição contém inclusões frequentes de nódulos brancos e, em menor quantidade, de nódulos ferrosos. As peças apresentam um acabamento pouco esmerado. A face exterior é pouco cuidada sendo apenas alisada a trapo e no interior possui um brunido muito irregular. Esta produção na Casa do Infante, Porto, é datada entre o séc. XVI e XVIII, encontrando-se representada por nove formas principais – Tigela, Cântaro, Alguidar, Púcaros, Servidores, Fogareiros, Panelas, Potes, Testos – sendo a tigela a forma mais abundante nos quatro depósitos estudados[894] (BARREIRA, DORDIO; TEIXEIRA 1998, 169-173). A caracterização química da produção, elaborada através da análise de 5 amostras[895] permitiu identificar a sua origem como provável a região de Aveiro (CASTRO; DORDIO; TEIXEIRA 2003, 226-227)

Atendendo ao carácter marginal, que estas produções representam no âmbito deste trabalho, a nível cronológico, apenas abordamos o estudo de três formas que se distinguem da generalidade das cerâmicas pelo facto de constituírem materiais que documentam produções de âmbito regional e, de certa forma, evidenciaram a continuidade dos circuitos comerciais regionais, demonstrando a importância do eixo viário Porto-Braga e a localização estratégica do povoado cuja ocupação acompanhou uma longa diacronia.

O alguidar n.º 3 (vol. II, est. CXC, n.º 3) constitui a única forma de que possuímos um perfil completo permitindo a sua reconstituição integral. O seu morfotipo caracteriza-se pelo perfil tronco-cónico invertido e fundo plano de assentamento pleno. A parede é recta desenvolvendo um ângulo de 45º com o fundo e o plano do bordo. Na Casa do Infante, Porto, onde se encontra bem representado foi subdivido em quatro tipos que consideram para efeito de classificação a sua dimensão, o perfil e o recorte do bordo (BARREIRA, DORDIO; TEIXEIRA 1998, 169-70, fig. 37). O acabamento deste tipo de peças apresenta-se relativamente uniforme, caracterizando-se a face externa, que normalmente não é vidrada, por apresentar um engobe fino e aderente de tonalidade mais escura que o cerne, de toque acetinado evidenciando estrias de torneamento. Os vidrados internos são transparentes, podendo assumir tonalidades de castanho-forte, castanho-amarelo, verde e mosqueado.

[893] Grupo químico identificado como Infante 8, definido a partir de 7 amostras (CASTRO; DORDIO; TEIXEIRA 2003, 224). As formas mais comuns identificadas na Casa do Infante são a caçoila, o alguidar e a tigela.

Grupo	SiO2	AL2O3	Fe2O3	K2O	Na2O	TiO2	CaO	MgO	Ba	Zr	Sr	Rb	Mn
Infante 1	57,90	31,00	3,91	4,40	0,33	1,06	0,25	0,88	762	518	83	383	297
(d/p)	1,41	1,15	0,39	0,34	0,13	0,06	0,12	0,08	95	79	11	45	46

[894] Subdivide-se em três grupos em que são visíveis as variações e os diferentes graus de depuração, podendo variar a quantidade de mica e apresentar em diferentes percentagens pequenos nódulos de argila branca com distribuição irregular (BARREIRA, DORDIO; TEIXEIRA 1998, 169).

[895] Grupo químico identificado como Infante 3, definido a partir de 5 amostras (CASTRO; DORDIO; TEIXEIRA 2003, 224). As formas mais comuns identificadas na Casa do Infante são a caçoila, o alguidar e a tigela.

Grupo	SiO2	AL2O3	Fe2O3	K2O	Na2O	TiO2	CaO	MgO	Ba	Zr	Sr	Rb	Mn
Infante 1	66,20	20,00	5,67	4,29	0,67	0,82	0,40	1,78	520	266	98	266	341
(d/p)	1,08	0,81	0,71	0,42	0,36	0,07	0,18	0,25	112	62	23	32	151

O nosso exemplar integra o primeiro tipo (T1) revelando uma dimensão média de cerca de 30 cm de diâmetro, cujo bordo é rematado por um lábio espesso, assimétrico, de perfil arredondado no exterior, levemente pendente. A face interna revela uma parede irregular marcada por estrias de torneamento de uma leve moldura a diferenciar o bordo do reservatório. O vidrado conserva-se íntegro e bem aderido, apresentando uma tonalidade levemente esverdeada, mantendo-se, no entanto, transparente e uniforme, isento de manchas.
A sua proveniência e enquadramento crono-estratigráfico (Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase VII, *Espaço Religioso*, corte estratigráfico 4, camada 1) é consistente com a cronologia proposta para os materiais estudados na Casa do Infante, Porto, correspondendo o nosso exemplar às produções mais precoces, eventualmente enquadradas nas produções do séc. XVI. A sua origem, identificada como sendo da região de Aveiro, com base nas análises químicas já referidas, não pode ser aferida com os materiais de Alvarelhos, uma vez que estes não foram analisados.

As tigelas n.º 1 e 2 (vol. II, est. CXC, n.º 1-2) integram o terceiro grupo que é composto por pastas de cor vermelha-alaranjada que constituem o fabrico mais abundante. Na Casa do Infante, Porto, onde se encontra muito bem representada, apesar de revelar uma significativa variação de dimensão, perfil e recorte do bordo, não foi subdividida em diferentes tipos (BARREIRA, DORDIO; TEIXEIRA 1998, 70, fig. 45). Genericamente, o seu morfotipo caracteriza-se por apresentar um fundo composto por um falso pé de recorte anelar, inscrito no limite da parede e do fundo, sugerindo um assentamento pleno que se não verifica pelo facto da face externa ser rebaixada. A parede desenvolve-se em dois planos marcada por uma carena cujo perfil pode ser definido por um ângulo mais ou menos pronunciado podendo assumir diferentes dimensões e, em alguns exemplares, apresentar uma leve curvatura. O bordo é sempre espessado assumindo diferentes perfis, sendo mais comum o de recorte arredondado espessado para o exterior.

Os nossos exemplares apenas se identificam pelo bordo e arranque da parede. Genericamente enquadram-se nas formas identificadas na Casa do Infante, Porto. Do ponto de vista da sua constituição e acabamento são muito próximas, apresentando um tratamento exterior muito simples, formado apenas por alisamento a trapo e no interior um brunido uniforme. A pasta é de cor vermelho-alaranjada, apresentando uma constituição muito homogénea. A estrutura é laminar apresentando como elementos não-plásticos pequenos grãos de quartzo de perfil anguloso dispersos uniformemente. A análise da sua constituição química revelou uma produção única, cujos critérios adoptados permitem identificar uma proximidade muito significativa com o grupo Infante 1[896] que, curiosamente, constitui um grupo identificado como "Fabricos pretos", cuja origem permanece ainda desconhecida (CASTRO; DORDIO; TEIXEIRA 2003, 224, 227-228), sendo, portanto, admissível, ainda que apenas tenhamos duas amostras para o demonstrar, que os "Fabricos vermelhos" e os "Fabricos pretos" identificados na Casa do Infante, Porto, possam pertencer à mesma origem, se não na totalidade, como parece ser o caso, uma vez que foram confrontadas análises dos dois fabricos, o possam ser parcelarmente correspondendo, eventualmente, a uma produção de menor expressão.
A sua proveniência e enquadramento crono-estratigráfico (Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase VII, *Espaço Religioso*, corte estratigráfico 4, camada 1) é consistente com a cronologia proposta para os materiais estudados na Casa do Infante, correspondendo os nossos às produções enquadradas no séc. XVI.

[896] Grupo químico identificado como Infante 1, definido a partir de 2 amostras (CASTRO; DORDIO; TEIXEIRA 2003, 224, 227-228).

Grupo	SiO2	AL2O3	Fe2O3	K2O	Na2O	TiO2	CaO	MgO	Ba	Zr	Sr	Rb	Mn
Infante 1	65,74	18,68	4,26	5,06	1,61	0,76	1,57	2,11	656	320	162	343	562(d/p)
	0,23	0,10	0,40	0,29	0,02	0,07	0,43	0,05	52	412	31	51	

Por último, identificámos um terceiro fabrico, sobre um pote, não ilustrado, cuja análise química revelara uma proximidade muito significativa com Prado - barros[897]. Trata-se de um fabrico grosseiro, caracterizado por possuir pastas mal depuradas de aspecto arenoso e friável. O acabamento, muito rudimentar, é essencialmente elaborado por um polimento incipiente. As decorações, pouco frequentes, são maioritariamente compostas por cordões aplicados ao nível do bordo, decorados com depressões digitadas de perfil oval.

Para além das produções provenientes de centros oleiros de âmbito regional a cerâmica mais abundante e comum, como é natural, deveria ser produzida na área envolvente do castro. Na região Maiata, em época medieval, encontram-se documentados barreiros, fornos e oleiros em três locais distintos – Moreira da Maia, Maia; Quiraz, S. Pedro de Avioso, Maia e Vilar do Pinheiro, Vila do Conde (BARROCA 1993, 162).

Moreira (Maia) – Forno de telha[898]
Por pagamento de renda ao mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia os habitantes de Queeriz (Quiraz, S. Pedro de Avioso), tinham de pagar (…) *unam carratam de barro ad teliam faciendam …* (…)[899]. O documento, datado de 1235, revela-nos que os barreiros existentes em S. Pedro de Avioso eram exploradas pelos moradores da freguesia e que no mosteiro de S. Salvador de Moreira existia um forno de telha (CARVALHO 1969, 84; BARROCA 1993, 162).

Quiraz (S. Pedro de Avioso), Maia – Barreiros
Por pagamento de renda ao mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia os habitantes de Queeriz (Quiraz, S. Pedro de Avioso), tinham de pagar (…) *unam carratam de barro ad teliam faciendam …* (…)[900]. O documento, datado de 1235, revela-nos a existência de barreiros em S. Pedro de Avioso (CARVALHO 1969, 84; BARROCA 1993, 162).

Vilar do Pinheiro, Vila do Conde – Forno de telha
Documento de venda de forno telheiro, datado de 1069 (PMH_DC 482) (…) *ille nostro forno telieiro com suo terreno quomodo est conclusu per illos marcos pedrinios qui stant super illo forno et inde per ille rrequeira et inde rrekeira inprono et fere in ilo rio et inde per ille rio infesto et fere in illos marcos petrinios unde primider incoavimus* (…)[901] (BARROCA 1993, 162, nota 15).

[897] Grupo formado por barros provenientes em Parada de Gatim, Vila Verde, Prado, no lugar do Picoto, Prado, Vila Verde e no lugar de Carvalhinhos, Prado, Vila Verde (CASTRO 1997/1998, 133, 136, Quadro V).

Grupo	SiO2	AL2O3	Fe2O3	K2O	Na2O	TiO2	CaO	MgO	Ba	Zr	Sr	Rb	Mn
Prado Barros	57,9	27,6	7.60	3.37	0,22	1,39	0,22	1,43	840	410	90	210	420
(d/p)	1,5	2,5	1,38	0,88	0,16	0,14	0,14	0,70	270	110	40	90	100

[898] Os centros oleiros eram também centros produtores de telha, numa lógica de complementaridade das duas produções, sendo frequente em muitas das cozeduras as peças terem sido colocadas alternadamente com telhas e tijolos, conforme referem algumas fontes documentais (BARROCA 1993, 160).
[899] (…) vão fora do couto fazer carvão e à procura do barro (…)
[900] (…) uma carrada de barro para fazer telha (…).
[901] (…) *aquele nosso forno de telha com o seu terreno tal como está demarcado por aqueles marcos de pedra que estão sobre aquele forno, e daí por aquela regueira, e a seguir pela regueira adiante quase até aquele rio, e daí por esse rio acima, contra a corrente, até quase à aqueles marcos de pedra por onde começamos* (…).

Cerâmica medieval

N.º Inventáro	Proveniência	Forma	Tipo	Pasta	Superfície	Anál. Química	Estampa
1. Alv. 97 B3, A1, op.178	corte est. 4, camada 1 / Fase VII	tigela	----	homogénea	alisada / brunida	Grupo 7	est. CXC, n.º 1
2. Alv. 97 B3, A1, op. 160	orte est. 4, camada 1 / Fase VII	tigela	----	homogénea	alisada / brunida	Grupo 7	est. CXC, n.º 2
3. Alv. 97 B3, A1, op. 184	corte est. 7, camada 3 / Fase VII	alguidar	----	homogénea	alisada / vidrado de chumbo	----	est. CXC, n.º 3

Cerâmica medieval – Análises por espectrometria por fluorescência de raios X

N.º Cat.	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Grupo 2															
Valor médio	57,61	28,29	8,33	3,08	0,18	1,22	0,27	0,86	474	343	63	173	408	---	
Desvio padrão	1,15	1,43	0,82	0,20	0,25	0,27	0,05	0,12	90	27	10	44	160	---	
* Av. 97 B, op. 79	58,16	26,65	8,02	3,45	0,34	1,33	0,21	1,67	656	303	59	263	388	---	

N.º Cat.	SiO2(%)	A12O3 (%)	Fe2O3 (%)	K2O (%)	Na2O (%)	TiO2 (%)	CaO (%)	MgO (%)	Ba (ppm)	Zr (ppm)	Sr (ppm)	Rb (ppm)	Mn (ppm)	dif.p/100%	Observações
Grupo 7															
Valor médio	66,49	20,54	5,29	4,03	0,48	0,78	0,20	2,08	351	241	65	247	271	---	
Desvio padrão	0,36	0,41	0,23	0,19	0,11	0,02	0,02	0,00	33	0	7	15	23	---	
1. Alv. 97B, op.178	66,75	20,25	5,13	4,16	0,56	0,76	0,19	2,08	328	241	60	257	287	---	
2. Alv. 97B, op. 160	66,23	20,83	5,45	3,89	0,40	0,79	0,22	2,08	375	241	70	236	255	---	

* Extra catálogo

. O grupo 2 é semelhante a Prado - barros

. O grupo 7 é semelhante a Infante 1

Catálogo

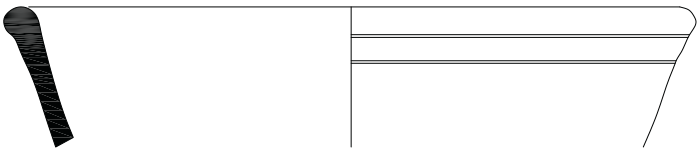
Tigelas (1-2)

1. Alv. 97 B3, A1, op. 178 - Tigela de bordo direito ligeiramente espessado, com duas incisões partindo para uma forma cónica. O tratamento da superfície exterior consiste no alisamento do trapo. O interior é brunido de forma uniforme. Pasta de cor vermelho-alaranjada, homogénea, apresentando estrutura laminar e pequenos grãos de quartzo angulosa dispersos na fractura.
O seu enquadramento cronológico remete-nos para o séc. XV/XVI, com paralelos na Casa do Infante, Porto, onde surgem em depósitos atribuídos ao séc. XVI até ao terceiro quartel do séc. XVII (vol. II, est. CXC, n.º 1).
Análise química - SiO2 – 66,75; AL2O3 – 20,26; Fe – 5,13; K2O – 4,16; Na2O – 0,56; TiO2 – 0,76; CaO – 0,19; MgO – 2,08; Ba - 328; Zr - 241; Sr - 60; Rb - 257; Mn - 287 (7º Grupo).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 176 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase VII, *Espaço Religioso*, corte estratigráfico 4, camada 1.

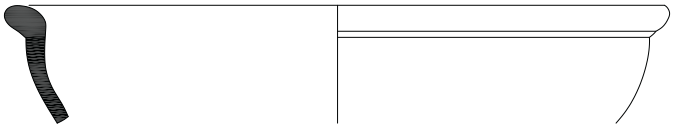
2. Alv. 97 B3, A1, op. 160 - Tigela de bordo ligeiramente projectado para o exterior e espessado partindo para uma forma curvilínea. Tratamento exterior pouco cuidado sendo apenas alisado a trapo e no interior possui um brunido muito irregular.
Pasta vermelha-alaranjada, homogénea, apresentando estrutura laminar com numerosos grãos de quartzo de dimensões muito reduzidas na fractura. O enquadramento cronológico é idêntico ao anterior (vol. II, est. CXC, n.º 2).
Análise química – SiO2 – 66,23; AL2O3 – 20,83; Fe 2O3 – 5,45; K2O – 3,89; Na2O – 0,40; TiO2 – 0,79; CaO – 0,22; MgO – 2,08; Ba - 375; Zr - 241; Sr - 70; Rb - 236; Mn - 255 (7º Grupo).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 183 mm; Espessura máxima do bordo 9 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase VII, *Espaço Religioso*, corte estratigráfico 4, camada 1.

Alguidares (3)

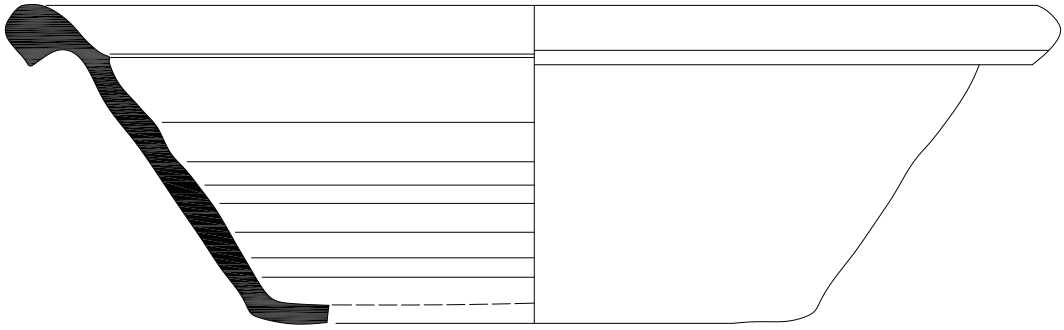
3. Alv. 97 B3, A1, op. 184 - Pequeno alguidar de bordo projectado para o exterior e espessado no seu *terminus*, partindo para uma forma cónica. O tratamento exterior mostra um alisamento a trapo enquanto que o interior é revestido a vidrado de chumbo transparente que, em contacto com os nódulos ferrosos existentes na pasta, confere à superfície um aspecto mosqueado. Há evidentes marcas de levantamento na roda assim como no interior. O fundo é plano de espessura reduzida. O enquadramento cronológico e estratigráfico igual aos dois outros exemplos precedentes (vol. II, est. CXC, n.º 3).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 276 mm; Altura máxima 80 mm; Espessura máxima da aba 11 mm.
Capacidade - 2 539, 86 cm^3 / 2, 53 L.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase VII, *Espaço Religioso*, corte estratigráfico 4, camada 1.



1



2



3

6.1.15. Vidros

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

É actualmente aceite que a descoberta da fabricação do vidro terá ocorrido no leste, mais concretamente na costa Fenició-Siria, Egipto e Alexandria e, a partir daí, rapidamente se terá difundido para oeste. No entanto, à parte da sua descoberta, a verdadeira revolução na sua produção deu-se com a descoberta do processo de soflagem. Esta nova técnica originou uma verdadeira revolução na "indústria do vidro". Através da soflagem a sua produção tornou-se mais rápida, mais versátil, mais leve e substancialmente mais económica. Até aqui um produto de luxo, o vidro progressivamente converteu-se num produto mais acessível, cujas formas e dimensões se vão transformando e adaptando ao uso das cerâmicas, suas predecessoras. O evoluir da técnica permitiu elaborar um produto mais fino e transparente, cuja adaptação para usos domésticos, para vitrais e reservatórios de medicamentos e perfumes, se transformou numa realidade.

Efectivamente, apesar de determinadas técnicas decorativas exigirem grande destreza, experiência e domínio tecnológico, a produção do vidro não impunha mais dificuldades do que a produção de cerâmicas ou objectos metálicos. Bastava um pouco de areia silicosa e de soda ou potássio, fundidos a altas temperaturas, em cadinhos de argila refractária, para realizar pasta de vidro, que, posteriormente, se haveria de soprar. Da mesma forma, a modéstia das ferramentas necessárias não constituiria obstáculo à sua produção – canas, pinças, tenazes, cadinhos e, eventualmente, moldes –, era tudo quanto se necessitava, acrescendo ainda o facto de algumas das ferramentas não serem exclusivas deste tipo de actividade.

As colorações eram obtidas através de óxidos metálicos que, por vezes, acompanhavam a soda ou o potássio como impurezas, ou de forma deliberada, eram adicionados. A técnica, neste capítulo, chegou a requintes de perfeita imitação de materiais preciosos como o âmbar, a esmeralda a ágata o ónix, o azeviche, a ametista e a safira, entre outros.

Da ampla gama de produtos importados dos principais centros produtores, identificam-se alguns com significativa expressão no nosso território. Entre os mais antigos e especialmente notáveis, pela sua beleza e excepcional dificuldade de execução, os vidros matizados, os elaborados por justaposição ou laminagem de pastas de diferentes cores, os salpicados, os marmoreados, os lapidados os moldados e, numa época mais tardia, já no limiar do império, os *diatreta*, cuja técnica de execução se encontra muito próxima da ourivesaria.

No que respeita à história da descoberta da técnica de soflagem a informação disponível, apesar dos inúmeros trabalhos produzidos, mantém-se fragmentária e pouco consistente. De facto, as interrogações básicas de – *quem, quando* e *onde* – não se encontram totalmente esclarecidas. No entanto, o consenso parece existir relativamente às duas primeiras. É tido como praticamente aceite que a técnica de soflagem teve início por volta de meados do séc. I a.C., algures no litoral mediterrâneo da costa leste (GROSE 1977, 9-26). Neste capítulo, a História Antiga, não contribui de forma significativa. De acordo com Estrabão[902], Roma contribuiu para as novas invenções e comércio no último quarto do séc. I a.C..

" *(...) Em Roma, dizem, muitas invenções adicionais foram feitas relacionadas com a cor e facilidade de confecção, por exemplo para vidro, claro como cristal, onde se pode comprar uma taça ou um copo.... (...)* "

[902] ESTRABÃO, *Geografia*, 16, 2. 25.

Como se pode apreciar nesta passagem de Estrabão, apesar da referência à fabricação do vidro, não é revelada a propriedade da invenção. Plínio-o-Velho[903], também não é mais esclarecedor, apesar de mencionar a soflagem como técnica de fabrico, acaba por deixar o seu inventor anónimo.

" *(...) Algumas delas tomam forma por soflagem, alguns crescem em molde e algumas são gravadas como prata (...)* "

Os documentos iconográficos relacionados com a produção do vidro em que, inquestionavelmente, se regista a técnica de soflagem, são pouco abundantes e correspondem a um período em que a técnica se já vulgarizara. Refira-se, a propósito, duas lucernas datadas da 2ª metade do séc. I, cuja representação no disco é constituída por um forno ladeado por dois artesãos a soprar peças de vidro (AMREIN 2001, 89, fig. 89).

Do ponto de vista historiográfico, a Arqueologia ao longo do século passado passou por várias tentativas de interpretação do processo e origem da soflagem, que se basearam, essencialmente, no estudo de peças completas que sobreviveram até aos nossos tempos, assim como na aplicação de métodos de fabrico que também sobreviveram até aos dias de hoje. Assim, Gustavus Eisen assumiu que (…) *a descoberta da soflagem do vidro foi o resultado do esforço dos artesãos para fazerem frascos do mesmo género de vidro mosaico do qual se fez a forma* (…) (EISEN 1916, 134-143). No mesmo sentido, Frederick Schuler descreve a técnica de soflagem em relação com o vidro *millefiori*. Os diferentes momentos da descoberta da soflagem, de acordo com Schuler, são idênticos aos sugeridos por Eisen, ou seja, a soflagem de vidro arco-íris, soflagem livre e soflagem/moldagem (SCHULER 1933, 116-122). Por sua vez, Harden considera a técnica de moldagem/soflagem como o primeiro degrau da técnica de soflagem, considerando-o como um processo natural de evolução da técnica de moldagem (HARDEN 1969, 44-77).

Os dados actualmente disponíveis conduzem-nos a uma outra abordagem que tem, obrigatoriamente, a ver não apenas com a valorização da evidência arqueológica mas, fundamentalmente, com a interpretação da própria técnica da soflagem. Os novos elementos surgiram em 1971 no decurso das escavações do quarteirão judaico da cidade de Jerusalém e permitem datar o início da técnica de soflagem, ainda que de forma temporária, em meados do séc. I, a.C.. Nhaman Avigad concluiu que as descobertas podiam suprir em parte algumas interrogações em relação à origem da técnica de soflagem do vidro. " (...) *As descobertas de Jerusalém indicam que o mais antigo vidro soprado foi feito com tubo de vidro. Este é, talvez o primeiríssimo estádio de experimentação de soflagem de vidro, seguidos mais tarde pelo uso do pontel* " (AVIGAD 1983, 189).

Hoje é unanimemente aceite que a técnica de soflagem foi trazida para ocidente por *Ennion* na primeira metade do séc. I (HUTH 1979, 18). Na Itália meridional, onde aportavam peças de mercados orientais, as técnicas vidreiras cedo se desenvolveram para a região do Pó, para a Gália e Renânia através do vale do Ródano e do Reno.

Paralelamente aos grandes centros produtores de Roma, Aquileia (SETERN 1977, 153)[904], Colónia (HAREDEN 1969, 48; STERN 1977, 153)[905] e da Campânia, outros de menor dimensão foram-se desenvolvendo para poder satisfazer as necessidades regionais e a crescente procura. Primeiro as legiões, depois funcionários estatais e, por fim, a aristocracia indígena, constituíram o mercado potencial para o desenvolvimento desta actividade artesanal.

[903] Plínio-o-Velho - *História Natural*, 36, 190-193.

[904] Embora não exista qualquer evidência literária que ateste a produção vidreira no Vale do Pó e Aquileia, o vidro era bem conhecido. Especial relevo merecem os vidros provenientes de duas sepulturas de Ornavasso.

[905] Com datação do séc. I existem evidências em Colónia de produção de vidro.

No séc. III e princípio do séc. IV os mercados e centros produtores Siro-Palestinos florescem. Aliás, este período, do ponto de vista comercial, corresponde a um momento de intenso contacto entre o leste e oeste que se pode apreciar por um amplo conjunto de materiais transaccionados, como, por exemplo, a cerâmica foceana, assim como com os centros produtores da Europa Central, designadamente os Renanos. Na realidade, todo o mercado do império floresce. As técnicas decorativas e o reportório de formas ganham um novo incremento, do qual constitui exemplo paradigmático o novo estilo de decoração de folhas aplicadas, entre as quais se moviam pássaros e serpentes, que surgiu nas oficinas do Reno no princípio do séc. III, fenómeno a que deverá estar subjacente um surto migratório vindo de oriente com novos artistas e artesãos.
No fim do séc. IV, com a separação política e económica do Império, as trocas parecem ter diminuído e, como consequência, as oficinas ficam mais isoladas e menos inovadoras, embora se mantenha a produção das tradicionais formas, estas revelam menor qualidade e menos cambiantes decorativas.
Dos antigos centros tradicionais apenas Colónia se mantém inventivo, local de onde provém a maior parte dos vasos conhecidos por *diatreta* que constitui, indubitavelmente, a técnica decorativa mais singular da "indústria" vidreira romana, associada às produções orientais especialmente de pratos e taças gravadas com cenas litúrgicas e temáticas de índole religiosa, designadamente de simbologia cristã.
Com excepção desta extraordinária manifestação artística, a produção de vidro de qualidade técnica e artística, a partir dos finais do séc. IV entra em decadência. A qualidade diminui, as impurezas da matéria-prima são mais abundantes e predominam os vidros de tons verdes e amarelos. As formas tornam-se monótonas e menos elaboradas[906], ganhando maior preponderância as produções locais em detrimentos dos produtos de importação.
O momento artístico seguinte inspira-se nos perfis e decorações próprias do metal, nomeadamente da ourivesaria, predominando as peças decoradas com cabuchões de vidro colorido que lembram as pedras preciosas.

O estudo do vidro romano em Portugal é uma realidade relativamente recente. Efectivamente, na bibliografia arqueológica, de forma individualizada e específica, surge apenas na década de sessenta, período em que se verifica um interesse especial por parte dos investigadores no estudo de colecções em museus, promovendo a sua classificação à luz das novas tipologias desenvolvidas na Europa Central, Meridional, assim como resultado das missões internacionais realizadas em campo do Médio Oriente e Norte de África, ao qual não será alheio o trabalho realizado por C. Isings, em 1957. Este período, indubitavelmente, marca um tipo de abordagem de investigação com características particulares, que constitui um importante marco na historiografia arqueológica portuguesa, tanto assim que muitos dos trabalhos então realizados se mantêm actuais, constituindo uma referência obrigatória para qualquer tipo de estudo de síntese (MOREIRA 1995a, 15). Contudo, os investigadores a nomear são poucos, apesar de alguns deles terem produzido uma grande quantidade de estudos, realizados um pouco por todo o país. Entre os mais antigos merecem destaque os trabalhos de Mário Cardozo e Abel Viana, respectivamente sobre pulseiras de vidro e a indústria vidreira em geral (CARDOZO 1961, 55-63; 1965a, 5-11; 1970, 13-25) e, de carácter mais localizado, sobre alguns materiais recolhidos em necrópoles (VIANA 1960/61, 5-42). O principal investigador português da vidraria romana é indiscutivelmente Jorge Alarcão que publicou cerca de três dezenas de artigos, alguns em

[906] Este aspecto é particularmente evidente na região do noroeste Peninsular, onde se constata uma grande uniformidade de formas e cores neste período. No entanto, merecem destaque algumas peças que, apesar de se enquadrarem genericamente neste conjunto, do ponto de vista tipológico, são ricamente gravadas. Os motivos puramente mundanos como a caça tem alguma representação, mas são os motivos litúrgicos ou religiosos que assumem particular destaque, quer pela amplitude cultural que revelam, quer pela excepcional técnica de gravação que alguns dos exemplares evidenciam.

parceria, que constituem hoje a principal referência para qualquer tipo de estudo neste domínio[907]. Merecem ainda destaque alguns outros trabalhos de diferentes autores que, esporadicamente abordaram o tema[908]. Mais recentemente os estudos editados privilegiam uma abordagem integradora, enquadrados em estudos mais abrangentes, tendo como referência objectos estratigrafados em associação a outro tipo de materiais cuja cronologia permite maior rigor de datação[909].

Metodologia

Para o estudo das peças de vidro, tanto quanto possível, seguimos a tipologia elaborada por Isings (ISINGS 1957), complementada por tipologias mais actuais, designadamente a de Bonnet Borel (BOREL 1997), a de Beat Rutti (RUTTI 1991), e Goethert-Polaschek (GOETHERT-POLASCHEK 1997).
O esquema adoptado para a apresentação do material é semelhante ao desenvolvido por Van Lith e Randsborg (LITH; RANDSBOBRG 1985), cujo agrupamento das formas reflecte a sua serventia, ao qual introduzimos pequenas alterações e acrescentos. Assim, estabeleceram-se as seguintes categorias;

A. Vestígios da actividade vidreira
B. Vidros de janela
C. Vasos para uso de mesa
  C1- Tigelas e pratos para a comida seca e/ou para tomar bebidas
  C2 - Copos e taças para beber
  C3 - Bilhas e jarros para servir bebidas
D. Vasos para armazenar alimentos
  D1 - Garrafas para guardar e eventualmente servir líquidos
  D2 - Urnas e Boiões para guardar alimentos secos
E. Unguentários para guardar condimentos, unguentos, medicamentos ou perfumes
F. Elementos de adorno
G. Formas variadas
H. Peças indeterminadas

As peças que não integram estas categorias, por impossibilidade de determinar a sua forma ou pela sua natureza excepcional, serão apresentadas no final do catálogo, na sétima categoria, designada por Formas variadas. Este esquema é também seguido num trabalho recente sobre materiais provenientes de Balsa, que constitui, para nós, uma importante referência metodológica (NOLEN 1994,169-247).
A cor da *paraison* será apresentada segundo a escala de Berger (BERGER 1960), e a qualidade do vidro segundo as seguintes quatro categorias[910].

---

907 Entre os principais estudos realizados pelo autor destacam-se os seguintes - ALARCÃO 1963, 175-209; ALARCÃO; ALARCÃO 1963a, 367-390; ALARCÃO 1964a, 1-40; ALARCÃO; ALARCÃO 1964a, 5-11; 1964b, 56-62; 1965; 1966, 7-104; 1966b, 5-12; 1967, 1-45; ALARCÃO 1968, 71-79; 1970, 237-261;1970b, 28-34; 1971a, 1-19; 1971b, 191-200; 1973b, 3-5; 1975b, 50-52; 1976, 1-7; 1977, 79-91; 1978a, 101-112; 1978b, 155-165; 1983, 79-80; 1984, 173-178.

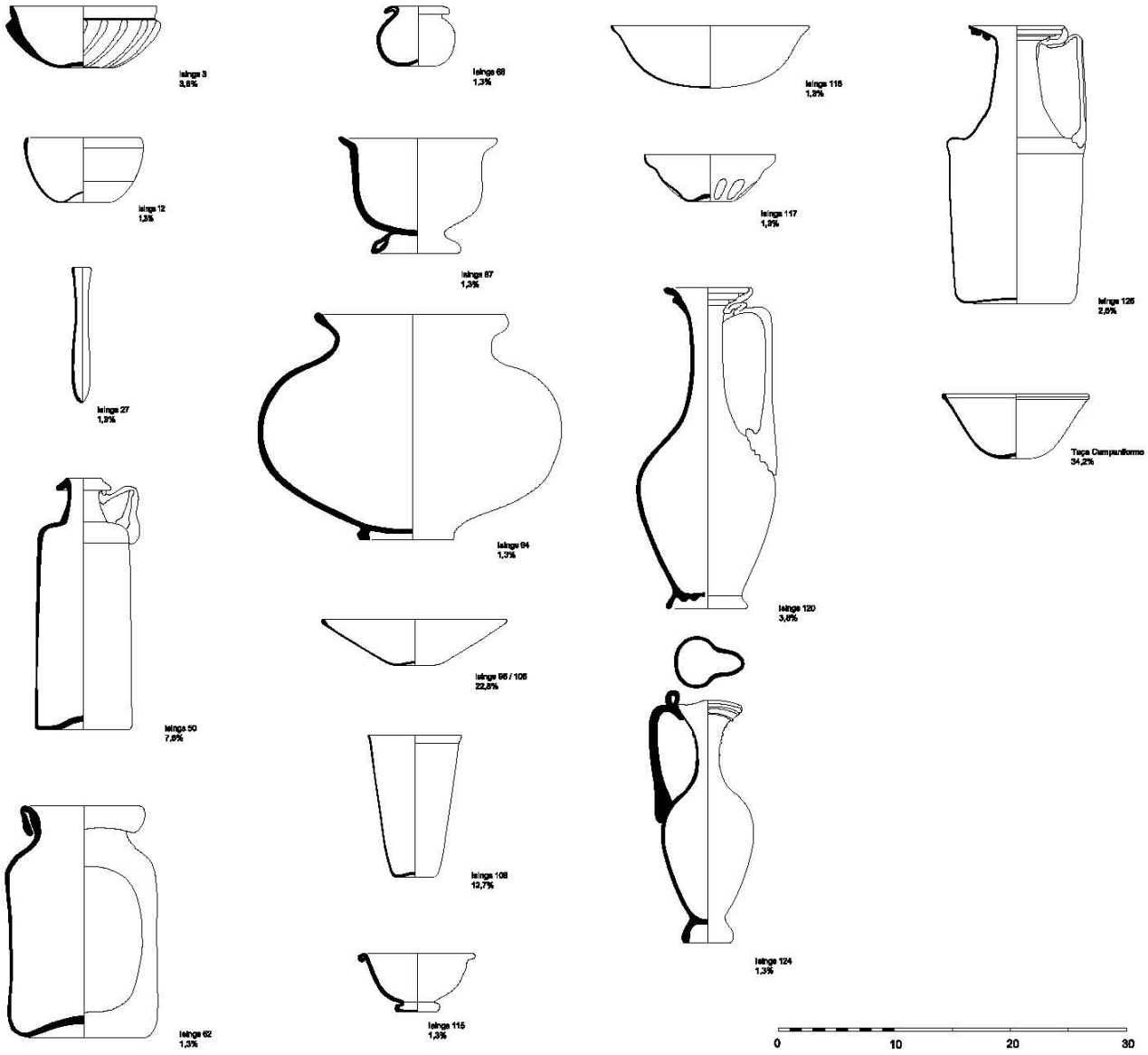
908 Entre outros, merecem destaque os trabalhos produzidos por Helena Frade sobre os vidros romanos do Museu do Crato e da colecção Bustorff da Silva (FRADE 1985, 123-125; 1986, 145-152; 1987, 259-286), e os trabalhos de J. C. Neves sobre materiais provenientes de Aramenha (NEVES 1972, 5-31).

909 Entre os mais significativos veja-se os trabalhos publicados por Jannette Nolen sobre o material vítreo da *villa* de S. Cucufate, Vidigueira, da necrópole de Santo André, Montargil e de Torre de Ares e Balsa, Loulé (NOLEN 1988/1990, 5-59; NOLEN; DIAS; VIEGAS 1981, 33-178; NOLEN 1994, 169-247) e mais recentemente sobre o material vítreo de Braga (CRUZ 2001).

910 De notar que em Portugal, de forma geral, a referência ao padrão de cores de Berger é a mais utilizada, sendo raros os exemplos de utilização de outra tabela.

1 - Muito boa; vidro transparente isento de bolhas ou com algumas bolhas de ar de dimensão reduzida.
2 - Boa; Vidro transparente com maior número de bolhas, por vezes alongadas.
3 - Média; elevado número de bolhas e impurezas, e, por vezes, opaco.
4 - Inferior ou má qualidade; vidro de fraca qualidade.

Quadro sinóptico



A. Vestígios da actividade vidreira

Apesar de abundante e razoavelmente bem estudada do ponto de vista tipológico, a "indústria vidreira" ao nível das suas oficinas e estruturas correspondentes encontra-se ainda relativamente mal documentada. Infelizmente, os exemplos conhecidos são reduzidos e revelam pouco mais que uma pálida imagem do que, provavelmente, terá sido uma actividade artesanal de grande expressão.

Por todo o império foram descobertos vários fornos e vestígios diversos da actividade vidreira que documentam sobejamente as técnicas de fabrico e estruturas de produção. Entre os elementos mais significativos associados às estruturas de produção vidreira, concretamente os fornos, destacam-se, entre outros, os dois núcleos de oficinas documentados em Colónia[911], quatro em Inglaterra (FORBES 1966, 192), em Tipasa (FORBES 1966, 192), e em Bona, onde forma detectados três fornos rectangulares (FOLMANN-SCHULZ 1991, 36-37, 40; GECHTER 1987, 375).

Relativamente à Península Ibérica não são conhecidos documentos epigráficos que aludam a oficinas de fabricação de vidro. Existem apenas vagas referências documentais relativas à sua produção na História Natural de Plínio[912]. Os vestígios arqueológicos actualmente conhecidos na Península permitem-nos ter uma pequena ideia de alguns dos possíveis centros produtores. Foram encontrados em Mataró indícios de pequenos fornos e restos de moldes, datados do séc. II (RIBAS 1952, 80). Juntamente a estes vestígios outros existem disseminados pela geografia peninsular, designadamente em Olleria, Salinas, Busot, Valle de Almanzora, na Tarraconense, área que, segundo Francisca Tristan (TRISTAN 1991, 516-517), paralelamente com a Bética, recebeu as primeiras oficinas da Península, que se mantiveram em elaboração até ao séc. IV, como demonstram os restos encontrados na necrópole paleocristã de Tarragona (PRICE 1987, 33). A juntar a estes achados à que somar os elementos provenientes de Mérida e de Pasaje de Cobos em Tarragona (PRICE 1987, 34), Ampurias (ALMAGRO 1953, 27), Itálica (PRICE 1991, 226), e Conímbriga.
No convento bracaraugustano temos como referência o aparecimento de vestígios associáveis à produção vidreira em Braga, na Rua Santos da Cunha, identificados na intervenção da "casa do poço" realizada em 1966[913], e, mais recentemente, na Quinta do Fujacal, Maximinos e Carvalheiras (CRUZ 2001, 30), documentados por abundantes restos de escórias, vidros para reciclar, peças defeituosas, cadinhos e almofarizes, relacionados com a trituração do vidro para refundir. No entanto, outros tipo de vestígios atestam, ainda que indirectamente, a fabricação de vidro como, por exemplo, os identificados em Conímbriga (ALARCÃO 1994, 23, n.º 173)[914] que, pelo facto de não se encontrarem associados a estruturas sugeriu a alguns autores, que a sua produção provavelmente resultaria, de uma actividade sazonal de artesãos itinerantes, cuja acção deveria ser uma prática corrente a partir dos finais do séc. I. Tendo em consideração a abundância dos materiais recolhidos, associada à fragilidade das peças, é imperativo considerar que grande parte destas, nomeadamente as formas mais vulgarizadas, se fabricassem localmente como, por exemplo, os vidros de janela e as formas simples e correntes como unguentários, balsários, taças, copos e garrafas.

Em Alvarelhos, na área designada como *Complexo Artesanal*, foi intervencionada uma estrutura que identificamos como sendo um forno ligada a produção vidreira que, em conjugação com uma outra estrutura relacionada com a metalurgia do bronze, constituiria o elemento que permitiu a atribuição da designação ao edifício onde se integram com *Complexo Artesanal*. Encontra-se implantada no Ap. VIII da Fase IV e XII na

911 A primeira oficina identificada no exterior da cidade, a cerca de 500 m da porta norte, sobre a estrada de ligação a Neuss, era composta por quatro fornos circulares e um forno rectangular, associados a um conjunto de estruturas onde forma recolhidos abundantes vestígios de produção, designadamente, gotas de vidro, escórias, blocos de vidro etc. A estratigrafia e sobreposição de estruturas permitiu definir uma cronologia pré-claudiana para um forno, claudiana para 3, e do período flaviano para 1 (FREMERSDORF 1959, 68-69, est. 10; 1965-1966, 24-28; DOPPELFELD 1965, 236.1-4; 1966, 11-16; NEU 1980, 224-227; HORAT 1991, 82; FOLMANN; SCHULLZ 1991, 3-36; AMREIN 2001, 99).
912 PLINIO - N.H., XXXVI, 194.
913 Os vestígios então identificados consistiam apenas em alguns tijolos com restos de escória de vidro incrustada nas faces que, na altura, foram interpretados pelo autor como sendo elementos pertencentes a um forno (SOUSA 1989, 366-367).
914 A presença de alguns pedaços de vidro em bruto, de cor verde-gelo e azul-água, juntamente com fragmentos de argila refractária, cobertos numa das faces por sólidos escorrimentos vítreos, de diversas cores, leva a admitir que em Conímbriga se fabricassem peças de vidro, pelo menos a partir de finais do séc. I (ALARCÃO 1984, 23, n.º 173).

Fase V da *Domus Norte* e, cronologicamente a sua construção e período de laboração enquadra-se na Fase IV-V (vol. I, est. XLV).
A estrutura localiza-se no extremo sudoeste do aposento, encontrando-se praticamente encostado ao cunhal noroeste. Apresenta uma planta semicircular, com a face da boca do forno recta. Estruturalmente revela semelhanças significativas com os restantes fornos identificados em Alvarelhos, apesar da sua utilização específica e julgamos exclusiva. É admissível que a estrutura até ao nível do lar do forno fosse composta por um paramento em alvenaria de granito com uma abertura para a alimentação do forno que, neste caso, poderia funcionar lateralmente ou, com mais probabilidade, directamente através do Pátio I, o que traria vantagens ao nível oxigenação da fornalha e também na exaustão do fumo, facto que é também sugerido pela inexistência da estrutura de alicerce da parede da face oeste ao qual encosta.
No seu estado original o forno desenvolver-se-ia até cerca de um metro de altura, a partir do qual se formaria a cobertura, eventualmente em falsa cúpula. A proposta interpretativa que apresentamos (vol. I, est. LVI), baseia-se na análise de estruturas similares identificadas em Alvarelhos, apesar da sua diferente vocação, assim como noutros exemplos conhecidos em diferentes locais do império, nomeadamente nos fornos da oficina vidreira intervencionada em Avanches (*Aventicum*), localizada na actual Suiça (AMREIN 2001, 90, fig. 90), e no exemplo de Hambach 500, actual Alemanha (GAITZSCH 1991, 42-43, fig. 2).
Os vestígios associados que nos levam a considerar esta estrutura e o respectivo espaço onde se insere como oficina de produção vidreira consistem em quantidades significativas de pasta vítrea disforme formando nódulos arredondados (n.º 1-2), pingos e escorrências integrados no pavimento e em pedras do próprio forno, cujas análises químicas, elaboradas por espectrometria de fluorescência de raio X, são consistentes com a esmagadora maioria das peças analisadas do mesmo horizonte cronológico, provenientes de várias áreas do povoado.

Os resíduos de fabricação recolhidos são compostos por nódulos de vidro disforme (945 gr.), com incrustações e impurezas, dos quais analisamos dois exemplares (n.º 1-2), que permitiram definir um grupo de características uniformes (Grupo IV), cuja composição permite classificá-lo como sendo um vidro de silicato de cálcio (14%), e sódio (7%), com manganês (2%), ferro (2%), mas praticamente isento de chumbo, estanho, antimónio e cobre.
Foram ainda identificadas pedras com incrustações e escorrências de pasta vítrea e, em menor quantidade, vidro para reciclar que a análise macroscópica permite classificá-lo como sendo da mesma natureza e constituição que a pasta vítrea recolhida.
No ensaio de classificação dos diferentes tipos de resíduos de fabricação elaborada por Price e Cool (PRICE; COOL 1991, 25-26), que considera quatro tipos de vestígios (a) fragmentos para reciclar; b) formas irregulares de arestas vivas; c) nódulos; d) calcite coberta com material cerâmico), os resíduos de Alvarelhos integrar-se-iam no tipo c), e, eventualmente, no tipo d), numa interpretação mais abrangente para os vestígios incrustados nas pedras recolhidas nas imediações do forno.
Constituem, portanto, resíduos da fornada, apresentando perfis arredondados correspondentes à solidificação de um fluido de consistência pastosa.

B. Vidros de janela

O vidro plano ou de janela – *specularis* – destinado ao uso arquitectónico foi uma inovação romana. No ocidente a sua utilização generaliza-se a partir do séc. I mantendo-se a sua produção e utilização em crescendo até ao séc. IV.
No alto-império os painéis de vidro de janela eram fabricados através de um processo bastante empírico, que consistia em verter o vidro líquido num molde horizontal, limitado por um pequeno rebordo, para,

posteriormente, através da utilização de um rolo ser distendido e uniformizada a sua espessura. Este processo de fabrico originava painéis relativamente espessos e com uma das faces muito lisa e brilhante e outra, mais irregular e rugosa, que anulava parte da transparência e a possibilidade de ver nitidamente através do vidro, assim como cantos arredondados, levemente mais espessos que a parte interna. O seu formato mais frequente privilegia o recorte quadrangular com aproximadamente um pé. Os vidros tardo-romanos, ao contrário dos primeiros, eram fabricados por soflagem de cilindros, cuja técnica de fabrico consistia em ser soprado num cilindro, cortado a frio e alisado num segundo aquecimento, a baixa temperatura. Este último tipo surge a partir do séc. III (BOON 1966, 41-45), pelo que revela características distintas dos primeiros[915]. Globalmente, os vidros do baixo-império são mais finos e frequentemente de baixa qualidade, com muitas bolhas de ar e impurezas. Embora translúcidos, são frequentes os vidros de cor castanha e esverdeada, resultantes do pouco cuidado na lavagem das areias ou da adição de pouco descorante à massa vítrea, geralmente constituído por maganês.

Os n.º 3 e 4 (vol. II, est. CXCI, n.º 3-4) são os únicos fragmentos de vidro de janela identificados em Alvarelhos e provêm ambos do *Espaço Religioso* da ocupação relativa à Fase IV-V.
As nossas peças são de qualidade intermédia, possuem brilho dos dois lados e elevada transparência, mas registam algumas impurezas que lhe conferem um tom acastanhado. De uma forma geral, este tipo de peças não é descrita, nem tão pouco referenciada, pelo que se torna difícil encontrar paralelos regionais. Servem-nos de referência os exemplares por nós publicado provenientes de *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses (MOREIRA 1997, 35-36, est. XX, n.º 13), com uma datação posterior ao reinado de Vespasiano, os exemplares provenientes do castro do Padrão, Santo Tirso[916] e, fundamentalmente, os abundantes materiais recolhidos em Braga, praticamente em todas as áreas intervencionadas[917]. Temos também conhecimento do seu aparecimento em Conímbriga, mas que não são descriminados na bibliografia, assim como em Balsa, Loulé (NOLEN 1994, 182-183). Na área do convento lucense merecem destaque as ocorrências de vidros de janela do acampamento de Cidadela, Sobrado dos Monxes, Corunha (GESTO; MARTINEZ 2001, 205-216), assim como da cidade de *Lucus Augusti* (VV.AA 1995, 155).

C - VASOS PARA USO NA MESA
C 1 - Para comer

Tigelas, moldadas ou sopradas em molde

Este tipo de peças é particularmente numeroso no conjunto de vidros identificados em Alvarelhos. São designados por taças caneladas ou, na expressão francesa, *phiales côtelées*[918] e correspondem à forma Isings 3 – *shallow bowl* (ISINGS 1957, 17-18, forma 3-b/c/d).

[915] Esta identificação de técnicas de produção e distinção cronológica é aceite pela generalidade dos autores que se debruçaram sobre o estudo da indústria vidreira romana (BOON 1966, 1, nota 7; ISINGS 1971, 44, 95; DUNN 1986, 6; FORBES 1966, 185; PALOMAR 2001, 349-353).
[916] Regista-se o seu aparecimento na *Domus Este*, cujo horizonte de abandono se regista em finais do séc. II, início do séc. III Pad. 04, B1, K 33, (02), op. 88 - Fragmento de vidro de janela. Cor verde-gelo, com abundantes impurezas negras e bolhas de ar. Apresenta uma das faces baça, como é próprio dos vidros planos produzidos na marma, e arestas erosionadas.
[917] A pesagem dos materiais identificados permitiu formar uma ideia sobre a utilização desta solução arquitectónica, matizando, naturalmente, as conclusões com as variáveis; reciclagem do vidro, condições deposicionais e pós-deposicionais e área escavada em cada uma das áreas intervencionadas. Termas da Cividade 4,100 kg; Ínsula das Carvalheiras 0,453 kg; Cavalariças 0,189 kg; Restantes áreas 0,528 kg (CRUZ 2001, 43).
[918] Embora amplamente generalizada discute-se a propriedade da designação de taça canelada, atendendo ao facto que os espaços que medeiam os gomos ou molduras verticais não constituírem verdadeiras caneluras, sendo, porventura, mais apropriada a designação de taças gomadas ou de costelas, conforme vulgarmente se designam em Espanha.

O seu morfo-tipo caracteriza-se por possuir uma copa arqueada, ligeiramente quebrada nos ombros, com bordo vertical, polido ao fogo, rematada por um lábio vertical de secção arredondada, podendo, em alguns casos, ser ligeiramente pontiagudo. As nervuras apresentam um perfil oval diminuindo de espessura para o fundo. Desenvolvem-se a partir do terço superior da copa limitando a face inferior do bordo, apresentando uma distribuição simétrica. O fundo é plano, ou ligeiramente côncavo na área central proporcionando um assentamento radial. Trata-se de peças de clara inspiração em modelos metálicos, designadamente em objectos de prata.
Isings subdividiu a forma em três subtipos; *a* | *b* | *c*; o primeiro, com a parede baixa e nervuras alongadas até à base, tipo *a*; o segundo com a parede profunda e com as nervuras igualmente prolongadas até à base, tipo *b*; e o terceiro, com as nervuras cortadas sobre a parede, tipo *c*.
As peças foram produzidas por soflagem em vidro monocromático translúcido ou opaco, em várias cores, com particular destaque para o verde, azul-água, âmbar, amarelo-acastanhado, e, excepcionalmente, em vidro matizado. As produções policromas, também frequentes, ocorrem em *mileffiori*, marmoreadas e mosqueadas. A decoração é formada por nervuras verticais em relevo, paralelas entre si, de perfil arredondado e recorte lanceolado, que se projectam desde a face inferior do bordo à parte inferior do reservatório, diminuindo progressivamente de largura e espessura. A sua datação ocupa todo o séc. I, e constitui, sem dúvida, a peça de vidro emblemática encontrada no noroeste peninsular em horizontes alto-imperiais. Em concreto, a partir do reinado de Tibério até ao fim do séc. I (HAYES 1975, 71), podendo suceder em determinadas áreas flutuações da sua presença percentual, como parece suceder na área Renana onde se verifica uma significativa perda de popularidade a partir da dinastia dos Flávios (BERGER 1960, 18). Apesar de constituir uma presença emblemática do séc. I, constituindo-se inclusivamente como um fóssil director, como refere Gysel Hochuli, ao longo do séc. I verifica-se uma evolução técnica e formal das taças caneladas, sendo perceptível que os vidros mais antigos privilegiam vidro colorido monocromático, geralmente opaco (azul-escuro, verde-azeitona, âmbar etc.), enquanto os vidros translúcidos de cor verde e azul-água dominam as produções da segunda metade do séc. I, período no qual teriam uma produção muito cuidada (HOCHULI 1990, 122-123). Em termos regionais, esta dinâmica é perceptível em todos os assentamentos nos quais são conhecidos de forma exaustiva e com referência crono-estratigráfica como sejam a cidade Braga, em *Tongobriga,* Freixo, Marco de Canaveses, no castro do Padrão, Santo Tirso e no Monte Mozinho, Penafiel, onde, de forma sistemática, se constata uma preponderância de peças em pasta vítrea monocromática opaca em estratos pré-flavianos e uma clara mudança nos sectores que registam as transformações operadas a partir do último quartel do séc. I.

Provenientes das áreas intervencionadas constam no nosso catálogo apenas três exemplares – n.º 5-7 (vol. II, est. CXCI, n.º 5-7) –, respectivamente enquadrados na Fase II e III, sendo a primeira proveniente de um ambiente estratigráfico correspondente à última fase da ocupação castreja.
As análises química, efectuadas sobre as peças n.º 5 e 6 permitiram integrá-las no mesmo grupo (Grupo I), cujas características genéricas consistem em serem compostas de vidro de silicato de cálcio (13%), com pouco ferro (1 %), e isento de chumbo e estanho.
À semelhança de todos os vidros analisados que integram o Grupo I, constituem um fabrico que não terá sido produzido em Alvarelhos, pelo menos no que respeita às estruturas e vestígios até aqui identificados.

Registam-se inúmeros paralelos que enquadram as taças caneladas recolhidas em Alvarelhos e que integram o extenso grupo de taças caneladas[919] - Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1984, 186, fig. LXXXIX n.º 9; 203, fig. XCIV, n.º12; MOREIRA 1995, 25-27, est. XII, 9, 12), Castro do Monte de Santa Maria, Vila da Feira (ALARCÃO

[919] Para além das referenciadas existem inúmeras outras provenientes da região em estudo, ainda não publicadas como, por exemplo, do castro de Guifões, Matosinhos e do castro do Monte Padrão, Santo Tirso.

1971, 31-33, est. II n.º 17), Castro de Bagunte, Vila do Conde (ALARCÃO 1971, 31-33, est. II n.º 18 e 19), Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim (ALARCÃO 1971, 34, est. II n.º 21), Citânia de Briteiros, Guimarães (ALARCÃO 1963, 15, est. III n.º 9; 17, est. IV n.º 15; SARMENTO 1905, 11), Castro da Retorta, Vila do Conde (ALARCÃO 1963, 25, est. IV n. 10; 25-26, est. IV n.º 25), Joubreira, Guimarães (ALARCÃO 1963, 27-28, est. IV n.º 28), Carvalheiras, Braga (DELGADO; LEMOS 1984, 162, est. IV n.º 17), e em praticamente em todos os outros locais escavados, Termas, Edifício Cardoso da Saudade, Albergue Distrital, Cavalariças, Jardim da Misericórdia, Colina da Cividade e vários outros (CRUZ 2001, 51, 108-110, est. I-II, XXIII, XXXI-XXXII)[920], *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses (MOREIRA 1995a, 42, est. XXVII, n.º 7, est. XXVII, n.º 10,15; 1997, 33, est. XIX-XX, n.º 7, 10, 15), e duas taças, uma das quais carenada, provenientes da Citânia de Briteiros, Guimarães, (ALARCÃO 1963, 11, est. III n.º 9; est. VII n.º 4). São também conhecidos inúmeros exemplares da área meridional da Galiza, entre as quais as taças em vidro translúcido de cor azul-água e verde-água, datados da época de Tibério-Cláudio até à época Flávia provenientes de Santomé, Tíbias, Ourense (GONZÁLEZ; RODRÍGUEZ 1994, 51-52, fig. 4-5, 7).

Do conjunto referenciado merecem particular destaque as peças provenientes da Citânia de Briteiros, Guimarães, produzidas em vidro matizado, pela raridade que representam no conjunto de peças identificadas no noroeste peninsular (MOREIRA 1997, 14-82). Convêm, no entanto, esclarecer que este tipo de vidro comporta dois tipos distintos de vidro, resultantes de processos de fabrico também distintos, frequentemente confundidos. Um designado por *mileffiori* (HARDEN 1947, 292)[921] cuja tecnologia de fabrico se classifica como moldado, onde se aplicam peças previamente recortadas, e outro, que optamos por designar por matizado que, apesar do processo de fabrico também se definir como moldado, o vidro é composto pela mistura de pastas vitrais fluidas. É, de certa forma, comum verificar uma certa confusão entre estes os dois tipos de vidro na bibliografia da especialidade, porque ambos se designam correntemente pelo termo *mosaico*.

O primeiro tipo, de produção do mediterrâneo oriental, é particularmente escasso entre nós, do qual não conhecemos qualquer exemplar publicado, enquanto o segundo, de produção Itálica é relativamente frequente (LOPEZ 1991, 55).[922]

Apesar de Jorge Alarcão referir que este tipo de peças como particularmente abundante no noroeste, ao contrário do que sucede no sul do país, onde a sua ocorrência é pontual e pouco significativa, registam-se ocorrências em Conímbriga (ALARCÃO 1965, 29-30, est. I, n. 21-38; ALARCÃO 1976, 59, est. I, n.º 6-13), Almeirim (ALARCÃO 1963, 7, est. I, n.º 3), Coimbra (ALARCÃO 1971, 33, n.º 20), e Balsa, Loulé (NOLEN 1994b, 171, est. 35, n.º 6-7).

[920] Refira-se que em Braga encontram-se representadas as três principais variantes estabelecidas por Isings, com clara predominância para as taças caneladas fundas ou para as que se não distinguem entre baixas e fundas. Admite-se hoje a forte possibilidade da sua produção local dos exemplares verdes e azulados, nomeadamente no Fujacal, onde se regista uma elevada concentração de fragmentos nos restos de produção de vidros (CRUZ 2001, 51). Entre os fragmentos identificados como *Taças caneladas baixas*, datadas de Augusto ao final do séc. I, encontram-se exemplares monocromáticos em cor amarelo-acastanhado e azul-esverdeado, sendo este o mais comum. Nas *taças caneladas fundas*, com o mesmo horizonte cronológico, identificam-se exemplares monocromáticos de cor amarelo-acastanhado e azul-esverdeado. Por último, nas *taças caneladas baixas ou fundas*, com a mesma datação encontram-se exemplares policromos mosqueados, marmoreados e *millefiori* e nas produções monocromáticas em azul-escuro translúcido, melado e azul-esverdeado (CRUZ 2001, 108-110).

[921] Este tipo de vidros surge na bibliografia arqueológica sob a denominação de vários termos. Para os alemães *buntglas*, para os ingleses *mosaic glass*, para italianos e franceses *millefiori e* para os portugueses vidro *marmoreado.* Harden, que estudou o processo de fabricação destes vidros, agrupa-os em diferentes tipos; enredados, listrados, marmóreos e mosqueados (HARDEN 1947, 292). Convêm, no entanto, referir que os exemplares em questão integram-se exclusivamente no capítulo do tipo mosqueado.

[922] Juan Naveiro associa o aparecimento deste tipo de peças nos *oppida bracaraugustanos* à sua situação geográfica de maior proximidade das vias de comunicação e proximidade com o mar, inferição que, numa abordagem de âmbito geográfico limitado como o nosso, não é possível confirmar. Refira-se, no entanto, que o processo romanizador no noroeste está intimamente relacionado com o aproveitamento dos recursos mineiros, nomeadamente auríferos e, como sabemos, as principais jazidas não se encontram na faixa marítima. Conviria, portanto, dispor dos elementos da cultura material dos castros do interior para uma melhor confrontação de dados de forma a sustentar esta apreciação (LOPEZ 1991, 55).

Taças, tigelas e copos

Copos

As peças n.º 8 e 9 (vol. II, est. CXCI, n.º 8-9) enquadram-se no tipo Isings 12 e 115, respectivamente (ISINGS 1957, 27-28, forma 12; 143-144, forma 115).

A taça tipo Isings 12 – *Deep bolwl and hemisferical cup* –, constitui uma das mais primitivas formas de vasos para beber. Morfologicamente caracteriza-se pelo formato hemisférico do reservatório com paredes arqueadas rematadas por um bordo vertical ou levemente introvertido de secção arredondada ou pontiaguda. O fundo, de desenvolvimento directo a partir da parede, pode apresentar-se côncavo no centro ou plano, sendo nos dois casos de assentamento radial. A sua tecnologia de fabrico evoluiu desde as primeiras formas, seguramente moldadas para a técnica de sopro em molde. As decorações mais frequentes são constituídas por linhas feitas a esmeril ou mesmo caneluras de recorte geométrico, sendo mais raros os exemplares pintados. Foram produzidas em vidro mosaico, marmoreado, mosqueado, em vidro opaco em diferentes cores e em vidro translúcido. A cronologia de fabrico apresenta um largo percurso, sendo as formas mais antigas datadas do período alto-imperial, nomeadamente da dinastia Júlio-Cláudia. Os exemplares provenientes de outros assentamentos apresentam um período de difusão enquadrado nos reinados de Tibério-Cláudio-Nero para, progressivamente irem desaparecendo durante a dinastia dos Flávios (RODRIGUEZ 1995, 55).

Estas taças de tradição helenística, cujo principal centro produtor seria a zona Sírio-Palestina, nos finais do séc. I a.C. eram já produzidas em Itália, que deve constituir o local de origem dos materiais do noroeste.

Em Alvarelhos apenas se identifica um exemplar enquadrável nesta forma, n.º 8 (vol. II, est. CXCI, n.º 8-9). Trata-se de um bordo de copo de calote esférica soprada em molde, com parede levemente curvada para o interior, decorado com uma ranhura interna localizada na face inferior do bordo. O lábio de secção arredondada, levemente pontiagudo no exterior, apresenta um polimento a esmeril intenso e uniforme. A pasta vítrea de muito boa qualidade compõe um vidro translúcido de cor azul-cobalto. Análise química por espectrometria de fluorescência de raios X revelou a seguinte composição - SiO2- 72,7%; Al2O3 -3,7%; K2O - 2,2%; Fe2O3 - 2,5%; MgO - 0,54%; CaO - 14,9%; TiO2 - 0,17%; Na2O - 1,5%; Ba - 0,09%; Sr - 0,17%; MnO - 1,5%; Sb - 0,01; Pb - «0,01%. Integra o Grupo I, cuja composição revela um vidro de silicato de cálcio (13%), com pouco ferro (1%), e isento de chumbo e estanho, correspondendo seguramente a um fabrico importado ou, pelo menos, não identificado nas produções da oficina de Alvarelhos.

O nosso exemplar é proveniente da *Domus do Cavalo*, estratigraficamente enquadrável na Fase IV-V, mas que corresponderá, seguramente, a uma intromissão estranha à uniformidade cronológica do estrato, uma vez que estas peças constituem por excelência uma produção alto-imperial, devendo cronologicamente situar-se na Fase IIb, que genericamente corresponde à reforma estrutural da plataforma intermédia do povoado levada a efeito em época de Tibério-Cláudio, coincidente com o período de máximo apogeu que estas peças conheceram, apesar da sua presença se documentar em épocas posteriores, como sugerem os exemplares recolhidos em Conímbriga datados de época Flaviana[923].

Em Conímbriga, onde se identificam paralelos muito próximos ao nosso exemplar, quer ao nível morfológico quer ao nível da composição da pasta vítrea, designadamente os n.º 19-21 (ALARCÃO 1976b, 160-161, 165, pl.

[923] Tendo em consideração os exemplares identificados em Tel Anafa (HAYES 1975, 2, 16-17) a produção desta forma situa-se na primeira metade do séc. I. O mesmo tipo foi também identificado em *Camulodunum*, cuja datação aponta para meados do séc. I (HARDEN 1947, 301, n.º 56), considerando-se, todavia, que a datação de *Camulodunum* aponta para uma referência de limite de utilização e não de produção, uma vez que, a época de Augusto marca o fim de produção deste tipo específico, admitindo-se a sua utilização até finais do séc. I.

XXXIV, 19-21)[924], as taças de calote esférica não são identificadas pela tipologia de Isings. A nível regional documenta-se um exemplar proveniente do castro de Terroso, Póvoa de Varzim, de cor violeta (ALARCÃO 1971a, 34, 21). Identificam-se ainda exemplares provenientes de Monte Mozinho, Penafiel, produzidos vidro translúcido de cor castanho-melado e azul-água (SOEIRO 1984, 186, fig. LXXXIX, n.º 9; MOREIRA 1995, 27, est. XII, n.º 11)[925], o primeiro datado da primeira metade do séc. I e o segundo da 2ª metade do mesmo século, e um exemplar proveniente do castro da Retorta, Vila do Conde, produzido em vidro translúcido, que constitui o único exemplar do qual é possível apresentar uma proposta de reconstituição (ALARCÃO 1963, 26-27, est. V, n.º 26 e 27; MOREIRA 2007, 51, est. XV, n.º 72). Em Braga, onde este tipo é designado por *taça convexa com caneluras internas*, são também conhecidos várias taças (CRUZ 2001, 50-51, est. I, n.º 2-6), dos quais destacamos o n.º 3, pela proximidade morfológica com o nosso exemplar, datada da época de Augusto, que o autor classifica como pertencendo ao tipo Isings 1, sugerindo como paralelos um exemplar proveniente de Conímbriga (ALARCÃO 1976b, n.º 20), e de Morgantina, Sicília (GROSE 1981, fig.7).
Na Galiza a sua presença encontra-se também documentada, designadamente no conjunto arqueológico de Santomé, Tibiás, Ourense, cujo enquadramento crono-estratigráfico nos remete para o período de Cláudio (GONZÁLEZ; RODRIGUEZ 1994, 55-56, fig. 11), e na *villa* romana de Torralla, Coruxo, Pontevedra (GESTO; MARTINEZ 2004, 90, lâm. 1, n.º 1).

O nosso exemplar n.º 9 (vol. II, est. CXCI, n.º 9) enquadra a forma Isings 115 (ISINGS 1957, 143-144, forma 115). Na designação da autora trata-se de uma taça funda com pé – *deep bowl on foot*. Caracteriza-se pelo seu reservatório hemisférico suportado por um pé também tubular de formato anelar e fundo plano. O bordo é vertical e apresenta um lábio tubular, dobrado para fora e para baixo que poderá apresentar uma secção interna de recorte subcircular ou, mais frequentemente ovalada. Tecnologicamente a sua produção far-se-ia através de sopragem livre sendo frequente verificar-se a cicatriz do pontel na base. Trata-se de uma evolução da forma 42 e constitui uma ocorrência muito frequente em ambientes tardo-romanos com ocupação relativa ao séc. IV-V. Foi produzida em vidro translúcido de qualidade variável nas cores características das produções tardias, frequentemente originadas por óxidos de ferro, que produzem cores verdes e castanhos de menor ou maior intensidade dependendo do grau de impurezas existentes nas areias. Entre as referências peninsulares mais significativas merecem destaque as ocorrências de Saragoça (PALOMAR 2001, 308, fig.80, n.º 2-4), de Badalona (FLOS TRAVIESO 1987, 65-66, 156, fig. 34, n.º 213-214, 217).
Em Portugal são conhecidos exemplares provenientes de Conímbriga (ALARCÃO; ALARCÃO 1965, 116, est. VIII, n.º 193), onde são designadas por *taças de bordo tubular* que, à semelhança do nosso exemplar, apresentam um diâmetro que ultrapassa os 100 mm.
A nossa taça é proveniente da face norte do *Decumano*, cujo contexto estratigráfico não apresenta uma datação precisa.

A taça n.º 10 (vol. II, est. CXCI, n.º 10), não se enquadra directamente em nenhuma forma das tipologias estabelecidas, embora se aproxime morfologicamente à forma Isings 87 (ISINGS 1957, 104)[926]. Trata-se de uma taça de paredes ligeiramente arqueadas com bordo formado por uma aba horizontal rematada por um

[924] O nosso exemplar revela semelhanças com o n.º 20, também elaborado em vidro de boa qualidade, translúcido de cor azul-cobalto, isento de impurezas e bolhas de ar (ALARCÃO 1976b, 165). Lamentavelmente, à semelhança do nosso exemplar, o diâmetro do bordo, pela diminuta dimensão do fragmento não se pode determinar.
[925] Trata-se de um exemplar recolhido no sector D, com cronologia de época Flaviana. Vidro translúcido de cor azul-água de boa qualidade. Fragmento de bordo e arranque de parede de copo com ligeiro estrangulamento no bordo, marcado por uma canelura de perfil em U, funda e larga. A decoração é incisa feita a esmeril, formada por uma linha paralela à canelura.
[926] Trata-se de uma taça de pé alto, na designação da autora – *Deep bowl on hig base ring* – cujas características principais se centram no perfil hemisférico da sua copa, rematada por um bordo projectado para o exterior com lábio levemente espessado de secção arredondada. A base é constituída por um anel tubular, projectado para o exterior que desenvolve um ângulo pronunciado com a parede do fundo. Apresenta uma cronologia que se estende desde finais do séc. I até finais do séc. II. Constitui uma forma relativamente pouco difundida (ISINGS 1957, 194).

lábio espessado de secção oval. A parede no terço superior é praticamente vertical formando um ângulo recto com a aba. Os exemplares de Conímbriga são morfologicamente muito próximos do nosso (ALARCÃO 1965, 81, est. IV n.º 120-121). O protótipo que lhe serviu de inspiração constitui uma peça com pouca expressão e difusão, encontrando o seu momento de maior difusão no final do séc. I e início do séc. II. Em Conímbriga a sua datação de referência reporta-se ao séc. II-III.

Em Braga, onde se encontra classificada com a designação de *taças de bordo em aba*, constitui uma produção muito comum, admitindo-se, por isso, uma produção local. Os exemplares ilustrados, constituídos essencialmente por bordos e arranques de parede, apresentam alguma diversidade morfológica, designadamente no comportamento da aba e remate do lábio que pode apresentar-se maciço, de secção arredondada, ovalada ou tubular com variação significativa de perfil (CRUZ 2001, 72-73, 161, est. XXI, n.º 951-961). As cores, qualidade do vidro e respectivo enquadramento estratigráfico apontam para uma cronologia tardia, correspondente ao séc. IV e V. Em particular, o nosso exemplar encontra semelhanças significativas com o n.º 952, tanto quanto à sua morfologia quanto às suas dimensões.

Enquadra-se estratigraficamente na Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*, remetendo para uma cronologia mais tardia, sugerindo, claramente, uma pervivência da forma até momentos muito avançados do séc. V.

Copo / Taça

O conjunto de 18 peças formado pelos exemplares n.º 12-28 (vol. II, est. CXCI-CXCIII, n.º 12-28), constitui um grupo de peças com características ímpares, a que convencionamos designar por copo/taça, e classificá-los tipologicamente como Isings 96/106 por se tratar de uma forma híbrida que aglutina rasgos morfológicos das duas formas, muito características e amplamente difundidas em todo o noroeste, não se enquadrando directamente em nenhum dos dois tipos. Se por um lado as suas características morfológicas genéricas a aproximam dos copos tipo Isings 106, designadamente o perfil do reservatório, a sua diminuta dimensão, especialmente o diâmetro do bordo e o recorte tronco-cónico do reservatório que muitos exemplares evidenciam, o comportamento do bordo e lábio, invariavelmente espessado e polido ao fogo, de projecção vertical ou levemente esvasado, aproxima-a das taças tipo Isings 96. O fundo que nestas peças se apresenta plano, de assentamento radial, e centro côncavo, conjuga-se com ambas as formas, no caso dos copos tipo Isings 106, com a variante b.

As suas características fundamentais são constituídas pelo recorte do perfil tronco-cónico, com parede recta, e fundo de desenvolvimento directo a partir da parede de perfil côncavo, com cicatriz de pontel na área central e assentamento radial. O bordo apresenta uma orientação oblíqua de cerca de 45º de inclinação, rematado por um lábio engrossado a fogo de secção arredondada, frequentemente assimétrico. Ao nível da dimensão o diâmetro do bordo pode oscilar entre 75 e 130 mm, sendo mais frequente o diâmetro de 100 mm. As cores, geralmente resultantes da contaminação das areias com óxidos de ferro, compreendem o verde nas suas diferentes tonalidades, amarelo-melado, castanho e, menos frequentemente, incolor. Constitui um fabrico relativamente homogéneo de qualidade mediana ou baixa, sendo frequente a identificação de exemplares com abundantes vacúolos e impurezas negras. As decorações são constituídas por fios enrolados em espiral na área superior do reservatório que se prolongam até à face inferior do bordo, geralmente elaborados na mesmas pasta vítrea que a peça, sucedendo, muitas vezes, que a rotação da peça no pontel confere diferentes espessuras e secções, podendo alguns exemplares evidenciar a superfície com pequenas caneluras sem se constituírem com fios aplicados.

As peças de Alvarelhos apresenta uma assinalável uniformidade morfológica e de fabrico. Analisamos cinco exemplares que permitiram integrá-los, sem excepção, no Grupo II, cujas características identificam um

vidro de silicato de cálcio (11 %), com maganês (4 %), e ferro (3 %), isento de chumbo e estanho. A sua abundância e vulgarização do tipo, permitem considerá-lo, como uma provável produção local.
A sua datação, no caso de Alvarelhos, surge perfeitamente delimitada na Fase IV e V, correspondendo, portanto, à segunda metade do séc. IV e primeira metade do séc. V.

Um exemplar que podemos aparentar às nossas peças identifica-se em Balsa (NOLEN 1994b, 179-180, est. 35, n.º 99), e como sugere a autora, é possível também uma aproximação, do ponto de vista puramente tipológico, aos designados *palm cups* (LITH VAN 1987, 70-71, fig. 36; ALARCÃO 1963, 205 -206, n.º 34, est. V, n.º 1), característicos do séc. IV-V e mesmo posteriores.
Em Braga, onde se encontram muito bem representados, constituindo sem dúvida a produção mais numerosa em época tardia, surgem genericamente identificadas com *taças campaniformes*, embora, em termos formais, se perceba uma clara diferença tipológica, particularmente no que respeita ao seu perfil, identificando-se peças de desenvolvimento vertical, verdadeiramente tronco-cónicas, e outras, de perfil mais suavizado, de desenvolvimento campaniforme (CRUZ 2001, 67-68, n.º 548-893). Os exemplares que formalmente se aproximam às peças de Alvarelhos constituem o numeroso grupo identificado como *taças campaniforme com ondulações horizontais junto ao bordo* (CRUZ 2001, 151-155, est. XVI-XVIII, n.º 761-862), cujo recorte se caracteriza por apresentar um perfil tronco-cónico, aproximado ao tipo Isings 96, de diferenciação do tipo 106 de desenvolvimento campaniforme.

Copos / Taças
C. 2 - Para beber

A forma Isings 106, designada pela autora por – *conical beaker or lamp* –, conforme a denominação sugere, identifica um reservatório que poderá ter tido funções de copo ou de lamparina, de acordo com as variantes consideradas. Na tipologia referida são consideras 4 variantes (a, b, c, d,) (ISINGS, 1957, 126-131), que evidenciam significativas diferenças morfológicas ao nível do perfil, do recorte do fundo e do bordo[927]. A variante 106a – *conical beaker or lamp –,* corresponde a um copo de perfil tronco-cónico de paredes verticais, fundo levemente convexo e lábio vertical. A altura média centra-se à volta dos 15 cm. A variante 106b – *cone beakers / vertical sides and small concave base* –, apresenta o mesmo perfil tronco-cónico com lábio vertical facetado, em aresta, ou, em alguns casos, com lábio arredondado. A decoração, quando existente, é composta por incisão e gravação a esmeril, cabuchões de vidro colorido e, em alguns casos, festões em vidro colorido. À semelhança da variante anterior o seu horizonte cronológico situa-se no séc. IV e séc. V. A variante 106c – *cone beaker, rim bent out* –, distingue-se dos demais pelo perfil do bordo que se apresenta projectado para o exterior a cerca de 45º, podendo ser contracurvado para o interior junto do lábio que, normalmente, se desenvolve na vertical. O fundo pode apresentar-se plano ou ligeiramente convexo ou côncavo, exibindo frequentemente a cicatriz de utilização de pontel. A decoração enquadra os tipos e formas das variantes *a* e *b*. O seu enquadramento cronológico é semelhante aos demais. Por último, a variante 106d – *real cone* –, é constituída por uma lâmpada destinada a ser suspensa numa estrutura metálica. Apresenta um perfil cónico com fundo pontiagudo, paredes verticais e lábio espessado e arredondado ou levemente assimétrico, com maior espessamento na face externa. Apresenta uma altura média de 125 mm. A sua dimensão, consideravelmente maior que os copos alto-imperiais, conduziu muitas vezes a interpretações erróneas, nomeadamente com a forma 96a.
A cronologia geral para este tipo de peças centra-se no séc. IV e V. As lâmpadas, no norte de Portugal não constituem uma ocorrência frequente, de que aliás, só conhecemos exemplares provenientes de Romariz,

[927] Correspondem na tipologia de Morin-Jean às formas 104, 105 e 107.

Santa Maria da Feira (ALARCÃO 1971a, 41, est. n.º 55-56; MOREIRA 1995a, 36-37, est. XX, n.º 50-51), de Braga, onde se identificam lâmpadas de bordo tubular (CRUZ 2001, 181, est. XXIX, n.º 1242-1246), e lâmpadas de base protuberante (CRUZ 2001, 82, 181-182, est. XXIX, n.º 1247-1249)[928], e de Conímbriga (ALARCÃO; ALARCÃO 1965, 130-133, est. X, n.º 244-253; ALARCÃO 1976b, 196, pl. XLIII, n.º 229-231). Na Galiza são conhecidos exemplares provenientes de Santomé, Ourense, designadamente da forma 106d com decoração composta por estrias elaboradas ao esmeril organizadas em bandas que se prolongam até à face inferior do bordo (GONZÁLEZ; RODRÍGUEZ 1994, 63-64, fig. 19).

Os copos de perfil tronco-cónico encontram-se representados em Alvarelhos por sete exemplares –n.º 30, 31, 33, 37, 38, 39, 42 (vol. II, est. CXCIII n.º 30, 31, 33; est. CXCIV n.º 37, 38, 39, 42) –, que, tendo apenas em consideração o desenvolvimento do perfil do bordo se dividem entre as variantes *b* (33, 42) e variante *c* (30, 31, 37, 38, 39), cujo enquadramento crono-estratigráfico se faz na Fase IV-V, sendo, portanto, uma referência consistente com as datações propostas para os paralelos regionais. De forma geral são datáveis do séc. IV, estendendo-se o seu fabrico para o séc. V. Do ponto de vista decorativo os temas identificados enquadram-se na expressão mais simplista e generalizada que consiste em linhas horizontais, paralelas entre si, organizadas em bandas inscritas na face superior do reservatório desenvolvendo-se, em alguns casos, até ao limite inferior do lábio, como sucede no exemplar n.º 38 (vol. II, est. CXCIV, n.º 38). Como os seus congéneres do séc. VI, são maioritariamente produzidos em pasta vítrea translúcida, de cor verde nas suas diferentes tonalidades, ou, por vezes, em castanho e amarelo-melado.
A sua produção não se encontra directamente atestada em Alvarelhos, nomeadamente pela correspondência da constituição química dos resíduos de produção analisados, identificados com o Grupo IV. O resultado das análises efectuadas sobre o tipo permitiu identificar peças com afinidades em três grupos. O exemplar n.º 38 (vol. II, est. CXCIV, n.º 38), com o Grupo I, o exemplar n.º 37 (vol. II, est. CXCIV, n.º 37), com o Grupo II, e o exemplar n.º 42 (vol. II, est. CXCIV, n.º 42), com o Grupo VI.
Este tipo de copos, integráveis no tipo 106 (a | b | c), são relativamente abundantes podendo ser identificados paralelos em Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1984, 295, fig. CXLI, n.º 4, 6; est. CXLI, n.º 7, est. CLIV, n.º 12), na necrópole de Maximinos, Braga (MARTINS; DELGADO 1989-90, 56, 174 e 182, n.º 5, 59), na rua de Nª Sr.ª do Leite, também em Braga (GASPAR 1985, 92, est. XXII, n.º 8), no castro do Monte de St.ª Maria, Vila da Feira (ALARCÃO 1971, 36, est. III, n.º 34), na necrópole de Vila Nova da Telha, Guimarães (ALARCÃO 1971, 36, 40, est. III, n.º 36; est. V, n.º 52), na necrópole de Gondomil, Valença (ALMEIDA; ABREU 1987, 215, est. XVII, n.º 4), em Conímbriga (ALARCÃO 1965, 127-129, est. IX, n.º 232 -241; ALARCÃO 1976, 59, est. XLII, n.º 217), em Alcácer do Sal (ALARCÃO 1978, 158-159, est. III, n.º 31-34), em Balsa, Loulé (NOLEN 1994b, 179, est. 39, n.º 96), ou mesmo na área mais setentrional da *Gallaecia*, concretamente na Corunha (GOMEZ 1996, 425 (variante b2), lám. 19), entre muitos outros.

[928] Os pés de lâmpada de Romariz, Vila da Feira, e de Braga, não têm enquadramento na tipologia de Isings, integrando-se na proposta criada por Harden e Crowfoot (CROWFOOT; HARDEN 1931), e na tipologia criada por Harden, a propósito dos vidros recolhidos em Karanis (HARDEN 1936). Harden dividiu as lâmpadas em quatro grupos (A, B, C, D), e é precisamente neste último – *lâmpadas com base protuberante* –, que se inscrevem os exemplares de Romariz e de Braga. Correspondem ao tipo de lâmpadas em que o fundo termina por um apêndice, liso ou torcido, a que Isings atribuiu uma longa pervivência (ISINGS 1965, 262, fig. 1). As peças de Romariz apresentam uma cronologia tardia, eventualmente enquadrada no séc. IV-1ª metade do séc. V, e as de Braga no séc. V. Outros exemplares, tipologicamente semelhantes, de proveniência mais meridional, podem encontrar-se em Conímbriga (ALARCÃO; ALARCÃO 1965, 130-131, est. X, n.º 244-247, 249), *Aeminium* (Coimbra), (ALARCÃO1971a, 41, est. V, n.º 57-59), e no Tramagal, Abrantes (ALARCÃO 1971a, 41, est. V, n.º 58).

Taça / Pratos

Taças campaniformes / Taças de copa tronco-cónica e bordo engrossado ao fogo

Em conformidade com os exemplos anteriores, serão considerados como «taças/pratos», as peças identificadas como *taças campaniformes* ou *taças de copa tronco-cónica e bordo engrossado ao fogo*, cuja morfologia, apesar de vagamente se aproximar à forma tipo Isings 116 (ISINGS 1957, 143-144, forma 116)[929] aglutina características de diferentes peças, nomeadamente das formas Isings 96, 106 e 116, constituindo uma forma híbrida com características próprias, devendo, portanto, designar-se pela terminologia acima referida. Este conjunto de 28 peças – n.º 29 (vol. II, est. CXCIII, n.º 29), 40-41 (vol. II, est. CXCIV, n.º 40-41), 43-66 (vol. II, est. CXCIV-CXCVI, n.º 43-66) –, apresenta uma assinalável uniformidade morfológica, decorativa e de constituição da massa vítrea de base, constituindo, indubitavelmente, a forma de maior expressão em Alvarelhos na Fase IV e V, onde representa 28,2% do conjunto de peças recolhido, e também em todo o noroeste[930], justamente ao contrário do que se verifica no alto-império, onde não se fazem representar as tigelas de pequena dimensão como são, por exemplo, os tipos Isings 115, que correspondem à versão tardia de forma Isings 42. Efectivamente, a sua dimensão, que em média ronda os 150 mm, levou-nos a considerá-las como tigelas para comer. As características genéricas deste tipo de peças são formadas pela sua copa tronco-cónica, com paredes rectas ou levemente arqueada, com bordo oblíquo rematado por um lábio engrossado, de secção oval, polido ao fogo. Este tipo de bordo, classificado por Carlos Alberto Ferreira de Almeida como de "cabeça de fósforo", constitui, na maior parte das vezes, o elemento de distinção em relação às peças do tipo Isings 116, que possuem o bordo contracurvado com lábio vertical, em aresta, podendo ou não ser polido ao esmeril[931], pese embora se identifiquem exemplares de *taças tronco-cónicas* com bordo em arestas, em tudo idênticas às anteriores, como, por exemplo se verifica no conjunto arqueológico de Santomé, Ourense (GONZÁLEZ; RODRÍGUEZ 1994, 62, fig. 16 A)[932]. O fundo é de desenvolvimento directo a partir da parede com a área central côncava marcada pela cicatriz do pontel, desenvolvendo um assentamento radial. A sua dimensão média centra-se à volta dos 60 a 90 mm de altura e 90 a 140/150 mm de diâmetro máximo do bordo, representando o fundo cerca de metade do diâmetro do bordo, acentuando o seu perfil tronco-cónico. As pequenas variações morfológicas nos exemplares identificados em Alvarelhos, designadamente a dimensão o desenvolvimento do perfil, e acabamento do bordo e lábio não permitiram subdividi-la em grupos ou variantes, uma vez que, quanto a nós, as variações formais provavelmente relacionar-se-ão mais com questões tecnológicas, resultantes de um processo de sopragem livre e da produção intensiva da forma, do que com aspectos relacionados com a sua função ou integração de um conjunto ou serviço específico. Todavia, este aspecto mereceu tratamento diferenciado

[929] Constitui um tipo que integra peças com uma variação morfológica assinalável, apesar das diferenças não terem constituído razão para a criação de variantes. Importa, portanto, referir que na mesma classificação, *Isings 116*, integram-se taças de perfil hemisférico com bordo oblíquo, engrossado ou em aresta e fundo côncavo que pode apresentar uma área de assentamento plana de maior ou menor diâmetro. Ao mesmo tempo identificam-se taças cujos rasgos morfológicos são constituídos por um perfil atenuado por uma parede mais vertical com uma curvatura mais acentuada, contracurvada, a marcar o arranque do fundo que apresenta uma base de assentamento mais alargada que o anterior. Neste caso o bordo pode apresentar o recorte do tipo 106c, ou seja, levemente contracurvado com lábio vertical em aresta.

[930] Por exemplo, em Braga, representa 34 % do total dos vidros, considerando, inclusivamente, as produções alto-imperiais (CRUZ 2001, 68).

[931] Este tipo de peças é frequentemente decorada com motivos geométricos gravados a esmeril, que podem consistir numa ou mais bandas horizontais, paralelas a bordo, em bandas densas, que conferem um aspecto baço à área tratada. Os motivos circulares são também frequentes, com linhas sinuosas, formando SS, muitas vezes também conjugadas com pontos. Outro tipo de decoração muito comum é constituído por pequenas caneluras exteriores paralelas ao bordo, que parecem resultar do trabalho do pontel para engrossamento do bordo.
É sobre este tipo de taças/tigelas irá surgir um tipo de decoração característica do séc. IV e V que consiste na gravação de motivos vegetalistas ou figurativos, como por exemplo, motivos de caça, de que é exemplo a taça proveniente de Balsa, publicada por Jorge Alarcão (ALARCÃO 1970, 241- 243, est. II, n.º 10; 1970, 28-30), de simbologia religiosa, ou mesmo de cenas litúrgicas que, de uma forma geral, são vulgares no séc. IV e V.

[932] Jorge Alarcão, em 1965, pela primeira vez, nomeava este tipo de recipientes como *Taças de copa tronco-cónica e bordo engrossado ao fogo*. Quanto a nós preferimos a designação de *taça campaniforme* que sugere uma maior adequação considerando o perfil sinuoso de ligação da parede com o fundo, geralmente curvo, atenuando o desenvolvimento tronco-cónico, mais característico dos exemplares que possuem um fundo constituído por uma base de assentamento discóidal.

entre os vários autores que abordaram o estudo deste tipo de peças. Por exemplo, Manuel Xusto Rodríguez e Xulio Rodríguez González, consideraram três variantes – a) *taças tronco-cónicas altas com bordo em aresta viva, incurvada ou esvasada ou muito esvasada* b) *Taças tronco-cónicas de paredes rectas ou quase rectas – ou de perfil sem inflexão – e bordo acabado ao fogo* c) *taças tronco-cónicas de perfil sinuoso e boca notavelmente esvasada e acabada ao fogo* (GONZÁLEZ; RODRÍGUEZ 1994, 62, fig.16)[933].
As peças decoradas são relativamente abundantes sem contudo ultrapassar percentualmente as taças lisas que prevalecem em relação às primeiras. Entre as decorações mais frequentes encontram-se a aplicação de fios a quente ao nível do terço superior da parede, geralmente de vidro da mesma constituição, podendo ficar em alto-relevo, ou serem mais ou menos incorporados na peça, chegando, em alguns casos, a constituir um simples ondulado na parede da taça. Reconhece-se uma outra técnica decorativa composta por sulcos em baixo relevo aplicada em exemplares com ondulações verticais ou oblíquas. Igualmente comuns são as ondulações verticais em linhas paralelas aplicadas na parede a partir do fundo do qual irradiam de forma marcada para se diluírem progressivamente até serem imperceptíveis junto ao bordo. Por último, a adição de elementos vítreos, como sejam fios, pingos ou pontos em pasta branca parece também constituir uma variante decorativa comum, à qual deverá pertencer a nossa peça n.º 96 (vol. II, est. CXCVIII, n.º 96), que integra o Grupo IV, constituindo, portanto, uma produção da oficina de Alvarelhos.

As análises efectuadas a estes exemplares, designadamente à peça n.º 53 (vol. II, est. CXCV, n.º 53), integrada no Grupo V, permite admitir que constituiriam uma das principais produções locais, em paralelo com todos os exemplares identificados nos Grupos III, IV, V e VI, cujo denominador comum consiste na elevada percentagem de Fe2O3 e de Na2O.
Este tipo de peças tem uma cronologia lata, mas, geralmente, não antecedem os inícios do séc. IV, prolongam-se a sua produção durante todo o séc. V, chegando mesmo até ao séc. VI. Constitui uma das formas mais generalizadas no noroeste, constituindo um bom exemplo da disseminação de formas que terão sido produzidas em inúmeras oficinas que, em última análise, reflecte uma certa padronização estética e uniformização e de determinados hábitos alimentares.

Os paralelos são abundantes e de expressão geográfica muito ampla. Os exemplares publicados são provenientes da necrópole da Vila, Paços de Ferreira (SILVA 1986a, 125, est. XXXI, n.º 4;5;6), Castro do Monte de Santa Maria, Vila da Feira (ALARCÃO 1971, 35-36, est. III 32), necrópole de Salgueiros, Garfe, Póvoa de Lanhoso (CARVALHO 1991-92, 166, est. VIII, n.º 4), necrópole do Beiral do Lima, Ponte Lima (VIANA 1960-61, 6; LANHAS, s/d, 249-260; ALMEIDA 1980, 312; ALMEIDA 1990, 133-139, fig. XXXIII, n.º 19), necrópole de Gondomil, Valença (ALMEIDA; ABREU 1987; 225, est. XVII, n.º 3 e 6)[934]. Constitui também uma forma particularmente abundante na Galiza, identificando-se em vários tipos de assentamentos tardo-romanos (RODRIGUEZ 1995, n.º 149-194).
A sul do Douro encontram-se publicados exemplares em Conímbriga (ALARCÃO; ALARCÃO 1965, 124,n.º 226-228; ALARCÃO 1976b, n.º 226-227), e Cacia, Aveiro (ALARCÃO; ALARCÃO 1963a, n.º 28-33).

[933] Os autores referem um conjunto de paralelos para cada uma das variantes que importa considerar – variante *a*, A Lanzada, Pontevedra (FREIJEIRO; ARÁ; ALÉN 1967, 146, fig. 3), Silveirona, Alentejo (ALARCÃO 1978a, 104, 108, n.3, est. I, 3), Guerenã, Badajoz (CALDERA 1979, 83, lám. I.b). Da variante *b*, Morterona (FUENTES 1990, 173, lám. 2,2). Da variante *c*, da *villa* romana de Noville, Murgados, Coruña (LOSADA 1992, 65, fig. VIII.4), e de Braga (DELGADO; LEMOS 1985, 163, est. VI.23).
Dentro das próprias variantes são ainda consideradas outras possíveis subvariantes – dentro da variante *b*, a distinção pode fazer-se ao nível do bordo (ligeiramente ou muito engrossado / bordos engrossados e bordos e corpos muito engrossados), dentro da variante *c*, a distinção pode fazer-se mediante a gramática decorativa (fios aplicados / depressões superficiais verticais) (GONZÁLEZ; RODRÍGUEZ 1994, 62, fig.16).
[934] Em ambientes habitacionais constituem a ocorrência mais abundante em horizontes cronológicos tardo-romanos. Entre outros locais documenta-se em Meinedo, Lousada (ALMEIDA; ALMEIDA 2007, 85, fig. 12, n.º 12b-12e).

Taças

É representada por um único exemplar, n.º 67, que se enquadra no tipo Isings 117, que a autora designa por – *conical bowls with indents* (ISINGS 1957, 147-148). Trata-se de uma forma relativamente bem difundida e encontra-se amplamente documentada em Portugal[935]. A sua morfologia não deixa dúvidas quanto à sua serventia como taça para comer. Caracteriza-se por apresentar um perfil sinuoso, em S, de perfil campaniforme, mais ou menos tronco-cónico, apresentando ao nível superior do reservatório uma pequena carena dissimulada de perfil arredondado. O bordo apresenta um recorte contracurvado com orientação vertical, em alguns casos a formar uma aba curta que resulta numa carena interna ligeiramente descendente. É rematado por um lábio de aresta, cortado a frio. O fundo é de assentamento radial e apresenta um perfil côncavo, conservando frequentemente vestígios da utilização do pontel no centro. Tecnicamente, constituem uma das formas mais elementares e de fácil produção, uma vez que a sua forma base não requer mais do que a elaboração de um balão através de sopro livre. O seu arrefecimento e corte provocariam, por constrição, o perfil contracurvado do bordo. As suas dimensões mais frequentes situam-se entre 120 e 170 mm de diâmetro e 60 a 90 mm de altura, oscilando a espessura média da parede entre 1 e 2 mm. A sua decoração, muito característica, é composta por depressões ovaladas ao longo do corpo dispostas vertical ou obliquamente em relação ao bordo, paralelas entre si, em alguns casos conjugadas com linhas esmeriladas paralelas ao bordo que podem ocupar a face superior do reservatório ou a parte superior do bordo junto ao lábio[936]. As cores mais frequentes são o verde-escuro e os ocres ou castanhos, característicos de época tardo-romana, onde a utilização de óxidos de ferro, nas diferentes variantes, preexistentes nas areias ou através de adição, revelam um esmagador predomínio como colorantes dos vidros. A sua cronologia ocupa todo o séc. IV, tornando-se particularmente comum na segunda metade do século, prolongando-se o seu fabrico para a primeira metade do séc. V[937].

O nosso exemplar é proveniente da *Praça*, sendo que a constituição da pasta vítrea, técnica de soflagem e afinidade morfológica com as formas mais representadas e produzidas em Alvarelhos, permite admitir como sendo uma forma de produção local.

Em Portugal encontram-se paralelos em Balsa, Tavira (ALARCÃO 1970 a, 243, est. 3, fig. 11), em Conímbriga (ALARCÃO 1976, 200-201, pl. XLIV, 262-263). Mais próximo de nós, em Braga, acha-se amplamente registado (CRUZ 2001, 61-62, est. XII, 447-450). Na Galiza encontra-se também muito bem representado no horizonte cronológico referido, nomeadamente em Santomé, Tíbias, Ourense (GONZÁLEZ; RODRÍGUEZ 1994, 61)[938].

[935] Por exemplo, em Braga, onde são identificadas como uma variante das *taças arqueadas de perfil em S e bordo de arestas vivas*, constituem uma ocorrência relativamente frequente, se considerarmos que a forma na qual se enquadram como variante constitui a presença mais significativa da produção vidreira recolhida nas escavações da cidade, onde representam cerca de 14% do total dos vidros catalogados (CRUZ 2001, 61).

[936] Este tipo de decoração é também frequente noutras peças contemporâneas, como, por exemplo, os copos tipo Isings 32,das quais se conhecem exemplares em Balsa, Loulé (NOLEN 1994, 173, est. 36, n.º 24, 25).

[937] A associação a materiais tardios corrobora esta cronologia bastante avançada como, por exemplo, a sugerida pelo o exemplar identificado na sepultura 17 da necrópole de Morterona, Palencia, cujo contexto está associado a um prato e uma taça de *Sigillata Hispânica Tardia*, assim como a um punhal tipo "Simancas" (FUENTES 1990, 174, lám. 2.4).

[938] Veja-se, a propósito, os materiais provenientes de *Tarraco*, villa-romana, Tarragona (BENET I ARQUÉ; SUBÍAS I PASCUAL 1989, 330, fig. 182), de Ricla, Saragoça (PÉREZ CASAS 1987), de *Turiaso*, Tarazona (PALOMAR 2001, 154), e de Els Munts, Tarragona (PRICE 1981, 627-628, fig. 49, n.º 13).

C3 - Bilhas e jarros para servir bebidas
Jarros

Os jarros e bilhas de boca trilobada – *oinochoe* –, constituem formas de inspiração em modelos metálicos que foram reproduzidos em cerâmica e em vidro ao longo de todo o império, com inúmeras variantes morfológicas.
Apenas identificamos um exemplar – n.º 68 (vol. II, est. CXCVI, n.º 68) –, que se enquadra no tipo Isings 124 – *jug with trefoil mouth* (ISINGS 1957, 154-155). A autora define quatro subtipos a-d em função do perfil do reservatório, dimensão do gargalo, desenvolvimento da asa e altura máxima. A cronologia proposta não regista uma variabilidade significativa entre as variantes assinaladas podendo, de forma geral, identificar o tipo como uma produção tardia, concretamente de finais do séc. III a inícios do séc. V.

Morfologicamente apresenta uma variabilidade significativa a que poderá estar subjacente uma certa especialização enquanto contentor para servir líquidos ou como elemento pertencente a um determinado serviço específico.
A variante *a* constitui o exemplar de maiores dimensões chegando a atingir cerca de 220 mm de altura e 120/140 mm de diâmetro ao nível do bojo. O reservatório apresenta um recorte periforme invertido rematado com um fundo de desenvolvimento directo, anelar, formado por reviramento da parede a formar um tubo oval, com fundo interno plano. O gargalo é alto e estreito rematado por vertedouro trilobado de perfil convexo, geralmente decorado com fios em relevo à volta do lábio que, geralmente, é engrossado e polido ao fogo. A asa de fita desenvolve-se verticalmente desde a face superior do reservatório ao limite inferior do bordo, situando-se a curvatura de ligação ao nível superior do bordo. Não constitui uma variante muito abundante e a sua datação situa-se entre finais do séc. III e início do séc. IV.
A variante *b* apresenta dimensões significativamente diferentes, centrando-se a sua altura à volta dos 200 mm e a largura do seu reservatório dos 70/80 mm de diâmetro. O reservatório apresenta um recorte ovalado suportado por um fundo anelar, compacto, de recorte curvo, marcado por uma carena de ligação ao bojo, a formar um pé alto e bem proporcionado. O gargalo é cilíndrico e curto. O bordo trilobado apresenta um perfil em forma de S e uma planta marcadamente recortada. O lábio é espessado de secção arredondada. A asa, de fita de secção plano-convexa, encontra-se aplicada na face superior do bojo e desenvolve-se verticalmente ou levemente projectada até à superfície do bordo ou mesmo ultrapassando-o e liga-se por um elemento decorativo composto por um dobra, ao nível do lábio. A decoração, quando existente, à semelhança do anterior, consiste na aplicação de fios enrolados em espiral à volta do gargalo e do bordo, geralmente elaborados na mesma pasta vítrea que o reservatório. A datação sugerida por C. Isings abrange o séc. IV com prolongamento para a 1ª metade do séc. V
A variante *c* constitui o exemplar mais pequeno das variantes rondando a sua altura média entre 160/180 mm e cerca de 90 mm de diâmetro. Caracteriza-se por possuir um bojo de recorte hemisférico ou levemente ovalado sustentado por um fundo constituído por um pé anelar, curto e recuado em relação à parede do reservatório. O gargalo é largo e relativamente curto de recorte curvilíneo. O bordo apresenta um perfil sinuoso de planta recortada com estrangulamento acentuado. O lábio é engrossado de secção arredondada. A decoração, como os demais, é composta por fios aplicados em espiral que ocupam o gargalo, o bordo e, em alguns casos, a área inferior do reservatório.
Por último, a variante *d* constitui uma ocorrência rara, morfologicamente idêntico ao anterior, com excepção da base que se apresenta plana de configuração discóidal. A decoração do bojo apresenta depressões à semelhança da forma 116 e o gargalo encontra-se decorado com uma espiral de fio de vidro aplicado até ao bordo. A sua datação enquadra as produções tardias do séc. IV e início do séc. V (ISINGS 1957, 155-156).

Contudo, é de assinalar que este tipo de recipientes, produzidos localmente, conheceram inúmeras cambiantes formais, afastando-se frequentemente dos morfotipos tipológicos definidos para a forma e respectivas variantes, como sugerem algumas peças identificadas em Braga[939] designadamente o jarro cilíndrico de bocal afunilado, cuja morfologia resulta numa forma híbrida que reúne aspectos formais da garrafa tipo Isings 126, nomeadamente os aspectos relacionados com o corpo e gargalo e algumas características próprias da forma Isings 124, nomeadamente o bordo trilobado.
A decoração constitui um elemento diferenciador e fundamental para a classificação de pequenos fragmentos sendo composta invariavelmente por fios de vidro aplicado junto do bordo. A sua técnica de fabrico consistia em sopro livre, conservando a maior parte das peças a cicatriz de pontel no fundo. O bico ou vertedouro que configuram os bordos trilobados podem ser originados pelo repuxamento para fora do lado do bocal oposto à asa ou, mais vulgarmente, como sucede neste caso, por compressão, para o interior, dos lados do bocal que, originariamente, configurariam um bocal cilíndrico. Por fim, era aplicada uma asa de fita, a quente, geralmente produzida no mesmo tipo de pasta vítrea que a peça.

O nosso exemplar, identificado apenas pelo bordo e arranque do gargalo, não pode ser enquadrado em nenhuma das variantes. As suas características morfológicas prendem-se com o facto de possuir um perfil estilizado composto por um gargalo cilíndrico, estreito e alto, rematado por um bordo trilobado, elaborado por pressão, de recorte cordiforme. Encontra-se decorado na parte superior com um fio de vidro aplicado por baixo do bordo alargando de espessura no local de fixação da asa. O vidro é transparente de cor verde-musgo de qualidade média, com algumas impurezas e vacúolos alongados, produzidos pela sopragem e rotação da peça. É proveniente do Ap. V da ocupação da Fase V do *Complexo Artesanal*, com uma datação da primeira metade do séc. V, sendo, portanto, consistente com as demais propostas cronológicas para esta forma.

Amplamente difundido por todo o império, os jarros trilobados encontram-se representados na maioria das colecções dos grandes museus[940], apresentando uma cronologia tardia que compreende todo o séc. IV e primeira metade do séc. V[941].
Não conhecemos paralelos regionais publicados[942] todavia, a sua proximidade morfológica com as garrafas cilíndricas, tipo Isings 126 e 127, particularmente numerosas na região, sugerem uma representatividade significativa.

D - PEÇAS PARA ARMAZENAR
D. Vasos para armazenar alimentos
D1 - Garrafas para guardar e eventualmente servir líquidos

As garrafas prismáticas constituem uma das peças melhor representadas no noroeste peninsular, assim como no conjunto de vidros alto-imperiais recolhidos em Alvarelhos. O conjunto que seleccionamos pertence ao tipo Isings 50 – *small / large bottle* (ISINGS 1957, 63-66, forma 50 *a* | *b*). A autora distingue dois tipos *a* | *b*, sendo as primeiras mais baixas, com cerca de 115 m / 125 mm de altura, e de corpo mais largo e as

939 CRUZ 2001, 79, est. XXVII, n.º 1191.
940 Veja-se, a propósito, o exemplar existente no Royal Ontário Museum (HAYES 1975, 98, est. 22, n.º 345), no Victoria and Albert Museum (HONEY 1946, 29, est. 11), e de Saragoça, concretamente de Tarrazona, datado de 370-390 (PALOMAR 2001, 244, fig. 49, n.º 14, fig. 52, n.º 5).
941 Os exemplares provenientes de Saragoça apresentam uma cronologia semelhante ao nosso, correspondendo a estratos compreendidos na primeira metade do séc. IV (PALOMAR 2001, 156, fig.19 -20).
942 Entre os materiais recolhidos nas escavações de *Bracara Augusta* identifica-se um conjunto de fragmentos de bicos trilobados designados por *Jarros ou galhetas de bico repuxado* (CRUZ 2001, 77, est. XXV, n.º 115), mas que a reduzida dimensão que apresentam não permite identificá-los directamente com esta forma.

segundas mais altas e alongadas com cerca de 200 a 430 mm de altura. Cronologicamente estas peças começam a ser produzidas a partir do reinado de Cláudio e estendem-se até ao séc. II, sendo, no entanto, o seu auge em época Flávia. As peças enquadráveis no séc. III e IV, são em menor número e já de inferior qualidade, com vidro muito delgado e muitas impurezas, geralmente de tons verdes, castanhos ou mesmo incolores[943].

Os seus principais rasgos morfológicos consistem num corpo quadrangular com fundo plano ou ligeiramente côncavo. O gargalo cilíndrico e curto de perfil tronco-cónico rematado por um bordo espesso, em forma de aba plana ou levemente pendente, com lábio arredondado. A transição do corpo para bordo faz-se com um ângulo de 90º com arrestas arredondadas. Apresenta uma ou duas asas aplicadas de secção rectangular com arestas suavizadas, com nervuras longitudinais na face inferior que se desenvolvem a partir do ombro ao limite inferior do bordo. As suas dimensões variam entre 120 e 420/430 mm de altura, que, juntamente com pequenas diferenças morfológicas, originou a sua classificação em dois tipos *a* | *b*, respectivamente. Constituem formas desprovidas de qualquer decoração ao longo do corpo. Tecnologicamente, caracterizam-se por serem peças sopradas em molde, em cujo fundo se identificam baixos-relevos que configuram composições geométricas, florais, algumas vezes motivos figurativos[944] e marcas de oficina, de forma que as peças quando sopradas ficavam com uma decoração em alto-relevo no fundo. Frequentemente os motivos centrais são enquadrados por pontos centrais ou dispostos no canto que serviam de base de apoio da garrafa. As suas cores predominantes são o azul-água e o verde-água, unicamente elaboradas em vidro translúcido de boa qualidade, muito semelhantes aos fabricos de taças caneladas, com que aliás mantêm uma certa familiaridade formal e de fabrico. A propósito, assinale-se que o conjunto de taças caneladas n.º 5 e 6 enquadram o Grupo I, assim como o exemplar de garrafa quadrangular n.º 70, cujo grupo se caracteriza por ser constituído por vidro de silicato de cálcio (13%), com pouco ferro (1 %), e isento de chumbo e estanho, sendo admissível que a sua proveniência seja do mesmo centro de fabrico.

A sua função seria a de conter e servir líquidos, sendo admissível que as peças de cronologia mais recuada se relacione com a comercialização de produtos importados, como o vinho, azeite, etc. Alguns autores associam inclusivamente a sua forma à adequação do seu transporte em caixas (ISINGS 1957, 65).

Registamos 6 exemplares – n.º 69-74 (vol. II, est. CXCVI-CXCVII, n.º 71-74), que pertencem à forma 50 *a* e *b* de Isings, cujo enquadramento crono-estratigráfico se faz na Fase II (n.º 69), Fase III (n.º 70, 73), Fase IV-IV (n.º 71, 72) e Fase V (n.º 74), entre os quais merece destaque a peça n.º 71, constituída por um fundo decorado em relevo, cujo motivo é composto por um circulo central raiado com hastes ondulantes.

Todas as garrafas são elaboradas em vidro translúcido de cor azul-água, de boa qualidade, praticamente isento de impurezas e bolhas de ar. A análise química por espectrometria de fluorescência de raio X efectuado ao exemplar n.º 72 (vidro de silicato de cálcio - CaO 14%, sódioNa2O 7%, maganês 2%, ferro 2%, praticamente isento de chumbo, estanho, antimónio e cobre), permitiu integrar a sua produção no fabrico identificado como Grupo IV, que encontra correspondência com os restos vítreos associados à produção local, pelo que será admissível uma produção local, reforçada pela cronologia das duas realidades arqueológicas. Em Braga, onde também se considera uma produção local, ligeiramente individualizada dos produtos importados, formalmente mais respeitadores das características definidoras do tipo, eventualmente constituída por garrafas sopradas e espalmadas, sem recurso a molde, documentada por abundantes restos vítreos reconhecidos como materiais para reciclar e peças deformadas na área do Fujacal (CRUZ 2001, 76).

[943] Entre outros exemplos, encontra-se uma garrafa prismática procedente da necrópole de Farrobo (ALARCÃO 1968, 71-79), e uma garrafa procedente da ocupação tardo-romana do sector II de Santomé, Tíbias, Ourense (GONZÁLEZ; RODRÍGUEZ 1994, 54, fig. 80, b).

[944] Veja-se, por exemplo, a garrafa com representação de Mercúrio, proveniente de uma necrópole de incineração de Pombalinho, Santarém, actualmente em depósito no MNA (Inv. n.º 16.153). A composição moldada no fundo é composta por um círculo no qual se inscreve o busto de Mercúrio. O círculo é ladeado por quatro pontos excisos que evitam o assentamento directo do relevo (NOLEN; RIBEIRO 2002, 507, nº 206a).

Esta forma, de grande expressão no noroeste peninsular, surge nos assentamentos indígenas com ocupação até meados do séc. I, e nas estações romanas ao longo de uma ampla cronologia, embora sejam mais frequentes na segunda metade do séc. I e durante todo o séc. II. Dos vários exemplares publicados provenientes de Monte Mozinho, Penafiel, merece destaque o que apresenta uma composição no fundo exterior, dividida em nove quadrados onde são representados na fila intermédia as seguintes letras LLF relevadas[945]. São vários os autores que identificam esta marca de oficina como procedente da Lusitânia, pela grande concentração de peças e a sua exclusividade restringida à península.
Os paralelos existentes para as garrafas quadrangulares, entre outros, procedem de Vila Viçosa (ALARCÃO; ALARCÃO 1967, 18, n.º 33), Alandroal (ALARCÃO 1975, 47-53), Conímbriga (ALARCÃO 1976, 169, est. XXXV e XXXVI, n.º 50- 72), Monte Mozinho, Penafiel (3,5,13,16,18,19,20), Monte Padrão, Santo Tirso (MOREIRA 1997, 51, est. XV, n.º 75; 2007, 143, MMAP 264), Gondomil, Valença (ALMEIDA; ABREU 1987, 215, est. XVII, n.º 5), e Braga (CRUZ 2001, 75-76, 167-169, est. XXIII-XXIV, n.º 1023-1068).
Os paralelos sem a característica marca de oficina podem ser encontrados um pouco por todo país, com particular concentração para o sul.

São dois os exemplares identificados – n.º 75 e 76 (vol. II, est. CXCVII, n.º 75-76) –, de garrafas de corpo cilíndrico com uma asa – *Bikos*. Este tipo de garrafa, tipo Isings 126 – *Bottle jug whith smal handle* (ISINGS 1957, 156-157) –, é bastante comum em Portugal, malgrado os poucos exemplares publicados para área do noroeste. Segundo C. Isings, a forma teve origem no fim do séc. III e teve continuidade pelo séc. IV[946].
As suas características morfológicas mais significativas relacionam-se com o seu corpo cilíndrico com perfil levemente tronco-cónico e fundo côncavo de assentamento radial, muitas vezes com vestígios da utilização do pontel. A transição do bojo para o gargalo faz-se a partir dos ombros que apresentam um perfil arredondado com uma orientação ligeiramente ascendente. O gargalo é curto de perfil cónico rematado por um bordo circular projectado para o exterior com lábio arredondado. O lábio é espessado, de secção arredondada, frequentemente de recorte irregular. Apresenta apenas uma asa aplicada de secção rectangular ou plano-convexa, de desenvolvimento vertical, com nervuras na face interna, que se desenvolvem verticalmente a partir do ombro até ao arranque inferior do bordo. Geralmente como decoração possuem um ou vários fios de vidro da mesma cor aplicados em espiral sobre o bordo. São também frequentes as decorações no bojo, sobretudo gravadas ao torno com motivos geométrico ou vegetalistas, por vezes enquadrados em bandas[947]. As cores mais frequentes são os diferentes tons de verde e castanho, característicos da utilização de óxidos de ferro. As suas dimensões apresentam variações significativas identificando-se exemplares desde os 200 mm até próximo dos 300 mm. A sua técnica de fabricação é o sopro livre. A sua função relaciona-se directamente com o transporte e armazenagem de líquidos, assim como o serviço de mesa, embora tenham sido identificados exemplares em contextos funerários[948], não se atribui propriedades especificamente rituais.

[945] A marca relevada – *LLF* –, constitui uma referência nominal, relativamente recorrente no território português, verificando-se a alternância dos motivos que ladeiam a marca. Para além do exemplo citado identifica-se em *Bracara Augusta* (CRUZ 2001, 168, ext. XXIII, n.º 1032).
No acampamento romano de *Aquis Querquennis*, Bande, Ourense, regista-se um fundo de garrafa tipo Isings 50 b, com as letras *CRF* relevadas na face exterior, inscritas no interior de um círculo e enquadradas pelas arestas de um quadrado. O paralelismo sugerido pelas iniciais com o selo *RVFI*, identificado em vários fragmentos de telhas no acampamento e assentamentos nas imediações, sugere a possibilidade da existência de um ateliê de fabricação de vidro no acampamento que serviria os assentamentos circunvizinhos (REIGOSO 2006, 546-547, lám. II, n.º 1).
[946] À semelhança dos paralelos portugueses também os de âmbito peninsular confirmam a proposta cronológica. Veja-se, entre outros, as garrafas provenientes de Cabrera III, Mallorca (BOST 1992, 185-186, fig. 53, n.º 36), os de Valladolid, Necrópolis de San Miguel del Arroyo (SALLELAS, P. 1969, 112, fig. 11, n.º 2), os de Zamora, Necrópolis de Fuentespreadas (ZOREDA 1974, 145-146, fig. 38), os de Tarragona (BENET I ARQUÈ; SUBIAS I PASCUAL 1989, 337, fig. 185, n.º 9.36) e, por último, os de Mediona, Fondal de Valldellós (JÁRREGA DOMÌNGUEZ 1992, 79, 81, fig. 6).
[947] Veja-se, por exemplo, a peça de *Caesaraugusta* com motivos esmerilados (PALOMAR 2001, 183, fig. 38).
[948] Veja-se, nomeadamente, os exemplares provenientes de Fuentespreadas (ZOREDA, 1974, 1454-146, fig. 38).

Os nossos exemplares são datados da Fase IV-V, pelo que cronologicamente são consistentes com as cronologias propostas. A análise do exemplar n.º 75 (vidro translúcido, de cor verde azeitona, de fraca qualidade, com abundantes impurezas e bolhas de ar alongadas no sentido vertical), permitiu integrar a produção no Grupo V cuja composição (SiO2 (%) 71.6; A12O3 (%) 3.1; K2O (%) 1.1; Fe2O3 (%) 4.3; MgO (%) 1.1; CaO (%) 10.8; TiO2 (%) 1.3; Na2O (%) 0.81; Ba (%) 0.23; Sr (%) 0.15; MnO (%) 5.3; Sb (%) <0.01; Pb (%) <0.01) o identifica como sendo um vidro de silicato de cálcio (na ordem de 10 %), e sódio (na ordem de 6 %), com maganês (cerca de 6 %), não sendo de considerar, com os dados actualmente disponíveis, como podendo ser uma produção local, identificada como Grupo IV.

Os paralelos em território português provêm de Conímbriga (ALARCÃO 1976, 197, est. XLIII, n.º 232-235), Boca do Rio, Lagos (ALARCÃO 1968, 11-13, est. VII, n.º 23), Beja (ALARCÃO 1966-67, 58-88, est. IV, n.º 9), Balsa, Tavira (NOLEN 1994 225, est. V, n.º 35), Comenda da Igreja, Montemor-o-Novo (ALARCÃO 1973, 4-5, n.º 1-2), e Crato, Portalegre (FRADE 1985, 123-124, fig. 1), Castro Fiães, Vila da Feira (ALARCÃO 1971, 40, 41, est. V, 51, 55). Na capital do convento, *Bracara Augusta*, os exemplares recolhidos são particularmente abundantes (33 exemplares) e reveladores das pequenas diferenças existentes ao nível da decoração, dimensão e constituição da pasta vítrea, encontrando-se documentada a sua produção local como atesta a recolha de dois exemplares deformados (CRUZ 2001, 78, est. XVI, n.º 1159-1185)[949].
São também conhecidos paralelos na Galiza, provenientes da área arqueológica de Santomé, Tíbias, Ourense, onde se regista o fabrico pouco cuidado, caracterizado por inclusões gasosas e cristalinas, assim como por defeitos na soflagem e na coloração (GONZÁLEZ; RODRÍGUEZ 1994, 64).

D 2 - Urnas e boiões para guardar alimentos secos

Urnas

A peça n.º 77 (vol. II, est. CXCVII, n.º 77), provavelmente pertencerá à forma Isings 62 – *Square jar* (ISINGS 1957, 81, forma 62) –, e serviria como balsário ou vaso cinerário. Foi soprado em molde, como é perfeitamente visível pelo seu formato quadrangular e pela homogeneidade revelada pela simetria das depressões laterais que tem formato oval. As diferentes cronologias apontam para uma datação que se inicia com os Flávios e se prolonga até ao séc. V[950]. São peças particularmente abundantes no centro e sul do país. Encontramos paralelos em Conímbriga (ALARCÃO 1965, 49-50, est. II, n.º 59-61; ALARCÃO 1976, 170, est. XXXVI, n.º 80-82), Abicada, Faro (ALARCÃO 1968, 80, fig. 6, n.º 4), Constança (ALARCÃO 1969, 80, fig. 6, n.º 4), Balsa, Tavira (NOLEN 1994b, 176, est. 38, n.º 62), Rouca, Alandroal (ALARCÃO 1968, 80, 105, 110, est. II, n.º 10), e na colecção Bustorff Silva (FRADE 1985, 267, 275, fig. 9, n.º 45). Provenientes das intervenções realizadas na capital do convento identificam-se alguns fundos tipologicamente semelhantes ao nosso, cuja tipologia não se indica, nomeadamente o exemplar n.º 1280 (CRUZ 2001, 83, 183, est. XXX, n.º 1280).
A urna proveniente de Paços de Ferreira[951] pertence também à forma Isings 62 e o seu formato com bojo quadrangular deve datar de época neroniana até aos fins do séc. II, podendo mesmo ser posterior, porém a forma foi mais frequente durante o período Flávio. Este exemplar revela a decoração típica formada por depressões de formato oval em cada uma das faces.

[949] O autor, apesar de classificar os exemplares com pertencentes à forma 126 de Isings, salvaguarda a possibilidade de muitos dos fragmentos poderem pertencerem a outras formas com soluções formais idênticas ao nível do bordo, como sejam as formas Isings 102; 120; 121; 123; 124; 127, que, devido à sua reduzida dimensão, muitas vezes não é possível precisar a classificação tipológica, sugerindo que a imprecisão formal aconselha uma cronologia com início no séc. III, apogeu no séc. IV e continuidade no séc. V.
[950] Entre os exemplos mais tardios a autora refere os materiais provenientes da necrópole de Classe, Ravena (ISINGS 1957, 81).
[951] Urna / frasco pertencente à forma Isings 62 proveniente da necrópole de Bouçós, Paços de Ferreira. Frasco com reservatório de perfil tronco-piramidal com faces reentrantes, marcado por depressões ovaladas nas faces laterais. O colo é curto e ligeiramente estrangulado apresentando um perfil convexo. O bordo configura uma aba curta de orientação oblíqua rematada por um lábio de secção arredondada. O fundo é composto por um anel. Vidro translúcido de cor verde-gelo de boa qualidade (SILVA 1984, 125, est. XXXI, n.º 7, MOREIRA 1997, 28, est. X, n.º 28).

O nosso exemplar encontra-se elaborado em vidro translúcido, incolor, de boa qualidade, com poucas bolhas de ar e isento de impurezas. Apresenta fundo discóidal, espesso e horizontal, com anel integrado, levemente côncavo, com vestígio de utilização de pontel. O arranque da parede faz-se de forma suave indiciando um bojo quadrangular. A cicatriz de utilização de pontel indica que, provavelmente, a sua tecnologia de fabrico, ao contrário dos exemplares mais antigos, terá sido de soflagem livre, sendo as faces laterais espalmadas numa superfície plana, dando origem a peças com alguma irregularidade, como parece ser o caso do nosso exemplar.
Da mesma forma, o anel que lhe serve de base não corresponde ao característico fundo plano-convexo, característico do morfotipo estabelecido por Isings, que apresenta um assentamento radial e a área central côncava.
A análise química revelou um vidro característico do Grupo I, composto por vidro de silicato de cálcio (CaO 13%), com pouco ferro (Fe1%), isento de chumbo e estanho. É proveniente da ocupação da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Golfinho,* constituindo uma produção tardia.

Boiões

Registamos três peças – n.º 78 e 79 (vol. II, est. CXCVII, 78-79) –, das quais distinguem-se dois grupos formalmente distintos, em função da morfologia do bordo e do colo.
O primeiro grupo, composto pelos *Boiões de bordo com aba horizontal e colo baixo* inclui o nosso exemplar n.º 78 pertence à forma Isings 68 - *Ointement jar* (ISINGS 1957, 88-89). Este tipo de boiões, provavelmente utilizados como unguentários – *Ampulla olearia –,* possui como características morfológicas identificativas o corpo globular com colo baixo e estrangulado, bordo horizontal projectado para o exterior em forma de aba que alinha pelo diâmetro do corpo, rematado por um lábio espessado de secção arredondada, geralmente simétrica e por vezes ligeiramente pendente. O fundo é plano de desenvolvimento directo a partir do corpo, normalmente com perfil côncavo de assentamento radial. São peças produzidas por sopro livre pelo que o fundo externo conserva as cicatrizes do pontel. Constitui um tipo no qual se não identificou qualquer tipo de decoração.
É uma forma muito comum em todo o território, podendo-se encontrar paralelos em Conímbriga (ALARCÃO 1965, 97-98, est. VII, n.º 155-159; ALARCÃO 1976, 171, est. XXXVII, n.º 88-89), no Castro do Monte de Santa Maria, Vila da Feira (ALARCÃO 1971, 41, est. V, n.º 54), em Braga, provenientes da escavação das Carvalheiras (DELGADO; MARTINS 1989-90, 163, est. VI, n.º 20; LOPEZ 1991, fig. 12, n.º 15). Ainda dentro deste apartado, embora não sendo considerados boiões, mas pertencentes à mesma forma tipológica, existem duas peças relevantes, uma urna proveniente do Castelo de Guifões, Matosinhos (ALARCÃO; ALARCÃO 1963, 9-10, fig. 3, fot. 3; VALENTE 1950, 21, fig. 4), e uma outra, proveniente da necrópole de Bouçós, Paços de Ferreira (SILVA 1984, 125, est. XXXI, n.º 7).
O seu horizonte cronológico encontra-se balizado entre o séc. I e o séc. II, surgindo com maior incidência no séc. II, período em que estes objectos se caracterizam por serem produzidos em cor verde, turquesa ou jade. Convêm, no entanto, referir que existem peças desta mesma forma com datações cuja cronologia se prolonga até ao séc. IV, como sugere Harden para a datação das peças de York (HARDEN 1962, 140, fig. 89). No mesmo sentido concorrem os paralelos identificados em Braga, designadamente o exemplar proveniente das Termas, datado com segurança dos inícios do séc. IV (CRUZ 2001, 73, 162, est. XXI, 968). Neste mesmo horizonte cabe o nosso exemplar n.º 78, proveniente da *Domus da Colher de Prata*, cujo enquadramento crono-estratigráfico se situa na Fase IV-V.
O segundo grupo, composto pelos *Boiões de bordo em aba oblíqua* identifica-se pelo nosso exemplar n.º

79[952] (vol. II, est. CXCVII, n.º 79), que integra a forma Isings 94 – *Bulbous* (ISINGS 1957, 111). Trata-se, em concreto, de uma forma derivada de um modelo alto-imperial, datada do séc. I, que revela uma longevidade muito ampla, sugerindo alguns autores que a sua produção se terá prolongado até o séc. V (PALOMAR 2001, 346)[953]. Caracteriza-se por apresentar um reservatório de formato bulboso com fundo de perfil côncavo, de assentamento radial, ou, em alguns casos, composto por um pé anelar. O colo é relativamente curto e pouco estrangulado rematado por um bordo oblíquo projectado para o exterior num ângulo aproximado de 45º. O lábio apresenta uma secção arredondada não revelando, por norma, qualquer espessamento em relação à parede do bordo. Do ponto de vista tecnológico trata-se de uma peça produzida por sopro livre no qual não se identificou qualquer tipo de decoração. O nosso exemplar é proveniente da *Domus da Lucerna do Cavalo* cujo enquadramento crono-estratigráfico se integra na Fase IV-V, cronologia consentânea com os exemplares identificados em Braga (CRUZ 2001, 74, est. XXII, n.º 986-107).
Apesar de nenhuma das peças ter sido alvo de qualquer análise química a observação macroscópica da pasta vítrea revela assinaláveis semelhanças com os resíduos de manufactura recolhidos, não sendo de descartar a possibilidade de uma produção local.

Frascos / Jarros

Registamos dois fragmentos de asa de fita e um fragmento de fundo de frascos ou jarros cuja classificação se poderá efectuar, embora com algumas reservas, no tipo Isings 120 – *Ovoid jug* (ISINGS 1957, 149-152, forma 120) –, n.º 80-83 (vol. II, est. CXCVII, n.º 80-83), ou no tipo Isings 121 - *Bulbous jug* (ISINGS 1957, 152-154) –, especialmente na variante *a*, cujas cronologias propostas são consentâneas com o enquadramento crono-estratigráfico dos nossos exemplares. Trata-se de asas de secção rectangular de recorte irregular, de arestas arredondadas e nervuras na face externa.
O fragmento de fundo é composto por vidro translúcido, de cor verde, de fraca qualidade, com abundantes bolhas de ar e impurezas. O pé é formado por um anel de secção circular e o fundo é côncavo e sobrelevado, com vestígios de utilização de pontel. É proveniente da Fase V, *Complexo Artesanal*.

As asas, n.º 81-82 (vol. II, est. CXCVII, n.º 81-82) são elaboradas em vidro castanho, translúcido, de qualidade média, com algumas bolhas de ar e impurezas negras. A decoração em ambos os casos é formada por três nervuras verticais de perfil subcircular, apenas visíveis na face exterior da asa (vol. II, est. CXCVII, n.º 81).
O n.º 81 facultou uma análise cuja composição (SiO2- 66,6%; Al2O3 -3,1%; K2O - 1,9%; Fe2O3 - 4,6%; MgO - 1,2%; CaO - 10,4%; TiO2 - 1,0%; Na2O - 5,3%; Ba - 0,46%; Sr - 0,15%; MnO - 5,0%; Sb - «0,01; Pb - 0,01%), revela um vidro de silicato de cálcio (10 %), e sódio (6 %), com maganês (6 %), que integra o Grupo V, sendo, portanto, admissível a sua produção local.
É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna Cristã*, revelando uma cronologia consentânea com as cronologias propostas na tipologia e com os vestígios de produção vidreira na qual se enquadra, da mesma forma que a asa n.º 82, proveniente da ocupação da Fase V do *Complexo Artesanal*, do mesmo aposento no qual se localizava o forno.

[952] Publicamos recentemente um exemplar também procedente de Alvarelhos, morfologicamente idêntico ao presente, então classificado com tipo Isings 68, que julgamos agora mais apropriado integrá-lo nesta forma. Trata-se também de um bordo e arranque de parede de um *boião de bordo oblíquo* cujas características são as seguintes; MMAP 267. Boião N.º Inv.º - ALV. 97 B1, A2, op. 117. Vidro verde-gelo, translúcido, de qualidade média. Fragmento de bordo, arranque de gargalo e parede de boião. Bordo ligeiramente engrossado e bojo muito esvasado. Tipo Isings 94 / Castro de Alvarelhos - Fase III. (MOREIRA 2007, 144, MMAP 267).
[953] Refira-se, a propósito, os exemplares recolhidos em Saragoça em níveis datados da segunda metade do séc. V (460/480).

E. Unguentários para guardar condimentos, unguentos, medicamentos e perfumes
Unguentários

Identificamos apenas um exemplar – n.º 83 (vol. II, est. CXCVII, n.º 83) –, cuja forma se enquadra na forma 27 de Isings que a autora designa por – *Test-tube unguentarium* (ISINGS 1957, 25). Como o seu nome indica, embora seja também frequente a designação de balsários e lacrimários, destinar-se-ia a guardar unguentos, medicamentos ou perfumes, sendo frequentes os achados em contextos habitacionais e funerários. Esta forma apresenta como principais rasgos morfológicos o seu perfil alongado, com reservatório em forma de gota, constituindo o prolongamento natural do gargalo que é alto e estreito, rematado por um bordo ligeiramente projectado para o exterior com lábio engrossado de perfil arredondado. A cronologia proposta pela a autora situa as primeiras ocorrências na primeira metade do séc. I, prolongando-se a sua produção até finais do séc. IV, inícios do séc. IV. O nosso exemplar encontra-se incompleto conservando apenas parte do gargalo e do bordo, não permitindo identificar se possuía ou não constrição que marca o início do reservatório, como é característico da forma 8 de Isings. O seu tamanho permite considerar que se situa na média, cujas dimensões mais comuns oscilam entre os 12 cm e os 14 cm.

A forma 8 de Isings apesar de muito abundante no Centro da Europa, entre nós tem uma expressão modesta. Identificamos apenas um exemplar, de proveniência desconhecida, em depósito do Museu Nacional de Arqueologia (MNA-N.º 15.918), tendo sido publicado como fazendo parte do espólio de uma necrópole de incineração, cuja referência cronológica o situa na 2ª metade do séc. I e inícios do séc. II (NOLEN 2002, 523).Todavia, à semelhança do que já constatamos para outros exemplares, algumas formas, nas zonas mais remotas do império, revelam uma pervivência que ultrapassa o das formas originais, ou, em alguns casos, reaparecem após um período em que se não verifica a sua fabricação nos principais centros produtores que impunham as principais tendências e modas[954].

O nosso exemplar, proveniente da *Domus da Lucerna do Cavalo,* da Fase IV-V, pertence a um horizonte cronológico tardio. Os paralelos regionais não são abundantes, registando-se apenas ocorrências pontuais em Braga (CRUZ 2001, 80, est. XXVII 1205).

F. OBJECTOS DE ADORNO
Contas

Os objectos n.º 84-91 (vol. II, est. CXCVII, n.º 84-91) são contas elaboradas em pasta vítrea de cor azul-ultramarino, negro e branco de formato cilíndrico, discóidal, subcilindrico e rectangular.

O n.º 84 constitui o único exemplar decorado integrando um grupo de contas oculadas características da área meridional do mediterrâneo cuja cronologia releva uma ampla perduração. Trata-se de uma conta de formato cilíndrico decorada com duas fiadas de pequenos círculos e meias luas em vidro branco-opaco que se integram na pasta vítrea de base de cor azul-ultramarino. As peças n.º 85-88 são elaboradas em pasta vítrea de cor azul-ultramarino e não apresentam qualquer decoração. Com excepção da conta n.º 85 que revela a face superior ovalada, com um vinco a definir o orifício de suspensão, todas as restantes são discóidais, irregulares na dimensão e recorte. Este tipo de peças é característico de estratos arqueológicos datáveis do séc. II a.C., prolongando-se a sua ocorrência até ao fim do império, com claro decréscimo a partir do início do séc. IV, quando, progressivamente começam a ser substituídas por peças de cor negra, diversificando-se a sua forma e, eventualmente, a sua função, sendo admissível a sua utilização como peças de vestuário, onde funcionariam com botões. As nossas peças, cronologicamente, distribuem-se desde a Fase IIb (86), pela Fase IV-V (84, 85 e 88) e Fase V (87, 89).

[954] Registam-se ocorrências do tipo 8 de Isings também em Braga (CRUZ 2001, 80).

A análise química das conta n.º 84 e 87 (vidro de silicato de cálcio, CaO 11%, ferro 3%, 1% de cobre e cobalto, 2% antimónio, isento de chumbo e estanho), permitiu identificar um vidro de silicato de cálcio (11 %), com maganês (4 %), e ferro (3 %), isento de chumbo e estanho que se integra no Grupo II, constituindo provavelmente uma importação, seguramente estranha às produções locais.
Análise química por espectrometria de fluorescência de raio X da conta n.º 88 (CaO 13%, sódio Na2O 7%, maganês 1%, ferro 2%, cobre 3%, chumbo 5%, antimónio 1% e estanho 0,5%), permitiu identificar um vidro integrável no Grupo III, que é constituído por vidro de silicato de cálcio (13%), e de sódio (de 7 %), com maganês (1%), ferro (2%), cobre (2%), chumbo (5 %), antimónio (1%), e estanho (0,5%), podendo ser considerada uma produção local.

São apenas dois os exemplares de contas quadrangulares ou rectangulares recolhidas nas intervenções, respectivamente o n.º 90 e 91 (vol. II, est. CXCVII, n.º 90-91). O primeiro é de cor negra, em vidro opaco, de formato quadrangular com dois orifícios laterais. A decoração é produzida pelo cruzamento de linhas incisas na sua face exterior, formando um axadrezado "almofadado". O segundo, também de formato quadrangular, ligeiramente mais pequeno que o anterior, apresenta a superfície ligeiramente ovalada. Os orifícios de suspensão em ambos os casos são feitos lateralmente sugerindo uma fixação na horizontal, adaptando-se melhor à função de elemento de pulseira do que de suspensão num colar, como sugere Havernick (HAVERNICK 1981, 265-276), que considera que este tipo de conta se incorporaria num conjunto de vários elementos de uma pulseira. Ambos provêm de contextos da Fase IV-V.
São peças relativamente mal representadas entre nós de que conhecemos apenas um paralelo publicado, cujas características morfológicas o aproximam do nosso exemplar n.º 90. Trata-se de uma conta de cor negra proveniente da *villa* de S. Cucufate, Vidigueira (NOLEN 1988, 49-50, est. VI, n.º 133). A cronologia sugerida por Havernick (último quartel séc. III - finais séc. IV), é consentânea com o nosso registo estratigráfico. A conta n.º 91 tem paralelo em Conímbriga, embora este não apresente a nervura longitudinal do nosso exemplar (ALARCÃO 1976, 212, est. XLVI, n.º 334).

Pulseiras

As pulseiras ou braceletes - *armillae* - em vidro apesar de particularmente abundantes no mundo romano, não despertaram particular interesse aos investigadores que se dedicaram ao estudo do vidro romano[955].
O n.º 92 (vol. II, est. CXCVIII, n.º 92) do nosso catálogo corresponde a um fragmento de pulseira em vidro negro, opaco, de secção plano-convexa[956], com decoração modelada composta por nervuras verticais e pequenos gomos horizontais. A sua cor negra parece corresponder a um gosto muito generalizado em época tardo-romana de imitação do azeviche, então muito em moda. É proveniente da área exterior à *Domus da Colher de Prata* de um estrato sem fiabilidade cronológica.
A análise por espectrometria de fluorescência de raios X revelou uma composição química[957] estranha aos grupos compostos para os fabricos identificados em Alvarelhos, revelando uma produção de origem forânea.

[955] Refira-se a propósito que o primeiro trabalho que analisa tipologicamente um conjunto alargado, de proveniência oriental, é apenas publicado em 1988 (SPAER 1988, 51-61).
[956] Num estudo recente, sobre vidros tardo-romanos provenientes da província de Saragoça, María Palomar propõe uma classificação em quatro grupos em função da secção – Circular; Semicircular; Plana e Apuntada – sem que, no entanto, faça uma valoração cronológica (PALOMAR 2001, 400 -401).
[957] (SiO2-41,2%; Al2O3 -3,4%; K2O - 0.97%; Fe2O3 - 32,5%; MgO - 0,45%; CaO - 8,6%; TiO2 - 0,13%; Na2O - 6,0%; Ba - 0,41%; Sr - 0,46%; MnO - 4,2%; Sb - 0,96; Pb - 0,43%).

São vários os paralelos identificados na região que constituem uma referência cronológica e tipológica para o nosso exemplar. Entre outros, identificam-se em Meixomil, Paços de Ferreira (CARDOZO 1961, 69; 1970, 13-25, est. I; SILVA 1984, 125-126, est. XXXI, n.º 1), Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Bougado, Trofa (CRUZ 1940, 214; SANTARÉM 1952, 190; MOREIRA 1997, 31), Castro de Fiães, Vila da Feira (CARDOSO 1961, 50-53; 1970, 13-25, est. II), Terroso, Vila do Conde (CARDOZO 1961, 50-53; 1970, 13-25, est. III), e duas da cidade de Braga (SOUSA 1973, 27, fig. 2). Na área meridional da Galiza identificam-se dois exemplares também de cronologia do séc. IV-V, um proveniente de Riocaldo (RODRÍGUEZ 1991, 30), e o outro da *villa* romana da Toralla (CUÑARRO 1993, fig. 6, n.º 15).

O uso de pulseiras por homens e mulheres foi frequente desde tempos muito remotos, quer como resposta a motivações de ordem estética, quer como sinal de distinção social ou mera crendice. Este tipo de pulseira de secção em D, lisa ou decorada com nervuras, é muito comum no mundo romano e está muito bem documentada em Portugal. Os exemplares dividem-se entre os três tipos conhecidos; decoradas com golpes verticais, golpes diagonais e lisas. Estes materiais, quando fora de contexto, são particularmente difíceis de datar pela sua ampla cronologia. C. Harden, a propósito das pulseiras de Karandis, refere que as peças em vidro negro parecem ser de época tardo-romana, enquanto os exemplares de vidro em cores mescladas se encontram nos estratos pré e pós-romanos, tendo sido identificadas naquela estação a partir dos inícios do séc. II até ao séc. V (HARDEN 1969, 283). As decorações em época tardia, quando existentes, são compostas por incisões, ressaltos ou por nervuras. Do ponto de vista cronológico as pulseiras provenientes de Conímbriga (ALARCÃO 1976, 212, est. XLVI, n.º 310-314; FRANÇA 1969, 59-61, est. IV, n.º 24-31) são oriundas de estratos arqueológicos sem fiabilidade cronológica, não contribuindo para uma melhor aferição da datação das tendências e modas, assim como as de S. Cucufate, Vidigueira (NOLEN 1988, 50, est. V, n.º 134-135). Outros paralelos podem ainda encontrar-se em Balsa (NOLEN 1994, 182, est. 41, n.º 124-125), e em Mirobriga, Santiago do Cacém (BARATA 1993, 73-76).

Peças de jogo

Identificou-se apenas um exemplar – n.º 93 (vol. II, est. CXCVIII, n.º 93). Encontra-se elaborada em vidro opaco de cor verde-musgo. É constituída por vidro de boa qualidade, isento de bolhas de ar e de impurezas. Apresenta um formato discóidal, com faces horizontais e planas em ambas lados, facetada nas arestas da face superior formando um hexágono.

A análise química revelou um vidro de silicato de chumbo com 5% de cobre e 7% potássio, cuja composição não permite integrá-la em nenhum dos grupos identificados em Alvarelhos, tratando-se, seguramente, de uma produção forânea[958].

Ao contrário da maior parte das peças de jogo em vidro de perfil plano-convexo e recorte circular, o nosso exemplar apresenta um formato original para o qual não encontramos qualquer paralelo na área do convento bracaraugustano. Enquadra-se na Fase IV-V[959].

Entre as ocorrências de *calculi* em pasta vítrea em Portugal contam-se, entre outras, as de Conímbriga (ALARCÃO 1976, 209-210, 213, pl. XLVI, n.º 295-297) e do criptopórtico de *Aeminium* (Coimbra), em depósito no Museu Machado de Castro, em cor castanho-negra, incolor, branco-leitoso, verde-esmeralda e âmbar, com datação do séc. IV (ALARCÃO 1971, 42, est. VII, n.º 21-32). Pela proximidade geográfica merece também referência uma ocorrência tardia, datada do séc. V, do castro de Santa Tecla, La Guardia (TAMUXE 1983, 98,

[958] Os *calculi* elaborados em pasta vítrea tem como antecedentes as peças de jogo de pedra, osso, cerâmica, metal, etc. A sua técnica de fabricação implica a utilização de pontel, sendo frequente verificar na face anterior uma pequena cicatriz ou uma área repuxada produzida pela vara metálica (PALOMAR 2001, 403).

[959] As peças de jogo em pasta vítrea encontram-se desde o alto-império até meados do séc. V. Por exemplo, encontram-se peças datadas da segunda metade do séc. IV na necrópole norte de La Olmeda, Palencia (ABÁSOLO; CORTÉS; PÉREZ 1997, 68, fig. 48, n.º 2). De Saragoça são conhecidos 2 exemplares datados da segunda metade do séc. V (PALOMAR 2001, 402-405, fig. 122, n.º 1-2).

fig. 138). Em *Aquis Querquennis*, Bande, Ourense, foram também recolhidos vários exemplares, de cor negra e azul (REIGOSO 2006, 618-620).

Vária

A peça n.º 94 (vol. II, est. CXCVIII, n.º 94), é uma tessela elaborada em pasta vítrea de cor verde-água, opaca, de formato paralelepipédico, provavelmente oriunda de um outro centro produtor que não o de Alvarelhos, conforme sugere o grupo a que pertence, Grupo III, cuja análise química permite considerá-lo como sendo um vidro de silicato de cálcio (13%), e de sódio (7 %), com maganês (1%), ferro (2%), cobre (2%), chumbo (5 %), antimónio (1%), e estanho (0,5%), ao qual apenas pertence uma outra conta, também elaborada em vidro opaco, mas de cor azul-ultramarino, também marcada pela presença de estanho em igual percentagem.
As tesselas em vidro tinham por função alargar a paleta cromática dos temas figurativos, abrangendo as cores mais raras e difíceis de obter em pedra, como seja as cores verde, azul, amarelo, vermelhos e laranjas.
Até ao momento, não se identificaram mosaicos em Alvarelhos, no entanto, a sua existência parece atestada pela recolha de tesselas isoladas, aliás como acontece em *Bracara Augusta*, onde se encontram paralelos para a nossa peça, igualmente em vidro opaco, de cor verde-água, descobertas no interior da Sé, eventualmente pertencentes a um mosaico parietal já de influência bizantina de um eventual templo paleocristão (CRUZ 2001, 44).
O nosso exemplar encontra enquadramento crono-estratigráfico na Fase IV-V, consistente com a cronologia da maior parte dos mosaicos tardo-romanos que contém tesselas de vidro identificados em Espanha e Portugal, enquadráveis entre a época tardoconstantiniana e finais do séc. IV, princípios do séc. V (PALOMAR 2001, 355).

Peças indeterminadas

Os restantes materiais não possuem características definidoras que permitam a sua classificação. A sua inclusão no catálogo ficou a dever-se ao facto de os termos utilizado para análises químicas cujo resultado pretendíamos que servissem para aferir resultados e calibrar os grupos formados.

Análises químicas

Elaboramos um conjunto de 36 análises químicas por espectrometria de fluorescência de Raio X, sem moagem do material que permitiram elaborar seis grupos de características distintas e um último onde são englobadas todas as restantes amostras que não se enquadram em nenhum grupo.

Grupo I – Vidro de silicato de cálcio (na ordem dos 13%), com pouco ferro (cerca de 1 %), e isento de chumbo e estanho.

Grupo II – Vidro de silicato de cálcio (na ordem dos 11 %), com maganês (cerca de 4 %), e ferro (cerca de 3 %), isento de chumbo e estanho

Grupo III – Vidro de silicato de cálcio (na ordem do 13%), e de sódio (na ordem de 7 %), com maganês (cerca de 1%), ferro (cerca de 2%), cobre (cerca de 2%), chumbo (cerca de 5 %), antimónio (cerca de 1%), e estanho (cerca de 0,5%).

Grupo IV – Vidro de silicato de cálcio (na ordem de 14%), e sódio (na ordem de 7 %), com maganês (cerca de 2 %), ferro (cerca de 2%), mas praticamente isento de chumbo, estanho, antimónio e cobre.

Grupo V – Vidro de silicato de cálcio (na ordem de 10 %), e sódio (na ordem de 6 %), com maganês (cerca de 6 %).

Grupo VI – Vidro de silicato de cálcio (na ordem de 11%), e sódio (na ordem de 1%), com maganês (cerca 5 %), ferro (cerca 4 %), praticamente isento de chumbo, estanho antimónio e cobre.

Constitui um lugar-comum afirmar que o vidro é composto por sílica, por um ou mais fundentes e por um estabilizador. Importa, no entanto, valorizar quais os elementos introduzidos voluntariamente, como os óxidos colorantes, dos que constituem intromissões involuntárias e, em última análise, avaliar presença dos diferentes componentes numa perspectiva que permita identificar a sua proveniência, a origem das matérias-primas e, eventualmente, os centros produtores.
Os componentes químicos dos vidros podem-se agrupar em três grandes grupos - elementos maiores, elementos menores e elementos de traço.
Com o objectivo de facilitar a leitura e interpretação da repartição percentual dos diferentes componentes dos vidros analisados identificando, quando possível, a sua função na composição da pasta vítrea apresenta-se uma breve listagem onde se coloca em evidência a presença percentual de cada um dos componentes.

Elementos maiores

Sílica (Si)

O óxido de sílica (SiO_2) constitui o principal componente do vidro.
Percentagem nos grupos analisados;
Grupo I. 86% - 78.9% ; Grupo II. 83% - 80.08; Grupo III. 63% - 64%; Grupo IV. 65% - 75%; Grupo V. 66.6% - 64%; Grupo VI. 73.1% - _ _,

Alumínio (Al)

Função desconhecida. Encontra-se na maior parte das areias ricas em quartzo. Durante a época romana não foi introduzido intencionalmente nas pastas vítreas.
A presença do elemento (Al203) nos vidros analisados dever-se-á, provavelmente à utilização de areia rica em quartzo.
Percentagem nos grupos analisados;
Grupo I. 3.7% - 2.8% ; Grupo II. -- ; Grupo III. -- ; Grupo IV. --; Grupo V. 3.7% - 3.1%; Grupo VI. 2.8% - _ _;

Magnésio (Mg)

A sua presença pode influenciar a coloração do vidro, todavia, em época romana, o magnésio não foi introduzido na pasta vítrea voluntariamente.
Percentagem nos grupos analisados;
Grupo I. 2.9% - 1.3% ; Grupo II. -- ; Grupo III. -- ; Grupo IV. --; Grupo V.2.05% - 1.1% ; Grupo VI. 1.7% - _ _;

Cálcio (Ca)

Os óxidos de cálcio (CaO) funcionam na pasta vítrea como estabilizador, tornando o vidro insolúvel. A sua proveniência poderá ser de pedra calcária e conchas ou estar incluído na própria areia, sendo difícil distinguir se constitui um elemento originário da areia ou se foi intencionalmente introduzido. Em época

romana foi um elemento introduzido voluntariamente como componente na pasta vítrea, existindo várias fontes clássicas que o mencionam como elemento a juntar à pasta vítrea.
Percentagem nos grupos analisados;
Grupo I. 16.4% - 11.4% ;Grupo II. 11% - 11% ;Grupo III. 13% - 13%; Grupo IV. 14% - 14%; Grupo V. 11.3% - 10.5%; Grupo VI. 11.4% - _ _;

Sódio (Na)

O óxido de sódio (Na_2O) é um elemento fundente. Constitui um elemento intencionalmente introduzido na pasta vítrea.
Percentagem nos grupos analisados;
Grupo I. 16.4% - 11.4%; Grupo II. - -; Grupo III. 7% - 7%; Grupo IV. 7% - 7%; Grupo V. 6.9% - 0.81%; Grupo VI. 1% - _ _;

Potássio (K)

O óxido de potássio (K2O) constitui um fundente, não tendo sido em época romana integrado intencionalmente na constituição das pastas vítreas.
Percentagem nos grupos analisados
Grupo I. 2.9% - 1.3% ; Grupo II. --; Grupo III. --; Grupo IV. --; Grupo V. 2.05% - 1.1%; Grupo VI. 1.7% - _ _;

Elementos menores

São constituídos por partículas cuja concentração se situa percentualmente entre 0.1 e 3% em relação ao total da massa vítrea. Apesar de alguns dos elementos poderem desempenhar funções específicas na composição e, como tal, terem sido adicionadas intencionalmente, a maior parte corresponde a impurezas inscritas na matéria-prima.

Enxofre (S)

Função desconhecida. É proveniente das sulfites metálicas presentes nos vidros coloridos.
Percentagem nos grupos analisados;
Grupo I. --; Grupo II. --; Grupo III. --; Grupo IV. 10% - 6 %; Grupo V. --; Grupo VI. - -;

Ferro (Fe)

Função colorante. Os óxidos de ferro existem na matéria-prima e conferem ao vidro uma tonalidade não intencional, de cor azul-esverdeada. Em combinação com outros óxidos, como, por exemplo, o óxido de cobre ou magnésio, produz uma coloração verde.
0.4% - 1% impurezas / + 1.4% colorante
Percentagem nos grupos analisados;
Grupo I. 0,64 % - 0,42 ; Grupo II. 4% - 3%; Grupo III. 2% - 2%; Grupo IV. 3% - 2%; Grupo V. 4.6% - 4.3%; Grupo VI. 1% - _ _;

Magnésio (Mn)

Função. Descolorante e colorante. Utilizado em conjugação com outros óxidos, designadamente os de ferro produz vidros de cor castanhos-alaranjado ou cor de vinho, consoante são menos ou mais ricos em magnésio, respectivamente.
Percentagem nos grupos analisados;
Grupo I. 0.64% - 0.42% ; Grupo II. --; Grupo III. --; Grupo IV. %; Grupo V. 1.2% - 1.1%; Grupo VI. 1.2% - _ _;

Elementos de traço

Embora possam desempenhar funções específicas, como por exemplo, as de colorantes, são constituídos essencialmente por resíduos. Surgem em concentrações diminutas situadas entre 0 - 0.5%

Cobalto (Co)

Função desconhecida, podendo, no entanto, estar associada à coloração azul.
Percentagem nos grupos analisados;
Grupo I. –; Grupo II. 1%; Grupo III. - -; Grupo IV. --; Grupo V. --; Grupo VI. –
A única peça em que se identifica a sua presença, corresponde efectivamente a uma conta de colar, de cor azul-marinho, podendo, neste caso, a sua introdução ser considerada com intencional

Estrôncio (Sr)

Função desconhecida. Origem associada a materiais calcários.
Percentagem nos grupos analisados;
Grupo I. 0.11% - 0.17%; Grupo II. --; Grupo III. --; Grupo IV. --; Grupo V. 0.01% - 0.15%; Grupo VI. 0.17% - _ _;

Cobre (Cu,CuO)

Função colorante. O óxido de cobre confere ao vidro uma coloração verde, turquesa e azul. Foi amplamente utilizado nas produções de Alvarelhos e demais de proveniência forânea.
0 % - 3/4% utilização intencional – inferior a 0.3% impurezas.
Percentagem nos grupos analisados;
Grupo I. -- ; Grupo II. 2% -1%; Grupo III. 2% - 2%; Grupo IV. --; Grupo V. --; Grupo VI. --;

Chumbo (Pb)

Função desconhecida. Constitui geralmente uma impureza da massa vítrea ou é absorvida por contacto com objectos metálicos. A sua presença é episódica e vestigial.
Percentagem nos grupos analisados;
Grupo I.0.01% – 00.1% ; Grupo II. 0.01% - 0.01%; Grupo III. 5% - 5%; Grupo IV. ; Grupo V. 0.01% - 0.01%; Grupo VI. 0.02% - _ _;

Antimónio (Sb)

Função descolorante e opacidificante. Atribui opacidade ao vidro, podendo-se considerar como intencional a sua presença quando os valores ultrapassam os 9%.
Percentagem nos grupos analisados;
Grupo I.-- ; Grupo II. 2% - 0.01%; Grupo III. --; Grupo IV. --; Grupo V. --; Grupo VI. --

Titânio (Ti)

Função desconhecida
Percentagem nos grupos analisados;
Grupo I. 0.03% - 0.14%; Grupo II. --; Grupo III. 0.13% - 0.13%; Grupo IV. --; Grupo V. 1.3% - 0.93%; Grupo VI. 0.83% - _ _;

Bário (Ba)

Função desconhecida
Percentagem nos grupos analisados;

Grupo I. 0.11% - 0.05% ; Grupo II. 3% - 3%; Grupo III. --; Grupo IV. --; Grupo V. 0.46% - 0.23%; Grupo VI. 0.06% - _ _;

Estanho (Sn)
Função desconhecida
Percentagem nos grupos analisado
Grupo I. -- ; Grupo II. --; Grupo III. 5% - 5%; Grupo IV. --; Grupo V. --; Grupo VI. --

Vidros

Nº Invt.º	Proveniência	Forma	Cor	Tecnologia	Decoração	Tipologia	Anál. Quí.	Estampa
1. Alv. 97 B3, A1, op. 52	corte est. 5, camada 2 / Fase V	indiferenciada	verde-azeitona	nódulo	--------	-----	grupo IV	n/ilustrado
2. Alv. 97 B3, A1, Ig. 6585	corte est. 5, camada 2 / Fase V	indiferenciada	verde-azeitona	nódulo	--------	-----	grupo IV ?	n/ilustrado
3. Alv. 97 B3, A1, op. 18	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	janela	incolor	modelado	--------	-----	grupo I	est. CXCI, n.º 3
4. Alv. 98 B1, A1, op. 160	corte est. 1, camada 1 / Fase V	janela	incolor	modelado	--------	-----	-----	est. CXCI, n.º 4
5. Alv. 92 A, Ig.1305	corte est. 14, camada 2 / Fase III	taça	azul-marinho	moldado	--------	Isings 3 a/b	grupo I	est. CXCI, n.º 5
6. Alv. 97 B3, A1, op. 311	corte est. 6, camada 3 / Fase III	taça	azul-marinho	moldado	--------	Isings 3	grupo I	est. CXCI, n.º 6
7. Alv. 98 B1, A1, op. 197	corte est. 1, camada 1 / Fase V	taça	azul-marinho	soprado	--------	Isings 3	-----	est. CXCI, n.º 7
8. Alv. 95 B, A4, op. 100	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	taça	azul-marinho	soprado	--------	Isings 12	grupo I	est. CXCI, n.º 8
9. Alv. 97 B3, A1, op. 41	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	taça	incolor	soprado	--------	Isings 115	----	est. CXCI, n.º 9
10. Alv. 97 B1, A2, op. 137b	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	taça	verde-gelo	soprado	--------	Isings 87	grupo I	est. CXCI, n.º 10
11. Alv. 92 A, Ig. 1459	corte est. 14, camada 0 / Fase V	taça	incolor	soprado	--------	Isings 116	----	est. CXCI, n.º 11
12. Alv. 92 A, Ig. 6662	corte est. 14, camada 4 / Fase V	copo/taça	verde-musgo	soprado	--------	Isings 96/106	----	est. CXCI, n.º 12
13. Alv. 92 A, Ig. 6669	corte est. 14, camada 4 / Fase V	copo/taça	verde-musgo	soprado	--------	Isings 96/106	----	est. CXCI, n.º 13
14. Alv. 93 A, op. 69 a	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	copo/taça	verde-musgo	soprado	--------	Isings 96/106	----	est. CXCI, n.º 14
15. Alv. 93 A, op. 69 b	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	copo/taça	verde-musgo	soprado	--------	Isings 96/106	----	est. CXCII, n.º 15
16. Alv. 93 A, op. 69 c	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	copo/taça	verde-musgo	soprado	--------	Isings 96/106	----	est. CXCII, n.º 16
17. Alv. 93 A, op. 87	corte est.8, camada 3 / Fase IV-V	copo/ taça	verde-musgo	soprado	--------	Isings 96/106	----	est. CXCII, n.º 17
18. Alv. 93 A, op. 203	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	copo / taça	verde-musgo	soprado	--------	Isings 96/106	grupo II	est. CXCII, n.º 18
19. Alv. 93 A, op. 218 a	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	copo / taça	verde-musgo	soprado	--------	Isings 96/106	grupo II	est. CXCII, n.º 19
20. Alv. 93 A, op. 218 c	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	copo / taça	verde-musgo	soprado	--------	Isings 96/106	----	est. CXCII, n.º 20
21. Alv. 93 A, op. 75	corte est. 11, camada 0 / Fase V	copo / taça	verde-musgo	soprado	--------	Isings 96/106	----	est. CXCII, n.º 21
22. Alv. 93 A, op. 231a	corte est. 11, camada 0 / Fase V	copo / taça	verde-musgo	soprado	--------	Isings 96/106	grupo II	est. CXCII, n.º 22
23. Alv. 93 A, op. 231b	corte est. 11, camada 0 / Fase V	copo / taça	verde-musgo	soprado	--------	Isings 96/106	grupo II	est. CXCII, n.º 23
24. Alv. 93 A, op. 231c	corte est. 11, camada 0 / Fase V	copo / taça	verde-musgo	soprado	--------	Isings 96/106	----	est. CXCII, n.º 24
25. Alv. 94 A, op. 75	corte est. 9, camada 0 / Fase IV-V	copo / taça	verde-musgo	soprado	--------	Isings 96/106	----	est. CXCII, n.º 25
26. Alv. 95 B, A4, op. 141	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	copo / taça	castanho-amarelado	soprado	--------	Isings 96/106	----	est. CXCII, n.º 26
27. Alv. 97 B3, A1, op. 289	corte est. 5, camada 1 / Fase IV-V	copo	verde-azeitona	soprado	--------	Isings 96/106	grupo II	est. LXXVII, n.º 27
28. Alv. 98 B1, A1, op. 55	corte est. 2, camada 1 / Fase V	copo / taça	verde-azeitona	soprado	--------	Isings 96/106	----	est. CXCIII, n.º 28
29. Alv. 98 B1, A1, op. 143	corte est. 1, camada 1 / Fase V	copo / taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCIII, n.º 29
30. Alv. 92 A, Ig. 1458	corte est. 14, camada 4 / Fase V	copo	incolor	soprado	--------	Isings 106	----	est. CXCIII, n.º 30
31. Alv. 93 A, Ig. 3001	corte est. 7, camada 2 / Fase IV-V	copo	verde-musgo	soprado	--------	Isings 106	----	est. CXCIII, n.º 31
32. Alv. 93 A, op. 16	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	copo / taça	verde-musgo	soprado	--------	Isings 96/106	----	est. CXCIII, n.º 32
33. Alv. 93 A, op. 45	corte est. 7, camada 2 / Fase IV-V	copo	incolor	soprado	--------	Isings 106	----	est. CXCIII, n.º 33
34. Alv. 93 A, op. 218b	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	copo	verde-musgo	soprado	--------	Isings 96/106	----	est. CXCIII, n.º 34
35. Alv. 97 B1, A2, op. 163	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	Isings 96/106	grupo II	est. CXCIII, n.º 35
36. Alv. 97 B1, A2, op. 136	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	copo	verde-azeitona	soprado	--------	Isings 96/106	----	est. CXCIV, n.º 36
37. Alv. 97 B1, A2, op. 9	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	copo	verde-azeitona	soprado	--------	Isings 106	grupo II	est. CXCIV, n.º 37
38. Alv. 97 B3, A1, op. 240	corte est. 5, camada 1 / Fase IV-V	taça	incolor	soprado	--------	Isings 106	grupo I	est. CXCIV, n.º 38

39. Alv. 98 B1, A1, op. 70	corte est. 1, camada 1 / Fase V	taça	incolor	soprado	--------	Isings 106	----	est. CXCIV, n.º 39
40. Alv. 92 A, lg. 230	corte est. 12, camada 0 / Fase V	taça	verde-musgo	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCIV, n.º 40
41. Alv. 92 A, lg. 1297	corte Est. 13, camada 1/ Fase V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCIV, n.º 41
42. Alv. 92 A, lg. 178	corte est. 13, camada 1 / Fase V	copo	incolor	soprado	--------	Isings 106	grupo VI	est. CXCIV, n.º 42
43. Alv. 92 A, lg. 292	corte est. 13, camada 1/ Fase V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCIV, n.º 43
44. Alv. 93 A, op. 55	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCIV, n.º 44
45. Alv. 93 A, op. 218 d	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	taça	verde-musgo	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCIV, n.º 45
46. Alv. 93 A, op. 218 e	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	taça	verde-musgo	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCIV, n.º 46
47. Alv. 93 A, op. 218f	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	taça	verde-musgo	soprado	--------	taça campaniform	----	est. CXCIV, n.º 47
48. Alv. 93 A, op. 231d	corte est. 7, camada 2 / Fase IV-V	copo / taça	verde-musgo	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. LXXIX, n.º 48
49. Alv. 94 A, op. 175	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCV, n.º 49
50. Alv. 94 A, lg. 6387	corte est. 4, camada 1b / Fase IV-V	taça	verde-musgo	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCV, n.º 50
51. Alv. 94 A, op. 230	corte est. 9, camada 0 / Fase IV-V	taça	verde-musgo	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCV, n.º 51
52. Alv. 95 B, A4, op. 211	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCV, n.º 52
53. Alv. 96 B, op. 45	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	taça	castanho	soprado	--------	taça campaniforme	grupo IV	est. CXCV, n.º 53
54. Alv. 96 B, A3, op. 128	corte est. 1, camada 1 / Fase III	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	-----	est. CXCV, n.º 54
55. Alv. 98 B1, A1, op. 376	corte est. 2, camada 2 / Fase V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	-----	est. CXCV, n.º 55
56. Alv. 97 B1, A2, op. 61	corte est. 2, camada 0 / Fase IV-V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCV, n.º 56
57. Alv. 98 B1, A1, op. 25	corte est. 2, camada 1 / Fase V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCV, n.º 57
58. Alv. 98 B1, A1, op. 43	corte est. 2, camada 1 / Fase V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCV, n.º 58
59. Alv. 98 B1, A1, op. 32	corte est. 3, camada 1 / Fase V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCV, n.º 59
60. Alv. 98 B1, A1, op. 90	corte est. 1, camada 1 / Fase V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	-----	est. CXCV, n.º 60
61. Alv. 98 B1, A1, op. 137	corte est. 1, camada 1 / Fase V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCVI, n.º 61
62. Alv. 98 B1, A1, op. 151	corte est. 1, camada 1 / Fase V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCVI, n.º 62
63. Alv. 98 B1, A1, op. 152	corte est. 1, camada 1 / Fase V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCVI, n.º 63
64. Alv. 98 B1, op. 172	corte est. 1, camada 1 / Fase V	taça	verde-acastanhado	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCVI n.º 64
65. Alv. 98 B1, A1, op. 81	corte est. 1, camada 0 / Fase V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	----	est. CXCVI, n.º 65
66. Alv. 98 B1, A1, op. 186	corte est. 3, camada 1 / Fase V	taça	verde-azeitona	soprado	--------	taça campaniforme	----	n/ilustrado
67. Alv. 95 B, op. 102	corte est. 2, camada 1b / Fase IV-V	taça	verde-musgo	soprado	--------	Isings 117	----	n/ilustrado
68. Alv. 98 B1, op. 221	corte est. 1, camada 1 / Fase V	jarro trilobado	verde-musgo	soprado	--------	Isings 124	----	est. CXCVI, n.º 68
69. Alv. 92 A, op. 69	corte est. 12, camada 3 / Fase II	garrafa quadrangular	azul-água	soprado em molde	--------	Isings 50 a/b	grupo II	n/ilustrado
70. Alv. 93 A, op. 197	corte est. 7, camada 0 / Fase III ?	garrafa prismática	azul-água	soprado em molde	--------	Isings 50 a	grupo I	est. CXCVI, n.º 70
71. Alv. 96 B, A3, op. 26	corte est. 1, camada 1 / Fase IIb	garrafa quadrangular	azul-água	soprado em molde	--------	Isings 50 a	----	est. CXCVI, n.º 71
72. Alv. 97 B3, A1, op. 168	corte est. 4, camada 0 / Fase IV-V	garrafa quadrangular	azul-água	soprado em molde	--------	Isings 50 a	grupo IV	est. CXCVI, n.º 72
73. Alv. 98 B3, A1, op. 2	corte est. 3, camada 6 / Fase III	garrafa quadrangular	azul-água	soprado em molde	--------	Isings 50 b	----	est. CXCVI, n.º 73
74. Alv. 98 B1, A1, op. 77a	corte est. 1, camada1 / Fase V	garrafa quadrangular	azul-água	soprado em molde	--------	Isings 50 b	----	est. CXCVII, n.º 74
75. Alv. 98 B1, A2, op. 154	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	garrafa cilíndrica	verde-azeitona	soprado	--------	Isings 126	grupo V	est. CXCVII, n.º 75
76. Alv. 97 B6, op. 3	corte est. 7, camada 2 / Fase V	garrafa cilíndrica	verde-gelo	soprado	--------	Isings 126	----	est. CXCVII, n.º 76
77. Alv. 97 B3, A1, op. 248	corte est. 5, camada 1 / Fase IV-V	urna / balsário	incolor	soprado	--------	Isings 62	grupo I	est. CXCVII, n.º 77
78. Alv. 93 A, op. 147	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	boião	verde-musgo	soprado	--------	Isings 68	----	est. CXCVII, n.º 78

79. Alv. 97 B1, A2, op. 64	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	boião	verde-gelo	soprado	--------	Isings 94	----	est. CXCVII, n.º 79
80. Alv. 98 B1, A1, op. 64	corte est. 1, camada 1 / Fase V	frasco	verde-maçã	soprado	--------	Isings 120 ?	----	est. CXCVII, n.º 80
81. Alv. 94 A, op. 168	corte est. 4, camada 0 / Fase IV-V	frasco	castanha	soprado	--------	Isings 120 ?	grupo V	est. CXCVII, n.º 81
82. Alv. 98 B1, A1, op. 161	corte est. 1, camada 0 / Fase V	frasco	castanha	soprado	--------	Isings 120 ?	----	est. CXCVII, n.º 82
83. Alv. 95 B, A4, op. 4	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	unguentário	verde-água	soprado	--------	Isings 27	----	est. CXCVII, n.º 83
84. Alv. 93 A, op. 158	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	conta de colar	azul-marinho	modelado	--------	----	grupo II	est. CXCVII, n.º 84
85. Alv. 93 A, op. 172	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	conta de colar	azul-marinho	modelado	--------	----	----	est. CXCVII, n.º 85
86. Alv. 96 B, op. 331	corte est. 1, camada 2 / Fase II b	conta de colar	azul-marinho	modelado	--------	----	----	est. CXCVII, n.º 86
87. Alv. 97 B5, op. 154a	corte est. 7, camada 0 / Fase V	conta de colar	azul-marinho	modelado	--------	----	grupo II	est. CXCVII, n.º 87
88. Alv. 97 B2, A2, op. 11	corte est. 2, camada 0 / Fase IV-V	conta de colar	azul-marinho	modelado	--------	----	grupo III	est. CXCVII, n.º 88
89. Alv. 98 B1, A1, op. 12	corte est. 3, camada 2 / Fase V	conta de colar	azul-marinho	modelado	--------	----	----	est. CXCVIII, n.º 89
90. Alv. 93 A, op. 71	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	conta quadrangular	negra	modelado	--------	----	----	est. CXCVIII, n.º 90
91. Alv. 98 B1, A1, op. 101	corte est. 23, camada 1 / Fase V	conta rectangular	negra	modelado	--------	----	----	est. CXCVIII, n.º 91
92. Alv. 93 A, op. 181	corte est. 11, camada 0 / Fase ?	pulseira	negra	modelado	--------	----	*	est. CXCVIII, n.º 92
93. Alv. 97 B3, A1, op. 200	corte est. 5, camada 1 / Fase IV-V	peça de jogo	verde-musgo	modelado	--------	----	----	est. CXCVIII, n.º 93
94. Alv. 95 B, op. 39	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	tessela	verde-água	?	--------	----	grupo III	est. CXCVIII, n.º 94
95. Alv. 97 B3, A1, op. 137	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	indiferenciada	verde-azeitona	----	--------	----	grupo IV	est. CXCVIII, n.º 95
96. Alv. 97 B3, A1, op. 161	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	indiferenciada	incolor	----	--------	----	grupo IV	est. CXCVIII, n.º 96
97. Alv. 92 A, Ig. 2884	corte est. 14, camada 4 / Fase V	indiferenciada	verde-musgo	----	--------	----	grupo II	n/ilustrado
98. Alv. 92 A, Ig. 1266	corte est. 14, camada 4 / Fase V	indiferenciada	verde-musgo	----	--------	----	grupo IV	est. CXCVIII, n.º 98
99. Alv. 94 A, Ig. 5865	corte est. 9, camada 0 / Fase IV-V	indiferenciada	verde-musgo	----	--------	----	grupo V	n/ilustrado

Vidros – Caracterização química por espectrometria de Raio X

N.º Catálogo	SiO_2	Al2O3	K2O	Fe2O3	MgO	CaO	TiO2	Na_2O	Ba	Sr	MnO	Sn	Pb	S	Cu	Co	Sb	Sn	Grupo
1. Alv. 97 B3, op. 52	--	--	--	2%	--	14%	--	7%	--	--	2%	--	--	--	--	--	--	--	IV
2. Alv. 97 B3, Ig. 6585	--	--	--	3%	--	14%	--	7%	--	--	2%	--	--	6%	--	--	--	--	IV?
3. Alv. 97 B3, op. 18	--	--	--	1%	--	13%	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	I
5. Alv. 92 A, Ig. 1305	74.5%	3.7%	1.4%	1.1%	0.42%	16.4%	0.30%	1.3%	0.07%	0.16%	0.64%	0.01%	0.01%	--	--	--	--	--	I
6. Alv. 97 B3, op. 311	--	--	--	1%	--	13%	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	I
8. Alv. 95 B, op. 100	72.7%	3.7%	2.2%	2.5%	0.54%	14.9%	0.17%	1.5%	0.09%	0.17%	1.5%	0.01%	0.01%	--	--	--	--	--	I
10. Alv. 97 B1,op.137	73.6%	2.8%	2.9%	0.90%	0.64%	12.4%	0.14%	3.6%	0.05%	0.13%	2.8%	0.01%	0.01%	--	--	--	--	--	I
18. Alv. 93 A, op. 203	--	--	--	3%	--	11%	--	--	--	--	3%	--	--	--	--	--	--	--	II
19. Alv. 93 A, op. 218	--	--	--	3%	--	11%	--	--	3%	--	3%	--	--	--	--	--	--	--	II
22. Alv. 93 A, op. 231a	--	--	--	3%	--	11%	--	--	--	--	3%	--	--	--	--	--	--	--	II
23. Alv 93 A, op. 231b	--	--	--	3%	--	11%	--	--	--	--	3%	--	--	--	--	--	--	--	II
27. Alv. 97 B3, op. 289	--	--	--	3%	--	11%	--	--	--	--	3%	--	--	--	--	--	--	--	II
35. Alv. 97 B, op. 163	--	--	--	3%	--	11%	--	--	--	--	3%	--	--	--	--	--	--	--	II
37. Alv. 97B1, op. 9	--	--	--	3%	--	11%	--	--	--	--	3%	--	--	--	--	--	--	--	II

38. Av. 97 B3, op. 240	--	--	--	1%	--	13%	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	I
42. Alv. 92 A, J 30(01)	73.1%	2.8%	1.7%	3.4%	1.2%	11.4%	0.83%	1.0%	0.06%	0.17%	4.3%	0.01%	0.02%	--	--	--	--	--	VI
53. Alv. 96 B, op. 45	64%	3.7%	1.1%	4.2%	1.3%	11.3%	0.93%	6.9%	0.35%	0.01%	6.2%	0.01%	0.01%	--	--	--	--	--	V
69. Alv. 92 A, op. 69	--	--	--	3%	--	11%	--	--	--	--	3%	--	--	--	--	--	--	--	II
70. Alv. 93 A, op. 197	78.9%	2.2%	1.3%	0.90%	0.51%	11.4%	0.15%	0.56%	0.11%	0.17%	3.7%	0.01%	0.01%	--	--	--	--	--	I
72. Alv. 97 B3, op. 168	--	--	--	2%	--	14%	--	7%	--	--	2%	--	--	--	--	--	--	--	IV
75. Alv. 97 B1, op.154	71.6%	3.1%	1.1%	4.3%	1.1%	10.8%	1.3%	0.81%	0.23%	0.15%	5.3%	0.01%	0.01%	--	--	--	--	--	V
77. Alv. 97 B3, op. 248	--	--	--	1%	--	13%	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	I
81. Alv. 94 A, op. 168	66.6%	3.1%	1.9%	4.6%	1.2%	10.4%	1.0%	5.3%	0.46%	0.15%	5.0%	0.01%	0.01%	--	--	--	--	--	V
84. Alv. 93 A, op. 158	--	--	--	3%	--	11%	--	--	--	--	3%	--	--	--	1%	1%	2%	--	II
87. Alv. 97 B, op. 154	--	--	--	3%	--	11%	--	--	--	--	3%	--	0.01%	--	2%	--	0.01%	--	II
88. Alv. 97 B2, op. 11	--	--	--	2%	--	13%	--	7%	--	--	1%	1%	5%	--	2%	--	--	5%	III
92. Alv. 93 A, op. 181	41.2%	3.4%	0.97%	32.5%	0.45%	8.6%	0.13%	6.0%	0.41%	0.46%	4.2%	0.96%	0.43%	--	--	--	--	--	
94. Alv. 95 B, op. 39	--	--	--	2%	--	13%	--	7%	--	--	1%	1%	5%		2%	--	--	5%	III
95. Alv. 97 B3, op. 137	--	--	--	2%	--	14%	--	7%	--	--	2%	--	--	--	--	--	--	--	IV
96. Alv. 97 B3, op. 161	--	--	--	1%	--	8%	--	--	--	--	1%	--	1%	--	--	--	--	--	IV
97. Alv. 92 A, lg. 2884	--	--	--	4%	--	11%	--	--	--	--	3%	--	--	--	--	--	--	--	II
98. Alv. 92 A, lg. 1266	--	--	--	2%	--	14%	--	7%	--	--	2%	--	--	10%	--	--	--	--	IV
99. Alv. 94 A, M 12	65.3%	3.3%	2.05%	4.5%	1.2%	10.5%	1.0%	6.7%	0.40%	0.15%	4.7%	0.01%	0.01%	--	--	--	--	--	V

Catálogo

A. Vestígios da actividade vidreira (1-2)

1. Alv. 97 B3, A1, op. 52 - Nódulo disforme de vidro de cor verde-azeitona com muitas impurezas integradas na pasta ainda a quente (n/ilustrado).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raio X - Vidro de silicato de cálcio - CaO 14%, sódio Na2O 7%, maganês 2%, ferro 2%, praticamente isento de chumbo, estanho, antimónio e cobre.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. XII, corte estratigráfico 5, camada 2.
Bibli. - MOREIRA 2007, 144, MMAP 270.

2. Alv. 97 B3, Ig. 6585 - Fragmento de vidro disforme com abundantes impurezas e bolhas de ar. Forma arredondada. Evidência ser um resto da actividade artesanal de produção de vidro (n/ilustrado).
Análise química efectuada por espectrometria de fluorescência de Raios X - Vidro de silicato de cálcio na ordem CaO 14% e de sódio. Na2O na ordem de 7%, com maganês 2%, ferro 3%, praticamente isento de chumbo, estanho, antimónio e cobre. Elevado teor de enxofre 6%.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. XII, corte estratigráfico 5, camada 2.

B. Vidros de Janela (3-4)

3. Alv. 97 B3, A1, op. 18 - Fragmento de vidro de janela incolor, translúcido. Revela numa das faces um alisamento uniforme, característico do contacto com a marma sobre o qual era colocado para assumir a forma plana, ao invés da superfície oposta que é menos lisa e ligeiramente opaca (vol. II, est. CXCI, n.º 3).
Análise química efectuada por espectrometria de fluorescência de Raios X - Vidro de silicato de cálcio CaO 13%, com pouco ferro 1%, isento de chumbo e estanho
Dim. - Comprimento máximo 60 mm; Largura máxima 19 mm; Espessura máxima 3 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal* - ext., corte estratigráfico 4, camada 1.

4. Alv. 98 B1, A1, op. 160 - Fragmento de vidro de janela translúcido, incolor, levemente manchado de castanho. Revela numa das faces um alisamento uniforme, característico do contacto com a marma sobre o qual era colocado para assumir a forma plana, ao invés da superfície oposta que é menos lisa e ligeiramente opaca (vol. II, est. CXCI, n.º 4).
Dim. - Comprimento máximo 30 mm; Largura máxima 16 mm; Espessura máxima 4 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Pátio I, corte estratigráfico 1, camada 1.

C. Vasos para uso de mesa
C1 - Tigelas e pratos para a comida seca.

Isings 3 a/b/c (5-7)

5. Alv. 92 A, Ig. 1305 - Fragmento de parede de taça canelada tipo Isings 3 *a* ou *b* «*phiales côtelées*». Canelura estreita e alongada, rematada na face superior por um plano horizontal demarcada do arranque do bordo por estria larga formada por abrasão a esmeril. Vidro de alta qualidade sem bolhas de ar e impurezas de cor azul-marinho. Interior baço e irregular (vol. II, est. CXCI, n.º 5).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - SiO2- 74,5%; Al2O3 -3,7%; K2O - 1,4%; Fe2O3 - 1,1%; MgO - 0,42%; CaO - 16,4%; TiO2 - 0,30%; Na2O - 1,3%; Ba - 0,07%; Sr - 1,16%; MnO - 0,64%; Sb - « 0,01; Pb - 0,01%.
Dim. - Diâmetro máximo ?; Comprimento máximo 24 mm; Largura máxima 19 mm; Espessura máxima 7 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Estrutura 7*, corte estratigráfico 14, camada 2.

6. Alv. 97 B3, A1, op. 311 - Fragmento de bordo de taça canelada tipo Isings 3 em vidro de cor azul-marinho, translúcido, de alta qualidade. Lábio amendoado com espessamento progressivo para a parede. Vestígios nítidos de ter sido polido a esmeril (vol. II, est. CXCI, n.º 6).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - Vidro de silicato de cálcio CaO 13%, com pouco ferro 1%, isento de chumbo e estanho.
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 122 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Fase III, Ap. I, corte estratigráfico 6, camada 4.

7. Alv. 98 B1, A1, op. 197 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça tipo Isings 3 em vidro cor azul-marinho de alta qualidade, sem impurezas e bolhas de ar. Bordo amendoado e muito polido. Possui um leve ressalto a cerca de um centímetro do bordo causado por um rebaixamento feito por abrasão que demarca a área da parede onde se desenvolveriam as caneluras verticais (vol. II, est. CXCI, n.º 7).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 87 mm; Comprimento máximo 17 mm; Espessura máxima 3 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 1, camada 1.

Isings 12 (8)

8. Alv. 95 B, A4, op. 100 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça tipo Isings 12 em vidro translúcido de cor azul-cobalto de boa qualidade. Bordo amendoado, marcado no interior por estria larga e profunda paralela ao bordo. No exterior o bordo é ligeiramente adelgaçado através de polimento por esmeril. Peça soprada em molde (vol. II, est. CXCI, n.º 8).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - SiO2- 72,7%; Al2O3 -3,7%; K2O - 2,2%; Fe2O3 - 2,5%; MgO - 0,54%; CaO - 14,9%; TiO2 - 0,17%; Na2O - 1,5%; Ba - 0,09%; Sr - 0,17%; MnO - 1,5%; Sb - 0,01; Pb - « 0,01%.
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo ?; Comprimento máximo 26 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VI, corte estratigráfico1, camada 1.

Isings 115 (9)

9. Alv. 97 B3, A1, op. 41 - Fragmento de bordo de taça tipo Isings 115. Vidro translúcido de qualidade média com bolhas de ar de diminutas dimensões. Bordo dobrado e perfurado (vol. II, est. CXCI, n.º 9).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 132 mm; Comprimento máximo 13 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Decumanus*, Fase ?, corte estratigráfico 4, camada 1.

Isings 87 (10)

10. Alv. 97 B1, A2, op. 137b - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça de vidro de cor verde-gelo, translúcido, tipo Isings 87. O bordo forma uma aba horizontal rematada com lábio engrossado. Parede vertical ligeiramente reentrante (vol. II, est. CXCI, n.º 10).
Análise química efectuada por espectrometria de fluorescência de Raio X: SiO2 (%) 73.6; A12O3 (%) 2.8; K2O (%) 2.9; Fe2O3 (%) 0.90; MgO (%) 0.64; CaO (%) 12.4; TiO2 (%) 0.14; Na2O (%) 3.6; Ba (%) 0.13; Sr (%) 0.13; MnO (%) 2.8; Sb (%) < 0,01; Pb (%) 0,01.
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 128 mm; Comprimento máximo 12 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

C2 - Copos e taças para beber

Isings 116 (11)

11. Alv. 92 A, Ig. 1459 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça tipo Isings 116. Vidro translúcido, incolor, de má qualidade com bolhas de ar e impurezas negras. Bordo engrossado, ligeiramente marcado no interior e diluído no exterior. Parede reentrante formando um perfil tronco-cónico (vol. II, est. CXCI, n.º 11).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 112 mm; Comprimento máximo 13 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 14, camada 0.

Isings 96/106 (12-29)

12. Alv. 92 A, Ig. 6662 - Fragmento de bordo e parede de copo/taça, de cor verde-musgo, tipo Isings 96/106. O bordo é ligeiramente engrossado, mas a inclinação da parede e a sua diminuta dimensão não permitem classificá-lo com segurança, quanto à forma. Vidro translúcido de qualidade média. Não possui qualquer tipo de decoração (vol. II, est. CXCI, n.º 12).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 108 mm; Comprimento máximo 13 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 14, camada 4.
Bibli. - MOREIRA 1995, 52-53, est. XXXII, n.º 3.

13. Alv. 92 A, Ig. 6669 - Fragmento de bordo e arranque de parede de copo/taça soprado, de cor verde-musgo, tipo Isings 96/106. Vidro translúcido de qualidade média/alta. Possui um ligeiro estrangulamento junto ao bordo que provoca uma ligeira saliência que destaca o engrossamento do bordo. Não possui qualquer tipo de decoração (vol. II, est. CXCI, n.º 13).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 105 mm; Comprimento máximo 25 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 14, camada 4.
Bibli. - MOREIRA 1995, 52-53, est. XXXII, n.º 4; 2007, 144, MMAP 268.

14. Alv. 93 A, op. 69a - Fragmento de bordo e arranque de parede de copo/taça, tronco-cónico, tipo Isings 96/106, de cor verde-musgo. Vidro translúcido de boa qualidade. O bordo é engrossado sem formar qualquer tipo de ressalto, enquadrando-se perfeitamente na categoria que Carlos Alberto Ferreira de Almeida convencionou chamar de *cabeça de fósforo*[960]. Não possui qualquer tipo de decoração (vol. II, est. CXCI, n.º 14).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 84 mm; Comprimento máximo 34 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.

[960] Bordo executado a quente em que a aresta é reaquecida até ficar moldável e dar origem a um lábio arredondado, simétrico geralmente em forma de "cabeça de fósforo" (CRUZ 2001, 46).

Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXII, n.º 8; 2007, 143, MMAP 265.

15. Alv. 93 A, op. 69b - Fragmento de bordo e arranque de copo/taça, tipo Isings 96/106. Vidro translúcido de boa qualidade, de cor verde-musgo. Parede ligeiramente arqueada e bordo engrossado levemente introvertido. A decoração é composta por dois toros excisos paralelos ao bordo (vol. II, est. CXCII, n.º 15).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 120 mm; Comprimento máximo 21 mm; Espessura máximo do bordo 3 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXII, n.º 9.

16. Alv. 93 A, op. 69c - Fragmento de bordo e parede de copo/taça, tipo Isings 96/106. Vidro translúcido de qualidade média, de cor verde-musgo. O bordo é ligeiramente aplanado na superfície o que sugere o seu nivelamento durante o fabrico sobre uma superfície rígida, depois de reaquecido, no momento do deslocamento do pontel, resultando uma certa irregularidade na espessura da parede do copo (vol. II, est. CXCII, n.º 16).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 105 mm; Comprimento máximo 40 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXII, n.º 10.

17. Alv. 93 A, op. 87 - Fragmento de bordo e parede de copo/taça de perfil tronco-cónico, tipo Isings 96/106. Vidro translúcido de qualidade média, de cor verde-musgo. Bordo engrossado e parede praticamente vertical. Não possui qualquer tipo de decoração (vol. II, est. CXCII, n.º 17).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 75 mm; Comprimento máximo 15 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXIII, n.º 12.

18. Alv. 93 A, op. 203 - Fragmento de bordo e arranque de copo/taça de formato tronco-cónico, tipo Isings 96/106. Vidro translúcido de qualidade razoável, de cor verde-musgo. Bordo engrossado ligeiramente inclinado para o interior, onde possui o seu maior engrossamento, sendo definido por uma ligeira reentrância. A parede apresenta um ligeiro estrangulamento que diferencia a área terminal da parede da peça. Bordo engrossado, assimétrico, de perfil arredondado. Não possui decoração (vol. II, est. CXCII, n.º 18).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - Amostra de vidro de silicato de cálcio, CaO 11%, maganês 4%, isento de chumbo e estanho
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 82 mm; Comprimento máximo 35 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXIV, n.º 18.

19. Alv. 93 A, op. 218a - Fragmento de bordo e arranque de copo / taça de formato tronco-cónico, tipo Isings 96/106. Vidro translúcido de qualidade média, de cor verde-musgo. Bordo engrossado, ligeiramente reentrante. A decoração é composta por dois toros excisos, paralelos ao bordo implantados no terço superior da parede (vol. II, est. CXCII, n.º 19).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - Amostra de vidro de silicato de cálcio, CaO 11%, Maganês 4%, Ferro 3%, Bário 3%, isento de Chumbo e Estanho.
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 93 mm; Comprimento máximo 28 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXIV, n.º 19; 2007, 143, MMAP 266.

20. Alv. 93 A, op. 218c - Fragmento de bordo e arranque de copo/taça de perfil tronco-cónico, tipo Isings 96/106. Vidro translúcido de boa qualidade, de cor verde-musgo. Bordo engrossado. A peça possui um perfil ligeiro em S, definido pelo bordo reentrante que apresenta um lábio com engrossamento e perfil assimétrico. A decoração é composta por um toro horizontal paralelo ao bordo (vol. II, est. CXCII, n.º 20).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 105 mm; Comprimento máximo 26 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXIV, n.º 21.

21. Alv. 93 A, op. 75 - Fragmento de bordo e arranque de parede de copo/taça de perfil tronco-cónico, tipo Isings 96/106. Vidro translúcido de boa qualidade, de cor verde-musgo. Bordo reentrante rematado por lábio engrossado de perfil arredondado, ligeiramente reentrante e assimétrico. A decoração é composta por três toros horizontais, paralelos ao bordo (vol. II, est. CXCII, n.º 21).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível 105 mm; Comprimento máximo 23 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Pátio exterior e forno, corte estratigráfico 11, camada 0.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXIV, n.º 22.

22. Alv. 93 A, op. 231a - Fragmento de bordo e arranque de copo/taça de perfil tronco-cónico, tipo Isings 96/106. Vidro translúcido de qualidade superior, cor verde-musgo. Bordo engrossado com lábio vertical. Não possui decoração (vol. II, est. CXCII, n.º 22).

Análise química por espectrometria de fluorescência de Raio X - Amostra de vidro de silicato de cálcio, CaO 11%, maganês 4%, ferro 3%, isento de chumbo e estanho.
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 105 mm; Comprimento máximo 21 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Pátio exterior e forno, corte estratigráfico 11, camada 0.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXV, n.º 25.

23. Alv. 93 A, op. 231b - Fragmento de bordo e parede de copo/taça de perfil tronco-cónico, tipo Isings 96/106. Vidro translúcido de qualidade média, cor verde-musgo. Bordo engrossado com um ligeiro estrangulamento da peça a cerca de dois centímetros do bordo, onde a parede se torna mais reentrante. Lábio de perfil arredondado e recorte assimétrico. Não possui decoração (vol. II, est. CXCII, n.º 23).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - Amostra de vidro de silicato de cálcio, CaO 11%, maganês 4%, ferro 3%, isento de chumbo e estanho
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 88 mm; Comprimento máximo 25 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Pátio exterior e forno, corte estratigráfico 11, camada 0.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52, est. XXXV, n.º 27.

24. Alv. 93 A, op. 231c - Fragmento de bordo e arranque de parede de copo/taça de perfil tronco-cónico, tipo Isings 96/106. Vidro translúcido de fraca qualidade, de cor verde-musgo. Bordo engrossado com parede praticamente vertical e reentrante com um pequeno ressalto para o exterior, junto ao bordo. O lábio é engrossado e simétrico. Não possui decoração (vol. II, est. CXCII, n.º 24).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 120 mm; Comprimento máximo 32 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Pátio exterior e forno, corte estratigráfico 11, camada 0.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXV, n.º 28.

25. Alv. 94 A, op. 75 - Fragmento de bordo e arranque de copo/taça, tipo Isings 96/106. Vidro translúcido de qualidade média, de cor verde-musgo. Parede arqueada com bordo engrossado e levemente extrovertido. A decoração é composta por três toros horizontais paralelos ao bordo, apenas visíveis na face exterior. O lábio é engrossado, simétrico e ligeiramente reentrante (vol. II, est. CXCII, n.º 25).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 105 mm; Comprimento máximo 31 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. I, corte estratigráfico 9, camada 0.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXIV, n.º 30.

26. Alv. 95 B, A4, op. 141 - Fragmento de bordo e arranque de parede de copo/taça tipo Isings 96/106 em vidro de cor castanho-amarelado com alguns vacúolos alongados e impurezas negras. Bordo espessado e parede reentrante. Lábio engrossado de perfil arredondado, ligeiramente reentrante. A decoração é formada por duas linhas paralelas ao bordo em relevo (vol. II, est. CXCII, n.º 26).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 120 mm; Comprimento máximo 25 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. V, corte estratigráfico1, camada 1.

27. Alv. 97 B3, A1, op. 289 - Fragmento de bordo de copo de vidro verde-azeitona tipo Isings 96/106. Bordo ligeiramente espessado, quase vertical. Decoração formada por três linhas em relevo paralelas ao bordo. Parede reentrante (vest. CXCIII, n.º 27).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - Vidro de silicato de cálcio CaO 11%, maganês 4%, ferro 4%, isento de chumbo e estanho.
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 125 mm; Comprimento máximo 36 mm; Espessura máxima do bordo 2 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Decumanus*, Fase IV-V, corte estratigráfico 5, camada 1.

28. Alv. 98 B1, A1, op. 55 - Fragmento de bordo e arranque de parede de copo/taça tipo Isings 96/106, em vidro translúcido de cor verde-azeitona, com vacúolos alongados e impurezas negras. Corpo tronco-cónico e bordo engrossado. Regista um ligeiro estrangulamento a cerca de um centímetro do bordo onde a parede se torna mais reentrante (vol. II, est. CXCIII, n.º 28).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 81 mm; Comprimento máximo 25 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal, Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 1.

29. Alv. 98 B1, A1, op. 143 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme em vidro translúcido de cor verde-azeitona com minúsculas bolhas de ar e livre de impurezas. O bordo é ligeiramente engrossado. A parede é vertical e reentrante. A decoração da parede, a cerca de meio centímetro do bordo, é composta por cinco linhas paralelas em relevo que vão diminuindo de espaço entre si à medida que se aproximam do bordo (vol. II, est. CXCIII, n.º 29).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 134 mm; Comprimento máximo 26 mm; Espessura máxima do bordo 4mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal, Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal* - Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

Isings 106 (30-39)

30. Alv. 92 A, Ig. 1458 - Fragmento de bordo e arranque de parede de copo tronco-cónico, tipo Isings 106. Bordo de arestas levemente projectado para o exterior e parede vertical. Vidro incolor, translúcido, de qualidade média, com algumas bolhas de ar de diminutas dimensões e algumas impurezas negras. Não possui qualquer tipo de decoração (vol. II, est. CXCIII, n.º 30).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 122 mm; Comprimento máximo 29 mm; Espessura máxima do bordo 2 mm.

Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 14, camada 4.
Bibli. - MOREIRA 1995, 52-53, est. XXXII, n.º 2.

31. Alv. 93 A, Ig. 3001 - Fragmento de bordo e arranque de parede de copo tronco-cónico, de cor verde musgo, tipo Isings 106. Bordo de arestas. Possui bem demarcado a cerca de 2 cm do bordo o ressalto interior de engrossamento do bordo. É decorado no exterior por dois conjuntos de linhas paralelas ao bordo gravadas por incisão ao esmeril, organizadas em duas bandas. O vidro é translúcido de boa qualidade (vol. II, est. CXCIII, n.º 31).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 105 mm; Comprimento máximo 16 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. IV, corte estratigráfico 7, camada 2.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXII, n.º 5.

32. Alv. 93 A, op. 16 - Fragmento de bordo e arranque de copo/taça tronco-cónico soprado, de cor verde-musgo, tipo Isings 96 / 106. O bordo, ligeiramente projectado, para o exterior é engrossado progressivamente sem ressalto e a parede vertical ligeiramente introvertida. O vidro translúcido é de qualidade superior. Não possui qualquer tipo de decoração (vol. II, est. CXCIII, n.º 32).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 115 mm; Comprimento máximo 33 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXII, n.º 6.

33. Alv. 93 A, op. 45 - Fragmento de bordo e parede de copo tronco-cónico, soprado, incolor, tipo Isings 106. Vidro translúcido de qualidade média. A peça é decorada com duas bandas de linhas incisas, paralelas ao bordo e por um toro, também horizontal. As linhas incisas formam dois grupos. O primeiro, junto ao bordo, é composto por três linhas. O segundo, na parede, é formado por três bandas de várias linhas equidistantes (vol. II, est. CXCIII, n.º 33).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 117 mm; Comprimento máximo 44 mm; Espessura máxima do bordo 2 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 2.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXII, n.º 7.

34. Alv. 93 A, op. 218b - Fragmento de bordo e parede de copo tronco-cónico, tipoo Isings 96/106. Vidro translúcido de boa qualidade, de cor verde-musgo. Bordo em aresta, com lábio ligeiramente introvertido e engrossado. Não possui decoração (vol. II, est. CXCIII, n.º 34).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 160 mm; Comprimento máximo 22 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52, est. XXXIV, n.º 20.

35. Alv. 97 B1, A2, op. 163 - Fragmento de bordo e arranque de taça de vidro de cor verde-azeitona, tipo Isings 96/106. Bordo engrossado ao fogo com espessamento para o exterior. Parede levemente curva (vol. II, est. CXCIII, n.º 35).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - Vidro de silicato de cálcio CaO 11%, maganês 4%, ferro 4%, isento de chumbo e estanho.
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 141 mm; Comprimento máximo 28 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

36. Alv. 97 B1, A2, op. 136 - Fragmento de bordo e arranque de parede de copo de vidro de cor verde-azeitona, tipo Isings 96/106. Bordo de perfil simétrico, arredondado, engrossado ao fogo. Decoração composta por uma canelura excisa paralela ao bordo (vol. II, est. CXCIV, n.º 36).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 104 mm; Comprimento máximo 22 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

37. Alv. 97 B1, A2 op. 09 - Fragmento de bordo e arranque parede de copo de vidro verde-azeitona, translúcido, tipo Isings 106. Parede quase vertical de espessura regular com ligeiro ressalto curvo para formar o bordo. Lábio ligeiramente envasado de aresta viva. A decoração localizada na parede, junto ao arranque do bordo, é formada por linhas incisas muito finas, paralelas entre si organizadas em bandas. Parede vertical (vol. II, est. CXCIV, n.º 37).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - Vidro de silicato de cálcio CaO 11%, maganês 4%, ferro 4%, isento de chumbo e estanho.
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 88 mm; Comprimento máximo 27 mm; Espessura máxima do bordo 2 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

38. Alv. 97 B3, A1, op. 240 - Fragmento de bordo de taça tipo Isings 106. Vidro translúcido, incolor, de qualidade média, com pequenas bolhas de ar e isento de impurezas. Bordo esvasado rematado por lábio horizontal, em aresta, polido a esmeril. Decoração no exterior ao nível do bordo composta por duas linhas paralelas feitas a esmeril. Bordo projectado para o exterior com ressalto. Parede reentrante (vol. II, est. CXCIV, n.º 38).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - Vidro de silicato de cálcio CaO 13%, com pouco ferro 1%, isento de chumbo e estanho.
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 97 mm; Comprimento máximo 12 mm; Espessura máxima do bordo 1 mm.

Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 5, camada 1.

39. Alv. 98 B1, A1, op. 70 - Fragmento de bordo e parede de taça tipo Isings 106. Vidro translúcido, incolor, de qualidade média/alta com pequenas bolhas de ar e isento de impurezas. Bordo projectado para o exterior com lábio facetado, horizontal, em aresta, polido a esmeril. Parede vertical decorada no exterior por um conjunto de linhas paralelas, muito finas feitas a esmeril (vol. II, est. CXCIV, n.º 39).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 66 mm; Comprimento máximo 22 mm; Espessura máxima do bordo 1mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal, Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 1, camada 1.

Taças campaniformes (40-66)

40. Alv. 92 A, Ig. 230 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido de boa qualidade de cor verde-musgo. O bordo é engrossado ao fogo com espessamento progressivo não provocando qualquer estrangulamento na parede da taça. Não apresenta qualquer tipo de decoração (vol. II, est. CXCIV, n.º 40).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 120 mm; Comprimento máximo 15 mm; Espessura máxima do bordo 2 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. pátio, corte estratigráfico 12, camada 0.
Bibli. - MOREIRA 1995, 52, est. XXXII, n.º 1.

41. Alv. 92 A, Ig. 1297 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido de cor verde-azeitona, muito ténue, de boa qualidade sem bolhas de ar e sem impurezas. Bordo engrossado, ligeiramente marcado no interior. Parede reentrante formando um perfil tronco-cónico (vol. II, est. CXCIV, n.º 41).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 111 mm; Comprimento máximo 14 mmm; Espessura máxima do bordo 2 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 13, camada 1.

42. Alv. 92 A, Ig. 178 - Fragmento de bordo e arranque de parede de copo tipo Isings 106. Vidro translúcido, incolor, levemente manchado de castanho. Vidro de má qualidade com muitas impurezas e bolhas de ar. Bordo horizontal com lábio facetado de arestas angulosas, pouco polido. Parede vertical, reentrante, denunciando um perfil tronco-cónico. Espessamento progressivo para o bordo (vol. II, est. CXCIV, n.º 36).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - SiO_2- 73,1%; Al_2O_3 -2,8%; K_2O - 1,7%; Fe_2O_3 - 3,4%; MgO - 1,2%; CaO - 11,4%; TiO_2 - 0,83%; Na_2O - 1,0%; Ba - 0,06%; Sr - 0,17%; MnO - 4,3%; Sb - « 0,01; Pb - 0,02%.
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 126 mm; Comprimento máximo 47 mm; Espessura máxima do bordo 1 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. III, corte estratigráfico 13, camada 1.

43. Alv. 92 A, Ig. 292 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido de cor verde-azeitona de qualidade média com bolhas de ar e impurezas. Bordo engrossado, de perfil assimétrico, ligeiramente marcado no exterior. Parede reentrante desenhando um perfil tronco-cónico (vol. II, est. CXCIV, n.º 43).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 100 mm; Comprimento máximo 25 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. III, corte estratigráfico13, camada 1.

44. Alv. 93 A, op. 55 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido de cor verde-azeitona de má qualidade com muitas bolhas de ar alongadas e impurezas negras. Bordo engrossado simétrico, ligeiramente marcado no interior e exterior. Parede reentrante formando um perfil tronco-cónico (vol. II, est. CXCIV, n.º 44).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 110 mm; Comprimento máximo 17 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

45. Alv. 93 A, op. 218d -Fragmento de bordo e parede de taça campaniforme. Vidro de cor verde-musgo, translúcido de qualidade média. Bordo vertical com lábio engrossado espesso, assimétrico, levemente projectado para o interior. Decoração composta por duas caneluras paralelas ao bordo (vol. II, est. CXCIV, n.º 45).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 108 mm; Comprimento máximo18 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52, est. XXXIV, n.º 2.

46. Alv. 93 A, op. 218e - Fragmento de bordo e arranque de bojo de taça campaniforme em vidro de cor verde-musgo, tipo taça. Vidro translúcido de qualidade média. Parede levemente arqueada e bordo engrossado de perfil assimétrico. A espessura do lábio é feita progressivamente sendo rematado com um lábio de perfil arredondado levemente projectado para o interior. Não possui decoração (vol. II, est. CXCIV, n.º 46).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 105 mm; Comprimento máximo 16 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52, est. XXXIV, n.º 24.

47. Alv. 93 A, op. 218f - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme em vidro de cor verde-musgo, tipo taça campaniforme. Vidro translúcido de qualidade média. Parede arqueada e bordo engrossado. O lábio é formado progressivamente, não revelando qualquer tipo

de ressalto, revelando um perfil simétrico. A decoração é composta por três caneluras de perfil arredondado, paralelas ao bordo, apenas visíveis no exterior (vol. II, est. CXCIV, n.º 47).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 128 mm; Comprimento máximo 24 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52, est. XXXV, n.º 26.

48. Alv. 93 A, op. 231d - Fragmento de bordo e arranque de parede de copo/taça campaniforme. Vidro translúcido de boa qualidade, de cor verde-musgo. Bordo ligeiramente engrossado rematado com lábio engrossado de perfil arredondado ligeiramente assimétrico (vol. II, est. CXCV, n.º 48).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 128 mm; Comprimento máximo 14 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 2.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52-53, est. XXXV, n.º 29.

49. Alv. 94 A, op. 175 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido, de cor verde-azeitona, de má qualidade, com abundantes bolhas de ar e impurezas. Bordo engrossado, ligeiramente marcado no exterior rematado por lábio de perfil arredondado. Parede reentrante formando um perfil tronco-cónico. Decoração formada por linhas incisas elaboradas por esmeril a marcar o arranque do bordo (vol. II, est. CXCV, n.º 49).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 105 mm; Comprimento máximo 27 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 3.

50. Alv. 94 A, lg. 6387 - Fragmento de bordo de taça campaniforme de parede arqueada, soprada em vidro de cor verde-musgo. Vidro translúcido de qualidade média. Bordo engrossado e parede arqueada. O fragmento apesar das suas diminutas dimensões fornece-nos uma pequena variante a este tipo de taças, uma vez que o bordo é ligeiramente projectado para o exterior, e espessado de recorte arredondado (vol. II, est. CXCV, n.º 50).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 160 mm; Comprimento máximo 12 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. III, corte estratigráfico 4, camada 1 b.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52, est. XXXV, n.º 32.

51. Alv. 94 A, op. 230 - Fragmento de bordo e arranque da parede de taça campaniforme, soprada em vidro de cor verde-musgo. Vidro translúcido de qualidade média. Parede arqueada e bordo engrossado rematado por lábio de perfil arredondado ligeiramente assimétrico. A decoração é composta por três toros horizontais paralelos ao bordo (vol. II, est. CXCV, n.º 51).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 110 mm; Comprimento máximo 19 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. I, corte estratigráfico 9, camada 0.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 52, est. XXXV, n.º 33.

52. Alv. 95 B, A4, op. 211 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido de cor verde-azeitona de boa qualidade. Bordo engrossado ligeiramente marcado no interior com lábio arredondado, assimétrico. Parede recta, reentrante, formando um perfil tronco-cónico (vol. II, est. CXCV, n.º 52).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 108 mm; Comprimento máximo 19 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. VII, corte estratigráfico 1, camada 1.

53. Alv. 96 B, A4, op. 45 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido de cor castanha de boa qualidade sem bolhas de ar e impurezas. Bordo engrossado, ligeiramente marcado no interior, com lábio reentrante (vol. II, est. CXCV, n.º 53).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raio X - SiO_2- 64,0%; Al_2O_3 -3,7%; K_2O - 1,1%; Fe_2O_3 - 4,2%; MgO - 1,3%; CaO - 11,3%; TiO_2 - 0,93%; Na_2O - 6,9%; Ba - 0,35%; Sr - « 0,01%; MnO - 6,2%; Sb - « 0,01; Pb - 0,01%.
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 90 mm; Comprimento máximo 15 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

54. Alv. 96 B, A3, op. 128 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido de cor verde-azeitona de má qualidade com bolhas de ar alongadas e impurezas negras. Bordo engrossado marcado no interior com lábio arredondado, simétrico, ligeiramente reentrante. Perfil tronco-cónica. Decoração composta por um conjunto de linhas em relevo paralelas ao bordo (vol. II, est. CXCV, n.º 54).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 134 mm; Comprimento máximo 27 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça,* corte estratigráfico 1, camada 1.

55. Alv. 98 B1, A1, op. 376 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido de cor verde-azeitona de boa qualidade, sem bolhas de ar e sem impurezas. Bordo engrossado, ligeiramente marcado no interior rematado com lábio reentrante. Parede de perfil tronco-cónica (vol. II, est. CXCV, n.º 55).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 110 mm; Comprimento máximo 17 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. Canalização (Ap. VI), corte estratigráfico 2, camada 2.

56. Alv. 97 B1, A2 op. 61 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido de cor verde-azeitona de boa qualidade sem bolhas de ar e impurezas. Bordo engrossado com lábio espesso, assimétrico, ligeiramente projectado para o exterior. Parede reentrante formando um perfil tronco-cónico. Decoração formada por linha em relevo, de perfil arredondado, paralela ao bordo (vol. II, est. CXCV, n.º 56).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 98 mm; Comprimento máximo 16 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Cardus Este*, corte estratigráfico 2, camada 0.

57. Alv. 98 B1, A1, op. 25 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido de cor verde--azeitona de boa qualidade sem bolhas de ar e sem impurezas. Bordo engrossado, ligeiramente marcado no interior e diluído no exterior. Lábio arredondado, assimétrico, ligeiramente reentrante. Parede reentrante formando um perfil tronco-cónico (vol. II, est. CXCV, n.º 57).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 90 mm; Comprimento máximo 23 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal, Área Habitacional Norte, Fase V, C*omplexo Artesanal*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 1.

58. Alv. 98 B1, A1, op. 43 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido de cor verde-azeitona de boa qualidade, sem bolhas de ar e impurezas. Bordo engrossado, simétrico, marcado no interior, ligeiramente reentrante. Parede também reentrante formando um perfil tronco-cónico (vol. II, est. CXCV, n.º 58).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 129 mm; Comprimento máximo 12 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 1.

59. Alv. 98 B1, A1, op. 32 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido de cor verde-azeitona de qualidade média com abundantes bolhas de ar e impurezas. Bordo engrossado, ligeiramente marcado no interior. Lábio simétrico de perfil arredondado. Parede recta, desenvolvendo um perfil tronco-cónico (vol. II, est. CXCV, n.º 59).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 102 mm; Comprimento máximo 21 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. VIII, corte estratigráfico 3, camada 1.

60. Alv. 98 B1, A1, op. 90 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido de cor verde-azeitona de boa qualidade sem bolhas de ar e sem impurezas. Bordo engrossado, ligeiramente marcado no exterior. Lábio espesso, simétrico. Parede recta, reentrante, formando um perfil tronco-cónico (vol. II, est. CXCV, n.º 60).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 124 mm; Comprimento máximo 26 mm; Espessura máxima do bordo 5 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

61. Alv. 98 B1, A1, op. 137 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido, muito baço, de cor verde-azeitona pálido de qualidade média com bolhas de ar e impurezas. Bordo engrossado, ligeiramente marcado no interior e diluído no exterior. Lábio de recorte arredondado, assimétrico, ligeiramente reentrante. Parede recta, reentrante, a formar um perfil tronco-cónico. Decoração na parede formada por três linhas em relevo paralelas ao bordo (vol. II, est. CXCVI, n.º 61).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 177 mm; Comprimento máximo 25 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal* - Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

62. Alv. 98 B1, A1, op. 151 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido, de cor verde-azeitona, de qualidade média com pequenas bolhas de ar alongadas e impurezas negras. Bordo engrossado, ligeiramente marcado no interior. Lábio espesso, assimétrico, de perfil arredondado, levemente reentrante. Parede levemente curva e reentrante formando um perfil tronco-cónico. Decoração composta por três linhas em relevo paralelas ao bordo (vol. II, est. CXCVI, n.º 62).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 110 mm; Comprimento máximo 22 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal* - Ap. IX, corte estratigráfico 1, camada 1.

63. Alv. 98 B1, A1, op. 152 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido, de cor verde-azeitona, de boa qualidade sem bolhas de ar e impurezas. Bordo engrossado, ligeiramente marcado no interior. Lábio espesso de perfil arredondado, simétrico. Parede recta, reentrante, a formar um perfil tronco-cónico. Decoração composta por linha em relevo paralela ao bordo (vol. II, est. CXCVI, n.º 63).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 114 mm; Comprimento máximo 19 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal* - Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

64. Alv. 98 B1, op. 172 - Fragmentos de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido, de cor verde-acastanhado, de boa qualidade sem bolhas de ar e sem impurezas. Bordo engrossado, ligeiramente marcado no interior. Lábio espesso, assimétrico, de perfil anguloso, levemente projectado para o exterior. Parede levemente sinuosa, reentrante, a desenvolver um perfil tronco-cónico (vol. II, est. CXCVI, n.º 64).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 94 mm; Comprimento máximo 16 mm; Espessura máxima do bordo 3,5 mm
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

65. Alv. 98 B1, A1, op. 81 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido, de cor verde-azeitona, de boa qualidade, sem bolhas de ar e impurezas. Bordo engrossado, ligeiramente marcado no interior. Lábio espesso de perfil arredondado. Parede recta, reentrante, a desenvolver um perfil tronco-cónico (vol. II, est. CXCVI, n.º 65).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 130 mm; Comprimento máximo 26 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 0.

66. Alv. 98 B1, A1, op. 186 - Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme. Vidro translúcido, de cor verde-azeitona, de boa qualidade, sem bolhas de ar e impurezas. Bordo engrossado, ligeiramente marcado no interior. Lábio espesso de perfil arredondado, simétrico. Parede reentrante formando um perfil tronco-cónico (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 121 mm; Comprimento máximo17 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. VIII, corte estratigráfico 3, camada 1.

Isings 117 (67)

67. Alv. 95 B, A4, op. 102 - Fragmento de bordo de taça de vidro de cor verde-musgo, com bordo engrossado a fogo e estrias de soflagem e rotação. Tipo Isings 117, com cronologia da 2ª metade do séc. IV (n/ilustrado).
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Praça,* corte estratigráfico 2, camada 1.

C3 - Bilhas e jarros para servir bebidas

Isings 124 (68)

68. Alv. 98 B1, A1, op. 221 - Fragmento de bordo e arranque de gargalo de jarro trilobado. Gargalo cilíndrico alargando ligeiramente para a parede. Boca, trilobada de recorte cordiforme, decorada na parte superior com um fio de vidro aplicado por baixo do bordo alargando de espessura no local de fixação da asa. O bordo, dobrado sobre si mesmo, forma um lábio engrossado de secção circular. O vidro é transparente de cor verde-musgo de qualidade média. Possui algumas impurezas e vacúolos alongados motivados pela sopragem e rotação da peça.
Enquadra-se no tipo Isings 124 (vol. II, est. CXCVI, n.º 68).
Dim. - Largura máxima do bordo 56 mm; Comprimento máximo do bordo 62 mm; Comprimento máximo 54 mm; Espessura máxima do bordo 7 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

D. Vasos para armazenar alimentos

D1 - Garrafas para guardar e eventualmente servir líquidos

Isings 50 a/b (69-74)

69. Alv. 92 A, op. 69 - Fragmento de asa de garrafa quadrangular tipo Isings 50 b. Formada a partir de dobragem em vidro translúcido de cor azul-marinho (n/ilustrado).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - Vidro de silicato de cálcio CaO 11%, maganês 4%, ferro 4%, isento de chumbo e estanho.
Prov. - Área habitacional Sudeste, Fase II, *Estrutura 5*, corte estratigráfico 12, camada 3.

70. Alv. 93 A, op. 197 - Fragmento de bordo e arranque de gargalo de garrafa quadrangular, soprada em molde, tipo Isings 50. Vidro azul-água, translúcido de boa qualidade. O bordo é formado por uma aba curta de aresta arredondada, ligeiramente descendente. No seu interior é perfeitamente vertical e bem destacado do arranque do gargalo por uma reentrância de perfil em V (vol. II, est. CXCVI, n.º 70).
Análise por espectrometria de fluorescência de Raio X - SiO_2 - 78,9%; Al_2O_3 - 2,2%; K_2O - 1,3%; Fe_2O_3 - 0,90%; MgO - 0,51%; CaO - 11,4%; TiO_2 - 0,15%; Na_2O - 0,56%; Ba 0,11%; Sr - 0,17%; MnO 3,7%; Sb - < 0,01%; Pb 0,01%.
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 41 mm; Comprimento máximo 12 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase ? III, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 0.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 51-52, est. XXXIII, n.º 17.

71. Alv. 96 B, A3, op. 26 - Fragmento de fundo de garrafa quadrangular tipo Isings 50 a. Vidro translúcido, de cor azul-água, de muito boa qualidade. Fundo espesso, ligeiramente côncavo, decorado com motivos geométricos em relevo, composto por um motivo circular a partir do qual se desenvolvem radialmente um conjunto de meandros organizados em grupos de quatro (vol. II, est. CXCVI, n.º 71).
Dim. - Espessura máxima 10 mm; Comprimento máximo 49 mm; Largura máxima 43 mm.
Prov. – Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 2.

72. Alv. 97 B3, A1, op. 168 - Fragmento de parede de garrafa quadrangular tipo Isings 50. Vidro de cor azul-água, de boa qualidade. Apresenta algumas bolhas arredondadas de ar de diminutas dimensões e completamente isento de impurezas (vol. II, est. CXCVI, n.º 72).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raio X - Vidro de silicato de cálcio - CaO 14%, sódioNa_2O 7%, maganês 2%, ferro 2%, praticamente isento de chumbo, estanho, antimónio e cobre.

Dim. - Comprimento máximo 32 mm; Largura máxima 22 mm; Espessura máxima 4 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e área Habitacional Norte, *Decumanus*, Fase ?, corte estratigráfico 4, camada 0.

73. Alv. 98 B1, A1, op. 2 - Fragmento de gargalo de garrafa quadrangular tipo Isings 50 b. Vidro translúcido de cor azul-água, de boa qualidade, isento de impurezas e com poucas bolhas de ar. Gargalo espesso com ressalto interior de demarcação entre o gargalo e o bordo, formando um vinco em forma de V (vol. II, est. CXCVI, n.º 73).
Dim. - Espessura máxima 10 mm; Comprimento máximo 18 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase III, *Complexo Artesanal*, Ap. II, corte estratigráfico 3, camada 5.

74. Alv. 98 B1, A1, op. 77a - Fragmento de bordo de garrafa quadrangular tipo Isings 50 b. Vidro translúcido de cor azul-água, de boa qualidade, praticamente isento de bolhas de ar e de impurezas. Bordo espessado e largo, formado por uma aba horizontal projectada para o exterior rematada por um lábio de perfil arredondado, simétrico. Apresenta um ressalto interno levemente rebaixado em relação ao nível do bordo (vol. II, est. CXCVII, n.º 74).
Dim. - Diâmetro máximo 11 mm ?; Espessura máxima do bordo 14 mm; Comprimento máximo 19 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase ?, *Complexo Artesanal*, Ap. X (para a fase V), corte estratigráfico 1, camada 1.

Isings 126 (75-76)

75. Alv. 97 B1, A2, op. 154 - Fragmento de bordo e arranque de gargalo de garrafa cilíndrica, tipo Isings 126. Vidro de cor verde-azeitona, translúcido, de fraca qualidade, com muitas impurezas e bolhas de ar alongadas no sentido vertical. Gargalo cilíndrico vertical. Bordo formado por aba projectada para o exterior com lábio ligeiramente engrossado de perfil rectangular, simétrico, com as arestas arredondadas. A tipologia e ambiente crono-estratigráfico apontam uma cronologia correspondente à segunda metade do séc. IV e primeira metade do séc. V (vol. II, est. CXCVII, n.º 75).
Análise química efectuada por espectrometria de fluorescência de Raio X: SiO2 (%) 71.6; A12O3 (%) 3.1; K2O (%) 1.1; Fe2O3 (%) 4.3; MgO (%) 1.1; CaO (%) 10.8; TiO2 (%) 1.3; Na2O (%) 0.81; Ba (%) 0.23; Sr (%) 0.15; MnO (%) 5.3; Sb (%) < 0.01; Pb (%) < 0.01.
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 54 mm; Diâmetro máximo do gargalo 22 mm; Comprimento máximo 36 mm; Espessura máxima do bordo 6 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

76. Alv. 97 B6, op. 3 - Fragmento de bordo e arranque de gargalo de garrafa cilíndrica tipo Isings 126. Vidro translúcido cor verde-gelo, de qualidade média, com abundantes bolhas de ar alongadas e estriais resultantes do processo de soflagem. O bordo é aberto de perfil cónico rematado por lábio espessado de perfil arredondado, assimétrico. A decoração é composta por um cordão de vidro aplicado da mesma cor que a peça de espessura irregular (vol. II, est. CXCVII, n.º 76).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 70 mm; Espessura máxima do bordo 4 mm; Comprimento máximo 20 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. XI, corte estratigráfico 7, camada 2.

D2 - Urnas e Boiões para guardar alimentos secos

Isings 62 (77)

77. Alv. 97 B3, A1, op. 248 - Fundo de frasco tipo Isings 62. Vidro translúcido, incolor, de boa qualidade, com poucas bolhas de ar e isento de impurezas. Fundo discóidal, espesso e horizontal, com anel integrado, levemente côncavo, com vestígio de utilização de pontel. O arranque da parede faz-se de forma suave indiciando um bojo quadrangular (vol. II, est. CXCVII, n.º 77).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - Vidro de silicato de cálcio CaO 13%, com pouco ferro 1%, isento de chumbo e estanho.
Dim. - Diâmetro máximo do fundo 43 mm; Espessura máxima da parede 2 mm; Altura máxima 13 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Ap. I, corte estratigráfico 5, camada 1.

Isings 68 (78)

78. Alv. 93 A, op. 147 - Fragmento de bordo e arranque de bojo de boião, tipo Isings 68. Vidro translúcido de cor verde-musgo, de fraca qualidade, com abundantes bolhas de ar e impurezas negras. O bordo, em forma de aba plana, constitui o remate de um gargalo curto de perfil curvo. O lábio é ligeiramente engrossado apresentando um recorte arredondado, assimétrico. A parede é esvasada denotando um perfil curvo (vol. II, est. CXCVII, n.º 78).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 78 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm; Comprimento máximo 10 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 53, est. XXXIII, n.º 13.

Isings 94 (79)

79. Alv. 97 B1, A2, op. 137a - Fragmento de bordo e arranque de parede de boião de vidro cor verde-gelo, translúcido, tipo Isings 94. Bordo projectado para o exterior, ligeiramente engrossado. Lábio espessado de perfil arredondado, simétrico. Bojo muito projectado para o exterior denotando um perfil curvo (vol. II, est. CXCVII, n.º 79).
Dim. - Diâmetro máximo ao nível do bordo 60 mm; Espessura máxima do bordo 3 mm; Comprimento máximo 22 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo,* Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

Isings 120 (80-82)

80. Alv. 98 B1, A1, op. 64 - Fragmento de fundo de frasco tipo Isings 120. Vidro translúcido, de cor verde-maçã, de fraca qualidade, com abundantes bolhas de ar e impurezas. Pé formado por anel de secção circular. Fundo côncavo sobreelevado, de perfil côncavo com vestígios de utilização de pontel (vol. II, est. CXCVII, n.º 80).
Dim. - Diâmetro máximo do fundo 45 mm; Espessura máxima do anel 5 mm; Altura máxima 11 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

81. Alv. 94 A, op. 168 - Fragmento de asa de fita de frasco tipo Isings 120. Vidro de cor castanha, translúcido, de qualidade média, com algumas bolhas de ar e poucas impurezas. A decoração é formada por três nervuras verticais de perfil subcircular, apenas visíveis na face exterior da asa (vol. II, est. CXCVII, n.º 81).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - SiO2- 66,6%; Al2O3 -3,1%; K2O - 1,9%; Fe2O3 - 4,6%; MgO - 1,2%; CaO - 10,4%; TiO2 - 1,0%; Na2O - 5,3%; Ba - 0,46%; Sr - 0,15%; MnO - 5,0%; Sb - « 0,01; Pb - 0,01%
Dim. - Altura máxima 125 mm; Espessura máxima 3 mm; Largura máxima 22 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã* , Ext. Sul, corte estratigráfico 4, camada 0.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 53, est. XXXV, n.º 31.

82. Alv. 98 B1, A1, op. 161 - Fragmento de asa de frasco tipo Isings 120. Vidro translúcido, de qualidade média, com abundantes vacúolos alongados e impurezas negras. Asa em fita de desenvolvimento vertical, com espessamento na extremidade de ligação à peça, decorada por nervuras verticais de perfil subcircular, apenas visíveis na face exterior da asa (vol. II, est. CXCVII, n.º 82).
Dim. - Altura máxima 52 mm; Espessura máxima 4 mm; Largura máxima 19 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 0.

E. Unguentários para guardar condimentos, unguentos, medicamentos ou perfumes
Isings 27 (83)

83. Alv. 95 B, A4, op. 4 - Fragmento de bordo e gargalo de unguentário tipo Isings 27 – *unguentário tubular com constrição*. Vidro translúcido, de cor verde-água, de má qualidade, com algumas impurezas negras e bolhas de ar. Bordo formado por aba muito curta, assimétrica, de desenvolvimento oblíquo. Lábio espessado, projectado para o exterior, com secção arredondada, polido ao fogo. Gargalo cilíndrico, vertical. Vidro muito fino e de espessura variável (vol. II, est. CXCVII, n.º 83).
Dim. - Comprimento máximo 70 mm; Diâmetro máximo ao nível do bordo 14 mm; Espessura máxima do bordo 1,5 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 1, camada 1.

F. Elementos de adorno
Contas de colar (84-91)

84. Alv. 93 A, op. 158 - Fragmento de conta de colar de formato cilíndrico, moldada em vidro opaco, de cor azul-marinho. Qualidade média com grande quantidade de bolhas de ar. A decoração é formada por pequenos círculos rodeados por crescentes em pasta vítrea branca integrada na pasta de base. Orifício centrado de recorte vertical. Arestas arredondadas (vol. II, est. CXCVII, n.º 84).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - Amostra de vidro de silicato de cálcio, CaO 11%, ferro 3%, 1% de cobre e cobalto, 2% antimónio, isento de chumbo e estanho
Dim. - Altura máxima 14 mm; Espessura máxima 6 mm; Largura máxima 18 mm; Diâmetro do orifício de suspensão 8 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 53-54, est. XXXIII, n.º 14.

85. Alv. 93 A, op. 172 - Conta de colar de formato cónico, moldada em vidro de cor azul-marinho, opaco, de boa qualidade. Na face superior apresenta um ligeiro estreitamento que configura uma estria. Orifício centrado de recorte vertical com as faces levemente esvasadas. Não possui decoração (vol. II, est. CXCVII, n.º 85).
Dim. - Altura máxima 9 mm; Espessura máxima 9 mm; Largura máxima 16 mm; Diâmetro do orifício de suspensão 6 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 7, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 53-54, est. XXXIII, n.º 15.

86. Alv. 96 B, A3, op. 331 - Fragmento de conta de colar de vidro opaco de cor azul-marinho. Formato discóidal, pouco marcado, com superfícies planas. Orifício centrado de recorte vertical com as arestas levemente esvasadas. Arestas arredondadas (vol. II, est. CXCVII, n.º 86).
Dim. - Altura máxima 6 mm; Espessura máxima 4 mm; Largura máxima 10 mm; Diâmetro do orifício de suspensão 3 mm.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça,* corte estratigráfico 1, camada 2.

87. Alv. 97 B5, op. 154a - Conta de colar em vidro opaco de cor azul-marinho de qualidade média com abundantes bolhas de ar. Forma discóidal com faces horizontais e arestas arredondadas. Orifício central ligeiramente descentrado de recorte vertical com as arestas levemente esvasadas (vol. II, est. CXCVII, n.º 87).
Análise química por espectrometria de Raio X - Vidro de silicato de cálcio, CaO na ordem de 14%, sódio Na2O 7%, maganês 3%, ferro 2%, cobre 2%, vestígios de antimónio e de chumbo 0,01%
Dim. - Altura máxima 6 mm; Espessura máxima 4 mm; Largura máxima 12 mm; Diâmetro do orifício de suspensão 4 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Cardus Oeste*, corte estratigráfico 7, camada 0.

88. Alv. 97 B2, A2, op. 11 - Conta de colar em vidro opaco de cor azul-marinho, de baixa qualidade, com abundantes bolhas de ar. Forma oval, assimétrica, com faces laterais e arestas arredondadas. Orifício central ligeiramente descentrado, vertical com as arestas levemente esvasadas (vol. II, est. CXCVII, n.º 88).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raio X - Vidro de silicato de cálcio - CaO 13%, sódio Na2O 7%, maganês 1%, ferro 2%, cobre 3%, chumbo 5%, antimónio 1% e estanho 0,5%
Dim. - Altura máxima 7 mm; Espessura máxima 3 mm; Largura máxima 7 mm; Diâmetro do orifício de suspensão 3 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 2, camada 0.

89. Alv. 98 B1, A1, op. 12 - Conta de colar em vidro opaco, de cor azul-marinho, manchado de verde-maçã. Fraca qualidade com abundantes bolhas de ar e impurezas, degradado na superfície. Formato cónico, irregular, com arestas erosionadas. Orifício largo e centrado de paredes rectas (est. CXCVIII, n.º 89).
Dim. - Altura máxima 14 mm; Espessura máxima 7 mm; Largura máxima 15 mm.
Prov. - Área Habitacional Norte, Fase V, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. VI, corte estratigráfico 3, camada 2.

90. Alv. 93 A, op. 71 - Conta de formato quadrangular com cantos arredondados. Apresenta dois orifícios laterais de diminuta dimensão para suspensão. Vidro opaco de cor negra de elevada qualidade, praticamente isenta de bolhas de ar. A decoração é composta por um axadrezado de linhas incisas moldadas a quente. Secção rectangular, muito irregular (vol. II, est. CXCVIII, n.º 90).
Dim. - Largura máxima 16 mm; Comprimento máximo 17 mm; Espessura máxima 4 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 53-54, est. XXXIII, n.º 11.

91. Alv. 98 B1, A1, op. 101 - Conta em vidro negro, opaco, de formato sub-rectangular. Vidro de elevada qualidade praticamente isento de bolhas de ar. Encontra-se ligeiramente fracturado num dos cantos. É perfurado por dois orifícios paralelos entre si que a atravessam longitudinalmente. A decoração é composta por duas linhas paralelas incisas e uma linha transversal. As linhas foram elaboradas por pressão ainda a quente (est. CXCVIII, n.º 91).
Dim. - Largura máxima 13 mm; Comprimento máximo 12 mm; Espessura máxima 5 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, C*omplexo Artesanal*, Ap. VII, corte estratigráfico 2, camada 1.

Pulseiras (92)

92. Alv. 93 A, op. 181 - Fragmento de pulseira moldada em vidro negro, opaco, de elevada qualidade, praticamente isenta de bolhas de ar. Secção plano-convexa, com a face interna lisa, levemente convexa. Decorada na face exterior por nervuras transversais alternadas (vol. II, est. CXCVIII, n.º 92).
Análise por espectrometria de fluorescência de Raio X - SiO2-41,2%; Al2O3 -3,4%; K2O - 0.97%; Fe2O3 - 32,5%; MgO - 0,45%; CaO - 8,6%; TiO2 - 0,13%; Na2O - 6,0%; Ba - 0,41%; Sr - 0,46%; MnO - 4,2%; Sb - 0,96; Pb - 0,43%.
Dim. - Diâmetro máximo estimado 75 mm; Comprimento máximo 14 mm; Espessura máxima 6 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase ?, *Domus da Colher de Prata*, Pátio exterior e forno, corte estratigráfico 11, camada 0.
Bibli. - MOREIRA 1995a, 53-54, est. XXXIII, n.º 16.

Peças de jogo (93)

93. Alv. 97 B3, A1, op. 200 - Peça de jogo em vidro opaco de cor verde-musgo. Vidro de boa qualidade, isento de bolhas de ar e de impurezas. Disco com faces horizontais, facetado nas arestas da face superior formando um hexágono (vol. II, est. CCXL, n.º 22; CXCVIII, n.º 93).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raio X - Vidro de silicato de chumbo, com cobre 5% e potássio 7%.
Dim. - Diâmetro máximo 12 mm; Espessura máxima 2 mm; Peso 4,5 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. Pátio I, corte estratigráfico 5, camada 1.

G. Formas variadas (94)

94. Alv. 95 B, op. 39 - Tessela em vidro opaco de cor verde-musgo de formato paralelepipédica de recorte irregular. Arestas angulosas (vol. II, est. CXCVIII, n.º 94).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raio X - Vidro de silicato de cálcio - CaO 13%, sódio Na2O 7%, maganês 1%, ferro 2%, cobre 3%, chumbo 5%, antimónio 1% e estanho 0,5%.
Dim. - Comprimento máximo 8 mm; Largura máxima 6 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 1, camada 1.

H. Formas indeterminadas (95-99)

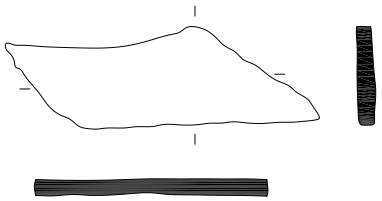
95. Alv. 97 B3, A1, op. 137 - Fragmento de vidro indiferenciado de cor verde-azeitona de qualidade média (vol. II, est. CXCVIII, n.º 95).
Dim. - Espessura média da parede 2 mm; Comprimento máximo 24 mm; Largura máxima 40 mm.
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raio X - Vidro de silicato de cálcio - CaO 14%, sódio Na2O 7%, maganês 2%, ferro 2%, praticamente isento de chumbo, estanho, antimónio e cobre.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal*, Pátio I, corte estratigráfico 4, camada 1.

96. Alv. 97 B3, A1, op. 161 - Fragmento de parede de peça indeterminada em vidro translúcido, incolor, decorado com pingos de vidro branco opaco. Qualidade média com bolhas de ar e algumas impurezas (vol. II, est. CXCVIII, n.º 96).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raio X - Vidro muito silicoso com cálcio - CaO 8%, pouco ferro e maganês (cerca de 1% em cada caso) e vestígios de chumbo - 0,1%.
Dim. - Comprimento máximo 32 mm; Largura máxima 24 mm; Espessura máxima 3 mm.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho* - ext., Fase IV - V, corte estratigráfico 4, camada 1.

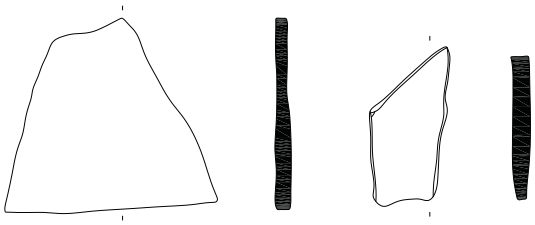
97. Alv. 92 A, Ig. 2884 - Fragmento de vidro de cor verde-musgo de qualidade baixa, indiferenciado (n/ilustrado)
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - Vidro de silicato de cálcio CaO 11%, maganês 4%, ferro 4%, isento de chumbo e estanho.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. II, corte estratigráfico 14, camada 4.

98. Alv. 92 A, Ig. 1266 - Fragmento de vidro de cor verde-musgo de baixa qualidade, indiferenciado (vol. II, est. CXCVIII, n.º 98).
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - Vidro de silicato de cálcio CaO 14%, sódio Na2O 7%, maganês 2%, ferro 2%, enxofre 10%, praticamente isento de chumbo, estanho antimónio e cobre.
Dim. - Comprimento máximo 25 mm; Largura máxima 23 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. II, corte estratigráfico 14, camada 4.

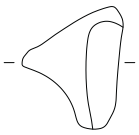
99. Alv. 94 A, Ig. 5865 - Fragmento de vidro de cor verde-musgo de qualidade baixa, indiferenciado (n/ilustrado).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. I., corte estratigráfico 9, camada 0.
Análise química por espectrometria de fluorescência de Raios X - SiO2- 65,3%; Al2O3 -3,3%; K2O - 2,0%; Fe2O3 - 4,5%; MgO - 1,2%; CaO - 10,5%; TiO2 - 1,0%; Na2O - 6,7%; Ba - 0,40%; Sr - 0,15%; MnO - 4,7%; Sb - « 0,01; Pb - 0,01%.



3

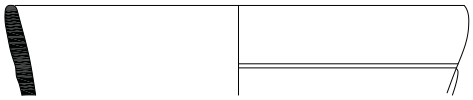


4

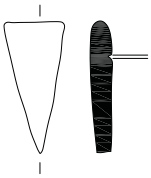


5

6



7

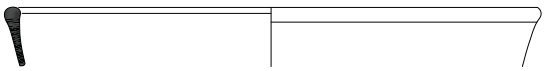


8

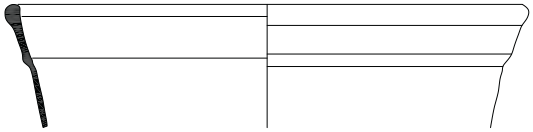
9

10

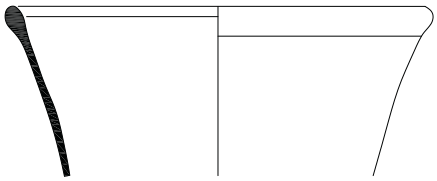
11



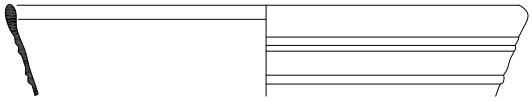
12



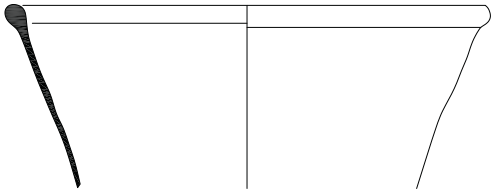
13



14

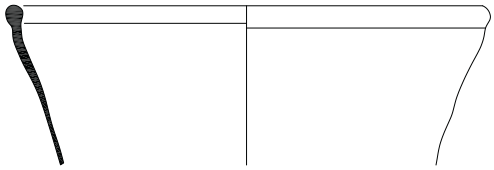


15

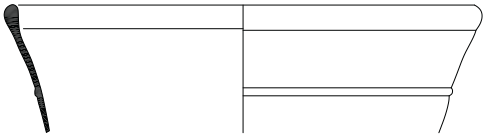


16

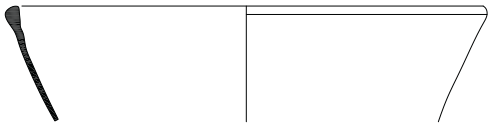
17



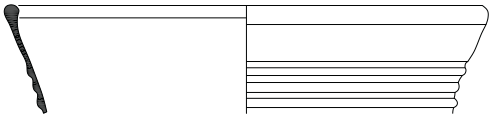
18



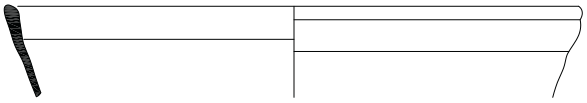
19



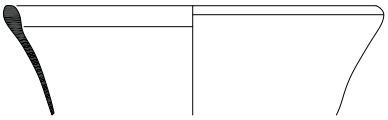
20



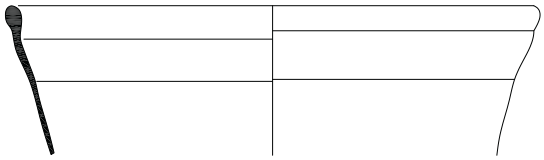
21



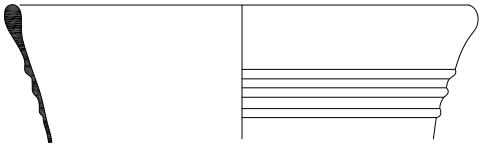
22



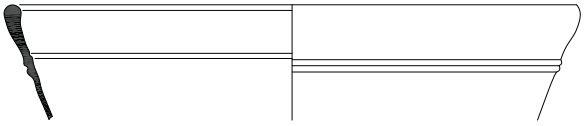
23



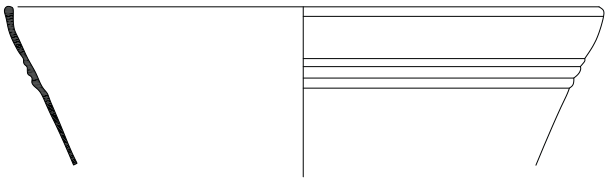
24



25

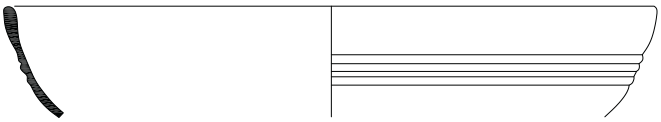


26

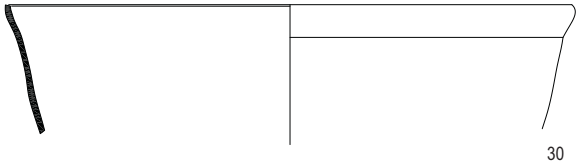


27

28

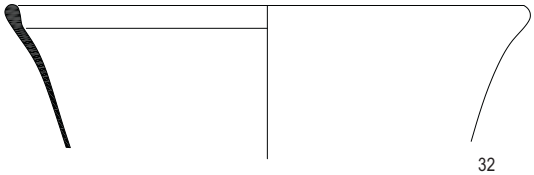


29



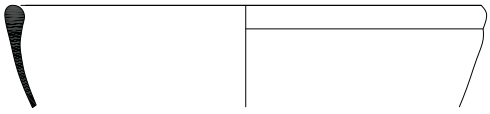
30

31



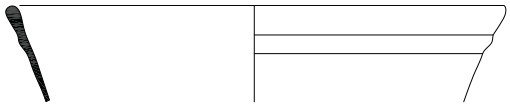
32

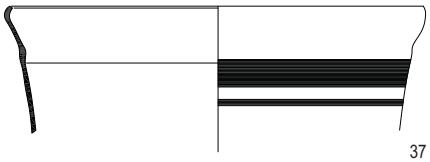
33



34

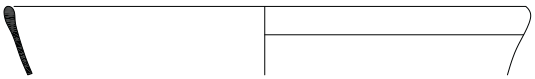
35

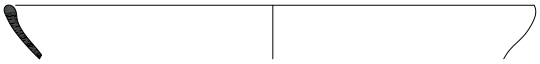

36

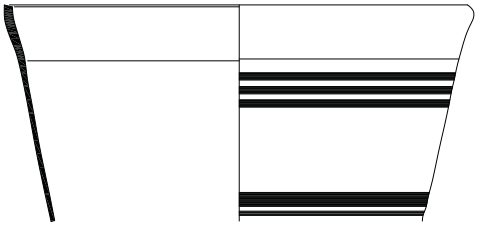

37

38

39

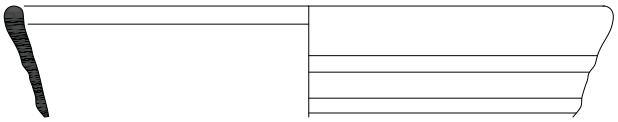

40

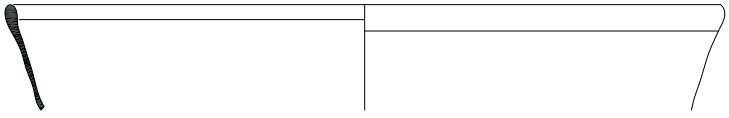

41

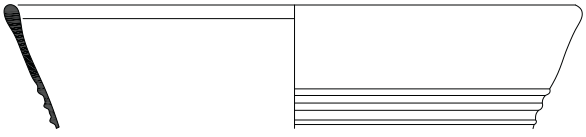

42

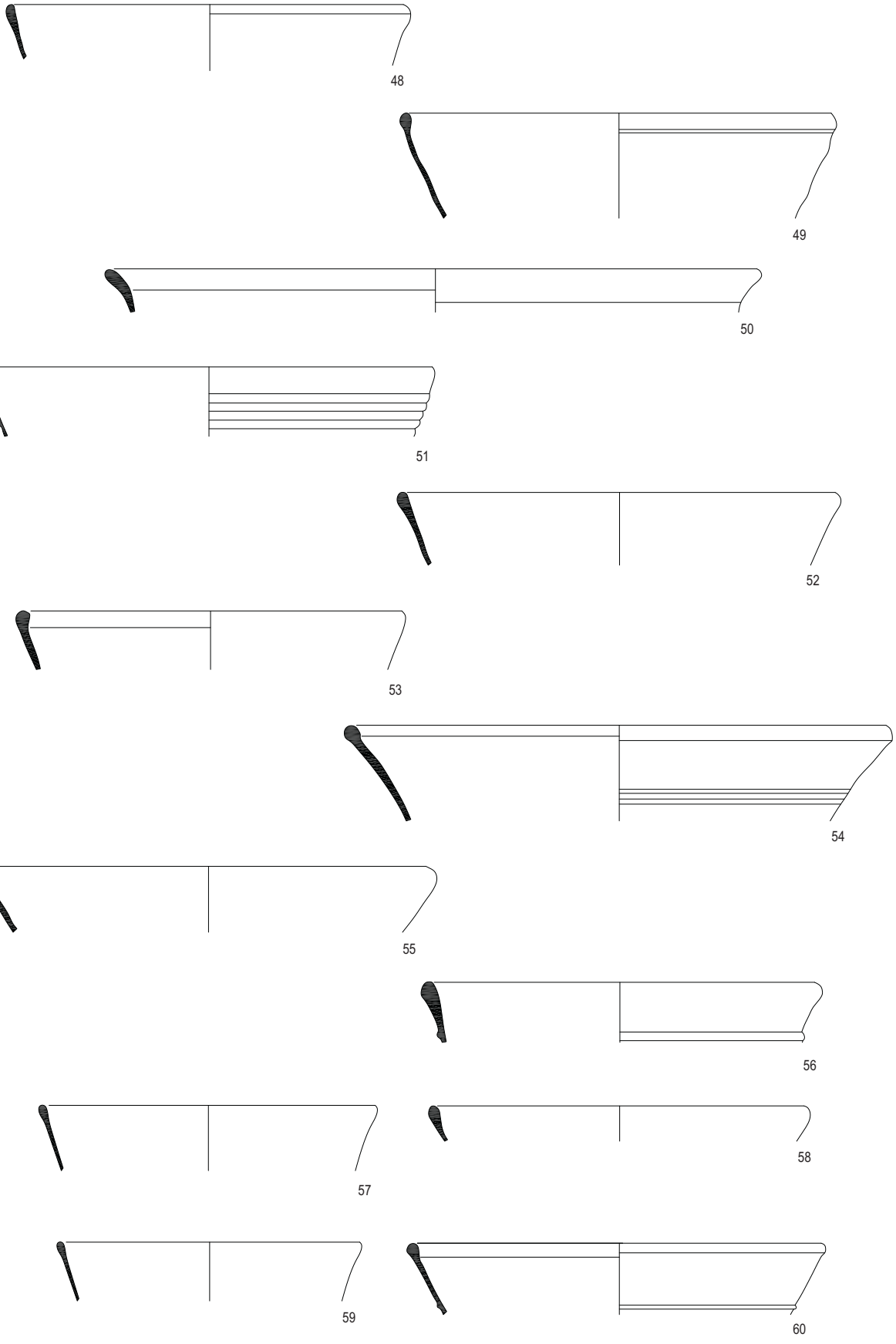
43

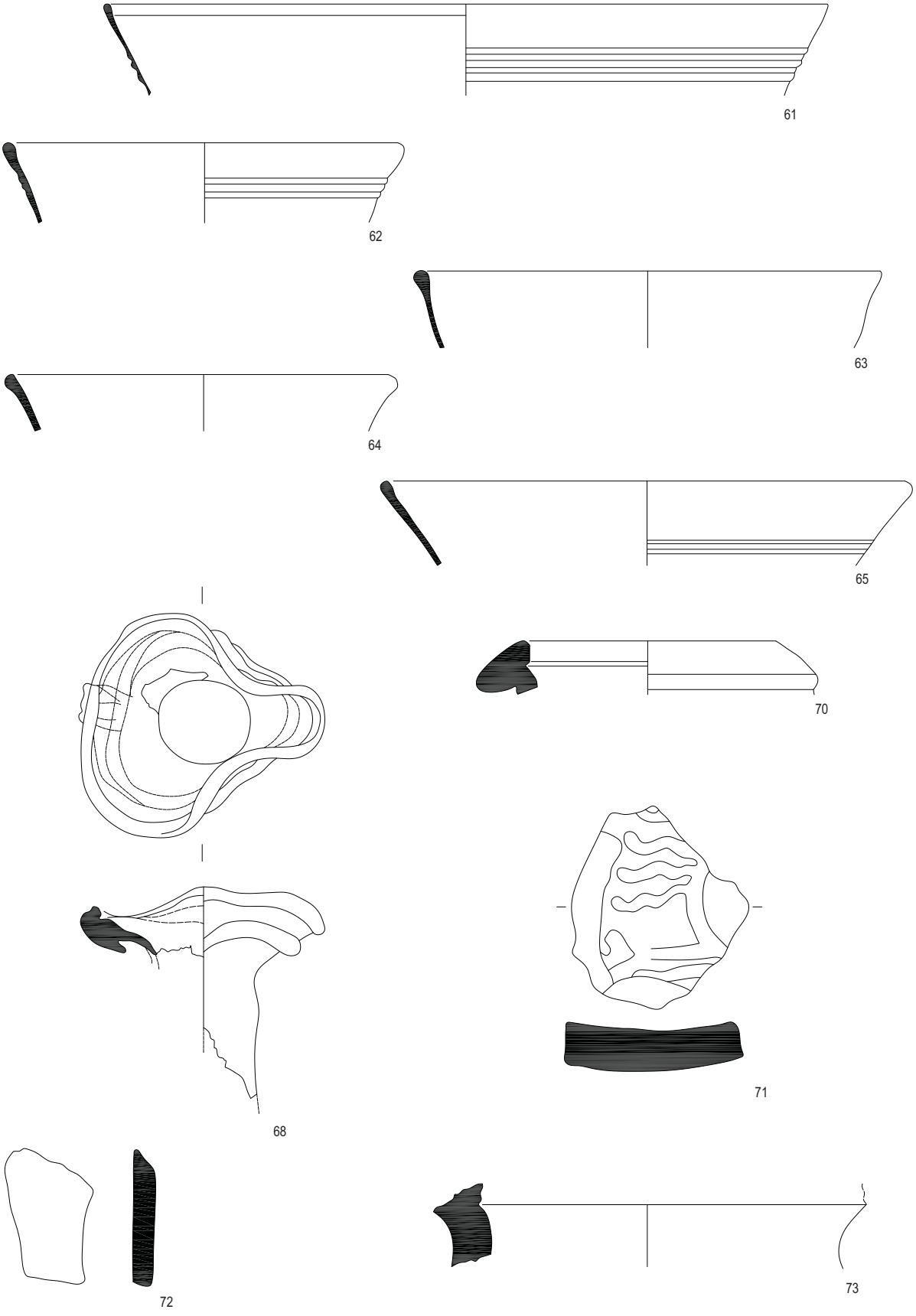
44


45

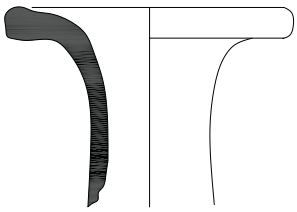

46


47

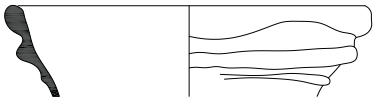

48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60


61
62
63
64
65
70
71
68
72
73

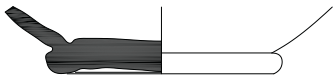
74



75

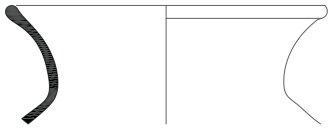


76

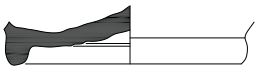


77

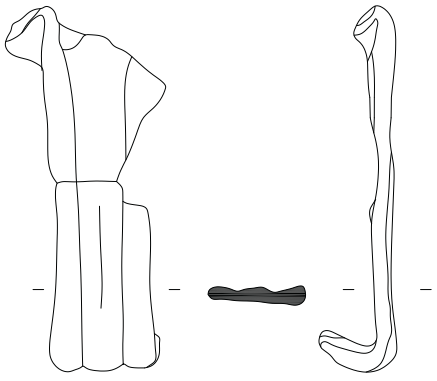
78



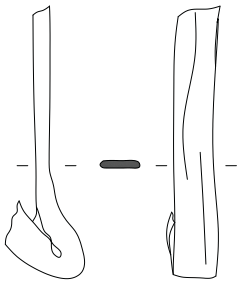
79



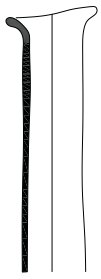
80



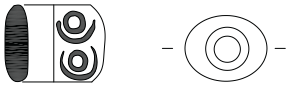
81



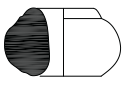
82



83

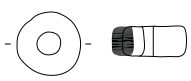


84

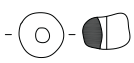


85

86

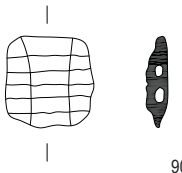


87

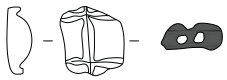


88

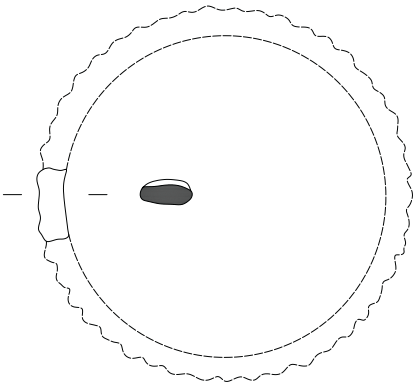
89



90



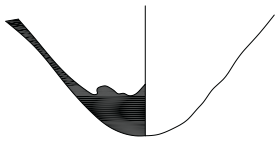
91



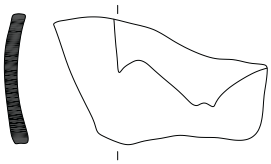
92

93

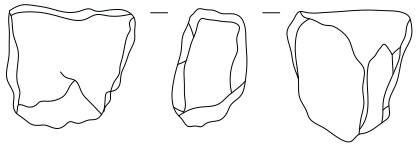
94



95



96



97

6.1.16. Objectos de prata

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

As colheres (*ligula* ou *cochlear*) de prata, em época tardo-romana, são particularmente comuns na Europa Central, Inglaterra e Península Ibérica e foram alvo de abundantes estudos dispondo-se actualmente de uma ampla bibliografia a respeito[961].

Diversas são as utilidades que lhe são atribuídas no âmbito das tarefas domésticas como sejam as de índole de higiene pessoal, nomeadamente para manuseamento de unguentos, seja para procedimentos farmacêuticos ou de medicamentação, na administração, doseamento e preparação dos respectivos medicamentos.

Certo parece ser a dimensão religiosa de algumas delas em directa relação com as primeiras comunidades cristãs. Garcia y Bellido, neste âmbito, aponta algumas pistas quanto à função e uso que estas poderão ter tido. Uma das funções consistia em servirem para fornecer a eucaristia aos comungantes, à moda do médio oriente, cujo costume se encontra preservado na igreja ortodoxa (BELLIDO 1971, 95). As inscrições que muitas delas conservam, em que o aclamativo *vivas in Deo* ou *vivas in Christo*, como, por exemplo, na colher proveniente de Terrugem, Elvas (DEUS; LOURO; VIANA 1955, 572, fig. 2, 19-24), precedido por um nome (*Elias*, no caso da colher de Terrugem), permite admitir uma função relacionada com o acto do baptismo, em que o nome do baptizado poderia ser gravado como recordação, explicando-se assim o contexto habitacional e funerário de muitos dos exemplares conhecidos. O facto de serem de um metal precioso parece corroborar esta perspectiva, uma vez que os exemplares conhecidos em bronze no noroeste nenhum deles conserva inscrições do tipo aclamativo, dando-se assim realce à importância do baptismo como o principal passo na vida cristã. Garcia y Bellido vê ainda neste aspecto uma outra dimensão de carácter mágico-religioso que estes objectos poderiam assumir, designadamente enquanto detentores de atributos protectores, com o mesmo sentido em que se conservam medalhas ou escapulários (BELLIDO 1971, 96).

Conhecem-se vários exemplares portugueses em prata, como, por exemplo, o já mencionado de Terrugem, Elvas (DEUS; LOURO; VIANA 1955, 572, fig. 2, 19-24). Esta colher com concha de formato oval, haste de secção quadrangular, evoluindo para circular com adelgaçamento progressivo, possui como elemento de ligação uma voluta de características naturalistas. Apresenta uma inscrição na face anterior inscrita num campo rebaixado - *AELIAS · VIVASIN* - rematando com a representação de um *crismon*. Sobre a haste conserva duas letras A Q. Um outro exemplar proveniente de Nossa Senhora da Luz, Lagos, de características similares, apresenta uma haste de secção circular separada da concha por uma voluta. A decoração incisa na face exterior da concha desenha uma nervura de uma folha com elementos radiais (VIANA, FORMOSINHO; FERREIRA 1953, 128, lám. IV, 55-55, fig. 7; BELLIDO 1971, 94, fig. 2)[962]. Há ainda notícia do aparecimento de um exemplar em Conímbriga, em muito mau estado de conservação, do qual, segundo os autores, não foi possível reconstituir a forma (ALARCÃO; PONTE 1979, 161). Identifica-se também um exemplar morfologicamente muito próximo do nosso proveniente de Tróia, Grândola, Setúbal, actualmente em depósito no MNA (n.º Inv.º Au 691), cujas características mais significativas consistem em possuir uma concha

[961] Veja-se, a propósito (PAINTER 1965, 1-15; 1975, 62-69; MILICIC; VETTERS 1970), e de âmbito mais restrito (BELLIDO 1971, 93-97). O catálogo de V. Milicic e H. Vetters, apesar de apenas compreende os achados da Europa Central recolhe mais de quatrocentos exemplares de cerca de 150 localidades distintas. Será de assinalar, no entanto, que em Espanha os achados conhecidos são relativamente poucos. Garcia y Bellido cita um exemplar em prata proveniente de Bruñel, Jaén, sem que concretize as suas características morfológicas, mencionando, no entanto, que não possui qualquer inscrição (BELLIDO 1971, 97). De bronze conhecemos um exemplar proveniente da Andaluzia com rasgos morfológicos idênticos à colher proveniente da Herdade da Barrosinha, Alcácer do Sal (MELENDO 1988, 194, est. LII, n.º 4).

[962] O exemplar foi recolhido nas escavações realizadas por Estaço da Veiga, nas quais foram identificadas instalações de um complexo industrial de fabricação de *garum*, assim como uma extensa área habitacional dotada de um balneário (VIANA, FORMOSINHO;FERREIRA 1953, 128, lám. IV, 55-55, fig. 7). A construção da colher apresenta as mesmas características técnicas do nosso exemplar, designadamente na forma e posicionamento da voluta que cria dois planos diferentes entre a concha e o cabo. Este apresenta a mesma configuração pontiaguda com adelgaçamento progressivo para o remate. Lamentavelmente, não se conhecem referências crono-estratigráficas do exemplar nem o seu contexto arqueológico embora seja aceitável um horizonte tardo-romano atendendo ao tipo de material associado.

ovalada e convexa, pouco profunda, com cabo rectilíneo de secção circular, com estreitamento progressivo para a extremidade, apresentado o arranque em forma de voluta que distingues os dois planos de ligação do cabo e da concha. Da Galiza, concretamente do castro de Viladonga, Lugo, são conhecidos dois exemplares, tipologicamente muito próximos do nosso (VILAS 1992, 114).

O nosso exemplar da nome à Domus em que foi recolhida - *Domus da Colher de Prata* - na sua Fase IV-V, correspondendo, portanto, à cronologia proposta e genericamente aceita para este tipo de materiais.

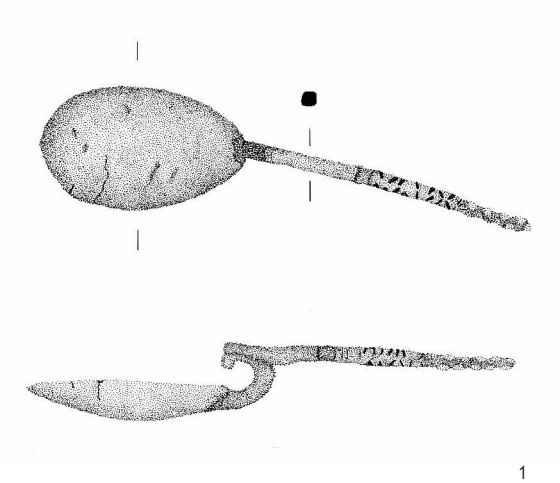
Os exemplares em bronze, mais frequentes geralmente não são decorados e apresentam formas mais estilizadas, sendo as volutas, por norma, são substituídas por travessões rectangulares. São conhecidos vários exemplares que abrangem a totalidade do território português. Garcia y Bellido referencia vários exemplares provenientes do sul, como, por exemplo, as colheres procedentes de Idanha-a-Velha de Terrugem, Elvas e Tróia, Setúbal (BELLIDO 1971, 94-95). Ainda do sul de Portugal, encontra-se publicada uma outra colher proveniente da Herdade da Barrosinha, Alcácer do Sal, que condiz com as características morfológicas deste tipo de colheres (SOUSA; SEPÚLVEDA 1997, 117, est. II, n.º 1-2). Em áreas mais setentrionais encontra-se publicado um exemplar de Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 161, est. XLI, n.º 63), cujas características correspondem à simplificação das formas das colheres de prata. De Monte Mozinho, Penafiel, encontra-se publicada uma colher (SOEIRO 1984, 263, CXXXIV, n.º 10), sem contexto estratigráfico definido, mas cujas características morfológicas a aproximam ao exemplar proveniente de Conímbriga. Apresenta, no entanto, uma particularidade que importa ressaltar, uma vez que é o único exemplar da região que apresenta tal solução, referimo-nos ao cabo, cuja configuração e dimensão nos indica que deveria receber uma haste, provavelmente de madeira ou osso, já que na parte final apresenta um rebaixamento para formação do encaixe. A decoração é composta por grupos de três linhas incisas dispostas transversalmente em relação ao cabo.

A cronologia deste tipo de materiais tem vindo a ser apontada como pertencente ao séc. IV (MELENDO 1988, 94; ALARCÃO, PONTE 1979, 161), sendo provável que se tenha prolongado pelo séc. V. Embora os exemplares aqui apontados não corroborem peremptoriamente esta possibilidade, outras à que indicam precisamente esta longa cronologia, como, por exemplo, a colher proveniente da *villa* romana de S. Miguel de Odrinhas, Sintra, cuja ocupação da segunda *villa* aponta para o séc. IV (SOUSA 1989, 182).

Catálogo

Colheres

1. Alv. 94 A, op. 89 - Colher em prata com concha de formato oval e haste de secção quadrangular com adelgaçamento progressivo. A decoração inscrita na haste ocupa cerca de 2/3 da mesma e forma um desenho geométrico composto por um conjunto de traços incisos. A ligação entre a haste e a concha é feita através de uma voluta que os coloca em planos diferentes (vol. II, est. CXCIX, n.º 1).
Dim. - Comprimento máximo 101 mm; Largura máxima 26 mm; Peso 10,8 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata,* Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 261, 142.



1

6.1.17. Objectos metálicos - *Bronzes*

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

O estudo individualizado dos objectos de bronze, considerando como factor distintivo a sua função permitiu-nos, embora de forma parcelar, identificar os diferentes tipos de utilização que estes materiais tiveram, a sua preponderância em relação a determinado tipo de objectos e a sua representatividade percentual relativa a outro tipo de metais ou ligas. Assim, como base de trabalho e ordenamento de catálogo foram constituídos os seguintes grupos e subgrupos: Equipamento militar; Lucernas; Vasilhame metálico; Objectos de adorno, Alfinetes de toucado, Braceletes; Peças de vestuário, Fíbulas, Fechos de cinto, Apliques decorativos; Objectos de culto; Vária. Na totalidade foram estudados 72 objectos, sendo três deles provenientes de achados de superfície, sem contexto arqueológico de referência e já alvo de estudo anteriores (n.º 6 - arreio de cavalo; n.º 7 - umbo de escudo; n.º 21 - asa de sítula com representação escultórica de uma Nereida).

Na totalidade foram analisados 28 objectos através da observação ao microscópio óptico, permitindo identificar o tipo de estrutura e de material.

Actividade metalúrgica

Os vestígios directos da actividade metalúrgica do bronze identificados no castro de Alvarelhos (*castellum Madiae*) são constituídos por lingotes e nódulos disformes de metal purificados para utilização na actividade metalúrgica. Os vestígios surgem associados a duas estruturas distintas mas do mesmo horizonte cronológico (Fase IV-V), que, provavelmente, terão tido a mesma utilização. A primeira, localizada na *Domus da Colher de Prata*, na Área Habitacional Sudeste (Ap. I). É constituída por uma estrutura simples que forma uma lareira cujo lar se encontra revestido por placas de granito e rebordo de telhas. A segunda estrutura, mais complexa, terá tido uma utilização mais diversificada se considerarmos os vestígios de vidro disforme que lhe estão associados como resíduos que atestam a sua utilização para produção artesanal de vidro. Localizada no *Espaço Religioso e Complexo Artesanal* (Ap. VIII, Fase IV - Ap. XII, Fase V), é constituída apenas pelos restos dos alicerces mas que permitem a sua interpretação como forno. Possuí uma planta semicircular e provavelmente teria cobertura em falsa cúpula. Os restos de bronze em forma de pingos são particularmente abundantes, assim como fragmentos de maiores dimensões que se encontravam integrados no piso ou sobre a camada de incêndio/destruição de todo o complexo.

Em termos de catálogo apenas apresentamos três elementos, respectivamente – n.º 1 (vol. II, est. CC, n.º 1), proveniente da *Domus da Colher de Prata* e n.º 2 e 3 (vol. II, est. CC, n.º 2-3) –, provenientes da *Espaço Religioso e Complexo Artesanal* que nos serviram para efectuar análises metalográficas cujos resultados nos permitiram estabelecer uma base comparativa para a identificação e produção dos restantes materiais.

Peças de arreio de cavalo

São duas as peças enquadráveis neste apartado, n.º 4-5. O primeiro, n.º 4 (vol. II, est. CCI, n.º 4), é um pendeloque ou pingente muito simples em forma de losango. É feito a partir de uma única chapa de bronze recortada, formando um anel de suspensão na parte superior pelo prolongamento da chapa que se enrola em si mesmo. Este tipo de peça era utilizada como complemento da decoração utilizada nas faleras, que por sua vez serviam para decorar couraças militares ou nos arneses de cavalo com uma clara função decorativa[963]. Bishop e Coulston que criaram uma tipologia bastante exaustiva sobre este tipo de materiais

[963] Aurrecoechea Fernàndez, para além de uma função puramente estética ou de prestigio do cavaleiro, adianta um outro tipo de função de carácter mágico ou de superstição, apontando como exemplo algumas representações de falos, figas, ou mesmo outro tipo de simbologia ligada ao culto da fertilidade, como folhas de parra, bolotas etc. (FERNÀNDEZ 1995/96, 77).

consideram, apenas para o séc. I, 11 tipos principais que, por sua vez, se multiplicam em inúmeros subtipos, no que respeita única e exclusivamente a objectos seguramente pertencente a atrelagem do cavalo, não considerando para o efeito, peças similares utilizadas na decoração de cinturões e noutro tipo de suportes (BISHOP; COULSTON 1988, 96-98). O nosso exemplar não se enquadra em nenhum dos tipos criados pelos autores, fazendo parte de um grupo de pingentes mais simples, como os em forma de gota ou de losangos que perduraram nas centúrias seguintes, como aqui se confirma pelo seu enquadramento estratigráfico (Ap. III da *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V). A interpretação da sua funcionalidade como pertencente a um arreio de cavalo deve-se, fundamentalmente, às circunstâncias do seu achamento que a relacionam directamente com a asa de freio em ferro encontrada no mesmo aposento (vol. II, est. CCXX, n.º 2). Proveniente de Conímbriga encontra-se publicado um exemplar morfologicamente próximo ao nosso, principalmente pela simplicidade das formas, pese embora a sua datação de época Flávia (ALARCÃO; PONTE 1979, 103-104, est. XXIII, n.º 104).

A peça n.º 5 (vol. II, est. CCI, n.º 5) é um botão destinado a reforçar a ornamentação da guarnição de cavalo. Possui uma "cabeça" em forma de disco plano, algo desgastado e fragmentado, com um anel semicircular na face anterior. De Conímbriga encontra-se publicado um botão semelhante, embora seja de prata e a sua cronologia incerta (ALARCÃO; PONTE 1979, 106 - 107, est. XXIII, n.º 126), enquanto o nosso provém de um estrato tardio (Ap. VIII, *Complexo Artesanal*, Fase V).

Equipamento militar

Apenas identificamos um exemplar enquadrável no grupo de instrumentos classificáveis como armas defensivas – n.º 7 (vol. II, est. CCI, n.º 7) –, que consiste num umbo de escudo. Á semelhança de outras peças que aqui apresentamos (n.º 19-21) desconhecemos por completo as condições do seu achamento e, naturalmente, o seu enquadramento estratigráfico.

Do ponto de vista tecnológico a peça foi elaborada a partir de uma única folha através de martelagem e estiramento. Apresenta uma planta trapezoidal. A parte central é esférica e encontra-se fragmentada no centro. As aletas laterais desenvolvem um perfil trapezoidal e possuem orifícios nos vértices para fixação com cravos ao escudo.

Os escudos laténicos datados do séc. III ao séc. I a.C. sofreram alterações morfológicas que se reflectiram na sua tipologia e datação. Ao contrário dos seus congéneres mediterrânicos e do noroeste da Península redondos ou curvos, o escudo laténico desenvolve uma morfologia elíptica com superfície plana, sustentada por uma nervura central saliente – *spina*. O alongamento do escudo e a aplicação do reforço implicaram a utilização do umbo como elemento de fixação da *spina* e reforço de toda a estrutura e, simultaneamente, de protecção da zona da empunhadura para protecção da mão. A partir do séc. III, com a generalização da sua utilização, a variação morfológica dos umbos permitiu fixar uma tipologia evolutiva com correspondência cronológica (RAPIN 1991, 325).

A sua classificação não levanta problemas uma vez que constitui um modelo tardio de Lá Tene II, muito vulgarizado, datável dos finais do séc. II, a meados do séc. I a.C., tendo recolhido opinião unânime dos autores que abordaram o seu estudo (ALMEIDA 1974, 15, est. I, n.º 3; SOEIRO 1981, 239-240, est. I, n.º 1; SILVA 1986, 205, est. XC, n.º 6).

Constitui uma peça única no noroeste peninsular e demarca-se claramente do tipo de escudos representados na estatuária castreja. Os paralelos provêem de ambientes funerários, nomeadamente de Ampurias (ALMAGRO 1953, 309-310, 319), da necrópole de Cabrera de Mataró (AGUILÓ 1939-40, 78), e da representação do relevo de Osuna (BELLIDO 1947, 238, 243). A estatuária revela também paralelos muito

expressivos deste tipo de objecto, referimo-nos em particular a uma estátua que representa um guerreiro gaulês armado de escudo de Mondragon (Vaucluse, Avignon),[964] datada do séc. I a.C.
Ao contrário da opinião de alguns autores (SILVA 1986, 181), que consideram a ausência de paralelos regionais como indicadores da escassez de relações célticas do noroeste Peninsular durante a segunda Idade do Ferro, julgamos ser mais plausível considerar a sua presença em Alvarelhos como resultante de contactos com áreas mais romanizadas a sul ou mesmo directamente com o exército romano (ALMEIDA 1974, 15; SOEIRO 1981, 240).

Lucernas

As lucernas de bronze figuravam entre os utensílios de luxo do quotidiano romano, tendo sido produzidas de forma abundante abarcando uma ampla gama de tendências artísticas e estilísticas, reflectindo, dessa forma, a fértil imaginação dos artesãos cujas temáticas expressas se adaptaram às idiossincrasias regionais do império, embora sejam numerosos os tipos que conheceram uma ampla expressão geográfica. O conjunto de lucernas em bronze, recolhidas em contexto arqueológico é composto por três exemplares, reflectindo uma presença significativa em relação ao número de exemplares conhecidos no convento bracaraugustano. Efectivamente, o acervo de lucernas em bronze, provenientes de estações arqueológicas do norte de Portugal é relativamente pobre e o seu estudo, ao contrário das lucernas cerâmicas, relativamente mais abundantes, encontra-se ainda pouco desenvolvido[965]. A sua relativa escassez tem vindo a ser explicada em função de dois aspectos fundamentais. O primeiro, relacionado com o seu elevado custo, quando comparado com o das lucernas de cerâmica e, o segundo, com o facto de, atendendo à natureza do seu suporte, terem sido reutilizadas através de refundição para a execução de outros objectos, uma vez danificadas (SEPÚLVEDA; SOUSA 2000, 35).
Do ponto de vista morfo-tipológico as lucernas de Alvarelhos podem distinguir-se em dois grupos atendendo à natureza das suas representações plásticas. O primeiro grupo é composto apenas pela lucerna n.º 8 (vol. II, est. CCII, n.º 8), que é desprovida de qualquer decoração e o segundo grupo, composto por duas lucernas integra-se no grupo das representações zoomórficas.
A lucerna n.º 8 é formada por um disco circular sobrelevado com orifício de alimentação irregular, sem canal. Volutas estilizadas demarcando e estrangulando o bico, que remata com um orifício oval que se encontra ligeiramente fragmentado. Fundo discóidal, plano, formado por um falso pé. A decoração é formada por motivos geométricos muito simples, constituída por um círculo concêntrico de pontos incisos no disco e pela mesma composição em toda a orla. A asa é uma pegadeira simples com nervura central na face anterior. Corresponde ao tipo Loeschcke XX, Valenza III, Pozo VI. É proveniente do pátio da *Domus da Lucerna Cristã*, estratigraficamente posicionada na Fase IV-V.
A peça n.º 9 (vol. II, est. CCII, n.º 9) é uma pega de lucerna cujo remate é emoldurado por um florão de três pétalas de onde emerge um prótomo de felino, provavelmente uma pantera. A representação do felino reveste-se de um assinalável realismo, perfeição formal e de proporção assinalável, encontrando-se inclusivamente representados os caninos. A pega de secção circular, maciça, desenvolve um arco semicircular revelando no seu extremo inferior uma alargamento de perfil convexo de adaptação à face anterior de uma lucerna de bronze onde estaria soldada. A moldura a partir da qual se desenvolve a representação felina é formada por um florão composto por quatro folhas que desenham um perfil curvo, compondo um enquadramento à cabeça do animal.

[964] Museu Calvet, Avignon (RAPIN 1991, 320).
[965] A sua relativa escassez, para além dos aspectos referidos, estará certamente relacionada com a falta de intervenções arqueológicas de carácter monográfico, de longa duração, e, naturalmente, com a publicação dos resultados, como já fizemos notar no estudos de outro tipo de materiais do mesmo horizonte cronológico (MOREIRA 1997, 50).

É proveniente do Ap. III da *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, da sua Fase IV-V, cuja cronologia reflecte uma longa pervivência deste tipo de materiais, considerando alguns autores uma produção tardia do séc. IV e inícios do séc. V, de um tipo característico do período alto-imperial.

Na bibliografia portuguesa da especialidade apenas se identifica um paralelo que integra a colecção do Museu Nacional de Arqueologia (n.º Inv.º 987.55.15), de proveniência desconhecida, que pertencia à antiga colecção de Barros de Sá (PINTO 2002, 252-253, est. 108). Trata-se de um exemplar morfologicamente muito próximo ao nosso cuja descrição em tudo é coincidente inclusivamente as dimensões que apresenta. Apesar da sua originalidade o acervo português encontra-se relativamente bem representado no mundo romano[966].

A lucerna n.º 10 (vol. II, est. CCIII, n.º 10) possui disco oval, rebaixado por orla de secção rectangular, marcado por volutas estilizadas e bico semicircular. Orifício de alimentação é recortado e possui uma configuração cordiforme. Orifício de iluminação circular está perfeitamente centrado no bico. O assentamento é feito a partir de um pé circular soldado ao *infundibulum*, de secção rectangular com base ligeiramente alargada e redobrada para o interior. Na face interna possui um círculo em relevo à volta de um ponto exciso. A pega sobrelevada é formada por haste semicircular, de secção trapezoidal, soldada junto ao *infundibulum*, desenvolvendo-se progressivamente para uma secção circular, orientada no sentido do orifício de alimentação. A haste, sensivelmente a meio, encontra-se soldada por um grampo de ferro que constitui um conserto muito posterior. O seu remate representa a cabeça de um cavalo de desenho pormenorizado e realista. A crina estilizada é representada por linhas incisas com orientação oblíqua estando todos os pormenores anatómicos da cabeça do cavalo bem representados e devidamente proporcionados. É proveniente do Ap. III da *Domus da Lucerna do Cavalo*, da sua Fase IV-V.

Estes dois exemplares fazem parte de um conjunto de lucernas muito características que alcançaram uma ampla difusão por todo o império. A sua origem parece estar relacionada com peças helenísticas em cerâmica datáveis do séc. I a.C., tendo sido, no entanto, apenas no decurso do séc. I que se produzem em metal, assumindo então características peculiares, alcançando o seu maior número de produção nos finais do séc. I - início do séc. II, não sendo no entanto de excluir uma produção mais tardia (FRANKEN 1998, 66-67).

Este tipo de lucernas, enquadráveis tipologicamente no tipo Loeschcke XX / Valenza III.I / Pozo VI, cujos principais rasgos morfológicos se definem pelo facto de possuírem um corpo alongado, ligado directamente no mesmo plano ao bico, que, invariavelmente, se apresenta em semicírculo, após um ligeiro estrangulamento, pronunciado por volutas estilizadas e por um orifício de alimentação em forma de lágrima ou lanceolado, com asas altas e curvas, decoradas com figuras de deuses, mascaras de teatro e animais, são, durante a segunda metade do séc. I, e primeiro quartel do séc. II, das mais comercializadas por todo o império.

As asas figurativas, além de evidenciarem faces humanas[967], cabeças, bustos de deuses e máscaras de teatro, registam também uma larga gama de representações zoomórficas, onde se incluem, leões, panteras, cavalos, galos, patos, gansos, golfinhos e grifos.

---

[966] Entre os exemplares conhecidos de várias proveniências do Império conhecem-se exemplares nas principais colecções do mediterrâneo central e oriental. Entre outros destacam-se os exemplares em depósito no Museu de Rabat (BOUBE-PICOT 1975, 205, 273, pl. 105, n.º 4; 283, 481, pl. 213, n.º 1), os exemplares provenientes de Herculano e Pompeia (ROUX; BARRÉ 1840, 4, 55), e de Atenas (PERLZWEIG 1961, 200, pl. XLVIII, n.º 2945).

[967] São frequentes os exemplares nos quais a decoração da asa consiste num rosto rodeado de uma cabeleira coroada por um diadema ou "chapéu" curvilíneo, com estrias verticais paralelas e volutas nos extremos, onde descem três tranças onduladas. Este tipo de lucernas regista uma difusão que cobriu todo o império e têm vindo a ser interpretadas como uma representação de máscara de tragédia ou, inclusivamente, como uma personificação da sua musa, Melpómene. São vários os exemplares publicados na área peninsular. Veja-se, por exemplo, a lucerna proveniente de Lancia, Villasabariego, de León (MORENO 1925-26, 50, l. 10; TAFALLA 1993, 58-59, n.º 28). Provenientes de Itália são conhecidos inúmeros exemplares que permitiram inclusivamente subdividir tipologicamente a forma (VALENZA 1981, 91-118).

A Lucerna de Filloedo[968] (VALVERDE; ALÉN 1959, 178; CASTROVIEJO 1992, 67)[969] possui também um disco oval rebaixado por uma orla de secção rectangular, marcado por volutas estilizadas. À semelhança do nosso exemplar possui um fundo plano, discóidal, em falso pé. Aqui os orifícios de alimentação e iluminação são ambos circulares. A asa é formada por uma haste semicircular, soldada ao *infundibulum* e rematada com a cabeça de um cisne, que possui no pescoço uma ligeira moldura formada por dois anéis.
Um exemplar tipologicamente idêntico ao nosso é proveniente da Quinta de S. Gião, Torres Vedras, que os autores classificam como pertencente ao tipo XX de Loeschcke / Valenza III.I / Pozo VI, atribuindo-lhe uma cronologia correspondente à segunda metade do séc. I e aos primeiros decénios do séc. II (SEPÚLVEDA; SOUSA 2000, 64-65, n.º 16)[970]. Merece ainda destaque pela similitude morfológica, a lucerna de asa equiniforme proveniente de Mata, Pavia, Mora (PINTO 2002, 249, 250, est. 106-107)[971]. Embora tipologicamente este exemplar se vincule com as lucernas paleocristãs, às quais corresponde uma cronologia tardo-romana, a composição da asa, pelo paralelismo evidenciado, designadamente no remate em prótomo de equino, que se representa com grande vigor e realismo é provável que os exemplares mais antigos, de alguma forma possam ter inspirado os modelos tardios.

Na área meridional do Convento Bracaraugustano são em número muito reduzido os exemplares de lucernas em bronze publicadas ou em depósito de museus, contudo, merece referência a lucerna identificada no sítio arqueológico de Perrelos, Delães, Vila Nova de Famalicão, que integra o conjunto de lucerna figurativas, neste caso com um *infundibulum* em forma de cabeça de bacante, envolvida por folhagens e corimbos que, à semelhança do nosso exemplar, é proveniente de um enquadramento crono-estratigráfico datável do séc. IV, correspondendo, obviamente, a uma pervivência de longa duração (SILVA; OLIVEIRA; MACHADO 2007, 198-199, n.º 74).

Vasilhame metálico
Elementos de sítula

Dentro do apartado da utensilagem metálica as sítulas ocupam um lugar relevante, dado os quantitativos identificados. A par de um conjunto de vasilhame metálico muito variado, onde se encontram pratos, bacias, jarros, passadores, caçarolas e conchas com usos específicos dentro das actividades culinárias as sítulas destinavam-se essencialmente ao transporte e aquecimento de água. Este tipo de objectos feitos a partir de finas chapas de bronze encontram-se geralmente em estado muito fragmentário, sendo frequentemente achados apenas pequenos fragmentos ou os elementos de adorno fundidos como é o caso das armelas, os cabos das páteras, conchas, bocais dos jarros, ou mesmo as asas das sítulas. Por este facto são poucos os exemplares em Portugal que permitem uma reconstituição total da sua forma. No entanto, são conhecidos alguns exemplares que permitem conhecer as formas mais abundantes, assim como, a sua técnica de fabrico. Entre outros conhecem-se os materiais provenientes da Mina do Fojo das Pombas, Valongo (CASTRO 1962) do poço dos Namorados, Fundão (MARQUES 1969, 65-83), da Flor da Rosa, Crato (ISIDORO

[968] Museo de Pontevedra.
[969] Não se menciona o número de página, número de fotografia e referência bibliográfica referente à peça pelo facto de estes elementos não constarem na publicação (TORRES; VILAS; MAÑANES; BALIL; CASTROVIEJO; VARELA; FREIXEIRO; DÍAZ 1992).
[970] À semelhança do nosso exemplar possui um recorte simétrico e bem proporcionado. Apresenta disco oval, rebaixado por orla escalonada de recorte rectangular, marcado por volutas estilizadas e bico semicircular. Orifício de alimentação é em forma de lágrima ou lanceolado. Orifício de iluminação circular perfeitamente centrado no bico. O assentamento é feito a partir de um pé circular soldado ao *infundibulum*, de secção rectangular com base ligeiramente alargada e redobrada para o interior. Na face interna possui um círculo em relevo à volta de um ponto exciso. A pega sobrelevada, soldada ao corpo, de secção oval, encontra-se fragmentada ao nível do arranque (SEPÚLVEDA; SOUSA 2000, 64-65, n.º 16).
[971] O objecto encontra-se em depósito no MNA, n.º Inv.º 17.862. Como bibliografia de referência veja-se; VASCONCELOS 1915, 32; 1924, 35, fig. 8; CORREIA 1928, 288; MATOS 1966, 262-262; FREITAS 1987, 167; PINTO 2002, 249, 250, est. 106-107.

1976), do Castro de Guifões, Matosinhos (SANTOS 1995/96, 20-22)[972]. Dos exemplares publicados morfologicamente podem individualizar-se três tipos. O primeiro, inclui os vasos de forma bitronco-cónica, com carena baixa bem vincada, fundo plano e bordo em aba curta horizontal ou ligeiramente descaída. Este tipo é elaborado a partir de uma única folha de bronze através de martelagem e a suspensão far-se-ia através de armelas fundidas e rebitadas no vaso. Neste tipo incluir-se-ia a sítula proveniente de Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 158-159, est. XXXVII, n.º 31), e a sítula n.º 3 do Poço dos Namorados, Fundão (MARQUES 1969, 73-74, est. IV, n.º 3). O segundo tipo, a que pertence o vaso 2 do Poço dos Namorados (MARQUES 1969, 73, est. IV, n.º 2), morfologicamente caracteriza-se pela sua forma cilíndrica com fundo côncavo, bordo em aba curta, oblíqua, asas prismáticas repuxadas com orifício central. Este tipo implicaria, obrigatoriamente um pé de assentamento que poderia ser em forma de anel ou tipo Boester 113 / 114, como parece ser o caso (MARQUES 1969, 76-77, est. VIII, n.º 4). O terceiro grupo integra os vasos provenientes do Fojo das Pombas, Valongo (CASTRO 1961, 431-438), e Castro de Guifões, Matosinhos (SANTOS 1995/96, 20-22). Este tipo possui um perfil ovalado com fundo arredondado e bordo formado por uma aba curta, levemente soerguida com lábio oblíquo. A sua técnica de fabrico é substancialmente diferente da anterior, uma vez que a peça é composta por duas ou três folhas de bronze unidas por rebites ou por costura através de uma fita. A parte superior, que ocupa cerca de dois terços da peça apresenta uma costura vertical formando um cone que une com a parte anterior através de uma costura horizontal. O processo de modelação das folhas é também feito através de martelagem.

Os fragmentos de sítula recolhidos nas intervenções em Alvarelhos correspondem todos eles às costuras das chapas que formariam as sítulas que, tipologicamente, se enquadrariam neste terceiro e último tipo. As cinco peças apresentadas correspondem a diferentes proveniências e, consequentemente, a diferentes recipientes. Optamos por apresentar apenas estes tipos de elementos de forma a poder apreciar as diferentes técnicas de união das chapas. Assim, os exemplares n.º 12, 14 e 15 (vol. II, est. CCIV, n.º 12, 14-15), fazem parte de um tipo específico de técnica de união das chapas que era formada por rebites em bronze martelados e espalmados no interior. Os exemplares n.º 11 e 13 (vol. II, est. CCIII, n.º 11; est. CCIV, n.º 13) apresentam uma solução distinta. A costura é feita através de uma "cozedura" elaborada com uma fina chapa em ferro. A solução implicaria a execução dos orifícios de forma a condizerem entre as duas chapas para, posteriormente, introduzir a fita de fero alternando pelo interior e exterior. O acabamento far-se-ia primeiro por martelagem, para de seguida se efectuar um banho de forma a isolar a parte de ferro e a estancar a união.

Efectuamos uma observação ao microscópio óptico às peças n.º 11, 14 e 15. Os dois primeiros revelaram uma amostra de bronze, com uma percentagem de estanho de 7% e 4% respectivamente, e uma percentagem muito baixa de chumbo, quando comparadas com outro tipo de objectos, na ordem dos 2% e 1%, respectivamente. A peça n.º 15 é uma amostra de latão com elevada percentagem de zinco (16%), e também de chumbo (5 %).

Cronologicamente, todos os exemplares se enquadram na Fase IV-V, a que cronologicamente também corresponde a sítula de Guifões, Matosinhos.

Armelas

As armelas ou mascarões, conforme são recorrentemente designados os elementos de suspensão das asas dos vasos metálicos decorados com rostos providos de um anel na face superior, são pequenos apliques em bronze para suspensão das asas com particularidades decorativas próprias, que assumem diferentes formas de acordo com a capacidade artística do executante e as características e dimensões dos

[972] Publicação póstuma em *MATESINUS* - Revista de Arqueologia, História e Património de Matosinhos - n.º 1/2, 1995/96, pp. 20-22, dir. Joel Cleto.

recipientes em que eram aplicados. São peças elaboradas por fundição em molde bivalve, usualmente em argila, que conheceram uma ampla distribuição geográfica no território nacional. No espaço geográfico português o seu estudo mereceu a atenção de Manuela Delgado, cuja tipologia produzida nos anos setenta (DELGADO 1970, 15-41), foi regularmente utilizada como referência até ao início da nova centúria, momento em que um novo ensaio tipológico, elaborado com um número significativamente maior de peças e de distribuição mais ampla é dado à estampa (PINTO 2002, 75-84)[973].

São seis os exemplares identificados – n.º 22 a 27 (vol. II, est. CCVIII, n.º 22-27) –, provenientes das áreas intervencionadas e todas elas com enquadramento crono-estratigráfico na Fase IV-V.

Os exemplares n.º 22 e 24 correspondem ao Tipo I das armelas figurativas de Manuela Delgado (DELGADO 1970, 17, est. I, 1 a 8), e Tipo XIII A da tipologia de Nunes Pinto (PINTO 2002, 80). São peças genericamente descritas como de fabrico grosseiro e trabalho tosco. O processo de moldagem é elaborado através de moldes bivalves com retoque final para eliminação de rebarbas.

A título descritivo decompõem-se em três partes fundamentais; espelho, olhal e travessão.

Os nossos exemplares possuem espelho decorado com rosto ligeiramente ovalado cercado por uma coroa raiada. O travessão, em meia cana é composto por duas molduras decoradas por incisões verticais de perfil em V e é rematado nas extremidades por duas protuberâncias ovaladas. O rosto é trabalhado de forma grosseira representando um sátiro.

Este tipo de armela é particularmente abundante no norte de Portugal em contextos do baixo-império, embora a cronologia muitas vezes sugerida por analogia seja pouco precisa. Encontram-se publicados exemplares provenientes do castro de Fiães, Vila da Feira (ALMEIDA; SANTOS 1972, 13, est. II, n.º 2 e 3), sendo menos frequentes na região sul do país[974], assim como, na área de Espanha, com raras excepções conhecidas, nomeadamente as da estação ibero-romana de La Bienvenida, Ciudad Real (AURRECOECHEA; OCHOA; KLINK 1986, 268, est. V, n.º 2-4).

Os nossos exemplares são provenientes de um contexto habitacional, concretamente da *Domus do Tesouro*, de um horizonte estratigráfico da Fase IV-V. Com claras semelhanças com os nossos exemplares são conhecidas várias peças (ALARCÃO; PONTE 1979,155-156,158, est. XXXIX, n.º 34).

As peças n.º 23, 25 e 26 enquadram-se tipologicamente no tipo IV do grupo A de Manuela Delgado (DELGADO 1970, 25, est. II, 5 a 13),[975] sendo o exemplar mais próximo do n.º 23 o n.º 6 e dos restantes o n.º 8. O primeiro poder-se-ia mencionar de feições realistas. Possuem um formato triangular e ausência de travessão. O espelho é decorado por um rosto muito vincado, com bigode inscrito num polígono formado pela barba e pela franja de cabelos sobre a fronte enquadrando-se no tipo III B da tipologia de Nunes Pinto (PINTO 2002, 78). Os exemplares n.º 25 e 26 integram o mesmo grupo mas no tipo II de Manuela Delgado que corresponde a uma máscara de feições esquematizadas e ao tipo Tipo III A e B respectivamente da tipologia de Nunes Pinto (PINTO 2002, 78). Estes exemplares tem um formato ovalado e apenas no primeiro surgem definidos os olhos e a boca enquadrados pela representação da barba em forma de meia-lua com cabelo estilizado por linhas horizontais. O segundo, é completamente estilizado, tendo apenas representada em toda a sua orla nervuras transversais que simulam a barba.

[973] A tipologia proposta por Nunes Pinto estrutura-se em treze tipos, alguns deles com subtipos, cuja subdivisão se baseia na composição decorativa do espelho e no aspecto formal do disco e do travessão (PINTO 2002, 77).

[974] Apesar de serem relativamente menos frequentes conhecem-se inúmeras peças, tanto provenientes de ambientes habitacionais como funerários. A propósito veja-se os objectos referenciados no quadro tipológico de Manuela Delgado (DELGADO 1970, 42-43), e variadíssimos outros como, por exemplo, o proveniente de São Estêvão de Alenquer, Paredes (PEREIRA 1970, 66, est. IV, n.º 31), os seis exemplares provenientes de Terrugem, Elvas (DEUS; LOURO; VIANA 1955, 572, est. III, n.º 19-24), e os três exemplares Tipo I, provenientes de das minas de Aljustrel (VIANA; ANDRADE; FERREIRA 1954, 10, est. V, n.º 13-16).

[975] Manuela Delgado cria três grandes divisões (Grupo A, B, C), que, por sua vez, se subdividem em tipos - I a VI para o grupo A; grupo B sem qualquer grupo; grupo C com três tipos distintos I a III.

Todos os exemplares são provenientes da Área Habitacional Sudeste, sendo, portanto, provenientes de áreas habitacionais. O seu contexto estratigráfico remete para a Fase IV-V, podendo, eventualmente, considerar-se como reutilizados os exemplares n.º 25 e 26 que revelam a existência de cravos em ferro sobre as respectivas máscaras. Exemplares semelhantes aos aqui apresentados e enquadrados, genericamente no tipo IV da tipologia referida, são abundantes no norte e centro de Portugal. De Conímbriga o exemplar n.º 39, com claras semelhanças com o nosso n.º 25 revela o mesmo ambiente crono-estratigráfico (ALARCÃO; PONTE 1979,15-156, 158, est. XXXIX, n.º 35). Um outro paralelo identifica-se no castro de Guifões, Matosinhos, também proveniente de um ambiente tardio. Este exemplar encontra-se em excelente estado de conservação, mantendo ainda toda a sítula onde se encontra implantado, constituindo um dos raros exemplares completos conhecidos no norte de Portugal (SANTOS 1995/96, 20).
O nosso exemplar n.º 27 enquadra-se no grupo A, tipo I, da tipologia já citada (DELGADO 1970, 28, est. III, 1 a 3). Trata-se de uma armela não figurativa fundida em molde e soldada. Possui a face anterior facetada, terminando num botão esférico. O travessão horizontal é formado por duas molduras. O exemplar encontra-se em excelente estado de conservação. É proveniente da *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, Fase IV-V, sendo, portanto, contemporâneo dos restantes exemplares aqui apresentados.
Por último, ligeiramente desfasado deste conjunto, identifica-se uma pequena asa, que configura um elemento de suspensão de um balde de formato rectangular com orifício de suspensão, ao qual estaria soldado. Pela sua dimensão terá pertencido a um recipiente de pequenas dimensões.

Por último, a asa n.º 27(1) (vol. II, est. CCVIII, n.º 27(1)), consiste num aplique de suspensão de um recipiente metálico, neste caso, provavelmente de um balde, ao qual estaria soldada. É constituída por uma pequena chapa de formato rectangular, recortada, com arestas arredondadas ligeiramente reviradas para o interior. O orifício de suspensão encontra-se centrado e apresenta um recorte oval, revelando desgaste de utilização na face superior. A área inferior de ligação ao recipiente no qual estaria soldado encontra-se projectada para o exterior, evidenciando um recipiente de perfil tronco-cónico. É proveniente da Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*.

Pés

Foi apenas recolhido um exemplar de pé de sítula, n.º 28 (vol. II, est. CCIX, n.º 28). Manuela Delgado classifica-o como Tipo VI (DELGADO 1970, 28, est. V, 14). É formado por um aro circular assente sobre suportes rectangulares dispostos transversalmente. O nosso exemplar encontra-se fragmentado sensivelmente pela metade, cuja reconstituição permitiria adiantar que na sua forma completa teria quatro pés de suporte equidistantes cerca de 8/9 cm. Conserva ainda alguns vestígios de solda que o ligaria à sítula. É proveniente da Fase IV-V, da *Domus do Tesouro*. De Conímbriga são publicados cinco exemplares idênticos com particular destaque para o n.º 59 (ALARCÃO; PONTE 1979, 156, 160, est. XL, n.º 58-61).

Asas

Apenas registamos dois exemplares, n.º 19 e 20 (vol. II, est. CCV, n.º 19-20). As peças foram recolhidas em 1952 juntamente com uma estatueta também de bronze, n.º 21 (vol. II, est. CCVI-CCVII, n.º 21-21a), desconhecendo-se o contexto estratigráfico e, naturalmente, a cronologia relativa que este pudesse eventualmente proporcionar. Morfologicamente, as peças são idênticas indiciando que constituem um par para aplicar ao mesmo recipiente. São formadas por uma folha de bronze curvada, em forma de cilindro, com as abas dobradas e batidas, com a face interior aberta de recorte desigual sobrepondo-se uma à outra. No interior possuem um cilindro maciço de chumbo, que não adere à folha de bronze com dois orifícios

cónicos nas extremidades para articulação da asa. A asa, que apenas uma das peças conserva, n.º 20, é maciça de secção quadrangular e formato oval com adelgaçamento progressivo para a extremidade onde remata de forma pontiaguda introduzindo-se nos orifícios do cilindro de chumbo.
Teresa Soeiro, que pela primeira vez publicou estas peças (SOEIRO 1981, 237-243), não indica qualquer paralelo, lacuna que também não nos foi possível colmatar. Quanto à sua função seguimos a opinião da autora que sugere pertencerem a uma vasilha metálica, possivelmente uma bacia baixa e aberta. Como modelos aproximados aponta as formas apresentadas por Eggers (EGGERS 1951, n.º 91, 92), e Boesterd (BOERSTED 1956, n.º 154), que nos parece apropriado, salvaguardando a diferente da qualidade das peças, que deverão ser consideradas como de fabrico local inspirados em modelos forâneos.

Pratos

Proveniente da Área Habitacional Sudeste da *Domus da Colher de Prata*, no que respeita à sua fase de ocupação tardo-romana, (Fase IV-V), recolhemos um fragmento de bordo e arranque de parede de um prato de grandes dimensões, n.º 16 (vol. II, est. CCIV, n.º 16) tipo Boester 91-92 (BOESTER, 1956, 91-92). O bordo é formado por uma aba horizontal com lábio ligeiramente espessado e perpendicular à parede. O arranque da parede, ligeiramente reentrante, desenha um perfil tronco-cónico que, normalmente, neste tipo de pratos remata com um fundo plano sem pés. Conhece-se um paralelo de Conímbriga, morfologicamente idêntico ao nosso, embora sem referência cronológica (ALARCÃO; PONTE 1979, 154, 157, est. XXXVII, n.º 17).

Caçarolas

As caçarolas e os passadores[976] constituem achados frequentes em áreas habitacionais e fazem parte integrante da ampla gama de utensilagem metálica de cozinha. Recolhemos apenas um exemplar de caçarola no Ap. II, da *Domus do Tesouro* que se encontrava muito fragmentado e do qual apenas é possível apreciar a asa, que ainda conserva parte do bordo, arranque da parede e um fragmento de fundo. Constitui uma forma não identificável na tipologia de Boester ou na de Eggers. A nossa peça n.º 32 (vol. II, est. CCX, n.º 32), revela uma morfologia idêntica[977] ao exemplar n.º 21 de Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 155, 157, est. XXXVIII, n.º 21), cuja referência cronológica se aproxima ao nosso exemplar uma vez que foi recolhida num estrato de destruição da ocupação bárbara e o nosso exemplar provém da Fase V.
Um paralelo, morfologicamente mais próximo, encontra-se na *villa* tardo-romana de Juan de la Cruz (Pinto, Madrid), cujo desenho do cabo apresenta, à semelhança do nosso, um desenvolvimento triangular junto à ligação com o recipiente (CABRERA; OVEJERO; GONZÁLEZ; PABLOS; COBO; BAZTÁN; VÁZQUEZ 2001, 186, lám. LXXII, n.º 641).

Garrafas

A garrafa – n.º 29 (vol. II, est. CCIX, n.º 29) –, recolhida na *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, constitui o único exemplar do género recolhido em Alvarelhos, para o qual não encontramos qualquer paralelo na região. Trata-se de uma garrafa de perfil cilíndrico de bordo simples, vertical, precedido por um ressalto, em forma de gola. O lábio, de secção arredondada, é ligeiramente extrovertido formando um ângulo de 45º com o gargalo. O corpo, elaborado a partir de apenas uma folha de bronze, remata no fundo onde é unida á base

[976] O termo passador é vulgarmente utilizado para designar este tipo de peça, assim como, o termo – coador.
[977] Os pequenos pormenores que as diferenciam são elementos menores, nomeadamente o orifício para suspensão, que o nosso exemplar se apresenta no remate da asa, assim como os elementos decorativos compostos por duas linhas incisas paralelas no cabo do exemplar de Conímbriga que o nosso não regista.

através de rebites, formando um falso pé. A folha que forma o fundo encontra-se ligeiramente dobrada para o exterior de forma a constituir uma união estanque. Do conjunto de peças provenientes de Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 154, 156-157, est. XXXVII, n.º 15-16), e das necrópoles do Douro (SALLELAS1970, fig. 11), nenhuma se aproxima tipologicamente do nosso exemplar, mas admitimos a mesma filiação tipológica, uma vez que apresentam técnicas semelhantes e se associam a uma panóplia de objectos metálicos de tipologia semelhante[978].

Jarros

Encontram-se apenas representados por dois exemplares de tampas – n.º 30-31 (vol. II, est. CCIX, n.º 30-31) –, de jarros de bico alongado, de recorte periforme, com boca circular e asa em forma de S. São peças pertencentes a jarros tipo Boester 257-258 (BOESTER 1956, 70-71, n.º 257-258), ou Eggers 128 (EGGERS 1951, 1951, 171), elaborados a partir uma só peça que rematam numa embocadura reforçada em forma de bico espalmado.

Designados por *lagoena*, os jarros trilobados eram peças de mesa destinados a servir água ou vinho (HILGERS 1969, 230), constituindo um tipo de forma muito difundida nas províncias romanas, mas cujo estudo e respectivo enquadramento cronológico se encontra muito incompleto. O estudo evolutivo da peça, elaborado por B. Raev considera dois grupos cronológicos distintos. Ao primeiro, cronologicamente mais antigo, de filiação ao sul de Itália, com inúmeros paralelos do centro e sul da Europa corresponderia uma datação de inícios do séc. I. O segundo grupo, a que corresponde o tipo Eggers 128 e a variante 128 a, considera pertencerem os jarros tipo Straldza (Bulgária), com proposta de datação para o séc. II-III, (RAEV 1977, 616, 632-634).

No entanto, como considerou Adília Alarcão num estudo recente (ALARCÃO 1996, 26), desde o início da sua produção até aos exemplares mais tardios o jarro conheceu inúmeras variações na sua morfologia.

Os exemplares publicados são relativamente escassos e muito incompletos revelando importantes variações formais, a que, consequentemente, correspondem variações cronológicas e diferentes origens. Os três vasos identificados no cabo Higer evidenciaram ligas de cobre, estanho e chumbo, com teores destes últimos elementos na ordem de 8 e 10%, respectivamente. As ligas dos jarros de Higer revelam percentagens em estanho particularmente baixas (1, 645%, 6,303% e 6,786%), normais de chumbo (11,167%, 19, 25% e 14,27%), de estanho (0, 242% e 2,249 %), e de cobre na ordem (97,71% e 89, 77%). Adília Alarcão, apesar de não conhecer a composição da liga metálica dos jarros de Conímbriga, atendendo à dureza do material e à cor da superfície, considera-os como semelhantes aos jarros de Higer, incluindo as percentagens de ferro (1,192 % e 3,905 %), aceitando, implicitamente, o mesmo local de origem para a sua produção, que o autor admite ser da região mineira de Irun, cuja cronologia fixa no séc. II-III, em função da morfologia dos bocais e asa (URTEAGA 1986, 120).

O n.º 12 de Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 154, est. XXXVII, n.º 12), mais completo que o nosso exemplar, ilustra bem a forma de funcionamento das tampas que apresentamos, cuja base de encaixe serve praticamente de negativo para o seu assentamento. As análises por espectrometria de raio X do nosso exemplar n.º 30 revelam uma estrutura típica com glóbulos de chumbo segregados nas seguintes

[978] O estudo dos exemplares de Conímbriga não apresenta qualquer referência tipológica, assim como não menciona qualquer paralelo, e, com base na falta de apoio estratigráfico as autoras chegam mesmo a questionar a sua atribuição à época romana (ALARCÃO; PONTE 1979, 154). Dificuldade semelhante é sentida por Caballero Zoreda no estudo dos materiais provenientes de Fuentespreadas, nomeadamente a garrafa proveniente da sepultura n.º 1 (ZOREDA 1974, 138-139, fig. 35, n.º 2). No entanto, morfologicamente, tratam-se de garrafas muito semelhantes, cuja cronologia se define a partir da necrópole de Zamora, e que, como já observamos, todo o conjunto de material revela características tipológicas e estilísticas com o espólio metálico da área meridional do convento bracaraugustano e área setentrional da Lusitânia. A nossa garrafa é resultado do mesmo ambiente de influências e enquadrar-se-á num conjunto de materiais ainda mal estudado, que correspondem genericamente ao séc. IV – primeira metade do séc. V.

percentagens; Cobre 79,73%, Estanho 8%, Ferro 0,8%, e Chumbo 11%, que a demarca claramente da composição das ligas dos jarros de Higer, nomeadamente nas percentagens de estanho e cobre. Por sua vez a proximidade percentual dos componentes com os resíduos de fundição, identificados na estação (n.º 1, 2, 3), levam-nos a supor uma fabricação local inspirada nos modelos provinciais do séc. III, embora o seu contexto estratigráfico (n.º 30 corte est. 8, camada 3 / Fase V; n.º 31, corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V), permita atribuir uma cronologia entre o final do séc. IV e o início do séc. V.
Outros exemplares do mesmo tipo publicados em Portugal, com claras semelhanças com os nossos, são provenientes no complexo mineiro de Valongo, especificamente do Fojo das Pombas, Penafiel (CASTRO 1962, 166-176), da Quinta das Alagoas, Benquerença, Penamacor (BENTO 1989, 432, fig. 8), e ainda do Cabeço de Vaiamonte, em Monforte (ALARCÃO 1996, 28, fig. 5, n.º 21).

Objectos de adorno
Alfinetes

Os alfinetes em época romana designados por *acus* tinham diversas funções de uso pessoal, nomeadamente para fixar peças de vestuário, ou, mais frequentemente, para fixar penteados e/ou como peça de adorno, designando-se então por *acus crinalis* ou *comatoria*. Foram fabricados em inúmeros suportes como osso, madeira, marfim, bronze, cobre, ferro e metais preciosos.
Geralmente frequentes em ambientes habitacionais ou espaços funerários no noroeste, por contradição são referenciados na bibliografia de forma episódica e pouco detalhada, sendo de momento difícil dispor de um conjunto de paralelos que permita aferir cronologias ou definir características morfológicas e estilísticas predominantes.
Um primeiro ensaio tipológico foi elaborado por Elsa França a propósito dos alfinetes de Conímbriga encontrados em escavações anteriores a 1962 (FRANÇA 1968, 68-96), constituindo a partir desse momento a referência mais frequentes para os achados deste tipo.
Os materiais provenientes de Alvarelhos não são abundantes mas documentam um tipo de objecto de adorno que importa considerar. Identificamos seis peças, todas elas fabricadas em bronze.
O alfinete de toucado n.º 34 (vol. II, est. CCX, n.º 34), tipologicamente enquadra-se no tipo 136/137 de Beckmann, ou Grupo B tipo X de Elsa França (BECKMANN 1966, 39, est. 4, n.º 136-137; FRANÇA 1968, 71). O nosso exemplar apresenta uma cabeça em forma de espátula com três perfurações para suspensão de anéis que sustinham os pendeloques. Em Conímbriga identificam-se alguns exemplares tipologicamente afins, com o mesmo horizonte cronológico, nomeadamente os exemplares n.º 139-142, que são datados com o apoio da cronologia estabelecida na tipologia de Beckmann do séc. I ao III (ALARCÃO; PONTE 1979, 130, est. XXX, 139-142). O nosso exemplar é proveniente da Fase IV-V do Ap. III da *Domus do Tesouro*, claramente com uma cronologia posterior à apresentada por Beckmann.
O alfinete n.º 38 (vol. II, est. CCX, n.º 38), de cabeça esférica, pertence ao tipo Beckmann 48 (BECKMANN 1966, 23, est. 2, n.º 48), datado pelo autor do séc. I e primeira metade do séc. II. Proveniente de Conímbriga, da esplanada das termas datadas da época de Trajano identifica-se um paralelo (ALARCÃO; PONTE 1976, 129, 132, est. XXX, n.º 129). Elsa França enquadra este tipo de alfinetes no Grupo A, tipo V (cabeça esférica), datando um exemplar idêntico ao nosso de finais do séc. II (FRANÇA 1968, 87, est. II, n.º 106), por analogia de um exemplar proveniente de Strasbourg (HATT 1953, 237, fig. 9, n.º 26). O nosso exemplar procede da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Golfinho* e revela uma cronologia substancialmente diferente, correspondendo ao séc. IV-V[979].

[979] Em Monte Mozinho, Penafiel, proveniente do Sector A, encontramos um exemplar morfologicamente idêntico ao nosso, cuja cronologia não é segura embora os materiais associados o remetam para uma cronologia tardo-romana (SOEIRO 1984, 201, fig. XCIV, n.º 3).

Os fragmentos de alfinete n.º 35, 36, 37, não ilustrados, não permitem qualquer tipo de classificação.

Peças de vestuário

Fíbulas anulares

A fíbula n.º 40 (vol. II, est. CCXI, n.º 40) pertence ao tipo B2 de Fowler (FOWLER 1960, 51), Ponte B51. 2A (PONTE 2004, 213, Q. 1f). Forma um aro circular com extremidades horizontais decoradas com três anéis. O fusilhão, de secção arredondada, remata de forma circular. A cronologia sugerida pela autora da tipologia integra o séc. I. No entanto, existem elementos estratigráficos de Sallburg e Zugmantel que permitem enquadrar este tipo de fíbulas no séc. II e primeira metade do séc. III (BOHME 1972, 1216-1219, est. 31)[980]. Os exemplares publicados provenientes de Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 120, est. XVII, n.º 68-69) provêm ambos de época Flaviana, assim como a fíbula procedente da necrópole de Gondomil, Valença (ALMEIDA; ABREU 1987, 215, est. XVI, n.º 6). O nosso exemplar é proveniente da Fase III do Ap. I da *Domus da Colher de Prata*, datado de época Flaviana, sendo consistente com as demais peças referenciadas estratigraficamente, nomeadamente as provenientes de Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1984, 263, est. CXXXIV, n.º 7).
Salete Ponte classifica este tipo de fíbula anular como tipo Ponte B51.2a atribuindo-lhe uma cronologia compreendida entre o séc. I e o séc. IV (PONTE 2004, 213, Q. 1f)[981].
A fíbula anular n.º 47 (vol. II, est. CCXI, n.º 47), não permite uma reconstituição integral. A secção do aro de forma prismática aproxima-a a um exemplar proveniente de Conímbriga classificado como tipo D de Fowler datado tipologicamente do final do séc. I a.C. ao final do séc. I, mas que ali, surgem em época Flávia (ALARCÃO; PONTE 1979, 121, est. XXVIII, 71-72). O nosso exemplar provém do Ap. X do Complexo Artesanal, de um estrato sem consistência cronológica.
A peça n.º 39 (vol. II, est. CCX, n.º 39), encontra-se fragmentada e muito degradada não conservando os extremos. O aro possui secção circular levemente mais espessado na parte superior. É com reservas que a classificamos como fíbula anular, sobretudo se considerarmos o seu contexto arqueológico. É proveniente da *Domus do Tesouro*, correspondendo a ocupação relativa à Fase IV-V.

Fíbulas tipo "Sabroso "

Assume a designação a partir da estação epónima onde se recolheram cerca de 10 exemplares (FORTES 1905/08, 18, fig. 19). É tida como uma produção indígena de influência post-hallstática, introduzida na área castreja a partir do séc. V a.C.. A sua cronologia parece reportar a pervivências de meados do séc. I a.C. a meados do séc. I[982] (SILVA 1986, 189). A fíbula n.º 41 (vol. II, est. CCXI, n.º 41), enquadra o tipo Sabroso A. O nosso exemplar possui um arco de secção plano-convexa e o apêndice caudal é dobrado em ângulo obtuso em relação ao pé. Possui gola e remata num largo disco.
Este tipo de fíbula, com uma larga área de dispersão na península, revela uma elevada concentração na área castreja do noroeste, encontrando-se identificada em mais de uma dezena de castros[983] (PONTE 1980,

[980] Esta é a cronologia normalmente adoptada para a classificação deste tipo de fíbulas sem enquadramento estratigráfico, como se verifica nos materiais de Conímbriga provenientes de escavações anteriores a 1962 (PONTE 1973, 32, est. XI-XIII n.º 56-72).
[981] A autora enquadra a difusão deste tipo de fíbula no quadro do intenso tráfego comercial entre a Hispânia e as demais comunidades extra peninsulares sobre o domínio romano (PONTE 2004, 213).
[982] As fíbulas tipo Sabroso e Santa Luzia revelam importantes influências continentais, designadamente de grupos celto-germânicos da área do Reno que, no período Halstatt D, no séc. VI a.C., invadem a zona da actual França (PONTE 1995, 85-86).
[983] Entre outros – Sabroso, Briteiros, Guimarães; Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira; Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim; Castro de Monte Padrão, Santo Tirso; Castro de Vilar de Mouros Caminha; Castro de Belinho, Esposende; Monte Redondo, Guisande, Braga; Cividade de Bagunte, Vila do Conde; São Estêvão, Vila do Conde; Castelo de Guifões, Matosinhos; Castro do Gove, Baião; Citânia de Santa Tecla, La Guardia (Silva 1986, 188; PONTE 1980, 116-117, fig. 2). Refira-se ainda a ocorrência identificada no castro da Bóca, Vale de S. Cosme, Vila Nova de Famalicão (SILVA; OLIVEIRA; MACHADO 2007, 172-173).

116-117, fig. 2; SILVA 1986, 188, Gráfico 5; est. CI, n.º 3-14), que possibilitou a alguns autores interpretarem tal facto, como sinal de estarmos em face a um centro produtor. Armando Coelho aponta a Citânia de Briteiros, Guimarães, como eventual centro difusor, local em que se recolheu um exemplar em fase intermédia de construção e onde é significativa a presença deste tipo de fíbulas em relação a outros, nomeadamente a estação epónima (SILVA 1986, 188-189).

O nosso exemplar é proveniente do Ap. II da *Domus da Colher de Prata*, Fase III, que corresponderá, provavelmente, a uma pervivência descontextualizada.

A observação ao microscópio óptico revelou uma liga de bronze ao estanho com cerca de 2% de chumbo, formando uma microestrutura bifásica onde se notam as dentrites de solidificação primária.

A fíbula n.º 42 (vol. II, est. CCXI, n.º 42) pertence ao tipo Sabroso C, tipo PONTE 22a. Caracteriza-se pelas afinidades estruturais e morfológicas dos vários elementos que a compõem; arco, pé, apêndice caudal, mola bilateral e fusilhão que são elaborados como uma única matriz a partir do mesmo fio metálico (PONTE 2006, 221).

O nosso exemplar possui um aro de secção biconvexa, decorado longitudinalmente com uma nervura no dorso. O pé é alto e dobrado em arco com apêndice em balaústre encimado por tronco de cone rematado por disco e esférula em posição vertical. É proveniente da Fase II do Ap. III da *Domus da Colher de Prata*, apresentando afinidade com as cronologias sugeridas. Entre os vários paralelos que nos servem de referência assinale-se, pela proximidade geográfica e paralelismo cronológico e cultural, a fíbula proveniente do castro da Boca, Vale de S. Cosme, Vila Nova de Famalicão (SILVA; OLIVEIRA; MACHADO 2007, 172-173).

As fíbulas tipo "Transmontano"

Apenas dois exemplares – n.º 44, 46 (vol. II, est. CCXI, n.º 44, 46) –, ilustram o tipo Schule 4h (SCHULE 1961, 6), ou tipo "tipo transmontano" de José Fortes (FORTES 1905/08, 30). Este tipo de fíbula evidencia claras afinidades técnicas e decorativas com joalharia da Meseta Castelhana e do sudeste da península e terá chegado à área nuclear da cultura castreja pelos Vales do Douro e Ebro (PONTE 1995, 86).

Este tipo de fíbulas morfologicamente é constituído por cinco partes: arco, pé, eixo, mola e fusilhão. A particularidade que a distingue centra-se na posição do pé que, normalmente, é tangente ao arco, sem que se funda com este, e também pelos seus aspectos decorativos que se compõem por grupos de molduras e anéis no pé e no arco. À semelhança das fíbulas tipo Sabroso encontra uma larga expressão no noroeste[984].

A cronologia proposta para a área do noroeste define o séc. IV a.C. como momento de introdução (SCHULE 1969, 148),[985] prolongando-se a sua produção até finais do séc. I, considerando-se para efeitos cronológicos os achados de Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 115, 123-123), assim como, de Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1984, 201, est. XCIV, n.º 1). O nosso exemplar, n.º 44, do qual apenas se conserva parte do pé, revela a decoração típica deste tipo de fíbulas, formada por dois grupos de anéis seriados. É proveniente do Ap. II da *Domus da Lucerna Cristã*, da Fase III, relativa à remodelação Flaviana, parecendo corresponder ao grupo dos achados mais tardios que se registam em Conímbriga e Monte Mozinho.

O n.º 46 apenas conserva o pé. Apresenta a decoração típica deste tipo de fíbulas composto por anéis contínuos. O pé é alto, dobrado em arco, com apêndice em balaústre, rematado por um cabuchão. É

[984] Armando Coelho, que aborda o estudo deste tipo de fíbulas, com apoio no trabalho de Salete Ponte (PONTE 1980), referencia cerca de uma dezena de castros, onde se registou o aparecimento de fíbulas "tipo transmontano" – Castro de Santo Ovídio, Fafe; Chaves; Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim; Monte Mozinho, Penafiel; Colina de Maximinos, Braga; Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira; Citânia de Briteiros, Guimarães; Castro de Cendufe, Arcos de Valdevez; Castro de Vigo, Vigo e Santa Tecla, La Guardiã (SILVA 1986, 189).

[985] Efectivamente, Shule propõe uma cronologia que tem início em finais do séc. IV a.C. mantendo-se a sua pervivência até aos finais da República (SHULE 1969, 148).

proveniente da Fase IIb da *Praça*, apresentando uma cronologia consentânea com as suas congéneres provenientes de habitats indígenas. Revela características morfológicas que a aproximam de um exemplar proveniente da Colina de Maximinos, Braga (PONTE 1980, n.º 31).

Fíbulas tipo "Aucissa "

As fíbulas tipo Aucissa [986] (Camullodunum 17, Almgren 242, Bohme 8, Collingwood, Ritterling 5 A),[987] são formas de La Tène III, cujas características principais consistem na existência de um arco semicircular individualizada do pé por um anel ou moldura, rematado em botão, que varia de formato nas três variantes. O fusilhão é recto e a articulação da cabeça é formada por uma charneira. As três variantes (A, B, C), distinguem-se por aspectos morfológicos do arco, do espelho e do pé e por características decorativas implicando variações cronológicas significativas (PONTE 1973, 27-28). Assim, a variante A regista uma maior incidência no período de Augusto/Tibério a Cláudio, enquanto que a variante B, embora a maior parte dos achados caiba no período de Tibério - Nero, registam-se ainda achados sob os Flávios[988]. A variante C, cronologicamente tem sensivelmente o mesmo comportamento sendo a maior parte dos achados de meados do séc. I, registando-se também a sua continuação durante o período flaviano.

Armando Coelho, que identifica as proveniências do noroeste português, sugere que alguns destes achados são ponto de referência cronológica para o abandono de alguns povoados por meados do séc. I, nomeadamente a Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim, Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira e Cividade de Âncora, Caminha (SILVA 1986, 191).

O nosso exemplar, n.º 43 (vol. II, est. CCXI, n.º 43) possui um arco em fita decorado com três nervuras longitudinais no dorso e caneluras transversais na cartela e linha divisória entre o arco e o pé. A cartela tem formato rectangular e charneira com eixo de ferro com um botão terminal cilíndrico. O fusilhão encontra-se fragmentado, enquanto o pé se encontra rematado por botão semiesférico. É proveniente da área exterior da *Domus da Lucerna Cristã*, com enquadramento estratigráfico na Fase III, correspondendo, portanto, à variante B enquadrando as pervivências de época Flaviana registadas em várias estações, nomeadamente em Conímbriga.

As observações ao microscópio óptico revelaram uma amostra de bronze com cerca de 14% de estanho e 3% de chumbo. A estrutura é difásica com o chumbo segregado em glóbulos.

O exemplar n.º 45 (vol. II, est. CCXI, n.º 45) encontra-se muito degradado restando apenas parte do arco, mas no momento da sua exumação conservava ainda parta da cartela que permitiu a sua classificação neste tipo na variante C. O arco revela um perfil semicircular e secção hexagonal. É proveniente do Ap. II da *Domus da Lucerna Cristã* e cronologicamente corresponde à ocupação da Fase III, com enquadramento cronológico idêntico à anterior.

Terminais de cinturão

O único exemplar recolhido, que classificamos como terminal de cinturão tipo anforiforme é a peça n.º 52 (vol. II, est. CCXII, n.º 52). Trata-se de um remate constituído por duas finas placas de formato anfórico unidas

[986] Deve a sua denominação à marca que identifica o seu fabricante, sendo no entanto conhecidos outros no continente europeu como – *Carinus*, *Iulius*, *Marullus*, *Ursinus*, *Cartilius*, *Cartilia, Dagomattus*, *Valer, Durotix* e *Durnacus* (PONTE 1973, 25-26).

[987] HAWKES; HULL 1947, 322; ALMGREN 1923, 109, est. XI, n.º 242; BOHME 1972, 5-112; RITTERLING 1933, est. IX.

[988] Salete Ponte cita os achados de Richborough (HAWKES; HULL 1947, 84, est. 30, n.º 42), e de Saalburg (SIMON 1968, 7, fig. 9, n.º 1), a que acrescentaríamos as peças de Conímbriga, nomeadamente os exemplares n.º 52 a 54 (ALARCÃO; PONTE 1979, 119, est. XXVIII, n.º 52- 54).

por três rebites. O remate em forma de botão esférico apresenta um perfil tronco-cónico. A decoração é constituída por dois círculos concêntricos incisos à volta de um ponto central. A face anterior é completamente lisa. Não encontra paralelos exactos nas cinco categorias definidas por Keller (KELLER 1971), assim como, nos terminais de cinturão tardo-romanos ultrapirenaicos publicados por Aurrecoechea Fernández (FERNANDEZ 1995-96, 49-99).

Placas e fechos de cinturão

As placas de cinturão tipo Simancas estão bem documentadas na arqueologia peninsular e foram já objecto de vários estudos[989]. Ainda que incluído na tipologia de Sommer no Grupo II, Forma B, Tipo e, dentro da grande família de fechos perfurados a sua origem hispânica fica bem assinalada (SOMMER 1984, 35). Das duas variantes, peltiformes e rectangulares, as primeiras estão enraizadas em precedentes alto-imperiais.

O nosso exemplar, n.º 66 (vol. II, est. CCXII, n.º 66) revela um estado de conservação particularmente deficiente, que, aliado a algumas características particulares, não facilita a sua classificação. Das peças que compunha o conjunto – placa e respectiva fivela - apenas resta a primeira que possui um formato rectangular e encontra-se muito deformada e fragmentada. Os vestígios da charneira já não são visíveis, assim como os botões de fixação ao cinto de couro. A decoração é formada por um baixo-relevo que apenas em alguns locais perfura integralmente a placa, encontrando-se composta por motivos geométricos formados por triângulos e folhas ovaladas que configuram uma estrela, com ligação através de um triângulo, repetindo-se por três vezes, e assim formando um tema seriado.

Pela sua dimensão, especialmente a largura, não se vincula directamente com as placas das fivelas tipo Simancas, geralmente estreitas, que Perez Rodríguez e M. Aragón relacionam com os *cingula* ultra pirenaicos da primeira metade do séc. IV (RODRÍGUEZ; ARAGÓN 1992). Também a sua decoração formada por temas seriados, geralmente compostos por arcos, ferraduras e motivos serpentiformes totalmente perfurados a afasta do nosso exemplar, apesar de serem evidentes as afinidades técnicas e estilísticas.

Embora não tenhamos identificado qualquer paralelo exacto para o nosso exemplar é clara a sua filiação com os materiais do Vale do Douro, nomeadamente de Villasequia de Yepes, Carpio del Tajo (FÉRNANDEZ 1995-96, 55, 1-4). O seu enquadramento estratigráfico, *Domus da Lucerna Cristã,* Ap. III, Fase IV-V, coloca-a em perfeita sintonia com os materiais conhecidos que ocupam uma cronologia balizada entre o séc. IV e o V.

O exemplar n.º 49 (vol. II, est. CCXI, n.º 49) constitui também um tipo de placa de clara filiação morfológica e estilística com os materiais tardo-romanos do Vale do Douro.

Apenas conhecemos parte da peça, uma vez que lhe falta a fivela, a respectiva articulação e o espelho oponente de fixação no cinto que serviria de charneira ao fecho. A parte remanescente da peça corresponde precisamente à placa de fixação ao cinturão que possui dois botões[990] na face anterior. A decoração é constituída por motivos geométricos dispostos na orla, de forma mais ou menos organizada e composta por dois círculos concêntricos com um ponto central, efectuados através de uma matriz, por puncionamento. No centro, em relevo, existe uma face grosseira, onde, de uma forma simplificada, se representa e destaca o queixo, nariz e olhos.

[989] Após o estudo pioneiro e sistemático de Palol (SALLELAS 1969, 93-160), seguiu-se o trabalho de Caballero Zoreda (ZOREDA 1974), e, mais recentemente, de Perez Rodríguez e F. Aragon (RODRÍGUEZ; ARAGON 1992; 1992 a), e, de âmbito mais genérico, o de Joaquín Aurrecoechea Fernández (FERNÁNDEZ 1995/96, 49-99).

[990] Este tipo de botões, formados por uma haste circular e cabeça circular e plana, soldado às placas, juntamente com o tipo característico de articulação entre as placas e a respectiva fivela através de bisarga, constituem características próprias de cinturões do século II e III (FERNANDÈZ 1995/96, 64).

Não conhecemos no noroeste português qualquer paralelo para esta peça, apesar de existirem fechos de cinturão publicados do mesmo horizonte cronológico que também utilizam uma decoração padronizada relativamente semelhante, evidenciando a mesma matriz de puncionamento. O exemplar procedente do Sector B de Monte Mozinho, Penafiel, infelizmente sem origem estratigráfica definida (SOEIRO 1984, 263, est. CXXXIV, n.º 8), de fabrico grosseiro e de características morfológicas significativamente distintas, evidência o mesmo tipo de decoração na orla constituída por círculos concêntricos puncionados. O mesmo tipo de decoração, composta por círculos incisos à volta de um ponto puncionado é perceptível na placa de cinturão proveniente da estação arqueológica de La Bienvenida, Ciudad Real, com cronologia centrada no séc. V (AURRECOECHEA; OCHOA; KLINK 1986, 255, est. I, n.º 8). À mesma família pertencerá uma fivela peltiforme proveniente de Monsanto, Idanha-a-Nova, decorada com dois animais (leões) afrontados de ligação com o travessão, morfologicamente próxima aos exemplares de fivelas zoomórficas da segunda metade do séc. IV (PONTE 1980, 60-61, fig. 2). As características deste tipo de peças, definidas por Sommer (SOMMER 1984), e tipologicamente distinguidas em variantes por Bohme (BOHME 1986, 482-485), enquadram o nosso exemplar no tipo Sissy[991] de dispersão fundamentalmente gálica que apresenta como decoração composta por cabeças de leões heraldicamente afrontadas.
O nosso exemplar é proveniente da Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, correspondendo, portanto à ocupação respeitante ao séc. V.

Fecho de cinturão n.º 51 (vol. II, est. CCXI, n.º 51) constitui um exemplar cuja morfologia se distingue claramente do tipo de placas e fivelas estilisticamente mais elaboradas tipo Simancas.
Tem forma rectangular e remate em argola. Como elementos de fixação ao cinto, ao contrário da placa n.º 49 (vol. II, est. CCXI, n.º 49), não possui botões, mas sim dois orifícios em cada uma das extremidades da placa. O suporte de engate oponente, também em bronze, de forma quadrangular possui um espigão curvo em ferro. A sua simplicidade, sobretudo quando comparada com as peças n.º 49, 50 e 66, induz-nos a pensar que eventualmente poderia corresponder a um fecho utilizado com outras funções, nomeadamente na atrelagem de cavalo. Morfologicamente, não se aproxima a peças com o mesmo horizonte cronológico, no entanto, o sistema de funcionamento parece corresponder às suas congéneres, aliás confirmada pelo seu enquadramento cronológico - *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, Fase IV-V[992].

O fecho de cinturão n.º 51(1) (vol. II, est. CCXI, n.º 51(1)) consiste num pequeno passador que compõe o remate de fecho de cinturão. Apresenta um recorte sub-rectangular com faces laterais, plano-convexas, rematadas por um rebordo saliente a formar uma pequena canelura. A base é alargada, dobrada para o interior, com ranhura longitudinal. A decoração, muito simples e estilizada, é composta por uma canelura marcada por duas linhas incisas ao nível da base, de recorte irregular. A face lateral do corpo é decorada com um conjunto de pontos incisos, aparentemente sem formar uma composição coerente. A peça foi produzida através de fundição conservando vestígios da soldadura na face inferior. É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*.

[991] Tipologicamente, corresponde também ao grupo I de Palol que se encontra representada pela fivela da sepultura 10 de S. Miguel de Arroyo (SALLELAS1969, 93-106).

[992] O conjunto de materiais de afinidades morfológicas, estilísticas e cronológicas com os materiais provenientes do Douro, nomeadamente das necrópoles de Simancas e Fuentespreadas, contribuem, em certa medida, para contrariar a existência de um subcultura tardo-romana do Douro, aliás já abandonada pelo seu principal mentor. O seu carácter militar, de filiação romano-germânica, inicialmente defendido por Palol, presumindo a existência de um *limes* tardo-romano ao largo da linha do Douro, defendido por tropas germanizadas, é seguido posteriormente por Caballero Zoreda, que chega a subdividir em vários grupos a dita subcultura do Douro, incluindo, por exemplo, a área da foz do Douro como um núcleo (ZOREDA 1974, 186). A. Fuentes não só questionou o carácter militar das "necrópoles do Douro" de forma definitiva como hoje é suficientemente claro que a área de dispersão deste tipo de materiais ultrapassa em grande medida a área do Douro, ocupando praticamente toda a área a que corresponde hoje Portugal, assim como, a Meseta sul, bem reflectida no trabalho de Aurrecoechea Fenàndez (FERNÀNDEZ 1995-96, 49-99), em contextos habitacionais de *villae* e cidades, questionando-se hoje o carácter estritamente militar deste tipo de objectos no baixo-império.

O fusilhão de fecho de cinturão n.º 51(2) (vol. II, est. CCXI, n.º 51(2)) compreende apenas o remate da haste basculante que constitui o fecho. O eixo encontra-se fragmentado ao nível inferior de ligação com a charneira não conservando o elemento da articulação. Apresenta um desenvolvimento longitudinal, levemente arqueado, com vinco na face inferior onde configura um leve talão que constitui o arranque para o segmento inferior que desenvolve uma curvatura oposta à do eixo. Apresenta uma secção sub-rectangular com as arestas arredondadas. A decoração, ao gosto tardo-romano, é composta por uma linha de pontos incisos nas faces laterais dispostos a espaços regulares. É proveniente da Fase IV-V, da *Domus da Lucerna do Cavalo*.

Botões e apliques decorativos

Os exemplares n.º 53 a 56 (vol. II, est. CCXII, n.º 53-56), são botões em forma de escudete estilizado que, possivelmente, formariam parte dos elementos decorativos de uma atrelagem de cavalo ou de adorno de um cinturão. Dos seis tipos criados por Caballero Zoreda os nossos exemplares enquadram o tipo II na sua variante D (ZOREDA 1974, 95, fig. 23), ou tipo II.I.1 de Aurrecoechea Fernández (FERNÀNDEZ 1994).
Os nossos exemplares de placa semicircular na base e dois segmentos de curva, biselados para os dois lados, rematam com uma terminação pontiaguda, apresentando um perfil ligeiramente curvo com a superfície superior lisa e convexa. No seu interior sobressaem dois espigões cilíndricos rematados por uma cabeça plana. O facto de constituírem um achado de conjunto e possuírem uma dimensão irregular entre si, possibilita uma interpretação como elemento decorativo seriado.
Encontramos paralelos exactos provenientes da necrópole tardo-romana de Fuentespreadas, Zamora (CABALLERO 1974, fig. 87, n.º 20), e de Penadominga, Lugo (VÁZQUEZ 1995/96, 174, est. 2, Pen. 30-31). Para além destes, um outro paralelo idêntico na forma, dimensões e horizonte cronológico, é proveniente de Peña Foroua - Vizcaya (SALCEDO; PORTILLA 1988, 56, fig. 89, n.º 5). Na Meseta sul são também conhecidos vários exemplares, nomeadamente provenientes de Albalat de Zorita, Guadalajara (FERNÀNDEZ 1995/96, 82, fig. VIII, n.º 10), aqui classificados como Classe II.I.1..[993]

Os nossos exemplares são provenientes da Área Habitacional Sudeste, da Fase IV-V do Ap. III da *Domus da Lucerna do Cavalo* e enquadram morfológica e estilisticamente os restantes materiais de tipologia militar sejam as placas ou os fechos de cinturão, como também o equipamento militar identificado no mesmo aposento, na fase de ocupação da *Domus da Lucerna do Cavalo*[994].

Objectos de culto
Páteras

Do conjunto de materiais de bronze apenas o n.º 58 (vol. II, est. CCXII, n.º 58), poderá ser integrado neste grupo. Trata-se de uma asa de pátera litúrgica tipo Boesterd 73 / Eggers 155 (BOESTERD 1956, 28, n.º 73). As peças tipologicamente afins mais frequentes representam, de forma mais ou menos realista, a cabeça de

[993] Fernàndez Aurreocoechea, fazendo nota do seu cariz militar, refere paralelos em França datados do séc. III-IV, vinculados estritamente a assentamentos militares, como, por exemplo, a fortificação de Vireux – Molhain citando (LEMANT 1985, 56, fig. 60, n.º 11-12).
[994] Veja-se, a propósito, a asa de freio em ferro (6.1.19. Objectos de ferro. Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico, n.º 2, est. CCXX, n.º 2).

um carneiro, embora existam também representações de cães[995], como, por exemplo, o cabo de pátera proveniente do castro de Fiães, Vila da Feira (CORTEZ, 1950, 29; ALMEIDA; SANTOS 1972, 14, est. II, n.º 10)[996]. O nosso exemplar, embora muito estilizado, representa a cabeça de um carneiro, cujos elementos mais visíveis são duas protuberâncias semicirculares que representam os cornos. Possui um orifício transversal na extremidade que serviria para a sua suspensão. A sua fixação à pátera far-se-ia através de rebites, que ainda se conservam, *in situ*, solução aliás idêntica às peças similares provenientes de Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, VII, 155, est. XXXVIII, n.º 19 e 20), que mostram similitudes assinaláveis com o nosso. Um outro exemplar, com semelhanças assinaláveis, é proveniente de Braga, e apareceu no decurso de uma sondagem realizada por R. Santos da Cunha, em 1964, tendo sido dada a conhecer em primeira mão no jornal *Correio do Minho* em 30-4-1964, posteriormente, publicada por Rigaud de Sousa (SOUSA 1966, 589-599), e, mais recentemente, por Ribeiro da Cunha (CUNHA 1988, 114, est. III, fot. 2). Trata-se de um cabo de pátera em bronze encimada por uma cabeça de carneiro, muito estilizada, cujo elemento mais naturalista, à semelhança do nosso, são os cornos. A peça encontra-se hoje depositada no Museu dos Biscainhos, em Braga. Geográfica e estilisticamente mais próximo do nosso exemplar merece uma referência destacada o cabo de pátera recolhido na estação arqueológica de Perrelos, Delães, Vila Nova de Famalicão (SILVA; OLIVEIRA; MACHADO 2007, 192-193, n.º 67), cuja cronologia é apontada pelos autores como sendo do séc. IV[997].
Merece também uma referência de enquadramento, pela sua raridade formal no horizonte das produções nacionais, o cabo de pátera depositado no Museu Nacional de Arqueologia (MNA, n.º Inv.º 88 BUS), que integrava a colecção Bustorff Silva, de proveniência desconhecida. Formalmente constitui um dos exemplares de melhor qualidade, revelando um requinte significativo, que se percebe na composição do cabo estriado e, fundamentalmente, no remate no qual se encontra representada a face de uma mulher, eventualmente de uma medusa (FREITAS 1987, 261; PINTO 2002, 288). Outros exemplos, ainda mais requintados, elaborados em materiais diversos, nomeadamente em vidro, são conhecidos em Pompeia em vidro *Cameo*. A peça hoje depositada no Museu Arqueológico de Nápoles é formada por uma taça de perfil hemisférico, com uma asa facetada de perfil hexagonal rematada por uma representação naturalista de cabeça de carneiro. O fundo interno da taça é decorado por uma cabeça de sátiro envolta numa grinalda de parras de uva com os respectivos frutos (BECHI 1835, 29; WHITTEHOUSE 1991, 19-20, fig. 5) [998].
O nosso exemplar é proveniente da *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, da ocupação correspondente à Fase IV-V.

Vária
Pesos de balança

Os pesos de balança identificados na área do convento bracaraugustano são relativamente escassos, sendo, no entanto, conhecidos exemplares provenientes do Castro de S. Vicente, Esposende (ALMEIDA;

[995] Huet Bacelar, a propósito das notas arqueológicas de Rui de Serpa Pinto, refere um apontamento do autor a propósito do castro de Fiães que constituía uma nota arqueológica pronta para publicação sob o título, *Cabo de Pátera de Fiães da Feira*. Apresenta uma ilustração do autor com a seguinte legenda – Fiães. *Detalhe dum cabo de pátera de Bronze. Fiães da Feira* (BACELAR 1984, 78, fig. 3). O desenho apenas representa a fase terminal do cabo da pátera, onde se encontra representado, de forma estilizada um cão ou um carneiro.
[996] Carlos Alberto Ferreira de Almeida, a propósito da sua classificação tipológica, aproxima-a da forma Booesterd 73, ou à Eggers 155 (ALMEIDA; SANTOS 1972, 14, est. II, n.º 10). Quanto a nós, tratar-se-á de um cabo de pátera próximo à primeira forma, aliás semelhante ao nosso exemplar.
[997] Asa cilíndrica com terminal estilizado de cabeça de carneiro. Cabo circular com dois anéis de separação junto da cabeça. Remate de aplicação na pátera composta por um elemento curvo, em forma de florão estilizado, perfurado por cinco orifícios para aplicação de rebites (SILVA; OLIVEIRA; MACHADO 2007, 192-193, n.º 67).
[998] Museu Arqueológico Nacional, Nápoles, Inv.º n.º 13521.

NEIVA 1982, 12, fig. 5),[999] e Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1984, 54, fig. XIX, n.º 1)[1000].

Apenas identificamos com clareza dois pesos de balança. Apesar de se encontrarem fracturados ao nível do anel de suspensão são perceptíveis as formas originais. O primeiro, n.º 57 (vol. II, est. CCXII, n.º 57) trata-se de um peso em forma de bolota com anel de suspensão. O seu peso é de aproximadamente 11 gr., que, corresponderá a meia onça - *semuncia* - atendendo que falta o anel de suspensão se seguirmos o valor de unidade de medida e respectivos submúltiplos identificados em Conímbriga [1001] (ALARCÃO; PONTE 1979, 176).

Foi recolhido em Conímbriga um exemplar idêntico (ALARCÃO; PONTE 1979, 177, est. XLVIII, n.º 180), apesar de possuir um peso diferente (56,90 gr. *Sextans*), que também representa uma bolota e possui um anel de suspensão que as autoras identificam como sendo destinado a ser acomodado num fio para facilidade de transporte. Outra possível interpretação é de que alguns dos pesos perfurados estivessem permanentemente fixos na haste da bandeja através de uma argola, se esta se tratasse de uma bandeja de escala como sucede em alguns exemplos Ingleses.

O nosso exemplar provêm do *Cardo Este* cuja estratigrafia não permite com rigor enquadrá-lo numa das diferentes fases que compõem a nossa tabela cronológica.

O n.º 62 (vol. II, est. CCXIII, n.º 62) é um peso em chumbo capeado a bronze de forma cilíndrica com vestígios de anel de suspensão em ferro incorporado na peça e coberto na parte superior por uma fina camada de chumbo. É composto por três molduras localizadas respectivamente na parte superior, na parte intermédia do corpo e no remate inferior. O seu peso é de 269,5 gr., que seguindo o mesmo princípio corresponderia a 10 onças (*Dexstans*)[1002].

É proveniente da Área Habitacional Sudeste, da Fase IV-V do Ap. I da Domus *da Colher de Prata*.

A observação ao microscópio óptico revelou uma amostra de bronze ao estanho 8% Sn com elevado teor de chumbo 6% Pb. Elementos menores são; Ag 0,05%; Fe 0,12 %; Sb 0,2. Na micrografia podem observar-se glóbulos de chumbo numa matriz típica de bronze bifásico. Na parte interior da amostra detecta-se apenas a presença de chumbo.

Argolas

As argolas em bronze, pelo facto de, na maior parte dos casos, se recolherem dissociadas de outro tipo de materiais de que eventualmente fariam parte, como sejam objectos de madeira, couro ou outros, revelam dificuldades acrescidas na sua interpretação funcional. Descrevemos quatro exemplares que morfologicamente ilustram os diferentes tipos de argolas recolhidas em Alvarelhos.

A argola n.º 59 (vol. II, est. CCXIII, n.º CCXII) é formada por um fio de secção circular, em que as extremidades se enrolam sobre o fio do aro de forma a fazer uma preensão segura[1003]. Possui uma pequena chapa de espessura muito fina enrolada à volta do aro com um orifício. A interpretação mais corrente para objectos semelhantes é que tenham servido para suspensão dos mais variados tipo de objecto[1004]. Pela sua dimensão, obrigatoriamente destinar-se-ia a suspender ou mesmo a acomodar objectos de pequeno peso.

[999] Trata-se de um peso em chumbo com 273 gr., de forma arredondada, superfície superior plana com vestígio de ter possuído uma argola de ferro.

[1000] Possui uma forma semelhante à anterior mas pesa aproximadamente 500 gr.

[1001] Os valores identificados em Conímbriga não correspondem aos valores propostos e normalmente aceites de 327,45 gr., ou mesmos os 323,258 gr. propostos por Lazzarini (LAZZARINI 1965, 84-88).

[1002] Seguindo os valores de metrologia romana propostos por Lazzarini (LAZZARINI 1965, 95), encontraríamos a medida exacta de 10 onças (valor do *Dexstans* proposto por Lazzarini = 269, 381 gr. / Valor do nosso peso = 269, 51 gr.).

[1003] Exactamente o mesmo tipo de solução de engate, com cruzamento das hastes e posterior enrolamento das extremidades, encontra-se documentado numa pulseira procedente da *villa* de Villaverde Bajo, Madrid (BOSQUED; RAMOS 2001, 112).

[1004] Salete Ponte e Adília Alarcão enumeram um conjunto de possibilidades de funcionalidade para este tipo de objectos em função de várias sugestões de diferentes autores (ALARCÃO; PONTE 1979, 183, notas 106-109). Por exemplo, para suspensão de pinças, alfinetes de toucado o (MARTIN 1976, 299-300; CAPELLE 1975, 17), agulhas (REICHSTEIN 1975, 155, est. 90, n.º 8), lucernas (B. M. G. 119, fig. 104), ou mesmo chaves (REICHSTEIN 1975, 147, est. 130, n.º 3).

Identificamos em Conímbriga duas argolas iguais ao nosso exemplar, em que também não é apontada uma utilização específica, com cronologia de inícios do séc. II. O nosso exemplar é proveniente do Ap. II, da Fase V da *Domus do Tesouro*, correspondendo a ocupação relativa ao séc. V, enquadramento que documenta uma longa pervivência deste tipo de solução técnica, para formar pequenas argolas.

A argola n.º 60(1) (vol. II, est. CCXII, n.º 60(1)) consiste num anel maciço de secção sub-rectangular com ligeira projecção oblíqua de perfil tronco-cónico. Conserva as arestas angulosas. No interior revela vestígios de chumbo, sugerindo ter sido soldada a uma outra peça. O anel foi produzido através de fundição em molde e terá feito parte de um objecto composto por outros elementos, eventualmente também metálicos. É proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*.
A argola n.º 61 (vol. II, est. CCXIII, n.º 61) é formada por uma fita de secção quadrangular unida por uma fina chapa aplicada no interior com dois cravos também em bronze. O aro desenvolve um perfil cónico apresentando na face superior vestígios de martelagem. A sua configuração sugere uma função de elemento de pressão em algum tipo de objecto composto por vários componentes, eventualmente de madeira[1005]. Poderia também ter outro tipo de função ligada ao acondicionamento do vasilhame metálico, nomeadamente servindo de pé a qualquer tipo de vaso de tipo sítula. É proveniente do Ap. I da *Domus da Colher de Prata* da Fase IV-V.
As outras duas argolas – n.º 64 (vol. II, est. CCXIII, n.º 64), n.º 69 (vol. II, est. CCXIV, n.º 69) –, são anilhas circulares de secção também arredondada. Não revelam qualquer tipo de solda pelo que o processo de fabrico terá sido a fundição em molde. Trata-se de objectos cuja função é difícil de precisar pela sua versatilidade e, possivelmente multifuncionalidade. Em Conímbriga são estudados sete exemplares de diversas dimensões com ligeiras diferenças ao nível da secção, sem que, no entanto, se adiante com precisão a sua funcionalidade (ALARCÃO; PONTE 1979, 183-184, est. L, n.º 234-240).
Em Fuentespreadas, Zamora, as anilhas recolhidas na sepultura 1, associadas a um conjunto de objectos identificados como pertencentes a guarnições da atrelagem de cavalo – botões, peitorais e passador –, (ZOREDA 1974, 87, fig. 20), conduziram o autor, ainda que com reservas, a considerar as anilhas como elemento de ligação entre correias que necessitassem de um desenlace simples mas, simultaneamente, que exercessem alguma tensão entre elas (ZOREDA 1974, 114). Deste ponto de vista, uma vez que os nossos exemplares revelem uma semelhança morfológica considerável com as peças mencionadas, e os elementos de atrelagem de cavalo identificados na Área Habitacional Sudeste são vários, poder-se-ia considerar, ainda que como hipótese, uma funcionalidade semelhante.

Cravos

Trata-se de pregos de pequena dimensão, oscilando o seu comprimento entre 40 mm para os maiores exemplares e cerca de 20 mm para os de dimensão média/pequena. Apresentam dois subtipos, que podem dividir-se em função da configuração da cabeça – o primeiro, de cabeça circular e plana, e o segundo, também de cabeça circular mas de formato cónico.
Apenas ilustramos um cravo que enquadra o primeiro subtipo n.º 65 (vol. II, est. CCXIII, n.º 65). Constitui uma forma idêntica ao primeiro subtipo do segundo grupo, ainda que a sua reduzida dimensão implicasse que a sua utilização se fizesse em objectos de menores dimensões ou em partes dos objectos que implicassem

[1005] A sua configuração sugere um tipo de função próxima dos aros metálicos que sustentam as aduelas de madeira dos barris, embora o seu pequeno diâmetro (88 mm) limite este tipo de interpretação, aproximando-se mais à segunda possibilidade de suporte de um recipiente metálico. Em Conímbriga é apresentado um aro morfologicamente idêntico, embora de diâmetro ligeiramente inferior (60 mm) que é interpretado como pé de vaso (ALARCÃO; PONTE 1979, 156, 160, est. XL, n.º 56).

menos tensão. Este tipo de cravos serviria, fundamentalmente, para trabalhos de carpintaria mais delicados, nomeadamente de marcenaria. É possível ainda considerar inúmeras outras formas de utilização como, por exemplo, na fixação de apliques em cintos, na rebitagem de materiais metálicos, entre outras.

Ganchos

Os ganchos em bronze, particularmente abundantes em áreas habitacionais, teriam funções polivalentes, embora apresentando uma morfologia semelhante. À imagem do que ainda hoje sucede, este tipo de objecto poderia funcionar como remate de uma corda a suspender um recipiente sobre o fogo ou mesmo a suspender qualquer tipo de objecto numa arrecadação ou adega.
Os dois exemplares que aqui apresentamos revelam formas muito semelhantes. O n.º 67 (vol. II, est. CCXIII, n.º 67) é formado a partir de uma só peça de secção quadrangular dobrada e oposta à haste principal. O remate do gancho na sua fase terminal é ligeiramente mais delgado apresentando uma secção rectangular.
A observação ao microscópio óptico revelou uma amostra de bronze com elevada percentagem de chumbo (Cobre 77%; Chumbo 20 %; Estanho 3%). É proveniente da Fase IV-V do Ap. III da *Domus da Lucerna do Cavalo*.
O gancho n.º 71 (vol. II, est. CCXIII, n.º 71) morfologicamente é idêntico ao anterior estando formado a partir de uma só peça de secção quadrangular dobrada e presa à haste principal. O remate do gancho, na sua fase terminal, è ligeiramente mais delgado apresentando uma secção rectangular. È proveniente do mesmo contexto estratigráfico que o anterior, indiciando que eventualmente pudessem constituir partes de uma única peça.

Elementos para móveis

Os aplique metálicos, particularmente frequentes no mobiliário romano e geralmente abundantes em áreas habitacionais, pelo facto de, na maior parte dos casos, se encontrarem isolados colocam inúmeros problemas de interpretação da sua funcionalidade, para além de que podem ter tido uso num amplo tipo de objectos. O caso dos dois objectos que aqui apresentamos é disso revelador.
A peça n.º 70 (vol. II, est. CCXIV, n.º 70) é um fragmento de base de apoio de um móvel ou qualquer outro tipo de peça que não é possível identificar a partir do fragmento que resta. A base de assentamento tem uma planta circular formando uma calote esférica com dois orifícios para fixação e parte interior côncava. A haste de fixação tem formato trapezoidal com uma nervura central saliente. A decoração, muito estilizada, forma uma espécie de garra de felino. Não encontramos qualquer peça na área geográfica do nosso trabalho que se aproxime morfologicamente ao nosso exemplar, embora sejam conhecidos paralelos provenientes de Conímbriga e Beja cujas características morfológicas são próximas ao nosso exemplar[1006].
É proveniente da área exterior da *Domus da Colher de Prata*, cuja estratigrafia não é segura.
A observação ao microscópio óptico revelou uma mostra de bronze com cerca de 15% de estanho e 8 % de chumbo com estrutura bifásica com o chumbo segregado.

A peça n.º 71 (vol. II, est. CCXIV, n.º 71) constitui parte de uma fechadura de uma arqueta ou um puxador de móvel. É formado por uma tampa e asa. O espelho possui uma forma circular com ligeiro rebordo na parte superior e encontra-se ligeiramente fracturado na face inferior mas conserva os quatro orifícios para a sua fixação. A asa, de formato rectangular, encontra-se aplicada ao espelho através de dois rebites. Na parte superior possui uma charneira que possibilitaria a articulação necessária para elevar a tampa. A asa, de secção rectangular, está decorada na face superior com três linhas longitudinais incisas, que na parte

[1006] Ambas as peças representam esquematicamente uma perna e pata de um felino com quatro dedos estilizados (PINTO 2002, 383, est. 159).

central formam um quadrado decorado com linhas cruzadas. A peça, provavelmente, pertenceria a uma pequena arqueta de madeira e funcionaria simultaneamente como asa de suspensão e para articulação da tampa. É proveniente da *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, relativo à sua ocupação da Fase IV-V.

Sinetas

A peça n.º 63 (vol. II, est. CCXIII, n.º 63) é uma sineta integralmente em bronze de campânula cónica com aro de suspensão subcircular. O nosso exemplar não apresenta nenhum sinal de ter possuído pés que são frequentes em peças similares. Constitui um objecto relativamente frequente em estações romanas e conta com alguns exemplares publicados embora de horizontes cronológicos distintos. O exemplar proveniente da necrópole de Santo André, Montargil (NOLEN; DIAS; VIEGAS 1981, 122, est. LXXVII, D 1-5), apresenta características morfológicas e dimensão idêntica ao nosso exemplar, apesar de possuir quatro pés, compostos por esferas, revelando a sua utilização como sineta de mesa. Um outro paralelo, também do sul de Portugal, é proveniente de Alcácer do Sal, apresentado sem referência cronológica (SCHULE 1969, n.º 10, est. 108). De Monte Mozinho, Penafiel, onde se conhecem vários exemplares de cronologia semelhante, as características morfológicas são significativamente distintas, nomeadamente no que se observa no exemplar proveniente do espólio recolhido no Museu de Etnografia do Porto de antigas escavações sem registo estratigráfico (SOEIRO 1984, 263, est. CXXXIV, n.º 9). Também de Fiães, Santa Maria da Feira, são conhecidos dois exemplares morfologicamente semelhantes ao nosso que apesar de se não conhecer o seu contexto arqueológico o conjunto do material com que estava armazenado no Instituto de Antropologia da Faculdade de Letras do Porto sugere uma datação tardia, no decurso do séc. IV (ALMEIDA; SANTOS 1972 14, est. II, n.º 7 e 8). Outros paralelos de âmbito geográfico mais abrangente, podem apreciar-se na necrópole de Santo Estêvão de Alenquer, Paredes (PEREIRA 1970, 69, est. IV, n.º 35), na *villa* "Cardílio", Torres Novas (ALARCÃO; ALARCÃO 1966-67, 313, est. V, n.º 23), embora evidenciem um ambiente cronológico mais antigo que o nosso exemplar, centrada à volta do séc. I[1007]. O nosso exemplar, proveniente da *Domus da Lucerna Cristã*, enquadra um estrato correspondente à Fase IV-V correspondendo, portanto, à ocupação tardo-romana.

Bronzes figurativos

O único exemplar completo que apresentamos foi recolhido em 1952, acidentalmente, no lugar de Sobre-Sá, em terras provenientes de uma pedreira, juntamente com uma outra peça e encontra-se hoje em depósito no Museu Municipal Abade Pedrosa, em Santo Tirso (MOREIRA 2007, MMAP 256(1), 138), e que constitui uma asa de uma sítula, ou outro recipiente metálico de grandes dimensões, n.º 21-21a (vol. II, est. CCVI-CCVII, n.º 21-21a).

A estatueta apresenta um corpo feminino, nu até às ancas, terminando em duas caudas de peixe erguidas sobre uma base que representa águas ondulantes, estilizadas em forma de escamas. Encontra-se fracturada em dos locais, um dos quais localizado no extremo inferior, e outro no seu lado esquerdo, onde lhe falta a extremidade da cauda de peixe.

A peça é maciça tendo sido fundida em molde, e depois polida. As caudas de peixe foram soldadas posteriormente. No interior da peça existe um orifício cónico, de recorte oval que se prolonga até à base do umbigo. A zona inferior corresponde ao remate e à base de sustentação da peça. No seu interior revela uma superfície convexa com um pequeno rebordo para fixação. Por detrás das caudas de peixe existem dois orifícios com cerca de 10 mm de profundidade, orientados no sentido da figura para eventual fecho da

[1007] Proveniente de Terrugem, Elvas, encontra-se publicado um exemplar idêntico ao nosso, que, apesar dos autores não sugerirem qualquer cronologia, os materiais com que se encontram associados, nomeadamente armelas de sítulas, sigillatas africanas (clara D), remetem para um horizonte tardo-romano (DEUS; LOURO; VIANA 1955, 572, est. III, n.º 26).

tampa. A escultura desenvolve-se num espaço geométrico de forma piramidal, no qual as formas se conjugam harmoniosamente, sugerindo a ideia de movimento. O efeito é conseguido pela conjugação de um elemento estilizado composto pela linha sinuosa do corpo, originada pela elevação dos braços que produz uma inclinação propositada do corpo para trás, obrigando a uma ligeira torção do tronco e uma maior elevação do cotovelo direito, conferindo à imagem uma posição natural que contraria a composição geométrica da peça.

Possuí o tronco ligeiramente inclinado para trás com uma pequena rotação para a direita que provoca uma ligeira proeminência do ventre, onde o umbigo se faz representar de forma bem vincada e os braços estão elevados sobre a cabeça, sobre a qual as mãos seguram um objecto de configuração oval.

A posição do corpo inclinada para trás, assim como a maior elevação do cotovelo direito que acompanha a rotação do tronco provocam um esbatimento na representação dos seios, que não apresentam pormenores anatómicos vincados. A cabeça está voltada para a direita e levemente inclinada para a frente. A rudeza da face contrasta com a leveza das formas femininas e sensuais da figura. A fronte e o nariz formam linhas rectas em oposição às linhas horizontais e sinuosas que representam as arcadas supraciliares, a boca e o mento. Os olhos, amendoados, bem vincados, onde se notam levemente as pupilas, são o elemento de maior requinte na face, não sendo, no entanto, suficientes para alterar a sua natureza rude e inexpressiva. O penteado levanta-se em poupa, formada por madeixas divididas a meio, desenvolvendo-se simetricamente, sendo rematado por dois bandós largos e puxo entrelaçado, chato e curto.

A figura lembra as estátuas femininas da época praxitiliana. O penteado é o da moda do séc. I, em Roma, à semelhança da estatueta de Vénus de Roma (ARIES; DUBY 1989, 59).

Iconograficamente representa uma Nereida. A dispersão de vestígios arqueológicos conhecidos na Península Ibérica relacionáveis com o culto a estas divindades evidencia uma profunda relação com a costa marítima e actividades a ela ligadas[1008]. Geralmente estas divindades eram representadas sob uma forma híbrida, de mulher e peixe, que, como atributo, ostentavam uma concha ou búzio, no caso vertente, estilizado em forma de disco oval sustentado por cima da cabeça.

Sem dúvida a peça teria uma função decorativa. Inicialmente, foi interpretada como constituindo um elemento decorativo de um vaso metálico (SANTARÉM 1954, 38). Posteriormente, numa segunda análise, como sendo um remate decorativo de um móvel ou até mesmo de um carro (ALMEIDA 1969, 39).

Em nosso entender a primeira interpretação será a que mais se aproximará à verdadeira função da peça. De facto, através da sua análise dos elementos de fixação, identificam-se vários indicadores que sugerem esse tipo de funcionalidade. A figura, ligeiramente inclinada para fora, e a forma convexa da base, com um ligeiro rebordo na parte superior, adaptar-se-ia, perfeitamente, ao bordo de um vaso. O orifício no interior da peça sugere a possibilidade de existência de um espigão que reforçaria a sua fixação. Por último, como elementos de reforço da fixação, temos ainda dois pequenos orifícios localizadas no extremo inferior da figura, de forma circular, para aplicação de rebites (vol. II, est. CCVII, n.º 21a).

Desconhecidas as condições de achado e a inexistência de paralelos no mundo romano peninsular, não adiantamos uma cronologia para a peça, embora a sua conotação com o tesouro de denários encontrado em 1971, da época de Augusto, seja evidente.

[1008] A epigrafia regista vários exemplos que vincula o culto destas divindades à costa marítima. Em homenagem a Nereida surge, por vezes, o cognome *Neris*, ligado a gentílicos latinos bem conhecidos, com particular predominância em cidades marítimas, como, por exemplo, em *Barcino*, onde aparecem lápides com a seguinte leitura; Cornélia Neris, mãe de um edil e duúnvirio de Barcelona; *CIL* - II 4523 = *ILER* 5555 / *Iulia Neris*, filha de um edil de Barcelona; *CIL II* 4525 = 3955. Identificam-se ainda epígrafes com o cognome de *Neris,* em Sagunto e Cartagena; Segundo José D'Encarnação, este antropónimo, estará ligado a um extracto populacional relacionado com a actividade marítima e comercial. O exemplo nacional é fornecido pelo mesmo autor. Trata-se de uma lápide funerária proveniente da necrópole romana da Quinta do Arroio, Luz, Tavira; Consagrada aos Deuses Manes. Aqui jaz Albia Nereida, de sessenta anos, que a terra te seja leve (ENCARNAÇÃO 1984, 40).

A segunda peça identificada, constituiria também por um elemento escultórico, n.º 20(1), (vol. II, est. CCV, n.º 20(1)). Documenta-se a partir de um pequeno fragmento de reduzidas dimensões que não permite a sua interpretação. Todavia, trata-se, indiscutivelmente, de uma representação escultórica de pequenas dimensões, fundida a molde, cujo tratamento exterior revela tratar-se de um personagem togada.

Peças de função desconhecida

Integram este apartado um conjunto de objectos cuja funcionalidade nos escapa e de que não encontramos qualquer paralelo que nos apoiasse na sua interpretação.
O objecto n.º 6 (vol. II, est. CCI, n.º 6) é composto por dois discos circulares, com rebordo interno em forma de aba, perpendiculares a estas. Encontram-se soldadas perpendicularmente a uma haste de secção rectangular, que, por sua vez, possui, também soldada uma outra haste de secção rectangular e perfil semicircular. Encontra-se em excelente estado de conservação evidenciando em alguns pontos um polimento acentuado. Em particular a haste semicircular na sua face interna, sugerindo que estaria fixa a uma tira de couro ou a uma corda.

A peça n.º 60 (vol. II, est. CCXII, n.º 60) é formada por um braço em forma de U com hastes alongados e paralelas entre si, de secção oval. O remate superior é formado por duas hastes paralelas rematadas por um botão destacado por um pequeno sulco. Os botões têm uma perfuração central em que se apoia um eixo, que ainda se conserva, que serviria de charneira para articulação de um outro componente.
Morfologicamente apresenta as características de uma espora[1009], cuja interpretação rejeitamos, fundamentalmente devido às suas diminutas dimensões[1010] assim como, devido à composição da liga metálica[1011]. É proveniente da Fase IV-V do Ap. II da Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*.

Por último, a peça n.º 72 (vol. II, est. CCXIV, n.º 72) é constituída por um fragmento de lâmina de formato rectangular com a extremidade recortada em forma de trapézio e dobrada sobre si, formando um ângulo de noventa graus em relação à haste, cuja funcionalidade nos escapa. É proveniente da Fase IV-V do Ap. VII da *Domus da Lucerna do Golfinho*.

[1009] A título comparativo, vejam-se os exemplares recolhidos em Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 99, 102, est. XXII, n.º 94 -97), todos em ferro, cujo comprimento oscila entre 125 e 180 mm e possuem espigão oponente.
[1010] Comprimento máximo 62 mm; Largura máxima no exterior entre os braços 44 mm.
[1011] Amostra de latão vermelho - 11 % Zn; 1,3 % Sn; 3,0 % Pb; 0,4 Fe; 0,2 % Sb; 0,2 % Ag.

Objectos metálicos – *Bronzes*

Nº Invt.º	Proveniência	Tipo	Característica	Material	Peso	Decoração	Anál. Química	Estampa
1. Alv. 93 A, op. 215	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	nódulo	vestígio de fundição	bronze	1384 gr.	----	cfr. caract. micro. 1	----
2. Alv. 94 A, op. 212	corte est. 5, camada 1 / Fase IV-V	nódulo	vestígio de fundição	bronze	90,9 gr.	----	cfr. caract. micro. 2	est. CC, n.º 2
3. Alv. 97 B3, A1, op. 369	corte est. 5, camada 1 / Fase IV-V	nódulo	vestígio de fundição	bronze	201 gr.	----	cfr. caract. micro. 3	est. CC, n.º 3
4. Alv. 97 B2, A2, op. 65	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V V	pendente	folha	bronze	25 gr.	----	----	est. CCI, n.º 4
5. Alv. 98 B1, op. 57	corte est.3, camada 2 / Fase V	botão	fundido	bronze	22 gr.	----	----	est. CCI, n.º 5
6. Achado s/ contexto arq.-1952	------	freio	fundido/soldado	bronze	131,6 gr.	----	----	est. CCI, n.º 6
7. Achado s/ contexto arq.-1952	------	escudo	martelado	bronze	280 gr,	----	----	est. CCI, n.º 7
8. Alv. 94 A, op. 107	corte est. 9, camada 2 / Fase V	lucerna	fundido/soldado	bronze	....	círculo de pontos incisos	----	est. CCII, n.º 8
9. Alv. 95 B, A4, op.49	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	lucerna	fundido	bronze	180 gr.	representação de pantera	----	est. CCII, n.º 9
10. Alv. 97 B2, A2, op. 50	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	lucerna	fundido	bronze	....	representação de cavalo	----	est. CCIII, n.º 10
11. Alv. 92 A, op. 8	corte est. 13, camada 1 / Fase V	sítula	martelado/rebites	bronze	112 gr.	----	cfr. caract. micro 11	est. CCIII, n.º 11
12. Alv. 93 A , op. 18(2)	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	sítula	martelado/rebites	bronze	6,4 gr.	----	----	est. CCIV, n.º 12
13. Alv. 95 B op. 85	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	sítula	martelado/rebites	bronze	27,6 gr.	----	----	est. CCIV, n.º 13
14. Alv. 94 A ,op.165	corte est. 8, camada 1 / Fase V	sítula	martelado/rebites	bronze	12,4 gr.	----	cfr. caract. micro 14	est. CCIV, n.º 14
15. Alv. 95 B, op. 27;55;129	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	sítula	martelado/rebites	bronze	13,39,13 gr.	----	cfr. caract. micro 15	est. CCIV, n.º 15
16. Alv. 93 A, op. 18	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	prato	martelado/rebites	bronze	3,8 gr.	----	----	est. CCIV, n.º 16
17. Alv. 95 B, op. 85	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	sítula	martelado	bronze	8 gr.	----	cfr. caract. micro. 17	est. CCV, n.º 17
18. Alv. 97 B1, A2, op. 33	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	sítula	martelado/rebites	bronze	11,8;9,6;91 gr.	----	cfr. caract. micro. 18	est. CCV, n.º 18
19. Achado s/ contexto arq.	1952 (s / contexto estratigráfico)	sítula	martelado	bronze	480 gr.	----	----	est. CCV, n.º 19
20. Achado s/ contexto arq.	1952 (s / contexto estratigráfico)	sítula	martelado	bronze	540 gr.	----	----	est. CCV, n.º 20
20(1) Alv. 97 B1, A2, op. 03	corte est. 3, camada 3 / Fase IV-V	escultura	fundido	bronze	90 gr	---	---	est. CCV, n.º (20(1)
21. Achado s/ contexto arq.	1957 (s / contexto estratigráfico)	sítula	fundido	bronze	310 gr.	representação de Nereida	----	est. CCVI/VII, n.º 21,21a
22. Alv. 92 A , op.102(1)	corte est. 13, camada 1 / Fase V	sítula	fundido	bronze	177,9 gr.	" sátiro "	----	est. CCVIII, n.º 22
23. Alv.92 A, op. 102(2)	corte est. 13, camada 1 / Fase V	sítula	fundido	bronze	91,4 gr.	" sátiro "	----	est. CCVIII, n.º 23
24. Alv. 92 A, op. 109	corte est. 13, camada 1 / Fase V	sítula	fundido	bronze	176,8 gr.	" sátiro "	----	est. CCVIII, n.º 24
25. Alv.93 A, op.49	corte est. 7, camada 2 / Fase IV-V	armela	fundido	bronze	76,4 gr.	" sátiro "	----	est. CCVIII, n.º 25
26. Alv. 95, op.31	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	armela	fundido	bronze	102,8 gr.	" sátiro "	cfr. caract. micro. 26	est. CCVIII, n.º 26
27. Alv. 97 B1, A2, op. 128	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	armela	fundido	bronze	56,6 gr.	decoração geométrica	cfr. caract. micro. 27	est. CCVIII, n.º 27
27(1) Alv. 97 B1, A2, op. 157	corte est. 3, camada 1 / Fase IV-V	anel de suspensão	martelado	bronze	49 gr.	----	----	est. CCVIII, n.º 27(1)
28. Alv. 92 A, op. 114	corte est. 13, camada 1 / Fase V	anel	martelado/soldado	bronze	50,3 gr.	----	cfr. caract. micro. 28	est. CCIX, n.º 28
29. Alv. 92 A, op. 98	corte est. 14, camada 1 / Fase V	garrafa	martelado/rebites	bronze	72 gr.	----	cfr. caract. micro. 29	est. CCIX, n.º 29
30. Alv.94 A, op. 216	corte est. 8, camada 3 / Fase V	tampa/*lagoena*	fundido	bronze	81,8 gr.	----	cfr. caract. micro. 30	est. CCIX, n.º 30
31. Alv. 97 B1, A2, op. 100	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	tampa/*lagoena*	fundido/soldado	bronze	98,8 gr.	----	----	est. CCIX, n.º 31
32. Alv. 92 A , op. 99	corte est. 14, camada 4 / Fase V	caçarola	martelado	bronze	56,1 gr.	----	cfr. caract. micro. 32	est. CCX, n.º 32
33. Alv. 92 A, op. 99 b	corte est. 14, camada 4 / Fase V	caçarola	martelado	bronze	39,3 gr.	----	----	est. CCX, n.º 33
34. Alv. 92 A , op. 2	corte est. 14, camada 4 / Fase V	alfinete	fundido	bronze	18,7 gr.	----	----	est. CCX, n.º 34
35. Alv. 96 B, A3, op. 403	corte est. 1, camada 1b / Fase IIb	alfinete	fundido	bronze	1,1 gr.	----	----	----

36. Alv. 96 B, op. 409	corte est. 1, camada 1b / Fase IIb	alfinete	fundido	bronze	1,5 gr.	----	----	----
37. Alv. 96 B, A3, op. 437	corte est. 1, camada 0 / Fase III	alfinete	fundido	bronze	0,4 gr.	----	----	----
38. Alv. 97 B3, A1, op. 133	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	alfinete	fundido	bronze	0,5 gr.	----	----	est. CCX, n.º 38
39. Alv. 92 A, op. 94	corte est.14, camada 4 / Fase V	fíbula	fundido	bronze	7 gr.	----	----	est. CCX, n.º 39
40. Alv. 93 A, op. 205	corte est. 7, camada 3 / Fase III	fíbula	fundido	bronze	9,1 gr.	três anéis	----	est. CCXI, n.º 40
41. Alv. 93 A, op. 225	corte. est. 7, camada 6 / Fase III	fíbula	fundido	bronze	21,9 gr.	----	cfr. caract. micro. 41	est. CCXI, n.º 41
42. Alv. 94 A, op. 2	corte est. 4, camada 1 / Fase II	fíbula	fundido	bronze	33,3 gr.	nervura central	cfr. caract. micro. 42	est. CCXI, n.º 42
43. Alv. 94 A, op. 18	corte est. 5, camada 2 / Fase III	fíbula	fundido	bronze	4,6 gr.	três nervuras longitudinais	cfr. caract. micro. 43	est. CCXI, n.º 43
44. Alv. 94 A, op. 160	corte est. 9, camada 3/ Fase III	fíbula	fundido	bronze	4,8 gr.	anéis continuos	----	est. CCXI, n.º 44
45. Alv. 94 A, op. 169	corte est. 9, camada 1 / Fase III	fíbula	fundido	bronze	5,1 gr.	----	----	est. CCXI, n.º 45
46. Alv. 96 B, A3, op.428	corte est. 1, camada 2 / Fase IIb	fíbula	fundido	bronze	3,8 gr.	anéis contínuos	----	est. CCXI, n.º 46
47. Alv. 98 B1, A1, op. 139	corte est. 1, camada 0 / Fase ?	fíbula	martelado	bronze	....	----	----	est. CCXI, n.º 47
48. Alv. 95 B, op. 43	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	fíbula	martelado/rebites	bronze	....	----	cfr. caract. micro. 48	est. CCXI, n.º 48
49. Alv. 92 A, op. 103	corte est. 14, camada 4 / Fase V	fecho de cinturão	fundido/soldado	bronze	19,2 gr.	face / pontos incisos	----	est. CCXI, n.º 49
50. Alv. 93 A, op. 62	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	fecho de cinturão	fundido/soldado	bronze	16,4 gr.	orifício / círculos concêntricos	cfr. caract. micro 50	est. CCXI, n.º 50
51. Alv. 93 A, op. 210	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	fecho de cinturão	fundido	bronze	58,6 gr.	----	cfr. caract. micro 51	est. CCXI, n.º 51
51(1). Alv. 97 B1, op. 105	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	fecho de cinturão	fundido	bronze	18,6 gr.	motivo abstrato / pontos incisos	---	est. CCXI, n.º 51(a)
51(2) Alv. 97 B1, op. 141	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	fusilhão	fundido	bronze	32 gr	linha / pontos incisos	---	est. CCXI, n.º 51(2)
52. Alv. 97 B2, op. 75	corte est.2, camada 2 / Fase IV-V	fecho de cinturão	fundido	bronze	....	----	cfr. caract. micro 52	est. CCXII, n.º 52
53. Alv. 95 B, op. 118(1)	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	cravo decorativo	fundido/soldado	bronze	3,5 gr.	garra estilizada	----	est. CCXII, n.º 53
54. Alv. 95 B, op. 118(2)	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	cravo decorativo	fundido/soldado	bronze	4,2 gr.	garra estilizada	----	est. CCXII, n.º 54
55. Alv. 95 B, op. 118(3)	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	cravo decorativo	fundido/soldado	bronze	3,5 gr.	garra estilizada	----	est. CCXII, n.º 55
56. Alv. 95 B, op. 118(4)	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	cravo decorativa	fundido/soldado	bronze	0,5 gr.	garra estilizada	----	est. CCXII, n.º 56
57. Alv. 95 B, op. 51	corte est. 1, camada 1 / Fase III	peso de balança	fundido	bronze	11 gr.	----	----	est. CCXII, n.º 57
58. Alv. 93 A, op. 208	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	pátera litúrgica	fundido/rebites	bronze	133,2 gr.	cabeça de carneiro	cfr. caract. micro. 58	est. CCXII, n.º 58
59. Alv. 92 A, op. 23	corte est. 14, camada 4 / Fase V	anel	martelado	bronze	7 gr.	----	----	est. CCXII, n.º 59
60. Alv. 92 A, op. 42	corte est. 14, camada 1 / Fase ?	?	fundido	bronze / latão	26,2 gr.	----	cfr. caract. micro. 60	est. CCXII, n.º 60
60(1) Alv. 97 B2, A2, op. 06	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	argola	fundido	bronze	82 gr.	----	---	est. CCXII, n.º 60(1)
61. Alv. 93 A, op. 91	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	argola	fundido/martelado	bronze	122,6 gr.	----	----	est. CCXIII, n.º 61
62. Alv. 93 A, op. 209	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	peso	fundido	bronze	269,5 gr.	----	cfr. caract. micro 62	est. CCXIII, n.º 62
63. Alv. 94 A, op. ?	corte est. 9, camada 1 / Fase IV-V	sineta	fundido/martelado	bronze	69,7 gr.	----	cfr. caract. micro. 63	est. CCXIII, n.º 63
64. Alv. 94 A, op. 37	corte est. 10, camada 1 / Fase IV-V	argola	soldado	bronze	15,7 gr.	----	----	est. CCXIII, n.º 64
65. Alv. 94 A, op. 96	corte est. 9, camada 1 / Fase IV-V	cravo	----	bronze	1,3 gr.	----	----	est. CCXIII, n.º 65
66. Alv. 94 A, op. 221	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	placa	fundido	bronze	69,6 gr.	baixo relevo / geométrico	cfr. caract. micro. 66	est. CCXIII, n.º 66
67. Alv. 95 B, op. 114	corte. est. 1, camada 1/ Fase IV-V	gancho	martelado	bronze	94,9 gr.	----	cfr. caract. micro. 67	est. CCXIII, n.º 67
68. Alv. 95 B, op. 125	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	gancho	fundido/martelado	bronze	27,9 gr.	----	----	est. CCXIII, n.º 68
69. Alv. 95 B, A4, op. 116	corte est. 1, camada 1/ Fase IV-V	argola	fundido/soldado	bronze	19,7 gr.	linhas incisas	----	est. CCXIV, n.º 69
70. Alv. 97 B3, A1, op. 210	corte est. 5, camada 0 / Fase IV-V	base	fundido	bronze	17,1 gr.	----	----	est. CCXIV, n.º 70
71. Alv. 93 A, op. 155	corte est. 11, camada 0 / Fase IV-V	fecho de arca	martelado/rebites	bronze	38,3 gr.	decoração estilizada	cfr. caract. micro 71	est. CCXIV, n.º 71
72. Alv. 97 B3, A1, op. 86	corte est. 5, camada 2 / Fase IV-V	lâmina	martelado	bronze	8,5 gr.	----	----	est. CCXIV, n.º 72

6.1.18. Caracterização microestrutural dos objectos de bronze (microscópio óptico)

N.º Catálogo	Cobre	Estanho	Ferro	Chumbo	Zinco	Antimónio	Prata	Enxofre	Observações
1. Alv. 93 A, op. 215	89,26%	0,24%	---	11%	---	---	0,5%	---	Distribuição intraganular do chumbo
2. Alv. 94 A, op. 212	83,8 %	---	---	2%	---	---	0,2%	---	Estrutura bifásica
3. Alv. 97 B, A1, op. 396	90,8%	0,7%	-----	8%	---	---	0,5	---	Estrutura monofásica com chumbo segregado
11. Alv. 92 A, op. 98	97,1%	2%	0,7%	----	---	---	---	---	Estrutura monofásica típica do cobre
14. Alv. 94 A, op. 165	94%	4%	---	1%	---	---	1%	---	Estrutura monofásica com finos glóbulos de chumbo
15. Alv. 95 B, op. 24/27, etc.	73%	6%	---	5%	16%	---	---	---	Estrutura monofásica com glóbulos de chumbo
17. Alv. 95 B, A4, op. 85	97%	1,6%	1%	0,8%	---	---	---	---	---
18. Alv. 97 B, A1, op. 33	94%	2%	1%	1%	---	---	2%	---	Estrutura monofásica com glóbulos de chumbo
26. Alv. 95 B, A4, op. 31	85%	3%	---	11%	---	---	----	---	---
27. Alv. 97 B, A1, op. 128	71%	6%	---	23%	---	---	---	---	Estrutura bifásica com chumbo segregado
28. Alv. 92 A, op. 114	96,13%	1,3%	---	2,5%	---	---	0,07%	---	Estrutura monofásica/glóbulos de Cu segregados
29. Alv. 92 A, op. 8	92 %	7%	0,1%	0,2%	---	---	0,07%	---	---
30. Alv. 94 A, op. 216	79,73%	8%	0,8%	11%	0,4%	---	0,07%	---	Estrutura típica com glóbulos de Cu segregados
32. Alv. 92 A, op. 99	85,5 %	14%	---	0,5%	---	---	---	---	Estrutura bifásica
41. Alv. 93 A, op. 225	83,8%	14%	---	2%	---	---	0,2 %	---	Microestrutura bifásica
42. Alv. 94 A, op. 2	84,4%	12%	0,2%	2%	1,4%	---	---	---	Microestrutura corroída
43. Alv. 94 A, op. 18	83%	14%	---	3%	---	---	---	---	Estrutura bifásica com Cu segregado em glóbulos
48. Alv. 95 B, A4, op. 43	65%	21%	---	14%	---	---	---	---	---
50. Alv. 97 B2, A2, op. 75	85%	10%	---	4%	---	1%	---	---	---
51. Alv. 95 B, A4, op. 51	91%	5%	---	2%	---	---	---	---	---
52. Alv. 93 A, op. 62	77,45%	5%	0,15%	17%	0,3%	---	0,2%	---	Estrutura bifásica / glóbulos de chumbo evidentes
58. Alv. 93 A, op. 208	94,5%	0,3%	---	6%	---	---	0,2 %	---	Microestrutura monofásica com chumbo segregado
60. Alv. 92 A, op. 42	84,3%	1,3%	0,4%	3%	11%	---	0,2%	---	---
62. Alv. 93 A, op. 209	85,23%	8%	0,12	6%	---	---	0,05	---	Estrutura bifásica, com chumbo em matriz típica
63. Alv. 94 A, op. 7	79,9%	15%	0,1%	5%	---	---	---	---	Estrutura de matriz bifáfisa com chumbo segregado
66. Alv. 94 A, op. 221	72,44%	9%	1,4%	17%	0,1%	---	0,06%	---	Estrutura de matriz bifásica com glóbulos de Cu
67. Alv. 95 B, A4, op. 114	77%	3%	---	3%	---	---	---	---	---
71. Alv. 93 A, op. 155	77%	15%	---	8%	----	---	---	---	Estrutura bifásica com chumbo segregado

Catálogo

Vestígios de metalurgia (1-3)

1. Alv. 93 A, op. 215 - Lingote maciço em bronze para fundição. Formato piramidal com base plana e contornos ovais. Superfície rugosa. Apresenta agregados à superfície abundantes grãos de quartzo. Encontra-se integralmente patinado (vol. II, est. CC, n.º 1).
Observação ao microscópio óptico - Amostra de cobre com 11% de chumbo. Elementos menores, Ag 0,5 %, Sn 0,24 %. Na micrografia podem-se observar glóbulos de chumbo e ainda a distribuição intergranular deste elemento (vol. II, est. CCXV, fot. 1).
Dim. - Comprimento máximo 175 mm; Largura máxima 87 mm; Espessura máxima 34 mm; Peso 1384 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

2. Alv. 94 A, op. 212 - Lingote de bronze para fundição. Formato irregular com cornos arredondados e superfícies lisas sem materiais agregados. Encontra-se integralmente patinado (vol. II, est. CC, n.º 2).
Observação ao microscópio óptico - Amostra de bronze ao estanho 14 % Sn. Estrutura bifásica típica destes materiais. A análise indica a seguinte composição - 0.2 % Ag, 2.0 % Pb, 0.14 % Ni e 0.5 % Sb (vol. II, est. CCXV, fot. n.º 2).
Dim. - Comprimento máximo 58 mm; Largura máxima 42 mm; Espessura máxima 9 mm; Peso 90.9 gr.,
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã ext*., corte estratigráfico 5, camada 1.

3. Alv. 97 B3, A1, op. 369 - Nódulo de bronze em forma de lâmina, ligeiramente curva. Contornos irregulares com arestas arredondadas. Resíduo de fundição com abundantes materiais agregados, nomeadamente grãos de quartzo. Encontra-se integralmente patinado (vol. II, est. CC, n.º 3).
Observação ao microscópio óptico - Amostra de cobre com estanho 0,7%, prata 0,5 % e chumbo 8%. Estrutura monofásica com segregação de chumbo (vol. II, est. CCXV, fot. n.º 3).
Dim. - Comprimento máximo 90 mm; Largura máxima 67 mm; Espessura máxima 4 mm; Peso 201 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. XIV, corte estratigráfico 5, camada 1.

Peças de arreio de cavalo (4-6)

4. Alv. 97 B2, A2, op. 65 - Pendente em forma de losango com remate em anel. Elaborado a partir de uma única folha bronze remata com uma pequena argola formada pelo enrolamento da folha em dois círculos (vol. II, est. CCI, n.º 4).
Dim. - Comprimento máximo 36 mm; Largura máximo 15 mm; Espessura máxima 7 mm; Peso 2,5 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

5. Alv. 98 B1, A1, op. 57 - Botão em forma de disco com face horizontal. No reverso possui um pequeno anel circular de secção arredondada. Encontra-se em mau estado de conservação. O disco está desgastado e já não apresenta o seu diâmetro original (vol. II, est. CCI, n.º 5).
Dim. - Altura máxima 15 mm; Diâmetro actual do disco 17 mm; Peso 22 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. VIII, corte estratigráfico 3, camada 2.

6. Alv. 1952 - Arreio de atrelagem (?). Objecto formado por dois discos circulares, com rebordo interno em forma de aba, perpendiculares em relação aos discos. Encontram-se soldados perpendicularmente a uma haste de secção rectangular, que, por sua vez, possui na face superior uma outra haste soldada de secção rectangular e perfil semicircular. Encontra-se em excelente estado de conservação evidenciando em alguns pontos um polimento acentuado, em particular a haste semicircular na sua face interna (vol. II, est. CCI, n.º 6).
Dim. - Altura máxima 64 mm; Largura máxima 78 mm; Diâmetro máximo das argolas 41 mm; Peso 131,6 gr..
Prov. - Achado sem contexto estratigráfico 1952; Fase III.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP 251, 136.

Equipamento militar (7)

7. Umbo de escudo. Elaborado a partir de uma só folha através de martelagem e estiramento da folha. Umbo central esférico, fragmentado no centro. Aletas de perfil trapezoidal, com orifícios nos vértices para fixação com cravos ao escudo de madeira. Rebordos anteriores verticais de perfil convexo para acomodação e ajuste da *spina*. Tipo Lá Téne II, datável dos finais do séc. II a.C., princípios do I a.C. (est. CCI, n.º 7).
Dim. - Comprimento máximo 140 mm; Largura máxima 85 mm; Altura máxima 25 mm; Espessura máxima 1 mm; Peso 280 gr.
Prov. - Achado sem contexto estratigráfico 1952; Fase II-IIb.
Bibli. - ALMEIDA 1973, 15, est. I; SOEIRO 1980, 237, est. I, 3; SILVA 1986, 205, est. XC, 6; MOREIRA 1992, 34-47, est. IV, fig. 1; 2007 n.º MMAP 256, 137.

Lucernas (8-10)

8. Alv. 94 A, op. 107 - Lucerna. Disco circular sobrelevado com orifício de alimentação irregular, sem canal. Volutas estilizadas demarcando e estrangulando o bico, que remata com um orifício irregular. Fundo discóidal, plano, formado por um falso pé. Decoração geométrica muito

simples, composta por um círculo concêntrico de pontos incisos no disco e pela mesma composição em toda a orla. A asa é uma pegadeira simples, com nervura central na face anterior (vol. II, est. CCII, n.º 8).
Dim. - Comprimento máximo 111 mm; Largura máxima do disco 61 mm; Peso 181,7 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Pátio; corte estratigráfico 9, camada 02.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 245(1), 133.

9. Alv. 95 B, A4, op. 49 - Pega de lucerna com representação de cabeça de felino emoldurado por quatro folhas de lis. A representação reveste-se de um realismo assinalável, encontrando-se inclusivamente representados os caninos. A pega desenvolve um arco semicircular revelando no seu extremo inferior uma alargamento de perfil convexo de adaptação à face anterior de uma lucerna onde estaria soldada. A moldura a partir da qual se desenvolve a representação felina é formada por quatro folhas que desenham um perfil curvo (est. CCII, n.º 9).
Dim. - Comprimento máximo 775 mm; Diâmetro máximo da haste 13 mm; Peso 181 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 245(2), 133.

10. Alv. 97 B2, A2, op. 50 - Lucerna com pega representando a cabeça de um cavalo. Disco oval, rebaixado por orla de secção rectangular, marcado por volutas estilizadas e bico semicircular. Orifício de alimentação recortado em forma de coração. Orifício de iluminação circular perfeitamente centrado no bico. Pé circular soldado ao *infundibulum*, de secção rectangular com base ligeiramente alargada e redobrada para o interior. Na face interna possui um círculo em relevo à volta de um ponto. Pega formada por haste semicircular, de secção trapezoidal junto ao *infundibulum*, desenvolvendo-se progressivamente para uma secção circular, orientada no sentido do orifício de alimentação. A haste, sensivelmente a meio, encontra-se restaurada por um grampo de ferro. No seu terço final representa a cabeça de um cavalo de forma realista. A crina estilizada é representada por linhas incisas com orientação transversal (vol. II, est. CCIII, n.º 10).
Dim. - Comprimento máximo 178 mm; Altura máxima 95 mm; Diâmetro do orifício de iluminação 15 mm; Diâmetro máximo do pé 46 mm; Peso 581, 5 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 245, 132.

Vasilhame metálico (11-33)

11. Alv. 92 A, op. 8 - Fragmento de sítula de grande dimensão executada a partir de várias folhas. O presente fragmento representa a união de duas delas por sobreposição e aplicação de rebites martelados (vol. II, est. CCIII, n.º 11).
Observação ao microscópio óptico - Amostra de bronze com 7 % Sn e 2 %Pb. Elementos menores; 0,1 Fe, 0,1 Sb e 0,07 Ag. A chapa apresenta teor de estanho sensivelmente menor que o cravo (vol. II, est. CCXV, fot. n.º 4).
Dim. - Comprimento máximo 140 mm; Largura máxima 38 mm; Espessura média da folha 1 mm; Peso 112 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. II, corte estratigráfico 13, camada 1.

12. Alv. 93 A, op. 18 (2) - Fragmento de folhas de bronze unidas por rebites. Provavelmente, tratar-se-á de materiais pertencentes a uma sítula (vol. II, est. CCIV, n.º 12).
Dim. - Comprimento máximo 158 mm: Largura máxima 56 mm; Espessura máxima da lâmina 1 mm; Peso 6,4 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

13. Alv. 95 B, op. 85 - Fragmento de sítula de grande dimensão executada a partir de várias folhas. O presente fragmento apresenta a união de duas delas através de rebites martelados. Os rebites, na sua face exterior possuem a cabeça rectangular, permitindo, em espaços determinados, formar uma fita continua (vol. II, est. CCIV, n.º 13).
Dim. - Comprimento máximo 157 mm; Largura máxima 57 mm; Espessura média da folha 1 mm; Peso 27,6 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 1, camada 1.

14. Alv. 94 A, op. 165 - Fragmento de sítula de reduzidas dimensões executada a partir de duas folhas. O presente fragmento representa a união de duas folhas através de rebites martelados. Os rebites, na sua face exterior possuem a cabeça circular e encontram-se espaçados cerca de 4 mm. No interior encontram-se deformados pela martelagem (est. CCIV, n.º 14).
Amostra ao microscópio óptico - Amostra de cobre com cerca de 4% de estanho, 1 % de chumbo e 1% de prata. Estrutura monofásica com finos glóbulos de chumbo (est. CCXV, fot. n.º 5).
Dim. - Comprimento máximo 54 mm; Largura máxima 39 mm; Espessura média da folha 1 mm; Peso 12,4 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Colher de Prata*, Fase V, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 01.

15. Alv. 93 A, op. 18 - Fragmento de sítula. Pequena chapa com um rebite e pequeno orifício circular de suspensão (vol. II, est. CCIV, n.º 15).
Dim. - Comprimento máximo 28 mm; Largura máxima 24 mm; Espessura máxima 2 mm; Peso 3,8 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Colher de Prata*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

16. Alv. 95 B, op. 27; 55; 129 - Fragmentos de folha de bronze pertencentes a um grande prato. Um dos fragmentos (27) corresponde ao bordo e conserva ainda um rebite de fixação das duas lâminas que se encontram sobrepostas em cerca de 16 mm. Bordo curvado para o exterior formando uma aba com ligeiro ressalto no lábio.

Corresponde a uma "costura" vertical para a definição da forma cilíndrica (est. CCIV, n.º 16).
Amostra ao microscópio óptico - Amostra de latão com cerca de 16% de zinco, 6% de estanho e 5% de chumbo. Estrutura bifásica com chumbo segregado. Estrutura monofásica, com glóbulos de chumbo (vol. II, est. CCXV, fot. n.º 6).
Fragmento do bordo (27), Dim. - Diâmetro externo, Largura da aba 24 mm; Espessura média da lâmina 1 mm; Peso 13 gr.
Fragmento (55), Dim. - Comprimento máximo 124 mm; Largura máxima 57 mm; Espessura média da lâmina 1 mm; Peso 39 gr.
Fragmento (129), Dim. - Comprimento máximo 92 mm; Largura máxima 52 mm; Espessura média da lâmina 1 mm; Peso 13gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 1, camada 1.

17. Alv. 95 B, op. 85 - Fragmento de sítula formada por lâmina fina batida e fragmentada. Configuração disforme (est. CCV, n.º 17).
Observação ao microscópio óptico - Cobre 97%; Chumbo 0,8%, Ferro 1%, Estanho 1,6% (vol. II, est.CCXVI, fot. n.º 7).
Dim. - Comprimento máximo108 mm; Espessura máxima da folha 1,5 mm; Peso 8 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

18. Alv. 97 B1, A2, op. 33 - Três fragmentos de folhas de bronze unidas por rebites. Provavelmente, tratar-se-á de materiais pertencentes a uma sítula (vol. II, est. CCV, n.º 18).
Observação ao microscópio óptico - Amostra de cobre com estanho (2%), prata (2%), chumbo (1%) e ferro (1%). Estrutura monofásica com glóbulos de chumbo (vol. II, est. CCXVI, fot. n.º 8).
1. Dim. - Comprimento máximo 99 mm; Largura máxima 23 mm; Espessura máxima 4 mm; Peso 11,8 gr.
2. Dim. - Comprimento máximo 82 mm; Largura máxima 39 mm; Espessura máxima 3 mm; Peso 9,6 gr.
3. Dim. - Comprimento máxima 62 mm; Largura máxima 46 mm; Espessura máxima 4 mm; Peso 9,1 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

19. Alv. 1952 - Asa de sítula de formato cilíndrico formada por uma folha com abas dobradas. Na face interna o cilindro é aberto e apresenta algumas irregularidades. O interior é formado por cilindro de chumbo maciço que apresenta nas extremidades dois orifícios cónicos de encaixe da asa (vol. II, est. CCV, n.º 19).
Dim. - Comprimento máximo 107 mm; Espessura máxima da folha de bronze 3 mm; Diâmetro máximo exterior 30 mm; Comprimento máximo do cilindro de chumbo 97 mm; Diâmetro máximo do cilindro de chumbo 99 mm; Peso 480 gr.
Prov. - Achado sem contexto estratigráfico 1952; Fase II -IIb.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 247, 134.

20. Alv. 1952 - Asa de sítula formada por uma folha de bronze curvada em forma de cilindro. Abas dobradas e batidas, com a face interior aberta de recorte desigual. O interior é formado por um cilindro de chumbo com dois orifícios cónicos nas extremidades para articulação da asa. Asa de secção quadrangular e formato oval com adelgaçamento progressivo para a extremidade onde remate de forma pontiaguda (vol. II, est. CCV, n.º 20).
Dim. - Comprimento máximo 102 mm; Espessura máxima da folha de bronze 3/4 mm; Diâmetro máximo exterior 30 mm; Comprimento máximo do cilindro de chumbo 94 mm; Diâmetro máximo do cilindro de chumbo 99 mm; Peso 540 gr.
Prov. - Achado sem contexto estratigráfico de 1952; Fase II-IIb.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 248, 134.

20(1). Alv. 97 B1, A2, op. 03 - Fragmento de peça escultórica revelando ter sido fundida em molde. O interior revela um perfil côncavo revestido a chumbo. Na face exterior, ligeiramente convexa, encontra-se decorada com um conjunto de linhas que sugerem tratar-se das pregas de uma túnica, eventualmente uma toga. A sua diminuta dimensão não permite uma caracterização mais desenvolvida, contudo parece seguro tratar-se de um elemento escultórico que representaria uma figura humana (vol. II, est. CCV, N.º 20(1)).
Dim. - Altura máxima 31 mm; Largura máxima 30 mm; Secção mínima 4 mm; Secção máxima 9 mm; Peso 90 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

21. Asa de sítula. Nereida. Peça maciça, fundida em molde e polida.
A estatueta representa um corpo feminino, nu até às ancas, terminando em duas caudas de peixe erguidas sobre uma base que representa águas ondulantes, estilizadas em forma de escamas. Encontra-se fracturada em dos locais, um dos quais localizado no extremo inferior, e outro no seu lado esquerdo, onde lhe falta o remate da cauda de peixe. No interior da peça existe um orifício cónico de base oval que se prolonga até à base do umbigo. No seu interior revela uma superfície convexa com um pequeno rebordo para fixação. Por detrás das caudas de peixe existem dois orifícios com cerca de 10 mm de profundidade, orientados no sentido da figura (vol. II, est. CCVI, n.º 21, est. CCVII, 21a).
Dim. - Comprimento máximo 130 mm; Largura máximo 115 mm; Peso 310 gr.
Proveniência - Achado sem contexto estratigráfico 1952; Fase B - III.
Bibli. - SANTARÉM 1954, 31-39; MOREIRA 1991 b, 69-79; 1992, 34-47, est. VI, fig. 1-2; 2007, MMAP n.º 256(1), 138-139.

22. Alv. 92 A, op. 102(1) - Armela de sítula em bronze, tipo I de M. Delgado / tipo XIII A de Nunes Pinto (PINTO 2002, 80). Espelho circular, decorada com uma face onde são representadas, de uma forma grosseira, os olhos, o nariz, a boca e bigode. A face é moldurada por uma coroa circular reticulada que representa, de uma forma estilizada a barba. O travessão, junto ao anel de suspensão, desenha o perfil de um ângulo obtuso. O seu lado posterior é decorado por uma barra com entalhes verticais interrompidos por um elemento longitudinal que percorre toda a

moldura e termina com duas pequenas protuberâncias ovaladas. A decoração foi elaborada a cinzel após a execução da peça em molde (vol. II, est. CCVIII, n.º 22).
Dim. - Altura máxima 78 mm; Largura máxima 75 mm; Diâmetro interno do anel de suspensão 11 mm; Peso 177,9 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. II, corte estratigráfico 13, camada 01.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 255, 137.

23. Alv. 92 A, op. 102 (2) - Armela de sítula em bronze, tipo III de M. Delgado / tipo III B de Nunes Pinto (PINTO 2002, 78). Peça de forma triangular espessada, encimada por anel de suspensão de configuração oval com elevado desgaste da sua parte superior na face interna. No espelho é grosseiramente representada uma face com olhos, nariz, boca e bigode. Na orla, em forma de moldura, são representadas incisões transversais, que na parte superior se encontram seccionadas por incisões verticais (vol. II, est. CCVIII, n.º 23).
Dim. - Altura máxima 67 mm; Largura máxima 34 mm; Largura interna do anel de suspensão 17 mm; Peso 91,4 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. II, corte estratigráfico 13, camada 01.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 252, 136.

24. Alv. 92 A, op. 109 - Armela de sítula em bronze, tipo I de M. Delgado / tipo XIII A de Nunes Pinto (PINTO 2002, 80). Peça idêntica à n.º 22 (op. 102), tendo sido provavelmente moldada no mesmo molde que a anterior (vol. II, est. CCVIII, n.º 24).
Dim. - Altura máximo 78 mm; Largura máxima 74 mm; Diâmetro interno do anel de suspensão 11 mm; Peso 176, 8 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. II, corte estratigráfico 13, camada 01.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 245, 137.

25. Alv. 93 A, op. 49 - Armela com duas perfurações centrais com cravos em ferro tipo VI A de Nunes Pinto (PINTO 2002, 78).Peça larga e espessa. A face possui apenas o nariz e a boca bem vincados, rodeados de barba estilizada, configurada por pequenas caneluras radiais. As molduras horizontais constituem a decoração da junção do mascarão e o anel de suspensão (vol. II, est. CCVIII, n.º 25).
Dim. - Altura máximo 67 mm; Largura máxima 68 mm; Espessura máxima 11 mm; Peso 76,4 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 2.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 252(1), 136.

26. Alv. 95, op. 31 - Armela com uma perfuração central com cravo em ferro tipo VI B de Nunes Pinto (PINTO 2002, 78). Peça larga e espessa. A face possui apenas a boca bem vincada, rodeados de barba estilizada. As molduras horizontais constituem a decoração da junção do mascarão e o anel de suspensão base do anel de suspensão, que revela profundo desgaste de utilização encontrando-se marcadamente destacado do mascarão (vol. II, est. CCVIII, n.º 26).
Observação ao microscópio óptico – Cobre 85%; Chumbo 11%; Estanho 3% (vol. II, est. CCXVI, fot. n.º 9).
Dim. - Comprimento máximo 71 mm; Largura máxima 26 mm; Diâmetro interno do anel de suspensão 13 mm; Espessura máxima 16 mm; Peso 102,8 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 1, camada 1.

27. Alv. 97 B1, A2, op. 128 - Armela de formato trapezoidal com remate circular na área inferior. A decoração é de cariz geométrico formado apenas pela modelagem da peça. A argola de suspensão encontra-se ligeiramente descentrada revelando o seu interior marcado com vestígios de desgaste. O contexto crono-estratigráfico corresponde à segunda metade do séc. IV, primeira metade do séc. V (vol. II, est. CCXVII, n.º 27).
Amostra ao microscópio óptico - Amostra de bronze com cerca de 23% de chumbo e 6% de estanho. Estrutura com grande quantidade de chumbo segregado (vol. II, est. CCXVI, fot. n.º 10).
Dim. - Comprimento máximo 64 mm; Largura máxima 30 mm; Espessura máxima 14 mm; Diâmetro interior do anel 8 mm; Peso 56.6 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 1.

27(1). Alv. 97 B1, A2, op. 157 - Asa de suspensão de balde. Formato rectangular, recortado com arestas arredondadas. Orifício de suspensão de recorte oval, revelando desgaste de utilização na face superior. A área inferior de ligação ao recipiente, ao qual estaria soldado, encontra-se projectada para o exterior, evidenciando um vaso de perfil tronco-cónico (est. CCVIII, n.º 27(1)).
Dim. - Comprimento máximo 30 mm; Largura máxima 36 mm; Espessura máxima 5 mm; Peso 49 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

28. Alv. 92 A, op. 114 - Anel fragmentado, formado por fita de secção rectangular com dois pequenos pés rectangulares soldados. Este tipo de suporte ou pé de vaso era muitas vezes soldado aos próprios vasos. O nosso exemplar não possui qualquer vestígio de soldadura (vol. II, est. CCIX, n.º 28).
Amostra (ao microscópio) de cobre com 2,5% Pb e 1,3 % Sn. Elementos menores são 0,4% Sb e 0,07 % Ag. A estrutura parece monofásica, com glóbulos de chumbo segregados (vol. II, est. CCXVI, fot. n.º 11).
Dim. - Altura máxima 13 mm; Espessura máxima da fita 3 mm; Diâmetro máximo interior 79 mm; Peso 50,3 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. III, corte estratigráfico 13, camada 01.

29. Alv. 92 A, op. 98 - Garrafa. Bordo simples, vertical, precedido por um ressalto, rematado por lábio projectado para o exterior de perfil arredondado. Gargalo formado por canelura de perfil arredondado, assimétrica em relação ao bordo. Corpo cilíndrico elaborado a partir de apenas uma folha de bronze rematada no fundo onde é unida á base através de rebites. A folha que forma o fundo encontra-se ligeiramente

dobrada para o exterior de forma a constituir uma união estanque. Fundo formado por falso pé elaborado por dobragem da folha que configura o bojo (vol. II, est. CCIX, n.º 29).
Amostra ao microscópio óptico - Amostra de cobre com estanho 2% e vestígios de chumbo 0,2% e ferro 0,7%. Estrutura monofásica típica do cobre (vol. II, est. CCXVI, fot. n.º 12; est. CCXVII, fot. n.º 13).
Dim. - Diâmetro máximo do bordo 90 mm; Diâmetro máximo do bojo 90 mm; Diâmetro máximo do bordo 23 mm; Espessura média da folha 0,5/1 mm; Diâmetro máximo do fundo 120 mm; Altura máxima do pé 9 mm; Peso 72 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. II, corte estratigráfico 14, camada 01.

30. Alv. 94 A, op. 216 - Tampa maciça de jarra *lagoena*. A tampa de formato periforme seria articulada por uma pequena charneira perfurada através de um eixo com duas outras implantadas no bordo. Na parte superior, onde se inicia o estreitamento para o bocal, possui um gancho que permitiria abrir a tampa do jarro e assim, mantê-la durante o acto de servir (vol. II, est. CCIX, n.º 30).
Observação ao microscópio óptico - Bronze ao estanho (8 % Sn) e com elevado teor de chumbo (11 %). Teores de elementos menores são: 0,4 % Zn, 0.8 % Fe, 0.2 Sb e 0.07 % Ag. A estrutura é típica neste tipo de bronze, com o chumbo segregado na forma de glóbulos (vol. II, est. CCXVII, fot. n.º 14).
Dim. - Comprimento máximo 81 mm; Largura máxima 48 mm; Espessura máxima 5 mm; Peso 81,8 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 3.

31. Alv. 97 B1, A2, op. 100 - Tampa maciça de jarra *lagoena*. A tampa de formato periforme era articulada pela saliência anterior que é perfurada, através de um eixo com duas outras articulações implantadas do bordo da jarra formando uma charneira. Na parte superior, na área central, com um ligeiro desajustamento, possuiria uma peque argola, que se encontra fragmentada que permitiria abrir a tampa do jarro e assim mantê-la durante o acto de servir. O enquadramento crono-estratigráfico aponta para uma cronologia correspondente à segunda metade do séc. IV, primeira metade do séc. V (vol. II, est. CCIX, n.º 31).
Dim. - Comprimento máximo 86 mm; Largura máximo 51 mm; Espessura máximo 4 mm; Peso 98,8 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 256(3), 139-140.

32. Alv. 92 A, op. 99 - Asa e fragmento de bordo de caçarola. O bordo e a asa foram fundidos conjuntamente. A asa de secção rectangular possuí no remate uma argola de suspensão e mantém a sua configuração até próximo do bordo, onde se alarga ligeiramente, retomando uma secção rectangular, para novamente se alargar e fundir com o bordo, que possuí uma ligeira aba horizontal (vol. II, est. CCX, n.º 32)
Observação ao microscópio óptico - Amostra de bronze com cerca de 14% de estanho e 0,5 de chumbo. Estrutura bifásica (est. CCXVII, fot. n.º 15).
Dim. - Comprimento máximo 207 mm; Espessura máxima 4 mm; Largura máxima 22 mm; Peso 56,1 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14, camada 4.

33. Alv. 92 A, op. 99b - Fragmento fundo de caçarola, formada por uma folha de bronze mais ou menos circular de perfil côncavo (vol. II, est. CCX, n.º 33).
Observação ao microscópio óptico - Amostra de bronze com cerca de 14% de estanho e 0,5% de chumbo. Estrutura bifásica (vol. II, est. CCXVII, fot. n.º 15).
Dim. - Largura máximo 104 mm; Espessura máxima 1,5 mm; Espessura média 1 mm; Peso 39,3 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14,camada 4.

Objectos de adorno

Alfinetes de toucado (34-38)

34. Alv. 92 A, op. 2 - Alfinete de toucado tipo Beckmann 114-119. Cabeça em forma de placa perfurada com três orifícios para suspensão de *pendoloques.* Haste de secção arredondada, irregular, com diminuição progressiva de espessura (vol. II, est. CCX, n.º 34).
Dim. - Comprimento máximo 151 mm. Espessura máxima 4 mm; Comprimento máxima da placa 24 mm; Largura máxima da placa 11 mm; Peso 18,7 gr.
Prov. - Área Habitacional Norte, *Domus do Tesouro*, Fase V, Ap. III, corte estratigráfico 14, camada 4.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 256(4), 140.

35. Alv. 96 B, A3, op. 403 - Fragmento de alfinete de toucado com cabeça cónica, ligeiramente alterada na superfície. Haste de secção arredondada de espessura irregular (n/ilustrado).
Dim. - Comprimento máximo 19 mm; Espessura máxima da haste 3 mm; Secção da cabeça 6 mm; Peso 1,1gr..
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 1b.

36. Alv. 96 B, A3, op. 409 - Fragmento de alfinete de toucado. Haste de secção quadrangular (n/ilustrado).
Dim. - Comprimento máximo actual 25 mm; Espessura máxima 4,5 mm; Peso 1,5 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça* ext., corte estratigráfico 1, camada 1b.

37. Alv. 96 B, A3, op. 437 - Fragmento de agulha de alfinete de toucado de secção circular (n/ilustrado).

Dim. - Comprimento máximo 24 mm; Espessura máxima 2,5 mm; Peso 0,4 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

38. Alv. 97 B3, A1, op. 133 - Alfinete de toucado. Alfinete de secção circular rematado por cabeça esférica soldada. Encontra-se ligeiramente dobrado a meio da haste. Secção arredondada de espessura irregular. Conserva a ponta pontiaguda (vol. II, est. CCX, n.º 38).
Dim. - Comprimento máximo 62,5 mm; Espessura máxima da cabeça 3 mm; Diâmetro máximo do alfinete 1 mm; Peso 0,5 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho* - ext., corte estratigráfico 4, camada 1.

Peças de Vestuário

Fíbulas (39-48)

39. Alv. 92 A, op. 94 - Fragmento de fíbula anular tipo Fowler. Anel formado a partir de um fio de secção circular, com maior espessamento no centro. As extremidades estão deformadas encontrando-se batidas formando uma lamina de secção circular (vol. II, est. CCX, n.º 39).
Dim. - Diâmetro máximo actual 46 mm; Secção máxima 5 mm; Peso 7 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro,* Ap. II, corte estratigráfico 14, camada 4.

40. Alv. 93 A, op. 205 - Fíbula anular, tipo Fowler B2, Ponte B51.2a. Anel oval com aro de secção circular, com extremidades dobradas na horizontal, rematadas por botões de recorte oval, decoradas por três anéis compostos por linhas incisas. Fusilhão de secção circular com aro perfurado (vol. II, est. CCXI, n.º 32).
Dim. - Diâmetro interno 22 mm; Diâmetro externo 29 mm; Espessura máxima 4 mm; Peso 9,1 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 243, 131.

41. Alv. 93 A, op. 225 - Fíbula tipo Sabroso A. Arco de secção plano-convexa. Pé de secção quadrangular com espessamento progressivo rematado com largo disco com gola. Ausência de eixo e fusilhão. (vol. II, est.CCXI, n.º 41).
Observação ao microscópio óptico - Amostra bronze ao estanho (14%) com 2% de chumbo. Elementos menores - Sb 0,5%, Ag - 0,2 %, Ni - 0.14 %. Microestrutura bifásica, notando-se as dentrites de solidificação primária (vol. II, est. CCXVII, fot. n.º 16).
Dim. - Espessura máxima do arco; Peso 21,9 gr.; Diâmetro máximo do disco 23 mm; Comprimento máximo do pé 30 mm; Comprimento máximo do descanso 23 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 7, camada 6.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 215, 103.

42. Alv. 94 A, op. 2 - Fíbula tipo Sabroso C. Aro de secção biconvexa, decorado longitudinalmente com uma nervura no dorso, sem vestígios da mola. Pé alto, dobrado em arco, com apêndice em balustre encimado por tronco em forma de cone rematado por disco e esférula em posição vertical. Ausência de fusilhão (vol. II, est. CCXI, n.º 42).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Domus da Colher de Prata*, Ap. III, corte estratigráfico 4, camada 1.
Observação ao microscópio óptico - Amostra de bronze com 12 % Sn e 2 % Pb. Presença de elementos menores; 1,4 % Zn, 0.6 %, 0,2 % Fe e 0,3 % Au. Amostra está corroída, pelo que a microestrutura apenas evidencia esse estado (vol. II, est. CCXVII, fot. n.º 17).
Dim. - Comprimento máximo 62 mm; Altura máxima do pé 44 mm; Comprimento máximo do descanso 14 mm; Espessura máxima do arco 6 mm; Peso 33,3 gr.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 242, 131.

43. Alv. 94 A, op. 18 - Fíbula tipo Aucissa. Arco de fita de secção plano-convexa decorado com três nervuras longitudinais no dorso e caneluras transversais na linha divisória entre o arco e o pé na cartela. Cartela de formato rectangular, charneira com eixo de ferro com um botão terminal cilíndrico. Fragmento de fusilhão em ferro. Pé rematado por botão quase esférico (vol. II, est. CCXI, n.º 43).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã* - ext., corte estratigráfico 5, camada 2.
Dim. - Comprimento máximo 36 mm; Largura máxima da cartela 19 mm; Espessura máxima do arco 2 mm; Peso 4, 6 gr..
Observações ao microscópio óptico - Amostra de bronze com cerca de 14% de estanho e 3% de chumbo. Estrutura bifásica com o chumbo segregado em glóbulos (vol. II, est. CCXVII, n.º 17).

44. Alv. 94 A, op. 160 - Fragmento de fíbula tipo transmontano. Apenas resta parte do pé que se encontra adornado com a decoração típica deste tipo de fíbulas composto por anéis contínuos organizado em grupos de três (vol. II, est. CCXI, n.º 44).
Dim. - Comprimento máximo do pé 36 mm; Espessura máxima do pé 6 mm; Peso 4,8 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 3.

45. Alv. 94 A, op.169 - Fíbula tipo Aucissa, variante C (Camulodunum 17, Almgren 242, Bohme 8, Collingwood C, Ritterling 5 A). Apenas se conserva parte do arco que apresenta um perfil semicircular e secção triangular (vol. II, est. CCXI, n.º 45).
Dim. - Comprimento máximo do arco 27 mm; Largura máxima do arco 5 mm; Espessura máxima 4 mm; Peso 5,1 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 1.

46. Alv. 96 B, A3, op. 428 - Fragmento de fíbula tipo transmontano. Apenas se conserva a extremidade do arco e o pé que apresenta a decoração típica deste tipo de fíbulas composto por anéis contínuos. A cronologia proposta por Schule aponta para um largo período que se desenvolve desde o séc. IV a.C. ao período republicano. No entanto, os paralelos identificados em Conímbriga acompanham desde finais do séc. I, Vespasiano e Trajano até ao séc. III (vol. II, est. CCXI, n.º 46).
Dim. - Comprimento máximo do pé 28 mm; Espessura máximo do pé 6 mm; Peso 3,8 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 2.

47. Alv. 98 B1, A1, op. 139 - Fíbula anular. Anel circular de secção em losango. Encontra-se fragmentada a meio e não conserva as extremidades. Fusilhão ausente (vol. II, est. CCXI, n.º 47).
Dim. - Diâmetro máximo 40 mm; Espessura máximo do anel 5 mm; Peso 14 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 1, camada 0.

48. Alv. 95 B, op. 43 - Fragmento de fíbula (vol. II, est. CCXI, n.º 48).
Observação ao microscópio óptico - Cobre 65%; Chumbo 14%; Estanho 21% (est. CCXVIII, fot. n.º 19).
Dim. - Comprimento máximo 40 mm; Espessura máxima 16 mm; Peso 48 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 249, 135.

Fechos de cinturão (49-52)

49. Alv. 92 A, op. 103 - Fecho de cinturão de formato rectangular com dois espigões de fixação na face anterior. A peça é formada a partir de uma lâmina única, rematando com uma charneira formada por dois orifícios criados por reviramento e soldagem. Nos orifícios articular-se-ia um eixo a partir do qual se faria a preensão ao cinto. Os espigões serviriam de fixação na parte oponente. A decoração no espelho do fecho é constituída por motivos geométricos dispostos na orla de forma mais ou menos organizada. São constituídos por dois círculos concêntricos com um ponto central, efectuados através de uma matriz por puncionamento. No centro, em relevo existe uma face grosseira, onde se destaca o queixo, nariz e olhos (vol. II, est. CCXI, n.º 49).
Dim. - Comprimento máximo 41 mm; Largura máxima 31,5 mm; Espessura média da lâmina 2 mm; Peso 19,2 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14, camada 4.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 249, 135.

50. Alv. 97 B2, op. 75 - Terminal de cinturão tipo anforiforme. É constituído por duas placas de formato rectangular de ombros arredondados unidas por três rebites. Remate em forma de botão esférico. A decoração é apenas constituída por dois círculos concêntricos incisos à volta de um ponto central (vol. II, est. CCXI, n.º 50).
Observação ao microscópio óptico - Cobre 85%,Chumbo 4%; Estanho 10%; Antimónio 1% (est. CCXVIII, fot. n.º 22).
Dim. - Altura máxima 59 mm; Largura máxima 24 mm; Espessura máxima 4 mm; Peso 16,4 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

51. Alv. 93 A, op. 210 - Fecho de cinturão de formato rectangular, com ombros ligeiramente arredondados e remate em argola. Suporte de engate oponente também em bronze de formato quadrangular e espigão curvo em ferro. Possui dois orifícios laterais para fixação no cinto através da aplicação de rebites (vol. II, est. CCXI, n.º 51).
Observação ao microscópio óptico - Cobre 91%; Chumbo 2%; Estanho 5% (est. CCXVIII, fot. n.º 21).
Dim. - Altura máxima 42 mm; Largura máxima 45 mm; Espessura máxima 7 mm; Peso 58,6 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 244, 132.

51(1). Alv. 97 B1, op. 105 - Fragmento de remate de fecho de cinturão fragmentado na face superior. Recorte sub-rectangular com faces laterais, levemente curvas, rematadas por um rebordo saliente a formar uma pequena canelura. Base alargada, dobrada para o interior com ranhura longitudinal. Decoração composta por uma canelura marcada por duas linhas incisas ao nível da base. A face lateral do corpo é decorada com um conjunto de pontos incisos, aparentemente sem formar uma composição coerente. Peça fundida, com vestígios de soldadura na face inferior (vol. II, est. CCXI, nº 51(1).
Dim. - Altura máxima 18 mm; Largura máxima 18 mm; Espessura máxima 3 mm; Peso 18,6 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, exterior, corte estratigráfico 3, camada 2.

51(2). Alv. 97 B1, op. 141 - Eixo de fecho de cinturão fragmentado ao nível inferior de ligação com a charneira. Eixo de desenvolvimento longitudinal, levemente arqueado, com vinco na face inferior onde configura um leve talão que constitui o arranque para o segmento inferior onde desenvolve uma curvatura oposta à do eixo. Secção sub-rectangular com as arestas arredondadas. Decoração composta por uma linha de pontos incisos nas faces laterais dispostos a espaços regulares (vol. II, est. CCXI, n.º 51(2)).
Dim. - Comprimento máximo 50 mm; Largura máxima 10 mm; Peso 32 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 1.

52. Alv. 93 A, op. 62 - Fecho de cinturão de formato rectangular com ombros ligeiramente arredondados, formado por dobragem de uma chapa, sendo a face anterior rematada por dois cravos de preensão do cinto. O fecho é composto por um pequeno eixo rematado por botão semiesférico. Apresenta decoração na face constituída por dois pequenos orifícios sendo o primeiro envolto em dois círculos concêntricos (vol. II, est. CCXII, n.º 52).
Observação ao microscópio óptico - Amostra de bronze ao estanho (5%) com alto teor de chumbo (17%). Estrutura bifásica típica destes materiais, com glóbulos de chumbo evidentes. A análise indica 0,2 % Ag, 0.15 % Fe, 0,3% Zn, 0.05 % Ni e 0,2 % Sb (vol. II, est. CCXVIII, fot. n.º 20).
Dim. - Comprimento máximo 21 mm; Largura máxima 23 mm; Espessura máxima 19 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

Botões e apliques decorativos (53-56)

53. Alv. 95 B, A2, op. 118 - Cravo decorativo formando uma garra estilizada, com dois espigões na face anterior. Cabeça aplanada e mais larga que a haste. Superfície exterior convexa rematada por três bicos. Interior convexo. A peça foi fundida em molde tendo posteriormente sido soldados os espigões. Este tipo de elemento decorativo era utilizado com frequência como elemento aplicado sobre objectos de couro, nomeadamente vestimentas militares ou arreios de cavalo (vol. II, est. CCXII, n.º 53).
Dim. - Comprimento máximo 17 mm; Largura máxima 16 mm; Altura máxima 10 mm; Espessura máxima 6 mm; Peso 3,5 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico1, camada 1.

54. Alv. 95 B, A2, op. 118a - Cravo decorativo configurando uma garra estilizada, com dois espigões na face anterior de cabeça aplanada e mais larga que a haste. Superfície exterior convexa rematada por três bicos. Interior côncavo. A peça foi fundida em molde tendo posteriormente sido soldados os espigões.
Peça idêntica à anterior, mas uma das garras encontra-se fragmentada (vol. II, est. CCXII, n.º 54).
Dim. - Comprimento máximo 17 mm; Largura máxima 17 mm; Altura máxima 10 mm; Espessura máxima 6 mm; Peso 4,2 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico1, camada 1.

55. Alv. 95 B, A2, op. 118b - Cravo decorativo formando uma garra estilizada, com dois espigões na face anterior, com cabeça aplanada e mais larga que a haste. Superfície exterior convexa rematada por três bicos. Interior côncavo. A peça foi fundida em molde tendo posteriormente sido soldados os espigões (vol. II, CCXII, n.º 55).
Dim. - Comprimento máximo 17 mm; Largura máxima 18 mm; Altura máxima 8 mm; Espessura máxima 5 mm; Peso 3,5 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico1, camada 1.

56. Alv. 95 B, A2, op. 118c - Peça idêntica às demais, mas de reduzidas dimensões e sem cravos de fixação. Superfície exterior convexo rematada por três bicos de recorte assimétrico. Interior côncavo (vol. II, est. CCXII, n.º 56).
Dim. - Comprimento máximo 12,5 mm; Largura máxima 14 mm; Espessura máxima 2 mm; Peso 0,5 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico1, camada 1.

Pesos de balança (57)

57. Alv. 95 B, A2, op. 51 - Peso de balança em bronze em forma de bolota com anel de suspensão fragmentado. Provavelmente corresponderá a meia onça - *semuncia* (vol. II, est. CCXII, n.º 57).
Dim. - Comprimento máximo 23 mm; Largura máximo 13 mm; Peso 11 gr..
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* , corte estratigráfico1, camada 1.

Objectos de culto (58)

58. Alv. 93 A, op. 208 - Asa de pátera litúrgica tipo Boesterd 73, Eggers 155. Forma cilíndrica que termina com uma cabeça de animal estilizada, sendo o elemento mais identificativo os cornos de um carneiro. O cabo não é totalmente maciço, revelando na sua parte inferior uma cavidade longitudinal que acompanha a totalidade da peça. Os remates de suporte da pátera são ligeiramente engrossados revelando dois orifícios para a colocação de rebites para a fixação, encontrando-se um *in situ*. A parte final do cabo, a que corresponde a cabeça de animal, é pontiaguda e possui, na sua parte inferior, um orifício que a atravessa transversalmente serviria para suportar um elemento de suspensão (vol. II, est. CCXII, n.º 58).
Observação ao microscópio óptico - Amostra de cobre com 6% Pb e 0,3 % Sn. Outros elementos menores são: 0,2 % Ag, 0,2% Au e 0,1% Sb. A microestrutura é monofásica, com chumbo segregado em glóbulos e nos limites de grão.
Dim. - Comprimento máximo 115 mm; Diâmetro máximo 19 mm; Peso 133,2 gr. (vol. II, est. CCXVIII, fot. n.º 23).
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 246, 133.

Vária (59-72)

59. Alv. 92 A, op. 23 - Anel. Formado a partir de um fio de secção circular enrolando-se as pontas uma na outra em hélice. A secção do fio encontra a sua maior espessura no centro adelgaçando-se para as extremidades. Possui uma pequena chapa enrolada no anel com um pequeno orifício (vol. II, est. CCXII, n.º 59).
Dim. - Diâmetro máximo 35 mm; Secção máxima do aro 3,5 mm; Comprimento máximo da chapa 29 mm; Espessura máxima da chapa 1 mm; Peso 7 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14, camada 4.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 241, 131.

60. Alv. 92 A, op. 42 - Objecto em forma de espora, mas de diminutas dimensões, cuja função desconhecemos. Formato em U de braços alongados e paralelos entre si, de secção plano-convexa. O remate superior é formado por duas hastes paralelas rematadas por um botão destacado por um pequeno sulco. Os botões têm uma perfuração central em que se apoia um eixo, que ainda se conserva, que serviria de charneira, para articulação de um outro componente (vol. II, est. CCXII, n.º 60).
Observação ao microscópio óptico - Amostra de latão vermelho, 11 % Zn com 1,3 % Sn, 3,0 % Pb, 0,4 Fe, 0,2 % Sb, 0,2 % Ag. (vol. II, est. CCXVII, n.º 24).
Dim. - Comprimento máximo 62 mm; Largura máximo exterior entre os braços 44 mm; Peso 26,2 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, corte estratigráfico 14, camada 1.

60(1). Alv. 97 B2, A2, op. 06 - Argola maciça de perfil tronco-cónico e secção sub-rectangular. Conserva as arestas angulosas. No interior revela vestígios de chumbo, sugerindo ter sido soldada a uma outra peça. A peça foi fundida em molde e terá feito parte de um objecto composto por outros elementos, eventualmente também metálicos (vol. II, est. CCXVIII, n.º 60(1)).
Dim. - Diâmetro máximo 113 mm; Diâmetro mínimo 104 mm; Altura máxima 14 mm; Espessura máxima 8 mm; Peso 82 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 3, camada 2.

61. Alv. 93 A, op. 91 - Argola em bronze formada por fita de secção sub-rectangular maciça unida por dois espigões e lâmina também em bronze. Forma tronco-cónica (vol. II, est. CCXVIII, n.º 61).
Dim. - Diâmetro interno máximo 88 mm; Espessura máxima da lâmina 4 mm; Peso 122,6 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Bibli. – MOREIRA 2007, MMAP n.º 250, 135.

62. Alv. 93A, op. 209 - Peso de forma cilíndrica com vestígios de anel de suspensão em ferro incorporado na peça e coberto na parte superior por uma fina camada de chumbo. É composto por três molduras localizadas respectivamente na parte superior, na parte intermédia do corpo e no remate inferior (vol. II, est. CCXIII, n.º 62).
Observação ao microscópio óptico - Amostra de bronze ao estanho 8% Sn com elevado teor de chumbo 6% Pb. Elementos menores são; Ag 0,05%; Fe 0,12 % ; Sb 0,2. Na micrografia podem-se observar glóbulos de chumbo numa matriz típica de bronze bifásico. Na parte interior da amostra detecta-se a presença de chumbo (vol. II, est. CCXIX, fot. n.º 25).
Dim. - Comprimento máximo 46 mm; Diâmetro máximo 32 mm; Peso 269,5 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

63. Alv. 94 A, op. 7 - Sineta em bronze de formato cónico rematada por anel de suspensão de configuração triangular, com espessamento da fita na parte superior. Vestígios de anel de suspensão do batente em ferro. O anel de suspensão foi soldado à peça e posteriormente repuxado e novamente soldado na parte superior (vol. II, est. CCXIII, n.º 63).
Observação ao microscópio óptico - Amostra de bronze com 15 % Sn e 5 % Pb, tendo elementos menores; 0,5 % Au e 0,1 % Fe. A microestrutura evidencia o chumbo segregado e uma matriz bifásica (est. CCXIX, fot. n.º 26).
Dim. - Altura máxima 51 mm; Diâmetro máxima da boca 54 mm; Largura do anel de suspensão 16 mm; Peso 69,7 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Pátio interior, corte estratigráfico 9, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 256(2), 139.

64. Alv. 94 A, op. 37 - Argola maciça de secção circular (vol. II, est. CCXIII, n.º 64).
Dim. - Diâmetro máximo 35 mm; Espessura máxima 5 mm; Peso 15,7 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Pátio exterior e Forno, corte estratigráfico 10, camada 1.

65. Alv. 94 A, op. 96 - Fragmento de cravo de secção circular e formato tronco-cónica. Cabeça de recorte circular, plana (vol. II, est. CCXIII, n.º 65).
Dim. - Comprimento máximo 21 mm; Diâmetro máximo da cabeça 5,5 mm; Peso 1,3 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 1.

66. Alv. 94 A, op. 221 - Placa de formato rectangular, fragmentada, com um orifício numa das extremidades. Decorada em baixo relevo com motivos geométricos de triângulos e folhas ovaladas formando uma estrela com ligação através de um triângulo (vol. II, est. CCXIII, n.º 66).
Observação ao microscópio óptico - Amostra de bronze ao estanho (9% Sn), com alto teor de chumbo (17%), 1,4 % Fe, 0,2 % Sb, 0,1 % Zn e 0,06 % Ag. A estrutura manifesta o alto teor de chumbo em glóbulos e uma matriz bifásica (vol. II, est. CCXIX, fot. n.º 27).
Dim. - Comprimento máximo 90 mm; Largura máxima 39 mm; Espessura média 2,5 mm; Peso 69,6 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. III, corte estratigráfico 4, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 253, 136.

67. Alv. 95 B, A2, op. 114 - Gancho de suspensão. Formado a partir de uma só peça de secção quadrangular dobrada em oposição à haste principal. O remate do gancho, na sua fase terminal é ligeiramente mais delgado de secção rectangular. Utilização indeterminada (vol. II, est. CCXIII, n.º 67).
Observação ao microscópio óptico - Cobre 77%; Chumbo 20 %; Estanho 3% (vol. II, est. CCXIX, fot. n.º 28).
Dim. - Comprimento máximo 103 mm; Espessura máxima 13 mm; Peso 94,9 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico1, camada 1.

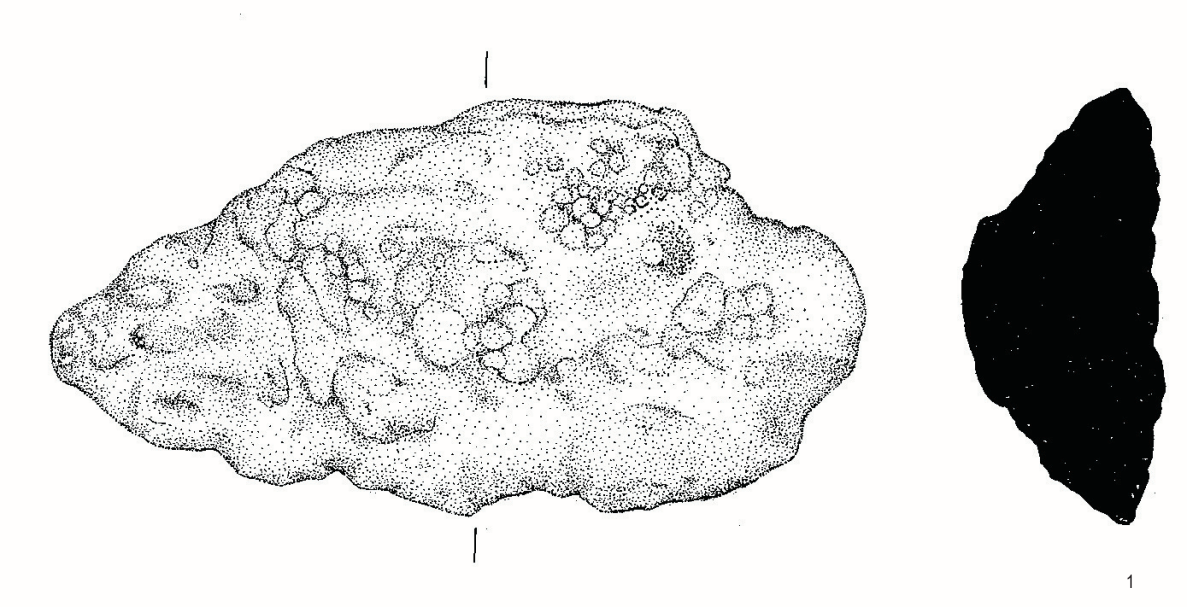
68. Alv. 95 B, op. 125 - Fragmento de gancho de suspensão. Formado a partir de uma só peça de secção quadrangular dobrada e junta à haste principal. O remate do gancho, na sua fase terminal é ligeiramente mais delgado de secção rectangular. Utilização indeterminada. Peça idêntica à Alv. 95 B, op. 114 (vol. II, est. CCXIII, n.º 68).
Dim. - Comprimento máxima 43 mm; Espessura máxima 9 mm; Peso 27,9 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 1, camada 1.

69. Alv. 97 B3, A1, op. 210 - Argola maciça de secção circular (vol. II, est. CCXIV, n.º 69).
Dim. - Espessura máxima 6 mm; Diâmetro externo 39 mm; Diâmetro interno 27 mm; Peso 17,1 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Ap. I, corte estratigráfico 5, camada 0.

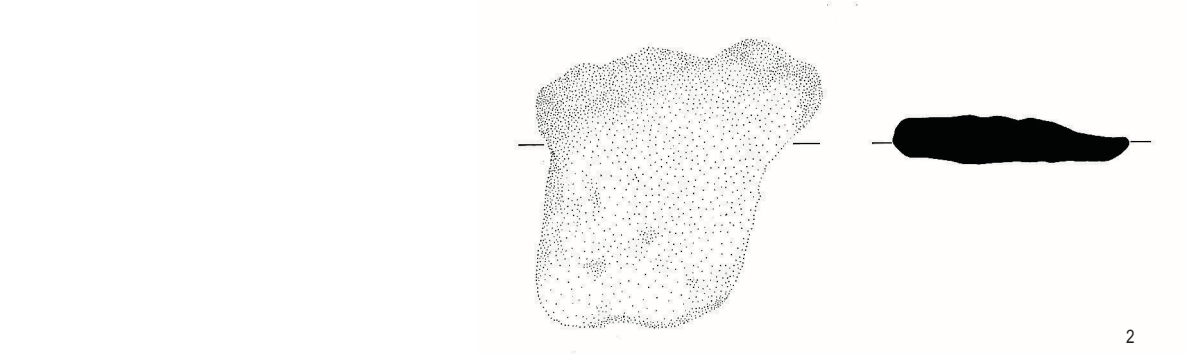
70. Alv. 93 A, op. 155 - Fragmento de base. Base de assentamento circular formando uma calote esférica com dois orifícios para fixação e parte interior côncava. A haste de fixação tem formato trapezoidal com uma nervura central saliente. A decoração, muito estilizada, sugere um garra de leão (vol. II, est. CCXIV, n.º 70).
Dim. - Comprimento máximo 49 mm; Largura máxima 33 mm; Espessura máxima 14 mm; Peso 38,3 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Pátio exterior e forno, corte estratigráfico 11, camada 0.

71. Alv. 95 B, A4, op. 116 - Tampa-asa de fechadura. «Espelho» circular com ligeiro rebordo na parte superior. Encontra-se ligeiramente fracturado na face inferior. Possui quatro orifícios para fixação. Asa de formato rectangular encontra-se fixada ao «espelho» através de dois rebites. Na parte superior possui uma charneira que possibilitaria a articulação necessária para elevar a tampa. A asa, na face superior encontra-se decorada com três linhas longitudinais incisas, que na parte central formam um quadrado decorado com linhas cruzadas. A peça pertenceria, provavelmente a uma pequena arqueta de madeira e funcionaria simultaneamente como asa de suspensão e para articulação da tampa (vol. II, est. CCXIV, n.º 71).
Análise ao microscópio óptico - Amostra de bronze com cerca de 15% de estanho e 8 % de chumbo. Estrutura bifásica com o chumbo segregado (vol. II, est. CCXIX, fot. n.º 29).
Dim. - Comprimento máximo da asa 52 mm; Espessura máxima da asa 2 mm; Peso 19,7 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 1, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 240, 131.

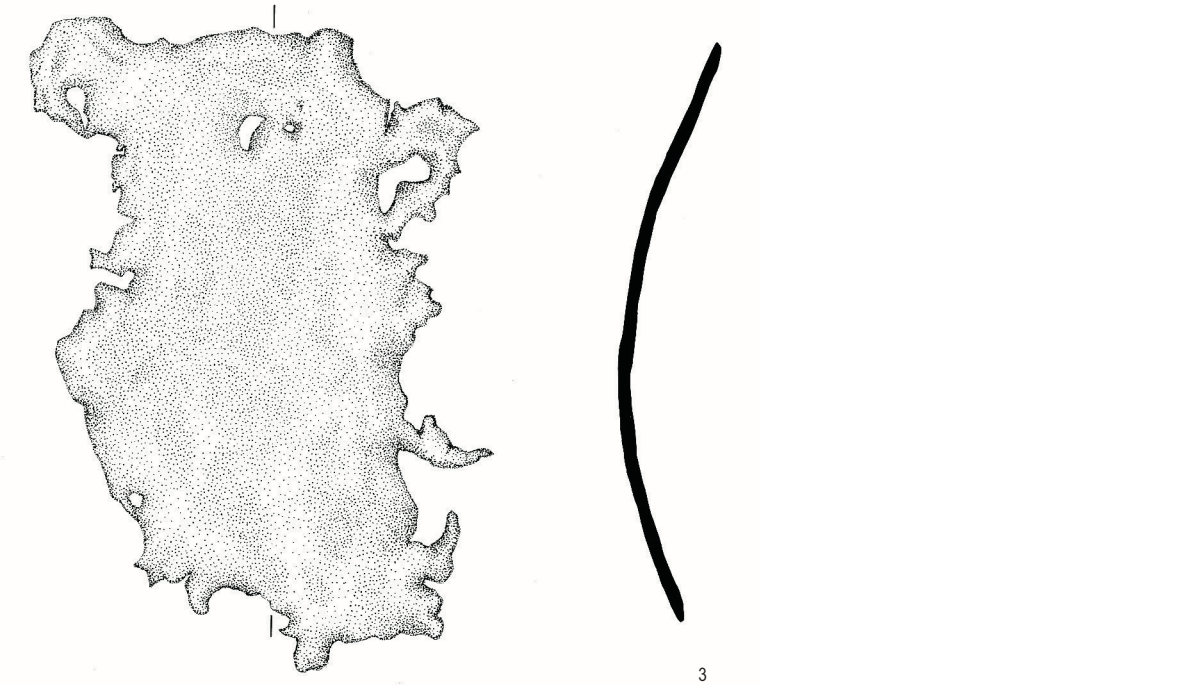
72. Alv. 97 B3, A1, op. 86 - Lâmina de formato rectangular com extremidade recortada em forma de trapézio e dobrada sobre si formando um ângulo de 90º em relação à chapa (vol. II, est. CCXIV, n.º 72).
Dim. - Comprimento máximo 31 mm; Largura máxima 21 mm; Espessura máxima 2 mm; Peso 8,5 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Ap. VII, corte estratigráfico 5, camada 2.



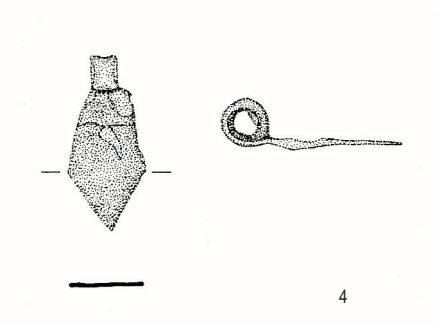
1



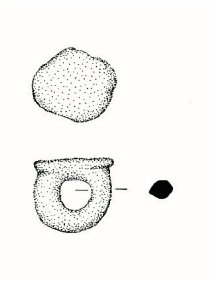
2



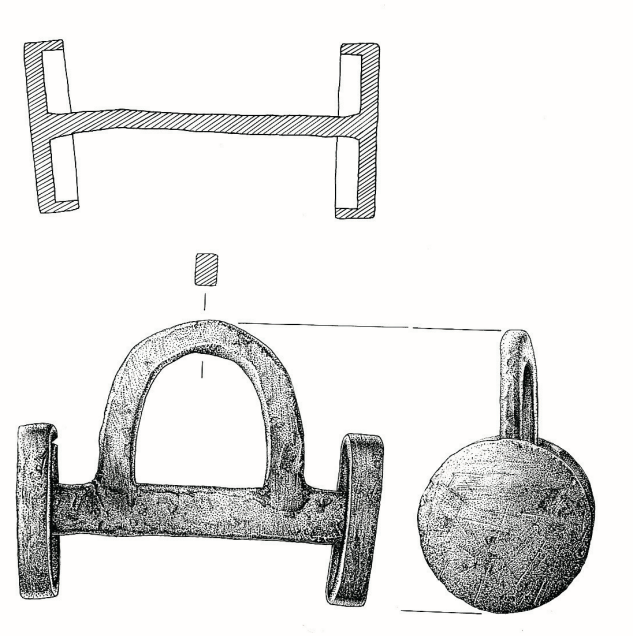
3



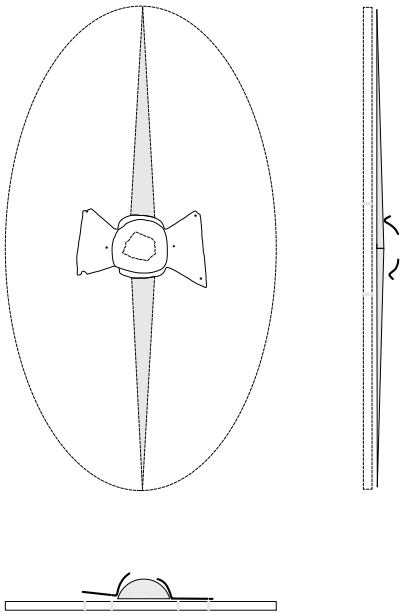
4



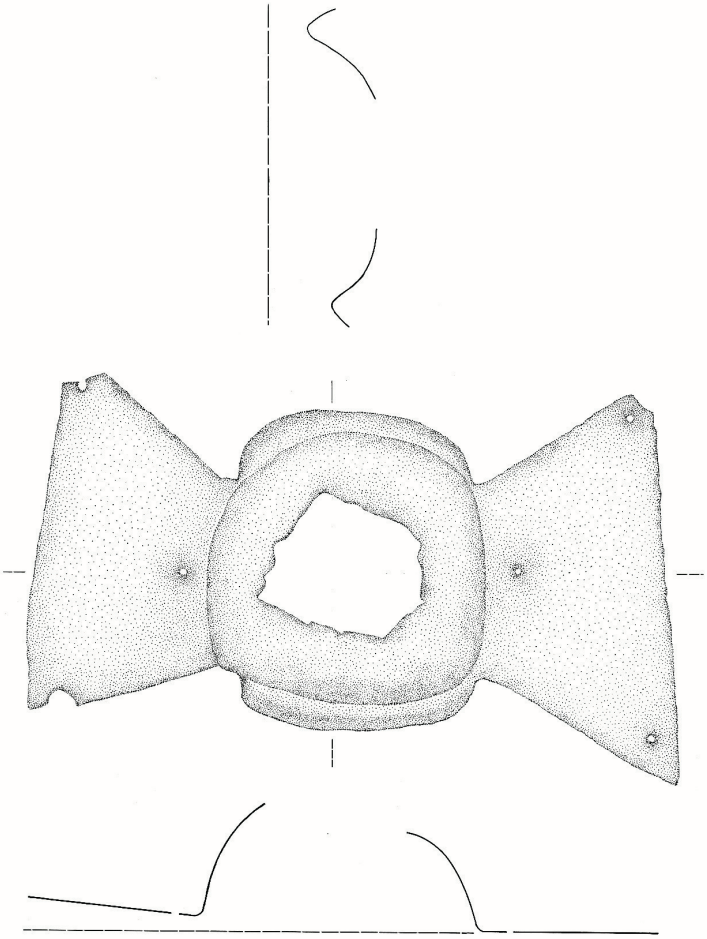
5



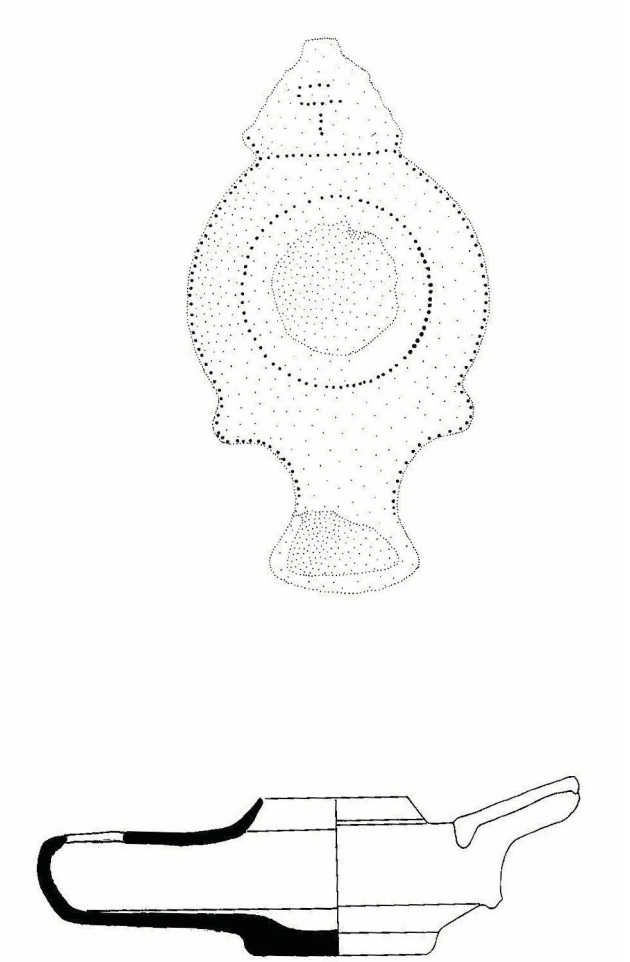
6



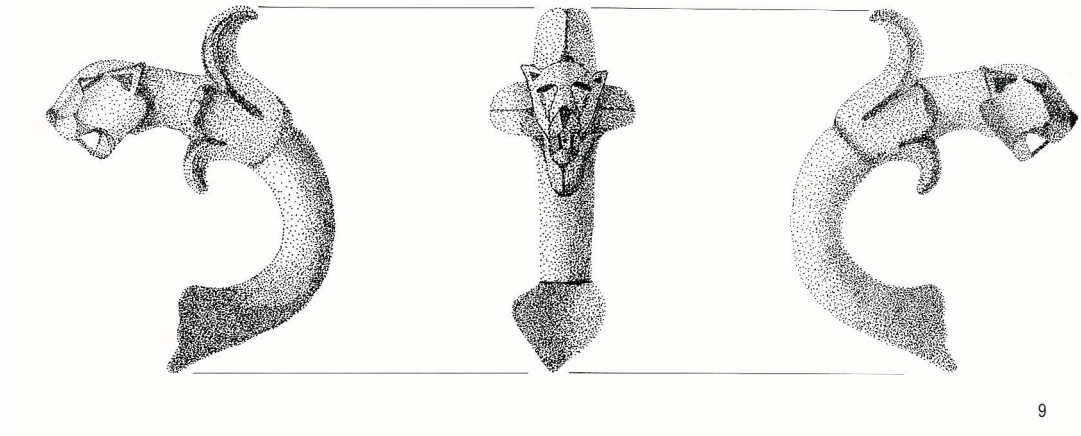
7 a



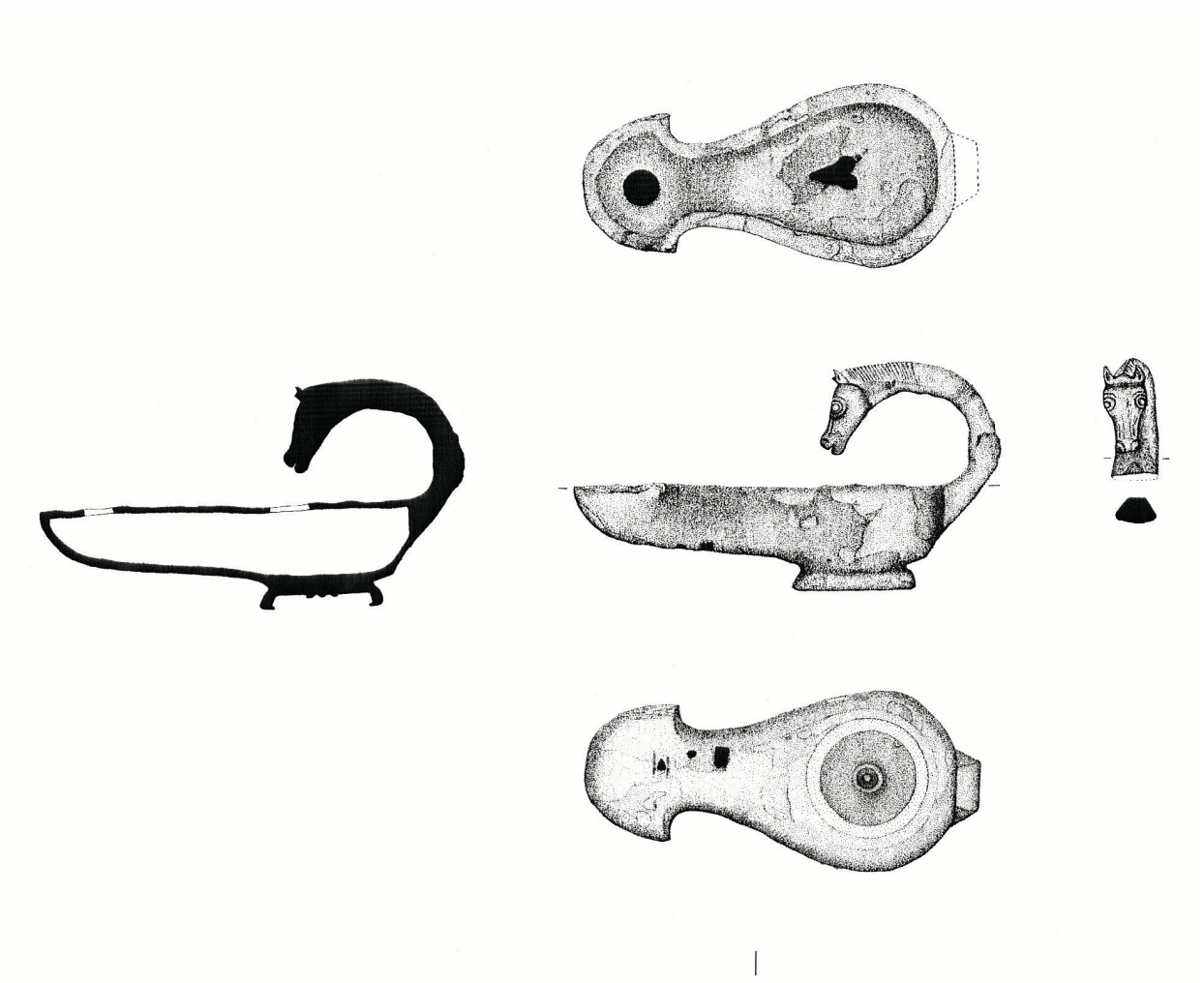
7



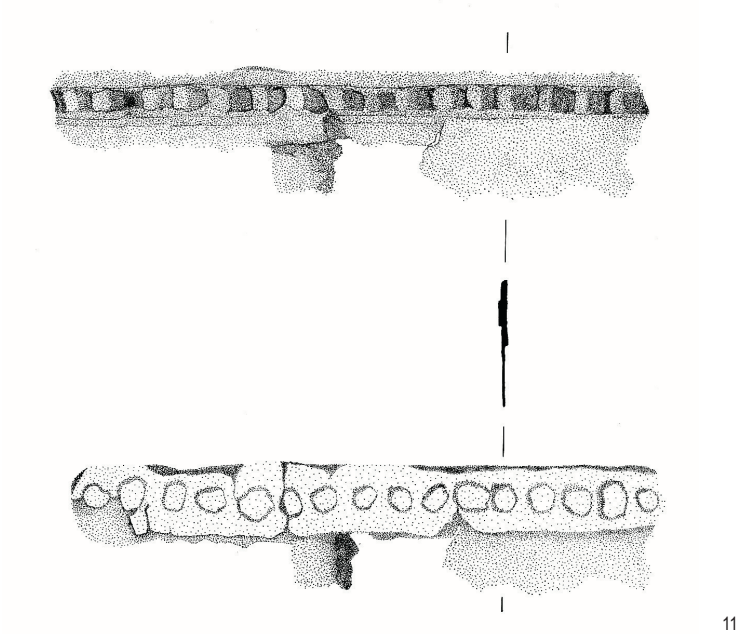
8



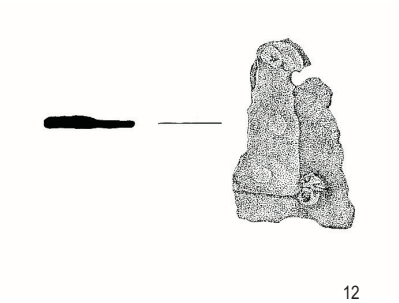
9



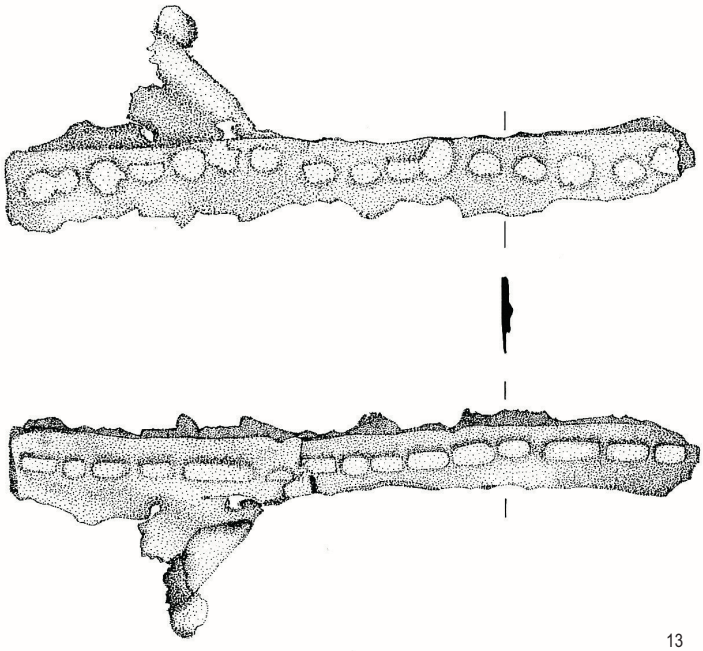
10



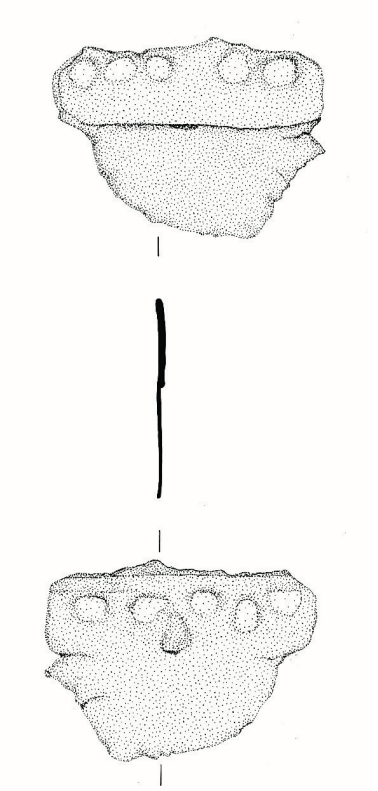
11



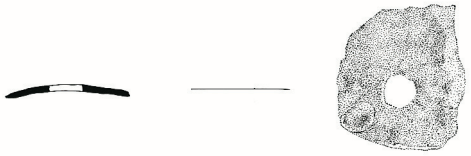
12



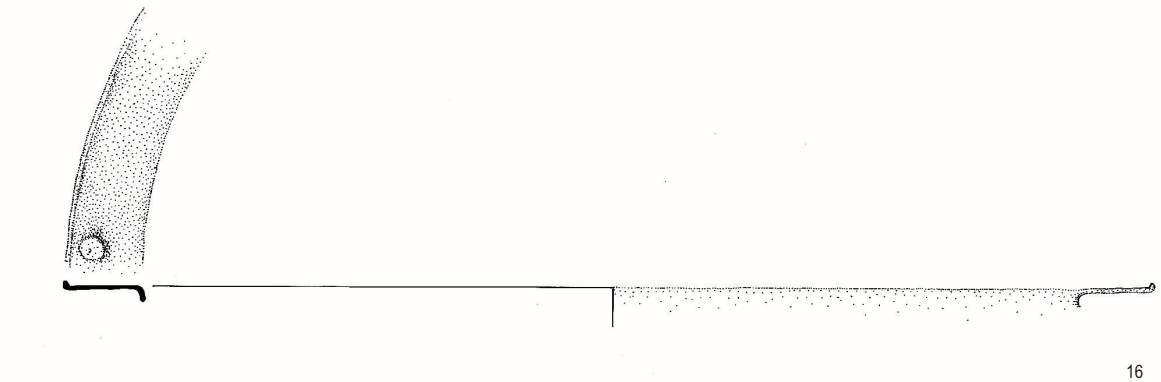
13



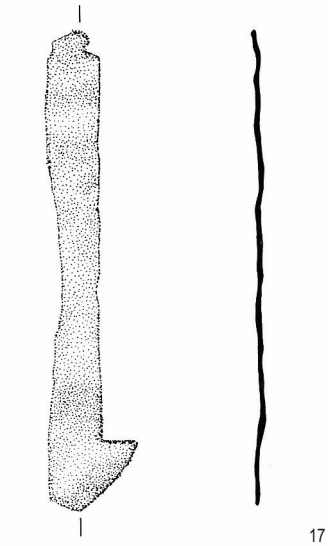
14



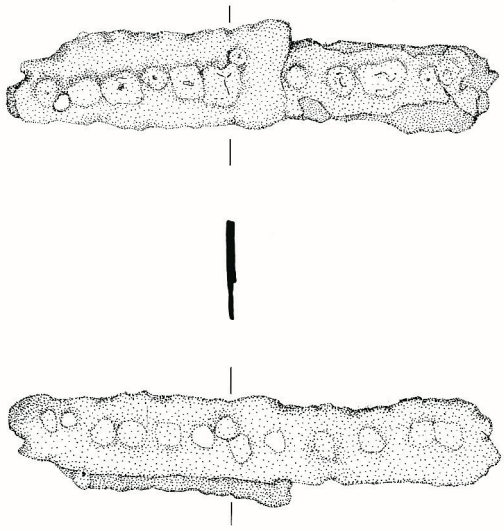
15



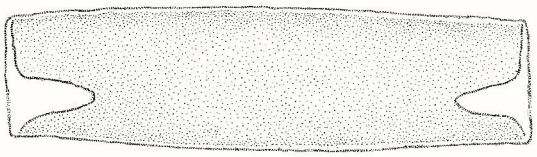
16



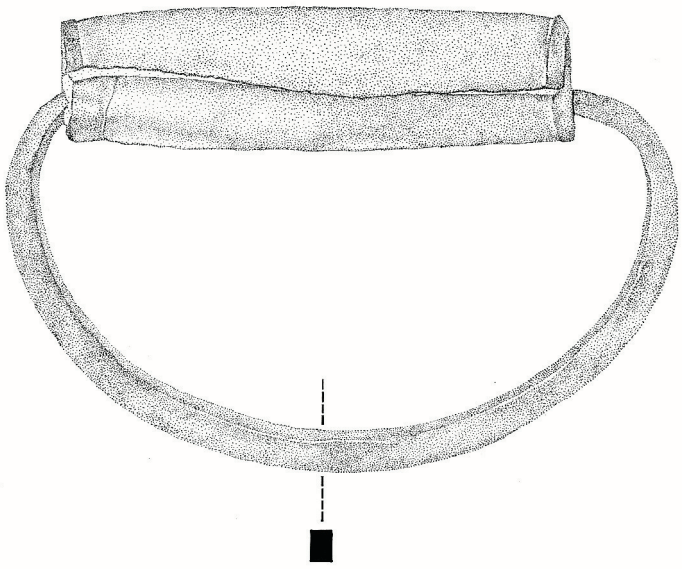
17

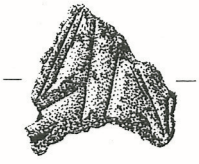


18



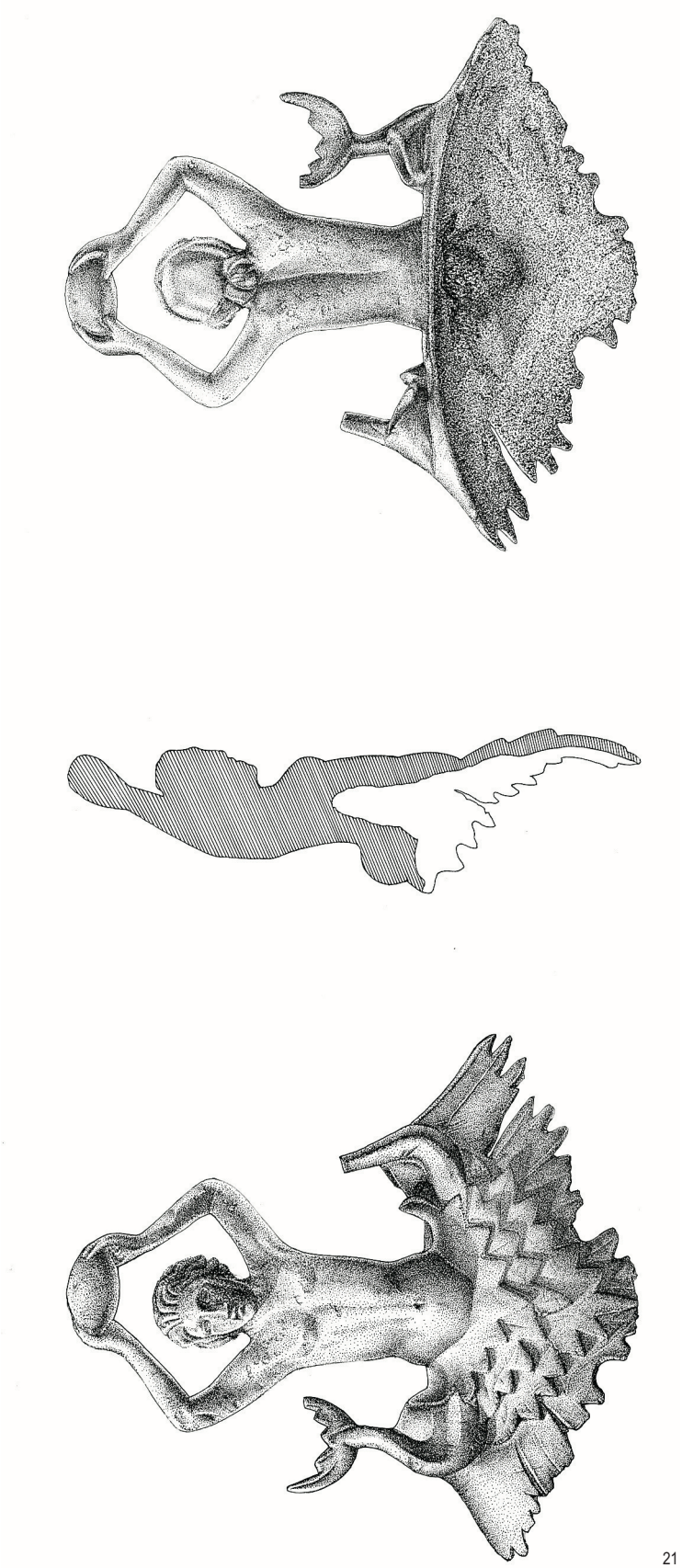
19



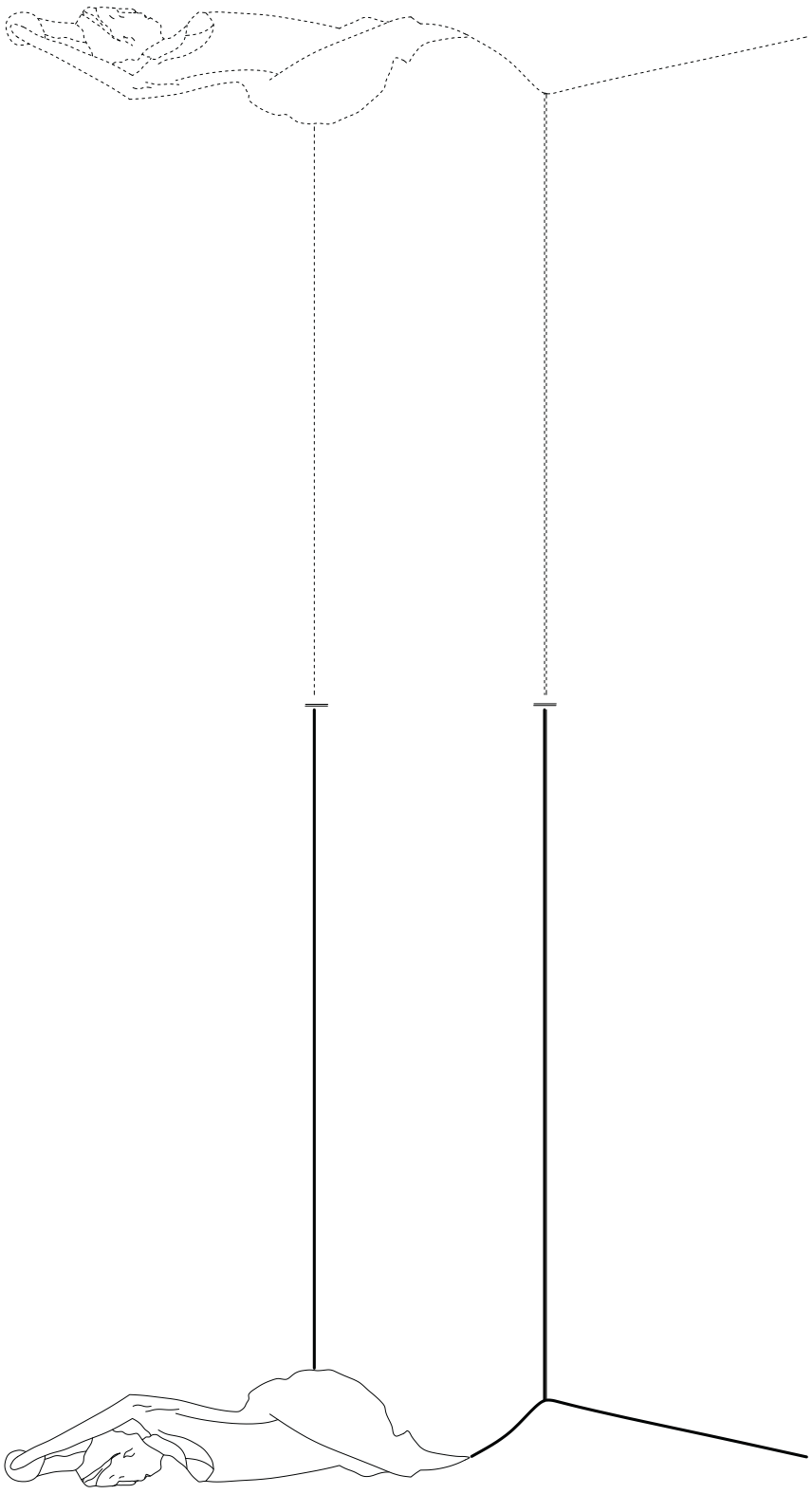


20 (1)

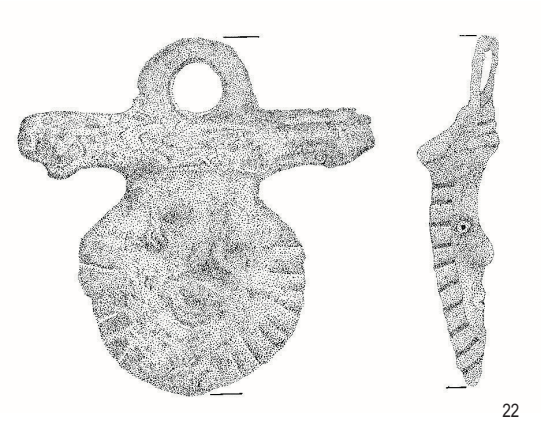
20



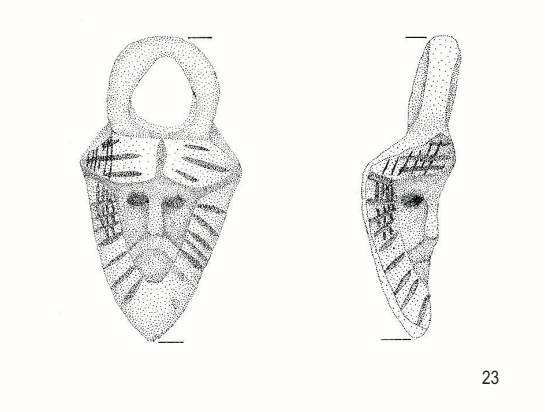
21



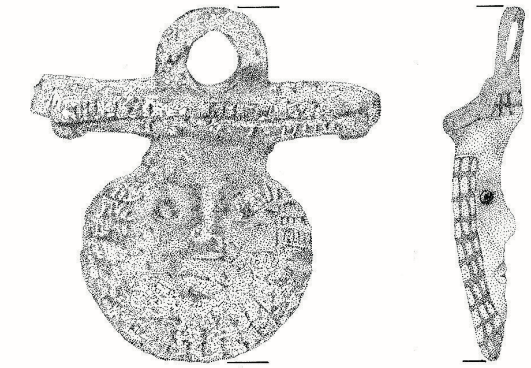
21 a



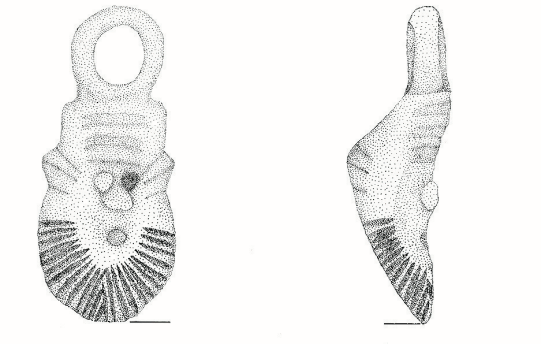
22



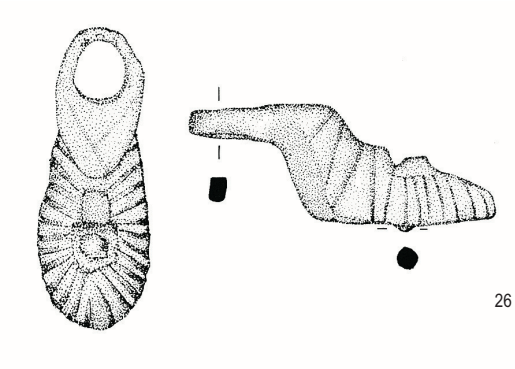
23



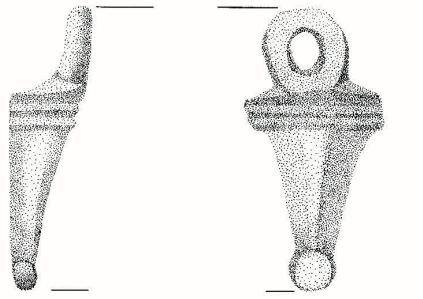
24



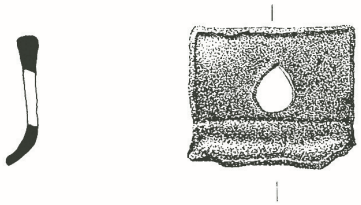
25



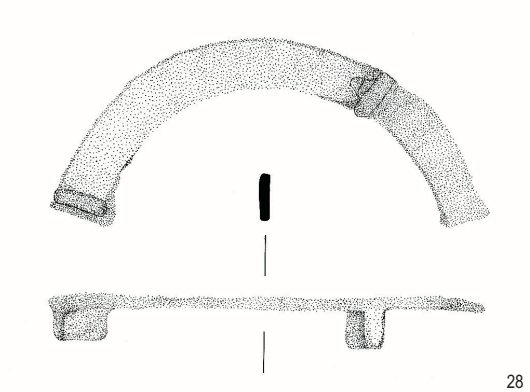
26



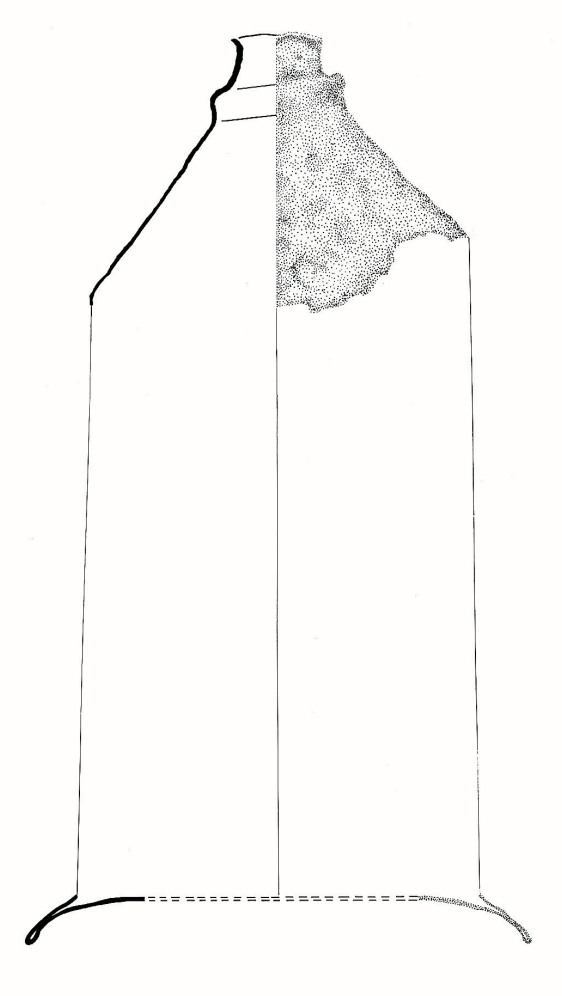
27



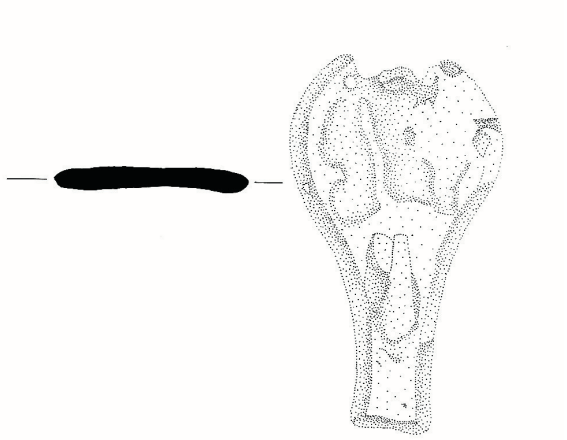
28



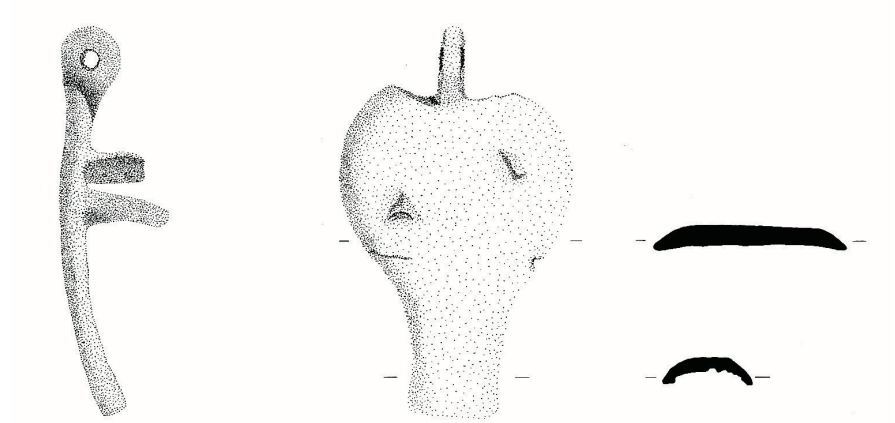
28



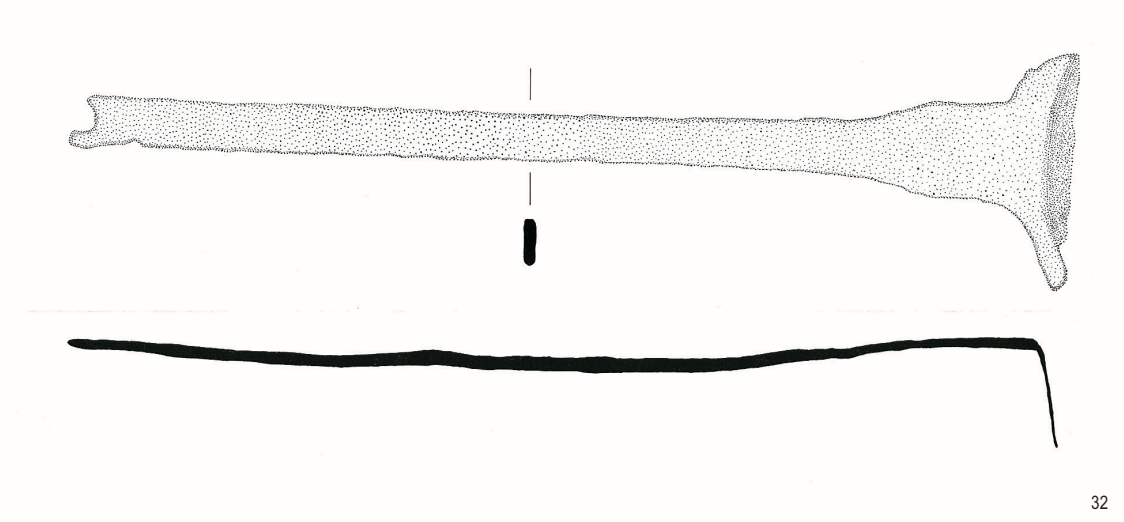
29



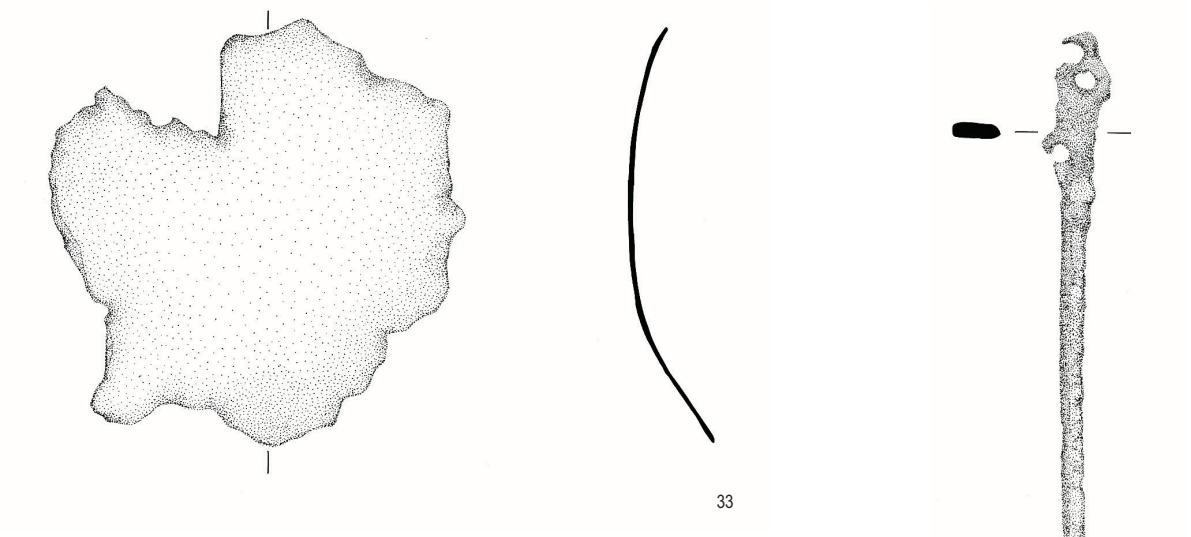
30



31

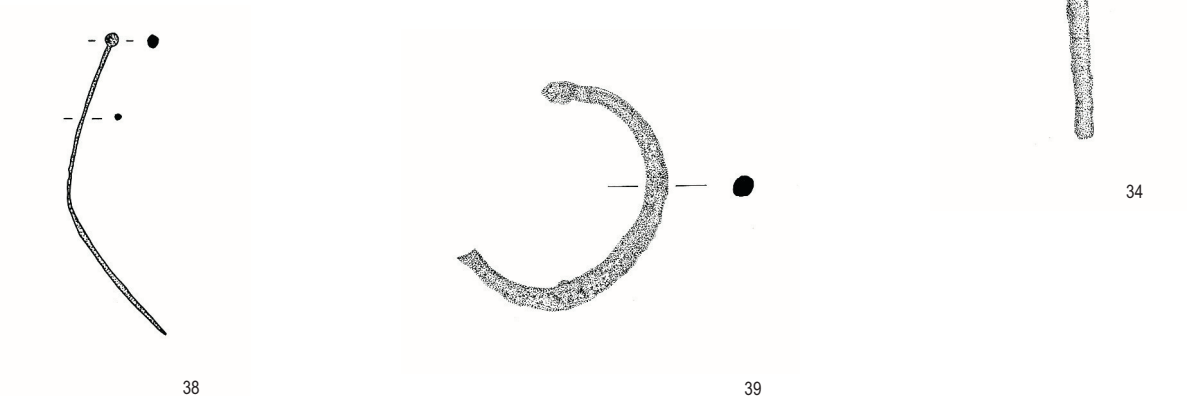


32



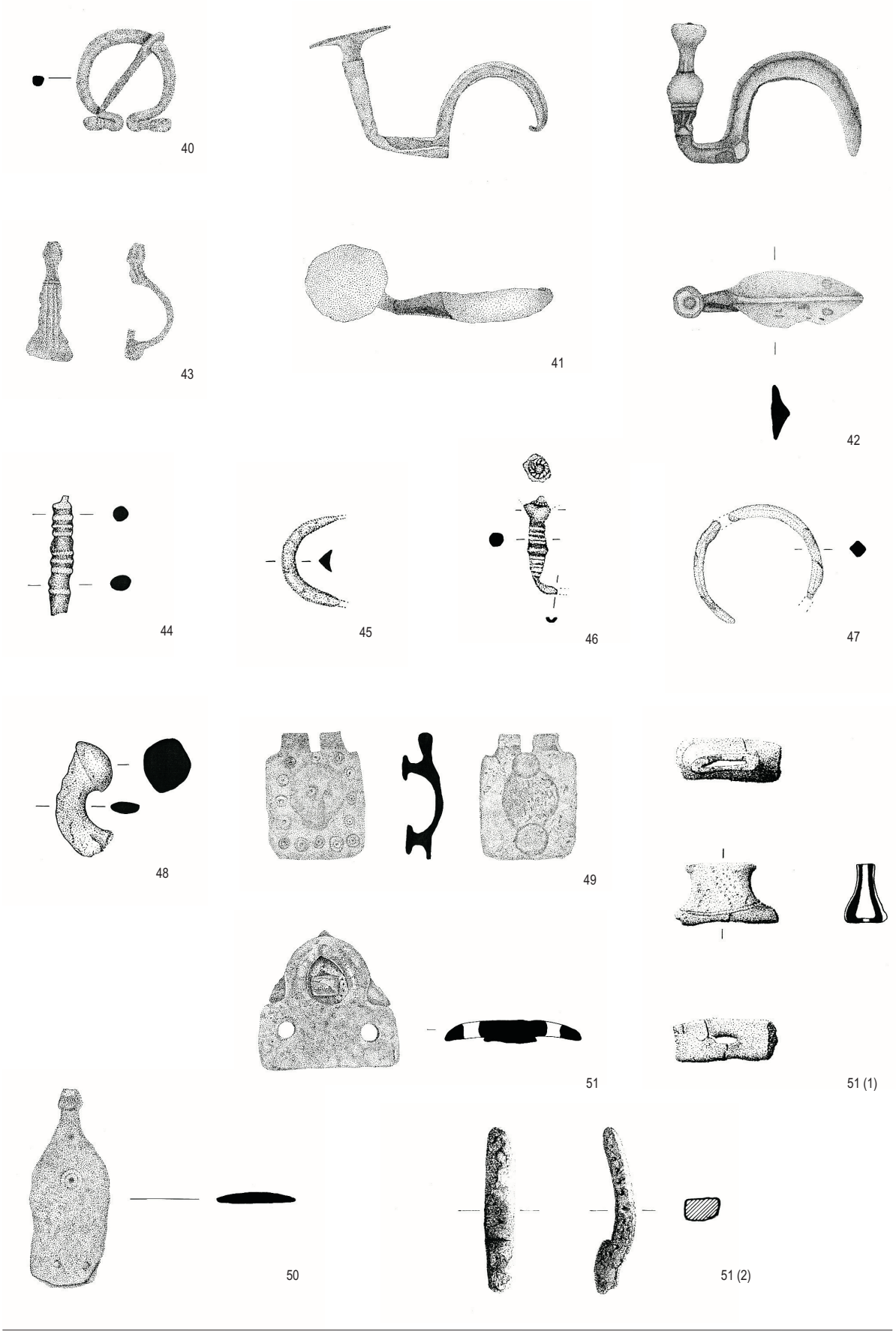
33

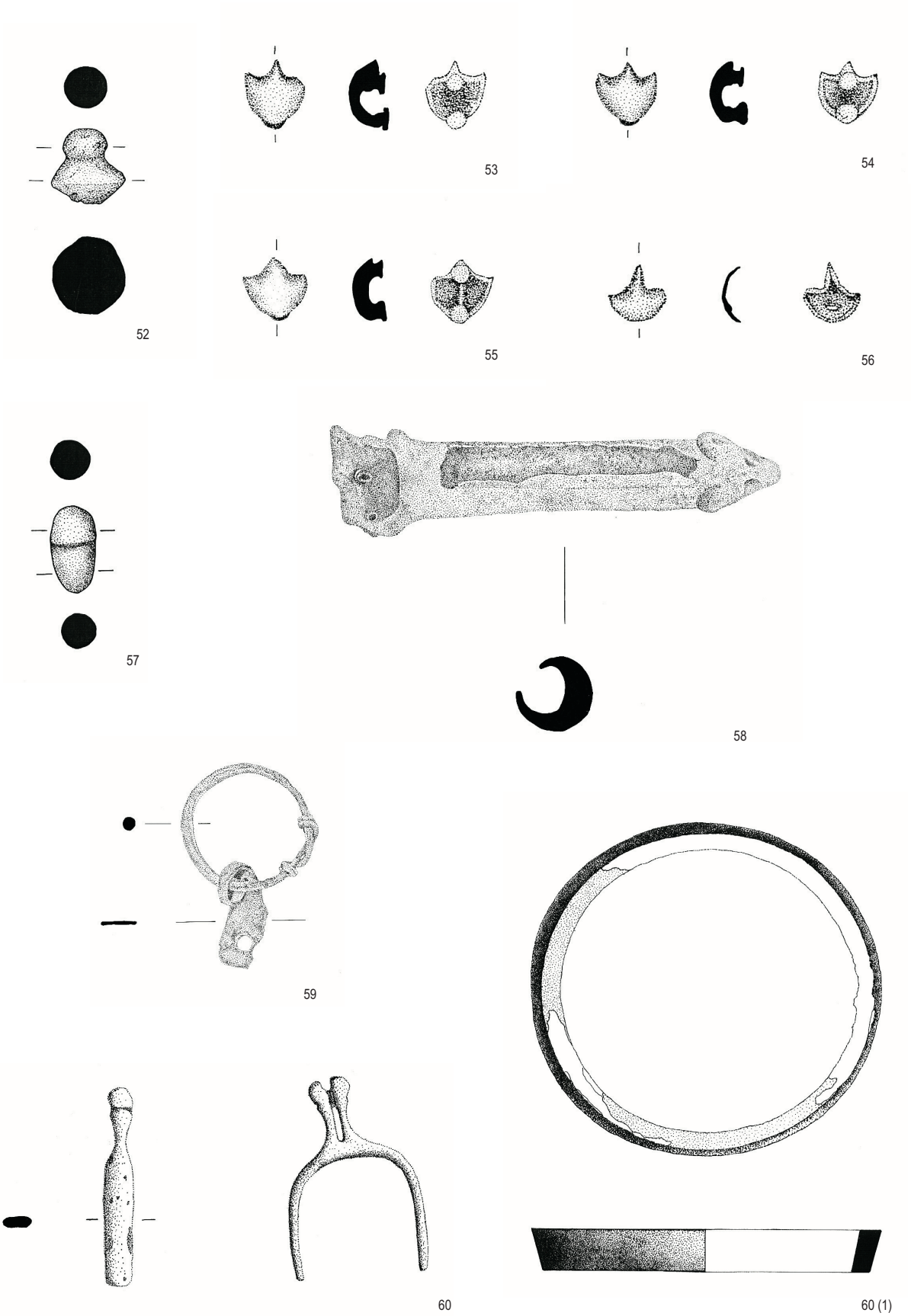
34



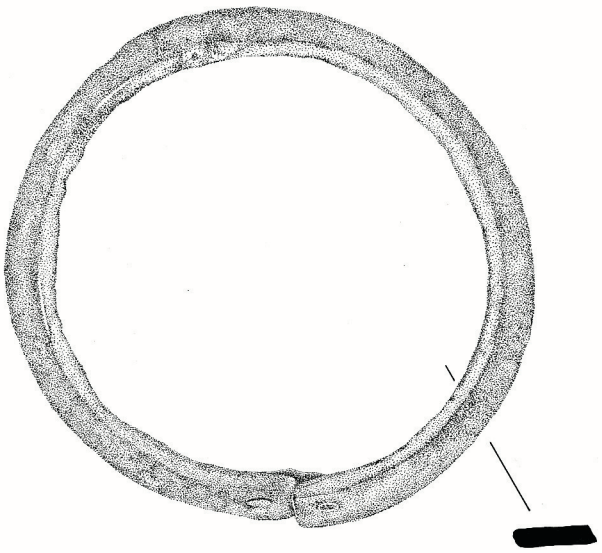
38

39

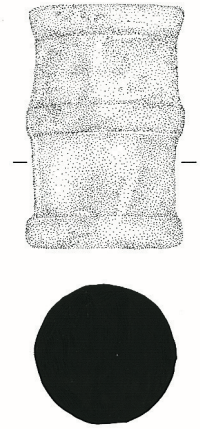

40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
51
51 (1)
50
51 (2)



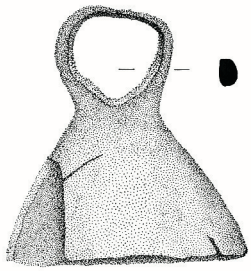
52 53 54 55 56 57 58 59 60 60 (1)



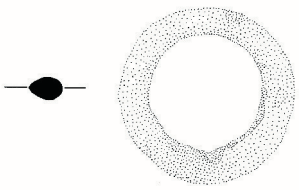
61



62

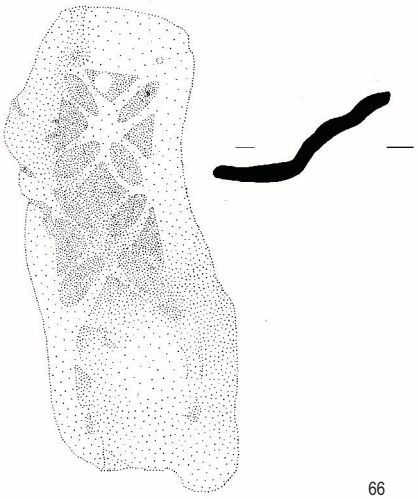


63

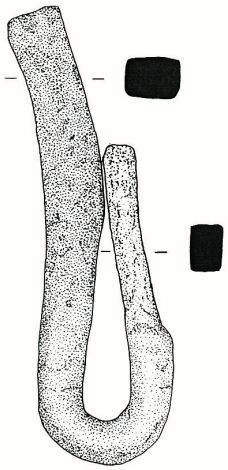


64

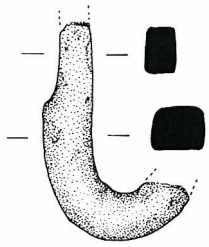
65



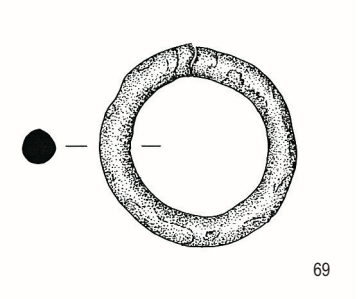
66



67

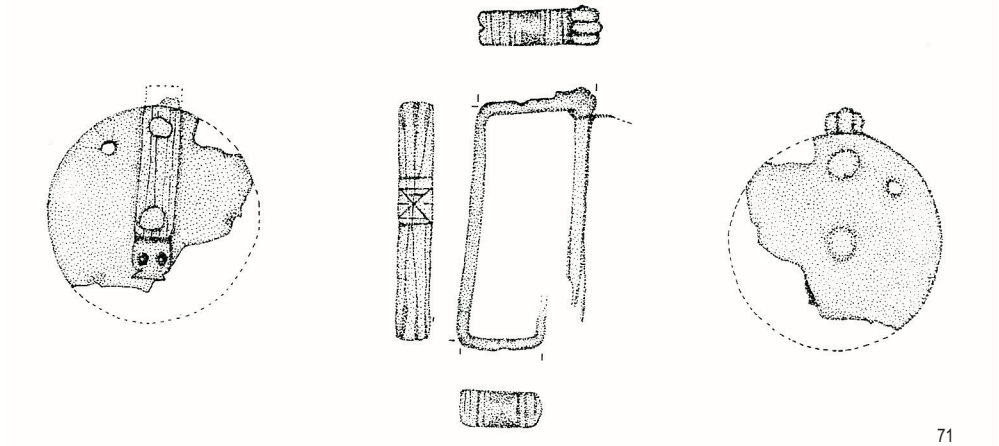


68

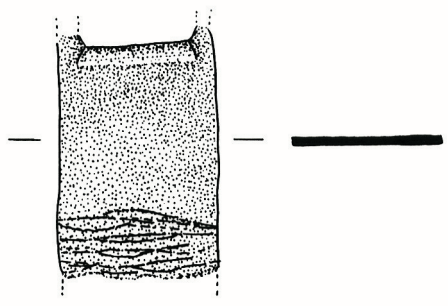


69

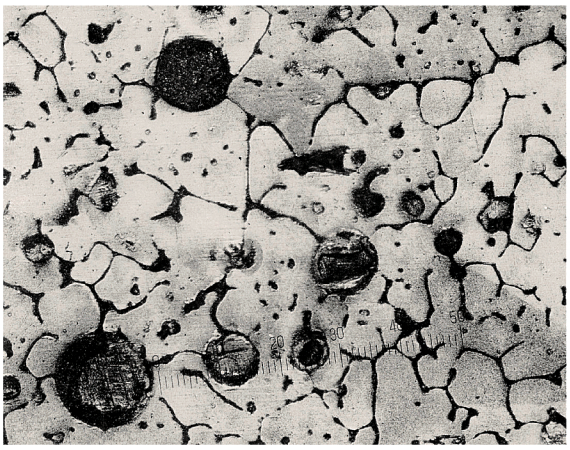
70



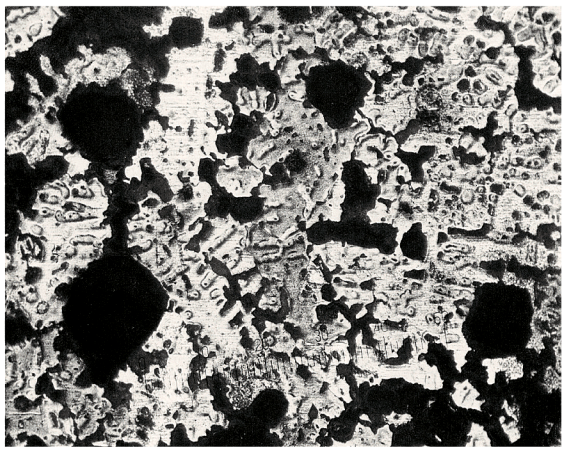
71



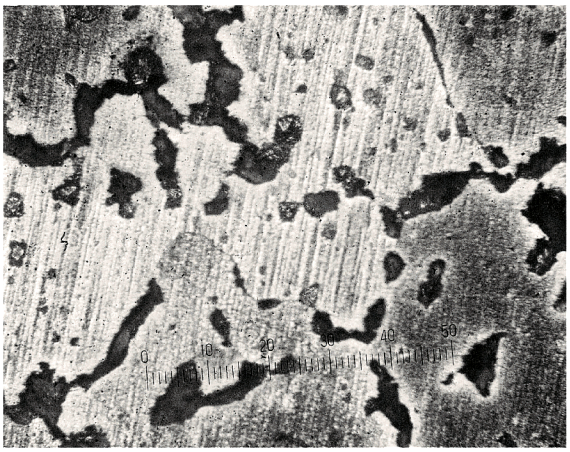
72



1. Alv. 93 A, op.125 - Lingote (Cat. 1)



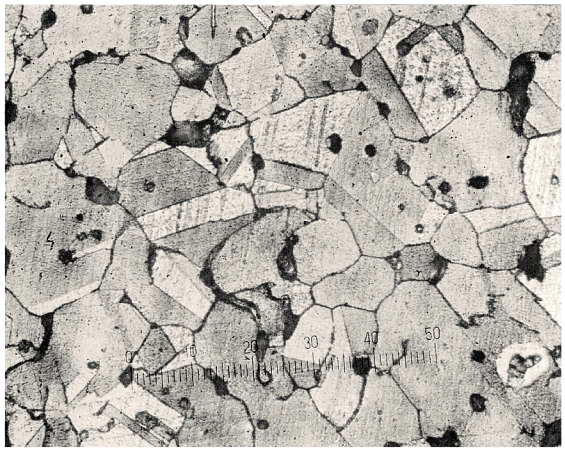
2. Alv. 94 A, op. 212 - Lingote (Cat. 2)



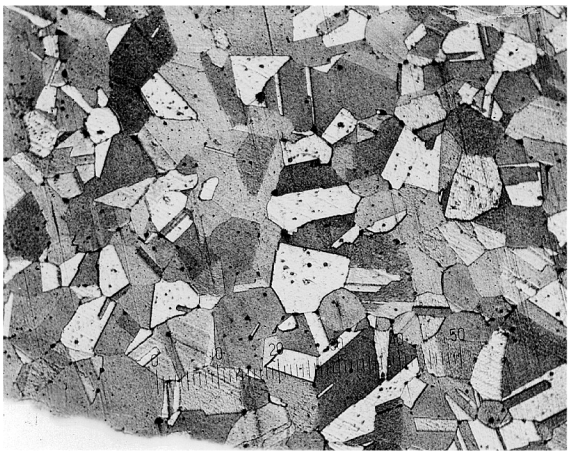
3. Alv. 97 B, op. 369 - Lingote (Cat. 3)

4. Alv. 92, op. 98 - Sítula (Cat. 11)

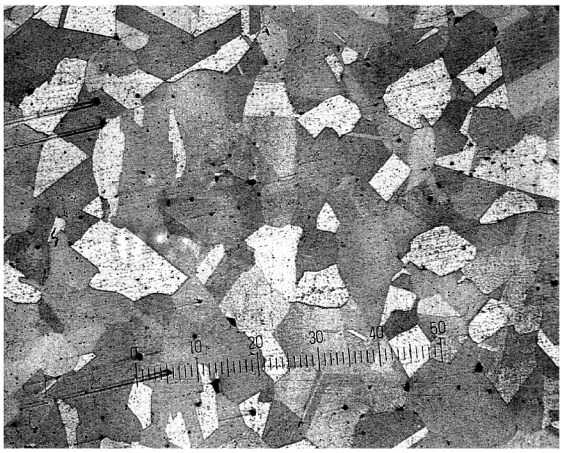
5. Alv. 94, op. 165 - Sítula (Cat. 14)



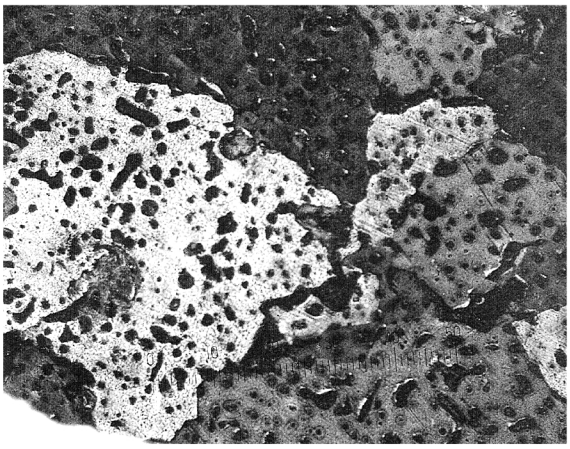
6. Alv. 94, op. 24 - Sítula (Cat. 15)



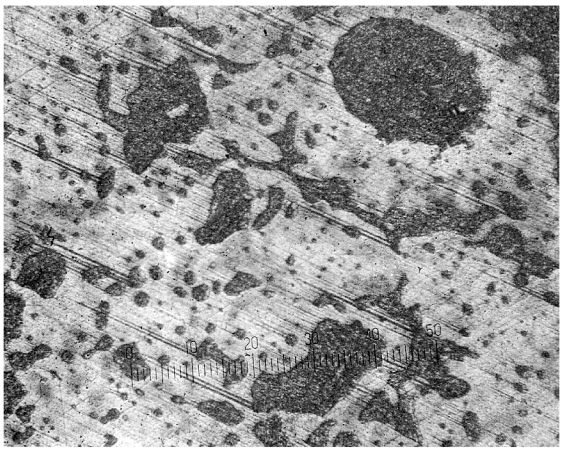
7. Alv. 95 B, A 4, op. 85 - Sítula (Cat. 17)



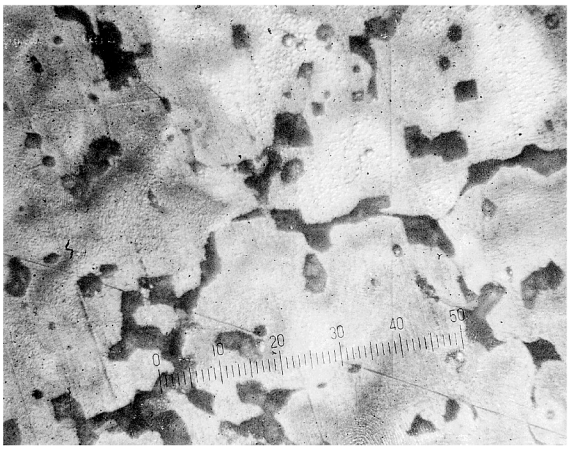
8. Alv. 97 B1, op. 33 - Sítula (Cat. 18)



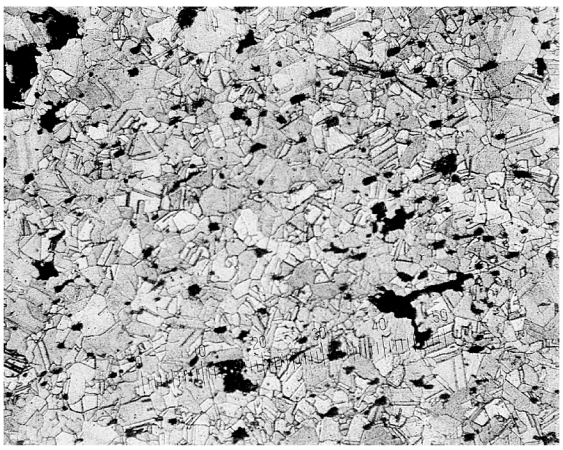
9. Alv. 95 B, A 4, op. 31 - Armela (Cat. 26)



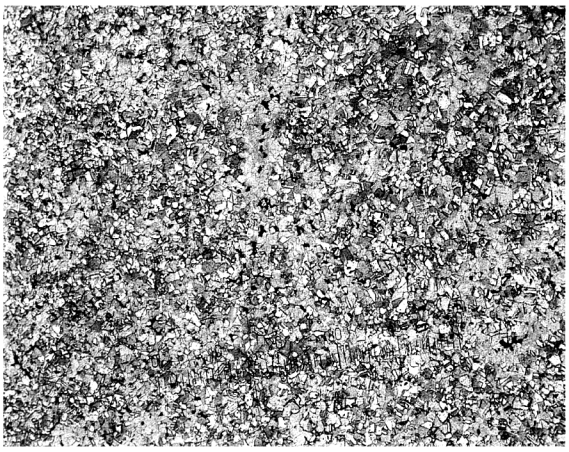
10. Alv. 97 A, op. 128 - Armela (Cat. 27)



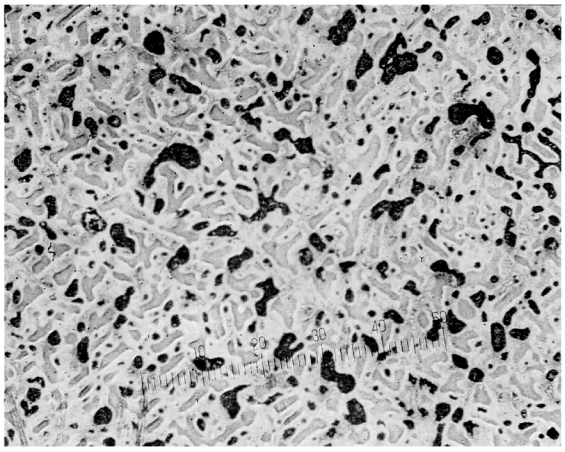
11. Alv. 92 A, op. 114 - Anel (Cat. 28)



12. Alv. 92 A, op. 8 - Garrafa (Cat. 29(1))

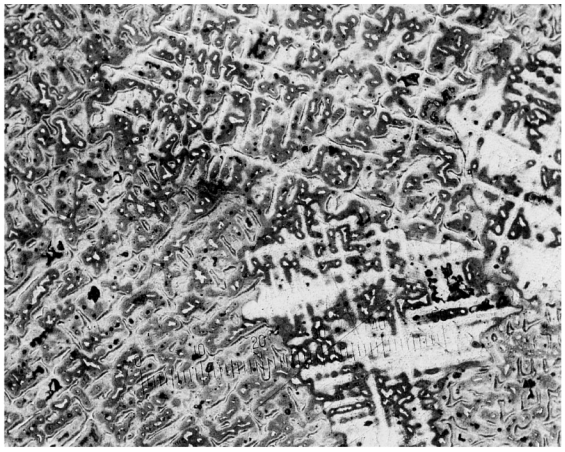


13. Alv. 92, op. 8 - Garrafa (Cat. 29(2))



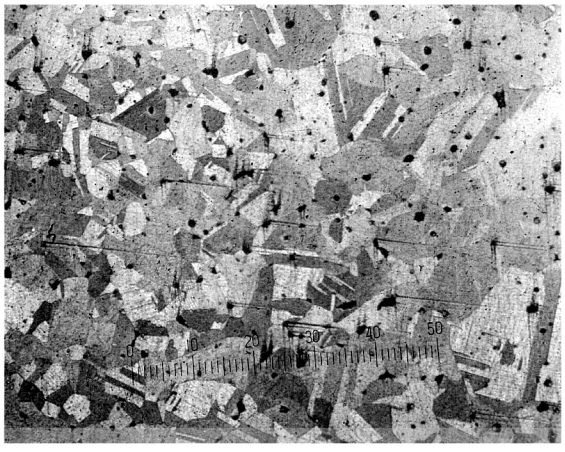
14. Alv. 94, op. 216 - *Lagoena* (Cat. 30)

15. Alv. 92, op. 99 - Caçarola (Cat. 32)

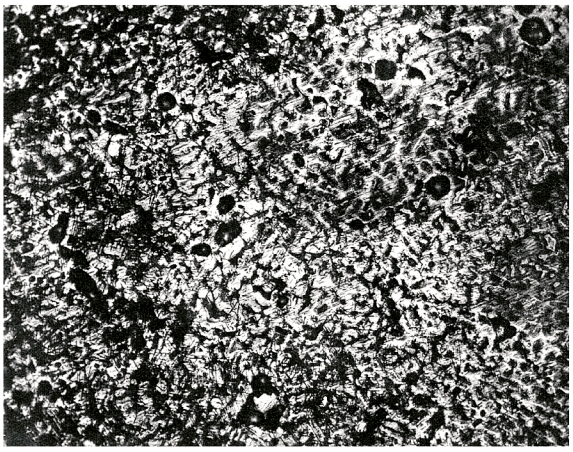


16. Alv. 93, op. 225 - Fíbula Tipo Sabroso A (Cat. 41)

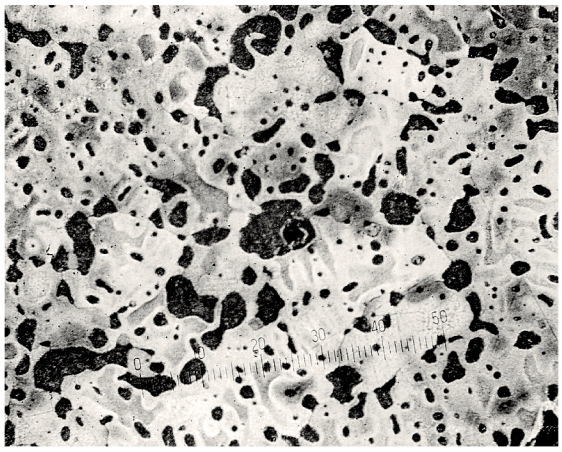
17. Alv. 94, op. 2 - Fíbula Tipo Sabroso C (Cat. 42)



18. Alv. 94, op. 18 - Fíbula Tipo Aucissa (Cat. 43)

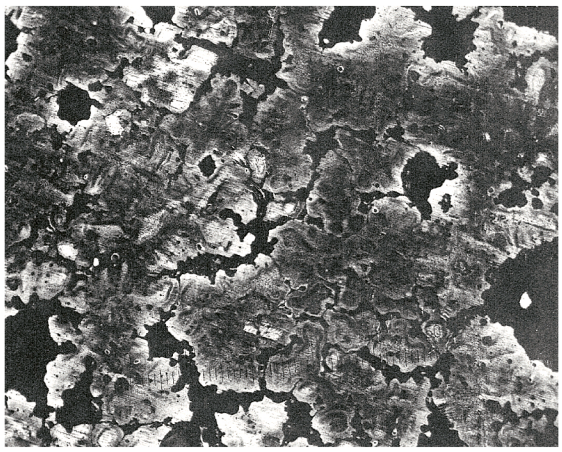


19. Alv. 95 B, A 4, op. 43 - Fíbula (Cat. 48)

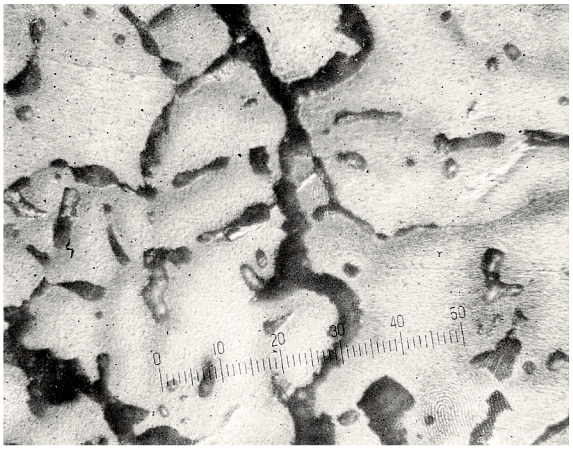


20. Alv. 93 A, op. 62 - Terminal de Cinturão (Cat. 50)

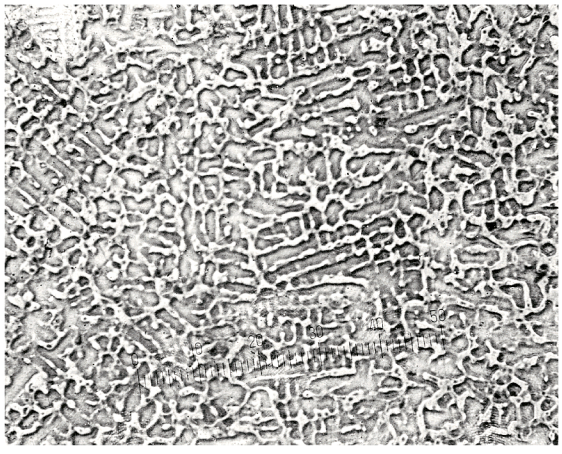
21. Alv. 95 B, A 4, op. 51 - Fecho de Cinturão (Cat. 51)



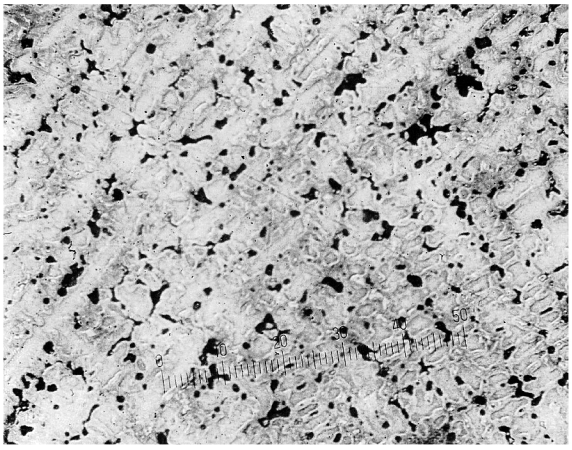
22. Alv. 97 B 2, op. 75 - Fecho de Cinturão (Cat. 52)



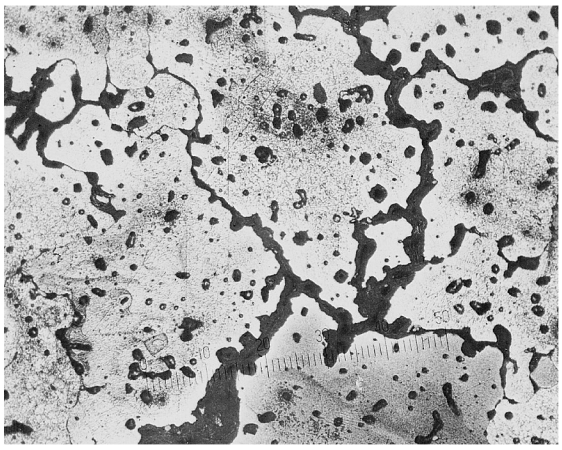
23. Alv. 93, op. 208 - Pátera Tipo Boesterd 73 (Cat. 58)



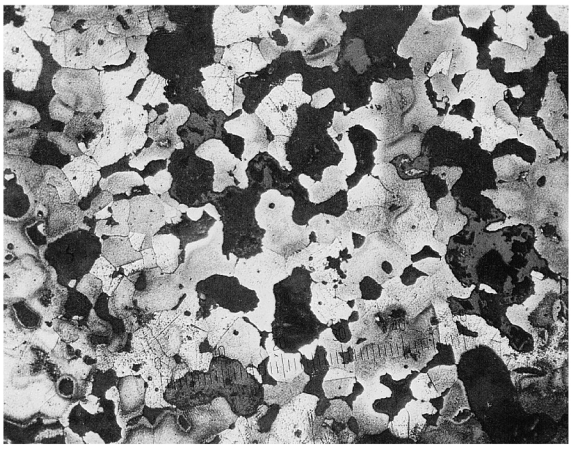
24. Alv. 92, op. 42 - Latão Vermelho (Cat. 60)



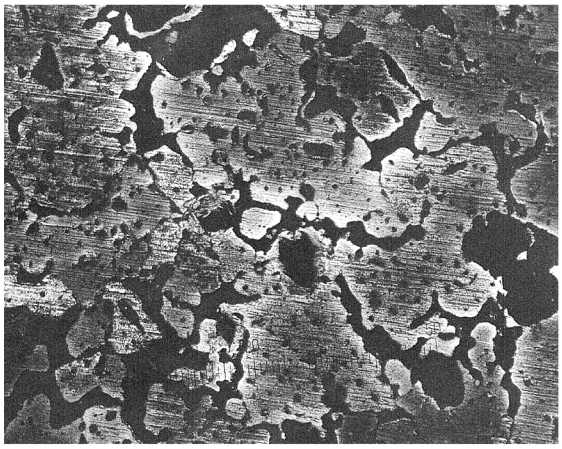
25. Alv. 93, op. 209 - Peso (Cat. 62)



26. Alv. 94, op. 7 - Sineta (Cat. 63)



27. Alv. 94, op. 221 - Placa decorativa (Cat. 66)



28. Alv. 95, op. 114 - Gancho (Cat. 67)

29. Alv. 93 A, op. 155 - Fechadura (Cat. 71)

6.1.19. Objectos metálicos - *Ferros*

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

Os objectos em ferro provenientes de Alvarelhos não são muito abundantes nem diversificados. Como é frequente na região, os índices de pluviosidade elevados e solos predominantemente ácidos provocam processos de erosão profundos nos materiais, inviabilizando, na maior parte dos casos, qualquer tipo de interpretação funcional e classificação tipológica.

Para efeito de organização do estudo dos materiais, subdividimos o inventário em diferentes categorias com o objectivo de estabelecer uma clara relação entre a sua função e local de aparecimento do objecto de forma a esclarecer a funcionalidade dos aposentos que compõem a realidade estrutural intervencionada. Assim foram criadas as seguintes categorias: Elementos de arreio; Chocalhos; Chaves e fechaduras; Facas; Ferragens de portas; Elementos metálicos para móveis; Utensílios agrícolas; Cavilhas, Pregos e cravos; Vária. O modelo de estudo inspira-se no trabalho da direcção de J. Alarcão e R. Etienne - *Fouilles de Conímbriga*, *Trouvailles Diverses - Conclusions Générales* (ALARCÃO; PONTE 1979, VII).

Na totalidade apresentamos 54 objectos (estampas CCXX-CCXXXI), que correspondem aos materiais ilustrados e representam tipológica e funcionalmente o espectro da diversidade dos objectos existentes.

Os vestígios da prática da metalurgia do ferro recolhidos em contexto de escavação no castro de Alvarelhos (*Castellum Madiae*) são constituídos apenas por escórias e pingos de fundição.

Elementos de arreio

Foi apenas identificado uma peça com clara função de elemento de arreio de cavalo, n.º 2 (vol. II, est. CCXX, n.º 2). Trata-se de um estribo de aro curvilíneo, sem decoração, com orifício para a passagem do bridão deslocado para a parte inferior da peça e com aselha na parte superior. Não existe distinção entre o corpo do estribo e a aselha que resulta numa configuração em forma de oito, com a parte inferior mais larga.

Isabel Pereira, ao estudar os elementos de freio tardo-romanos de Conímbriga, estabelece três grupos em função da sua morfologia. O primeiro, formado por placas circulares com um orifício central para a passagem o eixo do freio, geralmente decorado; o segundo, a que pertencente o nosso exemplar, seria formado por aro de forma curvilínea, com orifício descentrado, geralmente isentos de decoração; o terceiro, também de perfil em S, morfologicamente idêntico ao anterior mas frequentemente decorado com motivos zoomórficos.

A cronologia fornecida para estes materiais tem sido definida por conexão, nomeadamente, a partir de um paralelo representado no mosaico do *tepidarium* da *villa* romana de Dueñas, datado do segundo quartel do séc. IV (SALLELAS, 1967, 196-225, fig. 3). Carballero Zoreda considera como data de início do seu aparecimento o início do séc. IV possivelmente relacionado com a subcultura das necrópoles do Douro (ZOREDA 1974, 80).

O nosso exemplar é proveniente do estrato de destruição da ocupação da Fase IV-V, do Ap. IV da *Domus da Lucerna do Cavalo - Área Habitacional Sudeste*, com correspondência com a cronologia apontada. São conhecidos vários paralelos no mundo tardo-romano na Península com claras semelhanças com o nosso exemplar, nomeadamente dois provenientes de Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 103, est. XXII, n.º 99; PEREIRA 1970, 10, est. II, n.º 1), ambos sem referência crono-estratigráfica, da necrópole de Fuentespreadas, Zamora, nomeadamente as asas de freio da sepultura I, com cronologia situada no séc. IV (ZOREDA 1974, 74-86, fig. 18), da *villa* tardo-romana de Tinto De La Cruz, - Pinto, Madrid (CABRERA; OVEJERO; GONZÁLEZ; PABLOS;

COBO; BAZTÁN; VÁZQUEZ 2001, 190, lám. LXXXIX, n.º 656[1012], e o freio completo da *Mansio* de Las Ermitas, Espejo, Alava, datadas da 1ª metade do séc. V (NIEVA 1998, 9; NIEVA; ZUBILLAGA 2000, 225, n.º 135-137).

Chocalhos

Constituem um grupo de artefactos relativamente abundante em áreas habitacionais e mesmo em contextos funerários. Dos exemplares aqui apresentados são conhecidos vários paralelos por toda a península, nomeadamente em Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, est. L, 181-182, n.º 220, 221, 222), na *villa* de Rabaçal, Penela (PESSOA; RODRIGO 2004, 94-95, n.º 169-171), no Castro de Fiães, Vila da Feira (ALMEIDA; SANTOS 1972, 14, est. II, n.º 9), de Cidá do Castro de San Millán, Ourense (GONZÁLEZ ; BUSTO 1986, 53-55, lám. IX), na necrópole de Santo André, Montargil (NOLEN ; DIAS; VIEGAS 1981, 122-123, est. XIX, D. 11.7), na necrópole de Fuentespreadas, Zamora (ZOREDA 1974, 114-119, fig. 26-27), e da *villa* romana de la Olmeda, Pedrosa de La Veja, Palencia (SALLELAS; CORTEZ 1974, 99, fig. 24), e a significativa colecção de cinco exemplares provenientes da *Mansio* de Las Ermitas, Espejo, Alava, datadas da 1ª metade do séc. V (NIEVA 1998, 9; NIEVA; ZUBILLAGA 2000, 223-224 n.º 131-135), que se conservam íntegros, apresentando, inclusivamente o badalo *in situ*.

Genericamente constituem objectos que revelam uma ampla cronologia cobrindo praticamente todo o período de dominação romana, embora sejam significativamente mais abundantes as ocorrências tardo-romanas[1013]. A sua técnica de fabrico, relativamente simples, consiste em, a partir de uma única folha de ferro, elaborar uma superfície rectangular ou cónica com os cantos arredondados, rematada com uma costura vertical num dos lados mais estreito e no remate inferior com dobragem para o interior. Os ombros são batidos para o interior e arredondados. O seu interior é revestido por uma fina lâmina de cobre com o propósito de cobrir as uniões e costuras e, possivelmente, melhorar a qualidade sonora do objecto. Este processo, aparentemente terá sido elaborado através de aplicação directa de uma fina folha de bronze que, após um processo de reaquecimento da peça aderia fortemente à estrutura de ferro[1014]. A suspensão é geralmente feita a partir de uma asa de secção rectangular, alongada, que acompanha longitudinalmente a face superior dos chocalhos[1015], com largura suficiente para passar uma correia de couro, larga e grossa. O anel de suspensão do batente é centrado e configura um anel ou uma argola interna que está aplicado por martelagem à face superior do chocalho.

Os nossos sete exemplares – n.º 3-7 (vol. II, est. CCXX, 3-7) –, apresentam dois tipos de grande uniformidade técnica e morfológica. O primeiro grupo corresponde a chocalhos de secção rectangular n.º 3, 3(1), 4(1), 5 e 6. Com excepção do n.º 4 (1), são relativamente mais pequenos e possuem a haste de suspensão em forma de fita de secção rectangular, mais alongada, acompanhando a face superior. Os de secção circular, geralmente de maiores dimensões, tendencialmente apresentam o perfil do arco de suspensão circular. Provenientes de S. Cucufate, Vidigueira encontram-se publicados dois exemplares, cujo morfotipo se

[1012] A peça proveniente da *villa* tardo-romana de Tinto De La Cruz – Pinto, Madrid, apresenta significativas semelhanças ao nosso exemplar. A sua forma conserva o formato original e revela um maior equilíbrio na proporção das formas que o nosso exemplar. Tecnologicamente, apresenta as mesmas características construtivas que o nosso tendo sido elaborada a partir de uma folha única, de secção quadrangular, com excepção do disco que se encontra aplanado.

[1013] Entre os exemplares alto-imperiais refiram-se as ocorrências da necrópole de Santo André, Montargil, designadamente o chocalho identificado na sepultura D 11, datada de finais do séc. I, inícios do séc. II (NOLEN; DIAS; VIEGAS 1981, 136), sendo de assinalar, no entanto, que este exemplar, ao contrário dos seus congéneres tardo-romanos, não apresenta o revestimento interno em bronze.

[1014] Contudo, existem outro tipo de soluções técnicas para a elaboração do revestimento interno dos sinos, nomeadamente através da utilização de bronze em pó no revestimento a frio que, uma vez aquecido ao ponto de fusão do cobre este cobriria, de forma muito uniforme, toda a superfície de ferro, como sugere González Salas a propósito das ocorrências do castro de Yecla, em Santo Domingo de Silos, Burgos (SALAS 1945, 40).

[1015] A propósito da técnica de fabricação deste tipo chocalhos veja-se a proposta de Luís Caballero Zoreda (ZOREDA 1974, 118, fig. 28), em particular o esquema que apresenta (fig. 1), no qual ilustra os diferentes passos executados a partir do corte da folha de ferro até à aplicação da asa. Existe, no entanto, um pormenor relativamente ao capeamento de bronze efectuado no interior dos chocalhos em que sugere que este era feito através de um banho, aspecto que os nossos exemplares não registam uma vez que se distingue claramente a existência de duas folhas distintas, a primeira de ferro, de maior espessura que corresponde à parte exterior, e a segunda mais fina de bronze que apenas cobre o interior.

enquadra no primeiro tipo, apresentando um recorte rectangular, rematado por uma asa superior alargada (ALARCÃO; ÉTIENNE; MAYET 1990, 239, pl. XCVI, n.º 13-14).

Todos os nossos exemplares são provenientes da Fase IV-V da Área Habitacional Sudeste e Área Habitacional Norte, o n.º 3 da *Domus da Colher de Prata,* os n.º 4, 6 e 7 da *Domus da Lucerna do Cavalo* e o n.º 5 da *Domus* da *Lucerna do Golfinho*.

A funcionalidade deste tipo de objectos – *clarina* –, estará certamente relacionada com a criação de gado, nomeadamente com o gado bovino e caprino, e seriam utilizados para sinalizar a presença dos animais, como sucede ainda nos nossos dias em determinadas regiões do país. Pela sua dimensão e características acústicas podem dividir-se em dois grupos. Os maiores e mais pesados, que proporcionam um som grave na paisagem sonora eram utilizados no gado de maior porte, ou seja, no gado bovino. Os de menores dimensões, cujo corpo sonoro é mais pequeno, produzindo notas mais agudas, seriam utilizados no gado de menor porte, cuja transumância impõem maior atenção, seriam utilizados em gado caprino e ovino. A concentração de objectos desta natureza documentada na *Domus da Lucerna do Cavalo*, associada com outras ferragens relacionadas com actividades de carácter agro-silvo-pastoril parece corroborar este tipo de funcionalidade, apesar de ser admissível a sua utilização em outras funções domésticas.

Chaves e fechaduras

Compõem este apartado duas chaves – n.º 8-9 (vol. II, est. CCXXIII, n.º 8-9) –, um passador de fechadura n.º 10 (vol. II, est. CCXXIII, n.º 10), e um "espelho de fechadura" n.º 7(1) (vol. II, est. CCXXIII, n.º 7(1)). Dos dois grandes grupos em que se podem dividir o tipo de fechaduras romanas – elevação e rotação –,[1016] os nossos dois exemplares pertencem ao primeiro, especificamente à variante 6 da classificação de Ibañez (IBAÑEZ 1994, 40, fig. 13-16). Designada por *clavis laconica*, a chave romana parece evidenciar na região uma perduração ao longo de todo império, tendo sido detectada em níveis de Cláudio - Tibério no Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1984, 202, fig. XCIV, n.º 19-11), em níveis Flavianos em Conímbriga (ALARCÃO, PONTE 1979, 172), na fase II no castro de S. Julião, Vila Verde Braga (MARTINS 1988, 213, est. LXVII, n.º 2), sendo, no entanto, mais frequentes os achados em época tardo-romana. Este tipo de chave em ferro forjado morfologicamente caracteriza-se pela sua forma em L com um *paletón* em forma de L, S ou U, dotado de um número de dentes variável, mas nunca inferior a dois e, geralmente, não ultrapassando os cinco. A haste de secção quadrada, rectangular ou circular desenvolve-se de forma perpendicular e, geralmente, também é em ferro. O tipo de fechaduras a que se destinavam possuem um mecanismo particularmente simples em que a chave uma vez introduzida na face interior da porta através de um orifício na porta, os dentes encaixam em orifícios na parte inferior da tranca que seria movida por um movimento lateral[1017]. Outro tipo de fechadura utilizado por este tipo de chaves, de funcionamento mais elaborado, pressupõe a existência de uma caixa no interior da porta, onde existe um ferrolho preso por um conjunto de dentes de igual número em que a chave seria introduzida, e, uma vez pressionados, caiam por efeito de gravidade deixando a porta livre.

O nosso primeiro exemplar, n.º 8, possui *paletón* recto com apenas dois dentes e apresenta a haste fragmentada ao nível da curvatura de ligação com o *paletón*, correspondendo à solução mais elementar deste tipo de chave. O seu aparecimento no interior da *Domus da Lucerna Cristã*, leva-nos a considerar que tratar-se-ia da chave da porta principal do edifício, relativo à ocupação da Fase IV-V. Peças com morfologia e cronologia idêntica encontram-se em Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 172, est. XLVI, n.º 149-150, 152), três exemplares em Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1984, 264, fig. CXXVIII) e na *villa* de Rabaçal, Penela, proveniente do balneário (PESSOA; RODRIGO 2004, 97, n.º 177).

[1016] A propósito da tipologia dos diferentes tipos de chave e funcionamento das fechaduras veja-se (ALARCÃO 1974 b, 11-16; IBAÑEZ 1994).

[1017] Veja-se, a propósito, a proposta de reconstituição de uma fechadura de tranca apresentado por Ibañez, segundo Fervier (IBAÑEZ 1994, 44, fig. 17).

O exemplar n.º 9 (vol. II, est. CCXXIII, n.º 9), dentro do repertório das chaves em forma L, constitui o subtipo a que corresponde o *paletón* em forma de U, que possui quatro dentes. O seu sistema de funcionamento é em todo igual aos demais subtipos da variante seis.
O seu aparecimento junto à porta exterior da *Domus da Lucerna do Cavalo* identifica-a como sendo a chave da porta exterior na Fase IV-V.
No âmbito regional não conhecemos nenhum exemplar publicado que se aproxime morfológica e cronologicamente ao nosso exemplar. Por exemplo, o peça proveniente do Santomé, San Bernaldo de Tibiás, Ourense (IBAÑEZ 1994), para além do facto de possuir cerca de metade da dimensão do nosso exemplar possui uma haste recta rematada com *paletón rematado* por um anel circular, mas não demarcado deste por um ângulo de 90º como o nosso.
O passador n.º 10 (vol. II, est. CCXXV, n.º 10) é proveniente da *Domus da Lucerna do Cavalo* e constitui o vestígio remanescente do tipo de fechadura mais sofisticado então usado. O seu sistema de funcionamento consiste na existência de uma tranca onde se encontra o passador que, por sua vez, possuía um determinado número de orifícios em número e configuração idêntica à chave que se encontraria aplicado à porta através de duas braçadeiras, funcionando a da face interior como batente. Por cima do passador encontrar-se-ia uma pequena caixa com um conjunto de dentes, idênticos à chave e ao passador, que pressionados por uma mola na face superior trancariam o passador na posição de fechado. A chave em L[1018], uma vez introduzida por uma ranhura na porta e encaixada no passador levantaria os dentes fixos libertando o passador, que com um pequeno movimento lateral movimentaria a tranca libertando a porta. Este tipo de fechadura foi integralmente reconstruído o seu esquema de funcionamento a partir da descoberta em *Augusta Raurica* de uma chave alojada no respectivo passador (IBAÑEZ 1994, 48, fig. 21). A dimensão deste tipo de fechaduras e respectivas chaves sugere que se destinavam a receptáculos mais pequenos, como arcas ou cofres, e não de portas. Este tipo de passador é relativamente frequente em contextos habitacionais e fabricaram-se também em bronze como, por exemplo, os procedentes de Bienvenida, Ciudad Real (AURRECOECHEA; FERNANDEZ; CABALLERO 1986, 280, est. 3, n.º 5-6), ou de Guipúzcoa (URTEAGA 1986, 111-122).
O nosso exemplar é formado por uma haste de formato quadrangular que se alarga ao nível do passador que é constituído por duas linhas com três orifícios de formato quadrangular. O seu enquadramento estratigráfico remete-nos para a Fase IV-V.
O espelho de fechadura recolhido no interior do Ap. III, da *Domus do Cavalo*, juntamente com um alargado conjunto de ferragens de portas sugere tratar-se dos elementos de fechadura da porta de acesso ao compartimento. O nosso exemplar, pelo facto de apresentar duas hastes em semicírculo numa das faces, identificadas como elementos de fixação dos tirantes do sistema, implica que a peça corresponda à face interior da porta. Dos setes elementos de fechadura de Conímbriga nenhum se assemelha ao nosso.

Facas e punhais

Apresentamos apenas 4 exemplares – n.º 11-12 (vol. II, est. CCXXIV, n.º 11-12) –, de um conjunto mais alargado identificados, uma vez que apenas estes se integram no conjunto de cortes estratigráficos em análise.
A peça n.º 11 é um punhal tipo Simancas[1019]. É formado por uma peça única em ferro que compreende a lâmina, guarda mão e cabo.
Este tipo de punhais possuem bainhas em bronze ou em ferro, frequentemente decorados com motivos tipicamente hispano-romanos, com paralelos em motivos decorativos da terra sigillata hispânica tardia e nas

[1018] Corresponderia a este tipo de fechadura a chave em L, primeiro grupo / Elevação, variante 7 (IBAÑEZ 1994, 48).
[1019] Tipologia criada por Palol onde os punhais são genericamente denominados por Simancas (SALLELAS1964, 67-102), pese embora o facto de a necrópole ter sido descoberta e estudada anteriormente (MANESCAU 1936-39).

cerâmicas pintadas, que, geralmente, compreendem motivos circulares enquadrados por motivos geométricos ou vegetalistas (SALLELAS 1964 fig. 2, 5, 11)[1020]. A configuração da lâmina permite formar dois tipos distintos em função do perfil do dorso, do desenvolvimento da lâmina, pela existência ou não de "guarda mão", assim como pelo recorte da empunhadura e respectivos remates. Neste sentido o nosso exemplar enquadrar-se-ia na empunhadura tipo IV e lâmina tipo B.

Em Espanha registam uma ampla distribuição que abrange as províncias de Valladolid, Salamanca, de Zamora, Burgos, Madrid e Segovia[1021]. De Portugal apenas são conhecidos quatro exemplares, estando dois deles referenciados por Russel Cortez, provenientes do castro de Trepa, Sobral Pichorro, (CORTEZ 1950, 21-26), um outro exemplar em depósito no Museu Nacional de Arqueologia (ZOREDA 1974, 58 nota 86), de que desconhecemos o as características morfológicas e respectiva proveniência e um outro proveniente do castro de S. Julião, Ponte / Couceiro, Vila Verde (CARDOZO 1974; SILVA 1986, 177, 201, est. XC, n.º 2)[1022].

Este último, quanto a nós, merece uma atenção especial (MOREIRA 1988, 44, fot. 1). Trata-se de um punhal de 390 mm de comprimento com lâmina em ferro de perfil e secção triangular com dorso plano e gume afiado. O cabo em bronze é constituído por duas peças tubulares separadas por uma anilha de ferro, rematado em argola. Inicialmente interpretado como "uma nova espada curta dos guerreiros galaicos" por Mário Cardozo, foi classificada por Armando Coelho, ainda que com reservas, como do tipo biglobular da cultura da Meseta, atribuindo-lhe, portanto, uma cronologia no interior da sua Fase II[1023] (SILVA 1986, 177). Quanto a nós, tipologicamente enquadra-se no tipo Simancas II, correspondendo ao tipo de lâmina sem guarda mão. Revela inclusivamente semelhanças assinaláveis ao nível da empunhadura tipo II, apesar do remate ser distinto, semelhante ao nosso que também remata em argola. Desta forma a sua cronologia corresponderia ao séc. IV-V, cuja ocupação do local de proveniência não contraria (MARTINS 1988, 25)[1024].

Entendidos como de clara tradição proto-histórica peninsular por um lado e com evidentes relações com o tipo de punhais usados pelas tropas romanas do *limes* renano desde o séc. I, ocupam um período cronológico que compreende o séc. IV e V (SALLELAS1964, 102; ZOREDA 1974, 67; FUENTES 1989, 152). Actualmente é geralmente aceite que este tipo de punhais não se associa a qualquer tipo de funcionalidade militar, mas sim com actividades de carácter venatório.

O nosso exemplar é proveniente da *Domus da Lucerna do Cavalo* da Fase IV-V, correspondendo-lhe, portanto, uma cronologia consentânea com os paralelos apontados, nomeadamente com os exemplares provenientes da necrópole de Fuentespreadas, Zamora, como os quais revela uma proximidade morfológica assinalável.

[1020] Podem apreciar-se outros exemplos, também em bronze, ainda que decorativamente mais pobres, provenientes da *villa* tardo-romana de Tinto Juan De La Cruz – Pinta, Madrid (CABRERA; OVEJERO; GONZÁLEZ; PABLOS; COBO; BAZTÁN; VÁZQUEZ 2001, 189, lám. LXXVIII, n.º 647).

[1021] Caballero Zoreda, seguindo Palol apresenta a listagem dos achados ocorridos até 1974, onde se nota uma clara predominância de ambientes funerários. No total apresenta vinte e dois exemplares entre punhais e bainhas, onde inclui dois provenientes do castro de Trepa, Sobral Pichorro (ZOREDA 1974, 58). A acrescentar à listagem encontram-se mais três provenientes da *villa* tardo-romana de Tinto Juan De La Cruz – Pinto, Madrid, enquadráveis no grupo II de Caballero Zoreda (CABRERA; OVEJERO; GONZÁLEZ; PABLOS; COBO; BAZTÁN; VÁZQUEZ 2001, 199, lám. LXXXVIII, n.º 658). Achados mais recentes identificam um punhal procedente da região das Astúrias, concretamente da *villa* romana de Veranes, Gijón (OCHOA; SENDINO; CALVO; RODRIGUEZ; TOLEDO; FERNÁNDEZ 2005-2006, pp. 160, fig. 20, 31).

[1022] O punhal encontra-se actualmente em depósito no Museu Pio XII, em Braga.

[1023] A que corresponde, segundo o autor, o período cronológico compreendido entre 500 a.C. e 150 a. C. (SILVA 1986, 66-67, Tabela cronológica - Gráfico 2).

[1024] Apesar da autora não apresentar dados estratigráficos concludentes da ocupação tardo-romana refere as escavações arqueológicas ai realizadas por João de Freitas, nas quais foi recolhido espólio enquadrável neste período, designadamente moedas de Constantino, dois pratos de *cerâmica de engobe vermelho não vitrificável* de *sigillata clara D* (MARTINS 1988, 125, est. LXXXVII, n.º 44-45). Apesar da autora não apresentar um estudo destes pratos, importa referir que o primeiro, n.º 44, corresponde a uma forma tipo Martim 59/67, muito bem documentada estratigraficamente em Alvarelhos na nossa Fase IV-V, cuja cronologia relativa se situa entre 350-380, privilegiando-se a sua inspiração no tipo 59 A de HAYES (320/380-400) (*Cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável. Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico* – Prato / Prateira tipo Martim 59 / 67, est. XXI-XXII, XXIV, n.º 8, 10-11, 28-29). O segundo é um prato / prateira tipo Hayes 59 também bem documentado em Alvarelhos nos mesmos horizontes cronológicos (6.1.6. *Cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável. Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico*, Prato / Prateira tipo Hayes 59, est. XXIII, 19-21), e também em ambientes funerários da região, como por exemplo na necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa (4.2. *O povoamento. Catálogo das estações*, n.º 30, est. XVI, n.º 14).

As peças n.º 12, 12(1) e 12(2) (vol. II, est. CCXXIII, n.º 12, 12(1) e 12(2)) são facas que integram um conjunto de instrumentos utilitários de funções diversas, ainda que, neste caso, provavelmente destinar-se-iam a actividades culinárias. Adília Alarcão e Salete Ponte na classificação deste tipo de objectos distinguiram quatro grupos em função do dorso da lâmina; o primeiro de dorso rectilíneo, o segundo de dorso convexo, o terceiro de dorso em S, e o quarto e último de dorso côncavo (ALARCÃO; PONTE 1979, 161).
Os nossos exemplares integram o primeiro grupo, revelando um dorso rectilíneo com prolongamento da haste na empunhadura que, provavelmente, seria de madeira. Os espigões de fixação apresentam secção quadrangular e a lâmina de recorte triangular afiada e bem definida. A distinção dos nossos exemplares faz-se ao nível do recorte da lâmina, nomeadamente no remate anterior. Dois exemplares, n.º 12, 12(2), apresentam uma ligação ao espigão num plano oblíquo, ligeiramente curvo, enquanto o exemplar n.º 12(1), revela uma ligação num ângulo próximo dos 90º. As facas identificadas em Conímbriga não revelam especial semelhança morfológica com os nossos exemplares que revelam a mesma amplitude do punhal tipo Simancas, embora sejam provenientes de uma área distinta do assentamento, designadamente do *Espaço Religioso e Complexo Artesanal*.

Ferragens de portas

As ferragens de porta são elementos relativamente vulgares no mundo romano e compõem-se por vários elementos. Para além das fechaduras as dobradiça apresentam-se como um dos elementos mais importantes no seu funcionamento. Dos quatro exemplares aqui estudados, n.º 14-16 (vol. II, est. CCXXV, CCXXVI, n.º 14-16) todos apresentam a mesma solução de articulação, cuja estrutura é composta por uma charneira circular numa das faces e por duas na face oponente que rodavam em volta de um "pivot" cilíndrico com as arestas alargadas. As extensões de fixação à porta são compostas por placas rectangulares com os respectivos orifícios para fixação. As dimensões das dobradiças são, por certo, reveladoras do tipo de porta em que estariam empregues. Por exemplo, a dimensão e robustez das peças n.º 14(1) e 15 é indicadora que a sua utilização se faria numa porta de proporcional tamanho, provavelmente de acesso exterior[1025]. O exemplar n.º 14(1) revela a particularidade de conservar um dos quartos pregos de fixação *in situ*. Todos os exemplares são provenientes da *Domus da Lucerna do Cavalo* da Fase IV-V. Em Conímbriga os dois exemplares ilustrados (ALARCÃO; PONTE 1979, 171, est. XLVIII, n.º 146-147), são morfologicamente distintos dos presentes, apresentando a charneira de formato circular, provocando planos distintos entre as duas faces. Paralelos exactos encontram-se na cidade de Iruña, Trespuentes-Villodas, Alava, onde se identificaram várias bisargas, entre as quais, a n.º 279 (NIEVA; ZUBILLAGA 2000, 249; n.º 279; NIETO 1958, 178, 195), apresenta a mesma solução técnica que as identificadas em Alvarelhos.
A peça n.º 13 é um grampo de ligação das tábuas que compunham a porta e provavelmente desempenharia uma segunda função de reforço, diminuindo os níveis de empenamento à semelhança do que ainda hoje é utilizado em portas de grande dimensão compostas por vários elementos.

Elementos metálicos para móveis

O pequeno conjunto de peças metálicas utilizadas no mobiliário que apresentamos seguidamente forma um conjunto coerente cujo local de achamento se concentra, no Ap. V e Pátio I da *Domus da Lucerna do*

[1025] A necrópole da Cangosta da Palha, Braga, revelou um conjunto de ferragens de caixões, entre quais se destacam várias dobradiças de tipologia similar às que aqui apresentamos, designadamente as que são provenientes da sepultura E31 (MARTINS; DELGADO 1989/90, 117-118, fig. 66-67). Provenientes da mesma necrópole, concretamente das sepulturas E57 e E60, as quatro dobradiças aí recolhidas revelam uma solução ao nível da charneira distinta, que consiste na existência de apenas dois aros circulares, cada um em cada uma das faces, que se articulariam num " pivot " (MARTINS; DELGADO 1989/90, 131, fig. 85; 135 fig. 88).

Cavalo, na Fase V, possibilitando afirmar que formam parte da mesma peça. A peça n.º 17 (vol. II, est. CCXXVI, n.º 17) consiste na parte remanescente de uma dobradiça que se encontra fragmentada ao nível da charneira. O espelho, de formato quadrangular, comparativamente é mais largo e fino que os das portas e apresenta quatro orifícios para a aplicação de pregos para a sua fixação. No momento do seu achamento ainda conservava num dos orifícios uma tacha de comprimento reduzido e cabeça cónica que indicia que sobre a articulação não era exercido um peso significativo.

A peça n.º 18 (vol. II, est. CCXXVII, n.º 18) é um reforço da tampa ou fundo de uma arca. É formada por uma placa em ferro de recorte quadrangular dobrada em forma de L que desenha um ângulo de 90º. Na face superior são visíveis três orifícios para fixação onde se conservam num deles o respectivo prego que possui secção quadrangular e cabeça circular aplanada. A face lateral encontra-se fragmentada, mas junto da dobra conserva ainda um prego de morfologia idêntica ao anterior.
As peças n.º 19 e 20 (vol. II, est. CCXXVII, n.º 19-20) são dois espelhos de dobradiça cuja charneira se encontra fragmentada. Morfologicamente são idênticas à peça n.º 16, mas a dimensão e espessura da placa indicam que a sua aplicação far-se-ia num móvel de menor dimensão.

Utensílios agrícolas

São apenas três os utensílios ligados à actividade agrícola identificados em contexto arqueológico. O primeiro, n.º 21 (vol. II, est. CCXXVIII, n.º 21) consiste numa enxada proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*. Este tipo de instrumento designado por *sarculum*, que alguns autores identificam como *sarchio* em italiano, e em português como enxada, sacho e em algumas regiões como a nossa como sachola, conhece algumas variações morfológicas em função dos terrenos a trabalhar.
O nosso exemplar de formato triangular não revela uma adaptação plena para o tipo de solos da área envolvente, que se caracteriza por constituírem substratos pesados e húmidos, livres de pedras, ao contrário do que se verifica noutras regiões de característica calcárias ou basálticas, como, por exemplo, a região centro do país em que se estabelece uma melhor relação entre forma e função (OLIVEIRA; GALHANO; PEREIRA 1976, 245, fig. 126 b e c). São conhecidos alguns paralelos para o nosso exemplar, nomeadamente provenientes de Conímbriga, n.º 107, da destruição da *insula* d' Andercus, com correspondência cronológica e tipológica ao nosso exemplar (ALARCÃO; PONTE 1979, 42, 44, est. VIII, n.º 107), assim como de Vale de Junco, Mação, concretamente o exemplar n.º 1 cujas características morfológicas são em tudo idênticas ao nosso exemplar - lâmina de formato trapezoidal com reforço central, anel de encabamento oblíquo de recorte circular e ombros rectos sem garganta (CARVALHO; CABRAL 1996, 163, est. V, n.º 1 e 2)[1026].
O paralelo geograficamente mais próximo é proveniente de Vila das Aves, Santo Tirso, resultado de um achado fortuito ocorrido em 1920 no lugar dos Pinheiros, junto às termas do Amieiro Galelo de um conjunto de materiais romanos. Trata-se de uma enxada de perfil trapezoidal com nervura central de reforço e olhal circular[1027].

[1026] Estas duas peças foram inicialmente publicadas em 1987 em artigo específico sobre o espólio metálico sobre a estação referenciada de, embora sem referência crono-estratigráfica (CARVALHO; PONTE 1987, 105-106).
[1027] Pinheiros, Vila das Aves, Santo Tirso. Coordenadas geográficas – Latitude 41º 22' 35''N; Longitude 8º 24' 43'' W; Altitude 99 m (C.M. 1.25000, S. C. E., fl. 98, 1977 - Santo Tirso). Foram recolhidos em 1920 vários objectos encontrados fortuitamente (2 machados e 1 enxada em ferro), associados a materiais cerâmicos que, segundo o autor da notícia, foram enviados para o "Museu Etnológico «Leite de Vasconcelos»", hoje Museu Nacional de Arqueologia, por João Bento Padilha (BARCA 1953, 34). Os vestígios de superfície hoje observáveis ocupam uma pequena plataforma de perfil longitudinal, sobranceira à margem esquerda do Ave (MOREIRA 2004b, 28).

Os objectos n.º 22 e 23 (vol. II, est. CCXXVIII, n.º 22-23) são podoas. Constituem instrumentos bem conhecidos da iconografia romana onde, por vezes, se apresentam como um dos atributos de Saturno[1028], ou como ícone identificativo de várias profissões, como sejam a do viticultor e do jardineiro (ALARCÃO; ETIENNE; MAYET 1990, 238). O primeiro exemplar encontra-se fragmentado o que dificulta a sua interpretação, podendo, no entanto, confirmar-se como um fragmento intermédio da lâmina. O n.º 23, em excelente estado de conservação, possibilitou a execução de um análise metalográfica que revelou a pureza excepcional do ferro que a compõem. Este tipo de utensílio, que em Portugal se designa por foice-de-poda, encontra variantes consoante a sua função expressa na designação latina – *falx faenaria* e *veruculata* para as ceifas e para a limpeza das árvores a *falx arboraria*, *falx sylvatica* ou *putatoria*, no qual se inscreve o nosso exemplar. A sua designação e respectiva configuração relaciona-se especificamente com o trabalho a que estavam destinadas, embora alguns autores, vejam também uma utilização possível para trabalhos na vinha[1029] (WHITE 1967, 89). De facto, a sua configuração, peso e características de encabamento em alvado profundo, para cabo longo, não justificam esta interpretação, ainda que comparativamente, a sua utilização ainda hoje em trabalhos agrícolas de desmate e poda de árvores lhe atribui com propriedade a designação de «foice roçadoira», como acontece, por exemplo, no Alentejo onde é utilizada para limpar as oliveiras. O nosso exemplar é proveniente da Fase IV-V da *Domus da Lucerna do Cavalo*, correspondendo, portanto, a uma cronologia de finais do Império. Os paralelos que conhecemos são provenientes de Conímbriga, Monte Mozinho, S. Vicente do Pinheiro, Penafiel, Vale de Junco, Santarém, Mação, S. Cucufate, Vidigueira e Torre de Palma, Portalegre. O exemplar de Conímbriga, n.º 112, tipologicamente é idêntico ao nosso exemplar (ALARCÃO; PONTE 1979, 43, est. IX, n.º 112), assim como os exemplares procedentes de Vale de Junco, que revelam também o mesmo horizonte cronológico (CARVALHO; CABRAL 1996, 163, est. IV, n.º 1-3). A podoa proveniente de Monte Mozinho, Penafiel, (SOEIRO 1984, 208, fig. CVI, n.º 1), é também muito semelhante, com a particularidade da sua cronologia corresponder ao último quartel do séc. I, facto que evidencia a longevidade de determinados tipos de instrumentos se atendermos ao contexto crono-estratigráfico do nosso exemplar[1030]. Do balneário de S. Vicente do Pinheiro, Penafiel, escavado por José Fortes (FORTES 1902), republicado por Teresa Soeiro com a apresentação de alguns materiais arqueológicos ai recolhidos, identifica-se uma foice em ferro, com encabamento em alvado, morfologicamente próxima do nosso exemplar (SOEIRO 1984, 74, fig. XXVIII). As peças de S. Cucufate enquadram genericamente este tipo, apesar da variabilidade tipológica que manifestam (ALARCÃO; ETIENNE; MAYET 1990, 238-239). A podoa identificada na *villa* de Torre de Palma, Portalegre, será, porventura, o exemplar de maior similitude tipológica com o nosso exemplar, quer pela dimensão, sistema de encabamento em alvado com desenvolvimento até ao início do eixo da lâmina, pela configuração da lâmina, quer pela configuração da lâmina, tanto no que respeita à sua curvatura como quanto à sua secção (BRUN 1997, 157, n.º 10).

Pregos

Os pregos constituem certamente o tipo de achado metálico mais frequente em áreas habitacionais. Reunimos um conjunto de 11 pregos, n.º 24-33 (vol. II, est. CCXXIX, n.º 24-33), da cerca de três dezenas

[1028] Deus das sementeiras, dos grãos e da vinha, pelo que, muitas vezes, se encontra representado com a foice do ceifeiro e a podoa do vinhateiro (SCHMIDT 1995, 242).

[1029] Columela descreve detalhadamente a *falx vinitoria*, afirmando que os agricultores a utilizam mal destruindo a própria vinha. Os exemplares portugueses com alguma afinidade tipológica deverão ser considerados como variantes da *falx arboraraia*. Os instrumentos utilizados na vindima integram a categoria da *facula viniatica* (BRUN 1997, 157).

[1030] São ainda conhecidos exemplares da zona sul do país com as mesmas características morfológicas, embora com pequenas variações de dimensão e curvatura da lâmina, nomeadamente de Torre de Palma, Monforte, Portalegre (ALARCÃO 1989, 94) e de S. Cucufate, Vidigueira (ALARCÃO 1990, est. 94-95, fig. 4, 8).

identificados na área intervencionada, que julgamos reflectirem a gama de formatos mais frequentes, evidenciando, simultaneamente as suas múltiplas aplicações.

Dos três tipos de pregos apresentados pelos clássicos julgamos ter identificado duas categorias – Os *clavi capitati* e os *clavi muscarii*[1031].

A primeira categoria subdivide-se em quatro subgrupos em função da sua dimensão encontrando subtipos dentro destas em função da configuração da cabeça.

Assim, o primeiro subgrupo é formado por pregos de grande dimensão, vulgarmente designados por cavilhas, cujo comprimento oscila entre 150 e 200 mm, para uma espessura média da haste de 15 mm, que apresenta uma secção quadrangular. A cabeça cónica é espessa. Destinar-se-iam, certamente, a ligar tábuas de grande espessura e a funcionar como elementos de fixação nas estruturas mas também como elementos decorativos[1032]. O único exemplar que apresentamos, n.º 24, tem 199 mm e revela apenas uma ligeira deformação ao nível do segundo terço inferior. A cabeça, de formato cónico, é larga e alta e revela as abas descidas cobrindo uma pequena parte da haste que, uma vez martelado, constituiria um reforço à sua aderência.

O nosso exemplar é proveniente da *Domus da Lucerna do Cavalo* de um estrato com datação da Fase IV-V.

O segundo subgrupo é constituído por pregos de menor dimensão em que se encontram representados dois subtipos – os de cabeça circular e os de cabeça plana. A sua dimensão, em ambos os casos, oscila sensivelmente entre 80 e 110 mm de comprimento. O primeiro subtipo caracteriza-se por possuir uma cabeça plana e circular, haste quadrangular ou rectangular e ponta afiada. Constitui o grupo mais numeroso e, provavelmente, serviria para todos os tipos de trabalho de carpintaria, com excepção de objectos de pequenas dimensões. Os exemplares que ilustramos, n.º 25-26, revelam algumas deformações ao nível da cabeça, características do processo de martelagem, assim como dobragens na haste. São ambos provenientes da *Domus da Lucerna do Golfinho* e estratigraficamente enquadráveis na Fase IV.

O segundo subtipo revela algumas especificidades ao nível da cabeça que mostram que se destinariam a ficarem ao nível exterior da madeira. O nosso único exemplar ilustrado, n.º 29, conserva uma cabeça de planta rectangular com secção tronco-cónica. É provável que, por revelar estas características, se destinasse a trabalhos mais cuidados, embora a sua robustez signifique também uma polivalência considerável.

Ainda dentro da primeira categoria o terceiro grupo regista uma presença assinalável. Trata-se de pregos de menor dimensão, oscilando o seu comprimento entre 55 mm para os maiores exemplares e cerca de 40 mm para os de dimensão intermédia. Apresenta também dois subtipos, que podem dividir-se em função da configuração da cabeça - o primeiro de cabeça circular e plana, e o segundo também de cabeça circular mas de formato cónico.

O primeiro subtipo, n.º 27-28, constitui uma forma idêntica ao primeiro subtipo do segundo grupo, ainda que a reduzida dimensão implicasse que a sua utilização se fizesse em objectos de menores dimensões ou em partes dos objectos que implicassem menos tensão.

O segundo subtipo, n.º 30, de cabeça cónica, com abas ligeiramente descaídas cobrindo uma pequena parte da haste do prego, destinar-se-ia a revestimentos exteriores, com uma clara função decorativa, justificando-se as abas descaídas para uma melhor aderência do prego, uma vez que este ficaria ligeiramente saliente e, portanto, mais susceptível ao atrito, nomeadamente se se tratasse de uma arca ou outro objecto similar.

[1031] As três categorias apresentadas são; *Clavi trabales* ou *clavi tabulares* cuja função seria essencialmente de unir tábuas, os *clavi capitati* cuja característica fundamental reside no facto da cabeça do respectivo prego dse destinar a ficar visível e, por último, os *clavi muscarii* cuja interpretação é duvidosa (ALARCÃO; PONTE 1979, 31).

[1032] Adília Alarcão e Salete Ponte vêm inclusivamente no facto de este tipo de pregos não revelar distorções ao nível da cabeça, uma preparação prévia dos orifícios evitando assim empenamentos (ALARCÃO; PONTE 1979, 31).

O último grupo da primeira categoria é constituído por um conjunto de pregos a que vulgarmente se designa por tachas a que pertencem as peças n.º 31 e 32. São pregos de reduzida dimensão com uma cabeça de planta rectangular e perfil piramidal, pelo que teriam obrigatoriamente uma função decorativa. A sua dimensão sugere que a sua utilização preferencial far-se-ia em móveis, arcas ou outro tipo de mobiliário similar.
Da segunda categoria – *calvis muscarii* –, apenas apresentamos um exemplar, n.º 33. Trata-se de um prego de reduzidas dimensões de haste de perfil quadrangular e cabeça de planta quadrangular e secção piramidal invertida. A configuração da cabeça sugere que este tipo de pregos se destinaria à carpintaria mais cuidada, uma vez que o prego uma vez aplicado ficaria integralmente embutido, permitindo apenas a ligação de elementos de pequenas dimensões.

Vária

Escápulas

Apresentamos apenas dois exemplares de escápulas, n.º 34-35 (vol. II, est. CCXXX, n.º 34-35) que constituem os exemplares mais completos de um largo conjunto (8), recolhidos na área intervencionada. Este tipo de artefacto teve múltiplas utilizações desde a construção civil à carpintaria. Entre outro tipo de funções serviam para fixar placas de revestimento dos paramentos, desempenhavam a função de gonzos de portas e eram aplicados nas molduras de portas e janelas (ALARCÃO; PONTE 1979, 36). No caso vertente, atendendo à sua dimensão, terão provavelmente funcionado como elementos de fixação na esquadria de portas, uma vez que se não detectaram revestimentos parietais que justificassem a sua aplicação. A sua forma em L, formado pelo dobramento de uma haste de secção quadrangular com adelgaçamento progressivo até rematar numa ponta afiada, é mantida sem grandes variações ao longo da sua ampla cronologia, uma vez que são frequentes desde inícios do séc. I prolongando-se a sua existência até meados do séc. V.
Os nossos exemplares são ambos provenientes da *Domus da Lucerna do Cavalo* da Fase IV-V e, morfologicamente, assemelham-se aos exemplares de Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 38, est. VII, 92-95), e também a um outro exemplar identificado de Monte Mozinho, Penafiel, (SOEIRO 1984, est. XIV, fot. n.º 2).

Anéis de suspensão

À semelhança de outro tipo de quinquilharia os anéis de suspensão não são fáceis de classificar ao nível da sua função, uma vez que a sua utilização pode ser variada sem que a sua morfologia se altere significativamente. Apresentamos apenas três peças – n.º 36-38 (vol. II, est. CCXXX, n.º 36-38) –, de um conjunto de seis, uma vez que são representativas dos diferentes tipos.
Distinguimos dois grupos – o primeiro, exemplificado pela peça n.º 36, cujas características e função se distingue das restantes. A argola de formato oval desenvolve-se de forma perpendicular à haste de secção quadrangular. O seu remate liga-se a uma chapa, aqui incompleta, que, possivelmente, possuiria vários orifícios para fixação num suporte de madeira. A sua dimensão e características morfológicas sugerem-nos dois tipos de utilização. Poder-se-á tratar de um batente de porta integrando ou não um objecto mais complexo que poderia incluir o respectivo espelho da fechadura. Outra possibilidade poderá ser a de se constituir como um elemento interno de um móvel para a suspensão de qualquer tipo de material.
Os outros dois exemplares, morfologicamente idênticos, são constituídos por uma haste curta e pontiaguda que funcionaria simultaneamente como cravo. A argola, em ambos casos, é perpendicular à haste e desenha um perfil oval, onde se encontram ainda restos de uma outra argola ou, eventualmente, um elo de corrente. Pela curta dimensão dos cravos não é provável que constituam elementos de fixação para a prisão de animais ou outro tipo de função similar, aproximando-se mais a uma utilização de suspensão no interior

doméstico. Em Conímbriga encontramos algumas peças que se aproximam morfologicamente dos nossos exemplares mas cuja interpretação, também é pouco esclarecedora. Todos os exemplares são provenientes da Fase IV-V e V.

Ganchos

Os ganchos em ferro, particularmente abundantes em áreas habitacionais, teriam funções polivalentes. Á semelhança do que ainda hoje sucede, é fácil de imaginar este tipo de objecto como remate de uma corda, com a função de içar baldes na construção civil, a retirar água de poços, a suspender um recipiente sobre o fogo ou mesmo a suportar qualquer tipo de objecto numa arrecadação ou adega.
O exemplar que aqui apresentamos, n.º 39 (vol. II, est. CCXXX, n.º 39) é formado por uma haste de secção circular rematado por uma argola circular que forma uma volta perfeita, perpendicular à haste. O gancho, que se desenvolve de forma simétrica em relação à haste apresenta um adelgaçamento progressivo para rematar numa ponta afiada, ligeiramente espalmada, formando duas farpas simétricas. Este pormenor, sugere uma intenção deliberada de fixação de um determinado tipo de material ou substância que, pela sua natureza e/ou movimento, tivesse propensão para se soltar, mas cuja utilização temporária impedia que se criasse um gancho completamente fechado. Assim poder-se-ia pensar que este gancho, pela sua morfologia e dimensão, estaria vocacionada para suspender carne, ou para ser utilizado no desmanche de animais, como aliás ainda hoje é corrente utilizar-se.
No estudo dos materiais provenientes de Conímbriga, Adília Alarcão e Salete Ponte sugerem o agrupamento deste tipo de objectos em dois conjuntos em função do comportamento da argola de suspensão – o primeiro, formado pelos ganchos cujos anéis de suspensão se desenvolvem no mesmo plano que a haste, e o segundo cujo anel se desenvolve perpendicularmente a este (ALARCÃO; PONTE 1979, 185, est. LI - LII, n.º 256-273).
Adoptando esta metodologia o nosso exemplar integraria o segundo grupo, não existindo, no entanto, nenhum paralelo exacto nos materiais ilustrados. É proveniente da Fase IV-V do Ap. V da *Domus da Lucerna do Cavalo*.

Correntes

As correntes metálicas em bronze ou ferro integram o conjunto de artefactos de utilização variada. Os três conjuntos de fragmentos de correntes que aqui apresentamos, n.º 40-42 (vol. II, est. CCXXXI, 41-42) revelam uma semelhança formal evidente que nos induz a pensar que se trataria de vários fragmentos da mesma peça. No entanto, se tal pode ser válido para os dois fragmentos n.º 40 e 41, ambos provenientes do Ap. X / XIV do *Complexo Artesanal*, o mesmo não é válido para a peça n.º 42, proveniente do *Espaço Religioso*.
As correntes são formadas de elos elaborados a partir de um elemento único, de secção quadrangular que desenha um oito, formando duas argolas de perfil oval, simétricas que se separam por um estreitamento central. Constituem um tipo de artefacto de utilização polivalente. Contudo o seu contexto indica estarem relacionadas com actividades agrícolas e com a criação de gado, embora, à semelhança dos dias de hoje possam ter sido usadas como simples elementos de suspensão.
Na área meridional do convento bracaraugustano ou mesmo da área setentrional da Lusitânia não conhecemos peças morfologicamente semelhantes às nossas. As correntes ou elos de correntes provenientes de Conímbriga (ALARCÃO, PONTE 1979, 182, est. L, n.º 226-228), são tipologicamente distintas, embora naturalmente integrem a panóplia de quinquilharia de fins semelhantes.

Argolas

As argolas em ferro, particularmente comuns em Alvarelhos, são, sem dúvida, parte integrante de objectos compostos por vários elementos. O exemplar que aqui apresentamos, n.º 44 (vol. II, est. CCXXXI, n.º 44) foi elaborado a partir de uma peça única de secção rectangular e possui um diâmetro de cerca de 60 mm. Foi recolhido na *Domus da Lucerna do Cavalo*, estratigraficamente posicionada na Fase IV-V, em clara associação com um conjunto de materiais relacionados a arreios de cavalo (n.º 2), pelo que somos levados a crer que, poderá tratar-se de um elemento de ligação de correias de atrelagem.

Objectos de função desconhecida

São três os objectos cuja função nos escapa. A peça n.º 45 (vol. II, est. CCXXXI, n.º 45) é formada por uma haste de perfil quadrangular e face interna plana na extremidade. Sensivelmente a meio da peça um pequeno ressalto marca o estreitamento da haste para formar a dobragem para o desenvolvimento da haste idêntica, que não se encontra no caso da nossa peça, e que seria oponente. Existe uma peça semelhante ao nosso exemplar, embora de dimensões ligeiramente menores, proveniente da sepultura 128 da necrópole da Valdoca, Aljustrel (ALARCÃO; ALARCÃO 1966a, 36, est. X, n.º 5), cuja cronologia não é coincidente, uma vez que se encontra datada entre o séc. I e II[1033], enquanto a nossa peça, proveniente da *Domus da Lucerna do Cavalo* se enquadra na Fase V.
A peça n.º 46 (vol. II, est. CCXXXI, n.º 46) trata-se de um lâmina em ferro relativamente espessa com uma curvatura central. Encontra-se fragmentada na face superior e poderá tratar-se de uma placa de revestimento ou de ligação entre dois elementos de madeira.
O objecto n.º 47 (vol. II, est. CCXXXI, n.º 47) é formado por uma longa haste de secção circular que se bifurca em duas hastes. É proveniente da Fase IIb da *Praça*.

[1033] A sepultura revela um conjunto de materiais de amplitude bastante lata, que podem situar-se, *grosso modo*, entre o séc. I e III. No entanto, o aparecimento de um unguentário tipo Isings 82 B, cuja datação é de finais do séc. I a finais do séc. II, aconselha a uma datação de finais do séc. II.

Objectos metálicos - *Ferros*

Nº Invt.º	Proveniência	Tipo	Características	Material	Peso	Decoração	Estampa
1. Alv. 93 A, op. 100	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	escória	----	ferro	258,4 gr.	----	----
2. Alv. 96 B, A4, op. 24	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	arreio de cavalo	asa de freio	ferro	55,8 gr.	----	est. CCXX, n.º 2
3. Alv. 93 A , op. 72	corte est. 7, camada 3 / Fase IV / V	chocalho	corpo rectangular /tronco-cónico	ferro / cobre	403,5 gr.	----	est. CCXX, n.º 3
3(1). Alv. 97 B1, op. 151	cort. est.. 3, camada 1 / Fase IV / V	chocalho	corpo rectangular/tronco-cónico	ferro / cobre	421,8 gr.	----	est. CCXX, 3 (1)
4. Alv. 95 B, A4, op. 22	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	chocalho	corpo rectangular / tronco-cónico	ferro / cobre	91,8 gr.	----	est. CCXXI, n.º 4
4(1). Alv. 97 B2, A2, op.61	corte est. 3, camada 1 / Fase IV-V	chocalho	corpo rectangular / tronco-cónico	ferro / cobre	3,25,5 gr	---	est. CCXXI, n.º 4(1)
5. Alv. 97 B3, A1, op. 291	corte est. 6, camada 2 / Fase IV-V	chocalho	corpo rectangular	ferro / cobre	325,5 gr.	----	est. CCXXI, n.º 5
6. Alv. 95 B4, A4, op. 1	corte est. 1, camada 0 / Fase IV-V	chocalho	corpo rectangular	ferro / cobre	286,5 gr.	----	est. CCXXII, n.º 6
7. Alv. M1	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	chocalho	corpo rectangular / cilíndrico	ferro / cobre	266,5 gr.	duas caneluras	est. CCXXII, n.º 7
7(1). Alv. 97 B2, A2, op. 77	corte est. , camada 2 / Fase IV – V	fechadura	placa rectangular	ferro	432 gr	---	est. CCXXIII, n.º 7(1)
8. Alv. 94 A, op. 108 (1)	corte est. 1, camada1 / Fase IV-V	chave	*clavis laconica*	ferro	192,5 gr.	----	est. CCXXIII, n.º 8
9. Alv. 97 B2, A2, op. 12	corte est. 2, camada 0 / Fase IV-V	chave	*clavis laconica*	ferro	834,5 gr.	----	est. CCXXIII, n.º 9
10. Alv. 97 B2, A2, op. 81	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	fechadura	passador de fechadura	ferro	34,4 gr.	----	est. CCXXVI, n.º 10
11. Alv. 96 B, A2, op. 35	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	punhal	lâmina de secção triangular	ferro	280 gr.	----	est. CCXXIV, n.º 11
12. Alv. 97 B3, A1, op. 368	corte est. 5, camada 1 / Fase V	faca	lâmina de secção triangular	ferro	190,9 gr.	----	est. CCXXIV, n.º 12
12(1) Alv. 97 B2, A2, op. 58	corte est. 2, camada 2 / Fase IV – V	faca	lâmina de secção triangular	ferro	185 gr.	---	est. CCXXIV, nº 12.1
12(2) Alv. 97, B2, A2, op. 95	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	faca	lâmina de secção triangular	ferro	168 gr.	---	est. CCXXIV, nº 12.2
13. Alv. 93 A, op. 75	corte est. 11, camada 0 / Fase IV-V	ferragem de porta	grampo	ferro	138 gr.	----	est. CCXXV, n.º 13
14. Alv. 97 B2, A2, op. 57	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	ferragem de porta	dobradiça	ferro	173,7 gr.	----	est. CCXXV, n.º 14
14(1) Alv. 97 B2, A2, op. 37	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	ferragem de porta	dobradiça	ferro	160 gr.	---	est. CCXXV, n.º 14.1
15. Alv. 96 B, A2, op. 1	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	ferragem de porta	dobradiça	ferro	203,1 gr.	----	est. CCXXVI n.º 15
16. Alv. 95 B, op. 66	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	ferragem de porta	dobradiça	ferro	165,1 gr.	----	est. CCXXVI, n.º 16
17. Alv. 96 B, A4, op. 12	corte est.1, camada 1 / Fase IV-V	elemento para móvel	dobradiça	ferro	66,2 gr.	----	est. CCXXVI n.º 17
18. Alv. 97 B2, A2, op. 16 (1)	corte est. 2, camada 0 / Fase IV-V	elemento para móvel	placa	ferro	106,2;16,6; ? gr.	----	est. CCXXVII, n.º 18
19. Alv. 97 B2, A2, op. 16 (2)	corte est. 2, camada 0 / Fase IV-V	elemento para móvel	placa	ferro	38 gr.	----	est. CCXXVII, n.º 19
20. Alv. 97 B2, A2, op. 16 (3)	corte est. 2, camada 0 / Fase IV-V	elemento para móvel	placa	ferro	43,9 gr.	----	est. CCXXVII, n.º 20
21. Alv. 97 B2, A2, op. 73	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	utensílio agrícola	*Sarculum*	ferro	901,5 gr.	----	est. CCXXVIII, n.º 21
22. Alv. 96 B, A3, op. 414	corte est. 1, camada 0 / Fase III	utensílio agrícola	foice	ferro	39,4 gr.	----	est. CCXXVIII, n.º 22
23. Alv. 95 B, A4, op. 16	corte est. 1, camada 2 / Fase IV-V	foice	foice	ferro	671 gr.	----	est. CCXXVIII, n.º 23
24. Alv. 96 B, A4, op. 8	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	cavilha	secção quadrangular	ferro	135,8 gr.	----	est. CCXXIX, n.º 24
24(1). Alv. 97 B2, op. 26	corte est. 4, camada 2 / Fase IV-V	cavilha	secção quadrangular	ferro	120,3 gr.	----	est. CCXXIX, n.º 24(1)
25. Alv. 97 B3, A1, op. 183	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	cavilha	secção quadrangular	ferro	24 gr.	----	est. CCXXIX, n.º 25
26. Alv. 97 B3, A1, op. 69 (2)	corte est. 5, camada 1b / Fase IV-V	cavilha	secção quadrangular	ferro	27,8 gr.	----	est. CCXXIX, n.º 26
27. Alv. 97 B3, A1, op. 69 (1)	corte est. 5, camada 1b / Fase IV-V	prego	secção quadrangular	ferro	15,9 gr.	----	est. CCXXIX, n.º 27
28. Alv. 97 B3, A1, op. 76	corte est. 5, camada 1b / Fase IV-V	prego	secção quadrangular	ferro	8,6 gr.	----	est. CCXXIX, n.º 28
29. Alv. 96 B, op. 7	corte est. 1, camada 0 / Fase IV-V	prego	secção quadrangular	ferro	26,4 gr.	----	est. CCXXIX, n.º 29
30. Alv. 97 B3, A1, op. 131 (1)	corte est. 6, camada 1 / Fase IV-V	prego	secção quadrangular	ferro	5,2 gr.	----	est. CCXXIX, n.º 30
31. Alv. 97 B3, A1, op. 164	corte est. 6, camada 1 / Fase IV-V	prego	secção quadrangular	ferro	5 gr.	----	est. CCXXIX, n.º 31

32. Alv. 97 B3, A1, op. 131 (2)	corte est. 6, camada 1 / Fase IV-V	prego	secção quadrangular	ferro	5,3 gr.	----	est. CCXXIX, n.º 32
33. Alv. 97 B3, A1, op. 131 (3)	corte est. 6, camada 1 / Fase IV-V	prego	secção rectangular	ferro	4,1 gr.	----	est. CCXXIX, n.º 33
34. Alv. 97 B2, A2, op. 76	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	escápula	90º, secção quadrangular	ferro	110 gr.	----	est. CCXXX, n.º 34
35. Alv. 97 B2, A2, op. 71	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	escápula	90º, secção quadrangular	ferro	71, 9 gr.	----	est. CCXXX, n.º 35
36. Alv. 94 A, op. 108 (1)	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	anel	suspensão	ferro	16,1 gr.	----	est. CCXXX, n.º 36
37. Alv. 96 B, A4, op. 50 (1)	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	anel	suspensão	ferro	11 gr.	----	----
38. Alv. 97 B2, A2, op. 57	corte est. 2, camada 2 / Fase IV-V	argola	suspensão	ferro	12,3 gr.	----	est. CCXXX, n.º 38
39. Alv. 96 B, op. 50 (2)	corte est.1, camada 1 / Fase IV-V	gancho	suspensão	ferro	19,9 gr.	----	est. CCXXX, n.º 39
40. Alv. 97 B3, A1, op. 368 (1)	corte est. 5, camada 1 / Fase V	elo de cadeia	secção quadrangular	ferro	24 gr.	----	----
41. Alv. 97 B3, A1, op. 368 (2)	corte. est. 5, camada 1 / Fase V	elo de cadeia	secção quadrangular	ferro	21,9 gr.	----	est. CCXXXI, n.º 41
42. Alv. 97 B3, A1, op. 18 (1)	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	elo de cadeia	secção quadrangular	ferro	54,8 gr.	----	est. CCXXXI, n.º 42
43. Alv. 97 B3, A1, op. 18 (2)	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	argola	fixação	ferro	69,8 gr.	----	---
44. Alv. 95 B, A4, op. 53	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	argola	----	ferro	62,7 gr.	----	est. CCXXXI, n.º 44
45. Alv. 95 B, A4, op. 87	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	indeterminado	----	ferro	180,1 gr.	----	est. CCXXXI, n.º 45
46. Alv. 96 B, A4, op. 19	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	indeterminado	----	ferro	13,6 gr.	----	est. CCXXXI, n.º 46
47. Alv. 96 B, A2, op. 137	corte est. 1, camada 2 / Fase II b	indeterminado	----	ferro	34,5 gr.	----	est. CCXXXI, n.º 47

6.1.20. Caracterização micro-estrutural (microscópio óptico)

N. Catálogo Zinco	Observações	Cobre	Ferro	Estanho	Chumbo	Antimónio
1. Alv. 93 A, op. 100	Escória de metalurgia do ferro com elevado teor de silício, alumínio, potássio, fósforo e ferro					
3. Alv.93 A, op. 72	Amostra de Fe – Cu de estrutura bifásica - capa interior de bronze	11%	----	----		
6. Alv. 95 B, A4, op. 1	Amostra de Fe – Cu - capa interior de bronze	75%	11%	8%		
7. Alv. M1 (chocalho) 0,2%	Amostra de Fe – Cu - capa interior de bronze	83,6%	7%	7%	2%	0,2%
16. Alv. 95 B, op. 66	Amostra de aço com estrutura essencialmente ferrítica, tratando-se de ferro de alta pureza, mas contaminado com fósforo e enxofre					
23. Alv. 95 B, A4, op. 160	Amostra de aço com estrutura essencialmente ferrítica, tratando-se de ferro de alta pureza, mas contaminado com fósforo e enxofre					
44. Alv. 95 B, A4, op. 53	Amostra de aço com estrutura essencialmente ferrítica, tratando-se de ferro de alta pureza, mas contaminado com fósforo e enxofre					
45. Alv. 95 B, A4, op. 87	Amostra de aço com estrutura essencialmente ferrítica, tratando-se de ferro de alta pureza, mas contaminado com fósforo e enxofre					

Escórias – Composição química (espectrometria por Raio X)

N. Invt.º	Fe	Cr	Mn	Co	Ni	Cu	Zn	Sn	Pb
1. Alv. 97 B3, op. 21	98,8%	-----	0,03%	0,05%	0,15%	0,5%	0,05%	0,2%	0,06%
2. Alv. 97 B3, op. 19	99,4%	-----	----	0,03%	0,14%	0,3%	0,08%	-----	0,06%
3. Alv. 97 B3, op. 78	98,5%	0,01%	1,3%	-----	----	0,01%	0,08%	-----	0,02%
4. Alv. 97 B3, op. 27	99,9%	-----	-----	-----	-----	-----	------	-----	------
5. Alv. 97 B3, op. 27	99,4%	0,01%	0,13%	-----	0,01%	0,2%	0,2%	-----	0,01%
4(1). Alv. 97 B2, A2, op.61	Fe 94.2%	---	----	----	----	3.67%	----	0.19%	----
	Fe 93%	----	----	----	----	0.87%	----	----	0.17%

* Os resultados referem-se apenas à parte metálica das escórias, que era predominante em todos os casos. Não se considerou o elemento fósforo, passível de ser contaminante das amostras.
** As amostras 1 e 2 apresentam uma composição similar. As restantes três tem composições significativamente diferentes entre si e em relação às duas primeiras.

Catálogo

Vestígios metalúrgicos (1)

1. Alv. 93 A, op. 100 - Conjunto de nódulos de escória de ferro cuja estrutura com elevado teor de silício, alumínio, potássio, fósforo e ferro leva a admitir que se trate de uma escória da metalurgia do ferro (n/ilustrado).
Dim. - Peso 258,4 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. IV, corte estratigráfico 7, camada 3.

Elementos de arreio (2)

2. Alv. 96 B, A4, op. 24 - Asa de freio em ferro. Formato de oito com argola superior ovalada. A parte inferior, mais larga, é recta na base e achatada no centro onde forma um disco com um orifício central para prisão do freio. A peça foi elaborada a partir de um ferro, elemento único de secção quadrangular que conserva sensivelmente a mesma espessura por toda a peça à excepção do disco que foi achatado para os fins específicos a que se destinava (vol. II, est. CCXX, n.º 2).
Dim. - Altura máxima 95 mm; Largura máxima 71 mm; Peso 55,8 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 257, 140.

Chocalhos (3-7)

3. Alv. 93 A, op. 72 - Chocalho em ferro e cobre. Corpo rectangular, tronco-cónico e cantos arredondados, feito a partir de uma só folha de ferro com o interior coberto por uma fina folha de cobre. Da asa apenas restam os orifícios de encaixe. Batente desaparecido (vol. II, est. CCXX, n.º 3).
Dim. - Altura máxima 96 mm; Largura máxima 96 mm; Peso 403.5 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.
Análise ao microscópio óptico - Amostra de Fe-Cu com cerca de 11% de cobre. Estrutura bifásica (est. CCXXXII, fot. n.º 1).
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 258, 141.

3(1). Alv 97 B1, op. 151 - Chocalho em ferro com revestimento interno de folha de cobre. Corpo sub-rectangular, tronco-cónico, com cantos arredondados, ligeiramente deformado. Face inferior de recorte oval com fractura ao nível da "costura" vertical. Asa fragmentada ao nível dos arranques que apresenta indícios de ter sido formada por fita de secção rectangular de desenvolvimento paralelo ao corpo superior. Na face interna conserva parte do anel de suspensão do batente (vol. II, est. CCXX, n.º 3(1)).
Dim. - Comprimento máximo 95 mm; Altura máxima 72 mm; Largura máxima 72 mm; Peso 421,8 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Pátio I, corte estratigráfico 3, camada 1.

4. Alv. 95 B. A4, op. 22 - Chocalho em ferro capeado no interior por uma fina folha de cobre. Corpo rectangular, ligeiramente tronco-cónico, com cantos arredondados. Feito a partir de duas folhas que unem na parte inferior. A asa é formada por uma haste de secção rectangular que se encontra facturada. Do batente não há vestígios. A sua suspensão far-se-ia numa asa interna, de secção circular, que se encontra também fracturada existindo apenas os respectivos arranques (vol. II, est. CCXXI, n.º 3).
Dim. - Altura máxima 140 mm; Largura máxima 87 mm; Peso 981,8 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico1, camada 1.

4(1). Alv. 97 B2, A2, op. 61 - Chocalho em ferro capeado no interior com uma folha de cobre. Corpo rectangular com face inferior ligeiramente mais larga que a superior, com arestas arredondadas. A largura evolui da face superior para a inferior onde desenvolve uma abertura de planta ovalada. Elaborado a partir de uma folha única com "costura" lateral. Asa de suspensão em fita aplicada na face superior. Na face interna apenas se encontram vestígios do arranque do elemento de suspensão do batente (vol. II, est. CCXXI, n.º 4(1)).
Caracterização microestrutural (análise por espectrometria de Raio X)[1034].
Superfície negra: Fe 94.2%; Cu 3.67%; Si 0.57%; Al 0.53%; P 0.34%; S 0.28%; 0.19%; 0.14%.
Superfície vermelha: Fe 93%; Si 2.9%; Al 2%; Cu 0.87%; Cl 0.35%; K 0.28%; S 0,26%; P 0.22%; Pb 0.17%; Ca 0.06%.

Análise difractométrica[1035].

[1034] A presente análise, ao contrário das demais, foi efectuada pelo Centro Tecnolóxico de Apoio á Investigación (CACCTI), Universidade de Vigo, através da Escola Superior de Conservación e Restauración de Bens Culturais de Galicia, Pontevedra, instituição com a qual a Câmara Municipal de Santo Tirso mantêm uma relação protocolar de colaboração, que procedeu à intervenção de um conjunto significativo das peças metálicas apresentadas neste *corpus*.
[1035] Este tipo de análises permite determinar os gases cristalinos dos diferentes compostos. Consiste numa análise superficial (1 mm de espessura). Para a identificação das fases recorreu-se a ficheiros das bases de dados de padrões de difracção JCPDS 1 e JCPDS 2, cartas ASTM.

Fase Identificadas	Fórmula	Carta ASTM	Cor
Cobre	Cu	4-836	Vermelho
Óxido de cobre 2 (Tenorita)	CuO	41-254	Negro
Óxido de Ferro (Magnetite)	FeFe2O4	5-667	Negro
Óxido – hidróxido de Ferro (Goetite)	FeO(OH)	29-713	Castanho escuro
Óxido de Ferro III	Fe2O3	39-1346	Castanho escuro

Trata-se de uma chapa de ferro submetida a um processo de oxidação, apresentando na face superior uma maior concentração de Cu. Nos diferentes difractogramas observa-se um comportamento como se tivesse depositado ou incluído uma cobertura de cobre. Observa-se uma capa negra, a de maior concentração de cobre, oxidada, devido à aparição de Óxido de Cobre 2 (CuO), de cor negra. A face inferior apresenta uma cor castanha-parda devido à oxidação do ferro.
Dim. - Altura máxima 155 mm; Largura máxima 142 mm; Comprimento da asa 101 mm; Espessura máxima da asa 9 mm; Peso 989,7 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte est. 3, camada 1 / fase IV-V

5. Alv. 97 B3, A1, op. 291 - Fragmento chocalho em ferro, capeado no interior por uma folha de cobre. Encontra-se seccionado longitudinalmente pela metade. Corpo rectangular com «ombros» ligeiramente arredondados. Da asa de suspensão apenas se encontram vestígios de uma das hastes que atravessa a folha cujo prolongamento formaria o anel de suspensão do batente. No lado oponente existe o arranque da asa interior que possui secção circular (vol. II, est. CCXXI, n.º 5).
Dim. - Altura máxima 91 mm; Largura máxima 72 mm; Peso 325,5 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 6, camada 2.

6. Alv. 95 B, A4, op. 1 - Fragmento de chocalho em ferro, capeado no interior a cobre. Encontra-se seccionado horizontalmente restando apenas um terço da peça. Corpo rectangular com «ombros» arredondados. Da asa de suspensão apenas restam um dos arranques que consiste numa fita de secção rectangular disposta paralelamente à face do sino. Da argola interior para suspensão do badalo não há qualquer vestígio (vol. II, est. CCXXII, n.º 6)
Dim. - Altura máximo 63 mm; Largura máxima 109 mm; Peso 286,5 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico1, camada 0.
Caracterização microestrutural - Amostra de bronze com cerca de 11% de ferro, 8% de estanho e 6% de chumbo. Estrutura bifásica com chumbo segregado (vol. II, est. CCXXXII, fot. n.º 2).

7. Alv. M1 - Chocalho de ferro capeado no interior a cobre. Corpo subrectangular com face superior oval. Da asa de suspensão externa conservam-se apenas os arranque que tem secção rectangular em forma de fita. A mesma asa perfura a face superior do chocalho para formar a argola interna para suspensão do badalo, que se encontra no entanto fracturada (vol. II, est. CCXXII, n.º 7).
Caracterização microestrutural – Amostra de bronze com cerca de 7% de Estanho; 7% de Ferro; 2 % de Chumbo e 0,2 de Antimónio e de Zinco (vol. II, est. CCXXXII, fot. n.º 3).
Dim. - Altura máxima 124 mm; Largura máxima 117 mm; Peso 266,5 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 1, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 260, 142.

Chaves e fechaduras (7(1)-10)

7(1). Alv. 97 B2, A2, op. 77 - Conjunto de fragmentos que forma uma placa rectangular, incompleta, com dois braços semicirculares que se desenvolvem desde o terço superior da face lateral e rematam em conjunto na face superior. A placa está trabalhada à forja e encontra-se rematada em dois dos seus bordos enquanto que nos restantes está incompleta. Conta com dois pequenos orifícios, um deles também incompleto, para incorporar pregos de fixação e, no centro da placa, encontra-se um orifício maior, com recorte rectangular, que se poderá interpretar como sendo a boca da fechadura. A peça poderá corresponder ao espelho de uma fechadura, apresentando as hastes laterais em semicírculo para fixação dos tirantes de movimentação do sistema (vol. II, est. CCXXIII, n.º 7(1)).
Dim. - Comprimento máximo 152 mm; Largura máxima 102 mm; Espessura máxima 6 mm; Peso 432 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

8. Alv. 94 A, op. 108(1) - *Clavis laconica.* Fragmento de chave. Braço fracturado. Grupo de dois dentes dispostos obliquamente em relação ao braço. Haste de secção rectangular, fragmentada ao nível do arranque (vol. II, est. CCXXIII, n.º 8).
Dim. - Largura máxima do grupo de dentes 66 mm; Comprimento máximo da haste perpendicular 72 mm; Peso 192,5 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Pátio interior, corte estratigráfico 9, camada 1.

9. Alv. 97 B2, A2, op. 12 - *Clavis laconica*. Braço rectilíneo, de secção rectangular e grupo de quatro dentes dispostos sobre um plano perpendicular. A haste onde se encontram implantados os dentes forma uma secção em forma de U. Dentes de secção circular (vol. II, est. CCXXIII, n.º 9).

Dim. - Comprimento máximo da haste 230 mm; Comprimento máximo da haste perpendicular 75 mm; Largura máxima do corpo dos dentes 35 mm; Peso 834.5 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 2, camada 0.

10. Alv. 97 B2, A2, op. 81 - Passador de fechadura. Lâmina de formato e secção rectangular, rematada por haste de fixação mais delgada que se encontra fracturada faltando-lhe o gancho de fixação. O passador é formado por seis orifícios quadrangulares dispostos simetricamente em duas filas de três orifícios. Pelas suas dimensões, provavelmente tratar-se-á da fechadura de uma arca (est. CCXXV, n.º 10).
Dim. - Comprimento máximo 87 mm; Espessura máxima 10 mm; Diâmetro médio dos orifícios 5mm x 5 mm; Peso 34,4 gr. .
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

Punhais e facas (11-12(2))

11. Alv. 96 B, A2, op. 35 - Punhal em ferro com lâmina de perfil e secção triangular, plana no dorso e afiada no gume. O cabo constitui um prolongamento da lâmina mas apresenta secção circular rematada por uma argola. O extremo da lâmina possui um ligeiro espessamento e um espigão de protecção na sua base inferior que se encontra fragmentado na extremidade (vol. II, est. CCXXIV, n.º 11).
Dim. - Comprimento máximo 333 mm; Largura máxima do gume 68 mm; Comprimento máximo da lâmina 186 mm; Comprimento máximo do punho 74 mm; Espessura máximo do gume 11 mm; Peso 280 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 259, 141.

12. Alv. 97 B3, A1, op. 368 - Faca em ferro de lâmina triangular e eixo rectilíneo. Lâmina de secção triangular ligeiramente ovalada no gume. O espigão de fixação do cabo é formado pelo prolongamento do eixo superior com secção quadrangular que, apesar de levemente fragmentado na extremidade, encontra-se completo. O remate da lâmina, ao nível da empunhadura, apresenta um arco desenvolvendo uma ligação sinuosa com a lâmina (vol. II, est. CCXXIV, n.º 12).
Dim. - Comprimento máximo da lâmina 170 mm; Largura máximo da lâmina 46 mm; Comprimento máximo do espigão 68 mm; Espessura máximo do espigão 11 mm; Peso 190.9 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. XIV, corte estratigráfico 5, camada 1.

12(1). Alv. 97, B2, A2, op. 58 - Faca de eixo rectilíneo com lâmina de secção triangular. Lâmina de recorte e secção triangular de desenvolvimento rectilíneo no gume. O espigão de fixação ao cabo é formado pelo prolongamento do eixo superior que possui secção quadrangular. Encontra-se fragmentada no bico e na extremidade da haste de fixação. O remate da lâmina, ao nível da empunhadura desenvolve-se perpendicularmente, num perfil recto, configurando uma ligação angulosa com a lâmina (vol. II, est. CCXXIV, n.º 12(1)).
Dim. - Comprimento máximo 156 mm; Comprimento da lâmina 109 mm; Largura máxima da lâmina 41 mm; Espessura máxima da lâmina 9 mm; Comprimento máximo do espigão 40 mm; Espessura máxima do espigão 11 mm; Peso 185 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

12(2). Alv. 97, B2, A2, op. 95 - Faca com lâmina de secção triangular e eixo rectilíneo. Lâmina de recorte triangular de perfil rectilíneo. O espigão de fixação ao cabo possui secção quadrangular e é formado pelo prolongamento do eixo superior, encontrando-se ligeiramente rebaixado em relação ao alinhamento da lâmina. A lâmina está fragmentada no bico e no arranque da haste de fixação. O remate da lâmina, ao nível da empunhadura, desenvolve-se obliquamente, num perfil curvo, configurando uma ligação curvilínea com a lâmina (vol. II, est. CCXXIV, n.º 12(2)).
Dim. - Comprimento máximo 132 mm; Comprimento da lâmina 116 mm; Largura máxima da lâmina 29 mm; Espessura máxima da lâmina 10 mm; Comprimento máximo do espigão 6 mm; Espessura máxima do espigão 9 mm; Peso 168 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, exterior, corte estratigráfico 3, camada 2.

Ferragens de portas (13-16)

13. Alv. 93 A, op. 75 - Grampo formado a partir de uma só lâmina de formato rectangular, com cantos ligeiramente arredondados e com dois espigões transversais que unem a lâmina. Os espigões tem secção circular e encontram-se cravados em ambas faces da lâmina (est. CCXXV, n.º 13).
Dim. - Comprimento máximo 112 mm; Largura máxima 36 mm; Peso 138 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Pátio exterior e forno, corte estratigráfico 11, camada 0.

14. Alv. 97 B2, A2, op. 57 - Dobradiça em ferro constituída por duas placas rectangulares articuladas por uma charneira circular com eixo igualmente em ferro. A placa de maiores dimensões é formada a partir da mesma folha que se encontra dobrada e forma na extremidade duas pequenas argolas sobre as quais se movimenta o eixo. Estava fixada por dois pregos, encontrando-se parcialmente visível um deles. A placa oponente é também feita a partir de apenas uma folha que forma uma argola central que encaixa na placa oponente e sobre o qual se articula o eixo. A placa encontra-se muito mal conservada e revela apenas um orifício para fixação (vol. II, est. CCXXV, n.º 14).
Dim. - Comprimento máximo 156 mm; Largura máxima 46 mm; Peso 173,7 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

14(1). Alv. 97, B2, A2, op. 37 - Dobradiça constituída por duas placas rectangulares articuladas por uma charneira circular com eixo longitudinal igualmente em ferro. Os elementos são formados a partir de uma folha que se prolonga na extremidade para formar as argolas laterais da charneira, num caso, e a argola central noutro. O eixo, formado a partir de um elemento circular, revela as extremidades batidas e alargadas de forma a criar prisão entre os elementos circulares que conformam a charneira. A fixação das placas far-se-ia através de pregos de secção quadrangular, dois quais um conserva *in situ*, tipologicamente idêntico ao nosso exemplar n.º 19. Cada elemento apresenta dois orifícios de recorte quadrangular dispostos no alinhamento central. O prego apresenta-se integro apesar de dobrado na extremidade inferior. Revela uma secção quadrangular e cabeça trapezoidal (vol. II, est. CCXXV, n.º 14(1)).
Dim. - Comprimento máximo da placa menor 89 mm; Comprimento máximo da placa maior 105 mm; Espessura máxima das placas 8 mm; Prego - Comprimento máximo 48 mm; Espessura máxima da cabeça 12 mm; Peso 160 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 3, camada 2.

15. Alv. 96 B, A2, op. 1 - Dobradiça constituída por duas placas rectangulares articuladas por uma charneira circular com eixo igualmente em ferro. As placas de dimensões semelhantes são formadas a partir de uma folha que se encontra dobrada e forma na extremidade as argolas sobre as quais se movimenta o eixo. Uma delas possui duas argolas localizadas nas extremidades e a oponente apenas uma localizada no centro. Estavam fixadas por dois pregos, restando apenas os respectivos orifícios (vol. II, est. CCXXVI, n.º 15).
Dim. - Comprimento máximo 180 mm; Largura máxima 38 mm; Peso 203,1 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

16. Alv. 95 B, op. 66 - Dobradiça constituída por duas placas rectangulares articuladas por uma charneira circular com eixo igualmente em ferro. As placas são formadas a partir de uma folha que se encontra dobrada e forma na extremidade as argolas sobre as quais se movimenta o eixo. Uma delas possui duas argolas localizadas nas extremidades e a oponente apenas uma localizada no centro. Estavam fixadas por dois pregos, restando apenas os respectivos orifícios que possuem formato quadrangular. O presente exemplar encontra-se em mau estado de conservação evidenciando uma das hastes dobrada e fragmentada a meio estando apenas visível um dos orifícios para fixação (vol. II, est. CCXXVI, n.º 16).
Dim. - Comprimento máximo 101 mm; Largura máxima 35 mm; Peso gr. 165,1 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. IV, corte estratigráfico 1, camada 1.
Amostra ao microscópio óptico - Amostra de aço com estrutura fundamentalmente ferrítica, tratando-se de ferro de alta pureza, mas contaminado com fósforo e enxofre (vol. II, est. CCXXXII, fot. n.º 4).

Elementos metálicos para móveis (17-20)

17. Alv. 96 B, A4, op. 12 - Fragmento de dobradiça. Formada por apenas um dos «espelhos» onde numa das extremidades se desenvolve o arranque para formar o anel central da charneira que se encontra fracturado pela base. O «espelho» é formado por uma chapa quadrangular, relativamente fina, com quatro orifícios localizados em cada uma das extremidades. Conservam-se ainda dois pequenos cravos para a sua fixação. Um deles encontra-se ainda *in situ* e totalmente deformado. O outro está perfeitamente conservado e possui cabeça cónica e haste de secção quadrangular com estreitamento para a ponta que é fina e aguçada. Atendendo às especificidades da dobradiça, e às dimensões e características dos cravos, provavelmente a aplicação da peça far-se-ia numa arca ou móvel (vol. II, est. CCXXV, n.º 17).
Dim. - Dobradiça. Comprimento máximo 90 mm; Largura máxima 71 mm; Peso 66, 2 gr..
Dim. - Cravo. Comprimento máximo 24 mm; Largura máxima da cabeça 15 mm; Peso 2, 6 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

18. Alv. 97 B2, A2, op. 16 (1) - Placa fracturada, de formato quadrangular dobrada em forma de L. Conserva-se ainda um outro fragmento de formato indefinido. Conservam-se dois pregos *in situ* de secção quadrangular e cabeça circular aplanada colocados respectivamente na superfície horizontal e outro na face lateral (est. CCXXVII, n.º 18).
Dim. - Placa. Comprimento máximo 116; Largura máxima 91 mm; Peso 106,2 gr..
Frag. - Comprimento máximo 67; Largura máxima 36 mm; Peso 16,6 gr..
Prego - Comprimento máximo 24 mm; Largura máxima da cabeça do prego 11 mm.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 2, camada 0.

19. Alv. 97 B2, A2, op. 16 (2) - Placa fragmentada de formato rectangular com dois orifícios para fixação com cravos (vol. II, est. CCXXVII, n.º 19).
Dim. - Comprimento máximo 101 mm; Largura máxima 48 mm; Peso 38 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 2, camada 0.

20. Alv. 97 B2, A2, op. 16 (3) - Placa fragmentada de formato rectangular com três orifícios dispostos simetricamente nos cantos para fixação com cravos (vol. II, est. CCXXVII, n.º 20).
Dim. - Comprimento máximo 124 mm; Largura máxima 48 mm; Peso 43,9 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 2, camada 0.

Utensílios agrícolas (21-23)

21. Alv. 97 B2, A2, op. 73 - *Sarculum*. Lâmina de formato triangular com «ombros» horizontais e arestas arredondados, dividida por uma nervura central que se prolonga até ao final da lâmina. Orifício de fixação ligeiramente elevado de forma tronco-cónica invertida. Na face exterior, no eixo oponente à lâmina, é encimado por uma protuberância de secção trapezoidal (vol. II, est. CCXXVIII, n.º 21).
Dim. - Altura máxima da lâmina 108 mm; Largura máxima 150 mm; Diâmetro máximo do orifício 33 mm; Peso 901,5 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

22. Alv. 96 B, A3, op. 414 - Fragmento de lâmina de foice. Secção triangular com gume afiado. Superfície superior mais larga e plana (vol. II, est. CCXXVIII, n.º 22).
Dim. - Comprimento máximo 118 mm; Largura máxima 30 mm, Espessura máxima 6 mm; Peso 39,4 gr..
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

23. Alv. 95 B, A4, op. 160 - Foice completa composta por lâmina de recorte semicircular com haste de encabamento em alvado, perpendicular, formada por cone de perfil tronco-cónico. Lâmina larga, de secção triangular, com aplicação de um gancho curto na face posterior, localizado, sensivelmente a meio, em forma de L. Remate pontiagudo com alinhamento ao nível do cabo (vol. II, est. CCXXVIII, n.º 23).
Amostra ao microscópio óptico - Amostra de aço com estrutura essencialmente ferrítica, tratando-se de ferro de alta pureza, mas contaminado com fósforo e enxofre.
Dim. - Comprimento máximo 376 mm; Largura da lâmina 226 mm; Espessura média da lâmina 12 mm; Largura máxima da lâmina 64 mm; Comprimento máximo do cabo 141 mm; Diâmetro máximo do cabo 37 mm; Diâmetro máximo interno do cabo 37 mm; Comprimento máximo do gancho 35 mm; Largura máxima do gancho 34 mm; Espessura máxima do gancho 16 mm; Peso 671 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. IV, corte estratigráfico 1, camada 1.

Pregos (24-35)

24. Alv. 96 B, A4, op. 8 - Cavilha de grandes dimensões. Cabeça cónica com base recta. Haste de secção quadrangular com estreitamente progressivo para a ponta que se conserva ainda pontiaguda (vol. II, est. CCXXIX, n.º 24).
Dim. - Comprimento máximo 199 mm; Espessura máxima da haste 15 mm; Peso 135,8 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

24(1). Alv. 97 B2, op. 26 - Cavilha de grandes dimensões. Cabeça circular. Haste de secção quadrangular com estreitamento progressivo para a ponta. Fragmentada ao nível do terço inferior (vol. II, est. CCXXIX, n.º 24(1)).
Dim. - Comprimento máximo 150 mm; Secção 10x10 mm; Diâmetro máximo da cabeça 38 mm; Peso 120,3 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, Ap. X, corte estratigráfico 4, camada 2.

25. Alv. 97 B3, A1, op. 183 - Cavilha de secção quadrangular com suave estreitamento até à ponta, Cabeça arredondada e plana (vol. II, est. CCXXIX, n.º 25).
Dim. - Comprimento máximo 110 mm; Espessura média 9 mm; Peso 24 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho* - ext. Fase IV-V, corte estratigráfico 4, camada 1.

26. Alv. 97 B3, A1, op. 69 (2) - Cavilha de secção quadrangular com acentuado estreitamento até à ponta. Cabeça grande, arredondada, larga e plana (vol. II, est. CCXXIX, n.º 26).
Dim. - Comprimento máximo 82 mm; Espessura máxima 12 mm; Largura máxima da cabeça 25 mm; Peso 27,8 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Pátio I, corte estratigráfico 5, camada 1a.

27. Alv. 97 B3, A1, op. 69 (1) - Prego de secção quadrangular com acentuado estreitamento até à ponta. Cabeça desproporcionalmente grande, arredondada e plana (vol. II, est. CCXXIX, n.º 27).
Dim. - Comprimento máximo 54 mm; Espessura máxima 8 mm; Largura máxima da cabeça 25 mm; Peso 15,9 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Pátio I, corte estratigráfico 5, camada 1a.

28. Alv. 97 B3, A1, op. 76 - Prego curto de secção quadrangular com acentuado afunilamento até à ponta. Cabeça arredondada plana e larga (vol. II, est. CCXXIX, n.º 28).
Dim. - Comprimento máximo 53 mm; Espessura máxima 8 mm; Largura máxima da cabeça 18 mm; Peso 8,6 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Pátio I, corte estratigráfico 5, camada 1a.

29. Alv. 96 B, A4, op. 7 - Prego de secção quadrangular com estreitamento acentuado até à ponta que é afiada. Cabeça plana de formato rectangular (vol. II, est. CCXXIX, n.º 29).

Dim. - Comprimento máximo 96 mm; Espessura máxima 10 mm; Comprimento máximo da cabeça 27 mm; Peso 26,4 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 0.

30. Alv. 97 B3, A1, op. 131 (1) - Prego de secção quadrangular com estreitamento acentuado até à ponta. Cabeça de formato rectangular e secção piramidal (vol. II, est. CCXXIX, n.º 30).
Dim. - Comprimento máximo 41 mm; Espessura máxima 5 mm; Comprimento máximo da cabeça 21 mm; Peso 5,2 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Praça,* Fase IV-V, corte estratigráfico 6, camada 1.

31. Alv. 97 B3, A1, op. 164 - Prego de secção quadrangular com estreitamento acentuado até à ponta. Cabeça de formato rectangular e secção piramidal. Encontra-se dobrado a meio e revela um excelente estado de conservação (vol. II, est. CCXXIX, n.º 31).
Dim. - Comprimento máximo 42 mm; Espessura máxima 4 mm; Comprimento máximo da cabeça 20 mm; Peso 5 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Praça,* Fase IV-V, corte estratigráfico 6, camada 1.

32. Alv. 97 B3, A1, op. 131 (2) - Prego de secção quadrangular com estreitamento acentuado até à ponta. Cabeça de formato rectangular e secção piramidal. Encontra-se dobrado a meio e revela um excelente estado de conservação (vol. II, est. CCXXIX, n.º 32).
Dim. - Comprimento máximo 38 mm; Espessura máxima 4 mm; Comprimento máximo da cabeça 20 mm; Peso 5,3 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Praça,* Fase IV-V, corte estratigráfico 6, camada 1.

33. Alv. 97 B3, A1, op. 131 (3) - Prego de secção rectangular com estreitamento pronunciado até à ponta. Cabeça plana de formato piramidal muito espessa. A haste do prego é formada pelo estreitamento da cabeça sem nenhum ressalto (vol. II, est. CCXXIX, n.º 33).
Dim. - Comprimento máximo 37 mm; Espessura máxima 3 mm; Comprimento máximo da cabeça 11 mm; Peso 4,1 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Praçal,* Fase IV-V, corte estratigráfico 6, camada 1.

34. Alv. 97 B2, A2, op. 76 - Escápula com perfil de 90º de secção quadrangular. A parte inferior revela uma diminuição progressiva da secção rematando numa ponta aguçada. Fracturado na extremidade (vol. II, est. CCXXX, n.º 34).
Dim. - Comprimento máximo 160 mm; Espessura máxima 14 mm; Peso 110 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

35. Alv. 97 B2, A2, op. 71 - Escápula com perfil de 90º de secção quadrangular. A parte inferior revela uma diminuição progressiva da secção rematando numa ponta aguçada. Fracturado na extremidade. A parte oponente que forma o gancho encontra-se fragmentada notando-se apenas o arranque (vol. II, est. CCXXX, n.º 35).
Dim. - Comprimento máximo 164 mm; Espessura máxima 13 mm; Peso 71, 9 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

Vária (36-47)

36. Alv. 94 A, op. 108 (1) - Anel de suspensão, com base de fixação. Orifício de secção oblonga elaborado de forma a produzir um anel circular seguido de um pé rectangular. Chapa de fixação de formato circular onde se localiza os orifícios para fixação com cravos. Embora de funcionalidade incerta poderia, eventualmente, ser um tirante de uma porta de um pequeno armário (vol. II, est. CCXXX, n.º 36).
Dim. - Comprimento máximo 66 mm; Peso 16,1 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Pátio interior, corte estratigráfico 4, camada 1.

37. Alv. 96 B, A4, op. 50 (1) - Anel de suspensão, com base de fixação. Orifício elaborado de forma a produzir, um anel circular seguido de um pé rectangular. Chapa de fixação de formato circular muito deteriorada. Foi elaborado a partir de uma peça única de secção quadrangular com maior espessura na base adelgaçando á medida que evoluem para a formação da argola, rematando junto á haste com encosto (n/ilustrado).
Dim. - Comprimento máxima 53 mm, Comprimento máximo da haste 22 mm; Largura máximo ext. da argola 21mm; Peso 11 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

38. Alv. 97 B2, A2, op. 57 - Argola de suspensão com espigão para fixação. Elaborado a partir de um uma peça única de secção quadrangular com início na ponta do espigão, onde é mais estreito e afiado, para engrossar progressivamente para formar a argola, unindo novamente com o espigão e acompanhando-o até à ponta. Na argola existe ainda um resto de um elo que provavelmente formaria uma cadeia (vol. II, est. CCXXX, n.º 38).
Dim. - Comprimento máximo 57 mm; Largura máxima da argola 20 mm; Largura máxima do espigão 6 mm; Comprimento máximo do espigão 34 mm; Peso 12,3 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

39. Alv. 96 B, A2, op. 50 (2) - Gancho de suspensão. Eixo vertical de secção circular, formando posteriormente um gancho de formato circular com adelgaçamento progressivo da secção rematando numa ponta afiada. A parte superior do gancho, por onde se fazia a fixação, encontra-se fragmentada (vol. II, est. CCXXX, n.º 39).
Dim. - Comprimento máximo 140 mm; Peso 19,9 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

40. Alv. 97 B3, A1, op. 368(1) - Elo de cadeia. Elaborado a partir de uma só peça, de secção quadrangular, desenha um oito formando duas argolas para fixação do cadeado. Argolas de formato oval, simétricas, separam-se pelo estreitamento central que junta a haste que sem que se funda. Em cada uma das argolas é visível o resto das argolas que lhe davam seguimento, (n/ilustrado).
Dim. - Comprimento máximo 51 mm; Largura máxima das argolas 28 mm; Espessura média do fio 8 mm, Peso 24 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. XIV, corte estratigráfico 5, camada 1.

41. Alv. 97 B3, A1, op. 368 (2) - Elo de cadeia. A peça pertence ao conjunto anterior. Elaborado a partir de uma só peça, de secção quadrangular, desenha um oito formando duas argolas para fixação do cadeado. Revela uma das partes laterais quase rectilínea e ligeira curvatura ao longo da peça. Argolas de formato oval, assimétricas, separam-se pelo estreitamento central que junta a haste sem que se funda. Em cada uma das argolas é visível o resto das argolas que lhe davam seguimento (vol. II, est. CCXXXI, n.º 41).
Dim. - Comprimento máximo 56 mm; Largura máxima das argolas 24 mm; Espessura média do fio 8 mm, Peso 219 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. XIV, corte estratigráfico 5, camada 1.

42. Alv. 97 B3, A1, op. 18 (1) - Conjunto de quatro elos de cadeado elaborados a partir de uma só peça, de secção quadrangular, que desenham um oito formado duas argolas para fixação do cadeado. Argolas de formato oval, simétricas, separam-se pelo estreitamento central que junta a haste sem que se funda. As argolas encontram-se encadeadas formando um módulo só (vol. II, est. CCXXXI, n.º 42).
Dim. - Comprimento médio dos elos 51 mm; Largura média das argolas 30 mm; Espessura média do fio 8 mm; Peso 54,8 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal - ext*, corte estratigráfico 4, camada 1.

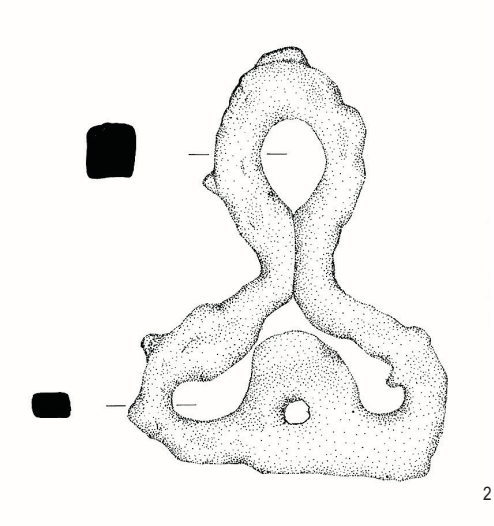
43. Alv. 97 B3, A1, op. 18 (2) - Argola com espigão para fixação. Elaborado a partir de um uma peça única de secção circular com início na ponta do espigão, onde é mais estreito e afiado, para engrossar progressivamente para formar a argola de formato oval, unindo novamente com o espigão e acompanhando-o até à ponta. Na argola existe ainda um resto de um elo que provavelmente formaria uma cadeia, que seria constituída pelos op. 368(1); 368(2); 18(1) (n/ilustrado).
Dim. - Comprimento máximo 62 mm; Largura máximo da argola 35 mm; Largura máxima do espigão 16 mm; Comprimento máximo do espigão 31 mm; Peso 69,8 gr..
Prov. - Espaço Religioso ext., Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal - ext*, corte estratigráfico 4, camada 1.

44. Alv. 95 B, A4, op. 53 - Argola. Elaborada a partir de uma peça única de secção quadrangular (est. CCXXXI, n.º 44).
Amostra ao microscópio óptico - Amostra de aço com estrutura essencialmente ferrítica, tratando - se de ferro de alta pureza, mas contaminado com fósforo e enxofre (vol. II, est. CCXXXII, fot. n.º 6).
Dim. - Diâmetro máximo interno 59 mm; Diâmetro máximo externo 76 mm; Peso 62,7 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. IV, corte estratigráfico 1, camada 1.

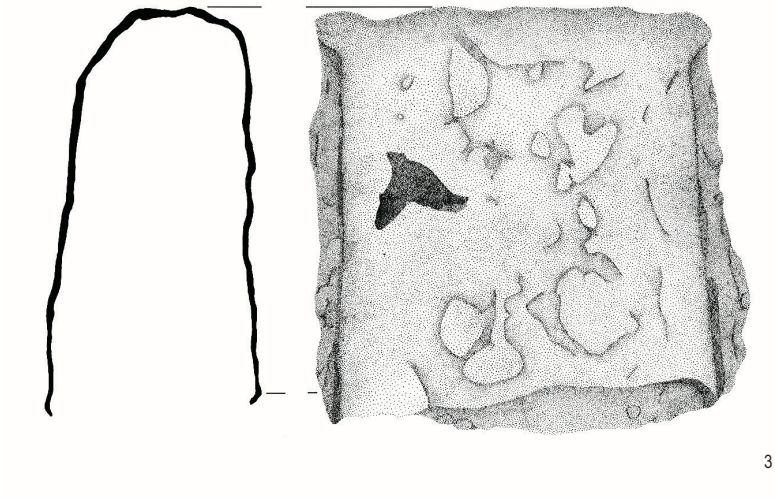
45. Alv. 95 B, A4, op. 87 - Fragmento de peça de função desconhecida formada por uma haste de perfil quadrangular e face interna plana na extremidade. Ao meio da peça existe um ressalto que marca o estreitamento da haste para formar a dobragem para o desenvolvimento de uma haste idêntica que seria oponente (vol. II, est. CCXXXI, n.º 45).
Amostra ao microscópio óptico - Amostra de aço com estrutura essencialmente ferrítica, tratando-se de ferro de alta pureza, mas contaminado com fósforo e enxofre (vol. II, est. CCXXXII, fot. n.º 7).
Dim. - Comprimento máximo 159 mm; Espessura máxima 23 mm; Peso 180,1 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

46. Alv. 96 B, A4, op. 19 - Fragmento de argola formada por uma chapa de secção rectangular com os cantos ligeiramente arredondados. Encontra-se fragmentada e totalmente deformada (vol. II, est. CCXXXI, n.º 46).
Dim. - Comprimento máximo 82 mm; Largura máxima 24 mm; Peso 13,6 gr. .
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

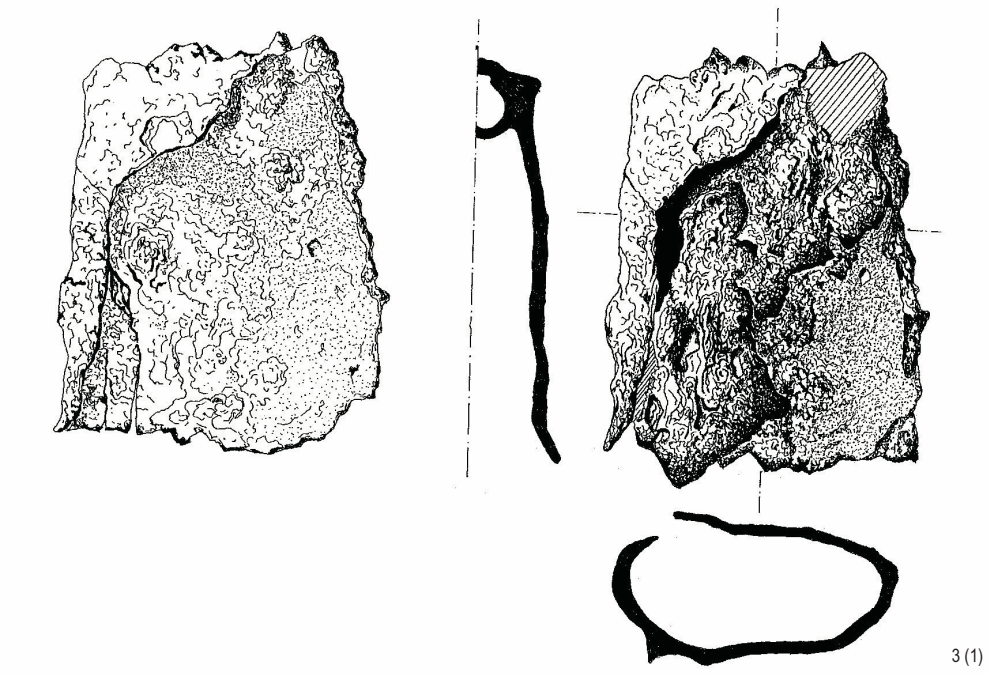
47. Alv. 96 B, A2, op. 137 - Objecto de função desconhecida. É formado por uma haste de secção circular e rematado de forma aplanada e alargada de cujas extremidades de desenvolvem dois espetos, também de secção circular e ligeiramente afiados, encontrando-se um fragmentado (vol. II, est. CCXXXI, n.º 47).
Dim. - Comprimento máximo 196 mm; Espessura máxima da haste 11 mm; Comprimento máximo do espeto 20 mm; Peso 34,5 gr..
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça* corte estratigráfico 1, camada 2.



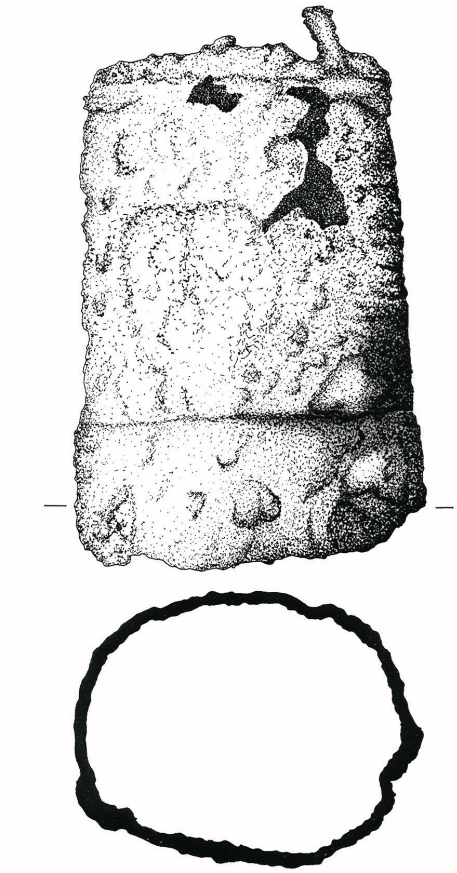
2



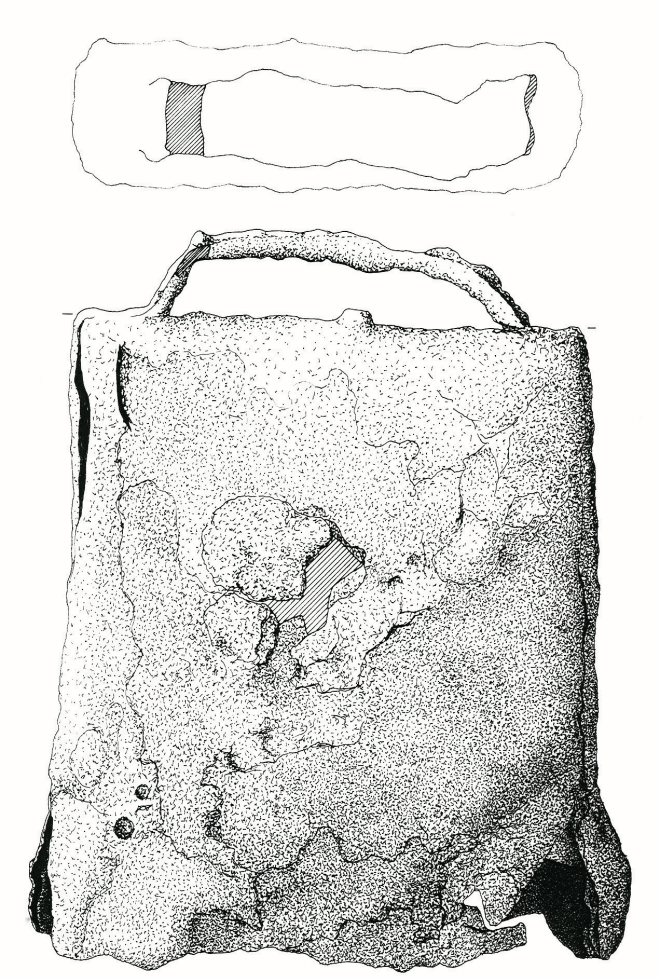
3



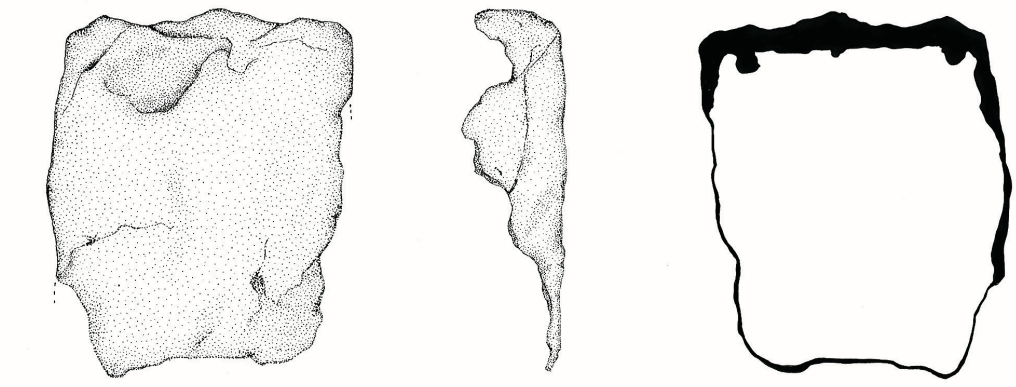
3 (1)



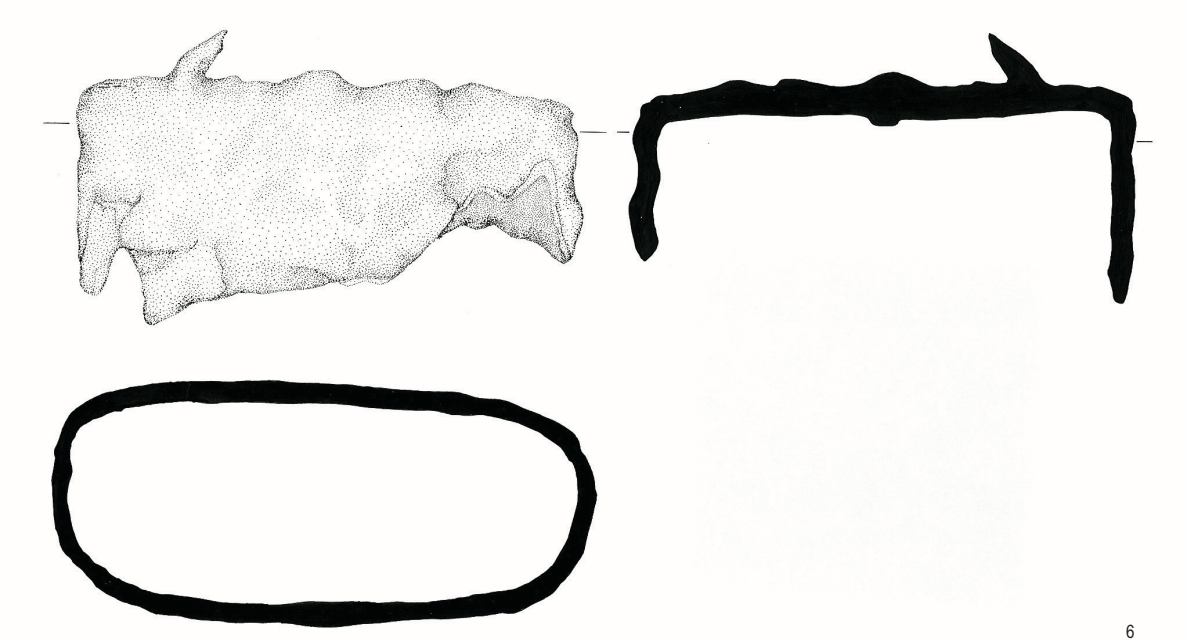
4



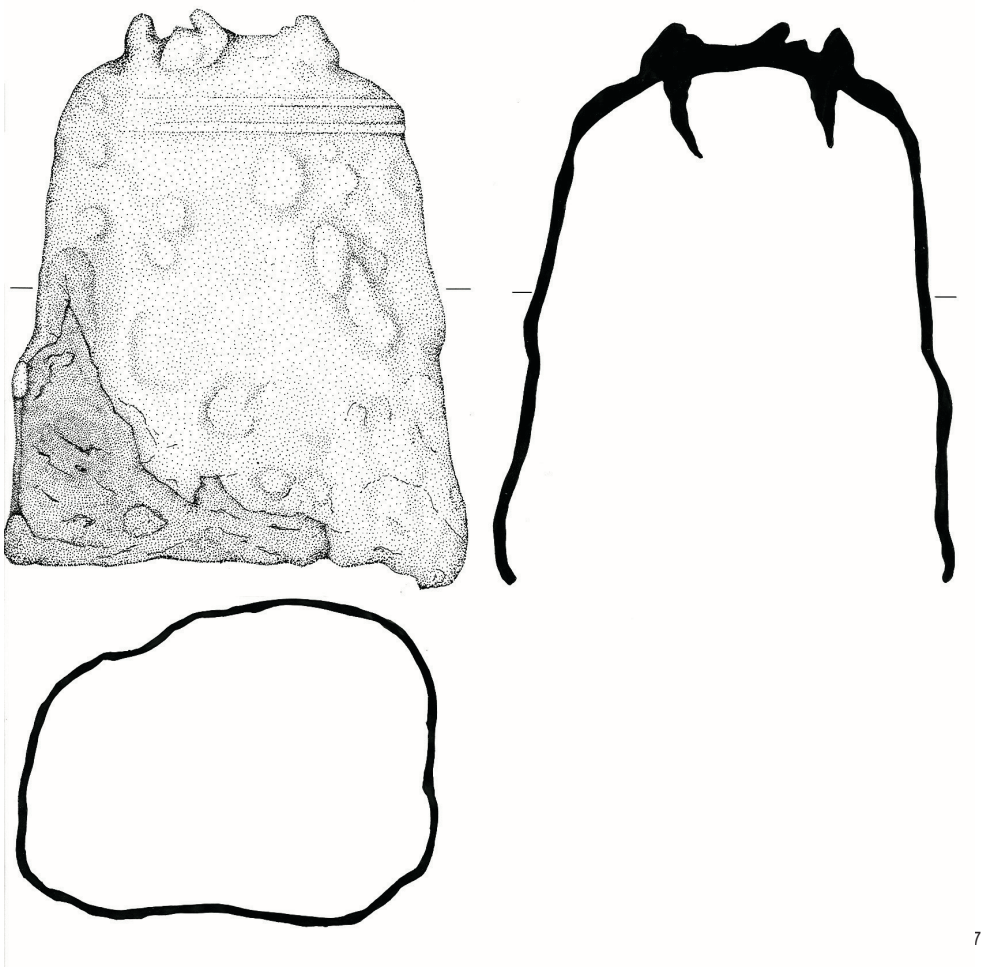
4 (1)



5

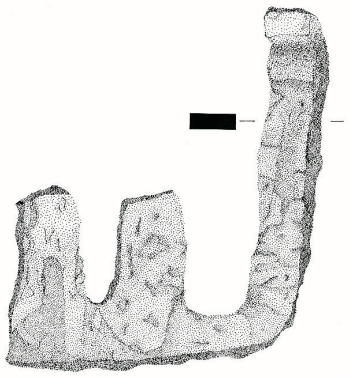


6

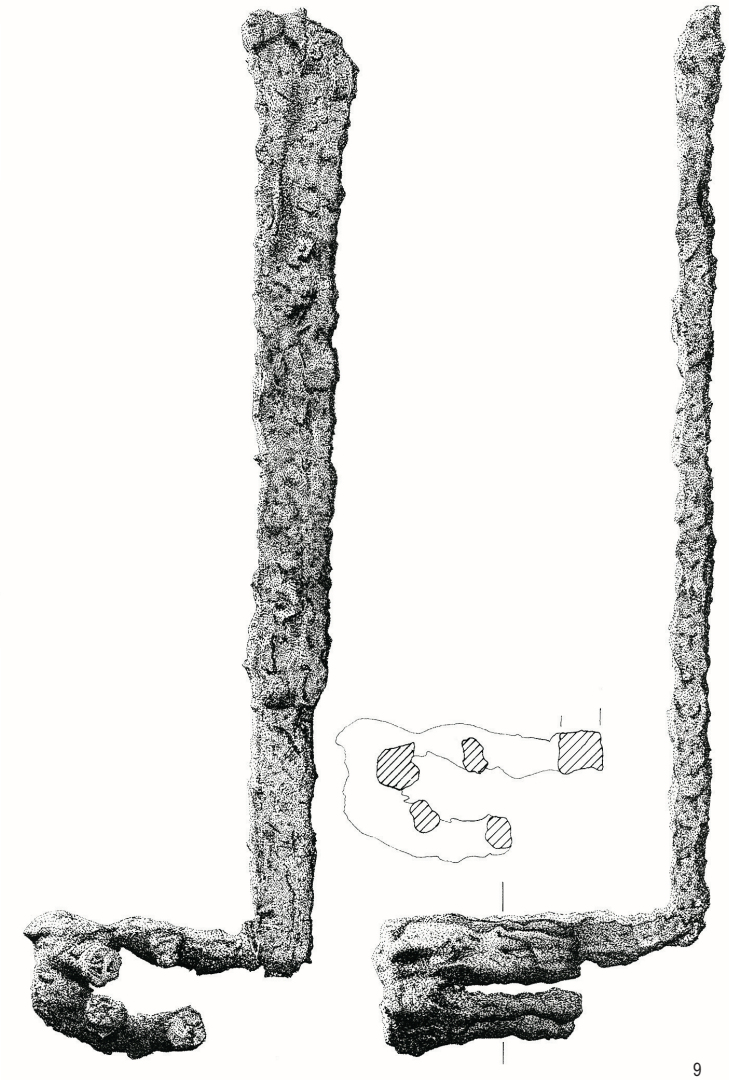


7

7 (1)

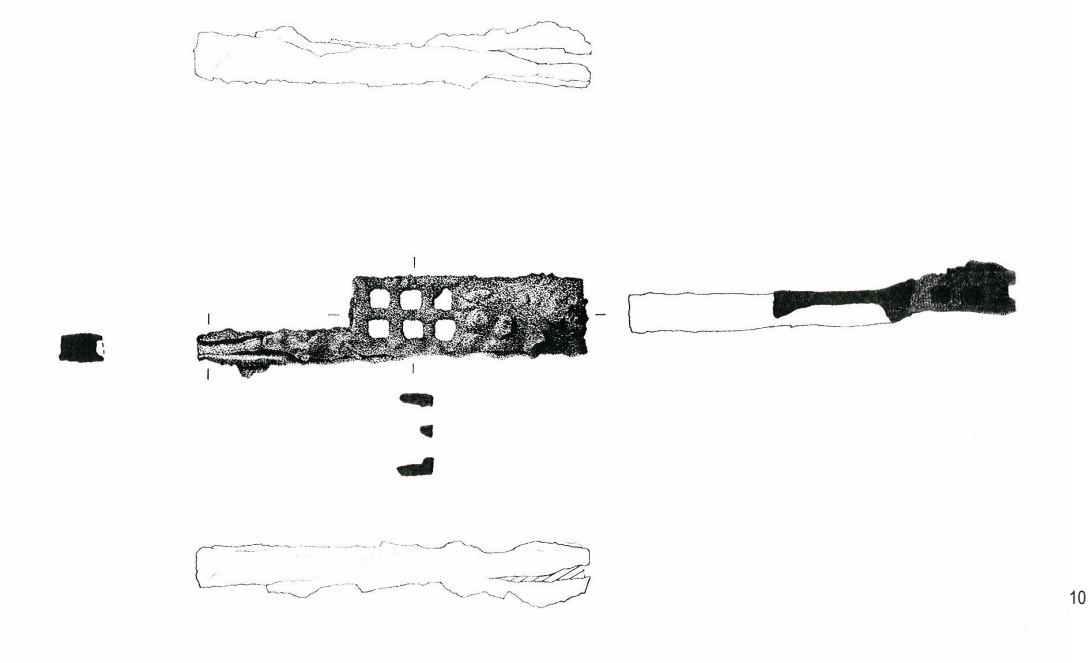


8

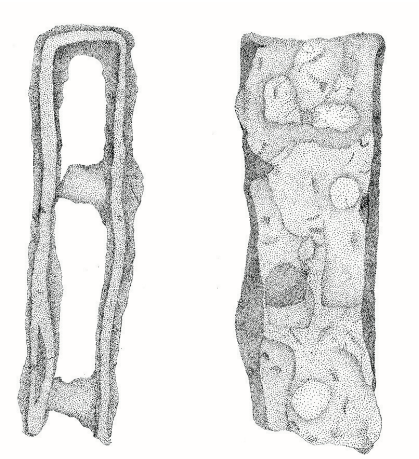


9

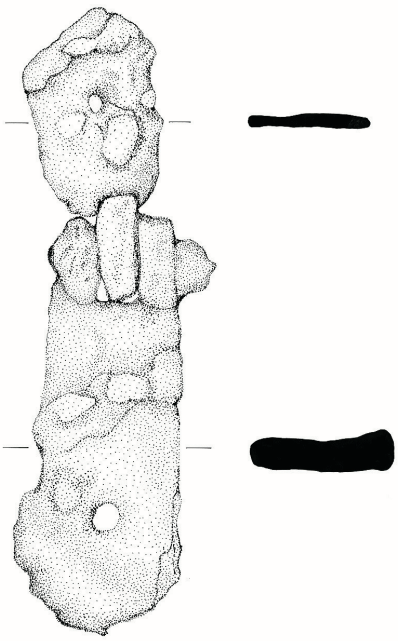
12 (2)
12
11
21 (1)



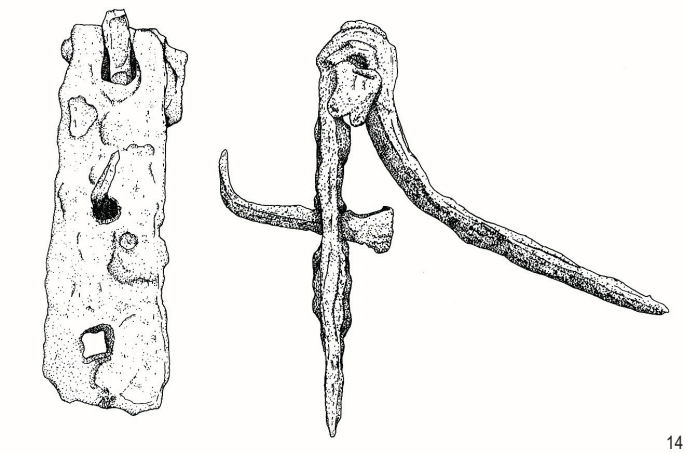
10



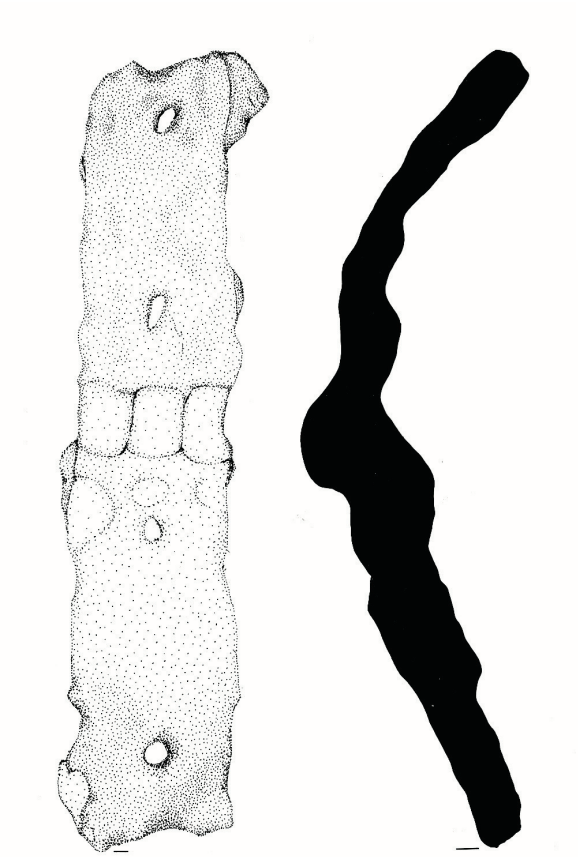
13



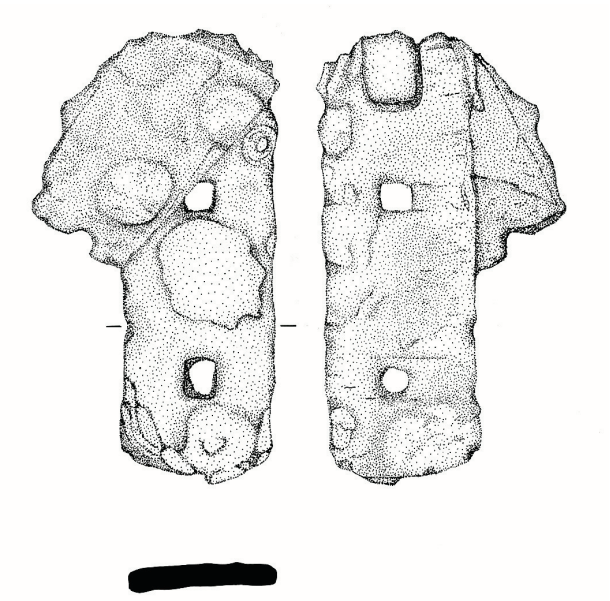
14



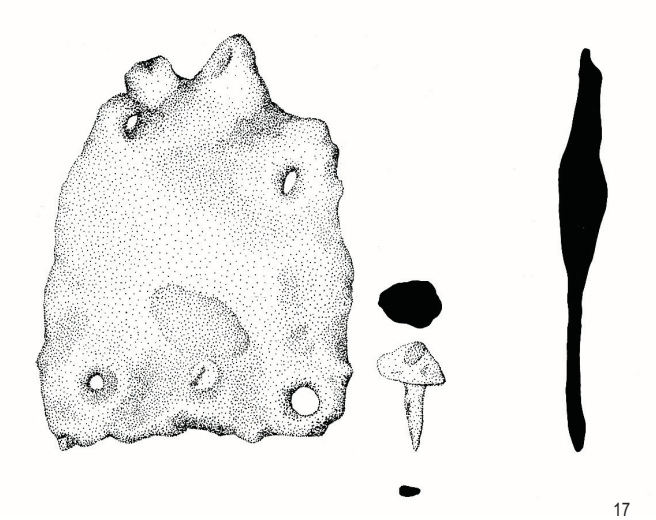
14 (1)



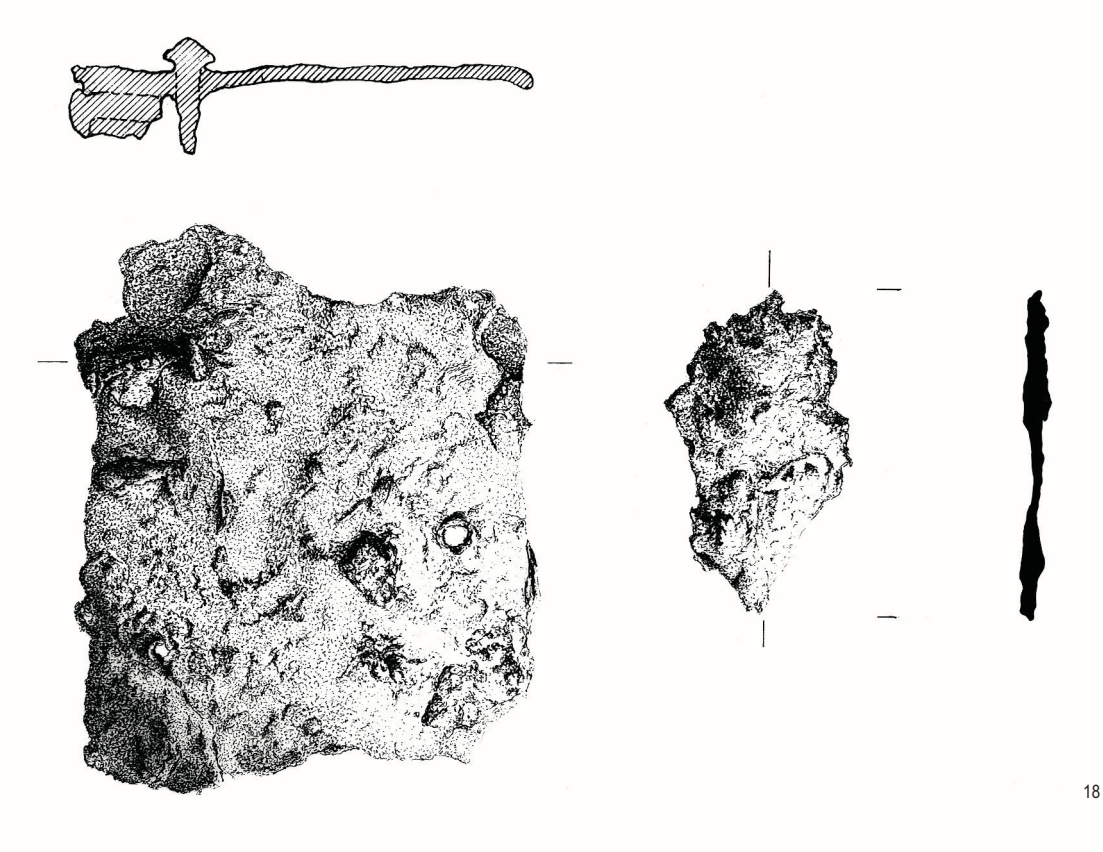
15



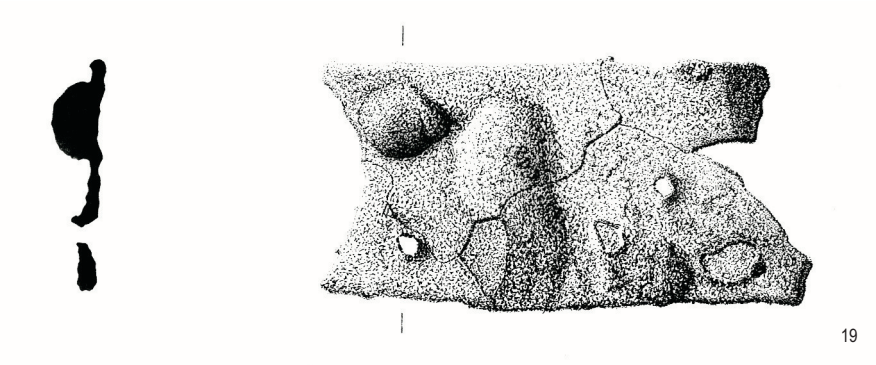
16



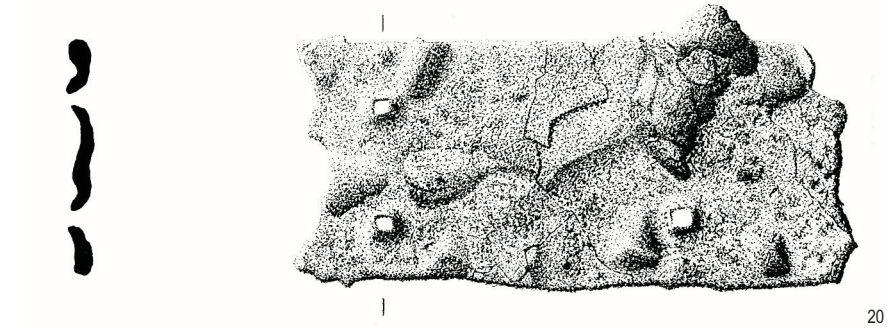
17



18

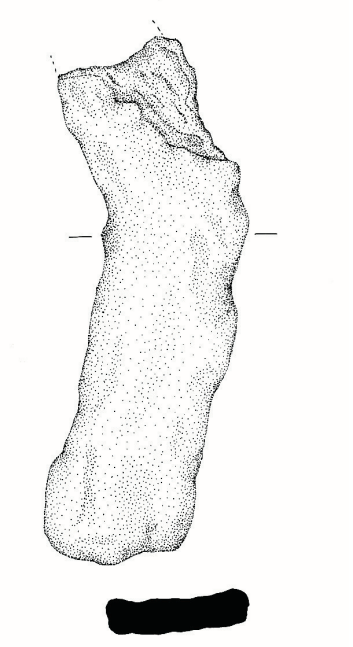


19

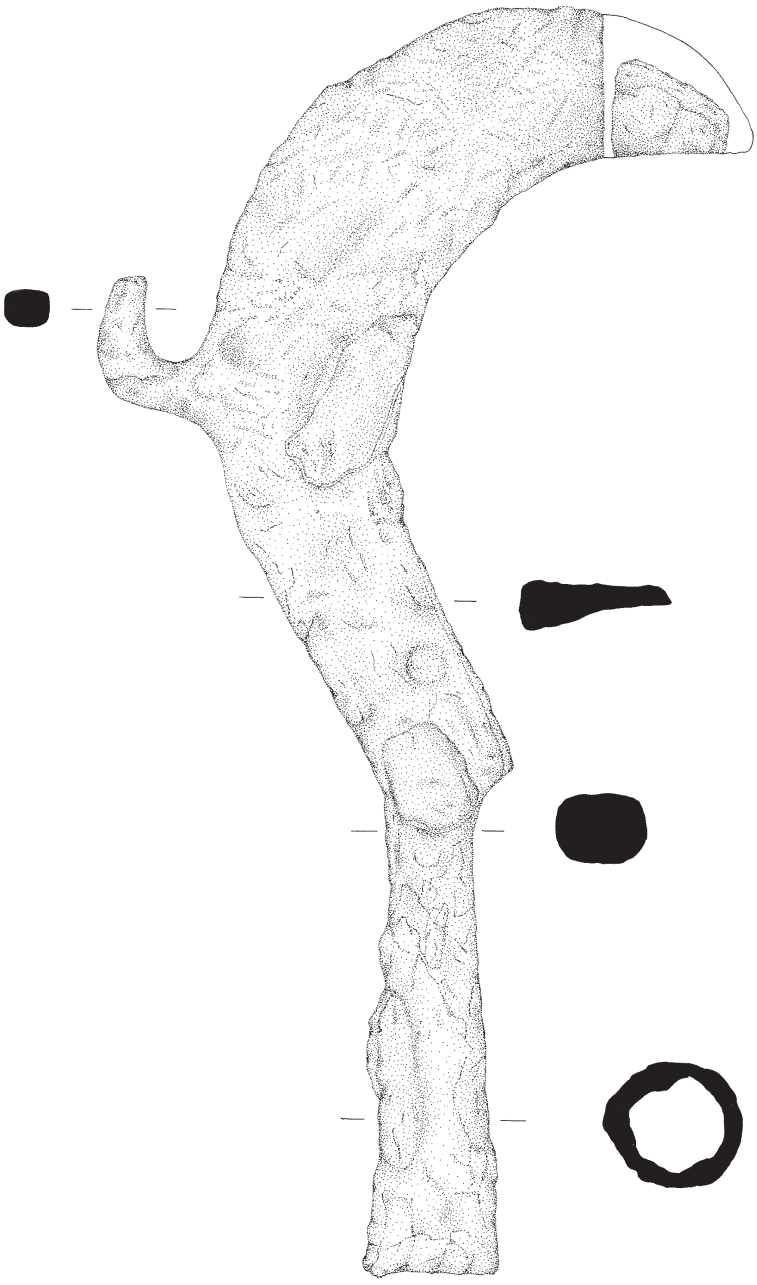


20

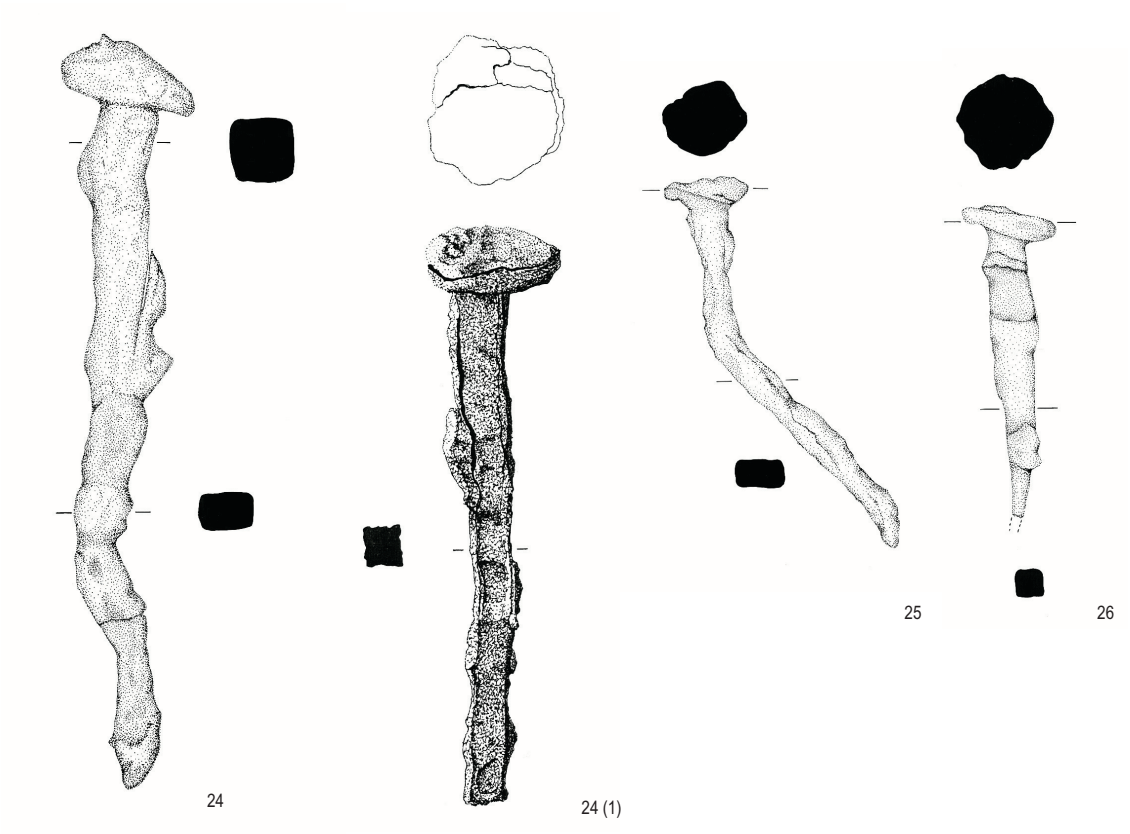
21

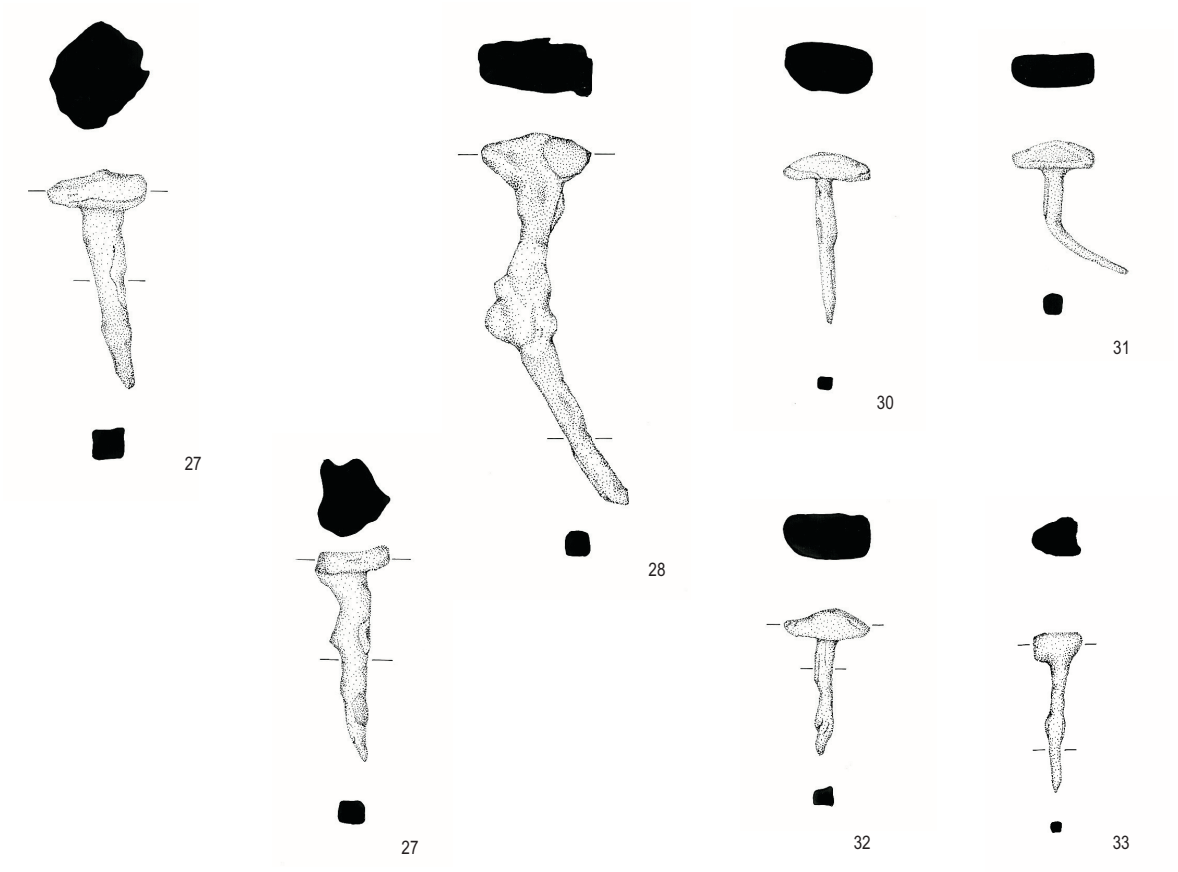


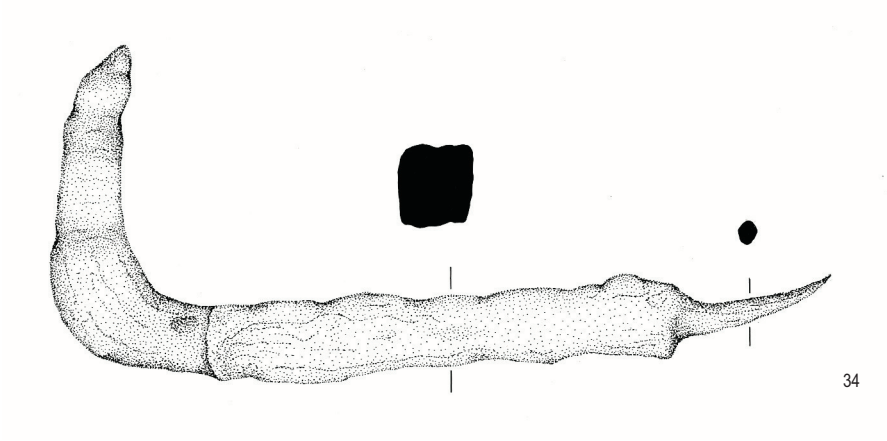
22



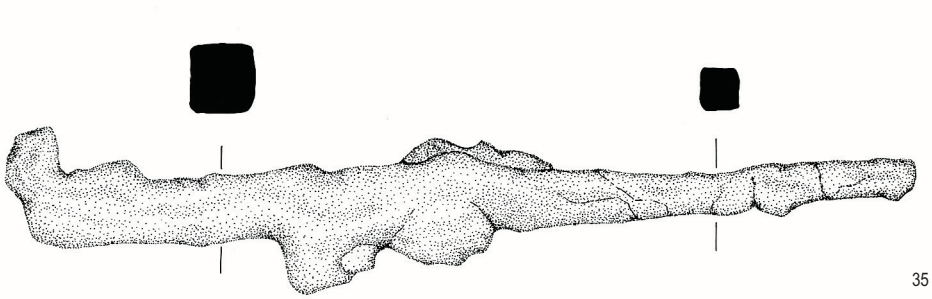
23


24
24 (1)
25
26

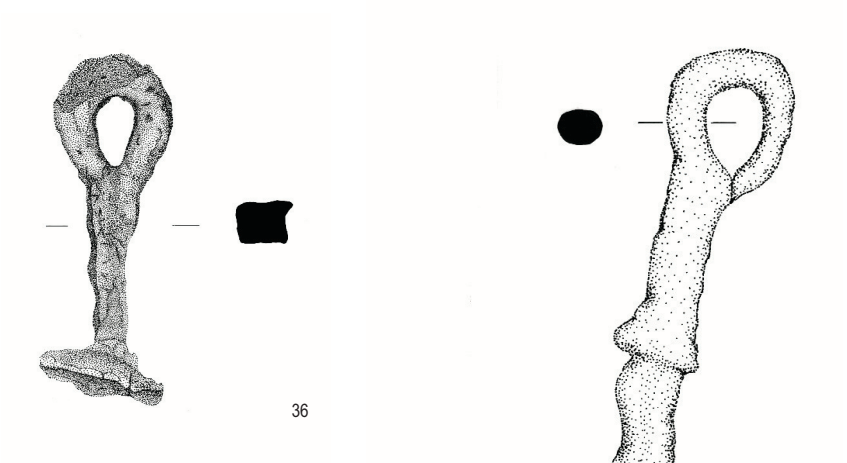

27
28
30
31
27
32
33



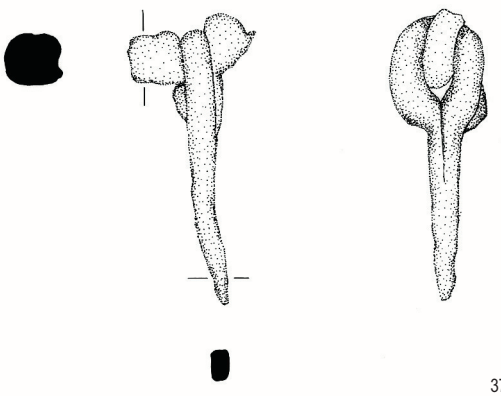
34



35

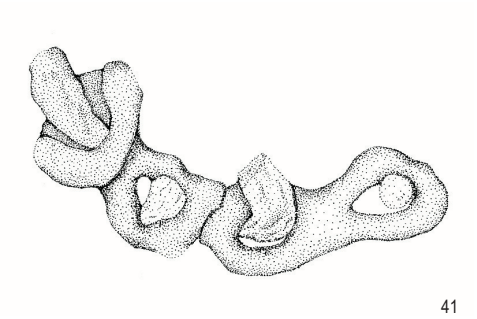


36

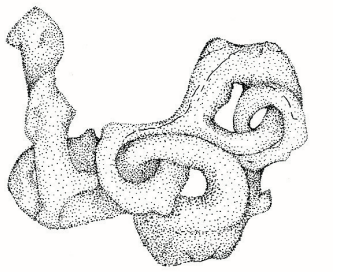


37

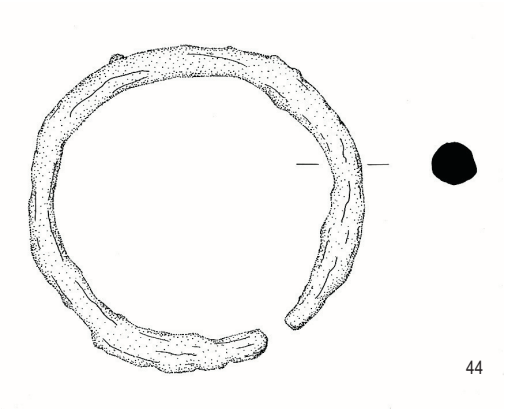
38



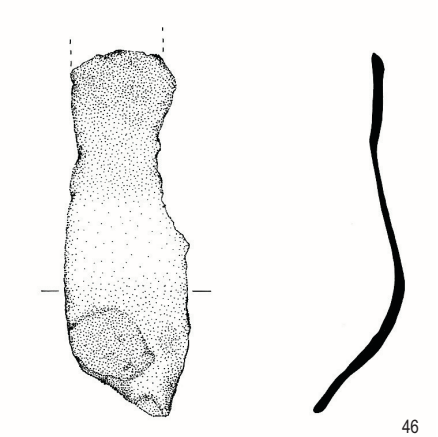
41



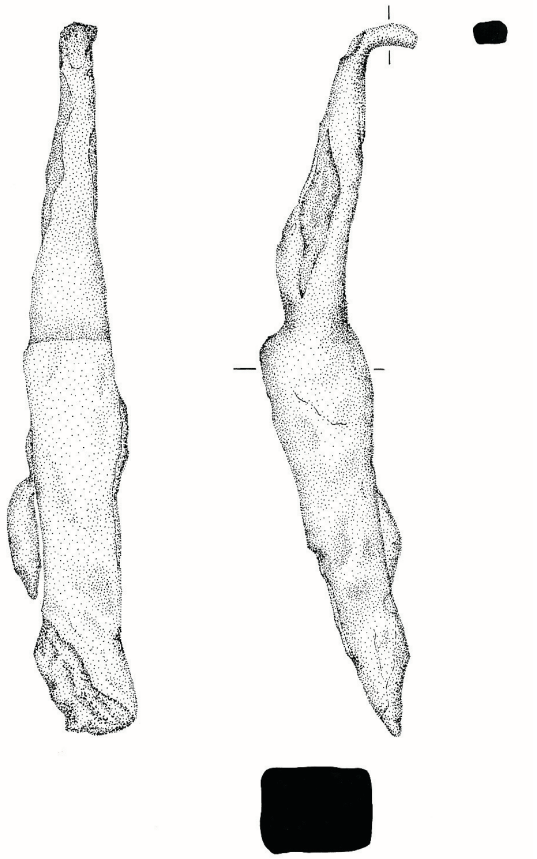
42



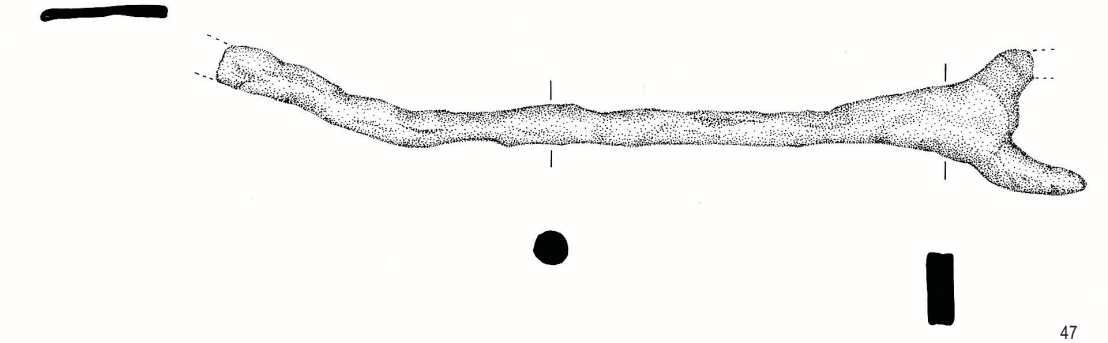
44



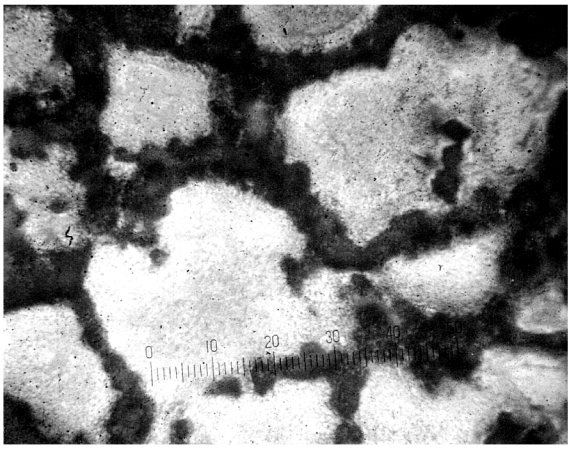
46



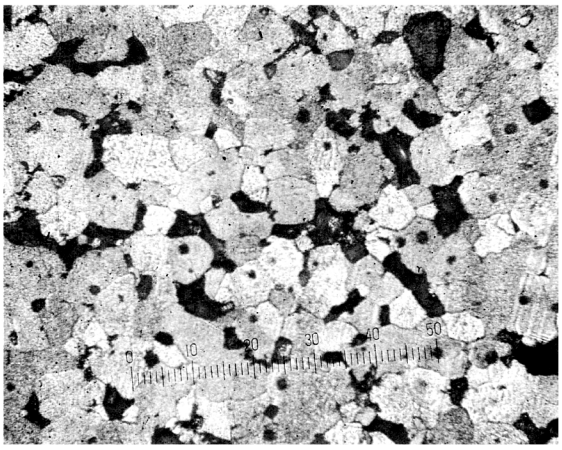
45



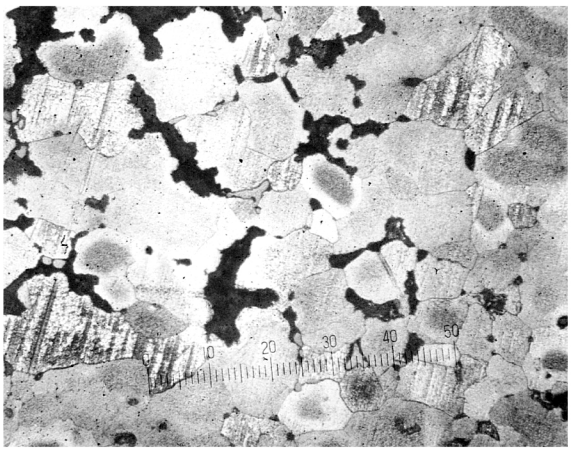
47



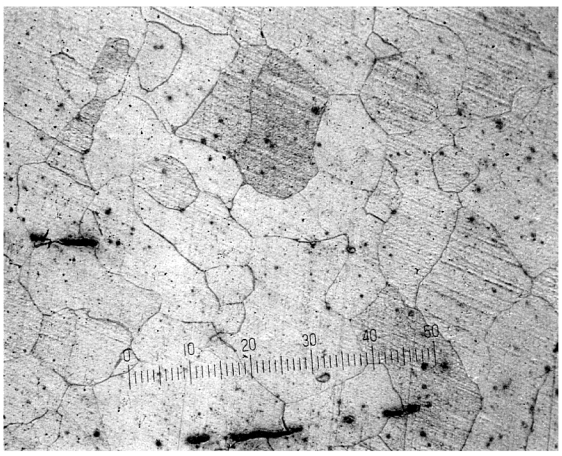
1. Alv. 93 A, op. 72 - Chocalho (Cat. 3)



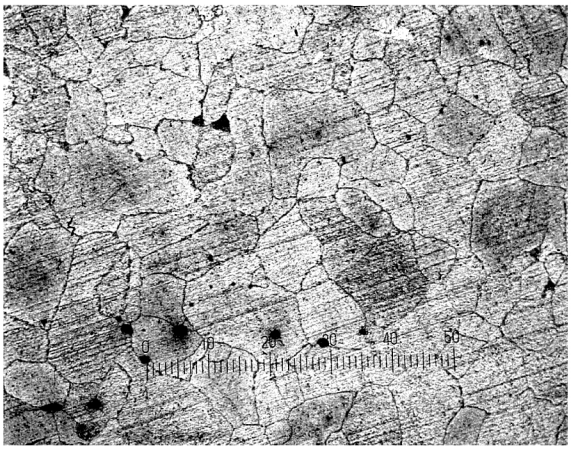
2. Alv. 95 B, op. 1 - Chocalho (Cat. 6)



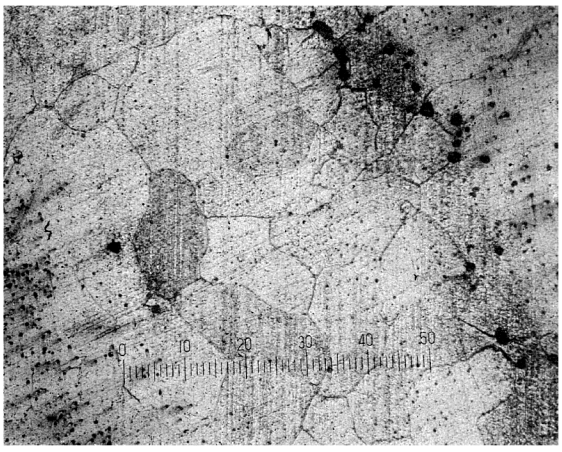
3. Alv. M 1 - Chocalho (Cat. 7)



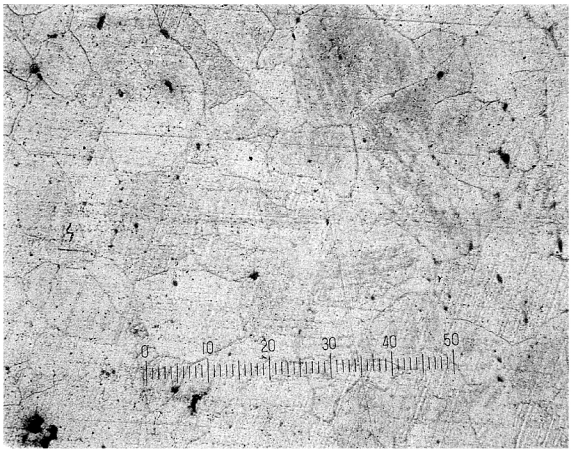
4. Alv. 95 B, op. 66 - Dobradiça (Cat. 16)



5. Alv. 95 B, op. 160 - Foice (Cat. 23)



6. Alv. 95 B, op. 53 - Argola (Cat. 44)



7. Alv. 95 B, op. 87 - (Cat. 45)

6.1.21. Materiais líticos

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

O instrumental lítico recolhido em contexto arqueológico não é abundante nem diversificado ao nível tipológico, devido ao factos das escavações desenvolvidas terem privilegiado ambientes mais tardios, mas cujo significativo é importante, pelo facto de documentar a ocupação do povoado num período cronológico muito recuado, no âmbito cultural do período que se convencionou designar por Bronze Final, que cronologicamente integra a Fase I. Para efeito de estudo enquadramos estratigraficamente 16 objectos, de diferente tipologia e suporte de fabrico.

A utensilagem em sílex tem uma expressão relativamente reduzida sendo composta por duas lâminas, dois raspadores e um lasca resultante do processo de talhe[1036]. Apesar do sílex ser uma matéria-prima de ocorrência restrita no noroeste, os abundantes artefactos recolhidos na região desde o Neolítico até ao Bronze Final, em ambientes habitacionais e funerários, permite admitir que o comércio desta matéria-prima proveniente de regiões mais meridionais, onde é abundante, deverá ter-se mantido de forma regular, em particular na região costeira onde a sua presença é significativamente maior que no interior.

Lâminas (1, 3)

As lâminas de talhe tipo *levallois,* n.º 1, 3 (vol. II, est. CCXXXIV, n.º 1, 3), foram obtidas a partir de um núcleo preparado conservando os contrabulbos da preparação do núcleo, tendo sido extraídos de núcleos planos conservando na face dorsal os negativos das extracções de preparação do núcleo, próprias desta técnica. Ambas conservam duplo fio.

Raspadores (2,5)

Os raspadores n.º 2, 5 (vol. II, est. CCXXXIV, n.º 2, 5) de acordo com a definição de François Borde, constituem um conjunto industrial de lâminas e lascas, caracterizado por possuir numa ou em ambas as extremidades um retoque contínuo, frequentemente laminar, que define uma frente mais ou menos arredondada que se denomina por *frente de raspador* (BORDE 1961, 31; 1967, 34). O nosso exemplar n.º 2 é feito a partir de extremo inferior de uma lâmina, apresentando uma secção trapezoidal que revela na face superior a cobertura do córtex de revestimento. O retoque compreende as faces laterais e a frente do raspador, apresentando-se neste plano mais ou menos paralelo, constituindo um plano que forma um ângulo com a face anterior na ordem dos 45º, configurando uma aresta especialmente apta para a função a que estava destinada que seria raspar, que alguns autores consideram ser preferentemente peles (GOURHAN 1978, 108). O retoque das faces laterais é alternante e descontínuo. O raspador n.º 5 (vol. II, est. CCXXXIV, n.º 5), ao contrário do anterior, é feito a partir de uma lasca, relativamente espessa, com aproveitamento da área de corte de apenas uma

[1036] O sílex é uma rocha sedimentar silicatada, constituída de quartzo criptocristalino, muito dura e com densidade elevada. Apresenta-se geralmente compacta, de cor cinzenta, negra, bege e outras. Com fractura concoidal. Ocorre sob a forma de nódulos, recebendo a designação de *flint*, com uma superfície exterior que o rodeia, carbonatada, denominado por córtex, ou em forma de massas em formações de giz ou calcário, recebendo a designação de *chert*, diferindo do primeiro pela presença de inclusões de calcite. Pode apresentar impurezas como argilas, carbonato, silte, pirita e matéria orgânica.

face lateral e a frente. Apresenta um retoque parcial, contínuo, bifacial e invasor, formando um ângulo de corte oblíquo entre os 30 e 70º.

Os vestígios de talhe *in loco* são unicamente documentados pela presença de uma lasca, n.º 4, resultante do tratamento de um núcleo para obtenção de lâminas de duplo fio. Não revela ter tido qualquer tipo de utilização.
A presença de utensilagem em sílex em povoados ocupados no horizonte cronológico aqui abordado é relativamente abundante, reforçando a ideia que nesta fase a metalurgia do bronze ocuparia uma diminuta importância enquanto suporte das ferramentas utilizadas no quotidiano.
Na região são conhecidas ocorrências de materiais morfologicamente semelhantes no castro do Padrão, em Santo Tirso (MOREIRA 2005, 19; 2007, MMAP n.º 21, 49; MMAP n.º 23, 50) e na Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira (SILVA 1986, 113, est. XVIII, 6-8).

Machados (6-15)

Os machados de pedra polida são instrumentos cuja morfologia apresenta soluções variadas, designadamente ao nível da forma, perfil, secção, configuração do gume e do talão. Em termos genéricos, poder-se-ão caracterizar por evidenciarem um desenvolvimento longitudinal de secção diferenciada, com extremos oponentes compostos pelo gume, geralmente de perfil rectilíneo ou convexo e pelo talão que se apresenta sob uma forma apontada ou rectangular. A sua dimensão apresenta uma variação considerável desde os exemplares de diminutas de dimensão (desde 4 cm), geralmente designados por *machados votivos*, ainda que a sua funcionalidade se relacione actividades de carpintaria e não com fenómenos de carácter religioso, até aos exemplares de maior tamanho que podem ultrapassar os 25 cm de comprimento.
Para efeitos de classificação Souville (CAMPS 1979, 126)[1037], define cinco campos a considerar – Forma, Perfil, Perfil do gume, Gume e Secção. Quanto à forma, as quatro variantes mais comuns são a triangular, rectangular, trapezoidal e *"en boudin"*[1038]. O perfil apresenta um recorte trapezoidal, biconvexo e *en boudin*. Quanto ao gume registam-se três variantes de perfil – simétrico, assimétrico e de *azuela*. O gume apresenta-se nas seguintes variantes – rectilíneo, curvo, corrente e grosso. As secções podem ser rectangulares, plano-convexas, biconvexas, ovais e circulares.
O machado, no seu todo, incluiria também um cabo ao qual estaria fixo através de inclusão num orifício de configuração tronco-cónica que permitiria um forte ajuste, ou mesmo, como sugerem alguns autores (EIROA; GIL; PÉREZ; MAURANDI 1999, 91), através da utilização de cordas, implicando, nesse caso, a existência de pequenas depressões nas faces laterais do machado para um fixação mais eficaz.
A sua função específica consistiria no corte de madeira, nomeadamente para o derrube de árvores, através de uma incisão vertical ou perpendicular, sem qualquer acção de fricção, que se explica pelo facto dos gumes serem lisos[1039]. No noroeste peninsular a sua cronologia regista uma grande amplitude que se prolonga desde o Neolítico ao Bronze Final[1040], estendendo-se inclusivamente a sua pervivência às duas primeiras fases da cultura castreja, embora neste período seja já discutível a sua função, enquanto ferramenta utilitária. Na área de estudo aqui considerada são frequentes as ocorrências em estratos

[1037] A tipologia referida é amplamente seguida em trabalhos mais recentes como, por exemplo, na obra conjunta sobre "*Nociones de Tecnología y Tipología en Prehistoria*" (EIROA; GIL; PÉREZ; MAURANDI 1999, 91-94).
[1038] Sub-rectangular com cantos arredondados e extremos do gume ligeiramente mais largos que o talão.
[1039] Neste domínio específico o polimento afirma-se não apenas como uma técnica de acabamento de regularização da superfície, mas fundamentalmente, como uma técnica de primordial importância, na medida que é através dele que se obtém e se determina o perfil e o ângulo de corte correctos e indispensáveis para a definição da zona activa do instrumento.
[1040] Refira-se, a propósito da cronologia da técnica de polimento de instrumental lítico que, contrariamente às concepções tradicionalmente divulgadas, esta técnica surge, pela primeira vez, ainda que de forma incipiente, no Paleolítico Superior, durante o Solutrense tendo sido abandonada e redescoberta e plenamente desenvolvida durante o Neolítico (BAPTISTA 1984, 43).

referentes à ocupação do Bronze Final, associados a um amplo repertório lítico que, em conjugação com as raras ocorrências de artefactos metálicos, permite admitir que o instrumental lítico seria preponderante nas actividades quotidianas.

O material em que estes tipos de instrumentos eram elaborados variavam com as disponibilidades do local ou região e, naturalmente, com as características da própria pedra. Na nossa região as ocorrências mais habituais são em rochas de tipo metamórfico do tipo dos anfibolitos, dos granitos e dioritos, sendo também de registar ocorrências em quartzo. Todas, de uma forma geral, cumprem os requisitos necessários para serem trabalhadas e desempenharam cabalmente a função a que se destinavam, das quais se destacam a sua dureza, a homogeneidade e a isotropia, ou seja desprovidas de planos de clivagem privilegiados.

Os machados recolhidos em contexto arqueológico são dez, cuja referência estratigráfica indica que, no momento da sua oclusão, encontrar-se-iam já destituídos da sua função original, tendo sido, provavelmente, arrecadados e conservados pelos seus achadores por questões estéticas ou mesmo de crendice, uma vez que, ao longo dos tempos, se atribuíram propriedades "protectoras" a este tipo de objectos, nomeadamente de protecção contra os "raios", frequentemente colocados nas portas dos currais de gado, sendo ainda actualmente conhecidas em regiões de Trás-os-Montes como *pedras de raio*. Com o mesmo sentido deverão ser interpretadas as ocorrências em contextos funerários de época romana, como sucede, por exemplo, na necrópole de Santo André, em Montargil[1041]. A sua identificação em contextos arqueológicos do Bronze Final, ao qual originariamente pertenceriam os nossos objectos, são abundantes e recorrentes sendo de valorizar o abundante espólio referenciado nos povoados de altura como sejam o castro do Monte do Padrão, Santo Tirso (MOREIRA 2007, 47-51), no castro de S. Julião, Vila Verde (MARTINS 1988, 62, est. LV, 7, LVI, 2, 6, LX, 8), ou em povoados abertos como a da Bouça do Frade, Baião (JORGE 1988, fig. 36,6; fig.40, 4), ou mesmo em povoados que não registam esta fase de ocupação manifestando, numa fase tardia da Idade do Ferro, pervivências arcaizantes da indústria lítica, como, por exemplo, na Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, onde se documentam vários machados e enxós em pedra polida de função utilitária ou votiva (SILVA 1986, 113, est. XVIII, 1-4), assim como no castro de Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1984, fig. LIX, nº 1-6).

Todos os machados recolhidos revelam claros sinais de utilização quer ao nível do talão quer do gume, encontrando-se dois deles fragmentados ao nível do corpo (n. 10, 15). Com excepção do n.º 7 (vol. II, est. CCXXXV, n.º 7), todos são de anfibolito[1042], rocha particularmente abundante na região[1043].

Do ponto de vista morfo-tipológico a forma mais abundante são os machados de plano rectangular estando representados por cinco exemplares n.º 8-10, 13, 15, sendo que, com excepção do n.º 13, todos os restantes revelam gumes rectilíneos. As suas dimensões oscilam entre os 57 e 154 cm. A segunda forma mais abundante é a triangular – n.º 1, 11, 12 (vol. II, est. CCXXXIV, n.º 1; CCXXXVI, n.º 11; CCXXXVII, n.º 12) –, apresentando todos os exemplares gumes curvos e talões pontiagudos, sem sinais de utilização como percutores. As dimensões, com excepção do n.º 7, oscilam entre 120 e 130 cm, revelando maior uniformidade os exemplares rectangulares. O exemplar n.º 7, pelas suas reduzidas dimensões e peso e pela

[1041] Regista-se a presença de um machado de anfibolito na sepultura H1, datada genericamente com a cronologia proposta para a necrópole (2ª metade do séc. I - 1º quartel do séc. II), devido à falta de elementos indicativos mais precisos (NOLEN; DIAS; VIEGAS 1981, 128). Trata-se de um machado de anfibolito de forma subcónica com parede convexa de gume em bisel e secção oval (NOLEN; DIAS; VIEGAS 1981, 165, est. LXIII, H.1, LXIX, n.º 2). Constitui um exemplar com clara afinidade morfológica com o nosso exemplar n.º 14, apesar da sua diminuta dimensão (comp. máx. 97 mm; larg. máx. 40 mm).

[1042] Como o seu nome indica, os componentes principais são as anfíbolas, normalmente a hornblenda ou a actinolite, e plagioclases. Entre os minerais secundários pode-se observar biotite, clorite, granada, epidoto e zóizite. Ocorrem na fácies dos xistos verdes e anfibolítica, ou seja, associadas a um grau metamórfico médio. Os anfibolitos são rochas pesadas e bastante duras, que resistem bem às agressões mecânicas.

[1043] Por exemplo, na faixa metamórfica da foz do Douro existem corpos anfibolíticos de dimensões e formas variadas, envolvidos por gnaisses e metassedimentos (SILVA; FLORES 2002, 15). São corpos homogéneos e raramente bandados, que exibem normalmente contactos bem definidos (BRAVO; ABRUNHOSA 1978). O corpo anfibolítico da Praia de Gondarém apresenta uma cor negro-esverdeada de granularidade média a fina (BRAVO; ABRUNHOSA 1978; BORGES; NORONHA; MARQUES 1985; 1987; NORONHA 1994). Estes anfibolitos apresentam composição química de basaltos deprimidos do tipo MORB ("Mid-Ocean Ridge Basalts") (NORONHA; LETERRIER 1995; LETERRIER; NORONHA 1998).

dureza do material em que está fabricado (quartzito) permitindo um gume mais afiado e duradouro, estaria vocacionado para trabalhos de carpintaria de maior minúcia, cabendo-lhe, com propriedade a denominação de goiva ou cinzel. Exemplares com funções semelhantes foram identificados no castro do Monte do Padrão, Santo Tirso (MOREIRA 2007, MMAP n.º 27 (3), 51). Por último, os machados de formato trapezoidal identificam-se dois exemplares – n.º 6, 14 (vol. II, est. CCXXXV, n.º 6; CCXXXVIII, n.º 14) –, ambos com talão rectangular e sub-rectangular e gume curvo. As dimensões oscilam entre 110 e 120 cm. Os machados identificados parecem evidenciar uma larga diversidade morfo-tipológica que, eventualmente, estará relacionada com a sua função e diferenciação cronológica, que não são possíveis de determinar pelas condições de origem estratigráfica.

Maças (16)

A maça ou maço polido constitui um instrumento de precursão composto por dois elementos, a maça de pedra propriamente dita e o cabo de madeira, unidos por elementos de amarração. Para efectivar a ligação entre o percutor e o cabo é frequente a existência de uma canelura localizada a um terço da superfície lateral de objecto que percorre toda a sua periferia, na qual encaixaria o cordame de fixação. Constituiria, portanto, um instrumento de percussão, de utilização generalista, que poderia ser utilizado para muitos fins e actividades diversas, embora se relacione de forma mais directa com a actividade mineira. A sua funcionalidade implica a utilização de rochas particularmente duras, de granulometria elevada. O nosso exemplar, n.º 16 (vol. II, est. CCXXXVIII, n.º 16), é feito em granito de grão fino e encontra-se apenas incipientemente polido, revelando, como é habitual, a superfície de percussão áspera e ligeiramente irregular.

Materiais líticos

Nº Inventário	Proveniência	Forma	Material	Observações	Estampa
1. Alv. 98 B1, A1 op. 113	corte est. 1, camada 1 / Fase ?	lâmina	sílex	lâmina alongada de dorso preparado não retocado	est. CCXXXIV, n.º 1
2. Alv. 96 B, op. 197	corte est. -- , camada 6 / Fase I	raspador	sílex	lâmina alongada de dorso alteado, retoque integral bifacial	est. CCXXXIV, n.º 2
3. Alv. 97 B3, A1, op. 48	corte est. 6, camada 1 / Fase I ?	lâmina	sílex	fragmento de lâmina não retocada	est. CCXXXIV, n.º 3
4. Alv. 97 B3, A1, op. 81	corte est. 6, camada 1 / Fase I ?	lasca	sílex	lasca de dorso preparado sem vestígios de utilização	est. CCXXXIV, n.º 4
5. Alv. 97 B2, A2, op. 14	corte est. 2, camada 1 / Fase I ?	raspador	sílex	raspador duplo – transversal e lateral, gume lateral em *coche*	est. CCXXXIV, n.º 5
6. Alv. 98 B1, A1, op. 174	corte est. 1, camada 1 / Fase ?	machado	anfibolito	assimétrico, gume curvo com vestígios de utilização	est. CCXXXV, n.º 6
7. Alv. 94 A, op. 143	corte est. 5, camada 2 / Fase III	machado	quartzito	assimétrico, gume curvo com vestígios de utilização	est. CCXXXV, n.º 7
8. Alv. 97 B3, A1, op. 1706	corte est. 4, camada 0 / Fase I ?	machado	anfibolito	gume rectilíneo de secção rectangular	est. CCXXXV, n.º 8
9. Alv. 93 A, op. 121	corte est. 6, camada 2 / Fase IV-V	machado	anfibolito	gume rectilíneo, secção rectangular com vestígios de utilização	est. CCXXXVI, n.º 9
10. Alv. 93 A, lg. 2291	corte est. 8, camada 3 / Fase IV-V	machado	anfibolito	gume rectilíneo, assimétrico fragmentado	est. CCXXXVI, n.º10
11. Alv. 97 B, op. 86	corte est. 3, camada 1 / Fase I ?	machado	anfibolito	gume curvo com vestígios de utilização	est. CCXXXVI, n.º 11
12. Alv. 98 B1, A1, op. 171	corte est. 1, camada 1 / Fase ?	machado	anfibolito	gume curvo com vestígios de utilização, concavidade	est. CCXXXVII n.º 12
13. Alv. 96 B, A1, lg. 1761	corte est. 1, camada 2 / Fase V	machado	anfibolito	gume curvo com vestígios de utilização	est. CCXXXVII, n.º 13
14. Alv. 97 B1, A2, op. 72	corte est. 2, camada 0 / Fase I ?	machado	anfibolito	gume rectilíneo com vestígios de utilização	est. CCXXXVIII, n.º 14
15. Alv. 97 B3, A1, op. 3	corte est. 6, camada 1 / Fase I ?	machado	anfibolito	gume rectilíneo de secção subcircular	est. CCXXXVIII, n.º 15
16. Alv. 97 B3, A1, op. 7	corte est. 4, camada 1 / Fase I ?	maça	granito	contorno cilíndrico, faces com vestígios de utilização	est. CCXXXVIII, n.º 16

Catálogo

Lâminas (1-3)

1. Alv. 98 B1, A1, op. 113 - Fragmento de lâmina em sílex. Lâmina alongada de dorso preparado, não retocada e de secção subtrapezoidal (vol. II, est. CCXXXIV, n.º 1).
Dim. - Comprimento máximo 55 mm; Largura máxima 15 mm; Espessura máxima 5 mm; Peso 5.04 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Sudeste, Fase ?, *Complexo Artesanal*, Ap. ?, corte estratigráfico 1, camada 1.

2. Alv. 96 B, op. 197 - Raspador em sílex. Lâmina alongada de dorso preparado, com nervura central alteada e de secção subtrapezoidal. Retoque integral bifacial, marginal, obliquo e escamoso. Os bordos foram retocados através de revivamentos oblíquos directos com vestígios de utilização evidentes. Cor creme opaco (K92)[1044], (vol. II, est. CCXXXIV, n.º 2).
Dim. - Comprimento máximo 40 mm; Largura máxima 21 mm; Espessura máxima 11 mm; Peso 10.02 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Sondagem do Ap. IV*, Fase ?, camada 6.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP, n.º 19, 49.

3. Alv. 97 B3, A1, op. 48 - Fragmento de lâmina em sílex. Lâmina alongada de dorso preparado, não retocada e de secção subtrapezoidal. Cor creme (M75), (vol. II, est. CCXXXIV, n.º 3).
Dim. - Comprimento máximo 45 mm; Largura máxima 17 mm; Espessura máxima 4 mm; Peso 4.4 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Decumanus*, Fase I, corte estratigráfico 6, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP, n.º 18, 49.

Lascas (4)

4. Alv. 97 B3, A1, op. 81 - Grande e espessa lasca em sílex de dorso preparado sem retoque e sem vestígios de utilização. Conserva nos dois topos vestígios do córtex original formado por uma capa calcária, rugosa e porosa. Cor cinzento (S73), (vol. II, est. CCXXXIV, n.º 4).
Dim. - Comprimento máximo 45 mm; Largura máxima 25 mm; Espessura máxima 12 mm; Peso 8.7 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Decumanus*, Fase I, corte estratigráfico 6, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP, n.º 20, 49.

Raspadores (5)

5. Alv. 97, B2, A2, op. 14 - Raspador duplo em sílex - transversal e lateral sobre lasca truncada, gume lateral em *coche*, retoque directo muito oblíquo descontínuo com evidentes vestígios de utilização. Cor rosa (S15) (vol. II, est. CCXXXIV, n.º 5).
Dim. - Comprimento máximo 26 mm: Largura máxima 22 mm; Espessura máxima 10 mm; Peso 6,9 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase I ?, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP, n.º 21(2), 49.

Machados (6-15)

6. Alv. 98 B1, A1, op. 174 - Machado em anfibolito integralmente polido. Contorno sub-trapezoidal, alongado. Gume assimétrico e secção sub-rectangular. Faces laterais irregulares. Intenso polimento no gume que revela vestígios intensos de utilização. Talão de planta sub-rectangular com vestígios de utilização. Gume levemente curvo (vol. II, est. CCXXXV, n.º 6).
Dim. - Comprimento máximo 101 mm; Largura máxima 47 mm; Espessura máxima 22 mm; Peso 177,5 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase ?, *Complexo Artesanal*, Ap. ?, corte estratigráfico 1, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 26, 50.

7. Alv. 94 A, op. 143 - Machado polido em quartzito de formato triangular de reduzidas dimensões. Gume convexo e ligeiramente assimétrico. Secção plano-convexa irregular. Polimento integral mas mais acentuado no gume que revela vestígios de utilização, apesar de se conservar muito afiado. Gume curvo. Talão pontiagudo sem vestígios de utilização (vol. II, est. CCXXXV, n.º 7).
Dim. - Comprimento máximo 49 mm; Largura máxima 37 mm; Espessura máxima 10 mm; Peso 27 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã,* Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 2.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 21(1), 49.

[1044] As referências às cores dos núcleos e superfícies das rochas são feitas em relação ao código de cores de solos A. Cailleux (CAILLEUX, s/d).

8. Alv. 97 B3, A1, op. 176 - Fragmento de machado em anfibolito. Formato rectangular com plano de contorno trapezoidal, alongado com lados rectilíneos. Gume rectilíneo, levemente assimétrico, e secção rectangular com arestas arredondadas. Encontra-se integralmente polido e com o gume muito afiado. Monteagudo integra-o no tipo 1A (MONTEAGUDO 1997). Talão inexistente (vol. II, est. CCXXXV, n.º 8).
Dim. - Comprimento máximo existente 64 mm; Largura máxima 72 mm; Espessura máxima 10 mm; Peso 110,2 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Decumanus*, Fase I ?, corte estratigráfico 4, camada 0.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 27(4), 52.

9. Alv. 93 A, op. 121 - Machado em anfibolito, fragmentado no terço superior, integralmente polido. Formato rectangular, alongado. Gume rectilíneo, simétrico, com claros vestígios de utilização. Secção sub-rectangular com arestas arredondadas. Faces laterais rectilíneas e paralelas entre si. Talão fragmentado. Intenso polimento no gume que revela vestígios intensos de utilização (vol. II, est. CCXXXVI, n.º 9).
Dim. - Comprimento máximo 80 mm; Largura máxima 44 mm; Espessura máxima 22 mm; Peso 129, 3 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. III, corte estratigráfico 6, camada 2.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 23, 50.

10. Alv. 93 A, lg. 2291 - Fragmento de machado em anfibolito integralmente polido. Formato quadrangular, gume convexo, assimétrico e secção quadrangular. Gume rectilíneo, parcialmente fragmentado e pouco afiado. Talão inexistente (vol. II, est. CCXXXVI, n.º10).
Dim. - Comprimento máximo existente 57 mm; Largura máxima 31 mm; Espessura máxima 29 mm; Peso 91,3 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 3.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 17, 48.

11. Alv. 97 B, op. 86 - Machado em anfibolito integralmente polido. Formato triangular, alongado, de gume plano-convexo, regular e simétrico. Secção oval. Talão pontiagudo sem vestígios de utilização. Gume curvo, muito afiado, com vestígios de utilização (vol. II, est. CCXXXVI, n.º 11).
Dim. - Comprimento máximo 121 mm; Largura máxima 54 mm; Espessura máxima 34 mm; Peso 282,5 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase I ?, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 27, 51.

12. Alv. 98 B1, A1, op. 171 - Machado em anfibolito integralmente polido. Formato triangular, irregular e alongado, de gume plano-convexo, irregular e assimétrico. Secção oval. Talão pontiagudo sem vestígios de utilização com leve concavidade na face lateral. Gume curvo, afiado e com vestígios de utilização (vol. II, est. CCXXXVII n.º 12).
Dim. - Comprimento máximo 127 mm; Largura máxima 49 mm; Espessura máxima 38 mm; Peso 321,9 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase ?, *Complexo Artesanal* - Ap. ?, corte estratigráfico 1, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 27(1), 51.

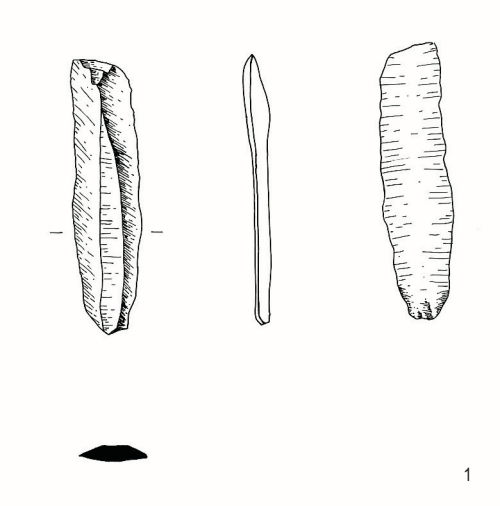
13. Alv. 96 B, A1, lg. 1761 - Machado em anfibolito integralmente polido. Formato sub-rectangular, alongado, de gume plano-convexo, irregular e assimétrico. Secção circular. Talão arredondado com vestígios de utilização. Gume curvo, afiado com vestígios de utilização. O talão conserva vestígios de ter sido utilizado como percutor (vol. II, est. CCXXXVII, n.º 13).
Dim. - Comprimento máximo 154 mm; Largura máxima 45 mm; Espessura máxima 47 mm; Peso 488.1 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. VII, corte estratigráfico 2, camada 00.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 7, 47.

14. Alv. 97 B1, A2, op. 72 - Machado em anfibolito integralmente polido, de contorno trapezoidal, alongado, de gume plano-convexo irregular e assimétrico. Secção circular. Talão pontiagudo com vestígios de utilização. Gume rectilíneo, afiado com vestígios de utilização (vol. II,est. CCXXXVIII, n.º 14).
Dim. - Comprimento máximo 115 mm; Largura máxima 49 mm; Espessura máxima 38 mm; Peso 341,1 gr..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase I ?, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 0.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 26(1), 51.

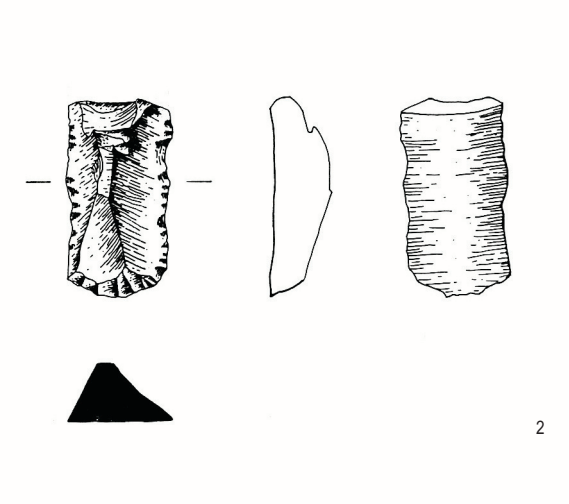
15. Alv. 97, B3, A1, op. 3 - Fragmento de machado em anfibolito integralmente polido, de contorno subelíptico, alongado, de gume rectilíneo, regular e simétrico, secção subcircular. Talão inexistente (vol. II,est. CCXXXVIII, n.º 15).
Dim. - Comprimento máximo 84 mm; Largura máxima 40 mm; Espessura máxima 39 mm; Peso 190,9 gr..
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Decumanus*, Fase I, corte estratigráfico 6, camada 1.
Bibli. - MOREIRA 2007, MMAP n.º 22, 50.

Maças

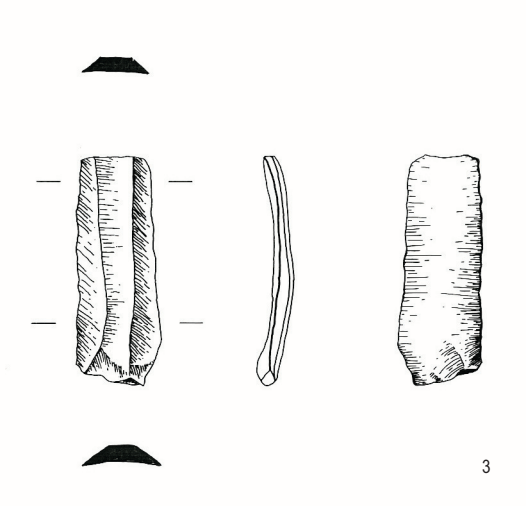
16. Alv. 97 B3, A1, op. 7 - Maça em granito de contorno cilíndrico e secção circular. Rebaixamento central para aplicação de ligamentos de amarração de secção em forma de U. Faces irregulares com vestígios de utilização (vol. II, est. CCXXXVIII, n.º 16).
Dim. - Comprimento máximo 74 mm; Largura máxima 54 mm; Espessura máxima 54 mm; Peso 348,2 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. X (Fase V) corte estratigráfico 4, camada 1.



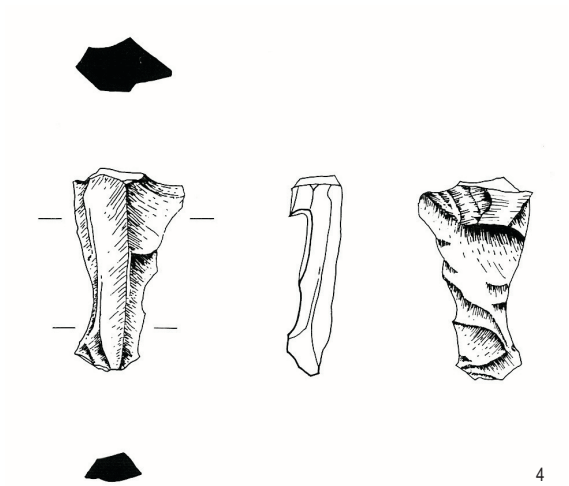
1



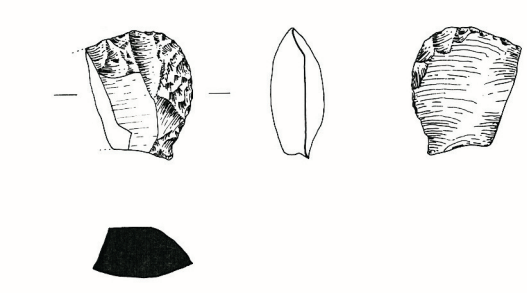
2



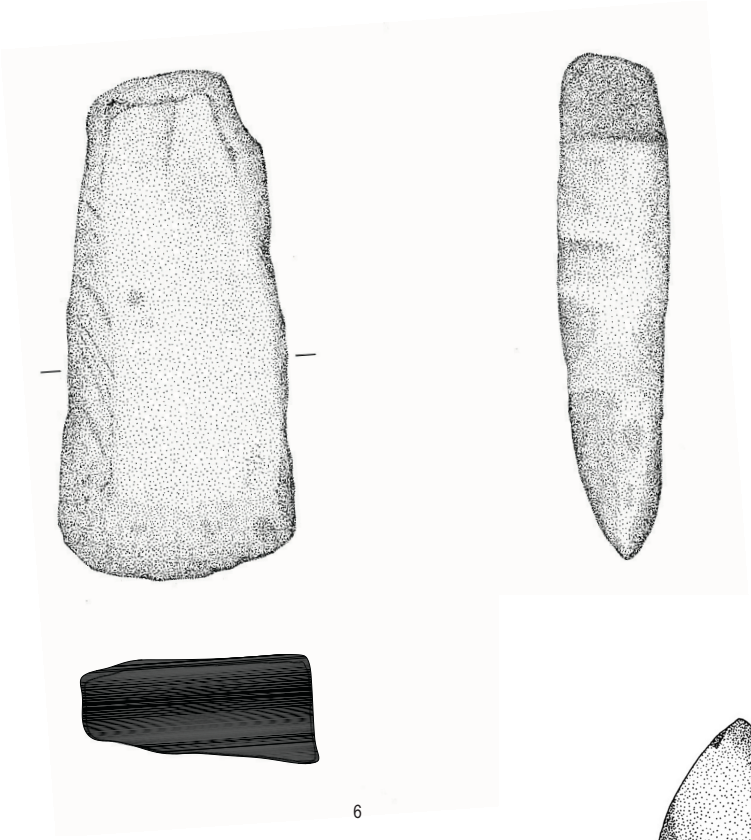
3



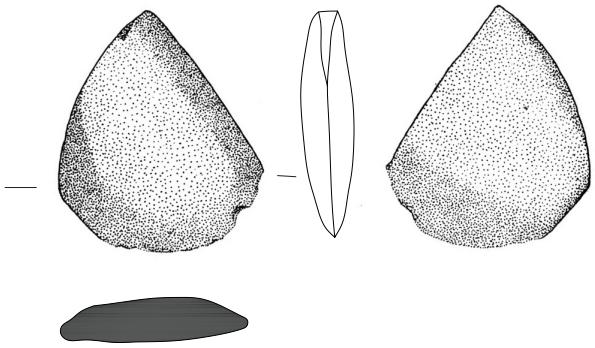
4



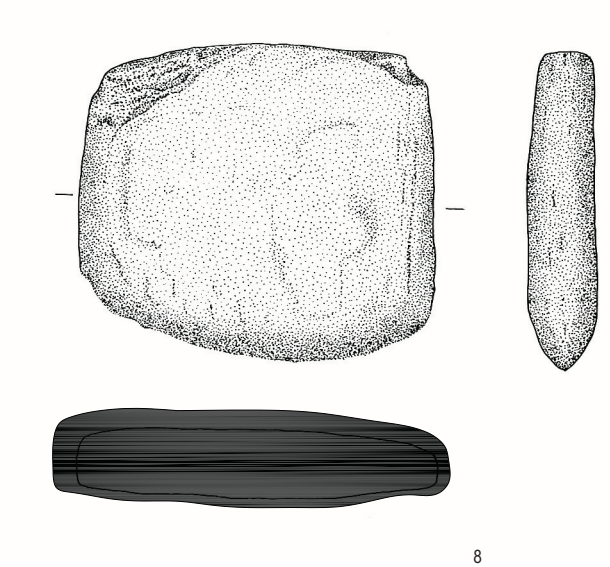
5



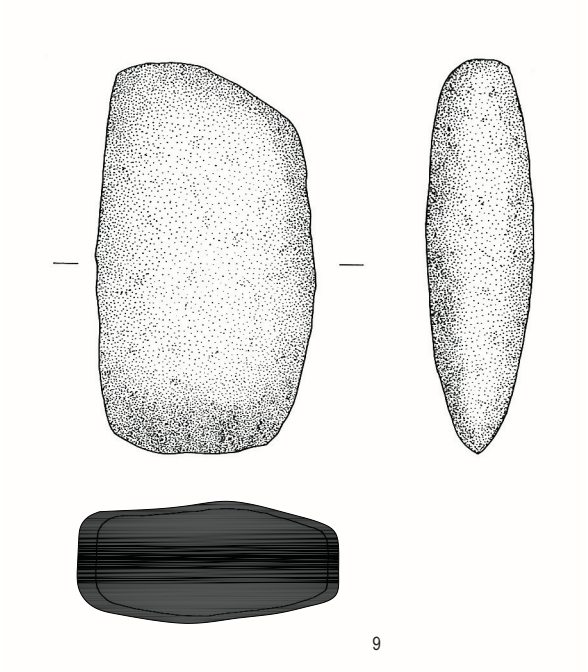
6



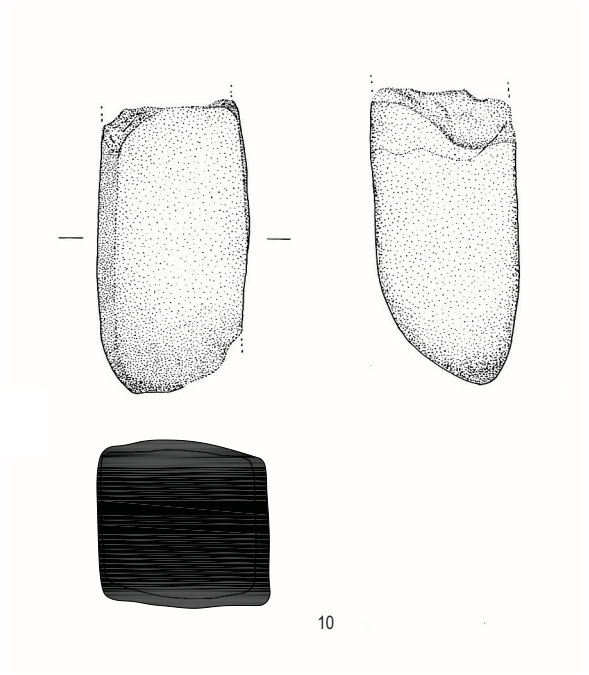
7



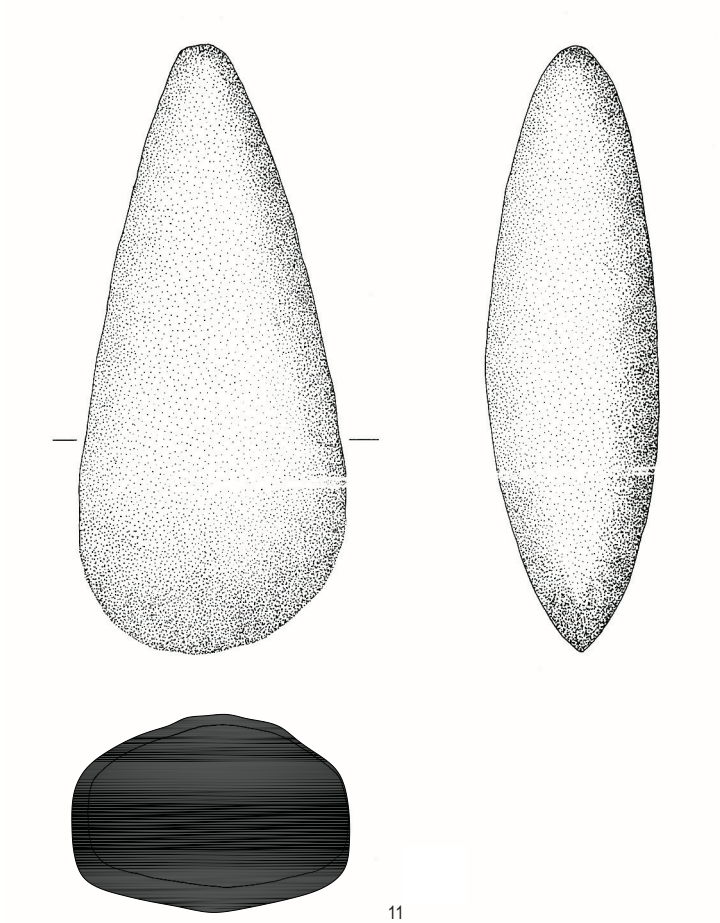
8



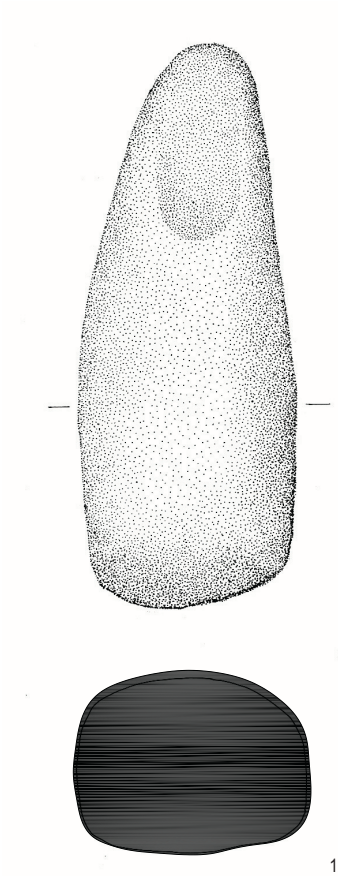
9



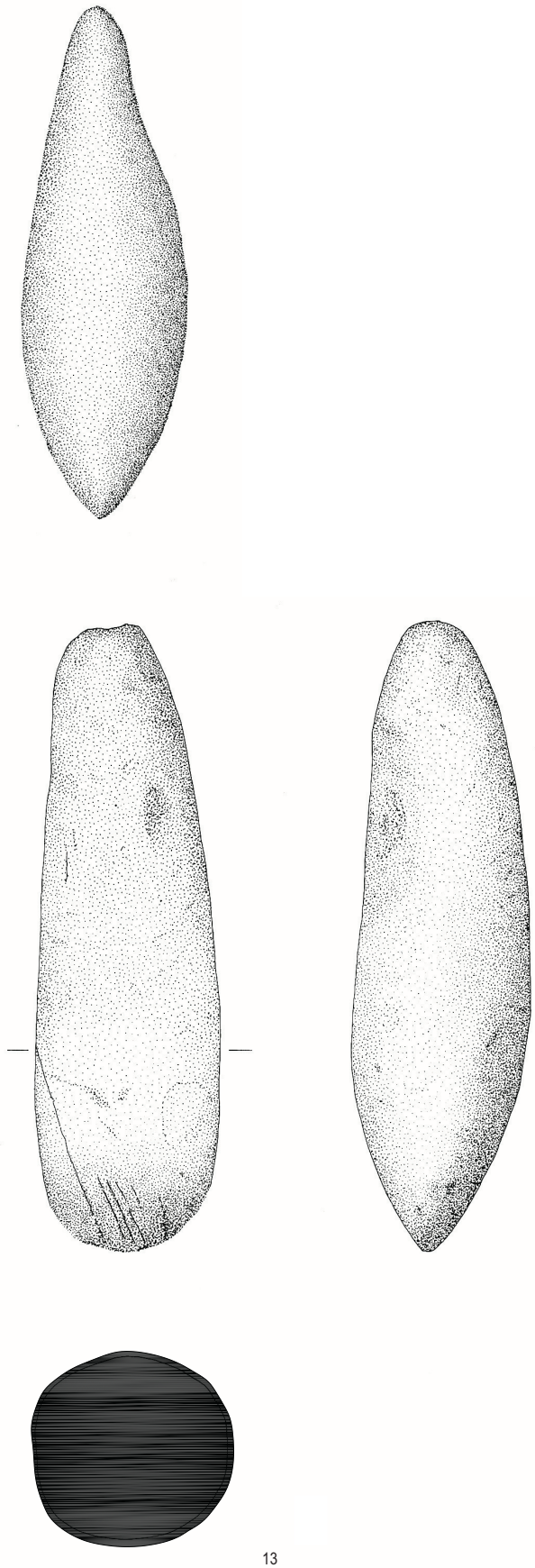
10



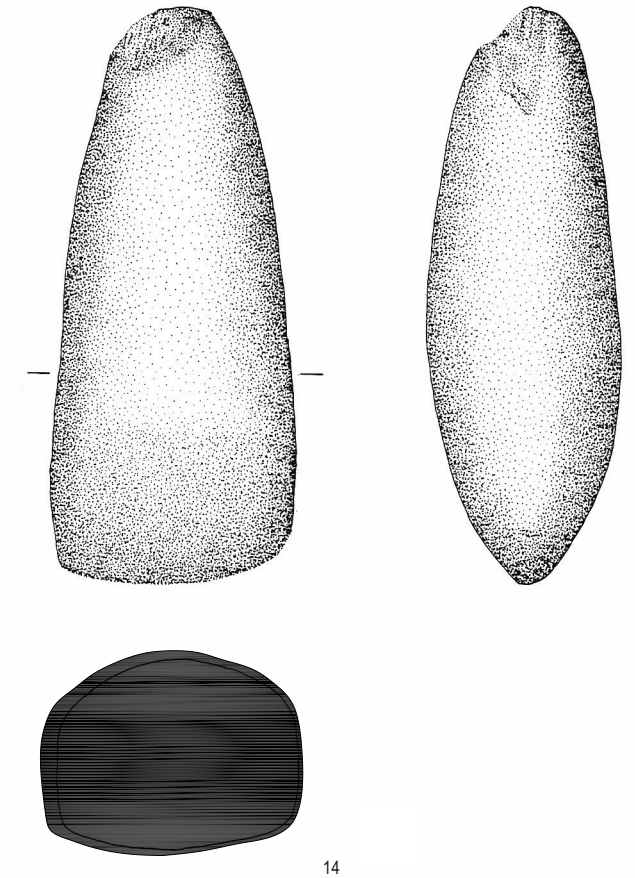
11



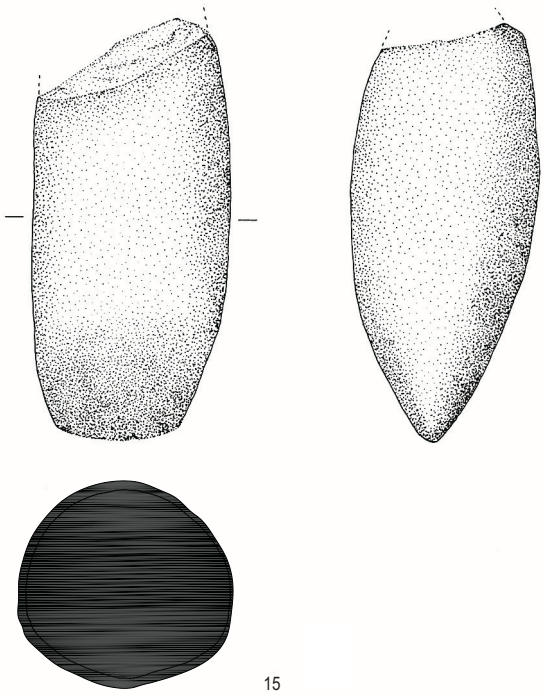
12



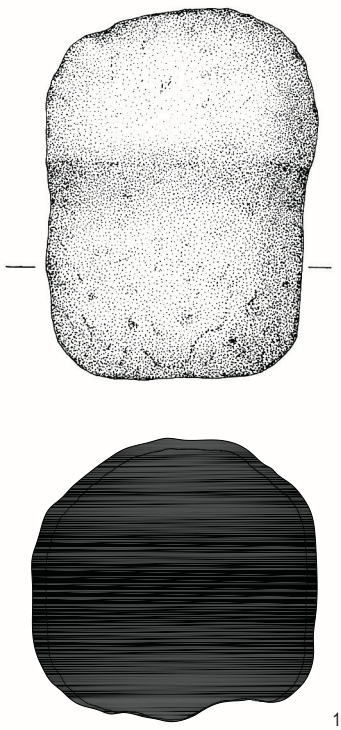
13



14



15



16

6.1.22. Cossoiros

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

Os cossoiros (*verticilli*) são pequenos discos com perfuração central, cuja funcionalidade se relaciona com a actividade têxtil, especificamente com a fiação. São objectos que registam uma ampla difusão geográfica e um largo espectro cronológico não podendo ser considerados específicos de uma determinada época ou civilização. A historiografia arqueológica portuguesa regista importantes contributos para o estudo destas pequenas peças e das actividades com elas directamente relacionadas, seja a fiação, a tecelagem, costura, ou com as quais se liga indirectamente seja a criação de gado lanífero ou o cultivo de determinadas espécies vegetais destinadas ao aproveitamento de fibras para a actividade têxtil. Entre outros, conta-se com o estudo pioneiro de Mário Cardozo (CARDOZO 1965), os trabalhos produzidos no âmbito das campanhas luso-francesas de Conímbriga (PONTE 1978, 133-146; ALARCÃO, PONTE 1979, 49-52, pl. X-XI), que tiveram por base de classificação o quadro tipológico de Manuel Vidal y Lopez[1045] e, o trabalho de classificação realizado por Pedro Salvado, sobre os materiais recolhidos no castro de S. Martinho, Castelo Branco, que, para além dos estudos tipológicos anteriormente mencionado se baseia também no ensaio tipológico de Zaida Castro Curel (CUREL 1980, 147-154)[1046].
Mais recentemente, foram realizados trabalhos de âmbito mais especifico, sobre materiais a II Idade do Ferro do noroeste português, dos quais merecem destaque o contributo de Armando Coelho realizado sobre os materiais recolhidos no castro de Romariz, Vila da Feira e Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira (SILVA 1986 137), de Maria de Fátima Silva sobre os materiais recolhidos do castro de Moldes e de Santo António, em Castelo de Neiva, Viana do Castelo (SILVA 1989, 91-130), e Álvaro Moreira sobre os materiais recolhidos no castro do Padrão, Santo Tirso (MOREIRA 2007, 62-66).

O cossoiro ou fusaiola (*verticullus*) destinava-se a ser colocado na face inferior do fuso, ao qual conferia o equilíbrio necessário, servindo de volante e de lastro durante o movimento rotativo, garantindo uma rotação uniforme, assim como uma maior verticalidade. Pelo seu formato circular ofereciam pouca resistência ao ar, assegurando, através da força de gravidade que passa pelo seu centro, um aumento do estiramento e tensão das fibras que se juntam e enrolam sobre si-mesmas durante o processo de fiação, conferindo uma maior resistência e uniformidade de espessura ao fio.
O repertório tipológico é relativamente elevado, sendo admissível uma correspondência cronológica com o evoluir das formas mais simples para as mais elaboradas, associando-se também a gramática decorativa à evolução cronológica. A diferença de peso e dimensão tem vindo a ser valorizada por alguns autores, relacionando-os com a adequação para a fiação de determinado tipo de fibras, em função da sua dureza, consistência e elasticidade. A sua forma, que, em certa medida, sugere alguma versatilidade tem também permitido diferentes interpretações em relação à sua função, considerando alguns autores a possibilidade da funcionalidade dos exemplares de menor dimensão se possa relacionar com o vestuário, onde poderiam desempenhar a função de botões (SILVA 1986, 137). No mesmo sentido, a recolha de alguns exemplares em

[1045]Trabalho realizado sobre os materiais recolhidos no povoado do Cerro de S. Miguel de Liria (LOPEZ 1952, 147-154).
[1046] O quadro tipológico apresentado por Pedro Salvado, baseado na tipologia de Zaida Curel, apresenta 6 tipos que, por sua vez, consideram três subtipos cada um – Tipo A (esférico/subesférico), subtipo 1 - faces planas, subtipo 2 - face superior com cavidade, subtipo 3 - faces superior e inferior com cavidade; Tipo B (cilíndrico), subtipo 1 - faces planas, subtipo 2 - face superior com cavidade, subtipo 3 - faces superior e inferior com cavidade; Tipo C (tronco-cónico invertido), subtipo 1 - faces planas, subtipo 2 - face superior com cavidade, subtipo 3 - faces superior e inferior com cavidade; Tipo D (cónicos de faces iguais - a) carena angulosa b) carena facetada), subtipo 1 - faces planas, subtipo 2 - face superior com cavidade, subtipo 3- faces superior e inferior com cavidade; Tipo E (tronco-cónico invertido de carena alta), subtipo 1 - faces planas, subtipo 2 - face superior com cavidade, subtipo 3 - faces superior e inferior com cavidade; Tipo F (tronco-cónico invertido de carena baixa), subtipo 1 - faces planas, subtipo 2 - face superior com cavidade, subtipo 3 - faces superior e inferior com cavidade (SALVADO 1981, 6, Qud. 1).

contextos funerários, designadamente no sul do país, concretamente em Elvas, induziu alguns autores a associar um carácter ritual a estas peças valorizando o seu enquadramento em detrimento da sua função específica (VIANA; DEUS 1950, 233, fig. 5-6). Apesar de não constituírem uma ocorrência muito vulgar são várias as peças identificados em necrópoles, como, por exemplo, em de Santo André, Montargil (NOLEN; DIAS; VIEGAS 1981, 154, est. XXXII, E2.17)[1047].

O enquadramento crono-estratigráfico das peças mais antigas documentados no Castro de Romariz, Vila da Feira, em horizontes cronológicos do séc. V a.C., elaborados em cerâmica púnica, tem permitido referenciar as primeiras formas desta técnica de fiação na região, vinculando-a a influências alógenas, de feição meridional, em consonância com a difusão de outras actividades artesanais como, por exemplo, a metalurgia do ferro, que se difunde na região no mesmo momento cultural (SILVA1986, 137).

Os cossoiros adquirem formas muito variadas podendo encontrarem-se exemplares de formato discóidal, tronco-cónico, cónico, bicónico, plano-convexo, esférico e cilíndrico. O suporte em que eram elaborados é também muito diversificado sendo frequentes os exemplares em cerâmica, metal, osso, vidro e em diferentes tipo de pedra, dependendo da qualidade e material em que o próprio fuso fosse feito. Estes, ao longo dos tempos, foram também elaborados em vários tipos de suporte. Entre os de maior qualidade encontram-se os de bronze e de madeiras nobres. Todavia, os mais abundantes seriam os de madeira corrente.

Para efeito de classificação optamos por seguir as propostas elaboradas até ao momento que tem por base a classificação de Manuel Vidal y Lopez, cuja tipologia assenta em critérios que valorizam a forma e o suporte em que foram elaborados, às quais introduzimos ligeiras alterações em função da colecção recolhida em Alvarelhos[1048].

[1047] Constitui um dos pouco exemplares em vidro identificados no nosso país e revela uma extrema qualidade – (…) *Fusaiola de vidro. Vidro azul-cobalto decorado com um fio de vidro branco marmado em espiral* (…). As autoras sugerem uma cronologia para a necrópole balizada entre o último terço do séc. I e o primeiro quartel do séc. II (NOLEN, DIAS; VIEGAS 1981, 127). Concretamente, a sepultura E2, na qual foi identificada a fusaiola, a cronologia atribuída corresponde aos primeiros anos do séc. II.

Jorge Alarcão publica duas peças provenientes da colecção do Museu Machado de Castro, cuja procedência provável será o criptopórtico de *Aeminium*, cuja função refere como incerta (ALARCÃO 1971, 42, est. VII, n.º 33-34).

Por último, nos paralelos portugueses refira-se o exemplar identificado em Conímbriga que, apesar das reservas de classificação evidenciadas pelo autor, considera como provável a sua identificação como cossoiro (ALARCÃO 1976b, 209, pl. XLVI, n.º 294). Trata-se de uma peça elaborada em vidro de cor verde-azeitona, com algumas bolhas de ar e impurezas negras. Apresenta um recorte tronco-cónico, estruturado em dois planos divididos por uma canelura profunda. O orifício encontra-se bem centrado e apresenta um recorte cilíndrico.

Como referência sugere a utilização atribuída a peças similares por Harden que considera que estes tipos de peças utilizadas em conjuntos com as canulas de vidro serviriam de tampas a balsários (HARDEN 1936, 295), assim como a possibilidade sugerida por Dusenbery como sendo botões de apertar vestuário (DUSENBERY 1967, 49). Contudo, a sua dimensão e formato permite, com segurança, classificá-los como cossoiros. O n.º 33 integra o tipo bicónico de lados iguais. Apresenta as faces planas e um orifício central de perfil cilíndrico. É construído a partir de dois fios de vidro de diferente cor (âmbar e verde). A peça n.º 34 apresenta um perfil tronco-cónico, com orifício central de recorte cilíndrico. A pasta vítrea é de cor verde-musgo.

[1048] Salete Ponte, para efeito de classificação, considera cinco tipos – bulbosos, discóidais, cónicos, bicónicos e tronco-cónicos, considerando para o tipo bicónico três subtipos; de cones iguais, de cones desiguais e de cones de transição para bulbosos (PONTE 1978, 137). Por seu turno, Maria de Fátima Matos Silva considera cinco tipos com vários subtipos – Bulbosos (achatados e esféricos), Discóidais, Cónicos (cónicos e de transição para bicónico); Bicónicos (cones iguais, cones desiguais, cones de transição para bulbosos); Tronco-cónicos (SILVA 1989, 112, Quadro tipológico). Por último, o trabalho de Armando Coelho realizado com os materiais recolhidos na Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira e castro de Romariz, Vila da Feira, considerando um conjunto de sessenta e nove exemplares considera oito formas (A-H), datados da Fase IIA, IIB e III, nos quais apenas se considera apenas duas variantes, segundo possuem (2) ou não (1) cavidade na face superior (SILVA 1986, 137, est. LXXXI-LXXXII).

Formas

Grupo 1 – Discóidais (1-32)

Morfologicamente, caracterizam-se pela sua simplicidade formal. Assumem forma de disco com ambas faces planas e paredes laterais verticais ou levemente curvas. Na tipologia de Armando Coelho correspondem ao tipo A1 (SILVA 1986, est. LXXXI, n.º 1-4). A sua espessura encontra uma relação de proporcionalidade com o diâmetro na ordem de 1/4. O orifício de encaixe, por norma, apresenta um perfil simétrico, e um formato cilíndrico. Apresentam uma variação de diâmetro significativa, neste caso, nas 33 peças estudas situa-se entre 29 mm e 51 mm. Da mesma forma, o peso revela uma oscilação significativa entre 4 gr. (n.º2), e 34 gr. (n.º 10). Embora se tenham apenas identificado peças elaboradas em cerâmica dos grupos A e B, é frequente serem produzidos em diferentes tipos de suportes. Identificam-se alguns exemplares modelados em cerâmica com ou sem decoração, mas a maior parte são elaborados a partir do reaproveitamento de fragmentos cerâmicos. Constituem, portanto, o formato mais elementar deste tipo de objecto, cuja forma se pode identificar desde o seu aparecimento até ao limite da sua utilização.
Do ponto de vista cronológico, as peças recolhidas em Alvarelhos encontram-se presentes nas Fases, II, IIb, III, IV e V, em número muito significativo representando 58,1 % das ocorrências.

Grupo 2 – Bicónicos (33-42)

Constitui uma forma relativamente comum encontrando-se bem representada na colecção recolhida em Alvarelhos, onde foram identificadas 10 peças que representam 18,1% do total.
O seu morfotipo define-se a partir do recorte do seu perfil que desenvolve uma secção facetada de planos divergentes, podendo ou não apresentar o alinhamento entre o plano inferior e superior simétrico, configurando, dessa forma, o tipo I ou II. A carena que demarca os dois planos apresenta perfis diferenciados, podendo ser de recorte anguloso ou mais ou menos dissimulada, ou inclusivamente, formada por uma curva. O seu formato pode oscilar entre um recorte discóidal ou bulbiforme apresentando dimensões muito distintas ao nível do diâmetro e da espessura. O remate superior de contorno do orifício de fixação pode apresentar-se em três variantes. A primeira, mais comum no formato discóidal, revela uma pequena cavidade, rebaixada em relação ao plano superior, de recorte circular a moldurar o orifício que, por norma, atendendo a que estas peças são modeladas, são centradas e apresentam um recorte simétrico ou levemente tronco-cónico (n.º 34). A segunda consiste num ligeiro ressalto que se projecta para além da face superior do cossoiro e cria um rebordo à volta do orifício (n.º 35). Por último, a terceira consiste no remate directo das paredes laterais a formar um remate angulosos com o orifício (n.º 37). Na tipologia de Armando Coelho correspondem aos tipos D2, E2 e F2, integrando todos os exemplares a variante 2, ou seja, apresentam uma cavidade na face superior, não distinguindo o autor os diferentes perfis em subtipos (SILVA 1986, est. LXXXI-LXXXII, n.º 26-43).
Entre os 10 exemplares estudados encontram-se cossoiros de dimensões muito aproximadas, balizadas entre os 24 mm (n.º 35), e os 38 mm (n.º 34). O peso oscila entre 6,2 gr. (n.º35), e 15,3 gr. (n.º 34), revelando um certa uniformidade.
Do ponto de vista cronológico, as peças recolhidas encontram-se presentes nas Fases II, IIb, III, IV e V, e encontram-se relativamente bem representadas, correspondendo a 18,1% das ocorrências. Genericamente, enquadram-se no tipo D2 (29) da tipologia proposta por Armando Coelho, encontrando-se amplamente registado nos castros do noroeste peninsular[1049]. Constitui uma forma que se desenvolve e generaliza no

[1049] Entre outros, veja-se os materiais provenientes do Castro do Padrão, Santo Tirso (MOREIRA 2007, MMAP n.º 62-64), cujo enquadramento estratigráfico remete para uma datação consistente com os materiais recolhidos em Alvarelhos. Entre outros exemplos podem encontra-se paralelos no castro de Moldes, Viana do Castelo (SILVA 1989, 102, 119, Quadro D).

início da Fase II de Alvarelhos a partir do câmbio de Era. São frequentemente decorados, distinguindo-se a temática decorativa de feição indígena, composta por motivos incisos, puncionados, impressos e estampilhados, constituídos por círculos concêntricos, SS, linhas e pontos, entre outros, nas peças datadas até meados do séc. I, para, posteriormente, se simplificarem passando a ser menos frequentes, registando-se, no entanto, o aparecimento de algumas marcas de oleiro, como, por exemplo, o cossoiro identificado no castro do Padrão, Santo Tirso, cujo grafito é composto por três elementos verticais unidos por um traço horizontal (MOREIRA 2007, 63, MMAP n.º 66).

Tipo I - Cones iguais (33-34)

Entre os exemplares classificados como bicónicos (cones iguais e cones desiguais), constitui o subtipo de menor expressão representando apenas 20% do conjunto e 3,6% do total das peças recolhidas.
Como a designação sugere, os cossoiros bicónicos de cones iguais caracterizam-se pela simetria formal do perfil da face inferior e superior. Contudo, a sua secção varia entre formas de recorte oval e bulboso de acordo com o grau de acentuação da carena que se pode apresentar angulosa ou de perfil arredondado, estilizando ou marcando o recorte. Geralmente, na face superior apresentam um pequena cavidade, rebaixada em relação ao plano superior, de recorte circular, a moldurar o orifício, que, por norma, encontra-se centrado e revela um recorte simétrico ou levemente tronco-cónico. São também frequentes as cavidades na face inferior, geralmente de diâmetro inferior.
Constituem peças de modelação cuidada representando um passo evolutivo em relação aos seus congéneres discóidais, bulbosos e cónicos.
Apenas se identificaram dois exemplares. n.º 33-34 (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 33-34). O n.º 33, datado da Fase III, é uma peça feita em pasta cerâmica que integra o grupo B, de má qualidade, de recorte muito irregular apresentando as paredes laterais e horizontais muito irregulares e fragmentadas. As faces, superior e inferior, aparentam terem sido planas, enquanto que as laterais são ligeiramente arredondadas. O orifício é bicónico e ligeiramente descentrado. Relativamente às características que influem no seu desempenho funcional será de referir que apesar do seu diâmetro mediano (33 mm), o seu peso (9,9 gr.) é manifestamente inferior à média registada no conjunto de cossoiros identificados.
O cossoiro n.º 34 (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 34) foi modelado manualmente e encontra-se fragmentado. Como é característico dos cossoiros bicónicos de faces iguais apresenta no cone inferior uma cavidade ligeiramente côncava em redor do orifício. No cone superior, onde se implanta a decoração, apresenta uma concavidade em redor do orifício menor que o da base. A decoração encontra-se inscrita na face superior e é constituída por círculos concêntricos incisos de distribuição regular. Relativamente ao peso e dimensão situa-se dentro dos parâmetros médios. Cronologicamente integra a Fase IV-V, reforçando a ideia generalizada da longa pervivência dos diferentes modelos e tipos.

Tipo II - Cones desiguais (35-42)

Entre os exemplares classificados como bicónicos (cones iguais e cones desiguais), constitui o subtipo de maior expressão representando 80% do conjunto e 14,5% do total das peças recolhidas. Como sugere a identificação do subtipo – bicónico de cones desiguais –, a sua identificação caracteriza-se por apresentar um perfil assimétrico, demarcado por uma carena implantada sobre a parede cuja localização permite identificar três variantes - carena intermédia, carena alta, carena rebaixada. A primeira variante distingue-se dos seus congéneres de cones iguais por apresentar o cone da face superior levemente recuada, desenhando um ressalto que vinca o orifício superior, que, por sua vez, apresenta um pequena cavidade, rebaixada em relação ao plano superior do cossoiro, de recorte circular, a moldurar o orifício, que, por regra,

é centrado e simétrico. A variante de carena alta configura um perfil tronco-cónico invertido, cuja carena de perfil arredondado atenua a diferença de dimensão e inclinação existente entre a face inferior e superior. Por norma, apresenta o cone superior substancialmente cavado, recuado e de perfil curvo, com orifício central centrado de perfil cónico. Por último, a variante de carena rebaixada configura um recorte de perfil tronco-cónico, com a face inferior aplanada. O cone da face superior é levemente estrangulado, desenhando um ressalto que vinca o orifício superior. Este apresenta um pequena cavidade, rebaixada em relação ao plano superior, de recorte circular, a moldurar o orifício, que, por regra, é centrado e simétrico.
Constituem peças de modelação cuidada, de recorte simétrico e bom acabamento, geralmente composto por um polimento intenso.
Os nossos exemplares n.º 35-42 (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 35-42) encontram-se elaborados em pasta cerâmica pertencente ao grupo A (4 exemplares) e grupo B (2 exemplares), tendo sido todos eles modelados manualmente, com excepção do cossoiro n.º 42 que terá sido elaborado em molde.
Morfologicamente constituem um grupo bastante uniforme desenvolvendo um diâmetro compreendido entre 24 mm e 35 mm e um peso na ordem das 6 a 7 gr., com excepção dos exemplares n.º 37 e 40 que excedem significativamente a média ultrapassando as 10 gr.
Do ponto de vista cronológico enquadram a Fase II (n.º 35, 36, 37), a Fase IIb (n.º 40) e a Fase III (n.º 38, 39). Entre eles destaca-se o exemplar n.º 42 pelo facto de apresentar uma decoração inscrita na face superior composta por triângulos contínuos elaborados a partir do círculo que define a concavidade superior desenvolvendo-se até à carena que delimita os dois planos. A moldurar as linhas incisas pela face exterior possui uma linha formada por pontos.

Grupo 3 - Cónicos (43-48)

Constitui uma forma medianamente comum da qual se identificaram 6 exemplares que representam 10,9% do total das peças. Caracterizam-se pelo ser formato cónico, cujo perfil pode ser mais ou menos marcado. O fundo geralmente é plano, ou, em certos casos, levemente plano-convexo. As paredes laterais apresentam diferentes graus de inclinação em função da altura, largura do fundo e da face superior. Não constitui um regra a existência de uma cavidade a moldurar o orifício superior, sendo, no entanto, comum a face inferior ser completamente plana, pelo que o orifício de fixação, por norma, apresenta um recorte cilíndrico. Formam um grupo pouco uniforme onde se identificam peças de modelação muito cuidada a exemplares de modelação rudimentar, frequentemente assimétricos e desequilibrados. Em função do recorte do perfil, designadamente do grau de inclinação das paredes, em face dos exemplares recolhidos é possível identificar três variantes – longilíneos, simétricos e rebaixados. Na tipologia de Armando Coelho são classificados como C2 (SILVA 1986, est. LXXXI, n.º 18-24).
Identificaram-se 6 exemplares, n.º 43-48 (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 43-48). Constituem um grupo uniforme quanto ao fabrico cuja pasta integra o Grupo A (43, 45, 48), e o Grupo B (n.º 44, 46, 47). O facto de se encontrarem fragmentados não facilita a sua caracterização morfológica, sendo, no entanto, visíveis dois grupos distintos em função do diâmetro e do peso, em que o primeiro integra exemplares com diâmetro na ordem dos 25 mm e 6 gr. de peso, e o segundo com diâmetro de 35/40 mm e um peso na ordem de 10-12 gr.
Cronologicamente distribuem-se pela Fase II (n.º 43), Fase III (n.º 44, 46,47,48) e Fase IV-V (n.º 45).

Grupo 4 - Esféricos (49)

Constituem uma ocorrência pontual, registando-se apenas a presença de um exemplar que representa 1,8% do total das peças recolhidas. Geralmente, constituem modelações cuidadas, configurado peças simétricas com acabamento cuidado. O orifício central, por norma, centrado e de perfil cilíndrico, pode apresentar uma

cavidade na face superior, curta e pouco profunda a moldurar orifício de fixação. Correspondem ao tipo G1 e G2 da tipologia de Armando Coelho (SILVA 1986, est. XXXI, 44-56). O nosso exemplar, n.º 49 (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 49), está modelado em pasta do Grupo B, apresentado um orifício regular, bem centrado e simétrico. O acabamento é cuidado com polimento generalizado, apresentando, no entanto, alguma irregularidade. Cronologicamente enquadra-se na Fase IV.

Grupo 5 - Cilíndricos (50-53)

Constituem uma forma pouco abundante, registando-se apenas a presença de quatro exemplares que representam 7,2% do total das peças recolhidas. Caracterizam-se pelo seu formato bem proporcionado no qual o diâmetro corresponde a cerca 2/3 da altura, sendo frequente nos exemplares elaborados a partir do reaproveitamento de fragmentos de cerâmica que sejam talhados aproveitando as duas superfícies, pelo que a escolha da cerâmica privilegiava fragmentos de espessura considerável, como se verifica nas ânforas e nos fragmentos de talhas de média e grande dimensão. Nos exemplares recolhidos constata-se que três dos quatro exemplares foram elaborados a partir de fragmentos de cerâmica (2 em cerâmica comum e 2 em fragmentos de ânfora), e apenas um modelado, pelo que constituem um grupo relativamente heterogéneo, uma vez que o suporte em que foram talhados condiciona o pormenor da forma e do acabamento.
Todavia, apresentam uma dimensão relativamente homogénea que se situa entre os 25 e 32 mm, assim como o peso que oscila entre as 10,2 e os 15,3 gr. A sua cronologia abrange a Fase III e IV-V

Grupo 6 - Líticos (54-55)

Apenas se identificaram dois exemplares cujo suporte é xisto negro. O talhe em ambos os casos é de qualidade mediana. O seu formato enquadra-se no tipo discóidal. Cronologicamente integram a Fase IIb (n.º 54), e a Fase IV-V (n.º 55).

Pastas

Grupo A | Cerâmica tipo indígena - Pasta depurada e bem calibrada, de cozedura homogénea, com amplo reportório cromático desde o cinza ao castanho-escuro nas cozeduras redutoras e tonalidades mais claras entre o bege, rosado e o amarelo para as cozeduras mais oxidantes. Os elementos não-plásticos são constituídos essencialmente por mica, quartzo e feldspato com clara prevalência da mica, em alguns casos intencionalmente integrada como elemento decorativo. Os acabamentos são díspares encontrando-se exemplares de tratamento cuidado com espatulamento e polimento intenso, assim como peças menos cuidadas ao nível da modelação e tratamento da superfície com polimento deficiente. As decorações, relativamente frequentes apresentam as soluções técnicas e o reportório característico da última fase da cultura castreja, no qual se assiste a uma maior intensidade e riqueza temática.

Grupo B | Cerâmica comum romana - Pasta compacta, dura e bem depurada, de cozedura homogénea, que variam entre o bege, ocre e o laranja com zonas acinzentadas resultantes da acção do fogo. Nos elementos não-plásticos destaca-se o quartzo, bem calibrado e de pequeno tamanho, distribuído de forma uniforme e em pouca quantidade que surge na forma de branco opaco, cinzento e branco translúcido. Contém também feldspato, mica e nódulos ferrosos de pequena dimensão. O acabamento é efectuado através de espatulamento e polimento, em alguns casos muito intenso que provoca que as partículas mais pequenas aflorem à superfície sugerindo terem sido cobertas por uma aguada.

Grupo B* | Ânfora - Através da análise macroscópica da composição das pastas, poder-se-á dizer que o conjunto forma um grupo homogéneo com ligeiras diferenças ao nível dos constituintes dos elementos não-plásticos da pasta, ao nível da sua natureza, densidade e distribuição. Genericamente, a pasta é de grau de compactação média/elevada, com abundantes elementos não-plásticos, constituídos essencialmente por quartzos (branco-opaco, cinzento e branco-translúcido) de diâmetro que oscila entre os 4 e os 8 mm. A superfície é, na maioria das vezes, rugosa e encontra-se coberta por um engobe de cor creme acinzentado, espesso e muito aderente, que não cobre os grãos de quartzo que constituem o elemento não-plástico predominante. As cozeduras não são uniformes revelando um cerne de tonalidade alaranjada ou rosáceo em comparação com as superfícies exteriores mais escuras de cor bege-acinzentado.

Grupos C | lítico - Apenas se identificaram exemplares em xisto.

Cossoiros

N.º Inventário	Proveniência	Tipo	Material	Peso	Decoração	Obs.	Estampa	
1. Alv. 86 A2, lg. 107	corte est. 2, camada 3 / Fase III	grupo 1	cerâmica / grupo - A		11,6 gr.	----	orifício irregular	-----
2. Alv. 86 A2, lg. 173	corte est. 2, camada 3 / Fase III	grupo 1	cerâmica / grupo - A		4 gr.	---	orifício regular	-----
3. Alv. 86 A2, lg. 424	corte est. 2, camada 2 / Fase III	grupo 1	cerâmica / grupo - A		7 gr.	----	orifício regular	-----
4. Alv. 92 A, op. 53	corte est. 13, camada 3 / Fase II	grupo 1	cerâmica / grupo - A		28,3 gr.	----	orifício regular	est. CCXXXIX, n.º 4
5. Alv. 92 A, lg. 4085	corte est. 14, camada 2 / Fase II	grupo 1	cerâmica / grupo - B*		8,3 gr.	----	orifício inacabado	----
6. Alv. 92 A, lg. 5491	corte est. 14, camada 4 / Fase II	grupo 1	cerâmica / grupo - A		8,4 gr.	----	orifício regular	----
7. Alv. 92 A, lg. 4085	corte est. 14, camada 4 / Fase II	grupo 1	cerâmica / grupo - B		8,3 gr.	----	orifício inacabado	----
8. Alv. 93 A, op. 204	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	grupo 1	cerâmica / grupo - A		6,5 gr.	----	orifício regular	----
9. Alv. 93 A, lg. 2109	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	grupo 1	cerâmica / grupo - A		9,2 gr.	----	orifício regular	est. CCXXXIX, n.º 5
10. Alv. 94 A, op. 158	corte est. 9, camada 3 / Fase IV	grupo 1	cerâmica / grupo - B		34,4 gr.	----	orifício bicónico	----
11. Alv. 94 A, op. 227	corte est. 9, camada 6 / Fase III	grupo 1	cerâmica / grupo - A		11,3 gr.	----	orifício regular	----
12. Alv. 94 A,, lg. 2506	corte est. 4, camada 1 / Fase IV	grupo 1	cerâmica grupo - B		10,4 gr.	----	orifício regular	----
13. Alv. 94 A, lg. 6447	corte est. 9, camada 3 / Fase III	grupo 1	cerâmica / grupo - A		8,4 gr.	----	orifício inacabado	----
14. Alv. 94 A, lg.7214	corte est. 4, camada 3 / Fase III	grupo 1	cerâmica / grupo - A		4,9 gr.	----	orifício regular	----
15. Alv. 94 A, lg.7669	corte est. 5, camada 3 / Fase III	grupo 1	cerâmica / grupo - B		6,3 gr.	----	orifício inacabado	----
16. Alv. 94 A, lg. 7749	corte est. 9, camada 4 / Fase III	grupo 1	cerâmica / grupo - B		14,6 gr.	----	orifício cónico	----
17. Alv. 94 A, lg. 8372	corte est. 9, camada 4 / Fase III	grupo 1	cerâmica / grupo - A		3,3 gr.	----	orifício irregular	----
18. Alv. 94 A, lg. 12062	corte est. 4, camada 4 / Fase III	grupo 1	cerâmica / grupo - B		8,2 gr.	----	orifício regular	----
19. Alv. 94 A, lg. 12500	corte est. 9, camada 1 / Fase IV	grupo 1	cerâmica / grupo - A		5,7 gr.	----	orifício regular	----
20. Alv. 94 A, , lg. 12764	corte est. 4, camada 3 / Fase III	grupo 1	cerâmica / grupo - B		11,1 gr.	----	orifício bicónico	----
21. Alv. 95 B, A4, op. 450	corte est. 2, camada 1 / Fase IIb	grupo 1	cerâmica / grupo - A		25,5 gr.	----	orifício bicónico	----
22. Alv. 95 B, A4, op. 179	corte est. 2, camada 2 / Fase III	grupo 1	cerâmica / grupo B *		8,0 gr.	----	orifício cónico	----
23. Alv. 95 B, A4, op. 183	corte est. 2, camada 2 / Fase IIb	grupo 1	cerâmica / grupo B		7,8 gr.	----	orifício cónico	----
24. Alv. 95 B, A4, lg. 7523	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	grupo 1	cerâmica / grupo B		8,6 gr.	----	orifício regular	----
25. Alv. 96 B, op. 38	corte est. 1, camada 1 / Fase III	grupo 1	cerâmica / grupo A		5,8 gr.	----	orifício regular	----
26. Alv. 96 B, A3, op. 219a	corte est. 1, camada 0 / Fase III	grupo 1	cerâmica / grupo A		18,3 gr.	----	orifício inacabado	est. CCXXXIX, n.º 26
27. Alv. 96 B, A3, op. 266	corte est. 1, camada 2 / Fase IIb	grupo 1	cerâmica / grupo B*		13,5 gr.	----	orifício regular	est. CCXXXIX, n.º 27
28. Alv. 96 B, A3, op. 304	corte est. 1, camada 1b / Fase IIb	grupo 1	cerâmica / grupo B*		6,5 gr.	----	orifício regular	----
29. Alv. 96 B, A3, op. 335	corte est. 1, camada 1b / Fase IIb	grupo 1	cerâmica / grupo A		18,3 gr.	----	orifício regular	est. CCXXXIX, n.º 29
30. Alv. 97 B3, A1, op. 98	corte est. 6, camada 2 / Fase IV-V	grupo 1	cerâmica / grupo B		15,1 gr.	----	orifício regular	est. CCXXXIX, n.º 30
31. Alv. 97 B3, A1, op. 294	corte est. 5, camada 1 / Fase IV-V	grupo 1	cerâmica / grupo A		10,6 gr.	----	orifício regular	----
32. Alv. 97 B3, A1, op. 349	corte est. 5, camada 2 / Fase IV-V	grupo 1	cerâmica / grupo A		12, 0 gr.	----	orifício regular	----
33. Alv. 86 A2, lg. 425	corte est. 2, camada 2 / Fase III	grupo 2, tipo I	cerâmica / grupo B		9,9 gr.	----	orifício bicónico	----
34. Alv. 95 B, op. 26	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	grupo 2, tipo I	cerâmica / grupo B		15,3 gr.	círculos concêntricos	orifício regular	est. CCXXXIX, n.º 34
35. Alv. 94 A, op. 215	corte est. 4, camada 4 / Fase II	grupo 2, tipo II	cerâmica / grupo B		6,2 gr.	círculos concêntricos	orifício regular	est. CCXXXIX, n.º 35
36. Alv. 94 A, op. 217	corte est. 9, camada 3b / Fase IV-V	grupo 2, tipo II	cerâmica / grupo A		9,1 gr.	----	orifício regular	----
37. Alv. 94 A, lg. 9846	corte est. 4, camada 4 / Fase II	grupo 2, tipo II	cerâmica / grupo A		10,0 gr.	----	orifício regular	est. CCXXXIX, n.º 37
38. Alv. 96 B, op. 136b	corte est. 1, camada 1 / Fase III	grupo 2, tipo II	cerâmica / grupo A		6,3 gr.	----	orifício regular	----

39. Alv. 96 B, op. 136	corte est.1, camada 0 / Fase III	grupo 2, tipo II	cerâmica / grupo A	6,3 gr.	----	orifício regula	est. CCXXXIX, n.º 39
40. Alv. 96 B, A3, op. 272	corte est. 1, camada 1b / Fase IIb	grupo 2, tipo II	cerâmica / grupo A	16,2 gr.	----	orifício assimétrico	----
41. Alv. 96 B, op. 136a	corte est. 1, camada 1 / Fase III	grupo 2, tipo II	cerâmica / grupo A	6,3 gr.	----	orifício regular	----
42. Alv. 97 B3, op. 356	achado de superfície	grupo 2, tipo II	cerâmica / grupo A	8,9 gr.	pontos incisos (SS)	orifício regular	est. CCXXXIX, n.º 42
43. Alv. 92 A, Ig. 1593	corte est. 14, camada 4 / Fase II	grupo 3	cerâmica / grupo A	5,2 gr.	----	orifício regular	est. CCXXXIX, n.º 43
44. Alv. 94 A, Ig. 5929	corte est. 5, camada 2 / Fase III	grupo 3	cerâmica / grupo B	11,2 gr.	----	orifício cónico	----
45. Alv. 94 A, Ig. 6446	corte est. 9, camada 2 / Fase IV	grupo 3	cerâmica / grupo A	5,0 gr.	----	orifício regular	----
46. Alv. 94 A, Ig. 7540	corte est. 5, camada 2 / Fase III	grupo 3	cerâmica / grupo B	10,8 gr.	----	orifício regular	----
47. Alv. 96 B, A3, op.58	corte est. 1, camada 0 / Fase III	grupo 3	cerâmica 7 grupo B	6,4 gr.	----	orifício regular	est. CCXXXIX, n.º 47
48. Alv. 96 B, A3, op. 138	corte est. 1, camada 1 / Fase III	grupo 3	cerâmica / grupo A	11,7 gr.	----	orifício regular	est. CCXXXIX, n.º 48
49. Alv. 94 A, op. 32	corte. est. 9, camada 0 / Fase IV	grupo 4	cerâmica / grupo B	4,0 gr.	----	orifício bicónico	----
50. Alv. 93 A, op. 221	corte est. 7, camada 3 / Fase IV-V	grupo 5	cerâmica / grupo B	15,3 gr.	----	orifício bicónico	----
51. Alv. 96 B, A3, op. 182	corte est. 1, camada 0 / Fase III	grupo 5	cerâmica / grupo B *	6,3 gr.	----	orifício bicónico	----
52. Alv. 97 B6, A1, op. 362	corte est. 7, camada 0 / Fase ?	grupo 5	cerâmica / grupo B *	10,9 gr.	----	orifício regular	----
53. Alv. 86 A2, Ig. 43	corte est. 2, camada 1 / Fase III	grupo 5	cerâmica / grupo B *	10,2 gr.	----	orifício regular	est. CCXXXIX, n.º 53
54. Alv. 96 B, A3, op. 334	corte est. 1, camada 1b / Fase IIb	Indeterminado	lítico / xisto	5,5 gr.	----	orifício cónico	----
55. Alv. 97 B3, A1, Ig. 4894	corte est. 4, camada 1 / Fase IV-V	indeterminado	lítico / xisto		----	orifício cónico	----

Catálogo

Grupo 1 – Discóidais (1-32)

1. Alv. 86 A2, Ig. 107 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta Grupo A.
Paredes laterais arredondadas. As paredes horizontais, apesar de planas, denotam uma ligeira curvatura e variação de espessura resultante do reaproveitamento de desperdício de cerâmica. As faces laterais estão um pouco irregulares enquanto as horizontais são muito irregulares devido ao facto de terem sido feitas a partir de um fragmento de cerâmica. Orifício regular apesar de apresentar algum desgaste nas suas extremidades (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 31 mm; Altura máxima 9 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 11,6 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 3.

2. Alv. 86 A2, Ig. 173 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta Grupo A.
Paredes laterais arredondadas irregulares e fragmentadas. As paredes horizontais são planas apresentando-se uma delas polida, que corresponde à face externa da peça original de cerâmica a partir do qual foi elaborado. Orifício regular apesar de apresentar algum desgaste nas suas extremidades (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 27 mm; Altura máxima 8 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 4 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 3.

3. Alv. 86 A2, Ig. 424 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta Grupo A.
Paredes laterais ligeiramente arredondadas e irregulares. As faces horizontais são planas apesar de apresentarem uma ligeira curvatura e variação de espessura. Elaborado a partir de reaproveitamento de um fragmento de cerâmica em que uma das faces se encontra polida, sendo a interna mais rugosa, apresentando, no entanto algum desgaste na sua extremidade. Orifício regular (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 27 mm; Altura máxima 9 mm; Diâmetro do orifício 5 mm; Peso 7 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

4. Alv. 92 A, op. 53 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta Grupo A.
Paredes horizontais planas e as verticais ligeiramente arredondadas. As horizontais denotam uma ligeira curvatura distinguindo-se o interior do exterior da peça original. Ambas se encontram polidas, enquanto as laterais estão irregulares, rugosas e fragmentadas. Orifício regular, com desgaste na face interior das suas extremidades (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 4).
Dim. - Diâmetro máximo 45 mm; Altura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício 7 mm; Peso 28,3 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Estrutura 5*, Corte estratigráfico 13, camada 3.

5. Alv. 92 A, Ig. 4085 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta Grupo B*.
Fragmento de cossoiro com as paredes laterais e horizontais planas. As faces apresentam uma ligeira curvatura e variação de espessura. Elaborado a partir de um fragmento de cerâmica (ânfora), distinguindo-se a face exterior da peça de origem. Ambas se encontram alisadas, apesar de alguma rugosidade, enquanto que as laterais se encontram polidas. A fractura permitir perceber que o orifício não foi efectuado até perfurar a peça (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 35 mm; Altura máxima 10 mm; Diâmetro do orifício ?; Peso 8,3 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Estrutura 7*, corte estratigráfico 14, camada 2.

6. Alv. 92 A, Ig. 5491 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta grupo A.
Paredes verticais planas, muito irregulares. As faces denotam uma ligeira curvatura. Faces alisadas apresentando as paredes verticais um polimento mediano. O orifício regular está fragmentado em redor da extremidade da parede exterior, enquanto que a interior se encontra desgastada (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 33 mm; Altura máxima 6 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 8,4 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Estrutura 7*, corte estratigráfico 14, camada 4.

7. Alv. 92 A, Ig. 4085 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta grupo B.
Fragmento de cossoiro com paredes laterais e horizontais planas. As faces apresentam uma ligeira curvatura e variação de espessura, pelo facto de ter sido elaborado a partir de um fragemento de cerâmica. As faces encontram-se alisadas, apesar de ligeiras irregularidades, enquanto que as laterais se encontram polidas. O orifício não foi efectuado até ao fim (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 35 mm; Altura máxima 10 mm; Diâmetro do orifício ?; Peso 8,3 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Estrutura 7*, corte estratigráfico 14, camada 4.

8. Alv. 93 A, op. 204 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta Grupo A.
Paredes laterais verticais e polidas apesar de algo irregulares e ligeiramente fragmentadas. As faces encontram-se alisadas, com curvatura bem acentuada e espessura variável. Elaborado a partir de um fragmento cerâmico. Orifício regular, desgastado nas extremidades (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 31 mm; Altura máxima 7 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 6,5 gr.

Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 7, camada 3.

9. Alv. 93 A, Ig. 2109 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta Grupo A.
As paredes laterais são verticais e polidas. As faces são planas mas denotam uma ligeira curvatura. Elaborado a partir de fragmento cerâmico. A face superior tem decoração formada por círculos concêntricos. Orifício regular, simétrico (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 9).
Dim. - Diâmetro máximo 32 mm; Altura máxima 8 mm; Diâmetro do orifício 5 mm; Peso 9,2 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

10. Alv. 94 A, op. 158 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta Grupo B.
Paredes laterais polidas e arredondadas com alguma irregularidade. A base, apesar de alisada, está muito irregular. Orifício bicónico.
Dim. - Diâmetro máximo 43 mm; Altura máxima 16 mm; Diâmetro do orifício 7mm; Peso 33, 4 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 3.

11. Alv. 94 A, op. 227 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, pasta grupo A
Faces horizontais planas e alisadas com variação de espessura. As paredes laterais são verticais e irregulares e ligeiramente polidas. Orifício regular (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 32 mm; Altura máxima 10 mm; Diâmetro do orifício 6 mm; Peso 11,3 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 6.

12. Alv. 94 A, Ig. 2506 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, pasta Grupo B.
Fragmento de cossoiro muito irregular com faces e paredes laterais polidas. As primeiras são aplanadas e as segundas ligeiramente arredondadas. Orifício regular (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 45 mm; Altura máxima 12 mm; Diâmetro do orifício ?; Peso 10,4 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. III, corte estratigráfico 4, camada 1.

13. Alv. 94 A, Ig. 6447 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta Grupo A.
Faces planas com ligeira curvatura e superficialmente alisadas. Elaborado a partir de um fragmento de cerâmica. Paredes laterais muito irregulares e ligeiramente polidas (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 29 mm; Altura máxima 10 mm; Diâmetro do orifício 3 mm; Peso 8,4 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. III, corte estratigráfico 9, camada 3.

14. Alv. 94 A, M18, 02, 7214 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta Grupo B.
Fragmento de cossoiro com as paredes laterais verticais polidas. As faces são planas com ligeira curvatura. Elaborado a partir de fragmento cerâmico. Orifício regular (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 37 mm; Altura máxima 6 mm; Diâmetro do orifício ?; Peso 4,9 gr.
Prov. - Área Habitacional sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. exterior, corte estratigráfico 4, camada 3.

15. Alv. 94 A, Ig. 7669 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta grupo 4.
Faces planas com ligeira curvatura. Elaborado a partir de fragmento cerâmico. Na face inferior, correspondente à face interior da peça original, é possível ainda observar as estrias concêntricas da sua modelação. Paredes laterais ligeiramente polidas embora irregulares. Orifício não concluído (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 32 mm; Altura máxima 6 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 6,3 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. Exterior, corte estratigráfico 5, camada 3.

16. Alv. 94 A, Ig. 7749 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta grupo B.
Cossoiro elaborado a partir de fragmento de cerâmica. Faces planas com ligeira curvatura. A face inferior está fragmentada em duas zonas. A face superior está ligeiramente achatada e rugosa. As paredes laterais estão arredondadas e polidas. Orifício cónico (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 37 mm; Altura máxima 10 mm; Diâmetro do orifício 6 mm; Peso 14,6 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã,* Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 4.

17. Alv. 94 A, Ig. 8372 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta Grupo A.
Fragmento de cossoiro com paredes laterais polidas, apesar de irregulares. As faces são planas sendo a superior alisada enquanto que a inferior está muito rugosa. Orifício muito irregular (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 27 mm; Altura máxima 5 mm; Diâmetro do orifício 3 mm; Peso 3,3 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã,* Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 4.

18. Alv. 94 A, Ig. 12062 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, pasta Grupo B.
Fragmento de cerâmica elaborado a partir de um fragmento de cerâmica com as faces planas e ligeiramente curvas. A face superior está ligeiramente fragmentada. As paredes laterais são verticais, irregulares e polidas (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 37 mm; Altura máxima 12 mm; Diâmetro do orifício ?; Peso 8,2 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã,* Ap. III, corte estratigráfico 4, camada 4.

19. Alv. 94 A, Ig. 12500 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, pasta Grupo A,
Cossoiro elaborado a partir de um fragmento de cerâmica, paredes laterais verticais e polidas. As faces são planas com variação de espessura, encontrando-se incipientemente alisadas. Orifício regular denotando um maior grau de desgaste na parte superior (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 27 mm; Altura máxima 7 mm; Diâmetro do orifício 3 mm; Peso 5,7 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã,* Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 1.

20. Alv. 94 A, Ig. 12764 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta grupo B.
Cossoiro realizado a partir de um fragmento de cerâmica. Paredes laterais muito irregulares e ligeiramente polidas. As faces são planas, apesar de possuírem uma ligeira curvatura e variação de espessura. Estão incipientemente alisadas sendo visíveis as estrias da modelação da peça original. Orifício bicónico (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 41 mm; Altura máxima 9 mm; Diâmetro do orifício 6 mm; Peso 11,1 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã,* Ap. Exterior, corte estratigráfico 4, camada 3.

21. Alv. 95 B, A4, D5, 01, op. 450 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta grupo A.
Cossoiro elaborado a partir de um fragmento de cerâmica. Faces planas e alisadas, com ligeira curvatura e variação de espessura. Paredes laterais verticais e polidas. Orifício bicónico (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 43 mm; Altura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício 9 mm; Peso 25,5 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça,* corte estratigráfico 2, camada 1.

22. Alv. 95 B, A4, op. 179 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta B*.
Fragmento de cossoiro com paredes laterais verticais e polidas. As faces horizontais são planas com uma ligeira curvatura e alguma irregularidade. Alisamento superficial. Orifício cónico (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 44 mm; Altura máxima 10 mm; Diâmetro do orifício ?; Peso 8,0 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 2, camada 2.

23. Alv. 95 B, A4, op. 183 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta Grupo B.
Cossoiro elaborado a partir de um fragmento de cerâmica com paredes laterais verticais e polidas. Asfaces são planas e alisadas. Orifício cónico (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 28 mm; Altura máxima 9 mm; Diâmetro do orifício 6 mm; Peso 7,8 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 2, camada 2.

24. Alv. 95 B, A4, Ig. 7523 - Cossoiro pertencente ao Grupo 1, pasta Grupo B.
Fragmento de cossoiro elaborado a partir de um fragmento de cerâmica. Paredes laterais verticais e polidas. Paredes horizontais planas e alisadas. Orifício regular (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 51 mm; Altura máxima 7 mm; Diâmetro do orifício ?; Peso 8,6 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. III, corte estratigráfico 1, camada 1.

25. Alv. 96 B, op. 38 - Cossoiro pertencente ao Grupo 1, Pasta Grupo A. Cossoiro elaborado a partir de um fragmento de cerâmica. Paredes laterais verticais e polidas. As faces são planas e alisadas. Orifício regular.
Dim. - Diâmetro máximo 31 mm; Altura máxima 8 mm; Diâmetro do orifício 5 mm; Peso 5,8 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 1.

26. Alv. 96 B, A3, op. 219 - Cossoiro pertencente ao Grupo 1, Pasta grupo A. Cossoiro elaborado a partir de um fragmento de cerâmica. Paredes laterais verticais e polidas, apesar de irregulares. Faces planas com ligeira curvatura e alisamento, apesar de uma certa rugosidade. O orifício é regular, ligeiramente descentrado. Na face superior, encontram-se vestígios de um outro orifício que não foi terminado (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 26).
Dim. - Diâmetro máximo 44 mm; Altura máxima 9 mm; Diâmetro do orifício 6 mm; Peso 18,3 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 0.

27. Alv. 96 B, A3, op. 266 - Cossoiro cerâmico pertencente ao Grupo 1, Pasta grupo B*.
Elaborado a partir de um fragmento de cerâmica. Paredes laterais verticais e polidas mas muito irregulares e ligeiramente fragmentadas. As faces são planas com ligeira curvatura. Embora irregulares denotam um certo polimento. Orifício regular (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 34 mm; Altura máxima 12 mm; Diâmetro do orifício 5 mm; Peso 13,5 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase II b, *Praça,* corte estratigráfico 1, camada 2.

28. Alv. 96 B, A3, op. 304 - Cossoiro pertencente ao Grupo 1, Pasta grupo B*.
Fragmento de cossoiro com paredes laterais ligeiramente arredondadas e polidas. As faces são planas e alisadas. O orifício é regular mas encontra-se ligeiramente transversal ao eixo do cossoiro (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 36 mm; Altura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício ?; Peso 6,5 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 1b.

29. Alv. 96 B, A3, op. 335 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta grupo A.
Cossoiro elabora a partir de um fragmento de cerâmica com paredes laterais arredondadas e polidas. As faces são planas com ligeira curvatura e variação de espessura. Orifício regular (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 29).
Dim. - Diâmetro máximo 40 mm; Altura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício 5 mm; Peso 18,3 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 1b.

30. Alv. 97 B3, A1, op. 98 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 1, Pasta grupo B.
Cossoiro elaborado a partir de um fragmento cerâmico. Paredes laterais arredondadas e polidas. As faces são planas e alisadas com ligeira curvatura e variação de espessura. Orifício regular (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 30).
Dim. - Diâmetro máximo 34 mm; Altura máxima 10 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 15,1 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Ap. VIII, corte estratigráfico 6, camada 2.

31. Alv. 97 B3, A1, op. 294 - Cossoiro pertencente ao Grupo 1, Pasta grupo A.
Cossoiro muito irregular e ligeiramente fragmentado em determinadas zonas. Paredes laterais arredondadas e polidas. As faces seriam planas e alisadas, apesar de se apresentarem muito rugosas. Orifício regular (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 32 mm; Altura máxima 10 mm; Diâmetro do orifício 5 mm; Peso 10,6 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal,* Ap. XIV, corte estratigráfico 5, camada 1.

32. Alv. 97 B3, A1, op. 349 - Cossoiro pertencente ao Grupo 1, Pasta Grupo A. Peça elaborada a partir de um fragmento cerâmico. Faces planas e alisadas apesar de uma ligeira curvatura e variação de espessura. Orifício regular (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 32 mm; Altura máxima 10 mm; Diâmetro do orifício 5 mm; Peso 12,0 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho,* Fase IV-V, Ap. II, corte estratigráfico 5, camada 2.

Grupo 2 - Bicónicos; *Tipo I* - Cones iguais (33-34)

33. Alv. 86 A2, Ig. 425 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Pasta Grupo B.
Faces laterias e horizontais muito irregulares e fragmentadas. As horizontais aparentam terem sido planas, enquanto que as laterais são ligeiramente arredondadas. O orifício é bicónico e ligeiramente descentrado (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 33 mm; Altura máxima 9 mm; Diâmetro do orifício 5 mm; Peso 9,9 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 2.

34. Alv. 95 B, op. 26 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo I, Pasta grupo B.
Fragmento de cossoiro modelado manualmente com cone inferior com cavidade ligeiramente côncava em redor do orifício. No cone superior, onde se encontra a decoração, cujos motivos são círculos concêntricos incisos, tem uma concavidade em redor do orifício menor que o da base. Orifício regular (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 34).
Dim. - Diâmetro máximo 38 mm; Altura máxima 12 mm; Diâmetro do orifício 6 mm; Peso 15,3 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 1.

Grupo II. *Tipo II* - Cones desiguais (35-42)

35. Alv. 94 A, op. 215 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta Grupo B.
Cone inferior com ligeira cavidade côncava em redor do orifício, conferindo-lhe uma superfície de assentamento estável. A parte superior é cónica, sendo interrompido pelo orifício. No seu todo apresenta uma série de círculos concêntricos. Está alisado, apesar de ligeiras irregularidades. Orifício regular (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 35).
Dim. - Diâmetro máximo 24 mm; Altura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 6,2 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. III (para a Fase IV-V), corte estratigráfico 4, camada 4.

36. Alv. 94 A, op. 217 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta Grupo A.
Fragmento de cossoiro em mau estado de conservação. Cone superior com cavidade côncava em redor do orifício. Cone inferior achatado ligeiramente convexo. Modelado manualmente. Orifício regular (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 31 mm; Altura máxima 18 mm; Diâmetro do orifício ?; Peso 9,1 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II (para a Fase IV-V), corte estratigráfico 9, camada 3b.

37. Alv. 94 A, Ig. 9846 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 2, tipo II, Pasta Grupo A.
Fragmento de cossoiro modelado manualmente com cone inferior. Base arredondada, interrompida por uma cavidade côncava em redor do orifício. A face superior é cónica, igualmente interrompida pelo orifício. Encontra-se alisado apesar de algumas irregularidades. Orifício cónico (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 37).
Dim. - Diâmetro máximo 32 mm; Altura máxima 16 mm; Diâmetro do orifício 8 mm; Peso 10,0 gr.

Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Domus da Lucerna Cristã* – ext., corte estratigráfico 4, camada 4.

38. Alv. 96 B, op. 136 - Cossoiro pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta Grupo A.
Cossoiro com base achatada e convexa. A face superior é cónica, sendo interrompida por um concavidade em redor do orifício. As paredes do cone encontram-se irregulares e são assimétricas. O orifício encontra-se descentrado.
Dim. - Diâmetro máximo 25 mm; Altura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 6,3 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça,* corte estratigráfico 1, camada 1.

39. Alv. 96 B, op. 136 - Cossoiro pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta Grupo A.
Cossoiro com base achatada e convexa. A parte superior é cónica, interrompida por um concavidade em redor do orifício. As paredes do cone encontram-se irregulares e assimétricas. O orifício encontra-se descentrado (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 39).
Dim. - Diâmetro máximo 25 mm; Altura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 6,3 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça,* corte estratigráfico 1, camada 1.

40. Alv. 96 B, A3, op. 272 - Cossoiro pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta Grupo A.
Cossoiro modelado com cone inferior achatado. A parte superior é cónica, interrompida por uma concavidade em redor do orifício. Polimento integral. Orifício assimétrico (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 31 mm; Altura máxima 17 mm; Diâmetro do orifício 7 mm; Peso 16,2 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, Praça - ext., corte estratigráfico 1, camada 1b.

41. Alv. 96 B, op. 136 - Cossoiro pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta Grupo A.
Cossoiro com base achatada e convexa. A parte superior é cónica, interrompida por um concavidade em redor do orifício. As paredes do cone encontram-se irregulares e assimétricas. O orifício encontra-se descentrado (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 25 mm; Altura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 6,3 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 1.

42. Alv. 97 B3, A1, op. 356 - Cossoiro de cerâmica pertencente ao Grupo 2, Tipo II, Pasta Grupo B. Cossoiro modelado com cone inferior achatado decorado com traços incisos, convergentes para o orifício. O diâmetro máximo é marcado por um círculo inciso. A parte superior é cónica, apresentando uma saliência que define a concavidade em redor do orifício. A decoração é composta por pontos incisos que formam SS. Em baixo tem um conjunto de pontos paralelos às linhas. Orifício regular (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 42).
Dim. - Diâmetro máximo 27 mm; Altura máxima 15 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 8,9 gr.
Prov. - Achado de superfície.

Grupo 3 Cónicos (43-48)

43. Alv. 92 A, Ig. 1593 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 3, Tipo 1, Pasta Grupo A.
Fragmento de cossoiro modelado manualmente. Possui no cone inferior uma cavidade côncava em redor do orifício que lhe confere uma maior estabilidade. Ao invés, o cone superior é mais cónico sendo interrompido pelo orifício. No seu todo este fragmento está muito alisado. O orifício é regular (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 43).
Dim. - Diâmetro máximo 24 mm; Altura máxima 12 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 5,2 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Estrutura 7*, corte estratigráfico 14, camada 4.

44. Alv. 94 A, Ig. 5929 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 3, Pasta Grupo B.
Fragmento de cossoiro modelado manualmente. Face inferior achatada e convexa, sendo a superior cónica. No seu todo está polido apesar de algumas irregularidades. O orifício é cónico e está ligeiramente descentrado do eixo da peça (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 37 mm; Altura máxima 17 mm; Diâmetro do orifício ?; Peso 11,2 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Colher de Prata* – ext., corte estratigráfico 5, camada 2.

45. Alv. 94 A, Ig. 6446 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 3, Pasta grupo A.
Fragmento de cossoiro modelado manualmente. Base plana apesar de alguma irregularidade. Faces planas e ligeiramente obliquas. Na parte superior tem uma cavidade côncava em redor do orifício. Orifício regular (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 28 mm; Altura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício ?; Peso 5,0 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 2.

46. Alv. 94 A, Ig. 7540 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 3, Pasta Grupo B.
Fragmento de cossoiro modelado manualmente. Base côncava e alisada. A face cónica é achatada e alisada. Orifício regular (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 41 mm; Altura máxima 14 mm; Diâmetro do orifício ?; Peso 10,8 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Colher de Prata* - ext., corte estratigráfico 5, camada 2.

47. Alv. 96 B, A3, op. 58 - Cossoiro pertencente ao Grupo 3, Pasta grupo B. Fragmento de cossoiro modelado manualmente. Base plana ligeiramente côncava. A parte superior é achatada e convexa. Orifício regular (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 47).

Dim. - Diâmetro máximo 26 mm; Altura máxima 10 mm; Diâmetro do orifício 5 mm; Peso 6,4 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça* - ext. corte estratigráfico 1, camada 0.

48. Alv. 96 B, A3, op. 138 - Cossoiro pertencente ao Grupo 3, Pasta Grupo A. Fragmento de cossoiro modelado manualmente. Base plana com ligeira concavidade. A face superior é cónica, com uma concavidade em redor do orifício. Alisamento integral. Orifício regular (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 48).
Dim. - Diâmetro máximo 40 mm; Altura máxima 15 mm; Diâmetro do orifício?; Peso 11,7 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 1.

Grupo 4 - Esféricos (49)

49. Alv. 94 A, op. 32 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 4, Pasta grupo B.
Fragmento de cossoiro modelado manualmente. Está integralmente polido, apresentando, no entanto, alguma irregularidade. Orifício regular, bem centrado e simétrico (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 25 mm; Altura máxima 17 mm; Diâmetro do orifício?; Peso 4,0 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna Cristã,* Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 0.

Grupo 5 - Cilíndricos (50-53)

50. Alv. 93 A, op. 221 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao grupo 5, Pasta Grupo B.
Paredes laterais e faces polidas com algumas irregularidades. Elaborado a partir de um fragmento cerâmico com diferenciação clara das faces na peça original. Paredes horizontais com ligeira curvatura e variação de espessura, salientando-se que a base está um pouco irregular e menos alisada do que a superior. Orifício bicónico, bem centrado (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 31 mm; Altura máxima 19 mm; Diâmetro do orifício 5 mm; Peso 15,3 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 7, camada 3.

51. Alv. 96 B, A3, op. 182 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 5, Pasta Grupo B*. Fragmento de cossoiro com paredes laterais verticais e polidas. As faces horizontais são planas e estão alisadas, apesar do estado de degradação da cerâmica. O orifício é bicónico, bem centrado (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 29 mm; Altura máxima 12 mm; Diâmetro do orifício ?; Peso 6,3 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase III, *Decumanus*, corte estratigráfico 1, camada 0.

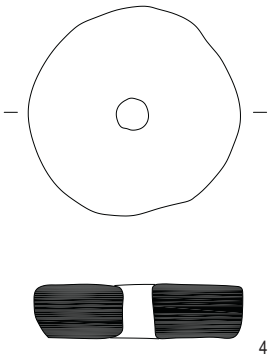
52. Alv. 97 B6, A1, op. 362 - Cossoiro pertencente ao Grupo 5, Pasta Grupo B*. Cossoiro elaborado a partir de um fragmento de cerâmica. Paredes laterais verticais e polidas, fraccionado numa das faces. Faces horizontais são planas e alisadas com ligeira curvatura e variação de espessura. Orifício regular (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 32 mm; Altura máxima 13 mm; Diâmetro do orifício 6 mm; Peso 10,9 gr.
Prov. - Espaço religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Praça*, Fase ?, corte estratigráfico 7, camada 0.

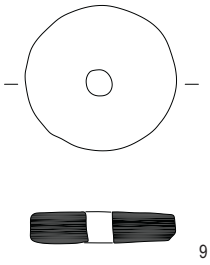
53. Alv. 86 A2, Ig. 43 - Cossoiro em cerâmica pertencente ao Grupo 5, Pasta Grupo B.
Cossoiro com as paredes laterais ligeiramente arredondadas. Orifício regular apesar de nas extremidades denotar algum desgaste (vol. II, est. CCXXXIX, n.º 53).
Dim. - Diâmetro máximo 25 mm; Altura máxima 14 mm; Diâmetro do orifício 4 mm; Peso 10,2 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, *Domus do Grafito*, Ap. I, Fase III, corte estratigráfico 2, camada 1.

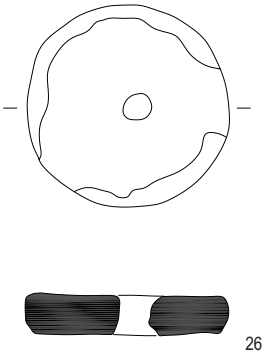
Grupo 6 - Líticos (54-55)

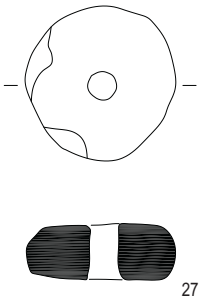
54. Alv. 96 B, A3, op. 334 - Cossoiro pertencente a Grupo indeterminado, lítico. Fragmento de cossoiro em xisto com faces planas com ligeira curvatura. Paredes verticais muito irregulares. Orifício cónico (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 32 mm; Altura máxima 5 mm; Diâmetro do orifício ?; Peso 5,5 gr.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 1b.

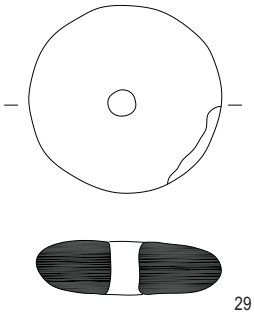
55. Alv. 97 B3, A1, Ig. 4894 - Cossoiro pertencente Grupo indeterminado, Lítico. Cossoiro em xisto com orifício cónico. Paredes laterais muito irregulares e fragmentadas (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 28 mm; Altura máxima 11 mm; Diâmetro do orifício ?; Peso 11,0 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal*, Pátio I, corte estratigráfico 4, camada 1.

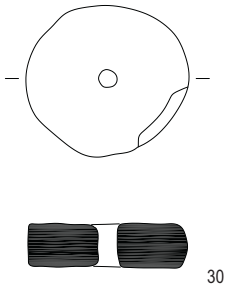

4

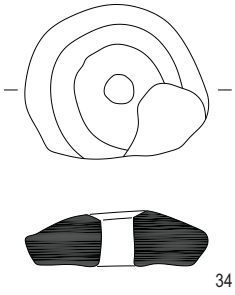

9

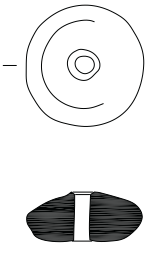

26

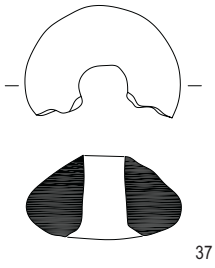

27

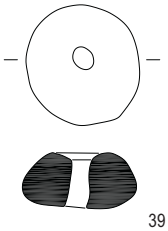

29

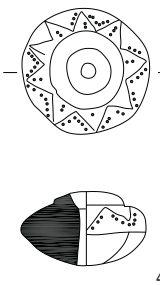

30

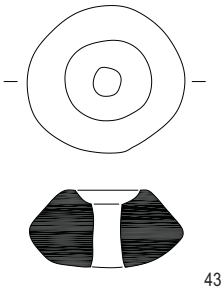

34

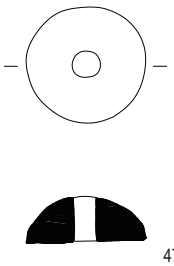

35

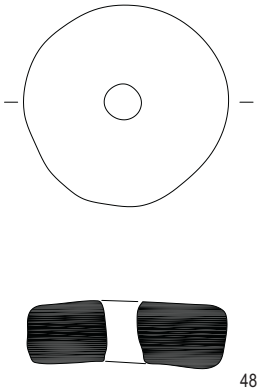

37

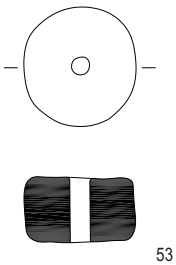

39


42


43


47


48


53

6.1.23. Peças de jogo

Estudo tipológico e enquadramento crono-estratigráfico

As peças de jogo – *calculi* –, constituem uma ocorrência muito frequente nos locais que registaram ocupação ao longo do período de domínio romano, desde os grandes núcleos urbanos do noroeste peninsular como *Lucus Augusti, Asturica Augusta* e *Bracara Augusta*, aos acampamentos militares, castros romanizados ou núcleos de menor expressão como sejam os *vici ou villae*, documentando a conhecida apetência e paixão pelo jogo da sociedade romana.
Entre os inúmeros jogos de tabuleiro (*tabula lusoria*), que necessitavam de peças ou fichas de jogo, conta-se o jogo das doze linhas (*duodecim scripta* ou *ludus XII scriptorum*), o jogo do soldado *(ludus latrunculum*), o jogo do moinho (*parva tabella lapillis*), o jogo de Arquimedes (*loculus archimedius*), e o jogo Delta (*ludus delta*) (PONTE 1999, 153).

Apesar da sua relativa abundância, as peças de jogos raramente mereceram a atenção dos investigadores que, de forma geral, as mencionam de forma marginal, sem detalhe e critérios de diferenciação tipológica e cronológica, sendo apenas valorizados em caso de constituírem suporte de um tipo de informação complementar, designadamente grafitos, como se verifica em recente trabalho publicado que aborda o estudo da autarcia da capital do convento bracaraugustano (MORAIS 2005, 93, est. X-XI, 21)[1050]. Todavia, a historiografia arqueológica portuguesa mais recente regista alguns trabalhos de carácter monográfico que merecem referência, nomeadamente o realizado sobre os jogos de Conímbriga (ALARCÃO; PONTE 1979, 180, pl. XLIX, n.º 206-217[1051]; PONTE 1986, 131-141).

As peças de jogo compreendiam dados, peões, astrálagos e tesseras. Estas adquirem feitios muito variados podendo encontra-se exemplares de formato esférico, hemisférico, discóidal e plano-convexo. O suporte em que eram elaboradas é também muito diversificado sendo frequentes os exemplares em pasta vítrea[1052], em cerâmica, metal, osso e em diferentes tipo de pedra, dependendo da qualidade e material em que o próprio tabuleiro fosse feito. Estes, ao longo dos tempos, foram elaborados em vários tipos de suporte dependendo da qualidade dos materiais seleccionados, reflectindo, dessa forma, o nível social e económico do seu proprietário. Entre os de maior qualidade encontram-se os de bronze, mármore, pedras semipreciosas ou madeiras nobres. Todavia, os mais abundantes e generalizados eram construídos em madeiras de baixo preço, em cerâmica e em lajes de pedra (VAQUERO 1998, 1287). Entre os materiais cerâmicos as tégulas constituíram uma das opções de maior expressão, nas quais os jogos eram gravados enquanto a pasta se encontrava ainda fresca. Entre outros locais da região conhecem-se exemplares provenientes de Conímbriga (ALARCÃO 1984, 80, est. 1; PONTE 1986, 136, fig. 3)[1053], do acampamento romano de *Aquis*

[1050] As peças de jogo em cerâmica provenientes de *Bracara Augusta*, recentemente estudadas, constituem uma pequena amostra, uma vez que apenas são apresentadas as que possuem grafitos. Foram elaboradas em fabricos idênticos ao de material de construção (MORAIS 2005, est. X, 1) ou, de forma mais abundante, recortadas a partir de fragmentos de cerâmica de vasos comuns (MORAIS 2005, est. X, n.º 2-8,est. XI, n.º 9-14), e em *cerâmica comum de engobe vermelho não vitrificável* (MORAIS 2005, est. XII, n.º 15-21; 2006 40, est. X-XV, n.º 1-14).

[1051] Todas as peças de jogo publicadas constituem exemplares produzidos a partir do aproveitamento de fragmentos cerâmicos, cuja cronologia se desenvolve desde horizontes estratigráficos datados do reinado de Trajano ao séc. V, sem, aparentemente, se identificar uma variação morfo-tipológica significativa (ALARCÃO; PONTE 1979, 180).

[1052] Veja-se, por exemplo, as peças identificadas em Conímbriga, de formato plano-convexo, elaboradas em pasta branca-opaca, azul-ultramarino, castanho, verde-água, verde-azeitona e azul-acinzentado, datadas da construção do fórum flaviano, construção das termas trajanas, canalização das termas, reconstrução da *insula* das termas e da destruição do fórum (ALARCÃO 1976b, 210, pl. XLVI, n.º 295-297).

[1053] O tabuleiro de jogo de Conímbriga, com ambas as faces divididas em quadrados de 25 mm de lado, que numa das faces se encontram divididos a meio, formando séries de rectângulos contíguos, sugere ter-se destinado ao jogo *duodecim scripta* com dois campos rectangulares opostos divididos verticalmente por doze linhas paralelas, enquanto que a outra face, apenas quadriculada, comportaria sessenta e quatro casas para o *ludus latrunculorum* (ALARCÃO 1980, 84, est. 1).

Querquennis, Bande, Ourense (COLMENERO, 1996a, 497), e do acampamento de Rosinos de Vidriales, Zamora (VAQUERO 1998, 1289, fig. 386, 1-5).
Contam-se também inúmeros achados de tabuleiros gravados em locais púbicos em espaços de encontro e de ócio. Os suportes de pedra são também frequentes, refira-se, a título de exemplo, na área setentrional do Convento Bracaraugustano o jogo realizado sobre um pequeno bloco de granito recolhido no castro de Santa Tecla, La Guardia (GOBERNA; PINTOS 1985/1986, 137), e, já na Lusitânia, o tabuleiro realizado sobre um placa calcária identificado em Conímbriga (PONTE 1986, 136; 1999, 155-156, fig. 13-14).
Embora o contexto arqueológico habitacional e público seja o local mais frequente de recolha de peças de jogo, conhecem-se várias ocorrências em contextos funerários, como, por exemplo, os recolhidos na necrópole de Santo André, Montargil (NOLEN, DIAS; VIEGAS 1981, 114-115, 158, est. XXXIX, E7.13, E7.14), ambos efectuados a partir do reaproveitamento de fragmentos cerâmicos[1054].

De um conjunto de 21 peças de jogo recolhidas em Alvarelhos elaboramos uma subdivisão baseada na natureza do suporte e no formato que julgamos representativa da variedade tipológica identificada. Entre as recolhas contam-se apenas peças em cerâmica, em pedra e em vidro, em dois formatos – discóidais e esféricos. As peças elaboradas em pedra são significativamente maioritárias (14 uni. - 66,6%), em relação às peças cerâmicas (7 uni. - 33%). No que respeita aos tipos considerados, das sete peças de jogo em cerâmica apenas 1 exemplar pertence ao tipo II (Esféricas), enquanto que no caso das peças líticas apenas duas pertencem ao Tipo I (Discóidais) que, certamente, se relacionará com a natureza do suporte. Um exemplar não enquadra qualquer dos tipos definidos.
As peças cerâmicas, todas elas elaboradas a partir de reaproveitamento de fragmentos de cerâmica (tégulas, cerâmica comum e ânforas), agrupam-se em três grupos em função do seu diâmetro (até 30 mm, de 30 a 60 mm e superiores a 60 mm), facto que estaria relacionado com o tipo de jogo a que se destinariam[1055]. O primeiro grupo, entre as peças cerâmicas, engloba apenas um exemplar (1 uni. – 14,2%), o segundo grupo, cinco exemplares (5 uni. – 72,6%), e o último grupo um exemplar (1 uni. – 14,2%). Não se identifica qualquer exemplar decorado.
Entre os materiais líticos o primeiro grupo conta com oito exemplares (8 uni. – 57,2%), e o segundo grupo com seis exemplares (6 uni. – 42,8%).
Quanto à sua distribuição cronológica verificam-se três ocorrências na Fase II, nove ocorrências na Fase III, oito ocorrências na Fase IV-V, e uma peça cujo enquadramento não é possível concretizar. A sua distribuição generalizada pela área intervencionada não permite identificar qualquer concentração digna de revelo de forma a sugerir uma recolha associada a um determinado tipo de jogo, assim como identificar espaços relacionados à acomodação deste tipo de objectos ou especialmente vocacionados para a sua prática.

Cerâmicos

Tipo I - Discóidais (1- 6, 8-9)

Caracterizam-se pelo seu formato discóidal, podendo apresentar uma secção plana ou ligeiramente convexa, em caso de se tratar de peças elaboradas a partir do reaproveitamento de fragmentos cerâmicos,

[1054] As autoras sugerem uma cronologia para a necrópole balizada entre o período Flávio, mais especificamente entre o último terço do séc. I e o primeiro quartel do séc. II (NOLEN; DIAS; VIEGAS 1981, 127). Concretamente, a sepultura E7, na qual foram identificadas as peças de jogo, a cronologia proposta corresponde à segunda metade do séc. I, inícios do séc. II.
[1055] Para a além dos jogos de tabuleiro utilizados por adultos, será de considerar que uma parte significativa destas peças de jogo se destinariam a jogos infantis como o *par – impar,* do botão ou das pedrinhas, atendendo a que as crianças romanas praticavam o tipo de jogos (azar, físicos e dramáticos) que até há pouco tempo ainda se jogavam (ALARCÃO 1980, 84).

faces laterais verticais com arestas erosionadas. A secção varia em função do diâmetro verificando-se uma certa proporcionalidade entre o diâmetro e a espessura, numa relação de 1 para 4. No presente caso, em que todas as peças são elaboradas a partir de reaproveitamento de cerâmica o acabamento corresponde ao do suporte de base. Constituem um tipo bem representado com 8 exemplares que corresponde a 38% da totalidade das peças identificadas. Apresentam uma dimensão que permite criar três grupos. O primeiro compreende peças cujo diâmetro se inclui entre os 39 e 49 mm, n.º 2, 4-6 (vol. II, est. CCXL2, 4-6), a que equivale um peso intermédio de 22 e 35 gr. O segundo inclui peças cujo diâmetro se localiza entre 49 e 59 mm (n.º 3), com um peso na ordem dos 59 gr. e, por último, um grupo de peças de grandes dimensões que, seguramente, não se destinariam a jogos de tabuleiro mas sim a jogos de carácter infantil ou de arremesso, como é o caso da peça n.º 1 (vol. II, est. CCXL, n.º 1), cujo diâmetro de 82 mm e o peso de 185 gr. se encontraria mais conforme com esse fim. A sua distribuição cronológica faz-se desde a Fase II (n.º 4), à Fase III (n.º 3, 5-6, 8), e Fase IV-V (n.º 2), sem que as características morfológicas evidenciem aspectos distintivos dignos de nota[1056].

Tipo II - Esféricos (7)

Caracterizam-se pelo seu formato esférico ou subesférico[1057]. Apenas se identifica um exemplar em cerâmica – n.º 7 (vol. II, est. CCXL, n.º 7) –, que foi elaborado a partir do reaproveitamento de um fragmento cerâmico, cuja pasta se apresenta compacta, e dura, de depuração levada com cozedura homogénea, de coloração bege. Os elementos não-plásticos são compostos por quartzo, bem calibrado e de pequeno tamanho, distribuído de forma uniforme e em pouca quantidade, surgindo na forma de branco-opaco, cinzento e branco-translúcido. Contém também alguns feldspatos, micas e esparsos nódulos ferrosos de pequena dimensão. O acabamento é efectuado através de espatulamento e polimento. Integra a Fase III.

[1056] Para além dos materiais aqui mencionadas refira-se duas outras peças provenientes de Alvarelhos já estudadas que, de certa forma, ilustram a uniformidade deste tipo de peças - MMAP n.º 187. Peça de jogo / Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º – ALV. 92 A (H27.02), 5367. Material – Cerâmica. Pasta compacta de estrutura laminar com cozedura uniforme. Elementos não-plásticos pouco abundantes, compostos essencialmente por mica. Superfície superior alisada com polimento deficiente de tonalidade escura (cor-P49). Superfície interna igualmente irregular (cor-P53). Descrição – Peça elaborada a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Formato discóidal, irregular, ligeiramente convexo. Espessura irregular. Faces laterais de perfil convexo com arestas irregulares
Classificação e cronologia Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV-V. Dimensões – Diâmetro máximo 32 mm; Espessura máxima 9 mm; Peso 9.9 gr.; MMAP n.º 195. Peça de jogo / Proveniência – Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º - ALV. 96 B, (A6.01), op. 132. Material - Cerâmica. Pasta compacta e dura com cozedura homogénea. Elementos não-plásticos compostos por quartzo, feldspato e, em maior quantidade, mica. Superfície superior alisada e medianamente polida, de tonalidade clara, com abundantes partículas de mica à superfície (cor - P20). Superfície interior sem polimento revelando estrias de torno (cor-N45). Descrição - Peça elaborada a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Forma discóidal de recorte assimétrico. Secção plano-convexa. Faces laterais de perfil recto com arestas arredondadas. Classificação e cronologia - Tipo … / Castro de Alvarelhos - Fase IV-V. Dimensões - Diâmetro máximo 38 mm; Espessura máxima 8 mm; Peso 14 gr. (MOREIRA 2007, 98-99).

[1057] Apenas se recolheram dois exemplares que, claramente, poderão integrar um novo subtipo com a designação de subesféricos que por motivos de ordem metodológica não se incluem no presente estudo, mas que poderão servir como referência da diversidade tipológica deste tipo de peças - MMAP n.º 189. Peça de jogo / Proveniência - Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º - ALV. 92 A, 545. Material – Cerâmica. Pasta friável, pouco compacta, com elementos não-plásticos compostos por mica e feldspato de pequeno calibre. Superfície irregular, medianamente polida, de tonalidade clara (cor-L50). Descrição - Peça elaborada a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Forma bulbiforme de recorte irregular, assimétrica, com face anterior plana. Classificação e cronologia - Tipo … / Castro de Alvarelhos - Fase IV-V. Dimensões - Diâmetro máximo 26 mm; Espessura máxima 20 mm; Peso 10.0 gr.. MMAP n.º 190. Peça de jogo / Proveniência - Castro de Alvarelhos, Alvarelhos / N.º Inv.º - ALV. 96 B, op. 09. Material - Cerâmica. Pasta compacta com cozedura homogénea. Elementos não-plásticos compostos por quartzo, mica, cerâmica moída e nódulos ferrosos. Superfície regularizada, pouco polida, de tonalidade clara (cor-M35). Descrição - Peça elaborada a partir do aproveitamento de um fragmento cerâmico. Forma esférica de recorte irregular, assimétrica, com a face anterior ligeiramente regularizada. Classificação e cronologia - Tipo … / Castro de Alvarelhos – Fase IV-V. Dimensões - Diâmetro máximo 26 mm; Espessura máxima 20 mm; Peso 12.7 gr.. (MOREIRA 2007, 98).

Líticos

Tipo I - Discóidais (8-9)

Identificam-se dois exemplares do tipo I, n.º 8-9 (vol. II, est. CCXL, n.º 8-9). À semelhança dos seus congéneres em cerâmica, modelados ou elaborados a partir do reaproveitamento de fragmentos de cerâmica, revelam alguma irregularidade no seu tratamento, designadamente no recorte das faces laterais e no recorte dos planos, superior e inferior. O n.º 8 é elaborado em granito de grão fino da região e apresenta um polimento muito acentuado. A peça n.º 9 é elaborada em quartzito, de tonalidade castanha, encontrando-se muito polido e bem recortado. O seu enquadramento crono-estratigráfico posiciona-se na Fase IV-V.

Tipo II - Esféricos (10-20)

As peças do tipo II, n.º 10-20 (vol. II, est. CCXL, n.º 10-20), são elaborados a partir de materiais líticos, nomeadamente granito (n.º 10-15, 17-18, 20-21), e quartzito (n.º 16, 19), sendo estes últimos constituídos pelo aproveitamento de pequenos seixos rolados. A sua dimensão e peso permitem estabelecer dois grupos distintos. O primeiro, mais numeroso, compreende peças cujo diâmetro se baliza entre os 15 e os 30 cm, ao qual corresponde um peso que oscila entre 4,5 gr. e 44 gr. (n.º 7, 11, 14-17, 19-21). O segundo compreende peças cujo diâmetro oscila entre 30 e 45 mm de diâmetro e um peso entre 33 gr. e 48 gr., (n.º 8-10, 12-13 e 18). A dimensão estará seguramente relacionada com a função que desempenhariam no respectivo jogo. O seu enquadramento crono-estratigráfico compreende uma ampla cronologia que integra as Fase II, IIb, III e IV, não sendo possível associar qualquer eventual diferenciação tipológica com uma cronologia específica.

Tipo III - Indeterminados (21)

Identifica-se apenas uma peça de jogo que não se integra nos diferentes tipos considerados, n.º 21 (vol. II, est. CCXL, n.º 21). Trata-se de uma peça em granito de grão fino, de formato subelíptico, muito irregular, com uma das faces perfeitamente plana para assentamento. Encontra-se ligeiramente fractura na face superior e numa das laterais. O polimento geral é acentuado. Enquadra-se na Fase IV-V.

Vítreos (22)

Apenas identificamos um exemplar, n.º 22 (vol. II, est. CCXL, n.º 22). Peça de jogo em vidro opaco de cor verde-musgo. Vidro de boa qualidade, isento de bolhas de ar e de impurezas. Formato discóidal, com faces horizontais e planas em ambas lados, facetado nas arestas da face superior formando um hexágono.
Análise química por espectrometria de fluorescência de raio X - Vidro de silicato de chumbo, com cobre 5% e potássio 7%, cuja composição não permite integrá-la em nenhum dos grupos identificados, tratando-se, seguramente, de uma produção forânea[1058].
Ao contrário da maior parte das peças de jogo em vidro, de perfil plano-convexo e recorte circular, o nosso exemplar apresenta um formato original para o qual não encontramos qualquer paralelo na área do convento bracaraugustano. Enquadra-se na Fase IV-V[1059].

[1058] Os *calculi* elaborados em pasta vítrea tem como antecedentes as peças de jogo de pedra, osso, cerâmica, metal, etc. A sua técnica de fabrico implica a utilização de pontel, sendo frequente verificar na face anterior uma pequena cicatriz ou uma área repuxada produzida pela vara metálica (PALOMAR 2001, 403).
[1059] As peças de jogo em pasta vítrea encontram-se representadas desde o alto-império até meados do séc. V. Por exemplo, identificam-se peças datadas da segunda metade do séc. IV na necrópole norte de La Olmeda, Palencia (ABÁSOLO; CORTÉS; PÉREZ 1997, 68, fig. 48, n.º 2). De Saragoça são conhecidos 2 exemplares datados da segunda metade do séc. V (PALOMAR 2001, 402-405, fig. 122, n.º 1-2).

Entre as ocorrências de *calculi* em pasta vítrea em Portugal, contam-se, as peças identificadas em Conímbriga (ALARCÃO 1976, 209-210, 213, pl. XLVI, n.º 295-297) e no criptopórtico de *Aeminium* (Coimbra), em depósito no Museu Machado de Castro, em cor castanho-escuro, incolor, branco-leitoso, verde-esmeralda e âmbar, com datação do séc. IV (ALARCÃO 1971, 42, est. VII, n.º 21-32). Pela proximidade geográfica merece também referência uma ocorrência tardia, datada do séc. V, do castro de Santa Tecla, La Guardia (TAMUXE 1983, 98, fig. 138).

De uma forma geral os materiais recolhidos em Alvarelhos documentam a prática de jogos de tabuleiro durante um período bastante prolongado de tempo que abarca o período compreendido entre o séc. I a.C. e meados do séc. V, momento em que se regista o abandono do povoado. A distribuição generalizada dos materiais recolhidos concorre para esta constatação, permitindo afirmar que tanto em ambientes habitacionais como públicos a sua prática seria uma realidade. Lamentavelmente, as ocorrências não permitiram identificar qualquer suporte de jogo, assim como uma concentração significativa de peças que, pela sua uniformidade morfológica ou número, permitisse uma associação directa com um tipo de jogo específico.

Peças de jogo

N.º Inv.º	Proveniência	Tipo	Material	Peso	Diâmetro	Decoração	Obs.	Estampa
1. Alv. 97 B1, A2, op. 24	corte est. 6, camada 1 / Fase IV-V	tipo I - discóidal	cerâmica	184,5 gr.	82 mm	----	frag. tégula	est. CCXL, n.º 1
2. Alv. 97 B3, A1, op. 266	corte est. 5, camada 1 / Fase IV-V	tipo I – discóidal	cerâmica	31,9 gr.	47 mm	----	----	est. CCXL, n.º 2
3. Alv. 94 A, lg. 9573	corte est. 9, camada 4 / Fase III	tipo I – discóidal	cerâmica	54 gr.	59 mm	----	frag. de ânfora	est. CCXL, n.º 3
4. Alv. 86 B, lg. 659	corte est. 2, camada 4 / Fase II	tipo I – discóidal	cerâmica	35,9 gr.	48 mm	----	----	est. CCXL, n.º 4
5. Alv. 96 B, A3, lg. 4563	corte est. 1, camada 2 / Fase IIb	tipo I – discóidal	cerâmica	27,3 gr.	47 mm	----	frag. ânfora	est. CCXL, n.º 5
6. Alv. 93 A, lg. 3336	corte est. 7, camada 6 / Fase III	tipo I – discóidal	cerâmica	22,9 gr.	39 mm	----	----	est. CCXL, n.º 6
7. Alv. 94 A, lg. 3542	corte est. 5, camada 3 / Fase III	tipo II – esférico	cerâmica	14,1 gr.	24 mm	----	frag. tégula	est. CCXL, n.º 7
8. Alv. 96 B, A3, lg. 4823	corte est. 1, camada 2 / Fase III	tipo I – discóidal	lítico – granito	47,9 gr.	44 mm	----	muito polido	est. CCXL, n.º 8
9. Alv. 96 B, A3, op. 371	corte est. 1, camada 1b / Fase IIb	tipo I – discóidal	lítico – quartzo	32,9 gr.	44 mm	----	polido	est. CCXL, n.º 9
10. Alv. 98 B1, A1, op. 125	corte est. 1, camada 1 / Fase V	tipo II – esférico	lítico – granito	81,1 gr.	41 mm	----	polido	est. CCXL, n.º 10
11. Alv. 98 B1, op. 102	corte est. 3, camada 2 / Fase IV-V	tipo II – esférico	lítico – granito	43, 9 gr.	30 mm	----	superfície irregular	est. CCXL, n.º 11
12. Alv. 98 B1, A1, op. 12	corte est. 1, camada 2 / Fase IV-V	tipo II – esférico	lítico – granito	45,6 gr.	33 mm	----	superfícies aplanadas	est. CCXL, n.º 12
13. Alv. 98 B1, A1, op. 135	corte est. 1, camada 2 / Fase IV-V	tipo II – esférico	lítico – granito	40 gr.	31 mm	----	rugoso	est. CCXL, n.º 13
14. Alv. 98 B1, A1, op. 130	corte est. 1, camada 1 / Fase IV-V	tipo II – esférico	lítico – granito	19,3 gr.	25 mm	----	muito polido	est. CCXL, n.º 14
15. Alv. 98 B1, A1, op. 182	corte est. 1, camada 2 / Fase IV-V	tipo II – esférico	lítico – granito	30,2 gr.	28 mm	----	face inferior plana	est. CCXL, n.º 15
16. Alv. 98 B1, A1, op. 131	corte est. 1, camada 2 / Fase IV-V	tipo II – esférico	lítico – quartzo	14,6 gr.	23 mm	----	polido	est. CCXL, n.º 16
17. Alv. 92 A, lg. 2433	corte est. 13, camada 3 / Fase II	tipo II – esférico	lítico – granito	13,8 gr.	23 mm	----	muito polido	est. CCXL, n.º 17
18. Alv. 92 A, lg. 1705	corte est. 13, camada 3 / Fase II	tipo II – esférico	lítico – granito	38,6 gr.	36 mm	----	rugoso	est. CCXL, n.º 18
19. Alv. 95 B, A4, op. 177	corte est. 2, camada 2 / Fase IIb	tipo II – esférico	lítico – quartzo	7,2 gr.	20 mm	----	polido	est. CCXL, n.º 19
20. Alv. 96 B, A4, op. 141	corte est. 1, camada 2 / Fase IIb	tipo II – esférico	lítico – granito	4,5 gr.	17 mm	----	muito polido	est. CCXL, n.º 20
21. Alv. 98 B1, A1, op. 219	corte est. 1, camada 2 / Fase V	indeterminado	lítico – granito	21 gr.	29 mm	----	face inferior plana	est. CCXL, n.º 21
22. Alv. 97 B3, A1, op. 200	corte est. 5, camada 1 / Fase IV-V	discóidal	vidro	4,5 gr.	12 mm	----	faces planas e ploidas	est. CXCVIII, n.º 93

Catálogo

Cerâmicas

Tipo I (1-6)

1. Alv. 97 B1, A2, op. 24 - Peça de jogo de grandes dimensões elaborada a partir de um fragmento de telha, Tipo I. Superfícies planas e parede vertical muito polida. Pasta compacta e dura de cozedura homogénea. Elementos não-plásticos muito abundantes à base de quartzo e cerâmica moída. Superfície alisada, coberta por uma aguada espessa e aderente de cor bege (vol. II, est. CCXL, n.º 1).
Dim. - Diâmetro máximo 82 mm; Espessura máxima 25 mm; Peso 184,5 gr.
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Praça,* corte estratigráfico 6, camada 1

2. Alv. 97 B3, A1, op. 266 - Peça de jogo em cerâmica comum, Tipo II. As faces encontram-se no seu estado original e as paredes apenas sofreram um leve afeiçoamento, Apresenta algumas irregularidades. Pasta de depuração média com abundantes fragmentos de quartzo (vol. II, est. CCXL, n.º 2).
Dim. - Diâmetro máximo 47 mm; Espessura máxima 11 mm; Peso 31, 9 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Ap. I, corte estratigráfico 5, camada 1.

3. Alv. 94 A, Ig. 9573 - Peça de jogo em cerâmica de ânfora, Tipo II. Perfil ligeiramente curvo e acabamento incipiente. Paredes verticais medianamente polidas. Pasta de compactação média/elevada, com abundantes elementos não-plásticos, constituídos essencialmente por quartzos (branco-opaco, cinzento e branco-translúcido). A superfície é rugosa e encontra-se coberta por um engobe de cor creme acinzentado, espesso e muito aderente, mas que não cobre os grãos de quartzo. Cozedura uniforme com cerne de tonalidade rosáceo e superfícies mais escuras de cor bege-acinzentado (vol. II, est. CCXL, n.º 3).
Dim. - Diâmetro máximo 59 mm; Espessura máxima 14 mm; Peso 54 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, corte estratigráfico 9, camada 4.

4. Alv. 86 A, Ig. 022 - Peca de jogo em cerâmica comum Tipo II. Elaborada a partir de um fragmento ligeiramente curvo. Mantém as superfícies originais e possui a parede vertical muito irregular (vol. II, est. CCXL, n.º 4).
Dim. - Diâmetro máximo 48 mm; Espessura máxima 13 mm; Peso 35, 9 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudoeste, Fase II, *Domus do Grafito*, Ap .I, corte estratigráfico 2, camada 4.

5. Alv. 96 B, A3, 4563 - Peça de jogo em cerâmica de ânfora, Tipo II. Mantém as superfícies no estado original e a parede muito polida e vertical. O seu perfil é ligeiramente côncavo (vol. II, est. CCXL, n.º 5).
Dim. - Diâmetro máximo 47 mm; Espessura máxima 12 mm; Peso 27, 3 gr.
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça*, corte estratigráfico 1, camada 2.

6. Alv. 93 A, Ig. 3336 - Peça de jogo em cerâmica comum, Tipo II. Perfil plano com paredes verticais polidas. As superfícies conservam o seu estado original, revelando um polimento mais acentuado na face exterior da peça (vol. II, est. CCXL, n.º 6).
Dim. - Diâmetro máximo 39 mm; Espessura máxima 12 mm; Peso 22,9 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, corte estratigráfico 7, camada 6.

Tipo II (7)

7. Alv. 94 A, Ig. 3542 - Peça de jogo em cerâmica comum, Tipo II. Formato irregular e pouco polido. Espessura desigual. Cerâmica de tom rosáceo com abundantes elementos não-plásticos (vol. II, est. CCXL, n.º 7).
Dim. - Diâmetro máximo 24 mm; Espessura máxima 13 mm; Peso 14,1 gr.
Prov. - Área habitacional Sudeste, Fase III, *Domus da Lucerna Cristã,* Ap. Exterior corte estratigráfico 5, camada 3.

Líticos

Tipo I (8-9)

8. Alv. 96 B, A3, Ig. 4823 - Peça de jogo em granito Tipo I. Superfícies planas e bem polidas e parede vertical também bem polida (vol. II, est. CCXL, n.º 8).
Dim. - Diâmetro máximo 44 mm; Espessura máxima 15,5 mm; Peso 47, 9 gr.
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase III, *Praça,* corte estratigráfico 1, camada 2.

9. Alv. 96 B, A3, op. 371 - Peça de jogo em quartezite Tipo I. Superfícies planas e muito polidas. Parede vertical irregular e ligeiramente fracturada (vol. II, est. CCXL, n.º 9).
Dim. - Diâmetro máximo 44 mm; Espessura máxima 10 mm; Peso 32, 9 gr.

Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça* - ext., corte estratigráfico 1, camada 1b.

Tipo II (10-20)

10. Alv. 98 B1, A1, op. 125 - Peça de jogo em granito Tipo II. Superfície medianamente polida com algumas irregularidades (vol. II, est. CCXL, n.º 10).
Dim. - Diâmetro máximo 41 mm; Espessura máxima 31 mm; Peso 81,1 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. VIII, corte estratigráfico 1, camada 1.

11. Alv. 98 B1, A1, op. 102 - Peça de jogo em granito Tipo II. Superfície irregular e pouco polida (vol. II, est. CCXL, n.º 11).
Dim. - Diâmetro máximo 30 mm; Espessura máxima 29 mm; Peso 43,9 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal*, Ap. VIIII, corte estratigráfico 3, camada 2.

12. Alv. 98 B1, A1, op. 12 - Peça de jogo em granito Tipo II. Superfície muito polida com pequenas irregularidades. Denota duas superfícies ligeiramente aplanadas (n/ilustrado).
Dim. - Diâmetro máximo 33 mm; Espessura máxima 31 mm; Peso 45,6 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal,* Pátio II*,* corte estratigráfico 1, camada 2.

13. Alv. 98 B1, A1, op. 135 - Peça de jogo em granito Tipo II.
Superfície muito polida com uma irregularidade provocada por uma fractura.
Dim. - Diâmetro máximo 31 mm; Espessura máxima 29 mm; Peso 40 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, Cmplexo artesanal, Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 2.

14. Alv. 98 B1, A1, op. 130 - Peça de jogo em granito Tipo II. Recorte esférico muito regular e perfeito. Superfície muito polida e regular (vol. II, est. CCXL, n.º 14).
Dim. - Diâmetro máximo 25 mm; Espessura máxima 25 mm; Peso 19,3 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal*, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

15. Alv. 98 B1, A1, op. 182 - Peça de jogo em granito Tipo II. Recorte esférico muito regular e perfeito. Superfície polida. Uma das faces encontra-se plana para assentamento da peça (vol. II, est. CCXL, n.º 15).
Dim. - Diâmetro máximo 28 mm; Espessura máxima 29 mm; Peso 30,2 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Compexo Artesanal,* Pátio II*,* corte estratigráfico 1, camada 2.

16. Alv. 98 B1, A1, op. 131 - Peça de jogo em quartezite Tipo II. Superfície muito polida e regular (vol. II, est. CCXL, n.º 16).
Dim. - Diâmetro máximo 23 mm; Peso 14,6 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Fase* IV-V, *Complexo Artesanal*, Pátio II, corte estratigráfico 1, camada 2.

17. Alv. 92 A, Ig. 2433 - Peça de jogo em granito rosado Tipo II. Formato irregular de recorte ovalado com superfície de apoio regularizada. Superfície muito polida e uniforme (n/ilustrada).
Dim. - Diâmetro máximo 23 mm; Espessura máxima 26 mm; Peso 13,8 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Estrutura 5*, corte estratigráfico 13, camada 3.

18. Alv. 92 A, Ig. 1705 - Peça de jogo em granito Tipo II. Superfície rugosa e ligeiramente fracturada numa das faces. Na face inferior revela uma superfície aplanada para o seu assentamento (vol. II, est. CCXL, n.º 18).
Dim. - Diâmetro máximo 36 mm; Espessura máxima 31 mm; Peso 38, 6 gr.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase II, *Estrutura 5*, corte estratigráfico 13, camada 3.

19. Alv. 95 B, A4, op. 177 - Peça de jogo em quartezite Tipo II. Perfil ligeiramente ovalado com superfície muito polida e regular (vol. II, est. CCXL, n.º 19).
Dim. - Diâmetro máximo 20 mm; Espessura máxima 29 mm; Peso 7,2 gr.
Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça,* corte estratigráfico 2, camada 2.

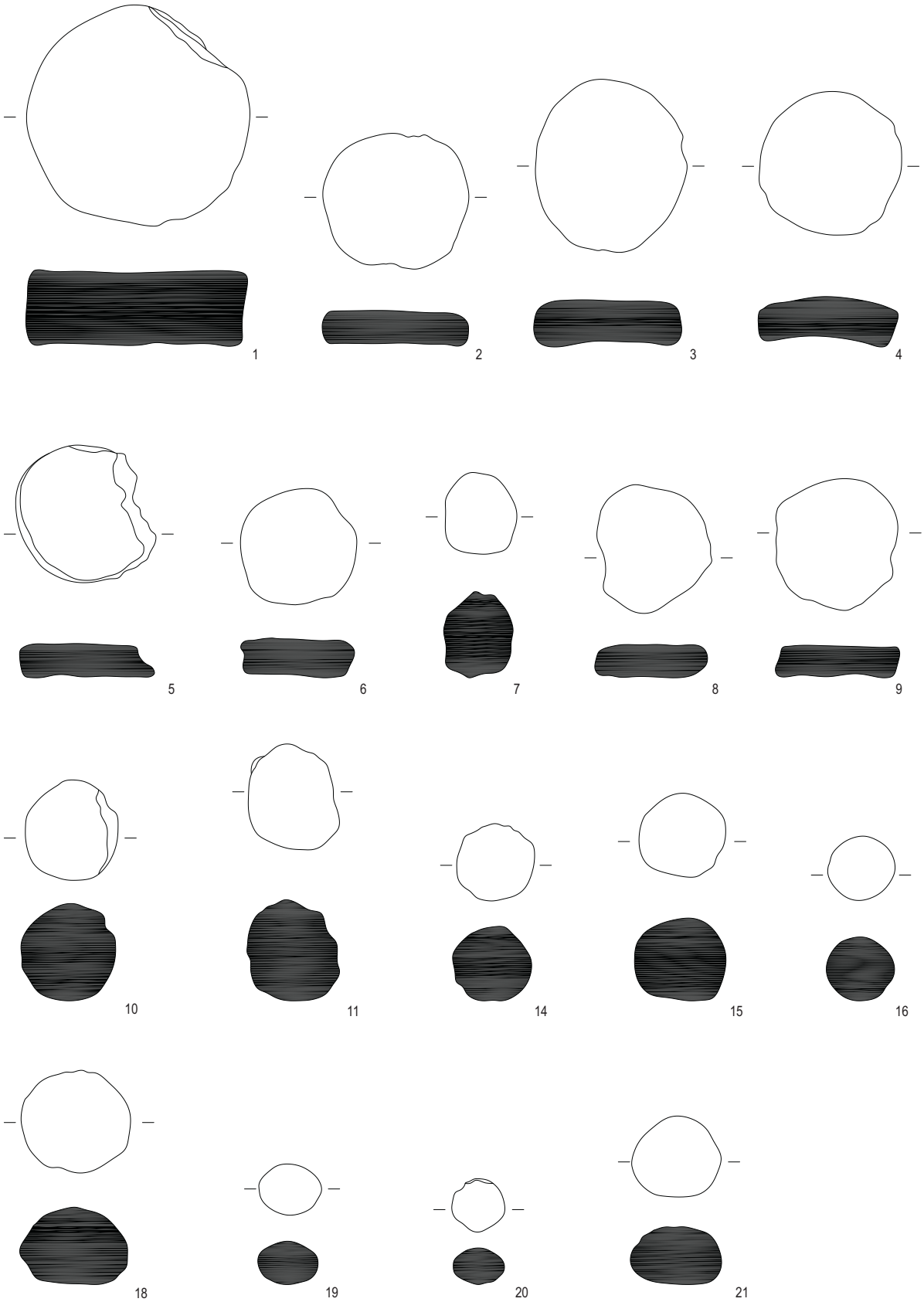
20. Alv. 96 B, A4, op. 141 - Peça de jogo em granito rosado Tipo II. Forma ligeiramente oval com superfícies muito polidas e uniformes (vol. II, est. CCXL, n.º 20).
Dim. - Diâmetro máximo 17 mm; Espessura máxima 12 mm; Peso 4,5 gr.

Prov. - Área Pública e Área Habitacional Norte, Fase IIb, *Praça,* corte estratigráfico 1, camada 2.

Indeterminados (21-22)

21. Alv. 98 B, A1, op. 219 - Peça de jogo em granito de formato muito irregular, com uma das faces perfeitamente plana para assentamento. Encontra-se ligeiramente fractura na face superior e numa das laterais. O polimento geral é acentuado (vol. II, est. CCXL, n.º 21).
Dim. - Diâmetro máximo 29 mm; Espessura máxima 31 mm; Peso 21 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase V, *Complexo Artesanal*, Ap. X, corte estratigráfico 1, camada 2.

22. Alv. 97 B3, A1, op. 200 - Peça de jogo em vidro opaco de cor verde-musgo. Vidro de boa qualidade, isento de bolhas de ar e de impurezas. Disco horizontal em ambas as faces, facetado nas arestas da face superior formando um hexágno (vol. II, est. CCXL, n.º 22; CXCVIII, n.º 93).
Análise química por espectrometria de florescência de Raio X - Vidro de silicato de chumbo, com cobre 5% e potássio 7%.
Dim. - Diâmetro máximo 12 mm; Espessura máxima 2 mm; Peso 4,5 gr.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, Fase IV-V, *Complexo Artesanal,* Ap. Pátio I, corte estratigráfico 5, camada 1.


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
14
15
16
18
19
20
21

6.1. 24. Numismática

Seriação, classificação e enquadramento crono-estratigráfico

O conjunto excepcionalmente significativo de achados numismáticos recolhidos no *aglomerado urbano secundário* de Alvarelhos, quer em contexto de escavação quer resultantes de achados fortuitos, possibilita uma panorâmica suficientemente ampla da circulação monetária na região por um largo período cronológico que, em última análise, reflecte os diferentes ritmos de crescimento e retracção económica e social verificada no convento bracaraugustano.

A elaboração do catálogo teve em consideração fundamentalmente três objectivos - fácil leitura, consulta rápida e identificação eficaz de cada exemplar incluindo-o num determinado período monetário, agrupado pelas respectivas casas de moeda. O esquema apresentado consiste numa adaptação do modelo apresentado no tesouro de Coleshill (KING 1992, 242-278). A simbologia utilizada foi a seguinte; (--) representação do lado esquerdo e direito do campo do reverso, substituídos por letras ou simbolos sempre que é o caso; (//) separação do exergo dos símbolos; (o) coroa de louros. Após a seriação dos exemplares surge a denominação da moeda (Antoninianus, Nummus, Minimus, e no caso das moedas conhecidas pelo seu módulo Æ1, Æ2, Æ3, Æ4). Segue-se a identificação do governante para indicar sob que mandato a moeda foi emitida e a legenda do reverso. As oficinas são numeradas em latim e grego consoante se trate de casas da moeda ocidentais ou orientais, respeitando a simbologia da época. As oficinas desconhecidas são assinaladas por (*?*). O catálogo internacional pelo que a moeda foi classificada surge pelas respectivas abreviaturas convencionadas (*RIC - LBRC* e *RIC X*).

Periodização

1 – Moedas Republicanas
- I. 211 / 207 a.C
  - Ib. 206 / 144 a.C
  - Ic. 143 / 125 a.C.
  - Id. 124 / 92 a.C
  - Ie. 91 / 79 a.C.
  - If. 78 / 49 a.C
  - IIa. 48 / 45 a.C.
  - IIb. 44 / 28 a.C.
  - IIIa. 27 / 2 a.C (Augutus)
  - IIIb. 2 a.C. / 14 d.C. (Augustus)

2 – Julios - Cláudios (27 a.C. / 54)

3 – Crise (54 / 69)

4 – Flávios - Antoninos (69 / 192)

5 – O século III (193 / 260)

6 – Reformas (260 / 469)

I. 260 / 294 - Início do reinado de Gallienus até à reforma monetária de Diocletianus, com a introdução do *nummus*.

II. 294 / 312/13 - Até à morte de Maximinus e fim do sistema Tetrátiquico. Redução ponderal do n*unmmus* (passa a 7,75 gr.).

III. 313 / 317 - Guerra civil e afirmação de Constantinus I. Desvalorização da moeda, com a lb. ouro = 1.500.000 denários, e o *nummus* passa a 5,25 gr.

IV. 317 / 330 - Reforma de Licinius; redução do valor facial do *nummus* constantiniano para 12,5 denários. Em 318, *nummus* com 3,4 gr. e um conteúdo de prata reduzido em 44%.
V. 330 / 335 - Redução ponderal do *nummus* (passa a 2,48 gr.). Introdução do tipo GLORIA EXERCITVS
VI. 335 / 337 - Redução ponderal do *nummus* (passa a 1,61 gr.). Até à morte de Constantinus I (337).
VII. 337 - 341 - *Nummus* com 1,64 gr.. Reinado de Constantinus II, Constantius II e Constans.
VIII. 341 / 348 - As séries VICTORIAE DD AVGG Q NN (Ocidente) e VOT/XX/MVLT/XXX (Oriente)
IX. 348 / 350 - Introdução das séries FEL TEMP REPARATIO (Fénix e Galera), em bolhão e em bronze, com 3 módulos, Æ2 (grande e pequeno), e Æ3 de 2,42 gr.. Revolta de Magnentius
X. 351 / 353/54 - Redução do Æ3. Expansão do tipo FEL TEMP REPARATIO (FH). Queda de Magnentius e desmonetização dos Æ2 (354)
XI. 354 / 356 - Æ3 FEL TEMP REPARATIO (FH) com 2,5 gr..
XII. 357 / 358 - Æ3 FELT TEMP REPARATIO (FH) com M (+- 2,1 gr.).
XIII. 358 / 361 - Introdução do Æ4. O tipo SPES REIPVBLICE (< 2 gr.).
XIV. 361 / 364 - Reinado de Julianus. Reforma de 363 (Æ3 com 2,9 gr.).
XV. 364 / 378 - Reforma de Valentinianus I, Æ3 com 2,3/4 gr.. A casa de Valentinianus I atá à morte de Valens e ascenção de Theodosius I.
XVI. 378 / 383 - Reforma monetária de Gratianus. Æ3 com 2,25 gr. e Æ4 com 1,2 gr.. Reinado de Gratianus. Valentinianus II e Thedosius I.
XVII. 383 / 395 - Morte de Gratianus. desaparecimento de Æ3, cunhagem de Æ2 de Magnus Maximus e generalização de Æ4.
XVIII. 395 / 408 - Da morte de Theodosius à morte de Arcadius. Æ4 com 0,9 gr..
XIX. *post* 408 - Invasões suévicas e vândalas de 409 até às perturbações suévicas de 465-468.
7 - Moedas Portuguesas

IMPERADORES E CECAS

Flávios / Antoninos (69 – 192) / contexto arqueológico

Cecas	Roma	Indeter.	Totais
Imperadores			
Caludius I	1		1
Traianus	_	1	1
Commudus	1		1
Totais	2	1	3

Reformas (260 – 469) / Contexto arqueológico

I. 260 / 294 – Início do reinado de Gallienus até à reforma de Diocletianus (introdução do nummus)

Cecas	Roma	Milão	Indeter.	Totais
Imperadores				
Gallienus	7	1 ?	3	11
Claudius II	1	-	1	2
Indeter.	-	-	-	-
Totais	8	1 ?	4	13

Reformas (260 – 469) / Contexto arqueológico

II. 294 - 312/13 – Até à morte de Maximinus e fim do sistema tetrátiquico. Redução ponderal do *nummus* (passa a 7, 75 gr.)

Cecas	Roma	Ticinum	Treveri	Indeter.	Totais
Imperadores					
Diocletianus	-	1	-	-	1
Maximinianus	-	1	-	1	2
Constantinus I	1	-	1	1	3
Maximinus	-	-	1	-	1
Indeter.	-	-	-	-	-
Totais	1	2	2	2	7

Reformas (260 – 469) Contexto arqueológico

III. 313 - 317 – Guerra civil e afirmação de Constantinus I

Cecas	Arles	Treveri	Indeter.	Totais
Imperadores				
Constantinus I	1	-	1	2
Licinius	-	1	-	1
Indeter.	-	-	-	-
Totais	1	1	1	3

Reformas (260 – 469) / Contexto arqueológico

IV. 317 - 330 – Reforma de Licinius

Cecas	Antioquia	Arelate	Roma	Indeter.	Totais
Imperadores					
FL Augusta	1	-	-	-	1
Constantinus I	-	1	-	-	1
Constantinus II	-	1	-	-	1
Crispus	-	-	1	-	1
Indeter.	-	-	-	-	-
Totais	1	2	1	-	4

Reformas (260 – 469) Contexto arqueológico

V. 330 - 335 – Redução ponderal do *Nummus* (passa a 2,48 gr.). Introdução do tipo GLORIA EXERCITVS

Cecas	Arelate	Lugdunum	Indeter.	Totais
Imperadores				
Constantinus I	1	-	-	1
Constantinus II	1	-	-	1
Constantinopolis	-	1	1	2
Indeter.	-	-	-	-
Totais	2	1	1	4

Reformas (260 – 469) / Contexto arqueológico

VI. 335 – 337 – Redução ponderal do Nummus (1,61 gr.) até à morte de Constantinus I

Cecas	Alexandria	Aquileia	Arelate	Roma	Indeter.	Totais
Imperadores						
Urbs Roma	1	-	-	1	-	2
Constantinus I	-	1	1	-	-	2
Constans I	-	-	1	1		2
Totais	1	1	2	2	-	6

Reformas (260 – 469) Contexto arqueológico

VII. 337 – 341 – Nummus com 1,64 gr.. Reinado de Constantinus II, Constantius II e Constans

Cecas	Nicomédia	Constantinopola	Lugdunum	Roma	Arelate	Siscia	Indeter.	Totais
Imperadores								
Constantinus II	1	-	2	-	1	-	2	6
Helena	-	1	-	-	-	-	-	1
Constans I	-	-	1	-	2	-	-	3
Theodorae	-	-	-	1	-	-	-	1
Constans II	-	-	-	-	1	-	-	1
Constantinus I	-	-	-	-	-	-	3	3
Constantius II	-	-	-	-	-	-	3	3
Indeter.	-	-	-	-	-	1	16	17
Totais	1	1	3	1	4	1	24	35

Reformas (260 – 469) / Contexto arqueológico

VIII. 341 / 348 - As séries VICTORIAE DD AUGG Q NN (Ocidente) e VOT/XXMULT/XXX (Oriente)

Cecas	Arelate	Cysicus	Nicomédia	Treveri	Lugdunul	Indeter.	Totais
Imperadores							
Constans II	2	-	-	-	1	1	4
Constantinus I	-	1	-	-	-	1	2
Constantinopolis	-	2	-	-	-	-	2
Constans I	-	-	1	1	-	4	6
Constantinus II	-	-	-	-	-	1	1
Urbs Roma	-	-	-	-	-	1	1
Indeter.	-	-	-	-	-	8	8
Totais	2	3	1	1	1	16	24

Reformas (260 – 469) / Contexto arqueológico

X. 351 / 353 / 354 - Redução do Æ3. Expansão do tipo FEL TEMP REPARATIO (FH). Queda de Magnentius e desmonetização dos Æ2 (354)

Cecas	Arelate	Cysicus	Roma	Indeter.	Totais
Imperadores					
Decentius	1	-	-	-	1
Constantinus II	-	1	-	-	1
Constantius II	-	-	1	1	2
Indeter.	-	-	-	-	-
Totais	1	1	1	1	4

Reformas (260 – 469) / Contexto arqueológico

XI. 354 / 356 - Æ3 FEL TEMP REPARATIO (FH) com 2,5 gr.

Cecas	Roma	Indeter.	Totais
Imperadores			
Constantius Gallus	1	--	1
Constantius I	--	1	1
Indeter.	-	-	-
Totais	1	1	2

Reformas (260 – 469) / Contexto arqueológico

XIII. 358 / 361 – Introdução do Æ4. O tipo SPES REIPUBLICE (< 2 gr.)

Cecas	Arelate	Indeter.	Totais
Imperadores			
Constantius II	---	5	5
Constantius I	--	2	2
Indeter.	1	8	9
Totais	1	15	16

Reformas (260 – 469) / Contexto arqueológico

XIV. 361 / 364 – (Reinado de Julianus. Reforma de 363 (Æ3 com 2,9 gr.))

Cecas	Indeter.	Totais
Imperadores		
Iulianus	1	1
Indeter.	---	
Totais	1	1

Reformas (260 – 469) / Contexto arqueológico

XV.364 / 378 – Reforma de Valentianus I, Æ3 com 2,3/2,4 gr.. A casa de Valentenianus I até à morte de Valens e ascensão de Theodosius I

Cecas	Roma	Indeter.	Totais
Imperadores			
Valens	1	-	1
Gratianus	-	1	1
Indeter.	-	-	-
Totais	1	1	2

Reformas (260 – 469) / Contexto arqueológico

XVI. 378 / 383 – Reforma monetária de Gratianus. Æ3 com 2,25 gr. E Æ4 com 1,2 gr. Reinado de Gratianus. Valentinianus II e Theodosius I.

Cecas	Indeter.	Totais
Imperadores		
Gratianus	1	1
Theodosius	1	1
Indeter.	1	1
Totais	3	3

Reformas (260 – 469) / Contexto arqueológico

XVII. 384 / 395 – Morte de Gratianus. Desaparecimento do Æ3, cunhagens de Æ2 de Magnus Maximus e generalização do Æ4.

Cecas	Indeter.	Totais
Imperadores		
Indeter.	1	1
Totais	1	1

Reformas (260 – 469) / Contexto arqueológico

XVIII. 395 / 408 – Da morte de Theodosius à morte de Arcadius. Æ4 com 0,9 gr.

Cecas	Indeter.	Totais
Imperadores		
Arcadius	1	1
Indeter.	-	-
Totais	1	1

Moedas avulsas provenientes de contexto arqueológico

Reformas (260 – 469) Repartição percentual por autoridade cunhadora

Autoridade cunhadora	n.º de moedas	Percentagem
Gallienus	11	8,7%
Claudius II	2	1,5
Constantius I	3	2.3%
Diocletianus	1	0.8%
Maximinianus	2	1,5%
Constantinus I	14	11,1%
Maximinus	1	0.8%
Licinius I	1	0.8%
FL Augusta	1	0.8%
Crispus	1	0.8%
Theodora	1	0.8%
Helena	1	0.8%
Constantinus II	10	7,9%
Constans I	11	8,7%
Constantius II	10	7,9%
Constans II	5	3,9%
Urbs Roma	3	2,3%
Constantinopolis	4	3,1%
Decentius	1	0.8%
Constantius Gallus	1	0.8%
Iulianus	1	0.8%
Valens	1	0.8%
Gratianus	2	1,6%
Theodosius	1	0,8%
Arcadius	1	0,8%
Indeterminadas	36	28,5%
Total	126	100%

Moedas avulsas provenientes de contexto arqueológico
Reformas (260 – 469) - Repartição por Cecas

Períodos	Roma	Milão	Ticinum	Treveri	Arelate	Antioqiua	Lugdunum	Alexandria	Aquileia	Nicomédia	Constantinopola	Siscia	Cysicus	indeter.	Total	%
I. 260 / 294	8 (61,5%)	1?(7,6%)	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	4 (30,7%)	13 (10.3%)
II. 294 / 312 – 13	1 (14,2%)	---	2 (28,5%)	2 (28,5%)	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	2 (28,5%)	7 (5,5%)
III. 313 / 317	---	---	---	1 (33,3%)	1 (33,3%)	---	---	---	---	---	---	---	---	---	1 (33,3%)	3 (2.3%)
IV. 317 / 330	1 (25%)	---	---	---	2 (50%)	1 (25%)	---	---	---	---	---	---	---	---	---	4 (3.1%)
V. 330 / 335	---	---	---	---	2 (50%)	---	1 (25%)	---	---	---	---	---	---	---	1 (25%)	4 (3.1%)
VI. 335 / 337	2 (33,3%)	----	---	---	2 (33,3%)	---	---	1 (16,6%)	1 (16,6%)	---	---	---	---	---	---	6 (4.7%)
VII. 337 / 341	1 (2,8%)	---	---	---	4 (11,4%)	---	3 (8,5%)	---	---	1 (2,8%)	1 (2,8%)	---	1 (2,8%)	---	24 (68,5%)	35 (27.7%)
VIII. 341/348	---	---	---	1(4,16%)	2 (8,3%)	---	1 (4,1%)	---	----	1 (4,1%))	---	---	---	3 (12,5%)	16 (66,6%)	24 (19.0%)
IX. 348 / 350	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	0 (0%)
X. 351 / 353 - 54	1 (25%)	---	---	---	1 (25%)	---	---	---	---	---	---	---	---	1 (25%)	1 (25%)	4 (3.1%)
XI. 354 / 356	1 (50%)	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	1 (50%)	2 (1.5%)
XII. 357 / 358	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---	0 (0%)
XIII. 358 / 361	---	---	---	---	1 (6,2%)	---	---	---	---	---	---	---	---	---	15 (93,7%)	16 (12.6%)
XIV. 361 / 364	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	1 (100%)	1 (0.7%)
XV. 364 / 378	1 (50%)	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	1 (50%)	2 (1.5%)
XVI. 378 / 383	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	3 (100%)	3 (2.3%)
XVII. 383 / 395	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	1 (100%)	1 (0.7%)
XVIII. 395 / 408	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	1 (100%)	1 (0.7%)
XIX. *post* 498	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	0 (0%)
Total	16	1	2	4	15	1	5	1	1	2	1	0	1	4	72	126 (100%)
Representação percentual	(12.6%)	(0.7%)	(1.5%)	(3.1%)	(11.9%)	(0.7%)	(3.9%)	(0.7%)	(0.7%)	(1.5%)	(0.7%)	(0%)	(0.7%)	(3.1%)	(57.1%)	100%

Tesouro - Tesouro monetário composto por cerca de 1500 moedas exumado no decurso da campanha de 1992, na *Área habitacional Sudeste, Domus do Tesouro, Ap. II, Fase V, camada 4* - camada de incêndio, por cima do piso em associação com outros materiais. As moedas encontravam-se todas juntas, muitas delas ligadas entre si pelos óxidos de corrosão tomando a forma do seu contentor que, pela análise de fibras aderidas às moedas indicam que seria de couro. O tesouro poderia eventualmente encontrar-se escondido na parte superior de uma das paredes ou mesmo no telhado, caindo sobre o com o desabamento do telhado provocado pelo incêndio. O estudo aqui apresentado é composto por uma amostra de cerca de 40% da totalidade do tesouro, mais precisamente por 612 moedas.

Reformas (260 – 469) / Tesouro
I. 260 - 294 – Início do reinado de Gallienus até à reforma de Diocletianus (introdução do nummus)

Cecas / Imperadores	Roma	Indeter.	Totais
Divo Cladius	1	-	1
Gallienus	-	1	1
Indeter.	-	-	-
Totais	1	1	2

Reformas (260 – 469) / Tesouro
IV. 317 - 330 - Reforma de Licinius

Cecas / Imperadores	Aquileia	Siscia	Indeter.	Totais
Constantinus II	1	-	-	1
Crispus	-	1	-	1
Indeter.	-	-	-	-
Totais	1	1	-	2

Reformas (260 – 469) / Tesouro
V. 330 – 335 – Redução ponderal do *Nummus* (passa a 2,48 gr.). Introdução do tipo GLORIA EXERCITVS

Cecas / Imperadores	Lugdunum	Arelate	Indeter.	Totais
Constantinus I	1	--	1	2
Constantinopolis	3	1	--	4
Imitação	--	--	1	1
Indeter.	--	--	--	--
Totais	4	1	2	7

Reformas (260 – 469) / Tesouro

VI - 335 - 337 – Redução ponderal do Nummus (1,61 gr.) até à morte de Constantinus I

Cecas Imperadores	Arelate	Roma	Constantinopolis	Nicomedia	Cysicus	Antioquia	Indeter.	Totais
Constantinus II	4	1	--	1	1	1	4	12
Delmatius	--	2	1	--	1	--	--	4
Indeter.	--	--	--	--	--	--	1	1
Totais	4	3	1	1	2	1	5	17

Reformas (260 – 469) / Tesouro

VII. 337 - 341 Nummus com 1,64 gr.. Reinado de Constantinus II, Constantius II e Constans

Cecas Imperadores	Treveri	Lugdunum	Arelate	Roma	Aquileia	Thessalonica	Constantinopolis	Nicomedia	Cysicus	Antioquia	Imitações	Indet.	Totais
Constantius II	3	1	3	4	1	---	2	1	1	---	---	10	26
Urbs Roma	1	---	1	---	---	---	---	---	---	---	---	1	3
Helena	1	---	---	1	---	---	---	---	---	---	---	---	2
Constans	1	1	1	3	---	1	---	---	1	---	---	9	17
Constantinus I	---	1	---	---	---	---	---	1	1	1	---	1	5
Constantinus II	---	1	1	2	---	---	---	---	---	---	---	---	4
Theodora	---	---	---	1	---	---	---	---	---	---	---	1	2
Constantinopolis	---	---	---	3	---	---	---	---	---	---	---	1	4
Ind.	1	---	4	2	---	---	1	---	---	---	2	17	27
Totais	7	4	10	16	1	1	3	2	3	1	2	40	90

Reformas (260 – 469) / Tesouro

VIII. 347 - 348 As séries VICTORIAE DD AUGG Q NN (Ocidente) e VOT/XXMULT/XXX (Oriente)

Cecas Imperadores	Treveri	Lugunum	Arelate	Roma	Aquileia	Siscia	Thessalonica	Constantinopolis	Nicomedia	Cyicus	Antioquia	Imitações	Indeter.	Totais
Constantius II	4	3	14	2	1	---	---	1	---	1	3	---	15	44
Constans	5	2	13	6	1	2	1	---	1	---	---	---	14	45
Constantinus I	---	---	---	---	---	---	---	---	1	---	---	---	5	6
Imitações	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Indet.	3	---	6	1	1	---	---	---	1	----	1	1	34	48
Totais	12	5	33	9	3	2	1	1	3	1	4	1	68	143

Reformas (260 – 469) / Tesouro

IX. 348 – 350 – Introdução das séries FEL TEMP REPARATIO (Fénix e Galera), em bolhão e em bronze, com 3 módulos, Æ2 (grande e pequeno), e Æ3 de 2,42 gr.. Revolta de Magnentius

Cecas / Imperadores	Arelate	Indeter.	Totais
Constantius II	1	3	4
Indeter.	---	---	---
Totais	1	3	4

Reformas (260 – 469) / Tesouro

X. 351 – 354 – Redução do Æ3. Expansão do tipo FEL TEMP REPARATIO (FH). Queda de Magnentius e desmonetização dos Æ2 (354))

Cecas / Imperadores	Lugdunum	Roma	Siscia	Thessalonica	Constantinopolis	Indeter.	Totais
Decentius	1	---	---	---	---	---	1
Constantius II	---	1	1	1	---	---	3
Constantius Galus	---	---	---	---	1	---	1
Indeter.	---	1	---	---	---	---	1
Totais	1	2	1	1	1	---	6

Reformas (260 – 469) Tesouro

XI. 354 – 356 – Æ3 FEL TEMP REPARATIO (FH) com 2,5 gr.

Cecas / Imperadores	Treveri	Arelate	Roma	Aqileia	Sirminium	Thessalonica		Heraclea	Constantinopolis	Nicomédia	Cysicus	Imitação	Indeter.	Totais
Constantius II		1	3	3	1	2	1	3	2	1	2	---	52	71
Iulianus	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---		4	4
Indeter.	---	---	---	---	---	---	---	1	1	---	1		5	8
Totais	1	3	3	1	2	1	3	3	2	2	1		61	83

Reformas (260 – 469) / Tesouro

XII. 357 / 358 – Æ3 FELT TEMP REPARATIO (FH) com M (+- 2,1 gr.).

Cecas / Imperadores	Arelate	Roma	Thessalonica	Constantinopolis	Cysicus	Indeter.	Totais
Constantius II	2	2	---	3	1	18	26
Iulianus	1	---	2	---	---	1	4
Indeter.	---	---	---	---	---	3	33
Totais	3	2	2	3	1	22	33

Reformas (260 – 469) / Tesouro
XIII. 358 / 361 – Introdução do Æ4. O tipo SPES REIPUBLICE (< 2 gr.)

Cecas / Imperadores	Arelate	Cysicus	Indeter.	Totais
Constantius II	1	4	10	15
Iulianus	---	1	7	8
Indeter.	---	---	13	13
Totais	1	5	30	36

Reformas (260 – 469) / Tesouro

XV. 364 / 378 – Reforma de Valentianus I, Æ3 com 2,3/2,4 gr.. A casa de Valentenianus I até à morte de Valens e ascensão de Theodosius I

Cecas / Imperadores	Arelate	Roma	Siscia	Cysicus	Antioquia	Indeter.	Totais
Gratianus	1	1	---	---	---	---	2
Valens	1	4	1	1	1	2	10
Valentinianus I	---	---	1	---	---	---	1
Indet.	---	1	1	1	1	16	20
Totais	2	6	3	2	2	18	33

Reformas (260 – 469) / Tesouro

XVI. 378 / 383 – Reforma monetária de Gratianus. Æ3 com 2,25 gr. E Æ4 com 1,2 gr. Reinado de Gratianus. Valentinianus II e Theodosius I.

Cecas / Imperadores	Lugdunum	Arelate	Roma	Cysicus	Indeter.	Totais
Gratianus	1	6	---	---	2	9
Theodosius	---	---	1	2	1	4
Arcadius	---	---	---	1	---	1
Indeter.	---	---	---	---	2	2
Totais	1	6	1	3	5	16

Reformas (260 – 469) / Tesouro

XVII / XVIII. 383 / 408 – Morte de Gratianus. Desaparecimento do Æ3, cunhagens de Æ2 de Magnus Maximus e generalização do Æ4.
– Da morte de Theodosius à morte de Arcadius. Æ4 com 0,9 gr.

Cecas / Imperadores	Arelate	Roma	Thessalonica	Heraclea	Nicomedia	Cysicus	Antioquia	Alexandria	Indeter.	Totais
Magnus Maximus	1	1	---	---	---	---	---	---	---	2
Theodosius I	1	4	---	---	2	1	2	---	5	15
Arcadius	---	1	1	1	1	---	---	---	2	6
Honorius	---	---	---	---	---	---	1	---	---	1
Valentinianus II	---	---	---	---	1	---	---	---	5	6
Indeter.	---	---	---	---	---	---	---	1	8	9
Totais	2	6	1	1	4	1	3	1	20	39

Moedas ilegíveis

Reformas (260 – 469) / Tesouro - Ilegíveis
V / XIII. 330 - 361

	Cecas	Indeter.	Totais
Imperadores			
Indeter.		70	70
Totais		70	70

Reformas (260 – 469) / Tesouro - Ilegíveis
XIV / XVIII. 361 - 408

	Cecas	Indeter.	Totais
Imperadores			
Indeter.		33	33
Totais		33	33

Reformas (260 – 469) - Repartição percentual por autoridade cunhadora / Tesouro

Autoridade cunhadora	n.º de moedas	Percentagem
Gallienus	1	0,1%
Claudius II	1	0,1%
Constantius I	---	---
Diocletianus	---	---
Maximinianus	---	---
Constantinus I	8	1,3%
Maximinus	2	0,1%
Licinius I	---	---
FL Augusta	---	---
Crispus	1	0,1%
Theodora	2	0,3%
Helena	2	0,3%
Constantinus II	9	14,5%
Constans I	61	10%
Constantius II	170	27,7%
Constans II	---	---
Urbs Roma	3	0,5%
Constantinopolis	8	1,3
Decentius	1	0,1%
Constantius Gallus	1	0,1%
Iulianus	15	2,4%
Valens	10	1,6%
Valentinianus I	1	0,1%
Gratianus	11	1,8%
Valentinianus II	5	0,8%
Theodosius	18	2,9%
Honorius	1	0,1%
Arcadius	7	1,1%
Indeterminadas	274	44,7%
Total	612	100%

Reformas (260 – 469) - Repartição por Cecas

	Roma	Treveri	Arelate	Antioqiua	Lugdunum	Alexandria	Aquileia	Nicomédia	Constantinopolis		Thessalonica	Sirminium	Heraclea	Siscia	Cysicus	indeter.	Total	%
Períodos																		
I. 260 / 294	1	---	---	---	---	---	---	---	---		---	---	---	---	---	---	1 (100%)	20,3%
II. 294 / 312- 13	---	---	---	---	---	---	---	---	---		---	---	---	---	---	---	0	0 %
III. 313 / 317	---	---	---	---	---	---	---	---	---		---	---	---	---	---	---	0	0 %
IV. 317 / 330	---	---	---	---	---	---	1 (50%)	---	---		---	---	---	1 (50%)	---	---	2	0,3%
V. 330 / 335	---	---	1 (14,4%)	---	4 (57,1%)	---	---	---	---		---	---	---	---	---	2 (28,5%)	7	1,1%
VI. 335 / 337	3 (17,6%)	---	4 (23,5%)	1 (5,8%)	---	---	---	1 (5,8%)	1 (5,8%)		---	---	---	---	2 (11,7%)	5 (26,4%)	17	2,7%
VII. 337 / 341	16 (66,6%)	7 (7,7%)	10 (11,1%)	1	4 (4,4%)	---	1 (1,1%)	2 2,2%)	3 (3,3%)		1 (1,1%)	---	---	---	3 (3,3%)	42 (46,6%)	90	14,7%
VIII. 341 / 348	9 (6,3%)	12 (8,4%)	33 (23%)	4 (2,8%)	5 (3,5%)	---	3 (2,0%)	3 (2,0%)	1 (0,7%)		1 (0,7%)	---	---	2 (1,4%)	1 (0,7%)	69 (48,2%)	143	23,3%
IX. 348 / 350	---	---	1 (25%)	---	---	---	---	---	---		---	---	---	---	---	3 (75%)	4	0,6%
X. 351 / 353- 542	(33,3%)	---	---	---	1 (16,6%)	---	---	---		1 (16,6%)	1 (16,6%)	---	---	1 (16,6%)	---	---	6	0,9%
XI. 354 / 356	3 (3,6%)	1 (1,2%)	3 (3,6%)	---	---	---	1 (1,2%)	2 (2,4%)	3 (3,6%)		1 (1,2%)	2 (2,4%)	3 (3,6%)	---	2 (2,4%)	62 (74,7%)	83	13,5%
XII. 357 / 358	2 (6%)	---	3 (9%)	---	---	---	---	---	3 (9%)		2 (6%)	---	---	---	1 (3%)	22 (66,6%)	33	5,3%
XIII. 358 / 361	---	---	1 (2,7%)	---	---	---	---	---	---		---	---	---	---	5 (13,1%)	30 (8,3%)	36	5,8%
XIV. 361 / 364	---	---	---	---	---	---	---	---	---		---	---	---	---	---	---	0	0 %
XV. 364 / 378	6 (18%)	---	2 (6%)	2 (6%)	---	---	---	---	---		---	---	---	3 (9%)	2 (6%)	18 (54,5%)	33	5,3%
XVI. 378 / 383	1 (6,2%)	---	6 (37,5%)	---	1 (6,2%)	---	---	---	---		---	---	---	---	3 (18,7%)	5 (31,2%)	16	2,6%
XVII_XVIII. 383/408		6 (15,3%)	---	2 (5%)	3 (7,6%)	---	1 (2,5%)	---	4 (10,2%)		1 (2,5%)	---	1 (2,5%)	---	1 (2,5%)	20 (1,2%)	39	6,3
XIX. *post* 498	---	---	---	---	---	---	---	---	---		---	---	---	---	---	---	0	0%
Ilegíveis V_XIII	---	---	---	---	---	---	---	---	---		---	---	---	----	---	70 (100%)	70	11,4%
Ilegíveis XIV_ XVIII	---	---	---	---	---	---	---	---		---	---	---	---	---	---	31 (100%)	31	5 %
Total		49 (8%)	20 (3,2%)	66 (10,7%)	11 (1,8%)	15 (2,4%)	1 (0,1%)	6 (0,9%)	12 (3,2%)	12 (3,2%)	7 (1,1%)	2 (0,3%)	4 (0,6%)	7 (1,1%)	20 (3,2%)	382(62,4%)	612	100%

Catálogo

Moedas Republicanas (221 / 27 a. C.)[1060]

I - (211 / 207 a. C.)

1 - 5. D, Anónimo, *post* 221 a.C., *RRC* 44/5 (4 ex.) e 7 (1 ex., HS - 5)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

6. D, Anónimo (Cornucópia), 207 a.C., *RRC* 58/2
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

7. D, Anónimo (Roda), Sicília (?), 209 - 208 a.C:, *RRC* 79/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

8. D, Anónimo (Ponta de Lança), SE de Itália, 209 a.C:, *RRC* 88/2b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

Ib - (206 / 144 a. C.)

9. D, Anónimo (Bastão), 206 - 195 a.C:, *RRC* 112/2 A
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

10 - 12. D, Q. Lutatius Cerco ou Catulus, at. incerto, 206 - 200 a.C., *RRC* 125/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

13 -14. D, Anónimo (Cabeça Femenina), at. incerto, 206 - 200 a.C., *RRC* 127/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

15 - 17. D, AN ou AV, 194 -190 a.C., *RRC* 136/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

18 - 23. D, Pássaro e TOD. 189 - 180 a.C:, *RRC* 141/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

24. D, Matienus, 179 - 170 a.C., *RRC* 162/2
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

25. D, GR, at incerto, 199 - 170 a.C., *RRC* 169/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

26 - 43. D, Furius Purpurio, 169 - 158 a.C., *RRC* 187/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

44 - 72. D, Anónimo, 157 - 156 a.C., *RRC* 197/1a (18 ex.) e 1b (11 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

[1060] Tesouro descoberto em Maio de 1971, no lugar de Castro, na aldeia de Sobre-Sá, no decurso de trabalhos numa pedreira. O tesouro encontrava-se depositado num "vaso de barro grosseiro" e, segundo o relato de Joaquim Torres, teria cerca de 5000 moedas (*AR*), e nove bolas de prata, duas delas com um grafito - *CAESAR*. Rapidamente disperso pelos trabalhadores e populares locais e posteriormente vendido a coleccionadores, o tesouro acabou por desaparecer. Todavia Joaquim Torres examinou mais de dois terços. Rui Centeno reviu e republicou o catálogo de Joaquim Torres e concluiu que as moedas estudadas eram efectivamente 3476 e não de 3458 conforme descreve o autor (TORRES 1978-79, 16) ou, por engano, como refere na página 238 de 3454. Rui Centeno a este primeiro estudo junta mais cinco exemplares, dois dos quais possuía uma fotografia e três exemplares de sua propriedade.
Assim, o cervo total é composto de 3481 exemplares (3474 denários / 6 Quinários / 1 sestércio).
Transcrevemos o estudo de Rui Centeno uma vez que, para além de completar o estudo anterior, acrescentando cinco exemplares, comporta ainda algumas correcções importantes ao catálogo publicado por Joaquim Torres (CENTENO 1987, 35-41).
Bibli. – CENTENO 1976, n.º 6; 1977, 93-101, n.º 6; 1979, 105-109; 1987, 35, n.º 21; TORRES 1978-79, 3-250; CERRATO 1988, 137-138; ALARCÃO 1988 1/348, n.º 106; VILLARONGA 1993, 60, 88, n.º 155; VOLK 1997, 175, n.º 69; BARBOSA 1998-2002, 62-63.

73. D, Atilius Saranus, 155 a.C., *RRC* 199/1ª
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

74 - 76. D, Pinarius Natta, 155 a.C., *RRC* 200/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

77 - 82. D, C. Sribonius, 154 a.C., *RRC* 201/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

83. D, Iuventius Thalma, 154 a.C., *RRC* 202/1 a
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

84 - 86. D, C.Maianius, 153 a.C., *RRC* 203/1a
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

87 - 90. D, L. Saufeius, 152a.C., *RRC* 204/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

91 - 92. D, P. Cornelius Sulla, 151 a.C., *RRC* 202/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

93 - 94. D, Safra, 150 a. C., *RRC* 206/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

95. D, Decimius Flavus, 150 a.C., *RRC* 207/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

96 - 99. D, Pinarius Natta, 149 a.C., *RRC* 208/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

100. D, L. Iteius ou Iteilius, 149 a.C., *RRC* 209/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

101 - 116. D, C. Iunius C.f., 149 a. C., *RRC* 210/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

117. D, M. Atilius Saranus, 148 a. C., *RRC* 214/1b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

118 - 120. D, Q. Marcius Libo, 148 a. C., *RRC* 215/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

121 - 137. D, L. Sempronius Pitio, 148 a.C., *RRC* 216/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

138. D, L. Cupiennius, 147 a.C:, *RRC* 218/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

139 - 144. D, C. Antestius, 146 a. C., *RRC* 219/1e
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

145 - 149. D, M. Iunnius D.f. Silanus, 145 a.C., *RRC* 220/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

Ic – (143 – 125 a.C.)

150. D, Anónimo, 143 a.C., *RRC* 222/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

151. D, L. Iulius, 141 a.C., *RRC* 224/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

152 - 153. D, C. Titinius, 141 a.C., *RRC* 226/1a
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

154 - 158. D, C. Valerius C. f. Flaccus, 140 a. C., *RRC* 228/1 (2 ex.) e 2 (3 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

159 - 161. D, A. Spurinna, Spurilius ou Spurius, 139 a.C., *RRC* 230/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

162 - 170. D, C. Renius, 138 a.C., *RRC* 231/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

171 - 172. D, Cn. Gellius, 138 a.C., *RRC* 232/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

173 - 176. D, P. Aelius Paetus, 138 a.C., *RRC* 233/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

177 - 178. D, Ti. Veturius, 137 a.C., *RRC* 234/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

188 - 192. D, Sex. Pompeius, 137 a. C., *RRC* 235/1 a
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

193 - 199. D, M. Baebius Q.f. Tampilius, 137 a.C., *RRC* 236/1a-f
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

200 - 204. D, Cn. Lucretius Trio, 136 a.C., *RRC* 237/1 a
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

205 - 231. D, L. Antestius Gragulus, 136 a.C., *RRC* 238/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

232 - 238. D, C. Servilius M.f., 136 a.C., *RRC* 239/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

239 - 240. D, C. Curiatius Trigeminus, 135 a.C.; *RRC* 240/1b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

241 - 245. D, L. Trebanius, 135 a.C., *RRC* 241/1 a
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

246 - 248. D, C. Minucius Augurinus, 135 a.C., *RRC* 242/1 (1 ex. com Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

249 - 265. D, Ti Minucius C.f. Augurinus, 134 a.C., *RRC* 243/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

266 - 271. D, C. Aburius Geminus, 134 a.C., *RRC* 244/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

272 - 275. D, M. Marcius Mn. f., 134 a.C., *RRC* 245/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

276. D, P. Calpurnius, 133 a.C., *RRC* 247/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

277 - 278. D, L. Minucius, 133 a.C., *RRC* 248/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

279 - 281. D, P. Maenius M.f. Antiacticus ou Antias, 132 a.C., *RRC* 249/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

282 -286. D, M. Aburius M.f. Geminus, 132 a.C., *RRC* 250/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

287 - 291. D, L. Postumius Albinus, 131 a.C., *RRC* 252/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

292 - 297. D, M. Opeimius, 131 a.C., *RRC* 254/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

298 - 299. D, M. Acilius, 130 a.C., *RRC* 255/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

300 - 306. D, Q. Caecilius Q. f. Q.n. Metellus Balearicus, 130 a.C., *RRC* 256/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

307 - 315. D, M. Vargunteius, 130 a. C., *RRC* 257/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

316 - 318. D, Q. Marcius Philippus, 129 a.C., *RRC* 259/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

319 - 327. D, T. Cloelius, 12 a.C., *RRC* 260/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

328 - 335. D, Cn. Domitius, 128 a. C., *RRC* 261/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

336 - 337. D, Anónimo (Cabeça de Elefante), 128 a.C., *RRC* 262/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

338 - 334. D, M. Caecilius Q. f. Q.n. Metellus, 127 a.C., *RRC* 263/1 a
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

345. D, C. Servilius Vatia, 127 a.C., *RRC* 264 /1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

346. D, Q. Fabius Q. Serviliani f. Q.n. Maximus, 127 a.C., *RRC* 265/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

347 - 357. D, C. Cassius, 126 a.C., *RRC* 266/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

358 - 360. D, T. Quinctius Flamininus, 126 a.C., *RRC* 267/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

361 - 362. D, C. Caecilius Q.f.Q.n. Metellus Caprarius, 125 a. C., *RRC* 269/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

363 - 385. D, M. Porcius Laeca, 125 a.C., *RRC* 270/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

Id – (124 – 92 a. C.)

386 - 402. D, Q. Fabius Labeo, 124 a.C., *RRC* 273/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

*403 - 409. D, C. Porcius Cato, 123 a.C., *RRC* 274/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

*409 - 415. D, M. Fannius C.f., 123 a.C., *RRC* 275/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

*416 - 424. D, M. Papirius Carbo, 122 a.C., *RRC* 276/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

*424 - 444. D, Q. Minucius Rufus, 122 a. C., *RRC* 277/ 1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

445. D, C. Plutius, 121 a.C., *RRC* 278/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

446 - 457. D, Cn. Papirius C.f. Carbo, 121 a.C., *RRC* 279/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

458 - 465. D, M. Tullius, 120 a.C., *RRC* 280/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

466 - 487. D, M. Furius L.f. Philus, 119 a.C., *RRC* 281 / (1 ex. com Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

488 - 515. D, L. Licinius L. f. C. n. Crassus, Domitius Cn. Domitius Cn.f.Cn.n. Ahenobardus, M. Aurelius Scaurus, L. Cosconius, C. Publicius Malleolus, L. Pomponius Cn.f., L. Porcius Licinius, Narbo, 188 a.C., *RRC* 282/1 (15 ex.), 3 (1 ex.), 4 (7ex.), 5 (4 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

516. D, Q. Marcius, C. F. e L. R., 118 ou 117 a. C., *RRC* 283/1b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

517 - 524. D, M. Calidius, Q. Caecilius Metellus (Numidicus ou Nepos), Cn. Fluvius, 117 ou 116 a.C., *RRC* 284/1a (3 ex.), 1b (4 ex.), 1a-b (1 ex. com Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

525 - 546. D, Cn. Domitius, Q. Curtius, M. Iunnius D.f.Dn. Silanus, 116 ou 115 a.C., *RRC* 285/1 (8ex.), 2 (13ex.,+ 1 ex. Rev. Incuso
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

547 - 559. D, M. Sergius Silus, 116 ou 115 a.C., *RRC* 286/1 (1 ex. Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

560 - 586. D, Anónimo, 115 ou 114 a.C., *RRC* 287/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

587 - 598. D, M. Cipius M. f., 115 ou 114 a.C., *RRC* 289/1 (1 ex. com Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

599 - 602. D, C. Fonteius, 114 ou 113 a.C., *RRC* 290/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

603 - 615. D, Mn. Aemilius Lepidus, 114 ou 113 a.C., *RRC* 291/1 (2 ex. com Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

616 - 622. D, P. Licinius Nerva, 113 ou 112 a.C., I291/1 (2 ex. com Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

616 - 622. D, P. Licinius Nerva, 113 ou 112 a.C., I291/1 (2 ex. com Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

616 - 622. D, P. Licinius Nerva, 113 ou 112 a.C., *RRC* 292/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

623 - 626. D, L. Marcius Philipus, 113 ou 112 a.C., *RRC* 293/1

Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

627. D, T. Didius T.f.Sex.n., 113 ou 112 a.C., *RRC* 294/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

628 - 630. D, L. Manlius Torquatus, 113 ou 112 a.C., *RRC* 295/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

631 - 635. D, Cn. Cornelius Blasio, 112 ou 111 a.C., *RRC* 296/1b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (Paradeiro desconhecido).

636 - 650. D, Ti. Quinctius, 112 ou 111 a.C., *RRC* 297/1b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (636 - 649 Paradeiro desconhecido, 650 Propriedade do Prof. Doutor Rui Centeno).

651 - 665. D, L. Caesius, 112 ou 111 a.C., *RRC* 298/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

666 - 692. D, Ap. Claudius Ap. f.c.n. Pulcher, T. Manlius Mancinus, Q. Urbinus, 111 ou 110 a.C., *RRC* 299/1a (17 ex.), 1b (9 ex.), 1a - b (1 ex. com Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

693 - 706. D, C. Claudius ap.f.C.n. Pulcher, 110 ou 109 a.C., *RRC* 300/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

707 - 708. D, P. Porcius Laeca, 110 ou 109 a.C., *RRC* 301/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

709 - 724. D, L. Flaminius Chilo, 109 ou 108 a. C., *RRC* 302/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

725 - 727. D, Mn. Aquillius, 109 ou 108 a.C., *RRC* 303/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

728 - 757. D, L. Memmius, 109 ou 108 a.C., *RRC* 304/1 (1 ex. com Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

758 - 766. D, Q. Lutatius Cerco, 109 ou 108 a.C., *RRC* 305/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

767 - 779. D, L. Valerius L.f.L.n. Flaccus, 108 ou 107 a.C., *RRC* 306/1 (1 ex. com Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

780 - 782. D, Mn. Fonteius, 108 ou 107 a.C., *RRC* 307/1b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

783 - 789. D, M. Herennius M.f., 108 ou 107 a.C., *RRC* 308/1a (3 ex.), 1b (3 ex.), 1a - b (1 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

790 - 809. D, L. Cornelius L.f.L.n. Scipio Asiaticus, 106 a.C., *RRC* 311/1a (3 ex.), 1d (14 ex.), 1e (3. ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

810 - 812. D, C. Sulpicius C. f., 106 a.C., *RRC* 312/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

813 - 838. D, L. Memmius L. f. Gal., 106 a.C., *RRC* 313/1b-c
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

839 - 843. D, L. Aurellius Cotta, 105 a.C., *RRC* 314/1b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

844 - 887. D, L. Thorius Balbus, 105 a.C., *RRC* 316/1 (1 ex. com Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

888 - 926. D, L. Appuleius Saturninus, 104 a.C., *RRC* 317/3a (7 ex.), 3b (31 ex., + 1 ex. com Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

927 - 943. D, C. Coelius C.f.C.n. Caldus, 104 a.C., *RRC* 318/1a (8 ex.), 1b (9 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

944 - 975. D, Q. Minucius M.f. Thermus, 103 a.C., *RRC* 319/1 (1 ex. com Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

976 - 994. D, L. Iulius L.f.Sex.n. Caesar, 103 a.C., *RRC* 320/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

995 - 996. D, L. Cassius Caeicianus, 102, a.C., *RRC* 321/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

997 - 999. D, C. Fabius C. f. Hadrianus, 102 a.C., *RRC* 322/1b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1000 - 1006. D, L. Iulius, 101 a.C., *RRC* 323/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1007 - 1015. D, M. Lucilius Rufus, 101 a.C., *RRC* 324/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1016 - 1021. D, L. Sentius C.f., 101 a.C., *RRC* 325/1a (3 ex.) 1b (1 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1022 - 1024. D, C. Fundanius, 101 a.C., *RRC* 326/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1025 - 1026. D, M. Servilius C.f., 100a.C., *RRC* 327/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1027 - 1039. D, P. Servilius M.f. Rullus, 100 a.C., *RRC* 328/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1040 - 1043. D, P. Cornelius Lentulus Marcellinus, 100 a.C., RRC 329/1 a
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971.

1044 - 1046. D, L. Calpurnius Piso Caesonius, Q. Servilius Caepio, 100 a.C.,*RRC* 330/1ª
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1047. Q, P. (Vettius) Sabinus, 99 a.C., *RRC* 331/1 (Q)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1048 - 1049. D, L. Pomponius Molo, 97 a.C., *RRC* 334/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1050 - 1060. D, C. Publicius Malleolus C.f., A. Postumius S.f. Albinus, L. Caecilius Mettelus, 96 a.C. (?), *RRC* 335/1b (5 ex.), 3b (2 ex.), 9 (1 ex.), 10a (3 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1061 - 1079. D, C. Allius Bala, 92 a.C., *RRC* 336/1b-c
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971.

Ie – (91 – 79 a.C)

1080 - 1112. D, D. Iunius L.f. Silanus, 91 a.C., *RRC* 337/2c (5 ex.), 2f. (4 ex.), 3 (24 ex.)

Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1113 - 1166. D, L. Calpurnius Piso Frugi, 90 a.C., *RRC* 340/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1167 - 1225. D, Q. Titius, 90 a.C., *RRC* 341/1 (28 ex.), 2 (30 ex.), 3 (1 ex., Q - 1225)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1226 - 1254. D, C. Vibius C.f. Pansa, 90 a.C., *RRC* 342/4b (1ex.), 5b (27 ex.), 3-5 (1 ex. com Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1255 - 1269. D, M. Porcius Cato, 89 a.C., *RRC* 343/1b (11 ex.), 1c (4 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1270 - 1322. D, L. Titurius Sabinus, 89 a.C., *RRC* 344/1a (20 ex.), 1b (3 ex.), 1c (4 ex.), 2b (12 ex.), 2c (6 ex.),3 (8 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1323 - 1338. D, Cn. Cornelius Cn.f. Lentulus Clodianus, 88 a.C., *RRC* 345/1 (1 ex. com Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1339 - 1343. D, C. Marcius Censorinus, 88 a.C., *RRC* 3461b (2 ex.), 1d (2 ex.), 2b (1.ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1344 - 1353. D, L. Rubrius Dossenus, 87 a.C., *RRC* 348/1 (1 ex.), 2 (4 ex.), 3 (5 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1354 - 1357. D, L. e C. Meemmies L.f.Gal., 87 a.C., *RRC* 349 /1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1358 -1385. D, C. Gargonius, Olgunius, M. Vergilius, 86 a.C., *RRC* 350A/1a (1 ex.), 1e (1ex.), 2 (26 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1386 - 1388. D, M. Fannius, L. Critonius, 86 a.C., *RRC* 351/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1389 - 1415. D, L. Iulius Bursio, 85 a.C., *RRC* 352/1a e 1/c
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1416 - 1432. D, Mn. Fonteius C.f., 85 a.C.,*RRC* 353/1a (12 ex.) 1c (2 ex.), 1 d (3 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1433 - 1437. D, C. Licinius L.f. Macer, 84 a.C., *RRC* 354/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1438 - 1443. D, P. Furius Crassipes, 84 a.C., *RRC* 356/1a (3 ex.), 1c (3 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1444 - 1451. D, C. Norbanus, 83 a.C., *RRC* 357/1b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1452 - 1453. D, L. Cornelius L.f.P.n. Sulla Felix, Oriente, 84-83 a.C., *RRC* 359/2
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1454 - 1455. D, P. Crepusius, C. Mamilius Limetanus, L. Marcius Censorinus, 82 a.C., *RRC* 360/1b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

*1456 - 1480. D, P. Crepusius, 82 a.C., *RRC* 361/1a-c
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

*1480 - 1491. D, C. Mamilius Limetanus, 82 a.C., *RRC* 362/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1492 - 1513. D, L. Marcius Censorinus, 82 a.C., *RRC* 363/1a-d
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1514 - 1539. D, Q. Antonius Balbus, 83 - 82 a.C., *RRC* 364/1a-d
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1540 - 1542. D, C. Valerius C. f. l.n. Flaccus, Massalia, 82 a. C., *RRC* 3651c
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1543 - 1556. D, C. Annius T.f.T.n. (Luscus ?), N de Itália e Hispânia, 82 - 81 a.C., *RRC* 366/1-2 (N de Itália, 8 ex.), 3-4 (Hispânia, 6 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1557 - 1592. D, L. Cornelius L.f.P.n. Sulla Felix, L. Manlius L.f. Torquatus, Oriente, 82 a.C., *RRC* 367/1,3,5,
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1593. D, P. Servilius Isauricus (?) (emissão em nome de C. Servilius Vatia), 82-80 a.C., *RRC* 370/1b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1594 - 1595. D, Q. Fabius Maximus (?) (emissão em nome de Q. Fabius Q. Serviliani f. Q. n. Maximus), 82 -80 a.C., *RRC* 371/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1596 - 1611. D, A. Postumius A.f.S.n. Albinus, 81 a.C., *RRC* 372 /1 (10 ex.), 2 (6 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1612 - 1616. D, Q. Caecilius Q.f.L.n. Metellus Pius, N de Itália, 81 a.C., *RRC* 374/1 (3 ex.), 2 (2 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1617. D, Q. at incerto, 81 a.C., *RRC* 375/2
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1618 - 1632. D, C. Marius C.f. Capito, 81 a.C., *RRC* 378/1a (5 ex.), 1b (2 ex.), 1c (8 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1633 - 1666. D, L. Procilius, 80 a.C., *RRC* 379/1 (18 ex.). 2 (16 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1667 - 1675. D, C. Publicius Q.f., 80 a.C., *RRC* 380/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1676 - 1711. D, C. Naevius Balbus, 79 a.C., *RRC* 382/1b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1712 -1743. D, Ti Claudius Nero, 79 a.C., *RRC* 383/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1744 - 1769. D, L. Papius, 79 a.C., *RRC* 384/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

If – (78 – 49 a.C.)

1770 - 1807. D, M. Volteius M.f., 78 a.C., *RRC* 385/1 (12 ex.), 2 (14 ex.), 3 (8 ex.), 4 (4 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1808 - 1811. D, L. Cassius Longinus, 78 a. C., *RRC* 386/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1812 - 1825. D, L. Rutilius Flaccus, 77 a.C., *RRC* 387/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1826 - 1833. D, P. Satrienus, 77 a.C., *RRC* 388/1b

Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1834 - 1836. D, L.Rustius, 76 a.C., *RRC* 389/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1837 - 1846. D, L. Lucretius Trio, 76 a.C., *RRC* 390/1 (3 ex.), 2 (7 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1847 - 1855. D, C. Egnatius Cn.f.Cn.n. Maximus, 75 a.C., *RRC* 391/1b (2 ex.), 2 (4 ex.), 3 (3 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1856 - 1866. D, L. Farsuleius Mensor, 75 a.C., *RRC* 392/1a (5 ex.), 1b (6 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1867 - 1891. D, Cn. Cornelius P.f. Lentulus Marcellinus, talvez Hispânia, 76-75 a.C., *RRC* 393/ 1a (16 ex.), 1b (8 ex.), 1a-b (1 ex. com Rev. incuso)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1892 - 1915. D, C. Postumius At (?) ou Ta (?), 74 a.C., *RRC* 394/1a-b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido)

1916 - 1917. D, L. Cossutius C.f. Sabula, 74 a.C., *RRC* 395/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1918. D, L. Plaetorius L.f. Cestianus, 74 a.C., *RRC* 396/1 a
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1919. D, Q. Pomponius Rufus, 73 a.C., *RRC* 398/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1920. D, Q. Crepereius Rocus, 72 a.C., *RRC* 399/1b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1921. D, A. Axius L.f. Naso, 71 a.C., *RRC* 400/1a
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1922 - 1941. D, M. Aquillius Mn.f.Mn.n., 71 a.C., *RRC* 401/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1942 - 1951. D, Q. Fufius Q.f.C.n. Calenus, P. Mucius Scaevola, 70 a.C., *RRC* 403/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1952. D, T. Vettius Sabinus, 70 a.C., *RRC* 404/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1953 - 1968. D, M. Plaetorius M.f. Cestianus, 69 a.C., *RRC* 405/1b (1ex.), 2 (1 ex.), 3b (6ex.), 4b (1 Ex.), 5 (7ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1969 - 1991. D, P. Sulpicius Galba, 69 a. C., *RRC* 406/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

1992 - 2014. C. Hosidius C.f. Geta, 68 a.C., *RRC* 407/1 (5 ex.) 2 (18 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2015 - 2082. D, C. Calpurnius Piso Frugi, 67 a.C., *RRC* 408/ 1a-b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2083 - 2096. D, M. Plaetorius M.f. Cestianus, 67 a. C., *RRC* 409/1 (8 ex.), 2 (6 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2097 - 2105. D, Q. Pomponius Musa, 66 a.C., *RRC* 410/2b (2 ex.), 4 (2 ex.), 8 (2 ex.) 10a (3 ex.)

Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2106 - 2126. D, L. Roscius Fabatus, 64 a.C., *RRC* 412/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2127 - 2139. D, L. Cassius Longinus, 63 a.C., *RRC* 413/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2140 - 2149. D, L. Furius Cn.f. Brocchus, 63 a.C., *RRC* 414/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2150 - 2178. D, L. Aemilius M.f.Q.n. Lepidus Paullus, 62 a.C., *RRC* 415/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2179 - 2199. D, L. Scribonius Libo, 62 a.C., *RRC* 416/1a-c
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2200 - 2207. D, M. Aemilius M.f.Q.n. Lepidus, 61 a.C., *RRC* 419/1a (7 ex.), 2 (1 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2208 - 2220. D, P. Plautius Hypsaeus, 60 a.C., *RRC* 420/1a (6 ex.), 2a (7 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2221 - 2227. D, M. Nonius Sufenas, 59 a.C., *RRC* 421/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2228 - 2272. D, M. Aemilius Saurus, P. Plautius Hypsaeus, 58 a.C., *RRC* 422/1a (2 ex.) 1 b (43 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2273 - 2277. D, C. Servilius C.f., 57 a.C., *RRC* 423/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2278 - 2279. D, C. Considius Nonianus, 57 a.C., *RRC* 424/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2280 - 2294. D, L. Marcius Philippus, 56 a.C., *RRC* 425/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2295 - 2300. D, Faustus Cornelius Sulla, 56 a.C., *RRC* 426/1 (2 ex.), 3 (3 ex.), 4a (1 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2301 - 2305. D, C. Memmius, 56 a.C., *RRC* 427/1 (3 ex.), 2 (2 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2306 - 2336. D, Q. Cassius Longinus, 55 a.C., *RRC* 428/1 (10 ex.), 2 (3 ex.), 3 (18 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2337 - 2345. D, P. Fonteius P. f. Capito, 55 a.C., *RRC* 429/ 1 (7 ex.), 2a (2 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2346. D, P. Licinius Crassus, 55 a.C., *RRC* 430/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2347 - 2365. D, A. Plautius, 55 a.C., *RRC* 431/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2366 - 2372. D, Cn. Plancius, 55 a.C., *RRC* 432/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2373 - 2395. D, M. Iunius Brutus, 54 a.C., *RRC* 4331 (19 ex.), 2 (4 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2396 - 2403. D, Q. Pompeius Rufus, 54 a.C., *RRC* 434/2
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2404 - 2406. D, C. Coelius Caldus, 51 a. C., *RRC* 437/1b (1 ex.), 2a (2 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2407. D, Ser. Sulpicius, 51 a.C., *RRC* 438/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

IIa – (49 – 45 a.C.)

2408 - 2414. D, Q. Sicinius, 49 a.C., *RRC* 440/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2415 - 2429. D, Mn. Acilius (Glabrio ?), 49 a.C., *RRC* 442/1a (14 ex.), 1b (21 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2430 - 2663. D, C. Iulius Caesar, Itália, 49-48 a.C., *RRC* 443/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2664 - 2665. D, Q. Sicinius, C. Coponius, 49 a.C., *RRC* 444/1a
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2666 - 2668. D, L. Cornelius P.f. lentulus Crus, C. Claudius M.f.M.n. Marcelus, Apollonia, 49 a.C., *RRC* 445/1b
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2669 - 2670. D, Cn. Pompeius Cn.f.Sex.n.Magnus, Cn. Calpurnius Piso Frugi, Grécia, 49 a.C., *RRC* 446/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2671. D, Cn. Pompeius Cn.f.Sex.n. Magnus, Terentius Varro, Grécia, 49 a.C., *RRC* 447/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2672 - 2684. D, L. Hostilius Saserna, 48 a.C., *RRC* 448/1a-b (5 ex.), 2a-b (4 ex.), 3 (4 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2685 - 2708. D, C. Vibius C.f.C.n. Pansa Caetronianus, 48 a.C., *RRC* 449/1a (10 ex.), 1 b (9 ex.), 2 (3 ex.), 4 (2 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2709 - 2742. D, D. Iunius Brutus Albinus, 48 a.C., *RRC* 450/ 1a (8 ex.), 2 (18 ex.), 3a (6 ex.), 3 b (2 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971.

2743. D, D. Iunius Brutus Albinus, C. Vibius, C. Vibius C.f.C.n. Pansa Caetronianus, 48 a.C., *RRC* 451/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2744 - 2746. D, C. Iulius Caesar 13 Julho 48-47 a.C., *RRC* 452/2
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2747 - 2763. D, L. Plautius Plancus, 47 a.C., *RRC* 453/1a (12 ex.) 1b (5 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2764 - 2768. D, A. Licinius Nerva, 47 a.C., *RRC* 454/1 (2 ex.), 2 (3 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2769 - 2772. D, C. Antius Restio, 47 a.C., *RRC* 455/1a (2 ex.), 2a (2 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2773. D, A. Allienius, Sicília, 47 a.C., *RRC* 457 /1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2774 - 2837. D, C. Iulius Caesar, África, 47-46 a.C., *RRC* 458/1

Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2838 - 2845. D, Q. Caecilius Q.f.Q.n. Metellus Pius Scipio Nascia, África, 47-46 a.C., *RRC* 459/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2846 - 2847. D, Q. Caecilius Q.f.Q.n. Metellus Pius Scipio Nascia, P. licinius Dives Iunianus, África, 47-46 a.C., *RRC* 460/3 (1 ex.), 4 (1 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2848 - 2854. D, Q. Caecilius Q.f.Q.n. Metellus Pius Scipio Nascia, Eppius, África, 47-46 a.C., *RRC* 461/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2855 - 2877. D, M. Porcius Cato. África, 47-46 a.C., *RRC* 462/1a (15 ex.), 1c (7 ex.), 2 (1 ex. Q – 2877)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2878 - 2906. D, Mn. Cordius Rufus, 46 a.C., *RRC* 463/1a (3 ex.), 1b (19 ex.), 2 (4 ex.), 3 (3 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2907 - 2954. D, T. Carisius, 46 a.C., *RRC* 464/1 (3 ex.), 2 (6 ex.), 3a (5 ex.), 4 (2 ex.) 5 (32 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2955 - 2965. D, C. Considius Paetus, 46 a.C., *RRC* 465/1a -b (4 ex.), 2a (3 ex.), 3 (3 ex.), 4 (1 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2966 - 2986. D, C. Iulius Caesar, at. incerto, 46 a.C., *RRC* 467/1a (11 ex.), 1b (10 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

2987 - 3199. D, C. Iulius Caesar, Hispânia, 46-45 a.C., *RRC* 468/1 (167 ex.), 2 (46 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3200 - 3241. D, Cn. Pompeius Magnus, M. Publicius, Hispânia, 46-45 a.C., *RRC* 469/1a-e
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3242 - 3243. D, Cn. Pompeius Magnus, M. Minatius Sabinus, Hispânia, 46-45 a.C., *RRC* 470/1b (1 ex.), 1c (1 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3244 - 3247. D, L. Papius Celsus, 45 a.C., *RRC* 472/1 (3 ex.), 2 (1 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3248 - 3249. D, L. Lollius Palicanus, 45 a.C., *RRC* 473/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3250 - 3252. D, L. Valerius Acisculus, 45 a.C., *RRC* 474/ 1a (2 ex.), 2b (1 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3253 - 3255. D, Sex. Pompeius Magnus Pius, Hispânia, 45 - 44 a.C., *RRC* 477/1a (2 ex.), 2 (1 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

IIb – (44 – 28 a. C.)

3256 - 3264. D, L. Aemilius Buca, M. Mattius, P. Sepullius Macer, 44 a.C., 44 a.C., *RRC* 480/3 (1 ex.), 8 (1 ex.), 10 (1 ex.), 13 (2 ex.), 13 (2 ex.), 14 (1 ex.), 17 (3 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3265 - 3266. D, Q. Nasidius, talvez Massalia, 44 - 43 a.C., *RRC* 483/2
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3267. D, P. Accoleius Lariscolus, 43 a.C., *RRC* 486/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3268 - 3269. D, Petillius Capitolinus, 43 a.C., *RRC* 487/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3270 - 3272. D, M. Antonius, Gália Transalpina e Cisalpina, 43 a.C., *RRC* 488/ 2
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3273 - 3274. Q, M. Antonius, M. Aemilius M.f.Q.n. Lepidus, Gália Transalpina e Cisalpina, 43-42 a.C., *RRC* 489/3 (1 ex. Q.- 3273) 6 (1 ex. Q.- 3274)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3275. D, Octavianus, Gália Cisalpina e Itália, 43 a.C. *RRC* 490/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3276 - 3310. D, L. Livineius Regulus, P. Clodius M.f., L. Mussidius T.f. Longus, C. Vibius Varus, 42 a.C., *RRC* 494/21 (4 ex.), 23 8 14 ex.), 27 (1ex.), 28 (4 ex.), 30 (1 ex.), 31 (2 ex.), 36 (1 ex.), 38 (5 ex.), 43a (3 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3311 - 3312. D, M. Aemilius m.f.Q.n Lepidus, Itália, 42 a.C., *RRC* 495/2a
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3313 - 3323. D, M. Antonius, Buthrotum (?), 42 a.C., *RRC* 496/1 (10 ex.), 2 (1 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3324. D, Octavianus, Gália, 42 a.C., *RRC* 497/3
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3325 - 3327. D, C. Cassius Longinus, L. Cornelius Lentulus Spinther, Oriente, 43-42 a.C., *RRC* 500/5
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3328 - 3330. D, M. Iunius Brutus, Oriente, 43-42 a.C., *RRC* 501/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3331. D, M. Iuniu Brutus, L. Sestius, Oriente, 43-42 a.C., *RRC* 502/2
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3332. D, M. Iunius Brutus, Pedanius Costa, Oriente, *RRC* 506/2
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3333 - 3345. D, Sex. Pompeius Magnus Pius, Sicília, 42-40 a.C., *RRC* 511/2-c (3 ex.), 3a (8 ex.), 4a (1 ex.), 4d (1 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3346. D, C. Numonius Vaala, 41 a.C., *RRC* 514/2
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3347. D, M. Antonius, Oriente, 41 a.C., *RRC* 516/5
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3349 - 3363. D, M. Antonius, M. Barbatius Pollio, M. Cocceius Nerva, Oriente, 41 a. C., *RRC* 517/2 (12 ex.), 5a (3 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido, à excepção do n.º 3360 que é propriedade do Prof. Doutor Rui Centeno).

3364 - 3365. D, Cn. Domitius L.f.Cn.n. Ahenobarbus, Oriente, 41 a.C., *RRC* 519/2
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3366. D, Octavianus, Q. Salvidienus Rufus Salvius, Itália, 40 a.C., *RRC* 523/1a
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3367. D, M. Antonius, Oriente, 39 a.C., *RRC* 528/3
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3368 - 3370. D - Q, Octavianus, M. Antonius, Itália, 39 a.C., *RRC* 5292b (1 ex.), 3 (1 ex.), 4b (1 ex.; Q – 3370)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3371 - 3379. D, Cn. Domitius M.f.M.n. Calvinus, Osca, 39 a.C., *RRC* 532/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3380. D, Octavianus, M. Vispasianus Agrippa L.f., Gália, 38 a.C., *RRC* 534/3
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3381 - 3391. D, Octavianus, Gália, 37 a.C., *RRC* 538/1
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3392. D, Octavianus, África, 36 a.C., *RRC* 540/2
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3393. D, M. Antonius, Oriente, 33 a.C., *RRC* 542/2
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3394 - 3438. D, M. Antonius, Oriente 32-31 a.C., *RRC* 544/8 (1 ex.), 9 (1 ex.), 15 (6 ex.), 16 (4 ex.), 17 (2 ex.), 18 (6 ex.), 21 (2 ex.), 23 (1 ex.), 24 (1 ex.), 25 (5 ex.), 26 (2 ex.), 26 (2 ex.), 30 (2 ex.), 31 (3 ex.), 36 (4 ex.), 37 (3 ex.), 38 (2 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3439 - 3453. D, Octavianus, Itália, *c.* 32-29 a.C., *RIC* 250a (1 ex.), 250b (1 ex.), 251 (1 ex.), 252 (6 ex.), 253 (1 ex.), 254b (3 ex.), 256 (1 ex.), 257 (1 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

3454 - 3475. D, Octavianus, Itália, *c.* 29 -27 a.C., *RIC* 264 (2 ex.), 265a (1 ex.), 266 (2 ex.), 267 (4 ex.), 269a (6 ex.), 270 (2 ex.), 271 (5 ex.)
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971(Paradeiro desconhecido).

IIIa – (27 - 2 a. C.) Augustus

3476 - 3481. D, Augustus, Hispânia, *ante* 27 a.C., (?), *RRC* 543A
Prov. - Acado ocasional / Tesouro monetáio de Sobre Sá, Maio de 1971 (3476 - 3480 Paradeiro desconhecido, 3481 Propriedade do Prof. Doutor Rui Centeno).

Júlios – Cláudios (27 a.C. / 54)

3482 . As, Augustus, NO Hispânia, 26 –25 a.C.; 8, 767 gr., *Villaronga* n.º 4
Prov. - Achado ocasional (CENTENO 1987, 111, n.º 2) (Museu Nacional de Arqueologia, n.º inv. 141.52)

3483. D, Augustus, Lugdunum, 2 a.C. – (?) 4 d.C.; s/p, *RIC 2*, n.º 207, 208 ou 210
Prov. - Achado ocasional (PINTO 1984, 123; CENTENO 1987, 111, n.º 1) (Paradeiro desconhecido)

3484. D, Tiberius, Lugdunum, 14 – 37; s/p; *RIC 2* n.º 26 / 28 ou 30
Prov. - Achado ocasional (PINTO 1984, 123; CENTENO 1987, 111, n.º 3) (Paradeiro desconhecido)

3485. As, Tiberius, Calgurris, 14 – 37; 7, 24 gr. ; *Vives* 159 / 5
Prov. - Achado ocasional (CENTENO 1987, 111, n.º 4) (Museu Municipal Abade Pedrosa)

3486. As, Tiberius, Graccurris, 14 – 37; s/p; *Vives 163 /1*
Prov. - Achado ocasional (SANTARÈM 1954, 39; CENTENO 1987, 111, n.º 5) (Paradeiro desconhecido)

3487. As, Claudius I, at. Hispânico (?), 41 – 54; 9, 47 gr.
Prov. - Achado ocasional (Santarém 1954, 33; CENTENO 1987, 111, n.º 6) (Museu Municipal Abade Pedrosa)

Flávios – Antoninos (69 / 192)

3488 . Alv. 97 B3, A1, op. 261 – As, Claudius I, Roma (Provincial ?), 41 – 54, *RIC I*, n.º 100.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Complexo Artesanal*, Fase IV-V, Pátio I, corte estratigráfico 5, camada 1.

3489 . Alv. 92 A, op. 69 – Sestércio, Trajano ?, -, .

Prov. - Área habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico14, camada 4.

3490. Alv. 97 B1, A2, op. 94 – Sestércio, Commodus, Roma, 180 – 193, *RIC III*, p. 413, n.º 402 ?.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

Reformas (260 / 469)

I – (260 / 294)

Roma

3491. Alv. 92 A, op. 70 – Antoniniano, Gallienus, DIANAE CONS AVG, Roma, 256 – 268, *RIC V*, p. 146, n.º 5.
Prov. - Área habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico14, camada 4.

3492. Alv. 92 A, op. 119 – Antoniniano, Claudius II, IOVI VICTORI, Roma, 268 – 270, *RIC V*, p. 215, n.º 54.
Prov. - Área habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. III, Fase V, corte estratigráfico 13, camada 1.

3493. Alv. 92 A, op. 84 – Antoniniano, Gallienus, APOLLINI CONS AVG, Roma, 256 – 268, *RIC V*, p. 145 n.º 164.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. III, Fase V, corte estratigráfico 13, camada 1.

3494. Alv. 94 A, op. 127 – Antoniniano, Gallienus, Roma, 267 – 268, *RIC* n.º 45.
Prov. – Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. III, Fase IV-V, corte estratigráfico 4, camada 01.

3495. Alv. 94 A, op. 207 – Antoniniano, Gallienus, Roma, 261, *RIC* 317.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, Fase IV-V, corte estratigráfico 9, camada 3.

3496. Alv. 96 B, A3, op. 38 – Antoniniano, Gallienus, LAETITIA AVG, Roma, 256 – 268, RIC V, p. 150, n.º226.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. III, Fase V, corte estratigráfico 13, camada 1.

3497. Alv. 97 B3, A1, op. 77 – Antoniniano, Gallienus, Roma, 256 – 268 d.C., -
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 6, camada 2.

3498. Alv. 97 B3, A1, op. 102 – Antoniniano, Gallienus, Roma, 256 – 268 d.C., RIC. V, 1, p. 151, n.º 227.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Complexo Artesanal*, Fase V, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 5, camada 1.

Milão

3499. Alv. 94 A, op. 155 – Antoniniano, Gallienus, Milão ?, 261 – 266, *RIC* ?.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Colher de Prata*, Ap. II, Fase IV-V, corte estratigráfico 5, camada 01.

Casa da moeda indeterminada

3500. Alv. 94 A, op. 79 – Antoniniano, Gallienus, -, 259 – 268, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, Fase IV-V, corte estratigráfico 9, camada 01.

3501. Alv. 94 A, op. 207 a – Antoniniano, *Gallienus*, -, 259 – 268, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, Fase IV-V, corte estratigráfico 9, camada 3.

3502. Alv. 97 B3, A1, op. 46 – Antoniniano, Gallienus, -,256 – 268 ? -.
Prov. - Espaço religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Complexo Artesanal*, Fase IV-V, Ap. XII, corte estratigráfico 5, camada 1.

3503. Alv. 97 B3, A1, op. 198 – Antoniniano, Claudius II, -, 268 – 270, *RIC. V*.
Prov. - Espaço religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Complexo Artesanal*, Fase IV-V, Ap.Pátio I, corte estratigráfico 4, camada 1.

II – (294 / 312 / 13)

Roma

3504. Alv. 97 B2, A2, op. 45 – Nummus, Constantinus I, GENIO POPULI ROMANI, Roma, 312 – 313, *RIC VI*, n.º 292 A.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

Ticinum

3505. Alv. 92 A, op. 75 – Nummus, Maximinianus, SACRA MONET AVGG ET CAESS NOSTR, Ticinum, 300 – 303, *RIC VI*, p. 286 n.º 44 b.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14, camada 4.

3506. Alv. 98 B1, A1, op. 205 – Nummus, Diocletianus, SACRA MONETAVGG ET CAESS NOSTR, Ticinium, 300 – 305, *RIC VI*, p. 286, n.º 43ª.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Complexo Artesanal*, Fase V, Ap . V, corte estratigráfico 3, camada 1.

Treveris

3507. Alv. 97 B2, A2, op. 1 – Nummus, Constantinus I, MATRI PATRI CONSERVATORI, Treveris, 309, *RIC. VI*, n.º 831.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 2, camada 0.

3508. Alv. 97 B3, A1, op. 286 – Nummus, Maximinus, Treveris, 310 – 313, *RIC. VI*, p. 226, n.º 845 A.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 6, camada 1.

Casa da moeda indeterminada

3509. Alv. 97 B1, A2, op. 120 – Nummus, Constantinus I, 3 estandartes, 308 – 313, *RIC. VII*, p. 235, n.º 8.
Prov. - Área habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3510. Alv. 97 B3, A1, op. 33 – Nummus, Maximinianus, -, 294 – 303, - .
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 6, camada 2.

III – (313 / 317)

Arles

3511. Alv. 92 A, op. 58 – Nummus, Constantinus I, SOLI INVICTO COMITI, Arles, 313 – 315, *RIC* , p. 237 n.º 44.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14, camada 4.

Trier

3512. Alv. 92 A, op. 46 – Nummus, Licinius, GENIO POP ROM, Trier, 315 – 316, *RIC VII*, p. 170, n.º 85.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14, camada 5.

Casa da moeda indeterminada

3513. Alv. 94 A, op. 163 – Antoniniano, Constantinus I, -, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*,. Pátio exterior / Forno, corte estratigráfico 10 , camada 01.

IV – (317 / 330)

Antíoquia

3514. Alv. 95 B, A4, op. 147 – Nummus, FL AUGUSTA, Antíoquia, 324 – 330.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, *Praça*, Fase IV-V, corte estratigráfico 2, camada 1b.

Arelate

3515. Alv. 94 A, op. 119 – Nummus, Constantinus I, VIRTVS AVG, Arelate, 325 – 326, RIC VII, p. 265, n.º 291.

Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. III, Fase IV-V, corte estratigráfico 4, camada 01.

3516. Alv. 95 B, A4, op. 128 – Nummus, *Constantinus II,* Arelate, 317 – 318 d.C., *RIC VII*, p. 248, n.º 144.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. III, Fase IV-V, corte estratigráfico 4, camada 01.

Roma

3517. Alv. 98 B1, A1, op. 85 – Nummus, Crispus, PROVIDENTIAE CAESS, Roma, 317 – 326, *RIC VII*, p. 330, n.º 288.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Complexo Artesanal*, Fase V, Ap . VIII, corte estratigráfico 3, camada 2.

V – (330 / 335)

Arelate

3518. Alv. 97 B1, A2, op. 133 – Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 2 estandartes, Arelate, 330 – 335, *LBRC I*, n.º 359.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3519. Alv. 97 B2, A2, op. 85 – Nummus, Constantinus I, GLORIA EXERCITVS, Arelate, 330 – 331, *RIC VII*, n.º 345.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

Lugdunum

3520. Alv. 96 B, A4, op. 13 – Nummus, Constantinopolis, Lugdunum, 330 – 335, *LRBC* , n.º 206.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

Casa da moeda indeterminada

3521. Alv. 94 A, op. 130 – Nummus, Constantinopolis, -, 332 – 333/335, *RIC* p. 657 n.º 107; *LBRC I*, p. 28 n.º 1249.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 9, camada 01.

VI – (335 / 337)

Alexandria

3522. Alv. 95 B, A4, op. 147 – Nummus, URBS ROMA, Alexandria, 335 – 337,
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, *Praça*, Fase IV-V, corte estratigráfico 2, camada 1b.

Aquileia

3523. Alv. 92 A, op. 62 – Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, Aquileia, 335 - 337, *LRBC I*, n.º 681/ 692 b.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14, camada 4.

Arelate

3524. Alv. 92A, op. 100 – Nummus, Constantinus II, GLORIA EXERCITUS, 1 estandarte, Arelate, 335 – 337, *LRBC I*, p. 11 n.º 406.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigréfico 14, camada 4.

3525. Alv. 94 A, op. 144 – Nummus, Constans, 1 estandarte, Arles, 335 – 337, *LBRC I*, p. 11, n.º 40.
Prov. – Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 02.

Roma

3526. Alv. 92 A, op. 115 – Nummus, Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, Roma, 335 – 337, *LBRC I*, p. 15, n.º 569.
Prov. - Área habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. I, Fase V, corte estratigráfico 12, camada 1.

3527. Alv. 94 A, op. 81 – Nummus, URBS ROMA, Roma 335 – 337, *LRBC*, n.º 571.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. III, Fase IV-V, corte estratigráfico 4, camada 01.

VII – (337 - 341)

Nicomédia

3528. Alv. 94 A, op. 72 – Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, Nicomédia, 337 – 341, *LBRC I*, p. 27 n.º 1136.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, Fase IV-V, corte estratigráfico 8, camada 02.

Constantinopola

3529. Alv. 97, B1, A2, op. 42 a – Nummus, Helena, PAX PVBLICA, Constantinopola, 337-341, *LRBC I*, n.º 1046.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

Lugdunum

3530. Alv. 97, B1, A2, op. 25 – Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, Lugdunum, 337 – 341, *LBRC I*, n.º 252.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3531. Alv. 97 B1, A2, op. 96 –Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, Lugdunum, 337 – 341, *LRBC I*, n.º 249 - 251.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3532. Alv. 97 B2, A2, op. 104 – Nummus, Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, Lugdunum, 337 – 340, *RIC VIII*, n.º 9.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

Roma

3533. Alv. 92A, op. 118 – Æ3, Theodorae, PIETAS ROMANA, Roma, 340, *RIC VIII*, p. 251, n.º 54, Est. 1, 43.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. I, Fase V, corte estratigráfico 12, camada 1.

Arelate

3534. Alv. 94 A, op. 152 – Nummus, Constans, Arles, 337 – 341 d.C., *LRBC I*, p. 11 n.º 442.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, Fase IV-V, corte estratigráfico 9, camada 01.

3535. Alv. 95 B, A4, op. 64 d – Nummus, Constans I, GLORIA EXERCITVS, Arelate, 337 – 341, *LBRC I*, n.º 442.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 1, camada 1.

3536. Alv. 97 B1, A2, op. 90 – Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGGQNN, Arelate, 337 – 341, *LBRC I* p. 12, n.º 449.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3537. Alv. 97 B2, A2, op. 90 – Nummus, Constantinus II, GLORIAE EXERCITVS, 1 estandarte, Arelate, *LBRC I*, n.º 411.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 2, camada 2.

Siscia

3538. Alv. 97 B1, A2, op. 84 c – Nummus, -, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, Siscia, 337 – 341, *LBRC I*, n.º 777.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

Casa da moeda indeterminada

3539. Alv. 92 A, op. 57 – Nummus, -, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, -, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14, camada 4.

3540. Alv. 92 A, op. 61 – Nummus, -, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, -, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14, camada 4.

3541. Alv. 92 A, op. 63 – Nummus, Constantinus I, -, 337 – 341, *LRBC I*, p. 25 n.º 1041.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14, camada 4.

3542. Alv. 92A, op. 95 – Nummus, -, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, -, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14, camada 4.

3543. Alv. 92A, op. 110 – Nummus, Constancio II, GLORIA EXERCITVS, -, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14, camada 4.

3544. Alv. 92 A, op. 117 – Æ3, Constancio II, FEL TEMP REPARATIO, -, 337 – 361, -..
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase V, *Domus do Tesouro*, Ap. II, corte estratigráfico 12, camada 1.

3545. Alv. 93A, op. 41 – Nummus, -, GLORIA EXERCITVS, -, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Colher de Prata*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

3546. Alv. 93 A, op. 60 - Nummus, -, GLORIA EXERCITVS, -, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 3.

3547. Alv. 93 A, op. 115 – Æ 4, -, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, - , 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 3.

3548. Alv. 94 A, op. 60 – Nummus, -, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, -, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, Fase IV-V, corte estratigráfico 9, camada 01.

3549. Alv. 94 A, op. 129 – Nummus, - GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, -, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Colher de Prata*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 01.

3550. Alv. 95 B, A4, op. 64 g – Nummus, -, GLORIA EXERCITVS, -, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV/V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. IV, corte estratigráfico 1, camada 1.

3551. Alv. 95 B, A4, op. 117 c – Nummus, -, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, -, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 1, camada 1.

3552. Alv. 96 B, A4, op. 95 – Nummus, Constancio II, -, -, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

3553. Alv. 96 B, A4, op. 103 – Nummus, -, -, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

3554. Alv. 96 B, A4, op. 110 – Nummus, -, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, -, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

3555. Alv. 97, B1, A2, op. 26 – Nummus, Constantinus I, -, 337 – 341, *LRBC I*, n.º 1041.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3556. Alv. 97 B1, A2, op. 50 – Nummus, Constantinus I, -, 337 – 341 , *LBRC I*, *n.º* 1041.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3557. Alv. 97 B1, A2, op. 71 – Nummus, -, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, -, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3558. Alv. 97 B1, A2, op. 84 – Nummus, -, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, -, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3559. Alv. 97 B1, A2, op. 85 – Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, -, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3560. Alv. 97 B1, A2, op. 113 – Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, -, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3561. Alv. 97 B1, A2, op. 145 – Nummus, -, GLORIA EXERCITVS, 1 estandarte, -, 335 – 341, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3562. Alv. 98 B1, A1, op. 67 - Nummus, - , GLORIAE EXERCITVS, 1 est. 335 – 341, - .

Prov. – Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Complexo Artesanal*, Fase V, Ap . VIII, corte estratigráfico 3, camada 2.

VIII – (341 / 348)

Arelate

3563. Alv. 95 B, A4, op. 64 f – Nummus, Constans I, VICTORIAE DD AVGGQNN, Arelate, 341 – 346, *LBRC I*, n.º 463
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 1, camada 1.

3564. Alv. 95 B, A4, op. 64 h – Nummus Constans II, VICTORIAE DD AVGGQNN, Arelate, 341 – 346, *LRBC I*, n.º 455.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 1, camada 1.

Cysicus

3565. Alv. 95 B, A4, op. 117 - Nummus, Constantinus I, Cyzicus, 341 – 346 d.C., *LRBC* p. 29, n.º 1304.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 1, camada 1.

3566. Alv. 95 B, A4, op. 117 s – Nummus, Constantinopolis, Cyzicus, 341 – 346, *LRBC* n.º 1304.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 1, camada 1.

3567. Alv. 97 B1, A2, op. 82 - Nummus, Constantinopolis, Cyzicus, 341 – 346, *LRBC* n.º 1304.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

Nicomedia

3568. Alv. 95 B, A4, op. 117 a – Nummus, Constans, VOT XX MVLT XXX, Nicomedia, 341 – 346, *LRBC I*, n.º 1150.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 1, camada 1.

Treveri

3569. Alv. 95 B, A4, op. 64 b – *Nummus*, Constans, Treveri, 341 – 346 d.C., *LRBC I*, p. 6, n.º 140.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 1, camada 1.

Lugdunum

3570. Alv. 98 B1, A1, op. 207 – Nummus , Constantius II, VICTORIAE DDAVGGQNN, Lugdunum, 341 – 346, *LRBC* 1, p. 8, n.º 260.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Complexo Artesanal*, Fase V, Ap . V, corte estratigráfico 3, camada 1.

Casa da moeda indeterminada

3571. Alv. 92 A, op. 88 – Nummus, -, VICTORIAE DD AVGGQNN, -, 341 – 346, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. I, Fase V, corte estratigráfico 12, camada 1.

3572. Alv. 92A, op. 108 – Nummus, Constantinus I, -, 341 – 346, *LBRC I*, p. 23 n.º 962.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14, camada 4.

3573. Alv. 92A, op. 112 – Nummus, Constans I, VICTORIAE DD AVGGQNN, -, 341 – 346, *LRBC I*, p. 18 n.º 701.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14, camada 4.

3574. Alv. 93A, op. 38 – Nummus, - , VICTORIAE DD AVGGQNN, -, 341 – 346, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

3575. Alv. 94 A, op. 76 – Nummus, -, VICTORIAE DD AVGQNN, -, 341 – 346, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, Fase IV-V, *Domus da Colher de Prata*, Ap. I, corte estratigráfico 8, camada 02.

3576. Alv. 94 A, op. 92 – Nummus, -, VICTORIAE DD AVGGQNN, -, 341-346, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Colher de Prata,* Ap. I, Fase IV-V, corte estratigráfico 8, camada 01.

3577. Alv. 95 B, A4, op. 117 b – Nummus, Constans, VICTORIAE DDAVGGQNN, -, 341 – 346, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 1, camada 1.

3578. Alv. 96 B, A4, op. 20 – Nummus, Constantinus II, VICTORIAE DD AVGGQNN, -, 341 – 346, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. IV, corte estratigráfico 1, camada 1.

3579. Alv. 96 B, A4, op. 93 – Nummus, -, VICTORIAE DD AVGGQNN, -, 341 – 346, -,
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

3580. Alv. 97 B1, A2, op. 65 – Nummus, URBS ROMA, VOT XX MULT XXX,-,-.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3581. Alv. 97 B1, A2, op. 84 a – Nummus, -, VICTORIAE DD AVGGQNN, oficina ocidental, 341 – 346, *LBRC I*, n.º 158 – 160.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3582. Alv. 97 B1, A2, op. 104 – Nummus, -, VICTORIAE DD AVGGQNN, -, 341 – 346, *LBRC I*, n.º 158 – 160.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3583. Alv. 97 B1, A2, op. 149 a - Nummus, -, VICTORIAE DD AVGGQNN, -, 341 – 346, -.
Prov. - Área habitacional Sudeste, Fase IV/V, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3584. Alv. 97 B2, A2, op. 5 – Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGGQNN, oficina ocidental, 341 – 346, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 2, camada 0.

3585. Alv. 97 B2, A2, op. 54 – Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGGQNN, oficina ocidental, 341 – 346, -.
Prov Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

3586. Alv. 97 B3, A1, op. 275 – Nummus, Constans, -, 341 – 346, *LRBC I*, n.º 1399.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Domus da Lucerna do Golfinho* - ext., Fase IV-V, corte estratigráfico 6, camada 1.

X – (351 / 353 / 354)

Arles

3587. Alv. 92 A, op. 73 – Nummus, Decentius Caesar, VICTORIAE DDNN AVG ET CAES, Arles, 350 – 353, *RIC VIII*, p. 216, n.º 168.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 12, camada 1.

Cyzicus

3588. Alv. 97 B2, A2, op. 95 – Æ2, Constantius, FEL TEMP REPARATIO, Cyzicus, 351 – 354, *RIC VIII*, n.º 106 / *LRBC II*, n.º 2493.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

Roma

3589. Alv. 96 B, A4, op. 123 – Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO, Roma, 352 – 354, - .
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

Casa da moeda indeterminada

3590. Alv. 95 B, A4, op. 64 a – Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO, -, 352 – 354, *LBRC II*, p. 60 n.º 680.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. IV, corte estratigráfico 1, camada 1.

XI – (354 / 356)

Roma

3591. Alv. 95 B, A4, op. 173 - Æ2, Constantius (Constancio Galo), FEL TEMP REPARATIO, Roma, 352 – 354, *LRBC II*, n.º 662.
Prov. - Espaço Público e Área Habitacional Norte, *Praça*, Fase IV, corte estratigráfico 2, camada 1.

Casa da moeda indeterminada

3592. Alv. 97 B2, A2, op. 56 – Æ 2, Constantius I, FEL TEMP REPARATIO, -, 354 – 356, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

XIII – (358 / 361)

Arelate
3593. Alv. 95 B, A4, op. 117 r – Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO, Arelate, 355 – 360, *LRBC II*, n.º 458.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 1, camada 1.

Casa da moeda indeterminada

3594. Alv. 93A, op. 78 - Æ3, -, FEL TEMP REPARATIO, -, 346 – 361, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Colher de Prata*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 7, camada 3.

3595. Alv. 93A, op. 83 - Æ3, -, FEL TEMP REPARATIO, -, 346 – 361, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Colher de Prata*, Fase IV-V, Ap. I corte estratigráfico 7, camada 3.

3596. Alv. 93A, op. 117 – Æ4, -, FEL TEMP REPARATIO, -, 346 – 361, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Colher de Prata*, Fase IV-V, Ap. II, corte estratigráfico 8, camada 3.

3597. Alv. 94 A, op. 49 – Æ2, -, FEL TEMP REPARATIO, -, 346 – 361, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, Fase IV-V, corte estratigráfico 9, camada 01.

3598. Alv. 95 B, A4, op. 64 – Æ2, -, FEL TEMP REPARATIO, -, 346 – 361, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. IV, corte estratigráfico 1, camada 1.

3599. Alv. 95 B, A4, op. 62 a – Æ3, Constantius II, FEL TEM REPARATIO, -, 346 – 361, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. IV, corte estratigráfico 1, camada 1.

3600. Alv. 95 B, A4, op. 117 e – Æ3, -, FELT TEP REPARATIO, -, 346 – 361, - .
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 1, camada 1.

3601. Alv. 96 B, A4, op. 29 – Æ 3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO, -, 346 – 361, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

3602. Alv. 96 B, A4, op. 69 – Æ 2, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO, -, 346 – 361, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

3603. Alv. 97 B1, A2, op. 84 b – Æ 4, -, FEL TEMP REPARATIO, -, 346 – 361, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. I, corte estratigráfico 3, camada 2.

3604. Alv. 97 B2, A2, op. 40 – Æ 2, Constantius , SPES REIPVBLICE, -, 358 – 361, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

3605. Alv. 97 B2, A2, op. 52- Æ 4, Constans ou Constantinus I, SPES REIPUBLICE, -, 358 – 361, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

3606. Alv. 97 B2, A2, op. 88 – Æ 3, Constantinus II, SPES REIPVBLICE, -, 358 – 361, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

3607. Alv. 97 B2, A2, op. 88 a - Æ 4, Constantinus II, SPES REIPVBLICE, -, 358 – 361, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

3608. Alv. 97 B3, A1, op. 191 – AE3, Constantius, SPES REPUBLICE, -, 358 – 361, -.
Prov. - Espaço Religioso, Complexo Artesanal e Área Habitacional Norte, *Complexo Artesanal*, Fase V, Ap. X, corte estratigráfico 4, camada 1.

XIV – (361 / 364)

Casa da moeda indeterminada

3609. Alv. 94 A, op. 93 – Æ3, Iulianus, FEL TEMP REPARATIO, -, 354 – 363, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna Cristã*, Ap. II, Fase IV-V, corte estratigráfico 9, camada 01.

XV – (364 / 378)

Roma

3610. Alv. 97 B2, A2, op. 4 – Æ3, Valens, SECURITAS REIPVBLICAE, Roma, 367 – 375, *RIC IX*, n.º 24 b.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. Pátio I, corte estratigráfico 2, camada 0.

Casa da moeda indeterminada

3611. Alv. 96 B. A4, op. 126 – Æ4, Gratianus I, VOT XV MULT XX, -, 378 – 383, *LRBC* 2, n.º 144.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14, camada 4.

XVI – (378 / 383)

Casa da moeda indeterminada

3612. Alv. 92 A, op. 78 – Æ 2, Gratianus, REPARATIO REIPVB, -, 378 – 383, *LRBC II*, p. 57 n.º 548.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus do Tesouro*, Ap. II, Fase V, corte estratigráfico 14, camada 4.

3613. Alv. 96 B, A4, op. 6 – Nummus, -, SPES ROMANORVM, ateliê ocidental, -, LRBC II, n.º 560.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. IV, corte estratigráfico 1, camada 1.

3614. Alv. 96 B, A4, op. 114 – Æ 4, Theodosius, VICTORIAE AUGGQ, -, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. V, corte estratigráfico 1, camada 1.

XVII – (383 / 395)

Casa da moeda indeterminada

3615. Alv. 97 B2, A2, op. 55 – Æ 4, -, VOT ? MULT ?, -, 375 – 387, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

XVIII – (395 / 408)

Casa da moeda indeterminada

3616. Alv. 97 B2, A2, op. 100 – Æ 4, Arcadius, -, -.
Prov. - Área Habitacional Sudeste, *Domus da Lucerna do Cavalo*, Fase IV-V, Ap. III, corte estratigráfico 2, camada 2.

Alv. 92 A, op. 91 - Tesouro monetário composto por cerca de 1500 moedas exumado no decurso da campanha de 1992, na *Área habitacional Sudeste, Domus do Tesouro, Ap. II, Fase V, camada 4* - camada de incêndio, por cima do piso em associação com outros materiais. As moedas encontravam-se todas juntas, muitas delas ligadas entre si pelos óxido de corrosão tomando a forma do seu contentor, que pela análise de fibras agarradas às moedas indicam que seria de couro. O tesouro poderia eventualmente encontrar-se escondido na parte superior de uma das paredes ou mesmo no telhado, caindo sobre o piso a quando do desabamento do telhado provocado pelo incêndio tendo ardido parcialmente ou totalmente.
O estudo aqui apresentado é composto por uma amostra de cerca de 40% da totalidade do tesouro, mais precisamente por 612 moedas.

I - 260 – 294 (2)

Roma

--// (1)
1 / Antoniniano, Divo Claudius, Consertatio (águia à direita) *RIC VI*, n.º 265

Casa da moeda indeterminada
2 / Antoniniano, Gallienus, ?, *RIC VI*, n.º ?

IV – 317 – 330 (2)

Aquileia

-- // AQP
3 / Nummus, Constantinus II (c), CAESARUM NOSTRORUM - VOT/X, *Prima of., RIC VII*, n.º 79

Siscia

-- // ASIS
4 / Nummus, Crispus, CAESARUM NOSTRUM - VOT /X, *A*, *RIC VII*, n.º 169

V – 330 – 335 (7)

Lugdunum

-- // PLG
5 / Nummus, Constantinus I, GLORIA EXERCITUS, 2 est., *Prima of.*, *RIC VII*, n.º 236
6 / Nummus, CONSTANTINOPOLIS, Victória na proa, *Prima of.*, *RIC VII*, n.º 241

-- // .PLG
7 / Nummus, CONSTANTINOPOLIS, Victória na proa, *Prima of.*, *RIC VII*, n.º 273
8 / Nummus, CONSTANTINOPOLIS, Victória na proa, Praima of, RIC VII, 246

Arelate

o - // PCONST
9 / Nummus, CONSTANTINOPOLIS, Victória na proa, *Prima of.*, *RIC VII*, n.º 347

Casa da moeda indeterminada
10 / Nummus, Constantinus I, GLORIA EXERCITUS, 2 est., *of* .?, *RIC VII*, n.º ?

Imitação

--// ? (1)
11 / Nummus, ?, GLORIA EXERCITUS, 2 est., *of. ?,*

VI – 335 – 337 (17)

Arelate

// PCONST
12 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITUS, 1 est., *Prima of.*, *RIC VII*, n.º 395
13 - 14 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITUS, 1 est., *Prima of.*, *RIC VII*, n.º 396

o // PCONST
15 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Prima of., RIC VII*, n.º 412

Roma

-- // R* P
16 – 17 / Nummus, Delmatius, GLORIA EXERCITVS, 1 est., 16 *Prima of.,* 17 *? of.*, *RIC VII*, n.º 395

-- // R ♥ P
18 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est. *Tercia of.*, *RIC VII*, n.º 401

Constantinopolis

-- // CONSA
19 / Nummus, Delmatius, GLORIA EXERCITVS, 1 est.*Tercia of., RIC VII*, n.º 142

Nicomedia

-- // SMNA
20 / Nummus, Constantinus II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *of. A,RIC VII*, n.º 200

Cysicus
-
-- // SMKA
21 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est. *Tercia of., RIC VII*, n.º 126
22 / Nummus, Dematius, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *of.* B, *RIC VII*, n.º 133

Antoquia

-- // SMANA
23 / Nummus, Constantinus II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *of. Quinta, RIC VII*, n.º 109

Casa da moeda oriental indeterminada

-- // SM (?)
24 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *of.* ?, *RIC VII*, n.º ?

Casa da moeda indeterminada

-- // ?
25 / Nummus, Constantinus II, GLORIA EXRCITVS, 1 est., *of.* ?, *RIC VII*, n.º ?
26 – 27 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *of.* ?, *RIC VII*, n.º ?

-- // ?
28 / Nummus, Constantinus I, Constantinus II, Constantius II, Constans ou Delmatius, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *of.* ?, *RIC VII* , n.º ?

VII – 337 – 341 (88)

Treveri

-- //. TRP.
29 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est. *Prima of.*, *RIC VIII*, n.º 58 ou 59
30 / Nummus, Urbs Roma, LOBA COM GÉMEOS, *Prima of.*, *RIC VIII*, n.º 66

-- // TRP
31 / Nummus, Helena, PAX PVBLICA, *Secunda of*., *RIC VIII*, n.º 78

M // TRP
32 / Nummus, Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 est. *Prima of*., *RIC VIII*, n/ ref.
33 / Nummus, Constantius II ou Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 105 - 107

M // TRP

34 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 108

G // TRP
35 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 115 - 117

Lugdunum

// PLG
36 / Nummus, Constantinus II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 6
37 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 8

I // PLG
38 / Nummus, Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 28, 29 ou 30

? // PLG
39 / Nummus, Constantinus I, Imperador velado, quadriga, mão de deus, *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 12 ou 17

Arelate

o // PCONST
40 / Nummus, Constantinus II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 1
41 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITUS, 1 est., *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 2 - 7
42 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 4
43 / Nummus, Urbs Roma, Loba com gémeos, *Prima of.RIC VIII*, n.º 8

// PCONST
44 – 45 / Nummus, Constantinus II, Constantius II, Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 10 - 14
46 / Nummus, Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Prima of*., *RIC VIII* 13

X // PCONST
47 / Nummus, Constantinus II, Constantius II, Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 18 - 24

G // PARL
48 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Secunda of*., *RIC VIII*, n.º 56

? // PCON
49 / Nummus, Constantinus II, Constantius II, Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Secunda of*., *RIC VIII*, n.º ?

Roma

-- // R P
50 / Nummus, Constantinus II, VIRTUS AVGVSTI, *? of.*, *RIC VIII*, n.º 4

-- // R * P
51 / Nummus, Constantius II, SECURITAS REIP, *? of.*, *RIC VIII*, n.º 25
52 / Nummus, Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Prima of.*, *RIC VIII*, n.º 26
53 / Nummus, Helena, PAX PVBLICA, *Prima of.*, *RIC VIII*, n.º 27
54 / Nummus, Theodora, PIETAS ROMANA, *Prima of.*, *RIC VIII*, n.º 28
55 – 57 / Nummus, Constantinopolis, victória na proa, 55,56 *Prima of.*, 57 *Secunda of., RIC VIII*, n.º 30

-- // R ?
58 / Nummus, Constantinus II, VIRTVS AVGVSTI, *? of*., *RIC VIII*, n.º 4, 5, 14, 21, 32, 43 ou 47
59 / Nummus, Constantinus II, GLORIA EXERCITVS, *? of*., *RIC VIII*, n.º 24, 36 ou 50
60 - 61 / Nummus, Constans, SECVRITAS REIPVB, *? of*., *RIC VIII*, n.º 8, 10, 11, 35 ou 46
62 / Nummus, Constantius II, SECVRITAS REIP, *? of*., *RIC VIII*, n.º 15, 22, 33 ou 44
63 / Nummus, Constantius II, SECVRITAS REIP, *? of*., *RIC VIII*, n.º 9, 12, 15, 22, 33 ou 44
64 – 65 / Nummus, Constantius II ou Constans, SECVRITAS REIP, *? of*., *RIC VIII*, n.º ?

Aquileia

o // AQP

66 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 26

Thessalonica

-- // SMTSA
67 / Nummus, Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Alfa of*., *RIC VIII*, n.º 57

Constantinopolis

-- // CONSA
68 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *? of*., *RIC VIII*, n.º 27
69 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Alfa of*., *RIC VIII*, n.º 51a
70 / Nummus, Constantius II ou Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Alfa of*., *RIC VIII*, n.º 26 - 30

Nicomedia

-- // SMNA
71 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *Alfa of*., *RIC VIII*, n.º 11
72 / Nummus, Constantinus I, Imperador velado, quadriga, mão de Deus, *Alfa of*., *RIC VIII*, n.º 18

Cysicus

-- // SMKA
73/ Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITUS, 1 est., *Alfa of*., *RIC VIII*, n.º 16 ou 17
74 / Nummus, Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *? of*., *RIC VIII*, n.º 17a

-- // SMKA U
75 / Nummus, Constantinus I, Imperador velado, quadriga, mão de Deus, *Quarta of.*, *RIC VIII*, n.º 30

Antioqia

-- // SMANA
76 / Nummus, Constantinus I, Imperador velado, quadriga, mão de Deus, *Z1 of*., *RIC VIII*, n.º 39

Casa da moeda ocidental - Indeterminada

//
77 – 79 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *of. ?*, *RIC VIII*, n.º ?
80 / Nummus, Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *of. ?*, *RIC VIII*, n.º ?

I // ?
81 / Nummus, Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *of. ?*, *RIC VIII*, n.º ?

Casa da moeda indeterminada - Oriental

-- // SM ?
82 / Nummus, Constantinus I, , Imperador velado, quadriga, mão de Deus, *? of*., *RIC VIII*, n.º ?
83 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *? of*., *RIC VIII*, n.º ?

Casa da moeda indeterminada

-- // ?
84 / Nummus, Theodora, PIETAS ROMANA, *? of*., *RIC VIII*, n.º ?
85 - 90 / Nummus, Constantius II, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *? of*., *RIC VIII*, n.º ?
91 – 97 / Nummus, Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *? of*., *RIC VIII*, n.º ?
98 – 114 / Constantinus II, Constantius II ou Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *? of*., *RIC VIII*, n.º ?

Imitação

-- // ?
115 – 116 / Nummus, Constantinus II, Constantius II ou Constans, GLORIA EXERCITVS, 1 est., *? of*., *RIC VIII*, n.º ?

Casa da moeda indeterminada

-- // ?
117 / Nummus, URBS ROMA, Loba com gémeos, *? of*., *RIC VIII*, n.º ?
118 / Nummus, CONSTANTINOPOLIS, Victória na proa, *? of*., *RIC VIII*, n.º ?

VIII - 347 – 348 (143)

Treveri

M // TRP
119 – 121 / Nummus, Constantius II, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 180
122 / Minimmus, Constantius II ou Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 180 - 183

// TRP
123 / Nummus, Constantius II, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 184
124 – 126 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, 124 *Prima of*., 125 *Secunda of*., 126 *? of*., *RIC VIII*, n.º 185

D // TRP
127 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Secunda of*., *RIC VIII*, n.º 195
128 – 129 / Nummus, Constantius II ou Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, 128 *Prima of*., 129 *? of*., *RIC VIII*, n.º 193 - 196

? // TRP
130 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII*, n.º ?

Lugdunum

-- // PLG
131 / Nummus, Constantius II, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 38

// PLG
132 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 47

// PLG
133 / Nummus, Constantius II, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 55

// PLG
134 / Nummus, Constantius II, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 65
135 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 67

Arelate

I // PARL
136 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 67

G // PARL
137 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Secunda of*., *RIC VIII*, n.º 74

// PARL
138 / Nummus, Constantius II ou Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 76 ou 77

M // PARL
139 – 144 / Nummus, Constantius II, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., 144 *? of*., *RIC VIII* , n.º 78
145 – 147 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., 146 *Secunda of*., 147 *? of*., *RIC VIII*, n.º 80
148 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *? of*., *RIC VIII*, n.º 82
149 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII*, n.º 79 - 82
150 – 151 / Nummus, Constantius II ou Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* 78-82

P // PARL
152 / Nummus Constantius II, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* 83
153 / Nummus Constantius II, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* 83 ou 84
154 – 157 / Nummus Constantius II, VICTORIAE DD AVGG Q NN, 154-156 *Prima of*., 157 *? of*., *RIC VIII* 84

158 – 159 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* 85
160 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* 85 ou 86
161 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* 86
162 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* 87
163 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Secunda of*., *RIC VIII* 85-87
164 / Nummus, Constantius II ou Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* 83-87

PV / PARL
165 / Nummus Constantius II, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* 88

// PARL
166 / Nummus, Constantius II ou Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* 90-94

? // PARL
167 / Nummus Constantius II, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* 72 -74-e 76-94

Imitação
P // PARL
168 / Nummus, Constantius II ou Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* ?

Roma
-- // R * P
169 / Nummus Constantius II, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* 24 ou 25

-- // R . P
170 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* 81
171 / Nummus, Constantius II ou Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* 79,80 ou 81

-- // ROP
172 – 174 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, 172 *Secunda of*., 173 *Terça of*., 174 *Quarta of*., *RIC VIII* 84

-- // R P
175 – 176 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, 175 *Prima of*., 176 *Secunda of*., *RIC VIII* 92

. // ?
177 / Nummus Constantius II, VICTORIAE DD AVGG Q NN *? of*., *BRUCK* p.81

Aquileia

-- // AQP
178 / Nummus Constantius II, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* 76

-- // . AQP
179 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Terça of*., *RIC VIII* 79

A // AQP
180 / Nummus, Constantius II ou Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Prima of*., *RIC VIII* 80 ou 81

Siscia

-- // . ASIS .
181 – 182 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Alfa of*., *RIC VIII* 185

Thessalonica

// SMTSA
183 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *Alfa of*., *RIC VIII* 100

Constantinopolis

-- // CONSA

184 / Nummus, Constantius II, VOT/XX MVLT/XXX, *Alfa of*., *RIC VIII* 69

Nicomedia

-- // SMNA
185 / Nummus, Constantinus I, VN-MR, Alfa of., RIC VIII 48
186 / Nummus, Constans, VOT/XX MVLT/XXX, *Alfa of*., *RIC VIII* 51
187 / Nummus, Constantius II ou Constans, VOT/XX MVLT/XXX, E *of*., *RIC VIII* 49-52

Cyzicus

-- // SMKA
188 / Nummus, Constantius II, VOT/XX MVLT/XXX, *Alfa of*., *RIC VIII* 48

Antioquia

-- // SMANA
189 – 190 / Nummus, Constantius II, VOT/XX MVLT/XXX, 189 *Alfa of*.,190 T *RIC VIII* 112
191 / Nummus, Constantius II, VOT/XX MVLT/XXX, *Z of*., *RIC VIII* 113
192 / Nummus, Constantius II ou Constans, VOT/XX MVLT/XXX, Alfa *of*., *RIC VIII* 113 ou 115

Casa da moeda ocidental

193 – 194 / Nummus, Constantius II, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *? of*., *RIC VIII* ?
195 – 196 / Nummus, Constantius II ou Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, ? *of*., *RIC VIII* ?

? // ?
197 – 203 / Nummus, Constantius II, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *? of*., *RIC VIII* ?
204 – 214 / Nummus, Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *? of*., *RIC VIII* ?
215 – 239 / Nummus, Constantius II ou Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *? of*., *RIC VIII* ?

Imitação
240 / Nummus, Constantius II ou Constans, VICTORIAE DD AVGG Q NN, *? of*., *RIC VIII*

Casa da moeda oriental

? // ?
241 – 245 / Nummus, Constantinus I, VN - MR, *? of*., *RIC VIII* ?
246 – 251 / Nummus, Constantius II, VOT/XX MVLT/XXX, *? of*., *RIC VIII* ?
252 – 254 / Nummus, Constans, VOT/XX MVLT/XXX, *? of*., *RIC VIII* ?
255 – 261 / Nummus, Constantius II ou Constans, VOT/XX MVLT/XXX, *? of*., *RIC VIII* ?

IX – 348 – 350 (4)

Arelate

-- // PARL
262 / Æ2 Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (*Galera*), *Secunda of*., *RIC VIII* 99

Casa da moeda oriental

-- // SM ?
263 / Æ2 Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (*Fenix s/ globo) ? of., RIC VIII* ?

Casa da moeda indeterminada

264 / Æ2, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (*Galera*), *? of*., *RIC VIII* ?
265 / Æ2, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO , *? of*., *RIC VIII* ?

X – 348 - 351 (6)

Lugdunum

-- // RPLG
266 / Æ2, Decentius, VICTORIAE DD NN AVG ET CAE, *Prima of.*, *RIC VIII* 122
VOT/VMVLT/X

Roma

T - // R **O** P
267 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH4), *Quinta of.*, *RIC VIII* 256 ou 257

-- // R * P
268 / Æ3, Constantius II ou Constantius Gallus, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Prima of.*, *RIC VIII* 276, 277, 278 ou 279

Siscia

-- // ASIS
269 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), T *of.*, *RIC VIII* 350

Thessalonica

A - // SMTS
270 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Prima of*, *RIC VIII* 189

Constantinopolis

. - // CONSA
271 / Æ3, Constantius Gallus, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Prima of*, *RIC VIII* 122

XI – 354 – 356 (83)

Treveri

-- // TRP
272 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Prima of., RIC VIII* 358

Arelate

D - // PCON
273 – 274 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Prima of., RIC VIII* 215
275 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Secunda of., RIC VIII* 215 ou 216

Roma

-- // R **O** P
276 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Terça of., RIC VIII* 309 ou 310
277 – 278 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Prima of., RIC VIII* 310

Aquileia

II - // AQP
279 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Secunda of., RIC VIII* 212

Sirmium

. S. // ASIRM

280 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Alfa of., RIC VIII* 46 ou 47

-- // ASIRM .
281 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Alfa of., RIC VIII* 69

Thessalonica

-- // SMTSA
282 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Alfa of., RIC VIII* 192

Heraclea
-- // SMHA
283 – 285 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), 283-284 *Alfa of.*,285 *Beta of., RIC VIII* 90

Constantinopolis

-- // CONSA
286 – 287 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3)_____, RIC VIII 104
288 / Æ3, Constantius II ou Iullianus, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Alfa of.*, *RIC VIII* 104-109

Nicomedia

-- // SMNA
289 / ---- Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *quinta of.*, *RIC VIII*, 104.
290 / ---- Æ3, Constantius ou Julianus, FEL TEMP REPARATIO (FH3) *prima of.*, *RIC VIII*, 104 - 106

Cyzicus

* - // SMKA
291 – 292 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *quinta of.*, *RIC VIII* 113

Casa da moeda oriental

? // SM ?
293 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3) *? of.*, *RIC VIII ?*
294 – 295 /. Iullianus, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *of.*, *RIC VIII ?*

Casa da moeda indeterminada

A - // ?
296 – 297 /. Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *? of.*, *RIC VIII* ?

? // ?
298 – 338 /. Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3) *? of.*, *RIC VIII ?*
339 – 342 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH4) *? of.*, *RIC VIII ?*
343 – 346 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH?) *? of.*, *RIC VIII ?*
347 – 348 / Iullianus, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *of.*, *RIC VIII ?*
349 – 353 / Æ3, Constantius II ou Iullianus, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *? of.*, *RIC VIII* ?

Imitação

354 / 3939. Æ3, tipo FEL TEMP REPARATIO (FH3), ? *of.,*

XII - 357- 358 (25)

Arelate

M - // PCON
355 – 356 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Secunda of., RIC VIII* 269

Recunhagem sobre D - // PCON

357 / Iullianus sobre Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Prima of., RIC VIII* ?

Roma

-- // R .M . P
358 – 359 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Prima of.*, *RIC VIII* 314

Thessalonica

M - // SMTSA
360 / Iullianus, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Alfa of.*, *RIC VIII* 209
361 / Iullianus, FEL TEMP REPARATIO (FH4), *Alfa of.*, *RIC VIII* 212

Constantinopolis

. M . - // CONSA
362 – 364 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3),362-363 *? of.*,364 *Quinta of.*, *RIC VIII* 137

Cyzicus

. M . - // SMKA
365 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Quinta of.*, *RIC VIII* 115

Casa da moeda ocidental

M - // (?) P
366 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), *Prima of.*, *RIC VIII* ?

Casa da moeda oriental

367 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), ? *of.*, *RIC VIII* ?

Casa da moeda indeterminada

M - // ?
368 – 376 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), ? *of.*, *RIC VIII* ?
377 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH4), ? *of.*, *RIC VIII* ?
378 / Æ3, Julianus, FEL TEMP REPARATIO (FH4), ? *of.*, *RIC VIII* ?

-- // ?
379 / Æ3, Iullianus, FEL TEMP REPARATIO (FH3), ? *of.*, *RIC VIII* ?

? // ?
380 – 382 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH3), ? *of.*, *RIC VIII* ?
383 – 384 / Æ3, Constantius II, FEL TEMP REPARATIO (FH?), ? *o.*, *RIC VIII* ?
385 / Æ3, Constantius II ou Julianus, FEL TEMP REPARATIO (FH4), *? of., RIC VIII ?*
386 - 387 / Æ3, Constantius II ou Julianus, FEL TEMP REPARATIO (FH?), *? of., RIC VIII ?*

XIII - 358 – 361 (36)

Arelate

-- // PCON
388 / Æ4, Constantius II, SPES REIPUBLICE, *? of., RIC VIII, 275*

Cyzicus

-- // SMKA
389 – 391 / Æ4, Constantius II, SPES REIPUBLICE, *Quinta, Sexta, ? , of., RIC VIII*, 117

- // SMKA
392 / Æ4, Julianus, SPES REIPUBLICE, *prima of.RIC VIII*, 122

Casa da moeda oriental

-- // SM ?
393 / Æ4, Constantius II, SPES REIPUBLICE, ? *of., RIC VIII* ?

Casa da moeda indeterminada

? // ?
394 – 403 / Æ4 Constantius II, SPES REIPVBLICAE, ? *of.*, *RIC VIII* ?
404 – 410 / Æ4 Iullianus, SPES REIPVBLICAE, ? *of.*, *RIC VIII* ?
411 – 423 / Æ4 Constantius II ou Iullianus, SPES REIPVBLICAE, ? *of.*, *RIC VIII* ?

XV - 364 – 378 (33)

Arelate

. - // PCON
424 / Æ3 Gratianus, GLORIA NOVI SAECVLI, *Terça of.*, *RIC IX* 15

-- // PCONST
425 / Æ3 Valens, GLORIA ROMANORVM (8), *Secunda of.*,*RIC IX* 18a

Roma

-- // R . PRIMA
426 / Æ3 Valens, SECVRITAS REIPVBLICAE, *Secunda of., RIC IX* 17b ou 24b
427 / Æ3 Gratianus, SECVRITAS REIPVBLICAE, *Tertia of., RIC IX* 24c
428 / Æ3 Valens, GLORIA ROMANORVM (8), *Tertia of.*,*RIC IX* 23b

-- // SM RP
429 / Æ3 Valens, SECVRITAS REIPVBLICAE, *Prima of., RIC IX* 28a

? // ?
430 / Æ3 Valens, SECVRITAS REIPVBLICAE, *? of., BRUCK* p.66
431 /. Æ3 Valentinianus I,Valens, Gratianus ou Valentinianus II, SECVRITAS REIPVBLICAE, *? of., BRUCK* p.66

Siscia

- - // ASISC
432 /. Æ3 Valentinianus I,Valens, SECVRITAS REIPVBLICE, *? of.*, *RIC IX* 7a ou b

F // ASISC
433 /. Æ3 Valentinianus I, SECVRITAS REIPVBLICAE, *T of.*, *RIC IX* 15a

R - //. ASISC
434 /. Æ3 Valens, SECVRITAS REIPVBLICAE, *Alfa of., RIC IX* 15b

Cyzicus

-- // SMKA
435 / Æ3 Valens, GLORIA ROMANORVM (8), *Alfa of.*, *RIC IX* 8b ou 12b

? // ?

436 / Æ3 Valentinianus I,Valens,ou Gratianus, SECVRITAS REIPVBLICE, *? of., BRUCK* p. 66

Antioquia

-- // ANTA
437 / Æ3 Valens, GLORIA ROMANORVM (8), *I of.*, *RIC IX* 10b
438 / Æ3 Valentinianus I ou Valens, GLORIA ROMANORVM, *Alfa of., RIC IX* 10a,b ouc, ou 35a ou b

Casa da moeda indeterminada

? // ?
439 – 440 / Æ3 Valens, GLORIA ROMANORVM (8), *? of.*, *RIC IX* ?
441 - 449. Æ3 Valentinianus I, Valens, Gratianus ou Valentinianus IIGLORIA ROMANORVM (8), *? of.*, *RIC IX ?*
450 / Æ3 Valentinianus I ou Valentinianus II, GLORIA ROMANORVM (8), *? of.*, *RIC IX ?*
451 / Æ3 Valentinianus I ou Valens, SECVRITAS REIPVBLICAE, *? of., RIC IX ?*
452 – 455 / Æ3 Valentinianus I, Valens, Gratianus ou Valentinianus, SECVRITAS REIPVBLICAE, *? of., RIC IX ?*
456 / Valentinianus I ou Valens, *ILEGIVÉL*, *? of., RIC IX ?*

XVI - 378 – 383 (16)

Lugdunum
- - // LVGP
457 / Æ2 Gratianus, REPARATIO REIPVB, *Prima of.*, *RIC IX* 28a

Arelate
- - // PCON
458 – 463 / Æ4 Gratianus, VOT/XV/MVLT/XX, 458-461 *Prima of.,* 462-463 *Secunda of., RIC IX* 24

Roma
-- // SMRP
464 / Æ4 Theodosius I, VOT/XV/MVLT/XX, *Tertia of., RIC IX* 51d

Cyzicus
- - // SMKA
465 / Æ4 Arcadius, VOT/V, *? of.*, *RIC* 20d
466 – 467 / Æ4 Theodosius I, VOT/XV/MVLT/XX, 466 *T of.*,467 *? of., RIC IX* 21c

Casa da moeda indeterminada

468 – 469 / Æ4 Gratianus, VOT/XV/MVLT/XX, *? of.,RIC IX ?*
470 / Æ4 Theodosius I, VOT/XV/MVLT/XX, *? of.,RIC IX ?*
471 – 472 / Æ4 Gratianus,Theodosius I ou Valentinianus II, VOT/XV/MVLT/XX, *? of.,RIC IX ?*

XVII / XVIII – 383 - 408 (39)

Arelate

- - // PCON
473 / Æ2 Magnus Maximus, REPARATIO REIPVB, *Tertia of.*, *RIC IX* 26b
474 / Æ4 Theodosius I, VICTORIA AVGGG, *Secunda of.,RIC IX* 30d

Roma

. // RP
475 / Æ4 Theodosius I, VICTORIA AVGGG, *? of.,RIC IX* 57a
476 / Æ4 Theodosius I,Valentinianus II ou Arcadius, VICTORIA AVGGG (2 *victórias)*, *? of.,RIC IX* 57a,b,c,d ou e

. ou : // RP
477 / Æ4 Theodosius I, VICTORIA AVGGG, *? of.,RIC IX* 57c

- - // RP
478 / Æ4 Theodosius I, VICTORIA AVGGG, *? of.,RIC IX* 57c
479 / Æ4 Arcadius, VICTORIA AVGGG, *Tertia of.,RIC IX* 57e
480 / Æ4 Magnus Maximus, SPES ROMANORVM, *? of.,RIC IX* 59

Thessalonica

. // TESA
481 / Æ4 Arcadius, VICTORIA AVG(*2 victórias)*, *Tertia of.,RIC IX* 63a

Heraclea

- -// SMHA
482 / Æ4 Arcadius, SALVS REIPVBLICAE, *Alfa of.,RIC IX* 26c

Nicomedia

- // SMNA
483 / Æ4 Theodosius I, SALVS REIPVBLICAE, *Alfa of., RIC IX* 45b
484 / Æ4 Arcadius, SALVS REIPVBLICAE, *Alfa of.,RIC IX* 45c

- - // SMNA
485 / Æ4 Valentinianus II, Theodosius I ou Arcadius, SALVS REIPVBLICAE, *Alfa of.,RIC IX* 45a,b ou c
486 / Æ4 Theodosius I, SALVS REIPVBLICAE, *Alfa of., RIC IX* 48a

Cyzicus

- - // SMKA
487 / Æ4 Theodosius I, SALVS REIPVBLICAE, *Beta of., RIC IX* 26b ou 30a

Antioquia

+ - // ANTA
488 / Æ4 Theodosius I, SALVS REIPVBLICAE, *Beta of., RIC IX* 67b ou 70a
489 / Æ4 Honorius, SALVS REIPVBLICAE, *Beta of., RIC IX* 67b ou 70a

-- // ANTA
490 / Æ2 Theodosius I, GLORIA ROMANORVM, *Alfa of., RIC VIII* 68a

Alexandria

. - // ALEA
491 / Æ4 Valentinianus II ou Theodosius I, SALVS REIPVBLICAE, *? of., RIC IX* 20a ou b ou 23a

Casa da moeda ocidental

? // ?
492 - 493 / Æ4 Arcadius, VICTORIA AVGGG, *? of., RIC VIII* ?
494 / Æ4 Theodosius I, VICTORIA AVGGG, *? of., RIC VIII* ?
495 – 496 / Æ4 Theodosius I, Valentinianus II, Arcadius ou Honorius, VICTORIA AVGGG, *? of., RIC VIII* ?

Casa da moeda oriental

// ?
497 / Æ4 Theodosius I, Valentinianus II, Arcadius ou Honorius, SALVS REIPVBLICAE, *? of., RIC VIII* ?

+ - // ?
498 / Æ4 Theodosius, Valentinianus II, Arcadius ou Honorius, SALVS REIPVBLICAE, *? of., RIC VIII* ?

? // ?
499 – 500 / Æ4 Theodosius I, SALVS REIPVBLICAE, *? of., RIC VIII* ?
501 – 503 / Æ4 Valentinianus II, SALVS REIPVBLICAE, *? of., RIC VIII* ?
504 – 507 / Æ4 Theodosius I, Valentinianus II, Arcadius ou Honorius, SALVS REIPVBLICAE, *? of., RIC VIII* ?

Casa da moeda indeterminada

? // ?
508 – 509 / Æ4 Valentinianus II, *Ilegivél*
510 – 511 / Æ4 Theodosius I, *Ilegivél*

Ilegiveis

V / XIII – 330 - 361 (70)

512 – 581 / Nummus e Æ3, *Ilegivél*

XIII / XVIII – 361 - 408 (33)

582 – 612 /. Æ3, *Ilegivél*

Moedas Portuguesas

4184. Alv. 97 B3, A1, op. 140 - Meio Real de D. João I (1385-1433) - *F. V.*, João I., 49. 20
Anverso - PO (RT) UGA (IE : ET) ALGAR REX
Reverso - RE (PA) RACIO (: REX PUB) LICE
Moeda cunhada em Lisboa entre 1409 e 1415. Apresenta o sinal + sob o I de Ihns, ao lado esquerdo do h.
Prov. - Complexo medieval, *Necrópole*, corte estratigráfico 4, camada 1.

4185. Alv. 97 B3, A1, op. 6 - Dinheiro de Afonso III (1248-1279) - *F.V.*, Afonso III, 22 (a mais semelhante)
Anverso - (ALF) ONSUS (R) E (X)
Reverso - PO -- (RT)--UG -- AL
*-- Escudetes
Prov. - Complexo medieval, *Necrópole*, Fase VII, corte estratigráfico 4, camada 1.

4186. Alv. 97 B3, A1, op. 1 - Meio Real Cruzado de D. João I (1385-1443) - *F.V.*, João I., 115 (na possibilidade de ter sido cunhada em Lisboa)
F.V. J1. 117 (na possibilidade de ter sido cunhada no Porto)
Anverso - /
Reverso - /
Período de cunhagem compreendido entre 1409 - 1415.
Prov. - Complexo medieval, *Necrópole*, Fase VII, corte estratigráfico 4, camada 1.

4187. Alv. 97 B3, A1, op. 155 - Ceitil de Afonso V (1438-1481) - *F. M.*, Afonso V., 1.2. - (grupo mais semelhante)
Anverso - (...) DO (--)
Reverso - /
Os escudetes laterais do escudo representado no campo do reverso são deitados.
Prov. - Complexo medieval, *Necrópole*, Fase VII, corte estratigráfico 4, camada 1.

4188. Alv. 97 B3, A1, op. 188 - Ceitil de Afonso V (1438/1481) - *F.M.,* Afonso V., 1.2.-12 (a mais semelhante)
Anverso - (...) S. CE (...) . (...)
Reverso - (...) EX (...)
Em campo, no anverso não se identifica a letra do centro de cunhagem
Prov. - Complexo medieval, *Necrópole*, Fase VII, corte estratigráfico 4, camada 1.

4189. Alv. 97 B3, A1, op. 305 - Ceitil de Afonso V (1438/1481)- *F.M.*, Afonso V., 6. 3
Anverso - /
Reverso - + A Q E N (...) ?
R

Prov. - Complexo medieval, *Necrópole*, Fase VII, corte estratigráfico 4, camada 1.

4190. Alv. 97 B3, A1, op. 124 - Ceitil de Afonso V (1438/1481)
A classificação é feita apenas pela análise do campo no reverso, pois não possuí leitura no anverso e no reverso. No campo do reverso encontram-se escudetes laterais deitados.
Prov. - Complexo medieval, *Necrópole*, Fase VII, corte estratigráfico 4, camada 1.

4191. Alv. 97 B3, A1, op. 138 - Ceitil de Afonso V (1438/1481) - *M.F.,* Afonso V., 7
Anverso - /
Reverso - (...) AL (...) O (...)
Classificação efectuada com base no tipo de escudo.
Prov. - Complexo medieval, *Necrópole*, Fase VII, corte estratigráfico 4, camada 1.

4192. Alv. 97 B3, A1, op. 139 - Ceitil de D. Manuel (1495) ou de D. João III (1521/1557)
Anverso - (...) IN (...)
Reverso - (...) . AD (...)
Classificação realizada com base no campo do anverso e pelo tipo de escudo.
Prov. - Complexo medieval, *Necrópole*, Fase VII, corte estratigráfico 4, camada 1.

4193. Alv. 97 B3, A1, op. 135 - Ceitil de Afonso V (1438-1481) - *F.M.*, Afonso V., 9.2. 35 (a mais semelhante)
Anverso - + AL (...) IO : C (...)
Reverso - /
Prov. - Complexo medieval, *Necrópole*, Fase VII, corte estratigráfico 4, camada 1.

4194. Alv. 97 B3, A1, op. 142 - Ceitil de Afonso V (1438-1481) - *F.M.*, Afonso V., 9. 18 (a mais semelhante)
Anverso - (...) E DOMI (...)
Reverso - /
Apresenta a letra C à direita das torres no anverso
Prov. - Complexo medieval, *Necrópole*, Fase VII, corte estratigráfico 4, camada 1.

4195. Alv. 97 B3, A1, op. 84 - Ceitil de D. Manuel (1495-1521) - *F.M.*, D. Manuel, 2. 2.5. (a mais semelhante)
Anverso - /
Reverso - (...) AD : G (...)
Prov. – Complexo medieval, *Necrópole*, Fase VII, corte estratigráfico 4, camada 1.

Ilegíveis - 2

Capítulo VII – *Considerações finais*

7. Considerações finais

Conforme afirmámos na introdução deste trabalho, os objectivos que nos propusemos atingir e que nortearam o projecto de investigação dividem-se em dois planos. O primeiro, de âmbito geral, relaciona-se com a problematização da classificação e interpretação dos vestígios relativos à ocupação proto-histórica e de época romana, integrados numa realidade cultural, política e administrativa mais vasta da qual se possuí um conhecimento aprofundado, já estruturado em modelos interpretativos e alicerçado em propostas cronológicas.

Atendendo ao facto de a abordagem do estudo integrar um longo período cronológico, centrado em dois momentos culturais distintos, o trabalho abarcou um conjunto particularmente fértil de vestígios, de documentação bibliográfica e mesmo de alguns trabalhos de síntese, embora não concretizados na área regional abordada, mas que a ela se referem indirectamente. Por conseguinte, trata-se e de um espaço geográfico e cultural vasto cujo estudo resultou do manuseamento de um importante acervo de informação que nos permitiu equacionar a problemática da investigação e as bases interpretativas existentes.

O segundo objectivo, de âmbito mais específico, tinha como propósito desenvolver um enfoque centrado na área arqueológica de Alvarelhos de forma a interpretar os dados proporcionados pela escavação e interpretação de vestígios concretos que procuramos dar coerência à face de um conjunto de aspectos que integram realidades relacionados com a conjuntura político e administrativa, a economia, as características geomorfológicas da região e os desígnios da sociedade galaico-romana. Também nesta abordagem a massa de informação foi considerável na medida em que, para além da análise da arquitectura e da leitura crono-estratigráfica se procurou estudar e caracterizar a cultura material, designadamente as produções cerâmicas, as ocorrências numismáticas, os artefactos metálicos e vítreos, cujo acervo, no computo geral, ascendeu a vários milhares objectos arqueológicos, cujo estudo apenas foi possível após intenso trabalho laboratorial.

Ao desenharmos um projecto que combinava as duas perspectivas de análise – estudo monográfico e análise da evolução do povoamento na região – fizemo-lo na convicção que a complementaridade dos resultados permitiria desenvolver um quadro mais rigoroso e completo da realidade da economia, da sociedade e da cultura galaico-romana da região, assim como possibilitaria equacionar aspectos concretos e particulares que perdem sentido quando abordados em análises que privilegiam a macro-escala. Neste sentido, não se deve esperar que um estudo de uma pequena área geográfica contribua com elementos decisivos para o esclarecimento de questões de natureza geral, como seja a caracterização tipológica dos sítios, a criação de uma cronologia e faseamento crono-estratigráfico.

Desta forma, com este critério de referência, esperamos ter demonstrado que é possível valorizar dados que em estudos de maior envergadura são impossíveis de abordar, nos quais se inscrevem múltiplas soluções construtivas, complexas remodelações de diferentes realidades arquitectónicas, a avaliação da cultura material, especialmente a que resulta de trocas comerciais de âmbito regional com de natureza inter-provincial, cujo enquadramento geográfico, por vezes, projecta relações de natureza cultural que ultrapassam o simples acto comercial.

Em resumo, julgamos ter ensaiado uma metodologia de trabalho que resultou na compreensão de um conjunto de aspectos relacionados com a organização do povoamento, a estruturação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" e da economia regional.

A implementação do projecto, em última análise, criou a oportunidade de suscitar uma série de questões, cujas pistas se encontram lançadas para futuros trabalhos.

Quanto ao primeiro aspecto, relacionado com a classificação e interpretação do estatuto hierárquico do castro de Alvarelhos no âmbito do povoamento regional na fase precedente à romanização efectiva do território, integrada numa realidade cultural, política e social mais vasta, julgamos ter demonstrado que a capitalidade do castro, enquanto "lugar central" da área geográfica da região entre Leça e Ave e centro polarizador de várias comunidades de diferentes origens, associado a um crescimento urbano enquadrado num momento de florescimento económico foi uma realidade com *interface* arqueológico expresso no *Castellum Madiae*, cujo desenvolvimento se processou numa dinâmica interna alicerçada num crescimento económico e tecnológico de natureza endógena, que possibilitou uma grande concentração demográfica, no qual não interferiram aspectos de natureza estratégica, expressos numa implantação naturalmente fortificada, na construção de sistemas defensivos de grande aparato, assim como na execução de um plano de urbanização de características proto-urbanas como é apanágio dos assentamentos identificadas noutras regiões que assumiram a mesma função. Inerente à condição e posicionamento hierárquico de "lugar central" ao qual correspondeu um grupo étnico – *Madequisenses* –, o castro de Alvarelhos terá exercido funções capitalidade num território que definimos em função das características geomorfológicas da região e na concretização dos "territórios" com os quais confinaria, no qual se integrariam um conjunto de castros que na região conheceram nesta fase um desenvolvimento significativo, particularmente os de baixa altitude, relacionados com o alargamento das áreas de exploração económica, resultante de um incremento da actividade agro-pecuária que, em última análise, reflecte o notável crescimento populacional que a região conheceu.

Todavia, esta capitalidade, alicerçada num florescimento económico, ao contrário do que sucedeu a alguns castros de estatuto semelhante, não constitui impedimento para que em época romana se tenha transformado num "*aglomerado urbano secundário*". A sua emergência e desenvolvimento resultou da conjugação de um alargado conjunto de factores dos quais se salientam o elevado índice de crescimento registado até ao câmbio de Era, a disponibilidade de recursos naturais, facilitadores do incremento de uma actividade agro-pecuária de elevado rendimento e a existência de uma intensa malha de povoamento alicerçada num sistema viário facilitador do desenvolvimento de serviços relacionados com o tráfego viário e a actividade comercial, em conjugação com uma população indígena num estado de desenvolvimento civilizacional e cultural que possibilitou o desencadeamento de um processo de raiz endógena que transformou o antigo *castro* num *aglomerado urbano secundário*.

Todavia, considerando que o programa de obras se desenvolve de forma planificada na primeira metade do séc. I, e que este implicaria, em primeiro lugar, a existência de uma autoridade que definisse um plano, efectuasse o acompanhamento do projecto, julgasse da justeza dos orçamentos, fiscalizasse a execução das obras e, fundamentalmente, dirimisse os conflitos gerados, julgamos que nesta fase possa, eventualmente ter existido a participação ou acompanhamento da administração do convento. Efectivamente, para além das questões de natureza administrativas, à que considerar os aspectos relacionadas com os meios técnicos necessários à construção dos edifícios, quer de natureza pública quer privada. Em primeiro lugar, a edificação exigia *meios humanos* – quadros técnicos (arquitectos, engenheiros, agrimensores), encarregados de obra, homens ou empresas que organizassem a produção de matérias-primas (pedra, cal, cerâmica de construção, madeiras) a fabricação de instrumentos (ferramentas, ferragens) e, naturalmente, de pessoal operário especializado (pedreiros, carpinteiros, ceramistas, ferreiros, etc). Paralelamente, foram necessários *meios técnicos instrumentais* – ferramentas diversas, gruas, grampos, picos, cunhas que, apesar de não constituírem um problema no seu fabrico, a sua manipulação impunha um conhecimento desenvolvido na arte da construção que obedecia a critérios muito específicos, estranhos ao mundo indígena.

Neste enquadramento, apesar de não se encontrar directamente demonstrada a presença militar na região, salvo as referências epigráficas a que aludimos no decurso do trabalho, é admissível a presença de uma *vexillatio* da *legio VI*, encarregada de promover o núcleo urbano bracarense, a construção das vias de ligação às outras capitais de convento do noroeste, que, de alguma forma, possa ter participado na fase de estruturação e transformação do povoado, designadamente da construção do seu centro cívico e dos edifícios da área central do povoado, sem, no entanto, com isso se diminua a importância da iniciativa indígena no processo, resultante da maturação de um conjunto de sinergias desenvolvidas ao longo do séc. I a.C. no seio das elites locais, perfeitamente identificadas com o modelo económico romano.
A densidade de *aglomerados urbanos secundários*, que paulatinamente tem vindo a ser conhecida e valorizada na investigação dos processos de romanização na área do convento bracaurugustano, sugere uma matriz claramente romana que foi consolidada com a mudança da população dos castros, iniciada na primeira metade do séc. I e consolidada em época Flávia, correspondendo a uma imagem de transformação do substrato cultural e não de resistência indígena ao processo de aculturação e, muito menos, de imposição da nova administração. Este processo, como tem sido evidenciado por ouros investigadores, foi conduzido através das elites indígenas que constituíram o alicerce fundamental da exploração e controle dos recursos favorecendo a rápida assimilação do modo de vida romano.

A evolução arquitectónica e o dinamismo económico patente no registo estratigráfico tornaram patente o papel central do núcleo urbano na área de influência directa que designamos por *espaço de atracção económica*, sendo evidente um alargado conjunto de funções que terá desempenhado ao longo do período de dominação romana, das quais se destacam a função económica e a função cultural com claras repercussões na transformação da paisagem socio-económica.
A primeira terá constituído a componente de maior relevo, especialmente no campo produtivo e comercial, onde, certamente, se terá constituído como um elemento aglutinador do povoamento disperso, desempenhando uma função importante como pólo agregador e dinamizador da economia local, nomeadamente nas transacções de produtos agro-pecuários e manufacturas de produção local e regional, funcionado como centro de redistribuição de produtos e também como centro difusor do artesanato produzido localmente.
A ampla gama de produtos importados registada estratigraficamente ao longo de um largo período cronológico permite considerar que o povoado terá tido um peso significativo na economia local. As redes comerciais e centros abastecedores preferenciais oscilaram ao longo da longa cronologia do povoado, reflectindo os ciclos económicos da província. A estrutura identificada como *Praça*, localizada na plataforma intermédia da área arqueológica e interpretada como centro cívico, de natureza polivalente, mas claramente vinculado à função de mercado, permanente ou periódico, ao estilo das *mundinae* Norte-africanas, estaria de acordo com a dinâmica económica que entendemos ver reflectida na realidade estrutural do povoado e, desse modo, a importância que terá assumido na dinâmica económica de toda a região no intercâmbio de excedentes, reflectindo, em última análise, a nova realidade da economia, facilitando assim a integração económica dos habitantes dispersos pela paisagem rural.
A componente cultural desempenhada pelo *aglomerado urbano secundário*, apesar de se encontrar demonstrada apenas indirectamente, terá sido particularmente relevante, na medida em que se constituiu como elemento facilitar do processo de "romanização" da região, designadamente na difusão do modo de vida romano. A existência de um espaço onde confluíam pessoas e bens de diferentes origens, pelo seu mercado, festas religiosas e divertimentos terá atraído periodicamente a população rural facilitando a convivência inter-cultural, homogeneizando um conjunto de ritos e de comportamentos conducentes à unificação cultural. Em certa medida, o propósito da implantação de uma vida social e colectiva organizada

e centrada na autoridade administrativa, socialmente normalizada, é observada nas características arquitectónicas dos edifícios e na cultura material patente.

A abordagem ao estudo da economia e comércio, implementada com o propósito de compreender o papel polarizador do *aglomerado urbano* na economia regional enquanto centro de redistribuição, realizado com base na análise dos materiais arqueológicos, permitiu balizar estratigraficamente as suas diferentes fases de ocupação, reconhecer os mercados abastecedores preferenciais nos diferentes momentos cronológicos, assim como serviu de suporte à análise funcional dos aposentos dos edifícios.
O seu estudo apresentou dificuldades de diferente ordem, designadamente as que resultaram de um registo arqueológico fragmentário e irregular, do volume e diversidade de dados e da inexistência de estudos regionais de apoio que permitissem enquadrar tipológica e cronologicamente os materiais de âmbito regional. No entanto, os dados obtidos permitiram conhecer e equacionar o seu papel no contexto do comércio regional e inter-provincional.
Desta forma, a primeira evidência reside no facto do povoado, ao longo do seu período de ocupação, ter desenvolvido uma forte actividade comercial, ao nível das principais cidades do noroeste, podendo, inclusivamente ter funcionado como centro de redistribuição regional de produtos oriundos do comércio inter-provincial. Verificamos também que a actividade artesanal, designadamente na área da metalurgia do bronze, vidro e, eventualmente da cerâmica, documentadas na Fase IV e V, resultou não só da necessidades próprias, como do mundo rural envolvente, com qual o aglomerado manteria relações económicas preferenciais. Assim, apesar de se pressupor o predomínio da produção agrária na sua organização económica é admissível que este tivesse desenvolvido uma economia mista baseada na agricultura, no comércio e na "indústria" que se encontra reflectida no registo estratigráfico, assim como no povoamento rural em que se insere o povoado, como se depreende da sua distribuição cuja concentração evidencia uma subordinação ao sistema de comunicações terrestres que torna patente as inter-relações de dependência entre campo e o *aglomerado urbano secundário*.
A imensa panóplia instrumental recolhida nas diferentes *domus* intervencionadas não só documenta um alargado número de actividades com um elevado grau de especialização que revelam uma actividade artesanal intensa, na qual, em muitos casos, a proveniência dos artefactos necessários à actividade agrícola revela a procura de mercados de maior dimensão. Também as necessidades da vida doméstica em parte foram supridas em mercados exteriores, designadamente no âmbito das cerâmicas de mesas, algumas das quais provenientes da capital de convento ou áreas limítrofes, evidenciando a sua integração na economia regional. Efectivamente, a autonomia produtiva sugere ter sido o denominador comum ao longo da ocupação, podendo ter funcionado parcialmente autónoma à actividade agrícola, destinada ao mercado da região envolvente e do fluxo comercial gerado pela via XVI, com a qual se relaciona directamente.

No âmbito do comércio externo, ou melhor das importações, uma vez que não temos conhecimento de exportação de produtos ou matérias-primas para o comércio inter-provincial, é de salientar que o registo estratigráfico evidencia uma clara integração na rede de transacções inter-proviciais, tendo claramente beneficiado do seu posicionamento geográfico servido por uma estrutura viária cruciforme que aproximava os portos marítimos dos mercados do *hinterland*, facilitado pela proximidade da costa que garantia o acesso a portos aos quais chegavam produtos originários de todas as regiões do império.
A análise dos materiais permitiu documentar um forte fluxo comercial que corresponde à estruturação e crescimento do complexo urbano que se desenvolve a partir da dinastia Júlio-Cláudia, se incrementa na dinastia Flávia e consolida na dinastia dos Antoninos.
Entre os principais mercados de abastecimento conta-se a região centro-norte da península, documentada pela presença maciça de sigillatas hispânicas provenientes de Tricio e, paralelamente, de produtos

importados na região da Bética, designadamente de vinho ou *defructum* e preparados piscícolas, documentados por um enorme fluxo de ânforas tipo Haltern 70 e Dressel 7-11.
A retracção económica verificada durante o séc. III não impediu que a classe dominante de proprietários agrícolas, comerciantes e artesãos, a partir de finais do séc. III / início do séc. IV, no âmbito de um processo comum à província da *Gallaecia*, dinamizasse um conjunto de actividades económicas que estiveram na base de um forte desenvolvimento económico e cultural, cujo *interface* arqueológico regista importantes reformas no tecido urbano e nos edifícios privados.
O manancial de produtos agora transaccionado documenta uma alteração dos mercadores de origem do comércio de longa distância, verificando-se uma clara preponderância na origem magrebina, nomeadamente da actual Tunísia, de produtos de louça fina, percentualmente mais significativos que os materiais peninsulares, cuja influência cultural, religiosa e artística estará subjacente na simbologia e sensibilidade estética que marca um *fácies* particular no noroeste que irá desenvolver-se durante o séc. IV e primeira metade do séc. V. O acervo anfórico regista agora uma menor expressão, sendo de referenciar a presença de contentores de preparados piscícolas de proveniência lusitana.
Em termos genéricos, a significativa quantidade e diversidade de materiais importados neste dois períodos de maior florescimento económico sugere um núcleo populacional de razoável tamanho, assim como uma densidade populacional significativa, reflectindo uma integração plena do noroeste peninsular no comércio inter-provincial.

O estudo da arquitectura, apesar das limitações operacionais e da exclusividade morfotipológica que impediu o apoio interpretativo com base em paralelos regionais, permitiu compreender uma realidade estrutural complexa, bem estruturada que, apesar do seu *fácies* rústico, contraria a visão simplista que define a arquitectura privada deste tipo de assentamento como pouco complexa, de pequena dimensão, com plantas unitárias ou de compartimentação moderada, sem hierarquização definida, de uso polivalente e escassa presença de elementos de conforto, apesar de algumas combinarem funções de carácter habitacional com outras de índole artesanal.
Do conjunto do complexo edificado sobressai, pelas suas características estruturais, dimensão e monumentalidade, o edifício que convencionamos designar por *Praça*, para o qual admitimos uma função polivalente, reflectida na inexistência de estruturas internas, cuja dimensão comercial, política e administrativa se encontra patente na sua centralidade e características arquitectónicas, cujo papel estruturante no urbanismo do povoado permite considerá-lo como um verdadeiro centro cívico.
A abordagem da arqueologia da arquitectura permitiu-nos caracterizar as diferentes soluções construtivas associadas às principais reformas cuja cronologia se encontra bem definida, garantindo, dessa forma, uma referência crono-tipológica para a região.
A sequência crono-estratigráfica possibilitou perceber que, apesar das inúmeras reformas documentadas nos diferentes edifícios, a estrutura inicial se manteve até à Fase V, momento a partir da qual o edifício central foi transformado.
Em síntese, o papel desempenhado pelo *aglomerado urbano secundário* de Alvarelhos no território entre Leça e Ave parece ter sido fundamental enquanto elemento estruturante da paisagem económica e social, dotado de um peso significativo no domínio comercial e cultural, fazendo a ponte entre a cidade e o meio rural, apesar de desprovido de qualquer atribuição política ou administrativa. Esta relação, especialmente intensa e simbiótica, justificaria a existência das duas realidades uma vez que o *povoado*, por natureza, atendendo a sua principal função, vivia para fora da sua realidade, oferecendo serviços à população rural e aos viajantes e funcionários administrativos que circulavam na via, funcionando como centro de desenvolvimento rural, área de prestação de serviços e menos como centro de consumo.

Da realização deste trabalho ficámos com a noção que o processo de aprofundamento do conhecimento sobre o período romano em muito depende do desenvolvimento de trabalhos monográficos, alicerçados em escavação arqueológica, de forma a documentar as diferentes realidades do povoamento, as suas cronologias, a cultura material associada, a arquitectura e as actividades económicas e relações de interdependência no âmbito da administração.
De acordo com o progresso de conhecimento do povoamento romano regional percebe-se que este se revela polifórmico, dependente da rede de comunicações, das características geomorfológicas e da aptidão agrícola dos solos, ou, em casos mais particulares, da existência de algum recurso económico ou de matérias-primas de especial relevância.

Como é natural, este é um trabalho incompleto, que suscita mais dúvidas do que certezas, em vários aspectos pouco aprofundado, que esperamos constitua uma base a partir da qual se desenvolvam outras linhas de investigação. Seguramente a escavação de Alvarelhos trará muitas novidades, que espero confirmem, se não todas, parte das análises e interpretações que aqui produzimos e, dessa forma, contribua para o aprofundamento do conhecimento da sociedade galaico-romana.

Capítulo VII - *Fontes documentais e Bibliografia*

8 . Bibliografia

Abreviaturas (bibliografia)

AAH - Acta Arqueológica Hispánica - Madrid
AE - Lánnée Epigraphique - Paris
AEA - Archivo Español de Arqueologia - Madrid
AP - Arqueólogo Português - Lisboa
AB - Arquivo de Beja - Beja
BAR - British Archaeological Reports - Oxford
BCP - Boletim Cultural do Porto - Porto
BCST - Boletim Cultural de Santo Tirso - Porto
BCM - Boletim Cultural de Matosinhos - Matosinhos
BDGEMN - Boletim da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais
BSEAA - Boletím del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología - Vallodolid,
CA - Cadernos de Arqueologia - Braga
CIL - Corpus Inscriptionum Latinarum = Hübner 1869-1892
CC - *Censual do cabido da Sé do Porto*, Porto 1924
CM - Carta Militar
DC - *Portugaliae Monumenta Histórica. Diplomata et Chartae* (Olisipone, 1867).
DL - Douro Litoral - Porto
DR - AZEVEDO, Rui de - *Documentos medievais portugueses. Documentos régios I*, Lisboa, 1958-1961.
DP - D*ocumentos Particulares. Documentos Medievais Portugueses*, Lisboa, 1940.
EAE - Excavaciones Arqueológicas en España - Madrid
FE - Ficheiro Epigráfico - Coimbra
HE - Hispânia Epigráfica. Archivo Epigráfico de Hispânia - Madrid
IA - Informação Arqueológica - Lisboa
ILER - Inscriptiones Latinas de la España Romana = Vives 1971-1972
JGS - Jounal of Glass Studies - New York
KJ - Kölner Jahrbuch für Vor- und Frühgeschichte, hrs. vom Römisch-Germanischen Museum und der Archäologischen Gesellschaft Köln. Berlin, Mann.
LRBC - Late Bronze Roman Coinage - London
LV - Livros de linhagens. Livro Velho 1, Gabinete de Estudos Heráldicos e Genealógicos, Lisboa, 1961.
MCV - Melanges de la Casa Velázquez - Madrid
RG - Revista de Guimarães - Guimarães
RA - Revista de Arqueologia - Lisboa
RCRFA - Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta. Tongres et Munich - Munich
RFLP.SH - Revista da Faculdade de Letras do Porto - Série História - Porto
RIC - Roman Imperial Coinage, London
RRC - Roman Republican Coinage
RSL - Rivista di Studi Liguri, Bordighera
SANP - Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular – Guimarães
TA – Trabalhos Arqueológicos - Lisboa

Abreviaturas (Instituições)

CMP - Câmara Municipal do Porto
CACCTI - Centro Tecnolóxico de Apoio á Investigación, Universidade de Vigo, Vigo.
CMST - Câmara Municipal de Santo Tirso
CMM - Câmara Municipal de Matosinhos - Matosinhos
CMM - Câmara Municipal da Maia - Maia
CMPF - Câmara Municipal de Paços de Ferreira - Paços de Ferreira

CMVC - Câmara Municipal de Vila do Conde - Vila do Conde
CRAT – Centro Regional de Artes Tradicionais
DGEMN - Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais - Lisboa
FCUP - Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
FLUP - Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Porto
GEAP - Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto
GIAN - Grupo de Investigação Arqueológica do Norte - Porto
IAFLUC - Instituto deArqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra - Coimbra
IPPAR - Instituto Português do património Arquitectónico e Arqueológico - Lisboa
MEHP - Museu de Etnografia e História do Porto - Porto
MCV - Mélanges de La Casa de Velázquez - Madrid
MMAP - Museu Municipal Abade Pedrosa - Santo Tirso
MDDS - Museu D. Diogo de Sousa - Braga
MNA - Museu Nacional de Arqueologia - Lisboa
MFCUP - Museu da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto - Porto
MNAE - Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia - Lisboa
MPG – Museo do Pobo Galego - Santiago de Compostela
MSMS - Museu da Sociedade Martins Sarmento - Guimarães
SCE - Serviços Cartográficos do Exército - Lisboa
SGP - Serviços Geológicos de Portugal - Lisboa
SPAE – Sociedade Portuguesa de Arqueologia e Etnologia - Porto
UAUM - Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho - Braga
UNIARQ – Unidade de Arqueologia da Universidade Nova de Lisboa

Bibliografia

A_____

ABALAT, Blanca García Fernández
(1990) - *Guerra y religión en la Gallaeccia y la Lusitania antiguas*, A Coruña.

ABÁSOLO, J. A.; CORTÉS, J. A. M; PÉREZ, F. R.
(1997) - *La necrópolis Norte de La Olmeda (Pedrosa de la Vega, Palencia)*, Palencia.

ABÁSOLO, J. A.; GARCIA, R.
(1993) - Excavaciones en Sasamón (Burgos), *Excavaciones Arqueológicas en España*, 164, Madrid.

AGUIAR, P. M. Vieira de
(1947) - *Descrição Histórica, Corográfica e Folclórica do Marco de Canaveses*, Porto, pp. 357.

ACCIAIUOLI, Luís
(1940) - *Esboço histórico das águas minerais de Portugal*, Lisboa.
(1944) - *Águas de Portugal*, 6 vol^{s}., Lisboa.
(1952-53) - *Le Portugal Hydrominéral*, vols. I-II, Lisboa.

ACUÑA, M. Villanueva
(1992) - Problemas de la implantacion agrária romana y la organización del territorio en la peninsula Ibérica en el Bajo Império, *Gallaecia*, 13, Santiago de Compostela, pp. 475-488.
(1993) - O *Ius Latii* e a transformación do hábitat galaicorromano, *Actas do Encontro científico en homenaxe a Fermín Bouza Brey (1901-1973)*, Santiago de Compostela 1992, MPG, Noia, pp. 33-39.

AGILLÓ, J.; M. E.
(1939-40) - La caetra y el scutum en Hispaniae durante la segunda Edad del Hierro, *Boletim del Seminario de Estudios de Arte y Arqueologia*, vol. VI, Valladolid, pp. 57-84.

AGUAROD, C.
(1985) - Avance al estudio de un posible alfar romano en Tarazona: IV. La cerámica común, *Turiaso*, VI, pp. 19-62.
(1992) - *Cerámica de cocina importada, Arcóbriga, II, Las Cerámicas Romanas*, (dir. Luis Caballero Zoreda), Zaragosa, pp. 237-246.

ALARCÃO, Adília Moutinho
(1958) - A sigillata hispânica em Museus do Norte de Portugal, *Revista de Guimarães*, vol. LXVIII, Guimarães, pp. 249-307.
(1965) - Bref aperçu sur la céramique romaine trouvée á Bracara Augusta (Portugal), *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, 8, pp. 45-50.
(1971) - Lucernas romanas no Museu Machado de Castro, *Conímbriga*, vol. X, Coimbra, pp. 79-86.
(1975) - Céramiques a engobe rouge non grésé, Conímbriga, vol. XV, Coimbra, pp. 15-25.
(1975a) - Les sigillées italiques, *Fouilles de Conímbriga* (coord. Jorge Alarção e R. Etienne), vol. IV, Paris, pp. 3-49.
(1976) - Céramiques à engobe rouge non grésé*, Céramiques diverses et verres,* Fouilles de Conímbriga, VI, Paris, pp. 51-59.
(1984) - *Colecções do Museu Monográfico de Conímbriga - Catálogo*, Coimbra.
(1989) – Época romana, *Portugal das Origens à Época Romana*, Dir. Francisco Alves, Lisboa, pp. 65-95.
(1996) - O Jarro metálico de tipo Eggers 128. Antecedentes, variantes e imitações, *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Lisboa, pp. 25-37.

ALARCÃO, Adília Moutinho; MARTINS, Alina N.
(1976) - Uma cerâmica aparentada com as «paredes finas» de Mérida, *Conímbriga*, vol. XV, Coimbra, pp. 91-110.

ALARCÃO, Adília Moutinho.; PONTE, Salete
(1976) - *Les Lamps*, Fouilles de Conímbriga – Céramiques Diverses et Verres, VI, Paris, pp. 93-121.
(1979) - Trouvailles diverses, *Fouilles de Conímbriga – Trouvailles Diverses*, Conclusions Génerales, VII, Paris, pp. 11-200.

ALARCÃO, Jorge
(1964a) - Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz, *Revista de Guimarães,* vol. LXXIV, (sep.) Guimarães, 1-40
(1964b) - Formes peu communes de la verrerie romaine au Portugal, *Annales du 3º Congrés des Journées Internationales du Verre*, Damas, 14-23 Novembre 1964, Liège, s/d., pp. 56-62.
(1965) - Vidros romanos de Conímbriga, Coimbra.
(1966-67) - Achados na villa romana de Cardílio, *Arquivo de Beja*, 23-24, Beja, pp. 58-88.
(1968a) - Vidros romanos de Museus do Alentejo e Algarve, *Conímbriga*, vol. VII, sep., Coimbra, pp. 1-30.
(1968b) - Une coupe à fond d`or decouverte à Farrobo, Portugal, *Journal of Glass Studies*, X, New York, p. 71-79.
(1969) - Espólio de uma sepultura Luso - romana de Pombalinho (Santarém), *O Arqueólogo Português*, vol. II, Série III, Lisboa, pp. 77-86.
(1970a) - Vidros romanos de Balsa, *O Arqueólogo Português*, Série III, vol. IV, Lisboa, pp. 237-261.
(1970b) - Abraded and engraved late-roman glass from Portugal, *Journal of Glass Studies*, 12, New York, pp. 28-34.
(1971a) - Mais algumas pequenas colecções de vidros romanos, *Conímbriga*, vol. X, sep., Coimbra, pp. 1-19.
(1971b) - Vidros romanos de Aramenha e Mértola, *O Arqueólogo Português*, Série III, vol. V, Lisboa, pp. 191-200.
(1973a) - *Portugal Romano*, Lisboa.
(1973b) - Vidros romanos da Herdade da Comenda da Igreja, *Biblos*, vol. XII, Coimbra, pp. 3-5.
(1974) - *Cerâmica comum local e regional de Conímbriga*, Suplemento de Biblos, 8, Coimbra.
(1974a) - Fechaduras e cadeados de Conímbriga, *In Memoriam António Jorge Dias*, vol. II, Lisboa, pp.11-16.
(1975) - La cerámique locale et régionale, *Fouilles de Conímbriga*, vol. V, Paris.
(1975a) - Bouteilles carrées au fond décoré du Portugal romain, *Journal of Glass Studies*, 17, New York, pp. 50-52.
(1976a) - Vidros romanos procedentes da Colecção do Rei D. Manuel, *Conímbriga*, vol. XV, Coimbra, sep. pp. 1-7.
(1976b) - *Fouilles de Conímbriga*. Céramiques divers et verres, Paris, pp. 79-91.
(1978a) - Vidros romanos do Alentejo no Museu Nacional de Arqueologia, *Conímbriga*, vol. XVIII, Coimbra, pp. 101-112.
(1978b) - Vidros romanos de Alcácer do Sal, *Setúbal Arqueológica*, vol. IV, Lisboa, pp. 155-166.
(1980) - Os problemas da origem e da sobrevivência das villae romanas no Norte do País, *Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 3, Guimarães, pp. 171-179.
(1983) - Duas peças de vidro pretensamente antigas, *Mundo de Arte*, n.º 16, Lisboa, pp. 79-80.
(1984) - Sete jarros de vidro romanos, *Lucerna*, vol. IX, Porto, pp. 173-178.
(1987ª = 1974) - *Portugal romano*, Lisboa, (3ª edição ; 1ª edição, 1973).

(1987b) - Renovação urbana em Portugal: A formação de «Lugares centrais» em Portugal, da Idade do Ferro à Romanização, *Ciclo de Conferências – Cidades e História*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 35-71.
(1988a) - *O domínio romano em Portugal*, Mem Martins.
(1988b) - *Roman Portugal*, Warminster, England, vol. I, II, Fasc. 1.
(1988c) - A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal, *Conímbriga*, vol. XXXVII, Coimbra, pp. 89-119.
(1990) - O domínio romano, Portugal das origens à romanização, *Nova História de Portugal*, Dir. Joel Serrão; A. H. de Oliveira Marques, (coord.) Jorge Alarcão, vol. I, Lisboa.
(1992) - A evolução da cultura castreja, *Conímbriga*, vol. XXXI, Coimbra, pp. 39-71.
(1995) - Aglomerados urbanos secundários romanos de Entre-Douro-e-Minho, *Biblos*, vol. LXXI, Coimbra, pp. 387-401.
(1995-96) - As civitas do norte de Portugal, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 12-13, Braga, pp. 25-30.
(1996) - Aglomerados urbanos secundários romanos de Entre-Douro-e-Minho, *A cidade e o mundo: romanización e cambio social*, Biblioteca Arqueohistórica Limiá, Série Cursos e Congressos, n.º 4, Xinzo de Limia, pp. 167-179.
(1997) - A tecnologia agrária romana, *Portugal romano. A Exploração dos recursos naturais* (coord. Adília Moutinho Alarcão), Lisboa, pp.137-147.
(1998) - Três níveis de aglomerados populacionais romanos, *O Arqueólogo Português*, Série IV, n.º 16, Lisboa, pp. 175-186.
(2000) - Sobre os cantões proto-históricos do noroeste de Portugal, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 2-3, 2ª Série, Porto, pp. 45-50.

ALARCÃO, Jorge; ALARCÃO, Adília
(1963) - Quatro pequenas colecções de vidros romanos, *Revista de Guimarães*, vol. LXXIII, (3-4), Guimarães, pp. 367-390.
(1963a) - Vidros romanos do Museu Martins Sarmento*, Revista de Guimarães*, vol. LXXIII, (1-2), Guimarães, pp. 175-209.
(1964) - Vidros romanos do Museu de Soares dos Reis, *Revista Museu*, 2ª Série, n.º 8, Porto, sep., pp. 5-11.
(1964a) - Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz, *Revista de Guimarães*, vol. LXXIV, Guimarães, sep., pp. 1-40.
(1965) - *Vidros romanos de Conímbriga*, Coimbra.
(1966a) - O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel), *Conímbriga*, vol. V, Coimbra, pp. 7-104.
(1966b) - Sepultura luso-romana descoberta no concelho de Constância, *Revista Museu*, 2ª Série, n.º 10, Porto, pp. 5-12.
(1966-67) - Achados na *villa* romana de Cardílio (Torres Novas), *Arquivo de Beja*, vol. XXIII-XXIV, Beja, pp. 58-88.
(1967) - Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa, *Conímbriga*, vol. VI, Coimbra, (sep.), pp. 1-45.

ALARCÃO, Jorge; DELGADO, Manuela
(1969) - *Biblioteca Nacional de Lisboa. Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades ibéricas e romanas*, Lisboa.

ALARCÃO, J.; ETIENNE, R.; MAYET, F.
(1990) - *Les villes romaines de São Cucufate (Portugal),* Diffuseur: E. de Boccard, Paris.

ALARCÃO, J.; HIPOLITO, F.; ALARCÃO, A.
(1975) - A Propos des céramique de Conímbriga, *Conímbriga*, vol. XIV, Coimbra, pp. 1-155.

ALBUQUERQUE e CASTRO, L.
(1962) - Hallazgos romanos en la mina «Do Fojo das Pombas» Valongo, Portugal, *Arquivo Español de Arqueologia*, vol. XXXV, Madrid, pp. 166-176.
(1962) - Hallazgos romanos, *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, Lisboa, p. 174.
(1962) - Achados romanos na mina do Fojo das Pombas (Valongo), *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, vol. XV, 1962, Lisboa, pp. 431-438.

ALFOLDY, G.
(1975) - *Die Romischen Inschriften von Tarraco*, Berlim.

ALLAN, J. C.
(1965) - *A mineração em Portugal na Antiguidade*, Boletim de Geologia e Minas, n.º 2, Sep., Lisboa.

ALMAGRO, M.
(1953) - *Las necrópolis de Ampúrias*, Monografias Ampuritanas, II, Barcelona.

ALMEIDA, Artur Jorge
(1988) - A necrópole da Forca (Maia), *Actas do Colóquio " Manuel Boa Ventura ",* Esposende, pp. 113-152.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira
(1966) - O Documento n.º 13 dos Diplomata et Chartae. Duas considerações, *Lucerna*, vol. V, Porto, pp. 635-642.
(1968) - *Vias Medievais de Entre-Douro-e-Minho*, Dissertação de licenciatura em História, FLUP, Policopiado, Porto.
(1969) - *A romanização das Terras da Maia*, Estudos sobre a Terra da Maia, IV, Maia.
(1970) - Algumas notas sobre o processo da romanização da zona de Entre-Douro-e-Ave, *Actas das Iªs Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, pp. 3-9.
(1970a) - Uma cabeça romana de bronze, *Revista da Faculdade de Letras do Porto,* vol. I, Porto, pp. 77-82.
(1972) - Notas sobre a Alta Idade Média no Noroeste de Portugal*, Revista da Faculdade de Letras do Porto*, 3, Porto, pp. 127-129.
(1972a) - A Póvoa de Varzim e o seu aro na antiguidade, *Póvoa de Varzim - Boletim Cultural*, vol. XI (1), Póvoa de Varzim, pp. 5-34.
(1972b) - Cerâmica romana de Fiães, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto-Série História*, 3, Porto, pp. 191-205.
(1973) - Necrópole galaico-romana de Vila do Conde, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Série História*, 4-5, Porto, pp. 209-222.
(1974) - Sondagens Arqueológicas em Frende (Baião), *Archaeologia Opuscula*, I/1, 33, Porto.
(1974a) - *Escavações no Monte Mozinho (1974),* Centro Cultural Penafidelis, Penafiel.
(1974b) - A cerâmica castreja, *Revista de Guimarães*, vol. LXXXIV, (1-4), Guimarães, pp. 171-179.
(1974c) - Influências meridionais na cultura castreja, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Série História*, Porto, pp. 197-207 = C.N.A. 1973, Zamora, 1975, pp. 491-498.
(1978) - *Casteologia medieval de Entre-Douro-e-Minho (desde as origens até 1220),* Tese complementar de doutoramento, FLUP, policopiado, Porto.
(1978a) - *Arquitectura Românica de Entre-Douro-e-Minho*, Dissertação de Doutoramento, Porto, FLUP, policopiado, vol. II, Porto.
(1980) - A propósito de a «Galícia Sueva» de Casemiro Torres, *Gallaecia,* n.º 5, Santiago de Compostela, pp. 312-324.
(1981) - Escavações arqueológicas em Santo Estevão da Facha, *Arquivo de Ponte Lima*, 3, Ponte de Lima, pp. 3-90.
(1981a) - Território paroquial no Entre-Douro-e-Minho. A sua Sacralização, *Nova Renascença*, vol. I, Porto, pp. 202-212.
(1986) - *Implantação do românico. Arquitectura militar e civil*, História da Arte em Portugal, vol. 3, Lisboa.
(1987) - Urbanismo da Alta Idade Média em Portugal. Alguns aspectos e os seus muitos problemas, *Ciclo de Conferências – Cidades e História,* Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 129-156.
(1993) - Arqueoloxía tardorromana e germânica no NW Peninsular, *Actas do Encontro científico en homenaxe a Fermín Bouza Brey (1901-1973)*, Santiago de Compostela 1992, MPG, Noia, pp. 191-200.

ALMEIDA, Calos Alberto Ferreira de; LOPES, F. G. A.
(1981-82) - Eja (Entre-os-Rios). A civitas e a igreja de S. Miguel, *Portugália*, Nova Série, 2-3, Porto, pp. 131-136.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; SANTOS, Eugénio dos
(1972) - O castro de Fiães, 2, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Série H istória*, Porto, n.º 3, Porto, pp. 147-168 = (sep. 1-26).

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; SANTOS, Joaquim Neves dos
(1974) - Cerâmica romana tardia de Guifões, *Archeológica Opuscula*, 1, Porto, pp. 49-56.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; SOEIRO, Teresa; ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de; BAPTISTA, A. J.
(1981) - *Escavações arqueológicas em Santo Estêvão da Facha*, Arquivo de Ponte de Lima, 3, (sep.), Ponte de Lima.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de
(1980) - Via Veteris. Antiga Via Romana ?, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Revista de Guimarães, vol. III, Guimarães, pp. 151-170.
(1990) - *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*, Estudos Regionais, 7/8, Viana do Castelo.
(1995) - *Plano Director de Vila do Conde - Relatório de Arqueologia*, Policopiado, Vila do Conde.
(1995a) - A romanização do concelho de Vila do Conde, *Actas do Congresso Histórico - 150 anos do Nascimento de Alberto Sampaio*, Guimarães, pp. 51-72.
(1996) - *Povoamento romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho*, VII volumes, Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, FLUP, Policopiado, Porto.
(2003) - *O povoamento romano do Litoral Minhoto entre Cávado e o Minho*, Porto.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de; ABREU, Alberto Antunes
(1987) - A necrópole de incineração de Gondomil, Valença, *" Seminário Luso-Galaico comemorativo do Foral de Caminha", Lucerna*, 2ª Série, vol. II, Porto, pp. 187-243.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado; NEIVA, M. A. P.
(1982) - O castro de S. Lourenço, Vila Chã – Esposende*, Boletim Cultural de Esposende*, 2, Esposende, pp. 5-17.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado; ALMEIDA, Pedro Brochado
(2007) - Sinais de romanização junto à igreja românica de Meinedo, *Oppidum*, n.º 2, Lousada, pp. 75-94.

ALMEIDA, J. A. Ferreira
(1953) - Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal, *O Arqueólogo Português*, Nova Série, II, 2, Lisboa, pp. 5-208.

ALMEIDA, Justino Mendes de
(1965) - De minimis (Nótulas várias de Epigrafia), *Conímbriga*, vol. IV, Coimbra, pp. 59-80.

ALMGREN, O.
(1923) - *Studien uber Nordeuropaische ibelformen der ersten nachchristlichen Jahrhunderte mit Berucksichting der provinzialromischen und sudrussischen Formen*, Mannus - Bibliothek, n.º 32, Leipzig.

ALVES, Francisco (coord.)
(1989) - *Museu nacional de arqueologia e Etnologia - Portugal. Das Origens à Época Romana*, Lisboa

AMARAL, António Paulo Gomes do
(1994) - *O povoamento romano no vale superior do Tâmega. Permanências e mutações na humanização da paisagem*, FLUP, Tese de Mestrado, Policopiado, Porto.

AMARAL, Ariana M. C. J.
(1988-89) - Necrópole galaico-romana de laboriz (Amarante), *Portugália. Nova Série*, vol. IX-X, Porto.

AMARAL, Ilídio do; DAVEAU, Susane
(1982) - *Bibliografia geográfica de Portugal*, 1947-1974, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, vol. II.

AMREIN, Heidi
(2001) - *Látelier de verriers D'Avenches. Lártisanat du verre au milieu du Ier siècle Après J. C.*, Chaiers D'Archéologie Romande, n. º 87,
Aventicum XI, Lausanne.

ANDRADE, Miguel Montenegro
(1952) - Carta geológica da região de Santo Tirso, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural,* vol. I, n.º 3, Santo Tirso, pp. 303-315.

ARAÚJO; A. Paula; MOURA, J.Maria; TOVAR, M. Luisa; SOTTOMAYOR, M.do Rosário
(1994) - *Carcterização e Directrizes de Planeamento dos Recursos Hídricos do Norte. A bacia hidográfica do rio Leça, Projecto de Gestão Integrada dos Recursos Hídricos do Norte*, Policopiado, Porto.

ARAÚJO, Ilídio
(1980) - Castros, outeiros e castros na paisagem de Entre-Douro-e-Minho, *Minia*, 2ª série, 3 (4), Braga, pp. 101-118.

ARGAIZ, Gregorío
(1675) - *La soledad Laureada por San Benito y sus hijos en las Iglesias de España,* t. III, Teatro monástico de la provincia Bracarense, Alcalá.

ARGENTE, J. L.

(1979) - *La villa tardorromana de Baños de Valdearados (Burgos)*, Excavaciones Arqueológicas en España, n. º 100, Madrid.

ARGOTE, J. C.
(1728) - *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*, Lisboa.
(1732-34) - *Memórias para a história eclesiástica do Arcebispado de Braga*, primaz da Hespanhas, 4 vol, Lisboa.

ARIES, Philippe; DUBY, George
(1989) - *História da vida privada do império romano ao ano mil*, Porto.

ATLANTE
Atlante delle forme ceramiche I; ceramiche fine romana nel bacino mediterraneo (Medio tarde impero), Roma, 1981. (= Atlante I)
Atlante delle forme ceramiche II; ceramiche fine Romana nel Bacino mediterraneo. (Tarde ellenismo e primo imperio), Roma 1985 (= Atlante II).

AURRECOECHEA, J.; FERNANDEZ, C.; KLINK, A. Caballero
(1986) - Mobiliario metálico del yaciemento ibero-romano de La Bienvenida en la provincia de Ciudad Real, *Oretum*, Vol. II, Ciudad Real, pp. 249-292.

AVIGAD, N.
(1983) - Discovering Jerusalem, Nashville 1983, pp. 186-192.

AZEVEDO, Agostinho
(1939) - *A terra da Maia*, Subsídios para a sua monografia, vol. I, Porto.

AZEVEDO, Pedro A. de
(1900) - Notícias várias - 7. Achado archeologico, *O Archeologo Português*, vol. V, Lisboa, p. 342.

AZEVEDO, Rogério de
(1956) - A ara de Burgães e a ara de Ervedosa, *O concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. V, n.º 3, Santo Tirso, pp. 293-301.

AZNAR, Ana Torrecilla
(2007) - Aproximación al estúdio de los *macella* romanos en *Hispânia*, *Actas do XXVI Congresso Nacional de Arqueologia, Zaragoza, 18 al 21 de Abril 2001* (Dir. Miguel Beltrán Lloris), *Caesaraugusta*, 78, Zaragoza, pp. 455-480.

B_____

BACELAR, António Alberto Huet
(1984) - Notas arqueológicas de Rui de Serpa Pinto sobre o litoral entre Douro e Vouga, Gaya - *Actas das Jornadas de História Local e Regional de Vila Nova de Gaia*, vol. II, Porto, pp. 73-82.

BAILEY, D. M.
(1978) - *Common Italian Lamps: A Brif Guide,* Papers in Italian Archaeology I: The Lancaster Seminar, Recent Reseach in Prehistory, Classical and Medieval Archeology, BAR – Supplementary Series, 41, Oxford, pp. 243-251.
(1980) - *A Catalogue of the Lamps in the British Museum*, II, Roman lamps made in Italy, Londres.

BALIL, Alberto
(1966) - Materiais para um índice de marcas de ceramistas en lucernas de fabricación hispánica, *Pyrennae*, 2, Barcelona, pp. 117-123.
(1982) - Notas de arqueologia Palentiana: una lucerna hallada en Dueñas, *Publicaciones de la Institución "Tello Téllez de Meneses"*, 46, Palencia, pp. 93-107.
(1983) - Lucernas romanas de la necrópolis de Palencia com marca de ceramista, *Publicaciones de la Institución "Tello Téllez de Meneses"*, 48, Palencia, pp. 297-308.

BALIL, N.; LUENGO, M.L.; MUÑOZ, M.

(1992) - *Terra Sigillata Itálica, Arcóbriga. II - Las Cerâmicas Romanas*, direc. Luis Cabllero Zoreda, Zaragoza.

BAPTISTA, José Luiz Meireles
(1984) - *A Tecnologia Lítica Pré-Histórica*, Plano de uma aula teórico-prática da cadeira de "Sociedades e Economias Pré-Históricas" do Curso de História e Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga.

BARADEZ, J.
(1961) - Nouvilles fouilles à Tipasa – La maison dês fresques et les vois la limitant – Annexe 1 – Lá cerámique et les lampes à huille, *Libyca*, IX, pp. 114-130.

BARATA, F. S.
(1993) - Alguns vidros romanos do Museu Municipal de Santiago do Cacém, *Vipasca*, n.º 2, Santiago do Cacém, pp. 73-76.

BARBOSA, Maria Benedita Coelho da Silva
(1998) - *Tesouros Monetários Romanos em Portugal: da República ao Reinado de Augustus*, FLUP, Tese de Mestrado, Policopiado, Porto.
(1998/2002) - Tesouros monetários romanos em Portugal: da república ao reinado de Augustus, *Nummus*, 2ª Série, vol. XXI/XXV, Porto, pp. 7-144.

BARBOSA, Vilhena
(1863) - Santo Tirso, *Archivo Pitoresco*.
(1886) - *Monumentos de Portugal*, Lisboa.

BARBOZA, António do Carmo V.
(1852) - *Memória histórica do mosteiro de Leça do Bailio*, Porto.

BARCA, Joaquim da
(1953) - *S. Miguel das Aves. Monografia*, Vila das Aves.

BARREIRA, Paula; DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo
(1997) - A presença de louça preta no mercado do Porto (sécs XVI a XVIII): uma amostragem a aprtir do estudo das cerâmicas arqueológicas da Casa do Infante, *A Louça preta em Portugal: Olhares cruzados*, CRAT, Porto, 87-93.
(1998) - 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII, *Actas das Jornadas de Cerâmica Medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela 22 a 25 de Março 1995, 2, Vila da Feira, pp. 145-184.

BARREIRO, José do
(1922) - *Monografia de Paredes*, Porto.

BARROCA, Mário Jorge
(1987) - *Necrópoles e sepulturas medievais entre Douro e Minho (séc. V a XV),* Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, FLUP, Policopiado, Porto.
(1990-91) - Do castelo da reconquista ao castelo românico (séc. IX a XII), *Portugália*, Nova Série, vol. XI-XII, Porto, pp. 89-136.
(1993) - Centros oleiros de Entre-Douro-e-Minho (séc. XIII). Contributo para o seu inventário e cartografia, A*rqueologia Medieval*, n.º 2, Porto, pp. 159-170.
(1999) - *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, vol. II, Tomo I - *Corpus Epigráfico Medieval Português*, Porto.

BARROCA, Mário Jorge; MORAIS, António J. Cardoso
(1986) - A Terra e o Castelo. Uma experiência arqueológica em Aguiar de Pena, *Portugália*, 6-7, Porto, pp. 35-38.

BARROS, João de
(1919) - *Geographia d'Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes*, Porto.

BARROS, José D' Assunção
(2006) - Espaço e tempo - Territórios do historiador*, VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36, pp.460-476.

BECHI, G.
(1835) - *TAV. XXVIII e XXIX, Museo Reale Borbonico*, 11, Naples.

BECKMANN, B.
(1996) - Studien uber die Metallnadeln der romischen Kaisertzeit im freien Germanien, *Saalburg Jahrbuch*, XXII, Berlin, pp. 7-100.

BELLIDO, A. Garcia y
(1947) - *El arte Iberico*, Ars Hispaniae, vol. I, Madrid.
(1971) - Cochleares romano-visigodos de la Península Hispánica, *Conímbriga*, vol. X, Coimbra, pp. 93-97.

BELLINO, Albano
(1902) - Cidades mortas, *O Archeólogo Português*, vol. XIV, Lisboa, pp. 1-28.
(1904) - Epigrafia romana de Braga, O Archeólogo Português, vol. IX, Lisboa, pp. 11.
(1909) - Cidades Mortas, *O Archeólogo Português*, vol. XIV, Lisboa, pp. 1-28.

BELCHIOR, Claudete
(1969) - *Lucernas romanas de Conímbriga*, Museu Monográfico de Conímbriga, Coimbra.

BELTRÁN, António
(1990) - La red viaria en la hispania Romana. Introducción, *Actas del Simposio – La red viaria en la Hispania romana (24-26 de Setembro de 1987, Tarazona, Zaragosa)*, Zaragosa, pp. 45-53.

BELTRÁN LLORIS, M.; SÁNCHEZ, J. J.; AGUAROD, M. C.; MOSTALÁC, A.
(1980) - *Caesaraugusta I. Campaña 1975-1976*, Arquivo Español de Arqueologia, Madrid.

BÉMONT, Colete
(1976) - *Recherches méthodologiques sur la céramique sigillée. Les vases estampillés de Glanum*, Biblioteque des Ecoles Françaises d' Athènes et Rome, 227, Roma.

BENET I ARQUÉ, C.; SUBIAS I PASCUAL, E.
(1989) - Els vidres, VV. AA., Un abocador del segle V d.C. en el forum provincial de Tàrraco, Tarragona, pp. 329-349.

BENOÎT, F.
(1957) - Typologie et Épigraphie Amphoriques: les Marques de sestius, *Rivista di Studi Liguri*, XXXVII, Bordighera, pp. 247-285.
(1962) - Nouvelles épaves de Provence (III), *Gallia*, 20, Paris, pp. 147-176.

BENTO, Mário Pires
(1989) - Novos achados arqueológicos em Meimoa e Benquerença (Penamacor), *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 432-437.

BERGER, L.
(1960) - *Romische Glaser aus Vindonissa*, «Veroffentlichungen der Gesellschaft pro Vindonissa», IV, Basileia.

BERNARDES, João Pedro
(1996) - *A civitas de Collippo*, Disertação de Doutoramento apresentada na Universidade dos Açores, Policopiada, Ponta Delgada.

BERTOLINI, Francisco
(1999) - *Historia de Roma. Desde los orígines itálicas hasta la caída del imperio de occidente*, (Versión española - Salvador López Guijarro), Madrid.

BETTENCOURT, Ana M. S.
(1991-92) - O povoado da Sola, Braga: Notícia preliminar das escavações 1991-92, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 8-9, Braga, pp. 97-118.

BISHOP, M. C.; COULSTON, J. C. N.

(1988) - *Cavalry equipment of the Roman Army in the first century A.D., Military Equipment and the Identity of Roman soldiers*, British Archaeological Reports - International Series, 394, Oxford.

BLAZQUEZ, A.
(1989) - La milla romana, *Boletín de la Real Academia de Historia*, 32, Madrid, 440 -

BLÁZQUEZ, José Maria
(1957) - Aportaciones al estudio de la religiones primitivas de España, *Archivo Español de Arqueologia*, vol. XXX, Madrid, pp. 15-86.
(1962) - *Las religiones primitivas de Hispania*, Fuentes literárias y epigráficas, vol. I, Roma.
(1970) - *Las religiones indigenas del areá noroeste de lá Peninsula Iberica en relacion com Roma*, Legio VII, Gemina, Leon.
(1975) - *Dicionario de las religiones prerromanas de Hispania*, Madrid.

BLOT, Maria Luisa B. H.
(2003) - Os portos na origem dos centros urbanos: contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal, *Trabalhos de Arqueologia,* 28, IPA, Lisboa.

BOESTERD, Maria H. P. den
(1956) - *Description of the Collections in the Rijksmuseum G. M. Kam at Nijmegen*, V. The Bronze Vessels, Nijmegen.

BOHME, A.
(1972) - Die Fibeln der Kastelle Saaburg und Zugmantel, *Saalburg Jahrbuch*, vol. XXIX,pp. 5-112.
(1986) - *Das Ende der Romerherrschaft in Britannien die Angelsachsische Besiedlung England im 5*. Jahrbuch des Romisch-Germanischen Zentralmuseum zu Maiz, 33.

BOON, J. G. C.
(1966) - Roman window glass from Wales, *Journal of Glass Studies*, 8, New York, pp. 41-45.

BORDES, F.
(1961) - *Typologye du Paléolithique Anvien et Moyen*, Paris.
(1967) - Considerátions sur la Typologie et les techniques dans le Paléolithique, *Quartär,* 18, pp. 25-55.

BOREL, Françoise Bonnet
(1997) - *Le verre d'époque romaine à Avanches – Aventicum, Typologie génerale*, Documents du Musée romain d'Avenches, n.º 3, Avenches.

BORGES, F. S., NORONHA, F.; MARQUES, M.,
(1985) - Excursão Geológica no Complexo Gnáissico da Foz do Douro, *Livro-guia das excursões geológicas da IX Reunião de Geologia do Oeste Peninsular*, Universidade do Porto, Porto.
(1987) - Metamorphic terrains of Foz do Douro. In: Ribeiro, A., Dias, R., Pereira, E., Merino, H., Borges, F. S., Noronha, F. & Marques, M., Coords, *Guide-book for the Miranda do Douro-Porto Excursion. Conference on Deformation and Plate Tectonics*, Oviedo, pp. 11-19.

BOSQUED, Concepcion Blasco; RAMOS, Pablo Gómez
(2001) - Avance de los resultados analíticos de objectos metálicos del Museo de San Isidro de Madrid, *Estudios de Prehistoria y Arqueologia Madrileñas - Museo de San Isidtro de Madrid*, n.º 11, Madrid, pp.105-114.

BOST, J. P.
(1992) - *L'Épave Cabrera III (Majorque). Échanges commerciaux et circuits monétaires au milieu du IIIe siècle après Jésus-Christ*, París.

BOÜARD, M.
(1977) - *Manual de arqueologia medieval*, Barcelona, 1977.

BOUBE-PICOT, Cristiane

(1975) - *Les bronzes antiques du Maroc, II, Le mobilier,* Études et Travaux d'Archeologie Marocaine, vol. V, Rabat.

BOUBE, J.
(1965) - *La terra sigillata hispanique Tingitane – Les marques de potiers*, 1, Rabat, 1965.
(1966) - La T.S.H. en Mauritanie. Tingitanie. Supplement aux catalogues des marques des potiers, *Bulletin D'Archéologie Marocaine*, VI, Rabat, pp. 115-142.
(1968a) - La T.S.H. em Mauritanie Tingitaine. Supp. II au catalogue des potiers, *Bulletin D'Archéologie Marocaine*, VIII, Rabat, pp. 67-108.
(1968b) - Les fouilles de la nécropole de Sala et la chronologie de la terra sigillata hispanique, *Bulletin D'Archéologie Marocaine*, VIII, Rabat, pp.109-118.
(1968c) - Index des marques hispaniques trouvées a Sala, *Bulletin D'Archéologie Marocaine*, VIII, Rabat, pp. 119-126.

BOUZA BREY, Fermin
(1957) - A deidade galaica Cusuneneoeco, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. IV, n.º 2, Santo Tirso, pp. 252-259.

BRANCO, Fernando Castelo
(1963) - Correspondência de Leite de Vasconcelos com o abade Sousa Maia, *Câmara Municipal do Porto - Boletim Cultural*, n.º 26 (1-2), Mar. Jun., Porto, pp. 29-73.

BRANDÃO, Domingos de Pinho
(1960) - Novas Estelas Funerárias de Várzea do Douro, Revista de Guimarães, vol. LXX, 1-2. Guimarães, pp. 185-196.

BRANDÃO, Domingos de Pinho; LANHAS, Fernando
(1969) - Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico. Parcela 109.4 (Concelho de Matosinhos e Vila do Conde), *Revista de Etnografia*, 12 (2), Porto, pp. 295-344.

BRAVO, M. S.; ABRUNHOSA, M. J.,
(1978) - Sobre a petrografia, composição e origem dos anfibolitos da Foz do Douro (Porto-Portugal). *Publ. Mus. Labor. Miner. Geol. Fac. Ciênc. Univ. Porto*, 4ª Sér., 95: Porto, pp. 7-26.

BRITO, Raquel Soeiro
(1992) - Introdução Geográfica. Portugal Continental, *História de Portugal*, Dir. José Mattoso, vol. I, Lisboa, pp. 21-67.

BRODRIBB, Gerald
(1987) - *Roman brick and tile*, Gloucester.

BRONEER, O.
(1930) - *Corinth, results of excavations conductd by the American School of Classical Studies at Athens*, IV, 2, Terracotta Lamps, Cambrige, Massachussetts.

BRUCK, Guido
(1961) - *Die Spatromische Kupferpragung*, Graz.

BRUN, Pean-Pierre
(1997) - Uma adega e um lugar na *villa* de Torre de Palma, *Portugal romano. A exploração dos recursos Naturais*, (coord. Adília Moutinho Alarcão), Lisboa, pp. 149-150.

BUCHI, E.
(1975) - *Lucerne del Museo di Aquileia, I: Lucerne romane com marchio di fabbrica*, Aquileia.

BUENO, M. A. Martin
(1968) - Acerca de las pesas de telar procedentes de Bílbílis, *Caesaraugusta*, 31-32, Zaragoza, pp. 257-258.
(1971-1972) – Pondera de Bilbílis en las colecciones Samietier y Oresanz, *Caesaraugusta*, 35-36, Zaragoza, pp.157-167.

C_____

CABRERA, R. Barroso; OVEJERO, S. Jaque; GONZÁLEZ, M. Major; PABLOS, J. Morín; COBO, E. Penedo; BAZTÁN, Pilar Oñate; VÁZQUEZ, Juan Sanguino
(2001) - Los yacimientos de Tinto Juan de la Cruz - Pinto, Madrid - (ss. I al VI d.C.) 1ª parte, *Estudios de Prehistoria y Arqueologia Madrileñas* - Museo de San Isidro de Madrid, n. º 11, Madrid, pp. 129-204.

CAEIRO, José O. da Silva
(1978) - Observações sobre Cerâmica Comum Romana do séc. III proveniente da "Cidade das Rosas" Serpa, *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, pp. 251-271.

CALDAS, J. J. S. Pereira
(1852) - *Notícia archeologica das Caldas de Visella*, Guimarães.

CALDERA, M. P
(1979) - Vidrios del Museu Arqueológico de Badajoz, *VI Congresso de estudios Extremeños. Arqueologia*, Mérida, pp. 81-86.

CALLENDER, M. H.
(1965) - *Roman Amphorae*, New York, Toronto.
(1970) - *Roman Amphorae with Index of Stamps*. Oxford University Press (2ª Ed.), Londres.

CAMPS, G.
(1979) - *Manuel de Recherches Préhistoriques*, Dion, Paris.

CANO PAN, J. A.
(1986) - La industria lítica tallada en la cultura castreña de Galicia, *Actas – Coloquio de Proto-História e História Antiga da Península Ibérica*, Santiago de Compostela (policopiada).

CAPELA, José V. E.
(1996) - A produção cerâmica do Norte (sécs. XII-XX): Estudo histórico, tipológico e laboratorial, *Olaria*, 1, Barcelos, pp. 3-10

CAPELA, Martins
(1732-34) - *Memórias para a história ecclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas,* Lisboa.
(1895) - *Milliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal. Relíquias d'epigraphia romana transladadas dos próprios monumentos*, Porto.

CAPELLE, T.
(1975) - *Die fruhgeschichtlichen Metallfunde von Domburg auf Walcheren*, Nerderlandse, Oudheden, 5.

CARANDINI, A.
(1969) - Sigillta chiara, Ostia I, Le terme del Nuotatore: scavo dell'ambiente IV, *Studi Miscellanei*, 13, Roma, pp. 25-61.

CARANDINI, A; PANELLA, C.
(1973) - Sigillata Africana, Ostia III, *Studi Miscellanei*, 21, Roma, pp. 327-340.

CARANDINI, A; TORTORELLA, S.; SAGUI, L.; TORTORICI, E.
(1981) - *II. Cerámica Africana, Suplemento Encicliopedia dell'Arte Antica, Classica e Orientale*. Atlante delle forme ceramiche, I, Cerámica fine romana nel Bacino Mediterraneo (Medio e Tardo Imperio), Roma, pp. 9-227.

CARDONA, Nuria Lledó
(2007) - *La moneda en la Tarraconense mediterránea en época romana imperial*, Servicio de Investigación Prehistórica, Série de Trabajos Vários, 107, Valência.

CARDOSO, António

(1971) - Sunsídio para o estudo das telhas romanas, *Revista da Faculdade de Letras (UP), Série Históia*, vol. II, Porto, pp. 201-208.

CARDOSO, Guilherme
(1986) - Fornos de ânforas romanas, na bacia do Sado: Pinheiro, Abul e Bugio, *Conímbriga*, 25, Coimbra, pp. 153-173.

CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino
(1996) - O contexto oleiro de Muge na produção romana do médio e baixo Tejo, *ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*, Actas das primeiras Jornadas sobre a Romanização dos estuários do Tejo e do Sado, (coord. G. Filipe e J. M. C. Raposo), Lisboa, pp. 167-191.

CARDOSO, Jorge
(1666) - *Agiológio lusitano*, III.

CARDOZO, Mário
(1930) - Joias arcaicas encontradas em Portugal, *Seminário de Estudos Galegos*, 75, VII, Santiago de Compostela, pp. 43-63.
(1935) - *Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento. Secção de Epigrafia Latina e de Escultura Antiga*, vol. I, Guimarães.
(1947) - Um novo tipo de espada curta dos guerreios galaicos, *Arquivo do Alto Minho*, 2 (3), Viana do Castelo, pp. 65-70.
(1947a) - *Correspondência Epistolar entre Emilio Hübner e Martins Sarmento* (Arqueologia e Epigrafia, 1879-1899), Guimarães.
(1958) - *Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmento* (1879 - 1899), Guimarães.
(1961) - Pulseiras antigas de vidro encontradas em Portugal, *Revista de Guimarães*, vol. LXXI, (1-2), Guimarães, pp. 55-63.
(1965) - A fiação e a tecelagem na Antiguidade Peninsular, *Congresso Internacional de Etnografia (Santo Tirso)*, Separata, Santo Tirso.
(1965a) - A indústria cerâmica e vidreira na Antiguidade Peninsular, Particularmente na Cultura dos Castros do Noroeste, IV Colóquio Portuense de Arqueologia, 1965, *Lucerna*, vol. V, Porto, pp. 5-11.
(1969) - Machados de bronze ornamentados, *Abrente*, I, La Coruña, pp. 75-79.
(1970) - Pulseiras romanas de vidro encontradas em Portugal, *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, 2, Lisboa, pp. 13-25.
(1972) - *Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento. Secção de Epigrafia Latina e de Escultura Antiga*, 2ª Edição, Guimarães.
(1974) - *Correspondência epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmento* (1879-1899), Guimarães.

CARNEIRO; Deolinda M. V.; GOMES, José Manuel Flores; AMORIM, Manuel; REAL, Manuel
(2004) - *S. Pedro de Rates. Guia do Visitante*, Maia.

CARNICERO, M. V. Romero
(1985) - *Numancia I. La terra sigillata*.
(1983) - Aspectos formales de la sigillata hispânica, Boletim del Seminário de Arte y Arqueologia, 49, Madrid.

CARVALHO, José Vieira de
(1969) - *O mosteiro de de S. Salvador de Moreira*, Maia.

CARVALHO, Helena Paula Abreu de
(1991-92) - Materiais inéditos das necrópoles romanas de Garfe e Brunhais, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 8-9, Braga, pp. 159-176.
(2008) - O povoamento romano na fachada ocidental do *Conventus Bracarensis*, Tese de Doutoramento - Universidade do Minho, (policopiada), Braga.

CARVALHO, Rogério; CABRAL, Madalena Costa
(1996) - Algumas peças metálicas do Vale de Junco - Mação, Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado, *Actas das primeiras Jornadas Sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*, Lisboa, pp. 157-178.

CARVALHO, Rogério; PONTE, Salete
(1987) - Seis peças metálicas do vale do Junco, *Portugália*, Nova Série, vol. VI-VII (1985-86), Porto, pp. ……

CARVALHO, Teresa Pires de
(1993-94) - As marcas de oleiro da sigillata de Mozinho, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, n.º 10-11, Braga, pp. 91-112.
(1994) - *A Terra Sigillata de Monte Mózinho. Contributo para a História Económica do Povoado*,FLUP, Tese de mestrado, policopiada Porto.
(1998) - A Terra Sigillata de Monte Mozinho. Contributo para a história económica do povoado, *Cadernos do Museu* Penafiel, n.º 3, Penafiel.
(2005) - O Castro do Mozinho: as candidaturas ao POC – ON e INTERREG III A, Actas do Colóquio "Castro. Um lugar para Habitar, 5 a 6 de Novembro de 2004, *Cadernos do Museu*, 11, Penafiel, pp. 107-120.

CARVALHO, Teresa Pires de; GUIMARÃES, C.; BARROCA, Mário J.
(1996) - *Bairro da Sé do Porto: contributo para a sua caracterização histórica*, Porto.

CARVALHO, Teresa Pires de; QUEIROGA, Francisco Reimão
(2005) – O castro do Mozinho: os últimos trabalhos desenvolvidos, Actas do Colóquio "Castro. Um lugar para Habitar, 5 a 6 de Novembro de 2004, *Cadernos do Museu*, 11, Penafiel, pp. 121-153.

CASAOLA, Darío Bernal
(1993) - Lucernae tarraconenses: las lámparas romanas del Museu Nacional Arqueològic y del Museu i Necrópolis Paleocristians, *Butlleti Arqueològic*, 15, Tarragona, pp. 59-298.

CASAS, J. A. Pérez
(1987) - *Contribucion a la carta arqueológica del valle del Jalón, trábalos de prospección en su cuenca baja*, Memoria de Licenciatura, Universidad de Zaragoza, Inédita.

CASAS, J. Genover; CASTANYER, P.; NOLLA, J.; TREMOLEDA, J.
(1990) - *Cèramiques comunes i de producció local d'època romana. I. Materials augustales i altoimperials a les comarques orientals de Girona*, (dir. Casas Genover), Centre d'Investigaciones Arqueològiques. Girona. Série monográfica, 12, Girona.

CASSON, J.
(1974) - *Travel in the Ancient World*, London.

CASTRO, Fernandez
(1982) - *Villas romanas en España*, Madrid.

CASTRO, Fernando
(1998) - A análise químca como auxiliar na determinação de origem de fragmentos cerâmicos arqueológicos, *Olaria*, 2, Barcelos, pp. 125-130.
(1998a) - Caracterização físico-qímica de argilas e amostars etnográficas da região de Prado/Vila Verde/Barcelos, *Olaria*, 2, Barcelos, pp. 131-138.
(2003) - Metodologia analítica e estatística para a determinação de proveniência de cerâmicas arqueológicas, *Actas das 3as Jornadas - Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Santa Maria da Feira, pp. 351-354.

CASTRO, Fernando; DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo
(2003) - 200 Anos de cerâmica na Casa do Infante – Porto (séc. XVI a meados do séc. XVIII): identificação visual e química dos fabricos, *Actas das 3as Jornadas - Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Santa Maria da Feira, pp. 223-230.

CASTRO, Fernando; OLIVEIRA, Pedro; FERNANDES, Isabel M.
(1997) – Development of a methodology for the estimation of the provenace of archaeological ceramics, *Medieval Europe Brugge,* Zellik: Guy de Boe & Frans Verhaeghe, vol. 10, pp. 123-125.

CASTRO, L. Albuquerque
(1962) - Achados romanos na mina do Fojo das Pombas (Valongo), *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, 15, Lisboa, pp. 431-438; = *Archivo Español de Arqueologia*, 35, Madrid, pp. 166-176.

CASTROVIEJO, Fernado Acuña
(1974a) - *Mosaicos romanos de Hispania Citerior. III. Coventus Bracarensis*, Santiago de Compostela.
(1974b) - Consideraciones sobre los mosaicos portugueses del convento bracarense, *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia,* (2), Porto, pp. 201-210.
(1975) - Divindades romanas en bronce del convento Bracarense, *Bracara Augusta*, vol. XXIX, Braga, pp. 145-153.
(1992) – La Cultura en la Galicia Romana, *La Romanizacion de Galicia*, La Coruña, pp. 63-76.

CASTROVIEJO, Fernado Acuña; BARRAL, X.
(1973) - Estúdios sobre Mosaicos Romanos, III: Los Mosaicos de La Cigarrosa (Ourense), *Studia Archeologica*, 25, Valladolid.

CENTENO, Rui Manuel Sobral
(1976) - *Moedas Hispano-Romanas no Museu de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"*, Porto.
(1977) - O tesouro de *denarii* do Alto do Corgo (Concelho de Valença), *Conímbriga*, vol. XVI, Coimbra, pp. 93-101.
(1979) - (Recensão de) J. Torres, Tesouro monetário do Castro de Alvarelhos. Estudo numismático – Seriação cronológica e histórica, Boletim Cultural - Santo Tirso, 1979, *Numunus*, 2ª série, II, Porto, pp. 105-109.
(1981) - A circulação monetéria dos Divo Claudio na Península Ibérica: Notas sobre um tesouro do concelho de Amarante, *Portugália*, Nova Série, vol. 2/3, Porto, pp. 121-129.
(1983) - A dominação romana, *História de Portugal*, 1, Alfa, Lisboa, pp. 149-212.
(1987) - *Circulação Monetária no Noroeste de hispanía até 192*, Sociedade Portuguesa de Numismática, Porto.
(1991) - Tesouro monetário romano da região de Chaves, *Numunus*, 2º Série, vol. 11, Porto, pp. 99-120.

CERDÁN, Ángel Morillo
(2003) - Lucernas romanas de Astorga, *Astorga*, IV, pp. 9-632.

CERNADES, José Manuel Andrade
(1995) - *O Tombo de Celanova: estúdio introductorio, edición e indíces (séculos IX – XIII),* Santiago de Compostela.

CERRATO, Cruces Blázquez
(1988) - *Tesorillos*, Barcelona
(1993) - *La circulación monetaria*, Salamanca.

CÉSAR, Augusto
(1951) - *S. Gens de Cidai*, Braga.

CHARLIN, G.; GASGEND, . M.; LEQUÉMENT, R.
(1978) - L´´epave antiqúe de la baie de la Cavalière (Le Lanvandou, Var), *Archaeonautica*, 2, Paris, pp. 9-23.

CHAVES, Luís
(1936) - Mosaicos lusitano-romanos em Portugal*, revista de Arqueologia*, 3, Lisboa.

CHEVALIER, R.
(1971) - *Les Voies Romaines*, Paris.

CIL
(1986) - *Corpus Inscriptiones Latinarum, vol. II, Berlim. Suplementum ad Volumen II*, Berlim, 1892.

CIOTOLLA, A.; PICCIOLA, S.; SANTAGELI, R.; VOLPE, R.
(1989) - Roma : tre contesti : 1 Via Nova-Olivo Palatino, 2 Crypta Balbi, 3 Via Sacra-Via Nova. *CEFR*, 114, pp. 604-609.

CLETO, Joel
(1993) - Castro de Guifões: A primeira " cidade " de Matosinhos, *Matosinhos Revista*, n.º 4, Matosinhos, pp. 38-44.
(1995-96) - Arqueologia Matosinhense. Notas histórico-bibliográficas, *Matesinius*, n.º 1/2, Matosinhos, pp. 11-19.
(1995-96a) - A indústria de Conserva de peixe no Portugal Romano. O caso de Angeiras (Lavra, Matosinhos), *Matesinus*, Revista de Arqueologia, História e Património de Matosinhos, n.º 1 / 2, Matosinhos, pp. 23-45.

CLETO, Joel; SANTOS, Vítor
(1991) - Novos tanques romanos descobertos na Praia de Angeiras, O Tripeiro, 7ª série, vol. X, Porto, pp. 161-165.

CLETO, Joel; VARELA, J. M.
(2000) - O gabinete municipal de arqueologia e história de Matosinhos, *Al-madan*, 2ª Série, 9, Almada, pp. 141-144.

CODEX SCCL
(1992) - Excavacions a l'Autopista A-19, variant de Mataró. Tres exemples del poblament del Maresme: de l'iberic plè a la romanitazació, *Laietania*, 7, pp. 157-189.

COELHO, F. Adolfo
(1887-89) - Nomes de deuses lusitânicos, *Revista Lusitana*, I, Porto, pp. 351-378.

COFFYN, A.
(1983) - La fin de Lâge do Bronze dans le centre - Portugal, *O Arqueólogo Português*, IV Série, 1, Lisboa, pp. 169-196.
(1985) - *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris.

COLLS, D.; ETIENNE, R.; LEQUÉMENT, R.; LIOU, B.; MAYET, F.
(1977) - *L' Épave de Port-Vendres II et le commerce de la Bettique à l' époque de Claude*, Archeonautica, n.º 1, Paris.

COLMENERO, António Rodriguez
(1987) - *Aqva Flaviae. Fontes epigráficas*, Chaves.
(1991) - El ejército romano y las obras públicas de *Gallaecia*, *Larouco,* 4, Lugo, pp. 99-107.
(1995) - Lugo, capital romana del extremo noroeste peninsular. Genesis de uma ciudad, *Lucus Augusti. Urbs Romana. Los orígenes de la ciudad de Lugo*, Lugo, pp. 11-18.
(1995a) – Corpus de inscripciones rupestres de epoca romana del cuadrante nW de la Peninsula Iberica, *Saxa Scripta (incripciones en roca)*, Actas del Simposio Internacional Ibero-Itálico sobre epigrafía rupestre (Santiago de Compostela y Norte de Portugal, 29 de junio a 4 de julio de 1992), Anejos de Larouco, 2), A Coruña, pp. 117-258.
(1996) - Lucus Augusti, capital de la *Gallecia* septentrional, *Los Finisterres Atlánticos en la Antiguedad. Epoca prerromana y* romana (Coord. Fernández Ochoa), Madrid, pp. 129-133.
(1996a) - Utiles y moda de la vida cotidiana: ócio y entretenimientos, *Galicia Arte*, (ed, Fernando Rodríguez Iglesias, Santiago de Compostela, pp. 496-497.

COLMENERO, A. Rodríguez; SIERRA, Santiago Ferrer; ASOREY, Ruben D. Alvarez
(2004) - *Callaeciae et Asturiae Itenera Romana. Miliarios e outras inscricións viarias romanas do noroeste hispânico (Conventos Bracarense, Lucense e Asturicense)*, Lugo.

COMAS i SOLÀ, M.
(1987) - Importació i exportació de vi a Baetulo: estudi des àmfores, *El vi a l'Antiguitat. Economia, producció i comerç al Mediterrani Occidental,* Badalona, pp. 161-173.

COMFORT, Howard
(1940) - Terra Sigillata, *Real – Encyclopãdie, Pauly – Wilssowa – Kroll / der Klassischer Altertumswissenchaft*, supp. VII, pp. 1295-1352.

CORREA, A. A. Mendes
(1923-24) - A necrópole de Parada de Todeia, *O Archeólogo Português*, 26, Lisboa, pp. 1-14.
(1924) - *Os povos primitivos da Lusitânia*, Porto.
(1928) - Lusitânia pré-romana, *História de Portugal* (coord. Damião Peres), vol. I, Barcelos, pp. 77-214.
(1935) - Cale in Gallaecia, *Memórias da Academia de Ciências de Lisboa*, 1, Lisboa, pp. 137-142.

CORREIA, Francisco Carvalho
(1989) - Areias até ao séc. XI, *Ave - Cadernos de Cultura*, 4, Câmara Municipal de Santo Tirso, Braga.
(1997) - A paróquia de S. Bartolomeu de Ervosa. As inscrições, *Santo Tirso Arqueológico*, 2ª Série, n.º I, Porto, pp. 88-122.

(2000) - O Abade Pedrosa. Perfil humanista de um sacerdote na senda dos pioneiros da arqueologia de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, 2ª Série, n.º 2-3, Porto, pp. 15-45.

CORREIA, Vergílio
(1928) - História de Portugal, *Domínio Romano*, vol. I, Barcelos, pp. 229-263.

CORSI-SCIALLANO, M. ; LIOU, B.
(1985) - Les épaves de Tarraconaise à chargement d'amphores Dressel 2-4, *Archaeonautica*, 5, Paris

CORTEZ, Fernando Russel
(1950) - Objectos de liturgia visigótica encontrados em Portugal. Séculos V a VII (Alguns elementos para a sua cronologia), *O Instituto*, Coimbra, pp. 52-92.
(1951) - Da " terra sigillata " tardia encontrada em Portugal, *Revista da Beira Alta*, vol. X (1-2), Viseu, pp. 3-70.
(1951) - Das populações pré-celticas do Norte de Portugal, *Boletim da Associação de Filosofia Natural*, vol. II, n.º 21, Porto, pp. 161-184.

COSTA, António Carvalho da
(1706-1712) - *Corografia Portugueza e descripçam Topográfica do Reyno de Portugal*, 3 vols., tomo I (1796), II (1708), III (1712), Lisboa.

COSTA, António Domingos de Sousa
(1968-1990) - *Monumenta Portugaliae Vaticana* (Introdução e leitura), vol. I (1968), vol. II (1970), vol. III-1 (1982), vol. III-2 (1982), vol. IV (1990), Braga.
(1982) - *Monumenta Portucaliae Vaticana*, III - 2, Súplicas do Pontificado de Martinho V (anos 1-7) - Av, Reg. Suppl., vol. 105-118.

COSTA, A. J.
(1981) - Povoamento e colonização do território vimaranense nos séculos IX a XI, Actas do *Congresso Histórico do Guimarães e sua colegiada*, Guimarães.

COUSELO, Jesús Ferro
(1973) - Monte Córdoba, priorado de San Rosendo de Celanova en Portugal*, Boletim Auriense*, III, Arquivo Histórico Provincial de Orense, *El pleito de Celanova com la Ordem de Cristo*, livro n. º 354, pp. 7-13.

CRAWFORD, M.H.
(1974) - *Roman Republican Coinage*, 2 vols., Cambrige 1974.

CROWFOOT, G. M.; HARDEN, D.B
(1931) - Early Byzantine and later glass lamps, *Journal of Egyptian archaeology*, vol. XVII, pp. 196-208.

CRUZ, António
(1940) - Novos vestígios da ocupação do Termo do Porto pelos romanos. A necrópole luso-romana de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, *Boletim Cultural, C.M.P.,* vol. III, fasc. 1, Porto, pp. 203-215.
(1982) - O Reguengo de Bougado, *Actas do Colóquio de História Local e Regional* (Santo Tirso 17-18 de Março de 1979), Santo Tirso, pp. 1-85.
(1982) - A presença do romano no Vale de Bougado, *Jornal da Trofa* (22/10/1982), Trofa, p. 16
(1984) - A paleografia e a diplomática ao serviço da arqueologia, Homenagem a D. Domingos Pinho Brandão, *Lucerna*, s/n.º, Porto, pp. 275-279.

CRUZ, Belchior da
(1896) - Notícias várias, 1. Thesouro de moedas romanas, *O Archeólogo Português,* vol. II, Lisboa, p. 292.

CRUZ, Mário
(2001) - *Vidros romanos de Bracara Augusta*, Diissertação de mestrado em Arqueologia (Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais), Braga.

CRUZ, Domingos de Jesus; BRITO, Mário
(1991) - *A colecção arqueológica do Abade Sousa Maia*, Vila do Conde, N/S, 7, Vila do Conde, pp. 5-13.

CUEVA, Fray Benito de la
(1991) - *Historia de los Monasterios y Priorados anejos a Celanova*, edición, notas e índices por María Teresa Gonzalez Balasch, introduccíon por José Ignacio Fernández de Viana y Vietes, Granada.
(2007) - *Celanova Ilustrada y Anales de San Rosendo*, Textos, edición y notas de Míguel Angel González Garcia, José Ramón Hernández Figueiredo e Manuel Ángel Pereira Soto, Cambados.

CUEVILLAS, Lopez;
(1933-34) - Estudos sobre a edade do ferro no noroeste da peninsula – A relixion, *Archivo Español de Arqueolo*gia, VI, Madrid, pp. 295-367.
(1951) - *Las joyas castreñas*, Madrid.
(1953) - *La civilizacion céltica en Galicia*, Santiago de Compostela.

CUNHA, Arlindo Ribeiro da
(1953) - Novíssimas inscrições de Braga, *Bracara Augusta*, 4, Braga, pp. 249-252.
(1987) - Relíquias de Bracara Augusta (recolha de artigos do Diário regional *Correio do Minho*), *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 8/9, Braga, pp. 159-176.

CUNHA, D. Rodrigo da
(1634) - Da História Eclesiástica do Arcebispado de Braga, Braga.
(1742) - *Catálogo dos Bispos do Porto*, 2ª parte, Porto.

CUÑARRO, José Manuel Hidalgo
(1980) - La ceramica con decoracion bruñida en el noroeste peninsular, *Gallaecia*, n. º 6, Santiago de Compostela.
(1983) - *Excavaciones arqueologicas en el Castro de Vigo,* Museo Municipal Quiõnes de Leon, n. º 6, Vigo.
(1987) - El castro de vigo y sus niveles de ocupacion, *Lucerna*, 2ª Série, vol. II (Actas do Seminário Luso-Galaico, Comemorativo do VII Centenário do Foral de Caminha, Porto, pp. 119-134.
(1993) - *Nuevas aportaciones sobre el Vigo romano, Galicia: da romanidade á xermanización*, Santiago de Compostela, 1992, pp. 227-240.

CUREL, Zaida Castro
(1980) - Fusayolas ibericas antecedentes y empleo, *Cypsela*, III, Girona, pp. 127-146.

D_____

DAREMBERG, CH.; SAGLIO, E.
(1873-1919) - *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines*, Paris.

DÉCHELETTE, J.
(1904) - *Les vases céramiques ornés de la Gaule romaine*, Paris

DELGADO, Manuela
(1962) - Terra sigillata clara de Conímbriga, *Conímbriga*, vol. VI, Coimbra, pp. 47-133.
(1970) - Elementos de sítulas de bronze de Conímbriga, *Conímbriga*, vol. IX, Coimbra, pp. 15-44.
(1975) - Une sigillée tardive régionale, *Fouilles de Conímbriga* (coord. Jorge Alarção e R. Etienne), vol. IV, Paris, pp. 317-335.
(1976) - Céramique à engobe rouge non grésé, *Fouilles de Conímbriga* (coord. Jorge Alarção e R. Etienne), vol. VI, Paris, pp. 52-58.
(1985) - Marcas de oficinas de sigillatas encontradas em Braga, II, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 2, Braga, pp. 9-40.
(1988) - Contribuição para o estudo das cerâmicas romanas tardias do Médio Oriente, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 5, Braga, pp. 35-49.

(1993-94) - Notícia sobre cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, n.º 10-11, Braga, pp. 113-149.

DELGADO, Manuela; DIAS, Lino Augusta Tavares; LEMOS; Francisco Sande; GASPAR, Alexandra
(1984) - Intervenções na área urbana de Bracara Augusta (1983), *Cadernos de Arqueologia*, Série II, Braga, pp. 104-106

DELGADO, Manuela; LEMOS, Francisco Sande
(1985) - Zona das Carvalheiras - Notícia das Campanhas de Escavação de 1984 e 1985, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, n.º 3, Braga, pp. 151-176.

DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A.
(1975) - *Fouilles de Conimbriga*, IV (*Les Sigillées*), Paris.

DELGADO, Manuela; MARTINS, Manuela
(1988-90) - Intervenção arqueológica na Zona P1 (Antigas Cavalariças do Regimento de Infantaria de Braga), *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 5, 1988, Braga, pp. 77-90.

DELGADO, Manuela; SANTOS, L.
(1984) - Marcas de oficinas de sigillatas encontradas em Braga. I, C*adernos de Arqueologia*, Série II, 1, Braga, pp. 49-70.

DENEAUVE, J.
(1969) - *Lamps de Carthage*, Paris.

DEUS, António Dias; LOURO, Henrique S.; VIANA, Abel
(1955) - Apontamentos de estações romanas e visigóticas da região de Elvas, Portugal, *Actas do III Congresso Arqueologico Nacional*, Galicia, 1953, Zaragoza, pp. 568-578.

DIAS, Lino Augusto Tavares
(1993-94) - As necrópoles do territorium de Tongobriga, *Conímbriga*, vol. XXXII-XXXIII, Coimbra, pp. 107-136.
(1995) - *Cerâmica comum romana em Tongobriga*, Trabalho complementar à dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiado).
(1997) - *Tongobriga*, Lisboa.

DIAS, Lino Augusto Tavares; ENCARNAÇÃO, José de
(1993) - *Grafito procedente do Castro de Alvarelhos* (Conventus Bracaraugustanus), Ficheiro Epigráfico, n.º 45, Lisboa.

DIAS, António José Guerner; RODRIGUES, Benedito Gonçalves; PRAIA, João Félix
(1995) - *Geologia do Concelho de Matosinhos. Aspectos mais significativos, Matosinhos*, Monografias do Concelho, 1, Matosinhos.

DIOGO, A.M.D.
(1987) - Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano, O *Arqueólogo Português*, Série IV, vol. V, Lisboa, pp. 179-192.
(1987a) - Fornos de Ânforas de Alcácer do Sal, *Ânforas da Lusitânia; Tipologia, Produção, Comércio* (Alarcão e Mayet, eds.) Conímbriga, Paris, pp. 77-111.

DIOGO, A. M. D.; ALVES, F. J. S.
(1988-1989) - Ânforas provenientes do meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e Alcácer do Sal, *O Arqueólogo Português*, Série, IV, 6/7, Lisboa, pp. 227-240.

DIOGO, A. M. D.; CARDOSO, J. P.; REINER, F.
(1987) - Duas notícias sobre fornos romanos de fabrico de ânforas, *Ânforas da Lusitânia; Tipologia, Produção, Comércio,* (Alarcão e Mayet, eds.) Conímbriga/Paris, pp. 113-124
(2000) - Um conjunto de ânforas recuperadas nos drados da foz do rio Arade, Algarve, *Revista de Arqueologia,* vol. 3, n.º 2, Lisboa, pp. 81-118.

DIOGO, A.M.D.; FARIA, J. C. L.
(1990) - Fornos de cerâmica romana no vale do Sado. Alguns elementos., *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce*, Actes dês Lournnés d'Etudes ténues à Conímbriga les 13 et 14 de Octobre 1988, Paris, pp. 173-196.

DIOGO, A.M.D.; FARIA, J. C. L.; FERREIRA, M. A.
(1987) - Fornos de ânforas de Alcácer do Sal, *Conímbriga*, vol. XXVI, Coimbra, pp. 77-111.

DINIS, António Pereira
(1993) - *Ordenamento do território do Baixo Ave no I milénio a.C.,* FLUP, Porto (tese de mestrado, policopiado).

DINIZ, Manuel Vieira
(1962) - Achados arqueológicos em Paços de Ferreira, *Studium Generale*, 9 (1), Porto, pp. 223-229.

DIRECÇÃO REGIONAL DE ENTRE-DOURO E MINHO
(1995) - Carta de solos e de aptidão da terra de Entre-Douro-e-Minho - Memórias, Agroconsultores / Geometral, Lisboa.

DOMERGUE, Claude
(1973) - *Belo I. La stratigraphie*, Publications de la Casa de Velázquez, Série Archéologie, Fasc. 1, Paris.
(1987) - *Catalogue des mines et des fonderies antiques de la Péninsule Ibérique*, 2 vol^{s}. Publications de la Casa de Velazquez, Série Archeologie, Fasc. VIII, Madrid.
(1990) - *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l ' antiquité romaine*, École Française de Rome, Paris.

DOMERGUE, Claude; MARTIN, T.
(1977) - *Minas de oro romanas de la provincia de Léon, II, Huerña: Excavaciones 1972-1973*, Excavaciones Arqueológicas en España, n. º 94, Madrid.

DOMERGUE, Claude; SILLIÉRES, Pierre
(1977) - Minas de oro romanas de la provincia de Léon, I*, Excavaciones Arqueológicas en España*, 93, Madrid.

DOMÍNGUEZ, R. Jarrega
(1992) - Aproximació a l'estudi de l'antiguitat tardana a les comarques del Garraf, Alt Penedès i Baix Penedès, *Olerdula*e, XVII, Villa Franca des Penedès, pp. 53-112.

DOPPELFELD, Die Kölner Glasöfen von Eigelstein Otto
(1965) - *Proceedings of the 7^{e} International Congress of Glass*, Bruxelles, compte rendu nº 236.1-4.

DORDIO, Paulo; MELO, Rosário; OSÓRIO, Maria Isabel Pinto; SILVA, António Manuel; TEIXEIRA, Ricardo Jorge
(1996) - Cerâmicas Tardo-medievais e Modernas de Importação na cidade do Porto (Portugal): Primeira Notícia, *La Céramique Médièval au Méditerrané Occidentale*, Aix-en-Provence, 1996

DRAGENDORFF, H.
(1895) - Terra Sigillata. Ein Beitrag zur Geschichte der grichischen und romischen Keramik, *Bonner Jahrbucher*, vol. XCVI, Bona, 18-155.

DRESSEL, H.
(1899) - *Corpus Inscriptionum Latinarum* (Est. II: Amphorarum Formae), vol. XV, 2, Berlim.

DUNN, G.
(1986) - *Identifying Roman Glass*, Londres.

DUSENBERY, E. B.
(1967) - Ancient glass from the cemiteries of Samotrace, *Journal of Glass Studies,* 9, Corning, New York, pp. 49

E_____

EDMONSON,J. C.
(1987) - Two industries in Roman Lusitania: Mining and Garum production, *BAR*, Inter. Ser., 362, Oxford.

EGGERS, Hans Jurgen
(1951) - *Der Romische Import im freien Germanien*, Hamburgo.

EIROA, Jorge Juan; GIL, José Alberto Bachiller; PÉREZ, Ladislao Castro; MAURANDI; Joaquín Lomba
(1999) - *Nociones de tecnología y tipología en Prehistoria*, Barcelona.

EISEN, G. A.
(1916) - The origin of glass blowing, *American Journal of Archaeology*, New York, 20, pp. 134-143.

ENCARNAÇÃO, José de
(1970) - Lápides a divindades indígenas no Museu de Guimarães, *Revista de Guimarães*, vol. LXXX, Guimarães, pp. 207-238.
(1975) - *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa.
(1984) - *Inscrições romanas do convento Pacensis*, Coimbra.
(1985) - O culto ao Génio no Noroeste peninsular, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 2, Braga, pp. 41-49.
(1992) - A propósito de um grafito romano achado no castro de Alvarelhos, *Santo Tirso Arqueológico*, 2, Santo Tirso, pp. 7-14.

ENCARNAÇÃO, José de; CARDOZO, Guilherme; NOLEN, Janette
(1982) - A *villa* romana do Alto da Cidreira, em Cascais, *Arquivo de Cascais*, 4, Cascais, pp. 9-20.

ERNOUT, A.; MEILLET, A.
(1967) - *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, 4ª ed., Paris.

ESTAÇO, Gaspar
(1625) - *Várias antiguidades de Portugal*, Lisboa

ETIENNE, Robert
(1990) - Que transportaient donc les amphores lusitannes?, *Actas das Jornadas de Estudo realizadas em Conimbriga - As Ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio*, Paris, pp. 15-19.

ETTLINGER, M.; HEDINGER, B.; KENRICK, P.M.; PUCCI, G.; ROTH-RUBI, K.; SCHENEIDER, G.; VON SCHNURBEIN, S.; WELLS, C. M.; ZABEHLICKY-SCHEFFENEGGER, S.
(1990) - *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*. *Materialen zur rômisch - germanschen Keramiek*, 10, Bonn.

ETTLINGER, M.; SIMONETT, C.
(1952) – Römische Keramik aus dem Schütthugel von Vindonissa, Veröff. Ges. Vindonissa, 3, Basel, pp. 83-84. ü

F_____

FABIÃO, Carlos
(1989) - *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*, Cadernos da UNIARQ, n.º 1, Lisboa.

FABIÃO, Carlos; ARRUDA, A. M.
(1990) - Ânforas de S. João da Venda (Faro), Ânforas Lusitanas. Tipologia, produção e comércio, *Actas das Jornadas de Estudo realizadas em Conimbriga - As Ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio,* Paris, pp. 215-224.

FABIÃO, Carlos; CARVALHO, António
(1990) - Ânforas da Lusitânia: Uma perspectiva, *Actas das Jornadas de Estudo realizadas em Conimbriga - As Ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio,* Paris, pp. 37-63.

FABIÃO, C.; GUERRA, Amílcar

(1993) - Sobre o conteúdo das ânforas Lusitanas, *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga*, Coimbra, pp. 995-1016.

FABRE, George
(1979) - Instruments pour le tissage - 3. Pesons, *Trouvailles Diverses* (coord. Adília Alarcão e Salete Ponte), Fouilles de Conimbriga, Paris, pp. 54-79.

FAO
(1976) - *A Framework for Land Evaluation*, FAO, Soils Bulletin, 32, Roma.
(1983) - *Guidelines: Land Evaluation for Rainfed Agriculture*, FAO - Soils Bulletin, 52, Roma.

FARTO, J. Angel Acuña
(2000) - Propuesta de conservación para la estación arqueológica de Monte Padrão, *Santo Tirso Arqueológico*, n. º 2 -3, 2ª Serie, Porto, pp. 65 -76.

FATÁS, G. Cabeza
(1966-67) - Colección de pesas de telar del museo arqueológico de Zaragoza, *Caesaraugusta*, 29-30, pp. Zaragoza, pp. 225-243

FELGUEIRAS, Guilherme
(1958) - Monografia de Matosinhos, Lisboa.

FERNANDES, Isabel Cristina; CARVALHO, António Rafael
(1996) - Elementos para uma carta arqueológica do período romano no concelho de Palmela. Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado, Câmara Municipal do Seixal, Seixal.

FERNANDES, A. Almeida
(1997) - *Paróquias suevas e dioceses visigóticas*, Arouca (2ª edição)
(1999) - *Toponímia Portuguesa. Exame a um dicionário*, Arouca.

FERNADES, Luís da Silva
(2002) - Os bosques e os campos e seus deuses no âmbito da província da Lusitânia, *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Coord. de José Cardim Ribeiro, Lisboa, pp. 145-156.

FERNÁNDEZ, Enrique González
(2006) - Otras cerámicas de prestigio: bracarense, "cinzenta", paredes finas, *Excavaciones Arqueológicas en Aquis Querquennis. Actuaciones en el campamento romano (1975)*, (Coord. António Rodríguez Colmenero), Lugo, pp. 409-500.

FERNÁNDEZ, Joaquín Aurrecoechea
(1994) - Los botones de bronce en la Hispania Romana, *Archivo Español de Arquelogía*, 67, Madrid, pp. 157–178.
(1995-96) - Las guarniciones de cinturón y atalaje de tipología militar en la Hispania Romana, a tenor de los bronces hallados en la Meseta Sur, *Estudios de Prehistoria y Arqueologia Madrileñas*, 10, Mdrid, pp. 49-99.

FERNÁNDEZ, R. Ramos
(1974) - Tipologia de los *pondus* de la Alcudia de Elche, *Miscelánea Arqueológica*, II, Barcelona, pp. 255-265.

FERREIRA, A. P. R.
(2004) - *Epigrafia funerária romana da Beira interior: Inovação ou continuidade*, Trabalhos de Arqueologia, 34, Lisboa.

FERREIRA, Ana Margarida; CARDOSO, Ana Paula Cardoso
(1999) - A Sociedade Arqueológica da Figueira 1898-1910, Centenário, Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz.

FERREIRA, Daniela Pinto
(1995) - Uma colecção de Arqueologia do Museu de Arqueologia e Pré - História - Faculdade de Ciências, Faculdade de Letras do Porto, Porto, (policopiado).

FERREIRA, Marisol Aires; FARIA, João Carlos Lázaro

(1991) - Estação romana do Cenado do Castelo (Escola Primária de Grândola), *Conímbriga*, vol. XXX, Coimbra, pp. 95-104.

FERREIRA, Monsenhor J. Augusto
(1907) - O Couto e Mosteiro de Vairão, *O Archeólogo Português*, 12, Lisboa, pp. 281-289.
(1923) - *Vila do Conde e o seu Alfoz*, Porto.

FÉVRIER, P. A.
(1976) - De Sétif à Conimbriga en passant par L'Orient (A propos de la Céramique de la fin de L'Antiquité), *Conímbriga*, vol. XV, Coimbra, pp. 63-72.

FINZI, Vita; HIGGS, E. S.
(1970) - Prehistoric economies in the Mount Carmel área of Palentine: site catchment analysis, *Proceedings of the Prehistoric Society*, 36, pp. 1-37.

FIRMAT, Maria Lourdes Albertos
(1975) - Organizaciones suprafamiliares en la Hispania Antigua, *Studia Archeologica*, 37, Valladolid.
(1977) - Perduraciones indígenas en la Galicia romana: los castros, las divindades y las organizaciones gentilicias en la epigrafia, *Actas del Coloquio Internacional sobre el Bilenario de Lugo*, Lugo, pp. 17-27.
(1990) -

FLOS TRAVIESO, N.
(1987) - *Baetulo : Els vidres*, Badalona.

FOLLMANN–SCHULZ, Anna – Barbara
(1991) - Fours de verriers romains dans la province Germanie inférieure, *Foy/Sennequier*, Paris, pp. 35-40.

FONTES, Luís
(1987) - Salvamento arqueológico de Dume: 1987: Primeiros resultados, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 4, Braga, pp. 111-148.
(1991-92) - Salvamento Arqueológico de Dume (Braga). Resultado das campanhas de 1989-90 e de 1991-1991, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 8-9, Braga, pp. 199-230.

FONTES, Luís; FERNANDES, Isabel M.; CASTRO, Fernando
(1998) - Peças de louça preta decoradas com moscovite encontradas nas escavações arqueológicas do Mosteiro de S. Martinho de Tibães, *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo (Tondela 1995)*, 2, Vila da Feira, pp. 355-363.

FORBES, R. J.
(1956-1964) - *Studiesin Ancient Tecnology,* Leiden
(1966) - *Glass*, Studies in Ancient Technology, Leiden.

FORTES, José
(1899) - *A estação arqueológica d´ Alvarelhos*, Archeologia Portuguesa, I, Porto.
(1902) - *Balineum luso-romano de S. Vicente do Pinheiro (Penafiel)*, Porto.
(1905) - *Restos de uma «villa» lusitano-romana*, Póvoa de Varzim, Porto.
(1905-08) - Necrópole lusitana - romana da Lomba (Amarante), *Portugália*, vol. II, Porto, pp. 252-262.
(1905-08) - As fíbulas do Noroeste da Península, *Portugália*, vol. II, Porto, pp. 15-33.
(1908a) - *A necrópole de Gulpilhares* (Arquivo da Biblioteca Pública Municipal de Vila Nova de Gaia), Vila Nova de Gaia.
(1908b) - Casa e necrópole lusitano - romanas de Vilarinho (Amarante), *Portugália*, vol. II, Porto, 477-478.
(1908c) - Necrópole de Ataúdes Freguesia de Madalena (Amarante), *Portugália*, vol. II, Porto, 225.
(1908d) - Notícias epigráphicas. Lápide de Guidões. Inscrições funerárias, *Portugália*, vol. II, pp. 209-210.
(1908e) - Necrópole lusitana-romana da Lomba, *Portuglia*, 2, Porto, pp. 252-262.
(1905-08) - As fíbulas no noroeste da Península, *Portugália*, vol. II, *Porto*, pp. 15-33.

FOUCAULT, Michel

(1996) - *A ordem do Discurs,* S. Paulo.

FOWLER, E.
(1960) - The origins and the devlopments of the penannular brooch in Europe, *Proceedings of the Prehistoric Society*, London, 149-177.

FRADE, Maria Simões Helena
(1985) - Vidros romanos do Museu do Crato, *Actas das 1as Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Lisboa, pp. 123-125.
(1986) - Vidros romanos de Castelo Branco, *Conímbriga*, vol. XXV, Coimbra, pp. 145-152.
(1987) - Os vidros romanos da colecção Bustorff Silva do Museu de Arqueologia e Etnologia, *O Arqueólogo Português*, Série IV, vol. V, Lisboa, pp. 259-286.
(1993) - As termas medicinais da época romana em Portugal, *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga*, Coimbra, pp. 873-915.

FRANÇA, Elsa Ávila
(1968) - Alfinetes de Toucado, Romanos, de Conimbriga, *Conmbriga*, vol. VII, Coimbra, pp. 67-96.
(1969) - Anéis, braceletes e brincos de Conimbriga, *Conímbriga*, vol. VIII, Coimbra, pp. 1-61.

FRANKEN, Norbert
(1998) Romische und spatantike Brozen im Akademischen Kunstmuseum der Universitat Bonn, *Bonner Jahrbucher*, Band 198, Bona, pp. 49-119.

FREIJEIRO, A. Blanco
(1957) - Orígen y relaciones de la orfebreria castreña, *Cuadernos de Estudios Galegos*, Santiago de Compostela, pp. 267-301.

FREIJEIRO, A. Blanco; ARÁ, M. Fuste; ALÉN, A. Garcia
(1967) - La necropois galaico-romana de la Lanzada (Noalla, Pontevedra). II, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, XXII, Santiago de Compostela, pp. 141-158.

FREIRE, Braancamp
(1905) - Povoação de Entre Doiro e Minho no XVI século, *Archivo Historico Portuguez*, vol. III, Porto, pp. 241-273.

FREITAS, Eugénio de Ândrea da Cunha e
(1949) - Santa Marinha de Retorta, *Douro Litoral*, 3ª Série (5), Porto, pp. 20-27.
(1950) - Estradas velhas entre Leça e Ave, *Douro Litoral*, 4ª Série, I-II, Porto, pp. 50-71.

FREITAS, Maria Luísa Amaral Varela
(1987) - *Bronzes figurativos pré-romanos e romanos*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa (policopiado).

FREMERSDORF, F.
(1959) - *Die römischen Gläser mit Fadenauflage in Köln (Schlangenfadengläser und Verwandtes)*, Die Denkmäler des römischen Köln, V, Colónia.
(1965-66) – Die Anfänge der römischen Glashütten kölns, *KJ* , 8, Berlin, pp. 24-

FUENTES DOMÍNGUEZ, A.
(1989) - *La necrópolis tardorromana de Abalate de las Nogueras (Cuenca) y el problema de las denominadas "Necrópolis del Duero"*, Cuenca.

FUENTES, A.
(1990) - Los vidrios de las necrópolis de la Meseta. Ensayo preliminar de clasificación, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Universidad Autónoma de Madrid,* Madrid, pp. 162-202.

G_____

GABBA, E.
(1988) - *Del buon uso della ricchezza: saggi di storia economia e socieale del mondo antico*, Milão.

GALAN, J.F. Doval
(1997) - Los morteros del campamento de Cidadela, *Gallaecia*, 15, A Coruña, pp. 285-300.

GAMER, G.
(1989) - *Formen Römisher Altäre auf der Hispanischen Halbinsel*, Mainz.

GANDOLFI, D.
(1983) - La terra sigillata chiara D proveniente dagli scavi di Albintimilium, *RSL*, vol. XLVII, 1-4, Bordighera, pp. 53-149.

GARABITO, T. Gómez
(1978) - *Los alfares romanos riojanos. Producción y comercialización*, Bibliotheca Prehistoria Hispana, vol. XVI, Madrid.
(1983) - El centro de producción de sigillata hispánica tardía de Nájera*, I Colóquio sobre historia de la Rioja*, Logroño, pp. 187-197.

GARABITO, T. Gómez; SOLOVERA, M. Ester
(1975) - Nuevos Moldes del Alfar de Tricio, *Boletín del Seminario de Arte y Arqueologíal*, vol. XL-XLI, Valladolid, pp. 545-592.
(1976) - *Terra Sigillata – Hispânica de Tricio. I - Moldes*, Studia Archaelogica, Valladolid, n.º 38.
(1976) - *Terra Sigillata Hispânica de Tricio. II – Marcas de Alfarero,* Studia Archaelogica, Valladolid, n.º 40.
(1976) - *Terra Sigillata Hispânica de Tricio. III – Formas decoradas*, Studia Archaelogica, Valladolid, n. º 43.

GARABITO, T. Gómez; SOLOVERA, M. Ester; CIPRÉS, David Pradales
(1985) - Los alfares riojanos y la comercializacion de sus productos en la region de Galicia, *El Museo de Pontevedra*, vol. XXXIX, pp. 167-195.
(1986) - Hallazgo de un alfar romano del siglo IV en Tricio (Septiembre-85), *Berceo*, 110-111, Logroño, pp. 63-74.

GARBSCH, J.
(1966) - *Der Moosberg bei Murnau*, Munchener Beitrage zur Vor - und Fruhgeschichete, n. º 12, Munich.

GARCIA, Casal R.; GARCÍA, Rodríguez P.
(1996) - "Aequipondia", *Gallaecia*, 14/15, Santiago de Compostela, pp. 463-468.

GARCIA, José Manuel
(1991) - *Religiões antigas de Portugal. Aditamentos e observações às Religiões da Lusitânia de J. Leite de Vasconcelos. Fontes epigráficas*, Lisboa.

GARCIA, G. Chic
(1982) - Consideraciones en torno a una ânfora encontrada en Punta de la Não (Cadíz), *Homenaje al Prof. Dr. Hernández Diaz*, n.º 1, Sevilha, pp. 51-61.

GASCÓN, Covadonga Carreño
(1991) - Una pequeña muestra de la *terra sigillata* procedente de un control urbano en *Lucus Augusti*, Larouco, 4, Lugo, pp. 141-177.
(1993) - Sigillata Africana en Lucus Augusti, *Actas del XXII Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Vigo, pp. 297-303.
(2006) - Céramica sigillata, *Excavaciones arqueológicas en Aquis querquennis. Actuaciones n el acampamento romano (1975-2005)*, (ed. António Rodríguez Colmenero; Santiago Ferrer Sierra), Nejos de *Larouco*, 4, Lugo, pp. 327-408.

GASPAR, Maria Alexandra de Medeiros Lino
(1985) - Escavações arqueológicas na Rua de N.ª Sr.ª do Leite, Braga, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 2, Braga, pp. 51-125.
(2000) - *Contribuição para o estudo das Cerâmicas Cinzentas dos séculos V-VI d.C. de Braga*, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arqueologia, Braga (policopiado).

GASPAR, Alexandra; LEMOS, Francisco Sande; DELGADO, Manuela

(1986) - O salvamento de *Bracara Augusta*. Reflexões, *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, Setúbal 1985, Lisboa, pp. 35-39.

GECHTER, M.
(1987) - Das Legionslager, *Die Römer in Nordrhein-Westfalen*, pp. 372-376.

GENTY, P., Y.
(1975) - Observations sur l'habitat lié aux ateliers de potiers Gallo-Romains d'Aspiran (Hérault), B.S.S.S., 6-8, pp. 45-65.

GESTO, José Manuel Caamaño
(1978) - Aportaciones al estudio de las vias romanas: Tecnicas de construccion y caracteristicas generales de su trazado, *Minia*, 1 (2) 2ª Série, Braga, pp. 80-98.
(1979) - Marcas de alfarero en cerámica romana, encontrada em Galicia, *Gallaecia*, 5, Santiago de Compostela, pp. 63-69.

GESTO, José Manuel Caamaño; MARTINEZ, Maria de los Angeles Vazquez Martinez
(2001) - El vidrio de ventana de época romana hallado en el campamento de cidadela (Sobrado dos Monxes, A Coruña), Catálogo de piezas, *Gallaecia,* 20, Santiago de Compostela.
(2004) - Estudio del vidrio hallado en la villa romana de Toralla (Coruxo, Pontevedra) durante las campañas de 1992 y 1993. Catálogo de piezas.

GIL, F. Bragança; FERREIRA, Gaspar P.
(1981) - A fluorescência de Raios X e o método pixe como técnicas analíticas não destrutivas em arqueologia, *Arqueologia*, n.º 4, Lisboa, pp. 12-27.

GODINEAU, Ch.
(1986) - *La céramique arétine lisse, Fouilles de L'École Française de Rome à Bolsena (Poggio Moscini), 1962-1967*, IV Suppléments aux Mélanges d'archeologie et d'histoire, n.º 6, Paris.

GOETHERT-POLASCHEK, Karin
(1977) - Katalog der römischen Gläser des Rheinischen Landesmuseuns Trier, Trierer Grabungen und Forscungen, Mainz.

GOLDMAN, H.
(1950) - *Excavations at Gozlu Kule, Tarasus I. The Hellenistic and Roman Period*, I, Princenton.

GOMES, A. M. M.
(2000) - Cerâmicas pintadas de época romana: tecnologia, morfologia e cronologia, Disertação de mestrado em Arqueologia, Braga (Universidade do Minho - Instituto de Ciências Sociais), policopiada.

GOMEZ, Xoan L. Vazquez
(1996) - Excavacion en la Calle de la franja 9-11. A Coruña, *Gallaecia*, 14-15, Santiago de Compostela, pp. 411-461.

GONÇALVES, Flávio
(1964) - "A Cividade de Terroso", *Boletim Cultural da Póvoa de Varzim*, 2, Póvoa de Varzim, pp. 307-322.
(1969) - Restos de uma «villa» lusitano-romana, Póvoa de Varzim, *Boletim Cultural - Povoa do Varzim*, vol. VIII, Póvoa de Varzim, pp. 313-341.

GONZÁLEZ, Xulio Rodríguez; BUSTO, Francisco Fariña
(1986) - A Cidá do castro de San Millán. Memorias de las excavaciones arqueológicas, *Boletin Auriense*, Tomo XVI, Ourense, pp. 39-89.

GONZÁLEZ, Xulio Rodríguez; RODRÍGUEZ, Manuel Xusto
(1994) - Aproximación al conocimento del vidrio romano en el conjunto arqueológico de Santomé (Santomé. Tibiás. Ourense, *Boletin Auriense*, tomo XXIV, Ourense, pp. 45-93.

GONZÁLEZ, C. Pérez

(1989) - *Céramica romana de Herrera de Pisuerga (Palencia - España). La terra sigillata*, Santiago do Chile.

GORBENA, F.J. Costas; PINTOS, J. Fernandez
(1985/1986) - Diseños cuadrangulares a modo de tableros de juegos en los petroglifos del NW de la Península Ibérica, *Pontevedra Arqueológica*, vol. II, Pontevedra, pp. 127-144.

GORGES, Jean - Gérad
(1974) - *Les villas hispano - romaines. Inventaire et Problématique Archeeologique*, Paris.

GOURHAN, A. Leroi
(1978) - *La Prehistoria*, Madrid.

GRIMAL, Pierre
(1992) - *Dicionário de mitologia gregra e romana*, Lisboa.

GROSE, David F.
(1977) - Early blown glass: the western evidence, *Journal of Glass Studies*, n. º19, New York, pp. 9-26.
(1981) - The Hellenistic and early roman glass from Morgantina (Serra Orlando), Sicily, *Journal of Glass Studies*, n.º 24, New York, pp. 20-29.

GUERRA, Amílcar Manuel Ribeiro
(1995) - *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*, Lisboa.
(1996) - Os nomes do Rio Lima. Um problema de toponímia e de geografia histórica, *Hispânia prerromana. Actas del VI Colóquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, Salamanca, pp. 147-161.
(1998) - Nomes Pré-romanos de povos e lugares do ocidente peninsular, Dissertação de Doutoramento em História Clássica, Universidade de Lisboa (policopiada), Lisboa.

GUIMARÃES, Francisco José Salgado
(1978) - O Museu de Arqueologia Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, vol. LXXXVIII, Guimarães.
(1980) - *Guia descritivo do Museu Martins Sarmento*, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.

GUIMARÃES, Gonçalves
(1993) - *Roteiro Arqueológico de Vila Nova de Gaia*, Vila Nova de Gaia.

GUIMARÃES, Oliveira
(1901) - Catálogo do Museu Arqueológico, *Revista de Guimarães*, vol. XVIII, Guimarães, pp. 38-72.
(1907) - O Museu Arqueológico, *Revista de Guimarães*, vol. XXIV, Guimarães, pp. 79-86.

GUIRAL, Jesus Liz
(1985) - *Puentes romanos en el Convento Jurídico Caesaraugustano*, Zaragoza.

H_____

H.A.E.
Hispania Antiqua Epigraphica

HARDAKER, R.
(1976) - Las hachas de cubo en la Península Ibérica, *Cuardenos de Pre-historia y Arqueologia Castellonense*, 3, Castellon de la Plana, pp. 151-171.

HARDEN, D. B.
(1936) - *Roman Glass from Karandis. Found by the University of Michigan Archaeological Expedition in Egypt 1924-29,* Oxford.
(1947) - *Camulodunum. First report on the excavations at Colchester, 1930-1939,* Hawkes and Hull, First Report on the excavations at Colchester, Oxford, pp. 287-307.

(1962) - *Glass in Roman York*, «Royal Commission on Historical Monuments» England "An Inventory of the Historical Monuments in the city of York", vol. I, Eburacum.
(1969) - Anciente Glass, I : Pre-Roman, *Archeological Journal*, 125, pp. 44-74.

HARTLEY, K. F.
(1973) - La diffusions des mortiers, tuilles et autres produits en provenance des fabriques italiennes, *Chaiers d'Archéologie Subaquatique*, II, pp. 49-60.

HAVERNICK, T. E.
(1981) - Irilobitenperlen, Beitrage zur Glasforschung, Die wichtigsten Aufsatze von 180 bis 1981, Mainz am Rhein, pp. 265-276.

HARTMANN, A.
(1971) - Análise de alguns objectos pré-históricos de ouro, procedentes do Norte de Portugal, *Revista de Guimarães*, 81, Guimarães, pp. 129-138.

HATT, J. J.
(1953) - Les fouilles de Strasbourg en 1953 et 1954. Découvert 'un dépotoir de céramique, *Gallia*, XII, Paris, pp. 323-343.

HAYES, J. W.
(1972) - *Late Roman Pottery*, London.
(1975) - *Roman and Pre-Roman Glass in the Royal Ontario Museum*, Toronto.
(1977) - North African flaged bolws. A prolem in fifth century chronology, *Roman Pottery* Studies in Britain and Beyond: Papers presented to John Gillam, *BAR*, Suppl. Ser., 30, Oxford, pp. 279-287.
(1980) - *A Supplement to Late Roman Pottery*, London.

HAWKES, C.F.C.; HULL, M.R.
(1947) - *Camulodunum. First report on the excavations at Colchester*, 1930-1939, Reportsof the Society of Antiquaries of London, XIV, Oxford.

HERMET, Fréderic
(1934) - *La graufesenque* (Condatomago). I Les vases sigillées, Paris.

HERVÁS, Rodán
(1972) - Sobre el valor métrico de la milla romana, *Actas del XI Congresso Nacional de Arqueologia*, Zaragoza, pp. 553.

HILGERS, W.
(1969) - *Lateinische Gefassnamen. Bezeichnungen, Funktion und Form romischer Gefasse nach den antiken Schriftquellen*, *B. J.* Band 31, Dusseldorf.

HILL, P.V.; KENT, P. C.; CARSON, R.A.G.
(1989) - *Late Roman Bronze Coinage*, New York.

HIPÓLITO, Mário Castro
(1960-61) - Dos tesouros de moedas Romanas em Portugal, *Conímbriga*, vol. II-III, Coimbra, 1-166.
(1974) - Achado de Pidre, Santo Tirso, *Moeda*, 2 (4), Lisboa, pp. 5-6.

HOCHULI, Gysel
(1990) - Verres romains trouvés en Gironde, *Aquitania,* VIII, Bordeaux, pp. 121-134.

HOFFMANN, M.
(1964-1965) - *The warp-weighted loom*, Studia Norvegica, 14, Universitetsforlaget.

HOLDER, A.
(1986) - *Altkeltischer Sprachschtz*, T. I, Leipzig.
(1904) - *Altkeltischer Sprachschtz*, T. II, Leipzig.

HONEY, W. B.
(1946) - *Victoria and Albert Museum. Glass a Handbook for the Study of Glass Vessels of all Periods and Countries & a Guide to the Museum Collection*, Londres.

HORAT, Heinz
(1991) - *Der Glasschmelzofen des Priesters Theophilus interpretiert aufgrund einer Glasofen-Typologie*, Bern et Stuttgart.

HÜBNER, Emilio
(1881) - *Notícias Archeológicas de Portugal*, Lisboa.
(1893) - *Monumenta linguae ibericae*, Berlim 1983.
(1890) - *Romische Herschaft in Westeurola*, Berlim.
(1905-1908) - Lápide de Guidões, *Portugália*, II, Porto, pp.

HUTH, S. N.
(1979) - *Ancient Glass at the Newark Museum*, Newark.

I_____

IBAÑEZ, Carmelo Fernadez
(1994) - *A chave romana da cidade de Ourense*, Ourense.

IGLESIAS, Miguel Anxo Araújo
(1999) - *San Rosendo, Bispo e Fundador*, Parroquia de San Rosendo e Concello de Celanova.

ILER
(1971-72) - *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona.

INÈDITOS
(1984) - Inéditos de Rui Serpa Pinto - Alvarelhos, *Arqueologia*, 9, Porto, pp. 122-123.

IRASTORZA, Enrique J. Alcorta
(1994) - Avance al estudio de la cerámica común romana de cocina y mesa de Lucus Augusti - Ceràmica romana d'època alto-imperial a la Península I bérica. Estat de la Questió, *Monografies Emporitanes*, VIII, Ampurias, pp. 201 -226.
(2001) - *Lucus Augusti – II. Cerámica Común de Cocina y Mesa Hallada en las Excavaciones de la Ciudad,* «Catalogación Arqueológica y Artística de Galicia» del Museu de Pontevedra, Pontevedra.
(2006) - Cerámica Común, *Excavaciones Arqueológicas en Aquis Querquennis. Actuaciones en el campamento romano (1975)*, (Coord. António Rodríguez Colmenero), Anejos de Larouco, 4, Lugo, pp. 229-408.

ISIDORO, A. Farinha
(1976) - Uma sítula da freguesia de Flor da Rosa (concelho do Crato), Trabalhos do Instituito de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, n.º 31, Porto.

ISINGS, C.
(1957) - *Roman Glass from Dated Finds*, Archaeologica Traiectina, II, Groningen.
(1971) - *Roman Glass in Limburg*, Groningen.
(1965) - Some late roman fragments from Rome, *Proceedings of the 7th International Congress of Glass*, Bruxelas, pp. 260-285.

IVÁNYI, Dora
(1935) - *Die Pannonschen Lampen*, Budapeste, 1935.

J_____

JONQUERAY, J. P.
(1972) - Contribuition à l'étude de l'epave Dramont D, à Saint - Raphael, d'ápres les travaux du G.E.S.M.S.R., *Cahiers d'Archéologie Subaquatique*, II, pp. 11-34.

JORDÁN, P. Atrián
(1958) - Estudio sobre un alfar de terra sigillata hispánica*, Teruel,* 19, Teruel, pp. 87-172

JORDÃO, Levy Maria
(1859) - *Portugaliae Inscriptiones Romanas*, Lisboa.

JORGE, Adriana M. G.
(1994) - Necrópole Luso-Romana de Incineração (Lomba-Amarante)*, Gaya*, VI, Gaia, pp. 1992-212.

JORGE, Susana Oliveira
(1980) - A necrópole do Tapado da Caldeira, *Arqueologia*, 2, Porto, pp. 36-44.
(1980) - A estação do Tapado da Caldeira, Baião, *Portugália*, Nova Série, I, Porto, pp. 29-50.
(1986) - *Povoados da Pré-História recente da Região de Chaves - V.ª P.ª de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, Braga.
(1988) - *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*, Monografias Arqueológicas, 2, GEAP, Porto.

JORGE, Victor Oliveira
(1982) - *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto – Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu* (dissertação de doutoramento (policopiado), Porto.

JUAN TOVAR, L. C.
(1992) - *Arcóbriga II. Las cerámicas romanas - Sigillata Hispánica y Africana Tardías*, Dir. Caballero Zoreda, Zaragoza, pp. 137-139.
(1992a) - *Arcóbriga II. Las cerámicas romanas – Terra Sigillata Hispánica*, Dir. Caballero Zoreda, Zaragoza, pp. 35-134.
(1997) - Las industrias cerámicas hispanicas en el Bajo Imperio. Hacia una sistematización de la Sigillata Hispánica Tardía, *Hispania de Teodosio*, 2, Leon, pp. 543-568.

JÚNIOR, J. R. Santos
(1940) - Arte rupestre, Congresso do Mundo Português – *Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-História de Portugal (I Congresso), Lisboa,* Comissão Executiva dos Centenários. Secção dos Congressos, vol.I, Lisboa, pp. 327-376.
(1963) - As gravuras litotrípticas de Ridevides (Vilariça), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, n.º 19 (2), Porto, pp. 111-144.

K_____

KAJANTO, Liro
(1982) - *The Latin Cognomia*, Roma (1ª edição 1965 Helsínquia).

KEAY, S. J.; JONES, L.
(1982) - Differentiation of early imperial amphora production in Hispânia Tarraconensis, *Current Reasearch in Ceramics: Thin section Studies*, British Museum Occ. Paper, 32, London, 45-61.

KELLER, E.
(1971) - *Die spatromischen Grabfunde in Sudbayern, Munchner Beitrage zur Vor-und Fruhgeschite*, 14, Munchen.

KING, C.
(1992) - Coleshill, Warwickshire, *Coin Hoards from Britain Series*, 9, Londres, pp. 242-278.

L_____

LAFAYE, Geroges; GRENIER, Albert
(1969) – voz *Villa*, Darember et Saglio, vol. v, Graz, pp. 870-891.

LAMBOGLIA, N.
(1941) - Terra sigillata chiara, *Rivista di Studi Liguri*, VII, Bordighera, pp. 7-22.
(1955) - Sulla Cronologia delle Anfore Romane di Etá Repubblicane (III Secolo a.C.), *Rivista di Studi Liguri*, XXXIV, Bordighera, pp. 241-270.
(1958) - Nuove osservazioni sulla «Terra sigillata chiara» (Tipi A e B), *Rivista di Studi Liguri*, XXIV (3 - 4), Bordighera, pp. 257-330.
(1963) - Nuove osservazione sulla terra sigillata chiara, II, (Tipi C, lucente e D), *Rivista di Studi Liguri*, XXIX, 11-4, Bordighera, pp. 145-212.
(1975) - I problemi attuali della terra sigillata chiara: Italia o Africa, Aquileia e L'Africa, *Antichità Altoadriatiche*, V, pp. 119-131.

LAMBOGLIA, N; BELTRÁN, A. (DRESSEL – LAMBOGLIA)
(1952) - Apuntes sobre cronologia cerámica, Caesaraugusta, 3, Zaragoza, pp.

LAMBRINO, S.
(1959-60) - Le nom Aefus et lá cité de Avobriga, *Bulletin des Études Portugaises de L'Institut Français au Portugal*, 22, pp. 5-20.

LANDELS, J.G.
(1978) - *Engineering in the ancient world*, Berkeley.

LANHAS, Fernando
(1969) - O valioso espólio do Beiral, *Revista de Etnografia*, Junta Distrital do Porto, n.º 23, Porto, pp. 249-260.

LANHAS, Fernando; BRANDÃO, D. Pinho
(1969) - Inventário de Objectos e Lugares com Interesse arqueológico, *Revista de Etnologia*, 12 (2) Porto, pp. 295-344.
(1971) - "Pesos de rede" ou pesos de pedra com entalhes para pesca. Tentativa de sistematização, A*actas do II Cpongresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, pp. 581-589.

LAUBENHEIMER, Fanette
(1985) - *La production des amphores en Gaule Narbonnaise*, Centre de Recherces d´Histoire Ancienne, 66, Paris.

LAUTENSACH, Herman
(1948) - *Bibliografia geográfica de Portugal*, Adaptação e complementos de Mariano Feio, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa.

LAZZARINI, M.
(1965) - Metrologia romana, *Conimbriga*, vol. IV, Coimbra, pp. 81-95.

LEAL, A. Pinho; FERREIRA, A.
(1873-1928) - *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, 12 vols.

LEIBUNDGUNT, A.
(1977) - *Die romischen Lampen in der Schweiz*, Berna.

LEITE, Felisbela Maria Santos de Oliveira
(1997) - *Contribuição para o estudo da cerâmica fina de Braga. A cerâmica " Dita Bracarense "*, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade do Minho (Tese de mestrado, policopiada).

LEMANT, J. P.
(1985) - *Le cimetiere et la fortification du Bas - Empire de Vireux-Molhain*, Dep. Ardenes, Mainz.

LEMOS, Francisco Sande
(1987) - As Três idades da Arqueologia Portuguesa, *Forum*, 2, Braga, pp. 5-12.
(1989) - *O Abade Pedrosa e a Arqueologia de Santo Tirso*, Cadernos do Ave, C.M.S.T., Santo Tirso.
(1993) - *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*, 3 volumes, Universidade do Minho, Braga (Tese de Doutoramento, policopiado).

(1995) - Povoamento romano e medieval do Nordeste Transmontano. Aspectos de continuidade e mudança: perspectivas de investigação, *Actas do Congresso Histórico – 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*, Guimarães, 115-152.
(1999) - O contexto geográfico da fundação de *Bracara Augusta*, *Fórum*, 25, Braga, pp. 81-84.

LEQUÉMENT, R.; LIOU, B.
(1978) - Un Noveau Document Sur le Vin de Bétique, *Archaeonautica*, 2, Paris, pp. 183-184.

LERAT, L.
(1954) - *Catalogue des collections archélogiques du Musée de Besançon I, Les lampes antiques*, Annales littéraires de l'Université de Besançon, 2ª série, I.

LE ROUX, Patrick
(1980) - *Les auxila romains recrutés chez les Bracari et l'organisation politique du Nord-Ouest hispanique*, Actas do Seminário de Arqueologia Peninsular, vol. III, Barcelos, 43-65.
(1982) - *L´armé romaine et l'órganisation des provinces ibériques d´auguste a l´invasion de 409*, Paris
(1993) - Vicus et Castellum en Lusitanie sous límpire, *Studia Historica – Historia Antigua*, 10-11, Salamanca, pp. 151-160.
(1994) - Cités et territoires en hispanie: L´Epigraphie des limites, *Mélanges de la Casa de Velázquez*, XXX (1), Paris, pp. 37-51.
(2002) - Soldats et cultes indigènes dans les provinces occidentales au haut-empire, *Conimbriga*, vol. XLI, Coimbra, pp. 105-126.

LE ROUX, Patrick; TRANOY, Alain
(1973) - Rome et les indigènes dans le Nord - Ouest de la Péninsule Ibérique. Problèmes d' epigraphie et d'histoire, *Mélanges de la Casa de Velázquez*, IX, Madrid, pp. 177-231.
(1974) - Contribution à l'étude des régions rurales du NO hispanique au Haute - Empire: deux inscriptions de Penafiel, III, *Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, pp. 249-258.
(1979) - Nouveau témoignage du culte de Jupiter dans le conventus bracarus*, Minia*, 2ª Série, Braga.
(1983-84) - Villes et fonctions urbaines dans le Nord-Ouest Hispanique sous Domination Romaine, *Portugália*, Actas do Colóquio Inter-universitário de Arqueologia do Noroeste / Homenagem a Rui de Serpa Pinto, Porto, pp. 199-207.

LETERRIER, J.; NORONHA, F.
(1998) - Evidências de um plutonismo calcoalcalino Cadomiano e de um magmatismo tipo MORB no Complexo Metamórfico da Foz do Douro (Porto), *Actas do V Congresso Nacional de Geologia* (Resumos alargados), Coord. Azerêdo, A., Lisboa, 1998. Comun. Inst. Geol. Min./Soc. Geol. Portugal, 84, 1, Lisboa, pp.146-B149.

LEVEAU, Ph.
(1982) - Une ville et ses campagnes: léxemple de Caesarea de Maurétanie, Villes et Campagnes dans l' Empire Romain, *Actes du Colloque organisé à Aix - en - Provence par l' U.E.R. d' Histoire*, les 16 et 17 Mai, Provence 1980, Marseille, pp. 77-90.
(1986) - La question de la hiérarchisation des sites. La prospection archéologique. Paisage et peuplement, *Documents d'Archéologie Française*, 3, Paris, pp. 145-146.

LIGHT, L.
(1993) - *Fairs and Markets in the Roman Empire. Economic and social aspects of periodic trade in a preindustrial society*, Amsterdam.

LIMA, António Augusto Pires de
(1951) - Subsídios para a História de Santo Tirso. A Terra - Esboço Histórico - Origem do nome de «Santo Tirso», *Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. I (1), Santo Tirso, pp. 15-48.

LIMA, Augusto César Pires de
(1940) - A freguesia de S. Tiago das Areias do concelho de Santo Tirso (Subsídios para uma monografia), *Douro Litoral*, 1, Porto, pp. 5-36.
(1940a) - A correspondência Martins Sarmento - P. Joaquim Pedrosa, *Revista de Guimarães*, vol. L, n.º 1-2, Guimarães, pp. 77-105.
(1940b) - A correspondência Martins Sarmento - P. Joaquim Pedrosa, Revista de Guimarães, vol. L, n.º 3-4, Guimarães, pp. 181-214.
(s/ d) - *Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos*, Vol. VI, sep.

(1956) - O lugar da Torre, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, 4, (3), Santo Tirso, pp. 222-223.

LIOU, B.; MARICHAL, R.
(1978) - Les inscriptions peintes sur amphores de l'anse Saint-Gervais à Fos-sur-Mer, *Archaeonautica*, 2, Paris, pp. 109-181.

LITH VAN, Sophia M. E.
(1987) - Late roman en early Merovingian Glass from a Settlement Site at Maastricht (Dutch South Limburg), *Journal of Glass Studies*, 29, New York, pp. 47-59.

LITH VAN, Sophia M.E.; RANDSBORG, K.
(1985) - Roman glass in the West: A social Study, *Berichten van de Rijksdienst voor het Oudheidkundig Bodemonderzoek*, 35, pp. 413-532.

LLORIS, M. Beltran
(1970) - *Las ánforas romanas en España* (Monografias arqueológicas – Anejo de Caesaraugusta), VIII, Zaragoza.
(1977) - *Problemas de la morfología y del concepto historico-geográfico que recubre la noción Tipo. Aportaciones a la tipologia de las anforas Beticas, Méthodes Classiques et Methodes Formelles dans L'Étude des Amphores*, Collection de l´École Française de Rome, Rome, pp. 97-131.
(1990) - *Guía de la cerámica Romana*, Zaragosa.

LOBATO, Maria José Folgado
(1995) - A Necrópole Romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia), *Portugália*, Nova Série, vol. XVI, Porto, pp. 31-110.
(1996) - A Necrópole Romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia), F.L.U.P., (Tese de mestrado, policopiado).

LOESCHCKE, Sigfried
(1919) - *Lampen aus Vindonissa*, Zurich.

LOPES, António Baptista; SILVA, Armando Coelho F.; MOTA, Magna Araújo; CENTENO, Rui M.S.
(1994) - A ponte de São Lázaro (Alfena, Valongo). Notas sobre o acompanhamento dos trabalhos de conservação e restauro, *Portugália*, Nova Série, vol. XV, Porto, pp. 161-166.

LOPES, Maria Conceição
(2003) - *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da "civitas" de Pax Iulia*, Conimbriga. Anexos, 3, IAFLUC, Coimbra.

LOPES, Luís Seabra
(1995-1997) - Itenerários da estrada Olisipo – Bracára, *O Arqueólogo Português*, Série IV, 13/15, Lisboa, pp. 313-346.
(2000) - A estrada Emínio-Talábriga-Cale*, Conímbriga*, vol. XXXIX, Coimbra, pp. 191-258.

LÓPEZ, C.
(1980) - Yacimiento romano de Hortezuela de Océn (Guadalajara), *Noticiario Arqueológico Hispánico*, n. º 9, Madrid, pp. 383-402.

LÓPEZ, Juan Naveiro
(1991) - *El comércio antiguo en el NO peninsular*, Monografías do Museo Arqueolóxico, 5, A Coruña.
(1993-94) - Las ánforas de las Carvalheiras (Braga), *Cadernos de Arqueologia*, Série II, n.º 10-11, Braga, pp. 203-204.

LOPEZ, Manuel Vidal y
(1952) - Tipologia de las fusaiolas del Poblado Ibérico del "Cerro de San Miguel" de Liria, *Archivo de Préhistoria Levantina*, vol. III, pp. 147-154.

LOSADA, Fermín Pérez
(1987) - Sobre o concepto de villa no mundo romano, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 4, Braga, pp. 79-110.
(1988) - Cidades e aldeias na Galiza romana, *O arqueólogo Português*, Série IV, n.º 16, Lisboa, pp. 157-174.
(1992) - Contribuición ó estúdio da cerâmica de construción na Galicia Romana, Actas do encontro científico en homenaxe a Fermín Bouza Brey - Galicia da Romanidade á Xermanización, Santiago de Compostela, 1992, pp. 241-261.

(1995) - Sobre a toponimia das villae romanas en Galicia II, *Actas do Congresso Histórico – 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*, Guimarães, pp. 153-188.
(1997) - Hacia una definición de los assentamentos rurales en la Gallaecia: poblados (vici) y casa de campo (villae), *Actas - Los Finisterres Atlánticos en la antiguedad. Època prerromana y romana,* (cord. Carmen F. Ochoa), Gijón, pp. 189 -197.
(1998) - Cidades e aldeias na Galiza Romana,*O Arqueólogo Português*, Sérrie IV, 16, Lisboa, pp. 157-174.
(1990-1991) - A villa romana de Noville (Murgados, A Coruña). Estruturas e estratigrafía arqueolóxicas. Campañas de 1988 y 1989, *Castrelos*, III/IV, Vigo, pp. 245-281
(1992) - Estúdio do material arqueolóxico procedente da *villa* romana de Noville (Murgados, A Coruña), *Minius*, I, pp. 57-88, Ourense.
(2000) - *Poblamento e ocupación rural romano no noroeste Peninsular (Núcleos agrupados romanos secundarios en Galicia)*, Universidade de Santiago de Compostela – Departamento de História I, (policopiado).
(2002) - *Entre a Cidade e a Aldeia. Estudio arqueohistórico dos "aglomerados secundários" romanos en Galicia*, Brigantium, vol. 13, A Coruña.

LOZA, Rui; TEIXEIRA, Ricardo
(1999) - *Plano de Bacia Hidrográfica do Rio Ave – Caracterização de Valores Patrimoniais*, Arquitectónicos e Arqueológicos (Tomo 8 B), Ministério do Ambiente, policopiado, Porto.

LUTZ, M.
(1974) - *La ceramique sigillée en Gaule*, Les Dossiers de l'Archeologie, n. º 6, Dijon.

M_____

MACEDO, Maria de Fátima
(2001) - Joalharia e Ourivesaria, *Museu Nacional Soares dos Reis. Roteiro da colecção*, Porto, pp. 156-171.

MACHADO, João Pedro
(1993) - *Dicionério onomástico da língua Portuguesa*, Lisboa (2ª ed.).

MACHADO, F. S. L.
(1920) - *Uma cidade Morta no Monte Mòsinho ou Castro de Santo estêvão de Oldrões: Estudo de Arqueologia*, Coimbra

MACIEL, Manuel Justino Pinheiro
(1987) - Pontes romanas e medievais a norte do rio Douro, *Actas do 1º Congresso Internacional sobre o rio Douro*, 25 de Abrila 2 de Março de 1986, *Gaya,* V, Vila Nova de Gaia, pp. 351-360.
(1996) - *Antiguidade tardia e paleocristianismo em Portugal*, Lisboa.

MACKENSEN, M.
(1985) - Prospektion einer spätantiken sigillata-töpferei in El Mahrine / Nordtuniesen, CEDAC, *Carthage Bulletin*, 6, pp. 29-39.

MAIA, Manuel da Costa
(1954) - Romeiros da Saudade - Relance sobre a história geral e local, *Boletim dos Amigos do Porto*, vol. II, n.º 1, Porto, pp. 15-21.

MAIA, Abade Sousa
(1913) - *Memórias de Guidões*. Apontamentos Históricos, Maia.

MAIA, Manuel Aramando de Jesus
(1989) - Lavra. O que foi...O que é. / Anos de Trabalho voluntário, Lavra, *A.T.S.V.L.*, pp. 37-58.

MAÑANES, Tomas
(1983) - *Arqueoloía Vallisotetana II. Torozos, Pisuerga y Cerrato (estúdios arqueológicos de la cuenca del Duero)*, Valladolid.

MANESCAU, S. Rivera

(1936-39) - La necrópolis visigoda de Simancas (Notas para su estudio), *Boletim del Seminario de A. y Arqueologia*, V, Madrid, pp. 7 sgs.

MANTAS, Vasco Gil
(1996) - *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*, Coimbra (Tese de doutoramento - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), policopiado, Coimbra.
(2000) - A via romana Bracara Augusta - Cale: Traçado, Funções e influência no povoamento regional, *Revista de Guimarães*, vol. CX, Guimarães, pp. 53-87.

MARABINI, Moevs M. T.
(1973) - *The roman thin walled pottery from Cosa (1948-1954)*, M.A.A.R., XXXII, Roma.

MARÇAL, Horácio
(1950) - *Vilar do Pinheiro*, Porto.

MARQUES, Gustavo
(1969) - O Poço da estação romana da Torre dos Namorados (Fundão), *Conímbriga*, vol. VIII, Coimbra, pp. 65-84.

MARQUES, J. A.T. M.; SILVA, M. A.; AMARAL, L. M. C.
(1988) - Cerâmica da necrópole galaico-romana dos Ataúdes (Madalena – Amarante), *Revista de Ciências Históricas-Universidade Portucalense*, vol. III, Porto, pp. 135-153.
(1990) - Cerâmica da necrópole galaico-romana de Louredo das Almas (Salvador - Amarante), *Entremuros*, 1, Amarante, pp. 15-20.

MARTÍN, Antonio Aguilera
(1998) - Análisis multivariable: Una nueva vía para la caracterización cerámica, *Pyrenae*, 29, Barcelona, pp. 117-134.

MARTIN, M.
(1976) - *Das frankische Graberfeld von Basel – Bernerring*, Bâle.

MARTIN, T; GARNIER, J.F.
(1977) - Céramique arétine et sigillée sudgauloise précoce d'Excisum á Villeneuve-sur-Lot (Lot-et-Garonne), *Figlina*, 2, Lyon, pp. 145-188.

MARTIN, Th.
(1977) - Quelques formes inédites de sigillée claire D, *Figlina*, 2, pp. 99-106.

MARTÍNEZ, Monsserrat Vila
(1984) - Terra sigillata de la ciudad de Lugo en el Museo Provincial, *Boletin del Museo Provincial de Lugo*, II, Lugo pp. 63-72.

MARTÍNEZ, Sonia María García
(1998) – El fenómeno de la esclavitud en el noroeste hispanorromano según la evidencia epigrafica, *Memórias de História Antigua*, XVII, Instituto de Historia Antiga, Universidae de Oviedo, Oviedo, pp. 195-217

MARTINS, Manuela
(1981) - *O Povoado Fortificado de S. Ovídio*, Cadernos de Arqueologia - Monografias, 1, Braga.
(1985) - Sondagens arqueológicas no Castro de Monte Padrão, em Santo Tirso, *Cadernos de Arqueologia*, Série II (2), pp. 217-230.
(1988) - *A citânia S. Julião, Vila Verde*, Cadernos de Arqueologia - Monografias, 2, Braga.
(1989) - A proto-história do noroeste português: Breve balanço dos conhecimentos, *Fórum,* 5, Brga 3-16.
(1990) - O *povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Cadernos de Arqueologia - Monografias, n.º 5, Braga.
(1995) - A ocupação romana da região de Braga: Balanço e perspectivas de investigação, *Actas do Congresso Histórico – 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*, Guimães, pp. 73-114.

(1997-98) - A zona arqueológica das Carvalheiras. Balanço das escavações e interpretação de conjunto, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 14-15, Braga, pp. 23-45.
(1999) - A urbanização do Noroeste Peninsular: O caso de Bracara Augusta, *Actas da Mesa Redonda* "Emergência e desenvolvimento das cidades romanas no norte da Península Ibérica", Freixo, Marco de Canaveses 1999, Porto, pp. 53.

MARTINS, Manuela; DELGADO, Manuela
(1989-90) - As necrópoles de Bracara Augusta. Os dados Arqueológicos, *Cadernos de Arqueologia*, 6-7, Braga, 41-186.
(1997) - Bracara Augusta: uma cidade na periferia do Império, *Actas del Colóquio Internacional- Los Finisterres atlánticos en la Antigüedad. Època prerromana y romana*, (coord. Carmen F. Ochoa), Electa, Gijón, pp. 121-127.

MARTINS, Manuela; SILVA, Armando
(1984) - A estátua de guerreiro galaico de S. Julião (Vila Verde), *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 1, Braga, 29-47.

MARTINS, Manuela; SILVA, Paula
(2000) - As termas públicas de *Bracara Augusta*, Actas do Coloquio Internacional – *Termas romanas en el Occidente del Imperio*, Gijón 1999, Gijón, pp. 73-81.

MARTINS, Manuela; DELGADO, Manuela; ALARCÃO, Jorge
(1994) - Urbanismo e Arquitectura de Bracara Augusta: Balanço dos resultados, *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*, Porto, 12-18 de Outubro de 1993, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia,* vol. 23 (1-2), SPAE, Porto, 303-319.

MARTINS, Manuela; JORGE, Susana Oliveira
(1992) - Substrato cultural das etnias pré-romanas do Norte de Portugal, «Paleoetnologia de la Peninsula Iberica», Actas de la Reunión celebrada en la facultad de geografía e Historia de la Universidad Complutense, Madrid, 13-15 Diciembre de 1989, *Complutum*, n.º 2-3, Madrid, pp. 347-372.

MARTINS, J. Poças; ARAÚJO, A. Paula; HENRIQUES, Ilda; TOVAR, Luisa; MOURA, M. José; SOTTOMAYOR, M. do Rosário
(1993) - *Caracterização e Directrizes de Planeaqmento dos Recursos Hídricos do Norte. A Bacia Hidrográfica do Rio Ave*, Projectos de Gestão Integrada dos Recursos Hídricos do Norte, (Documento de trabalho – policopiado), Porto.

MASIA; A.M. Romero; MESURA, J. M. Pose
(1988) - *Galicia nos textos clásicos*, A Coruña.

MATEU Y LLOPIS
(1947-48) - Hallazgos Monetários, V, *Ampurias*, vol. IX-X, Barcelona.

MATOS, José Luís Martins
(1966) - *Subsídios para um catálogo da escultura luso-romana*, Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa (policopiado).

MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E. A.
(1923 / 1926 / 1930 reimp. 1972) - *The Roman Inperial Coinage, vol. I (Augustus to Vitellius), vol. II (Vespasian to Hadrian), vol. III (Antonius Pius to Commodus)*, Londres = RIC.

MATTOSO, José
(1968) - *Le Monachisme ibérique et Cluny. Les monastéres du diocese de Porto de l'an mille à 1200*, Louvain.
(1995) - *Identificação de um país. Ensaio sobre as origens de Portugal*, 1096-1325. I Oposição, 5ª Edição, Lisboa.

MATTOS, Armando de
(1946) - Uma sepultura medieval em Cête, *Douro Litoral*, II Série, vol. V, Porto, 1946, pp. 78-79.
(1947) - Inventário das Inscrições do Douro Litoral, *Douro Litoral*, 2ª Série, vol. VII, Porto, pp. 56-76.

MAYET, Françoise
(1975) - *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*, Paris.
(1975a) - Les sigillées hispaniques, *Fouilles de Conímbriga*, (Dir. Alarcão, J.; Etienne, R.), Paris, pp. 153-248.
(1975a) - Céramiques à parois fines, *Conímbriga*, vol. XIV, Coimbra, pp. 93-96.

(1978) - Les importations de sigillées à Mérida au Ier siècle de notre ère, *Conímbriga*, vol. XVII, Coimbra, pp. 79-100.
(1984) - *Les Céramiques Sigillées Hispaniques. Contribuition à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*, Paris.
(1990) - Typologie et chronologie des amphores lusitaniennes, *Actas das Jornadas de Estudo realizadas em Conimbriga – As Ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio*, Paris, pp. 23-35.

MAYET, F.; SCHIMITT, A.
(1997) - *Les amphores de São Cucufate, Itineraires lusitaniens*, Étienne, R. e Mayt, F., Paris.

MAYET, Françoise; SILVA, Tavares da
(1988) - *Látelier d'amphores de Pinho (Pinheiro)*, Paris.

MEFFRE, J. C.; MEFFRE, P.
(1992) - L'atelier augustéen d'amphores et de céramiques de Saint-Cécile-les-Vignes (Vaucluse), *Les amphores en Gaule: production et circulation,* Centre de Recherches d'Histoire Anciene, 116, Besançon, pp. 25-35.

MELENDO, Enrique Luis Borbobia
(1988) - *Instrumental Medico-Quirurgico en la Hispania Romana*, Madrid.

MELO; Ana Ávila; ARAÚJO, Maria de Fátima
(2000) - Machados de Bronze de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, II Série, n.º 2-3, Porto, pp. 53-66.

MENAUT, Gerardo Pereira
(1983) - Las comunidades Galaico-Romanas. Habitat y Sociedad en transformación, *Estudos de Cultura castrexa e de hisória Antiga de Galicia*, Santiago de Compostela, pp. 199-212.

MENÉNDEZ, José jorge Arguello; TEIXEIRA, Ricardo; FONSECA, Vítor
(2002) - *Sondagens Arqueológicas na Área Envolvente da Estação Romana de Portos. Reconversão em Via Larga e Electrificação da Linha de Guimarães – Troço Santo Tirso – Lordelo – Portos. 02 – Relatório Preliminar de Avaliação*, Porto (policopiado).

MEZQUÍRIZ, M. A.
(1956) - *La excavación estratigráfica en el área de Pompaelo. I Campaña de 1956*, *PV* XVII, 65, Pamplona.
(1961) - La *terra sigillata hispánica*, Valência.
(1966) - Excavación estratigráfica de Pamplona (Campaña 1965), *Symposium de Prehistoria Peninsular*, Pamplona, pp. 165-168.
(1975) – Nuevos hallazgos sobre fabricación de *sigillata* hispanica en la zona de Tricio, *Miscelánea Arqueológica*, Zaragoza, pp.231-245.
(1976) - Hallazgo de un taller de sigillata hispánica en Bezares (Logroño), *Principe de Viana*, n. º 144-145, Pamplona, pp. 299-304.
(1982) - Un taller de sigillata Hispánica en Bezares (Logroño), *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta*, XXI/XXII, tonares et Munich, pp. 25-40.
(1983) - Tipologia de a Terra Sigillata Hispánica, *Boletim del Museu Arqueológico Nacional*, vo. I, n.º 2, Madrid, pp. 123-131.
(1985) - Terra Sigillata Hispánica, *Atlante delle Forme ceramiche, II. Ceramica fine Tardo romana nel bacino Mediterraneo (Tardo Ellenismo e primo Império)*, Suplemento de la Enciclopedia Dell'Arte Antica Classica e Orientale, Roma, pp. 97-174.

MILICIC, V.; VETTERS, H.
(1970) - Zu den spatkaiserzeitlichen und merowingischen Silverloffeln, *Bericht der Romish-Germanischen Kommission*, 49, Berlim, pp. 11-sgs.

MIRA, Isidro Martinez
(1995-97) - Tesorillos del s. III d.C. en la Península, *Lucentum*, vol. XIV-XVI, Alicante, pp. 119-180.

MIRANDA, Abílio
(1937) - Sepulturas Medievais, *Terras de Penafiel*, vol. I, Penafiel 1937, pp. 10.

MIRÓ, J.

(1987) – "Debat", El vi a l'antiguitat. Economia, producció I comerç al Mediterrani Occidental, *Actes I Colloqui d' Arqueologia Romana (1985), Monografies Badalonines*, 9, Badalona, pp. 142.

MONTEAGUDO, L.
(1977) - *Die Beile Auf der Iberischen Halbinsel*, Prahistorische Bronzefunde, XI, n. º 6, Munich.

MONTEIRO, J. N.
(1985) - *Apontamentos para uma monografia de Sequeirô. Sequeirô pré-romano*, 4-6, Boletim Paroquial de Sequeirô, Santo Tirso.

MONTESINOS y MARTINEZ, Josep
(1991) - *Terra sigillata en Saguntum y tierras valencianas*. Caixa Sagunt.
(1998) - Comercialización de Terra sigillata en Ilici (Elche. Comunidad Valenciana. España), *Real Academia de Cultura Valenciana – Serie Arqueológica*, n. º 16, Valencia.

MORAIS, Rui
(1997-98) - Importações de cerâmicas finas em *Bracara Augusta*: da Fundação até à Época Flávia, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 14-15, Brga, pp. 47-97.
(1998) - *As ânforas da zona das Carvalheiras. Contribuição para o estudo das ânforas romanas de Bracara Augusta*, Cadernos de Arqueologia – Monografias, n. º 8, Braga.
(2005) - Autarcia e comércio em Bracara Augusta, *Bracara Augusta – Escavações Arqueológicas*, 2, Braga.
(2007) - A via atlântica e o contributo de Gádir nas campanhas romanas na fachada noroeste da Península, *Humanitas*, vol. LVIX, Coimbra, pp. 99-123.

MOREIRA, Álvaro de Brito
(1988) - *A metalurgia do ferro na Cultura Castreja*, Tese de licenciatura, policopiado, Porto.
(1991) - Elementos para a carta arqueológica do concelho de Santo Tirso. O Monte do Padrão, *Santo Tirso Arqueológico*, vol. I, Santo Tirso, pp. 28-34.
(1991a) - *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 91)*, Santo Tirso (policopiado).
(1991b) - Materiais arqueológicos do Museu Municipal Abade Pedrosa. Um bronze romano, *Revista de Ciências Históricas*, *Universidade Portucalense*, vol. VI, Porto, pp. 69-76.
(1991c) - O pontão do Arquinho, *Santo Tirso Arqueológico*, 1, Santo Tirso, pp. 7-25.
(1992a) - Epigrafia romana do concelho de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, vol. II, Santo Tirso, pp. 15-33.
(1992b) - Elementos para a carta arqueológica do concelho de Santo Tirso. A estação arqueológica de Alvarelhos, *Santo Tirso Arqueológico*, vol. II, Santo Tirso, pp. 34-47.
(1995) - *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 95)*, Santo Tirso (policopiado).
(1995a) - *Vidros romanos no noroeste português. Estudos monográficos de Tongobriga e Alvarelhos*, Estudos de Terceiro Ciclo (1993-1995), Trabalho de Investigação, Universidade de Santiago de Compostela - Faculdad de Xeografia e História (policopiado).
(1998) - *Área arqueológica de Alvarelhos. Memória e Identidade*, Santa Maria da Feira.
(1997) - Vidros romanos no noroeste Português. Estudos monográficos de Tongobriga e Alvarelhos, *Santo Tirso Arqueológico*, 2ª Série, n.º 1, Porto, pp. 14-82.
(1997a) - Materiais arqueológicos do Museu Municipal Abade Pedrosa (Santo Tirso). Uma placa esmaltada proveniente da estação arqueológica de Monte Padrão, *Santo Tirso Arqueológico*, 2ª Série, n.º 1, Porto, pp. 83-87.
(1997b) - Documentos de Santo Tirso - Portugaliae Monumenta Histórica. Diplomat et Chartae, doc. 413 (1059), vol. I, 1867, *Santo Tirso Arqueológico*, 1, 2ª Série, Santo Tirso, pp. 141-142.
(1999) - *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 1999),* Santo Tirso, (policopiado).
(2000) - *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2000),* Santo Tirso (policopiado).
(2001) - *Relaório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2001),* Santo Tirso, (policopiado).
(2002) - *Relaório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2002),* Santo Tirso, (policopiado).
(2003) - *Relaório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2003),* Santo Tirso, (policopiado).
(2004) - *Relaório de escavações. Estação Arqueológica de Alvarelhos (Alv. 2003),* Santo Tirso, (policopiado).
(2004a) - *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2004),* Santo Tirso, (policopiado).
(2004b) - A necrópole romana da Quinta da Devesa, Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 4 , 2ª Série, Barcelos, pp. 7-54.
(2004c) - Elementos para a carta arqueológica do concelho de Santo Tirso. O castro de Santa Margarida, S. Tomé de Negrelos, *Santo Tirso Arqueológico,* 3/4, 2ª Série, Barcelos, pp. 55-68.

(2005a) - A origem romana da cidade de Santo Tirso, *Escola Secundária de Tomaz Pelayo - 50 anos da sua história*, Santo Tirso, pp. 9-25.
(2005b) - O castro do Monte do Padrão. Património e Identidade, *Actas do colóquio " O castro: um lugar para habitar "*, Penafiel, 5 e 6 de Novembro de 2004, *Cadernos do Museu*, 11, Penafiel, pp. 255-276.
(2005c) - *O castro do Monte do Padrão. Do Bronze final ao fim da Idade Média*, Vila da Feira.
(2007) - *Museu Municipal Abade Pedrosa. Colecção arqueológica*, Santa Maria da Feira.
(2008) - Castro do Monte do Padrão. Projecto de estudo, valorização e dinamização, *Actas do Seminario Final "CASTRENOR: cultura castrexa no noroeste peninsular"*, Mondariz 22 e 23 de Xuño de 2006, Santiago de Compostela, pp. 129-145.

MOREIRA, Domingos. A.
(1989-90) - Freguesias da Diocese do Porto. Elementos Onomásticos Altimedievais, *Boletim Cultural da Câmara do porto*, 2ª Série, vols. 7/8, Porto, pp. 7-118.

MOREIRA, M. A. F.
(1969) - *Paisagem Toponímica da Maia*, Maia.

MORENO, M. Gómez
(1925-26) - *Catálogo Monumental de España. Província de Léon (1906-1908)*, Madrid.

MORILLO, Susana Reboreda
(1996) - Historia Antiga, *Historia de Ourense*, A Coruña, pp. 67-116.

MOTES, J. Maluquer de
(2000) - Formación y Dessarrollo de la cultura Castreña, *Pyrenae*, 2 - 2/3, Barcelona, pp. 215-230.

MULLOR, López; FERRER, A. Martí
(1982) - Hallazgos anforicos en el estabelecimiento ibérico y romano de Darró, Vilanova i la Geltrú (El Garraf), *Butlletí Informatiu de l'Institut de Prehistòria i Arqueologia de la Diputacío de Barcelona i del Grup de Col. Laboradors de l'I.P.A. – Societat Catalana de Prehistòria i Arqueologia,* Barcelona, pp. 82-89.

N_____

NEU, Römische Glaswerkstatt Helenenstrasse Stefan
(1980) - Führer zu vor- und frühgescihichtlichen dekmäler 38, Köln II. Exkursionen: Nördliche Innenstadt, Mainz, pp. 224-227.

NEVES, J. C
(1972) - Uma colecção particular de materiais romanos de Aramenha, *Conímbriga*, vol. XI, Coimbra, pp. 5-31.

NIEVA, Idoia Filloy
(1998) - A hoard of iron objects fron the Vth c. AD on the site of <Las Ermitas> (Espejo, Basque Country, Spain)", *Instrumentum*, 7, pp. 9.

NIEVA, Idoia Filloy; ZUBILLAGA, Eliseo Gil
(2000) - *La romanización en Alava. Catálogo de la exposición permanente sobre Alava en época romana del Museo de Arqueologia de Alava*, Alava.

NOLEN, Jannette U. S.
(1985) - *Cerâmica comum de Necrópoles do Alto Alentejo*, Lisboa.
(1985a) - Nota sobre um Dolium da Herdade da Machoqueira, *Conímbriga*, vol. XXIV, Coimbra, pp. 105-109.
(1988) - A Villa romana do Alto da Cidreira (Cascais) - Os materiais, *Conímbriga*, vol. XXVII, Coimbra, pp. 61-140.
(1988-1990) - Vidros de S. Cucufate, *Conímbriga*, vol. XXVII, Coimbra, pp. 5-59.
(1994) - A Cerâmica comum, *História de Portugal*, Dos tempos pré-históricos aos nossos dias, A Idade do Ferro e a ocupação romana, Dir. João Medina, II, Alfragide, pp. 288-98.

(1994a) - *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares - Balsa*, Instituto Português de Museus, Instituto Português Património Arquitectónico e Arqueológico, Lisboa.
(1995-1997) - Acerca da cronologia da cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo: novos elementos, *O Arqueólogo Português*, Série IV, 13/15, Lisboa, pp. 347-392.

NOLEN, Jannette U. S.; DIAS, Maria Luísa Ferreira; VIEGAS, João Rosa
(1981) - A necrópole de Santo André, *Conímbriga*, vol. XX, Coimbra, pp. 5-180.

NOLEN, Jannette U. S.; RIBEIRO, José Cardim
(2002) - *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Coordenação de José Cardim Ribeiro, Lisboa.

NORONHA, F.
(1994) - Geologia e Tectónica, *Carta Geotécnica do PortoI, vol. I, Tomo 1 – Memória, FCUP*, Porto, pp. 36-46

NORONHA, F.; LETERRIER, J.,
(1995) - Complexo Metamórfico da Foz do Douro. Geoquímica e geocronologia. *Resultados preliminares, IV Congresso Nacional de Geologia, Porto, 1998, Resumos Alargados*, Mem. Mus. Labor. Miner. Geol. Fac. Ciênc. Univ. Porto, 4, Porto, pp. 769-774.

NUNES, Henrique Barreto; OLIVEIRA, Eduardo Pires de
(1988) - Documentos de Bracara Augusta, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 5, Braga, pp. 93-152.

K_____

KEAY, S. J.
(1984) - *Late Roman Amphorae in the western Mediterranean. A typology and economic study: The Catalan evidence*, BAR, Int. Ser. 196, Oxford.

KEAY, S. J.; JONES, L
(1982) - Differentation of early Imperial amphora production in Hispania Tarraconensis, Current research in ceramics: Thin-section studies, *British Museum Occasional Paper*, 32, London, pp. 45-61

O_____

OCHOA, Cármen Fernández; SENDINO, Fernando Gil; CALVO, Almudena Villar; RODRÍGUEZ, Natália Fernández; TOLEDO, Gonzalo Alvarez; FERNÁNDEZ, Orlando Morán
(2005-2006) - La Villa romana de Veranes (Gijón, Asturias). Aportaciones preliminares sobre la transformación funcional del asentamiento en la tardía antigüedad, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueológía. Universidad Autónoma de Madrid*, 31-32, Madrid, pp. 137-194.

OLALLA, J. Martínez Santa
(1948) - Nueva fábrica española de «terra sigillata», *Cuadernos de Historia Primitiva*, III, Madrid, pp. 143-145.

OLEIRO, Bairrão
(1951) - Elementos para o estudo da Terra sigillata em Portugal. I – Marcas de oleiro encontradas no país, *Revista de Guimarães*, vol. LXI, Guimarães, pp. 81-111.

OLIVEIRA, F. Veiga de; GALHANO, F.; PEREIRA, B.
(1976) - *Alfaia agrícola portuguesa*, Lisboa.

OSWALD, F.
(1964) - *Index of Potters Stamps on Terra Sigillata "Samian Ware"*. London.

OSWALD, F; PRICE, T. D.
(1966) - *An Introduction to the study of Terra Sigillata.* Gregg Press LTD. London.

P_____

PAÇO, Afonso do
(1952) - Citânia de Sanfins, I. Notícia histórica, O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural, vol. I, n.º 3, Porto, pp.357-384
(1954) - Alguns documentos históricos, O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural, vol. III, n. º 2, Porto, pp. … .

PAINTER, K. S.
(1965) - A Roman silver Treasure from Canterbury, *Journal of the Archaeology Association*, 3ª Série, XXVIII, London, pp. 1-15.
(1975) - A Roman Christian silver treasure from Biddulp, Staffordshire, *The Antiquaies Journal*, LV, London, pp. 62-69.

PAIVA, Maria Belém Campos
(1989) - Ânforas romanas de Sanfins (I), *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu, Ser e Estar*, n.º 2, Viseu, pp. 441-468.
(1993) - *Ânforas romanas de Castros da fachada atlântica do Norte de Portugal*, F.L.U.P., (Tese de mestrado), policopiado.

PALAZON, J. M. A
(1986) - *Lá ceramíca pintada romana de tradicíon índigena en la Península Ibérica, Centros de produccion, comércio y tipologia,* Madrid.

PALOMAR, María Esperanza Ortiz
(2001) - *Vidrios procedentes de la provincia de Zaragoza: El Bajo Imperio Romano, Catálogo*: Fondos del Museo de Zaragoza, Zaragoza.

PARGA, L. Vázquez de
(1943) - Estado actual del estudio de la terra sigillata, *Arquivo Español de Arqueologia*, XVI, Madrid, pp. 127-144.

PARKER, A.; PRICE, J.
(1977) - Lusitanian Amphoras, *M´thodes classiques et méthodes formelles dans l'étude des amphores*, Roma, pp. 35-46.
(1981) - Spanish Exports of the Claudian Period: the significance of the Port Vendres II wrecK reconsidered, *The International Journal of Nautical Archaeology and Underwater Exploration*, 10 (3), London, pp. 221-228.

PASCUAL, Rosa Aurora Luezas
(1962) - Centros de producción difusión geográfica de un tipo de ánfora, *CNA*, VII, Barcelona, 1960, Zaragoza, pp. 334-245.
(1977) - Las Anforas de la Layetania, *Méthods Classiques et Méthodes Formelles dans l'Etude des Amphores,* Actes du Colloque de Rome, 1974), Collection de l'Ecole Française de Rome, 32, Roma, pp. 47-96.
(1988) - Sellos de alfarero sobre dolia en la Península Ibérica, *Caesaraugusta*, 74, Zaragoza, pp. 207-233.
(2002) - *Cerámica Común Romana en la Rioja*, Historia. Arqueologia, 14, Logroño.

PASSELAC, M; VERNHET, A.
(1993) - Céramique sigillée sud-gauloise, *Lattara*, 6, pp. 569-580.

PASSOS, Carlos de
(1956) - *O Mosteiro e a Igreja de Santo Tirso*, O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural da Câmara Municipal de Santo Tirso, Porto.

PEACOCK, D. P. S.
(1971) - *Roman amphorae in Pre-Roman Britain, The Iron Age and its hill – forts,* (Papers present to Sir Mortimor Wheeler on the occasion of his eightieth year), Southampton, pp. 161-188.
(1977) - Late Roman Amphorae: Typology, Fabric and Origin, *Mélanges de l´´Ecole française de Roma. Antiquité* , 32, Roma, pp. 261-278

PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D.F.
(1986) - *Amphorae and the Roman Economy. An Introductory Guide*, Longman, London,.
(1991) - *Amphorae and the Roman economy - an introductory guide*, Longman, London and New York

PEDREÑO, J. C. Olivares

(2000) - *Los dioses indigenas en el Noroeste de Portugal*, *Conímbriga*, vol. XXXIX, Coimbra, pp. 58-83.
(2002) - *Los dioses de la Hispânia céltica. Madrid-Alicante, Biblioteca Archeologica Hispana*, n. 15.

PEIXOTO, Rocha
(1905/ 08) - Notícias, *Portugália*, II, Porto, p. 228.
(1908) - Sepulturas abertas na rocha, *Portugália*, Porto, 2, pp. 287-288.

PELLETIER, Jean Pierre; THIRIOT, Jacques
(2003) - Méthodes d'analyses morfhologiques, comptages dês céramiques grises provençales (V-XIII siècles) et traces de fabrication, *Actas das 3as jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela 28 a 31 de Outubro de 1997, Vila da Feira, pp. 451-468.

PERALTA, Juan Ángel Paz
(1991) - C*erámica de mesa romana de los siglos III al VI d.C. en la provincia de Zaragoza*, Zaragoza.

PERCIVAL, John
(1986) - *The roman villa. An historical introduction*, Batsford, London.

PEREIRA, Isabel
(1970) - Elementos de freios tardo-romanos de Conímbriga, *Conímbriga*, vol. IX, Coimbra, pp. 7-14.

PEREIRA, Isabel; BOST, Jean-Pierre; HIENARD, Jean
(1974) - *Les Monaies*, Fouilles de Conímbriga, vol. III, Paris.

PEREIRA, Manuel Moreira
(1997) - *Água Longa - Esboço de uma monografia*, Santo Tirso.

PEREIRA, Maria Amélia Horta
(1970) - O Dolium cinerário, com Skyphos vidrado a verde, da necrópole de Paredes (Alenquer), *Conímbriga*, vol. IX, Coimbra, pp. 45-74.

PÉREZ, Ladislao Castro
(1997) - Brazalete de Bronce de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, 2ª Série, n.º 1, Porto, pp. 5-11.

PÉREZ, M. Catalina López
(2004) - *El comercio de terra sigillata en la provincia de a Coruña*, Brigatium, vol. 16, A Coruña.

PERLZWEIG, Judith
(1961) - *Lamps of the Roman Period. First to Seventh century after Christ*, The Athenian Agora, vol. VII, Princeton, New Jersey, 1961.

PESSOA, Miguel; RODRIGO, Lino
(2004) - *Catálogo. Espaço-Museu. Villa Romana do Rabaçal*, Maia.

PETIT, Jean-Paul; MANGIN, Michel; BRUNELLA, Philippe
(1994) – Les agglomérations secondaires. La Gaule Belgique, les Germanines et l´Occidente romain, *Actes du Colloque de Bliesbruck-Reinheim/Bitche* (21-24 Oct. 1992), Paris.

PIEL, Joseph; MATTOSO, José
(1980) - *PMH, Livros Velhos de Linhagens*, nova série, vol. I, Ed. Crítica, Lisboa.

PIMENTEL, Alberto
(1902) - *Santo Thyrso de Riba D'Ave*, Club Thyrsense, Santo Tirso.

PINGEL, V.

(1992) - *Die Vorgeschichtlichen Goldfunde der Iberischen Halbinsel*, Instituto Arqueológico Alemão. Madrid.

PINHEIRO, Luís Gonzaga Martins
(1957) - *À roda de Negrelos*, Sep. " O concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural", Porto.

PINHO, José de
(1931) - *A necrópole calaico-romana do Mósinho*, Penha Fidelis, vol. II, Penafiel.

PINTO, António José Nunes
(2002) - *Bronzes figurativos romanos de Portugal*, Lisboa.

PINTO, Gilda Santos Correia
(1996) - A Necrópole de Montes Novos - Croca. Um cemitério da Gallaecia Tardorromana, F.L.U.P., (Tese de mestrado, policopiado), Porto.
(1998) - A Necrópole de Montes Novos, Croca, Penafiel, *Cadernos do Museu*, 2, Penafiel, pp. 187- 240.

PINTO, Marcelo Mendes
(1990/91) - A necrópole galaico-romana de Corredoura (Campo, Valongo), *Portugália*, Nova Série, XI-XII, Porto pp. 149-154.
(1992) - A mineração do ouro em época romana nas serras de Santa Justa e Pias (Valongo), *Da Romanidade á Xermanización*, Museo do Pobo Galelo, Santiago de Compostela, pp. 287-311.
(1995) - O povoamento da bacia superior do rio Sousa. Da Proto-História à Romanização, *Actas do 1º Congresso de Arqueologia peninsular (Actas V),* Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. XXXV, (Fasc.1), Porto, pp. 265-291.
(1995) - Tesouros monetários baixo-imperiais entre Douro, Ave e Támega. Estado actual da investigação. La moneda hispánica y território, *Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua*, Madrid, vol. XIV, pp. 231-237.
(1996) - *Tesouros Monetários Baixo-Imperiais entre Douro, Ave e Tâmega*, F.L.U.P., Porto, (tese de mestrado).

PINTO, Ruy de Serpa
(1925-26) - Nótulas Ceramográficas - 1 - Um vaso pintado de Lamego, *Arqueólogo Português*, vol. XXVII, Lisboa, pp. 159-164.
(1927) - Introdução à Arqueologia Portucalense, *O Tripeiro,* 3ªsérie, Ano II, n.º 26, Porto, pp. 24-25.
(1928) - Cemitério luso - romano do lugar das Bicas, *O Povo da Maia*, n.º 53, Maia, p. 10.
(1929) - Museu Martins Sarmento. VI - Lucernas, *Revista de Guimarães*, 39 (3-4), Guimarães, pp. 169-181.
(1930a) - Machados de bronze das margens do Ave, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia*, Porto, 4(3), pp. 306-308.
(1984) - " Inéditos ", *Arqueologia*, n.º 9, Porto, pp. 122-127.

POLAK, M.
(2000) – South Gaulish *Terra Sigillata* from Vechten, *Rei Creatarie Romanae Fautorum Acta*, Nijmegen, sup. 9

PONCET, Jean
(1987) - *Approche historique et archéollogique*, Riorges.

PONISICH, M.
(1961) - *Les Lampes Romaines en terre cuite de la Maurétanie Tingitane*, Rabat.

PONTE, Salete da
(1973) - Fíbulas pré-romanas e romanas de Conimbriga, *Conímbriga*, vol. XII, Coimbra, pp. 159-197.
(1978) - Instrumentos de fiação, tecelagem e costura de Conímbriga, *Conímbriga*, vol. XVIII, Coimbra, pp. 133-146.
(1980) - A génese das fíbulas do Noroeste Peninsular, *Actas do seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 2, Guimarães, 1980, pp. 111-119.
(1984) - Fíbulas de sítios a Norte do rio Douro, *Lucerna*, Porto, pp. 11-144.
(1986) - Jogos romanos de Conímbriga, *Conímbriga*, vol. XXVI, Coimbra, pp. 131-141.
(1995) - A fíbula do noroeste Peninsular - Expressão residual da vida comunitária nos castros, *Actas do 1º Congresso Internacional sobre o rio Douro*, Vila Nova de Gaia 1986, Gaya, vol. VI, Vila Nova de Gaia, pp. 83-87.
(1999) - Jogos e passatempos romanos, *Castrelos,* 12, Vigo, pp. 141-168.
(2004) - Fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal, *Conímbriga*, vol. XLIII, Coimbra, pp. 199-213.

PONTE, Salete; MARQUES, Carlos Santos
(1980) - Fíbula anular romana e fivela de cinturão romana do Museu Eduardo Malta (Covilhã), A*rqueologia*, 2, Porto, pp. 60-61.

PONTES, J. M. da Cruz
(1976) - *Martins Capela e o renascimento tomista em Portugal no século XIX*, Braga.
(1977) - *Martins Capela - O escritor e o professor de filosofia tomista através das notas inéditas do seu «Diário»*, Braga.

PORTELA, Maria Helena Teixeira Ribeiro
(1993) - A necrópole medieval dos Ataúdes, FLUP, Porto (policopiado).
(1998) - *Necrópoles Romanas no Concelho de Amarante*, F.L.U.P., Porto, (Tese de mestrado), policopiado.

POZO, Salvador
(1997) - *Lucernas antiguas en bronce de la BAETICA. Ensaio de clasificatión. Tipologi y Cronologia*, BSAA, Valladolid.

PRECIADO, Maria Pilar Saénz; PRECIADO, J. C. Sáenz
(1999) - Estado de la cuestión de los alfares riojanos: La terra sigillata hispánica altoimperial, *Actas - Terra sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiais* (Coord. Mercedes Roca Roumens e Maria Isabel Fernández Garcia), Málaga, pp. 61-135.

PRECIADO, J. C. Sáenz
(1995) - Los alfares de época tardorromana del Valle del río Najerilla (séc. IV – VI d. C.), *Berceo*, n. º 128, Logroño, pp. 113-157.

PRICE, Jenifer
(1981) - *Roman Glass in Spain: a catalogue of glass found at the Roman owns of Tarragona, Mérida, Italica, and Carmona, with a discussion of the vessel forms from these towns and other Roman sites in Spain*, Boston Spa, Wetherby.
(1987) - Glass vessel production in Southern Iberia in the first and second A.D.: A survey of the archeological evidence, *Journal of Glass Studies*, 29, pp. 30-39.
(1991) - Spanich exports of the Claudian period: The significance of the Port Vendres II Wrek reconsireded, *The International Journal of Nautical Archaeology and Underwater Exploration*, ..., London, pp. 221- 228.

PRICE, Jenifer; COOL, H. E. M.
(1991) - The evidence for the production of glass in Roman Britain, *Ateliers de Verriers de l'Antiquité à lá période pré-industrielle*, Actes des 4èmes rencontres de la Association française pour l'Archéologie du Verre, Ruán 24-25 de Novembre 1989, Ruán, pp. 23-30.

PROVOOST, A.
(1976) - Les lampes antiques en terre cuite. Introduction et essai de typologie géneral avec détails concernant les lampes trouvées en Italie, *L'Antiquite Classique*, XLV, Bruselas, pp. 5-39; 550-586.

PUCCI, G.
(1985) - Terra Sigillata itálica, Suplemento de la Enciclopedia dell' Arte Antica. Classica e Orientale. *Atlante delle forme ceramiche, II. Cerâmica fine romana nel Bacino Mediterrâneo (Tardo Ellenismo e Primo Império)*, Roma, pp. 359-406.

Q_____

QUEIROGA, Francisco
(1992) - *War and Castros. New approaches to the northwestern Portuguese Iron Age* (Dissertação de doutoramento), Oxford, policopiado.

QUIROGA, Jorge López
(2004) - *El Final de la Antigüedad en la Gallaecia. La transformación de las estruturas de poblamiento entre Miño e duero (siglos V al X)*, Santiago de Compostela.

QUIROGA, Jorge López; GARCÍA, Clara Bango

(2006) - Los edifícios de culto como elemento morfogenético de transformación del paisaje rural en la antigüedad tardia y la Alta Idade Média, Cuadernos de Prehistoria y Arqueologia, *Sésion monográfica realizada en el marco del IV Congreso de Arqueologia Peninsular, celebrado en la Universidade de Algarve – Faro, Portugal, Setembro de 2004*, Universidad Autónoma de Madrid, 31-32, Madrid, pp. 29-59.

R_____

RAEV, Boris A.
(1977) - Die Bronzegefässe der römischen Kaiserzeit in Thrakien und Mösien, Berich der Römisch-Germanischen Kommission, *Band*, 58, 1977, Mainz am Rhein, pp. 605-642.

RAMIRES, M.
(1955) - O tesouro de «antoninianos» das Fragas do Piago, *Nummus*, III, 2-9, Porto, pp. 75-93.

RAMOS, António Francisco
(1943) - *Lavra. Apontamentos para a sua monografia*, Porto.

RAPIN, André
(1991) - Lármamento, *I Celti*, (coord. Sabatino Moscati) Milano, pp. 478-485.

REAL, Manuel Luís; DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo; MELO, Rosário
(1998) - Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica da Casa do Infante, Porto: elementos para uma sequência longa (séc. IV-XIX), *Asctas das Jornadas de Cerâmica Medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo,* Tondela 1995, 1, Vila da Feira, pp. 171-186.

REAL, Manuel Luís; SÁ, Pedro
(1982) - *O mosteiro de Roriz na arte românica do Douro Litoral*, Sep. Actas do Colóquio de História Local e Regional – Santo Tirso, 1979, Santo Tirso.

REDENTOR, A.
(2002) *Epigrafia romana da região de Bragança*, Lisboa, 2002 (TA, 24)

REICHSTEIN, J.
(1975) - Die Kreuzformige, Neumunster.

REIGOSO, Francisco M. Herves
(2006) - Vidrios, lucernas, cuentas de collar e tabulae lussoriae, *Excavaciones arqueológicas en Aquis querquennis. Actuaciones n el acampamento romano (1975-2005)*, (ed. António Rodríguez Colmenero; Santiago Ferrer Sierra), Nejos de *Larouco*, 4, Lugo, pp. 501-626.

REY, Beatriz Comendador
(1998) - Los Inicios de la metalurgia en el Noroeste de la Peninsula Iberica, *Brigantium*, vol. 11, A Coruña.

RIBAS, M.; BERTAN
(1952) - *El poblement d' Ilduro*, Barcelona.

RIBEIRO, José Cardim
(2002) - *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, (Vários autores - coordenação de José Cardim Ribeiro), Lisboa.
(2002a) - Os deuses da tríade capitolina, *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa* (coord. de José Cardim Ribeiro), Lisboa, pp. 415-424.

RIBEIRO, José Cardim; FERNANDES, Clara Alves
(2002) - *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, (vários autores - coordenação de José Cardim Ribeiro), Lisboa.

RIBEIRO, Orlando
(1947) - *Introduções geográficas à História de Portugal*, Lisboa.
(1963) - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, 2ª edição, Lisboa.
(1986) - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de relações geográficas*, Lisboa, 4ª edição, revista e ampliada.
(1987) - *A formação de Portugal*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa.

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Herman
(1987-1991) - *Geografia de Portugal*, Organização, comentários e actualização por Susane Daveau, 4 vols., Lisboa 1987-1991.

RIGOIR, J.
(1968) - Les sigilleés Paléochrétiennes grises et orangeés, *Gallia*, vol. XXVI, fasc. 1, Paris, pp. 177-244.

RIGOIR, J.; RIGOIR, Y; MEFFFRE, J. F.
(1973) - Les dérivées paléochrétiennes du Groupe Atlantique, *Gallia*, vol. XXXI, Paris, pp. 207-263.

RITTERLING, E.
(1933) - Das Fruhromische Lager bei Hofheim im Taunus, Annalen des Vereins fur nassauisch Altertumskunde und Geschichte Forschung, XL, Wiesbaden.

RODÁ, Isabel
(1991) – La figura de Agripa, el ejército y la promoción de las obras públicas en Hispania, *Larouco*, 4, Ourense, pp. 27-43.

RODRIGUES, Miguel Carlos L. A.
(1994) Cerâmicas Medievais da Região de Moncorvo (sécs XII-XIII), FLUP (Tese de mestrado, policopiada), Porto.

RODRÍGUEZ, A.; JUAN, L. C.
(1992) - Terra sigillata Gálica, *Arcóbriga II. Las Cerámicas Romanas*, Dir. L. Caballero Zoreda, Zaragosa, pp. 15-34.

RODRÍGUEZ, Jose Ramon López
(1983) - Nuevos moldes de terra sigillata hispânica tardia, *Homenaje a Martín Almagro*, IV, Madrid, pp. 31-36.
(1985) -*Terra sigillata hispánica tardía decorada a molde de la Península Ibérica*, Valladolid.

RODRÍGUEZ, M. Xusto
(1991) - Galicia. Romanización en el valle del río Caldo, *Revista de Arqueología*, 126, Madrid, pp. 22-31.
(1995) - *El vidrio romano en la Galicia Antigua: la colecçion de Vidrio Antiguo del Museo Arqueológico de Ourense*, Tese de Doutoramento, policopiada.

RODRÍGUEZ, Perez; ARAGON, F.
(1992) - *Los cingula militae tardorromanos de la Península Ibérica*, Boletím del Seminario de Arte y Arqueologia, 58, Madrid.
(1992a) - *Los broches de los cinturones tardorromanos y el inicio de la presencia germánica en la Península Ibérica*, Codex Aquilarensis, 4.

ROUMENS, Mercedes Roca
(1976) - Sigillata Hispanica Producida en Andújar – Jaén.

ROUMENS, Mercedes Roca; GARCÍA, M. I. Fernadez
(1999) - *Terra sigillata hispânica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*, Jaén.

ROUX, H.; BARRÉ, L.
(1840) - *Herculanum et Pompéi, Recueil général des peintures, bronzes, mosaiques*, I - VIII, Paris.

RUIZ, Delfín Rodríguez; DOMINGO, José Luis Oliver
(1995) - *Marco Lucio Vitruvio Polión. Los diez libros de Arquitectura*, Madrid.

RÜTTI, Beat

(1991) - Die römischen Gläser in August und Kaiseraugst, Forschungen in August, n. º 13/11-2, August.

S_____

SÁ, M. M. A.; PAIVA, M. B. C.
(1988-94) – Notas sobre o comércio Romano na Bacia do Douro: As Ânforas do castelo de Gaia e Monte Murado, *Actas do 1º Congresso Internacional sobre o Rio Douro (Maio 1986)*, vol. VI, Gaia, pp.89-106.

SALAÑER, Eduardo Pitillas
(1998-1999) - Integracion y promocion social de las poblaciones indígenas del noroeste hispânico dentro del esquema organizativo romano: Ejercito y mineria, *Memorias de Historia Antigua*, XIX-XX, Oviedo, pp. 225-244.

SALAS, González
(1945) - *El castro de Yecla en Santo Domingo de Silos (Burgos)*, Informes y Memorias, vol. VII, Madrid, pp. 1-32.

SALCEDO, Ana Martinez; PORTILLA, Miguel Unzueta
(1988) - *Estudio del Material Romano de la Cueva de Peña Forua (Forua - Vizcaya)*, Cuadernos de Arqueologia de Duesto – Departamento de Prehistoria e Historia Antigua, Facultad de Filosofia y Letras, Universidade de Duesto.

SALLELAS, P. de Palol
(1948/49) - La colección de lucernas romanas procedentes de Ampurias en el Museo Arqueologico de Gerona, *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, X, Madrid, pp. 233-265.
(1959) - La última sigillata hispánica de los siglos IV y V, en el valle del Duero, *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta*, Tongres et Munich - Munich, II, p. 49 sgs.
(1964) - Cuchillo hispanoromano del siglo IV de J. C., *Boletim del Seminario de Estudios de Arte e Arqueologia*, XXX, Madrid, pp. 67-102.
(1967) - Das Okeanos - MosaiK in der Romischen zu Dueñas, *Madrider Mitteilungen*, VIII, pp. 196-225.
(1969) - La necrópolis de San Miguel del Arroyo y los broches hispanorromanos del siglo IV, *Boletin del Seminario de Estudios de Arte e Arqueologia*, XXXIV-XXXV, Valladolid, pp. 93-160.
(1970) - Necrópolis hispanorromanas del siglo IV en el valle del Duero. III. Los vasos e recipientes de bronce, *Boletin del Seminario de Estudios de Arte e Arqueologia*, XXXVI, Madrid, pp. 205-236.

SALLELAS, P. de Palol; CORTÉZ, J.
(1974) - La villa romana de la Olmeda, Pedrosa de la Veja (Palencia). Excavaciones de 1969 y 1970, *Acta Arqueológica Hispánica*, n. º 7, Madrid.

SALVADO, Pedro
(1981) - *Fusaiolas do povoado de S. Martinho (Castelo Branco) do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco.

SAMPAIO, Alberto
(1899 -1903) - As " villas " do Norte de Portugal, *Portugália*, 1, Porto, pp. 97-128, 281-324, 549-584, 757-786.
(1979) - Estudos históricos e económicos (Documenta Histórica; 2), vol. I, *As vilas do Norte de Portugal*, Lisboa.

SANCHES, Maria de Jesus
(1981) - Recipientes cerâmicos da pré-história recente no Norte de Portugal, *Arqueologia*, n.º 3, Porto, pp. 88-98.
(1982) - Vasos da estação arqueológica do Corvilho - Santo Tirso, *Arqueologia*, n.º 4, Porto, pp. 56-61.
(1988) - O povoado da Lavra (Marco de Canaveses), *Arqueologia*, 17, Porto, pp. 125-134.

SÁNCHEZ-LAFUENTE, J.
(1983) - La Graufesenque, *Revista de Arqueologia*, 31, Madrid.

SÁNCHEZ, M. A.
(1992) - Cerámica Común, Arcóbriga, II, Las Cerámicas Romanas, (dir. Luis Caballero Zoreda), Zaragosa, pp. 247 - 281.

SANTARÉM, Carlos Faya

(1951) - O castro de Monte Padrão, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. 1 (1), Santo Tirso, pp. 49-66.
(1952a) - Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultual*, vol. I, Santo Tirso, pp. 169-177.
(1952b) - Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa - espólio arqueológico do Corvilho, *O concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. II, n.º 1, Santo Tirso, pp. 401-402.
(1952c) - Uma curiosa lápide funerária encontrada no Mosteiro de Roriz, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. II, n.º 3, Santo Tirso, pp. 401 - 402.
(1953) - Duas inscrições romanas inéditas do concelho de Santo Tirso, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. II, n.º 3, Santo Tirso, pp. 397-401.
(1954) - Um bronze de arte, *Revista de Guimarães*, LXIV, 1-2, Guimarães, pp. 31-39.
(1955) - O castro de Monte do Padrão. Campanhas de 1952-53-54, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, 3(4), Santo Tirso, pp. 397-429.
(1956) - Inscrições romanas no concelho de Santo Tirso, *O concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. V, Santo Tirso, pp. 63-70.
(1956a) - Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa, *O concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*, vol. IV, n.º 2, Santo Tirso, pp. 63-70.
(1956b) - Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa - espólio arqueológico do Corvilho, *O concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. II, n.º 1, Santo Tirso, pp. 401-402.
(1977) - Santo Tirso, ligeiros apontamentos para uma monografia, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. V, n.º 1, Santo Tirso, pp. 161 - 170.
(1977a) - Uma inscrição romana de Alvarelhos, Santo Tirso, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, Santo Tirso, pp. 161-170.

SANTOS, Cândido Augusto Dias dos
(1973) - *O Censual da Mitra do Porto*, Publicações da Câmara Municipal do Porto, Porto.

SANTOS, Joaquim Neves dos
(1955) - *Castrum Quiffiones*, Matosinhos
(1956) - *Guifões. Notas arqueológicas, históricas e etnográficas. I Castrum Quiffiones*, Porto.
(1959) - *A Torre de Linhares na Época Romana*, Gueifões.
(1962) - Altar com covinhas no Castro de Guifões, *Studium Generale*, 9, Porto, pp. 111-116.
(1962 b) - Marcas dedadas nas telhas romanas do Castro de Guifões, *Studium Generale*, 1, Porto, pp. 230-282.
(1963) - *Temas Regionais de Arqueologia e Etnografia. Um Mosaico Romano de Lavra*, Matosinhos, Gueifões.
(1995/6) - Sobre uma sítula do Castro de Guifões (publicação póstuma coordenada por Joel Cleto), *Matesinius – Revista de Arqueologia*, História e Património de Matosinhos, n.º 1/2, Matosinhos, pp. 20-22.
(1963) - Serpentes geminadas em suástica e figurações serpentiformes do castro de Guifões, Actas *do II Colóquio Portuense de Arqueologia*, Porto, pp. 136-156.
(1963) - Coberturas vitrificadas em Louça doméstica do castro de Guifões, *Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia*, Porto, pp. 157-166.

SANTOS, A. Luciano; ROUX, P. Le; TRANOY, A.
(1983) - Inscrições romanas do Museu Pio XII em Braga, *Bracara Augusta*, 37, Braga, pp 183-205.

SANTROT, Hélene; SANTROT, Jacques
(1979) - *Céramiques gallo-romaines d'Aquitaine*, CNRS, Centre Regional de Bordeaux, Bordeaux

SARMENTO, Francisco Martins
(1883-84) - Inscrições inéditas, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*, vol. IV, 2ª Série, Lisboa = *Dispersos* 1993, p. 175.
(1884) - O soldado que venceu Viriato, *A vida Moderna*, n.º 6, Porto, pp. 303-304.
(1885) - A inscrição de Burgães, *A Vida Moderna*, vol. VI, n.º 6, Porto.
(1887) - Para o Pantheon Lusitano, *Revista de Guimarães*, vol. I, Porto, pp. 227-240.
(1887a) - Inscrições Inéditas, *Revista de Guimarães*, vol. IV, Guimarães, pp. 185-189.
(1888) - *Os Milliários da Trofa*, A Vida Moderna, n. 40, Porto.
(1895) - A inscrição de Santo Tirso, *A vida Moderna*, vol. XVI, n.º 17, Porto, pp. 178-179.

(1895) - A cidade Velha de Monte Córdova, *O Archeólogo Potuguês*, vol. I, Lisboa, pp. 145-151. = Dispersos, pp. 423-427.
(1905) - Materiais para a Archeologia do concelho de Guimarães, *Revista de Guimarães*, vol. I (20), Guimarães, pp. 5-16.
(1927) - Cartas a Pereira Caldas, *Revista de Guimarães*, vol. XXXVII, Guimarães, pp. 1-9.
(1930) - Carta a Martins Capela, *Revista de Guimarães*, vol. XL, Guimarães, pp. 83-87.
(1933) - *Dispersos*, vol. I-II, Coimbra.
(1934) - Cartas de Martins Sarmento a Martins Capela, *Revista de Guimarães*, vol. XLIV, (2), Guimarães, pp. 81-84.
(1970) - Os inéditos de Martins Sarmento, Antíqua, *Revista de Guimarães*, vol. LXXX, 1-2, Guimarães, pp. 11-72.

SEIXAS, Teresa
(1996) - A Física e a Química ao serviço da Arqueologia, *Olaria*, 1, Barcelos, pp. 111-114.

SEPÚLVEDA, Eurico; SOUSA, V. Rafael Cordeiro
(2000) - *Lucernas romanas – Catálogo*, Câmara Municipal de Torres Vedras – Museu Municipal Leonel Trindade, Torres Vedras.

SEVERO, Ricardo
(1908a) - O cemitério romano de Monte de Penouço (Rio Tinto), *Portugália*, 2, Porto, pp. 111-113.
(1908b) - Necrópoles lusitano-romanas de inhumação de Bairral e de Vila Verde, *Portugália*, 2, Porto, pp. 417-431.

SCHULER, F.
(1933) - Ancient Glassmaking Techniques - The blowing process, *Archaeology*, 12(2), pp. 116-122.

SCHMIDT, Joël
(1985) *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*, Paris.

SCHULE, G.
(1961) - *Las mas antiguas fíbulas com pie alto e ballesta*, Madrid, 1961.

SCHULE, W.
(1969) - *Die Meseta – Kulturen der Iberischen Halbinseln*, Berlim 1969.

SCILLANO, M.; SIBELLA, P.
(1991) - *Amphores*. Comment les identifier ?, Aix-en -Provence.

SEALEY, P. R.
(1985) - *Amphoras from the 1970 Excavations at Colchester Sheepen, B. A. R. - B. S.*, 142, Oxford.

SEVERO, Ricardo
(1899/03) - Estatueta romana de Soutelo, *Portugália*, I, pp. 129-130.
(1905/08) - Vária, *Portugália*, II, Porto, p. 403.
(1907) - Necrópoles lusitano-romanas de inhumação de bairral e de Vila Verde, *Portugália*, 2, Porto, pp. 417-431.
(1908) - O cemitério romano de Monte Penouço (Rio Tinto), *Portugália*, 2, Porto, pp. 111-113.

SILVA, António Manuel dos Santos Pinto da
(1994) - *Proto-História e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral – Elementos para uma avaliação crítica*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, (Tese de mestrado, policopiado), Porto.
(2000) - O gabinete de arqueologia urbana do Porto. Notas à margem de uma experiência de intervenção patrimonial, *Al-madan*, 2ª Série, 9, Almada, pp. 130-140.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da
(1980) - Organizações gentílicias de entre Leça e Ave, *Portugália*, Nova Série, 1 Porto, pp. 79-90.
(1982) - Organizações gentílicias de entre Leça e Ave, *Actas do Colóquio de História Local e Regional* (Santo Tirso 1979), Santo Tirso, pp. 381-399.
(1986) - *Cultura castreja no noroeste de Portugal*, C. M. P. F., Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
(1986a) - Paços de Ferreira. As origens do povoamento: do megalitismo à romanização, *Paços de Ferreira - Estudos monográficos*, Paços de Ferreira, pp. 95-196.

(1994) - Origens do Porto, *História do Porto* (Dir. Luís A. de Oliveira Ramos), Porto, pp. 44-117.
(1995) - A evolução do habitat Castrejo e o processo de proto-urbanização no Noroeste de Portugal durante o I milénio a.C., *Revista da Faculdade de Letras - História, Universidade do Porto*, Porto, 505-546.
(1997) - A cultura castreja no Norte de Portugal: integração no mundo romano, *Actas - Los Finisterres Atlánticos en la antiguedad. Època prerromana y romana*, (cord. Carmen F. Ochoa), Gijón, pp. 49-55.
(1999) - *Citânia de Sanfins*, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
(2003) - O nome de Viriato, *Portugália*, Maia.
(2007) - A cultura castreja no Noroeste de Portugal, Paços de Ferreira.

SILVA, Armando Coelho da; CENTENO, Rui Manuel Sobral
(1980) - Escavações arqueológicas na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), 1977-1978, *Portugália*, Nova Série, vol. I, Porto, pp. 57-78.

SILVA, Armando Coelho; OLIVEIRA, Felisbela; MACHADO, João
(2007) - Romanização. Catálogo, *Pedra Formosa. Arqueologia exprimental – Vila Nova de Famalicão*, (Coord. Armando Coelho Ferreira da Silva), Famalicão, pp. 213-215.

SILVA, Carlos Tavares da Silva
(1966) - Necrópole luso-romana de s. Sebastião (Setúbal), *Lucerna*, 5, Setúbal, pp. 572-577.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, J.; BEIRÃO, C. M; DIAS, L. Ferrer; SOARES A. Coelho
(1980-81) - Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do sal (campanha de 1979), *Setúbal Arqueológica*, VI-VII, Setúbal, pp. 149-218.

SILVA, Eduardo Lopes da
(1983) - *Angeiras (Praia) - O povo e o Mar*, Boletim da Biblioteca Municipal de Matosinhos, n.º 27, Matosinhos.
(1987) - Matosinhos. Arqueologia, GIAN (desdobrável), Matosinhos.

SILVA, Fernando Augusto; FIGUEIRAL, Isabel
(1985) - Matosinhos. Praia de Angeiras – Lavra – 1983, *Informação Arqueológica,* Lisboa, pp. 108 - 109
(1986) - Escavações arqueológicas em Lavra: As salinas romano - medievais de Angeiras, *Boletim da Biblioteca Municipal de Matosinhos*, n.º 30, pp. 165-181.

SILVA, Maria de Fátima Matos da
(1989) - Estudo tipológico de cossoiros. I – Citânia de Sanfins, Castro de Moldes e de Santo António, *Revista de Ciências Históricas – Universidade Portucalense*, vol. IV, Porto, pp. 91-130.
(1994) - *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia Superior do Rio Coura: estudo, restauro e divulgação*, Cadernos de Arqueologia e Património, 2, Paredes de Coura.

SILVA, João Belmiro P.
(1992) - *Marco de Canaveses – Os Castros*, Marco de Canaveses.

SILVA, José Carlos Vieira da; FLORES, Deolinda
(2002) - *Viagem ao património geológico da faixa litoral da cidade do Porto*, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Policopiado.

SIMON, Hans - Gunther
(1968) - Das klein Kastell Degerfeld in Butzbach, Kr. Friedberg (Hessen) Datierung und Funde, *Saalburg – Jahrbuch*, 25, Berlim, pp. 5-64.

SOARES, Antónia Coelho
(1987) - Materiais arqueológicos da Cousela dos Chãos (Sines), *Setúbal Arqueológica*, vol. VIII, Setúbal, pp. 193-202.

SOARES, Antónia Coelho; SILVA, Carlos Tavares da
(1979) - Ânforas romanas da Quinta da Alegria (Setúbal), *Setúbal Arqueológica*, V, Setúbal, pp. 205-221.

SOEIRO, Teresa
(1980) - Objectos de bronze do Castro de Alvarelhos, *Gallaecia*, n.º 6, Santiago de Compostela, pp. 237-243.
(1981) - Objectos em bronze do castro de Alvarelhos, *Gallaecia*, n.º 6, A Coruña, pp. 237-243.
(1981) - Museu Abade Pedrosa em Santo Tirso, *Arqueologia*, n.º 4, Porto, pp. 151-152.
(1981-82) - Monte Mozinho: Cerâmica cinzenta fina, *Portugália* - Nova Série, n.º 2, Porto, pp. 97-120.
(1984) - *Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana*, Penafiel – Boletim Municipal de Cultura, 3ª série, n.º 1, Penafiel.
(1986) - Contribuição para o inventário arqueológico do concelho de Paredes, *Portugália*, Nova Série, VI / VII, Porto, pp. 107-110.
(1998) - *O sítio romano da Bouça do Ouro, Boelhe - Penafiel*, Cadernos do Museu, n.º 4, Penafiel, pp. 5-20.
(1998a) - Monte Mozinho. 25 Anos de Trabalhos arqueológicos. Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *cadernos do Museu*, n.º 2, Penafiel, pp. 11-28.
(1998b) – *Monte Mozinho, Sítio Arqueológico*, Penafiel.

SOMMER, M.
(1984) - Die GurtelGurtelbeschlage des 4. Und. 5. Jahrhunderts im romischen Reich. Boner Hefte zur Vorgeschichte, 22, Bonn.

SOTOMAYOR, Manuel
(1977/78) - Alfares de sigillata riojanos y alfares de Andújar (a propósito de um libro reciente de T. Garabito), *Pyrenae*, n.º 13-14, Barcelona, pp. 319-330.

SOUSA, Élvio Melim
(1989) - O Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, *Ler História*, n.º 15, pp. 182-182.

SOUSA, Élvio Melim; SEPÚLVEDA, Eurico
(1997) - Materiais inéditos da necrópole romana da herdade da Barrosinha (Alcácer do Sal - A Colecção dos comendadores Nunes Correia, *Conímbriga*, XXXVI, Coimbra, pp. 103-122.

SOUSA, J. J. de Rigaud de
(1966) - Subsídios para a Arqueologia Bracarense, *Lucerna*, 5, Porto, pp. 589-599.
(1971) - Cerâmica fina típica de Braga, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, II, Coimbra, pp. 451-455.
(1973) - Subsídios para a Carta Arqueológica de Braga, *Studia Archeológica*, Santiago de Compostela - Valladolid (sep.), pp. 7-28.
(1983) - Subsídios para a Carta Arqueológica de Braga, *Studia Arqueológica*, Santiago de Compostela - Valladolid.

SOUSA, J. J. Rigaud de; OLIVEIRA, J. de
(1982) - Subsídios para o estudo das olarias de Bracara Augusta, *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*, vol. XXIV, Porto, pp. 360-370.

SPAER, M.
(1988) - The pré-islamic glass bracelets of Palestine, Journal of Glass Studies, 30, New York, pp. 51-61.

STERN, E. M.
(1977) - Ancient Glass at the Foundation Custodia, Paris,

SUTHERLAND, C.H.V
(1984) - *The Roman Imperial Coinage*, vol. I (From 31 BC to AD 69), London (2ª ed.) = RIC 2.

T_____

TAFALLA, María Teresa Amaré
(1988) - Lucernas romanas en Aragon, Instituicion Fernando el Católico, Zaragosa.
(1993) - Guía /catálogo de 100 piezas. Museo de León, coord. Luis A. Grau Lobo, Valladolid, pp. 58-59, n.º 28.

TAMUXE, X. Martínez

(1983) - *Citania y Museo Arqueológico de Santa Tecla*, La Guardia.

TCHERNIA, A.
(1971) - Les amphores vinaires Tarraconaise et leur exportation au debaut de l'Empire, *Archivo Español de Arqueologia*, 44 (123-124), Madrid, pp. 38-85.

TEIXEIRA, Carlos
(1935) - Um peso bizantino, inédito, de Braga, Alto Minho, n.º 3, (sep.), Viana do Castelo.

TEIXEIRA, Carlos; COSTA, F. Carrington da
(1957) - Carta geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 9-c (Porto), Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

TEIXEIRA, C.; MEDEIROS, A. Cândido; ASSUNÇÃO, C. Torre
(1965) - Carta Geológica de Portugal (1 / 50 000). Notícia explicativa da folha 9-A, Póvoa de Varzim, S. G. P., Lisboa.

TEIXEIRA, Ricardo; FONSECA, Victor
(2004) - Relatório. Intervenção Arqueológica. Ponte dos Ronfos – RNF 04, Matosinhos (policopiado).

TEIXEIRA, Ricardo; DORDIO, Paulo
(1998) - Como pôr ordem em 500 000 fragmentos de cerâmica? Ou discução da metodologia de estudo da cerâmica na intervenção arqueológica da casa do Infante (Porto), *Olaria*, n.º 2, Barcelos, pp. 115-124.

TOMÁS, Frei Leão de S.
(1651) - *Benedictina Lusitana*, Coimbra = Fac-símile, Lisboa 1974, 2 vols.

TORRES, Casimiro; VILAS, Filipe Arias; MAÑANES, Tomas; BALIL, Alberto; CASTROVIEJO, Fernando Acuña; VARELA, Vazquez; FEIXEIRO, Blanco; DÍAZ Y DÌAZ, Manuel C.
(1992) - *La romanizacion de Galicia*, Cuadernos del Seminario de Estudios Cerámicos de Sargadelos, 16, La Coruña.

TORRES, Joaquim
(1978-79) - *Tesouro monetário do castro de Alvarelhos. Estudo numismático - Seriação cronológica e histórica*, Boletim Cultural de Santo Tirso, vol. I, n.º 2-3, Santo Tirso.

TORTORELLA, S.
(1987) - La ceramica africana: un riesame della problematica, *Céramiques hellénistiques et romaines*, II, Paris, pp. 279-327.

TOVAR, A.
(1960) - *Lenguas prerromanas de la Península Ibérica*, Enciclopédia Linguística Hispânica, Vol. I, Madrid.

TOVAR, A.; NAVASCUÉS, J. M.
(1950) - Algunas consideraciones sobre los nombres de divindades del Oeste Peninsular, *Miscelania de Filologia, Literatura e História Cultural - À memória de F. A. Coelho*, vol. II, Lisboa, pp. 178-191.

TOVAR, J. L. C.
(1997) - Las industrias cerámicas hispanas en el Bajo Imperio. Hacia una sistematización de la Sigillata Hispánica Tardía, *La Hispania de Teodosio*, 2, León, pp. 543-568.

TRANOY, Alain
(1974) - *Hydace Chronique*, Paris.
(1977) - A propos des «Gallaeci» de Pline: epigraphie et peuplement, *Bracara Augusta*, vol. XXXI, Braga, pp. 225-233.
(1980) - Relegion et société à Bracara Augusta (Braga) au Haut-Empire romain, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, III, Guimarães, pp. 183-230.
(1981) - *La Galice Romaine. Recherces sur le nord-ouest de la Péninsule Ibérique dans l'antiquité*, Paris.
(1984) - Ateliers lapidaires et niveaux de culture dans le nord du Portugal, *Gallaecia*, 7-8, Santiago de Compostela, pp. 296-274.

(1989-90) - As necrópoles de Bracara Augusta. As inscrições funerárias, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 6-7, Braga, pp. 183-230.

TRISTÁN, Francisca Chávez
(1991) - *El vidrio romano en Lusitania y Betica*, Tesis Doctoral - Universidade de Sevilla, (policopiado) Sevilha.

TWOHIG, E. Shee
(1981) - A pedra decorada de Ardegães de Águas Santas (Concelho da Maia), *Arqueologia*, n.º 3, GEAP, Porto, pp. 49-55.

TYERS, P.
(1996) - *Roman Pottery in Britain*. London.

U_____

UNTERMANN, Jürgen
(1965) - *Elementos de um atlas antroponímico de la Hispania Antigua*, Madrid.
(1980) - Los teónimos de la región lusitano-gallega como fuente de las lenguas indígenas, *Actas del VI Congresso de Lenguas y Culturas Paleohispánicas.* Lisboa, 1980, pp. 343-363.

URTEAGA, M. Mercedes
(1986) - Bronces romanos de Higer, Hondarriba (País Vasco), *Munibe*, 40, pp. 111-122.

V_____

VALENTE, Vasco
(1950) - *O vidro em Portugal*, Porto, 1950.

VALENZA, Nazarena
(1977) - Le lucerne di bronzo del Museo di Napoli, Tav. LXXII – LXXV, In – CARANDINI, A. – L'instrumentum domesticum di Ercolno e Pompei nell prima età imperiale, Roma, pp. 157-177.
(1981) - Museo Nazionale Archeologico di Napoli. Catalogo delle lucerne in bronzo, Roma.

VALDEIRAS, Manuel Garcia
(1997) - En defensa da musealización da estación arqueolóxica de Monte Padrão, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º, 2ª Série, Porto, pp. 131-137.

VALVERDE, Filgueira J.; ALEN, A. García
(1959) - Adiciones a la Carta Arqueológica de la Provincia de Pontevedra, E.M.P., XIII, 1959.

VAQUERO, Santiago Carretero
(1998) - *El Campamento Romano del Ala II Flavia en Rosinos de Vidriales (Zamora) - La cerâmica*, Valladolid 1998 (Tesis Doctoral - Policopiada).
(1999) - El ejército romano del Noroeste Peninsular durante el alto imperio. Estado de la cuestión, *Gladius*, Tomo XIX, Madrid, pp. 143-157.

VARGAS, E. García
(1998) - *La producción de ánforas en la Bahía de Cádiz en época romana (siglos II a. C. - IV d.C.)*, Ecija, Sevilha.

VASCONCELOS, José Leite
(1895) - A cidade velha de Monte Córdova, *O Archeológo Português*, vol. I, Lisboa, pp. 12-13.
(1898) - Olaria luso- romana em S. Bartolomeu de Castro Marim, *O Archeólogo Português*, 4, Lisboa, pp. 103-134.
(1889) - O " Castelo " de Guifões, *O Archeólogo Português*, vol. VI, Lisboa, pp. 270-272.
(1900) - Extractos da corresponência de Francisco Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, volume especial, Guimarães, pp. 83-96.
(1901) - De 28 de Agosto de 1880 (Briteiros): Ainda os congressistas. O Castro de Guifões, *O Archeólogo Português*, 6, Lisboa, pp. 330-348.

(1902) - Notícias Verias – Balneário Romano de Canaveses, *O Archeológo Português*, 7, Lisboa, 284.
(1905) - *Religiões da Lusitânia*, vol. II, Imprensa Nacional, Lisboa.
(1906) - Notícias epigráphicas - Lápide de Guidões, *O Archeológo Português*, vol. XI, Lisboa, pp. 371-373.
(1906a) - Júpiter em bronze, *O Archeológo Português s*, vol. XI, Lisboa, 329.
(1912) - Diadema Celtibérico? *Arte*, n.º 89, Lisboa, pp. 38-39.
(1913) - *Religiões da Lusitânia*, vol. III, Imprensa Nacional, Lisboa.
(1915) - *História do Museu Entnológico Português (1893-1914)*, Lisboa.
(1921-22) - Inscrição romana de Santa Comba (Paredes), *O Archeólogo Português*, vol. XXV, Lisboa, pp. 248-249.
(1924) - Figuras de bronze antigas do Museu Etnológico Português, *O Archeólogo Português*, vol. XXVI, Lisboa, pp. 29-36.

VASCONCELOS, Manuel
(1916) - Apontamentos arqueológicos do concelho de Marco de Canaveses, *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, vol. XXI, Lisboa, p.319-331.
(1935) - *A Villa de Canaveses*, Lisboa, 3.

VAZ, A. Luís
(1942) - Mestre e Precursor (Crítica da vida e obra do P.e Martins Capela, no 1º centenário do seu nascimento), Lisboa.

VÁZQUEZ, A.
(1987) - *Sigillata Africana en Augusta Emerita*, Mérida, Badajoz.

VÁZQUEZ, M. Ofelia Carnero
(1995/96) - Los botones de Bronce en el Museo Provincial de Lugo, *Boletin do Museo Provincial de Lugo*, VII, Lugo, pp. 171-179.

VEGAS, M.
(1973) - *Cerámica común romana del Meditteráneo occidental*, Publicaciones Eventuales, 22, Barcelona.

VEIGA, Augusto Botelho da Costa
(1936) - *Estudos de História Militar Portuguesa*, Lisboa, 2 vols.

VERNHET, Alain
(1975) - *Notes sur la terre sigillée de La Grufesenque*, Millau.
(1976) - Création flavienne de six services de vaisselle à La Graufesenque, *Figlina*, 1, pp. 13-27.
(1986) - Centre de prodution de Millau. Atelier de La Grufesenque, *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire : implatations, produits, relations*, Documents d'Archéologie Française, 6, Paris, pp. 95-103.

VERNHET, Alain; COHEN, Jacques
(2007) - Las cerâmicas Galorromanas de La Graufesenque (Millau), *ARSE* (Boletín Anual del Centro Arqueológico Saguntino), n.º 41, Sagunto, pp. 139-147.

VIANA, Abel; ANDRADE, Ruy Freire; FERREIRA, Oliveira Veiga
(1954) - Minerações romanas de Aljustrel, *Comuniações dos Serviços Geológicos de Portugal*, XXXV, Sep., Lisboa, pp. 1-16.

VIANA, Abel
(1960-61) - Vidros romanos em Portugal. Breves Notas, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Faculdade de Ciências do porto), vol. XVIII, Porto, pp. 5-42.
(1961) - *Uma necrópole romano-suévica (?) de Beiral, Ponte de Lima*, Ponte de Lima.

VIANA, Abel; DEUS, A. Dias
(1950) - Necrópolis céltico-romana del concejo de Elvas (Portugal), *Archivo Español de Arqueologia*, n.º 80, Madrid, pp. 229-253.
(1955) - Nuevas necropolis celto-romanas de la region de Elvas, Portugal, *Archivo Español de Arqueologia*, Madrid, pp. 1-36.
(1958) - *Campos de Urnas do concelho de Elvas (Paço Ducal de Vila Viçosa, Materiais da Secção de Arqueologia)*, Coimbra.

VIANA, Abel; FORMOSINHO, José; FERREIRA, Octávio Veiga
(1953) - De Lo prerromano a lo árabe en el museo regional de Lagos, *Archivo Español de Arqueologia*, Madrid, pp. 113-138.

VIANA, A.; OLIVEIRA, M. S.
(1954) - «Cidade Velha» de Santa Luzia (Viana do Castelo), *Revista de Guimarães*, vol. LXIV, Guimarães, pp. 40-72.

VIDAL, J. Molina
(1993) - Las ánforas " Lomba do Canho 67 ". Aportaciones al estudio de un nuevo tipo: difusión y valorización económica, *Actas do XXII Congresso Nacional de Arqueologia - Zamora*, II, Vigo, pp. 419-424.

VILAS, Felipe Arias
(1983) - *Castro de Viladonga. Campaña de 1983*. Arqueologia / Memórias, 2, Xunta de Galicia, Consellaria de Educación y Cultura. Dirección Xeral do Patrimonio Artístico e Monumental, Servicio de Arqueologia, Santiago de Compostela.
(1992) - Apuntes sobre a ocupación do território na Galicia Baixorromana: Castros e Vilas, *Da Romanidade á Xermanización*, Museo do Pobo Galelo, Santiago de Compostela, pp. 201-208.

VILLAR, Francisco
(1993-95) - Um elemento de reliogiosidad indoeuropea: Trebarune, Toudopalandaigae, Trebopala, Pales, Vispála, *Kalathos*, 13-14, pp. 355-358.

VILLARONGA, Leandre
(1979) - *Numismática antigua de Hispania. Iniciación a su estudio*, Barcelona 1979.
(1993) - *Tresors*, Barcelona.

VIVES, José
(1971-72) - *Inscriptiones Latinas de la España Romana*, Barcelona.

VIVES, A.; ESCUDERO
(1924-1926) - *La moneda hispánica*, 6 vol., Madrid.

VOLK, T. R.
(1997) - Inventari dels conjunts de monedes d'or i de plata de la Península Ibérica: D'August a Neró (prereforma), *La moneda en temps d'August*, MNAC, Barcelona, pp. 157-191.

W_____

WAAGÈ, F. O.
(1933) - Excavations in the Athenian Agora. The roman and Byzantine Pottery, *Hesperia II*, pp. 279-328.

WHITE, K. D.
(1967) - *Agricultural Implements of the Roman World*, Cambrige, 1967.
(1970) - *A bibliography of Roman agriculture*, Reading
(1976) - *Country life in classical times*, London.

WHITEHOUSE, David
(1991) - Cameo Glass, Roman Glass: *Two Centuries of Art and Invention – Occasional Papers*, vol. XIII, London, pp. 19-32.

Y_____

YANGUAS, J. Santos
(1984) - Comunidades indígenas y administración romana en el noroeste Hispanico, Vitória.
(1988) - *El ejército y la romanización de galicia*, Oviedo.
(1997) - Ejército romano y minería del oro en el Norte de la Península Ibérica, *HAnt.*, XXI.

Z_____

ZEVI, F.

(1966) - Appunti suelle anfore romane, I. La tavola tipologica del Dressel, *Archeologia Classica*, vol. XVIII, Roma, pp. 208-247.

ZOREDA, L. Caballero
(1972) – Cerâmica sigillata gris y anaranjada paleocristiana en España, *Trabajos de Prehistoria*, 29, Madrid, pp. 189-218.
(1974) - *La necrópolis tardorromana de Fuentespreadas (Zamora). Um asentamiento en el valle del Duero*, Excavaciones Arqueológicas en España, 80, Madrid.
(1985) - Hallazgo de un conjunto tardorromano en la calle sur de Getafe (Madrid), *Boletín del Museo Arquológico Nacional*, III, Madrid, pp. 97-127.